

BALZ ZAC 6

A COMÉDIA HUMANA

ESTUDOS DE
COSTUMES
CENAS DA VIDA
PROVINCIANA

UM CONCHEGO DE SOLTEIRÃO
OS PARISIENSES NA PROVÍNCIA:
O ILUSTRE GAUDISSERT
A MUSA DO DEPARTAMENTO
AS RIVALIDADES:
A SOLTEIRONA
O GABINETE DAS ANTIGUIDADES



BIBLIOTECA AZUL

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BALZAC 6

A COMÉDIA HUMANA

ESTUDOS DE
COSTUMES
CENAS DA VIDA
PROVINCIANA

UM CONCHEGO DE SOLTEIRÃO
OS PARISIENSES NA PROVÍNCIA:
O ILUSTRE GAUDISSART
A MUSA DO DEPARTAMENTO
AS RIVALIDADES:
A SOLTEIRONA
O GABINETE DAS ANTIGUIDADES



BIBLIOTECA AZUL

**A COMÉDIA
HUMANA 6**

Copyright da tradução © 1946 Editora Globo S/A
NOTAS © 2013 by Cora Tausz Rónai e Laura Tausz Rónai

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

DIRETOR EDITORIAL Marcos Strecker
EDITORES RESPONSÁVEIS Alexandre Barbosa de Souza e Ana Lima Cecilio
EDITOR ASSISTENTE Juliana de Araujo Rodrigues
PROJETO GRÁFICO E CAPA Luciana Facchini
DIAGRAMAÇÃO Jussara Fino
PREPARAÇÃO Luciana Araujo
REVISÃO Maria Fernanda Alvares
DIGITALIZAÇÃO DE TEXTO B. D. Miranda e J. Bergmann
EDIÇÃO DIGITAL Erick Santos Cardoso
PRODUÇÃO DE EBOOK S2 Books

REVISÃO TÉCNICA Gloria Carneiro do Amaral

IMAGEM DA LOMBADA “Balzac” (c. 1850), de Honoré Daumier (1808-1879). Art Images Archive/Glow Images

IMAGEM DAS GUARDAS Honoré Daumier © Bass Museum of Art/Corbis

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B158c

Balzac, Honoré de, 1799-1850.

A comédia humana, 6: estudos de costumes: cenas da vida provinciana/Honoré de Balzac; orientação, introdução e notas de Paulo Ronai; tradução Elza Lima Ribeiro, Gomes da Silveira, Lia Corrêa Dutra. – 3. ed. – São Paulo: Globo, 2013.

(A comédia humana; v. 6)

Título original: *La comédie humaine*

ISBN 978-85-250-5511-8

1. Romance francês. I. Ronai, Paulo, 1907-1992. II. Ribeiro, Elza Lima.

III. Silveira, Gomes da. IV. Dutra, Lia Corrêa. V. Título.

12-12672 CDD: 843

CDU: 821.133.1-3

1ª edição, 1948-1955 [várias reimpr.]; 2ª edição, 1989-1992 [várias reimpr.]; 3ª edição 2013

Direitos de edição em língua portuguesa
adquiridos por Editora Globo S/A
Avenida Jaguaré, 1485

HONORÉ DE BALZAC A COMÉDIA HUMANA

6

ORIENTAÇÃO, INTRODUÇÕES E NOTAS DE PAULO RÓNAI
TRADUÇÃO DE ELZA LIMA RIBEIRO, GOMES DA
SILVEIRA E LIA CORRÊA DUTRA



BIBLIOTECA AZUL

DIVISÃO GERAL

ESTUDOS DE COSTUMES

Cenas da vida privada	vol. 1-4
Cenas da vida provinciana	vol. 5-7
Cenas da vida parisiense	vol. 8-11
Cenas da vida política	vol. 12
Cenas da vida militar	vol. 12
Cenas da vida rural	vol. 13-14

ESTUDOS FILOSÓFICOS

vol. 15-17

ESTUDOS ANALÍTICOS

-vol. 17

DIVISÃO POR VOLUMES

1

“A vida de Balzac”, por Paulo Rónai • Prefácio *À comédia humana*, por Honoré de Balzac • Ao “Chat-qui-pelote” • O baile de Sceaux • Memórias de duas jovens esposas • A bolsa • Modesta Mignon

2

Uma estreia na vida • Alberto Savarus • A vendeta • Uma dupla família • A paz conjugal • A sra. Firmiani • Estudo de mulher • A falsa amante • Uma filha de Eva

3

A mensagem • O romeiral • A mulher abandonada • Honorina • Beatriz • Gobseck • A mulher de trinta anos

4 O pai Goriot • O coronel Chabert • A missa do ateu • A interdição
• O contrato de casamento • Outro estudo de mulher

5 Úrsula Mirouët • Eugênia Grandet • Os CELIBATÁRIOS: Pierrette
• O cura de Tours

6 Um conchego de solteirão • Os PARISIENSES NA PROVÍNCIA: O
ilustre Gaudissart • A musa do departamento • AS RIVALIDADES:
A solteirona • O gabinete das antiguidades

7 Ilusões perdidas

8 HISTÓRIA DOS TREZE: Ferragus • A duquesa de Langeais • A
menina dos olhos de ouro • História da grandeza e da decadência
de César Birotteau • A casa Nucingen

9 Esplendores e misérias das cortesãs • Os segredos da princesa de
Cadignan • Facino Cane • Sarrasine • Pedro Grassou

10 OS PARENTES POBRES: A prima Bete • O primo Pons

11 Um homem de negócios • Um príncipe da Boêmia • Gaudissart II
• Os funcionários • Os comediantes sem o saberem • Os pequeno
burgueses • O avesso da história contemporânea

12 Um episódio do Terror • Um caso tenebroso • O deputado de
Arcis • Z. Marcas • A Bretanha em 1799 • Uma paixão no deserto

13 Os camponeses • O médico rural

14 O cura da aldeia • O lírio do vale

15 A pele de onagro • Jesus Cristo em Flandres • Melmoth
apaziguado • Massimilla Doni • A obra-prima ignorada •
Gambara • A procura do absoluto

16 O filho maldito • Adeus • As Maranas • O conscrito • “El

Verdugo” • Um drama à beira-mar • Mestre Cornélius • A
estalagem vermelha • Sobre Catarina de Medicis • O elixir da
longa vida • Os proscritos

17

Luís Lambert • Seráfita • Fisiologia do casamento • Pequenas
misérias da vida conjugal

Esta terceira edição de *A comédia humana* é uma homenagem ao legado deixado por Paulo Rónai (1907-1992). Húngaro naturalizado brasileiro, Rónai teve um papel importante na vida cultural do país que o acolheu quando fugia do nazismo na Europa.

Estudioso de Balzac, autor ao qual dedicou uma tese ainda na juventude (*As obras da mocidade de Honoré de Balzac*, 1930), Rónai foi convidado por Maurício Rosenblatt, representante no Rio de Janeiro da editora Globo de Porto Alegre, a participar desta edição. Seu trabalho, inicialmente limitado a um prefácio geral da obra, logo se estendeu por seu conhecimento e interesse. Além de organizar todo o aparato da publicação, a Rónai coube estabelecer padrões que inexistiam em meio aos quase vinte tradutores. Não havia plano inicial unificado, ou mesmo um manual ao qual recorrer. Se Rónai não traduziu propriamente nenhum volume, funcionou como epicentro da edição que, logo nos primeiros volumes, passou a contar com seu cuidado e vigilância. No texto “A operação Balzac”, no livro *A tradução vivida*, ele especifica sua contribuição:

Coube-me organizar a edição, isto é, estabelecer o plano geral, escolher parte dos tradutores; cotejar e anotar toda a tradução, redigir prefácios para cada uma das 89 obras que a compõem e escrever uma extensa biografia de Balzac, selecionar a documentação iconográfica, reunir uma espécie de antologia da literatura crítica sobre Balzac, compilar índices e concordâncias para o volume final.

Este imenso trabalho, que começou com o pedido de um prefácio de dez páginas e durou quinze anos, cristalizou-se na edição de dezessete volumes. A tradução contou com cerca de vinte tradutores, e Rónai incrementou-a com a redação de 12 mil notas, que se dividiam entre explicações sobre contextos históricos, personagens e seus antecedentes, questões de tradução — expressões idiomáticas e trocadilhos — e ainda truques de linguagem. Segundo Rónai, “Balzac, amigo de anexins, trocadilhos, e jogos de palavras, deleitava-se com todas as curiosidades de linguagem: etimologias, anagramas, parônimos e homônimos”, elementos que, sem uma nota explicativa, eram “de enlouquecer qualquer tradutor”.

Todo esse árduo e cuidadoso trabalho foi respeitado. Além de manter o texto exato das traduções aprovadas por Rónai, corrigindo apenas o que configura erro que por algum lapso passou pelo organizador (é notável, ainda que sejam flagrantes alguns anacronismos e regionalismos, a impressionante riqueza e precisão do vocabulário desses tradutores), reproduzimos na presente edição as 89 apresentações. Delas, disse Rónai:

Sem qualquer veleidade de eruditismo, tentei dar nelas algumas informações

indispensáveis a respeito da gênese e da fortuna da obra visada, dos modelos vivos das personagens, da base real (quando havia) do enredo, das reações da crítica etc.

Do mesmo modo, foram respeitadas todas as notas. Também foi mantida a decisão de Rónai de traduzir os prenomes dos personagens, ainda que não seja a opção usual nos dias de hoje. Rónai justifica essa escolha primeiramente pela necessidade de unificar a maneira de nomear os personagens. Em *A comédia humana*, eles aparecem repetidas vezes, surgem protagonistas e reaparecem coadjuvantes, compondo esse imenso quadro de costumes que é a obra balzaquiana.

Era embaraçoso ver o mesmo herói com um nome ora francês, ora português; às vezes poderia até dar confusão. Seria uma solução deixar todos os nomes em francês. Mas a semelhança entre as duas línguas convidava a usar a forma nacional em vez da francesa: Júlia em vez de Julie, Eugênia em vez de Eugénie, Luís em vez de Louis, como se fazia em muitos romances traduzidos do francês, do inglês e do espanhol. Foi essa a solução que adotamos. Porém, como ficou dito acima, na ficção balzaquiana personagens inventadas acotovelam pessoas reais. Um tradutor espanhol traduziria naturalmente Pierre Corneille por Pedro Corneille, um italiano por Pietro Corneille; mas a praxe brasileira era manter o nome em francês. Adotamos, pois, um critério algo estranho: traduziam-se os nomes das personagens de ficção e reproduziam-se na forma do original os das pessoas reais. Mesmo esta norma admitia exceções: os nomes de pessoas famosas já aportuguesados, como Napoleão, Luís XIV, Maria Antonieta etc.

Também é importante uma observação sobre a escolha de um texto-base para a edição. Com as inúmeras reescrituras dos romances, não há um manuscrito considerado definitivo e o próprio autor retificava seu texto a cada edição. Rónai adotou a edição da Pléiade organizada por Marcel Bouteron, mas não se ateve a ela. Conhecedor dos originais de *A comédia humana*, adotou na edição brasileira soluções que visavam aproximar o leitor brasileiro do formato original de publicação dos textos de Balzac:

Mas num ponto essa edição, excelente em tudo mais, não me satisfazia. É que nela o texto de Balzac, já difícil por si em muitos trechos, saía excessivamente compacto, sem um espaço branco, uma interrupção, um parágrafo numa dezena de páginas. Se tal fosse a intenção do autor, teríamos que aceitar essa característica, assim como os tradutores de Proust e Joyce respeitam aquela disposição maciça de linhas impressas sem um respiradouro ao longo de tantas páginas. Mas, devido à familiaridade com a história bibliográfica da

obra, sabia que todos aqueles romances tinham saído inicialmente em rodapés de jornais, divididos em capítulos breves, com títulos muitas vezes espirituosos, engraçados, pitorescos, mantidos nas primeiras edições em volumes. Foram os editores sucessivos que, contra a vontade de Balzac, suprimiram a divisão em capítulos por motivos de economia. Em benefício ao leitor brasileiro, reintroduzi a divisão em capítulos, assim como os títulos primitivos.

Resta ainda salientar que a edição, tal qual concebida por Rónai, veio a público apenas em duas ocasiões: na primeira edição, entre 1946 e 1955, e na segunda, a partir de 1989. Muito o entristecia ver essa obra, à qual ele dedicou tantos anos, esgotada e ainda com imperfeições. O desejo da Biblioteca Azul é, pois, consagrar a edição definitiva de Rónai, considerada uma das mais importantes fora da França e um verdadeiro patrimônio cultural brasileiro, e fazer a obra de Balzac reviver uma vez mais entre nós.

Capa

Créditos

Folha de rosto

A COMÉDIA HUMANA 6 - ESTUDOS DE COSTUMES •
CENAS DA VIDA PROVINCIANA

OS CELIBATÁRIOS: UM CONCHEGO DE SOLTEIRÃO

OS PARISIENSES NA PROVÍNCIA: O ILUSTRE
GAUDISSERT

A MUSA DO DEPARTAMENTO

AS RIVALIDADES: A SOLTEIRONA

AS RIVALIDADES: O GABINETE DAS ANTIGUIDADES

A COMÉDIA HUMANA

6

**ESTUDOS
DE COSTUMES •
CENAS DA
VIDA PROVINCIANA**

**OS CELIBATÁRIOS:
UM CONCHEGO
DE SOLTEIRÃO**

TRADUÇÃO DE **GOMES DA SILVEIRA**

INTRODUÇÃO

Um conchego de solteirão (em francês: *Un Ménage de garçon*) era o título deste romance quando, em 1843, apareceu em volume. Em suas notas póstumas, Balzac voltou ao título *A gapuiadora* (*La Rabouilleuse*), que pretendia dar ao livro desde o início. Dos dois títulos, preferimos o primeiro, que, além de já ter sua tradução em Portugal, possui a vantagem de não necessitar explicação como o outro.

A oscilação do autor entre esses e mais títulos mostra que aos seus olhos se destacava ora um, ora outro dos elementos constitutivos do romance. É, aliás, uma característica do processo balzaquiano de concentrar várias ações numa narrativa.

“O romance balzaquiano” — escreve Léon Daudet (em *Écrivains et artistes*, vol. 5) — “desenvolve, às vezes em três ou quatro direções diferentes e mirando a explosões sucessivas, catástrofes visíveis ou íntimas que constituem uma cadeia, um maciço, e não um pico. Em *La Rabouilleuse* existem, por exemplo, enxertadas umas nas outras: 1º, a história de um ancião enganado; 2º, a de um soldado de meio-soldo; 3º, a de uma velha tia e seu sobrinho; 4º, a da conquista de uma rapariga esperta por um homem rude; 5º, a de uma rivalidade por dinheiro; 6º, a de uma cidadezinha de província. A cada uma dessas narrativas conjuntas, mas que conservam seu movimento particular, corresponde um episódio decisivo.”

Léon Daudet podia muito bem acrescentar mais uma história: a dos dois irmãos José e Felipe Bridau, de caracteres e destinos diametralmente opostos, tão importante no conjunto que Balzac, ao publicar a primeira parte do romance em *La Presse*, em 1841, deu-lhe o

título de *Os dois irmãos* (*Les Deux Frères*). Observa com razão Maurice Allem que nenhum desses três títulos se refere ao caráter principal, o de Felipe, e que Balzac, se tivesse vivido mais, os teria ainda substituído até encontrar um que designasse o tipo espantoso que ele criou na figura do militar desocupado e perverso. Mas deve-se notar que o título *A gapuiadora*, embora focalizasse um protagonista menos importante que Felipe, é um achado. Na admirável cena em que Flora Brazier aparece pela primeira vez ainda menina e em ato de “gapuiar”, Balzac explica o sentido próprio desse termo regional: turvar a água com um galho para assustar os caranguejos e encaminhá-los para as armadilhas do pescador. O sentido figurado, não explicado, mas que se depreende da história (“acaparar uma herança para que outro goze dela”), aplica-se às mil maravilhas ao caso de Flora.

Apesar de tantas ações, não somente o interesse não fica prejudicado como também o romance apresenta uma unidade poderosa.

O que a assegura é sobretudo a evolução de Felipe Bridau. A monstruosa figura do comandante de Napoleão, posto em disponibilidade e desviado de seu rumo primitivo, revelando reservas inesgotáveis de perversidade, domina o livro e é uma das personagens mais possantes de toda *A comédia humana*. Foi Taine que, em *Balzac*, seu estudo magistral, chamou a atenção do leitor para a novidade dessa figura: “Como tornar belos o vício e a loucura? Como conquistar nossa simpatia para com animais de rapina e cérebros doentes? Como contrariar o uso quase universal de todas as literaturas e colocar o interesse e a grandeza no local preciso em que elas só viram o ridículo e o odioso? Que pode haver de mais desprezível que o sargento grosso, perseguido de remoques e caiporismos, desde Plauto até Smollett? Reparai, ei-lo que se transforma; Balzac o explica: percebeis as causas de seu vício; tendes a impressão de seu poder e tomais parte em sua ação”.

O caráter de Felipe grava-se efetivamente com extraordinário relevo. Interessa não somente por causa das sucessivas oportunidades de reerguimento que a sorte lhe apresenta e que só servem para atolá-lo cada vez mais no vício, mas também por se apresentar como produto

fatal das circunstâncias que lhe moldaram o destino. Esse monstro que poderia, se o Império subsistisse, realizar prodígios de bravura na guerra, sente-se desarvorado na paz e passa a “agir na vida privada como nos campos de batalha”. Mas, além e antes de circunstâncias históricas, ele é produzido também por uma educação errada. Balzac faz pagar bem caro à pobre Ágata a sua injusta predileção materna que a inclina a desconhecer as qualidades do genial e bom José e a encobrir as faltas mais terríveis do devasso e imoral Felipe. É impossível não reconhecer na história dessa iníqua preferência uma reminiscência da mocidade do próprio Balzac. Em sua correspondência, o escritor queixava-se inúmeras vezes da cegueira da sra. François Balzac, que, no auge da glória de seu filho Honoré, teimava em não levá-lo a sério e a preferir-lhe a boa e medíocre Laura e mesmo o vadio Henri.

Há no romance vestígios de fatos reais. Balzac conhecia Issoudun, onde passou períodos felizes em casa da amiga Zulma Carraud. Conheceu a Cognette e viu na Fonte de Tivoli uma pequena gapuiadora pegar camarões. Maxêncio Gilet existiu tão bem como os *Cavalheiros da Malandragem*, um dos quais, o pintor Auguste Borget, se tornou amigo de Balzac. Este, aliás, deve ter conhecido mais de um desses antigos oficiais do Império, perdidos no mundo da Restauração e em parte depravados na inércia, como os do grupo formado em redor de Felipe e de Maxêncio, pois “as biografias militares de *Um conchego de solteirão* são documentos de primeira ordem, e... duvido que os arquivos do Ministério da Guerra contenham em suas pastas documentos mais autênticos e mais interessantes” (F. Brunetière, *Honoré de Balzac*).

Os pesquisadores que estudaram a história de Issoudun no tempo de Balzac encontraram ainda o original que serviu para o retrato do velho Hochon e estabeleceram que José Bridau tinha muito de Delacroix, o grande pintor do romantismo. Mas o erudito balzacólogo Pierre Citron (na “Introdução” na nova edição Garnier do romance) prefere ver nele mais um dos avatares do próprio romancista, cuja mocidade fora também amargurada pela própria feiura, pelo desamor e a desconfiança da família, pela injusta preferência materna por outro filho, imprestável, e pelas dificuldades da estreia. Não se conseguiu,

porém, descobrir o modelo de João-Jaques Bridau. Mesmo que o descobrissem, pouco importaria, pois todos os fragmentos que escavações pacientes possam ainda trazer à luz do dia terão realidade, mas não sentido. Este último reside não nos fatos, mas nas ligações que entre eles o gênio de Balzac estabeleceu. As peças pregadas pelos *Cavalheiros da Malandragem*, a paixão da velha Descoings pela loteria, as depravações sexuais do dr. Rouget e de seu filho, o episódio da Gapuiadora, o grande papel dos falatórios em Issoudun, tudo isso vem a ter sentido verdadeiro à medida que Balzac o relaciona por fios pacientemente urdidos com a perversidade do antigo comandante de Napoleão.

Outro elemento constitutivo da obra-prima é a perspectiva que o autor consegue dar às cenas representadas pelos seus protagonistas, Balzac é mestre nessa arte, e em *Um conchego de solteirão* melhor do que, talvez, em qualquer outra obra. Graças ao contínuo crescendo em que nos revela o amoralismo de Felipe, este vai engrandecendo espantosamente a nossos olhos, e não temos a impressão de um exagero quando o autor comenta nestes termos o êxito alcançado por esse caçador de herança:

“Quanto à procura exigida pelo feroz coronel... ele a obteve quando quis, pois Flora caiu sob o domínio daquele homem como a França caíra sob o de Napoleão. Como a mariposa que prende as asas na cera derretida de uma vela, assim Rouget dissipou rapidamente suas últimas forças. Diante dessa agonia, o sobrinho conservou-se impassível e frio como os diplomatas, em 1814, ante as convulsões da França imperial.”

A comparação não é desproporcionada.

Também, que variedade de ambientes dentro de um único livro: o conchego de solteirão, o ateliê do pintor, a taverna do oficial de meio-soldo, a casa do avarento; a redação do jornal, a Issoudun dos falatórios, a Paris das intrigas, a Nova York dos apetites brutais. E que riqueza de caracteres: Felipe, José, Max, João-Jaques, o espanhol Fario, o velho sr. Hochon, a Descoings, a Gapuiadora, Ágata, quase todos dominados por uma paixão veemente, cuja intensidade independe da importância de seus objetos. A frase pilhérica de Bixiou

resume a filosofia das paixões em que é baseada, por assim dizer, toda a obra de Balzac:

“Basta entregarmos um homem a um vício para nos desembaraçarmos dele. ‘Ela gostava muito de dançar e foi a dança que a matou!’, disse Hugo. Aí está! Minha avó gostava de loteria e Felipe matou-a pela loteria! O tio Rouget gostava da farra e Lolote o matou! A sra. Bridau, pobre mulher, gostava de Felipe e foi morta por ele!”

A crítica moderna é unânime em reconhecer em *Um conchego de solteirão* uma das obras mestras de Balzac. Alguns, como Marcel Barrière, o censuraram por ter-se distraído demais com a narrativa das façanhas algo insulsas dos Cavalheiros da Malandragem, tão pouco divertidas quanto as farsas de cartório contadas em *Uma estreia na vida* (à qual, aliás, *Um conchego de solteirão* se liga por muitos laços, como se verá nas notas). Mas é fácil compreender que Balzac quisesse incluir esses episódios tão conhecidos da história anedótica da cidade para aumentar a credibilidade de toda a sua narrativa e recorrer a esses episódios para resolver a tensão às vezes quase insuportável da atmosfera.

O único ponto fraco da obra é a carta-prefácio a Nodier, cuja inconsistência se torna patente quando a lemos depois de acabada a leitura do romance. Poderia causar espécie que Balzac tenha compreendido tão pouco o sentido de sua obra a ponto de ver nela uma prova dos efeitos funestos “produzidos pela diminuição do poder paterno” e da “indisponibilidade do casamento insolúvel para as sociedades europeias”. Como se o casamento de João-Jaques Rouget com Flora Brazier pudesse formar obstáculo eficaz ao domínio que Max Gilet e, depois dele, Felipe iam adquirir sobre esta mulher. Tenhasse em vista, porém, que às vezes o político Balzac se lembra, desastrosamente, de acudir ao romancista e de arrolar, entre seus auxiliares, o “dedo de Deus”; desta vez ele se empenha em consertar um universo em que a monstruosa perversidade de um Felipe Bridau e o sublime amor materno de Ágata são castigados com a mesma severidade.

Um dos pesquisadores que escarafuncharam com paciência

beneditina a vida de Balzac, André Lorant (ver P. Citron, *op. cit.*) aponta oportunamente que, precisamente nos anos da elaboração do nosso romance, o escritor tinha em sua casa uma criada-amante em carne e osso, certa srta. Brugnol, que o arrastou pela rua da amargura ameaçando-o de dar à publicidade as cartas da condessa Hanska.

Como quase todos os romances de Balzac, este eterno enamorado da cena que em toda a sua vida não conseguiu um único êxito teatral, *Um conchego de solteirão* foi adaptado ao teatro depois de sua morte. A adaptação de Émile Fabre, representada pela primeira vez em 1903, retomada em 1936 e em 1947, submete o romance a modificações e cortes bem sensíveis. A ação reduz-se à parte desenvolvida em Issoudun. Felipe, bem menos corrompido, procura obter a herança do tio não apenas para si, mas também para a mãe e o irmão; e, pouco depois de ter matado Maxêncio em duelo, é por sua vez assassinado por instigação da Gapuiadora. Vê-se que, mesmo com esse assassinio a mais, o drama perde muito da impressão sombria deixada pelo romance, pois o adaptador introduz assim uma espécie de justiça divina imediata, castigando de maneira igual Felipe e Maxêncio. Como a Gapuiadora se retrai espontaneamente, tudo volta à ordem.

PAULO RÓNAI

OS CELIBATÁRIOS: UM CONCHEGO DE SOLTEIRÃO

AO SR. CHARLES NODIER, ^[1]

membro da Academia Francesa, bibliotecário do Arsenal

Eis, meu caro Nodier, uma obra cheia desses fatos subtraídos à ação das leis pela inviolabilidade do lar, mas nos quais o dedo de Deus, tão frequentemente denominado acaso, substitui a justiça humana e cuja moral, embora ditada por um personagem galhofeiro, não deixa de ser instrutiva e impressionante. Dela resultam, a meu ver, grandes ensinamentos para a Família e para a Maternidade. Talvez só muito tarde cheguemos a perceber as consequências da diminuição da autoridade paterna. Esse poder, que antigamente só cessava pela morte do pai, constituía o único tribunal humano que julgava os crimes domésticos e, nas grandes ocasiões, a Realeza consentia em executar suas sentenças. Por mais terna e bondosa que seja a mãe, ela não substitui essa autoridade patriarcal, do mesmo modo que a mulher não substitui o rei no trono; e, se tal exceção ocorre, dela resulta um ser monstruoso. Talvez eu ainda não tenha composto um quadro que mostre melhor do que este o quanto o casamento indissolúvel é indispensável para as sociedades europeias, que infortúnios causa a fraqueza feminina e que perigos encerra o interesse pessoal desenfreado. Oxalá uma sociedade baseada unicamente sobre o poder do dinheiro estremeça ao verificar a impotência da justiça ante as combinações dum sistema que endeusa o triunfo perdoando todos os meios empregados para alcançá-lo! Oxalá ela recorra imediatamente ao catolicismo para purificar as massas pelo sentimento religioso e por uma educação diferente da duma universidade leiga! Muitos belos caracteres, muitas grandes e nobres abnegações refulgirão nas Cenas da vida militar para que me seja permitido assinalar aqui quanta depravação as contingências da guerra criam em certos espíritos que, na vida privada, ousam agir como nos campos de batalha. Você lançou sobre nossa época um olhar perspicaz cuja filosofia se traduz em mais de uma reflexão amarga que transparece de suas páginas elegantes e apreciou, melhor do que ninguém, os estragos produzidos no espírito de nossa pátria por quatro sistemas políticos diferentes. Assim, eu não podia colocar esta história sob a proteção duma autoridade mais competente. Talvez seu nome proteja esta obra contra as acusações que não lhe faltarão: onde está o doente que se conserva silencioso enquanto o cirurgião lhe arranca o curativo de suas chagas mais vivas? Ao prazer de dedicar-lhe esta história alia-se o orgulho de proclamar sua benevolência por quem se declara aqui

um de seus sinceros admiradores
DE BALZAC

PRIMEIRA PARTE

OS DOIS IRMÃOS

I — OS DESCOINGS E OS ROUGET

Em 1792, a burguesia de Issoudun contava com um médico chamado Rouget, que era tido como um homem muito mau. No dizer de alguns atrevidos, fazia muito infeliz a esposa, embora esta fosse a mulher mais bela da cidade. É possível que ela fosse meio tola. Apesar da inquisição dos amigos, do falatório dos indiferentes e das maledicências dos invejosos, a vida íntima do casal era pouco conhecida. O dr. Rouget era um desses homens dos quais vulgarmente se diz: “Ele não é de brincadeira”. Por isso, enquanto viveu, guardou-se silêncio a seu respeito e todos se mostraram amáveis com ele.

A mulher, uma Descoings, adoentada desde os tempos de solteira (o que constituiu, segundo se dizia, uma razão para que o médico a desposasse), teve, primeiramente, um filho e depois uma filha, que, por acaso, nasceu dez anos depois do irmão e que, como diziam, o doutor, embora fosse médico, não esperava. Essa filha retardatária chamava-se Ágata. Esses pequenos fatos são tão simples, tão banais que parece injustificável que um historiador os coloque no início de uma narrativa; mas, se eles não fossem divulgados, um homem da têtpera do dr. Rouget seria julgado um monstro, um pai desnaturado, quando, na verdade, apenas obedecia às más inclinações que muitos abrigam sob este terrível axioma: “Um homem deve ter fibra!”, sentença masculina que tem feito a desgraça de muitas mulheres. Os Descoings, sogro e sogra do doutor, negociantes de lãs, incumbiam-se, igualmente, de vender por ordem dos proprietários e de comprar por conta dos comerciantes os velocinos de ouro do Berry e recebiam, das duas partes, uma comissão. Nesse ofício, tornaram-se ricos e ficaram

avarentos: moral de muitas existências.

Descoings filho, o irmão mais moço da sra. Rouget, não se deu bem em Issoudun. Foi tentar fortuna em Paris e instalou-se como vendeiro à Rue Saint-Honoré. Isso foi sua ruína. Mas que querem? O vendeiro é arrastado para seu negócio por uma força de atração igual à força de repulsão que o afasta dos artistas. Ainda não foram bastante estudadas as forças sociais que constituem as diversas vocações. Seria curioso saber o que é que determina um homem a fazer-se vendedor de papel em vez de padeiro, uma vez que os filhos não sucedem obrigatoriamente aos pais na profissão, como entre os egípcios. O amor influíra na vocação de Descoings. Pensou: “Também serei vendeiro!”, enquanto pensava em coisa muito diferente ao olhar para a patroa, belíssima criatura pela qual se apaixonou perdidamente. Sem outra ajuda além da paciência e de um pouco de dinheiro que os pais lhe enviaram, casou-se com a viúva do sr. Bixiou, seu predecessor. Em 1792, Descoings tinha fama de fazer excelentes negócios. Seus pais ainda viviam nessa época. Ao deixarem o comércio de lãs, aplicaram seu capital na aquisição de bens nacionais,^[2] que representava outro velocino de ouro. O genro, mais ou menos certo de que em breve choraria a morte da mulher, mandou a filha a Paris, para a casa do cunhado, tanto para fazer-lhe conhecer a capital como para seguir uma intenção astuciosa. Descoings não tinha filhos. A sra. Descoings, doze anos mais velha que o marido, gozava ótima saúde; era, porém, gorda como um odre após a vindima e o esperto Rouget sabia bastante medicina para prever que o casal, contrariamente à moral dos contos de fada, seria muito feliz e não teria filhos. O casal bem poderia afeiçoar-se a Ágata. Ora, o dr. Rouget queria deserdar a filha e gabava-se de alcançar seu intento desterrando-a. Essa moça, então a mais bela de Issoudun, não se parecia com o pai nem com a mãe. Seu nascimento dera lugar a uma inimizade eterna entre o dr. Rouget e seu íntimo amigo, sr. Lousteau, antigo subdelegado, que recentemente deixara Issoudun. Quando uma família se expatria, os filhos duma região tão sedutora como Issoudun têm o direito de investigar as razões de um ato tão exorbitante. Segundo as más-línguas, o dr. Rouget, homem vingativo, declarara que Lousteau não escaparia de morrer em suas

mãos. Tal ameaça, na boca dum médico, tinha a força dum projétil de canhão. Quando a Assembleia Nacional suprimiu os subdelegados, Lousteau partiu e nunca mais voltou a Issoudun.

Depois da partida dessa família, a sra. Rouget passava os dias inteiros na casa da própria irmã do subdelegado, sra. Hochon, madrinha da filha e a única pessoa a quem ela confiava seus dissabores. Assim, o pouco que a cidade de Issoudun soube da bela sra. Rouget foi contado por essa boa mulher e somente após a morte do doutor.

A primeira frase da sra. Rouget, quando o marido lhe falou em mandar Ágata para Paris, foi:

— Nunca mais verei minha filha!

— E, desgraçadamente, ela teve razão — dizia, mais tarde, a respeitável sra. Hochon.

A pobre mãe ficou, desde então, amarela como um marmelo e seu estado de saúde não desmentiu os que pretendiam que Rouget a estava matando aos poucos. As atitudes do idiota do filho deviam contribuir para fazer infeliz essa mãe injustamente acusada. Pouco comedido, talvez encorajado pelo pai, o rapaz, estúpido em todo o sentido, não tinha as atenções nem o respeito que um filho deve à mãe. João-Jaques Rouget parecia-se com o pai no que este possuía de mau, e o doutor já não andava muito bem no moral nem no físico.

A chegada da encantadora Ágata Rouget não levou felicidade ao tio Descoings. Na mesma semana, ou melhor, na década (pois a República fora proclamada), ele foi preso por uma ordem de Robespierre a Fouquier-Tinville.[3] Descoings, que cometeu a imprudência de julgar que a carestia de gêneros alimentícios era artificial, praticou a tolice de manifestar sua opinião (ele pensava que as opiniões eram livres) a vários fregueses e freguesas, enquanto os atendia. A cidadã Duplay, mulher do marceneiro em cuja casa morava Robespierre e que fazia o serviço doméstico para esse grande cidadão, honrava com sua preferência, para desgraça de Descoings, o armazém desse berriense. Essa cidadã achou que a opinião do vendeiro era insultuosa para Maximiliano I.[4] Já pouco satisfeita com as maneiras do casal Descoings, a ilustre rendeira do clube dos jacobinos encarava a beleza

da cidadã Descoings como uma espécie de aristocracia. Envenenou as palavras dos Descoings ao repeti-las a seu bondoso e brando chefe. O vendeiro foi preso sob a vulgar acusação de *açambarcamento*. Preso Descoings, a mulher agitou-se para libertá-lo; suas tentativas, porém, foram tão inábeis que um observador que a tivesse escutado quando falava aos árbitros daquele destino teria acreditado que ela quisesse desfazer-se honestamente do marido. A sra. Descoings conhecia Bridau, um dos secretários de Roland,[5] ministro do Interior e braço direito de todos os que se sucederam nesse ministério. Pôs em campo Bridau para salvar o vendeiro. O incorruptibilíssimo chefe de gabinete, uma dessas virtuosas vítimas sempre tão admiráveis pelo desinteresse, absteve-se de corromper aqueles de quem dependia a sorte dos Descoings: tentou esclarecê-los! Esclarecer a gente daquela época era o mesmo que pedir-lhes para restaurar os Bourbon. O ministro girondino, que então se achava em luta contra Robespierre, disse a Bridau:

— Por que te metes nisso?

Todos aqueles a quem o honesto chefe de gabinete se dirigiu repetiram-lhe essa frase atroz: “Por que te metes nisso?”. Bridau aconselhou prudentemente a sra. Descoings a conservar-se quieta; mas, em vez de conquistar a estima da governanta de Robespierre, ela pôs-se a lançar ferro e fogo contra a delatora. Foi visitar um convencional, que tremia pela própria sorte e que lhe disse:

— Falarei nisso a Robespierre.

A bela vendeira tranquilizou-se com essa promessa e, naturalmente, o protetor não disse uma única palavra. Um pouco de açúcar, algumas garrafas de bons licores presenteadas à cidadã Duplay teriam salvado Descoings. Esse pequeno acidente prova que durante uma revolução é tão perigoso confiar sua segurança a pessoas honestas como a velhacos: só se deve contar consigo mesmo. Se Descoings morreu, teve, pelo menos, a glória de ir para o cadafalso em companhia de André Chénier.[6] Lá, sem dúvida, a mercearia e a poesia abraçaram-se pela primeira vez em pessoa, pois já tinham então, e terão sempre, relações secretas. A morte de Descoings produziu muito maior sensação que a de André Chénier. Foram necessários trinta anos para a França

reconhecer que perdera mais com a morte de Chénier que com a de Descoings. A resolução de Robespierre deu como resultado que até 1830 os vendeiros não se meteram mais na política. A venda de Descoings ficava a cem passos da habitação de Robespierre. O sucessor do merceeiro foi muito mal nos negócios. César Birotteau,^[7] o famoso perfumista, instalou-se ali. Mas, como se a guilhotina tivesse contagiado de desgraça o local, o inventor da *dupla pasta das sultanas* e da *água carminativa* foi à falência. A solução desse problema compete às ciências ocultas.

Nas poucas visitas que o chefe de gabinete fez à esposa do infortunado Descoings, impressionou-se com a beleza calma, fria e cândida de Ágata Rouget. Quando foi consolar a viúva, que de tão inconsolável não quis continuar o comércio de seu segundo defunto, acabou por desposar a encantadora moça na mesma década e após a chegada do pai, que não se fez esperar. O médico, encantado por ver as coisas sucederem de maneira a ultrapassar seus ardentes desejos, pois sua mulher ficava sendo a única herdeira dos Descoings, correu a Paris, menos para assistir ao casamento de Ágata do que para fazer redigir o contrato segundo sua vontade. O desinteresse e o amor excessivo do cidadão Bridau deram carta branca à perfídia do médico, que explorou a cegueira do genro, como a continuação desta história demonstrará.

A sra. Rouget, ou, mais exatamente, o doutor herdou, pois, todos os bens, móveis e imóveis, do sr. e da sra. Descoings, pai e mãe que faleceram com um intervalo de dois anos um do outro. Depois, Rouget acabou herdando da mulher, que morreu no começo do ano de 1799. E recebeu vinhedos, comprou granjas, adquiriu ferrarias e teve lã para vender! Seu filho mimoso não sabia fazer nada; mas, como o destinava a proprietário, deixou que ele crescesse em riqueza e em estupidez, pois, já que tudo se resume em viver e morrer, o filho, de qualquer forma, acabaria sabendo tanto como os mais sábios. Já em 1799, os calculadores de Issoudun diziam que o tio Rouget possuía trinta mil francos de renda. Depois da morte da esposa, o doutor levou sempre uma vida dissipada; fê-lo, porém, por assim dizer, com método e confinou-a ao recesso de sua casa. O médico, cheio de dignidade, morreu em 1805. Só Deus sabe o quanto a burguesia de Issoudun falou

a seu respeito e quantas anedotas circularam a propósito de sua horrível vida privada. João-Jaques Rouget, a quem o pai acabara controlando com rigor por descobrir-lhe a sua estupidez, ficou solteiro por graves razões, cuja explicação constitui uma parte importante desta história. Seu celibato foi, em parte, causado por culpa do doutor, como se verá mais tarde.

Agora é necessário examinar os efeitos da vingança exercida pelo pai sobre uma filha que ele não considerava sua e que, podeis estar certos, lhe pertencia legitimamente. Ninguém notara em Issoudun um desses fatos singulares que fazem da hereditariedade um abismo no qual a ciência se afunda. Ágata parecia-se com a mãe do dr. Rouget. Do mesmo modo que, segundo uma observação vulgar, a gota pula uma geração e se transmite do avô ao neto, não é raro ver a semelhança comportar-se como a gota.

Assim, o mais velho dos filhos de Ágata, que se parecia com a mãe, herdou a moral do dr. Rouget, seu avô. Releguemos a solução desse outro problema ao século XX com uma bela nomenclatura de animálculos microscópicos e nossos sobrinhos hão de escrever, talvez, tantas asneiras quantas as nossas sociedades sábias já têm escrito sobre essa tenebrosa questão.

II — A FAMÍLIA BRIDAU

Ágata Rouget recomendava-se à admiração de todos por um desses rostos destinados, como o de Maria, mãe de Nosso Senhor, a permanecer sempre virgens, mesmo após o casamento. Seu retrato, que ainda se conserva na sala de trabalho de Bridau, mostra um oval perfeito, uma alma inalterada e sem o menor vestígio de sardas, apesar de sua cabeleira dourada. Mais de um artista, ao observar a fronte pura, a boca discreta, o nariz fino, as belas orelhas, longos cílios nos olhos e olhos dum azul-escuro infinitamente ternos, enfim, o rosto cheio de placidez, pergunta agora ao nosso grande pintor: — É a cópia duma cabeça de Rafael? Nunca um homem foi mais bem inspirado do que o chefe de gabinete ao desposar essa moça. Ágata realizou o ideal da dona de casa educada na província e que nunca se afastou da mãe.

Piedosa sem ser devota, não tinha outra instrução além da que a Igreja dá às mulheres. Assim, foi uma esposa perfeita no sentido vulgar da palavra, pois sua ignorância das coisas da vida foi responsável por mais de uma desgraça. O epitáfio duma célebre romana: “Bordou e cuidou da casa” resume admiravelmente essa existência pura, simples e tranquila. Desde o Consulado, Bridau ligou-se fanaticamente a Napoleão, que o nomeou chefe de divisão em 1804, um ano antes da morte de Rouget. Percebendo doze mil francos de ordenado além de belas gratificações, Bridau não se importou com os vergonhosos resultados da liquidação que se fez em Issoudun e pela qual Ágata não recebeu nada. Seis meses antes de morrer, Rouget vendera ao filho uma parte de seus bens, sendo o resto transferido a João-Jaques, tanto a título de doação por preferência como a título de herdeiro. Um adiantamento de herança, de cem mil francos, feito a Ágata por ocasião do contrato de casamento, representava sua parte na herança dos pais. Idólatra do imperador, Bridau serviu com a dedicação dum fanático as poderosas concepções desse semideus moderno que, tendo encontrado tudo destruído na França, quis reorganizar tudo. Nunca o chefe de divisão dizia: “Basta!”. Projetos, apontamentos, relatórios, estudos, aceitou os mais pesados fardos, tão feliz se sentia em secundar o imperador; prezava-o como homem, adorava-o como soberano e não tolerava a mínima crítica sobre seus atos nem sobre seus planos. De 1804 a 1808, o chefe de divisão morou num grande e belo palacete do Quai Voltaire, a dois passos do ministério e das Tuileries. Uma cozinheira e um criado faziam todo o serviço da casa na época do esplendor da sra. Bridau. Ágata, que era sempre a primeira a levantar-se, ia ao mercado acompanhada da cozinheira. Enquanto o criado arrumava a casa, ela tratava do almoço. Bridau nunca ia para o ministério antes das onze horas. Enquanto durou sua união, a esposa experimentou o mesmo prazer em preparar-lhe um almoço excelente, única refeição que Bridau fazia com prazer. Em qualquer estação do ano, e qualquer que fosse o tempo que fizesse quando ele saía, Ágata ficava à janela, acompanhando o marido com o olhar até que ele dobrasse a esquina da Rue du Bac. Então, ela mesma tirava a mesa e corria os olhos pelo apartamento; depois, vestia-se, brincava com os

filhos, levava-os a passear ou recebia visitas enquanto esperava a volta de Bridau. Quando o chefe de divisão trazia para casa serviços urgentes, ela ficava junto à mesa, no escritório, muda como uma estátua e fazendo tricô enquanto via o marido trabalhar, ficando acordada tanto tempo quanto ele e indo deitar-se alguns momentos antes do esposo. Às vezes, o casal ia ao teatro, no camarote do ministério. Nesses dias, jantavam fora de casa, e então o espetáculo que o restaurante apresentava sempre causava à sra. Bridau esse vivo prazer que ele proporciona às pessoas que vêm pela primeira vez a Paris. Obrigada muitas vezes a aceitar os grandes jantares de cerimônia oferecidos ao chefe de divisão, que dirigia uma parte do Ministério do Interior, e que Bridau retribuía condignamente, Ágata obedecia ao luxo do vestuário apropriado; mas, ao voltar para casa, despiu-se, com prazer, dessa riqueza pomposa e retomava no lar sua simplicidade de provinciana. Uma vez por semana, às quintas-feiras, Bridau recebia os amigos. Dava, além disso, um grande baile na terça-feira gorda. Essas poucas palavras constituem a história de toda aquela vida conjugal que teve apenas três grandes acontecimentos: o nascimento de dois filhos, com três anos de intervalo, e a morte de Bridau, em 1808, consumido por suas constantes vigílias no momento em que o imperador ia nomeá-lo diretor-geral, conde e conselheiro do Estado. Nessa época, Napoleão dedicou-se especialmente aos negócios do Interior, sobrecarregou Bridau de trabalho e acabou de arruinar a saúde desse intrépido burocrata. Napoleão, a quem Bridau nunca pedira nada, indagou de seus hábitos e de sua fortuna. Informado de que esse homem dedicado não possuía nada mais além do cargo, reconheceu nele uma daquelas almas incorruptíveis que elevavam e moralizavam sua administração e quis surpreender Bridau com brilhantes recompensas. O desejo de concluir um trabalho antes da partida do imperador para a Espanha matou o chefe de divisão, que sucumbiu a uma febre inflamatória.

Ao regressar, o imperador, que veio organizar em poucos dias, em Paris, sua campanha de 1809, disse, ao ter conhecimento daquela perda:

— Há homens que a gente nunca pode substituir!

Impressionado com uma dedicação que não esperada de nenhum daqueles brilhantes testemunhos reservados aos seus soldados, o imperador resolveu criar uma ordem altamente remunerada para os civis, como criara a Legião de Honra para os militares. A impressão que recebeu com a morte de Bridau sugeriu-lhe a criação da ordem da Reunião; não teve, porém, tempo de concluir essa criação aristocrática, cuja recordação já está tão apagada que, ao ouvir o nome dessa ordem efêmera, a maioria dos leitores se perguntará qual era sua insígnia: era usada com uma fita azul. O imperador denominou-a ordem da Reunião com a intenção de confundir a ordem do Tosão de Ouro da Corte da Espanha com a ordem do Tosão de Ouro da Corte da Áustria. A Providência — disse um diplomata prussiano — soube impedir essa profanação.

O imperador pediu informações sobre a situação da sra. Bridau. Cada um dos filhos teve uma bolsa completa no liceu imperial e o imperador deixou todas as despesas de sua educação a cargo de sua conta de despesas pessoais. Além disso, concedeu à sra. Bridau uma pensão de quatro mil francos, incumbindo-se de velar pela sorte dos dois filhos.

Desde seu casamento até a morte do marido, a sra. Bridau não teve o menor contato com Issoudun. Estava em vésperas de dar à luz o segundo filho quando perdeu a mãe. Quando seu pai, de quem se sabia pouco estimada, faleceu, estava sendo preparada a coroação do imperador, e isso deu tanto trabalho a Bridau que ela não quis afastar-se do marido. João-Jaques Rouget, seu irmão, não lhe escrevera uma única palavra desde sua partida de Issoudun. Aflita com o tácito repúdio da família, Ágata acabou por pensar muito raramente naqueles que não pensavam nela. Recebia todos os anos uma carta da madrinha, sra. Hochon, a quem respondia com frases banais, sem prestar atenção aos conselhos que a excelente e piedosa senhora lhe enviava nas entrelinhas.

Pouco antes da morte do dr. Rouget, a sra. Hochon escreveu à afilhada, informando-a de que ela não herdaria nada do pai se não mandasse uma procuração ao sr. Hochon. Ágata teve escrúpulos de atormentar o irmão. Seja porque Bridau compreendesse que a

espoliação estava de acordo com o direito e com os costumes do Berry, seja porque esse homem puro e justo partilhasse a grandeza de alma e a indiferença da mulher em matéria de interesses, não quis dar ouvidos a Roguin, seu tabelião,[8] que lhe aconselhou a aproveitar-se de sua posição para contestar os atos pelos quais o pai conseguira privar a filha de sua parte legítima.

Os esposos aprovaram o que se resolveu em Issoudun. Nessas circunstâncias, entretanto, Roguin fez o chefe de divisão refletir sobre os interesses ameaçados da esposa. Esse homem superior verificou que, se morresse, Ágata ficaria pobre. Quis, então, examinar a situação de seus negócios e constatou que, de 1793 a 1805, a esposa e ele haviam sido obrigados a gastar trinta mil francos dos cinquenta mil francos efetivos que o velho Rouget dera à filha e colocou os restantes vinte mil francos a juros. Os títulos públicos estavam, então, a quarenta. Ágata ficou, assim, com cerca de dois mil francos de renda em títulos do Estado.

Enviuvando, a sra. Bridau podia, pois, viver dignamente com seis mil francos de renda. Com seu inalterado espírito de provinciana, quis despedir o criado de Bridau, ficar somente com a cozinheira e mudar-se para outro apartamento; mas sua íntima amiga, que insistia em declarar-se sua tia, a sra. Descoings, vendeu sua mobília, deixou o apartamento que ocupava e foi morar com Ágata, fazendo do escritório do falecido Bridau seu quarto de dormir. As duas viúvas reuniram suas rendas e ficaram, assim, com um rendimento de doze mil francos. Essa conduta parece simples e natural. Nada, porém, exige maior cautela do que as coisas que parecem naturais; do extraordinário sempre desconfiamos bastante. Vemos sempre os homens experientes, os advogados, os juízes, os médicos e os padres darem enorme importância aos negócios simples: julgamo-los meticulosos. A serpente sob as flores é um dos mais belos mitos que a antiguidade nos legou para orientar-nos nos negócios. Quantas vezes os tolos, para desculpar-se a seus próprios olhos e aos dos outros, exclamam:

— Era tão simples que qualquer um teria caído!

Em 1809, a sra. Descoings, que não revelava a idade, tinha sessenta e cinco anos. Cognominada, em seu tempo, a bela vendeira, era uma

dessas raríssimas mulheres que o tempo respeita e devia a uma excelente constituição o privilégio de conservar uma beleza que, entretanto, não resistia a um exame minucioso. De estatura mediana, gorda, cheia de vida, tinha belas espáduas e uma cútis ligeiramente rosada. Os cabelos louros, puxando para castanho, não mostravam, apesar da catástrofe de Descoings, a menor alteração de cor. Excessivamente gulosa, gostava de cozinhar bons petiscos; mas, embora parecesse pensar muito na cozinha, adorava também o teatro e cultivava um vício envolto no mais profundo mistério: jogava na loteria! Não será esse o abismo que a mitologia nos representou pelo tonel das Danaides?[9] A Descoings — há de se designar assim uma mulher que jogava na loteria — gastava talvez um pouco demais em vestidos, como todas as mulheres que têm a sorte de conservar-se jovens por muito tempo; exceto, porém, esses leves defeitos, era a mulher mais agradável do mundo. Sempre de acordo com todos, não contrariando a ninguém, ela agradava por uma alegria branda e comunicativa. Possuía, sobretudo, uma qualidade parisiense que seduz os caixeiros aposentados e os antigos comerciantes: permitia os gracejos!... Se não contraiu terceiras núpcias foi devido, certamente, às circunstâncias da época. Durante as guerras do Império, os homens casadouros encontravam com grande facilidade mocinhas belas e ricas, não precisando, portanto, ocupar-se com mulheres de sessenta anos. A sra. Descoings quis distrair a sra. Bridau, levou-a muitas vezes ao teatro e a passear de carro, preparava-lhe excelentes jantares e quis mesmo casá-la com seu filho Bixiou. Confessou-lhe o terrível segredo profundamente guardado por ela, pelo falecido Descoings e por seu tabelião. A jovem, a elegante sra. Descoings, que dizia ter trinta e seis anos, tinha um filho de trinta e cinco, chamado Bixiou, já viúvo, major do 21º da ativa, que pereceu como coronel em Dresden deixando um filho único. A Descoings, que só secretamente se encontrava com seu neto Bixiou, fazia-o passar por filho duma primeira mulher de seu marido. Sua confiança constituiu um ato de prudência: o filho do coronel, educado no liceu imperial com os dois filhos Bridau, teve lá uma meia bolsa. Esse rapaz, perspicaz e malicioso já nos tempos do liceu, conquistou, mais tarde, grande reputação como desenhista e

como homem inteligente.[10] Ágata não gostava de mais nada do mundo além dos filhos e queria viver unicamente para eles. Recusou-se às segundas núpcias por prudência e por fidelidade. É, porém, mais fácil a uma mulher ser boa esposa do que ser boa mãe. Uma viúva tem duas tarefas cujas obrigações se contrariam: é mãe e deve exercer a autoridade paterna. Poucas mulheres são suficientemente fortes para compreender e desempenhar esse duplo papel. Assim a pobre Ágata, apesar das virtudes que possuía, foi a causa inocente de muitas desgraças. Em consequência de sua estreiteza de espírito e da confiança a que se habituam as almas puras, Ágata foi vítima da sra. Descoings, que a mergulhou num pavoroso infortúnio. A Descoings perseguia um grupo de centenas e a loteria não fiava a seus fregueses. Dirigindo a casa, pôde empregar no jogo o dinheiro destinado às despesas domésticas e foi progressivamente fazendo dívidas, na esperança de enriquecer o neto Bixiou, a querida Ágata e os pequenos Bridau. Quando as dívidas chegaram a dez mil francos, jogou paradas mais fortes esperando que sua centena favorita, que há nove anos não saía, encheria o abismo do déficit. A dívida começou, então, a subir rapidamente. Quando atingiu a importância de vinte mil francos, a Descoings perdeu a cabeça e não ganhou a centena. Quis, então, empenhar seus bens para reembolsar a sobrinha; mas Roguin, seu tabelião, demonstrou-lhe a impossibilidade de realizar esse honesto desejo. O finado Rouget, ao morrer o cunhado Descoings, ficara com a herança deste, desinteressando dela a sra. Descoings por meio dum usufruto que gravava os bens de João-Jaques. Nenhum agiota quereria emprestar vinte mil francos a uma mulher de sessenta e sete anos sobre um usufruto de cerca de quatro mil francos, numa época em que abundavam os empregos de capital a dez por cento. Uma manhã, a Descoings lançou-se aos pés da sobrinha e, soluçando, confessou a situação. A sra. Bridau não lhe fez a mínima censura, despediu o criado e a cozinheira, vendeu o supérfluo da mobília e três quartas partes do capital colocado a juros, pagou tudo e rescindiu o contrato do apartamento.

Um dos mais horríveis recantos de Paris é, certamente, o trecho da Rue Mazarine desde a Rue Guénégaud até o ponto em que se reúne à Rue de Seine, atrás do palácio do Instituto. As altas paredes escuras do colégio e da biblioteca, que o cardeal Mazarin doou à cidade de Paris e onde se devia instalar um dia a Academia Francesa, lançam sombras glaciais sobre esse trecho de rua, onde o sol raramente aparece e onde sopra o vento frio do norte. A pobre viúva arruinada instalou-se no terceiro andar duma das casas situadas nesse lugar úmido, escuro e frio. Diante da casa erguem-se os alojamentos do Instituto, onde ficavam então os quartos dos animais ferozes conhecidos pelo nome de artistas entre os burgueses e pelo de troca-tintas nos salões de pintura. Entrava-se lá como troca-tintas e podia-se sair como aluno em Roma por conta do governo. Essa operação não se realizava sem extraordinárias algazarras nas épocas do ano em que os concorrentes se encerravam naqueles quartos. Para serem laureados, deviam concluir, num prazo determinado, se escultores, a modelagem em barro duma estátua; se pintores, um dos quadros que podeis admirar na Escola de Belas-Artes; se músicos, uma cantata; se arquitetos, um projeto de monumento. Na época em que estas linhas são escritas, esse jardim zoológico já foi transferido desses alojamentos escuros e frios para o elegante palácio das Belas-Artes, a alguns passos de lá.

Das janelas da sra. Bridau o olhar mergulhava nesses cubículos gradeados que tinham um aspecto profundamente triste. Ao norte, a perspectiva é limitada pela cúpula do Instituto. Ao longo da rua, os olhos têm como única recreação a fila de fiacres que estacionam na parte alta da Rue Mazarine. Por isso, a viúva acabou colocando nas janelas três caixas com terra, nas quais cultivou um desses jardins aéreos que violam as ordens da polícia e cujas plantas rarefazem a luz e a aeração. Essa casa, encostada a outra que dá para a Rue de Seine, tem, necessariamente, pouca profundidade e a escada é em caracol. O terceiro andar é o último. Três janelas, três peças; uma sala de refeições, uma saleta e um quarto de dormir; e, no outro lado do patamar, uma pequena cozinha, dois quartos de solteiro e uma imensa água-furtada sem função. A sra. Bridau escolheu essa moradia por três motivos: a modicidade, pois custava quatrocentos francos e assim ela

fez um contrato de aluguel por nove anos; a proximidade do colégio, pois ficava a pouca distância do liceu imperial; e, por fim, continuava no bairro a que já se habituara. O interior do apartamento harmonizava-se com o prédio. A sala de refeições, forrada de papelzinho amarelo com flores verdes e cujo assoalho vermelho não foi encerado, continha apenas o estritamente necessário: uma mesa, dois armários e seis cadeiras, tudo trazido do apartamento antigo. A sala foi ornada com um tapete de Aubusson dado a Bridau por ocasião da renovação do mobiliário do ministério. A viúva colocou na sala um desses móveis vulgares de acaju, com cabeças egípcias, que Jacob Desmalter[11] fabricava por atacado em 1806, e forrados de seda verde com rosáceas brancas.

Por cima do canapé, o retrato de Bridau a pastel, pintado por mão amiga, atraía imediatamente os olhares. Embora a arte pudesse encontrar ali o que criticar, reconhecia-se perfeitamente na frente a firmeza do grande cidadão obscuro. A serenidade dos olhos, simultaneamente doces e altivos, estava bem reproduzida. A sagacidade testemunhada pelos lábios prudentes e o sorriso franco, a expressão do homem de quem o imperador dizia: *justum et tenacem*[12] haviam sido apanhados, se não com talento, pelo menos com exatidão. Contemplando o retrato, via-se que o homem sempre cumprira seu dever. Sua fisionomia expressava essa incorruptibilidade que se atribui a vários homens empregados durante a República.

Na parede oposta, sobre uma mesa de jogo, ostentava-se o retrato colorido do imperador feito por Vernet[13] e que mostra Napoleão passando apressadamente a cavalo seguido da escolta. Ágata adquiriu duas grandes gaiolas de pássaros, uma cheia de canários e a outra de aves exóticas. Afeiçoara-se a esse divertimento pueril após a perda, irreparável para ela como para muita gente, que sofrera.

Quanto ao quarto da viúva, já era, ao fim de três meses, o que devia ser até o dia nefasto em que foi obrigada a deixá-lo: uma confusão que descrição alguma poderia pôr em ordem. Os gatos faziam seu domicílio nas poltronas; os canários, às vezes postos em liberdade, deixavam vírgulas sobre os móveis. A pobre viúva espalhava pelo quarto a quirera e o morrião para eles. Os gatos encontravam petiscos em pires

lascados. A roupa usada rolava pelo chão. O quarto cheirava a província e a fidelidade. Tudo quanto pertencera ao finado Bridau fora carinhosamente conservado. Os objetos de escritório receberam os cuidados que antigamente a viúva dum paladino daria a suas armas. Todos compreenderão o culto comovedor dessa mulher por um simples detalhe. Guardara uma pena num envelope lacrado, com a seguinte inscrição: “Última pena de que se serviu meu querido esposo”. A taça em que ele bebera seu último gole estava sob uma campânula, em cima da estufa. Os bonés e as cabeleiras postiças imperaram, mais tarde, sobre os globos de vidro que recobriam essas preciosas relíquias. Após a morte de Bridau, não se viu mais na jovem viúva de trinta e cinco anos o menor vestígio de faceirice nem de cuidados femininos. Separada do único homem que conhecera, estimara, amara, que não lhe dera o mínimo desgosto, não se sentia mais mulher, tudo lhe era indiferente. Não se preocupou mais com o vestuário. Nunca houve nada mais simples nem mais completo que essa renúncia à felicidade conjugal e aos atrativos femininos. Certas criaturas recebem do amor a faculdade de transferir o *eu* para outra pessoa; e, quando esta lhes é arrebatada, a vida se lhes torna impossível. Ágata, que só podia viver para os filhos, sentia uma infinita tristeza ao verificar quantas privações sua ruína lhes imporia. Desde que se instalara à Rue Mazarine, sua fisionomia adquiriu um tom de melancolia que a tornou patética. Contava, um pouco, com o imperador, mas o imperador não podia fazer mais do que estava fazendo: sua caixa particular dava anualmente seiscentos francos a cada filho, além da bolsa de estudos.

Quanto à brilhante Descoings, ocupou, no segundo andar, um apartamento igual ao da sobrinha. Fizera à sra. Bridau uma consignação de mil escudos a retirar preferencialmente de seu usufruto. Roguin, o tabelião, regularizara os direitos da sra. Bridau nesse assunto, mas seriam necessários cerca de sete anos para que esse lento reembolso reparasse o mal. Roguin, encarregado de restaurar os mil e quinhentos francos de renda, ia encaixando sucessivamente as quantias assim descontadas. A Descoings, reduzida a mil e duzentos francos, vivia precariamente com a sobrinha. As duas honestas mas fracas criaturas tomaram uma criada apenas para a parte da manhã. A

Descoings, que gostava da cozinha, fazia o jantar. A noite, alguns amigos, funcionários do ministério que haviam sido empregados por Bridau, iam jogar cartas com as duas viúvas. A Descoings continuava a perseguir sua centena que — dizia — teimava em não sair. Esperava restituir duma vez só o que obrigara a sobrinha a emprestar-lhe. Gostava mais dos dois pequenos Bridau que de seu neto Bixiou, tamanhas eram a consciência que tinha de suas faltas para com eles e a admiração que sentia pela bondade da sobrinha, que, nas maiores penúrias, nunca lhe dirigiu a mínima censura. Assim, ficais sabendo que José e Felipe eram mimados pela Descoings. Como todas as pessoas que têm um vício a se fazer perdoar, a antiga freguesa da loteria imperial da França preparava-lhes pequenos jantares cheios de guloseimas. Mais tarde, José e Felipe podiam arrancar com toda a facilidade dinheiro de sua bolsa, o caçula para lápis, papel e gravuras, e o primogênito para tortas de maçãs, bolinhas de gude, cordões e facas. Sua paixão levava-a a contentar-se com cinquenta francos mensais para todas as despesas, a fim de poder jogar o resto.

Por sua vez, a sra. Bridau, por amor maternal, não deixava sua despesa elevar-se muito. Para punir-se por sua exagerada confiança, restringia heroicamente seus pequenos prazeres. Como acontece a muitos espíritos tímidos e de inteligência limitada, um único sentimento ofendido e sua desconfiança alertada a levavam a desenvolver de tal forma um defeito que este adquiria a consistência de uma virtude. O imperador podia esquecer-se — pensava —, podia morrer numa batalha e sua pensão cessaria consigo. Estremecia ao pensar nas possibilidades de seus filhos ficarem desamparados no mundo. Incapaz de compreender os cálculos de Roguin quando este tentava demonstrar-lhe que em sete anos um desconto de três mil escudos sobre o usufruto da sra. Descoings lhe restituiria os rendimentos de que se desfizera, não acreditava no tabelião nem na tia nem no Estado. Confiava apenas em si mesma e em suas privações. Economizando anualmente mil escudos de sua pensão, teria, no fim de dez anos, trinta mil francos, com os quais constituiria mil e quinhentos francos de renda para os filhos. Aos trinta e seis anos ela tinha o direito de pensar que ainda viveria vinte; e, seguindo esse sistema, daria a

cada filho o indispensável para viver.

Assim, as duas viúvas passaram duma falsa opulência a uma miséria voluntária, uma sob o império dum vício e a outra sob a inspiração da mais pura virtude. Nenhuma destas minudências é inútil ao profundo ensinamento que resultará desta história, colhida no meio dos interesses mais banais da vida, mas cujo alcance, justamente por isso, será ainda mais amplo. A vista dos alojamentos, a algazarra dos aprendizes na rua, a necessidade de olhar para o céu para consolar-se das desoladoras perspectivas daquele recanto sempre úmido, o aspecto do retrato ainda palpitante de alma e de grandeza, apesar do estilo do pintor amador, o espetáculo das cores vivas, mas envelhecidas e harmoniosas, daquele interior agradável e tranquilo, a vegetação dos jardins aéreos, a pobreza da vida doméstica, a predileção da mãe pelo primogênito, sua oposição às inclinações do caçula, enfim, o conjunto de fatos e de circunstâncias que serve de preâmbulo a esta história encerra, talvez, as causas genetrizes a que devemos José Bridau, um dos grandes pintores da escola francesa atual.

IV — A VOCAÇÃO

Felipe, o mais velho dos dois filhos de Bridau, parecia-se extraordinariamente com a mãe. Embora fosse um rapaz louro de olhos azuis, tinha uma atitude provocadora que facilmente se tomava por vivacidade e coragem. O velho Claparon, que entrara para o ministério na mesma época que Bridau e um dos amigos fiéis que iam à noite jogar cartas com as viúvas, dizia, duas ou três vezes por mês, a Felipe, dando-lhe uma palmadinha na face:

— Este valentezinho nunca terá medo de nada!

O menino, estimulado, assumiu, por bravata, uma atitude decidida. E, seguindo as inclinações de seu temperamento, tornou-se exímio em todos os exercícios corporais. A força de tanto lutar no liceu, adquiriu essa ousadia e esse desprezo pela dor que gera a bravura militar; mas, naturalmente, contraiu uma invencível aversão pelos estudos, pois a educação pública nunca resolverá o difícil problema do desenvolvimento simultâneo do corpo e da inteligência. De sua

semelhança puramente física com Felipe, Ágata concluiu uma concordância moral e acreditava firmemente que nele encontraria mais tarde sua delicadeza de sentimentos ampliada pela energia de homem. Felipe tinha quinze anos quando sua mãe se instalou no triste apartamento da Rue Mazarine, e a meiguice dos meninos dessa idade reforçava então a crença materna.

José, três anos mais moço, parecia-se com o pai, mas apenas nos defeitos. Em primeiro lugar, sua abundante cabeleira preta estava sempre em desalinho, por mais que se fizesse. Além disso, por uma fatalidade que nunca se compreendeu — mas uma fatalidade muito constante torna-se um hábito —, José não podia conservar a roupa limpa: os trajes que vestia novos logo ficavam velhos. O primogênito, por amor-próprio, cuidava de si. Insensivelmente, a mãe foi-se habituando a repreender José e a dar-lhe o irmão como exemplo. Ágata nem sempre se mostrava a mesma para os dois filhos; e, quando ia buscá-los, dizia de José:

— Em que estado terá ele deixado suas coisas?

Esses pequenos incidentes projetavam seu coração no abismo da preferência materna.

Ninguém, entre as pessoas extremamente vulgares que compunham o círculo de relações das duas viúvas, nem o tio Du Bruel nem o velho Claparon nem Desroches pai nem mesmo o padre Loraux,^[14] o confessor de Ágata, notou o pendor de José para a observação. Dominado por sua paixão, o futuro colorista não prestava atenção a nada do que lhe dizia respeito; e, durante a infância, essa disposição se assemelhou de tal forma à preguiça que o pai ficou preocupado com ele. O extraordinário volume da cabeça e a amplitude da fronte fizeram reear, no início, que o menino fosse hidrocéfalo. O rosto apreensivo, cuja originalidade pode passar por fealdade aos olhos dos que não conhecem a significação moral duma fisionomia, foi, durante a juventude, muito carrancudo. As feições, que só mais tarde se desenvolveram, pareciam contraídas, e a profunda atenção que o menino prestava às coisas as crispava ainda mais. Felipe lisonjeava, pois, todas as vaidades da mãe, enquanto José não lhe atraía o mínimo elogio. Ocorriam a Felipe essas frases felizes, essas réplicas que

convencem os pais de que os filhos serão homens notáveis, enquanto José se conservava taciturno e pensativo. A mãe esperava maravilhas de Felipe e nada de José.

A predisposição de José para a arte manifestou-se à custa dum fato muito banal: em 1812, nas férias da Páscoa, ao voltar dum passeio às Tuileries com o irmão e a sra. Descoings, viu um aluno fazendo na parede a caricatura dum professor e a admiração o imobilizou na calçada diante daquele desenho a giz que transbordava de malícia. No dia seguinte, o menino postou-se à janela, observou a entrada dos alunos pela porta da Rue Mazarine, desceu furtivamente e insinuou-se pelo longo pátio do Instituto, onde viu estátuas, bustos, mármores começados, terracotas, gessos, que contemplou febrilmente, pois seu instinto se revelava, sua vocação o sacudia. Entrou numa sala baixa cuja porta estava entreaberta e viu uma dezena de rapazes delineando uma estátua e para os quais ele logo se transformou num objeto de zombarias.

— Menino! Menino! — gritou o primeiro que o avistou, atirando-lhe migalhas de pão.

— De quem é o menino?

— Meu Deus, como é feio!

Durante um quarto de hora, José suportou os ultrajes do ateliê do grande estatuariário Chaudet;^[15] mas, após terem zombado dele à vontade, os alunos ficaram impressionados com sua persistência e sua fisionomia, e perguntaram-lhe que é que ele queria. José respondeu que tinha muita vontade de aprender a desenhar; e, então, todos começaram a encorajá-lo. O menino, conquistado por esse tom de amizade, contou que era filho da sra. Bridau.

— Oh! Se és filho da sra. Bridau — gritaram de todos os lados —, podes tornar-te um grande homem. Viva o filho da sra. Bridau! Tua mãe é bonita? A julgar pela amostra da tua cabeça, ela deve ser uma beleza!

— Ah! Queres ser artista? — disse-lhe o mais velho dos alunos, deixando seu lugar e aproximando-se de José para dar-lhe um trote. — Mas sabes que para isso é preciso ser valente e suportar grandes misérias? Sim, há provas capazes de te quebrarem os braços e as

pernas. De todos esses bichos que estás vendo, repara!, não há nenhum que não tenha passado pelas provas. Aquele lá ficou sete dias sem comer! Vamos ver se podes ser artista!

Tomou-lhe um braço e ergueu-o estendido e depois colocou o outro como se José fosse dar um soco.

— Chamamos isto de prova do telégrafo — acrescentou. — Se ficares assim, sem baixar nem mudar a posição dos membros durante um quarto de hora, terás dado prova de ser um grande valente.

— Vamos, pequeno, coragem — disseram os outros. — Diabo! É preciso sofrer para ser artista.

José, na sua boa-fé de menino de treze anos, ficou imóvel cerca de cinco minutos e todos os alunos o contemplavam seriamente.

— Oh! Estás baixando! — dizia um.

— Eh! Fica quieto, batuta! — dizia outro.

— O imperador Napoleão ficou um mês inteiro como estás vendo ali — disse um aluno, mostrando a bela estátua de Chaudet.

O imperador, de pé, segurava o cetro imperial, e essa estátua foi abatida, em 1814, da coluna que ela coroava tão bem. Ao fim de dez minutos, o suor corria em bagas pela testa de José. Nesse momento, um homenzinho calvo, pálido e franzino entrou, e reinou na sala o mais respeitoso silêncio.

— Então, rapazes, que estão fazendo? — perguntou, contemplando o mártir do ateliê.

— É um homenzinho camarada que está posando — disse o aluno que havia colocado José naquela posição.

— Não têm vergonha de torturar um pobre menino assim? — disse Chaudet, abaixando os dois membros de José. — Há quanto tempo estás assim? — perguntou a José, dando-lhe uma palmadinha amiga na face.

— Há um quarto de hora.

— E que é que te trouxe aqui?

— Eu queria ser artista.

— E de onde saíste, de onde vieste?

— Da casa de mamãe.

— Oh! Mamãe! — gritaram os alunos.

— Silêncio e tratem de trabalhar! — gritou Chaudet. — Quem é tua mãe?

— É a sra. Bridau. Papai, que morreu, era amigo do imperador. Assim, o imperador, se o senhor quiser ensinar-me a desenhar, pagará o que o senhor pedir.

— Seu pai era chefe de divisão no Ministério do Interior! — exclamou Chaudet, recordando-se. — E queres ser artista desde já?

— Sim, senhor.

— Vem cá sempre que quiseses e te divertirás! Deem-lhe um cartão, papel e lápis e deixem-no trabalhar. Fiquem sabendo, patifes, que sou grato a seu pai. Olha, Corda-de-Poço, vai buscar bolos, doces e balas — disse, entregando uma moeda ao aluno que abusara de José. — Veremos se és artista pela maneira como comeres os legumes — acrescentou Chaudet, acariciando-lhe o queixo.

Depois, passou em revista os trabalhos dos alunos, acompanhado do menino, que olhava, escutava e esforçava-se por compreender. As gulodices chegaram. Todos os da sala, inclusive o escultor e o menino, deram sua dentada. José foi, então, mimado como fora maltratado. Essa cena, na qual o espírito brincalhão e o coração dos artistas se revelavam, causou uma prodigiosa impressão no menino. A aparição de Chaudet, escultor arrebatado por uma morte prematura e que a proteção do imperador destinava à glória, foi, para José, como uma visão. O menino não contou nada à mãe daquela fugida; todos os domingos e quintas-feiras, porém, passou três horas no ateliê de Chaudet. A Descoings, que protegia as fantasias dos dois querubins, passou a dar a José lápis, sanguinas, estampas e papel de desenho. No liceu imperial, o futuro artista bosquejava os professores, desenhava os camaradas, encarvoava os dormitórios e manteve uma espantosa assiduidade às aulas de desenho. Lemire, professor do liceu imperial, [16] impressionado não só com a inclinação como com os progressos de José, foi comunicar à sra. Bridau a vocação de seu filho. Ágata, mulher provinciana que compreendia tão pouco as artes como bem compreendia a vida doméstica, foi assaltada de terror. Quando Lemire se retirou, a viúva pôs-se a chorar.

— Ah! — disse, quando a Descoings chegou. — Estou perdida! José,

de quem eu queria fazer um funcionário público, que tinha sua carreira traçada no Ministério do Interior, onde, protegido pela sombra do pai, seria chefe de repartição aos vinte e cinco anos, pois bem!, quer ser pintor, uma profissão miserável. Bem eu previa que esse menino só me daria desgostos!

A sra. Descoings confessou que há vários meses vinha encorajando a vocação de José e encobria, aos domingos e quintas-feiras, suas fugas ao Instituto. No salão de pintura, aonde o levava, a profunda atenção que o rapazinho prestava aos quadros parecia um milagre.

— Se entende a pintura aos treze anos, querida — disse —, teu José será um homem genial.

— Sim! Veja aonde o gênio levou seu pai! A morrer consumido pelo trabalho aos quarenta anos!

Nos últimos dias do outono, quando José ia completar catorze anos, Ágata desceu, apesar das instâncias da Descoings, à casa de Chaudet, para opor-se a que pervertessem seu filho. Encontrou Chaudet com um avental azul, modelando sua última estátua. Ele recebeu quase mal a viúva dum homem que outrora lhe prestara um favor numa circunstância bastante crítica; mas, já atingido em sua vida, ele se debatia nesse arrebatamento que nos permite fazer em poucos momentos o que é difícil executar em alguns meses. Encontrara uma coisa há muito procurada e manejava o cinzel e o barro com movimentos bruscos que à ignorante Ágata pareceram gestos de maníaco. Em qualquer outra disposição de espírito, Chaudet teria começado a rir; mas, ao ouvir aquela mãe amaldiçoar as artes, queixar-se do destino que impunham ao filho e pedir que não o recebesse mais em seu ateliê, foi tomado dum furor sagrado.

— Devo obrigações a seu finado marido e queria pagá-las estimulando seu filho, vigiando os primeiros passos de seu pequeno José na maior de todas as carreiras! — exclamou. — Sim, senhora, fique sabendo, se ainda não sabe, que um grande artista é um rei, mais que um rei: em primeiro lugar, é mais feliz, é independente, vive como quer; além disso, reina no mundo da fantasia. Ora, seu filho tem o mais belo futuro! Aptidões como as suas são raras, só se manifestaram tão cedo nos Giotto, nos Rafael, nos Ticiano, nos Rubens, nos Murillo, pois

ele me parece mais inclinado a pintor que a escultor. Meu Deus! Se eu tivesse um filho como ele, seria mais feliz do que o é o imperador por ser pai do rei de Roma! Mas a senhora é a dona do destino de seu filho. Está bem, senhora! Faça dele um imbecil, um homem que não fará mais do que andar dum lado para outro, um miserável escrevente: cometerá um assassinio. Espero que, apesar de seus esforços, ele acabe sendo artista. A vocação é mais forte que todos os obstáculos que opõem a seus impulsos! A vocação, a palavra quer dizer apelo, é a eleição por Deus! A senhora fará seu filho infeliz!

Atirou a um balde o cinzel de que já não precisava e disse ao modelo:

— Basta, por hoje.

Ágata levantou os olhos e viu uma mulher nua sentada sobre um banquinho num canto da sala onde seu olhar ainda não pousara; e esse espetáculo a fez sair apavorada.

— Não recebam mais aqui o pequeno Bridau — disse Chaudet aos alunos. — Isso contraria a senhora sua mãe.

— Hui! — gritaram os alunos, quando Ágata fechou a porta.

— E José ia lá! — disse consigo a pobre viúva, aterrorizada com o que vira e ouvira.

Quando os estudantes de escultura e de pintura souberam que a sra. Bridau não queria que seu filho se tornasse artista, sua maior ventura passou a ser atrair José para seu meio. Apesar da promessa que a mãe lhe arrancou de não ir mais ao Instituto, o menino introduzia-se frequentemente no ateliê que Regnauld[17] lá possuía e onde o encorajavam a enlambuzar algumas telas. Quando a viúva quis se queixar, os alunos de Chaudet disseram-lhe que o sr. Regnauld não era Chaudet; que, além disso, ela não confiara o filho à sua guarda e mil outros gracejos. Os atrozes troca-tintas compuseram e cantaram uma canção sobre a sra. Bridau, com cento e trinta e sete estrofes.

Na noite desse triste dia, Ágata recusou-se a jogar e ficou numa poltrona mergulhada numa tristeza tão profunda que às vezes brotavam lágrimas de seus belos olhos.

— Que tem, sra. Bridau? — perguntou-lhe o velho Claparon.

— Ela acha que o filho terá de pedir esmolas porque tem a bossa da

pintura — disse a Descoings. — Eu, porém, não tenho a mínima preocupação pelo futuro do meu enteado, o pequeno Bixiou, que também tem mania de desenhar. Os homens foram feitos para lutar.

— A senhora tem razão — disse o seco e duro Desroches, que nunca conseguira, apesar de suas aptidões, chegar a subchefe. — Eu, felizmente, tenho apenas um filho, pois, com meus mil e oitocentos francos e uma mulher que ganha apenas mil e duzentos francos com sua loja de papel timbrado, que seria de mim? Coloquei meu rapaz como ajudante de escrevente no escritório dum advogado, onde recebe vinte e cinco francos por mês e o almoço. Dou-lhe outro tanto, ele janta e dorme em casa: eis tudo, ele precisa subir e há de fazer carreira! Proporciono a meu filho melhor futuro do que se o pusesse no colégio e qualquer dia ele será advogado. Quando lhe pago uma entrada de teatro, ele se sente feliz como um rei, beija-me, oh!, trago-o seguro, ele me presta contas do emprego do dinheiro.[18] A senhora é boa demais para os filhos. Se seu filho quiser passar dificuldades, deixe-o fazê-lo! Há de ser alguma coisa!

— O meu tem apenas dezesseis anos — disse Du Bruel, antigo chefe de divisão, recentemente aposentado — e a mãe o adora. Mas eu não daria ouvidos a uma vocação que se manifestasse tão cedo. Isso é pura fantasia, um capricho que passará! Acho que os rapazes precisam ser governados.

— O senhor é rico, é homem e tem só um filho — disse Ágata.

— É verdade! — replicou Claparon. — Os filhos são nossos tiranos (*em coração*). O meu enfurece-me, deixou-me na miséria e acabei por não me preocupar mais com ele (*independência*).[19] Pois bem, ele é mais feliz assim, e eu também. O patife foi, em parte, a causa da morte de sua pobre mãe. Fez-se caixeiro-viajante e teve sua oportunidade; mas nem bem entrava para uma casa já queria sair, não ficava em lugar algum, não quis aprender nada; só peço a Deus para morrer sem vê-lo desonrar meu nome![20] Os que não têm filhos ignoram muitos prazeres, mas também evitam muitas aflições.

— Eis o que são os pais! — disse Ágata, chorando novamente.

— Digo-lhe isto, querida sra. Bridau, para mostrar-lhe que deve deixar o filho tornar-se pintor; de outra forma, a senhora perderá seu

tempo...

— Se a senhora fosse capaz de corrigi-lo — replicou o rude Desroches —, eu lhe diria que se opusesse a suas inclinações; mas, fraca como é com eles, deixe-o garatujar, rabiscar.

— Perdido! — disse Claparon.

— Como perdido? — exclamou a pobre mãe.

— Sim, meu jogo de *independência no coração*, essa mecha de Desroches sempre me faz perder.

— Console-se, Ágata — disse a Descoings. — José será um grande homem.

Após essa discussão, que se assemelhou a todas as discussões humanas, os amigos da viúva chegaram a uma conclusão unânime e essa conclusão não pôs termo às suas perplexidades. Aconselharam-na a deixar José seguir sua vocação.

— Se ele não tiver talento — disse Du Bruel, que cortejava Ágata —, sempre será tempo de metê-lo na administração. No alto da escada, a Descoings, acompanhando os três velhos funcionários, chamou-os de *sábios da Grécia*.

— Ela se preocupa demais — disse Du Bruel.

— É uma sorte para ela que o filho queira fazer alguma coisa — disse Claparon.

— Se Deus nos conservar o imperador — disse Desroches —, José terá proteção! Assim, com que é que ela se preocupa?

— Ela tem medo de tudo quando se trata dos filhos — respondeu a Descoings. — E então, minha pequena — acrescentou, ao voltar —, estás vendo, eles são unânimes. Por que ainda estás chorando?

— Ah! Se se tratasse de Felipe, eu não teria nenhum receio. A senhora não sabe o que se passa nessas salas de pintura! Os artistas têm lá mulheres nuas.

— Mas acho que eles acendem a estufa — disse a Descoings.

V — O GRANDE HOMEM DA FAMÍLIA

Alguns dias mais tarde, estalaram as desgraças da derrota de Moscou. Napoleão voltou para organizar novas forças e pedir novos sacrifícios à

França. A pobre mãe ficou, então, entregue a muitas outras preocupações. Felipe, que não gostava do liceu, queria firmemente servir ao imperador. Uma revista nas Tuileries,^[21] a última que ali fez Napoleão e a que Felipe assistiu, o fanatizara. Naquele tempo, o esplendor militar, o aspecto dos uniformes e a autoridade das dragonas exerciam irresistíveis sedução sobre certos moços. Felipe julgou possuir pelo serviço militar as mesmas inclinações que José manifestava pelas artes. Sem que a mãe o soubesse, dirigiu ao imperador uma petição concebida nestes termos: “Sire, sou filho de vosso Bridau, tenho dezoito anos, cinco pés e seis polegadas, boas pernas, uma forte constituição e o desejo de ser um de vossos soldados. Peço vossa proteção para ingressar no Exército” etc.

Em vinte e quatro horas o imperador transferiu Felipe do liceu imperial para Saint-Cyr e, seis meses mais tarde, em novembro de 1813, ele saiu subtenente dum regimento de cavalaria. Felipe ficou durante uma parte do inverno no quartel de instrução de recrutas; logo, porém, que aprendeu a montar, partiu cheio de entusiasmo. Durante a campanha da França, foi promovido a tenente graças a uma ação de vanguarda em que sua impetuosidade salvou seu coronel. O imperador nomeou Felipe capitão na batalha de La Fère-Champenoise, onde o tomou como ajudante de ordens. Estimulado por tais promoções, Felipe conquistou a cruz em Montereau. Testemunha da despedida de Napoleão em Fontainebleau e fanatizado por esse espetáculo, o capitão Felipe recusou-se a servir aos Bourbon. Quando voltou para a casa da mãe, em 1814, encontrou-a arruinada. Suprimiram a bolsa de José durante as férias e a sra. Bridau, cuja pensão era custeada pela caixa particular do imperador, solicitou em vão que a consignassem no orçamento do Ministério do Interior.

José, mais pintor do que nunca, encantado com esses acontecimentos, pediu à mãe que o deixasse frequentar a casa do sr. Regnauld e prometia poder ganhar a vida. Dizia-se suficientemente forte nas matérias do penúltimo ano para dispensar a classe de retórica.

Capitão aos dezenove anos e condecorado, Felipe, tendo servido como ajudante de ordens do imperador em dois campos de batalha,

lisonjeava imensamente o amor-próprio da mãe; assim, embora grosseiro, desordeiro, sem outro mérito além da vulgar bravura do soldado, parecia, a seus olhos, um homem genial. Enquanto isso, José, pequeno, magro, doentio, com uma frente selvagem, amando a paz, a tranquilidade, sonhando com a glória artística, só lhe daria, segundo pensava, tormentos e inquietações.

O inverno de 1814 a 1815 foi favorável a José, que, secretamente protegido pela Descoings e por Bixiou, aluno de Gros,[22] foi trabalhar nesse famoso salão de onde saíram tantos talentos diferentes e onde se ligou muito intimamente com Schinner.[23] Veio o 20 de março.[24] O capitão Bridau, que se uniu ao imperador em Lyon e o acompanhou às Tuileries, foi nomeado chefe de esquadrão dos Dragões da Guarda. Após a batalha de Waterloo, na qual foi ferido levemente e conquistou a cruz de oficial da Legião de Honra, ficou ao lado do marechal Davoust,[25] por ocasião de Saint-Denis, e não participou do Exército do Loire; assim, pela proteção do marechal Davoust, sua cruz de oficial e seu posto foram conservados, mas deixaram-no a meio-soldo.

José, preocupado com o futuro, estudou durante esse período com um entusiasmo que o fez adoecer várias vezes no meio dessa tempestade de acontecimentos.

— É o cheiro da tinta — dizia Ágata à sra. Descoings. — Ele devia abandonar uma profissão tão nociva à saúde.

Todas as ansiedades de Ágata dirigiam-se, então, a seu filho, o tenente-coronel. Tornou a encontrá-lo em 1816, reduzido, dos nove mil francos que recebia um comandante de Dragões da Guarda imperial, a um meio-soldo de trezentos francos por mês. Ágata mandou, então, arranjar para ele a água-furtada que ficava sobre a cozinha e gastou nisso algumas economias. Felipe foi um dos bonapartistas mais assíduos do Café Lemblin, verdadeira Beócia[26] constitucional; adquiriu os hábitos, as maneiras, o estilo e o modo de vida dos oficiais a meio-soldo; e, como teria feito qualquer rapaz de vinte e um anos, sobrepujou-os, nutriu seriamente um ódio mortal contra os Bourbon, não quis saber de qualquer entendimento e recusou até mesmo as ocasiões que se apresentaram de ser aproveitado no Exército no posto de tenente-coronel. Aos olhos da mãe, Felipe pareceu manifestar um

grande caráter.

— O pai não teria agido melhor — dizia.

O meio-soldo bastava a Felipe, que não era pesado em casa, ao passo que José vivia inteiramente à custa das duas viúvas.

Desde esse momento, a predileção de Ágata se traiu. Até então, a preferência fora um segredo; mas a perseguição exercida contra um fiel soldado do imperador, a recordação do ferimento recebido pelo filho querido, sua coragem na adversidade, que, embora voluntária, era para ela uma nobre adversidade, despertaram a afeição de Ágata. A frase “Ele é infeliz!” desculpava tudo. José, cujo caráter possuía essa simplicidade que transborda, no começo da vida, da alma dos artistas, educado, por outro lado, numa certa admiração pelo grande irmão, longe de ficar chocado com a predileção da mãe, justificava-a, participando do culto por um bravo que havia transmitido as ordens de Napoleão em duas batalhas, por um ferido de Waterloo. Como pôr em dúvida a superioridade desse grande irmão que ele vira metido no belo uniforme verde e dourado dos Dragões da Guarda, comandando seu esquadrão no Campo de Maio?[27] Apesar de sua preferência, Ágata mostrou-se excelente mãe: amava José, mas sem deslumbramento; não o compreendia, eis tudo. José adorava a mãe, enquanto Felipe se deixava adorar por ela. Entretanto, o dragão abrandava diante dela sua brutalidade soldadesca; não dissimulava, porém, seu desprezo por José, embora o manifestasse sob uma forma afetuosa. Ao ver o irmão oprimido por uma enorme cabeça e emagrecido por um trabalho constante, extremamente franzino e definhado aos dezessete anos, chamava-o: “Fedelho!”. Suas maneiras sempre protetoras teriam sido injuriosas se não fosse a despreocupação do artista que acreditava na bondade que os soldados escondem sob sua atitude brutal. José ainda não sabia, o coitadinho, que os militares verdadeiramente inteligentes são brandos e corteses como as outras criaturas superiores. A inteligência é sempre igual em qualquer circunstância.

— Pobre rapaz! — dizia Felipe à mãe. — É preciso não molestá-lo. Deixe-o divertir-se.

Esse desdém parecia, aos olhos da mãe, uma prova de afeição fraterna.

“Felipe sempre estimará e protegerá o irmão”, pensava.

Em 1816, José obteve permissão da mãe para converter em ateliê a água-furtada contígua à sua mansarda, e a Descoings deu-lhe algum dinheiro para comprar as coisas indispensáveis ao *ofício de pintor*. Na vida das duas viúvas, a pintura significava apenas um ofício. Com o engenho e o entusiasmo que acompanham a vocação, José arranjou pessoalmente tudo na sua pobre sala de trabalho. O proprietário, a pedido da sra. Descoings, mandou abrir o telhado e colocar uma claraboia. A água-furtada transformou-se numa vasta sala pintada de cor de chocolate por José, que pendurou nas paredes alguns desenhos. Ágata colocou lá, não sem pesar, uma estufa de ferro fundido, e José pôde trabalhar em casa sem, no entanto, faltar ao salão de Gros nem ao de Schinner.

O partido constitucional, sustentado principalmente pelos oficiais a meio-soldo e pelo partido bonapartista, promoveu, nessa época, motins perto da Câmara, em nome da Carta Constitucional, que ninguém queria, e tramou várias conspirações. Felipe, que se envolveu nelas, foi preso e depois libertado por falta de provas; o ministro da Guerra, porém, suprimiu-lhe o meio-soldo, transferindo-o para um quadro que se poderia chamar de disciplinar. A França estava insuportável; Felipe acabaria caindo nalguma cilada armada pelos agentes provocadores. Falava-se muito então nos agentes provocadores. Enquanto Felipe jogava bilhar nos cafés suspeitos, perdendo seu tempo e habituando-se a sorver cálices de diferentes licores, Ágata afligia-se pelo grande homem da família. Os três sábios da Grécia estavam tão habituados a fazer todas as noites o mesmo trajeto, a subir a escada das duas viúvas, a encontrá-las à sua espera e prontas a pedir-lhes suas impressões do dia que já não podiam deixá-las. Iam sempre jogar cartas na saleta verde. O Ministério do Interior, entregue às depurações de 1816, conservara Claparon, um desses medrosos que transmitem a meia-voz as notícias do *Moniteur*,^[28] acrescentando: “Não me comprometa!”. Desroches, aposentado algum tempo depois do velho Du Bruel, ainda estava reclamando sua pensão. Os três amigos, testemunhas do desespero de Ágata, aconselharam-na a fazer o coronel viajar.

— Falam em conspiração, e seu filho, com o caráter que possui, será

vítima de alguma denúncia, pois sempre há traidores.

— Que diabo! Ele é feito do material de que seu imperador fazia os marechais — disse Du Bruel em voz baixa, olhando para todos os lados — e não deve abandonar sua profissão. Ele que vá servir no Oriente, nas Índias...

— E sua saúde? — disse Ágata.

— Então por que não arranja um emprego? — perguntou o velho Desroches. — Estão sendo fundadas tantas empresas particulares! Vou ser chefe de escritório numa companhia de seguros, logo que minha pensão estiver regularizada.

— Felipe é soldado, só gosta da guerra — disse a belicosa Ágata.

— Então devia ter juízo e pedir para servir...

— A esses?! — exclamou a viúva. — Oh! Não seria eu que lhe aconselharia isso, nunca!

— Pois não tem razão — replicou Du Bruel. — Meu filho acaba de ser empregado pelo duque de Navarreins.[29] Os Bourbon são excelentes para os que aderem sinceramente. Seu filho seria nomeado tenente-coronel dum regimento.

— Só querem nobres na cavalaria e ele nunca seria coronel — comentou a Descoings.

Ágata, assustada, pediu a Felipe que fosse para o estrangeiro e se colocasse a serviço de alguma potência, que certamente receberia com agrado um ajudante de ordens do imperador.

— Servir aos estrangeiros?! — exclamou Felipe, horrorizado.

Ágata abraçou o filho com efusão, dizendo:

— É exatamente como o pai!

— Ele tem razão — disse José. — O francês é demasiado orgulhoso de sua coluna para alistar-se em colunas estrangeiras. Além disso, talvez Napoleão volte mais uma vez!

Para agradar a mãe, Felipe teve, então, a magnífica ideia de ir juntar-se ao general Lallemand,[30] nos Estados Unidos, e de cooperar na fundação do Campo de Asilo, uma das mais terríveis mistificações conhecidas pelo nome de subscrições nacionais. Ágata gastou dez mil francos para acompanhar e embarcar o filho no Havre. No fim de 1817, Ágata conseguiu viver com os seiscentos francos de rendimento que lhe

sobraram; depois, por uma feliz inspiração, aplicou imediatamente os dez mil francos que lhe restaram de suas economias e que lhe deram outros setecentos francos de juros.

José quis participar dessa obra de abnegação: passou a vestir-se como um beleguim, a usar sapatos grossos e meias azuis, a renunciar às luvas e a queimar carvão de pedra; alimentou-se de pão, leite e queijo *brie*. O pobre menino só recebia estímulo da velha Descoings e de Bixiou, seu companheiro de colégio e camarada de arte, que fez nessa época suas admiráveis caricaturas, enquanto exercia um modesto cargo num ministério.

— Com que prazer vi chegar o verão de 1818! — disse muitas vezes Bridau, narrando suas dificuldades de então. — O sol dispensou-me de comprar carvão.

Nessa época, já tão hábil como Gros em pintura, visitava o mestre apenas para consultá-lo; meditava antes de romper altivamente com os clássicos, de quebrar as convenções gregas e os moldes em que se encerrava uma arte a que a natureza pertence tal como é, na onipotência de suas criações e de suas fantasias. José preparava-se para a luta que, desde o dia em que apareceu no Salão, em 1823, não cessou mais. O ano foi terrível: Roguin, o tabelião da sra. Descoings e da sra. Bridau, desapareceu,^[31] levando os descontos feitos durante sete anos sobre o usufruto e que já deviam render dois mil francos de juros. Três dias após esse desastre, chegou de Nova York uma letra de câmbio sacada pelo coronel Felipe sobre sua mãe. O pobre rapaz, iludido como tantos outros, perdera tudo no Campo de Asilo. Essa carta, que mergulhou em lágrimas Ágata, a Descoings e José, falava de dívidas contraídas em Nova York, onde os camaradas de infortúnio afiançaram pelo coronel.

— Fui eu que o obriguei a embarcar! — exclamou a pobre mãe, engenhosa em desculpar as faltas de Felipe.

— Não te aconselho — disse a velha Descoings à sobrinha — a que o faças realizar muitas viagens dessa espécie.

A sra. Descoings era heroica. Continuava a dar mil escudos à sra. Bridau, mas também continuava a perseguir a centena que, desde 1799, ainda não saíra. Por esse tempo, começou a duvidar da honestidade da

administração da loteria. Acusou o governo e considerou-o muito capaz de suprimir os três números da urna a fim de provocar os lances furiosos dos assinantes. Após um rápido exame de seus recursos, pareceu impossível conseguir mil francos sem conseguir vender uma parte dos títulos de renda. As duas mulheres falaram em empenhar a prataria, uma parte da roupa ou o supérfluo da mobília.

José, assustado com esses projetos, foi procurar Gérard,[32] expôs-lhe sua situação e o grande pintor conseguiu para ele, no ministério da casa do rei, duas cópias do retrato de Luís XVIII à razão de quinhentos francos cada uma. Embora fosse pouco generoso, Gros levou o aluno à casa dum vendedor de material de pintura, a quem mandou debitar em sua conta os acessórios de que José necessitava. Os mil francos, porém, só seriam pagos quando as cópias fossem entregues. José fez, então, quatro quadros em dez dias, vendeu-os e levou os mil francos à mãe, que pôde saldar a letra de câmbio. Oito dias mais tarde, chegou outra carta, pela qual o coronel avisava a mãe de sua partida a bordo dum navio cujo capitão o traria sob palavra. Felipe anunciava que precisaria de outros mil francos, pelo menos, ao desembarcar no Havre.

— Bom — disse José à mãe —, até lá terei terminado minhas cópias e levarás os mil francos para ele.

— Querido José! — exclamou Ágata banhada em lágrimas, beijando-o. — Deus te abençoará. Estimas, então, esse pobre perseguido? Ele é a nossa glória e todo o nosso futuro. Tão jovem, tão bravo e tão infeliz! Tudo está contra ele, sejamos pelo menos três em seu favor.

— Estás vendo que a pintura serve para alguma coisa — disse José, contente por obter, finalmente, da mãe a permissão para ser um grande artista.

A sra. Bridau correu ao encontro do bem-amado filho coronel Felipe. Uma vez no Havre, foi todos os dias além da torre redonda construída por Francisco I, esperando o navio americano e concebendo, dia a dia, as mais cruéis inquietações. Só as mães sabem o quanto os sofrimentos dessa natureza reavivam os sentimentos maternos. O navio chegou numa bela manhã de outubro de 1819, sem avarias, sem ter apanhado a menor rajada de vento. Mesmo no homem mais bruto a atmosfera da pátria e a visão da mãe produzem um certo

feito, sobretudo após uma viagem cheia de misérias. Felipe entregou-se, pois, a uma efusão de sentimentos que fez Ágata pensar: “Ah! Como me ama!”.

O oficial, porém, amava a uma única pessoa no mundo, e essa pessoa era o coronel Felipe. Seus infortúnios no Texas, sua permanência em Nova York, lugar onde a especulação e o individualismo foram levados ao mais alto grau, onde a brutalidade dos interesses chega ao cinismo, onde o homem, essencialmente isolado, é obrigado a agir por sua própria conta, onde a cortesia não existe... enfim, os mínimos episódios da viagem haviam desenvolvido em Felipe as más inclinações do antigo soldado: tornara-se brutal, bebedor, fumador, egoísta, grosseiro; a miséria e os sofrimentos físicos o haviam depravado. Por outro lado, o coronel considerava-se perseguido. Tal convicção torna as criaturas sem inteligência perseguidoras e intolerantes.

Para Felipe, o universo começava em sua cabeça e terminava em seus pés, o sol brilhava apenas para ele. Enfim, o espetáculo de Nova York, interpretado por esse homem de ação, havia-lhe arrebatado os menores escrúpulos em questão de moralidade. Entre os indivíduos dessa espécie, há apenas duas maneiras de ser: acreditam ou não acreditam; possuem todas as virtudes de homem de bem ou se entregam a todas as exigências da necessidade; finalmente, habituam-se a erigir seus mínimos interesses e cada capricho passageiro de suas paixões em necessidade. Com esse sistema, pode-se ir longe. O coronel conservara, na aparência apenas, a lealdade, a franqueza, a displicência do militar. Assim, era extremamente perigoso e parecia inofensivo como uma criança; mas, não tendo que pensar senão em si próprio, nunca fazia nada sem refletir no que devia fazer, assim como um astuto procurador reflete nalguma manobra de mestre Gonin.[33] As palavras não lhe custavam nada e ele as empenhava enquanto queriam acreditar nelas.

Se, por infelicidade, alguém não aceitava as explicações pelas quais justificava as contradições entre sua conduta e sua linguagem, o coronel, que manejava soberbamente bem a pistola, que podia desafiar o mais hábil esgrimista e que possuía o sangue-frio de todos aqueles a

quem a vida é indiferente, estava pronto a exigir satisfação da menor palavra áspera; mas, enquanto esperava, parecia homem inclinado a violências, depois das quais qualquer entendimento é impossível. Sua estatura imponente adquirira corpulência e seu rosto bronzeara-se durante a permanência no Texas. Conservava a pronúncia rápida e o tom incisivo do homem obrigado a fazer-se respeitar no turbilhão da população de Nova York. Nessas condições, singelamente vestido, com o corpo visivelmente enrijado pelas recentes misérias, Felipe apareceu à pobre mãe como um herói; havia-se tornado, entretanto, apenas o que o vulgo denomina muito rudemente um *vagabundo*. Impressionada com a penúria do filho querido, a sra. Bridau mandou fazer-lhe, no Havre, um enxoval completo. Ouvindo a narração de suas desventuras, não teve energia para impedi-lo de beber, de comer e de divertir-se como devia beber e divertir-se um homem que voltava do Campo de Asilo. Foi, sem dúvida, uma bela concepção a da conquista do Texas pelos restos do Exército imperial; falhou, porém, menos pelas coisas do que pelos homens, pois atualmente o Texas é uma república cheia de futuro. Essa experiência do liberalismo durante a Restauração prova solidamente que seus interesses eram puramente egoístas e de modo algum nacionalistas, visavam o poder e não outra coisa. Não foram os homens nem o ambiente, nem a ideia, nem a dedicação que faltaram, e sim o dinheiro e o apoio desse partido hipócrita que dispunha de somas enormes e que não quis despendar nada quando se tratava de restaurar um império.

As donas de casa do gênero de Ágata possuem um bom senso que lhes permite prever esses embustes políticos. A pobre mãe percebeu, então, a verdade, através da narrativa do filho, pois, no interesse do proscrito, deu ouvidos, durante sua ausência, à pomposa propaganda dos jornais constitucionais e acompanhou o movimento dessa famosa subscrição que conseguiu apenas cento e cinquenta mil francos quando seriam necessários cinco ou seis milhões. Os chefes do liberalismo perceberam logo que estavam favorecendo os interesses de Luís XVIII ao exportar da França os gloriosos remanescentes de nossos exércitos e abandonaram os mais dedicados, os mais ardentes, os mais entusiastas, os que se haviam apresentado em primeiro lugar. Ágata

nunca pôde explicar ao filho que ele era mais um iludido que um perseguido. Na sua fé em seu ídolo, acusou-se de ignorância e deplorou a adversidade dos tempos que atingia Felipe. Efetivamente, até então, em todos os seus infortúnios, ele fora menos culpado do que vítima de seu belo caráter, de sua energia, da queda do imperador, da duplicidade dos liberais e da tenacidade dos Bourbon contra os bonapartistas. Durante essa semana passada no Havre, semana horivelmente dispendiosa, ela não teve coragem de propor-lhe que se reconciliasse com o governo real e se apresentasse ao Ministério da Guerra; teve trabalho de sobra para conseguir tirá-lo do Havre, onde a vida é muito cara, e levá-lo para Paris, quando não tinha mais que o dinheiro para a viagem.

VI — MARIETA

A Descoings e José, que esperavam o proscrito em seu desembarque no pátio da Empresa Real de Transportes, ficaram impressionados com a alteração do rosto de Ágata.

— Tua mãe envelheceu dez anos em dois meses — disse a Descoings a José, no meio dos abraços e enquanto descarregavam as duas malas.

— Bom dia, tia Descoings — foi a frase afetuosa do coronel para a antiga vendeira, que José chamava carinhosamente de mamã Descoings.

— Não temos dinheiro para o carro — disse Ágata com uma voz triste.

— Eu tenho — respondeu o jovem pintor. — Meu irmão está com uma cor formidável! — exclamou ao ver Felipe.

— Sim, fiquei tisonado como um cachimbo. Mas tu não mudaste nada, garoto.

Aos vinte e um anos de idade, e já apreciado por alguns amigos que o ampararam nos dias de dificuldades, José sentia sua força e tinha consciência de seu talento; representava a pintura num cenáculo composto de rapazes cuja vida se dedicara às ciências, às letras, à política e à filosofia; ficou, assim, ofendido com a expressão de desdém que o irmão reforçou com um gesto: torceu-lhe a orelha como a uma

criança. Ágata notou a frieza que a efusão de sua afeição determinou na Descoings e em José; reparou tudo, porém, falando-lhes dos sofrimentos suportados por Felipe durante o exílio. A Descoings, que queria fazer da volta daquele que chamava, em voz baixa, de filho pródigo um dia de festa, preparou o melhor jantar possível, a que foram convidados o velho Claparon e Desroches pai. Todos os amigos da casa deviam aparecer, e apareceram à noite. José convidara Léon Giraud,[34] D'Arthez, Miguel Chrestien, Fulgêncio Ridal e Bianchon, seus amigos do Cenáculo. A Descoings disse a Bixiou, seu falso enteado, que haveria jogo de cartas entre os moços. Desroches filho, licenciado em direito pela rija vontade do pai, também participou da reunião. Du Bruel, Claparon, Desroches e o padre Loraux examinaram o proscrito, e suas maneiras, a atitude grosseira, a voz alterada pelo uso dos licores, a fraseologia chula e o olhar os assustaram. Assim, enquanto José arrumava as mesas de jogo, os mais dedicados acercaram-se de Ágata, dizendo-lhe:

— Que espera fazer de Felipe?

— Não sei — respondeu ela. — Ele continua a não querer servir aos Bourbon.

— É muito difícil encontrar um emprego para ele na França. Se ele não entrar para o Exército, não arranjará tão cedo um emprego na administração — disse o velho Du Bruel. — Realmente, basta ouvi-lo para perceber que ele não terá, como meu filho, o recurso de ganhar dinheiro com peças de teatro.

Pelo movimento de olhos com que Ágata respondeu, todos compreenderam o quanto o futuro de Felipe a preocupava; e, como nenhum dos amigos tinha recursos para sugerir-lhe, todos ficaram em silêncio. O proscrito, Desroches filho e Bixiou jogaram o *écarté*, jogo que então fazia furor.

— Mamã Descoings, meu irmão não tem dinheiro para jogar — disse José ao ouvido da bondosa e excelente senhora.

A assinante da loteria real foi buscar vinte francos e entregou-os ao artista, que os meteu secretamente na mão do irmão. Todos os convidados chegaram. Formaram-se duas mesas de boston e o serão animou-se. Felipe mostrou-se mau jogador. Após ter ganho muito no

começo, perdeu, e às onze horas devia cinquenta francos a Desroches filho e a Bixiou. A algazarra e as discussões da mesa de *écarté* ressoaram mais de uma vez nos ouvidos dos pacíficos jogadores de boston, que observaram Felipe furtivamente. O proscrito deu provas de tão mau temperamento que, em sua última discussão, em que Desroches filho, que também não era lá muito bom, se viu envolvido, Desroches pai, embora o filho tivesse razão, repreendeu-o e proibiu-o de jogar. A sra. Descoings fez outro tanto com o neto, que começava a lançar frases muito espirituosas, que Felipe não compreendeu, mas que podiam pôr o cruel gracejador em perigo se uma de suas flechas farpadas penetrasse na espessa inteligência do coronel.

— Deves estar cansado — disse Ágata ao ouvido de Felipe. — Vem deitar-te.

— As viagens formam a mocidade — disse Bixiou sorrindo, quando o coronel e a sra. Bridau se retiraram.

José, que se levantava de madrugada e deitava cedo, não viu o fim do serão. Na manhã seguinte, Ágata e a Descoings, enquanto preparavam o almoço na peça da frente, não puderam evitar de pensar que os serões seriam excessivamente caros se Felipe continuasse a jogar o tal jogo, segundo a expressão da Descoings.

A velha senhora, então com setenta e seis anos, propôs vender sua mobília, entregar o apartamento do segundo andar ao proprietário, que não queria outra coisa, instalar seu quarto na sala de visitas de Ágata e transformar a peça da frente em sala de visitas, onde também se fariam as refeições. Assim economizariam setecentos francos por ano. Esse corte na despesa permitiria dar cinquenta francos por mês a Felipe, enquanto esperavam que ele se empregasse. Ágata aceitou esse sacrifício. Quando o coronel desceu, a mãe lhe perguntou se ficara bem no seu quatinho, e as duas viúvas expuseram-lhe a situação da família. A sra. Descoings e Ágata tinham juntas um rendimento de cinco mil e trezentos francos, incluindo os quatro mil de rendas vitalícias da Descoings. A Descoings dava seiscentos francos de pensão a Bixiou, que há seis meses confessava ser seu neto, e seiscentos francos a José; o resto de seu rendimento, assim como o de Ágata, era empregado nas despesas da casa e em sua manutenção. Todas as economias haviam

sido consumidas.

— Fiquem tranquilas — disse o tenente-coronel. — Vou procurar um emprego, não serei pesado às senhoras; por enquanto, peço apenas comida e um cantinho para dormir.

Ágata beijou o filho, e a Descoings meteu cem francos na mão de Felipe para pagar a dívida de jogo feita na véspera. Em dez dias, a venda da mobília, a entrega do apartamento e a transformação interior do de Ágata foram realizadas com essa rapidez que só se vê em Paris. Durante esses dez dias, Felipe saiu regularmente após o almoço, voltou para jantar, saiu à noite e só voltou para deitar-se pela meia-noite.

Eis os hábitos que o militar reformado contraiu quase maquinalmente e que nele se arraigaram: mandava lustrar as botas na Pont-Neuf pelos dois soldos que teria gasto tomando a Pont des Arts para dirigir-se ao Palais-Royal,[35] onde bebia dois cálices de aguardente enquanto lia os jornais, tarefa que o ocupava até o meio-dia; a essa hora, seguia pela Rue Vivienne e ia ter ao Café Minerva,[36] onde então se debatia a política liberal e onde se jogava bilhar com antigos oficiais. Ganhando ou perdendo, Felipe sorvia sempre três ou quatro cálices de licores diversos e fumava dez charutos enquanto perambulava pelas ruas. Após ter fumado alguns cachimbos, à noite, no Botequim Holandês,[37] subia, às dez horas, para a sala de jogo, onde o empregado lhe dava um cartão e um alfinete; ele indagava de alguns jogadores eméritos a situação do vermelho e do preto e jogava dez francos no momento mais oportuno; perdendo ou ganhando, nunca jogava mais de três paradas. Quando ganhava, o que acontecia quase sempre, tomava uma taça de ponche e voltava para sua mansarda; nessas ocasiões, porém, falava em desancar os ultras, os guardas e cantava na escada: “Estejamos alertas pela salvação do Império!”.* A pobre mãe, ao ouvi-lo, dizia:

— Felipe está alegre, esta noite.

Subia para beijá-lo, sem se queixar dos odores fétidos do ponche, dos licores e do fumo.

— Deves estar contente comigo, não é, mamãe? — disse-lhe ele, no fim de janeiro. — Levo a vida mais regular do mundo.

Felipe jantara cinco vezes no restaurante com antigos camaradas.

Os velhos soldados se haviam comunicado a situação de seus negócios, falando das esperanças que tinham na construção dum barco submarino para a libertação do imperador. Entre os antigos camaradas que encontrou, Felipe afeiçãoou-se particularmente a um velho capitão dos Dragões da Guarda, chamado Giroudeau, em cuja companhia se iniciara. Esse antigo dragão foi responsável pelo fato de Felipe completar o que Rabelais chamava a equipagem do diabo, acrescentando ao licor, ao cigarro e ao jogo uma quarta roda. Uma noite, no começo de fevereiro, Giroudeau levou Felipe, após o jantar, à Gaîté,[38] num camarote dado a um jornalzinho de teatro pertencente a seu sobrinho Finot,[39] onde ele fazia a caixa e a escrituração e se encarregava da expedição pelo correio. Vestidos segundo a moda dos oficiais bonapartistas pertencentes à oposição constitucional, com uma ampla sobrecasaca com gola quadrada, abotoada até o queixo, caindo até os calcanhares e condecorada com a roseta, munidos duma bengala com castão cor de chumbo que eles mantinham por um cordão de couro trançado, os dois antigos soldados haviam, para empregar uma de suas expressões, *dado uma cachimbada* e se abriram mutuamente os corações ao entrar no camarote. Através dos vapores dum certo número de garrafas e de cálices de diversos licores, Giroudeau mostrou a Felipe, no palco, uma pequena, gorda e ágil corista chamada Florentina,[40] cujas boas graças e afeição obtivera, assim como o camarote, graças à onipotência do jornal.

— Mas — perguntou Felipe — até onde vão suas boas graças para um velho soldado grisalho como tu?

— Graças a Deus — respondeu Giroudeau — nunca abandonei as velhas doutrinas do nosso glorioso uniforme! Jamais gastei dinheiro com mulher.

— Como?! — exclamou Felipe, abaixando com o dedo a pálpebra inferior esquerda.[41]

— Sim — respondeu Giroudeau. — Mas, aqui entre nós, o jornal desempenha um papel importante nisto. Amanhã, em duas linhas, aconselharemos a administração a confiar uma dança à srta. Florentina. Garanto-te que sou muito feliz, meu filho — disse Giroudeau.

“Eh!”, pensou Felipe, “se esse respeitável Giroudeau, com seu crânio liso como um joelho, seus quarenta e oito anos, sua enorme barriga, sua cara de vinhateiro e seu nariz em forma de batata, é amante duma corista, eu devo sê-lo da primeira atriz de Paris.”

— Onde é que há disto? — perguntou, em voz alta, a Giroudeau.

— Esta noite eu te levarei à casa de Florentina. Embora minha dulcineia ganhe somente cinquenta francos por mês, no teatro, graças a um velho comerciante de sedas[42] que lhe dá quinhentos francos por mês, ela anda muito bem-vestida!

— E o resto?... — perguntou Felipe, com inveja.

— Ora! — exclamou Giroudeau —, o verdadeiro amor é cego.

Após o espetáculo, Giroudeau levou Felipe à casa da srta. Florentina, que morava a dois passos do teatro, à Rue de Crussol.

— Conservemo-nos na linha — disse Giroudeau. — Florentina vive com a mãe. Compreendes que não tenho dinheiro para pagar-lhe uma casa e a boa senhora é sua verdadeira mãe. Essa mulher foi porteira, mas não lhe falta inteligência e chama-se Cabirolle. Trata-a por senhora, ela gosta muito disso.

Florentina tinha consigo aquela noite uma amiga, uma certa Maria Godeschal, bela como um anjo, fria como uma bailarina e, além disso, aluna de Vestris,[43] que lhe predizia os mais altos destinos coreográficos. A srta. Godeschal, que então queria estrear-se no Panorama-Dramatique[44] com o pseudônimo de Marieta, contava com a proteção dum primeiro gentil-homem da Câmara, a quem Vestris devia apresentá-la há muito tempo. Vestris, ainda inexperiente nessa época, achava que sua aluna ainda não estava suficientemente instruída. A ambiciosa Maria Godeschal tornou famoso seu pseudônimo de Marieta. Sua ambição, aliás, era muito louvável. Ela tinha um irmão, praticante no escritório de Derville.[45] Órfãos e miseráveis, mas estimando-se mutuamente, o irmão e a irmã haviam visto a vida tal como ela é em Paris: um queria tornar-se advogado, para dar uma posição à irmã, e vivia com dez sous por dia; a outra resolvera friamente tornar-se bailarina e aproveitar-se tanto de sua beleza como de suas pernas para adquirir um cartório para o irmão. Fora de seus sentimentos recíprocos, de seus interesses e de sua vida

comum, tudo, para eles, era como outrora para os romanos e para os hebreus: bárbaro, estranho, inimigo. Essa amizade tão bela, que nada devia alterar, explicava Marieta aos que a conheciam intimamente.

O irmão e a irmã moravam, então, no oitavo andar duma casa da Vieille-Rue-du-Temple. Marieta começara a estudar aos dez anos e contava agora dezesseis primaveras. Mas, ai!, por falta de vestuário, sua beleza saltitante, oculta sob um casaco de pele de coelho, calçada com sapatos ferrados, vestida de chita e malcuidada, só podia ser descoberta pelos parisienses habituados à casa das costureirinhas e à pista das belezas desventuradas.

Felipe apaixonou-se por Marieta. Marieta viu em Felipe o comandante dos Dragões da Guarda, o oficial de ordens do imperador, o rapaz de vinte e sete anos e o prazer de mostrar-se superior a Florentina pela evidente superioridade de Felipe sobre Giroudeau. Florentina e Giroudeau, ele para fazer a felicidade de seu camarada e ela para dar um protetor à sua amiga, impeliram Marieta e Felipe a realizar um *casamento por detrás da igreja*. Essa expressão da linguagem parisiense equivale à de *casamento morganático* empregada pelos reis e rainhas. Felipe, ao sair, confiou sua pobreza a Giroudeau, mas o velho libertino o tranquilizou.

— Falarei de ti a meu sobrinho Finot — disse-lhe Giroudeau. — Estás vendo, Felipe, chegou o reinado dos paisanos e das frases. Submetamo-nos a ele. Atualmente, o tinteiro faz tudo. A tinta substitui a pólvora e a palavra substitui a bala. Apesar de tudo, os patifezinhos dos redatores são muito engenhosos e ótimos meninos. Vai visitar-me amanhã no jornal, pois então já terei dito duas palavras a respeito de tua situação a meu sobrinho. Dentro de pouco tempo terás um emprego em algum jornal. Marieta, que agora (não te iludas) te aceita porque não tem nada, nem contrato nem possibilidade de estrear-se, e a quem eu disse que ias trabalhar, como eu, num jornal, Marieta te provará que te ama por ti mesmo e tu acreditarás! Faze como eu, conserva-a como corista tanto quanto puderes! Eu estava tão apaixonado que, quando Florentina quis executar um bailado, pedi a Finot que promovesse sua estreia; disse-me, porém, meu sobrinho: “Ela tem talento, não é? Pois bem, no dia em que conseguir dançar, ela

te deixará dançando do lado de fora da porta”. Oh! Lá está Finot. Vais conhecer um rapaz bem esperto.

No dia seguinte, às quatro horas, Felipe foi à Rue du Sentier, a um pequeno entressolo onde avistou Giroudeau enjaulado como uma fera numa espécie de galinheiro com uma abertura, onde havia uma estufazinha, uma mesinha, duas cadeirinhas e achinhas de lenha. Essa gaiola era enobrecida por estas palavras mágicas: *Departamento de assinaturas* impressas na porta em letras pretas e pela palavra *Caixa* escrita à mão e pregada acima da grade. Ao longo da parede fronteira ao posto do capitão, via-se um banquinho onde estava almoçando um inválido com um braço amputado, que Giroudeau chamava de Coloquinte, sem dúvida por causa da cor egípcia de seu rosto.

— Bonito! — disse Felipe, examinando a peça. — Que estás fazendo aí, tu que estiveste ao lado do pobre coronel Chabert[46] em Eylau? Que coisa horrível! Oficiais superiores!...

— Pois é isto mesmo!... brum! brum!... um oficial superior enchendo recibos de jornal — disse Giroudeau, ajeitando o gorro de seda preta. — E, além disso, sou o editor responsável dessas bobagens — disse, mostrando o jornal.

— E eu, que fui ao Egito, agora tenho de levar os jornais ao Correio — disse o inválido.

— Silêncio, Coloquinte — disse Giroudeau. — Estás diante dum herói que transmitiu as ordens do imperador na batalha de Montmirail.[47]

— Presente! — disse Coloquinte. — Foi lá que perdi o braço que me falta.

— Coloquinte, fica cuidando do escritório. Vou subir para falar com meu sobrinho.

Os dois antigos militares subiram ao quarto andar, a uma mansarda ao fundo dum corredor, e encontraram um rapaz de olhar amortecido e frio deitado sobre um velho sofá. O paisano nem se moveu, enquanto oferecia cigarros ao tio e ao amigo do tio.

— Meu amigo — disse-lhe Giroudeau num tom brando e humilde —, este é o bravo chefe de esquadrão da Guarda Imperial de que te falei.

— E então? — disse Finot, examinando de alto a baixo Felipe, que

perdeu toda a energia, como Giroudeau, diante do diplomata da imprensa.

— Meu filho — disse Giroudeau, que se esforçava por assumir a atitude de tio —, o coronel acaba de voltar do Texas.

— Ah! O senhor foi parar no Texas, no Campo de Asilo. Entretanto, o senhor ainda é muito jovem para fazer-se *soldado lavrador*.

A acerbidade deste gracejo só pode ser compreendida pelos que se recordam do dilúvio de gravuras, biombos, pêndulas, bronzes e gessos a que deu lugar a ideia do soldado lavrador, grande imagem do destino de Napoleão e de seus bravos, que terminou por inspirar várias comédias musicadas. Essa ideia rendeu pelo menos um milhão. Ainda se podem encontrar soldados lavradores em papéis de forro, no interior das províncias. Se o rapaz não fosse sobrinho de Giroudeau, Felipe lhe teria aplicado um par de bofetadas.

— Sim, andei por lá e perdi doze mil francos e meu tempo — respondeu Felipe, tentando mostrar um sorriso.

— E ainda ama o imperador? — disse Finot.

— Ele é meu Deus — respondeu Felipe Bridau.

— O senhor é liberal?

— Serei sempre da oposição constitucional. Oh! Foy! Oh! Manuel! Oh! Laffitte!^[48] Esses é que são homens! Eles nos desembaraçarão desses miseráveis, logo que voltem do estrangeiro!

— Muito bem! — replicou friamente Finot. — É preciso tirar partido de sua desventura, pois o senhor é uma vítima dos liberais, meu caro! Conserve-se liberal, se preza sua opinião; mas ameace os liberais de desvendar as patifarias do Texas. O senhor não recebeu nada da subscrição nacional, não é? Pois bem! O senhor está numa bela posição: peça explicações sobre a subscrição. Eis o que lhe acontecerá: está sendo fundado um jornal da oposição, sob o patrocínio dos deputados da esquerda; o senhor será caixa, com mil escudos^[49] de ordenado, um cargo permanente. Basta conseguir vinte mil francos de caução; traga-os e será caixa dentro de oito dias. Eu os aconselharei a desembaraçar-se do senhor, oferecendo-lhe esse lugar; mas grite, e grite com força!

Giroudeau deixou Felipe descer alguns degraus confundindo-se em

agradecimentos e disse ao sobrinho:

— Muito bem! És muito engraçado!... Sim, senhor... conservas-me aqui com mil e duzentos francos.

— O jornal não se sustentará um ano — respondeu Finot. — Tenho coisa melhor que isso para ti.

— Sim, senhor! — disse Felipe a Giroudeau. — Não é nada tolo teu sobrinho! Eu não havia pensado em tirar, como ele disse, partido da minha situação.

A noite, no Café Lemblin, no Café Minerva, o coronel Felipe deblaterou contra o partido liberal, que fazia subscrições, que mandava gente para o Texas, que falava hipocritamente dos soldados lavradores, que deixava os bravos sem amparo, na miséria, após ter-lhes consumido vinte mil francos e fazê-los viajar durante dois anos.

— Vou pedir contas da subscrição para o Campo de Asilo — disse a um dos fregueses do Café Minerva, que o repetiu a jornalistas da esquerda.

Felipe não foi para a Rue Mazarine. Dirigiu-se à casa de Marieta para dar-lhe a notícia de sua futura cooperação num jornal que devia ter dez mil assinantes e no qual suas pretensões coreográficas seriam ardorosamente apoiadas. Ágata e a Descoings ficaram à espera de Felipe quase mortas de medo, pois o duque de Berry[50] acabava de ser assassinado. No dia seguinte, o coronel chegou pouco depois do almoço; quando a mãe lhe manifestou a inquietação que sua ausência lhe causara, ele se encolerizou e perguntou se não era adulto.

— Que diabo! Trago-lhes uma boa notícia e as senhoras me recebem com uma expressão de catafalcos. O duque de Berry morreu, muito bem, tanto melhor! É um a menos. Quanto a mim, vou ser caixa dum jornal com mil escudos de ordenado e as senhoras não terão mais despesas comigo.

— É possível? — disse Ágata.

— Sim, se puderem dar-me vinte mil francos de caução; basta depositar sua inscrição de mil e trezentos francos de renda, e continuarão recebendo do mesmo modo as semestralidades.

Depois de quase dois meses em que se matavam procurando descobrir o que Felipe fazia e onde e como empregá-lo, as duas viúvas

sentiram-se tão contentes com essa perspectiva que não pensaram mais nas diversas catástrofes do momento. A noite, o velho Du Bruel, Claparon, que se estava acabando, e o inflexível Desroches pai, os sábios da Grécia, foram unânimes: todos aconselharam a viúva a dar a caução ao filho. O jornal, felizmente constituído antes do assassinio do duque de Berry, evitou o golpe que então o sr. Decazes aplicou à imprensa. A inscrição de mil e trezentos francos da viúva Bridau foi aplicada na caução de Felipe, nomeado caixa. O bom filho prometeu imediatamente dar cem francos por mês às duas viúvas pela moradia e a comida e foi proclamado o melhor dos filhos. Os que haviam feito maus augúrios a seu respeito felicitaram Ágata.

— Nós o havíamos julgado mal — disseram.

O pobre José, para não ficar atrás do irmão, esforçou-se por sustentar-se sozinho e o conseguiu. Três meses mais tarde, o coronel, que comia e bebia como quatro, que se mostrava incontentável e que, sob o pretexto de sua pensão, obrigava as viúvas a despesas de mesa, ainda não lhes dera nada. A mãe e a Descoings, por delicadeza, não quiseram recordar-lhe a promessa. Passou-se o ano sem que uma só dessas moedas, tão rudemente denominadas por Léon Gozlan[51] *um tigre de cinco garras*, tivesse passado do bolso de Felipe para a verba da casa. É certo que, a esse respeito, o coronel acalmara os escrúpulos de sua consciência: raramente jantava em casa.

— Enfim, ele é feliz — disse a mãe —, está tranquilo, tem um emprego!

Por influência do folhetim redigido por Vernou,[52] amigo de Bixiou, de Finot e de Giroudeau, Marieta estreou não no Panorama-Dramatique, mas na Porte Saint-Martin,[53] onde teve êxito ao lado da Bégrand.[54] Entre os diretores desse teatro encontrava-se então um rico e imponente general, enamorado duma atriz e que se fizera empresário por ela. Em Paris sempre há gente apaixonada por atrizes, bailarinas ou cantoras que se mete como diretor de teatro por amor. Esse general conhecia Felipe e Giroudeau. Com o auxílio do jornalzinho de Finot e do de Felipe, a estreia de Marieta foi rapidamente resolvida entre os três oficiais, pois parece que todas as paixões são solidárias quando se trata de fazer loucuras. O malicioso

Bixiou logo informou à avó e à devota Ágata que o caixa Felipe, o bravo dos bravos, amava Marieta, a célebre bailarina da Porte Saint-Martin. Essa notícia retardada aterrorizou as duas viúvas; em primeiro lugar, os sentimentos religiosos de Ágata faziam com que ela considerasse as mulheres de teatro como tições do inferno; além disso, parecia a ambas que essas mulheres viviam de ouro, bebiam pérolas e arruinavam as maiores fortunas.

— Ora! — disse José à mãe —, acha que meu irmão seja tão imbecil que dê dinheiro à sua Marieta? Essas mulheres só arruinam os ricos.

— Já se fala em meter Marieta na Ópera — disse Bixiou. — Mas não tenha medo, sra. Bridau. O corpo diplomático frequenta a Porte Saint-Martin, a bela moça não ficará muito tempo com seu filho. Fala-se num embaixador loucamente apaixonado por Marieta. Outra notícia! O tio Claparon morreu. O enterro será amanhã, e o filho, que se tornou banqueiro e rola sobre ouro e dinheiro, encomendou um serviço de última classe. Esse rapaz não tem educação. Isso não acontece na China!

Felipe, inspirado por uma ideia ambiciosa, propôs à bailarina desposá-la; mas, na véspera de ingressar na Ópera, a srta. Godeschal o recusou, seja porque percebesse as intenções do coronel, seja porque compreendesse o quanto sua independência era necessária a seu futuro. Durante o resto do ano, Felipe foi visitar a mãe duas vezes por mês, no máximo. Onde andava ele? Na caixa, no teatro ou na casa de Marieta. Nenhum esclarecimento sobre sua conduta transpirou no lar da Rue Mazarine. Giroudeau, Finot, Bixiou, Vernou, Lousteau viam-no levar uma vida de prazeres. Felipe participava de todas as festas de Júlia, uma das primeiras atrações da Ópera, de Florentina, que substituiu Marieta na Porte Saint-Martin, de Florina e de Matifat,[55] de Corália[56] e de Camusot.[57] A partir das quatro horas, momento em que deixava a caixa, divertia-se até a meia-noite, pois sempre tinha uma festa combinada na véspera, um bom jantar oferecido por alguém, uma reunião de jogo, uma ceia. Felipe viveu, então, como em seu elemento. Esse carnaval, que durou dezoito meses, não decorreu sem contratemplos. A bela Marieta, por ocasião de sua estreia na Ópera, em janeiro de 1821, cativou um dos duques mais brilhantes da Corte de

Luís XVIII. Felipe tentou lutar contra o duque; mas, apesar de alguma sorte no jogo, em abril foi obrigado, por sua paixão, a recorrer à caixa do jornal. Em maio, devia onze mil francos. Nesse mês fatal, Marieta partiu para Londres, a fim de explorar os lordes enquanto se construía a sala provisória da Ópera, no palacete Choiseul, à Rue Le Peletier. O desventurado Felipe, como frequentemente acontece, chegara a amar Marieta apesar de suas evidentes infidelidades; ela, porém, nunca vira no rapaz mais que um militar brutal e sem espírito, um primeiro degrau no qual não queria demorar-se muito tempo. Assim, prevendo o momento em que Felipe não teria mais dinheiro, a bailarina tratara de conquistar apoios no jornalismo que a dispensassem de conservar Felipe; teve, entretanto, a gratidão particular a esse tipo de mulheres pelo homem que, por assim dizer, foi o primeiro a aplinar-lhe as dificuldades da horrível carreira teatral.

VII — FELIPE SAFA-SE SEM PAGAR OS CREDITORES

Forçado a deixar a terrível amante ir a Londres sem acompanhá-la, Felipe retomou seu acampamento de inverno, para usar sua expressão, e voltou à sua mansarda da Rue Mazarine; lá fez sombrias reflexões ao deitar-se e ao levantar-se. Sentiu que lhe seria impossível viver de maneira diferente da que vinha seguindo há um ano. O luxo da casa de Marieta, os jantares e as ceias, o serão nos bastidores, a animação das pessoas inteligentes e dos jornalistas, o rumor que se fazia em seu derredor, todas as lisonjas que disso resultavam para os sentidos e para a vaidade; essa vida, que só se encontra em Paris e que todos os dias mostra algo de novo, tornara-se mais que um hábito para Felipe; constituía uma necessidade para ele, como o fumo e o álcool. Reconheceu, assim, que não podia viver privado desses contínuos prazeres. A ideia do suicídio passou-lhe pela cabeça, não por causa do déficit que iam constatar na caixa, mas devido à impossibilidade de viver com Marieta e na atmosfera de prazeres em que vivia há um ano. Cheio dessas sombrias ideias, foi, pela primeira vez, ao ateliê do irmão, a quem encontrou metido numa blusa azul copiando um quadro para um comerciante.

— É assim que se fazem os quadros? — perguntou Felipe, para puxar conversa.

— Não — respondeu José. — É assim que se fazem as cópias.

— Quanto te pagam por isto?

— Ora! Nunca o bastante, duzentos e cinquenta francos; mas assim eu estudo o estilo dos mestres, ganho instrução, surpreendo os segredos da arte. Ali está um de meus quadros — disse, indicando-lhe com o pincel um esboço cujas cores ainda estavam úmidas.

— E quanto ganhas por ano, atualmente?

— Infelizmente, ainda sou conhecido apenas pelos pintores. Sou apoiado por Schinner, que vai arranjar um trabalho para mim no castelo de Presles, onde irei em outubro fazer arabescos, molduras e ornatos,^[58] muito bem pagos pelo conde de Sérisy. Com esses *biscates* e as encomendas dos vendedores de quadros, poderei de agora em diante fazer mil e oitocentos a dois mil francos, livre de despesas. Na próxima exposição, apresentarei esse quadro; se agradar, minha carreira estará feita; meus amigos estão contentes com ele.

— Não entendo disso — disse Felipe com uma voz branda, que forçou José a fitá-lo.

— Que tens? — perguntou o artista, ao ver o irmão pálido.

— Eu queria saber em quanto tempo farias meu retrato.

— Ora, trabalhando sem parar, se o tempo estiver claro, em três ou quatro dias terei terminado.

— É muito demorado. Eu só poderia dispor do dia de hoje. Minha pobre mãe ama-me tanto que eu queria deixar-lhe uma imagem minha. Não falemos mais nisso.

— Então, vais partir outra vez?

— Vou partir para não voltar mais — disse Felipe com uma expressão falsamente alegre.

— Mas, Felipe, meu amigo, que tens? Se for alguma coisa grave, lembra-te de que sou um homem e não um tolo. Estou pronto para os mais duros combates e, se for preciso discrição, eu a terei.

— Garantes?

— Pela minha honra.

— Não dirás nada a ninguém?

— A ninguém.

— Pois bem, vou estourar a cabeça.

— Tu! Vais bater-te em duelo?

— Vou suicidar-me.

— E por quê?

— Retirei onze mil francos da caixa e devo prestar contas amanhã.

Minha caução será reduzida à metade e nossa pobre mãe ficará apenas com seiscentos francos de renda. Mas isto não é nada! Eu poderia restituir-lhe, mais tarde, uma fortuna, mas estou desonrado! Não quero viver na desonra.

— Não ficarás desonrado, uma vez que restituas, mas perderás o emprego. Ficarás ainda com os quinhentos francos de tua cruz, e com quinhentos francos a gente pode viver.

— Adeus! — disse Felipe, descendo rapidamente sem querer ouvir nada.

José deixou o ateliê e desceu ao apartamento da mãe para almoçar; a confiança de Felipe, porém, tirara-lhe o apetite. Chamou a Descoings à parte e deu-lhe a terrível notícia. A velha teve uma exclamação pavorosa, deixou cair uma caçarola com leite que tinha na mão e atirou-se a uma cadeira. Ágata correu. Através das exclamações, a fatal verdade foi confessada à mãe.

— Ele! Faltar contra a honra! O filho de Bridau tirar dinheiro da caixa que lhe foi confiada!

A viúva estremeceu dos pés à cabeça, seus olhos esbugalharam-se, tornaram-se fixos, ela sentou-se e desfez-se em pranto.

— Onde está ele?! — exclamou ela no meio de soluços. — Talvez se tenha atirado ao Sena!

— Não te debes desesperar — disse a Descoings — só porque o pobre rapaz encontrou uma mulher má que o arrastou a cometer desatinos. Meu Deus! Isso acontece muito seguidamente. Felipe sofreu antes do regresso tantos infortúnios e tem tido tão poucas ocasiões de ser feliz e amado que a gente não se deve espantar de sua paixão por essa criatura. Todas as paixões levam a excessos! Tenho, na minha vida, uma censura dessa espécie a fazer-me e, no entanto, julgo-me uma mulher honesta! Uma única falta não faz o vício! E, além disso tudo, os

que não fazem nada nunca se enganam.

O desespero de Ágata abatia-a de tal modo que a Descoings e José se viram obrigados a atenuar a falta de Felipe, dizendo-lhe que em todas as famílias ocorriam casos como aquele.

— Mas ele tem vinte e oito anos — exclamava Ágata —, já não é mais uma criança!

Frase terrível que revela o quanto a pobre mulher se preocupava com a conduta do filho.

— Mamãe, garanto-te que ele pensava apenas no teu desgosto e no mal que te causaria — disse-lhe José.

— Oh! Meu Deus! Ele que volte! Que viva e lhe perdoarei tudo! — exclamou a pobre mãe, que via em espírito o horrível espetáculo de Felipe retirado morto da água.

Um pesado silêncio reinou durante alguns instantes. O dia decorreu entre as mais cruéis alternativas. Ao menor ruído, os três, que formulavam uma infinidade de conjeturas, corriam à janela. Enquanto a família se desolava, Felipe, tranquilamente, colocava tudo em ordem na caixa. Teve a audácia de prestar contas dizendo que, temendo alguma desgraça, guardara os onze mil francos em casa. O patife saiu às quatro horas, tendo retirado mais quinhentos francos da caixa, e subiu friamente à sala de jogo, onde não aparecera desde que assumira o cargo porque compreendera muito bem que um caixa não deve frequentar casas de jogo. Não lhe faltava raciocínio. Sua conduta posterior provará que ele saíra mais ao avô Rouget que a seu virtuoso pai. É possível que ele tivesse dado um bom general; na vida privada, porém, foi um desses terríveis celerados que abrigam suas façanhas e suas más ações por detrás do anteparo da legalidade e sob o teto discreto da família. Felipe conservou todo seu sangue-frio nessa suprema empreitada. Começou ganhando e chegou a possuir uma soma de seis mil francos; deixou-se, porém, fascinar pelo desejo de terminar sua incerteza duma vez. Deixou o vermelho e preto ao ser informado de que na roleta o preto já saíra dezesseis vezes; jogou cinco mil francos no vermelho, e o preto saiu uma décima sétima vez. O coronel pôs então a nota de mil francos no preto e ganhou. Apesar dessa espantosa benevolência da sorte, ele estava com a cabeça

fatigada; embora o sentisse, quis continuar, mas o sentido divinatório a que os jogadores seguem e que procede por relâmpagos já se alterara. Surgiram intermitências, que são a perda dos jogadores. A lucidez, como os raios do sol, só age pela fixidez da linha reta, não prevê senão quando seu olhar não é interceptado; perturba-se nas bruscas variações da sorte. Felipe perdeu tudo. Após tão rudes provas, a mais indolente como a mais intrépida das almas se acabrunha. Assim, ao voltar para casa, Felipe pensava ainda menos em sua promessa de suicídio, pois nunca quisera matar-se. Não pensava mais no emprego perdido nem na caução presa nem na mãe, nem em Marieta, causa de sua ruína; caminhava maquinalmente. Quando entrou em casa, a mãe banhada em lágrimas, a Descoings e o irmão saltaram-lhe ao pescoço, beijaram-no e levaram-no, radiantes de alegria, para junto da estufa.

— Olha! — falou. — O aviso deu resultado.

O monstro compôs, então, uma fisionomia adequada à cena e pôde fazê-lo muito facilmente, porque o episódio do jogo o comovera profundamente. Ao ver seu atroz benjamim[59] pálido e acabrunhado, a pobre mãe ajoelhou-se a seus pés, beijou-lhe as mãos, apertou-as contra seu coração e contemplou-o demoradamente com os olhos marejados de lágrimas.

— Felipe — disse-lhe com a voz sufocada —, promete-me que não te matarás e esqueceremos tudo!

Felipe olhou para o irmão enternecido e para a Descoings, que tinha lágrimas nos olhos; pensou: “Que gente boa!”. Segurou, então, a mãe, levantou-a, sentou-a sobre os joelhos, estreitou-a de encontro ao coração e disse-lhe ao ouvido, beijando-a:

— Dás-me a vida pela segunda vez!

A Descoings tomou providências para servir um excelente jantar, com duas garrafas de vinho velho e um pouco de licor das ilhas, tesouro proveniente de seu antigo armazém.

— Ágata, devemos permitir que ele fume! — disse ela, à sobremesa, e ofereceu charutos a Felipe.

As duas pobres criaturas haviam imaginado que, deixando o rapaz completamente à vontade, ele ficaria gostando da casa e se acostumaria a não sair. Assim, esforçaram-se por tolerar a fumaça do charuto, que

execravam. Felipe nem sequer percebeu esse imenso sacrifício.

No dia seguinte, Ágata estava dez anos mais velha. Acalmadas suas inquietações, veio a reflexão, e a pobre mulher não pôde fechar os olhos durante aquela noite horrível. Ia ficar reduzida a seiscentos francos de renda. Como todas as mulheres gordas e comilonas, a Descoings, que sofria de tosse catarral pertinaz, estava ficando obesa; seus passos na escada ressoavam como pancadas; podia, portanto, morrer dum momento para outro; e com ela desapareceriam quatro mil francos. Não era ridículo contar com esse recurso? Que fazer? Preferindo trabalhar como enfermeira a ficar a cargo dos filhos, Ágata pensava apenas em si mesma. Mas que faria Felipe, reduzido aos quinhentos francos de sua cruz de oficial da Legião de Honra? No curso de onze anos, a Descoings, dando mil escudos por ano, pagara duas vezes sua dívida e continuava a imolar os interesses do neto aos da família Bridau. Embora todos os sentimentos probos e rigorosos de Ágata tivessem ficado feridos no meio dessa horrível desgraça, ela pensava: “Pobre rapaz, tem culpa disso? É fiel aos seus juramentos. Eu é que fiz mal em não casá-lo. Se eu lhe tivesse achado uma mulher, ele não se teria ligado com essa bailarina. Ele é tão robusto!...”

A velha comerciante também meditara, durante a noite, sobre a maneira de salvar a honra da família. Pela madrugada, deixou o leito e foi ao quarto da amiga.

— Não cabe a ti nem a Felipe tratar desse assunto — disse-lhe. — Se nossos dois velhos amigos, Claparon e Du Bruel, morreram, resta-nos o tio Desroches, que tem muito tato para resolver essas coisas. Vou à casa dele esta manhã. Desroches dirá que Felipe foi vítima de sua confiança num amigo; que sua fraqueza, nesse terreno, o torna inteiramente incapaz para gerir uma caixa. O que lhe aconteceu agora poderia repetir-se. Felipe preferirá pedir demissão e assim não será despedido.

Ágata, ao ver a honra do filho defendida por essa mentira oficiosa, beijou a Descoings, que saiu para tratar do horrível caso. Felipe dormira o sono dos justos.

— É sabida essa velha! — disse ele sorrindo, quando Ágata lhe explicou por que seu almoço estava retardado.

O velho Desroches, o último amigo das duas pobres mulheres e que, apesar da dureza de seu caráter, sempre se recordava de ter sido empregado por Bridau, desempenhou-se como um diplomata consumado da delicada missão que a Descoings lhe confiara. Foi jantar com a família para avisar Ágata a ir assinar no dia seguinte, no Tesouro, à Rue Vivienne, a transferência da parte da inscrição de renda vendida e retirar o cupom de seiscentos francos que lhe restava. O antigo funcionário não deixou a casa desolada sem ter antes conseguido que Felipe assinasse uma petição ao ministro da Guerra solicitando sua reintegração nos quadros do Exército. Desroches prometeu às duas mulheres acompanhar a petição no Ministério da Guerra e aproveitar-se do triunfo que o duque obtivera sobre Felipe junto à bailarina para obter a proteção desse fidalgo.

— Em menos de três meses ele será tenente-coronel no regimento do duque de Maufrigneuse[60] e as senhoras ficarão livres dele.

Desroches retirou-se coberto das bênçãos das duas mulheres e de José. Quanto ao jornal, dois meses mais tarde, conforme as previsões de Finot, cessou de circular. Assim, a falta de Felipe não teve repercussão alguma na sociedade. Os sentimentos maternos de Ágata, porém, haviam recebido o mais profundo ferimento. Uma vez abalada a fé em seu filho, passou a viver em constantes aflições, que se intercalavam de satisfações quando via falharem suas sinistras apreensões.

Quando homens dotados de coragem física, mas moralmente covardes e ignóbeis, como era Felipe, veem a marcha dos acontecimentos retomar seu curso normal após uma catástrofe em que sua dignidade mais ou menos se perdeu, a benevolência da família ou dos amigos representa para eles um prêmio de estímulo. Confiam na impunidade: com o espírito iludido e as paixões satisfeitas, são levados a refletir sobre a maneira como conseguiram contornar as leis sociais e então se tornam terrivelmente espertos. Quinze dias mais tarde, Felipe, desempregado e entediado, retomou, pois, fatalmente, sua vida de café, suas excursões abrilhantadas por goles de licor, suas longas partidas de bilhar com ponche e sua sessão de jogo à noite, onde arriscava deliberadamente uma pequena parada e realizava um pequeno ganho,

que bastava para a manutenção de sua vida dissipada. Econômico na aparência, para melhor enganar a mãe e a Descoings, usava um chapéu quase imundo, puído na fita e nas abas, sapatos remendados e uma sobrecasaca muito gasta, na qual apenas se destacava a roseta vermelha amarelada pela longa permanência na botoeira e salpicada de gotas de licor ou de café. As luvas esverdeadas de pele de gamo duravam muito tempo. Finalmente, só tirava a gola de cetim quando ela já parecia um trapo. Marieta foi o único amor desse rapaz: a traição da bailarina enrijecera muito seu coração. Quando, por acaso, realizava ganhos inesperados ou jantava com seu velho camarada Giroudeau, Felipe procurava os bordéis por uma espécie de desprezo pelo sexo inteiro. Quanto ao mais, era metódico, almoçava e jantava em casa e recolhia-se todas as noites à uma hora. Três meses dessa horrível existência deram alguma confiança à pobre Ágata.

Quanto a José, que trabalhava no magnífico quadro que lhe deu reputação, vivia no seu ateliê. Fiada no neto, a Descoings, que acreditava na glória de José, prodigalizava ao pintor cuidados maternos; levava-lhe o almoço pela manhã, dava as caminhadas de que ele necessitava, limpava seus sapatos. O pintor aparecia quase que somente ao jantar e suas noites pertenciam aos amigos do Cenáculo. [61] Além disso, lia muito, adquiria essa profunda e séria instrução que só se consegue por si mesmo e a que todas as pessoas inteligentes se entregam entre os vinte e os trinta anos. Ágata, pouco vendo José, e sem preocupações a seu respeito, vivia exclusivamente para Felipe, o único que lhe dava alternativas de receios tumultuosos e de terrores apaziguados, que constituem um pouco a vida dos sentimentos e que são tão necessários à maternidade como ao amor. Desroches, que ia mais ou menos uma vez por semana visitar a viúva do antigo chefe e amigo, dava-lhe esperanças: o duque de Maufrigneuse pedira Felipe para seu regimento; o ministro da Guerra pedira informações; e, como o nome de Bridau não figurava em nenhuma relação da polícia nem no tribunal, nos primeiros meses do ano seguinte Felipe receberia sua carta de serviço e de reintegração. Para conseguir isso, Desroches pusera em ação todos os conhecidos; suas informações na delegacia de polícia deram-lhe a conhecer então que Felipe ia todas as noites ao

jogo, e ele achou necessário confiar esse segredo à Descoings somente, incumbindo-a de vigiar o futuro tenente-coronel, pois um escândalo podia pôr tudo a perder. Por enquanto, o ministro da Guerra não iria investigar se Felipe era jogador. E, uma vez no Exército, o tenente-coronel abandonaria uma paixão nascida da ociosidade. Ágata, que não recebia mais visitas à noite, lia suas orações junto à estufa enquanto a Descoings tirava a sorte pelas cartas, interpretava seus sonhos e aplicava as regras da cabala às suas jogadas. A obstinada jogadora não falhava uma única extração: perseguiu sua centena, que ainda não saíra. Essa centena ia completar vinte e um anos, atingia a maioridade. A velha assinante punha muita esperança nessa circunstância pueril. Um dos números ficara no fundo de todas as rodas desde a criação da loteria: por isso, a Descoings carregava fortemente nesse número e em todas as combinações dos três algarismos. O último colchão de cama servia de depósito das economias da pobre velha; descosia-o, guardava dentro dele a moeda de ouro conseguida à custa de economias, envolvia-a em lã e tornava a coser o colchão. Queria ela, na última extração da loteria de Paris, arriscar todas as suas economias nas combinações de sua centena querida. Essa paixão, tão universalmente condenada, nunca foi estudada. Ninguém ainda compreendeu o ópio da miséria. A loteria, a mais poderosa fada do mundo, não desenvolvia esperanças mágicas? A jogada de roleta, que acenava aos jogadores com montões de ouro e de prazeres, não durava mais que um clarão, ao passo que a loteria dava uma duração de cinco dias a esse magnífico clarão. Qual é, atualmente, a potência social que pode, por quarenta soldos, tornar-vos felizes durante cinco dias e conceder-vos idealmente todas as felicidades da civilização? O fumo, vício mil vezes mais imoral que o jogo, destrói o corpo, ataca a inteligência, embrutece uma nação, ao passo que a loteria não causa o mínimo malefício desse gênero. Essa paixão era, além disso, obrigatoriamente regulada pela distância que separava as extrações e pela roda que cada jogador preferia. A Descoings jogava somente na roda de Paris. Na esperança de ver triunfar a centena alimentada há vinte anos, ela se sujeitara a enormes economias para poder fazer livremente sua parada na última extração do ano. Quando tinha sonhos cabalísticos, pois nem todos os sonhos

correspondiam aos números da loteria, ia contá-los a José, pois ele era o único que a escutava, não só sem censurá-la, mas dizendo-lhe ainda essas doces palavras com que os artistas consolam as loucuras do espírito. Todos os grandes talentos respeitam e compreendem as paixões sinceras, explicam-nas e encontram suas raízes no coração ou no cérebro. Segundo José, seu irmão gostava do fumo e dos licores, sua velha mamã Descoings gostava das centenas, sua mãe gostava de Deus, Desroches filho gostava de processos, Desroches pai gostava da pesca com anzol; todos, dizia, gostavam de alguma coisa. Ele gostava da beleza ideal em tudo; gostava da poesia de Byron, da pintura de Géricault, da música de Rossini e dos romances de Walter Scott.

— Cada um tem seu gosto, mamã — dizia. — Apenas sua centena está demorando muito.

— Ela sairá, ficarás rico e meu pequeno Bixiou também!

— Dê tudo a seu neto! — exclamava José. — Ou melhor, faça como quiser!

— Ah! Se ela sair, terei dinheiro bastante para todos. Para começar, terás um belo ateliê; não te privarás mais de ir aos Italiens[62] para pagar teus modelos e teu vendedor de tintas. Sabes, meu filho — disse-lhe —, que não me fazes representar um papel bonito nesse quadro?

Por economia José fizera a Descoings posar em seu magnífico quadro duma jovem cortesã conduzida por uma velha à casa dum senador veneziano. Esse quadro, uma das obras-primas da pintura moderna, tomado pelo próprio Gros por um Ticiano, inclinou maravilhosamente os jovens artistas a reconhecerem e a proclamarem a superioridade de José na Exposição de 1823.

— Os que a conhecem sabem muito bem quem é a senhora — respondeu-lhe alegremente —, e por que se preocuparia com os que não a conhecem?

Nos últimos dez anos, a Descoings adquirira os tons maduros duma maçã na Páscoa. Formaram-se sulcos na plenitude da carne, que se tornara fria e branda. Os olhos, cheios de vida, pareciam animados por um pensamento jovem e vivaz que podia com tanto maior razão passar por um pensamento de cobiça porque há sempre algo de cúvido no jogador. O rosto rechonchudo possuía as feições duma profunda

dissimulação e duma segunda intenção enterrada no fundo do coração. Sua paixão exigia segredo. Tinha no movimento dos lábios indícios de gula. Assim, embora fosse a proba e excelente mulher que conheceis, o olhar podia enganar-se com ela. Representava, portanto, um excelente modelo da velha que Bridau queria pintar. Corália, jovem atriz de sublime beleza, morta na flor da idade, amante dum jovem poeta, amigo de Bridau, Luciano de Rubempré,[63] dera-lhe a ideia desse quadro. Acusaram essa bela tela de ser uma imitação, embora fosse uma esplêndida composição de três retratos. Miguel Chrestien, um dos rapazes do Cenáculo, emprestara para o senador sua cabeça republicana, sobre a qual José lançou alguns tons de maturidade, do mesmo modo que forçou a expressão do rosto da Descoings.

Esse grande quadro, que devia ter tamanha repercussão e que suscitou tanto ódio, tanta inveja e tanta admiração por José, estava esboçado; mas, forçado a interromper sua execução para fazer trabalhos de encomenda a fim de poder viver, copiava os quadros dos velhos mestres, familiarizando-se com seus processos: graças a isso, seu pincel é um dos mais hábeis. Seu bom senso de artista sugerira-lhe a ideia de ocultar à mãe e à Descoings os ganhos que começava a obter, vendo uma causa de ruína em Felipe e outra na loteria. O sangue-frio demonstrado pelo soldado em sua catástrofe, o cálculo dissimulado sob o pretenso suicídio e que José descobriu, a lembrança das faltas cometidas numa carreira que não devia ter abandonado, os menores detalhes, enfim, da conduta do irmão haviam acabado por abrir os olhos de José. Só muito raramente essa perspicácia falta aos pintores: ocupados durante dias inteiros, no silêncio de suas salas de trabalho, em atividades que deixam o pensamento até certo ponto livre, eles se parecem um pouco às mulheres; seu espírito pode girar em torno dos pequenos fatos da vida e perceber seu oculto sentido.

José comprara uma dessas magníficas arcas, então ignoradas da moda, para decorar com ela um canto da sala onde caía a luz que banhava os baixos-relevos, dando todo seu brilho a essa obra-prima dos artesãos do século XVI. Descobriu uma caixinha no móvel e ali acumulava um pecúlio de previdência. Com a confiança peculiar aos verdadeiros artistas, metia habitualmente o dinheiro que destinava às

despesas do mês numa caveira colocada numa das repartições da arca. Desde que o irmão voltara para casa, ele começou a notar um desacordo constante entre a importância das despesas e a daquela soma. Os cem francos do mês desapareciam com uma incrível rapidez. Na primeira vez em que, tendo gasto apenas quarenta ou cinquenta francos, não achou mais dinheiro no lugar, pensou: “Parece que meu dinheiro criou asas”. Na segunda vez, prestou atenção às despesas; de nada, porém, lhe serviu contar dezesseis mais cinco são treze, como Roberto Macário,^[64] pois nem assim acertou a conta. Ao deparar, pela terceira vez, com um erro maior ainda, comunicou o fato que o preocupava à velha Descoings, por quem se sentia amado com esse amor maternal, terno, confiante, crédulo, entusiasta, que faltava à sua mãe, por melhor que esta fosse, e tão necessário aos primeiros passos dum artista como os cuidados que a galinha dispensa aos pintinhos até que estes criem penas. Somente a ela podia confessar suas horríveis suspeitas. Confiava nos amigos como em si mesmo e certamente a Descoings não lhe tiraria nada para jogar na loteria; e, ao exprimir essa ideia, a pobre mulher torceu as mãos; Felipe era, portanto, o único capaz de cometer esse pequeno furto doméstico.

— Por que é que ele não me pede o que precisa?! — exclamou José, mexendo na tinta sobre a palheta e misturando todas as cores sem perceber. — Acaso eu lhe recusaria dinheiro?

— Mas isso é espoliar um menino! — exclamou a Descoings, cujo rosto exprimiu o mais profundo horror.

— Não — replicou José —, ele pode fazê-lo, é meu irmão, minha bolsa é sua; mas ele devia avisar-me.

— Deixa esta manhã uma quantia certa em moedas e não toques nela — disse a Descoings. — Eu saberei quem vem a teu ateliê, e, se ele for o único a entrar aqui, terás uma certeza.

Já na manhã seguinte, José teve, por esse meio, a prova dos empréstimos forçados que o irmão estava fazendo. Felipe entrava no ateliê quando José se encontrava ausente e retirava as pequenas quantias de que necessitava. O artista encheu-se de receios por seu pequeno tesouro.

— Espera! Espera! Vou apanhar-te, meu rapaz — disse à Descoings,

sorrindo.

— E farás muito bem; devemos corrigi-lo, pois eu também tenho encontrado algumas vezes um déficit na minha bolsa. Pobre rapaz, precisa de tabaco, está habituado.

— Pobre rapaz, pobre rapaz! — replicou o artista. — Sou até certo ponto da opinião de Fulgêncio e de Bixiou: Felipe nos explora. Ora mete-se em rebeliões e é preciso mandá-lo para a América com uma despesa de doze mil francos para nossa mãe; não consegue encontrar nada nas florestas do Novo Mundo e seu regresso custa tanto quanto a partida. Sob o pretexto de ter repetido duas palavras de Napoleão a um general, Felipe julga-se um grande militar e se sente obrigado a fazer caretas aos Bourbon; enquanto espera, diverte-se, viaja, conhece o país. Quanto a mim, não me deixo iludir com suas desgraças, ele parece viver no melhor dos mundos! Dão ao meu folgazão um excelente emprego, ele leva uma vida de Sardanapalo[65] com uma moça da Ópera, mete a mão no dinheiro dum jornal e custa outros doze mil francos à nossa mãe. Pelo que me diz respeito, não ligo a mínima importância; mas Felipe deixará a pobre senhora na miséria. Ele me considera uma nulidade, porque não estive nos Dragões da Guarda! E talvez venha a ser eu quem há de sustentar a querida mãe na velhice, enquanto esse soldado, continuando assim, não sei onde irá parar. Bixiou me dizia: “É um grande farsista o teu irmão!”. Pois bem, seu neto tem razão: Felipe inventará alguma estroinice em que a honra da família fique comprometida e então será preciso arranjar novamente dez ou doze mil francos! Ele joga todas as noites, deixando cair na escada, quando vem para casa bêbado como um templário, os papéis que lhe serviram para marcar as saídas do preto e do vermelho. O tio Desroches anda dum lado para outro para fazer Felipe voltar para o Exército, mas, palavra de honra, acho que ele ficaria desesperado se tivesse de servir novamente! Imaginou alguma vez que um rapaz com tão belos olhos azuis, tão límpidos, e com uma expressão de cavaleiro Bayard[66] se tornasse um sacripanta?

Apesar da prudência e da calma com que Felipe jogava, experimentava, de vez em quando, o que os jogadores chamam *uma limpa*. Impelido pelo irresistível desejo de conseguir sua parada da

noite, dez francos, ele não dava trégua, em casa, ao dinheiro do irmão, ao que a Descoings deixava à mão e ao de Ágata. Já uma vez a pobre viúva tivera, no primeiro sono, uma visão pavorosa: Felipe entrara em seu quarto e tirara dos bolsos de seu vestido todo o dinheiro que encontrara. Ágata fingira estar dormindo, mas passara o resto da noite chorando. Ela compreendia bem a situação. “Uma falta não constitui o vício”, dizia a Descoings, mas, após constantes recidivas, o vício tornou-se evidente. Ágata não podia mais ter dúvidas, seu filho predileto não tinha escrúpulos nem dignidade. Na manhã seguinte a essa terrível visão, após o almoço, antes que Felipe saísse, ela o levava ao quarto para implorar-lhe, com a voz súplice, que ele lhe pedisse o dinheiro de que necessitasse. Os pedidos, então, repetiram-se com tamanha frequência que quinze dias mais tarde Ágata já havia esgotado suas economias. Ela estava sem nada, pensava em trabalhar; discutira durante várias noites com a Descoings os meios de ganhar dinheiro com o trabalho. A pobre mãe já fora pedir na casa Père de Famille estofamentos para encher, trabalho que rende cerca de vinte soldos por dia. Apesar da profunda discrição da sobrinha, a Descoings percebera muito bem o motivo desse anseio de ganhar dinheiro com trabalhos manuais. As alterações da fisionomia de Ágata eram, aliás, bastante eloquentes: o rosto viçoso tornava-se seco, a pele colava-se às têmporas e às maçãs do rosto, a fronte enchia-se de rugas e os olhos perdiam a limpidez; evidentemente, algum fogo interior a consumia, ela chorava durante a noite; mas o que lhe causava mais estragos era a necessidade de silenciar suas dores, seus sofrimentos, suas apreensões. Nunca adormecia antes que Felipe voltasse, esperava até ouvi-lo na rua, estudava as variações de sua voz e de sua marcha e a linguagem da bengala arrastada na calçada. Nada ignorava; sabia em que grau de embriaguez Felipe chegava, tremia ao ouvi-lo tropeçar na escada; juntara uma noite moedas de ouro no lugar onde ele caíra; quando ele bebia e ganhava, sua voz ficava rouca e a bengala se arrastava; mas, quando perdia, seus passos tinham algo de seco, de cortante, de furioso; cantarolava com uma voz clara e mantinha a bengala no ar, como um florete; no almoço, quando havia ganho, sua atitude era alegre e quase afetuosa; gracejava com grosseria, mas gracejava, com a

Descoings, com José e com a mãe; sombrio, ao contrário, quando havia perdido, sua palavra breve e brusca, seu olhar duro e sua tristeza assustavam. Essa vida dissoluta e o hábito dos licores alteravam dia a dia aquela fisionomia antes tão bela. As veias do rosto estavam injetadas de sangue, as feições avultavam, as pálpebras perdiam os cílios e encarquilhavam-se. Além disso, pouco cuidadoso com sua pessoa, Felipe exalava os miasmas da taberna, um odor de botas enlameadas que, para um estranho, pareceria um distintivo de devassidão.

— Bem devias — disse a Descoings a Felipe, nos primeiros dias de dezembro — mandar fazer roupas novas dos pés à cabeça.

— E quem as pagará? — replicou ele, com uma voz áspera. — Minha pobre mãe não tem mais nada; eu tenho só quinhentos francos por ano. Precisaria um ano de minha pensão para comprar trajes, e penhorei minha pensão por três anos...

— Por quê? — perguntou José.

— Uma dívida de honra. Giroudeau pediu mil francos a Florentina para emprestar-me... Não estou muito elegante, é verdade; mas, quando se pensa que Napoleão está em Santa Helena e vende sua prataria para viver, os soldados que lhe são fiéis bem podem andar descalços — disse, mostrando as botas sem saltos, e saiu.

— Não é mau rapaz — disse Ágata. — Tem bons sentimentos.

— Pode-se gostar do imperador e andar bem-vestido — disse José. — Se ele cuidasse de si e das roupas, não andaria por aí como um mendigo.

— José, precisas ter indulgência com teu irmão — disse Ágata. — Fazes o que te agrada, ao passo que ele absolutamente não está no seu lugar.

— E por que o deixou? — perguntou José. — Que importa que haja os percevejos de Luís XVIII ou o cuco de Napoleão em cima das bandeiras, se esses trapos são franceses? A França é a França! Eu pintaria para o diabo. Um soldado deve bater-se, se é soldado, por amor à arte. E, se ele tivesse ficado sossegado no Exército, hoje seria general...

— És injusto com ele — disse Ágata. — Teu pai, que adorava o

imperador, o aprovaria. Afinal, ele consente em voltar para o Exército! Deus sabe o pesar que causa a teu irmão o que ele considera uma traição.

José levantou-se para subir ao ateliê; Ágata, porém, tomou-o pela mão e disse-lhe:

— Sê bom para teu irmão, ele é muito infeliz!

Quando o artista voltou ao ateliê, acompanhado da Descoings, que o aconselhava a acalmar a suscetibilidade da mãe, mostrando-lhe o quanto ela mudara e quantos sofrimentos essa mudança revelava, encontraram lá, com grande espanto, Felipe.

— José, meu caro — disse com um ar desembaraçado —, preciso muito de dinheiro. É o diabo! Devo trinta francos de charutos à minha tabacaria e não tenho mais coragem de passar diante daquela maldita loja sem pagar. Já o prometi dez vezes.

— Muito bem! Prefiro isso — respondeu José. — Tira da caveira.

— Mas já tirei tudo, ontem à noite, depois do jantar.

— Havia quarenta e cinco francos...

— Justamente! Foi exatamente o que encontrei — respondeu Felipe.

— Fiz mal? — perguntou.

— Não, meu caro, não — respondeu o artista. — Se fosses rico, eu faria como tu; apenas, antes de tirar, perguntaria se não ias ficar em falta.

— É muito humilhante pedir — replicou Felipe. — Eu preferiria verte tirar como eu, sem dizer nada: há mais liberdade. No Exército, quando um camarada que morre tem um bom par de botas e estamos com as nossas gastas, trocamos com ele.

— Sim, mas não lhe tiram as botas enquanto está vivo!

— Oh! Isso é bobagem — replicou Felipe, encolhendo os ombros. — Então, não tens dinheiro?

— Não — disse José, que não queria mostrar o cofre.

— Dentro de poucos dias estaremos ricos — disse a Descoings.

— Sim, a senhora acredita que sua centena sairá no dia 25, na extração de Paris. Precisa fazer uma parada formidável se quiser enriquecer a nós todos.

— Uma centena seca de duzentos francos dá três milhões, sem

contar as combinações.

— A quinze mil vezes a parada, sim, são necessários exatamente duzentos francos! — exclamou Felipe.

A Descoings mordeu os lábios. Dissera uma coisa imprudente.

VIII — COMO SE ALTERA O SENTIMENTO MATERNO

Efetivamente, Felipe, na escada, se indagava:

— Onde será que essa velha bruxa esconde o dinheiro para essa parada? É dinheiro perdido, e eu o empregaria tão bem! Com quatro paradas de cinquenta francos pode-se ganhar duzentos mil francos! E isso é um pouco mais seguro que o sorteio duma centena!

Pôs-se a procurar em pensamento o provável cofre da Descoings. Na véspera dos dias de festa, Ágata ia à igreja e lá ficava durante muito tempo; confessava-se, certamente, e preparava-se para comungar. Chegara a véspera do Natal e a Descoings devia necessariamente sair para comprar algumas guloseimas para a ceia; mas também era possível que fizesse seu jogo na mesma ocasião. A loteria tinha uma extração de cinco em cinco dias, nas seções de Bordeaux, Lyon, Lille, Strasbourg e Paris. A loteria de Paris corria no dia 25 de cada mês e as listas se encerravam no dia 24 à meia-noite. O soldado estudou todas essas circunstâncias e ficou observando. Ao meio-dia, Felipe voltou à casa. A Descoings saíra, mas levava a chave. Isso não constituiu obstáculo. Felipe fingiu ter esquecido alguma coisa e pediu à porteira do prédio que fosse chamar um serralheiro que morava perto dali, à Rue Guénégaud, e que veio abrir a porta. O primeiro pensamento do soldado dirigiu-se para o leito: desarrumou-o e apalpou os colchões antes de procurar na armação; e no último colchão percebeu as moedas de ouro envoltas em papel. Rapidamente descoseu a fazenda e apanhou vinte napoleões; depois, sem gastar tempo em recoser a fazenda, tornou a arrumar o leito com muita habilidade para que a Descoings não notasse nada.

O jogador afastou-se lepidamente, propondo-se jogar três vezes, de três em três horas, durante apenas dez minutos cada vez. Os verdadeiros jogadores, desde 1786, época em que foram inventados os

jogos públicos, os grandes jogadores temidos pela administração e que, segundo a linguagem das casas de jogo, quebraram banqueiros, nunca jogaram de outro modo. Antes de alcançar essa experiência, porém, perdiam-se fortunas. Toda a fisionomia dos concessionários do jogo, assim como seu lucro, provinha da inalterabilidade de sua caixa, das jogadas em que se verificava empate, nas quais a metade das paradas passava para o banqueiro, e da insigne desonestidade autorizada pelo governo, que consistia em não garantir, não aceitar senão facultativamente as paradas dos jogadores. Numa palavra, o jogo, que recusava a parada do jogador rico e de sangue-frio, devorava a fortuna do jogador tolamente obstinado a ponto de deixar-se inebriar pelo rápido movimento daquela máquina. Os banqueiros do vermelho e preto eram quase tão velozes como a roleta. Felipe acabara adquirindo essa firmeza de general comandante, que permite conservar a visão acurada e a inteligência lúcida no meio do turbilhão das coisas. Atingira essa alta política do jogo que, digamos de passagem, sustentava em Paris um milhar de pessoas suficientemente fortes para contemplar todas as noites um abismo sem sentir vertigem. Com os quatrocentos francos, Felipe resolveu ganhar uma fortuna naquele dia. Meteu duzentos francos de reserva no cano da bota e pôs duzentos francos no bolso. Às três horas, foi ao salão atualmente ocupado pelo teatro do Palais-Royal, onde os banqueiros aceitavam as paradas mais altas. Saiu meia hora mais tarde com sete mil francos. Foi visitar Florentina, a quem devia quinhentos francos, pagou-lhe e convidou-a para cear no Rocher de Cancale[67] após o espetáculo. Na volta, passou pela Rue du Sentier, onde ficava o escritório do jornal, para prevenir o amigo Giroudeau do banquete projetado. Às seis horas, Felipe ganhou vinte e cinco mil francos e, fiel à sua deliberação, saiu ao fim de dez minutos. Às dez horas da noite já ganhara setenta e cinco mil francos. Após a ceia, que foi magnífica, Felipe, ébrio e confiante, voltou ao jogo à meia-noite. Contrariamente à lei que se impusera, jogou durante uma hora e duplicou o capital. Os banqueiros, aos quais, com sua maneira de jogar, arrancara cento e cinquenta mil francos, fitavam-no com curiosidade.

— Sairá? Ficaré? — interrogavam-se mutuamente por meio de

olhares. — Se ficar, estará perdido.

Felipe acreditou estar numa aragem de sorte e ficou. Às três da madrugada, os cento e cinquenta mil francos haviam voltado para a caixa da casa de jogo. O oficial, que, enquanto jogava, bebera grogue em grande quantidade, saiu num estado de embriaguez que o frio que o assaltou levou ao mais alto grau; um empregado, entretanto, acompanhou-o, amparou-o e levou-o a uma dessas horríveis casas em cuja porta se leem estas palavras sob um lampião: “Alugam-se quartos por noite”. O empregado pagou pelo jogador arruinado, que foi estendido numa cama completamente vestido e assim ficou até a noite de Natal. A administração dos jogos dispensava atenções especiais aos seus fregueses e aos grandes jogadores. Felipe só despertou às sete horas, com a boca pastosa, o rosto vultuoso e acometido duma febre nervosa. A robustez de sua constituição permitiu-lhe alcançar a pé a casa paterna, onde, sem o querer, lançara o luto, a desolação, a miséria e a morte.

Na véspera, depois de pronto o jantar, a Descoings e Ágata esperaram Felipe; durante cerca de duas horas. Só foram para a mesa às sete horas. Ágata deitava-se quase sempre às dez horas; mas, como queria assistir à missa do galo, deitou-se logo depois do jantar. A Descoings e José ficaram sós, junto à estufa, naquela saleta que servia para tudo, e a velha pediu-lhe para calcular sua formidável parada, sua parada-monstro, no famoso terno. Ela queria jogar todas as combinações para reunir todas as possibilidades. Após ter saboreado longamente a poesia da jogada, após ter derramado as duas cornucópias da abundância aos pés do filho adotivo e de haver-lhe narrado seus sonhos demonstrando a certeza de ganhar, preocupando-se apenas com a dificuldade de suportar tamanha felicidade, de esperá-la desde a meia-noite até as dez horas da manhã, José, que ainda não vira os quatrocentos francos da parada, teve a ideia de falar neles. A velha sorriu e levou-o à antiga sala, que era agora seu quarto.

— Vais ver! — disse.

A Descoings desfez precipitadamente o leito e foi buscar a tesoura para descoser o colchão; tomou as lunetas, examinou a fazenda, viu-a descosida e soltou o colchão. Ao ouvir a velha lançar um suspiro

nascido nas profundidades do peito e como que sufocado pelo sangue que afluíu ao coração, José estendeu instintivamente os braços à velha assinante da loteria e colocou-a desmaiada numa poltrona, chamando a mãe aos gritos. Ágata levantou-se, enfiou o roupão, correu e, à luz duma candeia, aplicou à tia desfalecida os remédios vulgares: água-de-colônia nas têmporas, água fria na fronte; queimou uma pena sob seu nariz e viu-a, por fim, recuperar os sentidos.

— Estavam aqui esta manhã; mas *ele* os tirou, o monstro!

— Quê? — perguntou José.

— Eu tinha vinte luíses no colchão, minhas economias de dois anos. Só Felipe podia tê-los tirado...

— Mas quando? — exclamou a pobre mãe, acabrunhada. — Ele não voltou desde o almoço.

— Bem eu quisera enganar-me — disse a velha. — Mas, esta manhã, na sala de trabalho de José, quando falei no jogo que ia fazer, tive um pressentimento; fiz mal em não descer logo a fim de apanhar o dinheiro e fazer o jogo imediatamente. Tive vontade de fazê-lo, mas não sei mais o que foi que me impediu. Oh! Meu Deus! Fui comprar charutos para ele!

— Mas — disse José — o apartamento estava fechado. Isto, aliás, é tão infame que não posso acreditar. Felipe a teria espionado, teria descosido o colchão, teria premeditado... não!

— Apalpei-os ainda esta manhã, ao fazer a cama, depois do almoço — insistiu a Descoings.

Ágata, apavorada, desceu, perguntou se Felipe aparecera em casa durante o dia e a porteira narrou-lhe o romance de Felipe. A mãe, ferida no coração, voltou inteiramente mudada. Branca como o percal da camisa, andava como se imagina que devem andar os espectros, sem ruído, lentamente e movida por uma força sobre-humana e, no entanto, quase mecânica. Trazia uma vela na mão, que a iluminava em cheio, mostrando os olhos fixos de horror. Sem que o percebesse, espalhara os cabelos sobre a fronte; e essa circunstância conferia-lhe uma beleza tão horrível que José ficou imobilizado pela aparição desse remorso, pela visão dessa estátua do Pavor e do Desespero.

— Minha tia — disse —, fique com meus talheres. Tenho seis, valem

justamente o seu dinheiro, que eu tirei para dar a Felipe, certa de que poderia repô-lo antes que a senhora o notasse. Oh! Tenho sofrido muito!

Sentou-se. Os olhos secos e fixos então vacilaram um pouco. — Foi ele que tirou o dinheiro — disse a Descoings em voz baixa a José. — Não, não — replicou Ágata. — Fique com meus talheres, venda-os, não preciso deles, comeremos com os seus.

Dirigiu-se ao quarto, tomou a caixa de talheres, achou-a muito leve, abriu-a e viu dentro dela uma cautela da casa de penhores. A pobre mãe deixou escapar um grito lancinante. José e a Descoings correram, olharam para a caixa e a sublime mentira da mãe tornou-se inútil. Os três permaneceram em silêncio, evitando trocar um olhar. Ágata, com um gesto quase alucinado, pôs um dedo sobre os lábios para recomendar o segredo que ninguém queria divulgar. Os três voltaram para diante da estufa, na sala.

— Meus filhos — disse a Descoings —, fui golpeada no coração: minha centena sairá, tenho certeza. Não penso mais em mim, e sim em vós dois! Felipe — disse à sobrinha — é um monstro; não te ama apesar de tudo o que fazes por ele. Se não tomares precauções contra ele, o miserável te deixará na miséria. Promete-me vender teus títulos de renda e colocar o capital que apurares em pensão vitalícia. José tem uma boa profissão que lhe permite viver. Adotando esse partido, minha filha, nunca serás pesada a José. O sr. Desroches quer instalar o filho. O pequeno Desroches (ele tinha, então, vinte e seis anos) encontrou um escritório e receberá teus doze mil francos em renda vitalícia.

José pegou a vela que a mãe trazia e subiu precipitadamente ao seu ateliê e voltou logo depois com trezentos francos.

— Tome, mamã Descoings — disse, oferecendo-lhe seu pecúlio. — Não temos nada com que a senhora faz de seu dinheiro, devemos-lhe o que lhe falta e aqui está ele, quase todo.

— Fica com teu dinheirinho, fruto de tuas privações que tanto me afligem! Estás louco, José? — exclamou a velha assinante da loteria real da França, visivelmente dividida entre a confiança brutal no seu terno e aquela ação que lhe parecia um sacrilégio.

— Oh! Faça o que quiser — disse Ágata, comovida até as lágrimas

pelo gesto de seu verdadeiro filho.

A Descoings tomou a cabeça de José entre as mãos e beijou-o na frente:

— Meu filho, não me tentes. Olha, eu perderia do mesmo modo. A loteria é uma tolice!

Jamais se pronunciou algo tão heroico nos dramas ignorados da vida privada. Não era, na verdade, a afeição triunfando sobre um vício inveterado? Nesse momento, os sinos da missa do galo ressoaram.

— E, além do mais, já é tarde — acrescentou a Descoings.

— Oh! — disse José —, cá estão seus cálculos cabalísticos.

O generoso artista lançou-se sobre os números, precipitou-se pela escada e correu para fazer o jogo. Depois que José saiu, Ágata e a Descoings romperam em pranto.

— Vai mesmo, o querido — exclamou a jogadora. — Mas tudo será para ele, pois o dinheiro é seu!

Desgraçadamente, porém, José ignorava por completo onde ficavam as agências de loteria que, nesse tempo, os fregueses conheciam em Paris como atualmente os fumadores conhecem as tabacarias. O pintor ia como um louco, guiando-se pelas lanternas. Quando pediu a uns transeuntes que lhe informassem onde havia uma agência de loteria, responderam-lhe que elas já estavam fechadas, mas que a da escadaria do Palais-Royal às vezes ficava aberta até um pouco mais tarde. Imediatamente, o artista correu ao Palais-Royal, onde encontrou a agência fechada.

— Dois minutos mais cedo teria podido fazer seu jogo — disse-lhe um dos pregoeiros de bilhetes que estacionavam ao pé da escadaria vociferando essas estranhas palavras: — Mil e duzentos francos por quarenta soldos! — oferecendo bilhetes numerados.

Ao clarão dos revérberos e das luzes do Café de la Rotonde,^[68] José examinou se naqueles bilhetes não havia, por acaso, alguns dos números da Descoings; mas não encontrou nenhum e voltou com o pesar de ter feito em vão tudo o que dependia dele para contentar a velha senhora, a quem narrou sua infelicidade. Ágata e a tia foram juntas à missa da meia-noite em Saint-Germain-des-Prés. José deitou-se. A ceia de Natal não se realizou. A Descoings esquecera-se de tudo e

Ágata estava com o coração enlutado para sempre. As duas mulheres levantaram-se tarde. Já eram dez horas quando a Descoings tentou movimentar-se para fazer o almoço, que só ficou pronto às onze e meia. A essa hora as tabuletas oblongas suspensas sobre as portas das agências de loteria traziam os números sorteados. Se a Descoings tivesse seu bilhete, teria ido às nove e meia à Rue Neuve-des-Petits-Champs verificar sua sorte, que se decidia num prédio contíguo ao Ministério das Finanças, local onde estão hoje o teatro e a place Ventadour. Em todos os dias de extração os curiosos podiam admirar, à porta desse prédio, um agrupamento de senhoras velhas, cozinheiras e anciãos que, nessa época, constituía um espetáculo tão singular como o da fila dos capitalistas no dia de pagamento das rendas no Tesouro.

— Muito bem, a senhora está riquíssima! — exclamou o velho Desroches, entrando no momento em que a Descoings saboreava seu último gole de café.

— Como? — indagou a pobre Ágata. — Sua centena saiu — disse ele, mostrando a lista dos números sorteados.

Essas listas eram expostas às centenas, dentro de gamelas, nos balcões das agências.

José leu a lista. Ágata leu a lista. A Descoings não leu nada; ficou como fulminada por um raio. Notando a alteração do seu rosto e ao ouvirem o grito que ela lançou, o velho Desroches e José levaram-na para a cama. Ágata foi chamar um médico. A apoplexia aniquilou a pobre mulher, que só voltou a si às quatro horas da tarde; o velho Haudry, seu médico, anunciou que, apesar dessa melhora, ela devia pensar em seus negócios e em sua salvação. Ela pronunciou apenas uma frase: “Três milhões!”.

Desroches pai, informado dos acontecimentos, com as necessárias reticências, por José, citou vários exemplos de jogadores aos quais a fortuna escapara justamente no dia em que, por fatalidade, se haviam esquecido de fazer suas apostas; compreendeu, no entanto, que tal golpe devia ser mortal quando ocorria após vinte anos de perseverança. Às cinco horas, quando reinava no apartamento o mais profundo silêncio e a doente, atendida por José e sua mãe, sentados um aos pés e o outro à cabeceira do leito, esperava o neto que o velho Desroches fora

chamar, ressoaram na escada os passos de Felipe e o ruído de sua bengala.

— Aí está ele! Aí está ele! — gritou a Descoings, recostando-se no leito e conseguindo mover a língua paralisada.

Ágata e José ficaram impressionados com o gesto de pavor que agitava tão intensamente a enferma. Sua penosa espera foi inteiramente justificada pelo espetáculo no rosto esverdeado e esquelético de Felipe, por sua marcha vacilante, pelo horrível aspecto de seus olhos metidos em profundas olheiras, embaciados e, mesmo assim, rudes; tinha violentos calafrios, rangia os dentes.

— Miséria na Prússia! — bradou. — Nem pão nem massa, e estou com a goela em brasa. Então, que é que há? O diabo sempre se mete nos nossos negócios. Minha velha Descoings está na cama e me põe esses olhos do tamanho dum pires...

— Cale-se, senhor — disse Ágata, levantando-se —, e respeite, ao menos, a desgraça que causou.

— Oh! *Senhor*?... — replicou, olhando para a mãe. — Minha querida mãezinha, isso não está certo. Então, não gosta mais de seu filho?

— E acaso merece que se goste do senhor? Não se lembra mais do que fez ontem? Trate de encontrar um quarto, pois o senhor não morará mais conosco. De amanhã em diante — acrescentou —, pois, no estado em que se encontra, seria muito difícil tratar disso hoje...

— Expulsa-me de casa, não é? — replicou. — Ah! Vocês estão representando aqui o melodrama do *Filho banido*?[69] Ora! Ora! É assim que vocês encaram as coisas? Pois bem! Vocês todos são uns bobalhões. Que fiz de mal? Apenas uma limpezazinha no colchão da velha. O dinheiro não foi feito para ficar metido na lã, que diabo! E onde está o crime? Ela não lhe tirou vinte mil francos? Não somos seus credores? Pois apenas reembolsei. Aí está!...

— Meu Deus! Meu Deus! — exclamou a moribunda, juntando as mãos e rezando.

— Cala-te! — gritou José, saltando sobre o irmão e cobrindo-lhe a boca com a mão.

— Alto lá, seu pintorzinho! — replicou Felipe, metendo a mão possante no ombro de José, que girou e caiu sobre uma poltrona. —

Não se toca assim no bigode dum comandante de esquadrão dos Dragões da Guarda imperial.

— Mas ela já me pagou tudo o que me devia! — exclamou Ágata, levantando-se e encarando o filho com o rosto indignado. — Além do mais, isso só diz respeito a mim. O senhor a está matando. Saia, meu filho — disse, com um gesto que esgotou suas forças —, e não apareça mais diante de mim. O senhor é um monstro!

— Eu a estou matando?

— Sua centena saiu — disse José — e lhe roubaste o dinheiro de sua aposta!

— Se ela se arrebenta por causa duma centena que andava escondida, não sou eu que a estou matando — respondeu o ébrio.

— Mas saia logo — disse Ágata. — O senhor me causa horror. Tem todos os vícios! Meu Deus, é esse o meu filho?

Um estertor surdo saído da garganta da Descoings aumentara a indignação de Ágata.

— Ainda a quero muito, minha mãe, embora seja a causa de todas as minhas desgraças! — disse Felipe. — A senhora me expulsa de casa no dia de Natal, dia do nascimento de... como é que se chama?... Jesus? Que fez a senhora ao vovô Rouget para que ele a expulsasse e a deserdasse? Se a senhora não lhe tivesse causado desgostos, seríamos ricos e eu não estaria reduzido à extrema miséria. Que fez a seu pai, a senhora, que é tão boa pessoa? Bem vê que eu posso ser um bom rapaz e ser igualmente posto para fora de casa, eu, a glória da família...

— A vergonha! — gritou a Descoings.

— Ou sairás, ou hás de matar-me! — exclamou José, que se lançou sobre o irmão com um furor de leão.

— Meu Deus! Meu Deus! — disse Ágata, levantando-se e procurando separar os dois irmãos.

Nesse momento, Bixiou e Haudry, o médico, entraram. José derrubara o irmão e o mantinha estendido no chão.

— És uma verdadeira fera — disse.

— Não fales! Senão eu te...

— Não me esquecerei disto! — berrava Felipe.

— Isso é uma explicação em família? — perguntou Bixiou.

— Levantem-no — disse o médico. — Ele está tão doente como a boa senhora. Dispam-no, deem-no na cama e tirem-lhe as botas.

— Isso é fácil de dizer — replicou Bixiou. — Mas será preciso cortar as botas, pois as pernas estão muito inchadas...

Ágata tomou uma tesoura. E quando cortou o cano da bota, que nessa época se usava por cima das calças muito justas, rolaram pelo assoalho dez moedas de ouro.

— Aí está o seu dinheiro — disse Felipe, num murmúrio. — Que besta endiabrada que sou, esqueci a reserva. Eu também perdi a ocasião de ganhar uma fortuna!

Felipe foi acometido de delírio causado por uma febre horrível e começou a praticar desatinos. José, ajudado por Desroches pai, que acabava de chegar, e por Bixiou, pôde transportar o infeliz para o quarto. O dr. Haudry teve de escrever um bilhete para pedir ao Hospital da Caridade uma camisa de força, pois o delírio se acentuou de tal modo que ele teve receio de que Felipe se matasse: tornou-se furioso. Às nove horas a calma voltou à casa. O padre Loraux e Desroches tentavam consolar Ágata, que não cessava de chorar à cabeceira da tia; esta escutava sacudindo a cabeça e mantinha um silêncio obstinado; José e a Descoings eram os únicos que conheciam a profundidade e a extensão de sua ferida íntima.

— Ele se corrigirá, mamãe — disse, finalmente, José, depois que Desroches pai e Bixiou saíram.

— Oh! — exclamou a viúva. — Felipe tem razão: meu pai me amaldiçoou. Não tenho o direito de... Aí está seu dinheiro — disse à Descoings, reunindo os trezentos francos de José aos duzentos encontrados na bota de Felipe. — Vai ver se teu irmão está com sede — disse a José.

— Cumprirás uma promessa feita num leito de morte? — perguntou a Descoings, sentindo-se prestes a perder a lucidez.

— Sim, tia.

— Pois bem, jura que entregarás ao pequeno Desroches teus títulos para constituir uma renda vitalícia. Vais ficar sem minha renda e, depois do que acabas de dizer, tenho a certeza de que te deixarás arrancar até o último soldo por esse miserável.

— Juro-lhe, tia.

A antiga vendeira morreu a 31 de dezembro, seis dias após ter recebido o terrível golpe que o velho Desroches inocentemente lhe causara. Os quinhentos francos, todo o dinheiro que havia em casa, mal chegaram para as despesas do enterro da viúva Descoings. Esta deixou apenas uma pequena quantidade de objetos de prata e de mobília, cujo valor foi entregue a seu neto pela sra. Bridau. Reduzida a oitocentos francos de renda vitalícia, assegurada por Desroches filho, que, após ter adquirido um cartório sem clientela, recebeu seu capital de doze mil francos, Ágata entregou ao senhorio o apartamento do terceiro andar e vendeu todo o mobiliário inútil. Quando, ao fim de um mês, o enfermo entrou em convalescença, Ágata declarou-lhe friamente que, como as despesas da doença haviam consumido todo o dinheiro que possuía, ela teria, daí por diante, de trabalhar para viver; aconselhou-o, pois, da maneira mais afetuosa, a voltar para o Exército e a sustentar-se sozinho.

— A senhora bem podia ter-se poupado esse sermão — disse Felipe, encarando a mãe com um olhar que uma completa indiferença tornava frio. — Percebi muito bem que a senhora e meu irmão não gostam de mim. Agora, estou só no mundo; prefiro isto!

— Torne-se digno de afeição — respondeu a pobre mãe ferida no fundo do coração — e nós lhe restituiremos a nossa.

— Isso é bobagem! — exclamou ele, interrompendo-a.

Enfiou o velho chapéu puído na aba, tomou a bengala e começou a descer a escada assobiando.

— Felipe! Aonde vais sem dinheiro? — gritou-lhe a mãe, que não pôde conter as lágrimas. — Toma...

E estendeu-lhe cem francos em ouro enrolados em papel. Felipe subiu os degraus que descera e pegou o dinheiro.

— Então? Não me beijas? — disse ela, desfazendo-se em pranto.

Felipe estreitou a mãe contra o coração, mas sem essa efusão de sentimento que dá valor a um beijo.

— E aonde vais?

— À casa de Florentina, a amante de Giroudeau. Esses é que são meus amigos! — respondeu, brutalmente.

Felipe desceu. Ágata entrou, com as pernas trêmulas, os olhos enuviados, o coração apertado. Caiu de joelhos, pediu a Deus que tomasse aquele filho desnaturado sob sua proteção e renunciou à sua onerosa maternidade.

IX — ÚLTIMAS VELHACARIAS DE FELIPE

Em fevereiro de 1822, a sra. Bridau instalou-se no quarto anteriormente ocupado por Felipe e situado acima da cozinha de seu antigo apartamento. O ateliê e o quarto do pintor ficavam diante dele, no outro lado da escada. Ao ver a mãe reduzida a essa situação, José esforçou-se para que ela pudesse viver da melhor maneira possível. Após a partida do irmão, ele tratou do arranjo da mansarda, à qual imprimiu o cunho dos artistas, colocando um tapete. O leito, arrumado singelamente, mas com um gosto delicado, adquiriu um caráter de simplicidade monástica. As paredes, forradas de percalina barata, bem escolhida, cuja cor se harmonizava com o mobiliário reformado, tornaram aquele interior elegante e limpo. Colocou no patamar uma dupla porta e na parte interna um reposteiro. A janela ficou oculta por uma cortina que deixava passar uma luz suave. Se a existência daquela pobre mãe ficou restrita à mais simples expressão que possa assumir em Paris a vida duma mulher, Ágata, pelo menos, ficou melhor do que qualquer outra em igual situação, graças ao filho. Para poupar à mãe os aborrecimentos mais cruéis das habitações parisienses, José levou-a todos os dias a jantar num restaurante da Rue de Beaune, frequentado por senhoras distintas, deputados, titulados, e que cobrava noventa francos por pessoa e por mês.

Tendo que fazer apenas o almoço, Ágata adotou para com o filho os hábitos que tinha antigamente ao lado do pai. Apesar das piedosas mentiras de José, ela acabou descobrindo que seu jantar custava quase cem francos por mês. Apavorada com a enormidade dessa despesa, e não imaginando que o filho pudesse ganhar tanto dinheiro pintando mulheres nuas, conseguiu, graças ao padre Loraux, seu confessor, um emprego de setecentos francos por ano numa agência de loteria de propriedade da condessa de Bauvan, viúva dum comandante de

chouans.^[70] As agências de loteria, o quinhão das viúvas protegidas, geralmente davam para sustentar uma família que se empregava na gerência. Durante a Restauração, porém, a dificuldade de recompensar, dentro dos limites do governo constitucional, todos os serviços prestados fez com que se desse às senhoras necessitadas que se queria amparar não uma, e sim duas agências de loteria, cujas receitas iam de seis a dez mil francos. Neste caso, a viúva do general ou do nobre assim protegida não geria pessoalmente as agências, mas tinha gerentes interessados. Quando esses gerentes eram moços, não podiam deixar de ter consigo um empregado, pois a agência devia sempre ficar aberta até a meia-noite e, além disso, os documentos então exigidos pelo Ministério das Finanças eram consideráveis. A condessa de Bauvan, a quem o padre Loraux expôs a situação da viúva Bridau, prometeu dar o lugar a Ágata se o gerente saísse; mas, enquanto esperava a vaga, estipulou um ordenado de setecentos francos para a viúva. Obrigada a chegar à agência às dez horas da manhã, Ágata, à noite, mal tinha tempo para jantar. Voltava às sete horas da noite para a agência, de onde não saía antes da meia-noite. Nunca, durante dois anos, José deixou uma única vez de ir buscar a mãe, à noite, para acompanhá-la à Rue Mazarine e muitas vezes ia buscá-la para jantar. Os amigos viram-no deixar a Ópera, os Italiens e os mais brilhantes salões para poder estar à meia-noite à Rue Vivienne.

Ágata adquiriu logo essa monótona regularidade de existência na qual as pessoas atingidas por violentos pesares encontram um ponto de apoio. Pela manhã, após ter arrumado o quarto, onde não mais havia gatos nem passarinhos, e preparado o almoço junto à estufa, levava-o ao ateliê do filho, onde almoçava com ele. Arrumava o quarto de José, apagava o fogo de seu aquecedor e ia trabalhar na sala do filho diante da pequena estufa de ferro fundido e saía sempre que chegava um camarada ou um modelo. Embora ela não compreendesse nada da arte nem de suas possibilidades, o profundo silêncio daquela sala lhe era propício. Nesse terreno ela não fez o mínimo progresso, não usava a menor hipocrisia e admirava-se enormemente da importância que davam à cor, à composição, ao desenho. Quando um dos companheiros do Cenáculo ou algum pintor amigo de José, como Schinner, Pedro

Grassou,[71] Leão de Lora, aprendiz muito jovem que então chamavam de Mistigris,[72] discutiam, ela ia examinar o quadro atentamente e não descobria nada daquilo que dava lugar àquelas grandes frases e acaloradas discussões. Cosia a roupa branca do filho, consertava-lhe as meias e as peúgas; chegava, mesmo, a limpar-lhe a palheta, a juntar retalhos de fazenda para enxugar seus pincéis, a pôr tudo em ordem no ateliê. Ao ver como a mãe compreendia esses pequenos detalhes, José cumulava-a de atenções. Se a mãe e o filho não se entendiam em questões de arte, uniram-se admiravelmente, entretanto, pela afeição. A mãe alimentava um projeto. Certa manhã, após ter elogiado o filho enquanto este esboçava um imenso quadro, realizado mais tarde e que não foi compreendido, Ágata encheu-se de coragem e disse em voz alta:

— Meu Deus, que estará ele fazendo?

— Quem?

— Felipe!

— Ora! Deve estar comendo o pão que o diabo amassou. Acabará criando juízo!

— Mas ele já conheceu a miséria e talvez tenha sido a miséria que o tenha feito mudar tanto. Se ele fosse feliz, seria bom...

— Acreditas, querida mãe, que ele tenha sofrido naquela viagem? Estás enganada. Ele viveu em farras, em Nova York, como continua a viver aqui...

— Se, entretanto, ele estivesse sofrendo perto de nós, seria horrível...

— Sim — respondeu José. — Quanto ao que me diz respeito, eu lhe daria dinheiro de muito boa vontade, mas não quero vê-lo. Ele matou a pobre Descoings.

— E não farias seu retrato? — perguntou Ágata.

— Por ti, mamãe, eu suportaria o martírio. Só não me posso lembrar duma coisa: que ele seja meu irmão.

— Seu retrato como capitão de dragões, a cavalo?

— Sim. Tenho aí um belo cavalo copiado de Gros e não sei como utilizá-lo.

— Muito bem! Vai saber, então, na casa de seu amigo, que é feito dele.

— Irei.

Ágata levantou-se. A tesoura e os demais objetos caíram ao chão; ela beijou José na cabeça e ocultou duas lágrimas em seus cabelos.

— Esse rapaz é a tua paixão — disse ele — e todos nós temos nossa paixão infeliz.

À tarde, José foi à Rue du Sentier e lá encontrou, às quatro horas, o irmão, que estava substituindo Giroudeau. O antigo capitão dos Dragões passara a caixa dum jornal semanal fundado pelo sobrinho. Embora Finot continuasse como proprietário do jornalzinho que criara por meio duma sociedade por ações e todas as ações estivessem em suas mãos, o proprietário e chefe da redação ostensivo era um amigo chamado Lousteau, precisamente o filho do subdelegado de Issoudun de quem o avô de Bridau quisera vingar-se e, conseqüentemente, sobrinho da sra. Hochon. Para ser agradável ao tio, Finot dera-lhe como substituto Felipe, reduzindo à metade, contudo, o ordenado. Todos os dias, às cinco horas, Giroudeau verificava a caixa e levava o dinheiro da receita do dia. Coloquinte, o inválido que servia de contínuo e que fazia as caminhadas, vigiava um pouco o comandante Felipe. Este, por sua vez, comportava-se bem. Os seiscentos francos de ordenado, somados aos quinhentos de sua cruz, permitiam-lhe viver com tanto maior desafogo porque, desfrutando o aquecimento do jornal durante o dia e passando as noites nos teatros, que frequentava gratuitamente, só tinha de cuidar da moradia e da alimentação. Coloquinte ia saindo com papel timbrado sobre a cabeça e Felipe escovava as mangas postiças de fazenda verde quando José entrou.

— Olha, aí está o garoto! — disse Felipe. — Muito bem! Vamos jantar juntos e irás à Ópera. Fiorina e Fiorentina têm um camarote. Irei com Giroudeau; lá te encontraremos e conhecerás Nathan.

Tomou a bengala cor de chumbo e passou o charuto nos lábios.

— Não posso aceitar teu convite. Preciso acompanhar nossa mãe, jantamos num restaurante.

— Muito bem! Como vai a coitada da senhora?

— Ora, não vai nada mal — respondeu José. — Estou retocando o retrato de nosso pai e de nossa tia Descoings. Terminei o meu e queria dar a mamãe o teu, com o uniforme de Dragões da Guarda imperial.

— Muito bem!

— Mas precisas ir posar...

— Então serei obrigado a ficar naquele galinheiro todos os dias, das nove até as cinco...

— Dois domingos serão suficientes.

— Está combinado, garoto — respondeu o antigo ajudante de ordens de Napoleão, acendendo o charuto no lampião da porta.

Quando José expôs à mãe a situação de Felipe, ao acompanhá-la ao restaurante da Rue de Beaune, sentiu que o braço dela tremera sob o seu e viu a alegria iluminar aquele rosto fanado; a pobre mulher respirou como quem se desembaraça dum peso enorme. No dia seguinte, cumulou José de atenções inspiradas por sua satisfação e sua gratidão, encheu de flores o ateliê e comprou-lhe duas jardineiras. No primeiro domingo em que Felipe devia posar, Ágata preparou no ateliê um almoço delicado. Dispôs tudo sobre a mesa, sem esquecer uma garrafa de aguardente pela metade. Ficou atrás dum biombo, no qual fizera um buraco. O ex-dragão mandara, na véspera, seu uniforme, que ela não se pôde impedir de abraçar. Quando Felipe começou a posar, fardado, sobre um desses cavalos empalhados que existem nas casas dos seleiros e que José alugara, Ágata, para não se trair, foi obrigada a confundir seu pranto com a conversa dos dois irmãos. Felipe posou duas horas antes e duas horas depois do almoço. As três da tarde, o dragão retomou o traje habitual e, sempre fumando um charuto, convidou o irmão pela segunda vez para jantarem juntos no Palais-Royal. Fez retinir as moedas no bolso.

— Não — respondeu José. — Tenho medo de ti quando te vejo com dinheiro.

— Ah! É por isso? Continuam a fazer mau juízo de mim, aqui? — exclamou o tenente-coronel, com uma voz estrondosa. — Estou vendo que não se pode fazer economias!

— Não! Não! — replicou Ágata, saindo do esconderijo e abraçando o filho. — Vamos jantar com ele, José.

José não teve coragem de contrariar a mãe. Vestiu-se e Felipe levou-os à Rue Montorgueil, ao Rocher de Cancale, onde lhes ofereceu um esplêndido jantar, cuja despesa se elevou a cem francos.

— Caramba! — disse José, inquieto. — Com mil e cem francos de ordenado fazes, como Ponchard na *Dama Branca*,^[73] economias que permitem comprar terras.

— Ora! Ando de sorte! — respondeu o dragão, que bebera muito.

Ao ouvir essa frase, pronunciada no limiar da porta, e antes de subir ao carro para ir ao teatro, pois Felipe ia levar a mãe ao Cirque Olympique,^[74] o único a que seu confessor lhe permitia ir, José apertou o braço da mãe, que fingiu estar indisposta e recusou o convite. Felipe acompanhou, então, a mãe e o irmão à Rue Mazarine. Ao ver-se a sós com José na mansarda, Ágata ficou em profundo silêncio.

No domingo seguinte, Felipe foi posar. Dessa vez, a mãe assistiu ostensivamente à sessão. Serviu o almoço e pôde interrogar o dragão. Soube, então, que o sobrinho da velha sra. Hochon,^[75] a amiga de sua mãe, tinha certa projeção na literatura. Felipe e seu amigo Giroudeau viviam numa sociedade de jornalistas, atrizes e livreiros e eram ali considerados como caixas. Felipe, continuando a beber *kirsch* enquanto posava após o almoço, estava disposto a conversar. Gabou-se de que dentro em breve se tornaria uma pessoa importante. A uma pergunta de José sobre seus recursos financeiros, porém, ele nada respondeu. Casualmente, não havia jornal no dia seguinte, por ser feriado, e Felipe propôs, para terminar logo, vir posar no outro dia. José respondeu-lhe que a época da exposição estava se aproximando e ele não tinha dinheiro para as molduras de seus dois quadros e só poderia consegui-lo terminando a cópia de Rubens encomendada por um vendedor de quadros chamado Magus. O original pertencia a um rico banqueiro suíço que o emprestara por dez dias apenas, prazo que se esgotaria no dia seguinte. Era, portanto, absolutamente necessário adiar a outra sessão para o domingo próximo.

— É este? — perguntou Felipe, olhando para o quadro de Rubens colocado sobre o cavalete.

— Sim — respondeu José. — Vale vinte mil francos. Aí está o que pode o gênio. Há telas que valem centenas de milhares de francos.

— Quanto a mim, prefiro tua cópia — disse o ex-dragão.

— Ela é mais nova — disse José, rindo. — Mas minha cópia vale

apenas mil francos. Preciso do dia de amanhã para dar-lhe todos os tons do original e envelhecê-la, para que não se veja que é cópia.

— Adeus, mamãe — disse Felipe, beijando Ágata. — Até o próximo domingo.

No dia seguinte, Elias Magus devia ir buscar a cópia. Um amigo de José, que trabalhava para esse vendedor, Pedro Grassou, quis ver a cópia acabada. Para pregar-lhe uma peça, José Bridau, ao ouvi-lo bater à porta, pôs sua cópia envernizada por um processo particular no lugar do original e colocou o original no seu cavalete. Ludibriou completamente Pedro Grassou, que ficou maravilhado com a realização do amigo.

— Conseguirás enganar o velho Elias Magus? — perguntou-lhe Pedro Grassou.

— Vamos ver — disse José.

O comerciante não apareceu. Já era tarde. Ágata ia jantar com a sra. Desroches, que perdera o marido. José propôs a Pedro Grassou irem jantar em seu restaurante. Ao descer, deixou, como de costume, a chave do ateliê com a porteira.

— Tenho que posar esta noite — disse Felipe à porteira, uma hora depois que José saiu. — José voltará logo e vou esperá-lo na sala.

A porteira entregou a chave, Felipe subiu, apanhou a cópia convencido de estar apanhando o original, desceu, devolveu a chave à porteira fingindo ter esquecido alguma coisa e foi vender o Rubens por três mil francos. Tivera a precaução de prevenir Elias Magus, da parte do irmão, que só fosse buscar a cópia no dia seguinte. À noite, quando José voltou, após ter ido à casa da viúva Desroches buscar a mãe, a porteira falou-lhe na extravagância do irmão, que entrara e saíra em seguida.

— Estou perdido se ele não teve a gentileza de levar apenas a cópia! — exclamou o pintor, adivinhando o furto. Subiu rapidamente os três andares, precipitou-se no ateliê e disse: — Santo Deus! Ele foi o que sempre será, um grande canalha!

Ágata, que acompanhara José, não compreendia o que o filho queria dizer, e, quando o filho explicou tudo, ficou imóvel, com lágrimas nos olhos.

— Só tenho um filho — disse, com uma voz débil.

— Não quisemos, até agora, desonrá-lo aos olhos dos estranhos — disse José. — Mas agora é preciso dizer à porteira que não o deixe entrar aqui. De hoje em diante ficaremos com as chaves. Acabarei o maldito retrato de memória, falta pouca coisa.

— Deixa-o como está, pois me seria muito penoso vê-lo — respondeu a mãe, atingida no fundo do coração e estupefata com tamanha baixeza.

Felipe sabia a que se destinava o dinheiro da cópia, conhecia o abismo em que ia lançar o irmão e nada respeitara. Depois desse último crime, Ágata não falou mais em Felipe, seu rosto assumiu a expressão dum amargo desespero, frio e concentrado. Um pensamento estava matando-a.

— Qualquer dia — pensava — veremos Bridau no banco dos réus!

Dois meses mais tarde, enquanto Ágata almoçava com José antes de sair para a agência de loteria, apareceu um antigo militar, dizendo-se amigo de Felipe e procurando a sra. Bridau para tratar dum assunto urgente.

Quando Giroudeau declarou seu nome, a mãe e o filho estremeceram com tanto maior razão porque o ex-dragão tinha uma fisionomia pouco tranquilizadora de velho lobo-do-mar. Os dois olhos cinzentos amortecidos, o bigode grisalho e os restos da cabeleira desgrenhada em torno do crânio cor de manteiga fresca emprestavam-lhe certa expressão libidinosa e arrepelada. Usava uma velha sobrecasaca parda ornada com a roseta de oficial da Legião de Honra e que se abotoava com dificuldade sobre um ventre de cozinheiro em harmonia com a boca rasgada até as orelhas e com as espáduas largas. O tronco repousava sobre pernas curtas e finas. Tinha, por fim, a tez corada nas maçãs do rosto, denunciando uma existência divertida. A papada, fortemente enrugada, caía por cima duma gola de veludo preto muito gasta. Entre outros enfeites, o ex-dragão usava enormes brincos.

— Que farrista! — pensou José, servindo-se duma expressão popular usada nas salas de pintura.

— Minha senhora — disse o tio e caixa de Finot —, seu filho está numa situação tão penosa que seus amigos não podem deixar de pedir-

lhe que partilhe dos pesados encargos que ele lhes impõe. Ele não pode mais exercer seu cargo no jornal e a srta. Florentina, do teatro da Porte Saint-Martin, o hospeda em sua casa, numa miserável mansarda da Rue de Vendôme. Felipe está moribundo; se seu irmão e a senhora não puderem pagar o médico e os remédios, seremos obrigados, no interesse de sua cura, a levá-lo para os Capucins,[76] ao passo que por trezentos francos nós cuidaríamos dele: ele tem absoluta necessidade duma enfermeira, pois sai à noite quando a srta. Florentina está no teatro e então toma coisas irritantes, nocivas à saúde e ao tratamento que está fazendo; e, como o estimamos, isso nos causa grande desgosto. O pobre rapaz empenhou sua pensão por três anos, foi substituído temporariamente no jornal e não tem mais nada. Assim, vai suicidar-se, minha senhora, se não o internarmos na casa de saúde do dr. Dubois. Esse hospital decente custará dez francos por dia. Florentina e eu pagaremos a metade do mês, pague a senhora a outra... Será coisa de dois meses no máximo.

— Meu senhor, é difícil que uma mãe não lhe seja eternamente agradecida pelo que o senhor está fazendo por seu filho — respondeu Ágata. — Mas esse filho está afastado de meu coração. E, quanto ao dinheiro, não o tenho. Para não ser pesada a este filho, que trabalha dia e noite, que se mata e merece todo o amor de sua mãe, vou começar a trabalhar, depois de amanhã, numa agência de loteria. Na minha idade!

— E você, rapaz — disse o antigo dragão a José —, que tal? Não fará por seu irmão o que fazem uma pobre bailarina da Porte Saint-Martin e um velho militar?

— Escute — disse José, impaciente —, quer que lhe traduza em linguagem de artista o objetivo de sua visita? Pois bem! O senhor veio ver se nos arranca dinheiro.

— Amanhã, então, seu irmão irá para o Hôpital du Midi.

— E ficará muito bem lá — replicou José. — Se um dia eu estivesse nessa situação, também iria!

Giroudeau retirou-se muito desapontado, mas, ao mesmo tempo, seriamente humilhado por ter de internar no hospital dos capuchinhos um homem que transmitira as ordens do imperador na batalha de

Montereau.

Três meses mais tarde, uma manhã do fim de julho, ao dirigir-se para a agência de loteria, Ágata, que passava pela Pont-Neuf para evitar de pagar o soldo exigido na Pont-des-Arts, avistou, ao longo das lojas do Quai de l'École junto a cujo parapeito caminhava, um homem envergando o uniforme da miséria de segunda ordem que lhe causou uma espécie de vertigem: achou-o algo parecido com Felipe. Há, com efeito, em Paris, três ordens de miséria. A primeira é a do homem que conserva as aparências e ao qual o futuro pertence: miséria dos rapazes, dos artistas, dos moços da sociedade momentaneamente pobres. Os indícios dessa miséria só são visíveis ao microscópio do observador mais experimentado. Essas pessoas constituem a ordem equestre da miséria, ainda andam de cabriolé. Na segunda ordem figuram os anciãos a quem tudo é indiferente, que no mês de junho prendem a cruz da Legião de Honra numa sobrecasaca de alpaca. É a miséria dos antigos rendeiros, dos funcionários que vivem em Sainte-Périne[77] e que quase não se preocupam com o vestuário. E, por último, a miséria andrajosa, a miséria do povo, a mais poética, aliás, e que Callot, Hogarth, Murillo, Charlet, Raffet, Gavarni, Meissonier,[78] que a Arte, enfim, adora e cultiva, principalmente no Carnaval!

O homem em quem a pobre Ágata pensou reconhecer o filho estava entre as duas últimas ordens. Viu uma gola horivelmente puída, um chapéu imundo, botas acalcanhadas e remendadas, uma sobrecasaca esfarrapada com botões deformados, cujas casas dilatadas e enrugadas estavam em perfeita harmonia com bolsos rasgados e um colete seboso. Vestígios de penugem mostravam eloquentemente que, se a sobrecasaca continha alguma coisa, só podia ser poeira. O homem tirou dos bolsos dumas calças pardacentas puídas duas mãos escuras como as dum operário. Por último, trazia sobre o peito um colete de tricô enegrecido pelo uso, com as mangas mais compridas que as da sobrecasaca, caída por cima das calças, deixando-se ver por todos os lados e que, sem dúvida, substituíra a camisa.

Felipe usava sobre os olhos uma pala de tafetá verde presa por um fio de arame. O crânio quase calvo, a tez, o rosto macilento atestavam eloquentemente que ele vinha do horrível Hôpital du Midi. A

sobrecasaca azul, desbotada, continuava ornada com a roseta. Nessas circunstâncias, os transeuntes ficavam a olhar para esse *bravo*, certamente uma vítima do governo, com uma curiosidade misturada à piedade, pois a roseta inquietava o olhar e lançava o ultra mais feroz em horríveis dúvidas sobre a Legião de Honra. Nessa época, embora se houvesse tentado desconsiderar essa ordem por meio de promoções desenfreadas, não havia na França mais de cinquenta e três mil pessoas condecoradas. Ágata sentiu seu íntimo estremecer. Se já lhe era impossível amar aquele filho, ainda podia, contudo, sofrer muito por ele. Atingida por um derradeiro raio de maternidade, chorou quando viu o brilhante oficial de ordens do imperador fazer o gesto de entrar numa tabacaria para comprar um charuto e deter-se no limiar da porta após ter remexido os bolsos sem nada encontrar. Ágata atravessou rapidamente o cais, deixou sua bolsa na mão de Felipe e fugiu como se acabasse de cometer um crime. Ficou dois dias sem poder tomar alimento algum: tinha sempre diante dos olhos o rosto esquelético do filho a morrer de fome em Paris.

— Quando tiver gasto o dinheiro da minha bolsa, quem lhe dará mais? — pensava. — Giroudeau não nos estava enganando: Felipe esteve no hospital.

Ágata não via mais o assassino de sua pobre tia, o flagelo da família, o ladrão doméstico, o jogador, o bebedor, o libertino da mais baixa classe; via um convalescente a morrer de fome, um fumante sem tabaco. Tornou-se, aos quarenta e sete anos, velha como uma mulher de setenta. Os olhos amorteceram-se nas lágrimas e nas preces. Esse, porém, não foi o último golpe que o filho lhe devia dar e a mais horrível de suas previsões se realizou. Descobriu-se nessa época uma conspiração de oficiais no seio do Exército e apregooou-se nas ruas a nota do *Moniteur* que continha os detalhes sobre as prisões.

Ágata ouviu, no fundo de sua saleta, na agência de loteria da Rue Vivienne, o nome de Felipe Bridau. Desmaiou e o gerente, que compreendeu sua aflição e a necessidade de tomar providências, deu-lhe uma licença de quinze dias.

— Ah! Meu amigo, fomos nós, com nosso rigor, que o arrastamos até lá — disse a José, ao deitar-se.

— Vou falar com Desroches — respondeu-lhe José.

Enquanto o artista confiava os interesses do irmão a Desroches, que era considerado o advogado mais astucioso de Paris e que, além disso, prestava serviços a várias pessoas importantes, entre outras des Lupeaulx,^[79] então secretário-geral dum ministério, Giroudeau apareceu na casa da viúva, que dessa vez teve confiança nele.

— Minha senhora — disse-lhe —, consiga doze mil francos e seu filho será posto em liberdade por falta de provas. Precisamos comprar o silêncio de duas testemunhas.

— Hei de consegui-los — disse a pobre mãe, sem saber onde nem como.

Inspirada pelo perigo, escreveu à madrinha, a velha sra. Hochon, para que pedisse o dinheiro a João-Jaques Rouget, a fim de salvar Felipe. Pedia ainda à sra. Hochon que lhe emprestasse os doze mil francos se Rouget se recusasse a enviá-los, comprometendo-se a pagar dentro de dois anos. Pela volta do Correio, recebeu a seguinte carta:

Minha querida, embora teu irmão tenha nada menos que quarenta mil francos de renda, sem contar o dinheiro economizado nos últimos dezessete anos, que o sr. Hochon avalia em mais de seiscentos mil francos, ele não dará um soldo a sobrinhos que nunca viu. Quanto a mim, ignoras que não poderei dispor de seis francos enquanto meu marido for vivo. Hochon é o maior avaro de Issoudun, não sei o que ele faz do dinheiro. Não dá vinte francos por ano aos netos. Para fazer um empréstimo, eu necessitaria de sua autorização e ele a recusaria. Nem mesmo tentei falar com teu irmão, que tem em casa uma concubina que o governa inteiramente. Dá pena ver como o pobre homem é tratado em sua própria casa, tendo uma irmã e sobrinhos. Já te dei a entender várias vezes que tua presença em Issoudun podia salvar teu irmão e arrancar para teus filhos, das garras dessa praga, uma fortuna correspondente a quarenta ou talvez sessenta mil francos de renda: mas parece que não me quiseste ouvir ou nunca me compreendeste. Assim, vejo-me hoje obrigada a escrever-te sem qualquer precaução epistolar. Compartilho da desgraça por que estás passando, mas nada mais posso fazer a não ser compadecer-me de ti, minha queridinha. Eis por que não te posso ser útil em nada: aos oitenta e cinco anos, Hochon continua a fazer quatro refeições, come salada com ovos duros à noite e corre como um coelho. Passarei a vida inteira — pois ele me levará à sepultura — sem ter visto vinte francos na minha bolsa. Se quiseres vir a Issoudun combater a influência da

concubina sobre teu irmão, como há razões para que Rouget não te receba em casa, procurarei desde já conseguir de meu marido permissão para hospedar-te. Podes vir logo, pois ele me obedecerá neste ponto. Tenho um meio de obter dele o que quiser, que é falar-lhe no meu testamento. Este expediente me parece tão horrível que nunca recorri a ele; mas, por ti, eu faria o impossível. Espero que teu Felipe se saia bem, principalmente se tomares um bom advogado; vem, porém, o mais cedo que puderes a Issoudun. Lembra-te de que aos cinquenta e sete anos o imbecil do teu irmão está mais definhado e mais envelhecido que o sr. Hochon. Assim, há urgência. Já falam num testamento que te privaria da herança; mas, na opinião do sr. Hochon, sempre é tempo de revogá-lo. Adeus, querida Ágata, que Deus te ajude! E conta também com tua madrinha que te estima.

MAXIMILIANA HOCHON, NASCIDA LOUSTEAU

P.S. Meu sobrinho Estêvão, que escreve nos jornais e que, segundo se diz, se ligou a teu filho Felipe, já foi visitar-te? Bem, falaremos nele quando vieres.

Essa carta impressionou vivamente Ágata, que, necessariamente, a mostrou a José, a quem foi obrigada a narrar a proposta de Giroudeau. O artista, que se enchia de prudência sempre que se tratava do irmão, observou à mãe que ela devia confiar tudo a Desroches.

Convictos do acerto dessa observação, o filho e a mãe, às seis horas do dia seguinte, foram procurar Desroches, à Rue de Bussy. O advogado, seco como seu falecido pai, de voz áspera, rosto de aspecto rude, olhos implacáveis, fisionomia de fuinha que lambe os lábios tintos do sangue das galinhas, saltou como um tigre ao saber da visita e da proposta de Giroudeau.

— Mas até quando, mãe Bridau — exclamou com sua voz fina —, a senhora se deixará iludir pela conduta desse maldito bandido de seu filho? Não dê nada! Responsabilizo-me por Felipe. Para salvar seu futuro é que o deixarei ser julgado pela Corte dos Pares. A senhora receia vê-lo condenado, mas queira Deus que seu advogado deixe que o condenem. Vá a Issoudun, salve a fortuna de seus filhos. Se não tiver êxito, se seu irmão fez testamento em favor dessa mulher, e se não conseguir que ele o anule... pois bem! Reúna, ao menos, os elementos para um processo de captação e eu o levarei adiante. Mas a senhora é

demasiado honesta para poder descobrir as bases duma diligência desse gênero! Nas férias, eu mesmo irei a Issoudun... se puder.

Esse “Eu mesmo irei!” deu arrepios ao artista. Desroches piscou o olho para dizer a José que deixasse a mãe sair um pouco antes dele e reteve-o durante um momento.

— Seu irmão é um grande miserável. Foi ele, voluntária ou involuntariamente, o responsável pela descoberta da conspiração, pois o patife é tão astuto que não se pode saber a verdade. Entre tolo e traidor, escolha para ele o papel que quiser. Não há dúvida, entretanto, de que ele ficará sob a vigilância da polícia. Fique tranquilo, sou o único que conhece esse segredo. Corra a Issoudun com sua mãe. Você é inteligente, trate de salvar a herança.

— Vamos, mamãe, Desroches tem razão — disse ele, ao juntar-se à mãe na escada. — Vendi meus dois quadros. Partamos para o Berry, pois tens quinze dias de licença. Após ter escrito à madrinha para anunciar-lhe a chegada, Ágata e José puseram-se em viagem na tarde do dia seguinte para Issoudun, abandonando Felipe à sua sorte. A diligência passou pela Rue d’Enfer para tomar a estrada de Orléans. Quando Ágata avistou o Jardin du Luxembourg, para onde Felipe fora transferido, não pôde evitar de dizer:

— A verdade é que, se não fossem os companheiros, ele não estaria lá!

Em semelhante circunstância, muitos filhos teriam tido um gesto de impaciência ou um sorriso de compaixão. O artista, porém, que estava a sós com a mãe na diligência, tomou-a nos braços e estreitou-a de encontro ao coração, dizendo-lhe:

— Mamãe! És mãe como Rafael era pintor! E serás sempre uma mãe muito tola.

SEGUNDA PARTE

UM CONCHEGO DE SOLTEIRÃO NA PROVÍNCIA

I — ISSOUDUN

Logo arrancada às suas aflições pelas distrações da estrada, a sra. Bridau foi obrigada a refletir sobre os fins de sua viagem. Naturalmente, releu a carta da sra. Hochon que comovera tão intensamente o advogado Desroches. Impressionada com as expressões *concubina* e *praga*, que a pena duma septuagenária tão devota quão respeitável empregara para designar a mulher que estava em vias de devorar a fortuna de João-Jaques Rouget, tratada por ela própria de *tola*, Ágata se interrogava como poderia salvar uma herança com sua presença em Issoudun.

José, pobre artista desinteressado, pouco conhecia das leis e a exclamação da mãe o preocupou.

— Antes de mandar-nos salvar uma herança, nosso amigo Desroches bem nos podia ter ensinado os meios pelos quais a gente se apodera dessas coisas — exclamou.

— Pelo pouco de memória que me resta na minha cabeça, ainda aturdida pela ideia de saber Felipe preso, talvez sem tabaco, às vésperas de comparecer ante a Corte dos Pares — replicou Ágata —, parece-me que o jovem Desroches nos aconselhou a reunir elementos para um processo de captação, no caso de meu irmão ter feito testamento em favor dessa... dessa... mulher.

— Desroches entende disso! — exclamou o pintor. — Bem, se não compreendermos o que devemos fazer, pedirei a ele que vá lá.

— Não estejamos a quebrar a cabeça inutilmente — disse Ágata. — Quando estivermos em Issoudun, minha madrinha nos orientará.

Essa conversa, mantida enquanto a sra. Bridau e José, após terem

trocado de carro em Orléans, entravam em Sologne, mostra eloquentemente a incapacidade do pintor e de sua mãe para representar o papel de que o terrível advogado Desroches os incumbira. Mas, ao voltar a Issoudun, após trinta anos de ausência, Ágata ia encontrar lá tais alterações nos costumes, que é necessário traçar em poucas palavras um panorama dessa cidade. Sem esta descrição, dificilmente se compreenderia o heroísmo que a sra. Hochon demonstrava ao socorrer a afilhada e a estranha situação de João-Jaques Rouget. Embora o doutor tivesse feito com que Ágata fosse considerada uma estranha por seu filho, constituía algo extraordinário que ficasse trinta anos sem dar sinal de vida à irmã. Esse silêncio repousava, evidentemente, em circunstâncias singulares que outros parentes que não José e Ágata teriam há muito tempo procurado conhecer. Havia, finalmente, entre a situação da cidade e os interesses de Bridau certas relações que serão percebidas no próprio curso da narrativa.

Sem querer desfazer de Paris, Issoudun é uma das cidades mais antigas da França. Não obstante os preconceitos históricos que fazem do imperador Probo[80] o Noé das Gálias, César falou[81] do excelente vinho de Champ-Fort, um dos melhores vinhos de Issoudun. Rigord refere-se a essa cidade em termos que não deixam a menor dúvida sobre sua grande população e seu imenso comércio. Esses dois testemunhos, contudo, atribuíram uma idade bastante medíocre a essa cidade em comparação com sua verdadeira antiguidade. Com efeito, pesquisas recentemente realizadas por um culto arqueólogo dessa cidade, o sr. Armand Pérémet,[82] conseguiram descobrir, sob a famosa torre de Issoudun, uma basílica do século V, provavelmente a única que existe na França. Essa igreja guarda, no próprio material de que é feita, a marca duma civilização anterior, pois suas pedras provêm dum templo romano a que ela substituiu. Assim, segundo as pesquisas desse antiquário, Issoudun, como todas as cidades da França cuja terminação, antiga ou moderna, encerra o DUN (*dunum*, colina), teria em seu nome o certificado duma existência autóctone. A palavra Dun, apanágio de toda a eminência consagrada pelo culto druídico, designaria uma instituição militar e religiosa dos celtas. Os romanos

teriam construído sob o Dun dos gauleses um templo a Ísis. Daí, segundo Chaumeau,[83] o nome da cidade: Is-sous-Dun! Is seria a abreviatura de Ísis.

Foi, certamente, Ricardo Coração de Leão[84] quem construiu a famosa torre, para nela cunhar moedas, sobre uma basílica do século V, o terceiro monumento da terceira religião dessa antiga cidade. Serviu-se dessa igreja como ponto de apoio para a edificação de sua muralha e a conservou, cobrindo-a com suas fortificações feudais, como um manto. Issoudun era, então, a sede do poder efêmero dos Routiers e dos Cottereaux, *condottieri*, que Henrique II[85] opôs a seu filho Ricardo, por ocasião de sua revolta como conde de Poitou. A história da Aquitânia,[86] que não foi escrita pelos beneditinos, certamente nunca será escrita porque não há mais beneditinos. Assim, não é possível esclarecer essas trevas arqueológicas na história dos nossos costumes todas as vezes que se torna necessário fazê-lo.

Existe outro testemunho do antigo poderio de Issoudun na canalização do Tournemine, riacho que numa grande extensão da região foi elevado vários metros acima do nível do Théols, o rio que contorna a cidade. Essa obra é devida, certamente, ao gênio romano. Finalmente, o próprio bairro que se estende do castelo para o norte, numa rua denominada, há mais de dois mil anos, Rue de Rome, se chama Faubourg de Rome. Os habitantes desse bairro, por outro lado, têm, na raça, no sangue e na fisionomia, um cunho particular e se dizem descendentes dos romanos. São quase todos vinhateiros e têm uma notável rigidez de costumes, devida, sem dúvida, à sua origem e talvez à sua vitória sobre os Cottereaux e os Routiers, aos quais exterminaram, no século XII, na planície de Charost.

Após a insurreição de 1830, a França esteve demasiado agitada para poder dar atenção à revolta dos vinhateiros de Issoudun, que foi terrível e cujos detalhes, por outro lado, não foram divulgados, e com razão. Em primeiro lugar, os burgueses de Issoudun não permitiram que as tropas entrassem na cidade. Quiseram defender pessoalmente sua cidade, segundo os usos e costumes dos burgueses da Idade Média. A autoridade foi obrigada a ceder a pessoas apoiadas por seis ou sete mil vinhateiros que haviam queimado todos os arquivos e todas as

repartições recebedoras dos impostos indiretos, e que arrastavam pela rua um funcionário do fisco, dizendo diante de cada poste de iluminação: “É aqui que devemos enforcá-lo!”. O pobre homem foi arrancado das mãos desses furiosos pela guarda nacional, que lhe salvou a vida conduzindo-o preso sob o pretexto de submetê-lo a processo. O general só entrou na cidade em virtude da capitulação concertada com os vinhateiros e precisou de coragem para penetrar no meio deles, pois, quando apareceu na Prefeitura, um morador do Faubourg de Rome passou-lhe pelo pescoço uma dessas grandes foices presas a um cabo que servem para podar as árvores, gritando-lhe: “Aqui não há cavações para funcionários públicos!”. O vinhateiro teria cortado a cabeça daquele a quem dezesseis anos de guerra haviam respeitado, se não fosse a rápida intervenção dum dos chefes da revolta, a quem prometeram *pedir às Câmaras a supressão dos fiscais do vinho!*...

No século XIV, Issoudun ainda possuía dezesseis a dezessete mil habitantes, resto duma população dupla na época de Rigord. Carlos VII possuía lá um palácio, que ainda existe, conhecido até o século XVIII pelo nome de Casa do Rei. Essa cidade, que era, então, o centro do comércio de lãs, abastecia desse artigo uma parte da Europa e fabricava em grande escala tecidos, chapéus e excelentes luvas de pele de cabra. No reinado de Luís XIV, Issoudun, a que se devem Baron e Bourdaloue,^[87] era sempre citada como uma cidade de elegância, de linguagem elevada e de requintada vida social. Em sua *História de Sancerre*, o padre Poupart aponta os habitantes de Issoudun como notáveis, entre todos os berrienses, por sua distinção e sua *inteligência natural*. Nos nossos dias, esse esplendor e essa inteligência desapareceram completamente. Issoudun, cuja extensão atesta a antiga importância, atribui-se uma população de doze mil almas, incluindo nisso os vinhateiros de quatro enormes arrabaldes: os de Saint-Paterne, de Vilatte, de Rome e des Alouettes, que são pequenas cidades. A burguesia, como a de Versalhes, vive à larga nas ruas. Issoudun conserva ainda o mercado das lãs do Berry, comércio ameaçado pelos melhoramentos da raça ovina que se estão introduzindo em toda a parte e que o Berry não adota. Os vinhateiros

de Issoudun produzem um vinho que se bebe em dois departamentos e que, se fosse fabricado como o da Borgonha e o da Gasconha, seria um dos melhores da França. Mas, ai! *fazer como faziam nossos pais*, nada inovar, tal é a lei da região. Os vinhateiros continuam, pois, a deixar o engajo durante a fermentação, o que torna detestável um vinho que poderia ser uma fonte de riqueza e um fator de atividade para a região. Graças à acidez que o engajo lhe comunica e que, segundo dizem, se modifica com a idade, esse vinho atravessa um século! Essa razão, apresentada pelo vinhateiro, é tão importante em enologia que merece ser divulgada. Guilherme, o Bretão,[88] aliás, já celebrou, em sua *Philippida*, essa qualidade em alguns versos.

A decadência de Issoudun explica-se, pois, pelo espírito de imobilismo levado até a inépcia, e que um único fato demonstrará. Quando se tratou da estrada de Paris a Toulouse, era natural traçá-la de Vierzon para Châteauroux, passando por Issoudun. A estrada teria, assim, ficado mais curta do que traçando-a, como fizeram, por Vatan. Mas as notabilidades da região e o conselho municipal, cuja deliberação é conservada, pediram, segundo se diz, o traçado por Vatan, objetando que, se a grande estrada atravessasse sua cidade, os viveres aumentariam de preço e a população seria obrigada a pagar trinta soldos por um frango. Não se tem notícia de atitude semelhante senão nas regiões mais selvagens da Sardenha,[89] terra tão povoada e tão rica outrora e atualmente tão deserta. Quando o rei Carlos Alberto, numa louvável intenção civilizadora, quis ligar Sassari, segunda capital da ilha, a Cagliari, por uma bela e magnífica estrada, a única que existe nessa savana chamada Sardenha, o traçado direto exigia que ela passasse por Bonorva, distrito habitado por gente rebelde, tanto mais comparável às nossas tribos selvagens porque descendem dos mouros. Vendo-se ameaçados de ser conquistados pela civilização, os selvagens de Bonorva, sem se darem o trabalho de deliberar, manifestaram sua oposição ao traçado. O governo não ligou a mínima importância a essa oposição. O primeiro engenheiro que foi colocar os marcos da nova estrada recebeu uma bala na cabeça e morreu no seu posto. Não se fez nenhuma investigação a esse respeito e a estrada hoje descreve uma curva que a torna oito léguas mais longa.

Em Issoudun, a baixa crescente do preço dos vinhos, que são consumidos no lugar, satisfazendo, assim, o desejo da burguesia, de vida barata, causa a ruína dos vinhateiros, cada vez mais sobrecarregados com as despesas da cultura e os impostos, do mesmo modo que a ruína do comércio de lãs e de toda a região é causada pela impossibilidade de melhorar a raça ovina. A gente do campo tem um profundo horror por qualquer espécie de reforma, mesmo as que lhe parecem úteis. Um parisiense encontra no campo um trabalhador que come no jantar uma enorme quantidade de pão, queijo e legumes e lhe prova que se ele substituísse esse alimento por um pedaço de carne ficaria mais bem nutrido por menor preço, trabalharia mais e não gastaria tão rapidamente suas reservas de existência. O berriense reconhece o acerto do cálculo.

— Mas e os *falatórios*, senhor! — responde.

— Que *falatórios*?... — Ora, que iriam dizer?

— Ele cairia na boca do povo — observou o proprietário em cujas terras se desenrolou o diálogo —, julgariam que ele fosse rico como um burguês; ele tem medo da opinião pública, tem medo de ser apontado na rua, de passar por fraco ou doente... Eis como somos nesta região!

Muitos burgueses pronunciam esta última frase com um sentimento de orgulho secreto.

Se a ignorância ou a rotina são invencíveis no campo, onde os camponeses vivem abandonados à sua sorte, a cidade de Issoudun atingiu uma completa estagnação social. Forçada a combater a degenerescência das fortunas por uma economia sórdida, cada família vive para si mesma. Por outro lado, a sociedade ali, mais do que em qualquer outro lugar, acha-se privada do antagonismo que caracteriza os costumes. A cidade não conhece mais essa oposição de duas forças a que se deve a animação dos Estados italianos na Idade Média. Issoudun já não tem nobres. Os Cottreaux, os Routiers, a Jacquerie, [90] as guerras de religião e a Revolução suprimiram lá totalmente a nobreza. A cidade é muito orgulhosa desse triunfo. Issoudun tem se recusado constantemente, sempre para manter o baixo preço dos víveres, a possuir uma guarnição. Perdeu, assim, esse meio de comunicação com o século, perdendo, do mesmo modo, os lucros que

se auferem da tropa. Antes de 1756, Issoudun era uma das mais agradáveis cidades dotadas de guarnição. Um drama judiciário que interessou toda a França, o processo movido pelo tenente-general do bailliado contra o marquês de Chapt, cujo filho, oficial dos dragões, foi, num caso amoroso, justamente, talvez, mas traiçoeiramente, levado à morte,[91] privou de guarnição a cidade a partir dessa época. A permanência da 44a meia brigada, imposta durante a guerra civil, não foi capaz de reconciliar os habitantes com a gente militar.

Bourges, cuja população decresce todos os anos, sofre da mesma doença social. A vitalidade foge desses grandes corpos. A administração, por certo, é culpada dessas desgraças. O dever do governo é perceber essas nódoas no organismo político e remediá-las, enviando homens enérgicos a essas localidades enfermas para mudar a face das coisas. Mas, ai! longe disso, congratularam-se por essa funesta e fúnebre tranquilidade. E, depois, como enviar para lá novos administradores ou magistrados capazes? Quem é que, nos dias que correm, se interessa por enterrar-se em distritos onde o bem a fazer não é brilhante? Se, por acaso, se consegue levar para lá ambiciosos estranhos à região, logo eles são conquistados pela força da inércia e se adaptam ao diapasão dessa atroz vida de província. Issoudun teria entorpecido Napoleão. Em consequência dessa situação particular, o distrito de Issoudun era, em 1822, administrado por homens pertencentes todos ao Berry. A autoridade local achava-se, pois, anulada ou sem força, exceto nos casos, naturalmente muito raros, em que a justiça é obrigada a agir em virtude de gravidade evidente. O procurador do rei, sr. Mouilleron, era primo de toda a gente e seu substituto pertencia a uma família da cidade. O presidente do Tribunal, antes de atingir essa dignidade, tornou-se famoso por uma dessas frases que, na província, põem para sempre orelhas de burro na cabeça dum homem. Após ter concluído a instrução dum processo criminal que devia acarretar a pena de morte, ele disse ao acusado: “Meu pobre Pedro, teu caso é claro, serás decapitado. Que isto te sirva de lição...”. O comissário de polícia, comissário desde a Restauração, tinha parentes em todo o distrito. E, por fim, não só a influência da religião era nula, mas também o cura não desfrutava a mínima consideração. A

burguesia, liberal, teimosa e ignorante, contava histórias mais ou menos cômicas sobre as relações do pobre homem com a criada. Nem por isso os meninos iam menos ao catecismo ou deixavam de fazer a primeira comunhão; nem tampouco deixava de haver lá um colégio; rezava-se lá muito bem a missa e os dias santos eram sempre festejados; pagavam os impostos, única coisa que Paris quer da província; e, finalmente, o administrador municipal tomava decisões. Esses atos da vida social, porém, eram realizados rotineiramente. Assim, a indolência da administração concordava admiravelmente com a situação intelectual e moral da região. Os incidentes desta história retratarão, além disso, os efeitos desse estado de coisas, que não é tão singular como se poderia crer. Muitas cidades da França, particularmente no Midi, parecem-se com Issoudun. O estado em que a vitória da Burguesia lançou essa capital distrital é o mesmo de que está ameaçada toda a França e mesmo Paris, se a Burguesia continuar senhora da política exterior e interior do nosso país.

Vejamos agora um pouco de topografia. Issoudun estende-se do norte ao sul sobre uma colina que declina para a estrada de Châteauroux. Ao pé dessa elevação abriu-se, há muito tempo, para atender às necessidades das fábricas ou para inundar os fossos das muralhas na época em que a cidade florescia, um canal atualmente chamado *Riacho Forçado*, cujas águas são captadas do Théols. O Riacho Forçado forma um braço artificial que vai desaguar no rio natural além do Faubourg de Rome, no ponto em que se lançam também o Tournemine e alguns outros cursos d'água. Essas pequenas correntes e os dois riachos irrigam prados muito extensos cercados de todos os lados pelas colinas amareladas ou brancas salpicadas de pontos pretos. Tal é o aspecto dos vinhedos de Issoudun durante sete meses do ano. Os vinhateiros podam o parreiral todos os anos, deixando apenas um coto disforme e sem estacas no meio dum funil. Assim, quando se chega de Vierzon, de Vatan ou de Châteauroux, o olhar entristecido pelas planuras monótonas surpreende-se agradavelmente ante o espetáculo dos prados de Issoudun, o oásis dessa parte do Berry que abastece de legumes uma região de dez léguas de circunferência. Abaixo do Faubourg de Rome estende-se uma

grande área de terra inteiramente cultivada de hortaliças, dividida em duas regiões, denominadas o Alto e o Baixo Baltan. Uma larga e longa avenida, ornada de dois renques de álamos, vai da cidade, através dos prados, a um antigo convento denominado Frapesle, cujos jardins ingleses, únicos no distrito, receberam o nome ambicioso de Tivoli. No domingo, os casais de namorados trocam ali suas confidências.

Os vestígios da antiga grandeza de Issoudun exibem-se, necessariamente, a um observador atento e os mais notáveis são as divisões da cidade. O castelo, que era outrora, por si só, uma cidade com suas muralhas e seus fossos, constitui um bairro distinto no qual não se penetra atualmente senão pelas antigas portas, do qual não se sai senão por três pontes armadas sobre os braços dos dois riachos e que possui, por si mesmo, o aspecto duma cidade antiga. Em alguns lugares, as muralhas deixam ver ainda seus formidáveis alicerces, sobre os quais se erguem casas. Acima do castelo eleva-se a torre, que era sua antiga fortaleza. O senhor da cidade estendida em torno desses dois pontos fortificados tinha de tomar a torre e o castelo. A posseção do castelo não assegurava ainda a da torre.

O Faubourg de Saint-Paterne, que descreve como que uma paleta além da torre e se estende até o campo, é tão grande que, nas épocas mais remotas, deve ter sido a própria cidade. Depois da Idade Média, Issoudun, como Paris, deve ter galgado a colina, agrupando-se em torno da torre e do castelo. Essa opinião, em 1822, tirava em parte a certeza da existência da encantadora igreja de Saint-Paterne, demolida pelo herdeiro daquele que a comprou da nação. Essa igreja, um dos mais belos exemplares de igreja romana que possuía a França, desapareceu sem que ninguém tivesse tomado o desenho do portal, cuja conservação era perfeita. A única voz que se elevou para salvar o monumento não encontrou eco em parte alguma, nem na cidade nem no departamento. Embora o castelo de Issoudun tenha o estilo duma cidade antiga com ruas estreitas e habitações velhas, a cidade propriamente dita, que foi tomada e incendiada várias vezes em diferentes épocas, principalmente durante a Fronda,^[92] quando foi totalmente incendiada, tem um aspecto moderno. Ruas espaçosas, relativamente às condições das outras cidades, e casas bem construídas

formam, com o aspecto do castelo, um contraste muito chocante que tem valido à cidade de Issoudun, em algumas geografias, o nome de Bonita.

II — OS CAVALHEIROS DA MALANDRAGEM

Numa cidade assim constituída, sem atividade nenhuma, mesmo comercial, sem gosto pelas artes, sem ocupações eruditas, onde todos vivem metidos em casa, devia acontecer — e aconteceu — durante a Restauração, em 1816, quando a guerra cessou, que, entre os jovens da cidade, vários não tiveram carreira alguma para seguir e ficaram sem saber o que fazer enquanto esperavam o casamento ou a herança dos pais. Entediados em casa, esses moços não acharam na cidade nenhum elemento de distração; e, como, segundo um ditado da região, *a mocidade precisa soltar a penugem*, passaram a praticar suas farsas à custa da própria cidade. Era-lhes muito difícil operar à luz do dia, pois teriam sido reconhecidos; e, uma vez cheia a taça de seus crimes, teriam acabado na polícia correcional ao primeiro peca-dilho um pouco forte. Por isso, muito judiciosamente escolheram a noite para pregar suas peças.

Assim, no meio desses velhos restos de tantas civilizações diversas desaparecidas, brilhou como uma derradeira chama um vestígio do espírito folgazão que distinguia os costumes antigos. Divertiram-se os moços como outrora se divertiam Carlos IX e seus cortesãos, Henrique V e seus companheiros e como antigamente se divertiam em muitas cidades da província. Uma vez confederados pela necessidade de auxiliar-se mutuamente, de brincar e de inventar planos divertidos, floresceu neles, pelo entrechoque das ideias, essa reserva de perversidade que existe na mocidade e que se observa até nos animais. A confederação proporcionou-lhes, além disso, os pequenos prazeres que são o fruto do mistério duma conspiração permanente. Cognominaram-se os *Cavalheiros da Malandragem*. Durante o dia, esses diabretes eram uns santinhos e simulavam um temperamento extremamente sossegado; e, por outro lado, dormiam até muito tarde após as noites em que praticavam alguma perversidade. Os Cavalheiros

da Malandragem começaram por farsas banais, como despregar e trocar as tabuletas, bater às portas, fazer rolar com grande barulho o tonel que alguém esquecera na porta de casa para a adega do vizinho, que despertava com um estrondo que dava a impressão da explosão duma mina. Em Issoudun, como em muitas cidades, desce-se à adega por um alçapão cuja abertura, situada à entrada da casa, é recoberta duma forte prancha com charneiras, fechada por um grande cadeado. Esses “rapazes terríveis”, em 1816, ainda não haviam saído das brincadeiras que todos os garotos e mocinhos praticam em todas as províncias. Mas, em janeiro de 1817, a Ordem da Malandragem passou a ter um grande chefe e se distinguiu por atos que, até 1823, espalharam uma espécie de terror em Issoudun ou, pelo menos, mantiveram os artesãos e a burguesia em constante alarme.

Esse chefe foi um certo Maxêncio Gilet, chamado mais simplesmente Max, destinado, tanto por seus antecedentes como por sua força e sua mocidade, a esse papel. Maxêncio Gilet era considerado em Issoudun filho natural daquele subdelegado, sr. Lousteau, cuja galanteria deixou tantas recordações, irmão da sra. Hochon e que, como já vimos, se fizera alvo do ódio do velho dr. Rouget devido ao nascimento de Ágata. Mas a amizade que ligou esses dois homens antes de seu desentendimento foi tão íntima que, segundo uma expressão da região e da época, ambos gostavam de passar pelos mesmos caminhos. Assim, pretendia-se que Max podia tanto ser filho do doutor como do subdelegado; mas ele não pertencia a um nem a outro, pois seu pai foi um encantador oficial de dragões da guarnição de Bourges. Não obstante, em consequência de sua inimizade, o doutor e o subdelegado, para felicidade do rapaz, disputaram constantemente essa paternidade. A mãe de Max, esposa dum pobre tamanqueiro do Faubourg de Rome, era, para perdição de sua alma, duma beleza surpreendente, uma beleza de trasteverina, único bem que transmitiu ao filho. A sra. Gilet, grávida de Max em 1788, desejara durante muito tempo essa bênção do céu, que tiveram a maldade de atribuir à galanteria dos dois amigos, certamente para incitar um contra o outro. Gilet, velho beberrão, favorecia as infidelidades da mulher por um conluio e uma complacência que não são sem exemplo na classe

inferior. Para conseguir protetores para o filho, a Gilet evitou de esclarecer os falsos pais. Em Paris, teria sido milionária; em Issoudun, viveu ora à larga, ora miseravelmente e, com o tempo, acabou desprezada. A sra. Hochon, irmã do sr. Lousteau, deu uns dez escudos por ano para que Max frequentasse a escola. Essa liberalidade, que a sra. Hochon não estava em condições de praticar em virtude da sovinice do marido, foi naturalmente atribuída a seu irmão, então em Sancerre. Quando o dr. Rouget, que não fora feliz na mocidade, notou a beleza de Max, passou a pagar, até 1805, a pensão no colégio àquele que chamava de *rapaz travesso*. Como o subdelegado morreu em 1800 e o doutor, pagando durante cinco anos a pensão de Max, parecia obedecer a um sentimento de amor-próprio, a questão da paternidade ficou sempre indecisa. Maxêncio Gilet, assunto de mil brincadeiras, foi logo esquecido. E eis como. Em 1806, um ano após a morte do dr. Rouget, o rapaz, que parecia ter sido criado para uma vida aventureira, dotado, por outro lado, duma força e duma agilidade notáveis, permitia-se uma imensidade de delitos mais ou menos perigosos de praticar. Aliara-se já aos netos do sr. Hochon para enfurecer os vendeiros, colhia os frutos antes dos proprietários e não tinha dificuldades em escalar os muros. Esse demônio não tinha rival nos exercícios violentos, jogava barra com perfeição e seria capaz de alcançar uma lebre correndo. Dotado dum golpe de vista digno do de Meia-de-Couro,[93] gostava apaixonadamente da caça. Em vez de estudar, passava o tempo a atirar ao alvo. Empregava o dinheiro que surrupiava do doutor na compra de pólvora e balas para uma pistola ordinária que o pai Gilet, o tamanqueiro, lhe dera.

Ora, durante o outono de 1806, Max, que então tinha dezessete anos, cometeu um homicídio involuntário ao assustar, ao cair da noite, uma jovem senhora grávida que ele surpreendeu num pomar quando ia furtar frutas. Ameaçado com a guilhotina pelo pai tamanqueiro, que certamente queria desfazer-se dele, Max fugiu numa corrida só para Bourges, lá se alistou num regimento em marcha para a Espanha e seguiu com ele. O caso da jovem senhora morta não teve consequência alguma.

Um rapaz do temperamento de Max devia distinguir-se e ele de fato

se distinguiu tão bem que em três campanhas se fez capitão, pois o pouco de instrução que recebera lhe valeu muito. Em 1809, em Portugal, ele foi deixado como morto numa bateria inglesa, onde sua companhia penetrara e não se pudera sustentar. Max, aprisionado pelos ingleses, foi enviado para os pontões espanhóis de Cabrera,^[94] os mais horríveis de todos. Pediram insistentemente para ele a cruz da Legião de Honra e o posto de comandante de batalhão; o imperador, porém, estava então na Áustria e reservava seus favores às ações brilhantes que se praticavam sob seus olhos; ele não gostava dos que se deixavam prender e estava, por outro lado, muito descontente com os acontecimentos de Portugal.

Max permaneceu nos pontões de 1810 a 1814. Durante esses quatro anos, desmoralizou-se completamente, pois os pontões eram uma prisão de forçados, com exceção do crime e da infâmia. Inicialmente, para conservar seu livre-arbítrio e defender-se da corrupção que devastava essas ignóbeis prisões indignas dum povo civilizado, o jovem e belo capitão matou em duelo (batiam-se em duelo num espaço de seis pés quadrados) sete espadachins ou tiranos, deles desembaraçando seu pontão, com grande alegria para as vítimas. Max imperou em seu pontão, graças à prodigiosa habilidade que adquiriu no manejo das armas, à sua força corporal e à sua agilidade. Cometeu, porém, por sua vez, atos arbitrários, teve serviçais que trabalharam para ele, que se tornaram seus vassalos. Nessa escola de sofrimentos, onde os caracteres revoltados aspiravam apenas à vingança, onde os sofismas nascidos dos cérebros transbordantes legitimavam os maus pensamentos, Max se depravou inteiramente. Ouviu as opiniões dos que ambicionavam a fortuna a qualquer preço, sem recuar diante dos resultados duma ação criminosa, contanto que fosse praticada sem provas. Finalmente, ao vir a paz, ele saiu pervertido, embora inocente, capaz de ser um grande político na alta esfera ou um miserável na vida privada, segundo as circunstâncias de seu destino.

Ao voltar para Issoudun, soube do deplorável fim de seu pai e de sua mãe. Como todos os que se entregam às paixões e levam uma vida desregrada, os Gilet morreram na mais pavorosa indigência, no hospital. Pouco depois, a notícia do desembarque de Napoleão em

Cannes[95] espalhou-se por toda a França. Max viu então a oportunidade de ir a Paris pedir seu posto de chefe de batalhão e a cruz da Legião de Honra. O marechal, que então ocupava a pasta da Guerra, lembrou-se da bela conduta do capitão Gilet em Portugal; colocou-o na guarda como capitão, o que lhe dava, na ativa, o posto de comandante de batalhão; Max, porém, não pôde obter a cruz.

— O imperador disse que o senhor saberá conquistá-la na primeira ocasião — disse-lhe o marechal.

Realmente, o imperador indicou o bravo capitão à condecoração na tarde do combate de Fleurus,[96] onde Gilet se distinguiu.

Após a batalha de Waterloo,[97] Max retirou-se para o Loire. Por ocasião do licenciamento, o marechal duque de Feltre[98] não reconheceu a Gilet nem o posto nem a cruz. O soldado de Napoleão voltou para Issoudun num estado de exasperação bem fácil de imaginar, e não queria servir senão com a cruz e o posto de comandante de batalhão. O ministério achou essas condições exorbitantes para um rapaz de vinte e cinco anos, sem nome e que assim poderia chegar a coronel aos trinta anos. Max, diante disso, pediu demissão. O comandante — pois, entre si, os bonapartistas se reconheceram os postos conseguidos em 1815 — perdeu, assim, a magra pensão, chamada meio-soldo, concedida aos oficiais do Exército do Loire.[99]

Ao ver esse belo rapaz que não tinha mais de vinte napoleões, comoveram-se em Issoudun em seu favor e o prefeito deu-lhe um emprego de seiscentos francos de ordenado na Prefeitura. Max, que ocupou o lugar durante cerca de seis meses, deixou-o espontaneamente e foi substituído por um capitão chamado Carpentier, que como ele ficara fiel a Napoleão. Já grão-mestre da Ordem da Malandragem, Gilet adotara um gênero de vida que lhe fez perder a consideração das principais famílias da cidade, sem que, entretanto, lho demonstrassem, pois ele era violento e temido por todos, mesmo pelos oficiais do antigo Exército, que como ele se recusaram a servir e que foram plantar couve no Berry. Conforme se viu acima, a falta de afeição dos naturais de Issoudun pelos Bourbon não tem nada de surpreendente. Assim, relativamente à sua pequena importância, havia naquela cidadezinha

mais bonapartistas que em qualquer outro lugar. Os bonapartistas, como se sabe, fizeram-se em quase sua totalidade liberais. Havia em Issoudun e nas vizinhanças uma dúzia de oficiais na situação de Maxêncio, que o tomaram por chefe, tanto ele lhes agradou; excetuaram-se, entretanto, Carpentier, seu sucessor, e um certo sr. Mignonnet, ex-capitão de artilharia da guarda. Carpentier, oficial de cavalaria elevado a uma posição melhor, casou-se logo no início e passou a pertencer a uma das famílias mais importantes da cidade, os Borniche-Héreau. Mignonnet, formado na Escola Politécnica, servira num corpo que se atribui uma espécie de superioridade sobre os outros. Havia, nos exércitos imperiais, duas gradações entre os militares. Uma grande parte nutria pelos burgueses, pelos *paisanos*, um desprezo igual ao dos nobres pelos plebeus, do conquistador pelo conquistado. Esses não observavam sempre as leis da honra em suas relações com os civis ou não censuravam muito aqueles que acutilavam um burguês. Os outros, e principalmente a artilharia, talvez em consequência de seu republicanismo, não adotaram essa doutrina, que só podia criar duas França: uma França militar e uma França civil. Se, pois, o comandante Potel e o capitão Renard, dois oficiais do Faubourg de Rome, cujas opiniões sobre os paisanos não se modificaram, continuaram, mesmo assim, amigos de Maxêncio Gilet, o comandante Mignonnet e o capitão Carpentier colocaram-se ao lado da burguesia, achando que a conduta de Max era indigna dum homem de honra. O comandante Mignonnet, homenzinho seco, cheio de dignidade, ocupou-se dos problemas que a máquina a vapor oferecia a resolver e viveu modestamente limitando seu círculo de relações aos sr. e sra. Carpentier. Seus costumes moderados e suas ocupações científicas granjearam-lhe a consideração de toda a cidade. Dizia-se, assim, que os srs. Mignonnet e Carpentier eram *outra gente* que não o comandante Potel e os capitães Renard, Maxêncio e outros frequentadores do Café Militar, que conservavam os costumes soldadescos e os erros do Império.

Quando a sra. Bridau chegou a Issoudun, Max estava, pois, excluído da sociedade burguesa. O rapaz, aliás, fazia-se justiça espontaneamente, nunca comparecendo à sociedade denominada o

Círculo nem se queixando da dolorosa reprovação de que era alvo, embora fosse o moço mais elegante, de melhor aparência de toda Issoudun, gastasse muito e tivesse, por exceção, um cavalo, coisa tão estranha em Issoudun como o de Lord Byron em Veneza. Vamos ver como, pobre e sem recursos, Maxêncio conseguiu ser o janota de Issoudun, pois os meios vergonhosos que lhe valeram o desprezo das pessoas timoratas ou religiosas se relacionam com os interesses que levavam Ágata e José a Issoudun. Pela audácia de sua atitude e pela expressão de sua fisionomia, Max parecia ligar muito pouco à opinião pública. Esperava, sem dúvida, tirar um dia sua desforra e imperar sobre aqueles que o desprezavam. Por outro lado, se a burguesia detestava Max, a admiração que seu caráter excitava entre o povo formava um contrapeso a essa opinião; sua coragem, sua aparência, sua decisão deviam agradar à massa, que, aliás, ignorava sua depravação, que mesmo os burgueses não conheciam em toda sua extensão. Max representava em Issoudun um papel quase idêntico ao do ferreiro na *Linda moça de Perth*^[100] e era lá o campeão do bonapartismo e da oposição. Contavam com ele como os burgueses de Perth contavam com Smith nas grandes ocasiões. Um caso, principalmente, pôs em destaque o herói e vítima dos Cem Dias.

Em 1819, um batalhão comandado por oficiais realistas, moços saídos da Casa Vermelha,^[101] passou por Issoudun com destino a Bourges, onde ia aquartelar. Não sabendo o que fazer numa cidade tão constitucional como Issoudun, os oficiais foram matar o tempo no Café Militar. Em todas as cidades de província existe um Café Militar. O de Issoudun, construído numa esquina da muralha sobre a Place des Armes, e dirigido pela viúva dum antigo oficial, servia, naturalmente, de clube aos bonapartistas da cidade, aos oficiais a meio-soldo ou àqueles que partilhavam as opiniões de Max e aos quais a índole da cidade permitia a expressão de seu culto pelo imperador. A partir de 1816, realizou-se em Issoudun, todos os anos, um jantar para festejar o aniversário da coroação de Napoleão. Os três primeiros realistas que chegaram pediram os jornais, entre outros o *Quotidienne* e o *Drapeau Blanc*. As opiniões de Issoudun, principalmente as do Café Militar, não comportavam jornais realistas. O café tinha apenas o *Commerce*, nome

que o *Constitutionnel*,^[102] suprimido por sentença, foi forçado a usar durante alguns anos. Como, porém, ao aparecer pela primeira vez com esse título, ele começou seu primeiro artigo com estas palavras: “O *Comércio* é essencialmente *Constitucional*”, continuavam a chamá-lo *O Constitucional*. Todos os assinantes compreenderam o trocadilho cheio de oposição e de malícia pelo qual lhes pediam que não dessem atenção ao rótulo, pois o vinho continuaria a ser o mesmo. Do alto de seu balcão, a corpulenta senhora respondeu aos realistas que não tinha os jornais pedidos.

— Que jornais a senhora recebe, então? — perguntou um dos oficiais, um capitão.

O garçom, um homenzinho vestido de azul e enfeitado com um avental de fazenda ordinária, levou-lhes o *Commerce*.

— Ah! Este é o seu jornal! Tem outro?

— Não — disse o garçom —, é o único.

O capitão despedaçou a folha da oposição, jogou-a ao chão e cuspiu-lhe em cima, dizendo:

— Traz o dominó!

Em dez minutos, a notícia do insulto feito à oposição constitucional e ao liberalismo na pessoa do sacrossanto jornal, que atacava os padres com a coragem e o espírito que bem sabeis, correu pelas ruas, espalhou-se como a luz pelas casas; transmitiram-na dum lugar a outro. A mesma frase esteve simultaneamente em todas as bocas: “Avisemos Max!”. Max logo soube do caso. Os oficiais ainda não haviam terminado sua partida de dominó quando Max, acompanhado do comandante Potel e do capitão Renard, e seguido de trinta moços curiosos por ver o fim daquela aventura e que ficaram quase todos agrupados na Place des Armes, entrou no café. A casa logo se encheu.

— Garçom, *meu* jornal! — disse Max, com uma voz suave.

Representou-se uma pequena comédia. A gorda mulher, com uma expressão amedrontada e conciliadora, disse:

— Capitão, eu o emprestei.

— Vá buscá-lo! — exclamou um dos amigos de Max.

— Não pode dispensar o jornal? — disse o garçom.

— Não o temos mais.

Os jovens oficiais riam e olhavam ironicamente para os burgueses.

— Rasgaram-no! — exclamou um rapaz da cidade, ao vê-lo aos pés do jovem capitão realista.

— Quem é que teve o desprazer de rasgar o jornal? — perguntou Max, com uma voz estrondosa, os olhos congestos e erguendo-se com os braços cruzados.

— E ainda cuspiamos em cima dele — responderam os três jovens oficiais, levantando-se e encarando Max.

— Os senhores insultaram toda a cidade — disse Max, tornando-se lívido.

— Bem, e então? — perguntou o mais jovem dos oficiais.

Com uma agilidade, uma audácia e uma rapidez que aqueles moços não podiam prever, Max aplicou duas bofetadas no primeiro oficial que ficou a seu alcance e disse-lhe:

— Compreende o francês?

Bateram-se em duelo na Allée de Frapesle, três contra três.

Potel e Renard não quiseram permitir que Maxêncio Gilet fizesse justiça sozinho aos três oficiais. Max matou seu adversário. O comandante Potel feriu tão gravemente o seu que o desgraçado, um mocinho, faleceu no dia seguinte no hospital para onde foi transportado. Quanto ao terceiro, salvou-se ao preço de uma espadada e feriu o capitão Renard, seu adversário. O batalhão partiu para Bourges na mesma noite. Esse caso, que repercutiu em todo o Berry, consagrou definitivamente Maxêncio Gilet como herói.

Os Cavalheiros da Malandragem, todos jovens — o mais velho não tinha vinte e cinco anos —, admiravam Maxêncio. Alguns deles, longe de partilhar da austeridade, da severidade de suas famílias a respeito de Max, invejavam sua posição e o julgavam muito feliz. Com tal chefe, a Ordem realizou maravilhas. A partir do mês de janeiro de 1817, não transcorreu uma semana sem que a cidade fosse alvoroçada por uma nova façanha. Max exigiu dos cavalheiros, como ponto de honra, certas condições. Promulgaram-se estatutos. Esses demônios tornaram-se alertas como alunos de Amoros,^[103] atrevidos como milhafres, hábeis em todos os exercícios, fortes e destros como malfeitores. Aperfeiçoaram-se na técnica de subir aos telhados, de assaltar casas, de

saltar, de andar sem ruído, de riscar paredes e inutilizar portas. Reuniram um arsenal de cordas, escadas, ferramentas e disfarces. Assim, os Cavalheiros da Malandragem atingiram o ideal da perversidade, não somente na execução mas, também, na concepção de seus empreendimentos. Acabaram de posse desse gênio do mal que tanto divertia Panurge,^[104] que provoca o riso e torna a vítima tão ridícula que ela não ousa queixar-se. Esses moços tinham, além disso, aliados nas casas da cidade, que lhes permitiam obter informações úteis à perpetração de seus atentados.

Num dia muito frio, esses diabos encarnados transportavam com grande perícia uma estufa da sala para o pátio e a enchiam de lenha, de modo que o fogo durasse até a manhã seguinte. Espalhava-se, então, pela cidade, que um sr. Fulano de Tal (um avaro!) tentara aquecer o pátio.

Às vezes ficavam todos de emboscada na Grand'Rue ou na Rue Baisse, duas ruas que são como as duas artérias da cidade e onde desembocam muitas ruazinhas transversais. Agachados, cada um num ângulo de parede, na esquina duma dessas ruazinhas, com a cabeça descoberta, no meio do primeiro sono de cada lar, saíam a gritar de porta em porta, dum extremo ao outro da cidade: “Então, que é... Que é?”. Essas perguntas repetidas despertavam os burgueses, que apareciam em camisola e gorro de algodão, com uma vela na mão, interrogando-se e fazendo os mais estranhos colóquios e as caras mais curiosas do mundo.

Havia lá um pobre encadernador, muito velho, que acreditava em demônios. Como quase todos os artesãos da província, ele trabalhava numa oficinazinha baixa. Os cavalheiros, disfarçados de diabos, invadiam a oficina à noite, metiam-no no caixão de aparas e deixavam-no gritando como três queimados. O pobre homem despertava os vizinhos, aos quais contava as aparições de Lúcifer, e os vizinhos mal podiam desenganá-lo. O encadernador quase enlouqueceu.

No meio dum inverno rigoroso, os cavalheiros demoliram o aquecedor do gabinete do recebedor das contribuições e o reconstruíram em uma noite, perfeitamente igual, sem fazer ruído nem deixar o mínimo vestígio de seu trabalho. Esse aquecedor era

interiormente disposto de maneira a enfumaçar o apartamento. O recebedor suportou aquilo durante dois meses antes de descobrir por que seu aquecedor, que tinha tão boa tiragem e com o qual estava tão satisfeito, lhe pregava aquelas peças e foi obrigado a reconstruí-lo.

Certo dia, meteram três feixes de palha com enxofre e papéis embebidos em óleo na lareira duma velha devota, amiga da sra. Hochon. Pela manhã, ao acender o fogo, a pobre senhora, uma mulher pacata e amável, julgou ter acendido um vulcão. Apareceram os bombeiros, toda a cidade correu para lá e, como entre os soldados do fogo havia alguns Cavalheiros da Malandragem, estes inundaram a casa da velha, assustando-a com a inundação após tê-la aterrorizado com o fogo. Ela adoeceu de susto.

Quando queriam fazer alguém passar a noite inteira em guarda e em mortais inquietações, escreviam-lhe uma carta anônima para prevenilo de que ia ser roubado; depois, passavam um a um ao longo das paredes ou das janelas, chamando-se por meio de assobios.

Um de seus mais belos trotes, com que a cidade se divertiu durante muito tempo, e que ainda hoje é narrado, consistiu em dirigir a todos os herdeiros duma velha fidalga muito avarenta, e que devia deixar uma bela herança, um bilhete anunciando-lhes sua morte e convidando-os a comparecer pontualmente à hora em que seriam selados os bens. Cerca de oitenta herdeiros chegaram de Vatan, de Saint-Florent, de Vierzon e das redondezas, todos de luto fechado, mas muito alegres, uns com as esposas, as viúvas com os filhos, os filhos com os pais, em carriola, em cabriolé de vime ou em velhas carroças. Imaginem as cenas entre a criada da velha fidalga e os primeiros que chegaram! E mais as consultas aos tabeliães!... Foi um verdadeiro motim em Issoudun.

Um dia, finalmente, o subprefeito teve a ideia de achar essa ordem de coisas intolerável e com tanto maior razão por ser impossível descobrir quem se permitia essas brincadeiras. As suspeitas recaíam naturalmente sobre os rapazes; mas, como a Guarda Nacional era, então, puramente nominal em Issoudun, como lá não havia guarnição, como o tenente da polícia não tinha mais de oito guardas consigo e como não se fizesse patrulhamento, era impossível obter provas. O

subprefeito foi posto na *ordem da noite*^[105] e logo passou a ser considerado o inimigo principal.

Esse funcionário tinha o hábito de almoçar dois ovos frescos. Criava galinhas no pátio e aliava à mania de comer ovos frescos a de cozinhá-los pessoalmente. Nem a esposa, nem a criada, nem ninguém, segundo ele, sabia cozinhar convenientemente um ovo; consultava o relógio e gabava-se de vencer qualquer um nessa técnica. Havia dois anos ele cozia os ovos com um êxito que lhe valia inúmeros gracejos. Durante um mês, tiraram todas as noites os ovos das galinhas, substituindo-os por ovos duros. O subprefeito perdeu, com isso, seu latim e sua reputação de *subprefeito dos ovos*. Acabou alterando o almoço. Mas não suspeitou dos Cavalheiros da Malandragem, cujo trote fora muito benfeito. Max teve a ideia de engraxar as penas das galinhas, todas as noites, com um óleo saturado de odores tão fétidos que era impossível conservá-las em casa. E não ficou nisso: um dia, a esposa do subprefeito, ao vestir-se para ir à missa, encontrou seu xale inteiramente colado por uma substância tão firme que foi obrigada a ir sem ele. O subprefeito pediu transferência. A pusilanimidade e a submissão desse funcionário estabeleceram definitivamente a autoridade folgazã e secreta dos Cavalheiros da Malandragem.

III — NA CASA DA COGNETTE

Entre a Rue des Minimés e a Place Misère existia então um bairro limitado embaixo pelo braço da Rivière-Forcée, e em cima pela muralha, desde a Place d'Armes até o Marché à la Poterie. Essa espécie de quadrilátero informe era cheio de casas de aspecto miserável, apertadas umas contra as outras e divididas por meio de ruas tão estreitas que era impossível passarem dois ao mesmo tempo por elas. Esse trecho da cidade, espécie de Cour des Miracles^[106] era ocupado por pessoas pobres ou que exerciam profissões pouco lucrativas instaladas nesses casebres e em habitações tão pitorescamente chamadas, em linguagem familiar, casas caolhas. Em todas as épocas, esse foi, sem dúvida, um quarteirão amaldiçoado, covil de gente de má vida, pois uma dessas ruas se chama Rue du Bourreiu. Consta que o

carrasco da cidade teve lá sua casa de *porta vermelha*, durante mais de cinco séculos. O ajudante do carrasco de Châteauroux ainda mora lá, se é que se deve acreditar no que dizem, pois a burguesia nunca o vê. Os vinhateiros são as únicas pessoas que mantêm relações com esse personagem misterioso, que herdou dos antepassados o dom de curar fraturas e feridas. Antigamente, as mulheres de vida alegre, quando a cidade se dava ares de capital, lá realizavam suas sessões. Havia lá revendedores de coisas que pareciam destinadas a não encontrar compradores, algibebes cujas roupas expostas empestam, enfim, essa população apócrifa que se encontra em semelhante lugar em quase todas as cidades e onde imperam um ou dois judeus.

Na esquina duma dessas ruas escuras, do lado mais animado do quarteirão, existiu de 1815 a 1823, e talvez até um pouco mais tarde, uma taberna dirigida por uma mulher chamada mãe Cognette. Essa taberna era uma casa muito bem construída em filas de pedra branca, cujos intervalos eram fechados com pedra de alvenaria e argamassa, e compunha-se de dois pavimentos e uma água-furtada. Sobre a porta brilhava esse enorme galho de pinheiro semelhante ao bronze de Florença. Como se esse símbolo não dissesse bastante, o olhar era atraído pelo azul dum cartaz colado à ombreira e no qual se via, sob as palavras: BOA CERVEJA DE MARÇO, um soldado oferecendo a uma mulher muito decotada um jato de espuma que vai duma bilha ao copo que ela tem na mão, descrevendo um arco, sendo todo o conjunto duma cor capaz de fazer Delacroix^[107] desmaiar. O pavimento térreo compunha-se duma enorme sala que servia ao mesmo tempo de cozinha e de sala de refeições, de cujas vigas pendiam, presas a pregos, as provisões necessárias ao ramo de comércio a que se dedicava. Por detrás da sala, uma escadinha íngreme e estreita levava ao pavimento superior: ao pé dessa escada abria-se uma porta que dava para uma pequena peça comprida, que por sua vez dava para um desses pátios de província tão estreitos, escuros e altos que parecem um cano de chaminé. Oculta por um telheiro e subtraída aos olhares por paredes, essa salinha servia para as sessões plenárias dos rapazes terríveis de Issoudun.

Ostensivamente, o tio Cognet hospedava a gente do campo nos dias

de festa; secretamente, porém, era o hoteleiro dos Cavalheiros da Malandragem. Esse tio Cognet, que fora outrora moço de estrebaria em alguma casa rica, acabara desposando a Cognette, antiga cozinheira de casa distinta. O Faubourg de Rome continua, como na Itália e na Polônia, a feminizar, à maneira latina, o nome do marido para a mulher. Reunindo suas economias, o tio Cognet e a mulher haviam adquirido aquela casa para ali se estabelecerem como estalajadeiros. A Cognette, mulher de cerca de quarenta anos, de alta estatura, gorducha, com um nariz à Roxelane,^[108] pele trigueira, cabelos negros de azeviche, olhos castanhos, redondos e brilhantes, uma expressão inteligente e risonha, foi escolhida por Maxêncio Gilet para ser a Léonarde^[109] da Ordem, em virtude de suas qualidades como cozinheira. O tio Cognet, que podia ter uns cinquenta e seis anos, era rechonchudo, dominado pela mulher e, segundo um gracejo incessantemente repetido por ela, via todas as coisas com um olho bom, pois era caolho. Durante sete anos, de 1816 a 1823, nem o marido nem a mulher cometeram a menor indiscrição sobre o que se passava à noite em sua casa ou sobre o que lá se tramava e nutriram sempre a mais viva simpatia por todos os cavalheiros; quanto à sua dedicação, era absoluta; é possível, porém, que se a considere pouco bela, se se souber que seu interesse caucionava seu silêncio e sua simpatia. A qualquer hora da noite que os cavalheiros chegassem à casa da Cognette, batendo à porta dum certo modo, o tio Cognet, avisado por esse sinal, levantava-se, acendia o fogo e os lampiões, abria a porta, ia buscar na adega os vinhos comprados expressamente para a Ordem e a Cognette lhes preparava uma ceia apetitosa, antes ou após as expedições resolvidas na véspera ou durante o dia.

Enquanto a sra. Bridau viajava de Orléans para Issoudun, os Cavalheiros da Malandragem prepararam uma de suas melhores façanhas. Um velho espanhol, antigo prisioneiro de guerra e que, por ocasião da paz, ficara na região, onde se entregava a um modesto comércio de cereais, foi muito cedo ao mercado e deixou sua carroça ao pé da torre de Issoudun. Maxêncio, que foi o primeiro a chegar ao encontro marcado para aquela noite ao pé da torre, foi interpelado com essas palavras, pronunciadas em voz baixa:

— Que faremos esta noite?

— A carroça do tio Fario está ali — respondeu ele. — Quase quebrei o nariz contra ela. Em primeiro lugar, vamos levá-la para cima da base da torre. Depois veremos.

Quando Ricardo construiu a torre de Issoudun, assentou-a, como já ficou dito, sobre as ruínas da basílica da praça do templo romano e do *dun* céltico. Essas ruínas, cada uma das quais representava um longo período de séculos, formaram uma grande montanha de monumentos de três idades. A torre de Ricardo Coração de Leão acha-se, pois, no ápice dum cone cujo declive é, de todos os lados, igualmente íngreme e ao qual só se pode chegar por escalada. Para bem descrever em poucas palavras a forma dessa torre, pode-se compará-la ao obelisco de Luxor sobre seu pedestal. O pedestal da torre de Issoudun, que então ocultava tantos tesouros arqueológicos ignorados, tem do lado da cidade oitenta pés de altura. Numa hora, a carroça foi desmontada, içada peça por peça para a base da torre, por um trabalho semelhante ao dos soldados que transportaram a artilharia na passagem do monte Saint-Bernard. [110] Depois, tornaram a montar a carroça e apagaram os vestígios do trabalho com tal cuidado que ela parecia ter sido levada para cima pelo diabo ou pela varinha duma fada. Após essa alta façanha, os cavaleiros, sentindo fome, dirigiram-se todos à casa da Cognette, e logo se viram sentados à mesa, na saleta baixa, onde riam antecipadamente da cara que faria o Fario quando, pelas dez horas, fosse procurar a carroça.

Os cavaleiros, naturalmente, não praticavam suas farsas todas as noites. Os gênios dos Sganarelle, dos Mascarille e dos Scapino [111] reunidos não seriam suficientes para imaginar trezentas e sessenta façanhas por ano. Em primeiro lugar, as circunstâncias nem sempre eram favoráveis: às vezes, o luar era muito claro; outras, o último feito havia indignado demasiadamente as pessoas prudentes; e, por fim, um ou outro recusava seu concurso quando se tratava dum parente. Mas, se nem todas as noites os folgazões se reuniam na casa da Cognette, encontravam-se, contudo, durante o dia e juntos se entregavam aos prazeres permitidos da caça e das vindimas, no outono, e da patinação, no inverno. Nesse grupo de vinte moços da cidade, que assim

protestavam contra a sonolência social, havia alguns mais estreitamente ligados que os outros a Max ou que fizeram dele seu ídolo. Um tipo como esse muitas vezes fanatiza a mocidade. Os dois netos da sra. Hochon, Francisco Hochon e Baruch Borniche, eram os mais ardorosos partidários de Max. Os dois rapazes consideravam Max quase como primo, admitindo a opinião do lugar sobre seu parentesco ilegítimo com os Lousteau. Max, por outro lado, emprestava generosamente aos dois rapazes o dinheiro que o avô Hochon recusava a seus divertimentos; levava-os à caça, instruía-os; exercia, enfim, sobre eles, uma influência muito superior à da família. Ambos órfãos, os dois rapazes, embora maiores, continuavam sob a tutela do sr. Hochon, seu avô, em virtude de circunstâncias que serão expostas quando aparecer em cena o famoso sr. Hochon.

Nesse momento, Francisco e Baruch (tratemo-los por seus prenomes, para maior clareza da história) achavam-se um à direita e o outro à esquerda de Max, no meio da mesa mal iluminada pela chama fumegante de quatro velas baratas. Haviam bebido doze a quinze garrafas de vinhos diferentes, pois a reunião incluía apenas onze cavalheiros. Baruch, cujo prenome indica eloquentemente um vestígio de calvinismo em Issoudun, disse a Max, quando o vinho já havia desatado todas as línguas:

— Vais ficar ameaçado no teu centro...

— Que queres dizer com isso? — perguntou Max.

— Minha avó recebeu da sra. Bridau, sua afilhada, uma carta anunciando sua chegada acompanhada do filho. Minha avó mandou arrumar ontem dois quartos para recebê-los.

— Que me importa isso? — disse Max, segurando o copo, esvaziando-o dum trago e tornando a descansá-lo sobre a mesa com um gesto cômico.

Max tinha então trinta e quatro anos. Uma das velas colocadas perto dele projetava luz sobre sua fisionomia marcial, iluminava diretamente sua fronte e fazia realçar admiravelmente sua tez branca, seus olhos de fogo, seus cabelos negros meio crespos e brilhantes como azeviche. A cabeleira enrolava-se naturalmente sobre a testa e nas têmporas, desenhando assim nitidamente cinco línguas pretas que nossos

antepassados denominavam *cinco pontas*. Apesar dessas bruscas alternâncias de branco e preto, Max tinha uma fisionomia muito delicada, que tirava seu encanto dum perfil semelhante ao que Rafael dá a seus rostos de Virgem, duma boca bem modelada sobre cujos lábios errava um sorriso amável, espécie de atitude que Max acabara por adotar. O rico colorido que caracteriza os rostos berrienses acrescentava o bom humor à sua expressão. Quando ria verdadeiramente, mostrava trinta e dois dentes dignos de adornar a boca duma mulher. De cinco pés e quatro polegadas de estatura, Max era admiravelmente bem-proporcionado, nem gordo nem magro. Se suas mãos bem cuidadas eram brancas e muito bonitas, seus pés lembravam o Faubourg de Rome e um soldado de infantaria do Império. Teria dado, certamente, um magnífico general de divisão: tinha espáduas bastante amplas para carregar um destino de marechal de França e um peito suficientemente largo para todas as condecorações da Europa. A inteligência animava seus gestos. Nascido gracioso, enfim, como todos os filhos do amor, a nobreza de seu verdadeiro pai brilhava nele.

— Então não sabes, Max — gritou-lhe da extremidade da mesa o filho dum antigo cirurgião-mor chamado Goddet, o melhor médico da cidade —, que a afilhada da sra. Hochon é irmã de Rouget? Se ela vem acompanhada do filho pintor, é, sem dúvida, para reaver a herança do velho, e adeus tua vindima...

Max enrugou as sobrancelhas. Depois, correndo o olhar por todas as fisionomias em torno da mesa, examinou o efeito produzido por essa apóstrofe sobre os espíritos e tornou a responder:

— E que me importa?

— Ora — replicou Francisco —, parece-me que se o velho Rouget revogasse o testamento, no caso de o ter feito em favor da Gapuiadora...

Nesse ponto, Max cortou a palavra ao seu admirador, dizendo:

— Quando, ao chegar aqui, ouvi chamarem-te um dos *cinq Hochon*, [112] segundo o trocadilho que há trinta anos se vinha fazendo com teu nome, tapei a boca aos que te chamavam assim, meu caro Francisco, e o fiz de maneira tão violenta que, desde então, ninguém mais em

Issoudun repetiu essa bobagem, pelo menos diante de mim! E eis como me agradece: serve-te dum apelido desdenhoso para designar uma mulher à qual sabem que estou ligado!

Max nunca dissera tanto sobre suas relações com a pessoa a quem Francisco acabava de dar o cognome pelo qual era conhecida em Issoudun. O antigo prisioneiro dos pontões tinha bastante experiência, o comandante dos granadeiros da guarda sabia suficientemente o que é a honra para perceber de onde lhe provinha o menosprezo da cidade. Assim, nunca permitira a quem quer que fosse dizer-lhe uma palavra a respeito da srta. Flora Brazier, a criada-amante de João-Jaques Rouget, tão energicamente chamada de *praga* pela respeitável sra. Hochon. Além disso, todos sabiam que Max era muito suscetível para que fossem tocar no assunto sem que ele começasse, e ele nunca começara. Finalmente, era muito perigoso incorrer na cólera de Max ou desgostá-lo e, assim, seus amigos não gracejavam a propósito da Gapuiadora. Quando se falou na ligação de Max com essa moça, diante do comandante Potel e do capitão Renard, os dois oficiais com os quais ele vivia em pé de igualdade, Potel respondera:

— Se ele é irmão natural de João-Jaques Rouget, por que não há de morar com ele?

— Além do mais — replicara o capitão Renard —, essa moça é um pedaço real: e mesmo que ele a amasse, que mal haveria nisso? Acaso o Goddet filho não ama a sra. Fichet para ter a filha em recompensa dessa maçada?

Depois dessa merecida repreensão, Francisco não encontrou mais o fio de suas ideias; e muito menos ainda quando Max lhe disse com brandura:

— Continua...

— Não! — exclamou Francisco.

— Tu te zangas sem razão, Max — disse Goddet filho. — Não está combinado que na casa da Cognette podemos dizer tudo aos outros? Não seríamos inimigos mortais daquele dentre nós que se recordasse fora daqui do que aqui se diz, se pensa ou se faz? Toda a cidade designa Flora Brazier pelo apelido de Gapuiadora; se esse apelido escapou, por descuido, a Francisco, será isso um crime contra a Ordem da

Malandragem?

— Não — disse Max —, mas contra nossa amizade particular. Refleti melhor, pensei que estivéssemos *na malandragem* e disse-lhe: “Continua...”.

Estabeleceu-se um profundo silêncio. A pausa tornou-se tão incômoda para todos que Max exclamou:

— Vou continuar por ele (*sensação*) por vós todos (*espanto*)... e direi o que vós todos pensais! (*Profunda sensação!*) Pensais que Flora, a Gapuiadora, a Brazier, a governanta do tio Rouget, pois chamam de tio Rouget a esse solteirão que nunca terá filhos! Vós pensais, digo, que essa mulher custeia todas as minhas despesas desde que voltei para Issoudun. Se posso jogar fora trezentos francos por mês, regalar-vos muitas vezes como estou fazendo esta noite e emprestar dinheiro a vós todos, é porque tiro dinheiro da bolsa da srta. Brazier? Pois bem, é isso mesmo! (*Profunda sensação.*) Que diabo, sim! Mil vezes sim!... É verdade, a srta. Brazier tinha em mira a fortuna do velho...

— E ela a ganhou muito bem, passando do pai para o filho — disse Goddet filho, do seu canto.

— Acreditais — continuou Max, após ter sorrido da frase de Goddet filho — que concebi o plano de casar-me com Flora depois da morte do tio Rouget e que agora essa irmã e seu filho, de quem ouço falar pela primeira vez, vão pôr meu futuro em perigo?

— É isto mesmo! — exclamou Francisco.

— Isso é o que pensam todos os que estão em torno desta mesa — disse Baruch.

— Pois bem, tenham calma, meus amigos — respondeu Max. — “Um homem prevenido vale por dois!” Agora, dirijo-me aos Cavalheiros da Malandragem. Se, para mandar de volta esses parisienses, eu precisar da Ordem, vós me ajudareis?... Oh! Dentro dos limites que nos impomos para realizar nossas façanhas — acrescentou firmemente, ao perceber um movimento geral. — Acreditais que eu queria matá-los, envenená-los?... Graças a Deus, não sou imbecil. E, além do mais, mesmo que os Bridau vencessem e Flora ficasse apenas com o que tem, eu me contentaria com isso, entendeis? Amo-a o suficiente para preferi-la à srta. Fichet, se a srta. Fichet me quisesse!...

A srta. Fichet era a mais rica herdeira de Issoudun e a mãe da filha representava um papel importante na paixão de Goddet filho pela mãe da moça. A franqueza tem tanto valor que os onze cavalheiros se levantaram como se fossem um só homem.

— És um bom rapaz, Max!

— Isso é que é falar, Max; seremos os Cavalheiros da Expulsão.

— Bosta para os Bridau!

— Mandaremos embora os Bridau, a toda a brida!

— Tem-se visto, contudo, reis casarem-se com pastoras!

— Que diabo! O tio Lousteau pôde amar a sra. Rouget; não é mal menor amar uma governanta livre e sem obrigações?

— E, se o finado Rouget é um pouco pai de Max, isso fica em família.

— As opiniões são livres!

— Viva Max!

— Abaixo os hipócritas!

— Bebamos à saúde da bela Flora!

Tais foram as onze respostas, aclamações ou saudações proferidas pelos Cavalheiros da Malandragem, autorizados, digamo-lo, por sua moral excessivamente relaxada. Vê-se bem o interesse que tinha Max ao fazer-se o grão-mestre da Ordem da Malandragem. Inventando façanhas, conquistando a gratidão dos moços das principais famílias, Max procurava contar com o apoio deles no dia de sua reabilitação. Ergueu-se graciosamente, empunhou o copo cheio de vinho de Bordeaux e todos esperaram sua alocução:

— Pelo mal que vos quero, desejo a todos uma mulher que valha tanto quanto a bela Flora! Quanto à invasão dos parentes, não tenho, por ora, receio algum; e, quanto ao que virá mais tarde, veremos!

— Não nos esqueçamos da carroça do Fario!...

— Ora! Ela está segura — disse Goddet filho.

— Oh! Encarrego-me de completar essa façanha! — exclamou Max.

— Ide bem cedo ao mercado e avisai-me quando o bom velho for procurar a carreta...

Soaram as três horas e meia da madrugada. Os cavalheiros saíram, então, em silêncio, para voltar cada um à sua casa, escalando os muros sem o mínimo ruído, pois usavam chinelas de pano. Max alcançou

lentemente a Place Saint-Jean, situada na parte alta da cidade, entre a Porte Saint-Jean e a Porte Vilatte, o bairro dos burgueses ricos. O comandante Gilet disfarçara seus temores, mas a notícia o atingia no coração. Depois de sua permanência sobre ou sob os pontões, tornara-se duma dissimulação igual em profundidade à sua corrupção. Preliminarmente e acima de tudo, os quarenta mil francos de renda em bens de raiz que o tio Rouget possuía constituíam a paixão de Gilet por Flora Brazier, podeis crer! Pela maneira como ele se conduzia, é fácil perceber quanta segurança a Gapuiadora soubera inspirar-lhe sobre o futuro financeiro que ela devia à afeição do solteirão. A notícia da chegada dos herdeiros legítimos era, contudo, de natureza a abalar a fé que Max depositava no poder de Flora. As economias feitas nos últimos dezessete anos ainda estavam colocadas no nome de Rouget. Ora, se o testamento que Flora dizia ter sido feito há muito tempo em seu favor fosse revogado, essas economias, pelo menos, poderiam ser salvas passando-as para o nome da srta. Brazier.

— Essa imbecil não me disse, em sete anos, uma só palavra sobre os sobrinhos e a irmã! — exclamou Max, dobrando a Rue Marmouse e entrando na Rue de l'Avenier. — Setecentos e cinquenta mil francos colocados em dez ou doze tabeliães diferentes, em Bourges, em Vierzon, em Châteauroux, não podem ser realizados nem transformados em títulos do Estado numa semana, sem que se o saiba, numa região de falatórios. Antes de tudo, preciso desembaraçar-me da parentela. E, uma vez livres dela, trataremos de realizar essa fortuna. Enfim, pensarei nisso...

Max estava fatigado. Com o auxílio de sua chave mestra, entrou na casa do tio Rouget e deitou-se sem fazer o mínimo ruído, pensando:

— Amanhã minhas ideias estarão claras.

IV — A GAPUIADORA

Não é inútil dizer de onde provinha o apelido de Gapuidora à sultana da Place Saint-Jean e como ela se estabelecera na casa Rouget.

Avançando em anos, o velho médico, pai de João-Jaques e da sra. Bridau, percebeu a nulidade do filho; passou, então, a tratá-lo

rijamente, a fim de lançá-lo numa rotina que lhe servisse de sabedoria; mas assim o estava preparando, sem o saber, para suportar o jugo da primeira tirania que pudesse apanhá-lo. Um dia, ao voltar do passeio, o malicioso e vicioso ancião avistou uma menina encantadora à margem do campo, na avenue de Tivoli. Ao tropel do cavalo, a criança atirou-se a um dos riachos que, vistos de Issoudun, se assemelham a fitas de prata no meio dum vestido verde. Como uma náiade, a menina mostrou subitamente ao doutor uma das mais belas cabeças de Virgem que jamais um pintor tenha podido imaginar. O velho Rouget, que conhecia toda a região, não conhecia aquele milagre de beleza. A menina, quase nua, usava uma velha saia curta, esburacada e retalhada, de ordinário tecido de lã com listras alternadas escuras e brancas. Uma folha de papel grosso presa por um pedaço de vime servia-lhe de chapéu. Sob esse papel, cheio de rabiscos e de “O”, que bem justificava seu nome de papel de colegial, estava enrolada e presa por um pente de pentear cauda de cavalos a mais bela cabeleira loura que uma filha de Eva tenha podido desejar. Seu lindo peito trigueiro, seu pescoço mal coberto por um trapo que fora outrora um lenço de algodão, deixava ver zonas alvas sob o amorenado da pele. A saia, metida no meio das pernas, erguida até a cintura e presa por um grande alfinete, dava a impressão dum calção de nadador. Os pés e as pernas, que a água deixava perceber, recomendavam-se por uma delicadeza digna da estatuária da Idade Média. Esse corpo encantador exposto ao sol tinha um tom avermelhado a que não faltava encanto. O pescoço e o peito mereciam ser envoltos em casimira e seda. Finalmente, essa ninfa possuía olhos azuis guarnecidos de cílios cujo olhar faria cair de joelhos um pintor e um poeta. O médico, suficientemente anatomista para reconhecer uma silhueta deliciosa, compreendeu o quanto perderiam as artes se aquele encantador modelo se consumisse no trabalho rural.

— De onde és, minha menina? Nunca te vi — disse o velho médico, que então tinha setenta anos.

Essa cena teve lugar no mês de setembro de 1799.

— Sou de Vatan — respondeu a menina.

Ao ouvir a voz dum burguês, um homem de má cara, colocado a

duzentos passos de lá, no curso superior do riacho, ergueu a cabeça.

— Então, que estás fazendo, Flora? — gritou. — Conversas em vez de gapuiar, assim a mercadoria vai embora!

— E que vieste fazer aqui? — perguntou o médico, sem se preocupar com a apóstrofe.

— Estou gapuiando para meu tio Brazier, que lá está.

“Gapuiar” é um termo regional que descreve admiravelmente o que quer dizer: a ação de turvar a água dum riacho, revolvendo-a com um grande galho de árvore com os ramos em leque. Os caranguejos, assustados com essa operação cujo sentido lhes escapa, sobem precipitadamente o curso da água e, na sua perturbação, lançam-se nas armadilhas que o pescador colocou a uma distância conveniente. Flora Brazier empunhava seu galho com a graça própria da inocência.

— Mas teu tio tem licença para pescar caranguejos?

— Ora, não estamos mais na República una e indivisível? — gritou, de seu lugar, o tio Brazier.

— Estamos sob o Diretório — disse o médico — e não conheço lei alguma que permita a um homem de Vatan vir pescar no território da comuna de Issoudun — respondeu o médico. — Tens mãe, minha pequena?

— Não, senhor, e meu pai está no hospício de Bourges. Ficou louco em consequência dum golpe de sol que recebeu na cabeça, no campo...

— Quanto ganhas?

— Cinco soldos por dia, durante toda a estação da gapuia. Gapuiamos até na Braisne. Durante a colheita, saio a catar espigas. No inverno, fio.

— Já tens doze anos?

— Sim, senhor.

— Queres vir comigo? Serás bem alimentada, bem-vestida, terás sapatos bonitos...

— Não, não, minha sobrinha tem de ficar comigo, encarreguei-me dela diante de Deus e diante dos homens — disse o tio Brazier, aproximando-se da sobrinha e do médico. — Fique sabendo que sou seu tutor!

O médico conteve um sorriso e conservou sua atitude austera, que

talvez ninguém pudesse manter diante do aspecto do tio Brazier. O tutor tinha sobre a cabeça um chapéu de camponês gasto pela chuva e pelo sol, recortado como uma folha de couve sobre a qual tivessem vivido várias lagartas e remendado com linha branca. Sob o chapéu desenhava-se um rosto escuro e encovado, no qual a boca, o nariz e os olhos constituíam quatro pontos pretos. Seu velho casaco parecia um retalho de tapeçaria e as calças eram de estopa.

— Sou o dr. Rouget — disse o médico. — E, já que és o tutor dessa criança, leva-a à minha casa, na Place Saint-Jean. Não perderás teu dia, nem ela tampouco...

E, sem esperar uma palavra de resposta, certo de que o tio Brazier iria à sua casa com a bela Gapuiadora, o dr. Rouget esporeou o cavalo em direção a Issoudun. Realmente, no momento em que o médico se pôs à mesa, a cozinheira anunciou-lhe o cidadão e a cidadã Brazier.

— Sentai-vos — disse o médico ao tio e à sobrinha.

Flora e o tutor, ainda descalços, contemplavam a sala do doutor com olhos espantados. Eis por quê:

A casa que Rouget herdara dos Descoings ocupa o centro da Place Saint-Jean, espécie de quarteirão longo e muito estreito, com algumas tílias raquíticas. As casas dessa zona são mais bem construídas que as de qualquer outra, e a dos Descoings é uma das mais belas. Essa casa, situada à frente da do sr. Hochon, tem três janelas de frente no primeiro andar e no rés do chão um portão que dá acesso a um pátio, ao fundo do qual existe um jardim. Sob o arco do portão fica a porta duma vasta sala iluminada por duas janelas que dão para a rua. A cozinha fica atrás da sala, separada dela por uma escada que conduz ao primeiro andar e às mansardas situadas acima dele. Por detrás da cozinha estende-se um depósito de lenha, um telheiro sob o qual se fazia a barrela, uma estrebaria para dois cavalos e uma cocheira sobre a qual há pequenos celeiros para a aveia, o feno e a palha e onde então dormia o criado do doutor.

A sala tão intensamente admirada pela pequena camponesa e pelo tio tinha como decoração um revestimento de madeira esculpida como se esculpia na época de Luís XV e pintada de cinza, uma bela lareira de mármore, por cima da qual Flora se mirava num grande espelho sem

tremó superior e com moldura esculpida dourada. Acima do revestimento de madeira das paredes viam-se, de longe em longe, alguns quadros, despojos das abadias de Déols, Issoudun, Saint-Gildas, la Prée, Chézal-Benoît, Saint-Sulpice, dos conventos de Bourges e de Issoudun, que a liberalidade de nossos reis e dos fiéis havia enriquecido com preciosos donativos e com as mais belas obras devidas à Renascença. Assim, entre os quadros conservados pelos Descoings e transmitidos aos Rouget, encontravam-se uma *Sagrada Família*, de Albani;[\[113\]](#) um *São Jerônimo*, de Dominichino;[\[114\]](#) uma cabeça de *Cristo*, de Giovanni Bellini;[\[115\]](#) uma *Virgem*, de Leonardo da Vinci; uma *Via-Sacra*, de Ticiano, que vinha do marquês de Bélâbre, aquele que sustentou um bloqueio e foi decapitado no reinado de Luís XIII; um *Lázaro*, de Paulo Veronese;[\[116\]](#) um *Casamento da Virgem* do Padre Genovês;[\[117\]](#) dois quadros sacros de Rubens e uma cópia dum quadro de Perugino;[\[118\]](#) feita pelo próprio Perugino ou Rafael; e, finalmente, dois Correggio[\[119\]](#) e um Andrea del Sarto.[\[120\]](#) Os Descoings haviam escolhido essas riquezas entre trezentos quadros de igreja, sem conhecer seu valor, guiando-se na escolha apenas por sua conservação. Vários tinham não somente magníficas molduras, mas ainda estavam cobertos de vidro. Foi por causa da beleza das molduras e do valor que os vidros pareciam denunciar que os Descoings guardaram essas telas. Os móveis da sala não eram destituídos desse luxo tão apreciado em nossos dias, mas, então, sem valor algum em Issoudun. O relógio colocado sobre a lareira, entre dois soberbos candelabros de prata com seis ramos, recomendava-se por uma magnificência abacial que anunciava Boule.[\[121\]](#) As poltronas de carvalho esculpido, todas guarneçadas de tapeçaria devido à devoção de algumas senhoras de alta linhagem, seriam hoje em dia altamente apreciadas, pois eram todas encimadas de coroas e de armas. Entre as duas janelas, existia um rico consolo proveniente dum castelo, e sobre o mármore desse móvel erguia-se um imenso vaso da China, onde o doutor punha o tabaco. Nem o médico, nem seu filho, nem a cozinheira, nem o criado tinham cuidado com essas riquezas. Escarravam sobre uma lareira extremamente delicada, cujas molduras douradas eram jaspeadas de verde-cinza. Um belo lustre, metade

cristal e metade flores de porcelana, estava crivado, como o teto de onde pendia, de pontos negros que atestavam a liberdade que desfrutavam as moscas. Os Descoings haviam guarnecido as janelas de cortinas de brocatel arrancadas ao leito de algum abade comendador. À esquerda da porta, uma arca do valor de alguns milhares de francos servia de aparador.

— Olha, Fanchette — disse o médico à cozinheira —, traze dois copos! E serve-nos do melhor vinho.

Fanchette, gorda criada berriense que, antes da Cognette, era considerada a melhor cozinheira de Issoudun, acorreu com uma presteza que revelava o despotismo do médico e também um pouco de curiosidade por parte dela.

— Quanto vale uma jeira de parreiras em tua terra? — perguntou o médico, enchendo o copo do grande Brazier.

— Cem escudos em dinheiro...

— Pois bem, deixa-me tua sobrinha como criada, ela terá cem escudos de ordenado e, em tua qualidade de tutor, receberás os cem escudos...

— Todos os anos?... — perguntou Brazier, arregalando os olhos, que se tornaram grandes como pratos.

— Deixo a coisa à tua consciência — respondeu o doutor. — Ela é órfã: até os dezoito anos, Flora não tem nada a ver com os rendimentos.

— Como ela está com doze anos, isso representará portanto seis jeiras de vinhedos — disse o tio. — Mas ela é muito delicada, meiga como um cordeiro, benfeita, muito ágil e bem obediente... A pobre criatura era a alegria dos olhos do meu pobre irmão!

— E pago um ano adiantado — disse o médico.

— Ah! — disse então o tio —, pague dois anos e eu a deixarei consigo; ela ficará melhor em sua casa que na nossa, pois minha mulher bate nela, não a suporta. Sou a única pessoa que a protege, esta santa criatura, que é inocente como uma criança recém-nascida.

Ao ouvir esta última frase, o médico, impressionado com a expressão *inocente*, fez um sinal ao tio Brazier e saiu com ele para o pátio e de lá para o jardim, deixando a Gapuiadora diante da mesa

servida, entre Fanchette e João-Jaques, que a interrogaram e aos quais ela narrou com toda a naturalidade seu encontro com o doutor.

— Adeus, queridinha! — disse o tio Brazier, beijando Flora na fronte. — Podes dizer que fiz tua felicidade, colocando-te na casa deste bravo e digno pai dos indigentes. Deves obedecer-lhe como a mim. Sê muito sensata, muito amável e faz tudo o que ele quiser...

— Arruma o quarto que fica acima do meu — disse o médico a Fanchette. — Esta pequena Flora, que realmente merece bem este nome, passará a dormir lá a partir de hoje. Amanhã, mandaremos chamar o sapateiro e a costureira para ela. Põe já um talher na mesa, ela vai fazer-nos companhia.

À noite, em toda Issoudun, não se falou de outra coisa a não ser da instalação duma pequena gapuiadora na casa do dr. Rouget. Esse apelido, num lugar de gracejos, ficou na srta. Brazier antes, durante e depois de sua fortuna.

O médico queria, sem dúvida, fazer em ponto pequeno, por Flora Brazier, o que Luís XV fez em ponto grande pela srta. de Romans.^[122] Começava, porém, muito tarde: Luís XV ainda era jovem, ao passo que o doutor estava na flor da velhice. Dos doze aos catorze anos, a encantadora Gapuiadora conheceu uma felicidade sem mescla. Bem-vestida e muito mais bem adornada do que a moça mais rica de Issoudun, usava um relógio de ouro e joias que o doutor lhe deu para encorajar seus estudos, pois ela teve um professor encarregado de ensinar-lhe a ler, a escrever e a contar. Mas a vida quase animal dos camponeses comunicara a Flora tais aversões pelo cálice amargo da ciência que o doutor suspendeu essa educação. Seus projetos a respeito da menina, que ele civilizava, instruía e educava com cuidados tanto mais comovedores porque o julgavam incapaz de afeição, foram diversamente interpretados pela tagarela burguesia da cidade, cujos falatórios autorizavam, como a propósito do nascimento de Max e de Ágata, fatais enganos. Não é fácil ao público das pequenas cidades descobrir a verdade entre as mil conjecturas, no meio dos comentários contraditórios e através de todas as suposições a que um fato dá lugar. A província, como antigamente os políticos da Petite Provence^[123] nas Tuileries, quer explicar tudo e acaba sabendo tudo. Cada um, porém,

apega-se à face do acontecimento que mais lhe agrada; vê nela a verdade, demonstra-a e sustenta sua versão como a única acertada. A verdade, apesar da vida às claras e da espionagem das pequenas cidades, fica, pois, muitas vezes obscurecida e exige, para ser reconhecida, ou o tempo após o qual a verdade se torna indiferente, ou a imparcialidade que o historiador e o homem superior assumem ao colocar-se num plano elevado.

— Que querem que esse velho macaco faça, na sua idade, duma menina de quinze anos? — dizia-se dois anos após a chegada da Gapuiadora.

— O senhor tem razão — respondia-se. — Há muito tempo que seus dias de festa passaram...

— Meu caro, o doutor está revoltado com a estupidez de seu filho e persiste em seu ódio contra sua filha Ágata. Nessas condições, é possível que ele tenha vivido tão sensatamente nestes dois últimos anos somente para desposar a menina, se puder ter dela um belo rapaz, ágil e desembaraçado, vivo como Max — observava um homem de opiniões firmes.

— Deixe-nos tranquilos! Será que, depois de ter levado a vida que Lousteau e Rouget levaram de 1770 a 1787, se pode ter filhos aos setenta e dois anos? Olhe, esse velho celerado certamente leu o Antigo Testamento, nem que fosse como médico, e lá viu como o rei Davi consolava sua velhice... Aí está tudo, burguês!

— Dizem que Brazier, quando se embebedava, se gaba, em Vatan, de tê-lo logrado! — exclamava uma dessas pessoas que acreditam mais particularmente no mal.

— Meu Deus, vizinho! Que é que não se diz em Issoudun?

De 1800 a 1805, durante cinco anos, o doutor desfrutou os prazeres da educação de Flora, sem os desgostos que a ambição e as pretensões da srta. de Romans deram, segundo se diz, a Luís, o Bem-Amado. A pequena Gapuiadora estava tão contente, comparando sua situação na casa do doutor com a vida que teria levado com seu tio Brazier, que certamente se curvou às exigências do patrão, como teria feito uma escrava no Oriente. Sem querer desgostar os criadores de idílios e os filantropos, os habitantes do campo têm poucas noções sobre certas

virtudes, e neles os escrúpulos provêm duma intenção interesseira e não dum sentimento do bem e do belo. Criados diante da pobreza, do trabalho constante e da miséria, essa perspectiva lhes faz considerar como permitido tudo quanto os pode tirar do inferno da fome e do trabalho incessante, principalmente quando a lei não se opõe a isso. Se há exceções a essa regra, são raras. A virtude, socialmente falando, é companheira do bem-estar e começa com a instrução. Assim, a Gapuiadora era alvo da inveja de todas as moças de dez léguas em derredor, embora sua conduta fosse, aos olhos da religião, soberanamente repreensível. Flora, nascida em 1787, foi criada no meio das saturnais de 1793 e de 1798, cujos reflexos se projetaram sobre essas campanhas privadas de padres, de cultos, de altares, de cerimônias religiosas, onde o casamento era um ajuntamento legal e onde as máximas revolucionárias deixaram profundas marcas, principalmente em Issoudun, região onde a revolta é tradicional. Em 1802, o culto católico mal estava restabelecido. Foi uma tarefa difícil, para o imperador, encontrar sacerdotes. Em 1806, muitas paróquias da França ainda estavam viúvas, pois foi muito lenta a reunião de um clero dizimado pelo cadafalso, após tão violenta dispersão. Em 1802, portanto, nada podia censurar Flora, a não ser sua consciência. A consciência não devia ser mais fraca que a ambição na pupila do tio Brazier? Se, como tudo o fez supor, o cínico doutor foi forçado, pela idade, a respeitar uma menina de quinze anos, nem por isso a Gapuiadora deixou de ser considerada uma menina muito *finória*, segundo a expressão do lugar. Algumas pessoas, contudo, quiseram ver um atestado de inocência para ela na cessação das atenções do doutor, que lhe demonstrou, durante os dois últimos anos de vida, mais que indiferença.

O velho Rouget matara já um número suficiente de pessoas para saber prever seu fim. Ora, ao encontrá-lo em seu leito de morte envolto no manto da filosofia enciclopedista, seu tabelião compeliu-o a fazer alguma coisa em favor da menina, que então tinha dezessete anos.

— Pois bem, emancipemo-la — disse ele.

Essa frase retrata o ancião, que nunca deixava de extrair seus sarcasmos da própria profissão do seu interlocutor. Cobrindo de

espírito suas más ações, fazia-se absolver delas numa região onde o espírito sempre tem razão, principalmente quando se apoia no interesse pessoal bem compreendido. O tabelião viu nessa frase o grito do ódio concentrado dum homem cujos projetos de devassidão a natureza frustrara, uma vingança contra o inocente objeto dum amor impotente. Essa opinião foi, de certo modo, confirmada pela obstinação do doutor, que não deixou nada à Gapuiadora e que disse, com um sorriso amargo: “Ela já é bastante rica com sua beleza!”, quando o tabelião voltou a insistir sobre o assunto.

João-Jaques Rouget não chorou o pai, que Flora chorava. O velho médico tornara o filho muito infeliz, principalmente depois de sua maioridade, e João-Jaques tornou-se maior em 1791, ao passo que dera à pequena camponesa a felicidade material que, para a gente do campo, constitui o ideal de felicidade. Quando, após o sepultamento do defunto, Fanchette disse a Flora: “Então, que vai ser de você, agora que o senhor morreu?”, João-Jaques teve lampejos nos olhos e, pela primeira vez, seu rosto imóvel se animou, pareceu iluminar-se aos raios duma ideia e deixou transparecer um sentimento.

— Deixa-nos — disse a Fanchette, que tirava a mesa.

Aos dezessete anos, Flora conservava ainda a delicadeza de talhe e de feições, a distinção de beleza que seduziram o doutor e que as mulheres da sociedade sabem conservar, mas que se fanam nas camponesas tão rapidamente como a flor dos campos. Essa tendência para engordar, que atinge todas as belas camponesas que não levam a vida inteira a trabalhar no campo, ao sol, já se fazia, contudo, notar nela. Seu busto desenvolvera-se. As espáduas, opulentas e brancas, desenhavam planos ricos e harmoniosamente unidos ao pescoço, que já se enchia de pregas; o contorno do rosto, porém, conservava-se puro e o queixo ainda era fino.

— Flora — disse João-Jaques, com uma voz comovida —, estás muito habituada a esta casa?

— Sim, sr. João...

No momento em que ia fazer sua declaração, o herdeiro sentiu a língua enregelada pela recordação do morto enterrado tão recentemente e se interrogou até onde a benevolência de seu pai teria

ido. Flora, que observou seu novo padrão sem poder suspeitar de sua simplicidade, esperou durante algum tempo que João-Jaques retomasse a palavra; deixou-o, porém, sem saber o que pensar do obstinado silêncio que ele guardou. Qualquer que fosse a educação que a Gapuiadora tivesse recebido do doutor, devia transcorrer mais de um dia antes que ela ficasse conhecendo o caráter de João-Jaques, cuja história resumida é a seguinte.

Ao morrer o pai, Jaques, com trinta e sete anos de idade, era tão tímido e submisso à disciplina paterna como um menino de doze anos. Essa timidez explica sua infância, sua juventude e sua vida aos que não quiserem admitir esse temperamento ou os incidentes desta história, que são muito comuns em toda a parte, mesmo entre os príncipes, pois Sophie Dawes^[124] foi recolhida pelo último dos Condé numa situação pior que a da Gapuiadora.

Há duas timidez: a timidez de espírito e a timidez de nervos; uma timidez moral e uma timidez física. Uma é independente da outra. O corpo pode ter medo e tremer, enquanto o espírito permanece calmo e corajoso, e vice-versa. Isso dá a chave de muitas singularidades morais. Quando as duas timidez se reúnem num homem, ele será nulo durante toda a vida. Essa timidez completa é a das pessoas de quem dizemos: “É um imbecil”. Muitas vezes nesse imbecil se ocultam grandes qualidades comprimidas. Provavelmente é a esse duplo defeito que devemos alguns monges que viveram em êxtase. Essa desgraçada disposição física e moral é causada tanto pela perfeição dos órgãos e da alma como por defeitos ainda inobservados. A timidez de João-Jaques provinha dum certo embotamento de suas faculdades, que um grande mestre ou um cirurgião como Desplein teriam reanimado. Nele, como nos cretinos, o sentimento afetivo herdara a força e a agilidade que faltavam à inteligência, embora ainda lhe restasse bastante juízo para conduzir-se na vida. A violência da sua paixão, despida do ideal em que ela se expande entre todos os moços, aumentava ainda mais sua timidez. Jamais pudera decidir-se, segundo a expressão familiar, a fazer a corte a uma mulher de Issoudun. Ora, nem as moças nem as burguesas podiam tomar a iniciativa diante de um rapaz de estatura mediana, de atitude cheia de acanhamento e destituída de graça, de

rosto vulgar, que dois grandes olhos salientes dum verde baço tornariam muito feio se já as feições apagadas e uma tez descorada não o envelhecessem prematuramente. A presença duma mulher anulava, com efeito, o pobre rapaz, que se sentia impelido pela paixão tão violentamente quanto era retido pela penúria de ideias devida à sua educação. Imóvel entre duas forças iguais, ficava sem saber o que dizer e temia ser interrogado, tal era o receio que tinha de ser obrigado a responder! O desejo, que desata tão rapidamente a língua, enregelava a sua. João-Jaques permaneceu, pois, solitário e procurou a solidão porque nela não era importunado. O doutor percebeu, muito tarde para remediá-los, os estragos causados por esse temperamento e esse caráter. Bem quisera ter casado o filho; mas, como isso seria entregá-lo a uma dominação que se tornaria absoluta, hesitou em fazê-lo. Não seria isso abandonar o governo de sua fortuna a uma estranha, a uma moça desconhecida? Ora, ele sabia o quanto é difícil fazer previsões exatas sobre a moral da mulher, estudando a moça. Assim, enquanto procurava uma pessoa cuja educação ou cujos sentimentos lhe oferecessem garantias, tentou lançar o filho no caminho da avareza. Na falta de inteligência, esperava assim dar àquele tolo uma espécie de instinto. Em primeiro lugar, habituou-o a uma vida mecânica e legou-lhe ideias precisas sobre o emprego dos rendimentos; depois, poupou-lhe as principais dificuldades da administração duma fortuna territorial, deixando-lhe terras em boa situação e arrendadas por longo prazo. O fato que devia dominar a existência da pobre criatura escapou, entretanto, à perspicácia desse ancião tão astuto. A timidez assemelha-se à dissimulação, da qual tem a mesma profundidade. João-Jaques amou apaixonadamente a Gapuiadora. Nada mais natural, aliás. Flora foi a única mulher que viveu perto do rapaz, a única que ele pôde ver à vontade, contemplando-a em segredo, estudando-a a todo o momento. Flora iluminou para ele a casa paterna, deu-lhe, sem o saber, as únicas alegrias que douraram sua juventude. Longe de ter ciúme do pai, ele ficou encantado com a educação que ele dava a Flora; não precisava ele duma mulher acessível, a quem não tivesse de fazer a corte? A paixão, engenhosa em si mesma, é capaz de conferir aos tolos, aos idiotas e aos imbecis uma espécie de

inteligência, principalmente durante a mocidade. Mesmo no homem mais bruto sempre se encontra o instinto animal cuja persistência parece uma ideia.

No dia seguinte, Flora, a quem o silêncio do patrão obrigara a fazer reflexões, ficou à espera de alguma comunicação importante; mas, embora girasse em torno dela e a contemplasse de soslaio com expressões de concupiscência, João-Jaques não pôde encontrar nada para dizer. Finalmente, à sobremesa, o patrão recomeçou a cena da véspera.

— Sente-se bem aqui? — disse a Flora.

— Sim, sr. João.

— Pois bem, fique aqui.

— Muito obrigada, sr. João.

Essa situação estranha durou três semanas. Numa noite em que ruído algum perturbava o silêncio, Flora, que despertou por acaso, ouviu o sopro ritmado duma respiração humana à sua porta e ficou espantada ao ver no patamar João-Jaques, deitado como um cão e que, sem dúvida, fizera um orifício sob a porta para olhar para dentro do quarto.

— Ele me ama — pensou ela. — Mas desse modo apanhará um reumatismo.

No dia seguinte, Flora passou a olhar para o patrão duma outra maneira. Esse amor mudo e quase instintivo a comovera, ela já não achou tão feio o pobre rapaz, que ostentava nas têmporas e na fronte essa horrível coroa constituída de borbulhas semelhantes a úlceras, atributo dos sangues arruinados.

— A senhorita não gostaria de voltar para o campo, não é? — disse-lhe João-Jaques, quando ficaram a sós.

— Por que me pergunta isso? — disse ela, fitando-o.

— Para sabê-lo — respondeu Rouget, ficando da cor das lagostas cozidas.

— O senhor quer mandar-me de volta? — perguntou ela.

— Não, senhorita.

— Então, que é que quer saber? O senhor deve ter uma razão...

— Sim, eu queria saber...

— Quê? — indagou Flora.

— A senhorita não mo diria! — disse Rouget.

— Direi, sim. Palavra de moça honrada.

— Aí está! — replicou Rouget, espantado. — A senhorita é uma moça honrada...

— Claro que sou!

— Verdade?

— Se estou dizendo...

— Diga-me uma coisa: ainda é a mesma que um dia apareceu aqui, com os pés descalços, trazida pelo tio?

— Ora, que pergunta! Garanto! — respondeu Flora, corando.

O herdeiro, aterrado, baixou a cabeça e não a levantou mais. Flora, estupefata de ver uma resposta tão lisonjeira para um homem acolhida com tamanha consternação, retirou-se. Três dias mais tarde, no mesmo momento, pois ambos pareciam ter escolhido a sobremesa como campo de batalha, Flora reiniciou a conversa, dizendo ao patrão:

— O senhor tem alguma coisa contra mim?

— Não, senhorita — respondeu ele —, não... (*Uma pausa.*) Ao contrário.

— No outro dia, o senhor pareceu contrariado de saber que *sou* uma moça honesta...

— Não, eu apenas queria saber... (*Outra pausa.*) Mas a senhorita não mo diria...

— Palavra! — replicou ela. — Eu lhe direi toda a verdade.

— Toda a verdade sobre... meu pai? — perguntou ele com uma voz estrangulada.

— Seu pai — disse ela, mergulhando o olhar nos olhos do patrão — era um homem às direitas... Gostava de brincar, isto é!... um pouquinho... Mas, pobre homem!... boa vontade é que não lhe faltava... Enfim, devido a não sei quê contra o senhor, ele tinha intenções... oh!, tristes intenções. Muitas vezes ele me fazia rir, mas, ora!... E depois?

— Bem, Flora — disse o herdeiro, tomando a mão da Gapuiadora —, já que meu pai não era nada para você...

— E que queria o senhor que ele fosse para mim?! — exclamou ela, como moça ofendida por uma suposição injuriosa.

— Está bem, escute-me...

— Ele era meu benfeitor, eis tudo. Ah! Bem querereria ele que eu fosse sua esposa... mas...

— Mas — disse Rouget, retomando a mão que Flora lhe retirara —, já que ele não foi nada para você, quer ficar aqui comigo?

— Se o senhor quiser... — respondeu ela, baixando os olhos.

— Não, não. Se você quiser — replicou Rouget. — Sim, você poderia ser... a dona da casa. Tudo o que está aqui será para você, você cuidará da minha fortuna, ela será quase o mesmo que sua... pois eu a amo e a amei sempre desde o momento em que você entrou aqui pela primeira vez, com os pés descalços.

Flora não respondeu. Quando o silêncio se tornou embaraçoso, João-Jaques inventou este argumento horrível:

— Que tal? Isto não é melhor do que voltar para o campo? — perguntou-lhe com um visível entusiasmo.

— Ora essa, sr. João, como quiser! — respondeu ela.

Apesar desse “como quiser!”, o pobre Rouget, contudo, não foi adiante. Os homens desse caráter necessitam de certeza. O esforço que fazem para confessar seu amor é tão grande e lhes custa tanto que eles se sentem incapazes de recomeçar. Daí provém seu apego à primeira mulher que os aceita. Não se podem presumir os acontecimentos senão pelo resultado. Dez meses após a morte do pai, João-Jaques mudou completamente: seu rosto pálido, cor de chumbo, marcado, como dissemos, por borbulhas nas têmporas e na fronte, iluminou-se, limpou-se, adquiriu tons rosados. Sua fisionomia, enfim, respirou a felicidade. Flora exigiu que o patrão adotasse cuidados minuciosos com sua pessoa, recorreu a seu amor-próprio para obrigá-lo a andar bem-vestido; observava-o do limiar da porta, quando ele saía a passeio, até perdê-lo de vista. Toda a cidade notou essas mudanças, que fizeram de João-Jaques um homem completamente diferente.

— Sabem da última? — dizia-se em Issoudun.

— Que é?

— João-Jaques herdou tudo do pai, até a Gapuiadora...

— Acha que o falecido doutor não era suficientemente astuto para ter deixado uma governanta para o filho?

— É um tesouro para Rouget, é verdade! — foi a exclamação geral.
— Ela é uma finória! É muito bonita e se fará desposar.
— A moça teve sorte!
— Sim, uma sorte que só acontece às moças bonitas.
— Nem tanto! Acha que é assim? Aí está o caso de meu tio Borniche Héreau; certamente ouviu falar na srta. Ganivet, que era feia como os sete pecados mortais e nem por isso deixou de ganhar dele mil escudos de renda...

— Ora! Isso foi em 1778!
— É o mesmo. Rouget faz mal, seu pai deixa-lhe quarenta bons mil francos de renda e ele poderia ter-se casado com a srta. Héreau...
— O doutor tentou, ela não o quis. Rouget é muito estúpido...
— Muito estúpido? Ora, as mulheres são muito felizes com os homens dessa categoria.
— Sua mulher é feliz?

Tal foi o sentido dos comentários que correram em Issoudun. Se começaram, segundo os usos e costumes da província, rindo desse quase casamento, acabaram elogiando Flora por se ter dedicado ao pobre solteirão. Eis como Flora Brazier chegou ao governo da casa Rouget, de pai para filho, segundo a expressão de Goddet filho. Agora, para ensinamento dos celibatários, não é inútil esboçar a história desse governo.

V — HORRÍVEL E VULGAR HISTÓRIA

A velha Fanchette foi a única pessoa em Issoudun a achar errado que Flora Brazier se tornasse a rainha da casa de João-Jaques Rouget. Protestou contra a imoralidade desse arranjo e tomou o partido da moral ultrajada. É verdade que ela se sentia humilhada, em sua idade, de ter por patroa uma gapuiadora, uma mocinha que chegara àquela casa com os pés descalços. Fanchette possuía trezentos francos de renda em títulos, pois o doutor lhe fizera empregar desse modo suas economias, e o falecido legara-lhe cem escudos de renda vitalícia, de sorte que ela podia viver com desafogo. E, assim, deixou a casa nove meses após o sepultamento do velho patrão, a 15 de abril de 1806. Essa

data não indica às pessoas perspicazes a época e o dia em que Flora deixou de ser uma moça honesta?

A Gapuiadora, suficientemente astuta para prever a defecção de Fanchette, pois não há nada como o exercício do poder para ensinar a política, resolvera dispensar a criada. Há seis meses estudava, sem dar mostras disso, os processos culinários que faziam de Fanchette uma excelente cozinheira digna de servir a um médico. Em matéria de glotonaria, podem-se colocar os médicos na mesma categoria dos bispos. O doutor aperfeiçoara Fanchette. Na província, a falta de ocupação e a monotonia da vida dirigem a atividade do espírito para a cozinha. Na província não se janta tão luxuosamente como em Paris, mas janta-se melhor. Os pratos são meditados, estudados. No interior das províncias há Carêmes[125] de saias, gênios ignorados, que sabem tornar um simples prato de feijão digno da inclinação de cabeça com que Rossini acolhe um trecho perfeitamente executado. Ao fazer seu curso, em Paris, o doutor seguiu as aulas de química de Rouelle[126] e delas haviam-lhe ficado algumas noções que foram empregadas em benefício da arte culinária. Ele ficou famoso em Issoudun por vários melhoramentos pouco conhecidos fora do Berry. Descobriu que a omelete fica muito mais delicada quando não se batem as claras e as gemas juntas com a brutalidade que as cozinheiras empregam nessa operação. Deve-se, segundo ele, levar as claras ao estado de espuma e então misturar a ela, aos poucos, as gemas, e não usar uma frigideira, e sim uma panela especial de porcelana ou de louça, uma espécie de prato espesso, com quatro pés, a fim de que, colocado no fogão, o ar que por ali circula impeça o fogo de fazê-lo estalar. Na Touraine, essa panela chama-se *coquemar*. Rabelais, segundo creio, fala desse escaldador para cozinhar aves, o que demonstra a antiguidade desse utensílio. O doutor descobriu, também, o meio de impedir que os refogados azedem; esse segredo, porém, que por desgraça ele restringiu à sua cozinha, ficou perdido.

Flora, nascida fritadora e assadeira, duas qualidades que não se podem adquirir pela observação nem pelo trabalho, ultrapassou Fanchette em pouco tempo. Tornando-se boa quituteira, pensava na felicidade de João-Jaques; mas, digamos de passagem, ela também era

um tanto glutona. Incapacitada, como as pessoas sem instrução, de ocupar-se pelo cérebro, empregou sua atividade no governo da casa. Poliu os móveis, restituiu-lhes o lustro e conservou tudo em casa num asseio digno da Holanda. Passou a dirigir essas avalanchas de roupa suja e esses dilúvios que se chamam as barrelas e que, segundo o costume da província, só se fazem três vezes por ano. Fiscalizou a roupa branca com um olhar de dona de casa e a consertou. Depois, desejosa de iniciar-se progressivamente nos segredos da fortuna, assimilou o pouco de ciência dos negócios que Rouget conhecia e ampliou-a por meio de palestras com o tabelião do falecido doutor, o sr. Héron. Pôde, assim, dar excelentes conselhos a seu pequeno João-Jaques. Segura de ser sempre a dona da casa, teve pelos interesses do rapaz tantos cuidados e tanta avidez como se se tratasse de si mesma. Não tinha mais a temer as exigências do tio: dois meses antes da morte do doutor, Brazier falecera em consequência duma queda, ao sair da taberna onde passava a vida depois que empobrecera. Flora perdera igualmente o pai. Serviu, pois, ao patrão, com toda a afeição própria duma órfã feliz por constituir uma família e por encontrar um interesse na vida.

Essa época foi o paraíso para o pobre João-Jaques, que adotou os hábitos brandos duma vida animal embelezada por uma espécie de regularidade monástica. Dormia até tarde. Flora, que desde cedo tratava das provisões ou do arranjo da casa, despertava o patrão de maneira que ele sempre encontrasse o almoço pronto ao terminar de vestir-se.

Após o almoço, pelas onze horas, João-Jaques saía a passear, conversava com os que encontrava e voltava às três horas para ler os jornais, o do departamento e um de Paris, que ele recebia três dias após a publicação, engordurado pelas trinta mãos pelas quais havia passado, respingado pelos narizes com rapé que nele haviam espirrado e lustrado por todas as mesas pelas quais havia sido esfregado. O celibatário chegava, assim, à hora do jantar e nele gastava o maior tempo possível. Flora contava-lhe os casos da cidade, os falatórios que circulavam e que ela havia recolhido. Às oito horas, apagavam-se as luzes. Deitar-se cedo representa uma economia de vela e de lenha

muito usada na província, mas que contribui para o embrutecimento das pessoas pelo abuso da cama. O excesso de sono entorpece e obscurece a inteligência.

Tal foi a vida dessas duas criaturas durante nove anos, vida ao mesmo tempo cheia e vazia, em que os grandes incidentes foram algumas viagens a Bourges, a Vierzon, a Châteauroux, ou mais longe, quando nem os tabeliães dessas cidades nem o sr. Héron tinham hipotecas para realizar. Rouget emprestava dinheiro a cinco por cento pela primeira hipoteca, com prorrogação sobre os direitos da mulher quando o indivíduo que tomava o empréstimo era casado. Nunca dava mais que o terço do valor real das propriedades e fazia emitir títulos à sua ordem que representavam um suplemento de juros de dois e meio por cento repartidos pelo prazo do empréstimo. Tais eram as normas que seu pai sempre lhe aconselhava a observar. A agiotagem, essa armadilha para a ambição dos camponeses, devora os campos. A taxa de sete e meio por cento parecia, então, tão razoável que João-Jaques podia escolher os negócios, pois os tabeliães, que arrancavam belas comissões das pessoas para as quais conseguiam dinheiro em tão boas condições, avisavam o solteirão. Durante esses nove anos, Flora assumiu, aos poucos, insensivelmente e sem o querer, um domínio absoluto sobre o patrão. No início, tratou João-Jaques muito familiarmente. Mais tarde, sem faltar-lhe com o respeito, subjugou-o de tal modo pela superioridade, pela inteligência e pela energia que ele se tornou o servo de sua serva. Essa criança grande antecipou-se espontaneamente na instituição desse domínio, permitindo-lhe tantos cuidados que Flora o tratava como uma mãe ao filho. Assim, João-Jaques acabou nutrindo por Flora o sentimento que torna necessária ao filho a proteção materna. Estabeleceram-se, porém, entre eles, outros laços muito mais íntimos! Preliminarmente, Flora tratava dos negócios e dirigia a casa. João-Jaques confiava tão descansadamente nela em tudo quanto se referia à administração que, sem ela, a vida lhe teria parecido não difícil, mas impossível. Além disso, a mulher tornara-se uma necessidade em sua existência, acariciava todas as suas fantasias e as conhecia tão bem! Ele gostava de ver aquele rosto feliz que sempre lhe sorria, o único que havia de sorrir-lhe, o único em que

poderia haver um sorriso para ele! Essa felicidade, puramente material, expressa pelas palavras vulgares que são a essência da linguagem nos lares berrienses e estampada naquela magnífica fisionomia, era, de certo modo, o reflexo de sua própria felicidade. O estado em que ficou João-Jaques ao ver Flora entristecida por algumas contrariedades revelou à moça a extensão de seu poder e ela, para assegurar-se, quis fazer uso dele. Usar, entre as mulheres dessa espécie, sempre quer dizer abusar. A Gapuiadora fez, certamente, o padrão representar algumas dessas cenas que ficam sepultadas nos mistérios da vida privada e de que Otway deu um modelo no meio de sua tragédia *Veneza salva*,^[127] entre o Senador e Aquilina, cena que realiza magnificamente o horrível! Flora viu-se, então, tão senhora de seu império que não pensou, desgraçadamente para ela e para o celibatário, em fazer-se desposar.

Lá pelo fim de 1815, aos vinte e sete anos, Flora atingira o pleno desenvolvimento de sua beleza. Cheia de corpo e viçosa, alva como uma camponesa de Bessin, representava perfeitamente o ideal do que nossos antepassados chamavam *uma boa mulher*. Sua beleza, do gênero da duma soberba criada de hospedaria, mas ampliada e cultivada, fazia parecer-se, excetuada a nobreza imperial, com a srta. Georges^[128] nos seus belos dias. Flora tinha os mesmos lindos braços roliços e luzidios, a mesma plenitude de formas, a mesma pele acetinada e os mesmos contornos sedutores, menos severos, entretanto, que os da atriz. A expressão de Flora era a ternura e a meiguice. Seu olhar não impunha respeito como o da mais bela Agripina que, depois da de Racine, tenha pisado o palco do Théâtre-Français; antes, convidava à mais franca alegria.

Em 1816, a Gapuiadora viu Maxêncio Gilet e apaixonou-se por ele à primeira vista. Ela recebeu em cheio no coração essa flecha mitológica, admirável expressão dum fato natural, que os gregos tinham que representar desse modo porque não conheciam o amor cavalheiresco, ideal e melancólico gerado pelo cristianismo. Flora era, então, demasiadamente bela para que Max desdenhasse dessa conquista. A Gapuiadora conheceu, pois, aos vinte e oito anos, o verdadeiro amor, o amor idólatra, infinito, esse amor que comporta todas as maneiras de

amar, a de Guinare e a de Medora.^[129] Logo que o oficial sem fortuna conheceu a situação respectiva de Flora e de João-Jaques Rouget, viu mais que um namoro numa ligação com a Gapuiadora. Assim, para bem assegurar seu futuro, não viu nada melhor do que ir morar na casa de Rouget, pois percebeu o débil temperamento do solteirão. A paixão de Flora influiu, necessariamente, sobre a vida e a situação doméstica de João-Jaques. Durante um mês, o celibatário, que se tornou excessivamente receoso, viu terrível, triste e indiferente o rosto tão risonho e tão amigo de Flora. Sofreu as explosões dum mau humor calculado, precisamente como um homem casado cuja esposa planeja uma infidelidade. Quando, no meio das mais cruéis grosserias, o pobre rapaz se atreveu a indagar a Flora a causa dessa mudança, ela teve no olhar chamas carregadas de ódio e na voz tons agressivos e desdenhosos que o coitado do João-Jaques nunca ouvira nem percebera.

— Ora essa! — disse ela. — Você não tem coração nem alma. Há dezesseis anos que gasto aqui a minha mocidade e ainda não havia notado que você tem uma pedra aí! — disse, batendo sobre o coração. — Há dois meses que você vê vir aqui esse bravo comandante, uma vítima dos Bourbon, destinado a ser general e que vive encurralado numa terra que é um verdadeiro buraco, onde a fortuna não encontra aplicação. Ele é obrigado a ficar sentado numa cadeira durante o dia inteiro, na Prefeitura, para ganhar... o quê?... seiscentos miseráveis francos, uma bela posição! E você, que tem seiscentos e cinquenta e nove mil francos empregados, sessenta mil francos de renda e que, graças a mim, não gasta mais de mil escudos por ano, tudo incluído, mesmo minhas saias, tudo, enfim, não teve ainda a ideia de oferecer-lhe uma moradia aqui, tendo todo o segundo andar desocupado! Você prefere que os ratos andem dançando por lá a colocar lá uma criatura humana, um rapaz, enfim, que seu pai sempre considerou seu filho!... Quer saber o que é você? Vou dizer-lhe: você é um fraticida! E tudo isso sei muito bem por quê! Você viu que me interesse por ele, e isso o preocupa! Embora você pareça estúpido, tem mais malícia do que os mais maliciosos... Pois bem, é verdade, interesse-me por ele, e muito...

— Mas, Flora...

— Não há *mas* Flora que adiante. Pode ir procurar outra Flora (se é que a encontrará!), pois quero que este copo de vinho me sirva de veneno se eu não deixar esta choça! Não lhe custei nada, graças a Deus, durante os dezesseis anos que passei aqui, e você viveu satisfeito por pouco preço. Em qualquer outro lugar, eu estaria ganhando muito bem a minha vida fazendo tudo, como aqui: ensaboar, passar, cuidar das barreiras, ir ao mercado, cozinhar, defender seus interesses em tudo, matar-me da manhã à noite... Pois bem, aí está a minha recompensa.

— Mas, Flora...

— Sim, Flora... Você terá outras Floras, aos cinquenta e um anos, adoentado como é e definhando cada vez mais, que eu sei muito bem! Além do mais, você não é muito divertido...

— Mas, Flora...

— Deixe-me quieta!

Ela saiu fechando a porta com uma violência que retumbou pela casa e pareceu abalá-la em seus alicerces. João-Jaques Rouget abriu suavemente a porta e dirigiu-se ainda mais suavemente para a cozinha, onde Flora continuava a resmungar.

— Mas, Flora — disse o carneiro —, é a primeira vez que me dizes o que queres; como sabes se estou de acordo ou não?

— Em primeiro lugar — continuou ela —, há necessidade dum homem em casa. Todos sabem que você tem aqui dez, quinze, vinte mil francos; e, se viessem assaltá-lo, nos assassinariam. Quanto a mim, não tenho muita vontade de acordar um dia cortada em quatro pedaços, como fizeram com aquela pobre criatura que cometeu a asneira de defender o patrão! Pois bem, se souberem que temos em casa um homem valente como César e que não é tolo... Max poria por terra três ladrões numa vez só... então, sim, eu dormiria sossegada. Talvez lhe digam bobagens... que eu o amo para cá, que eu o adoro para lá!... Sabe o que tem de dizer?... Responda que você o sabe, mas que seu pai lhe recomendou seu pobre Max no leito de morte. Todos se calarão, pois as calçadas de Issoudun lhe dirão que ele pagava sua pensão no colégio! Já faz nove anos que como seu pão...

— Flora... Flora...

— Houve na cidade mais de um que me fez a corte! Ofereceram-me

correntes de ouro para cá, relógios para lá... “Minha pequena Flora, por que não deixas esse imbecil do tio Rouget”, eis o que diziam de você. “Eu, deixá-lo? Um homem inexperiente como ele? Que aconteceria?”, respondi sempre. “Não, não, a cabra deve pastar no lugar onde está amarrada.”

— Sim, Flora, tenho somente a ti no mundo e sou muito feliz... Se isso te agrada, minha filha, muito bem, teremos Maxêncio Gilet aqui, ele comerá conosco...

— Ora essa! Espero que sim...

— Sim, sim, não te zangues...

— Onde come um comem dois — respondeu ela, rindo. — Mas, se quiser ser amável, sabe o que deve fazer, meu lulu?... Vá passear nas proximidades da Prefeitura, às quatro horas, e dê um jeito de encontrar o comandante Gilet e o convide para jantar. Se ele começar com cerimônias, diga-lhe que isso me dará prazer, ele é muito galante para que recuse. Nesse caso, no fim do jantar, se ele lhe falar em seus infortúnios, nos pontões... e você mesmo terá a inteligência de puxar o assunto... convide-o a vir morar aqui... Se ele achar alguma coisa a opor, fique tranquilo, saberei convencê-lo...

Passeando, lentamente, pela avenue Baron, o celibatário refletiu, tanto quanto podia, sobre o fato. Se se separasse de Flora... (bastava esta ideia para embaralhar-lhe os pensamentos) que outra mulher encontraria?... Casar-se?... Na idade em que estava, seria desposado unicamente pelo dinheiro e ainda mais cruelmente explorado pela esposa legítima do que por Flora. Além disso, a simples ideia de se ver privado daquela afeição, mesmo que fosse ilusória, causava-lhe uma angústia terrível. Foi, pois, para o comandante Gilet tão encantador como pôde. Tal como Flora desejava, o convite foi feito diante de testemunhas, a fim de resguardar a dignidade de Maxêncio.

Flora e o patrão reconciliaram-se; mas, desse dia em diante, João-Jaques notou certos detalhes que atestavam uma completa mudança na afeição da Gapuiadora. Flora Brazier queixou-se, durante uma quinzena, entre os fornecedores, no mercado e junto às outras donas de casa com quem conversava, da tirania do sr. Rouget, que tivera a ideia de levar seu pretenso irmão natural a morar em casa. Ninguém,

entretanto, se deixou lograr por essa comédia e Flora passou a ser olhada como uma criatura excessivamente astuta e manhosa. O tio Rouget sentiu-se muito contente com a instalação de Max em sua casa, pois teve, desde então, uma pessoa cheia de atenções para consigo, sem, no entanto, usar de servilismo. Gilet conversava, discutia política e algumas vezes saía a passear com o tio Rouget. Logo que o oficial se instalou lá, Flora não quis mais ser cozinheira. A cozinha, dizia ela, estragava-lhe as mãos. Cumprindo o desejo do grão-mestre da Ordem, a Cognette indicou uma parenta, uma solteirona cujo patrão, um cura, acabara de morrer sem deixar-lhe nada, uma excelente cozinheira, que seria dedicada, na vida e na morte, a Flora e a Max. Por outro lado, a Cognette prometeu à parenta, em nome dessas duas potências, uma renda de trezentos francos após dez anos de bons, leais, discretos e honestos serviços. Com sessenta anos de idade, Védia distinguia-se por um rosto devastado pela varíola e uma fealdade conveniente. Após a entrada de Védia em função, a Gapuiadora tornou-se sra. Brazier. Passou a usar espartilhos, adquiriu vestidos de seda e belas roupas de lã e algodão, conforme as estações. Comprou golas, fichus caríssimos, toucas bordadas, cabeções de renda, passou a calçar borzeguins e a vestir-se com uma elegância e uma riqueza que a remoçaram. Aconteceu com ela o que se dá com um diamante bruto, lapidado e montado pelo joalheiro para adquirir todo seu valor. Queria fazer honra a Max. No fim do primeiro ano, em 1817, mandou buscar em Bourges um cavalo, que diziam ser inglês, para o pobre comandante, que estava cansado de passear a pé. Max trouxe das redondezas um antigo lanceiro da Guarda Imperial, um polonês chamado Kuski, que estava na miséria e que ficou radiante de empregar-se na casa do sr. Rouget como criado do comandante. Max foi o ídolo de Kuski, principalmente após o duelo dos três realistas. A partir de 1817, a casa do tio Rouget ficou composta de cinco pessoas, três das quais eram patrões, e a despesa subiu a cerca de oito mil francos por ano.

No momento em que a sra. Bridau voltava a Issoudun para, segundo a expressão da sra. Desroches, salvar uma herança tão seriamente ameaçada, o tio Rouget chegara, progressivamente, a uma situação quase vegetativa. Em primeiro lugar, desde que Max se instalara como

dono da casa, a srta. Brazier dera à mesa uma opulência episcopal. Rouget, habituado aos bons petiscos, passou a comer cada vez mais, estimulado pelos excelentes pratos que Védia preparava. Apesar dessa requintada e abundante alimentação, pouco engordou. Definhou dia a dia, fatigado, talvez, pelas indigestões, e seus olhos se encovaram de maneira alarmante. Mas, se durante os passeios, burgueses o interrogavam sobre a saúde, respondia que nunca estivera tão bem como então. Como fora sempre considerado de escassa inteligência, quase não notaram a permanente depressão de suas faculdades. Seu amor por Flora era o único sentimento que o mantinha vivo, ele vivia somente para ela; sua fraqueza diante dela não tinha limites, obedecia a um simples olhar, espreitava os movimentos dessa criatura como um cão espreita os mínimos gestos do dono. Enfim, segundo a expressão da sra. Hochon, o tio Rouget, aos cinquenta e sete anos, parecia mais velho que o sr. Hochon, então octogenário.

VI — A CARROÇA DE FARIO

Todos imaginam, com razão, que o apartamento de Max era digno do encantador rapaz. Em seis anos, realmente, o comandante fora, ano a ano, aperfeiçoando o conforto, embelezando os mínimos detalhes de seus aposentos, tanto para si como para Flora. Era, porém, apenas o conforto de Issoudun: assoalhos pintados, papéis de parede muito elegantes, móveis de acaju, espelhos com moldura dourada, cortinas de musselina ornadas de faixas vermelhas, um leito suntuoso e cortinados dispostos da maneira como os tapeceiros da província os arranjam para uma noiva rica e que parece, então, o cúmulo da magnificência, mas que se vê nas mais vulgares estampas de modas e é tão comum que nem os varejistas de Paris o querem para sua noite de núpcias. Havia também — coisa monstruosa e que deu o que falar em Issoudun — esteiras de junco na escada, sem dúvida para abafar o ruído dos passos; graças a isso, ao voltar de madrugada, Max não despertava ninguém e Rouget nunca suspeitou da cumplicidade de seu hóspede nas façanhas noturnas dos Cavalheiros da Malandragem.

Às oito horas, Flora, vestida com um roupão de bela fazenda de

algodão com listras cor-de-rosa, com uma touca de renda e os pés metidos em chinelas forradas, abriu suavemente a porta do quarto de Max; vendo-o, porém, adormecido, ficou parada diante da cama.

— Voltou tão tarde! — disse ela. — Às três e meia! É preciso ter uma constituição extraordinária para resistir a essas brincadeiras. É forte esse amor de homem!... Que terão feito esta noite?

— Oh! Estás aí, minha pequena Flora — disse Max, despertando à maneira dos militares, habituados, pelas surpresas da guerra, a encontrar as ideias claras e todo seu sangue-frio ao acordar, por mais subitamente que o façam.

— Estás dormindo, vou-me embora...

— Não, fica. Há coisas graves...

— Fizeram alguma tolice, esta noite?

— Não é isso! Trata-se de nós e desse animal. Nunca me havias falado da família dele... E agora, ela vem para cá, a família, certamente para nos causar transtornos...

— Ah! Vou agora mesmo repreendê-lo — disse Flora.

— Srta. Brazier — disse gravemente Max —, trata-se de coisas demasiado sérias para se agir levianamente. Manda-me o café, eu o tomarei na cama, enquanto penso na conduta que devemos adotar... Volta às nove horas e conversaremos. Até lá, faz como se não soubesses de nada.

Impressionada com essa notícia, Flora deixou Max e foi preparar-lhe o café; mas, um quarto de hora mais tarde, Baruch entrou precipitadamente e disse ao grão-mestre:

— Fario está procurando a carroça!

Em cinco minutos, Max vestiu-se, desceu e, dando a impressão de sair a passear, dirigiu-se ao pé da torre, onde viu um ajuntamento considerável.

— Que é isso? — perguntou Max, penetrando no meio da multidão e chegando até o espanhol.

Fario, homenzinho seco, era duma fealdade comparável à dum grande de Espanha. Seus olhos brilhantes, como se fossem furados com uma verruma e muito chegados ao nariz, teriam-no feito passar em Nápoles por um adivinho. O homenzinho parecia afável porque era

austero, calmo, lento em seus gestos; por isso o chamavam o bom Fario; mas sua tez cor de pão de mel e sua brandura enganavam os ignorantes e indicavam aos observadores o caráter mais mourisco dum camponês de Granada a quem coisa alguma ainda fizera sair de sua fleuma e de sua indolência.

— Tem certeza — perguntou-lhe Max, após ter ouvido as lamentações do comerciante de cereais — de ter trazido a carroça? Em Issoudun, graças a Deus, não há ladrões.

— Ela estava aqui...

— Quem sabe se o cavalo ficou atrelado e saiu com a carroça?

— Meu cavalo está ali — disse Fario, mostrando o animal com os arreios, a trinta passos dali.

Max encaminhou-se gravemente ao lugar onde se achava o cavalo, a fim de poder, erguendo os olhos, ver a base da torre, pois a multidão estava embaixo. Todos seguiram Max, e era justamente isso que ele queria.

— Algum dos senhores meteu por engano uma carroça no bolso — gritou Francisco.

— Vamos, revistem-se! — disse Baruch.

Gargalhadas partiram de todos os lados. Fario blasfemou. Num espanhol, a blasfêmia denuncia o último grau da cólera.

— É leve tua carroça? — perguntou Max.

— Leve! — respondeu Fario. — Se os que estão rindo de mim a tivessem sobre os pés, seus calos nunca mais os incomodariam.

— Entretanto, ela deve ser terrivelmente leve — respondeu Max, apontando para a torre —, porque voou para cima da elevação.

A essas palavras, todos os olhares se ergueram e houve um verdadeiro tumulto no mercado. Todos apontavam para a carroça encantada. Todas as línguas estavam em movimento.

— O diabo protege os estalajadeiros — disse Goddet filho ao comerciante estupefato. — Ele quis ensinar-te a não deixar a carroça na rua em vez de guardá-la na cocheira da estalagem.

A essa apóstrofe seguiu-se uma assuada da multidão, porque Fario era conhecido como avaro.

— Vamos, meu bravo homem — disse Max —, não precisa perder a

coragem. Vamos subir à torre para descobrir como foi que tua carroça foi parar lá. Que diabo, nós te daremos uma ajuda. Vens, Baruch? Tu — disse ao ouvido de Francisco —, afasta o povo de modo que não haja ninguém embaixo do barranco quando nos vires lá.

Fario, Max, Baruch e três outros cavalheiros subiram à torre. Durante a perigosa ascensão, Max constatou com Fario que não havia sinais que indicassem a passagem da carroça. Assim, Fario acreditou que se tratava duma bruxaria e perdeu a cabeça. Chegados ao alto do barranco e examinando bem as coisas, o fato pareceu seriamente impossível.

— Como vamos levá-la para baixo? — perguntou o espanhol, cujos olhinhos negros exprimiam pela primeira vez o pavor e cujo rosto amarelo e escavado empalideceu, embora parecesse incapaz de mudar de cor.

— Como? — disse Max. — Mas não me parece difícil...

E, aproveitando-se da estupefação do comerciante de cereais, tomou a carroça pelos varais com os braços robustos, para empurrá-la. Depois, no momento em que ela devia cair, gritou com uma voz trovejante:

— Cuidado, lá embaixo!

Mas não havia perigo algum: a multidão, avisada por Baruch e cheia de curiosidade, retirara-se para a praça, à distância necessária para ver o que se passava sobre o barranco da torre. A carroça espatifou-se da maneira mais pitoresca, num sem-número de pedaços.

— Já desceu — disse Baruch.

— Ah! Bandidos! Ah! Canalhas! — gritou Fario. — Vai ver que foram vocês mesmos que a trouxeram cá para cima...

Max, Baruch e os três companheiros puseram-se a rir das injúrias do espanhol.

— Quisemos prestar-te um serviço — disse friamente Max. — Ao empurrar tua maldita carroça, quase fui arrastado com ela, e é assim que nos agradece? De que terra és?

— Sou duma terra onde não se perdoa — replicou Fario, que tremia de raiva. — Minha carroça lhes servirá de cabriolé para irem para o inferno! A menos que — disse, tornando-se manso como um cordeiro

— queiram substituí-la por uma nova.

— Vamos conversar sobre isso — disse Max, descendo.

Quando chegaram ao pé da torre e se juntaram aos primeiros grupos de espectadores, que riam, Max tomou Fario por um botão do casaco e disse-lhe:

— Sim, meu bravo tio Fario, eu te farei presente duma magnífica carroça, se quiseses dar-me duzentos e cinquenta francos, mas não garanto que ela vá subir nas torres, como esta.

Esta última brincadeira encontrou Fario frio como se se tratasse de fechar um negócio.

— Ora — replicou ele —, dê-me com que substituir minha pobre carroça e nunca terá empregado tão bem o dinheiro do tio Rouget!

Max empalideceu e ergueu seu terrível punho sobre Fario; mas Baruch, que sabia que tal golpe não atingiria apenas o espanhol, puxou Fario como a uma pluma e disse baixinho a Max:

— Não faça asneiras!

O comandante, chamado à ordem, pôs-se a rir e respondeu a Fario:

— Se eu, por engano, quebrei tua carroça e tu tentas caluniar-me, estamos quites.

— Ainda não! — replicou Fario. — Mas fico muito satisfeito em saber o quanto valia minha carroça.

— Aí, Max, encontrei quem te dê resposta! — disse uma testemunha da cena, que não pertencia à Ordem da Malandragem.

— Adeus, sr. Gilet. Mais tarde lhe agradecerei sua ajuda — disse o comerciante de cereais, montando no cavalo e desaparecendo no meio duma algazarra.

— Guardaremos os aros das rodas para você — gritou-lhe um ferreiro, que fora contemplar o efeito da queda.

Um dos varais da carroça ficou plantado reto como uma árvore. Max permaneceu ali, pálido e pensativo, atingido no coração pela frase do espanhol. Falaram durante cinco dias, em Issoudun, acerca da carroça de Fario. Ela fora feita para viajar, como disse Goddet filho, pois fez a volta do Berry, onde espalharam as brincadeiras de Max e de Baruch. Assim — o que mais magoou o espanhol —, ele era ainda, oito dias depois do fato, a risota de três departamentos e o assunto de todos os

falatórios. Max e a Gapuiadora, devido às terríveis respostas do vingativo espanhol, foram também o assunto de muitos comentários, que se transmitiam ao ouvido em Issoudun, mas em voz alta em Bourges, em Vatan, em Vierzon e em Châteauroux. Maxêncio Gilet conhecia bem a região para saber o quanto esses comentários deviam ser venenosos.

— Não se pode impedi-los de falar — pensava ele. — Ah! Dei um golpe errado.

— Olha, Max — disse-lhe Francisco, tomando-o pelo braço —, eles chegam esta noite...

— Quem?

— Os Bridau! Minha avó acaba de receber uma carta da afilhada.

— Escuta, meu caro — disse-lhe Max ao ouvido. — Refleti profundamente sobre esse caso. Nem Flora nem eu devemos dar demonstração de querer mal aos Bridau. Se os herdeiros tiverem de deixar Issoudun, sois vós, os Hochon, que deveis mandá-los de volta. Examina bem esses parisienses e, amanhã, na Cognette, quando eu os tiver estudado, veremos o que se pode fazer-lhes e como indispor-los com teu avô...

— O espanhol descobriu o ponto fraco de Max — disse Baruch ao primo Francisco, ao voltar para a casa do sr. Hochon e ao ver o amigo entrar.

Enquanto Max tramava seus planos, Flora, apesar das recomendações de seu comensal, não pudera conter a cólera; e, sem saber se estava auxiliando ou prejudicando seus projetos, explodia contra o pobre celibatário. Quando João-Jaques incorria na cólera da criada, suprimiam-lhe bruscamente todos os cuidados e as carícias banais que constituíam toda sua alegria. Numa palavra, Flora punha o patrão em penitência. Assim, cessavam aquelas palavrinhas de afeição com que ela ornava a palestra com tonalidades variadas e olhares mais ou menos ternos: “Meu gatinho, meu luluzinho, meu bibi, meu queridinho, meu ratinho etc.”. Um *senhor* seco e frio, ironicamente respeitoso, trespassava então o coração do desgraçado solteirão como a lâmina dum punhal. Esse *senhor* servia de declaração de guerra. Além disso, em vez de assistir ao levantar do bom homem, de prestar-lhe

serviços, de prever seus desejos, de contemplá-lo com essa espécie de admiração que todas as mulheres sabem exprimir e que, quanto mais tosca, tanto mais encanta, dizendo-lhe: “Está viçoso como uma rosa! — Sim, senhor, está maravilhosamente bem! — Como está bonito, velho João!”, enfim, em vez de regalá-lo durante o levantar com os agrados e os gracejos que o divertiam, Flora deixava-o vestir-se sozinho. Se ele chamava a Gapuiadora, ela respondia do pé da escada:

— Eh! Não posso fazer tudo ao mesmo tempo, tratar do seu almoço e atendê-lo no quarto. Já não está bastante crescido para vestir-se sozinho?

— Meu Deus, que será que lhe fiz? — interrogou-se o velho, ao receber uma dessas grosserias, ao pedir água para barbear-se.

— Védia, leva água quente para o patrão — gritou Flora.

— Védia? — repetiu o palerma, estonteado pelo receio da cólera que pesava sobre ele. — Védia, que tem a sra. Brazier esta manhã?

Flora Brazier fazia-se chamar *senhora* pelo patrão, por Védia, Kuski e Max.

— Segundo parece, ela teria sabido alguma coisa a seu respeito que não é lá muito direita — respondeu Védia, assumindo uma expressão profundamente afetada. — O senhor andou mal. Olhe, sou apenas uma pobre criada e o senhor pode dizer que não tenho que meter o nariz nos seus assuntos; mas, mesmo que procurasse entre todas as mulheres da terra, como aquele rei da Sagrada Escritura, não encontraria uma igual à senhora. O senhor devia beijar as marcas dos seus passos no chão... Se o senhor a desgosta, crava um punhal no próprio coração! A coitada estava com os olhos cheios de lágrimas!

Védia deixou o pobre homem aterrado. Ele caiu sobre uma poltrona, ficou a olhar vagamente para o espaço como um louco melancólico e esqueceu-se de fazer a barba. Essas alternativas de afeição e indiferença causavam àquela débil criatura, que vivia exclusivamente pela fibra amorosa, os mesmos efeitos mórbidos produzidos sobre o corpo pela passagem súbita dum calor tropical a um frio polar. Eram verdadeiras *pleurisias morais*, que o enfraqueciam como se fossem doenças. Flora era a única pessoa no mundo que podia agir assim sobre ele, pois somente com ela ele se mostrava tão bom quanto tolo.

— Então, não fez a barba? — disse ela, aparecendo à porta.

Causou um violento sobressalto ao tio Rouget, que, de pálido e extenuado, ficou vermelho por um momento, sem ousar queixar-se desse assalto.

— O almoço está à sua espera! Pode descer de roupão e chinelas, pois vai almoçar sozinho.

E, sem esperar resposta, ela desapareceu. Deixar o bom homem almoçar sozinho era a penitência que maior pesar lhe causava: ele gostava de conversar enquanto comia. Ao chegar ao pé da escada, Rouget foi acometido dum acesso de tosse, pois a emoção lhe despertara a bronquite.

— Tosse! Tosse! — disse Flora, na cozinha, sem se importar de ser ouvida ou não pelo patrão. — Com os diabos! O velho celerado é bastante forte para resistir sem que a gente se preocupe com ele. Se um dia há de tossir a alma, não há de ser antes de nós...

Tais eram as amabilidades que a Gapuiadora dirigia a Rouget em seus momentos de cólera. O pobre homem sentou-se, numa profunda tristeza, no meio da sala, a um canto da mesa, e ficou a olhar para seus velhos móveis e seus velhos quadros com uma expressão desolada.

— Bem poderia ter posto uma gravata — disse Flora ao entrar. — Acha que é agradável ver um pescoço como o seu, mais vermelho e mais enrugado que o dum peru?

— Mas que lhe fiz eu? — perguntou ele, erguendo os grandes olhos verde-claros cheios de lágrimas para Flora e enfrentando sua fisionomia impassível.

— Que é que fez? — disse ela. — Não sabe? Que hipócrita!... Sua irmã Ágata, que, segundo seu pai, é tanto sua irmã quanto eu o sou da torre de Issoudun e que não tem nada a ver com o senhor, vai chegar de Paris, com o filho, esse troca-tintas, para visitá-lo...

— Minha irmã e meus sobrinhos vêm a Issoudun? — disse ele, estupefato.

— Sim, pode fingir de admirado, para convencer-me de que não foi o senhor quem lhes escreveu, chamando-os! O senhor representa muito bem! Mas fique tranquilo, não incomodaremos seus parisienses, pois, antes que eles ponham os pés aqui, os nossos não levantarão mais

poeira. Max e eu já teremos ido embora para nunca mais voltar. Quanto a seu testamento, eu o rasgarei em quatro pedaços diante do seu nariz e da sua barba, está ouvindo? Deixe sua fortuna para sua família, pois não somos da sua família. E depois verá se será estimado por si mesmo por pessoas que não o veem há trinta anos, que mesmo nunca o viram! Não há de ser sua irmã que me substituirá! Uma beata de trinta e seis quilates!

— É só isso, minha Flora? — disse o ancião. — Não receberei minha irmã nem meus sobrinhos... Juro-te que esta é a primeira vez que ouço falar na sua chegada, e isto é um plano tramado pela sra. Hochon, a velha devota...

Max, que pôde ouvir a resposta do tio Rouget, apareceu subitamente, dizendo num tom de dono da casa:

— Que é que há?

— Meu bom Max — respondeu o velho, contente por adquirir a proteção do soldado, que, por uma convenção feita com Flora, sempre tomava o partido de Rouget —, juro pelo que há de mais sagrado que somente agora estou sabendo disso. Nunca escrevi à minha irmã: meu pai me fez prometer que nada lhe deixaria de minha fortuna e que deixaria tudo à Igreja... Não receberei minha irmã Ágata nem seus filhos.

— Seu pai agiu mal, meu caro João-Jaques, e a senhora, pior ainda — respondeu Max. — Seu pai tinha lá suas razões; já morreu e seu ódio deve morrer com ele... Sua irmã é sua irmã, seus sobrinhos são seus sobrinhos. O senhor tem o dever de recebê-los bem, e nós também. Que se iria dizer em Issoudun?... Com os diabos! Já tenho bastante coisa contra mim, não me faltava mais nada do que ouvir dizerem-me que nós o sequestramos, que o senhor não é livre, que o incitamos contra os herdeiros, que nos apoderamos de sua herança... Que o diabo me leve se eu não desaparecer daqui à segunda calúnia! Basta uma! Vamos almoçar.

Flora, que se tornou macia como arminho, ajudou Védia a pôr a mesa. O tio Rouget, cheio de admiração por Max, tomou-o pelas mãos, levou-o ao vão da janela e, lá, disse-lhe em voz baixa:

— Ah! Max, se eu tivesse um filho, não gostaria tanto dele como de

ti. E Flora tinha razão: vós dois sois a minha família... És um homem de bem, Max, e tudo quanto acabas de dizer está muito certo.

— O senhor deve tratar bem a irmã e o sobrinho e não alterar em nada suas disposições — disse-lhe Max, interrompendo-o. — Assim, satisfará a seu pai e à sociedade...

— Meus queridos — gritou Flora, num tom alegre —, a comida vai esfriar. Olha, meu ratinho, toma uma asa — disse, sorrindo, para João-Jaques.

A essa frase, o rosto cavalaresco do bom homem perdeu seus tons cadavéricos e em seus lábios caídos brilhou um sorriso de *teriaki*;[130] a tosse, porém, voltou a atacá-lo, pois a felicidade de voltar às boas graças lhe causou uma emoção tão violenta como a da penitência. Flora levantou-se, arrancou dos ombros um xalezinho de casimira e passou-o pelo pescoço do velho, dizendo-lhe:

— És idiota a gente atormentar-se com essas ninharias. Toma, velho imbecil! Isto te fará bem, estava sobre meu coração...

— Que boa criatura! — disse Rouget a Max, enquanto Flora foi buscar um boné de veludo preto para cobrir a cabeça quase calva do celibatário.

— Tão boa quanto bonita — respondeu Max. — Mas é impulsiva como todos os que vivem com o coração na mão.

Talvez censurem a crueza deste quadro e achem as explosões do temperamento da Gapuiadora impregnadas desse realismo que o pintor deve deixar na obscuridade. Pois bem, esta cena, com vezes repetida com espantosas variantes, é, em sua forma grosseira e em sua horrível veracidade, o tipo das que representam todas as mulheres, qualquer que seja o degrau da escada social em que estiverem empoleiradas, quando um interesse qualquer as desvia de sua linha de obediência e elas têm o poder nas mãos. Como entre os grandes políticos, a seus olhos todos os meios são legitimados pelo fim. Entre Flora Brazier e a duquesa, entre a duquesa e a mais rica burguesa, entre a burguesa e a mulher mais esplendidamente mantida pelo amante, não há outras diferenças além das que são devidas à educação que receberam e ao meio em que vivem. Os amuos da grande fidalga substituem as violências da Gapuiadora. Em qualquer categoria social,

os amargos gracejos, as zombarias espirituosas, um frio desdém, queixas hipócritas e falsas disputas obtêm o mesmo êxito que os ditos plebeus dessa sra. Everard[131] de Issoudun.

Max pôs-se tão divertidamente a contar a história de Fario que fez rir o pobre velho. Védia e Kuski, que se aproximaram para ouvir a narrativa, explodiram em gargalhadas no corredor. Quanto a Flora, foi acometida dum riso louco. Após o almoço, enquanto João-Jaques lia os jornais, pois haviam assinado o *Constitutionnel*[132] e a *Pandore*,[133] Max levou Flora a seu quarto.

— Estás certa de que, depois que te instituiu sua herdeira, ele não fez outro testamento?

— Ele não tem com que escrever — respondeu ela.

— Ele pode tê-lo ditado a algum tabelião — disse Max. — Se ele não o fez, é preciso prever esse caso. Vamos receber maravilhosamente bem os Bridau, mas tratemos de liquidar todas as hipotecas. Nossos tabeliães ficarão contentíssimos por ter transferências a realizar: ganham muito nisso. Os títulos de renda sobem diariamente; vão conquistar a Espanha e libertar Fernando VII de suas cortes;[134] assim, no ano que vem, os títulos de renda talvez fiquem acima do par. É, portanto, um bom negócio colocar os setecentos e cinquenta mil francos do velho em títulos a oitenta e nove!... Trata, porém, de colocá-los em teu nome. Isso ficará garantido!

— Que bela ideia! — disse Flora.

— E, como para completar cinquenta mil francos de renda são necessários oitocentos e noventa mil francos, temos de fazê-lo tomar emprestados cento e quarenta mil francos por dois anos. Em dois anos, receberemos cem mil francos de Paris e noventa mil daqui, sem arriscar nada.

— Sem ti, meu belo Max, que seria de nós? — disse ela.

— Oh! Amanhã à noite, na Cognette, após ter visto os dois parisienses, encontrarei um meio de fazer com que os próprios Hochon os mandem embora.

— Tens espírito, meu anjo! És um amor!

A Place Saint-Jean está situada no meio da rua chamada Grande Narette na parte superior e Petite Narette na inferior. No Berry, a palavra *Narette* exprime a mesma condição de terreno que a palavra genovesa *salita*, isto é, uma rua com forte declive. A Narette é mais íngreme no trecho que vai da Place Saint-Jean à Porte Vilatte. A casa do velho sr. Hochon fica diante daquela onde morava João-Jaques Rouget. Muitas vezes se via, pela janela da sala onde costumava ficar a sra. Hochon, o que se passava na casa do tio Rouget, e vice-versa, quando as cortinas estavam puxadas ou as portas ficavam abertas. A casa do sr. Hochon é tão parecida com a de Rouget que os dois prédios devem ter sido construídos pelo mesmo arquiteto. Hochon, outrora cobrador de impostos de capitação em Selles, no Berry, e nascido, aliás, em Issoudun, voltara para casar-se com a irmã do subdelegado, o galante Lousteau, trocando seu cargo em Selles pela recebedoria de Issoudun. Já retirado do serviço público em 1786, evitou as tormentas da Revolução, a cujos princípios, aliás, aderiu plenamente, como todos os *homens de bem* que gritam junto com os vencedores. O sr. Hochon não usurpara sua reputação de grande avarento. Mas descrevê-lo não seria expor-se a repetições? Um dos rasgos de avareza que o tornaram famoso bastará, sem dúvida, para retratar-nos o sr. Hochon.

Por ocasião do casamento de sua filha, que ia desposar um Borniche, teve de oferecer um jantar à família do noivo. Este, que devia herdar uma grande fortuna, morreu de pesar por ter feito maus negócios e, sobretudo, devido à recusa dos pais, que não quiseram ajudá-lo. Os velhos Borniche viviam ainda nessa ocasião, satisfeitos de ter visto o sr. Hochon encarregar-se da tutela, devido ao dote da filha, que ele se empenhou em salvar. No dia da assinatura do contrato que estava sendo austeramente lido pelo jovem tabelião Héron, a cozinheira entrou e pediu ao sr. Hochon um barbante para amarrar uma perua, parte essencial do jantar. O antigo cobrador do imposto de capitação tirou do fundo do bolso do casaco um pedaço de barbante que certamente já servira para algum pacote e deu à criada; antes, porém, que ela tivesse chegado à porta, bradou-lhe: “Gritte, devolve-me isso, depois!”. Gritte é, no Berry, a abreviatura usual de Marguerite. Ficais compreendendo agora o sr. Hochon e o trocadilho inventado na

cidade sobre essa família composta de pai, mãe e três filhos: os *cinq Hochon*.

De ano para ano, o velho Hochon se tornara mais meticulado, mais cuidadoso, e estava então com oitenta e cinco anos! Pertencia a esse gênero de homens que se abaixam no meio da rua, durante uma palestra animada, e apanham um alfinete, dizendo: “Eis o trabalho dum dia duma mulher!”, e depois espetam o alfinete no canhão da manga. Queixava-se muito justamente da má fabricação dos tecidos modernos, reclamando que seu casaco não lhe durara mais de dez anos. Alto, seco, magro, de rosto amarelado, falando pouco, lendo pouco, não se fatigando, obediente às fórmulas de cortesia como um oriental, seguia em casa um regime de grande sobriedade, medindo a bebida e a comida da família, bastante numerosa, composta da esposa, nascida Lousteau, do neto Baruch e de sua irmã Adolfinia, herdeiros do velho Borniche, e, finalmente, do outro neto, Francisco Hochon.

Hochon, seu primogênito, colhido em 1813 por esse recrutamento de moços[135] que haviam escapado à conscrição e chamados *guardas de honra*, perecera no combate de Hanau. Esse herdeiro presuntivo desposara, demasiado cedo, uma mulher rica, a fim de não ser apanhado por uma conscrição qualquer; mas, em vista do recrutamento e prevendo seu fim, gastou toda a fortuna. Sua esposa, que acompanhou de longe o Exército francês, morreu em Estrasburgo em 1814, deixando lá dívidas que o velho Hochon não pagou, opondo aos credores esse axioma da antiga jurisprudência: *as mulheres são menores*.

Podia-se continuar a dizer os *cinq Hochon*, pois a casa ainda se compunha de três netos e dois avós. O trocadilho perdurou, pois nenhum trocadilho envelhece na província. Gritte, então com sessenta anos, bastava para todo o serviço.

A casa, embora vasta, tinha pouca mobília. Podia-se, contudo, hospedar muito bem José e a sra. Bridau nos dois quartos do segundo andar. O velho Hochon arrependeu-se, então, de ter conservado duas camas acompanhadas cada uma duma velha poltrona em madeira natural e guarneçada de tapeçaria e uma mesa de nogueira sobre a qual se via um jarro d’água do gênero “goela de lobo”, em sua bacia com

floreios azuis. O velho guardava sua colheita de maçãs e peras do inverno, de ameixas-americanas e marmelos em cima da palha, nesses dois quartos, onde dançavam os ratos e os camundongos; por isso, exalavam eles um odor de frutas e de ratos. A sra. Hochon mandou limpar tudo; o papel, descolado em alguns lugares, foi colado novamente com lacre; guarneceu as janelas com pequenas cortinas que ela mesma cortou de velhos vestidos seus de musselina. Depois, como o marido se recusasse a comprar uns tapetes, ela deu seu tapete de quarto à pequena Ágata, dizendo dessa mãe de quarenta e sete anos feitos: “Pobrezinha!”. A sra. Hochon pediu emprestadas duas mesas de cabeceira aos Borniche e audaciosamente alugou num belchior duas velhas cômodas com puxadores de cobre. Ela conservava dois pares de castiçais de madeira, preciosos, torneados pelo próprio pai, que tinha a mania do torno. De 1770 a 1780, foi moda, entre os ricos, aprender um ofício, e o sr. Lousteau, pai, antigo funcionário, foi torneiro, como Luís XVI foi serralheiro. Os castiçais tinham como ornatos círculos de raiz de roseira, de pessegueiro, de damasqueiro. A sra. Hochon arriscou essas preciosas relíquias... Esses preparativos e esse sacrifício redobram a gravidade do sr. Hochon, que ainda não acreditava na chegada dos Bridau.

Na mesma manhã daquele dia tornado famoso pela peça pregada a Fario, a sra. Hochon disse, após o almoço, ao marido:

— Espero, Hochon, que receba convenientemente a sra. Bridau, minha afilhada.

Depois de se ter assegurado de que os netos haviam saído, acrescentou:

— Sou senhora de meus bens. Não me obrigue a indenizar Ágata no meu testamento por um mau acolhimento.

— A senhora acha — respondeu Hochon com uma voz branda — que, na minha idade, desconheço as regras da cortesia?

— Você sabe muito bem o que quero dizer, velho fingido. Seja amável com nossos hóspedes e lembre-se de quanto estimo Ágata...

— A senhora estima também Maxêncio Gilet, que vai devorar uma herança que pertence à sua querida Ágata! Ah! A senhora abrigou uma serpente no seio; mas, afinal, o dinheiro dos Rouget deve tocar a algum

Lousteau.

Após essa alusão à suposta paternidade de Ágata, Hochon quis sair; mas a velha sra. Hochon, mulher ainda empertigada e seca, com uma touca redonda e empoada, uma saia de tafetá furta-cor, de mangas justas, e os pés enfiados em chinelas, soltou a tabaqueira em cima da mesinha e disse:

— É incrível que um homem inteligente como você, sr. Hochon, possa repetir as tolices que, desgraçadamente, custaram o repouso à minha pobre amiga e a fortuna do pai à minha pobre afilhada! Max Gilet não é filho de meu irmão, a quem aconselhei em tempo a poupar seus escudos. Além disso, você sabe que a sra. Rouget era a virtude em pessoa...

— E a filha é digna da mãe, pois me parece muito estúpida. Após ter perdido toda a fortuna, educou tão bem os filhos que um está preso, sujeito a processo criminal perante a Corte dos Pares, devido a uma conspiração do tipo Berton.^[136] Quanto ao outro, está em pior situação, é pintor!... Se seus protegidos vão ficar aqui até que tenham arrancado esse imbecil do Rouget às garras da Gapuiadora e de Gilet, comeremos mais de um saco de sal com eles.

— Basta, sr. Hochon! Faça votos para que eles se saiam bem...

O sr. Hochon tomou o chapéu, a bengala com castão de marfim e saiu petrificado por essa frase terrível, pois não acreditava em tamanha resolução na mulher. Quanto à sra. Hochon, tomou o livro de orações para ler a missa, pois sua avançada idade a impedia de ir todos os dias à igreja: era com dificuldade que lá comparecia aos domingos e dias santos. Desde que recebera a resposta de Ágata, juntava às suas preces habituais uma para pedir a Deus que abrisse os olhos de João-Jaques Rouget, abençoasse Ágata e lhe desse êxito no empreendimento a que a impelira. Escondendo-se dos netos, a quem censurava por serem *ateus*, pedira ao cura para rezar, nessa intenção, missas durante uma novena realizada por sua neta Adolfinha Borniche, que se desobrigava das orações na igreja por procuração.

Adolfinha, então com dezoito anos de idade e que, desde os sete anos, trabalhava ao lado da avó naquela casa fria de hábitos metódicos e monótonos, fez a novena de muito boa vontade, porque desejava

inspirar algum sentimento a José Bridau, esse artista incompreendido pelo sr. Hochon e pelo qual ela tomava o mais vivo interesse, em virtude das monstruosidades que seu avô atribuía ao jovem parisiense.

Os velhos, as pessoas sensatas, a cabeça da cidade, os chefes de família aprovavam, aliás, a conduta da sra. Hochon, e seus votos em favor da afilhada e seus filhos estavam de acordo com o desprezo secreto que há muito lhes inspirava o procedimento de Maxêncio Gilet. Assim, a notícia da chegada da irmã e do sobrinho do tio Rouget criou dois partidos em Issoudun: o da alta e antiga burguesia, que devia contentar-se com fazer promessas e observar os acontecimentos sem interferir neles, e o dos Cavalheiros da Malandragem e dos partidários de Max, que, infelizmente, eram capazes de cometer muitas perversidades contra os dois parisienses.

Nesse dia, pois, Ágata e José desembarcaram na Place Misère, na agência da Empresa de Transportes, às três horas. Embora fatigada, a sra. Bridau sentiu-se rejuvenescida ao ver sua terra natal, onde, a cada passo, encontrava recordações e impressões da mocidade. Nas condições em que então se achava a cidade de Issoudun, a chegada dos parisienses divulgou-se pela cidade toda em dez minutos. A sra. Hochon chegou ao limiar da porta para receber a afilhada e beijou-a como se fosse sua filha. Após ter percorrido, durante setenta e dois anos, uma trajetória ao mesmo tempo vazia e monótona, na qual, sempre que olhava para trás, via os ataúdes dos três filhos, todos mortos tragicamente, ela se criara uma maternidade fictícia por uma moça que ela guardara no bolso, segundo sua expressão, durante dezesseis anos. Nas trevas da província, ela afagara essa velha amizade, essa infância e suas recordações, como se Ágata estivesse presente. Assim, apaixonara-se pelos interesses dos Bridau. Ágata foi levada em triunfo para a sala, onde o digno sr. Hochon permaneceu frio como um forno apagado.

— Aí está o sr. Hochon. Como o achas? — disse a madrinha à afilhada.

— Está absolutamente como quando eu o deixei — disse a parisiense.

— Ah! Vê-se que a senhora vem de Paris, é lisonjeadora — disse o

velho.

Fizeram-se as apresentações: a do pequeno Baruch Borniche, rapagão de vinte e dois anos; a do pequeno Francisco Hochon, de vinte e quatro anos; e a da pequena Adolfina, que corou e ficou sem saber o que fazer com os braços e principalmente com os olhos, pois não queria dar mostras de olhar para José Bridau, observado com curiosidade pelos dois rapazes e pelo velho Hochon, mas sob pontos de vista diferentes. O avarento pensava:

— Ele vem do hospital, deve ter fome como um convalescente!

Os dois rapazes pensavam:

— Que cabeça! Esse sujeito nos vai dar o que fazer!

— Meu filho pintor, meu bom José! — disse, finalmente, Ágata, apresentando o artista. A palavra “bom” assumiu uma entonação em que se revelava o coração de Ágata, que pensava na prisão do Luxembourg.

— Ele tem um aspecto doentio — disse a sra. Hochon. — Não se parece contigo...

— Não, minha senhora — replicou José com a rude naturalidade do artista. — Pareço-me com meu pai, justamente na fealdade.

A sra. Hochon apertou a mão de Ágata, que tinha entre as suas, e dirigiu-lhe um olhar. Esse gesto e esse olhar queriam dizer: “Compreendo muito bem, minha filha, que o prefiras ao mau sujeito que é Felipe”.

— Nunca vi seu pai, meu caro filho — respondeu em voz alta a sra. Hochon. — Mas basta que você seja filho de sua mãe para que eu o estime. Além disso, você tem talento, segundo me escrevia a falecida sra. Descoings, a única pessoa de casa que me deu notícias suas ultimamente.

— Talento! — exclamou o artista. — Ainda não. Mas, com tempo e paciência, poderei ganhar ao mesmo tempo glória e fortuna.

— Pintando? — perguntou o sr. Hochon com uma profunda ironia.

— Adolfina — disse a sra. Hochon —, vai tratar do jantar.

— Mamãe — disse José —, vou acomodar nossas malas, que acabam de chegar.

— Hochon, mostre os quartos ao sr. Bridau — disse a avó a

Francisco.

Como o jantar era servido às quatro horas e ainda fossem três e meia, Baruch foi à cidade dar notícias da família Bridau, descrever o vestido de Ágata e, principalmente, José, cujo rosto feio, doentio e tão estranho se parecia com o retrato imaginário que se faz dum salteador. Em todas as casas, nesse dia, José foi o assunto das palestras.

— Parece que a irmã do tio Rouget, durante a gravidez, se impressionou com algum macaco — diziam. — Seu filho parece um macaco. — Ele tem uma cara de bandido e olhos de basilisco. — Dizem que ele é um tipo estranho, é pavoroso! — Todos os artistas de Paris são como ele. — Eles são maus como os burros vermelhos e perversos como os macacos. — Isso faz parte da profissão. — Acabo de encontrar o sr. Beaussier, que disse que não gostaria de topar com ele à noite, no meio do mato; ele o viu na diligência. — Ele tem no rosto buracos como um cavalo e faz gestos de louco. — Esse rapaz parece ser capaz de tudo; talvez seja ele o culpado de que seu irmão, que era um homem de tão bela aparência, tenha fracassado. — A pobre sra. Bridau não tem cara de ser feliz com ele. — E se aproveitássemos sua presença para *mandar tirar* os nossos retratos?

Essas opiniões, espalhadas na cidade como se o vento as levasse, provocaram uma curiosidade excessiva. Todos os que tinham o direito de visitar os Hochon resolveram ir vê-los naquela mesma noite para examinar os parisienses. A chegada dessas duas personagens numa cidade estagnada como Issoudun equivalia à queda da trave no meio das rãs.^[137]

Após ter posto a bagagem da mãe e a sua nos dois quartos da mansarda e tê-los examinado, José ficou a observar aquela casa silenciosa, onde as paredes, a escada e os revestimentos de madeira não tinham nenhum ornamento e destilavam o frio, onde não havia mais do que o estritamente necessário. Sentiu, então, a brusca transição da poética Paris à muda e seca província. E, quando, ao descer, viu o próprio sr. Hochon cortando as fatias de pão para cada um, compreendeu, pela primeira vez na vida, o Avarento, de Molière.

— Teríamos feito melhor indo para a estalagem — pensou.

O aspecto do jantar confirmou suas apreensões. Depois duma sopa,

cujo caldo claro denunciava que se preocupavam mais com a quantidade do que com a qualidade, serviu-se um ensopado triunfalmente rodeado de salsa. Os legumes, postos num prato ao lado, constituíam um elemento à parte do cardápio. O fervido imperava no centro da mesa, acompanhado de três outros pratos: ovos duros em cima de azedas, diante dos legumes; depois, uma salada temperada com óleo de nozes, diante de pequenos potes de creme em que a baunilha fora substituída por aveia queimada, que se parece com a baunilha como o café de chicória se parece com o café moca. Manteiga e rabanetes, em dois pratos, nas extremidades da mesa, rabanetes pretos e pepinos em conserva completavam o serviço, que teve a aprovação da sra. Hochon. A boa velha fez um gesto de cabeça, contente por ver que o marido, pelo menos na primeira vez, fizera bem as coisas. O velho respondeu com um olhar e um movimento de ombros, fáceis de traduzir: “Veja só que loucuras me faz cometer!”.

Imediatamente após ter sido cortado pelo sr. Hochon, em fatias semelhantes a solas de chinelas, o fervido foi substituído por três pombos. Serviu-se vinho da casa de 1811. A conselho da avó, Adolfinia enfeitou as pontas da mesa com dois ramos de flores.

— Na guerra como na guerra! — pensou o artista, contemplando a mesa.

E começou a comer como quem havia almoçado em Vierzon, às seis da manhã, apenas uma execrável taça de café. Quando José acabou de comer o pão e pediu mais, o sr. Hochon levantou-se, procurou vagarosamente uma chave no fundo do bolso da sobrecasaca, abriu um armário que havia atrás de si, tirou dele o canto dum pão de doze libras, cortou cerimoniosamente outra fatia, partiu-a em dois, colocou-a num pires e ofereceu, através da mesa, ao jovem pintor, com o silêncio e o sangue-frio dum velho soldado que se diz, no começo duma batalha: “Vá lá, eu bem posso ser morto hoje!”. José apanhou a metade da fatia e compreendeu que não devia tornar a pedir pão. Nenhum membro da família se admirou dessa cena, tão monstruosa para José. A palestra estava cada vez mais animada. Ágata soube que a casa onde nascera, que pertencera a seu pai antes que ele herdasse a dos Descoings, fora comprada pelos Borniche e manifestou desejos de revê-

la.

— Os Borniche certamente virão cá esta noite — disse-lhe a madrinha —, pois vamos ter aqui toda a cidade, que quererá examiná-lo — acrescentou, dirigindo-se a José —, e eles os convidarão a visitá-los.

A criada trouxe como sobremesa o famoso queijo mole da Touraine e do Berry, feito com leite de cabra e que reproduz tão bem, em seus desenhos, as nervuras das folhas de parreira em que é servido que só podia ter sido inventado na Touraine. De cada lado dos queijinhos, Gritte pôs, com uma espécie de cerimônia, nozes e biscoitos inamovíveis.

— Anda, Gritte, traze as frutas! — disse a sra. Hochon.

— Mas, senhora, não há mais frutas podres — respondeu Gritte.

José deixou escapar uma gargalhada, como se estivesse no ateliê com camaradas, pois compreendeu imediatamente que a precaução de começar pelas frutas estragadas degenerara em hábito.

— Ora! Vamos comê-las assim mesmo — respondeu ele, num impulso de bom humor de quem toma partido.

— Apresse-se, sr. Hochon! — exclamou a velha senhora.

O sr. Hochon, muito escandalizado com a frase do artista, trouxe pêssegos, peras e ameixas de Santa Catarina.

— Adolfinha, vá colher umas uvas — disse a sra. Hochon à neta.

José olhou para os dois rapazes com uma expressão que queria dizer: “É a este regime que vocês devem essas caras prósperas?”. Baruch compreendeu esse olhar incisivo e sorriu, pois o primo Hochon e ele até então se haviam mostrado discretos. O regime da casa era completamente indiferente aos que ceavam três vezes por semana na Cognette. Além disso, antes do jantar, recebera o aviso de que o grão-mestre convocara a Ordem inteira para a meia-noite, a fim de oferecer-lhe um banquete e pedir um auxílio. Esse jantar de boas-vindas oferecido aos hóspedes pelo velho Hochon explica o quanto os banquetes noturnos na casa de Cognette eram necessários à nutrição dos dois rapagões de dentes fortes que não deixavam de assistir a nenhum deles.

— Vamos tomar o licor na sala de visitas — disse a sra. Hochon, levantando-se e pedindo com um gesto o braço de José.

Saindo antes dos outros, ela pôde dizer ao pintor:

— Olha, meu pobre rapaz, este jantar não te dará indigestão; mesmo assim, tive dificuldade em consegui-lo. Jejuarás aqui, comerás apenas o indispensável para viver, e só. Portanto, tem paciência...

A sinceridade da excelente velha, que assim espontaneamente se censurava, agradou ao artista.

— Em cinquenta anos de vida ao lado desse homem, não ouvi ainda vinte escudos *sonantes* na minha bolsa! Oh! Se não fosse para salvar uma fortuna, eu não teria arrastado a tua mãe e a ti à minha prisão.

— Mas como é que a senhora ainda vive? — disse, naturalmente, o pintor com esse bom humor que nunca abandona os artistas franceses.

— Aí está — respondeu ela. — Rezo.

José teve um ligeiro estremecimento ao ouvir essa frase, que lhe engrandecia de tal modo a velha senhora que ele recuou três passos para contemplar-lhe o rosto. Achou-o radioso, revestido duma serenidade tão terna que disse:

— Vou fazer seu retrato!

— Não, não — disse ela. — Tenho sofrido demais na Terra para querer ficar aqui em quadro.

Dizendo alegremente essa triste frase, tirou dum armário uma

garrafinha contendo cassis, um licor caseiro feito por ela, pois ganhara a receita dessas famosas religiosas às quais se deve a torta de Issoudun, uma das maiores criações da confeitaria francesa, que nenhum despenseiro, cozinheiro, pasteleiro e doceiro pôde imitar. O sr. de Rivière,[138] embaixador em Constantinopla, encomendava todos os anos enorme quantidade dessa torta para o serralho de Mahmud. Adolfinha segurava uma bandeja de laca cheia desses antigos cálices facetados com bordas douradas. A medida que a avó os enchia, ela os oferecia aos presentes.

— Chegará a vez de todos! — exclamou alegremente Ágata, em quem essa imutável cerimônia despertou recordações da mocidade.

— Hochon vai agora a seu grêmio ler os jornais; teremos um momentinho livre — disse-lhe baixinho a velha senhora.

Realmente, dez minutos mais tarde, as três mulheres e José ficaram a sós na sala, cujo assoalho nunca fora encerado, mas apenas varrido, cujas tapeçarias emolduradas em carvalho torneado e o mobiliário singelo e quase triste apareceram à sra. Bridau no estado em que os deixara. A Monarquia, a Revolução, o Império, a Restauração, que pouca coisa respeitaram, haviam respeitado aquela sala, onde seus esplendores e seus desastres não deixaram o mínimo vestígio.

— Ah, minha madrinha, minha vida tem sido cruelmente agitada em comparação com a sua! — exclamou a sra. Bridau, surpresa por encontrar até um canário, que conhecera vivo, empalhado sobre a lareira, entre a velha pêndula, os velhos ramos de cobre e os candelabros de prata.

— Minha filha — respondeu a velha —, as tormentas estão no coração. Quanto mais necessária e maior foi a resignação, tanto maior o número de lutas íntimas que tivemos. Não falemos de mim, falemos de teus assuntos. Estás precisamente diante do inimigo — acrescentou, mostrando a sala da casa Rouget.

— Estão se sentando à mesa — disse Adolfinha.

A moça, quase reclusa, olhava sempre pelas janelas, à espera de fazer alguma luz sobre as enormidades imputadas a Maxêncio Gilet, à Gapuiadora e a João-Jaques, a propósito de quem algumas palavras chegavam a seus ouvidos quando a mandavam retirar-se para falar

deles. A velha disse à neta que a deixasse a sós com o sr. e a sra. Bridau, até que chegasse alguma visita.

— Conheço minha Issoudun de cor — disse ela, olhando para os dois parisienses. — Esta noite teremos dez ou doze levadas de curiosos.

A sra. Hochon apenas pudera contar aos dois parisienses os episódios e os detalhes do espantoso domínio conquistado sobre João-Jaques Rouget pela Gapuiadora e por Maxêncio Gilet, sem adotar o método sintético com que eles acabam de ser apresentados, acrescentando-lhes, porém, a infinidade de comentários, descrições e hipóteses com que eram enfeitados pelas boas e más-línguas da cidade, quando Adolfina anunciou os Borniche, os Beaussier, os Lousteau-Prangin, os Fichet, os Goddet-Héreau, num total de catorze pessoas, que vinham chegando.

— Estás vendo, minha querida — disse a velha senhora, terminando —, que não é brincado arrancar essa fortuna da goela do lobo...

— Parece-me tão difícil, com um velhaco como o que a senhora acaba de descrever e uma mexeriqueira como aquela mulher, que deve ser impossível — respondeu José. — Precisaríamos ficar em Issoudun pelo menos um ano para combater sua influência e pôr abaixo o domínio que assumiram sobre meu tio... A fortuna não vale esse escândalo, sem contar que precisaríamos desonrar-nos cometendo uma imensidade de baixezas. Mamãe tem apenas quinze dias de licença, seu emprego é seguro, ela não deve comprometê-lo. Quanto a mim, tenho em outubro trabalhos importantes que Schinner me conseguiu na casa dum par de França... E pode estar certa, minha senhora, que a fortuna, para mim, está nos meus pincéis!

Essas palavras foram acolhidas com profunda estupefação. A sra. Hochon, embora superior, relativamente à cidade onde vivia, não acreditava na pintura. Olhou para a afilhada e apertou-lhe novamente a mão.

— Esse Maxêncio é o segundo tomo de Felipe — disse José ao ouvido da mãe. — Mas com mais política, mais linha que Felipe. Fique tranquila, minha senhora, não contrariaremos durante muito tempo o sr. Hochon com nossa permanência aqui!

— Ah! És muito moço, não sabes nada do mundo! — disse a velha

senhora. — Em quinze dias, com um pouco de política, pode-se obter algum resultado. Escutai meus conselhos e conduzi-vos como eu disser.

— Oh! Com muito prazer! — respondeu José. — Sinto-me duma terrível incapacidade em matéria de política doméstica. Nem mesmo sei, por exemplo, que é que Desroches nos mandaria fazer, se amanhã meu tio se recusasse a receber-nos.

As sras. Borniche, Goddet-Héreau, Beaussier, Lousteau-Prangin e Fichet, com os respectivos esposos, entraram. Após os cumprimentos habituais, quando as catorze pessoas se sentaram, a sra. Hochon não pôde deixar de apresentar-lhes sua afilhada Ágata e José. José ficou numa poltrona, ocupado sorrateiramente em estudar os sessenta rostos que, das cinco e meia às nove horas, foram posar gratuitamente diante dele, como disse à mãe. A atitude de José durante o serão, diante do patriciado de Issoudun, não fez mudar a opinião da cidade a seu respeito: todos saíram impressionados com seus olhares zombeteiros, inquietos com seus sorrisos ou assustados com aquele rosto sinistro para pessoas que não sabiam reconhecer a singularidade do gênio.

VIII — MAXÊNCIO-MAQUIAVEL

Depois que todos se deitaram, às dez horas, a madrinha ficou com a afilhada em seu quarto até a meia-noite. Certas de estarem sós, as duas mulheres, confiando-se os mútuos desgostos da vida, contaram uma à outra seus sofrimentos. Ao ver a imensidade do deserto em que se dissipara a vitalidade duma bela alma ignorada, ao ouvir as derradeiras ressonâncias daquele espírito cujo destino fora frustrado, ao saber dos padecimentos daquele coração essencialmente generoso e caridoso, cuja generosidade e cuja caridade jamais se haviam exercido, Ágata deixou de se considerar a mais infeliz, verificando quantas distrações e pequenas venturas a existência parisiense levava às amarguras enviadas por Deus.

— A senhora, que é piedosa, minha madrinha, mostre-me minhas faltas e diga-me que é que Deus pune em mim.

— Ele nos está preparando, minha filha — respondeu a velha, quando soou a meia-noite.

A meia-noite, os Cavalheiros da Malandragem desfilavam, um a um, como sombras, sob as árvores da avenue Baron, falando em voz baixa.

— Que vamos fazer? — foi a primeira pergunta, sempre que algum encontrava um companheiro.

— Acho que a intenção de Max — disse Francisco — é simplesmente oferecer-nos um banquete.

— Não, as circunstâncias são graves para a Gapuiadora e para ele. Certamente ele planeja alguma façanha contra os parisienses...

— Seria muito gentil mandá-los embora.

— Vovô, assustadíssimo por ter duas bocas a mais na mesa — disse Baruch —, aproveitaria com grande alegria qualquer pretexto...

— Então, cavalheiros! — exclamou Max suavemente ao chegar. — Por que estão aí a olhar para as estrelas? Elas não nos destilarão *kirsch*. Vamos! A Cognette! A Cognette!

— A Cognette!

Esse grito lançado em comum causou um clamor horrível que passou pela cidade como um brado de tropas no assalto; depois, reinou o mais profundo silêncio. No dia seguinte, mais de uma pessoa perguntou ao vizinho:

— Ouviu, esta noite, pela uma hora, gritos pavorosos? Acho que houve incêndio em algum lugar.

Uma ceia digna da Cognette alegrou os olhares dos vinte e dois convivas, pois a Ordem estava completa. As duas horas, quando começaram a *bebericar*, palavra do dicionário da Malandragem que traduz muito bem a ação de beber a pequenos goles, degustando o vinho, Max tomou a palavra:

— Meus caros filhos, esta manhã, a propósito da memorável façanha que realizamos com a carroça de Fario, vosso grão-mestre foi tão duramente atingido em sua honra por esse vil comerciante de cereais e, além do mais, espanhol... (oh! os pontões!) que resolvi fazer sentir o peso da minha vingança sobre esse patife, dentro, porém, das normas das nossas brincadeiras. Depois de ter refletido durante todo o dia, descobri um meio de executar uma excelente farsa, uma farsa capaz de

enlouquecê-lo. Ao mesmo tempo que vingamos a Ordem atingida na minha pessoa, alimentaremos animais venerados pelos egípcios, animaizinhos que são, afinal, criaturas de Deus e que os homens perseguem injustamente. O bem é filho do mal e o mal é filho do bem; tal é a lei suprema! Ordeno-vos, pois, a todos, sob pena de desagradar vosso muito humilde grão-mestre, que consigais, o mais clandestinamente possível, cada um vinte ratos ou vinte ratas prenhes, se Deus o permitir! Tratai de reunir vosso contingente dentro do prazo de três dias. Se conseguirdes mais, o excesso será bem recebido. Guardai esses interessantes roedores sem dar-lhes nada, pois é essencial que os queridos animaizinhos tenham uma fome devoradora. Notai que aceito como ratos os camundongos e os ratos do campo. Multiplicando vinte e dois por vinte, teremos quatrocentos e tantos cúmplices que, soltos na velha igreja dos Capuchinhos, onde Fario depositou todo o cereal que acaba de comprar, consumirão uma certa quantidade dele. Mas sejamos ativos! Fario deve entregar uma grande partida de cereais daqui a oito dias. Ora, quero que meu espanhol, que está em viagem pelos arredores tratando de negócios, tenha um prejuízo pavoroso. Senhores, não me cabe o mérito desta invenção — disse ele, ao perceber os indícios duma admiração geral. — Demos a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. Isto é uma imitação das raposas de Sansão, da Bíblia. Sansão, porém, foi incendiário e, consequentemente, pouco filantropo; ao passo que, à semelhança dos brâmanes, somos os protetores das raças perseguidas. A srta. Flora Brazier já armou todas as suas ratoeiras e Kuski, meu braço direito, anda à caça dos ratos do campo. Tenho dito.

— Eu sei — disse Goddet filho — onde encontrar um animal que vale, sozinho, quarenta ratos.

— Qual?

— Um esquilo.

— E eu ofereço um mico, que se embriagará de trigo — disse um novato.

— Mau! — disse Max. — Ficariam sabendo de onde vieram esses animais.

— Pode-se levar para lá, durante a noite — disse Beaussier filho —,

um pombo trazido de cada um dos pombais das granjas vizinhas, fazendo-os passar por um buraco aberto no telhado, e logo haverá lá milhares de pombos.

— Assim, durante uma semana, o depósito de Fario está na Ordem da Noite! — exclamou Gilet, sorrindo para o grande Beaussier filho. — Sabeis que se levanta cedo em Saint-Paterne. Que ninguém vá lá sem ter virado do avesso as solas das chinelas. O cavalheiro Beaussier, inventor dos pombos, terá a direção da coisa. Quanto a mim, tomarei o cuidado de assinar meu nome nos montes de trigo. Sede os quartéis-mestres dos ratos. Se o empregado do depósito morar nos Capuchinhos, será preciso que alguns camaradas o embriaguem habilmente a fim de conduzi-lo para longe do teatro dessa orgia oferecida aos roedores.

— Não nos dizes nada dos parisienses? — perguntou Goddet filho.

— Oh! — disse Max. — Preciso estudá-los. Mas, desde já, ofereço meu belo fuzil de caça, que vem do imperador, uma obra-prima da fábrica de Versalhes e que vale dois mil francos, a quem descobrir um meio de pregar uma peça a esses dois parisienses que os deixe tão mal com o sr. e a sra. Hochon que sejam mandados embora pelos dois velhos ou que se vão espontaneamente, sem, bem entendido, prejudicar demasiado os antepassados de meus dois amigos Baruch e Francisco.

— Ótimo! Vou tratar disso — disse Goddet filho, que gostava apaixonadamente da caça.

— Se o autor da façanha não quiser meu fuzil, ganhará um cavalo! — observou Maxêncio.

Depois da ceia, vinte cérebros começaram a torturar-se para urdir uma trama contra Ágata e o filho, dentro das normas estabelecidas. Mas só o diabo ou o acaso poderia sair-se bem, tão impossível era a coisa devido às condições impostas.

Na manhã seguinte, Ágata e José desceram um pouco antes do segundo almoço, que se realizava às dez horas. Dava-se o nome de primeiro almoço a uma taça de leite acompanhada de pão com manteiga, que se tomava na cama ou ao levantar-se. Enquanto esperava a sra. Hochon, que, apesar da idade, cumpria

minuciosamente todas as cerimônias que as duquesas do tempo de Luís XV usavam ao vestir-se, José viu, parado na porta da casa fronteira, João-Jaques Rouget; mostrou-o, naturalmente, à mãe, que não pôde reconhecer o irmão, tão pouco ele se parecia com o que era quando o deixara.

— Lá está seu irmão — disse Adolfin, que chegou dando o braço à avó.

— Que cretino! — exclamou José.

Ágata juntou as mãos e ergueu os olhos para o céu.

— Em que estado o deixaram! Meu Deus, isso é um homem de cinquenta e sete anos?

Ela procurou observar atentamente o irmão, e viu, atrás do velho, Flora Brazier, com os cabelos soltos, deixando ver, sob a gaze dum fichu enfeitado de rendas, umas costas alvas e um busto deslumbrante, bem tratada como uma cortesã rica, com uma blusa de granadina, um vestido de seda moderno, com mangas soltas e terminadas por soberbas pulseiras. Uma corrente de ouro deslizava sobre o busto da Gapuiadora, que trazia a João-Jaques seu boné de seda preta a fim de que ele não se resfriasse, uma cena evidentemente calculada.

— Eis uma bela mulher! — exclamou José. — E isso é raro! Foi feita, como se diz, para pintar! Que carne! Oh! Que belos tons! Que planos! Que curvas! Que costas!... É uma esplêndida cariátide! Seria um notável modelo para uma Vênus de Ticiano.

Adolfin e a sra. Hochon ficaram como se tivessem ouvido falar grego; Ágata, porém, por detrás do filho, fez-lhes um sinal como para dizer-lhes que estava habituada àquela linguagem.

— Achas bonita uma moça que te rouba uma fortuna? — perguntou a sra. Hochon.

— Isso não a impede de ser um belo modelo! Suficientemente gorda, sem que as cadeiras e as formas estejam estragadas...

— Meu amigo, não estás no teu ateliê — disse Ágata — e Adolfin está aqui...

— É verdade, fiz mal; mas, também, de Paris até aqui, em toda a estrada, só vi mulheres horríveis...

— Mas, minha querida madrinha — disse Ágata —, como poderei

visitar meu irmão se ele está com essa criatura...

— Ora! — disse José. — Eu irei vê-lo, eu! Já não o julgo tão cretino desde que ele tem a inteligência de deliciar os olhos com uma Vênus de Ticiano.

— Se ele não fosse imbecil — disse o sr. Hochon, que chegou nesse momento —, ter-se-ia casado tranquilamente, teria tido filhos e vós nunca mais teríeis a possibilidade de receber sua herança. Para alguma coisa serve a desgraça.

— Teu filho teve uma boa ideia, irá em primeiro lugar visitar o tio — disse a sra. Hochon. — Ele lhe dará a entender que, se fores lá, o velho deve estar só.

— E a senhora ofenderia assim a srta. Brazier? — comentou o sr. Hochon. — Não, não, senhora, suporte esse vexame... Se não conseguir a herança, trate de obter, pelo menos, um pequeno legado...

Os Hochon não tinham forças para lutar com Maxêncio Gilet. No meio do almoço, o polonês trouxe, de parte do patrão, sr. Rouget, uma carta dirigida à sua irmã, sra. Bridau. Eis a carta, que a sra. Hochon deu ao marido para ler:

Minha querida irmã,

sei, por estranhos, de sua chegada a Issoudun. Compreendo o motivo que lhe fez preferir a casa do sr. e da sra. Hochon à minha; mas, se você vier visitar-me, será recebida em minha casa como deve sê-lo. Eu teria ido em primeiro lugar visitá-la, se minha saúde não me obrigasse, no momento, a ficar em casa. Apresento-lhe minhas afetuosas escusas. Terei grande prazer em ver meu sobrinho, a quem convido para jantar hoje comigo, pois os rapazes são menos suscetíveis do que as mulheres a respeito de companhia. Ele me dará grande prazer vindo acompanhado dos srs. Baruch e Francisco Hochon.

Seu afetuoso irmão

J.-J. ROUGET

— Diga que estamos almoçando, que a sra. Bridau responderá em seguida e que os convites foram aceitos — disse o sr. Hochon ao criado.

E o velho pôs um dedo sobre os lábios para impor silêncio a todos. Quando a porta da rua foi fechada, o sr. Hochon, incapaz de suspeitar da amizade que ligava seus dois netos a Maxêncio, dirigiu à esposa e a

Ágata o mais fino de seus olhares.

— É tão certo ele ter escrito isso como eu estar em condições de dar vinte e cinco luíses... É com o soldado que nos correspondemos.

— Que quer dizer isso? — perguntou a sra. Hochon.

— Não importa, responderemos. Quanto a ti — acrescentou, olhando para o pintor —, vai jantar lá; mas se...

A um olhar do marido, a velha interrompeu-se. Sabendo o quanto era intensa a amizade de sua esposa por Ágata, o velho Hochon ficou com receio de que ela fizesse algum legado à afilhada, no caso de ela perder toda a herança de Rouget. Embora quinze anos mais velho que a esposa, o avarento esperava herdar dela e ver-se um dia à testa de todos os bens. Essa esperança era sua ideia fixa. Por outro lado, a sra. Hochon descobrira o meio de obter do marido algumas concessões, ameaçando-o de fazer um testamento. O sr. Hochon tomou, portanto, o partido dos hóspedes. Tratava-se, aliás, duma herança enorme; e, por espírito de justiça social, ele queria vê-la tocar aos herdeiros naturais em vez de ser saqueada por estranhos indignos de estima. Finalmente, quanto mais cedo a questão se encerrasse, tanto mais cedo os hóspedes iriam embora. Logo que a luta entre os captores da herança e os herdeiros, até então em projeto no espírito de sua esposa, começou, a atividade mental do sr. Hochon, adormecida pela vida provinciana, despertou. A sra. Hochon ficou muito agradavelmente surpresa quando, naquela mesma manhã, percebeu, por algumas palavras afetuosas pronunciadas pelo velho Hochon sobre sua afilhada, que os Bridau haviam conquistado um valioso aliado.

Pelo meio-dia, as inteligências reunidas do sr. e da sra. Hochon, de Ágata e José, muito admirados de ver os dois velhos tão escrupulosos na escolha das palavras, deram à luz a seguinte resposta, feita unicamente para Flora e Maxêncio:

Meu querido irmão,

Se fiquei trinta anos sem voltar para cá, sem manter aqui relações com quem quer que seja, mesmo com você, a culpa disso cabe não somente às estranhas e falsas ideias que meu pai concebeu contra mim, mas também às desventuras e às venturas de minha vida em Paris, pois, se Deus fez feliz a mulher, feriu duramente a mãe. Você não ignora que meu filho, seu sobrinho Felipe, está em

perigo duma acusação capital devido à sua dedicação ao imperador. Assim, você não se deve admirar de saber que uma viúva, obrigada, para viver, a aceitar um módico emprego numa agência de loteria, tenha vindo procurar consolo e amparo junto àqueles que a viram nascer. A profissão abraçada pelo meu filho que me acompanha é uma das que exigem mais talento, mais sacrifícios e mais estudos antes de dar resultados. Nela, a glória precede à fortuna. Isso quer dizer que, mesmo depois que tiver tornado ilustre nossa família, José ainda será pobre. Sua irmã, meu caro João-Jaques, tem suportado silenciosamente os efeitos da injustiça paterna; perdoe, porém, à mãe recordar-lhe que você tem dois sobrinhos, um que transmitiu as ordens do imperador na batalha de Montereau, serviu na Guarda Imperial em Waterloo e agora está preso; e outro, que desde a idade de treze anos foi arrastado pela vocação a uma carreira difícil, mas gloriosa. Agradeço-lhe sua carta, meu irmão, com viva efusão de coração, em meu nome e no de José, que certamente atenderá a seu convite. A doença desculpa tudo, meu caro João-Jaques, e irei, pois, visitá-lo. Uma irmã sempre se sente bem na casa do irmão, qualquer que seja a vida que ele tenha adotado. Abraço-o ternamente.

ÁGATA ROUGET

— Assim a coisa fica preparada. Quando a senhora for lá — disse o sr. Hochon à parisiense —, poderá falar-lhe claramente a respeito dos sobrinhos...

A carta foi levada por Gritte, que voltou dez minutos mais tarde para dar conta aos patrões de tudo o que ouvira ou pudera ver, segundo o costume da província.

— Minha senhora — disse ela —, desde ontem à noite estão arrumando toda a casa, que a senhora tinha deixado...

— Que senhora? — perguntou o velho Hochon.

— É assim que chamam a Gapuiadora em casa — respondeu Gritte.
— Ela tinha deixado a sala e tudo o que pertencia ao sr. Rouget num estado de causar dó; mas, desde ontem, a casa voltou ao que era antes da chegada do sr. Maxêncio. Está como um espelho. Védia contou-me que Kuski saiu a cavalo esta manhã, às cinco horas, e voltou às nove trazendo provisões. Vai haver lá um jantar formidável, um jantar como para o arcebispo de Bourges. Puseram os vasos pequenos dentro dos grandes e tudo está no seu lugar na cozinha. “Quero festejar meu sobrinho”, disse o bom homem, enquanto passava revista em tudo.

Parece que os Rouget ficaram muito lisonjeados com a carta. A senhora veio dizer-me isso... Oh! Ela se arrumou tão bem... tão bem!... Nunca vi uma coisa mais bonita! A senhora tem dois diamantes nas orelhas, dois diamantes de mil escudos cada um, disse-me Védia, e que rendas, e anéis nos dedos, e pulseiras que parecem um verdadeiro relicário, e um vestido de seda bonito como um frontal de altar! Ela me disse: “O senhor está muito contente de saber que sua irmã é tão boa menina e espero que ele nos deixe recebê-la como ela merece. Esperamos que ela tenha boas referências a nosso respeito pelo acolhimento que faremos a seu filho... O senhor está impaciente por ver o sobrinho”. A senhora estava com umas chinelinhas de cetim preto e meias... que maravilha! E como se houvesse flores na seda, e, furadinhas que parecem renda, vê-se sua pele rosada por esses furinhos. Numa palavra, está alinhada! Com um aventalzinho tão bonito que Védia me disse que custa dois anos de nossos ordenados...

— Se é assim, precisamos nos preparar — disse, sorrindo, o artista.

— Então, em que é que estás pensando, sr. Hochon? — disse a velha senhora, logo que Gritte se retirou.

A sra. Hochon mostrou à afilhada o marido com a cabeça entre as mãos, o cotovelo apoiado no braço da poltrona e mergulhado em suas reflexões.

— Vocês vão ter que enfrentar um grande patife! — disse o velho. — Com suas ideias, rapaz — acrescentou, dirigindo-se a José —, você não está em condições de lutar com um sujeito atrevido como Maxêncio. Diga o que disser, você fará tolices; mas, ao menos, conte-me esta noite tudo o que tiver visto, ouvido e feito. Vá... Com a graça de Deus! Trate de ficar a sós com o tio. Se, apesar de toda a sua inteligência, não o conseguir, isso já fará alguma luz sobre seu plano; mas, se ficar um instante com ele, a sós, sem ser ouvido, aproveite! É preciso arrancar-lhe tudo a respeito da própria situação, que não é feliz, e advogar a causa de sua mãe...

Às quatro horas, José atravessou o estreito caminho que separava a casa Hochon da casa Rouget, essa espécie de alameda de tílias enfermiças, de dezoito pés de comprimento e da largura da Grande Narette. Quando o sobrinho chegou à casa, Kuski, com sapatos

lustrados, calças pretas, colete branco e casaco preto, precedeu-o para anunciá-lo. A mesa já estava posta na sala e José, que distinguia facilmente o tio, dirigiu-se para ele, abraçou-o e cumprimentou Flora e Maxêncio.

— Não nos vimos desde que nasci, meu caro tio — disse jocosamente o pintor. — Mas antes tarde do que nunca.

— Sê bem-vindo, meu amigo — disse o velho, fitando o sobrinho com uma expressão atônita.

— Minha senhora — disse José a Flora, com o desembaraço dum artista —, estive invejando esta manhã, a meu tio, o prazer que ele tem de poder admirá-la todos os dias.

— Não é verdade que ela é bonita? — disse o velho, cujos olhos baços se tornaram quase brilhantes.

— Tão bonita que pode servir de modelo para um pintor!

— Meu sobrinho — disse o tio Rouget, a quem Flora tocou com o cotovelo —, este é o sr. Maxêncio Gilet, que serviu ao imperador, como teu irmão, na Guarda Imperial.

José levantou-se e inclinou-se.

— O senhor seu irmão estava nos dragões, segundo creio, e eu estava na infantaria — disse Maxêncio.

— A cavalo ou a pé — disse Flora —, arriscava-se a pele do mesmo modo!

José observava Max tanto quanto Max observava José. Max trajava-se à moda dos moços elegantes de então, pois mandava fazer suas roupas em Paris. Calças de fazenda azul-celeste, com grandes pregas muito amplas, que lhe valorizavam os pés, deixando ver apenas as pontas dos sapatos ornados de esporas. Um colete branco com botões de ouro lavrado, que lhe acentuava a cintura, era amarrado nas costas para servir-lhe de cinto. Esse colete, abotoado até o pescoço, desenhava nitidamente seu tórax largo, e o colarinho de cetim preto obrigava-o a manter a cabeça erguida, à maneira dos militares. Vestia um curto casaco preto muito bem talhado. Uma bela corrente de ouro pendia do bolso do colete, no qual mal aparecia um relógio delgado. Estava constantemente a brincar com uma dessas chaves modernas, última criação de Bréguet.

— Eis um belo rapaz! — pensou José, admirando, como pintor, a fisionomia viva, a expressão de força e os olhos azuis expressivos que Max herdara do pai fidalgo. — Meu tio deve ser muito cacete, a bela moça procurou compensações e eles levam uma vida a três. É natural!

Nesse momento, Baruch e Francisco chegaram.

— Ainda não foi ver a torre de Issoudun? — perguntou Flora a José.
— Se quiser fazer um passeio enquanto espera o jantar, que só será servido daqui a uma hora, nós lhe mostraremos a maior curiosidade da cidade...

— Com muito prazer — disse o artista, incapaz de perceber nisso o mínimo inconveniente.

Enquanto Flora saiu para pôr o chapéu, as luvas e o xale de casimira, José ergueu-se subitamente ao notar os quadros, como se alguma fada o houvesse tocado com sua varinha mágica.

— Ah! O senhor tem quadros, meu tio! — disse, examinando o que o impressionara.

— Sim — respondeu o bom homem. — Isso nos veio dos Descoings, que, durante a revolução, compraram o espólio das casas religiosas e das igrejas do Berry.

José não escutava mais nada, examinando os quadros um por um.

— Magnífico! — exclamou. — Oh! Mas que tela... Isso nunca se estraga! Fica cada vez mais forte, como dizia Nicolet...[139]— Há sete ou oito muito grandes, que estão guardados na água-furtada, por causa das molduras — disse Gilet.

— Vamos vê-los! — convidou o artista, que Maxêncio acompanhou à mansarda.

José voltou entusiasmado. Max disse alguma coisa ao ouvido da Gapuiadora, que tomou o velho Rouget pelo braço e levou-o ao vão duma janela; e José ouviu esta frase dita em voz baixa, mas de maneira que ele a escutasse:

— Seu sobrinho é pintor, o senhor não fará nada desses quadros; seja, portanto, gentil com ele, dê-lhe os quadros.

— Parece — disse o bom homem, que se apoiou sobre o braço de Flora para ir ao lugar onde estava o sobrinho extasiado diante dum

Albani — que és pintor...

— Ainda sou apenas um troca-tintas — disse José.

— Que é isso? — perguntou Flora.

— Um principiante — respondeu José.

— Pois bem — disse João-Jaques —, se esses quadros te podem servir para alguma coisa em tua profissão, fica com eles... mas sem as molduras. Oh! As molduras são douradas e, além disso, são interessantes. Porei nelas...

— Ora essa, meu tio! — exclamou José encantado. — O senhor porá nelas as cópias que eu lhe enviarei e que serão das mesmas dimensões.

— Mas isso lhe roubará o tempo e o senhor precisará de telas e tintas — disse Flora. — O senhor gastará dinheiro... Olhe, tio Rouget, ofereça a seu sobrinho cem francos por quadro, o senhor tem aqui vinte e sete... creio que há mais onze no sótão, que são enormes e devem ser pagos em dobro... vamos dizer quatro mil francos por tudo... Sim, seu tio pode muito bem pagar-lhe quatro mil francos pelas cópias, pois ele fica com as molduras. Além disso, o senhor também precisará comprar molduras, e dizem que as molduras valem mais que os quadros, são douradas! Então, senhor — continuou Flora, sacudindo o braço do bom homem. — Que tal... Não é caro, seu sobrinho lhe cobrará quatro mil francos pelos quadros novinhos em vez dos velhos... Isto — disse-lhe ao ouvido — é uma maneira honesta de dar-lhe quatro mil francos, pois ele não me parece muito esperto...

— Está bem, meu sobrinho, pagarei quatro mil francos pelas cópias...

— Não, não — disse o honesto José —, quatro mil francos e os quadros é muito; pois, veja o senhor, os quadros têm valor...

— Mas aceite assim mesmo, *seu trouxa!* — disse-lhe Flora —, pois ele é seu tio...

— Pois bem, aceito — disse José aturdido com o negócio que acabava de fazer, pois descobriu um Perugino.

O artista apresentava, assim, uma expressão radiante ao sair dando o braço à Gapuiadora, o que auxiliou admiravelmente os desígnios de Maxêncio. Nem Flora, nem Rouget, nem Max, nem ninguém em Issoudun podia conhecer o valor dos quadros, e o esperto Max julgou

ter comprado por uma bagatela a vitória de Flora, que saiu a passear orgulhosamente dando o braço ao sobrinho do patrão, em boa harmonia com ele, diante de toda a cidade embasbacada. Todos chegaram às portas, para ver o triunfo da Gapuiadora sobre a família. Esse fato exorbitante causou uma profunda sensação de que Max esperava tirar partido. Assim, quando o tio e o sobrinho voltaram às cinco horas, em todas as casas só se falava do perfeito entendimento de Max e Flora com o sobrinho do tio Rouget. Além disso, a história do presente das telas e dos quatro mil francos já estava circulando. O jantar, que teve a presença de Lousteau, juiz do Tribunal, e do prefeito de Issoudun, foi esplêndido. Foi um desses jantares de província que duram cinco horas. Os vinhos mais delicados animaram a palestra. Por ocasião da sobremesa, às nove horas, o pintor, sentado entre Flora e Max e à frente do tio, já se tornara quase camarada do oficial, que ele achava o melhor filho do lugar. José voltou para casa às onze horas, mais ou menos embriagado. Quanto ao velho Rouget, Kuski o levou para a cama a cair de bêbado, pois comera como um ator de feira e bebera como as areias do deserto.

— Então — disse Max, que à meia-noite ficou a sós com Flora —, isto não é melhor do que tratá-los mal? Os Bridau serão bem recebidos, ganharão uns presentinhos e, cumulados de favores, só poderão cantar-nos louvores. Irão embora bem sossegados, deixando-nos sossegados também. Amanhã de manhã, com Kuski, desmontaremos todas essas telas e as mandaremos ao pintor para que ele as receba ao despertar, guardaremos as molduras no sótão e renovaremos a pintura da sala forrando-a com esses papéis envernizados com cenas de *Telêmaco*,^[140] como vi na casa do sr. Mouilleron.

— Ótimo, ficará muito mais bonito! — exclamou Flora.

Na manhã seguinte, José não despertou antes do meio-dia. De sua cama, viu as telas empilhadas, que haviam sido levadas sem que ele ouvisse nada. Enquanto examinava novamente os quadros e descobria obras-primas, estudando o estilo dos pintores e procurando suas assinaturas, sua mãe fora agradecer ao irmão e vê-lo, impelida pelo velho Hochon, que, sabendo de todas as asneiras cometidas na véspera pelo pintor, perdera as esperanças na causa dos Bridau.

— A senhora tem por adversários verdadeiras águias. Em toda a minha vida, nunca vi um tipo igual a esse soldado: parece que a guerra forma os rapazes. José deixou-se agarrar! Passeou dando o braço à Gapuiadora! Sem dúvida taparam-lhe a boca com vinho, umas telas ordinárias e quatro mil francos. Seu artista não custou muito caro a Maxêncio.

O astuto velho traçara a conduta a seguir pela afilhada da esposa, aconselhando-a a prestar-se aos planos de Maxêncio e a adular Flora, a fim de chegar a uma espécie de intimidade com ela para obter pequenos entendimentos com João-Jaques. A sra. Bridau foi admiravelmente bem recebida pelo irmão, a quem Flora ensinou o que devia fazer. O velho estava acamado, doente em consequência dos excessos da véspera. Como nos primeiros momentos Ágata não podia abordar questões sérias, Max julgara conveniente e magnânimo deixar a sós o irmão e a irmã. Foi um cálculo acertado. A pobre Ágata achou o irmão tão mal que não quis privá-lo dos cuidados da sra. Brazier.

— Quero, além disso — disse ela ao solteirão —, conhecer uma pessoa a quem sou grata pela felicidade de meu irmão.

Essas palavras proporcionaram um evidente prazer ao bom homem, que chamou a sra. Brazier. Como se pode imaginar, Flora não estava longe. As duas mulheres adversárias cumprimentaram-se. A Gapuiadora prestou a João-Jaques os cuidados da mais submissa e da mais atenciosa afeição. Achou que o velho estava com a cabeça muito baixa, trocou os travesseiros, portou-se como uma esposa de antigamente. O solteirão teve, diante disso, uma expansão de sensibilidade.

— Nós lhe devemos, senhorita — disse Ágata —, muita gratidão pelas provas de afeição que tem dado a meu irmão há tanto tempo e pela maneira como vela pela sua felicidade.

— É verdade, minha querida Ágata — disse o bom homem —, ela me fez conhecer a felicidade e é, além disso, uma mulher cheia de excelentes qualidades.

— Assim, meu irmão, nunca poderás recompensar suficientemente a senhorita, devias ter-te casado com ela. Sim, como sou muito devota, desejo ver-te obedecer aos preceitos da religião. Ambos ficariam mais

tranquilos não entrando em luta contra as leis e a moral. Vim para cá, meu irmão, pedir-te um auxílio no meio duma grande aflição; não julgues, porém, que pensemos fazer-te a mínima observação sobre a maneira com hás de dispor de tua fortuna.

— Minha senhora — disse Flora —, sabemos que o senhor seu pai foi injusto para consigo. O senhor seu irmão pode dizer-lhe — acrescentou ela, olhando fixamente para sua vítima — que as únicas discussões que temos tido foram a seu respeito. Sustento junto ao senhor que ele lhe deve a parcela de fortuna em que prejudicou meu pobre benfeitor, pois seu pai foi meu benfeitor — ela assumiu um tom lacrimoso —, sempre me lembrarei disso... Mas seu irmão, minha senhora, achou melhor...

— Sim — disse Rouget —, quando eu fizer meu testamento, não serás esquecida...

— Não falemos nisto, meu irmão. Ainda não conheces meu caráter.

Depois desse início, facilmente se imaginará como decorreu essa primeira visita. Rouget convidou a irmã para jantar dois dias mais tarde.

Durante esses três dias, os Cavalheiros da Malandragem apanharam uma enorme quantidade de ratos, de camundongos e ratos do campo que, numa bela noite, foram levados, famintos, para o meio dos cereais, em número de quatrocentos e trinta e seis, entre os quais muitas fêmeas prenhes. Não satisfeitos de ter arranjado esses pensionistas para Fario, os cavalheiros furaram o telhado da igreja dos Capuchinhos e meteram lá dentro uma dezena de pombos apanhados em dez granjas vizinhas. Os animais puderam realizar com tanto maior tranquilidade suas núpcias e seus festins porque o guarda do depósito de Fario foi subornado por um mau sujeito, com quem se embebedou da manhã à noite, sem se importar com os cereais do patrão.

A sra. Bridau, contrariamente à opinião do velho Hochon, acreditou que o irmão ainda não fizera testamento. Esperava perguntar-lhe quais eram suas intenções a respeito da srta. Brazier, no primeiro momento em que pudesse dar uma volta a sós com ele, pois Flora e Maxêncio continuavam a engodá-la com essa esperança, que devia ser frustrada sempre.

Embora todos os cavalheiros estivessem procurando um meio de

pôr os dois parisienses em fuga, só lhes ocorriam loucuras irrealizáveis.

IX — UMA FACADA

Uma semana mais tarde — a metade do tempo que os dois parisienses deviam permanecer em Issoudun — eles ainda não estavam mais adiantados do que no primeiro dia.

— Seu advogado não conhece a província — disse o velho Hochon à sra. Bridau. — O que a senhora veio fazer aqui não se faz em quinze dias nem em quinze meses. Precisaria não deixar nunca seu irmão e inspirar-lhe ideias religiosas. Não conseguirá minar as fortificações de Flora e de Maxêncio senão por meio da dinamite do padre. Esta é minha opinião, e ainda é tempo de segui-la.

— Você tem ideias singulares a respeito do clero — disse a sra. Hochon ao marido.

— Oh! — exclamou o velho. — Aí está você, a devota!

— Deus não abençoaria um empreendimento baseado num sacrilégio — disse a sra. Bridau. — Empregar a religião para tais... Oh! Seríamos ainda mais criminosos do que Flora.

Essa palestra teve lugar durante o almoço e Francisco e Baruch a escutavam com os ouvidos bem abertos.

— Sacrilégio! — exclamou o velho Hochon. — Ora, se algum bom padre, inteligente como conheci alguns, soubesse da dificuldade em que a senhora se encontra, não veria sacrilégio algum em fazer retornar a Deus a alma transviada de seu irmão, em inspirar-lhe um sincero arrependimento de suas faltas, em fazer-lhe mandar embora a mulher responsável pelo escândalo, assegurando-lhe ao mesmo tempo um futuro; em mostrar-lhe que ele ficaria com a consciência tranquila doando alguns mil francos de renda para o pequeno seminário do arcebispo e deixando sua fortuna aos herdeiros legítimos...

A obediência passiva que o velho avaro conseguira em casa da parte dos filhos e que fora transmitida aos netos, sujeitos, por outro lado, à sua tutela e para os quais ele estava acumulando uma bela fortuna, juntando-a para eles, segundo se dizia, como se fosse para si mesmo, não permitia a Baruch e a Francisco a mínima demonstração

de espanto nem de desaprovação. Trocaram, porém, um olhar significativo, através do qual disseram um ao outro o quanto achavam essa ideia nociva aos interesses de Max.

— A verdade, minha senhora — disse Baruch —, é que, se quiser conseguir a herança do irmão, esse é o único meio acertado; precisa ficar em Issoudun todo o tempo que for necessário...

— Mamãe — disse José —, seria bom escrever a Desroches sobre isto tudo. Quanto a mim, não pretendo nada mais de meu tio além do que ele teve a bondade de dar-me...

Após ter verificado o grande valor das trinta e nove telas, José as despregara cuidadosamente e cobrira-as com papel colado com cola comum; empilhara-as, encerrara o volume numa enorme caixa e enviara-a pelo carro de carga para Desroches, ficando de escrever-lhe uma carta para avisá-lo da remessa.

A preciosa carga partira na véspera.

— Você se contenta com pouco — disse o sr. Hochon.

— Ora, não terei dificuldade em conseguir cento e cinquenta mil francos pelos quadros.

— Fantasia de pintor! — disse o sr. Hochon, olhando para José de maneira estranha.

— Escuta — disse José, dirigindo-se à mãe —, vou escrever a Desroches expondo-lhe a situação das coisas aqui. Se Desroches te aconselhar a ficar, ficarás. Quanto ao teu emprego, sempre encontraremos uma coisa equivalente...

— Meu caro — disse a sra. Hochon a José, ao saírem da mesa —, não conheço os quadros de seu tio, mas eles devem ser bons, a julgar pelos lugares de onde vieram. Valham eles todos quarenta mil francos apenas, ou quarenta mil francos cada um, não diga nada disso a ninguém. Embora meus netos sejam discretos e bem-educados, eles poderiam, sem malícia alguma, falar desse pequeno achado, toda Issoudun ficaria sabendo e não é preciso que nossos adversários saibam disso. Você está se comportando como uma criança...

Realmente, ao meio-dia, muitas pessoas em Issoudun, e principalmente Maxêncio Gilet, foram informadas dessa opinião, que deu como resultado uma busca a todos os velhos quadros a que

ninguém dava importância e o aparecimento de telas execráveis. Max arrependeu-se de ter feito o velho dar os quadros e sua raiva contra os herdeiros, ao ter conhecimento do plano do velho Hochon, agravou-se com o que ele chamou *sua asneira*. A influência religiosa sobre uma criatura fraca era a única coisa a temer. Por isso, o aviso dado pelos dois amigos consolidou a resolução de Maxêncio Gilet de capitalizar todos os contratos de Rouget e de fazer um empréstimo sobre suas propriedades a fim de realizar o mais rapidamente possível uma operação de colocação de capital a juros; considerou, porém, mais urgente ainda mandar embora os parisienses. Ora, nem mesmo o gênio dos Mascarille e dos Scapino[141] teria resolvido facilmente esse problema.

Flora, aconselhada por Max, supôs que João-Jaques se fatigava muito em seus passeios a pé e, na idade em que estava, devia andar de carro. Esse pretexto foi sugerido pela necessidade de ir, sem que a gente do lugar o soubesse, a Bourges, a Vierzon, a Châteauroux, a Vatan, a todos os lugares a que o projeto de realizar o capital colocado pelo bom homem forçaria Rouget, Flora e Max a se transportar. No fim dessa semana, portanto, toda Issoudun se surpreendeu ao saber que Rouget fora comprar um carro em Bourges, medida que foi justificada pelos Cavalheiros da Malandragem num sentido favorável à Gapuiadora. Flora e Rouget compraram uma horrível berlinda de vidraças que não funcionavam e cortinas de couro rachado, velha de vinte e dois anos e nove campanhas, proveniente duma venda realizada após a morte dum coronel amigo do grande marechal Bertrand[142] e que, durante a ausência desse fiel companheiro do imperador, se encarregara de cuidar de suas propriedades no Berry. Essa berlinda, pintada de verde-escuro, parecia-se bastante com uma caleça, mas os varais haviam sido modificados de modo que se pudesse atrelar um cavalo só. Pertencia, pois, a esse gênero de carruagem que a redução das fortunas pôs muito em moda e que então se chamavam muito honestamente *meia-fortuna*, pois, logo que foram inventadas, essas carruagens foram denominadas *seringas*. O forro dessa *meia-fortuna* vendida como caleça estava roído pelas traças; seus passamanes pareciam distintivos de inválidos e produziam um som de ferro-velho;

mas custou apenas quatrocentos e cinquenta francos; e Max comprou do regimento então servindo em Bourges uma boa mula afastada do serviço para puxá-la. Mandou pintar novamente a carruagem de pardo-escuro, conseguiu uns arreios a preço de ocasião e toda a cidade de Issoudun ficou revolucionada à espera da equipagem do tio Rouget.

Na primeira vez que o velho se serviu da caleça, o barulho fez todas as famílias chegarem às portas e não houve janela que não se enchesse de curiosos. Na segunda vez, o celibatário foi a Bourges, onde, para se poupar os trabalhos da operação aconselhada, ou, se quisesdes, ordenada por Flora Brazier, assinou num cartório uma procuração a Maxêncio Gilet, dando-lhe poderes para transferir todos os contratos designados na procuração. Flora encarregou-se de liquidar com o sr. Rouget o capital colocado em Issoudun e nos distritos vizinhos. O principal tabelião de Bourges recebeu a visita de Rouget, que lhe pediu para conseguir um empréstimo de cento e quarenta mil francos sobre suas propriedades. Nada se soube em Issoudun dessas negociações, tão discreta e habilmente feitas. Maxêncio, bom cavaleiro, podia ir a Bourges às cinco da manhã e voltar às cinco da tarde, em seu cavalo, e Flora não abandonou o solteirão. O tio Rouget consentira sem dificuldade na operação que Flora lhe propôs; quis, porém, que a inscrição de cinquenta mil francos de renda ficasse no nome da srta. Flora Brazier como usufruto, e em seu próprio nome como sua propriedade. A tenacidade que o velho empregou, na luta doméstica que o assunto provocou, preocupou muito a Max, que viu nisso os efeitos de reflexões inspiradas pela presença dos herdeiros legítimos.

No meio dessa agitação, que Maxêncio queria ocultar aos olhos da cidade, ele se esqueceu do comerciante de cereais. Fario preparava-se a fazer suas remessas, após ter feito manobras e viagens com o objetivo de elevar o preço dos cereais. Ora, no dia seguinte ao de sua chegada, viu o telhado da igreja dos Capuchinhos negro de pombos, pois ele morava em frente. Amaldiçoou-se por ter negligenciado de mandar examinar o telhado e dirigiu-se imediatamente ao depósito, onde encontrou a metade dos cereais devorada. A grande quantidade de excremento de ratos, camundongos e ratos do campo revelou-lhe uma segunda causa de ruína. A igreja parecia uma Arca de Noé. Mas o furor

tornou o espanhol branco como o linho quando, ao verificar a extensão das perdas e do estrago, notou que os cereais da parte inferior estavam quase completamente germinados devido a uma certa quantidade de baldes d'água que Max tivera a ideia de introduzir, por meio dum cano de folha, no centro dos montes de trigo. Os pombos e os ratos explicavam-se pelo instinto animal, a mão do homem, porém, revelava-se nesse último vestígio de perversidade. Fario sentou-se num degrau do altar, numa capela, e ficou com a cabeça entre as mãos. Após meia hora de reflexões espanholas, viu o esquilo que Goddet filho lhe mandara como pensionista brincando com a cauda ao longo da viga transversal sobre o centro da qual descansavam os barrotes do telhado. O espanhol levantou-se impassível, mostrando ao empregado do depósito um rosto sereno como o dum árabe. Fario não se lamentou, voltou para casa e tratou de ajustar alguns operários para ensacar os cereais bons e espalhar no solo trigo molhado a fim de salvar a maior parte possível; depois, ocupou-se das remessas, após ter avaliado seu prejuízo em três quintos do total. Mas, como suas manobras haviam elevado os preços, perdeu ainda mais ao comprar os três quintos que faltavam; assim, sua perda foi de mais da metade. O espanhol, que não tinha inimigos, atribuiu, sem se enganar, essa vingança a Gilet. Teve provas de que Max e alguns outros, os únicos autores daquelas façanhas noturnas, haviam positivamente levado para cima da torre sua carroça, que se divertiram a destruir: isso perfazia um total de mil escudos, quase todo o capital penosamente ganho por Fario depois da paz. Inspirado pela vingança, o homenzinho desenvolveu a persistência e a perspicácia dum espião a quem tivessem prometido uma grande recompensa. Emboscado à noite, em Issoudun, acabou adquirindo a prova da atividade dos Cavalheiros da Malandragem: viu-os, contou-os, espiou seus encontros e seus banquetes na casa da Cognette; depois, ocultou-se para ser testemunha duma de suas façanhas e ficou a par de seus hábitos noturnos.

Apesar de suas viagens e suas preocupações, Maxêncio não queria negligenciar a atividade noturna, em primeiro lugar, para não deixar transpirar o segredo da grande operação que se estava praticando sobre a fortuna do tio Rouget, e, em segundo, para manter os amigos

em forma. Ora, os cavalheiros haviam combinado realizar uma dessas façanhas de que se falasse anos inteiros. Dariam, numa única noite, bolas a todos os cães de guarda da cidade e dos subúrbios. Fario ouviu-os, ao saírem da taberna da Cognette, felicitando-se antecipadamente pelo êxito que alcançaria essa farsa e a aflição geral que causaria esse novo Massacre dos Inocentes. Realmente, que apreensões não causaria essa execução, que denunciava sinistros desígnios contra as casas assim privadas de seus guardas?

— Isso talvez faça esquecer a carroça de Fario! — disse Goddet filho. Fario já não precisava ouvir essa frase, que vinha confirmar suas suspeitas; além disso, seu partido já estava tomado.

Ágata, após três semanas de permanência, verificou, assim como a sra. Hochon, o acerto das reflexões do velho avarento: seriam necessários vários anos para destruir a influência adquirida sobre seu irmão pela Gapuiadora e por Max. Ágata não fizera progresso algum na confiança de João-Jaques, com quem jamais pudera ficar a sós. Pelo contrário, a srta. Brazier triunfava sobre os herdeiros, levando Ágata a passear na caleça, sentada ao fundo, junto dela, tendo à frente o sr. Rouget e o sobrinho. A mãe e o filho esperavam com impaciência uma resposta à carta confidencial escrita a Desroches. Ora, na véspera do dia em que os cães deviam ser envenenados, José, que estava a morrer de tédio em Issoudun, recebeu duas cartas, a primeira, do grande pintor Schinner, com quem, devido à idade, podia ter uma ligação mais estreita do que com Gros, seu mestre, e a segunda, de Desroches.

Eis a primeira, selada em Beaumont-sur-Oise:

Meu caro José, terminei, para o conde de Sérisy, as principais pinturas do castelo de Presles. Deixei os remates e as pinturas ornamentais; e tão bem te recomendei, tanto ao conde como ao arquiteto Grindot, que tens apenas que apanhar teus pincéis e partir. Os preços foram combinados de maneira que te contentará. Parto para a Itália com minha mulher; podes, assim, ficar com Mistigris, que te ajudará. Esse sujeitinho tem talento, deixei-o à tua disposição. Ele já anda inquieto como um Pierrot, pensando em divertir-se no castelo de Presles. Adeus, meu caro José; se eu estiver ausente e não enviar nada para a próxima exposição, tu me substituirás! Sim, caro José, teu quadro, estou certo, é uma obra-prima, mas uma obra-prima que fará o romantismo gritar e com ele te

estás preparando uma vida de diabo numa pia de água benta. Afinal, como disse este trocista Mistigris, que altera ou transforma em trocadilhos todos os provérbios, *viver é como bater*.^[143] Que estás fazendo em Issoudun? Adeus.

Teu amigo

SCHINNER

Eis a de Desroches:

Meu caro José, esse sr. Hochon me parece um ancião cheio de bom senso e deste-me a mais alta ideia de seus recursos: ele tem inteira razão. Assim, minha opinião, já que ma pedes, é que tua mãe fique em Issoudun, em casa do sr. Hochon, pagando uma módica pensão, uns quatrocentos francos por ano, para indenizar seus hospedeiros das despesas de alimentação. Penso que a sra. Bridau deve seguir rigorosamente os conselhos do sr. Hochon. Tua excelente mãe, porém, terá escrúpulos diante de pessoas que absolutamente não os têm e cuja conduta é uma obra-prima de política. Esse Maxêncio é perigoso, e tens toda a razão: vejo nele um homem muito mais forte que Felipe. Esse patife põe seus vícios a serviço da fortuna e não se diverte *grátis*, como teu irmão, cujas loucuras não tinham nada de útil. Tudo quanto me dizes me assusta, pois eu não faria grande coisa indo a Issoudun. O sr. Hochon, oculto atrás de tua mãe, será mais útil do que eu. Quanto a ti, podes voltar, não servirás para nada num caso que reclama uma atenção constante, uma observação minuciosa, atenções servis, uma discrição na palavra e uma dissimulação nos gestos imensamente antipáticos aos artistas. Se te disserem que não há nenhum testamento feito, fica certo de que eles já têm um há muito tempo. Mas os testamentos são revogáveis e, enquanto teu imbecil tio viver, ele será, certamente, suscetível de ser trabalhado pelos remorsos e pela religião. Vossa fortuna será o resultado dum combate entre a Igreja e a Gapuiadora. Chegará certamente um momento em que essa mulher não terá mais força sobre o velho e em que a religião será todopoderosa. Enquanto teu tio não tiver feito doação entre vivos nem alterado a natureza de seus bens, tudo será possível na hora em que a religião estiver por cima. Assim, debes pedir ao sr. Hochon que vigie, tanto quanto puder, a fortuna de teu tio. Precisas saber se as propriedades estão hipotecadas, como e em nome de quem estão feitas as hipotecas. É tão fácil inspirar a um velho receios sobre sua vida, quando ele se despoja de seus bens a favor de estranhos, que um herdeiro, mesmo pouco astuto, poderá deter um espólio desde o início. Mas será tua mãe, com sua ignorância do mundo, seu desinteresse, suas ideias religiosas, que há de dirigir semelhante maquinismo? Enfim, não posso fazer mais do que esclarecer-vos. Tudo o que tendes feito até agora deve ter dado o alarme e talvez

— Isto é que se chama um parecer em boa forma — disse o sr. Hochon, orgulhoso de ser apreciado por um advogado de Paris.

— Oh! Desroches é um rapaz notável! — respondeu José.

— Não seria inútil fazer as duas senhoras lerem essa carta — acrescentou o velho avaro.

— Aqui está — disse o artista, entregando a carta ao velho. — Quanto a mim, quero partir amanhã mesmo e vou despedir-me de meu tio.

— Ah! — disse o sr. Hochon. — O sr. Desroches te pede, em pós-escrito, que queimes a carta.

— O senhor a queimará depois de mostrá-la à mamãe — disse o pintor.

José Bridau vestiu-se, atravessou a pracinha e apresentou-se na casa do tio, que justamente naquele momento acabava de almoçar. Max e Flora estavam à mesa.

— Não se incomode, meu caro tio, venho trazer-lhe minhas despedidas.

— Vai embora? — perguntou Max, trocando um olhar com Flora.

— Sim, tenho trabalhos no castelo do sr. de Sérisy; e tenho ainda mais pressa de partir porque o conde tem meios de prestar serviços a meu irmão, na Câmara dos Pares.

— Muito bem, trabalha — disse com uma expressão tola Rouget, que pareceu a José extraordinariamente mudado. — É preciso trabalhar... Sinto muito que se vão embora...

— Oh! Mamãe ainda vai ficar algum tempo — replicou José.

Max fez um movimento com os lábios, que a governanta notou e que significava: “Vão seguir o plano de que Baruch me falou”.

— Estou muito contente de ter vindo — disse José —, pois tive o prazer de conhecê-lo e o senhor enriqueceu meu ateliê...

— É verdade — disse a Gapuiadora —, em vez de elucidar seu tio sobre o valor dos quadros, que estão avaliados em mais de cem mil francos, o senhor os remeteu apressadamente para Paris. Pobre homem, é como uma criança! Disseram-nos em Bourges que entre eles há um pequeno Poulet... como é mesmo?... um Poussin,^[144] que antes

da Revolução estava no coro da Catedral e que vale, sozinho, trinta mil francos...

— Isso não é direito, meu sobrinho — disse o velho, a um sinal de Max que José não pôde perceber.

— Diga-nos francamente — interveio Max, rindo —, sob palavra de honra, quanto acha que valem os quadros? Sim, senhor! O senhor fez uma vigarice a seu tio, está no seu direito, os tios foram feitos para ser explorados! A natureza me recusou tios; mas, palavra!, se eu tivesse tios, não os pouparia.

— Sabia o senhor — disse Flora a Rouget — quanto valiam seus quadros? Quanto foi que disse, sr. José?

— Ora — respondeu o pintor, que ficou vermelho como uma beterraba —, os quadros valem alguma coisa.

— Dizem que o senhor os avaliou em cento e cinquenta mil francos ao sr. Hochon — disse Flora. — É verdade?

— Sim — disse o pintor, que tinha uma lealdade de criança.

— E o senhor tinha a intenção — disse Flora ao velho — de dar cento e cinquenta mil francos ao seu sobrinho?

— Nunca! Nunca! — respondeu o velho, a quem Flora encarou fixamente.

— Há um meio de arranjar isto tudo — disse o pintor. — Devolvendo-lhe os quadros, meu tio!

— Não, não, fique com eles — disse o velho.

— Eu lhos remeterei de volta, meu tio — respondeu José, ferido com o ofensivo silêncio de Maxêncio Gilet e de Flora Brazier. — Tenho no meu pincel como ganhar minha fortuna sem dever favores a ninguém, nem mesmo a meu tio... Meus cumprimentos, senhores; passe bem, senhor...

E José atravessou a praça num estado de irritação que os artistas podem imaginar. Toda a família Hochon estava, então, na sala de visitas. Ao ver José gesticulando e falando sozinho, perguntaram-lhe o que havia. Diante de Baruch e Francisco, o pintor, com toda a franqueza, narrou a cena ocorrida, que em duas horas se tornou o assunto da cidade, onde cada um o floreou com circunstâncias mais ou menos engraçadas. Alguns sustentaram que o pintor fora insultado por

Max; outros, que se conduzira mal com a srta. Brazier e que Max o pusera para fora da casa.

— Que criança é o seu filho! — dizia Hochon à sra. Bridau. — O bobinho caiu na armadilha que lhe prepararam para o dia da despedida. Há quinze dias que Max e a Gapuiadora sabiam o valor dos quadros, quando ele cometeu a asneira de dizê-lo aqui, diante de meus netos, que não perderam tempo em contá-lo a todo o mundo. Seu artista devia ter partido de improviso.

— Meu filho faz muito bem em devolver os quadros, se eles têm tanto valor — disse Ágata.

— Se valem, segundo ele, duzentos mil francos — disse o velho Hochon —, é uma tolice ter-se comprometido a devolvê-los; pois, assim, pelo menos ficarão com isso de herança, ao passo que, da maneira como vão as coisas, nada terão! E isso é quase mais uma razão para seu irmão não a ver mais...

Entre a meia-noite e a uma hora, os Cavalheiros da Malandragem começaram sua distribuição gratuita de comestíveis aos cães da cidade. Essa memorável expedição só terminou às três da madrugada, hora em que os perversos rapazes foram cear na Cognette. Às quatro e meia, ao crepúsculo, voltaram para suas casas. No momento em que Max dobrou a Rue de l'Avenir para entrar na Grand'Rue, Fario, que estava de emboscada num recanto, desferiu-lhe uma punhalada em pleno coração, retirou o punhal e fugiu pelos fossos de Vilatte, onde enxugou a lâmina no lenço. O espanhol foi lavar o lenço no Riacho Forçado e voltou tranquilamente a Saint-Paterne, onde tornou a deitar-se, escalando uma janela que deixara entreaberta, e foi acordado pelo novo empregado, que o encontrou entregue ao mais profundo sono.

Ao cair, Max lançou um grito terrível, com o qual ninguém se podia enganar.

X — UM CASO CRIMINAL

Lousteau-Prangin, filho dum juiz, parente afastado da família do antigo subdelegado, e Goddet filho, que morava na parte baixa da Grand'Rue, voltaram correndo, dizendo:

— Estão matando Max! Socorro!

Mas nenhum cão latiu e ninguém se levantou, pois estavam habituados a essas algazaras noturnas. Quando os dois cavalheiros chegaram, Max estava desmaiado. Foi preciso ir acordar o sr. Goddet pai. Max reconhecera muito bem Fario; quando, porém, às cinco da manhã, recuperou os sentidos, se viu cercado de várias pessoas e sentiu que o ferimento não era mortal, pensou subitamente em tirar partido do crime, e, com uma voz de inspirar compaixão, exclamou:

— Parece-me ter visto os olhos e o rosto desse maldito pintor!

Lousteau-Prangin correu, em seguida, à casa do pai, o juiz de instrução. Max foi transportado para sua casa por tio Cognet, Goddet filho e outras duas pessoas a quem foram acordar. A Cognette e Goddet filho cercavam Max, que estava deitado num colchão sobre dois pedaços de pau. O sr. Goddet não queria fazer nada antes que Max estivesse na cama. Os que conduziam o ferido olharam, naturalmente, para a porta da casa do sr. Hochon enquanto Kuski se levantava e viram a criada do sr. Hochon varrendo. Na casa do ancião, como aliás na maioria das casas da província, abria-se a porta bem cedo. A única frase pronunciada por Max despertara suspeitas e o sr. Goddet pai gritou:

— Gritte, o sr. José Bridau está deitado?

— Não — disse ela. — Saiu às quatro e meia, caminhou toda a noite pelo quarto, não sei que é que o preocupava.

Essa ingênua resposta provocou murmúrios de horror e exclamações que atraíram a moça, curiosa de saber que é que levavam para a casa do tio Rouget.

— Muito bem, é muito direito esse seu pintor! — disseram-lhe.

E o cortejo entrou, deixando a criada embasbacada: ela vira Max estendido sobre o colchão, com a camisa ensanguentada, moribundo.

O que preocupava José e o agitara durante toda a noite, os artistas adivinham: ele se via alvo da mordacidade dos burgueses de Issoudun, tomavam-no por um vigarista, por uma coisa completamente diferente do que ele se esforçava por ser, um rapaz leal, um grande artista! Ah! Ele daria seu quadro para poder voar como uma andorinha a Paris e lançar no nariz de Max as telas do tio. Ser espoliado e passar por

espoliador! Que irrisão! Assim, muito cedo, saíra a andar pela alameda de olmos que leva a Tivoli para dar vazão à sua agitação. Enquanto o inocente rapaz se prometia, como consolo, nunca mais voltar àquela terra, Max preparava-lhe um vexame horrível para as almas sensíveis. Quando o sr. Goddet pai sondou o ferimento e verificou que a faca, batendo de encontro a uma pequena bolsa, felizmente se desviara, fez o que fazem todos os médicos e particularmente os cirurgiões de província, deu-se importância, *não garantindo ainda por Max*; depois de ter feito um curativo no malicioso soldado, saiu. A sentença da ciência fora comunicada por Goddet pai à Gapuiadora, a João-Jaques Rouget, a Kuski e a Védia. A Gapuiadora entrou chorando no quarto do seu querido Max, enquanto Kuski e Védia informavam às pessoas reunidas na porta que o comandante estava mais ou menos desenganado. Essa notícia teve como resultado atrair cerca de duzentas pessoas, reunidas na Place Saint-Jean, nas duas Narettes.

— Não precisarei mais do que um mês de cama e sei quem me deu a punhalada — disse Max à Gapuiadora. — Mas vamos nos aproveitar disso para nos livrarmos dos parisienses. Assim, finge que pensas que vou morrer e trata de fazer prender José Bridau por uns dois dias. Julgo conhecer bastante a mãe para ter a certeza de que ela se irá embora em seguida para Paris com seu pintor. Assim, não teremos mais de temer os padres que eles tinham a intenção de lançar sobre nosso imbecil.

Quando Flora Brazier desceu, encontrou a multidão muito disposta a receber a impressão que ela queria dar-lhes. Ela apareceu com os olhos cheios de lágrimas e disse, soluçando, que o pintor, *que tinha, aliás, cara disso mesmo*, discutira violentamente na véspera com Max a propósito dos quadros que furtara ao tio Rouget.

— Esse bandido, pois basta olhar para sua cara para ter certeza de que foi ele, acha que, se Max morresse, o tio lhe deixaria sua fortuna, como se — disse ela — um irmão não fosse nosso parente mais próximo do que um sobrinho! Max é filho do dr. Rouget. *O velho me contou antes de morrer...*

— Ah! Ele quis dar esse golpe na hora de partir, planejou bem a coisa, pois vai embora hoje — disse um dos Cavalheiros da

Malandragem.

— Max não tem um único inimigo em Issoudun — disse outro.

— Além disso, Max reconheceu o pintor — disse a Gapuiadora.

— Onde está esse diabo de parisiense? Vamos procurá-lo! — gritou alguém.

— Procurá-lo? — responderam. — Ele saiu da casa do sr. Hochon pela madrugada.

Um Cavalheiro da Malandragem correu imediatamente à casa do sr. Mouilleron. A multidão continuava a aumentar e o barulho das vozes se tornava ameaçador. Grupos animados enchiam a Grande Narette. Outros estacionavam diante da igreja de Saint-Jean. Um agrupamento ocupava a Porte Vilatte, lugar onde termina a Petite Narette. Não se podia mais passar acima ou abaixo da Place Saint-Jean. Parecia a cauda duma procissão. Assim, os srs. Lousteau-Prangin e Mouilleron, o delegado de polícia, o tenente da guarda e seu ordenança tiveram alguma dificuldade em chegar à Place Saint-Jean, onde passaram entre duas alas de pessoas cujas exclamações e gritos podiam e deviam preveni-los contra o parisiense, tão injustamente acusado mas contra quem as circunstâncias conspiravam.

Após uma conferência entre Max e os magistrados, o sr. Mouilleron designou o delegado de polícia e o ordenança com um guarda para examinar o que, na linguagem do ministério público, se chama o *teatro do crime*. Depois, os srs. Mouilleron e Lousteau-Prangin, acompanhados do tenente da polícia, passaram da casa do tio Rouget à casa Hochon, que ficou guardada, no fundo do jardim, por dois policiais e por outros dois à porta. A multidão continuava a aumentar. Toda a cidade estava em alvoroço na Grand'Rue.

Gritte já se precipitara, muito assustada, para a casa do patrão, e dissera-lhe:

— Meu senhor, vão assaltar sua casa! Toda a cidade está revoltada! O sr. Maxêncio Gilet foi ferido, vai morrer... e dizem que foi o sr. José que o feriu!

O sr. Hochon vestiu-se rapidamente e saiu; diante, porém, duma população furiosa, voltou subitamente e passou o ferrolho na porta. Interrogando Gritte, soube que seu hóspede saíra de madrugada,

caminhara a noite inteira numa grande agitação e ainda não voltara. Assustado, ele foi ao quarto da sra. Hochon, que o barulho acabava de despertar, e a quem transmitiu a terrível notícia, que, verdadeira ou falsa, amotinava toda Issoudun na Place Saint-Jean.

— Certamente ele é inocente! — disse a sra. Hochon.

— Mas, enquanto apuram sua inocência, eles podem entrar aqui e assaltar-nos — disse o sr. Hochon, lívido (tinha dinheiro guardado na adega).

— E Ágata?

— Está dormindo, como uma marmota!

— Tanto melhor — disse a sra. Hochon. — Eu gostaria que ela ficasse dormindo enquanto o caso se esclarece. Um golpe desses mataria a pobrezinha!

Ágata, porém, despertou e desceu acabando de vestir-se, pois as reticências de Gritte, a quem interrogou, lhe haviam transtornado a cabeça e o coração. Encontrou a sra. Hochon pálida e com os olhos marejados de lágrimas, numa das janelas da sala, com o marido.

— Coragem, minha filha! Deus nos manda aflições — disse a velha.

— Acusam José...

— De quê?

— Dum ato mau que ele não pode ter cometido — respondeu a sra. Hochon.

Ao ouvir essa frase, e vendo entrar o tenente da polícia e os srs. Mouilleron e Lousteau-Prangin, Ágata desmaiou.

— Levem a sra. Bridau — disse o sr. Hochon à esposa e a Gritte. — As mulheres só podem atrapalhar em tais circunstâncias... Retirem-se com ela para o quarto. Sentem-se, senhores — disse o velho. — Espero que o equívoco a que devemos sua visita não tarde a se esclarecer.

— Mesmo que haja um equívoco — disse o sr. Mouilleron —, a exasperação é tão forte nessa multidão e as cabeças estão de tal modo exaltadas que tenho receio pelo inculpado... Eu gostaria de levá-lo para o Tribunal a fim de dar uma satisfação ao povo.

— Quem teria imaginado a afeição que o sr. Maxêncio Gilet conquistou?... — disse Lousteau-Prangin.

— Um dos meus soldados veio dizer-me que estão chegando agora

mesmo mil e duzentas pessoas do Faubourg de Rome — interveio o tenente da polícia — e estão lançando brados de morte.

— Onde está seu hóspede? — perguntou o sr. Mouilleron ao sr. Hochon.

— Foi dar um passeio no campo, creio...

— Chame Gritte — disse gravemente o juiz de instrução. — Eu esperava que o sr. Bridau não tivesse saído de casa. O senhor não ignora, sem dúvida, que o crime foi cometido a poucos passos daqui, de madrugada!

Enquanto o sr. Hochon foi chamar Gritte, os três funcionários trocaram olhares significativos.

— A cara desse pintor nunca me agradou — disse o tenente ao sr. Mouilleron.

— Minha filha — disse o juiz a Gritte, ao vê-la entrar —, você viu, como dizem, o sr. José Bridau sair esta manhã?

— Sim, senhor — respondeu ela, tremendo como uma folha.

— A que horas?

— Logo que me levantei, pois ele caminhou durante toda a noite pelo quarto e já estava vestido quando desci.

— Já era dia?

— Madrugada.

— Ele parecia agitado?

— E muito! Achei que ele tinha alguma coisa.

— Mande chamar um escrivão por um de seus soldados — disse Lousteau-Prangin ao tenente — e que ele traga mandado de...

— Meu Deus! Não se apresse — disse o sr. Hochon. — A agitação do rapaz tem outra explicação que não a premeditação dum crime: ele vai partir hoje para Paris, para tratar dum caso em que Gilet e a srta. Flora Brazier suspeitaram de sua probidade.

— Sim, o caso dos quadros — disse o sr. Mouilleron. — Isso deu motivo, ontem, a uma discussão muito forte, e os artistas, como dizem, zangam-se com muita facilidade.

— Quem, em Issoudun, teria interesse em matar Maxêncio? — perguntou Lousteau.

— Ninguém; nem marido ciumento, nem nenhum outro, pois o

rapaz nunca fez mal a ninguém.

— Mas que andava fazendo o sr. Gilet às quatro e meia nas ruas de Issoudun? — perguntou o sr. Hochon.

— Olhe, sr. Hochon, deixe-nos tratar de nosso ofício — respondeu Mouilleron. — O senhor não está a par de tudo; Max reconheceu o pintor...

Nesse momento, um clamor partiu da extremidade da cidade e cresceu seguindo a direção da Grande Narette, como o ribombar dum trovão.

— Lá está! Lá está! Está preso!

Essas frases destacavam-se nitidamente entre o ruído surdo dum pavoroso rumor popular. Realmente, o pobre José Bridau, que voltava tranquilamente pelo moinho de Landrôle para chegar à casa pela hora do almoço, foi avistado, ao chegar à Place Misère por todos os grupos ao mesmo tempo. Felizmente para ele dois policiais chegaram correndo para arrancá-lo às mãos do povo do Faubourg de Rome, que já o havia agarrado violentamente pelos braços, proferindo brados de morte.

— Arreda! Arreda! — disseram os guardas, que chamaram dois companheiros para resguardar Bridau enquanto o conduziam.

— Veja, senhor — disse ao pintor um dos que o seguravam —, trata-se, agora, tanto de nossa pele como da sua. Inocente ou culpado, precisamos protegê-lo contra a revolta causada pelo assassinio do comandante Gilet. E essa gente não se contenta em acusá-lo disso, está certa de que o senhor é o assassino e não adianta negar. O sr. Gilet é adorado por essa gente que, repare, tem jeito de querer fazer justiça pelas próprias mãos. Ah! nós já os vimos, em 1830,^[145] dar uma sova nos funcionários do fisco, que não eram brinquedo!

José Bridau ficou pálido como um moribundo e reuniu as forças para poder andar.

— Contudo — disse —, sou inocente. Vamos!...

E o artista teve sua via-sacra! Recebeu vaias, injúrias, ameaças de morte, enquanto fazia o horrível trajeto da Place Misère à Place Saint-Jean.

Os guardas foram obrigados a empunhar o sabre contra a multidão

furiosa, que lhes atirou pedras. Estiveram a ponto de ferir os guardas e alguns projéteis atingiram as pernas, as costas e o chapéu de José.

— Cá estamos! — disse um dos guardas ao entrar na sala do sr. Hochon — e não foi fácil, meu tenente.

— Agora, precisamos dissolver esse ajuntamento e só vejo uma maneira, meus senhores — disse o oficial aos magistrados. — Seria levar o sr. Bridau ao Tribunal, conduzindo-o no meio dos senhores. Eu e todos os meus guardas os cercaremos. Não se pode garantir nada quando se está na presença de seis mil furiosos...

— O senhor tem razão — disse o sr. Hochon, que continuava a recear por seu dinheiro.

— Se esta é a melhor maneira de proteger a inocência em Issoudun — respondeu José —, eu o felicito. Já quase fui apedrejado...

— Quer que assaltem e saqueiem a casa de seu hospedeiro? — disse o tenente. — Será com nossos sabres que resistiremos a uma onda humana empurrada por um grupo de pessoas exasperadas que não conhecem as formas de justiça?

— Oh! Vamos, senhores. Depois nos explicaremos — disse José, que recobrou inteiramente o sangue-frio.

— Com licença, meus amigos! — disse o tenente. — Ele está preso, vamos levá-lo para a cadeia!

— Respeitem a justiça, meus amigos! — disse o sr. Moulleron.

— Não preferem ver guilhotiná-lo? — dizia um dos guardas a um grupo ameaçador.

— Sim, sim! — gritou um furioso. — Levem-no à guilhotina.

— À guilhotina! — repetiram as mulheres.

No fim da Grande Narette, diziam:

— Vão levá-lo para a guilhotina, encontraram seu punhal! — Oh! O velhaco! — Eis o que são os parisienses! — Esse já trazia o crime escrito na cara!

Embora José estivesse sentindo todo o sangue na cabeça, fez o trajeto da Place Saint-Jean ao Tribunal com uma calma e um desembaraço notáveis. Sentiu-se, contudo, muito satisfeito ao ver-se no gabinete do sr. Lousteau-Prangin.

— Creio que não preciso, senhores, dizer-lhes que sou inocente —

declarou ele, dirigindo-se aos srs. Mouilleron e Lousteau-Prangin e ao escrivão. — Só posso pedir-lhes que me ajudem a provar minha inocência. Nada sei sobre o caso.

Quando o juiz expôs a José todas as presunções que pesavam sobre ele, terminando pela declaração de Max, José ficou aterrado.

— Ora — disse ele —, saí de casa depois das cinco horas. Segui pela Grand'Rue e, às cinco e meia, estava contemplando a fachada de sua paróquia de Saint-Cyr. Falei com o sineiro, que acabava de dar o *Angelus*, e pedi-lhe informações sobre o edifício, que me parece estranho e inacabado. Depois, atravessei a feira, onde já havia algumas mulheres. Dali, pela Place Misère, cheguei, pela Pont aux Ânes, ao moinho de Landrôle, onde fiquei observando os patos durante uns cinco ou seis minutos, e os empregados do moinho devem ter-me notado. Vi mulheres dirigindo-se ao lavadouro, elas ainda devem estar lá; elas riram de mim, dizendo que não sou bonito; e eu lhes respondi que as caras feias encerram tesouros. De lá, dei um passeio pela grande alameda até Tivoli, onde conversei com o jardineiro. Mandem investigar esses fatos e nem precisam prender-me, pois lhes dou minha palavra de honra de que ficarei em seu gabinete até que os senhores estejam convencidos da minha inocência.

Essa declaração sensata, feita sem nenhuma hesitação e com o desembaraço dum homem seguro de sua situação, causou alguma impressão sobre os magistrados.

— Está bem, precisamos citar todas essas pessoas e encontrá-las — disse o sr. Mouilleron. — Mas isso não é serviço para um dia. Decida-se, pois no seu interesse, a ficar em segredo no Tribunal.

— Contanto que eu possa escrever à minha mãe, para tranquilizá-la, a coitada... Oh! Podem ler a carta.

Esse pedido era demasiado justo para que fosse recusado, e José escreveu esse bilhetinho:

Não se preocupe, minha querida mãe: o erro de que estou sendo vítima será facilmente esclarecido; já dei os meios para isso. Amanhã, ou talvez esta noite, estarei livre. Beijo-te e peço-te que digas ao sr. e à sra. Hochon o quanto lamento esse transtorno, de que não tenho a mínima culpa, pois é obra dum acaso que ainda não compreendo.

Quando a carta chegou, a sra. Bridau estava se consumindo num ataque nervoso; e as poções que o sr. Goddet tentava que ela tomasse aos goles mostravam-se impotentes. Assim, a leitura da carta foi como um bálsamo. Após uma pequena excitação, Ágata caiu no abatimento que sucede a tais crises. Quando o sr. Goddet voltou para ver a doente, encontrou-a lamentando ter saído de Paris.

— Deus me castigou — dizia ela, com lágrimas nos olhos. — Eu não devia ter-me confiado a ele, minha querida madrinha, e esperar de sua bondade a herança de meu irmão?

— Minha senhora, se seu filho é inocente, Maxêncio é um grande celerado — disse-lhe ao ouvido o sr. Hochon — e não seremos nós os mais fortes neste caso. Portanto, volte para Paris.

— Então — perguntou a sra. Hochon ao sr. Goddet — como vai o sr. Gilet?

— Ora, apesar de grave, o ferimento não é mortal. Com um mês de cuidados, tudo estará terminado. Deixei-o escrevendo ao sr. Mouilleron para pedir que ponha seu filho em liberdade, minha senhora — disse à enferma. — Oh! Max é um rapaz direito. Conte-lhe em que estado a senhora se achava e ele então se lembrou dum detalhe da roupa do agressor que o convenceu de que o criminoso não podia ser o seu filho: ele calçava chinelas e é certo que o senhor seu filho saiu de sapatos...

— Ah! Deus lhe perdoe o mal que me fez!

À noite, um homem levava a Gilet uma carta escrita em caracteres de imprensa e assim concebida:

O capitão Gilet não devia deixar um inocente nas mãos da Justiça. Quem o feriu promete não repetir se o sr. Gilet libertar o sr. José Bridau sem indicar o culpado.

Após ter lido e queimado esse bilhete, Max escreveu ao sr. Mouilleron uma carta que continha a observação citada pelo sr. Goddet, pedindo-lhe que pusesse José em liberdade e fosse vê-lo a fim de que ele lhe explicasse o caso. Quando a carta chegou às mãos do sr. Mouilleron, Lousteau-Prangin já pudera constatar, pelos depoimentos do sineiro,

duma vendedora de legumes, de lavadeiras, moleiros de Landrôle e do jardineiro de Frapesle, a veracidade das explicações dadas por José. A carta de Max acabava de provar a inocência do inculpado, que o sr. Mouilleron então acompanhou pessoalmente à casa do sr. Hochon. José foi recebido pela mãe com uma efusão de tão intensa ternura que o pobre filho desprezado deu graças ao acaso, como o marido na fábula de La Fontaine, ao ladrão, por uma contrariedade que lhe proporcionava tais provas de afeição.

— Oh! — disse o sr. Mouilleron, com uma expressão de entendido. — Vi logo, pela maneira como o senhor encarava a população irritada, que o senhor era inocente. Mas, apesar de minha persuasão, pode estar certo de que, para quem conhece Issoudun, a melhor maneira de protegê-lo era levá-lo, como fizemos. Ah! Que atitude altiva o senhor tinha!

— Eu estava pensando em outra coisa — disse simplesmente o artista. — Conheço um oficial que me contou que na Dalmácia foi preso em circunstâncias quase idênticas, ao voltar dum passeio de manhã, por uma população revoltada... Essa semelhança me interessou e eu me pus a olhar para todas aquelas cabeças com a ideia de pintar um tumulto de 1793... Enfim, eu dizia para mim mesmo: “Tratante! Tens justamente o que mereces, por teres vindo buscar uma herança em vez de ficar pintando no teu ateliê...”.

— Se me permite um conselho — disse o procurador do rei —, tome esta noite, às onze horas, uma carruagem que o chefe de posta lhe emprestará e volte para Paris pela diligência de Bourges.

— Essa é também a minha opinião — disse o sr. Hochon, que ardia de desejo de ver o hóspede partir.

— E meu mais vivo desejo é deixar Issoudun, onde, no entanto, deixo minha única amiga — respondeu Ágata, tomando a mão da sra. Hochon e beijando-a. — Quando tornarei a vê-la?

— Ah! Minha filha, só nos tornaremos a ver no céu! Já temos sofrido bastante na terra — disse-lhe ao ouvido — para que Deus tenha piedade de nós.

Pouco mais tarde, depois que o sr. Mouilleron falou com Max, Gritte causou grande espanto à sra. e ao sr. Hochon, Ágata, José e Adolfinha,

anunciando-lhes a visita do sr. Rouget. João-Jaques fora despedir-se da irmã e oferecer-lhe sua caleça para ir a Bourges.

— Ah! Seus quadros nos fizeram muito mal! — disse-lhe Ágata.

— Fique com eles, minha irmã — respondeu o velho, que ainda não se convencera do valor dos quadros.

— Meu vizinho — disse o sr. Hochon —, nossos melhores amigos, nossos mais seguros defensores são os nossos parentes, principalmente quando se parecem com sua irmã Ágata e seu sobrinho José!

— É possível! — respondeu o velho, aturdido.

— É preciso pensar em terminar cristãmente sua vida — disse a sra. Hochon.

— Ah! João-Jaques — exclamou Ágata —, que dia!

— Aceita minha carruagem? — perguntou Rouget.

— Não, meu irmão — respondeu a sra. Bridau —, agradeço-lhe e desejo-lhe que passe bem!

Rouget deixou-se abraçar pela irmã e pelo sobrinho e saiu após ter-se despedido friamente deles. Por ordem do avô, Baruch fora rapidamente à *Posta*. Às onze horas da noite, os dois parisienses, metidos num cabriolé de vime puxado por um cavalo e conduzido por um postilhão, deixaram Issoudun. Adolfin e a sra. Hochon tinham lágrimas nos olhos. Eram as únicas que lamentavam a partida de Ágata e José.

— Foram embora — disse Francisco Hochon ao entrar, com a Gapuiadora, no quarto de Max.

— Ótimo! O golpe deu resultado — respondeu Max, abatido pela febre.

— Mas que disseste ao tio Moulleron? — perguntou-lhe Francisco.

— Disse-lhe que eu quase dera a meu agressor o direito de esperar-me numa esquina e que, se o perseguissem, ele era homem para matar-me como a um cão antes de ser preso. Em vista disso, pedi que Moulleron e Prangin efetuassem ostensivamente as mais ativas diligências, mas deixassem meu agressor tranquilo, a menos que me quisessem ver morto.

— Espero, Max — disse Flora —, que agora vocês fiquem quietos à noite, durante algum tempo.

— Afinal, ficamos livres dos parisienses! — exclamou Max. — Quem me feriu não sabe o serviço que nos prestou.

No dia seguinte, com exceção das pessoas mais calmas e reservadas, que partilhavam das opiniões do sr. e da sra. Hochon, a partida dos parisienses, embora devida a um deplorável engano, foi celebrada por toda a cidade como uma vitória da província contra Paris. Alguns amigos de Max exprimiram-se muito duramente a respeito dos Bridau.

— Sim, senhor! Esses parisienses imaginam que somos imbecis e que basta estender o chapéu para que comece a chover heranças!

— Vieram buscar lã, mas saíram tosquiados, pois o sobrinho não é do gosto do tio.

— E, o que é mais, tinham como conselheiro um advogado de Paris...

— Ah! Eles tinham algum plano?

— Claro que sim, um plano de tomar conta do tio Rouget; mas os parisienses sentiram-se fracos e o advogado não escarnecerá mais dos berrienses...

— Mas isso é abominável!

— A gente de Paris é assim.

— A Gapuidora viu-se atacada e defendeu-se.

— E o fez muito bem...

Para toda a cidade, os Bridau eram parisienses, estrangeiros; preferiam Max e Flora a eles.

XI — FELIPE EM ISSOUDUN

Pode-se imaginar a satisfação com que Ágata e José voltaram para sua pequena moradia da Rue Mazarine, após essa luta. O artista recuperava, na viagem, sua alegria, perturbada pela cena da prisão e por vinte e quatro horas de reclusão em segredo, mas não pôde distrair a mãe. Ágata teve maior dificuldade ainda de se refazer de suas emoções porque a Corte dos Pares ia iniciar o processo da conspiração militar. A conduta de Felipe, apesar da habilidade de seu defensor, aconselhado por Desroches, despertava suspeitas pouco favoráveis sobre seu caráter. Assim, logo que pôs Desroches a par do que se

passava em Issoudun, José levou imediatamente Mistigris ao castelo do conde de Sérisy, para não ouvir falar no processo, que durou vinte dias.

É inútil repetir aqui fatos que pertencem à história contemporânea. Seja porque tivesse desempenhado algum papel convencional, seja porque fosse um dos delatores, Felipe foi condenado a cinco anos de vigilância pela polícia política e obrigado a partir no mesmo dia de sua libertação para Autun, cidade que o diretor-geral da polícia do reino lhe designou para local de permanência durante os cinco anos. Essa pena equivalia a uma detenção semelhante à dos prisioneiros sob palavras a quem se dá uma cidade por menagem. Ao saber que o conde de Sérisy, um dos pares designados pela Câmara para fazer a instrução do processo, empregara José na ornamentação do seu castelo de Presles, Desroches solicitou desse ministro do Estado uma audiência e encontrou o conde de Sérisy nas melhores disposições para José, com quem casualmente travara conhecimento. Desroches expôs a situação financeira dos dois irmãos, recordando os serviços prestados por seu pai e o esquecimento em que os deixara a Restauração.

— Tais injustiças, senhor — disse o advogado —, são causas permanentes de revolta e de descontentamento! O senhor conheceu o pai, proporcione, pelo menos, aos filhos, um meio de enriquecer!

E descreveu sucintamente a situação dos negócios da família em Issoudun, pedindo ao todo-poderoso vice-presidente do Conselho do Estado que providenciasse junto ao diretor-geral da polícia a fim de transferir de Autun para Issoudun a residência de Felipe. Falou, por fim, na horrível miséria de Felipe, solicitando um auxílio de sessenta francos por mês, que o ministro da Guerra devia dar, por decoro, a um antigo tenente-coronel.

— Conseguirei tudo quanto o senhor me pede, pois tudo isso me parece justo — disse o ministro de Estado.

Três dias mais tarde, Desroches, munido das necessárias autorizações, foi buscar Felipe na prisão da Corte dos Pares e o levou para sua casa, à Rue de Béthisy. Lá, o jovem advogado fez ao horrível soldado um desses sermões sem réplica nos quais os advogados julgam as coisas em seu exato valor, servindo-se de termos rudes para estimar

a conduta, para analisar e reduzir à sua expressão mais simples os sentimentos dos clientes pelos quais se interessam suficientemente para repreendê-los. Após ter achatado o oficial de ordens do imperador, censurando-lhe suas dissipações insensatas, os infortúnios de sua mãe e a morte da velha Descoings, narrou-lhe a situação das coisas em Issoudun, interpretando-as a seu modo e penetrando a fundo no plano e no caráter de Maxêncio Gilet e da Gapuiadora. Dotado duma compreensão muito alerta nesse gênero, o condenado político escutou muito melhor essa parte da mercurial de Desroches que a primeira.

— Assim sendo — disse o advogado —, você pode reparar o que é reparável nos danos que causou à sua excelente família, já que não pode restituir a vida à pobre mulher a quem você deu o golpe de morte; mas só você pode...

— E como fazer? — indagou Felipe.

— Consegui que lhe dessem Issoudun por menagem, em vez de Autun.

O rosto de Felipe, tão emagrecido, e que se tornara quase sinistro, maltratado pelas enfermidades, pelos sofrimentos e pelas privações, iluminou-se rapidamente por um raio de alegria.

— Só você pode, digo, retomar a herança de seu tio Rouget, talvez já pela metade na goela desse lobo chamado Gilet — continuou Desroches. — Você conhece todos os detalhes. Cabe-lhe, agora, agir de acordo com eles. Não lhe traço um plano, não tenho ideias a esse respeito; além disso, no campo de ação tudo se modifica. Você terá de enfrentar um inimigo forte, o atrevido é muito astucioso e a maneira pela qual ele queria recuperar os quadros dados por seu tio a José, a audácia com que ele atirou um crime sobre as costas de seu pobre irmão denunciavam um adversário capaz de tudo. Assim, seja prudente e trate de ser sensato por interesse, se não puder sê-lo por temperamento. Sem dizer nada a José, cuja altivez de artista se revoltaria, mandei os quadros para o sr. Hochon, recomendando-lhe que só os entregue a você. Esse Maxêncio Gilet é valente...

— Tanto melhor — disse Felipe. — Conto muito com a coragem desse patife para ser bem-sucedido, pois um covarde iria embora de

Issoudun.

— Muito bem, pense em sua mãe, que tem uma adorável afeição por você; em seu irmão, de quem você fez sua vaca leiteira...

— Ah! Ele lhe falou nessas bobagens? — exclamou Felipe.

— Ora, não sou amigo da família e não sei mais do que ele a respeito de você?

— Que é que sabe? — disse Felipe.

— Você traiu seus camaradas...

— Eu! — exclamou Felipe —, eu! oficial de ordens do imperador? Ora, foi uma cilada! Metemos nela a Câmara dos Pares, a Justiça, o governo e toda a cambada. A gente do rei foi no embrulho!

— Muito bem, se é assim — respondeu o advogado. — Mas fique sabendo duma coisa, os Bourbon não podem ser derrubados, têm a Europa inteira a seu favor e você devia tratar de fazer as pazes com o ministro da Guerra... Oh! Você a fará, quando estiver rico. E para enriquecer, você e seu irmão, tome conta de seu tio. Se você conduzir bem esse trabalho, que exige habilidade, discrição e paciência, terá o que fazer durante seus cinco anos...

— Não, não — disse Felipe —, é preciso andar depressa. Esse Gilet poderia alterar a natureza dos bens de meu tio, colocá-los no nome dessa moça e tudo estaria perdido.

— Enfim, o sr. Hochon é um homem sensato e que vê bem as coisas. Consulte-o. Você já tem sua guia militar, seu lugar está reservado na diligência de Orléans para as sete horas e meia, sua mala está feita. Venha jantar!

— Só possuo o que trago comigo — disse Felipe, abrindo sua pavorosa sobrecasaca azul. — Faltam-me, porém, três coisas, que o senhor pedirá a Giroudeau, tio de Finot, meu amigo, que me envie: meu sabre, minha espada e minhas pistolas!

— Falta-lhe ainda outra coisa — disse o advogado, que estremeceu ao contemplar o cliente. — Você receberá uma indenização de três meses para vestir-se decentemente.

— Oh! Estás aí, Godeschal! — exclamou Felipe, reconhecendo no primeiro escrevente de Desroches o irmão de Marieta.

— Sim, estou com Desroches há dois meses.

— E ficará aqui, espero — disse Desroches —, até que consiga um cargo.

— E Marieta? — perguntou Felipe, emocionado pelas recordações.

— Está esperando a abertura do novo teatro.

— Não lhe custaria muito ter conseguido meu indulto — disse Felipe. — Enfim, seja como ela quiser!

Após o magro jantar oferecido a Felipe por Desroches, que dava refeições a seu primeiro escrevente, os dois advogados puseram o condenado na carruagem e desejaram-lhe boa sorte.

A 2 de novembro, dia dos mortos, Felipe Bridau apresentou-se ao delegado de polícia de Issoudun para fazer visar sua guia militar no dia da chegada; depois, foi hospedar-se, de acordo com o conselho desse funcionário, à Rue de l'Avenir. Imediatamente a notícia da deportação dum dos oficiais envolvidos na última conspiração se espalhou em Issoudun e causou ali tanto maior sensação porque se informou que o oficial era irmão do pintor tão injustamente acusado. Maxêncio Gilet, já completamente curado do ferimento, terminou a difícil operação da realização dos fundos hipotecários do tio Rouget e sua aplicação numa inscrição de renda. O empréstimo de cento e quarenta mil francos feito pelo velho sobre suas propriedades estava causando grande sensação, pois na província a gente sabe de tudo. No interesse dos Bridau, o sr. Hochon, penalizado com esse desastre, interrogou o velho sr. Héron, tabelião de Rouget, sobre o objetivo desse movimento de capital.

— Os herdeiros do tio Rouget, se o tio Rouget mudar de opinião, ficar-me-ão devendo uma bonita vela! — exclamou o sr. Héron. — Se não fosse eu, o bom homem teria deixado pôr os cinquenta mil francos de renda no nome de Maxêncio Gilet... Disse à srta. Brazier que ela devia contentar-se com o testamento, sob pena de sofrer um processo de espoliação, em vista das numerosas provas de suas manobras que as diferentes transferências feitas de todos os lados forneceriam. Aconselhei, para ganhar tempo, a Maxêncio e à amante, que fizessem esquecer essa mudança tão brusca nos hábitos do bom homem.

— Seja o advogado e o protetor dos Bridau, pois eles não têm nada — disse ao sr. Héron o sr. Hochon, que não perdoava a Gilet as

angústias que sofrera, temendo o assalto à sua casa.

Maxêncio Gilet e Flora Brazier, inteiramente tranquilos, gracejaram, portanto, ao saber da chegada do segundo sobrinho do tio Rouget. Estavam certos de que, à primeira inquietação que Felipe lhes desse, poderiam, fazendo o tio Rouget assinar uma procuração, transferir a inscrição a Maxêncio ou a Flora. Se o testamento fosse revogado, cinquenta mil francos de renda já seriam uma bela ficha de consolação, principalmente estando os bens de raiz gravados com uma hipoteca de cento e quarenta mil francos.

No dia seguinte ao da chegada, Felipe foi, às dez horas, fazer uma visita ao tio. Fazia questão de apresentar-se no seu horrível traje. Assim, quando o foragido do Hôpital du Midi, o prisioneiro do Luxembourg, entrou na sala, Flora Brazier sentiu um arrepio no coração diante daquele repelente aspecto. Gilet sentiu igualmente esse abalo na inteligência e na sensibilidade que nos adverte duma inimizade latente ou dum perigo próximo. Se Felipe já tinha qualquer coisa de sinistro na fisionomia, em consequência de seus infortúnios, seu vestuário agravava ainda mais essa expressão. Sua miserável sobrecasaca azul continuava militarmente abotoada até o pescoço, por tristes razões, mas, mesmo assim, deixava ver muito bem o que pretendia esconder. A parte inferior das calças, gasta como um traje de inválido, exprimia uma miséria profunda. As botas deixavam marcas úmidas, espirrando água lodosa pelas solas despregadas. O chapéu cinza que o coronel tinha na mão oferecia ao olhar um forro terrivelmente sebento. A bengala de junco, cujo verniz desaparecera, devia ter estacionado em todos os cantos dos cafés de Paris e descansado sua ponta torcida em muitos lodos. Sobre uma gola de veludo com a talagarça à mostra, erguia-se uma cabeça quase igual à que apresentava Frédérick Lemaître no último ato da *Vida dum jogador*,^[146] e na qual o esgotamento dum homem ainda vigoroso se denuncia por uma tez cor de cobre com zonas esverdeadas. Veem-se tais tons no rosto dos libertinos que passaram muitas noites no jogo: os olhos aparecem no meio dum círculo escuro, as pálpebras são mais avermelhadas que vermelhas; a fronte, enfim, é ameaçadora por todas as ruínas que denuncia. Felipe, apenas refeito da enfermidade, tinha as

faces murchas e enrugadas. O crânio estava quase nu; apenas algumas mechas se mantinham na parte posterior da cabeça e morriam à altura das orelhas. O azul tão puro de seus olhos brilhantes adquirira os tons frios do aço.

— Bom dia, meu tio — disse ele com uma voz rouca. — Sou seu sobrinho Felipe Bridau. Veja como os Bourbon tratam um tenente-coronel, um velho da velha guarda que transmitiu as ordens do imperador na batalha de Montereau. Eu ficaria com vergonha se minha sobrecasaca se abrisse, por causa da senhorita. Contudo, esta é a lei do jogo. Quisemos recomeçar a partida e perdemos! Estou morando na sua cidade por ordem da polícia, com o elevado pagamento de sessenta francos por mês. Assim, os burgueses não precisam temer que eu cause uma alta dos preços dos víveres. Vejo que o senhor está em boa e bela companhia.

— Ah! És meu sobrinho? — disse João-Jaques.

— Mas então convide o coronel para almoçar — disse Flora.

— Não, minha senhora, muito obrigado — respondeu Felipe. — Já almocei. Além disso, eu preferiria cortar uma das mãos a pedir um pedaço de pão ou um centimo a meu tio, depois do que se passou nesta cidade com meu irmão e minha mãe... Apenas não me parece conveniente que eu esteja morando em Issoudun sem vir cumprimentá-lo de vez em quando. O senhor pode muito bem, aliás — disse, oferecendo ao tio a mão, na qual Rouget pôs a sua, que Felipe sacudiu —, o senhor pode fazer o que quiser: nunca encontrarei nada a censurar aqui, contanto que a honra dos Bridau seja salva...

Gilet podia examinar o tenente-coronel à vontade, pois Felipe evitava lançar os olhos sobre ele com visível afetação. Embora o sangue lhe fervesse nas veias, Max tinha demasiado interesse em conduzir-se com essa prudência dos grandes políticos, que às vezes parece covardia, para que fosse explodir como um rapaz; ficou, portanto, calmo e indiferente.

— Não ficará bem, senhor — disse Flora —, viver com sessenta francos por mês tão pertinho de seu tio, que tem quarenta mil francos de renda e que já se mostrou tão amável com o sr. comandante Gilet, seu parente natural, que aqui está...

— Sim, Felipe — replicou o velho —, vamos ver...

Como Flora os apresentasse, Felipe trocou uma saudação quase tímida com Gilet.

— Meu tio, tenho uns quadros para devolver-lhe; estão na casa do sr. Hochon; o senhor me dará muito prazer indo examiná-los qualquer dia destes.

Após ter dito essas últimas frases num tom seco, o tenente-coronel Felipe Bridau saiu. Essa visita deixou na alma de Flora, como na de Gilet, uma emoção ainda mais grave do que sua surpresa ao verem pela primeira vez o horroroso soldado. Logo que Felipe bateu a porta com uma violência de herdeiro espoliado, Flora e Gilet esconderam-se nas cortinas para vê-lo atravessar a rua, da casa do tio para a dos Hochon.

— Que vagabundo! — disse Flora, interrogando Gilet com um olhar.

— Sim, infelizmente havia alguns tipos como esse nos exércitos do imperador. Liquidei com uns sete desses, nos pontões — respondeu Gilet.

— Espero que você não vá procurar briga com este, Gilet — disse a srta. Brazier.

— Ora! — respondeu Max. — Este é um cão sarnoso que quer um osso — continuou, dirigindo-se ao tio Rouget. — Se seu tio quiser, pode livrar-se dele com algum donativo, pois ele não o deixará tranquilo, papá Rouget.

— Ele cheirava muito a fumo — disse o velho.

— E cheirava também seus escudos — disse Flora, num tom peremptório. — Minha opinião é que o senhor não deve mais recebê-lo.

— Não quero outra coisa — respondeu Rouget.

— Senhor — disse Gritte, entrando no quarto onde se encontrava toda a família Hochon depois do almoço —, aqui está o sr. Bridau de quem estavam falando.

Felipe fez sua entrada cortesmente, no meio dum profundo silêncio causado pela curiosidade geral. A sra. Hochon estremeceu da cabeça aos pés ao avistar o autor de todos os pesares de Ágata e o assassino da boa Descoings. Adolfin também ficou um pouco assustada. Baruch e Francisco trocaram um olhar de surpresa. O velho Hochon conservou seu sangue-frio e ofereceu uma cadeira ao filho da sra. Bridau.

— Venho recomendar-me ao senhor — disse Felipe —, pois preciso tomar precauções para poder viver neste lugar, durante cinco anos, com os sessenta francos por mês que a França me dá.

— Isso é possível — respondeu o octogenário.

Felipe falou de coisas indiferentes, mantendo-se perfeitamente bem. Referiu-se da maneira mais lisonjeira ao jornalista Lousteau, sobrinho da velha senhora, cujas boas graças conquistou quando ela o ouviu dizer que o nome dos Lousteau se tornaria famoso. Depois, não hesitou em reconhecer as faltas de sua vida. A uma censura amável que a sra. Hochon lhe dirigiu em voz baixa, ele replicou que tinha refletido muito na prisão e prometeu-lhe ser, no futuro, outro homem.

A convite de Felipe, o sr. Hochon saiu com ele. Quando o avarento e o soldado chegaram à avenida, num lugar onde ninguém podia ouvi-los, o coronel disse ao velho:

— Senhor, se estiver de acordo, nunca falaremos de negócios nem de pessoas a não ser passeando no campo ou nos lugares onde possamos falar sem ser ouvidos. O sr. Desroches me demonstrou muito bem a influência dos falatórios numa cidade pequena. Não quero, portanto, que suspeitem que o senhor me ajuda com seus conselhos, embora Desroches me tenha sugerido que eu lho pedisse. Rogo-lhe, mesmo, que não poupe conselhos comigo. Temos um inimigo poderoso pela frente, precisamos não negligenciar nenhuma precaução para conseguirmos desfazer-nos dele. E, para começar, desculpe-me por eu não ir mais visitá-lo. Um pouco de frieza entre nós mostrará que o senhor não exerce nenhuma influência sobre a minha conduta. Quando eu tiver necessidade de consultá-lo, passarei pela praça às nove e meia, quando o senhor acaba de almoçar. Se o senhor me vir com a bengala na posição de apresentar armas, isso significa que precisamos encontrar-nos, por acaso, em algum local de passeio que o senhor me indicará.

— Tudo isso me parece dum homem prudente e que quer triunfar — disse o velho.

— E triunfarei, senhor. Antes de mais nada, indique-me os militares do antigo Exército que tenham voltado para cá, que não sejam do partido desse Maxêncio Gilet e com os quais eu me possa ligar.

— Há, em primeiro lugar, um capitão de artilharia da guarda, o sr. Mignonnet, de quarenta anos, que saiu da Escola Politécnica e vive modestamente. É um homem muito brioso e se manifestou contra Max, cuja conduta lhe parece indigna dum verdadeiro militar.

— Bom! — disse o tenente-coronel.

— Não há, aqui, muitos militares dessa têmpera — continuou o sr. Hochon — e não vejo outro além dum antigo capitão de cavalaria.

— É a minha arma! — disse Felipe. — Ele era da guarda?

— Sim — respondeu o sr. Hochon. — Carpentier era, em 1810, quartel-mestre nos dragões; saiu de lá para servir como subtenente na ativa e chegou a capitão.

— Giroudeau talvez o conheça — pensou Felipe.

— Esse sr. Carpentier ocupa o emprego que Maxêncio não quis, na Prefeitura, e é amigo do comandante Mignonnet.

— Que posso fazer aqui para ganhar a vida?

— Creio que vão instalar uma agência de seguros mútuos do departamento do Cher e você poderia conseguir um lugar nela; mas serão no máximo cinquenta francos por mês...

— Isso me bastará.

Ao fim duma semana, Felipe já possuía sobrecasaca, calças e colete novos, de bom tecido azul D’Elbeuf, comprados a crédito e pagáveis em prestações, bem como sapatos, luvas de gamo e um chapéu. Recebeu de Paris, enviados por Giroudeau, roupa interior, suas armas e uma carta para Carpentier, que servira sob as ordens do antigo capitão de dragões. Essa carta valeu a Felipe a dedicação de Carpentier, que apresentou o coronel ao comandante Mignonnet como um homem do mais alto mérito e do mais belo caráter. Felipe captou a admiração dos dois dignos oficiais por algumas confidências sobre a conspiração descoberta, que foi, como se sabe, a última tentativa do antigo Exército contra os Bourbon, pois o processo dos sargentos de La Rochelle[147] pertence a outra ordem de ideias.

A partir de 1822, alertados pela sorte da conspiração de 19 de agosto de 1820, pelos casos Berton[148] e Caron,[149] os militares contentaram-se em aguardar os acontecimentos. Essa última conspiração, irmã mais moça da de 19 de agosto, foi a mesma,

reproduzida com melhores elementos. Como a outra, ficou completamente ignorada do governo real. Novamente descobertos, os conspiradores tiveram a habilidade de reduzir seu vasto empreendimento às proporções mesquinhas duma trama de caserna. Essa conspiração, a que aderiram vários regimentos de cavalaria, infantaria e de artilharia, tinha seu foco no norte da França. Em caso de êxito, os tratados de 1815 seriam rompidos por uma súbita federação da Bélgica, arrebatada à Santa Aliança, graças a um pacto militar entre soldados. Dois tronos desabariam num momento nesse rápido furacão. Em lugar desse formidável plano concebido por espíritos decididos e no qual estavam envolvidas altas personalidades, apenas um detalhe foi denunciado à Corte dos Pares. Felipe Bridau consentiu em encobrir seus chefes, que desapareceriam no momento em que as tramas, por traição ou por obra do acaso, eram descobertas, e que, como tivessem assento nas Câmaras, prometiam sua cooperação apenas para completar o triunfo no seio do governo. Descrever o plano que, a partir de 1830, as confissões dos liberais têm revelado em toda sua profundidade e em suas ramificações ignoradas pelos iniciados inferiores seria invadir o domínio da História e lançar-se numa digressão demasiado longa. Este apanhado basta para explicar o duplo papel aceito por Felipe. O antigo oficial de ordens do imperador devia dirigir um movimento projetado em Paris, unicamente para mascarar a verdadeira conspiração e ocupar o governo em seu centro enquanto ela explodiria no norte. Felipe foi, então, incumbido de romper a trama entre as duas conspirações, revelando apenas os segredos de ordem secundária. A espantosa penúria que seu traje e seu estado de saúde testemunhavam servia, também, para desconsiderar, para diminuir o plano aos olhos do governo. O papel convinha à situação precária desse jogador sem princípios. Sentindo-se a cavaleiro sobre dois partidos, o astuto Felipe fez-se de inocente ante o governo real e conservou a estima das figuras mais importantes de seu partido, prometendo-se, porém, lançar-se mais tarde no caminho que lhe oferecesse mais vantagens. Essas revelações sobre a imensa importância da verdadeira conspiração e sobre a participação de alguns juízes fizeram de Felipe, aos olhos de Carpentier e de Mignonnet, um homem da mais alta

distinção, pois sua dedicação revelou um político digno dos belos dias da Convenção. Assim, o esperto bonapartista tornou-se, em poucos dias, amigo dos dois oficiais e a consideração que estes desfrutavam necessariamente se refletiu sobre ele. Conseguiu imediatamente, graças à recomendação dos srs. Mignonnet e Carpentier, o cargo indicado pelo velho Hochon na agência de seguros mútuos do departamento do Cher. Encarregado de fazer registros como numa recebedoria, encher de nomes e algarismos cartas impressas e angariar apólices de seguro, não tinha mais de três horas de ocupação por dia. Mignonnet e Carpentier introduziram o hóspede de Issoudun em seu círculo, onde sua atitude e suas maneiras, em harmonia, aliás, com o alto conceito que Mignonnet e Carpentier faziam desse chefe de conspiração, lhe valeram o respeito que se concede a aparências muitas vezes enganadoras.

Felipe, cuja conduta foi profundamente calculada, refletira durante a prisão sobre os inconvenientes duma vida desregrada. Não precisara, portanto, do sermão de Desroches para compreender a necessidade de granjear a estima da burguesia por uma vida honesta, decente e metódica. Encantado de satirizar Max comportando-se como Mignonnet, queria acalmar Maxêncio enganando-o sobre seu caráter. Esforçava-se por passar por tolo mostrando-se generoso e desinteressado, enquanto fazia o cerco ao adversário e ambicionava a herança do tio; ao passo que sua mãe e seu irmão, tão realmente desinteressados, generosos e nobres, haviam sido tachados de interesseiros enquanto agiam com uma ingênua simplicidade. A ambição de Felipe acendera-se em razão da fortuna do tio, que o sr. Hochon lhe detalhara. Na primeira palestra que teve secretamente com o octogenário, ambos concordaram sobre a obrigação em que se achava Felipe de não despertar a desconfiança de Max, pois bastaria que Flora e Max levassem sua vítima a Bourges para que tudo fosse por água abaixo.

Uma vez por semana, o coronel jantou na casa do capitão Mignonnet, outra na de Carpentier e às quintas-feiras na do sr. Hochon. Convidado, logo, para mais duas ou três casas, após três semanas de permanência, quase que só precisava pagar o almoço. Em

parte alguma falou do tio, nem da Gapuiadora nem de Gilet, salvo quando queria informar-se de alguma coisa relativamente à estada de sua mãe e de seu irmão. E, por fim, os três oficiais, os únicos que eram condecorados, e entre os quais Felipe tinha a vantagem da roseta, o que lhe dava, aos olhos de todos, uma superioridade muito apreciada na província, passeavam juntos, à mesma hora, antes do jantar, fazendo, segundo uma expressão vulgar, *uma vida à parte*. Essa atitude, essa reserva, essa tranquilidade produziam excelente efeito em Issoudun. Todos os partidários de Max viram em Felipe um *soldado de fibra*, expressão pela qual os militares conferem a mais vulgar das coragens aos oficiais superiores e lhes recusam as capacidades exigidas para o comando.

— É um homem muito digno — dizia Goddet pai a Max.

— Bah! — respondeu o comandante Gilet. — Sua conduta ante a Corte dos Pares revela uma vítima ou um espião; e, como diz o senhor, ele é bastante tolo para ter sido vítima dos grandes políticos.

Após ter conseguido o emprego, Felipe, ciente dos *fatalórios* do lugar, quis ocultar o máximo possível à cidade o conhecimento de certas coisas. Hospedou-se, pois, numa casa situada na extremidade do Faubourg de Saint-Paterne, que tinha ao lado um enorme jardim. Pôde ali, sob o mais rigoroso sigilo, exercitar-se nas armas com Carpentier, que fora mestre de esgrima nas forças combatentes antes de passar para a Guarda Imperial. Após ter assim recuperado, secretamente, sua antiga superioridade, Felipe aprendeu de Carpentier segredos que lhe permitiram não temer o mais forte adversário. Pôs-se, então, a exercitar-se na pistola com Mignonnet e Carpentier, aparentemente por distração, mas, em realidade, para dar a entender a Maxêncio que em caso de duelo contava com essa arma. Quando Felipe encontrava Gilet, esperava que ele o cumprimentasse e respondia levantando a aba do chapéu de maneira cavalheiresca, como faz um coronel que responde à saudação dum soldado. Maxêncio Gilet nunca dava o menor sinal de irritação, ou descontentamento; nunca lhe escapara a mínima palavra a esse respeito na casa de Cognette, onde ainda realizavam ceias, embora depois da punhalada de Fario, as perversas brincadeiras tivessem sido provisoriamente suspensas. Ao fim de certo

tempo, o desprezo do tenente-coronel Bridau pelo chefe de batalhão Gilet tornou-se evidente, provocando comentários entre alguns dos Cavalheiros da Malandragem que não eram tão intimamente ligados a Maxêncio como Baruch, Francisco e outros três ou quatro. Causou espanto geral ver o violento, o fogoso Max conduzir-se com tamanha reserva. Pessoa alguma em Issoudun, nem mesmo Potel ou Renard, ousou abordar esse ponto delicado com Gilet. Potel, muito impressionado com essa desinteligência pública entre dois bravos da Guarda Imperial, apresentava Max como muito capaz de urdir uma trama em que o coronel se deixaria prender. Segundo Potel, podia-se esperar algo de novo depois do que Max fizera para afugentar o irmão e a mãe, pois o caso de Fario já não era mistério. O sr. Hochon não deixara de contar aos velhos da cidade a atroz perfídia de Gilet. Além disso, o sr. Mouilleron, herói dum *ditinho burguês*, revelou confidencialmente o nome do agressor de Gilet, provavelmente apenas para investigar as causas da inimizade de Fario contra Max a fim de manter a justiça alerta sobre acontecimentos futuros. Comentando a situação do tenente-coronel perante Max e procurando adivinhar o que resultaria desse antagonismo, a cidade os colocou, antecipadamente, como adversários. Felipe, que procurava com solicitude os detalhes da prisão do irmão, os antecedentes de Gilet e os da Gapuiadora, acabou por entrar em relações muito íntimas com Fario, seu vizinho. Após ter bem estudado o espanhol, Felipe achou que podia fiar-se num homem dessa têmpera. E de tal modo ambos se identificaram no seu ódio que Fario se colocou à disposição de Felipe contando-lhe tudo quanto sabia sobre os Cavalheiros da Malandragem. Felipe prometeu a Fario indenizá-lo de suas perdas se conseguisse assumir sobre seu tio o domínio que exercia Gilet e assim conquistou um fanático aliado. Maxêncio estava, assim, diante dum inimigo temível; encontrava, conforme o ditado do lugar, *com quem falar*. Animada por seus *fatalórios*, a cidade de Issoudun pressentia um combate entre esses dois personagens que, notem, se desprezavam mutuamente.

TERCEIRA PARTE

A QUEM A SUCESSÃO?

I — CAPÍTULO PARA SER MEDITADO PELOS HERDEIROS

Pelo fim de novembro, ao meio-dia, no grande boulevard de Frapesle, Felipe, ao encontrar o sr. Hochon, disse-lhe:

— Descobri que seus dois netos Baruch e Francisco são amigos íntimos de Maxêncio Gilet. Os patifes participam à noite de todas as façanhas que se realizam na cidade. Assim, Maxêncio soube por eles tudo quanto se dizia em sua casa quando meu irmão e minha mãe estavam lá.

— E como obteve a prova desses horrores?

— Eu os vi conversando, à noite, ao sair da taberna. Cada um de seus netos deve mil escudos a Maxêncio. O miserável disse aos pobres meninos que tratem de descobrir quais são as nossas intenções. Recordando-lhes que o senhor encontrara um meio de cercar meu tio pela padrecada, disse-lhes que o senhor é o único que me pode orientar, pois, felizmente, ele me toma por um sujeito leviano.

— Como, meus netos?

— Espreite-os — replicou Felipe — e os verá voltar pela Place Saint-Jean, às duas ou três da madrugada, bêbados como rolhas de champanhe e na companhia de Maxêncio...

— Aí está por que meus diabinhos são tão sóbrios! — disse o sr. Hochon.

— Fario deu-me informações sobre sua vida noturna — continuou Felipe. — Se não fosse ele, eu nunca teria descoberto. Meu tio está sob uma opressão horrível, a julgar pelas poucas palavras que meu espanhol ouviu Max dizer a seus netos. Suspeito que Max e a Gapuiadora tenham concebido o plano de surrupiar os cinquenta mil

francos de renda e fugir para casar-se em qualquer lugar, após terem arrancado essa asa a seu pombo. Já é tempo de saber o que se passa na casa de meu tio; mas não sei como fazer.

— Pensarei nisso — disse o velho.

Felipe e o sr. Hochon separaram-se ao ver aproximarem-se algumas pessoas.

Nunca, em momento algum de sua vida, João-Jaques Rouget sofreu tanto como depois da primeira visita de seu sobrinho Felipe. Flora, apavorada, tinha o pressentimento de um perigo que ameaçava Maxêncio. Cansada do patrão, e receando que ele ainda vivesse muitos anos ao vê-lo resistir durante tanto tempo às suas práticas criminosas, imaginou o plano muito simples de deixar o lugar e ir desposar Maxêncio em Paris, após ter feito colocar em seu nome a inscrição de cinquenta mil francos de renda. O solteirão, guiado não por interesse pelos herdeiros nem por avariza pessoal, mas por paixão, negava-se a dar a inscrição a Flora, objetando que ela era sua única herdeira. O desgraçado sabia a que ponto Flora amava Maxêncio e via-se abandonado no momento em que ela estivesse suficientemente rica para casar-se.

Quando, após ter empregado as mais ternas carícias, Flora se viu recusada, passou a fazer uso de seus rigores: não falava mais com o patrão, fazia com que ele fosse atendido pela Védia, que uma manhã encontrou o velho com os olhos vermelhos por ter chorado durante a noite. Havia uma semana, o tio Rouget almoçava sozinho, e só Deus sabe como! Assim, no dia seguinte ao de sua palestra com o sr. Hochon, Felipe, que quis fazer uma segunda visita ao tio, achou-o muito mudado. Flora ficou junto do velho, dirigiu-lhe olhares afetuosos, falou-lhe ternamente e representou tão bem a comédia que Felipe percebeu o perigo da situação através de tanta solicitude em sua presença. Gilet, cuja política consistia em evitar qualquer espécie de colisão com Felipe, não apareceu. Após ter observado o tio Rouget e Flora com um olhar perspicaz, o coronel julgou necessário dar um grande golpe.

— Adeus, meu caro tio — disse ele, levantando-se com um gesto que denotava a intenção de sair.

— Oh! Não te vás ainda — exclamou o velho, a quem a falsa ternura de Flora fazia bem. — Janta conosco, Felipe.

— Sim, se o senhor quiser vir passar uma hora comigo.

— O senhor está muito adoentado — disse a srta. Brazier. — Agora mesmo ele não quis sair de carro — acrescentou ela, voltando-se para o bom homem e fitando-o com esse olhar fixo com que se dominam os loucos.

Felipe tomou Flora pelo braço, obrigou-a a encará-lo e fitou-a tão fixamente como ela acabava de fitar sua vítima.

— Diga-me uma coisa, senhorita — perguntou ele —, acaso meu tio não tem liberdade para passear comigo?

— Mas é claro que tem — contestou Flora, que não podia responder outra coisa.

— Então, venha, meu tio. Senhorita, dê-lhe a bengala e o chapéu...

— Mas, habitualmente, ele não sai sem mim. Não é, senhor?

— Sim, Felipe, sim, eu sempre preciso muito dela...

— Seria melhor ir de carro — disse Flora.

— Sim, vamos de carro — exclamou o velho, no seu desejo de pôr seus dois tiranos de acordo.

— Meu tio, o senhor virá a pé e comigo, ou não voltarei mais aqui, pois isso mostraria que a cidade de Issoudun tem razão: o senhor estaria sob o domínio da srta. Flora Brazier. Que meu tio a ame, está bem! — acrescentou, fixando em Flora um olhar de chumbo. — Que a senhorita não ame meu tio, ainda se admite. Mas que faça o velhote infeliz... alto lá! Quando se quer uma herança, é preciso merecê-la. Vem, meu tio?

Felipe viu então uma cruel hesitação desenharse no rosto do pobre imbecil, cujos olhos iam de Flora para o sobrinho.

— Ah! Então é assim! — continuou o tenente-coronel. — Pois bem, adeus, meu tio. Quanto à senhorita, beijo-lhe as mãos.

Voltou-se bruscamente ao chegar à porta e surpreendeu ainda uma vez um gesto de ameaça de Flora para o tio.

— Meu tio — disse —, se quiser vir passear comigo, espere-me à porta. Vou fazer uma visita de dez minutos ao sr. Hochon... Se não formos passear, eu me encarregarei de mandar muita gente passear.

E Felipe atravessou a Place Saint-Jean para ir à casa dos Hochon.

Todos devem imaginar a cena que provocou na família Hochon a revelação feita por Felipe. Às nove horas, o velho sr. Héron apresentou-se munido de papéis, e encontrou fogo na lareira, que o velho, contra seus hábitos, mandara acender. Vestida fora de horas, a sra. Hochon ocupava sua poltrona junto à lareira. Os dois netos, prevenidos por Adolfinha do temporal que desde a véspera se vinha armando sobre suas cabeças, tinham ficado em casa. Chamados por Gritte, surpreenderam-se ante o aparato organizado pelos avós, cuja frieza e cuja cólera ribombavam sobre eles há vinte e quatro horas.

— Não se levante por causa deles — disse o octogenário ao sr. Héron —, pois o senhor está na presença de dois miseráveis indignos de perdão.

— Oh! Vovozinho! — disse Francisco.

— Cale-se — replicou o solene velho. — Sei de sua vida noturna e de suas ligações com o sr. Maxêncio Gilet. Mas vocês não irão mais encontrá-lo na Cognette, à uma da madrugada, pois não sairão mais daqui, ambos, a não ser para onde têm de ir. Ah! Vocês arruinaram Fario? Ah! Vocês já estiveram várias vezes a ponto de ser processados? Cale-se — disse, ao ver Baruch abrir a boca. — Vocês dois devem dinheiro ao sr. Maxêncio, que há seis anos lhes faz empréstimos para suas farras. Escutem bem as contas de minha tutela e depois falaremos. Depois destes atos, vocês verão se podem escarnecer de mim, da família e de suas leis, traindo os segredos de minha casa, comunicando ao sr. Maxêncio Gilet o que aqui se diz e se faz... Por mil escudos, vocês se tornam espiões; por dez mil talvez se façam assassinos... Já quase não mataram a sra. Bridau? O sr. Gilet sabia muito bem que foi Fario quem o apunhalou, ao atribuir o crime a meu hóspede, José Bridau. Se o malandro cometeu tal crime, foi por ter sabido por vocês da intenção que tinha a sra. Ágata de permanecer aqui. Vocês, meus netos, espiões de tal homem! Vocês, velhacos! Não sabiam que seu digno chefe, no começo de sua carreira, em 1806, já matou uma pobre moça? Não quero saber de assassinos nem de ladrões na minha família. Arrumem suas trouxas e vão fazer-se enforcar em qualquer outro lugar!

Os moços ficaram brancos e imóveis como estátuas de gesso.

— Tenha a bondade, sr. Héron — disse o avarento ao tabelião.

O velho leu uma conta de tutela da qual resultava que a fortuna clara e líquida dos dois Borniche era de setenta mil francos, soma que representava o dote de sua mãe; mas, como o sr. Hochon emprestara à filha grandes quantias, ficara, por esses empréstimos, dono duma parte da fortuna de seus netos Borniche. O saldo que tocava a Baruch era de vinte mil francos.

— Como vês, estás rico! — disse o velho. — Agarra tua fortuna e vai viver sozinho! Eu fico senhor de dar meus bens e os da sra. Hochon, que neste momento partilha de todas as minhas ideias, a quem eu quiser, à nossa querida Adolfinha: sim, nós lhe faremos desposar o filho dum par de França, se quisermos, pois ela ficará com todo nosso dinheiro.

— Uma belíssima fortuna! — disse o sr. Héron.

— O sr. Maxêncio Gilet os indenizará — disse a sra. Hochon.

— Vá a gente juntar moeda por moeda para malandros como esses! — exclamou o sr. Hochon.

— Perdão! — disse Baruch, balbuciando.

— *Perdão e não faço mais!* — repetiu zombeteiramente o velho imitando a voz das crianças. — Se eu os perdoar, vocês irão prevenir o sr. Maxêncio do que lhes está acontecendo para que ele tome providências... Não, não, meus senhores. Tenho meios de saber como vocês se comportarão. Como vocês agirem, eu agirei. Não será pela boa conduta de um dia nem de um mês que eu os julgarei; e sim pela de vários anos! Tenho bons pés, boa vista, boa saúde. Espero ainda viver bastante para ver que caminho vocês tomarão. E, para começar, você, senhor capitalista, irá para Paris praticar no banco do sr. Mongenod. [150] Pior para você, se não andar direito! Lá terão os olhos em cima de você. Seu dinheiro está no banco dos srs. Mongenod e filhos; aqui está uma ordem de pagamento dessa importância. Agora, exonere-me da tutela, assinando a respectiva conta, que se encerra por uma quitação — disse, tomando a conta das mãos de Héron e entregando-a a Baruch. — Quanto a você, Francisco Hochon, deve-me dinheiro em vez de ter a receber — disse o velho, olhando para o outro neto. — Sr.

Héron, leia-lhe sua conta, está claro... muito claro.

A leitura se fez sob um profundo silêncio.

— Você irá, com seiscentos francos por ano, para Poitiers, estudar Direito — disse o avô, quando o tabelião terminou. — Eu lhe estava preparando uma bela existência; agora, você precisa fazer-se advogado para ganhar a vida. Ah! Meus patifes, vocês me lograram durante seis anos! Agora ficam sabendo que me bastou uma hora para lográ-los: tenho botas de sete léguas.

No momento em que o velho sr. Héron saiu levando os documentos assinados, Gritte anunciou o sr. coronel Felipe Bridau. A sra. Hochon retirou-se, conduzindo os dois netos para seu quarto, a fim de confessá-los, segundo a expressão do velho Hochon, e de saber o efeito que aquela cena produzira sobre eles.

Felipe e o velho ficaram no vão duma janela e conversaram em voz baixa.

— Refleti muito sobre a situação de seus negócios — disse o sr. Hochon, mostrando a casa Rouget. — Acabo de conversar sobre isso com o sr. Héron. A inscrição de cinquenta mil francos de renda só pode ser vendida pelo próprio titular ou por um procurador; ora, desde que o senhor chegou, seu tio não assinou procuração em nenhum cartório; e, como não saiu de Issoudun, não pode ter assinado em outra parte. Se ele der uma procuração aqui, nós o saberemos imediatamente; se ele a der noutro lugar, do mesmo modo o saberemos, pois será preciso registrá-la e o digno sr. Héron tem como ser informado disso. Assim, se o velho sair de Issoudun, mande segui-lo, descubra aonde ele foi e encontraremos meios de saber o que ele tiver feito.

— A procuração não foi dada — disse Felipe. — Querem-na, mas espero poder impedir que ela seja dada. E-não-se-rá-da-da! — exclamou o soldado, ao ver o tio à porta e mostrando-o ao sr. Hochon, a quem narrou sucintamente os incidentes, ao mesmo tempo tão pequenos e tão grandes de sua visita.

— Maxêncio tem medo de mim, mas não pode evitar-me. Mignonnet disse-me que todos os oficiais do antigo Exército festejam, todos os anos, em Issoudun, o aniversário da coroação do imperador. Pois bem, daqui a dois dias, Maxêncio e eu nos encontraremos.

— Se ele tiver a procuração no dia 1º de dezembro pela manhã, tomará a posta para ir a Paris e mandará o aniversário à fava...

— Bem! Teriam que prender meu tio num quarto; mas tenho o olhar que chumba os imbecis — disse Felipe, fazendo o sr. Hochon estremecer por um olhar atroz.

— Se eles deixarem que o bom homem vá passear consigo — observou o velho avaro — é porque certamente Maxêncio descobriu um meio de ganhar a partida.

— Oh! Fario está vigiando — replicou Felipe — e não é o único a vigiar. Esse espanhol me descobriu, nas cercanias de Vatan, um de meus antigos soldados que me deve favores! Sem que ninguém desconfie, Benjamin Bourdet está às ordens do meu espanhol, que espontaneamente colocou um de seus cavalos à disposição de Benjamin.

— Se o senhor matar esse monstro que perverteu meus netos, praticará, sem dúvida, uma boa ação.

— Atualmente, graças a mim, sabe-se em toda Issoudun o que o sr. Maxêncio faz à noite, há seis anos — respondeu Felipe. — E os *fatalórios*, segundo sua expressão, estão aumentando a respeito dele. Moralmente, está perdido!

Logo que Felipe saiu da casa do tio, Flora entrou no quarto de Maxêncio para narrar-lhe os mínimos detalhes da visita que acabara de fazer o audacioso sobrinho.

— Que vamos fazer? — disse ela.

— Antes de chegar à medida extrema, que será bater-me com esse grande cadáver — respondeu Maxêncio —, preciso arriscar tudo, tentando um grande golpe. Deixa que nosso imbecil vá com o sobrinho!

— Mas esse maroto não anda com rodeios — disse Flora — e dará às coisas seu verdadeiro nome.

— Escuta-me — disse Maxêncio, num tom de voz estridente. — Pensas que não andei escutando às portas nem refleti sobre nossa situação? Pede um cavalo e um churrião ao tio Cognet, precisamos deles com urgência! Tudo deve estar pronto em cinco minutos. Mete dentro dele todas as tuas coisas, leva Védia contigo e corre a Vatan, instala-te como se fosses ficar morando lá e leva os vinte mil francos

que estão na sua secretária. Se eu te levar o velho a Vatan, não consintas em recebê-lo senão depois da assinatura da procuração. Quanto a mim, darei uma escapada a Paris enquanto voltareis para Issoudun. Quando, ao retornar de seu passeio, João-Jaques não te encontrar mais, perderá a cabeça, quererá sair correndo atrás de ti... Pois bem, nessa ocasião eu me encarrego de falar com ele...

Durante essa conspiração, Felipe conduzia o tio pelo braço e ia passear com ele na avenue Baron.

— Eis dois grandes políticos em campo — disse consigo o velho Hochon, seguindo com os olhos o coronel que segurava o tio pelo braço. — Estou curioso por ver o fim desta partida, cuja parada é de noventa mil francos de renda.

— Meu caro tio — disse Felipe ao tio Rouget, cuja fraseologia se ressentia de suas ligações em Paris —, o senhor gosta dessa moça, e tem toda a razão, ela é terrivelmente bonita! Em vez de o tratar com carinho, ela o faz comportar-se como um criado, o que ainda passa; mas ela gostaria de vê-lo a seis pés abaixo da terra, a fim de desposar esse Maxêncio, que ela adora...

— Sei disso, Felipe, mas gosto dela do mesmo modo.

— Pois bem, pela felicidade de minha mãe, que é verdadeiramente sua irmã — replicou Felipe —, jurei tornar-lhe sua Gapuiadora macia como uma luva, tal como ela devia ser antes que esse vagabundo, indigno de ter servido na Guarda Imperial, tenha vindo meter-se na sua vida...

— Oh! Se fizesses isso! — disse o velho.

— É muito simples — respondeu Felipe, cortando a palavra ao tio. — Matarei Maxêncio como a um cão... Mas... sob uma condição — acrescentou o soldado.

— Qual? — indagou o velho Rouget, olhando para o sobrinho com uma expressão de pasmo.

— Não assine antes de 3 de dezembro a procuração que lhe pedem. Retarde-a até lá. Esses dois patifes querem permissão para vender seu título de cinquenta mil francos de renda unicamente para irem casar-se em Paris e gozar a lua de mel com seu milhão...

— Tenho muito medo disso — respondeu Rouget.

— Pois bem, façam o que fizerem, proteja a procuração para a semana que vem.

— Sim, mas quando Flora me fala, ela me sacode a alma e me faz perder a razão. Escuta, quando ela me olha dum certo modo, seus olhos azuis me parecem o paraíso e já não sou senhor de mim, principalmente quando faz alguns dias que ela me vem tratando com rigor.

— Pois bem, se ela se fizer de engraçadinha, contente-se em prometer-lhe a procuração e avise-me na véspera da assinatura. Isso me bastará: Maxêncio não será seu procurador, a não ser que me mate. Se eu o matar, o senhor me levará para casa em seu lugar e eu então farei Flora andar na linha com o senhor. Sim, Flora passará a gostar do senhor, palavra! Ou, se o senhor não ficar satisfeito com ela, eu a chicotearei.

— Oh! Eu não suportaria isso. Um golpe desferido em Flora me atingiria o coração.

— Mas essa é a única maneira de governar as mulheres e os cavalos. É assim que um homem se faz temer, amar e respeitar. Era isso que eu queria dizer-lhe ao ouvido. — Bom dia, senhores — disse ele a Mignonnet e a Carpentier. — Estou fazendo meu tio dar um passeio, como veem, e tratando de educá-lo, pois estamos num século em que os netos são obrigados a educar os avós.

Trocaram cumprimentos.

— Os senhores estão vendo em meu querido tio os efeitos duma paixão infeliz — continuou o coronel. — Querem despojá-lo de sua fortuna e deixá-lo a ver navios. Sabem a quem me refiro. O bom homem não ignora a trama e não tem forças para passar sem *gulodices* durante uns dias a fim de desmanchar a conspiração.

Felipe expôs claramente a situação em que se encontrava o tio.

— Meus senhores — disse, para terminar —, estão vendo que só há duas maneiras de libertar meu tio: é preciso que o coronel Bridau mate o comandante Gilet ou o comandante Gilet mate o coronel Bridau. Depois de amanhã comemoraremos a coroação do imperador. Conto com os senhores para dispor os lugares no banquete de maneira que eu fique à frente do comandante Gilet. Espero que os senhores me deem a

honra de ser minhas testemunhas.

— Nós o nomearemos presidente e ficaremos a seu lado. Max, como vice-presidente, ficará à sua frente — disse Mignonnet.

— Oh! Esse patife terá a seu favor o comandante Potel e o capitão Renard — disse Carpentier. — Apesar do que se diz na cidade sobre suas incursões noturnas, esses dois dignos senhores já foram seus padrinhos e lhe serão fiéis.

— Veja, meu tio, como tudo se arranja — disse Felipe. — Assim, não assine nada antes de 3 de dezembro, pois até lá o senhor será livre, feliz, amado por Flora e não mais andará cercado de vassalos.

— Não o conheces, meu sobrinho — disse o velho, assustado. — Maxêncio matou nove homens em duelo.

— Sim, mas não se tratava de roubar cem mil francos de renda — respondeu Felipe.

— Uma consciência suja inutiliza a mão — disse sentenciosamente Mignonnet.

— Daqui a alguns dias — acrescentou Felipe — o senhor e a Gapuiadora estarão vivendo juntos como dois corações em lua de mel, logo que passe o luto; ela, certamente, se retorcerá como um verme, gritará, chorará; mas... deixe a água correr!

Os dois militares apoiaram a argumentação de Felipe e esforçaram-se por dar ânimo ao tio Rouget, com quem passearam durante cerca de duas horas. Finalmente, Felipe levou o tio para casa, dizendo-lhe como conclusão:

— Não tome decisão alguma sem mim. Conheço as mulheres, já paguei uma que me custou muito mais caro do que Flora poderá custar ao senhor!... E ela me ensinou como agir com o belo sexo para o resto dos meus dias. As mulheres são crianças más, são animais inferiores ao homem e precisamos fazer-nos temer por elas, pois a pior condição para nós é sermos governados por essas estúpidas!

Eram cerca de duas horas da tarde quando o bom homem voltou para casa. Kuski abriu a porta chorando, ou, pelo menos, segundo as ordens de Maxêncio, dava a impressão de chorar.

— Que há? — perguntou João-Jaques.

— Ah! senhor, a senhora partiu com Védia!

— Pa... artiu? — disse o velho, com uma voz estrangulada.

O golpe foi tão violento que Rouget se sentou num degrau da escada. Um momento mais tarde, ergueu-se, examinou a sala, a cozinha, subiu a seu apartamento, percorreu todos os quartos, voltou à sala, atirou-se a uma poltrona e rompeu em pranto.

— Onde está ela? — gritava, soluçando. — Onde está ela? Onde está Max?

— Não sei — respondeu Kuski. — O comandante saiu sem me dizer nada.

Gilet, hábil político, achara necessário ir passear pela cidade. Deixando o velho só no seu desespero, fazia-lhe sentir seu abandono e desse modo o tornaria dócil a seus conselhos. Mas, para impedir que Felipe assistisse o tio nessa crise, Max recomendara a Kuski que não abrisse a porta a ninguém. Flora ausente, o velho ficaria desatinado e a situação se tornaria extremamente crítica. Durante seu giro pela cidade, Maxêncio Gilet foi evitado por muitas pessoas que, na véspera, teriam corrido a apertar-lhe a mão. Erguia-se uma reação geral contra ele.

As façanhas dos Cavalheiros da Malandragem ocupavam todas as palestras. A história do arresto de José Bridau, agora esclarecida, desonrava Max, cuja vida e obras vinham a público num só dia. Gilet encontrou o comandante Potel, que andava à sua procura e que estava fora de si.

— Que tens, Potel?

— Meu caro, a Guarda Imperial está servindo de troça em toda a cidade! Os *paisanos* te censuram e, por tabela, isso me toca ao fundo do coração.

— De que se queixam eles? — perguntou Max.

— Do que lhes fazias à noite.

— Como se a gente não pudesse se divertir um pouquinho!

— Isso não é nada — disse Potel.

Potel pertencia a esse gênero de oficiais que respondia a um burgomestre: “Está bem, se incendiarmos sua cidade, pagaremos!”. Assim, pouco se importava com as façanhas da Malandragem.

— Que há mais?

— A guarda está contra a guarda! E é isso que me aflige o coração. Foi Bridau quem desencadeou todos esses burgueses sobre ti. A guarda contra a guarda! Não, isso não está direito! Não podes recuar, Max, e tens de enfrentar Bridau. Olha, eu tinha vontade de provocar esse grande canalha e abatê-lo, pois assim os burgueses não teriam visto a guarda contra a guarda. Na guerra, afinal, não digo que não: dois heróis da guarda têm uma discussão, batem-se, não há paisanos para rir deles. Não, esse grande patife nunca serviu na guarda. Um homem da guarda não deve portar-se assim, diante dos burgueses, contra outro homem da guarda! Ah! A guarda está desmoralizada e logo em Issoudun! Onde ela era honrada!

— Vamos, Potel, não te preocupes — respondeu Maxêncio. — Mesmo que não me vejas no banquete de aniversário...

— Então não irás ao Lacroix depois de amanhã? — exclamou Potel, interrompendo o amigo. — Mas queres então passar por poltrão, dar a impressão de fugir de Bridau? Não, não! Os granadeiros da infantaria da guarda não devem recuar diante dos Dragões da Guarda. Arranja teus negócios de outro modo e vai lá!

— Mais um a liquidar — disse Max. — Está bem, penso que posso comparecer lá e resolver meus negócios! Pois — pensou — é preciso que a procuração não seja passada em meu nome. Como disse o velho Héron, isso tomaria muito o aspecto dum roubo.

Esse leão, colhido nas malhas urdidas por Felipe Bridau, estremeceu intimamente; evitou os olhares de quantos encontrou e voltou pelo Boulevard Vilatte monologando:

— Antes de bater-me, conseguirei a inscrição de renda — pensava. — Se eu morrer, ao menos ela não tocará a Felipe. Já a terei transferido para o nome de Flora. Conforme minhas instruções, a menina irá em seguida para Paris e poderá, se quiser, desposar o filho de algum marechal desempregado do Império. Farei passar a procuração no nome de Baruch, que só transferirá por ordem minha.

Max — é preciso fazer-lhe esta justiça — nunca estava mais calmo na aparência que quando seu sangue e suas ideias ferviam. Também nunca se viram reunidas no mais alto grau, num militar, as qualidades que fazem o grande general. Se ele não tivesse sido interrompido na

sua carreira pela prisão, o imperador teria certamente nesse rapaz um desses homens tão necessários aos vastos empreendimentos. Ao entrar na sala onde a vítima dessas cenas ao mesmo tempo cômicas e trágicas continuava a chorar, Max indagou a causa dessa desolação: fingiu espanto, aparentou não saber de nada, recebeu com uma surpresa bem representada a notícia da partida de Flora e interrogou Kuski para conseguir algum esclarecimento sobre o fim dessa viagem inexplicável.

— A senhora me disse — respondeu Kuski — que dissesse ao patrão que ela tirara da secretária os vinte mil francos em ouro que lá estavam, pensando que o patrão não lhe recusaria essa importância para suas despesas, depois de vinte e dois anos.

— Suas despesas? — interveio Rouget.

— Sim — respondeu Kuski. — “Ah! Não voltarei mais!”, dizia ela a Védia quando saíram (pois a pobre Védia, que ficou gostando muito do patrão, estava procurando convencer a senhora de ficar). “Não, não!”, dizia ela, “ele não tem a menor afeição por mim, deixou seu sobrinho tratar-me como a última das últimas!” E chorava... chorava...

— Eh! Pouco me importo com Felipe! — exclamou o velho, enquanto Maxêncio o observava. — Onde está Flora? Como é que se pode saber onde ela está?

— Felipe, cujos conselhos o senhor segue, o ajudará — respondeu friamente Maxêncio.

— Felipe! — disse o velho. — Que pode ele sobre a pobrezinha? Só mesmo tu, meu bom Max, poderás encontrar Flora, ela te seguirá, tu ma trarás de volta...

— Não quero entrar em conflito com o sr. Bridau — disse Max.

— Ora! — exclamou Rouget — se é isso que te incomoda, fica sabendo que ele me prometeu matar-te.

— Ah! — disse Gilet, rindo — veremos.

— Meu amigo — disse o velho —, descobre onde está Flora e dize-lhe que farei tudo o que ela quiser...

— Devem tê-la visto passar por algum lugar da cidade — disse Maxêncio a Kuski. — Serve-nos o jantar, põe tudo na mesa e vai informar-te de casa em casa, a fim de poderes dizer-nos, à sobremesa, que estrada tomou a srta. Brazier.

Essa ordem acalmou por um momento o pobre homem, que gemia como uma criança que perdeu a ama. Nesse momento, Maxêncio, que Rouget odiava como a causa de todos os seus infortúnios, parecia-lhe um anjo. Uma paixão como a de Rouget por Flora parece-se admiravelmente com a infância. Às seis horas, o polonês, que estivera calmamente passeando, voltou e anunciou que a Gapuiadora tomara a estrada de Vatan.

— A senhora volta para sua terra, é claro — disse Kuski.

— Quer ir esta noite a Vatan? — disse Max ao velho. — A estrada é ruim, mas Kuski sabe guiar e o senhor se reconciliará mais facilmente esta noite às oito horas que amanhã de manhã.

— Vamos! — exclamou Rouget.

— Atrela o cavalo sem ruído e faz com que a cidade não saiba nada destas tolices, para não desmoralizar o sr. Rouget. Sela meu cavalo, irei na frente — disse ao ouvido de Kuski.

O sr. Hochon já comunicara a partida da sra. Brazier a Felipe, que deixou a mesa do sr. Mignonnet para correr à Place Saint-Jean, pois percebeu perfeitamente o objetivo dessa hábil estratégia. Quando Felipe bateu à casa do tio, Kuski lhe respondeu duma janela do primeiro andar que o sr. Rouget não podia receber ninguém.

— Fario — disse Felipe ao espanhol, que andava passeando pela Grande Narette —, vai dizer a Benjamim que monte a cavalo; preciso saber com urgência que é que meu tio e Maxêncio vão fazer.

— Estão atrelando o cavalo à berlinda — disse Fario, que vigiava a casa de Rouget.

— Se eles forem a Vatan — disse Felipe — arranja-me outro cavalo e volta com Benjamim à casa do sr. Mignonnet.

— Que espera fazer? — perguntou o sr. Hochon, que saiu de casa ao ver Felipe e Fario na praça.

— O talento dum general, meu caro sr. Hochon, consiste não só em bem observar os movimentos do inimigo, mas também em descobrir suas intenções por seus movimentos e em modificar constantemente seu plano à medida que o inimigo o perturba por meio duma marcha imprevista. Olhe, se meu tio e Maxêncio saírem juntos na berlinda, irão a Vatan. Maxêncio prometeu-lhe reconciliá-lo com Flora, que *fugit ad*

salices!'^[151] pois essa manobra é do general Virgílio. Se for assim, ainda não sei o que farei; mas tenho a noite inteira para pensar, pois meu tio não assinará uma procuração às dez horas da noite, os tabeliães estão deitados. Se, como o ruído dum segundo cavalo me indica, Max vai na frente de meu tio para dar instruções a Flora, o que parece necessário e verossímil, o patife está perdido! O senhor vai ver como nós, os velhos soldados, tomamos uma desforra no jogo das heranças... E como, para esse último lance da partida, preciso de uma testemunha, vou voltar à casa de Mignonnet a fim de entender-me com meu amigo Carpentier.

Após ter apertado a mão ao sr. Hochon, Felipe desceu a Petite Narette para ir à casa do comandante Mignonnet. Dez minutos mais tarde, o sr. Hochon viu Maxêncio partir a trote largo e sua curiosidade de velho se exaltou tanto que ele ficou de pé, à janela da sala, esperando o ruído da caleça, que não se fez esperar. A impaciência de João-Jaques lhe fez seguir Maxêncio a vinte minutos de distância. Kuski, sem dúvida por ordem do verdadeiro patrão, seguia a passo, pelo menos dentro da cidade.

— Se vão a Paris, tudo está perdido! — disse consigo o sr. Hochon.

Nesse momento, um rapazinho do Faubourg de Rome chegou à casa do sr. Hochon. Trazia uma carta para Baruch. Os dois netos do velho, envergonhados do que acontecera pela manhã, se haviam encerrado espontaneamente na casa do avô. Refletindo sobre o futuro, haviam reconhecido o quanto deviam tratar bem os avós. Baruch não podia ignorar a influência que seu avô Hochon exercia sobre seu avô e sua avó Borniche. O sr. Hochon não deixaria de fazer favorecer Adolfinha com todo o dinheiro dos Borniche, se sua conduta os autorizasse a transferir suas esperanças para o grande casamento de que o haviam ameaçado pela manhã. Mais rico que Francisco, Baruch tinha muito mais a perder. Mostrou-se, pois, duma submissão absoluta, não exigindo nada mais além do pagamento das dívidas contraídas com Max. Quanto a Francisco, seu futuro estava nas mãos do avô; só dele esperava dinheiro, pois, conforme a conta da tutela, longe de ter algo a receber, era ainda seu devedor. Solenes promessas foram então feitas pelos dois rapazes, cujo arrependimento foi estimulado pelos

interesses ameaçados e a sra. Hochon os tranquilizou a respeito de suas dívidas com Maxêncio.

— Vocês fizeram bobagens — disse-lhes ela. — Reparem-nas por uma conduta sensata e o sr. Hochon se abrandará. Assim, quando Francisco acabou de ler a carta por cima do ombro de Baruch, disse-lhe ao ouvido:

— Pede conselho a vovô.

— Olhe — disse Baruch, levando a carta ao velho.

— Leia-a para mim, estou sem as lunetas.

Meu caro amigo,

Espero que não hesitarás, nas circunstâncias graves em que me encontro, em prestar-me um serviço aceitando ser procurador do sr. Rouget. Assim, peço-te que estejas em Vatan amanhã às nove horas. Certamente eu te mandarei a Paris, mas fica tranquilo, eu te darei dinheiro para a viagem e logo me encontrarei contigo, pois estou mais ou menos certo de que serei obrigado a deixar Issoudun a 3 de dezembro. Adeus. Conto com tua amizade e podes contar com a de teu amigo

MAXÊNCIO

— Deus seja louvado! — exclamou o sr. Hochon. — A herança desse imbecil está salva das garras daqueles diabos!

— Se o dizes, deve ser — disse a sra. Hochon —, e eu o agradeço a Deus, que certamente escutou minhas preces. A vitória dos maus é sempre passageira.

— Você irá a Vatan e aceitará a procuração do sr. Rouget — disse o velho a Baruch. — Trata-se de colocar cinquenta mil francos de renda no nome da srta. Brazier. Você também partirá para Paris; mas interromperá a viagem em Orléans, onde esperará um recado meu. Não dirá a quem quer que seja onde se vai hospedar e se hospedará na última estalagem do Faubourg de Bannier, apesar de ser uma estalagem para carroceiros...

— Há novidades! — exclamou Francisco, que se precipitara para a janela ao ouvir uma carruagem na Grande Narette. — O tio Rouget e o sr. Felipe Bridau vêm voltando juntos, na caleça, e Benjamim e Carpentier seguem-nos a cavalo!

— Vou lá — disse o sr. Hochon, cuja curiosidade prevaleceu sobre qualquer outro sentimento.

O sr. Hochon encontrou o velho Rouget escrevendo em seu quarto esta carta, ditada pelo sobrinho:

Senhorita,

Se não voltar imediatamente para minha casa logo que receber esta carta, sua conduta demonstrará tamanha ingratidão por minhas bondades que revogarei o testamento feito em seu favor e darei minha fortuna a meu sobrinho Felipe. A senhorita certamente compreenderá que o sr. Gilet não pode mais ser meu comensal, uma vez que ele se encontra consigo em Vatan. Encarrego o sr. capitão Carpentier de entregar-lhe esta carta e espero que a senhorita escute seus conselhos, pois ele lhe falará como faria

Seu afeiçoado

J.-J. ROUGET

— O capitão Carpentier e eu *encontramos* meu tio, que estava cometendo a tolice de ir a Vatan para juntar-se à srta. Brazier e ao comandante Gilet — disse com profunda ironia Felipe ao sr. Hochon. — Fiz compreender a meu tio que ele ia cair irrefletidamente numa cilada: não seria abandonado pela moça logo que tivesse assinado a procuração que ela pede para vender a si mesma uma inscrição de cinquenta mil francos de renda? Escrevendo esta carta, não verá ele a bela fugitiva voltar esta mesma noite para sua casa? Prometo tornar a srta. Brazier dócil como um junco para o resto da vida, se meu tio quizer deixar-me ocupar o lugar do sr. Gilet, que eu acho mais que deslocado aqui. Não tenho razão? E meu tio ainda se queixa!

— Meu vizinho — disse o sr. Hochon —, o senhor tomou o melhor caminho para conseguir a paz em sua casa. Se quer um conselho, suprima seu testamento e verá Flora voltar a ser para o senhor o que era nos primeiros dias.

— Não, pois ela não me perdoará o desgosto que vou causar-lhe — disse o velho, chorando. — Ela não gostará mais de mim.

— Ela gostará do senhor, e bastante. Encarrego-me disso — disse Felipe.

— Mas abra os olhos! — disse o sr. Hochon a Rouget. — Querem

espoliá-lo e depois abandoná-lo...

— Ah! Se eu tivesse certeza disso! — exclamou o imbecil.

— Olhe, aqui está uma carta que Maxêncio escreveu a meu neto Borniche — disse o velho Hochon. — Leia!

— Que horror! — exclamou Carpentier, ao ouvir o texto da carta, que Rouget leu chorando.

— Não é bastante clara, meu tio? — perguntou Felipe. — Vamos, prenda essa moça pelo interesse e o senhor será adorado... como pode ser: metade linha, metade algodão.

— Ela gosta muito de Maxêncio, ela me deixará — disse o velho, parecendo apavorado.

— Mas, meu tio, eu ou Maxêncio, depois de amanhã, não deixaremos mais a marca dos nossos pés nas ruas de Issoudun...

— Pois bem, vá, sr. Carpentier — concordou o bom homem —; se o senhor me promete que ela voltará, vá! O senhor é um homem digno, diga-lhe tudo quanto achar que deve dizer em meu nome...

— O capitão Carpentier lhe dirá ao ouvido que eu vou mandar buscar em Paris uma mulher jovem e muito bonita — disse Felipe Bridau — e a descarada voltará de rastos!

O capitão partiu, guiando pessoalmente a velha caleça; foi acompanhado de Benjamim a cavalo, pois não encontrou mais Kuski. Embora ameaçado pelos dois oficiais de processo e perda do emprego, o polonês acabava de seguir para Vatan num cavalo de aluguel a fim de anunciar a Maxêncio e Flora o plano do adversário. Após ter cumprido sua missão, Carpentier, que não queria voltar com a Gapuiadora, devia tomar o cavalo de Benjamim.

Ao saber da fuga de Kuski, Felipe disse a Benjamim:

— De hoje em diante substituirás aqui o polonês. Assim, trata de subir atrás da caleça, sem que Flora o perceba, para chegares aqui junto com ela. Tudo vai às mil maravilhas, papá Hochon! — disse o tenente-coronel. — Depois de amanhã, o banquete será divertido.

— Vais ficar morando aqui? — disse o velho avarento.

— Acabo de dizer a Fario que mande todas as minhas coisas para cá. Dormirei no quarto cuja porta fica no patamar do apartamento de Gilet; meu tio já consentiu.

— Que resultará de tudo isso? — indagou o bom homem assustado.

— Resultará que o senhor terá a srta. Flora Brazier daqui a quatro horas, meiga como o Cordeiro Pascal — respondeu o sr. Hochon.

— Deus queira! — exclamou o velhote, enxugando as lágrimas.

— São sete horas — disse Felipe. — Às onze e meia, a rainha de seu coração estará aqui. O senhor não verá mais Gilet aqui; não será feliz como um papa? Se quiser que eu triunfe — acrescentou Felipe ao ouvido do sr. Hochon —, fique conosco até a chegada dessa bugia, para me ajudar a manter este palerma em sua resolução. Pois nós dois faremos a srta. Gapuiadora compreender onde estão seus verdadeiros interesses.

O sr. Hochon ficou fazendo companhia a Felipe, reconhecendo o acerto do pedido; e ambos tiveram muito que fazer, pois o tio Rouget se entregava a lamentações pueris que só cederam diante deste argumento dez vezes repetido por Felipe:

— Meu tio, se Flora voltar e se mostrar meiga consigo, o senhor verá que tive razão. O senhor será mimado, ficará com seus rendimentos, seguirá daqui por diante os meus conselhos e tudo correrá como no paraíso.

Quando, às onze e meia, se ouviu o ruído da berlinda na Grande Narette, não se sabia se o carro voltava cheio ou vazio. A fisionomia de Rouget mostrava então a expressão duma horrível angústia, que foi substituída pelo abatimento duma imensa alegria quando ele avistou as duas mulheres no momento em que o carro deu a volta para entrar.

— Kuski — disse Felipe, dando a mão a Flora para descer —, você não está mais a serviço do sr. Rouget e não dormirá aqui esta noite. Portanto, faça sua trouxa. Benjamim ficará no seu lugar.

— Então o senhor é o patrão? — perguntou Flora com ironia.

— Com sua licença — respondeu Felipe, apertando fortemente a mão de Flora na sua. — Venha! Precisamos *gapuiar* o coração, nós dois!

Felipe conduziu a mulher estupefata a alguns passos de lá, à Place Saint-Jean.

— Minha belezinha, depois de amanhã, Gilet será abatido por este braço — disse o soldado, erguendo a mão direita — ou o seu liquidará

comigo. Se eu morrer, a senhora será a dona da casa desse pobre imbecil de meu tio: *bene sit!*[152] Se eu ficar vivo, ande direito e faça-o feliz da melhor maneira que puder. Se não o fizer, conheço em Paris gapuiadoras que, sem desfazer de si, são mais bonitas que a senhora, pois têm só dezessete anos; elas farão meu tio imensamente feliz e estarão do meu lado. Comece seu trabalho já esta noite, pois, se amanhã o velhinho não estiver alegre como um tentilhão, não lhe direi mais nada! Há uma única maneira de matar um homem sem que a justiça tenha alguma coisa a dizer: é bater-se em duelo com ele; mas conheço três maneiras de desembaraçar-me duma mulher. E é só, minha prenda!

Durante essa alocução, Flora tremia como uma pessoa acometida de febre.

— Matar Max? — disse ela, fitando Felipe ao luar.

— Olhe, vá embora, aí vem meu tio...

Realmente o tio Rouget, apesar de tudo o que lhe disse o sr. Hochon, saiu para a rua para buscar Flora pela mão, como teria feito um avaro com seu tesouro. Entrou em casa, levou-a para o quarto e lá se encerrou.

— Quem vai ao ar perde o lugar — disse Benjamim ao polonês.

— Meu patrão tapará a boca de vocês todos — respondeu Kuski, indo juntar-se a Max, que se hospedou no hotel da Posta.

II — UM DUELO DE MORTE

No dia seguinte, das nove às onze horas, as mulheres conversavam nas portas das casas. Em toda a cidade, só se falava na estranha revolução ocorrida na véspera na casa do tio Rouget. Em todas as palestras, o assunto principal foi o mesmo em toda a parte:

— Que acontecerá amanhã, no banquete da coroação, entre Max e o coronel Bridau?

Felipe disse a Védia duas palavras: “Seiscentos francos de renda vitalícia ou rua!”, que a tornaram momentaneamente neutra entre duas potências tão formidáveis como Felipe e Flora.

Sabendo a vida de Max em perigo, Flora tornou-se mais amável com

o velho Rouget do que nos primeiros dias de sua vida em comum. No amor, uma mentira interesseira é superior à verdade; eis por que tantos homens pagam tão caro hábeis mentirosas. A Gapuiadora só apareceu na hora do almoço, descendo com Rouget ao braço. Seus olhos se encheram de lágrimas ao ver no lugar de Max o terrível soldado de olhos dum azul sombrio e fisionomia friamente sinistra.

— Que tem, senhorita? — perguntou ele, após ter dado bom-dia ao tio.

— O que ela tem, meu sobrinho, é que não suporta a ideia de que te vás bater em duelo com o comandante Gilet...

— Não tenho o menor desejo de matar Gilet — respondeu Felipe. — Ele que saia de Issoudun, embarque para a América com uma pacotilha, e serei o primeiro a aconselhar-lhe que lhe dê os meios para comprar-lhe as melhores mercadorias possíveis e a desejar-lhe boa viagem! Ele fará fortuna e isso será muito mais digno do que andar fazendo estrepulias em Issoudun à noite e o diabo em sua casa.

— Que tal? É uma proposta muito gentil, hein? — disse Rouget, olhando para Flora.

— Para a A... mé... rica! — respondeu ela, soluçando.

— É melhor trocar pernas em Nova York do que apodrecer numa caixa de pinho na França... Depois disso, a senhora me dirá que ele é ágil: pode matar-me! — observou o coronel.

— Deixa-me falar com ele? — disse Flora, num tom humilde e submisso, implorando a Felipe.

— Certamente. Ele pode vir buscar suas coisas. Mas ficarei junto do meu tio durante esse tempo, pois não deixo mais o velhote — respondeu Felipe.

— Védia — gritou Flora —, corre à *Posta*, minha filha, e dize ao comandante que eu lhe peço que...

— Que venha buscar todas as suas coisas — interveio Felipe, cortando a palavra a Flora.

— Sim, sim, Védia. Esse será o pretexto mais digno para vir ver-me, quero falar com ele...

O temor recalcava de tal modo o ódio na moça, a surpresa que ela experimentava ao encontrar um temperamento forte e implacável, ela

que até então havia sido adulada, era tão grande que ela ia se acostumando a curvar-se diante de Felipe como o pobre Rouget se acostumara a curvar-se diante dela. Esperava com ansiedade a volta de Védia; mas Védia voltou com uma recusa formal de Max, que pedia que a srta. Brazier lhe enviasse suas coisas para o hotel da *Posta*.

— Permita-me que eu vá levá-las? — perguntou ela a João-Jaques Rouget.

— Sim, mas voltarás? — disse o velho.

— Se a senhorita não estiver de volta ao meio-dia, o senhor me dará à uma hora sua procuração para vender suas rendas — disse Felipe, olhando para Flora.

— Vá com Védia, para salvar as aparências, senhorita. De agora em diante, é preciso zelar pela honra do meu tio.

Flora não pôde conseguir nada de Max. O comandante, desesperado por se ter deixado desalojar duma posição ignóbil aos olhos de toda a cidade, tinha muita altivez para que fosse recuar diante de Felipe. A Gapuiadora combateu esse argumento propondo ao amigo fugirem juntos para a América. Mas Gilet, que não queria Flora sem a fortuna do tio Rouget e que não queria mostrar o fundo de seu coração à moça, persistiu em matar Felipe.

— Cometemos uma grande asneira — disse ele. — Precisávamos ter ido os três a Paris passar o inverno. Mas como podíamos imaginar, ao ver esse grande cadáver, que as coisas tomariam esse rumo? Há, no curso dos acontecimentos, uma rapidez que perturba. Tomei o coronel por um desses valentões que não têm duas ideias: esse foi o meu erro. Já que eu não soube agir desde o início, agora eu seria um covarde se recuasse diante do coronel. Ele me desmoralizou na opinião da cidade e eu só posso reabilitar-me com sua morte.

— Parte para a América com quarenta mil francos, eu saberei livrar-me desse selvagem e irei juntar-me contigo. Isso será o mais acertado...

— Que pensariam de mim? — exclamou ele, arrebatado pelo preconceito dos *fatalórios*. — Não. Além disso, já enterrei nove. Esse rapaz não me parece muito forte. Ele saiu da escola para entrar no Exército, esteve sempre em combates até 1815 e depois viajou à América. Assim, esse maroto nunca pôs os pés numa sala de armas, ao

passo que eu não tenho rival no sabre! O sabre é sua arma, parecerei generoso escolhendo essa arma, pois tratarei de ser o insultado, e o matarei. Decididamente isso é o melhor. Tranquiliza-te: seremos os senhores depois de amanhã.

Assim, a estúpida questão de honra foi mais forte em Max que a sua política. Voltando à uma hora para casa, Flora encerrou-se em seu quarto para chorar à vontade. Durante todo o dia, os comentários se avolumaram em Issoudun, onde se considerava inevitável um duelo entre Felipe e Maxêncio.

— Oh! sr. Hochon — disse Mignonnet, que encontrou o ancião passeando, acompanhado de Carpentier na avenue Baron —, estamos muito preocupados, pois Gilet é forte em qualquer arma.

— Não importa — respondeu o velho diplomata de província. — Felipe conduziu bem o caso... E eu não acreditava que esse grande folgazão triunfasse tão rapidamente. Esses dois atrevidos rolaram um ao encontro do outro como dois furacões...

— Oh! — disse Carpentier. — Felipe é um homem ponderado. Sua conduta na Corte dos Pares é uma obra-prima de diplomacia.

— Então, capitão Renard — comentava um burguês —, dizia-se que lobo não come lobo, mas parece que Max vai às vias de fato com o coronel Bridau. Será uma coisa séria, entre homens da velha guarda.

— Vocês riem disso! Só porque o pobre rapaz se divertia à noite, vocês lhe querem mal — disse o comandante Potel —, mas Gilet é um homem que não podia ficar num buraco como Issoudun sem se ocupar com alguma coisa.

— Enfim, senhores — dizia um quarto —, Max e o coronel puseram as cartas na mesa. O coronel não devia vingar seu irmão José? Ainda nos lembramos da perfídia de Max contra o pobre rapaz.

— Ora! Um artista — disse Renard.

— Mas trata-se da herança do tio Rouget. Dizem que o sr. Gilet ia apoderar-se de cinquenta mil francos de renda, no momento em que o coronel se instalou na casa do tio.

— Gilet, roubar títulos de renda a alguém? Olhe, não diga isto fora daqui, sr. Ganivet — exclamou Potel —, ou nós o faremos engolir a língua, e sem molho!

Em todas as casas burguesas, fizeram-se promessas em favor do digno coronel Bridau.

No dia seguinte, pelas quatro horas, os oficiais do antigo Exército que se achavam em Issoudun ou nas vizinhanças passeavam na Place du Marché, diante da porta do restaurante Lacroix, esperando Felipe Bridau. O banquete que se devia realizar para comemorar a coroação estava marcado para as cinco horas, hora militar. Falava-se do caso de Maxêncio e de sua expulsão da casa do tio Rouget em todos os grupos, pois os soldados rasos também haviam organizado uma reunião na casa dum comerciante de vinho, na praça. Entre os oficiais, Potel e Renard foram os únicos que tentaram defender o amigo.

— Que é que temos a ver com o que se passa entre dois herdeiros? — dizia Renard.

— Max é fraco com as mulheres — observava o cínico Potel.

— Dentro de pouco haverá aqui sabres desembainhados — disse um antigo subtenente, que cultivava uma lavoura no Haut-Baltan.

— Uma vez que o sr. Maxêncio Gilet cometeu a tolice de ir morar na casa do velho Rouget, seria um covarde se se deixasse expulsar de lá como um criado sem tirar uma satisfação.

— É claro — respondeu secamente Mignonnet. — Uma tolice que não é bem-sucedida torna-se um crime.

Max, que se reuniu aos antigos soldados de Napoleão, foi acolhido por um silêncio bastante significativo. Potel e Renard tomaram o amigo pelo braço e foram conversar com ele a poucos passos do grupo. Nesse momento, avistou-se ao longe Felipe, que se aproximava com uma atitude imponente, brandindo a bengala com uma expressão imperturbável, que contrastava com a profunda atenção que Max era forçado a dedicar às palavras de seus dois últimos amigos. Felipe recebeu apertos de mão de Mignonnet, de Carpentier e de alguns outros. Esse acolhimento, tão diferente do que acabavam de fazer a Maxêncio, acabou de dissipar no espírito deste rapaz algumas ideias de covardia, ou de prudência, se quiserem, que os apelos e carinhos de Flora haviam feito nascer quando ele se encontrou sozinho.

— Nós nos bateremos — disse Max ao capitão Renard —, e numa luta de morte! Portanto, não me falem de mais nada, deixem-me

representar bem o meu papel.

Após esta última frase pronunciada num tom febril, os três bonapartistas misturaram-se ao grupo dos oficiais. Max saudou em primeiro lugar Felipe, que lhe respondeu ao cumprimento trocando com ele o mais frio olhar.

— Vamos, senhores, à mesa — convidou o comandante Potel. — Bebamos à glória imperecível do Pequeno Tosquiado,^[153] que agora está no paraíso dos bravos! — exclamou Renard.

Sentindo que a situação seria menos embaraçosa à mesa, todos compreenderam a intenção do pequeno capitão de caçadores. Precipitaram-se para a longa sala baixa do restaurante Lacroix, cujas janelas davam para o mercado. Os convivas colocaram-se imediatamente à mesa, onde, como Felipe pedira, os dois adversários ficaram face a face. Vários rapazes da cidade, principalmente ex-Cavaleiros da Malandragem, muito preocupados com o que devia ocorrer no banquete, passeavam comentando a situação crítica em que Felipe conseguira meter Maxêncio Gilet. Deploravam o atrito, ao mesmo tempo que consideravam o duelo necessário. Tudo correu bem até a sobremesa, embora os dois atletas conservassem, no meio do aparente entusiasmo do jantar, uma espécie de atenção muito semelhante à inquietação. Na expectativa da disputa, que um e outro deviam considerar, Felipe exibiu um admirável sangue-frio, e Max, uma ruidosa alegria. Para os entendidos, porém, ambos estavam fingindo.

Quando serviram a sobremesa, Felipe disse:

— Encham os copos, meus amigos. Reclamo a permissão de erguer o primeiro brinde.

— Ele disse *meus amigos*, não enchas teu copo — disse Renard ao ouvido de Max.

Max esvaziou seu copo.

— Ao Grande Exército! — exclamou Felipe, com sincero entusiasmo.

— Ao Grande Exército! — foi repetido como uma única exclamação por todas as vozes.

Nesse momento, apareceram à porta da sala onze soldados rasos, entre os quais se achavam Benjamim e Kuski, que repetiram: “Ao

Grande Exército!”.

— Entrem, meus filhos! Vamos beber à *sua* saúde — disse o comandante Potel.

Os antigos soldados entraram e ficaram de pé atrás dos oficiais.

— Bem vêes que *ele* não morreu! — disse Kuski a um antigo sargento, que sem dúvida deplorava a agonia do imperador, finalmente terminada.

— Reclamo o segundo brinde — disse o comandante Mignonnet.

Remexeram alguns pratos de sobremesa. Mignonnet levantou-se.

— Aos que tentaram restaurar *seu* filho! — disse ele.

Todos, menos Maxêncio Gilet, saudaram Felipe Bridau, estendendo-lhe seus copos.

— Agora eu! — disse Max, levantando-se.

— É Max! É Max! — comentava-se fora da sala.

Um profundo silêncio se fez na sala e na praça, pois o caráter de Gilet fazia com que esperassem uma provocação.

— Possamos *todos* reunir-nos neste dia, no ano que vem!

E saudou Felipe com ironia.

— Fechou o tempo — disse Kuski ao vizinho.

— A polícia, em Paris, não lhe deixaria realizar banquetes como este — disse o comandante Potel a Felipe.

— Por que vai falar em polícia ao coronel Bridau? — disse insolentemente Maxêncio Gilet.

— O comandante Potel não falou para ofender — disse Felipe, sorrindo com dureza.

O silêncio tornou-se tão profundo que se poderia ouvir o esvoaçar duma mosca.

— A polícia me respeita muito — acrescentou Felipe —, tanto assim que me mandou para Issoudun, lugar onde tive o prazer de encontrar velhos valentões; mas, é preciso confessar, não há grandes diversões aqui. Para um homem como eu, que gosta de galanteios, isto é uma grande privação. Mas, enfim, farei economias para as raparigas, pois não sou desses que ganham dinheiro deitando-se em leitos de pluma, e Marieta, da Grande Ópera, custou-me quantias loucas.

— É para mim que o senhor diz isso, meu caro coronel? —

perguntou Maxêncio, dirigindo a Felipe um olhar que foi como uma corrente elétrica.

— Tome-o como quiser, comandante Gilet — respondeu Felipe.

— Coronel, aqui os meus dois amigos, Renard e Potel, irão entender-se amanhã com...

— Com Mignonnet e Carpentier — respondeu Felipe, cortando a palavra a Gilet e indicando seus dois vizinhos.

— Agora — disse Max — continuemos os brindes.

Nenhum dos dois adversários saíra do tom ordinário de palestra; nada houve de solene a não ser o silêncio em que foram ouvidos.

— Vocês aí — disse Felipe, dirigindo um olhar aos soldados rasos —, lembrem-se de que as nossas questões não interessam aos burgueses... Nenhuma palavra do que acaba de ocorrer. Isto deve ficar entre a velha guarda.

— Eles guardarão segredo, coronel — disse Renard. — Garanto por eles.

— Viva *seu* filho! Possa ele reinar sobre a França! — exclamou Potel.

— Morram os ingleses! — bradou Carpentier.

Esse brinde alcançou um êxito prodigioso.

— Abaixo Hudson Lowe!^[154] — disse o capitão Renard.

A sobremesa transcorreu muito bem, as libações foram enormes. Os dois antagonistas e as quatro testemunhas empenharam-se para que o duelo, em que estava em jogo uma imensa fortuna e que envolvia dois homens tão notáveis por sua coragem, não tivesse nada de comum com as disputas ordinárias. Dois *gentlemen* não se teriam conduzido melhor que Max e Felipe. Assim, a expectativa dos rapazes e dos burgueses agrupados na praça foi burlada. Todos os convivas, como verdadeiros militares, guardaram o mais profundo segredo sobre o episódio da hora da sobremesa. Às dez horas, ambos os adversários foram informados de que a arma combinada era o sabre. Escolheram para local do encontro o terreno que ficava atrás da igreja dos Capuchinhos, às oito horas da manhã. Goddet, que, na qualidade de antigo cirurgião-mor, assistia ao banquete, foi convidado a prestar seus serviços no caso. As testemunhas decidiram que, qualquer que fosse o desfecho, o combate não duraria mais de dez minutos. Às onze horas

da noite, com grande surpresa do coronel, o sr. Hochon acompanhou sua esposa à casa de Felipe, no momento em que este ia deitar-se.

— Sabemos o que se passa — disse a velha senhora, com os olhos cheios de lágrimas — e venho suplicar-lhe que não saia amanhã sem fazer suas orações... Eleve sua alma a Deus.

— Sim, senhora — respondeu Felipe, a quem o velho Hochon, que ficara atrás da esposa, fez um sinal.

— Isto não é tudo — disse a madrinha de Ágata. — Coloquei-me na situação de sua pobre mãe e me desfiz do que tinha de mais precioso. Olhe! — Mostrou a Felipe um dente preso num veludo preto bordado a ouro, ao qual pregara duas fitas verdes, e depois tornou a guardá-lo num saquinho.

— É uma relíquia de santa Solange, a padroeira do Berry. Consegui salvá-la da Revolução; guarde-a sobre o peito amanhã de manhã.

— Será que isto pode preservar-me dos golpes de sabre? — perguntou Felipe.

— Sim — respondeu a velha senhora.

— Então não posso usá-lo, pois seria como uma couraça! — exclamou o filho de Ágata.

— Que foi que ele disse? — perguntou a sra. Hochon ao marido.

— Ele disse que as regras do duelo não permitem que ele o use — respondeu o velho Hochon.

— Está bem, não falemos mais nisso — disse a velha senhora. — Rezarei pelo senhor.

— Muito bem, minha senhora. Uma oração e uma boa estocada não podem prejudicar — disse o coronel, fazendo o gesto de trespassar o coração do sr. Hochon.

A velha senhora quis beijar Felipe na testa. Depois, ao descer, deu dez escudos, todo o dinheiro que possuía, a Benjamim, para que ele cosesse a relíquia no cóis das calças do patrão. O que foi feito por Benjamim, não que ele acreditasse nas virtudes daquele amuleto, pois disse que seu patrão tinha um muito melhor[155] contra Gilet, mas porque tinha de desempenhar-se duma comissão tão generosamente paga. A sra. Hochon retirou-se cheia de confiança em santa Solange.

Às oito horas do dia seguinte, 3 de dezembro, sob um tempo

sombrio, Max, acompanhado das duas testemunhas e do polonês, chegou ao terreno que então rodeava a antiga igreja dos Capuchinhos. Lá encontraram Felipe e as suas testemunhas com Benjamim. Potel e Mignonnet mediram vinte e quatro pés. Em cada extremidade dessa distância, os dois soldados traçaram uma linha com o auxílio duma pá. Sob pena de praticar um ato de covardia, os adversários não podiam recuar além das respectivas linhas. Cada qual devia manter-se sobre sua linha e avançar à vontade quando as testemunhas dissessem: “Vamos!”.

— Tiramos os casacos? — disse friamente Felipe a Gilet.

— Com muito prazer, coronel — respondeu Maxêncio com uma firmeza de espadachim.

Os dois adversários ficaram em mangas de camisa. Sua pele entrevia-se num tom rosado sob o percal das camisas. Cada um, armado dum sabre militar, do mesmo peso, cerca de três libras, e do mesmo comprimento, três pés, colocou-se em guarda, com a ponta do sabre no solo, esperando o sinal. Havia tanta calma de parte a parte que, apesar do frio, os músculos não tremeram mais do que se fossem de bronze. Goddet, as quatro testemunhas e os dois soldados experimentavam uma emoção involuntária.

— Que rapazes de brio!

Essa exclamação escapou da boca do comandante Potel.

Quando o sinal “Vamos!” foi dado, Maxêncio percebeu a cabeça sinistra de Fario, que os contemplava pelo buraco que os cavalheiros haviam feito no telhado da igreja para introduzir por lá os pombos no seu depósito. Esses dois olhos, de onde jorravam jatos de fogo, de ódio e de vingança, ofuscaram Max. O coronel avançou para o adversário, colocando-se em guarda de maneira a tirar vantagem. Os peritos na arte de matar sabem que, de dois adversários, o mais hábil pode ocupar a parte superior do terreno. Essa atitude, que permite, de certo modo, controlar os movimentos do adversário, indica tão claramente um duelista de primeira ordem que o sentimento de sua inferioridade invadiu a alma de Max e nela produziu essa confusão de forças que desmoraliza um jogador ao ver-se diante dum mestre ou dum homem de sorte, o perturba e faz com que ele jogue pior do que de costume.

— O patife é de primeira! — disse Max consigo. — Estou perdido!

Max tentou um molinete, manobrando o sabre com grande destreza; quis atrapalhar Felipe e alcançar seu sabre a fim de desarmá-lo; mas, já no primeiro golpe, percebeu que o coronel tinha um pulso de ferro e flexível como uma mola de aço. Maxêncio teve de imaginar outro golpe e procurou refletir, o desgraçado!, enquanto Felipe, cujos olhos lhe lançavam clarões mais vivos que os dos sabres, aparava todos os assaltos com o sangue-frio dum mestre de armas protegido por seu plastrão numa sala.

Entre dois homens igualmente fortes como os dois combatentes, passa-se um fenômeno semelhante ao que ocorre entre a gente do povo na terrível luta denominada *savate*. A vitória depende dum movimento em falso, dum erro desse cálculo, rápido como o raio, a que devem recorrer instintivamente. Durante um período de tempo, tão curto para os espectadores quão longo parece aos contendores, a luta consiste numa observação em que se consomem as forças da alma e do corpo, oculta sob disfarces cuja lentidão e aparente prudência dão a impressão de que nenhum dos antagonistas quer bater-se. Esse momento, seguido duma luta rápida e decisiva, é terrível para os entendidos. A um golpe infeliz de Max, o coronel fez-lhe saltar o sabre da mão.

— Apanhe-o! — disse ele, suspendendo o combate. — Não sou homem para matar um inimigo desarmado.

Isso foi o cúmulo da atrocidade. Essa magnanimidade atestava tamanha superioridade que foi tomada pelo mais hábil dos cálculos pelos espectadores. Realmente, quando Max se colocou novamente em guarda, perdera seu sangue-frio e ficou, necessariamente, dominado por essa guarda alta que ameaça de todos os lados e cobre o adversário. Quis, então, reparar sua vergonhosa derrota por uma ousadia; não se preocupou mais em proteger-se, tomou o sabre nas duas mãos e lançou-se furiosamente sobre o coronel para feri-lo de morte, expondo-lhe ao mesmo tempo sua vida. Felipe recebeu um golpe de sabre que lhe abriu a testa e uma parte do rosto, mas atingiu obliquamente a cabeça de Max com uma terrível volta do molinete que lhe opôs para amortecer o golpe mortal que Max lhe destinava. Os dois golpes

furiosos encerraram o combate no nono minuto. Fario desceu e foi deliciar-se com o espetáculo de seu inimigo nas convulsões da morte, pois, num homem da força de Max, os músculos do corpo contraíram-se pavorosamente. Levaram Felipe para a casa do tio.

Assim pereceu um desses homens destinados a realizar grandes coisas se tivesse permanecido no meio que lhe era propício; um homem tratado pela natureza como filho mimado, pois ela lhe dera a coragem, o sangue-frio e o senso político de César Bórgia.^[156] A educação, porém, não lhe conferira essa nobreza de ideias e de conduta sem a qual nada é possível em nenhuma carreira. Não foi lamentado, em virtude da perfídia com que seu adversário, que valia menos do que ele, soubera desmoralizá-lo. Seu fim pôs termo às façanhas da Ordem da Malandragem, com grande contentamento da cidade de Issoudun. Por isso, Felipe não foi molestado a propósito do duelo, que, além disso, assumiu a aparência duma vingança divina e cujos detalhes foram narrados em toda a região com unânimes elogios aos dois adversários.

— Ambos deviam ter-se matado — disse o sr. Mouilleron. — Teria sido um bom alívio para o governo.

III — A SRA. ROUGET

A situação de Flora Brazier teria sido muito embaraçosa sem a crise aguda em que a morte de Max a fez cair. Ela foi acometida duma congestão cerebral complicada com uma perigosa inflamação causada pelas peripécias desses três dias. Se ela estivesse no gozo de sua saúde, talvez tivesse fugido da casa onde repousava, acima dela, no apartamento de Max e nos lençóis de Max, o assassino de Max. Ela esteve entre a vida e a morte durante três meses, sob os cuidados do dr. Goddet, que tratava igualmente de Felipe.

Logo que Felipe pôde segurar uma pena, escreveu as cartas seguintes:

Ao sr. Desroches, advogado.

Já matei a mais venenosa das duas feras, e isto não foi possível sem sair com a cabeça aberta por um golpe de sabre; mas, felizmente, o patife tinha a mão fraca. Resta outra víbora, com a qual vou procurar entrar em acordo, pois meu tio tem tanto apego a ela como ao seu estômago. Tive medo de que essa Gapuiadora, que é terrivelmente bonita, fosse embora, pois meu tio a teria seguido; mas o pavor que a assaltou num momento grave deixou-a presa ao leito. Se Deus quisesse proteger-me, chamaria essa alma a si enquanto ela se arrepende de seus erros. Enquanto espero, tenho a meu favor, graças ao sr. Hochon (o velho está agindo bem!), o médico, um tal Goddet, que se faz de santo, que pensa que as heranças dos tios ficam mais bem colocadas nas mãos dos sobrinhos que nas dessas rameiras. O sr. Hochon tem, além disso, influência sobre um certo papá Fichet, cuja filha é rica e que Goddet quer para esposa de seu filho, de modo que a nota de mil francos que lhe fizeram entrever pela cura de minha cabeça pouco representa em sua dedicação. Esse Goddet, antigo cirurgião-mor do 3º Regimento, foi, também, aliciado por meus amigos, dois bravos oficiais, Mignonnet e Carpentier, de modo que ele se faz de beato com sua enferma.

“Há um Deus, minha filha, pode ficar certa!”, diz-lhe ele, tomando-lhe o pulso. “A senhora foi a causa duma grande desgraça, é preciso repará-la. O dedo de Deus está nisto. (É inconcebível o número de coisas que se atribui ao dedo de Deus!) A religião é a religião, submeta-se, resigne-se. Isto, em primeiro lugar, a acalmará e a curará quase tanto quanto minhas drogas. Sobretudo, fique aqui, cuide de seu patrão. Enfim, esqueça, perdoe, esta é a lei cristã.”

Esse Goddet prometeu-me prender a Gapuiadora durante três meses no leito. Insensivelmente, talvez essa moça se habitue a que vivamos sob o mesmo teto. Consegui pôr a cozinheira a meu lado. Essa abominável velha disse à patroa que Max lhe teria tornado a vida muito dura. Ela contou que ouviu o falecido dizer que, quando o velho morresse, se fosse obrigado a casar-se com Flora, não entraria sua ambição por causa duma moça. E essa cozinheira chegou a insinuar à patroa que Max se livraria dela. Assim, tudo vai bem. Meu tio, aconselhado pelo velho Hochon, rasgou seu testamento.

Ao sr. Giroudeau (A/c da srta. Florentina), Rue de Vendôme, no Marais.

Meu velho camarada,

Informa-te se essa ratinha da Cesarina está com alguém e faz com que ela se apreste para vir para Issoudun logo que eu a chamar. A rapariga deverá vir então pela primeira condução. Terá de apresentar-se com maneiras recatadas, suprimir tudo quanto cheire a bastidores de teatro, pois ela precisa apresentar-se aqui como filha dum bravo militar morto no campo da honra. Assim, muita

decência, vestidos de colegial e virtude de primeira: tal será a ordem. Se eu precisar de Cesarina e ela se sair bem, ela receberá, por ocasião da morte de meu tio, cinquenta mil francos; se ela estiver com alguém, explica meu caso a Florentina; e tratem vocês dois de encontrar alguma corista capaz de desempenhar o papel. Fiquei com a cabeça aberta no duelo com meu comedor de herança, que revirou os olhos. Um dia te contarei como foi. Ah, meu velho, veremos novamente belos dias ou o Outro não seria o Outro! Se puderes enviar-me uns quinhentos francos, saberei como gastá-los. Adeus, meu velho pândego. Acende teu charuto com minha carta. Fica entendido que a filha do oficial virá de Châteauroux e dará a impressão de vir pedir amparo. Espero, entretanto, não precisar recorrer a esse meio perigoso. Recomenda-me a Marieta e a todos os nossos amigos.

Ágata, instruída por uma carta da sra. Hochon, correu a Issoudun e foi recebida pelo irmão, que lhe deu o antigo quarto de Felipe. A pobre mãe, que tornou a encontrar para o filho renegado todo seu sentimento maternal, viveu alguns dias felizes ouvindo a burguesia da cidade fazer-lhe o elogio do coronel.

— Afinal, minha filha — disse-lhe a sra. Hochon, no dia de sua chegada —, mocidade é mocidade. As brincadeiras dos militares do tempo do imperador não podem ser as mesmas dos rapazes que vivem em casa sob a vigilância dos pais. Ah! Se soubesses tudo quanto esse miserável Max se permitia aqui, à noite! Issoudun, graças a seu filho, agora respira e dorme em paz. O juízo chegou um pouco tarde para Felipe, mas chegou. Como ele nos dizia, três meses de prisão no Luxemburgo fazem sentar a cabeça. Enfim, sua conduta encanta ao sr. Hochon e ele desfruta aqui a consideração geral. Se teu filho puder ficar algum tempo longe das tentações de Paris, acabará dando-te muita alegria.

Ao ouvir essas consoladoras palavras, Ágata ficou com os olhos cheios de lágrimas de ventura.

Felipe fingiu-se de santo diante da mãe, pois precisava dela. Esse astuto político não queria recorrer a Cesarina a não ser no caso de notar que inspirava horror à srta. Brazier. Percebendo em Flora um admirável instrumento amoldado por Max, um hábito contraído pelo tio, preferia servir-se dela a utilizar-se da parisiense, que era capaz de

se fazer desposar pelo velho. Assim como Fouché disse a Luís XVIII que se deitasse nos lençóis de Napoleão em lugar de dar uma *Constituição*, [157] Felipe desejava ficar deitado nos lençóis de Gilet; repugnava-lhe, porém, arruinar a reputação que conseguira granjear no Berry. Ora, continuar a ser Max junto à Gapuiadora seria tão odioso da parte da moça como de sua própria parte. Ele podia, sem se desonrar, viver na casa do tio e à custa do tio, em virtude das leis do nepotismo; mas não podia ter Flora a não ser reabilitada. No meio de tantas dificuldades, estimulado pela esperança de apoderar-se da herança, concebeu o admirável plano de fazer da Gapuiadora sua tia. Assim, com esse oculto desígnio, disse à mãe que fosse visitar a moça e testemunhar-lhe um pouco de afeição, tratando-a como cunhada.

— Reconheço, minha querida mãe — disse ele, assumindo um ar fingido e olhando para o sr. e a sra. Hochon, que tinham ido fazer companhia à querida Ágata —, que o modo de vida de meu tio é pouco conveniente e que lhe bastaria regularizá-lo para conquistar para a srta. Brazier a consideração da cidade. Não é melhor para ela ser sra. Rouget do que criada-amante dum solteirão? Não é mais simples adquirir por um contrato de casamento direitos definitivos do que ameaçar uma família de deserdação? Se a sra. ou o sr. Hochon ou algum bom padre quisesse tocar nesse assunto, fariamos cessar um escândalo que aflige as pessoas de bem. E a srta. Brazier se sentiria feliz ao ver-se acolhida pela senhora como irmã e por mim como tia.

A cama da srta. Flora foi cercada, no dia seguinte, por Ágata e a sra. Hochon, que revelaram à enferma e a Rouget os admiráveis sentimentos de Felipe. Em toda Issoudun falou-se no coronel como um homem excelente e de belo caráter, principalmente em virtude de sua conduta com Flora. Durante um mês, a Gapuiadora ouviu Goddet pai, seu médico, esse homem tão influente sobre o espírito duma enferma; a respeitável sra. Hochon, movida pelo espírito religioso; Ágata, tão meiga e tão piedosa, mostrando-lhe todas as vantagens de seu casamento com Rouget. Quando, seduzida pela ideia de ser sra. Rouget, uma digna e honesta burguesa, ela desejou intensamente restabelecer-se para celebrar o casamento, não foi difícil fazer-lhe compreender que ela não poderia entrar na antiga família dos Rouget

expulsando Felipe de casa.

— Além disso — disse-lhe um dia Goddet pai —, não é a ele que a senhorita deve esta elevada posição? Max nunca a teria deixado casar-se com o tio Rouget. E depois — acrescentou-lhe ao ouvido —, se tiver filhos, e assim fazendo com que os Bridau sejam deserdados, não vingará Max?

Dois meses após o fatal acontecimento, em fevereiro de 1823, a enferma, aconselhada por todos os que a rodeavam e a pedido de Rouget, consentiu em receber Felipe, cuja cicatriz lhe arrancou lágrimas, mas cujas maneiras, suavizadas para ela e quase afetuosas, a acalmaram. De acordo com o desejo de Felipe, deixaram-no a sós com sua futura tia.

— Minha querida menina — disse-lhe o soldado —, fui eu quem, desde o princípio, aconselhei seu casamento ao meu tio; e, se você concordar, ele se celebrará logo que você estiver restabelecida...

— Já mo disseram — respondeu ela.

— É natural que, se as circunstâncias me forçaram a causar-lhe mal, eu agora queira fazer-lhe o maior bem possível. A fortuna, a consideração e uma família valem mais do que o que você perdeu. Morto meu tio, você não seria por muito tempo esposa desse rapaz, pois soube por seus amigos que ele não lhe reservava um belo destino. Escute, querida menina, entendamo-nos; viveremos todos felizes. Você será minha tia e *nada mais que minha tia*. Você se encarregará de que meu tio não me esqueça em seu testamento; de minha parte, você verá como farei tratá-la no contrato de casamento... Acalme-se, pense bastante, voltaremos a falar nisso. Como vê, as pessoas mais sensatas, toda a cidade, mesmo, a aconselham a fazer cessar uma situação ilegal e ninguém vê mal algum em você me receber. Compreende-se que, na vida, os interesses passem por cima dos sentimentos. No dia de seu casamento, você estará mais bela do que nunca. Sua enfermidade, empalidecendo-a, deu-lhe distinção. Se meu tio não a amasse loucamente, palavra de honra — disse ele, levantando-se e beijando-lhe a mão —, você seria a esposa do coronel Bridau.

Felipe saiu do quarto deixando na alma de Flora essa última frase, para nela despertar uma vaga ideia de vingança que sorriu à moça,

quase feliz por ter visto aquele personagem assustador a seus pés. Felipe representara, em ponto menor, a cena que representa Ricardo III[158] com a rainha que ele acabava de tornar viúva. O espírito dessa cena mostra que o interesse oculto sob um sentimento penetra facilmente no coração e nele dissipa o pesar mais sincero. E é assim que, na vida privada, a natureza se permite o que, nas obras de gênio, constitui a culminância da arte; o meio de que ela se serve é o *interesse*, que é o gênio do dinheiro.

Num dos primeiros dias de abril de 1823, a sala de João-Jaques Rouget ofereceu, portanto, sem que ninguém se admirasse disso, o espetáculo dum soberbo jantar para festejar a assinatura do contrato de casamento da srta. Flora Brazier com o velho celibatário. Os convidados eram o sr. Héron; as quatro testemunhas, srs. Mignonnet, Carpentier, Hochon e Goddet pai; o prefeito e o cura; e mais Ágata Bridau, a sra. Hochon e sua amiga sra. Borniche, isto é, as duas velhas senhoras de maior prestígio em Issoudun. A futura esposa ficou muito sensibilizada com a prova de distinção que, por influência de Felipe, lhe deram as duas senhoras, como uma demonstração de proteção necessária a uma moça arrependida. Flora estava deslumbrantemente bela. O cura, que há quinze dias vinha instruindo a ignorante Gapuiadora, devia dar-lhe, no dia seguinte, a primeira comunhão. O casamento foi objeto deste artigo religioso publicado no *Journal du Cher*, de Bourges, e no *Journal de l'Indre*, de Châteauroux:

Issoudun

O movimento religioso progride no Berry. Todos os amigos da Igreja e as pessoas de bem desta cidade foram testemunhas, ontem, duma cerimônia pela qual um dos principais proprietários da região pôs fim a uma situação escandalosa que remontava à época em que a religião não tinha prestígio nas nossas províncias. Esse resultado, devido ao zelo esclarecido dos eclesiásticos da nossa cidade, terá, esperamos, imitadores e fará cessar os abusos dos casamentos não celebrados, contraídos nas épocas mais desastrosas do regime revolucionário.

Há, no fato de que nos ocupamos, um detalhe notável; ele foi provocado pelas instâncias dum coronel pertencente ao antigo Exército, enviado para nossa

cidade por sentença da Corte dos Pares e a quem esse casamento pode acarretar a perda da herança do tio. Esse desinteresse é tão raro em nossos dias que não podemos deixar de dá-lo à publicidade.

Pelo contrato, Rouget reconhecia a Flora cem mil francos de dote e assegurava-lhe uma pensão vitalícia na viuvez de trinta mil francos. Após o casamento, que foi suntuoso, Ágata voltou como a mais feliz das mães para Paris, onde comunicou a José e a Desroches o que ela chamou de boa notícia.

— Seu filho é um homem muito esperto para que não acabe apoderando-se da herança — respondeu-lhe o advogado, após ouvir a sra. Bridau. — Assim, a senhora e o pobre José nunca verão um tostão da fortuna de seu irmão.

— O senhor também, como José, será sempre injusto com o pobre rapaz? — disse a mãe. — Sua conduta na Corte dos Pares foi a dum grande político, ele conseguiu salvar muitas cabeças! Os erros de Felipe provêm da desocupação em que estavam suas grandes faculdades; ele, porém, já compreendeu o quanto a má conduta prejudica um homem que quer vencer na vida; ele tem ambição, estou certa disso. E não sou a única a prever um grande futuro para ele: o sr. Hochon acredita firmemente que Felipe tem um belo destino.

— Sim! Se ele quiser aplicar sua inteligência profundamente perversa em ganhar dinheiro, conseguirá, pois é capaz de tudo, e gente desse tipo vai longe — disse Desroches.

— E por que não o conseguiria por meios honestos? — perguntou a sra. Bridau.

— A senhora verá. Feliz ou infeliz, Felipe será sempre o homem da Rue Mazarine, o assassino da sra. Descoings, o ladrão doméstico; mas fique tranquila, ele parecerá muito honesto a toda a gente!

No dia seguinte ao do casamento, após o almoço, Felipe tomou a sra. Rouget pelo braço quando seu tio se levantou para ir vestir-se, pois os recém-casados haviam descido de chambre.

— Minha bela tia — disse ele, levando-a para o vão da janela —, agora você é da família. Graças a mim, todos os tabeliães concordaram com isso. Nada de fingimentos! Quero que façamos jogo limpo. Sei quais são os meios de que você dispõe para enganar-me e cuidarei de si

melhor do que uma aia. Assim, você nunca sairá sem me dar o braço e não me deixará um só momento. Quanto ao que possa acontecer em casa, estarei atento a tudo, como uma aranha no centro de sua teia. Eis aqui a prova de que eu podia, enquanto você estava de cama sem se poder mover, tê-la posto para fora de casa sem um soldo. Leia!

E entregou a carta seguinte a Flora, estupefata:

Meu querido menino: Florentina, que acaba, enfim, de estrear na Ópera, no novo teatro, com Marieta e Túlia, não cessa de pensar em ti, bem como Florina, que deixou definitivamente Lousteau para ficar com Nathan.^[159] Essas duas finórias descobriram-te a mais deliciosa criatura do mundo, uma mocinha de dezessete anos, bela como uma inglesa, de aparência inocente como uma *lady* que tem suas aventuras, astuta como Desroches, fiel como Godeschal; e Marieta a instruiu, desejando-te boa sorte. Não há mulher capaz de competir com esse anjinho, sob o qual se oculta um demônio: ela é capaz de desempenhar todos os papéis, dominar teu tio e torná-lo louco de amor. Tem a expressão celestial da pobre Corália, sabe chorar, tem uma voz que arranca uma nota de mil francos do coração mais granítico e bebe mais champanhe do que nós. É uma criatura preciosa; deve favores a Marieta e quer pagá-los. Após ter tragado a fortuna de dois ingleses, um russo e um príncipe romano, a srta. Ester^[160] encontra-se na mais terrível penúria. Dá-lhe dez mil francos, ela ficará satisfeita. Ela acaba de dizer, rindo: “Olha, nunca esfolei burgueses, isso me dará prática!”. Ela é muito conhecida de Finot, de Bixiou, de des Lupeaulx, de toda a nossa gente, enfim. Ah! Se houvesse fortunas na França, ela seria a maior cortesã dos tempos modernos. Minha redação ressent-se do estilo de Nathan, Bixiou e Finot, que estão a fazer tolices com a referida Ester no mais magnífico apartamento que se possa imaginar e que acaba de ser arranjado para Florina pelo velho *lord* Dudley, ^[161] o verdadeiro pai de De Marsay,^[162] que a brilhante artista *agarrou*, graças ao vestuário de seu novo papel. Túlia continua com o duque de Rhétoré,^[163] e Marieta, com o duque de Maufrigneuse;^[164] assim, ambas conseguirão uma suspensão de tua pena de vigilância por ocasião da festa do rei. Trata de ter teu tio enterrado no próximo dia de São Luís, volta com a herança e gastarás uma parte dela com Ester e teus velhos amigos, que assinam em massa para recomendar-se à tua lembrança.

NATHAN, FLORINA, BIXIOU, FINOT,
MARIETA, FLORENTINA, GIROUDEAU, TÚLIA

A carta, tremendo nas mãos da sra. Rouget, denunciava o pavor de sua alma e de seu corpo. A tia não teve coragem de olhar para o sobrinho, que fixava nela dois olhos duma expressão terrível.

— Como vê, tenho confiança em você — disse ele. — Mas quero uma retribuição. Fiz de você minha tia para poder desposá-la mais tarde. Você vale tanto quanto Ester junto de meu tio. Daqui a um ano estaremos em Paris, o único lugar onde a beleza pode viver. Lá, você se divertirá um pouco mais do que aqui, pois é um carnaval constante. Quanto a mim, voltarei para o Exército, chegarei a general, e você então será uma grande dama. Eis o seu futuro, trabalhe por ele... Agora, quero meu penhor da nossa aliança. Daqui a um mês, você me fará procurador-geral de meu tio, sob o pretexto de desembaraçar-se, assim como ele, da gerência da fortuna. Quero também, um mês mais tarde, uma procuração especial para transferir sua inscrição. Uma vez a inscrição em meu nome, teremos o mesmo interesse em casarmo-nos mais tarde. Tudo isto, minha bela tia, é franco e claro. Entre nós, minha tia, não deve haver ambiguidade. Posso desposar minha tia após um ano de viuvez, ao passo que não poderia casar-me com uma moça desonrada.

Ele deixou a sala sem esperar resposta. Quando, um quarto de hora mais tarde, Védia foi tirar a mesa, encontrou a patroa pálida e banhada em suor, apesar da estação fresca. Flora experimentava a sensação duma mulher tombada ao fundo do abismo, só via trevas no seu futuro, e sobre estas trevas se desenhavam, como numa profundidade distante, figuras monstruosas, indistintas, que a aterrorizavam. Ela tinha, instintivamente, medo daquele homem e, contudo, uma voz lhe gritava que ela merecia tê-lo por senhor. Nada podia contra seu destino. Flora Brazier tinha, por decência, um apartamento na casa do tio Rouget; mas a sra. Rouget devia pertencer ao marido e assim ela se via privada do precioso livre-arbítrio que uma criada-amante desfrutava. Na horrível situação em que se encontrava, concebeu a esperança de ter um filho; mas, durante os últimos cinco anos, ela tornara João-Jaques o mais caduco dos velhos. Esse casamento devia ter, para o pobre homem, o mesmo efeito do segundo casamento de Luís XII.[\[165\]](#) Além disso, a vigilância dum homem como Felipe, que nada tinha a

fazer, pois deixara o emprego, tornou impossível qualquer vingança. Benjamim era um espião inocente e dedicado. Védia tremia diante de Felipe. Flora sentia-se sozinha e desamparada. E, finalmente, ficou com medo de morrer; sem saber como, Felipe acabaria por matá-la, ela previa que uma gravidez suspeita seria sua sentença de morte; o som daquela voz, o brilho velado daquele olhar de jogador, os menores gestos daquele soldado que a tratava com a mais cortês brutalidade faziam-na estremecer. Quanto à procuração exigida pelo feroz coronel, que para toda Issoudun era um herói, ele a obteve quando quis, pois Flora caiu sob o domínio daquele homem como a França caíra sob o de Napoleão. Como a mariposa que prende as patas na cera derretida duma vela, Rouget dissipou rapidamente suas últimas forças.

Diante dessa agonia, o sobrinho conservou-se impassível e frio como os diplomatas, em 1814, durante as convulsões da França imperial.

Felipe, que pouco acreditava em Napoleão II,[166] escreveu então ao ministro da Guerra a carta seguinte, que Marieta fez chegar às mãos desse titular por intermédio do duque de Maufrigneuse:

Excelência,

Napoleão já não existe. Quis conservar-me fiel a ele uma vez que lhe empenhei meus juramentos. Agora, sou livre para oferecer meus serviços a sua majestade. Se Vossa Excelência se dignar explicar minha conduta a sua majestade, o rei achará que ela está de acordo com as leis da honra, e mesmo com as do reino. O rei, que achou natural que seu ajudante de campo, o general Rapp,[167] chorasse seu antigo chefe, terá, certamente, indulgência para comigo: Napoleão foi meu benfeitor.

Suplico, portanto, a Vossa Excelência, que tome em consideração o pedido que lhe dirijo de reintegração no meu posto, assegurando-lhe, aqui, minha completa submissão. E isso vale dizer, excelência, que o rei terá em mim o mais fiel súdito.

Queira aceitar as homenagens do respeito com que tenho a honra de ser

De vossa excelência
o mais submisso e humilde servidor,

FELIPE BRIDAU,
antigo comandante de esquadrão dos Dragões da

Anexa a essa carta havia um pedido de permissão de permanência em Paris, para tratar de assuntos de família, ao qual o sr. Mouilleron juntou cartas do prefeito, do subprefeito e do comissário de polícia de Issoudun, fazendo, todos eles, os maiores elogios a Felipe, apoiando-se no artigo publicado a propósito do casamento de seu tio.

Quinze dias mais tarde, por ocasião da Exposição, Felipe recebeu a permissão pedida e uma carta em que o ministro da Guerra lhe anunciava que, conforme as ordens do rei, ele fora, como primeira graça, reintegrado como tenente-coronel nos quadros do Exército.

IV — OS ARREPENDIMENTOS DE UMA SANTA

Felipe foi a Paris com a tia e o velho Rouget, a quem levou, três dias após a chegada, ao Tesouro, para assinar a transferência da inscrição, que passou a ser propriedade sua. O moribundo foi, assim como a Gapuiadora, mergulhado pelo sobrinho nas alegrias desregradas da perigosa sociedade das infatigáveis atrizes, dos jornalistas, dos artistas e das mulheres equívocas, onde Felipe já consumira sua mocidade e onde o velho Rouget encontrou Gapuiadoras à vontade. Giroudeau encarregou-se de proporcionar ao tio Rouget a agradável morte mais tarde ilustrada, segundo se diz, por um marechal da França. Lolotte, uma das maiores *mariposas* da Ópera, foi a amável assassina do velho. Rouget morreu após uma esplêndida ceia oferecida por Florentina; foi, assim, difícil dizer se foi a ceia ou a sra. Lolotte que deu cabo do velho berriense. Lolotte atribuiu a morte a uma fatia de pastelão de *foie gras*, e, como a obra de Estrasburgo não podia contestar, ficou constando como certo que o bom homem morreu de indigestão. A sra. Rouget, ficando só nessa sociedade dissoluta, sentiu-se no seu elemento; Felipe, porém, deu-lhe por guia Marieta, que não deixou a viúva fazer asneiras, embora seu luto tenha sido ornado com algumas aventuras.

Em outubro de 1823, Felipe voltou a Issoudun munido da procuração da tia para liquidar a herança do tio, operação que se realizou rapidamente, pois em março de 1824 ele já se encontrava em Paris com um milhão e seiscentos mil francos, produto líquido dos bens do falecido tio, sem contar os preciosos quadros que nunca haviam saído da casa do velho Hochon. Felipe colocou seu capital na casa Mongenod e Filhos, onde se encontrava o jovem Baruch Borniche e sobre cuja solvabilidade e probidade o velho Hochon lhe dera informações satisfatórias. Essa casa recebeu o milhão e seiscentos mil francos aos juros de seis por cento ao ano, com a condição de ser avisada com a antecedência de três meses no caso de desejar retirar o capital.

Um belo dia, Felipe foi convidar a mãe para assistir ao seu casamento, que teve por testemunhas Giroudeau, Finot, Nathan e Bixiou. Pelo contrato, a viúva Rouget, cujo dote era de um milhão de francos, fazia doação de seus bens ao esposo no caso de morrer sem filhos. Não houve participação nem festa nem ruído, pois Felipe tinha seus planos: instalou a esposa à Rue Saint-George, num apartamento que Lolotte lhe vendeu completamente mobiliado, que a jovem sra. Bridau achou delicioso e onde o esposo raramente pôs os pés. Sem que ninguém ficasse sabendo, Felipe comprou por duzentos e cinquenta mil francos, à Rue de Clichy, numa época em que ninguém suspeitava do valor que esse bairro adquiriria mais tarde, um magnífico palacete, pagando à vista cinquenta mil escudos de seu rendimento e ficando com o prazo de dois anos para pagar o resto. Gastou somas enormes em reformas internas e em mobiliário, pois a isso dedicou seus rendimentos durante dois anos. Os soberbos quadros restaurados, avaliados em trezentos mil francos, lá adquiriram todo seu brilho.

O advento de Carlos X aumentava ainda mais o prestígio da família do duque de Chaulieu, cujo primogênito, o duque de Rhétoré, encontrava frequentemente Felipe na casa de Tília. No reinado de Carlos X, o ramo mais velho da casa de Bourbon julgou-se definitivamente instalado no trono e seguiu o conselho que o marechal Gouvion-Saint-Cyr^[168] dera anteriormente de atrair os militares do Império. Felipe, que, sem dúvida, fez preciosas revelações sobre as

conspirações de 1820 e 1822, foi nomeado tenente-coronel do regimento do duque de Maufrigneuse. Esse encantador fidalgo considerava-se obrigado a proteger um homem a quem arrebatara Marieta. O corpo de bailados não foi estranho a essa nomeação. A sabedoria do conselho secreto de Carlos X tinha, por outro lado, decidido que sua excelência o delfim adotasse um leve tom de liberalismo. O sr. Felipe, que se tornara quase o favorito do duque de Maufrigneuse, foi, pois, apresentado não somente ao delfim, mas também à delfina, a quem não desagradavam os temperamentos rudes e os militares conhecidos por sua fidelidade. Felipe compreendeu muito bem o papel que o delfim estava representando e aproveitou-se da primeira exibição desse liberalismo postiço para se fazer nomear ajudante de campo dum marechal de muito prestígio na Corte. Em janeiro de 1827, Felipe, que passou para a guarda real como tenente-coronel do regimento que o duque de Maufrigneuse então comandava ali, solicitou o favor de ser feito nobre. Durante a Restauração, o enobrecimento tornou-se quase um direito para os plebeus que serviam na guarda. O coronel Bridau, que acabava de adquirir as terras de Brambourg, pediu o favor de erigi-las em morgadio com o título de conde. Obteve essa graça por meio de suas relações na mais alta sociedade, onde ele se apresentava ostentando carruagens e lacaios, numa verdadeira pompa de fidalgo. Logo que Felipe, tenente-coronel do mais belo regimento de cavalaria da guarda, se viu designado no almanaque real sob o nome de conde de Brambourg, passou a frequentar a casa do tenente-general de artilharia, conde de Soulanges, [169] fazendo a corte à filha mais moça, srta. Amélia de Soulanges. Insaciável e apoiado pelas amantes de todos os homens influentes, Felipe solicitava a honra de ser um dos ajudantes de campo do delfim. Teve a audácia de dizer à delfina que “um antigo oficial ferido em vários campos de batalha e que conhecia a verdadeira guerra não seria, no momento, inútil ao delfim”. Felipe, que se habituou a todas as formas de bajulação, atingiu, nessa sociedade superior, o lugar que lhe competia, do mesmo modo que em Issoudun conseguira igualar-se a Mignonnet. Levou, além disso, uma existência magnífica, deu festas e jantares esplêndidos, não admitindo em seu palacete nenhum dos

velhos amigos, cuja posição poderia comprometer seu futuro. Foi, assim, implacável com seus companheiros de farras. Recusou-se claramente a Bixiou a pedir em favor de Giroudeau, que quis voltar para o Exército quando Florentina o deixou.

— É um homem sem compostura — disse Felipe.

— Ah! É isso que ele diz de mim — exclamou Giroudeau —, de mim que o livreli do tio!

— Tornaremos a apanhá-lo — disse Bixiou.

Felipe queria desposar a srta. Amélia de Soulanges, tornar-se general e comandar um dos regimentos da Guarda Real. Pediu tantas coisas que, para fazê-lo calar-se, o nomearam comendador da Legião de Honra e comendador de Saint-Louis. Uma noite, Ágata e José, ao voltarem a pé sob a chuva, viram Felipe passar em uniforme, coberto de condecorações, repimpado a um canto de seu belo cupê forrado de seda amarela, com suas armas encimadas por uma coroa de conde, dirigindo-se a uma festa do Elysée-Bourbon;[170] cumprimentou a mãe e o irmão com um gesto protetor, enquanto sua carruagem os salpicava de lama.

— Está bem na vida, esse patife! — disse José à mãe. — Mas ele nos deveria mandar alguma outra coisa, além de lama na cara.

— Ele está numa posição tão bonita, tão elevada que não devemos querer-lhe mal por ele se esquecer de nós — disse a sra. Bridau. — Ao subir uma encosta tão íngreme, ele tem tantas obrigações a cumprir, tantos sacrifícios a fazer que pode muito bem não nos visitar e estar sempre pensando em nós.

— Meu caro — disse uma noite o duque de Maufrigneuse ao novo conde de Brambourg —, tenho certeza de que seu pedido será bem-aceito; mas, para desposar Amélia de Soulanges, seria necessário que você fosse livre. Que fez de sua mulher?

— Minha mulher? — disse Felipe, com um gesto, um olhar e uma inflexão de voz adivinhados mais tarde por Frédérick Lemaître numa de suas mais terríveis interpretações. — Tenho a triste certeza de que vou perdê-la. Ela não tem oito dias de vida. Ah, meu caro duque, o senhor ignora o que é um casamento desigual! Uma mulher que era cozinheira, que tem os gostos duma cozinheira e que me desonra, pois

mereço ser lastimado. Mas tive a honra de explicar minha situação à senhora delfina. Tive necessidade, há tempo, de salvar um milhão que meu tio deixara por testamento a essa criatura. Felizmente, minha mulher deu para beber; com sua morte, entrarei na posse de um milhão confiado à casa Mongenod; tenho, além disso, mais trinta mil francos a cinco por cento e meu morgadio que representa quarenta mil francos de renda. Se, como tudo faz supor, o sr. de Soulanges receber o bastão de marechal, estarei em condições, com o título de conde de Brambourg, de tornar-me general e par de França. Isso será a reforma dum ajudante de campo do delfim.

Após a Exposição de 1823, o primeiro pintor do rei, um dos melhores homens daquele tempo, conseguira para a mãe de José uma agência de loteria nas vizinhanças do Mercado. Mais tarde, Ágata pôde, por grande felicidade, permutá-la, sem nada ter de pagar, com o titular duma agência à Rue du Sentier, numa casa onde José instalou seu ateliê. A viúva, por sua vez, conseguiu um gerente e deixou de ser pesada ao filho. Ora, em 1829, embora diretora duma excelente agência de loteria que devia à glória de José, a sra. Bridau não acreditava ainda nessa glória excessivamente contestada, como o são todas as verdadeiras glórias. O grande pintor, sempre às voltas com suas paixões, tinha enormes necessidades; não ganhava o suficiente para sustentar o luxo a que o obrigavam suas relações na sociedade bem como sua destacada posição na jovem escola. Embora poderosamente apoiado por seus amigos do Cenáculo e pela srta. des Touches,[171] ele não agradava aos burgueses. Essa classe, da qual hoje em dia vem o dinheiro, nunca desamarra os cordões de sua bolsa aos talentos discutidos e José via contra si os clássicos, o Instituto e os críticos que dependiam dessas duas potências. E, por fim, o conde de Brambourg mostrava-se admirado quando lhe falavam de José. Este corajoso artista, embora apoiado por Gros[172] e Gérard,[173] que fizeram que lhe dessem a cruz na Exposição de 1827, tinha poucas encomendas. Se o Ministério do Interior e a casa do rei dificilmente ficavam com suas grandes telas, os negociantes de quadros e os estrangeiros ricos ainda se interessavam menos por elas. José, aliás, como se sabe, deixa-se levar um pouco demasiadamente pela fantasia, e disso resultam

desigualdades de que se aproveitam seus inimigos para negar seu talento.

— A grande pintura está muito desprestigiada — dizia-lhe seu amigo Pedro Grassou, que fazia maus quadros ao sabor da burguesia, cujas salas se recusam às grandes telas.

— Precisarias pintar uma catedral inteira — repetia-lhe Schinner —, pois assim reduzarias a crítica ao silêncio por uma grande obra.

Esses comentários, inquietantes para a boa Ágata, corroboravam o julgamento que ela fazia desde o início sobre José e Felipe. Os fatos davam razão a essa mulher que se conservara provinciana: Felipe, seu filho predileto, não era, enfim, o grande homem da família? Via nas primeiras faltas desse rapaz o estado do gênio. José, cujas obras a encontravam insensível, pois ela as via demasiado nos cueiros para admirá-las acabadas, não lhe parecia mais adiantado em 1828 do que em 1816. O pobre José devia dinheiro, vergava ao peso de suas dívidas, *seguira uma carreira ingrata que não rendia nada*. Ágata, enfim, não compreendia por que haviam dado a condecoração a José. Felipe feito conde, Felipe bastante forte para não jogar mais, o convidado das festas da delfina, o brilhante coronel que, nas revistas ou nos cortejos militares, desfilava envergando uma farda magnífica ornada de duas fitas vermelhas, realizava os sonhos naturais de Ágata. Num dia de cerimônia pública, Felipe dissipara a lembrança do odioso espetáculo de sua miséria no Quai de l'École, passando diante da mãe pelo mesmo lugar, à frente do delfim, com plumas na barretina e uma túnica coberta de dourados e peliças! Tendo-se tornado para o artista uma espécie de irmã-enfermeira dedicada, Ágata só se sentia mãe para o audacioso ajudante de campo de sua alteza real o senhor delfim! Orgulhosa de Felipe, que, muito em breve, lhe daria a abastança, Ágata esquecia-se de que a agência de loteria de que vivia fora conseguida graças a José.

Um dia, Ágata viu seu pobre artista tão atormentado pela importância duma conta de seu fornecedor de tintas que quis, ao mesmo tempo que amaldiçoava as artes, libertá-lo de suas dívidas. A pobre mulher, que mantinha a casa com o produto de sua agência de loteria, evitava pedir qualquer quantia a José. Nessas condições, não

lhe sobrava dinheiro; mas confiava no bom coração e na bolsa de Felipe. Há três anos que vinha esperando, dia após dia, a visita do filho; via-o trazendo uma soma enorme e antegozava o prazer que teria em dá-la a José, cuja opinião sobre Felipe continuava tão invariável como a de Desroches.

Às escondidas de José, ela escreveu, pois, a seguinte carta:

Ao sr. conde de Brambourg.

Meu querido Felipe, não te lembraste um momentinho só de tua mãe em cinco anos! Isso não está direito. Deverias recordar-te um pouco do passado, nem que fosse só por causa de teu excelente irmão. Atualmente, José se encontra em necessidade, enquanto nadas na opulência; trabalha enquanto corres duma festa para outra. Ficaste com toda a fortuna de meu irmão só para ti. Enfim, a acreditar no que diz o pequeno Borniche, deves ter duzentos mil francos de renda. Pois bem, vem visitar José! Durante a visita, mete na caveira umas vinte notas de mil francos: tu no-los deves, Felipe. Teu irmão, contudo, te ficará muito grato, sem contar o prazer que darás à tua mãe.

ÁGATA BRIDAU, nascida ROUGET

Dois dias mais tarde, a criada levou ao ateliê, onde a pobre Ágata acabava de almoçar com José, a seguinte terrível carta:

Minha querida mãe, não é levando cascas de nozes que um homem pode desposar a srta. Amélia de Soulanges quando, sob o nome de conde de Brambourg, há o de

Seu filho

FELIPE BRIDAU

Atirando-se quase desmaiada ao divã do ateliê, Ágata deixou cair a carta. O leve ruído do papel ao cair e a surda mas horrível exclamação de Ágata causaram um sobressalto a José, que, nesse momento, não pensava na mãe, pois estava trabalhando furiosamente num esboço. Inclinou a cabeça para fora da tela para ver o que acontecera. Ao avistar a mãe caída, o pintor soltou a palheta e os pincéis e correu para levantar uma espécie de cadáver. Tomou Ágata nos braços, levou-a para seu leito e mandou a criada chamar seu amigo Bianchon. Logo

que José pôde interrogar a mãe, ela confessou sua carta a Felipe e a resposta que dele recebera. O artista correu a apanhar a resposta, cuja concisa brutalidade acabava de partir o coração delicado daquela pobre mãe, deitando por terra o pomposo edifício nele erigido por sua preferência maternal. José, ao voltar para junto do leito da mãe, teve o bom senso de calar-se. Não falou no irmão durante as três semanas que durou não a doença, mas a agonia da pobre mulher. Realmente, Bianchon, que foi visitá-la todos os dias e tratou da doente com a dedicação dum verdadeiro amigo, informara claramente José já no primeiro dia.

— Nessa idade — disse-lhe — e no estado em que tua mãe vai ficar, só precisamos pensar em tornar-lhe a morte o menos penosa possível.

Ágata, aliás, sentiu-se tão nitidamente chamada por Deus que já no dia seguinte reclamou a assistência religiosa do velho padre Loraux, seu confessor há vinte e dois anos. Logo que ficou a sós com ele, e após ter derramado no coração do padre todas as suas aflições, ela tornou a dizer o que dissera à madrinha e vivia a repetir:

— Em que será que desagradei a Deus? Não o tenho amado com toda minha alma? Não tenho trilhado sempre o caminho da salvação? Qual é meu pecado? Se sou culpada de alguma falta que ignoro, ainda tenho tempo de repará-la.

— Não — disse o velho com uma voz doce. — Sua vida parece pura e sua alma parece sem mancha; mas o olhar de Deus, pobre criatura aflita, é mais penetrante que o de seus ministros. Só pude percebê-lo um pouco tarde demais, pois até a mim a senhora iludiu.

Ao ouvir essas frases, pronunciadas por uma boca que até então só tivera palavras de paz e de doçura para ela, Ágata sentou-se na cama com os olhos arregalados de terror e inquietação.

— Diga! Diga! — exclamou ela.

— Console-se — replicou o velho padre. — Pela maneira como a senhora está sendo punida, pode-se prever o perdão. Deus só se mostra severo na terra com seus eleitos. Desgraçados daqueles cujas culpas encontram complacência, pois esses serão reintegrados na humanidade, e que sejam duramente punidos a seu turno por simples erros, quando chegarem à maturidade dos frutos celestes. Sua vida,

minha filha, tem sido, toda ela, uma longa falta. A senhora caiu no abismo que cavou com suas próprias mãos, pois somente erramos pelo lado que debilitamos em nós mesmos. A senhora deu seu coração a um monstro em quem julgou ver sua glória e desprezou aquele de seus filhos que constitui sua verdadeira glória! A senhora tem sido tão profundamente injusta que nem percebeu esse contraste tão chocante: a senhora deve sua vida a José, ao passo que seu outro filho a tem espoliado constantemente. O filho pobre, que a ama sem ser recompensado por uma afeição igual, é quem lhe traz o pão de cada dia; ao passo que o rico, que nunca se importou consigo e a despreza, deseja sua morte.

— Oh! Por quê? — disse ela.

— Sim — replicou o padre —, porque a senhora atrapalha, com sua condição humilde, as esperanças de seu orgulho... Mãe, aí estão seus crimes! Mulher, seus sofrimentos e suas aflições lhe anunciam que gozará a paz do Senhor. Seu filho José é tão nobre que sua afeição nunca foi diminuída pelas injustiças de sua predileção maternal; ame-o muito, portanto! Dê-lhe todo seu coração nestes últimos dias. Enfim, reze por ele; quanto a mim, vou rezar pela senhora.

Desvendados por tão poderosas mãos, os olhos dessa mãe envolveram num olhar retrospectivo o curso de sua vida. Esclarecida por esse raio de luz, ela percebeu seus erros involuntários e rompeu em pranto. O velho padre sentiu-se tão comovido pelo espetáculo desse arrependimento duma criatura em falta unicamente por ignorância que saiu para não deixar ver sua compaixão. José entrou no quarto da mãe cerca de duas horas após a partida do confessor. Fora à casa dum amigo pedir dinheiro emprestado para pagar suas dívidas mais urgentes e entrou na ponta dos pés, julgando que Ágata estivesse adormecida. Pôde, assim, sentar-se em sua poltrona sem ser visto pela doente.

Um soluço entrecortado por estas palavras: “Ele me perdoará?” fez José levantar-se com as costas alagadas de suor, pois julgou que a mãe estivesse acometida do delírio que precede a morte.

— Que tens, mamãe? — perguntou-lhe, apavorado com os olhos congestos e a fisionomia esquelética da enferma.

— Ah! José, tu me perdoas, meu filho? — exclamou ela.

— Quê?

— Não te amei como merecias...

— Que bobagem! — contestou ele. — Não me amaste? Não vivemos juntos há sete anos? Não tens sido, há sete anos, quem cuida de mim? Não te vejo todos os dias? Não ouço tua voz? Não és a meiga e indulgente companheira de minha vida miserável? Não entendes de pintura? Ora, isso não tem a mínima importância! E eu que dizia ontem a Grassou: “O que me consola, no meio de minhas lutas, é ter uma boa mãe; ela é o que deve ser a mulher dum artista, cuida de tudo, encarrega-se de minhas necessidades materiais sem causar-me o menor embaraço...”.

— Não, José, não; tu, sim, me amas; mas não tenho correspondido à tua afeição. Ah! Como eu gostaria de viver mais um pouco! Dá-me tua mão...

Ágata tomou a mão do filho, beijou-a, colocou-a sobre o coração e ficou a contemplá-lo demoradamente, mostrando-lhe o azul de seus olhos resplandecente da ternura que até então reservava a Felipe. O pintor, que entendia de expressões, ficou tão impressionado com essa mudança, viu por ela que o coração de sua mãe se abria tão inteiramente para ele que a tomou nos braços, manteve-a durante alguns momentos estreitada contra si, dizendo como um louco:

— Mamãe! Mamãe!

— Ah! Sinto-me perdoada! — disse ela. — Deus não pode deixar de confirmar o perdão dum filho à sua mãe!

— Precisas ficar calma, não te aflijas! Escuta: sinto-me amado durante este instante por todo o passado — exclamou José, tornando a acomodar a mãe sobre o travesseiro.

Durante as duas semanas que durou o combate entre a vida e a morte nessa santa criatura, ela teve para José olhares, impulsos de alma e gestos onde brilhava tanto afeto que parecia que em cada uma de suas efusões havia toda uma existência... A mãe só pensava no filho, não se importava mais consigo mesma. E, amparada por seu amor, não sentia mais seus sofrimentos. Teve expressões ingênuas como as das crianças. D’Arthez, Miguel Chrestien, Fulgêncio Ridal, Pedro Grassou e

Bianchon iam fazer companhia a José e discutiam muitas vezes em voz baixa no quarto da enferma.

— Oh! Como eu gostaria de entender as cores — exclamou ela, uma noite, ao ouvir uma discussão sobre um quadro.

Por sua parte, José foi sublime para a mãe; não saiu do quarto, afagava Ágata em seu coração, correspondia à sua afeição com uma afeição igual. Para os amigos do grande pintor, isso constituiu um desses belos espetáculos de que nunca se esquecem. Esses homens, irmanados por um verdadeiro talento e um grande caráter, foram, para José e sua mãe, exatamente o que se podia esperar que fossem: anjos que oravam, que choravam com ele, não pronunciando preces nem derramando lágrimas, porém unindo-se a ele em pensamento e em ação. Artista igualmente grande pelo sentimento e pelo talento, José percebeu, por alguns olhares da mãe, um desejo escondido em seu coração e disse, um dia, a D'Arthez:

— Ela amou tanto esse bandido do Felipe que há de querer revê-lo antes de morrer.

José pediu a Bixiou, que se lançara à sociedade boêmia que Felipe às vezes frequentava, que conseguisse fazer com que o infame conde fingisse, por piedade, um pouco de afeição, a fim de envolver o coração da pobre mãe numa mortalha bordada de ilusões. Em sua qualidade de observador e trocista misantropo, Bixiou ficou encantado com essa missão.

Quando acabou de expor a situação de Ágata ao conde de Brambourg, que o recebeu num quarto de dormir forrado de damasco de seda amarela, o coronel pôs-se a rir.

— Ora! Que diabos queres que eu vá fazer lá? — interrogou. — O único serviço que a boa mulher me pode prestar é meter-se debaixo da terra o mais cedo possível, pois faria uma triste figura no meu casamento com a srta. de Soulanges. Quanto menos eu tiver família, melhor será minha posição. Compreendes muito bem que eu queira enterrar o nome de Bridau sob todos os monumentos funerários do Père-Lachaise!...[174] Meu irmão me assassina, pondo em evidência meu verdadeiro nome! És bastante inteligente para compreender a minha situação! Vejamos! Se chegasses a deputado, com a *lâbia* que

tens, serias temido como Chauvelin[175] e poderias ser feito conde Bixiou, diretor das Belas-Artes; nessas alturas, ficarias contente, se tua avó Descoings ainda fosse viva, de ter a teu lado essa brava mulher que se assemelhava a uma sra. Saint-Léon? Dar-lhe-ias o braço nas Tuileries? Apresentá-la-ias à família nobre na qual então procurarías ingressar? O que desejarias, que diabo!, seria vê-la a seis pés abaixo da terra, calafetada numa caixa de chumbo. Olha, almoço comigo e falemos de outra coisa. Sou um João-ninguém que alcançou pela audácia a fortuna e a nobreza, não o ignoro. Não quero deixar meus cueiros à mostra!... Meu filho, sim, será mais feliz do que eu, será um grão-senhor. O patife viverá desejando minha morte, assim o espero, ou não será meu filho.

Tocou a campainha; apareceu o criado, a quem disse:

— Meu amigo almoço comigo, serve-nos um bom almoço.

— Mas a alta sociedade não te veria no quarto de tua mãe — insistiu Bixiou. — Que te custaria fingir durante algumas horas que estimas a pobre mulher?

— Percebo! — disse Felipe, piscando um olho. — Vens da parte dela. Sou um velho camelo entendido em genuflexões. Minha mãe quer aproveitar-se de seu último suspiro para arrancar-me alguma coisa para José! Agradeço!

Quando Bixiou narrou essa cena a José, o pobre pintor sentiu frio até na alma.

— Felipe sabe que estou doente? — perguntou Ágata, numa voz dolente, na mesma noite do dia em que Bixiou expôs o resultado de sua missão.

José saiu sufocado pelas lágrimas. O padre Loraux, que se achava à cabeceira de sua penitente, tomou-lhe a mão, apertou-a e depois respondeu-lhe:

— Ah, minha filha, só tiveste um filho!

Ao ouvir essa frase, cujo sentido compreendeu, Ágata teve uma crise que deu início à sua agonia. Morreu vinte horas mais tarde.

No delírio que precedeu a morte, escapou-lhe esta frase:

— A quem terá saído Felipe? José tratou sozinho do enterro da mãe.

Felipe fora, a serviço, a Orléans, enxotado de Paris pela seguinte

carta, que José lhe escreveu no momento em que a mãe exalava o último suspiro:

Monstro, minha pobre mãe morreu vitimada pela comoção que tua carta lhe causou. Toma luto, mas finge-te de doente: não quero que seu assassino esteja a meu lado diante de seu ataúde.

JOSÉ B.

V — CONCLUSÃO

O pintor, que não mais sentiu coragem para pintar, embora sua profunda dor talvez estivesse a exigir a espécie de distração mecânica proporcionada pelo trabalho, ficou cercado pelos amigos, que se acertaram para não mais deixá-lo sozinho. Assim, Bixiou, que estimava tanto a José como um brincalhão pode estimar a alguém, fazia, quinze dias após o enterro, parte dos amigos agrupados no ateliê. Nesse momento a criada entrou bruscamente e entregou a José esta carta, levada, disse ela, por uma velha, que esperava a resposta à porta:

Senhor,

Vejo-me obrigada a dirigir-me a si, a quem não ousa dar o nome de irmão, e o faço apenas por causa do nome que uso...

José virou a folha e examinou a assinatura ao pé da última página. Estas palavras: *condessa Flora de Brambourg* fizeram-no estremecer, pois ele pressentiu alguma coisa horrível inventada pelo irmão.

— Esse patife — disse ele — é capaz de tudo! E passa por homem de bem! E anda com um montão de condecorações em torno do pescoço! E brilha como um par, na Corte, em vez de ser mandado à Corte dos Pares! E chamam a isso “senhor conde”!

— E há muitos assim — disse Bixiou.

— Afinal, essa Gapuiadora bem merece ser gapuiada por sua vez — acrescentou José. — Ela não vale nada e teria deixado que me cortassem o pescoço como a um frango, sem ao menos dizer: “Ele é inocente!...”.

Como José jogasse a carta ao chão, Bixiou a apanhou lestamente e a leu em voz alta:

É decente que a sra. condessa de Brambourg, quaisquer que possam ser seus erros, vá morrer num hospital? Se esse é o meu destino, se essa é a vontade do senhor conde e a sua, que ela se cumpra; nesse caso, porém, o senhor, que é amigo do dr. Bianchon, consiga sua proteção para que eu possa baixar a um hospital. A portadora desta carta, senhor, foi onze dias seguidos ao palacete de Brambourg, à Rue de Clichy, sem obter o menor auxílio de meu marido. O estado em que me encontro não me permite chamar um advogado a fim de pleitear judicialmente o que me é devido para morrer em paz. Além disso, nada me pode salvar, bem o sei. No caso de não querer ocupar-se de sua desgraçada cunhada, dê-me o dinheiro necessário para conseguir com que pôr fim a meus dias, pois sei que o senhor seu irmão deseja minha morte, sempre a desejou. Embora ele me haja dito que tinha três meios seguros de matar uma mulher, não tive a inteligência de prever este de que ele se serviu.

No caso de o senhor querer honrar-me com um auxílio e verificar com seus próprios olhos a miséria em que vivo, moro à Rue du Houssay, na esquina da Rue Chantereine, no quinto andar. Se amanhã eu não pagar meus aluguéis atrasados, terei de sair! E para onde irei, senhor?... Posso chamar-me

Sua cunhada

CONDESSA FLORA DE BRAMBOURG

— Que fosso cheio de infâmias! — disse José. — Que haverá lá no fundo?

— Façamos, antes de mais nada, entrar a mulher. Deve ser um notável prefácio da história — disse Bixiou.

Um instante depois, apareceu uma mulher que Bixiou designou por estas palavras: “andrajos que caminham!”. Era, com efeito, um amontoado de roupas brancas e vestidos velhos enfiados uns por cima dos outros, com as barras enlameadas devido ao mau tempo, tudo isso montado sobre grossas pernas de pés largos, mas envolvidos em meias remendadas e sapatos que vomitavam água pelas fendas. Acima dessa pilha de farrapos, erguia-se uma dessas cabeças que Charlet^[176] deu às suas varredoras e coberta com um horrível lenço de seda muito gasto.

— Seu nome? — perguntou José, enquanto Bixiou desenhava a

mulher apoiada a um guarda-chuva do ano II da República.

— Sra. Gruget, para servi-lo. Já tive minhas rendas, meu senhorzinho — disse ela a Bixiou, cujo riso dissimulado a ofendeu. — Se minha pobre filha não tivesse tido a infelicidade de amar demais a alguém, eu estaria em situação muito diferente. Ela se afogou, permitam-me que eu diga, minha pobre Ida!^[177] Cometi, então, a tolice de perseguir um milhar na loteria; e é por isso, meu caro senhor, que, aos setenta e sete anos, cuido de doentes à razão de dez soldos por dia, com comida...

— Mas sem roupa! — disse Bixiou. — Minha avó pelo menos se vestia, mesmo perseguindo sua centenazinha.

— Mas, com esses dez soldos, preciso pagar um quarto mobiliado...

— Que tem essa mulher de quem a senhora está cuidando?

— Nada, senhor... no que se refere a dinheiro, é claro! Pois ela tem uma doença de fazer tremer os médicos... Ela me deve sessenta dias, e é por isso que continuo a cuidar dela. O marido, que é um conde, pois ela é condessa, certamente me pagará essa conta, quando ela morrer; emprestei-lhe tudo quanto possuía... mas não tenho mais nada: pus todos os meus trastes no *prego!*... Ela me deve quarenta e sete francos e doze soldos, além dos trinta francos de meu serviço de enfermeira. E, como ela quer se suicidar com carvão, eu lhe disse: “Isso não é direito”. Eu disse mesmo à porteira que a vigiasse durante a minha ausência, pois ela é capaz de se atirar pela janela.

— Mas que tem ela? — perguntou José.

— Ah, senhor! O médico das irmãs de caridade foi lá, mas, devido à natureza da doença — disse a sra. Gruget, assumindo um ar pudibundo —, disse que é preciso levá-la para o hospital... O caso é mortal.

— Iremos lá — disse Bixiou.

— Tome — disse José —, aqui estão dez francos.

Após ter metido a mão na famosa caveira para apanhar todo seu dinheiro, o pintor seguiu pela Rue Mazarine, subiu num carro e dirigiu-se à casa de Bianchon, a quem teve a felicidade de encontrar. Enquanto isso, Bixiou, por sua vez, corria à Rue de Bussy, para procurar seu amigo Desroches. Os quatro amigos encontraram-se uma hora mais tarde à Rue du Houssay.

— Esse Mefistófeles a cavalo chamado Felipe Bridau — disse Bixiou aos três amigos, enquanto subia a escada — soube dar um jeito para desembaraçar-se da mulher. Vocês sabem que nosso amigo Lousteau, satisfeitíssimo por receber uma nota de mil francos por mês de Felipe, manteve a sra. Bridau na sociedade de Florina, de Marieta, de Túlia, de Val-Noble. Quando Felipe viu sua Gapuiadora habituada aos vestidos e aos prazeres caros, não lhe deu mais dinheiro e deixou que ela tratasse de arranjá-lo... sabem vocês como! Felipe, ao fim de dezoito meses, fez sua mulher descer, de trimestre em trimestre, sempre um pouco mais baixo; e finalmente, por intermédio dum jovem e soberbo suboficial, deu-lhe o gosto pela bebida. A medida que ele subia, sua mulher descia, e a condessa está agora na lama. Não sei como Felipe conseguiu desembaraçar-se dessa moça, nascida no campo e habituada à vida rude. Tenho curiosidade de estudar esse dramazinho, pois preciso vingar-me do camarada. Ah!, meus amigos — disse Bixiou, num tom de voz que deixou os companheiros em dúvida sobre se gracejava ou falava seriamente —, basta entregar um homem a um vício para desembaraçar-se dele. “Ela gostava muito de dançar e foi a dança que a matou!...”, disse Hugo.[178] Ai está! Minha avó gostava da loteria e Felipe a matou pela loteria! O tio Rouget gostava da farra e Lolotte o matou! A sra. Bridau, pobre mulher, gostava de Felipe e foi morta por ele!... O Vício! O Vício! Meus amigos... sabem que é o Vício? É o Bonneau da Morte![179]

— Quer dizer que vais morrer dum gracejo? — disse, sorrindo, Desroches a Bixiou.

A partir do quarto andar, os rapazes subiram uma dessas escadas retas que parecem uma escada de mão e pelas quais se sobe a certas mansardas de Paris. Embora José, que conhecera Flora tão linda, esperasse encontrar um horrível contraste, não pudera imaginar o pavoroso espetáculo que se ofereceu a seus olhos de artista. Sob o ângulo agudo duma mansarda sem papel nas paredes e numa cama de louro e cujo magro colchão talvez estivesse cheio de crina, os três rapazes viram uma mulher, verde como uma afofada de dois dias e consumida como uma tísica duas horas antes da morte. Esse cadáver infecto tinha um miserável pano de algodão sobre a cabeça despojada

de cabelos. O contorno dos olhos fundos era avermelhado e as pálpebras pareciam películas de ovo. Quanto ao corpo, outrora tão fascinante, dele não restava mais que uma ignóbil osteologia. Ao ver os visitantes, Flora apertou contra o peito um retalho de musselina, que devia ter sido uma pequena cortina de janela, pois estava manchada de ferrugem pelo varão numa das extremidades. Como único mobiliário, os rapazes viram duas cadeiras, uma cômoda ordinária sobre a qual havia uma vela enfiada numa batata, pratos espalhados pelo assoalho e um pequeno fogão de barro ao canto duma estufa sem fogo. Bixiou notou o resto do caderno de papel comprado no armazém para escrever a carta que as duas mulheres haviam, sem dúvida, ruminado em comum. A palavra “nojenta” não seria mais que o termo exato, cujo superlativo não existe e que exprimiria fielmente a impressão causada por aquela miséria. Quando a moribunda avistou José, duas grossas lágrimas rolaram por suas faces.

— Ela ainda pode chorar! — disse Bixiou. — Eis aí um espetáculo um pouco divertido: lágrimas saindo dum jogo de dominó! Isso nos explica o milagre de Moisés.

— Ela está bem seca! — disse José.

— Ao fogo do arrependimento — disse Flora. — E não consigo um padre, não tenho nada, nem mesmo um crucifixo para ver a imagem de Deus!... Ah!, senhor — exclamou ela, erguendo os braços que pareciam dois pedaços de madeira esculpida —, sou muito culpada, mas Deus nunca puniu a ninguém como a mim!... Felipe matou Max, que me aconselhara coisas horríveis, e agora *ele* me mata também, Deus serve-se *dele* como dum flagelo!... Acautelem-se, pois todos nós temos nosso Felipe.

— Deixem-me a sós com ela — disse Bianchon — para eu ver se a doença é curável.

— Se a curassem, Felipe Bridau estouraria de raiva — disse Desroches. — Vou fazer constatar o estado em que se encontra sua mulher. Ele não a fez condenar como adúltera, ela está no gozo de todos seus direitos de esposa. Assim, ele terá o escândalo dum processo. Antes de mais nada, vamos fazer transportar a senhora condessa para a Casa de Saúde do dr. Dubois, ao Faubourg Saint-

Denis; lá ela será tratada com luxo. Depois, vou exigir do conde a reintegração do domicílio conjugal.

— Bravo, Desroches! — exclamou Bixiou. — Como é bom inventar um bem que causará tanto mal!

Dez minutos mais tarde, Bianchon desceu e disse aos dois amigos:

— Vou numa corrida à casa de Desplein, ele pode salvar essa mulher por uma operação. Ah! Ele fará com que cuidem bem dela, pois o abuso da bebida provocou nela uma doença magnífica que já considerávamos extinta.

— Charlatão! Então tudo não é uma única doença? — perguntou Bixiou.

Mas Bianchon já estava no corredor, tamanha era sua pressa em anunciar a Desplein a grande descoberta. Duas horas depois, a desventurada cunhada de José foi conduzida ao hospital decente fundado pelo dr. Dubois e que foi, mais tarde, adquirido pela Prefeitura de Paris.

Três semanas mais tarde, a *Gazette des Hôpitaux* trazia a descrição duma das mais audaciosas tentativas da cirurgia moderna sobre uma enferma designada pelas iniciais F.B. A paciente sucumbiu, mais pelo estado de fraqueza em que a deixara a miséria do que pelas consequências da operação. Pouco depois, o coronel conde de Brambourg, de luto fechado, foi visitar o conde de Soulanges e participou-lhe a *dolorosa perda* que acabava de sofrer. Murmurou-se na alta sociedade que o conde de Soulanges ia casar a filha com um homem de origem humilde, mas de grande mérito, que ia ser nomeado marechal de campo e coronel dum regimento da Guarda Real.

De Marsay transmitiu a notícia a Rastignac, que falou no assunto numa ceia no Rocher de Cancale, na qual se encontrava Bixiou.

— Isso não se fará — disse para si mesmo o talentoso artista.

Se, entre os amigos que Felipe renegou, alguns, como Giroudeau, não se podiam vingar, ele teve a inépcia de ofender Bixiou, que, graças a seu espírito, era recebido em toda a parte e não perdoava nada. Em pleno Rocher de Cancale, diante de pessoas sérias que ceavam, Felipe dissera a Bixiou, que lhe pedira licença para ir ao palácio de Brambourg:

— Virás à minha casa quando fores ministro!

— Terei de tornar-me protestante para ir à tua casa? — respondeu Bixiou, gracejando.

Mas, intimamente, se disse:

— Se és um Golias, tenho minha funda, e pedras não me faltam.

No dia seguinte, o mistificador vestiu-se na casa dum ator amigo e foi metamorfoseado, pela onipotência do vestuário, num padre de lunetas verdes que se tivesse secularizado; depois tomou uma carruagem e se fez conduzir ao palácio de Soulanges. Bixiou, chamado de farsante por Felipe, queria fazer-lhe uma farsa. Recebido pelo sr. de Soulanges, graças à sua insistência em querer falar num assunto grave, Bixiou encarnou o personagem dum homem venerável encarregado de importantes segredos. Narrou, num tom de voz dissimulado, a história da doença da condessa morta cujo segredo lhe fora confiado por Bianchon, a história da morte de Ágata, a história da morte do velho Rouget de que se gabava o conde de Brambourg, a história da morte da Descoings, a história do empréstimo tomado à caixa do jornal e a história dos costumes de Felipe nos seus maus dias.

— Senhor conde, não lhe dê sua filha sem ter tomado todas as informações: interrogue seus antigos camaradas, Bixiou, o capitão Giroudeau etc.

Três meses mais tarde, o coronel conde de Brambourg oferecia uma ceia em sua casa a Du Tillet,[180] a Nucingen,[181] a Rastignac, a Máximo de Trailles[182] e a De Marsay. O anfitrião aceitava muito despreocupadamente as frases meio consoladoras que seus hóspedes lhe dirigiam a propósito de sua ruptura com a casa de Soulanges.

— Podes encontrar coisa melhor — dizia-lhe Máximo.

— Que fortuna seria necessária para desposar uma das Grandlieu? [183] — perguntou Felipe a De Marsay.

— A você!... Não dariam a mais feia das seis por menos de dez milhões — respondeu insolentemente De Marsay.

— Ora! — disse Rastignac. — Com duzentos mil francos de renda, você pode conseguir a srta. de Langeais,[184] filha do marquês; ela é feia, tem trinta anos e nem um soldo de dote: isso deve servir-lhe.

— Terei dez milhões daqui a dois anos — respondeu Felipe Bridau.

— Estamos a 16 de janeiro de 1829! — exclamou Du Tillet, sorrindo.
— Trabalho há dez anos e não os tenho, eu!...

— Nós nos aconselharemos mutuamente e você verá como entendo de finanças — respondeu Bridau.

— Quanto é que você possui, tudo incluído? — perguntou Nucingen.

— Vendendo meus títulos de renda, excetuando minhas terras e meu palácio que não quero arriscar porque estão compreendidos no meu morgadio, farei bem uns três milhões...

Nucingen e Du Tillet entreolharam-se; e, depois desse astuto olhar, Du Tillet disse a Felipe:

— Meu caro conde, trabalharemos juntos, se você quiser.

De Marsay surpreendeu o olhar que Du Tillet dirigiu a Nucingen e que significava: “A nós, os milhões!”. Realmente, esses dois personagens do alto mundo bancário estavam no coração dos negócios políticos de maneira a poderem jogar na certa na Bolsa, em dado momento, contra Felipe, quando todas as probabilidades parecessem favoráveis ao conde e o fossem, no entanto, a eles. E assim aconteceu. Em julho de 1830, Du Tillet e Nucingen já haviam feito o conde de Brambourg ganhar um milhão e quinhentos mil francos, e assim este não mais desconfiou deles, julgando-os leais e prudentes. Felipe, que subira graças à Restauração, e iludido sobretudo por seu profundo desprezo pelos *paisanos*, acreditou na vitória da legalidade e quis jogar na alta; ao passo que Nucingen e Du Tillet, que acreditavam numa revolução, jogavam na baixa, contra ele. Esses dois astutos parceiros mostraram-se da mesma opinião que o conde de Brambourg e fingiram partilhar suas convicções dando-lhe a esperança de dobrar seus milhões e colocando-se em posição de os arrancar dele. Felipe lutou como um homem para quem a vitória valia quatro milhões. Sua dedicação foi tão destacada que ele recebeu ordem de voltar a Saint-Cloud[185] com o duque de Maufrigneuse. Essa demonstração de reconhecimento salvou Felipe; pois ele queria, a 28 de julho, fazer uma carga para varrer as avenidas e teria sem dúvida recebido alguma bala enviada por seu amigo Giroudeau, que comandava uma divisão de assaltantes.

Um mês depois, o coronel Bridau só possuía, de sua imensa fortuna,

o palacete, as terras, os quadros e a mobília. Cometeu, além disso, segundo se diz, a tolice de acreditar na Restauração do ramo primogênito dos Bourbon, ao qual foi fiel até 1834. Ao ver Giroudeau coronel, uma inveja bastante compreensível fez Felipe reverter à ativa, conseguindo, desgraçadamente, em 1835, um regimento na Argélia, onde permaneceu três anos no posto mais perigoso, esperando obter as dragonas de general; uma influência maliciosa, porém, a do general Giroudeau, fez com que ele ficasse por lá. Tornando-se cruel, Felipe agravou a severidade do serviço e foi detestado, apesar de sua bravura. No começo do ano fatal de 1839, ao empreender um contra-ataque sobre os árabes durante uma retirada diante de forças superiores, ele se lançou contra o inimigo seguido apenas duma companhia, que foi colhida por uma tropa de árabes. O combate foi sangrento, horrível, de homem a homem, e os cavalarianos franceses só se desembaraçaram dela em pequeno número. Ao ver seu coronel cercado, os que haviam ficado a distância não acharam razoável perecer inutilmente tentando libertá-lo. Ouviram essas palavras: “Sou seu coronel! Sigam-me! Um coronel do Império!”, seguidas de uivos pavorosos, mas voltaram a juntar-se ao regimento. Felipe teve uma morte horrível, pois deceparam-lhe a cabeça quando ele caiu quase retalhado pelos alfanjes.

José, que nessa época se casara, graças à proteção do conde de Sérisy, com a filha dum antigo fazendeiro milionário, herdou o palácio e as terras de Brambourg, de que o irmão não pudera lançar mão embora desejasse privá-lo de sua herança. O que causou maior prazer ao pintor foi a bela coleção de quadros. José, para quem o sogro, espécie de Hochon rústico, continua a acumular dinheiro, já possui sessenta mil francos de renda. Embora pinte magníficas telas e preste grandes serviços aos artistas, ainda não é membro do Instituto. Em consequência duma cláusula da instituição do morgadio, ele é agora conde de Brambourg, o que frequentemente o faz estourar de riso no meio dos amigos, em seu ateliê.

— *Les bons comtes ont les bons habits*[\[186\]](#) — diz-lhe então seu amigo Leão de Lora, que, a despeito de sua celebridade como pintor de paisagens, não renunciou ao velho hábito de alterar os provérbios, e que respondeu a José a propósito da modéstia com que ele recebera os

favores do destino:

— Ora! *La pépie vient en mangeant.*[\[187\]](#)

Paris, novembro de 1842

**OS PARISIENSES NA PROVÍNCIA:
O ILUSTRE
GAUDISSERT**

TRADUÇÃO DE **ELZA LIMA RIBEIRO**

INTRODUÇÃO

O ilustre Gaudissart (em francês: *L'Illustre Gaudissart*) não é propriamente uma história; é apenas um retrato. O retratado, cujo nome fornece o título, já apareceu como personagem acessória em *Honorina*: era ele que, por ordem do conde Otávio de Bauvan, comprava por um preço exorbitante à condessa de Bauvan, separada do marido, as flores artificiais que ela confeccionava para se sustentar.

Gaudissart nada tem de individual: é um mero tipo, uma “espécie social”, a do caixeiro-viajante, e o mérito de Balzac consiste em tê-lo apanhado por assim dizer no instante de seu aparecimento, e em ter-lhe percebido imediatamente os traços essenciais. Toda a personalidade do caixeiro-viajante é adquirida de empréstimo: com migalhas de conversação, artigos de jornal e alguns conhecimentos superficiais, ele constrói um simulacro de cultura, uma competência aparente que serve para atordoar o possível freguês. É ele que incorpora primeiro ao seu vocabulário os resultados mais recentes da especulação filosófica e da pesquisa científica reduzindo-os a simples *slogans*. Assim como em 1834 propagava o saint-simonismo, hojealaria em vitaminas, complexo de inferioridade e bomba atômica.

Apesar da justeza das observações de Balzac e da vitalidade do tipo, *O ilustre Gaudissart* não chega a arrebatarnos. Zulma Carraud, a fiel amiga de Balzac, detestava Gaudissart porque não amava “o espírito puro”; queria dizer com isso que lhe faltava o sentimento, a paixão, realmente ausente dessas páginas. Ou talvez as imperfeições dessa novela provenham da incapacidade orgânica de Balzac para o cômico. Não que lhe faltasse espírito; mostram o contrário as réplicas mordazes de seus dândis e de suas mundanas. Mas a sua maneira de expor, o

ritmo lento de sua narração entrecortada de contínuas digressões — que em situações dramáticas vêm, às vezes, resolver uma tensão quase insustentável —, é incompatível com as situações cômicas. Ainda assim, a conversa de surdos entre o louco Margaritis e nosso viajante, em que Gaudissart se deixa lograr, não deixa de ter a sua graça. Observemos ainda que, se Balzac sondava admiravelmente bem as paixões escondidas no mais íntimo das almas, eram-lhe menos acessíveis essas criaturas lisas como Gaudissart, que existem apenas na superfície e cujos sentimentos não têm grandeza nem originalidade.

A título de curiosidade convém lembrar a estranha interpretação dada a esta novela pelo crítico alemão Ernst-Robert Curtius em sua conhecida monografia sobre Balzac. Para Curtius, Gaudissart é a manifestação de um otimismo inspirado pelo movimento saint-simoniano e por sua fé no progresso. Entretanto, é fácil verificar que a atitude de Balzac para com o saint-simonismo, tão admirado pela maioria dos escritores da época, assemelha-se muito menos ao entusiasmo do que à ironia.

Pierre Barbéris, comentador da nossa novela na nova edição da Pléiade, percebe no texto maior complexidade do que aparece à primeira vista: ao mesmo tempo que exprime suas simpatias pelas idílicas tradições rurais da Touraine e o suave *dolce far niente* da vida provinciana, não esconde sua fé no caráter inelutável do progresso. Gaudissart é ao mesmo tempo ridículo e temível, representando duas faces da nascente civilização capitalista.

PAULO RÓNAI

O ILUSTRE GAUDISSERT

O caixeiro-viajante, personagem desconhecida na Antiguidade, não será uma das figuras mais interessantes criadas pelos costumes da época atual? Não estará ele destinado, num certo domínio, a marcar a grande transição que, para os observadores, liga o tempo das especulações materiais ao tempo das especulações intelectuais? O nosso século unirá o reino da força isolada, abundante em criações originais, ao reino da força uniforme, mas niveladora, igualando os produtos, lançando-os em massa, e obedecendo a um pensamento unitário, último expoente das sociedades. Depois das saturnais do espírito generalizado, depois dos últimos esforços de civilizações que acumulam os tesouros da terra num só ponto, não vêm sempre as trevas da barbárie? O caixeiro-viajante não é para as ideias o que as nossas diligências são para as coisas e os homens? Ele as veicula, movimenta-as, fá-las chocarem-se umas com as outras; capta, no centro luminoso, sua carga de raios e semeia-os através das populações adormecidas. Esse piróforo humano é um sábio ignorante, um mistificador mistificado, um sacerdote incrédulo que por isso mesmo melhor discorre sobre os seus mistérios e os seus dogmas.

Extraordinária figura! Esse homem viu tudo, sabe tudo, conhece toda a gente. Saturado dos vícios de Paris, pode afetar a bonomia do interior. Não é ele o elo que prende a aldeia à capital, ainda que não seja essencialmente nem parisiense nem provinciano? Pois ele é um viajante. Nada vê a fundo; dos homens e dos lugares, apreende os nomes; das coisas, aprecia o exterior; tem o seu metro próprio, para avaliar tudo segundo a sua medida; enfim, o seu olhar, deslizando sobre os objetos, não os atravessa. Interessa-se por tudo e nada o interessa. Zombeteiro e amigo de canções, amando aparentemente todos os partidos, é geralmente um patriota no fundo da alma.

Excelente histrião, sabe usar alternativamente o sorriso da afeição, do contentamento, da gratidão, e abandoná-lo para voltar ao seu temperamento verdadeiro, a um estado normal em que repousa. É obrigado a ser observador sob pena de renunciar à profissão. Não é ele constantemente forçado a sondar os homens com um só olhar, a adivinhar-lhes os atos, os costumes, e principalmente a solvabilidade, e, para não perder o seu tempo, a avaliar de um relance as probabilidades de sucesso? Por isso, o hábito da decisão rápida em todos os negócios faz dele essencialmente um *arbitrador*: ele deslinda, fala, com autoridade de mestre, dos teatros e dos atores de Paris e dos do interior. Além disso, conhece os bons e os maus lugares da França, *de actu et visu*.^[188] Conduzir-vos-ia, se necessário, ao Vício ou à Virtude com a mesma segurança. Pois não é possível a esse homem, dotado da eloquência de uma torneira de água quente que se maneja à vontade, ora estancar, ora continuar sem tropeços a sua coleção de frases preparadas que jorram sem parar e produzem sobre a vítima o efeito de uma ducha moral?

Narrador, galhofeiro, ele fuma, ele bebe. Tem berloques, impressiona a gente simples, passa por um lorde nas aldeias, nunca se deixa *cacetear*, palavra da sua gíria, e sabe a hora de bater no bolso para fazer tilintar o seu dinheiro, a fim de não passar por ladrão junto das criadas extremamente desconfiadas, das casas burguesas onde penetra. Quanto à sua atividade, não será ela o predicado menos importante dessa máquina humana? Nem o milhafre precipitando-se sobre a presa nem o cervo inventando novos rodeios para burlar os cães e despistar os caçadores nem os cães farejando a caça podem ser comparados à rapidez do seu voo quando ele vislumbra *uma comissão*, à habilidade da rasteira que passa no seu rival para o preceder, à arte com que cheira, farisca e descobre uma colocação de mercadorias. A um tal homem, quantas qualidades superiores não são necessárias! Encontrareis, num país, muitos desses diplomatas de baixo calibre, desses profundos negociadores que falam em nome das chitas, das joias, dos panos, dos vinhos, e frequentemente mais hábeis do que os embaixadores, que na maior parte só têm aparência? Ninguém na França suspeita do incrível poder incessantemente desdobrado pelos

viajantes, esses intrépidos afrontadores de recusas que, na última povoação, representam o gênio da civilização e as invenções parisienses às voltas com o bom senso, a ignorância ou a rotina do interior. Como esquecer aqui esses admiráveis obreiros que amoldam a inteligência das populações, tratando, pela palavra, das multidões mais refratárias, e que se assemelham a esses incansáveis polidores cuja lima lambe os mais duros porfírios! Quereis conhecer o poder da língua e a forte pressão que exerce a frase sobre os escudos mais rebeldes, aqueles do proprietário enfiado na sua toca rústica?... Escutai o discurso de um dos grandes dignitários da indústria parisiense em proveito dos quais correm, pulsam e funcionam esses inteligentes êmbolos da máquina a vapor chamada Especulação.

— Senhor — dizia a um sábio economista o diretor-caixa-gerente-secretário-geral e administrador de uma das mais célebres companhias de seguros contra incêndios —, a gente do interior, de quinhentos mil francos de quotas vencidas, só assina, de boa vontade, até cinquenta mil francos; os quatrocentos e cinquenta mil restantes nos chegam arrastados pelas insistências dos nossos agentes que vão à casa dos assegurados retardatários *caceteá-los*, assustando-os e excitando-os por meio de alarmantes relatos de incêndios etc., até que estes tenham assinado de novo seus contratos de seguros. Assim, a eloquência, o fluxo labial entra em nove décimos no sistema da nossa exploração.

Falar! Fazer-se escutar não será seduzir? Uma nação que tem as suas duas Câmaras e uma mulher que presta ouvidos estão igualmente perdidas. Eva e sua serpente formam o mito eterno de um fato cotidiano que começou, e que acabará, talvez, ao mesmo tempo que o mundo.

— Depois de uma conversa de duas horas, um homem deve render-se — dizia um advogado aposentado dos negócios.

Andai à volta do caixeiro-viajante. Examinai essa figura. Não a esqueçais nem a sobrecasaca verde-oliva, nem o sobretudo, nem o colarinho de marroquim, nem o cachimbo, nem a camisa de chita com listras azuis. Nessa figura, tão original que não se deixa reduzir a um tipo comum, quantas naturezas diversas não descobrireis. Vede! Que atleta, que circo por si só completo, que armas: ele, o mundo e a sua

língua. Intrépido marinheiro, ele embarca munido de algumas frases, para ir pescar quinhentos ou seiscentos mil francos em mares gelados, no país dos iroqueses,[189] na França! Pois não se trata de extrair, por meio de operações meramente intelectuais, o ouro encafuado nos esconderijos do interior, de o extrair de lá sem dor? O peixe departamental não suporta nem o arpão nem os archotes, e só é apanhado com a nassa, o arrastão, com os instrumentos mais brandos. Pensareis agora sem estremecer no dilúvio das frases que recomeça em cascatas, de manhãzinha, na França? Já conheceis o gênero, eis o indivíduo.

Existe em Paris um incomparável Viajante, o modelo da sua espécie, um homem que possui no mais alto grau todas as condições inerentes à natureza dos seus êxitos. Na sua palavra encontram-se, ao mesmo tempo, vitríolo e visco: visco para aprisionar, envolver a vítima e torná-la aderente; vitríolo, para dissolver os mais duros cálculos. *Sua especialidade* era o *chapéu*; mas o seu talento e a arte com que conseguia enviscar as pessoas tinham-lhe proporcionado uma celebridade comercial tão grande que os negociantes do Artigo-de-Paris[190] o namoravam todos a fim de obter dele que se dignasse aceitar suas representações. Assim, quando, de volta das suas marchas triunfais, se detinha em Paris, estava perpetuamente em bodas e festins; no interior, os correspondentes o animavam; em Paris, as grandes casas o acariciavam. Bem-vindo, festejado, alimentado em toda parte; para ele, almoçar ou jantar já era uma orgia, um prazer. Levava uma vida de soberano, ou melhor, de jornalista. Mas não era ele o folhetim vivo do comércio parisiense? Chamava-se Gaudissart, e o seu renome, o seu crédito, os elogios de que era sobrecarregado valeram-lhe o apelido de *ilustre*. Em toda parte onde esse rapaz entrava, num balcão como numa estalagem, num salão como numa diligência, num sótão como em casa de um banqueiro, cada qual dizia, ao vê-lo: “Ah, eis o ilustre Gaudissart”.

Nunca nome algum esteve mais em harmonia[191] com o feitio, as maneiras, a fisionomia, a voz, a fala de um homem. Tudo sorria ao viajante e o viajante sorria a tudo. *Similia similibus*,[192] ele era pela homeopatia. Trocadilhos, gargalhadas, aspecto fradesco, tez de

franciscano, invólucro rabelaisiano;^[193] indumentária, corpo, espírito, semblante combinavam-se para espalhar a chalaça, o gáudio, em toda a sua pessoa. Nesse homem, decidido nos negócios, bonachão, patusco, teríeis reconhecido o companheiro amável da costureirinha, que galga com elegância o tejadilho de um ônibus, dá a mão à dama que está embaraçada para descer da carruagem, graceja ao ver o lenço de seda do cocheiro e vende-lhe um chapéu, sorri à criada, agarra-a pela cintura ou pelos sentimentos; à mesa imita o gluglu de uma garrafa dando piparotes nas bochechas esticadas, sabe imitar o ruído da cerveja que sai da garrafa, soprando o ar entre os lábios; dá grandes golpes com a faca nas taças de champanhe sem as quebrar, e diz aos outros: “Façam como eu!”, que escarnece dos viajantes tímidos, desmente as pessoas instruídas, reina à mesa, e aí papa os melhores bocados. Homem forte, podia abandonar a tempo todas as suas brincadeiras, e parecia profundo quando, atirando a ponta do charuto, dizia ao avistar uma cidade: “Vou ver para que presta aquela gente!”. Gaudissart tornava-se então o mais astuto, o mais hábil dos embaixadores. Sabia apresentar-se como um administrador ao subprefeito, como um capitalista ao banqueiro, como um homem religioso e monarquista ao partidário da realeza, como um burguês ao burguês; era finalmente em toda parte o que devia ser, deixava Gaudissart à porta e o recuperava à saída.

Até 1830, o ilustre Gaudissart havia permanecido fiel ao Artigo-de-Paris. Visando a maior parte das fantasias humanas, os diversos ramos desse comércio tinham-lhe permitido observar os refolhos do coração, tinham-lhe ensinado os segredos da sua eloquência atraente, a maneira de fazer desatar os cordões das bolsas mais bem amarradas, de despertar os caprichos das esposas, dos maridos, dos filhos, das criadas e de os induzir a satisfazê-los. Ninguém melhor do que ele conhecia a arte de seduzir os negociantes com os encantos de um negócio, e de sair no instante em que o desejo atingia o auge. Cheio de gratidão pela chapelaria, dizia que fora trabalhando na parte externa da cabeça que chegara a compreender a parte interna, que tinha o costume de tocar as pessoas, de subir-lhes à cabeça etc. Suas piadas sobre os chapéus eram inesgotáveis. Entretanto, depois de agosto e de outubro de 1830,

abandonou a chapalaria e o Artigo-de-Paris, deixou a representação do comércio das coisas mecânicas e visíveis para içar-se às mais elevadas esferas da especulação parisiense. Trocou, dizia, a matéria pelo pensamento, os produtos manufaturados pelas elaborações infinitamente mais puras da inteligência. Isto requer uma explicação.

O rebuliço de 1830[194] deu à luz, como todos sabem, muitas velhas ideias, que hábeis especuladores trataram de renovar. Desde 1830, principalmente, as ideias tornaram-se valores; e, como o disse um escritor que tinha espírito bastante para nada publicar, roubam-se hoje mais ideias do que lenços. Talvez um dia vejamos uma Bolsa para as ideias; mas já agora, boas ou más, as ideias se cotam, se recolhem, se importam e se transportam, se vendem, se realizam e rendem. Se não há ideias para vender, a especulação trata de pôr palavras em voga, dá-lhes a consistência de uma ideia, e vive das suas palavras como o pássaro dos seus grãos de alpiste. Não riam! Uma palavra vale uma ideia num país onde se é atraído mais pelo rótulo do saco do que pelo conteúdo. Não vimos a livraria explorando a palavra *pitoresco*, depois que a literatura acabara de matar a palavra *fantástico*? Por isso o fisco pressentiu o imposto intelectual, soube medir perfeitamente a área dos anúncios, cadastrar os prospectos e pesar o pensamento, na Rue de la Paix, na repartição do selo. Tornando-se uma exploração, a inteligência e os seus produtos haviam naturalmente de obedecer ao modo empregado pelas explorações manufatureiras. Portanto, as ideias, uma vez concebidas no cérebro inebriado de alguns desses parisienses aparentemente vadios, mas que se entregam a batalhas morais esvaziando garrafas ou levantando a coxa de um faisão, foram confiadas, no dia seguinte ao do seu nascimento cerebral, a caixeiros-viajantes encarregados de apresentar com endereços, *urbi et orbi*, [195] em Paris e no interior, o torresmo dos anúncios e dos prospectos por meio dos quais se aprisiona, na ratoeira de empresa, esse rato departamental, vulgarmente chamado ora o assinante, ora o acionista, ora membro correspondente, algumas vezes subscritor ou protetor, mas em toda parte um néscio.

— Eu sou um néscio — diz mais de um pobre proprietário atraído pela perspectiva de ser *fundador* de qualquer coisa, e que, por fim,

descobre ter fundido mil ou mil e duzentos francos.

— Os assinantes são uns néscios que não querem compreender que, para progredir no domínio intelectual, é preciso mais dinheiro do que para viajar pela Europa etc. — diz o especulador.

Existe portanto um perpétuo combate entre o público retardatário que se recusa a pagar as contribuições parisienses e os arrecadadores que, vivendo das suas receitas, recheiam o público com ideias novas, envolvem-no com empreendimentos, assam-no com prospectos, espetam-no com lisonjas, e acabam por comê-lo com algum novo molho no qual ele se afoga, com o qual se embriaga como uma mosca com a sua plumbagina. Portanto, é inimaginável o que, desde 1830, se tem prodigalizado para estimular na França o zelo, o amor-próprio *das massas inteligentes e progressistas!* Sucederam-se rapidamente os títulos, as medalhas, os diplomas, espécie de Legião de Honra inventada para mártires comuns. Finalmente, todas as fábricas de produtos intelectuais descobriram uma pimenta, um gengibre especial, seus regalos. Daí os prêmios, daí os dividendos antecipados; daí esse recrutamento de nomes célebres levantado sem o conhecimento dos infelizes artistas que os possuem e são levados assim a cooperar ativamente em mais empresas do que o número de dias do ano, pois a lei não previu o furto dos nomes. Daí esse rapto das ideias, que, à semelhança dos mercadores de escravas da Ásia, os empresários do espírito público arrancam ao cérebro paterno, mal elas despontam, e despem e arrastam aos olhos do seu sultão embasbacado, o seu *Shahabaham*,[\[196\]](#) esse terrível público que, quando não se diverte, lhes corta a cabeça, cortando-lhes o alforje cheio de ouro.

Essa loucura da nossa época veio pois agir sobre o ilustre Gaudissart, e eis de que maneira. Uma companhia de seguros de vida e de capitais ouviu falar da sua irresistível eloquência, e propôs-lhe vantagens inauditas, que ele aceitou. Fechado o negócio, assinado o contrato, o viajante foi posto à desmama entre as mãos do secretário-geral da administração que libertou o espírito de Gaudissart das suas fraldas, explicou-lhe as trevas do negócio, cujo dialeto ensinou-lhe, cujo mecanismo desmontou diante dele peça por peça; disseceu ante os seus olhos a espécie de público que teria de explorar, empanturrou-o

com frases, nutriu-o com respostas para improvisar, aprovisionou-o com argumentos peremptórios; numa palavra, amolou o fio da língua que operaria sobre a vida na França. Ora, o pimpolho correspondeu admiravelmente aos cuidados que a ele dispensou o secretário-geral. Os chefes dos seguros de vida e de capitais louvaram tão calorosamente o ilustre Gaudissart, tiveram para com ele tantas atenções, realçaram tanto, na elevada esfera bancária e nos meios da alta diplomacia intelectual, os talentos desse prospecto vivo, que os diretores financeiros de dois jornais, célebres nessa época e desaparecidos depois, tiveram a ideia de empregá-lo para angariar as assinaturas. *O Globo*, órgão da doutrina saint-simoniana, e *O Movimento*,[197] jornal republicano, atraíram o ilustre Gaudissart aos seus balcões e propuseram-lhe cada um dez francos por cabeça de assinante se ele trouxesse um milheiro; mas cinco francos apenas se ele só pilhasse quinhentos. Como a parte *Jornal Político* não prejudicaria a parte *Seguranças de Capitais*, o negócio foi concluído. Entretanto, Gaudissart reclamou uma indenização de quinhentos francos para os oito dias em que devia pôr-se a par da doutrina de Saint-Simon,[198] objetando os prodigiosos esforços de memória e de inteligência necessários para estudar a fundo esse *artigo*, e poder raciocinar sobre ele convenientemente, “de modo”, disse ele, “a não meter os pés pelas mãos”. Nada pediu aos republicanos. Primeiro, sentia-se inclinado pelas ideias republicanas, as únicas que, segundo a filosofia gaudissartiana, podiam estabelecer uma igualdade racional; além disso Gaudissart estivera outrora metido nas conspirações dos carbonários franceses,[199] fora preso, mas libertado por falta de provas; finalmente fez notar aos banqueiros do jornal que desde julho deixara crescer o bigode e que só lhe faltava um certo boné e esporas compridas para representar a República. Durante uma semana, pois, ia fazer-se saint-simonizar de manhã em *O Globo*, e corria a aprender, de tarde, nos escritórios do seguro, as sutilezas da linguagem financeira.

Sua aptidão, sua memória eram tão prodigiosas que pôde empreender a viagem lá pelos meados de abril, época em que fazia, todos os anos, a sua primeira campanha. Duas importantes casas comerciais, assustadas com a baixa dos negócios, seduziram, parece, o

ambicioso Gaudissart e decidiram-no a tomar ainda suas representações. O rei dos viajantes mostrou-se clemente em consideração aos seus velhos amigos e também à percentagem enorme que lhe foi concedida.

— Escuta, Jennyzinha — dizia ele, no fiacre, a uma bonita florista.

Todos os homens verdadeiramente grandes gostam de se deixar tiranizar por um ser frágil, e Gaudissart tinha em Jenny o seu tirano. Trazia-a, às onze horas, do Ginásio[200] aonde a conduzira, com grande ostentação, instalando-a num camarote alugado no proscênio.

— Na minha volta, Jenny, hei de mobiliar o teu quarto com todo o luxo. A grandalhona da Matilde, que te amola a paciência com as suas comparações, os seus xales verdadeiros da Índia trazidos por mensageiros da embaixada russa, a sua baixela de prata dourada e o seu príncipe russo que me está cheirando a um *farofeiro* de marca maior, ficará embasbacada. Consagro à ornamentação do teu quarto todos os *Filhos*[201] que eu fizer no interior.

— Alto lá! Vê só que gentileza — exclamou a florista. — Com que, então, seu monstro, falas-me calmamente de fazer filhos e pensas que suportarei esse desaforo?

— Ora essa! Estás ficando tola, minha Jenny?... Isso é uma maneira de dizer, no nosso comércio!

— Belo comércio é o dos senhores!

— Mas escuta, anda; se falas o tempo todo terás razão fatalmente.

— Eu quero ter sempre razão, pronto! Tu não *tem* mais vergonha!

— Queres ou não queres deixar-me acabar? Tomei sob a minha proteção uma excelente ideia, um jornal que se vai fazer para as crianças. No nosso ramo, os viajantes, depois de ter feito numa cidade, suponhamos, dez assinaturas para o *Jornal dos Filhos*, dizem: “Fiz *dez Filhos*”; assim, quando eu fizer dez assinaturas para o jornal *O Movimento*, direi: “Fiz *dez Movimentos* esta noite...”. Compreendes agora?

— Essa é boa! Estás então te metendo na política? Já te vejo na Saintr-Pélagie,[202] para onde precisarei trotar todos os dias. Ah!, quando a gente ama um homem, se a gente soubesse a que se expõe, palavra de honra, a gente deixaria vocês se arranjarem sozinhos, vocês

e toda a sua cambada! Mas, vamos, partes amanhã, deixemos de ideias negras; isso são bobícias.

O fiacre parou diante de uma bonita casa recentemente construída, na Rue d'Artois, onde Gaudissart e Jenny subiram ao quarto andar. Lá morava a srta. Jenny Courand, que passava em geral por ser secretamente casada com Gaudissart, rumor que o viajante não desmentia. Para manter o seu despotismo, Jenny Courand obrigava o ilustre Gaudissart a mil pequenas atenções, ameaçando-o sempre de dar-lhe uma tábuia se ele faltasse à menor delas. Gaudissart devia escrever-lhe de cada cidade em que se detivesse e dar-lhe conta dos seus mínimos atos.

— E quantos *Filhos* serão precisos para mobiliar o meu quarto? — disse ela atirando o xale e sentando-se perto de um bom fogo.

— Tenho cinco soldos por assinatura.

— Bonito! E é com cinco soldos que pretendes enriquecer-me! A menos que *sejes* como o judeu errante e que tenhas os bolsos bem costurados.

— Mas, Jenny, farei milhares de *Filhos*. Faze uma ideia: as crianças nunca tiveram jornal. Mas sou um idiota em querer explicar-te a política dos negócios; não compreendes nada dessas coisas.

— Pois bem! Então, dize então, Gaudissart, se eu sou tão burra, por que me amas?

— Porque és uma burrinha... deliciosa! Escuta, Jenny. Vê só, se eu fizer uma clientela para *O Globo*, *O Movimento*, os seguros e os meus Artigos-de-Paris, em lugar de ganhar de oito a dez miseráveis mil francos por ano impelindo a minha giba como um verdadeiro Mayeux, [203] sou capaz de trazer agora de vinte a trinta mil francos por viagem.

— Desaperta-me, Gaudissart, mas direito, não me puxes.

— Então — disse o viajante olhando as costas lisas da florista — torno-me acionista dos jornais, como Finot,[204] um amigo meu, filho de um chapeleiro, que tem agora trinta mil libras de renda e que vai ser nomeado par de França! Quando a gente pensa que aquele tipinho do Popinot...[205] Ah! meu Deus, esqueci-me de dizer que o sr. Popinot é desde ontem ministro do Comércio... Por que não teria eu ambição?

Eh! eh! apanharia perfeitamente o *papaguear* da tribuna e poderia virar ministro, e um crânio! Vê lá! escuta:

“Meus senhores”, disse colocando-se atrás de uma poltrona, “a imprensa não é nem um instrumento nem um comércio. Vista sob o aspecto político, a imprensa é uma instituição. Ora nós somos categoricamente obrigados neste recinto a ver politicamente as coisas, portanto... (Aqui tomou fôlego). Portanto temos que examinar se ela é útil ou nociva, se deve ser encorajada ou reprimida, se submetida a impostos ou livre deles: questões graves! Não creio abusar dos momentos, sempre tão preciosos, da Câmara, ao examinar este artigo, fazendo apreender às vossas excelências as condições do mesmo. Estamos caminhando para um abismo. Por certo, as leis não andam com pés de lã, como deveriam...”

— Hein? — acrescentou olhando para Jenny. — Todos os oradores fazem a França caminhar para um abismo; ou dizem isso ou falam do carro do Estado, de tempestades e de horizontes políticos. Então eu não conheço todos os matizes? Sei o *truque* de cada comércio. Sabes por quê? Nasci empelicado. Minha mãe guardou a minha pelica, eu ta darei! Em breve, pois, estarei no poder, sim, aqui o degas!

— Tu?

— Por que não seria eu o barão Gaudissart, par de França? Não nomearam já duas vezes o sr. Popinot deputado do quarto distrito? Ele janta com Luís Felipe! Finot vai tornar-se, dizem, conselheiro de Estado! Ah! se me enviassem a Londres, como embaixador, sou eu quem te diz que deixaria os ingleses embasbacados. Nunca ninguém impingiu uma peta a Gaudissart, ao ilustre Gaudissart. É verdade, nunca ninguém me tapeou, nem nunca me há de tapear, em qualquer ramo que seja, político ou não político, aqui como em qualquer outra parte. Mas, por enquanto, é preciso que eu me dedique todo aos Capitais, ao *Globo*, ao *Movimento*, aos *Filhos* e ao *Artigo-de-Paris*.

— Ainda vais ser preso com esses teus jornais. Aposto que não chegarás nem a Poitiers e já serás físgado!

— Apostemos, florzinha.

— Um xale!

— Vá lá! Se eu perder o xale, voltarei ao meu *Artigo-de-Paris* e à

chapelaria. Mas, tapear Gaudissart, jamais, jamais!

E o ilustre viajante postou-se diante de Jenny, olhou-a orgulhosamente, com a mão enfiada no colete, a cabeça a três quartos, numa atitude napoleônica.

— Oh! Como estás engraçado! Que bicho te mordeu esta noite?

Gaudissart era um homem de trinta e oito anos, de estatura mediana, gordo e roliço, como uma pessoa habituada a rolar de diligência; de cara redonda como uma abóbora, colorida, regular e semelhante a esses clássicos rostos adotados pelos escultores de todos os países para as estátuas da Abundância, da Lei, da Força, do Comércio etc. Seu ventre protuberante afetava a forma da pera; tinha pernas curtas mas era ágil e nervoso. Pegou Jenny meio despida e levou-a para a cama.

— Cale-se, *mulher livre!* — disse ele. — Tu não sabes o que é a mulher livre, o saint-simonismo, o antagonismo, o fourierismo, o criticismo e a exploração apaixonada, pois bem! É... são dez francos por assinatura, sra. Gaudissart.

— Palavra de honra, estás ficando louco, Gaudissart.

— Cada vez mais louco por ti — disse ele atirando o chapéu sobre o divã da florista.

No dia seguinte de manhã, Gaudissart, depois de haver feito uma copiosa refeição com Jenny Courand, partiu a cavalo, a fim de ir às capitais de cantões cujo reconhecimento lhe era especialmente recomendado pelas diversas empresas a cujo sucesso ele consagrava o seu talento. Ao cabo de quarenta e cinco dias que levou a percorrer as regiões situadas entre Paris e Blois, ficou duas semanas nessa última cidade, ocupado com a sua correspondência e com a visita às vilas do departamento. Na véspera da sua partida para Tours, escreveu à srta. Jenny Courand a seguinte carta, cuja precisão e encanto não poderiam ser iguallados por nenhuma narrativa, e que prova, aliás, a legitimidade particular dos laços pelos quais essas duas pessoas estavam unidas.

CARTA DE GAUDISSERT A JENNY COURAND

Minha querida Jenny, creio que perderás a aposta. À guisa de Napoleão,

Gaudissart tem a sua estrela mas não terá Waterloo. Triunfei em toda parte nas condições previstas. O seguro dos capitais vai muito bem. Coloquei, desde Paris até Blois, perto de dois milhões; mas, à medida que me aproximo do centro da França, as cabeças se tornam singularmente mais duras, e consequentemente os milhões infinitamente mais raros. O Artigo-de-Paris caminha passo a passo e com segurança. Vai de vento em popa. Com o meu velho *jeitinho* agarro perfeitamente esses bons negociantes. Coloquei cento e sessenta e dois xales de casimira Ternaux em Orléans. Palavra de honra que não sei o que eles farão com isso, a menos que os reponham nas costas dos seus carneiros. Quanto ao Artigo-Jornais, com os diabos! Isso é uma outra cantiga. Santo Deus! Quanto é preciso cantar esses gajos até que eles aprendam a dançar conforme a música! Só fiz até agora sessenta e dois *Movimentos*! Em todo o meu itinerário, isso equivale a cem a menos que os xales Ternaux vendidos numa só cidade. Esses farsantes dos republicanos, isso é pessoal que não subscreve coisa nenhuma; conversa-se com eles, eles conversam, compartilham da nossa opinião, e a gente fica logo de acordo para derrubar tudo o que existe. Pensas que o homem toma uma assinatura? Pois sim! Você tomou? nem ele! Desde que ele tenha três polegadas de terra, em que possa plantar uma dúzia de pés de repolho, ou florestas com que fazer um palito, o meu homem já fala da consolidação das propriedades, dos impostos, das arrecadações dos mesmos, das reparações, de um mundo de besteiras, e eu perco o meu tempo e a minha saliva em patriotismo. Mau negócio! Geralmente o *Movimento* é frouxo. Relato isso aos chefões. Isso me dói, concernente às minhas opiniões. Para *O Globo*, outra canalha. Quando se fala de doutrinas novas com pessoas que a gente acredita suscetíveis de *morder a isca*, parece que se lhes fala de queimar as suas casas. Por mais que eu lhes diga que é o futuro, o interesse bem compreendido, a exploração onde nada se perde; que de há muito tempo o homem explora o homem, e que a mulher é escrava, que é preciso chegar a fazer triunfar o grande pensamento providencial e conseguir uma coordenação mais racional da ordem social, enfim toda a minha chapa... Pois bem! Quando abro a boca para expor essas ideias, o pessoal do interior fecha os armários, como se eu quisesse arrebatar-lhes qualquer coisa, e convidam-me a sair. Como são bestas, esses patos! *O Globo* está perdido. Bem lhes disse eu: “Vocês estão adiantados demais; que vão na frente, está direito; mas é preciso ter resultados, o interior gosta é dos resultados”. Entretanto, ainda fiz cem *Globos* e em vista da casca grossa daqueles cretinos caipiras, isso é um milagre. Mas prometo-lhes tanta coisa bonita, que nem sei, palavra de honra, como os glóbulos, globíferos, globais e globosos se arranjarão para realizá-las; mas como eles me disseram que organizariam o mundo infinitamente melhor do que está, tomo a dianteira e profetizo à razão de dez francos por assinatura. Há

um fazendeiro que pensou que isso dizia respeito às terras, por causa do nome, e eu englobei-o. Ora! Terá do que se regalar, com certeza, ele tem a testa abaulada, e todos os testas-abauladas são ideólogos. Ah! falem-me dos *Filhos*! Fiz dois mil *Filhos* desde Paris até Blois. Bom negocinho! Não há muito que dizer. A gente mostra a figurinha da capa à mãe às escondidas da criança para que esta a queira ver; naturalmente o filho a vê, puxa a mamãe pela saia até que tenha o seu jornal, *pruque* papai tem o seu *jorná*. A mamãe tem um vestido de vinte e cinco francos, e não quer que o seu pirralho o rasgue; o jornal só custa seis francos, é uma economia e desembucha-se a assinatura. Essa coisa excelente é uma necessidade real, está colocada entre o doce e a gravura, duas eternas necessidades da infância! Eles leem já, esses meninos danados! Aqui, tive, à mesa do hotel, uma disputa a respeito dos jornais e das minhas opiniões. Estava comendo calmamente ao lado de um senhor de chapéu cinzento, que lia os *Debates*.^[206] Disse com os meus botões: “É preciso que eu experimente a minha eloquência de tribuna. Eis aqui um que é pela dinastia e vou tentar prepará-lo a meu jeito. Esse triunfo seria uma famosa prova dos meus talentos ministeriais”. E ponho mãos à obra, começando por elogiar-lhe o jornal. Hein! Isso era preparar o terreno... Conversa vai, conversa vem, começo a dominar o meu homem, soltando as minhas frases de domingo, os raciocínios em *fá* sustentado e entrando com o meu jogo. Todos me escutavam e vi um homem de bigodes à Julho,^[207] prestes a aderir ao *Movimento*. Mas não sei como deixei escapar, mal a propósito, a palavra palerma.^[208] Pronto! Eis o meu chapéu dinástico, o meu chapéu cinza, mau chapéu, aliás, um Lyon metade seda, metade algodão, que toma o freio nos dentes e se zanga. Quanto a mim, volto ao meu ar imponente, que tu conheces, e digo-lhe: “Ah, sim, senhor! O senhor é um tipo estrambótico. Se o senhor não está contente, ponho-me à sua disposição. Bati-me em julho. — Apesar de ser pai de família — disse-me ele, — estou pronto a... — O senhor é pai de família, meu caro senhor — respondi-lhe. — Terá porventura filhos pequenos? — Tenho, sim, senhor. — De onze anos? — Mais ou menos. — Pois bem! Meu senhor, o jornal *Os Filhos* vai sair: seis francos por ano, um número por mês, duas colunas, redigido pelas sumidades literárias, um jornal de boa aparência, papel sólido, gravuras oriundas dos lápis espirituosos dos nossos melhores artistas, verdadeiros desenhos da Índia e cujas cores não desbotam”. Em seguida, disparo a minha artilharia. Eis um pai vencido! A disputa acabou por uma assinatura. “Não há como o Gaudissart para fazer tais proezas!”, dizia o gafanhoto do Lamard àquele grande imbecil do Bulot contando-lhe a cena no café.

Sigo amanhã para Amboise. Farei Amboise em dois dias, e escrever-te-ei agora de Tours, onde vou tentar medir-me com os caipiras mais apagados no que diz respeito à inteligência e à especulação. Mas, palavra de Gaudissart!, hei

de empulhá-los! Não ficar todos empulhadinhos da silva! Adeus, meu benzinho, ama-me sempre e sê fiel. A fidelidade *apesar dos pesares*[209] é uma das qualidades da mulher livre. Quem é que te beija os zoinho?

O teu, para sempre, FÉLIX

Cinco dias depois, Gaudissart partiu de manhã do Hôtel du Faisan onde estava hospedado em Tours, e dirigiu-se para Vouvray, cantão rico e populoso onde o espírito público lhe pareceu suscetível de ser explorado. Montado no seu cavalo, trotava ao longo do molhe, pensando tão pouco nas suas frases como pensa no seu papel um ator que já o desempenhou cem vezes. O ilustre Gaudissart cavalgava admirando a paisagem, e seguia descuidadamente, sem suspeitar que nos alegres vales de Vouvray pereceria a sua infalibilidade comercial.

Aqui tornam-se necessários alguns esclarecimentos sobre o espírito público da Touraine.[210] O espírito anedótico, astuto, galhofeiro, epigramático, que se retrata em cada página da obra de Rabelais, exprime fielmente o espírito turonense, espírito fino, polido como o deve ser num país onde os reis da França, durante muito tempo, mantiveram as suas cores; espírito ardente, artista, poético, voluptuoso, mas cujas tendências primitivas desaparecem rapidamente. A languidez do ar, a suavidade do clima, uma certa facilidade de existência e a bonacheirice dos costumes aí abafam logo o sentimento das artes, estreitam o coração mais vasto, corroem a vontade mais tenaz. Transplantai o turonense, suas qualidades se desenvolvem e produzem grandes coisas, assim como o provaram, nas mais diversas esferas de atividade, Rabelais[211] e Semblançay;[212] Plantin, o impressor,[213] e Descartes;[214] Boucicaut,[215] o Napoleão do seu tempo, e Pinaigrier,[216] que pintou a maior parte dos vitrais das catedrais; e ainda Verville[217] e Courier.[218] Assim o turonense, tão notável fora da sua terra, nela fica como o hindu na sua esteira, como o turco no seu divã. Ocupa o seu tempo em caçoar do vizinho, em divertir-se, e chega ao fim da vida, feliz. A Touraine é a verdadeira abadia de Thélème,[219] tão louvada no livro de Gargântua; aí se encontram, como na obra do poeta, condescendentes freiras, e a boa cozinha tão celebrada por Rabelais aí impera. Quanto à ociosidade, ela é sublime, e admiravelmente definida por esse ditado popular:

“Turonense, queres sopa? — Quero. — Traze a tua escudela! — Não estou mais com fome”. Será à alegria do vinhateiro, à doçura harmoniosa das paisagens mais lindas da França, à tranquilidade de uma região onde jamais penetram as armas do estrangeiro que se deve o mole abandono dos seus costumes fáceis e lânguidos? A essas perguntas, nenhuma resposta. Ide nessa Turquia da França, e aí ficareis preguiçoso, vadio, feliz. Fôsseis vós ambicioso como o era Napoleão, ou poeta como o era Byron, uma força inaudita, invencível obrigar-vos-ia a guardar para vós as vossas poesias, e a converter em sonhos os vossos projetos ambiciosos. O ilustre Gaudissart havia de encontrar, lá em Vouvray, um desses trocistas indígenas cujas zombarias são ofensivas apenas pela perfeição mesma da zombaria, e com o qual teve que sustentar uma luta cruel. Com ou sem razão, os turonenses gostam muito de herdar de seus pais. Ora, ali a doutrina de Saint-Simon era então particularmente odiada e vilipendiada; mas da maneira como se odeia, como se vilipendia na Touraine, com um desprezo e uma superioridade de mofa dignos da terra das boas anedotas e dos trotes dados nos vizinhos, espírito que dia a dia desaparece diante do que Lord Byron chamou o *cant*[\[220\]](#) inglês.

Para sua desgraça, depois de ter apeado no Soleil-d’Or, hospedaria mantida por Mitouflet, um ex-granadeiro da Guarda Imperial, que se tinha casado com uma rica vinhateira e ao qual confiou solenemente seu cavalo, Gaudissart foi à casa do grande maroto de Vouvray, o animador da terra, o folião obrigado pelo seu papel e por índole a manter o ambiente em regozijo. Esse Fígaro rústico, ex-tintureiro, desfrutava de uma renda de sete a oito mil libras, de uma casa bonita assentada na encosta, de uma mulherzinha gorduchinha, de uma saúde robusta. Havia dez anos, nada mais o preocupava senão cuidar do seu jardim e da sua mulher, casar sua filha, jogar à noite sua partida de baralho, sentenciar sobre todas as maledicências que relevavam da sua jurisdição, dificultar as eleições, combater os proprietários abastados e organizar bons jantares; tinha também que trotar pelo molhe, ir ver o que se passava em Tours e atormentar o senhor cura; finalmente, por único drama, esperar a venda de um pedaço de terra encravado nas suas vinhas. Em resumo, levava a vida turonense, a vida de

cidadezinha do interior. Além de tudo, era a notabilidade mais imponente da burguesia, o chefe da pequena propriedade ciumenta, invejosa, ruminadora, que é o feliz leva e traz das maledicências e das calúnias contra a aristocracia, que reduz tudo ao seu nível, inimiga das superioridades, desprezando-as mesmo com a calma admirável da ignorância. O sr. Vernier, assim se chamava esse pequeno grande personagem da vila, acabava de almoçar, entre a mulher e a filha, quando Gaudissart se apresentou na sala, de cujas janelas se viam o Loire e o Cher, uma das salas de jantar mais alegres da região.

— É o senhor Vernier em pessoa? — perguntou o viajante curvando com tanta graça a sua coluna vertebral que ela parecia elástica.

— Sim, senhor — respondeu o malicioso tintureiro interrompendo-o e lançando-lhe um olhar perscrutador pelo qual, num relance, reconheceu o tipo de homem com quem falava.

— Venho, senhor — continuou Gaudissart —, reclamar o concurso das suas luzes para me orientar neste cantão, onde Mitouflet me informou que o senhor exercia a maior influência. Senhor, sou enviado aos departamentos para uma empresa da mais alta importância, formada por banqueiros que querem...

— Que nos querem depenar — disse, rindo, Vernier, habituado outrora a tratar com caixeiros-viajantes e a conhecer-lhes a lábia.

— Positivamente — respondeu com insolência o ilustre Gaudissart. — Mas o senhor deve saber, pois que tem um tato tão apurado, que não se pode depenar senão aquele que tem algum interesse em ser depenado. Peço-lhe portanto que não me confunda com os viajantes vulgares que baseiam o seu êxito na astúcia ou na importunidade. Não sou mais viajante, mas já fui, senhor, e disso me orgulho. Hoje, porém, tenho uma missão da mais alta importância e que deve fazer com que eu seja considerado pelos espíritos superiores como um homem que se consagra a esclarecer o seu país. Digne-se escutar-me, senhor, e há de ver que muito ganhará na meia hora de conversação que tenho a honra de pedir-lhe que me conceda. Os mais célebres banqueiros de Paris não se colocaram ficticiamente nesse negócio como em algumas dessas vergonhosas especulações que eu classifico de *ratoeiras*; não, não se trata mais disso; eu não me encarregaria de veicular semelhantes

armadilhas. Não, senhor, as melhores e as mais respeitáveis casas de Paris estão na empresa, tanto como interessadas quanto como garantia...

Aí Gaudissart deu vazão ao floreio das suas frases, e o sr. Vernier deixou-o continuar, escutando-o com um interesse aparente que enganou Gaudissart. Mas ao ouvir a palavra *garantia*, Vernier deixou de prestar atenção à retórica do viajante; pensava em pregar-lhe alguma boa peça, a fim de livrar dessas espécies de lagartas parisienses uma terra que com razão é chamada bárbara pelos especuladores que aí nada conseguem lucrar.

No alto de um delicioso vale, denominado Vallée Coquette por causa das suas sinuosidades, das suas curvas que renascem a cada passo e parecem mais lindas à medida que a gente se adianta, quer na subida quer na descida do alegre percurso, morava numa casinha cercada por um vinhedo um homem meio louco, chamado Margaritis. De origem italiana, Margaritis era casado, não tinha filhos, e sua mulher cuidava dele com uma coragem geralmente apreciada. A sra. Margaritis por certo corria perigo ao lado de um homem que, entre outras manias, teimava em usar duas facas compridas, com as quais a ameaçava às vezes. Mas quem não conhece a admirável dedicação com que as pessoas do interior se sacrificam aos seres sofredores, talvez por causa da desonra que atinge uma mulher se ela abandonar o filho ou o marido aos cuidados públicos do hospital? Além disso, quem não conhece também a repugnância que tem essa gente das cidades pequenas em pagar a pensão de cem luíses ou de mil escudos exigidos em Charenton,[221] ou pelos hospícios? Quando alguém falava à sra. Margaritis dos doutores Dubuisson,[222] Esquirol,[223] Blanche[224] ou outros, ela preferia, com uma nobre indignação, ficar com os seus três mil francos ficando também com o seu velho. Como as incompreensíveis manias que a loucura ditava a esse velho se acham ligadas ao desfecho desta aventura, é preciso indicar as mais evidentes. Margaritis saía logo que chovia a cântaros, e passeava, de cabeça descoberta, nas suas vinhas. Em casa, pedia a todo instante seu jornal; para contentá-lo, a mulher ou a criada davam-lhe um velho jornal do departamento de Indre-et-Loire; e, em sete anos, ele ainda não tinha

desconfiado que lia sempre o mesmo número. Um médico, talvez, tivesse observado, não sem interesse, a relação existente entre a recrudescência dos pedidos do jornal e as variações atmosféricas.

A ocupação mais constante desse louco consistia em observar o estado do céu, relativamente aos seus efeitos sobre a vinha. Geralmente, quando a mulher tinha visitas, o que acontecia quase todas as noites, pois os vizinhos, com pena da sua situação, vinham jogar o bóston em sua casa, Margaritis ficava silencioso, punha-se num canto e dali não saía; mas quando às dez horas batiam no seu relógio fechado numa grande caixa oblonga, levantava-se à última badalada, com a precisão mecânica das figuras movidas por uma mola nos cofres dos brinquedos alemães, e caminhava lentamente até aos jogadores, lançava-lhes um olhar semelhante ao olhar automático dos gregos e dos turcos expostos no Boulevard du Temple em Paris,^[225] e dizia-lhes: “Vão-se embora!”. Em certas épocas, esse homem recuperava a sua antiga lucidez, e dava então à mulher excelentes conselhos para a venda dos seus vinhos; mas nessas ocasiões tornava-se extremamente insuportável, roubava gulodices dos armários e devorava-as às escondidas. Algumas vezes, quando os frequentadores da casa entravam, ele respondia a suas perguntas amavelmente, mas no mais das vezes dizia-lhes as coisas mais incoerentes. Por exemplo, a uma senhora que lhe perguntava: “Como está passando hoje, sr. Margaritis?” — “Fiz a barba, sim, e a senhora?...”, respondia-lhe ele. — “O senhor está melhor?”, perguntava-lhe uma outra. — “Jerusalém! Jerusalém!”, respondia. A maior parte das vezes, porém, olhava as visitas com um ar estúpido, sem pronunciar palavra, e sua mulher então lhes dizia: “O velho não ouve nada hoje”. Duas ou três vezes em cinco anos, aconteceu-lhe, sempre lá pelo equinócio, de ficar furioso com essa observação, de puxar da faca e gritar: “Esta prostituta me desonra”. Por outro lado, ele bebia, comia, passeava como o teria feito um homem em perfeita saúde. Assim cada qual acabara por não lhe conceder nem mais respeito, nem mais atenção, do que os que se têm por um trambolho. Entre todas as suas esquisitices, havia uma da qual ninguém pudera descobrir o sentido, apesar de que, com o tempo, os espíritos emancipados da terra tivessem acabado por comentar e

explicar os atos mais despropositados desse louco. Insistia em ter sempre um saco de farinha em casa, e em guardar dois barris de vinho da sua colheita, sem permitir que se tocasse nem na farinha nem no vinho. Mas quando chegava o mês de junho, preocupava-se com a venda do saco e dos dois barris de vinho com toda a solicitude de um louco. Quase sempre, então, a sra. Margaritis lhe dizia que vendera os dois tonéis por um preço exorbitante, e entregava-lhe o dinheiro que ele escondia sem que nem a mulher nem a criada, por mais que o espiassem, pudessem descobrir onde era o esconderijo.

Na véspera do dia em que Gaudissart veio a Vouvray, a sra. Margaritis teve maior dificuldade do que nunca em enganar seu marido, cuja razão parecia ter voltado.

— Para falar a verdade, não sei como se passará para mim o dia de amanhã — dissera à sra. Vernier. — Imagine que o velho quis ver os seus dois barris de vinho. Tanto me *entisicou* durante o dia todo que foi preciso mostrar-lhe dois barris cheios. Felizmente o nosso vizinho Pierre Champlain tinha dois barris que não pudera vender; a meu pedido, ele os fez rolar para a nossa adega. Ah! pois não é que o homem, depois de ter visto os barris, tenciona barganhá-los ele próprio?

A sra. Vernier acabava de confiar a seu marido o embaraço em que se achava a sra. Margaritis um momento antes da chegada de Gaudissart. Às primeiras palavras do caixeiro-viajante, Vernier decidiu pô-lo às voltas com o velho Margaritis.

— Meu senhor — respondeu o ex-tintureiro quando o ilustre Gaudissart acabou de soltar a sua primeira descarga de artilharia —, não lhe esconderei as dificuldades que há de encontrar aqui a sua empreitada. Nossa terra é uma terrinha que vai seguindo o ramerrão *suo modo*, uma terra onde jamais uma ideia nova criará raízes. Vivemos como viviam nossos pais, entretendo-nos em fazer quatro refeições por dia, ocupando-nos em cultivar os nossos vinhedos e em colocar bem os nossos vinhos. Como único negócio tratamos bonacheiramente de vender as coisas mais caro do que nos custam. Ficaremos nessa trilha sem que nem Deus nem o diabo nos possam tirar dela. Mas vou dar-lhe um bom conselho, e um bom conselho vale

ouro. Temos na vila um antigo banqueiro em cujas luzes eu, particularmente, tenho a maior confiança; e, se o senhor obtiver o seu sufrágio, lá juntarei o meu. Se as suas propostas constituem vantagens reais, se ficarmos convencidos disso, ao apelo do sr. Margaritis que há de arrastar o meu, encontram-se em Vouvray vinte casas ricas cujas bolsas se abrirão e tomarão da sua panaceia.

Ao ouvir o nome do louco, a sra. Vernier ergueu a cabeça e olhou o marido.

— Está aí, creio que precisamente minha mulher tenciona fazer uma visita à sra. Margaritis, à casa de quem ela deve ir com uma vizinha nossa. Espere um instante, essas senhoras o levarão lá.

— Tu irás buscar a sra. Fontanieu — disse o velho tintureiro piscando para a mulher.

O fato de indicar a comadre mais gaiata, mais eloquente, a maior patusca da terra, não era uma maneira de dizer à sra. Vernier que arranjasse testemunhas para observar bem a cena que se ia desenrolar entre o caixeiro-viajante e o louco, a fim de com isso divertir a vila durante um mês? O sr. Vernier e a sra. Vernier representaram tão bem o seu papel que Gaudissart de nada desconfiou e caiu como um pato n'água; ofereceu galantemente o braço à sra. Vernier, e pensou ter feito, durante o trajeto, a conquista das duas senhoras, com as quais foi estonteante de espírito, de piadas e de trocadilhos incompreendidos.

A casa do suposto banqueiro era situada no lugar onde começa o Vallée Coquette. Essa habitação, chamada La Fuye, nada tinha de especial. No andar térreo achava-se um grande salão com painéis de madeira, tendo de cada lado um quarto de dormir, o do velho e o da sua mulher. Entrava-se no salão por um vestíbulo que servia de sala de jantar, e que dava para a cozinha. O andar térreo, despidido da elegância exterior que caracteriza as casas mais humildes na Touraine, era coroado por águas-furtadas para onde se subia por uma escada construída fora da casa, apoiada numa das empenas e coberta por um alpendre. Um jardimzinho, todo plantado de malmequeres, de jerinquilhas, de sabugueiros, separava a moradia do vinhedo. À volta do pátio elevavam-se as construções necessárias à exploração das vinhas.

Sentado no seu salão, perto de uma janela, numa poltrona de veludo de Utrecht amarelo, Margaritis não se levantou ao ver entrarem as duas senhoras e Gaudissart: pensava na venda dos seus dois barris de vinho.

Era um homem seco, que tinha o crânio piriforme, calvo na frente e guarnecido de raros cabelos por trás. Os olhos afundados, encimados por grossas sobrancelhas pretas e com olheiras escuras; o nariz em forma de lâmina de faca; os ossos dos maxilares salientes, e as faces cavadas; os traços geralmente oblongos, tudo, mesmo o queixo, desmedidamente comprido e chato, contribuía para dar à sua fisionomia um ar estranho, o de um velho professor de retórica ou de um trapeiro.

— Sr. Margaritis — disse-lhe a sra. Vernier —, vamos, mexa-se, vá! Eis um senhor que meu marido lhe envia, é preciso escutá-lo com atenção. Deixe os seus cálculos de matemática e converse com ele.

Ouvindo essas palavras, o louco levantou-se, olhou Gaudissart, fez-lhe sinal para que se sentasse, e disse:

— Conversemos, senhor.

As três mulheres foram para o quarto da sra. Margaritis, deixando a porta aberta, a fim de ouvir tudo e de poder intervir se fosse necessário. Mal se tinham elas instalado quando o sr. Vernier chegou pé ante pé pelo vinhedo, fez abrir a janela, e entrou sem ruído.

— O senhor — disse Gaudissart — andou nos negócios...

— Públicos — respondeu Margaritis interrompendo-o. — Pacifiquei a Calábria sob o reino do rei Murat.[226]

— Homessa! Agora ele foi à Calábria! — disse em voz baixa o sr. Vernier.

— Oh! Então — continuou Gaudissart — vamos entender-nos perfeitamente.

— Sou todo ouvidos — respondeu Margaritis tomando a atitude de um homem que posa para um pintor.

— Meu senhor — disse Gaudissart, fazendo girar a chave do seu relógio, à qual não cessou de imprimir, por distração, um movimento rotativo e periódico do qual muito se ocupou o louco e que contribuiu talvez para fazê-lo ficar quieto —, meu caro senhor, se o senhor não

fosse um homem superior... (aqui o louco inclinou-se) eu me contentaria em calcular-lhe materialmente as vantagens do negócio, cujos motivos psicológicos valem a pena ser-lhe expostos. Escute! De todas as riquezas sociais, o tempo não é a mais preciosa? E, economizá-lo, não equivale a enriquecer-se? Ora, haverá alguma coisa na vida que mais consuma o tempo do que as preocupações sobre o que eu chamo o *cozido*, locução vulgar, mas que assenta claramente a questão? Haverá também alguma coisa que mais consuma o tempo do que a falta de garantia a oferecer àqueles a quem se pede dinheiro, quando, momentaneamente pobre, se está rico de esperanças?

— Trata-se então de dinheiro; agora compreendo — disse Margaritis.

— Pois bem! Senhor, sou enviado aos departamentos por uma companhia de banqueiros e de capitalistas, que compreenderam a perda enorme que sofrem, assim, em tempo e consequentemente em inteligência ou em atividade produtiva, os homens de futuro. Ora, nós tivemos a ideia de capitalizar para esses homens esse mesmo futuro, de lhes descontar seus talentos, descontando-lhes o quê?... O referido tempo, e de assegurar, para os herdeiros, o valor do mesmo. Não se trata mais aí de economizar o tempo, mas de lhe dar um preço, de o avaliar, de representar pecuniariamente os produtos que o senhor pensa obter dele nesse espaço intelectual, representando as qualidades morais de que o senhor é dotado e que são, meu caro senhor, forças vivas, como uma queda-d'água, como uma máquina a vapor de três, dez, vinte, cinquenta cavalos. Ah! Isso é um progresso, um avanço para uma melhor ordem de coisas, avanço devido à atividade da nossa época, essencialmente progressista, como vou provar-lho, quando chegarmos às ideias de uma coordenação mais lógica dos interesses sociais. Vou explicar-me por exemplos sensíveis. Abandono o raciocínio puramente abstrato, o que costumamos chamar, nós, a matemática das ideias. Em vez de ser um proprietário que vive das suas rendas, o senhor é um pintor, um músico, um artista, um poeta...

— Sou pintor — disse o louco à guisa de parêntese.

— Pois bem! Seja, já que o senhor compreende bem a minha metáfora, o senhor é pintor, tem um belo futuro, um rico futuro. Mas

eu vou mais longe.

Ao ouvir essas palavras, o louco examinou Gaudissart com um ar inquieto para ver se ele queria sair, e só se tranquilizou ao vê-lo ainda sentado.

— O senhor nem é mesmo nada disso — continuou Gaudissart —, mas o senhor se sente...

— Eu me sinto — disse o louco.

— O senhor diz consigo mesmo: “Eu hei de ser ministro”. Pois bem! O senhor pintor, o senhor artista, homem de letras, o senhor, futuro ministro, o senhor calcula as suas esperanças, taxa-as, avalia-se, suponho, em cem mil escudos...

— O senhor traz-me então cem mil escudos? — disse o louco.

— Sim, senhor, e o senhor vai ver. Ou os seus herdeiros os receberão, fatalmente, se o senhor vier a falecer, porquanto a empresa se compromete a lhos pagar, ou o senhor os receberá pelos seus trabalhos de arte, pelas suas especulações felizes, se viver. Se o senhor se tiver enganado, pode mesmo recomeçar. Mas, uma vez que, como tive a honra de lho dizer, o senhor tenha fixado o preço do seu capital intelectual, pois que é um capital intelectual, assimile bem, intelectual...

— Assimilo — disse o louco.

— O senhor assina um contrato de seguro com a administração que lhe reconhece um valor de cem mil escudos, ao senhor, pintor...

— Eu sou pintor — disse o louco.

— Não — continuou Gaudissart —, ao senhor, músico, ao senhor, ministro, e se compromete a pagá-los à sua família, aos seus herdeiros, se, por morte sua, as esperanças, o *cozido* fundado sobre o capital intelectual vier a derramar-se. O pagamento da quota basta para consolidar assim a sua...

— A sua caixa — disse o louco interrompendo-o.

— Justamente, senhor. Bem se vê que o senhor foi homem de negócios.

— Fui — disse o louco —, fundei o Banco Territorial da Rue des Fossés-Montmartre em Paris, em 1798.

— Pois — continuou Gaudissart —, para pagar os capitais

intelectuais que cada qual reivindica para si e atribui a si mesmo, não é preciso que o conjunto dos assegurados dê uma certa quota, três por cento, uma anuidade de três por cento? Assim, mediante o pagamento de uma soma ínfima, de uma miséria, o senhor garante a sua família contra as consequências funestas da sua morte.

— Mas eu vivo — disse o louco.

— Ah! se o senhor viver muito tempo! eis a objeção mais comumente feita, objeção vulgar, e o senhor compreende que, se nós não a tivéssemos previsto, fulminado, não seríamos dignos de ser... como direi?... O que é que somos, afinal? Os contabilistas do grande escritório das inteligências. Meu senhor, não digo isso para o senhor, mas encontro por toda parte gente que tem a pretensão de ensinar algo de novo, de revelar um raciocínio qualquer a pessoas que queimaram as pestanas sobre um negócio!... Palavra de honra, isso faz pena. Mas o mundo é assim mesmo, não tenciono reformá-lo. A sua objeção, senhor, é um disparate...

— *Ques coisa!* — disse Margaritis.

— Eis por quê. Se o senhor viver e se tiver os meios previstos no seu contrato de seguro contra as possibilidades da morte, trate de seguir-me...

— Estou seguindo.

— Pois bem! É que o senhor triunfou nas suas empresas! O senhor deve ter triunfado justamente por causa do dito contrato de seguro; pois o senhor dobrou as suas probabilidades de sucesso ao desembaraçar-se de todas as preocupações que tem um homem quando arrasta consigo uma mulher e filhos, que a sua morte pode reduzir à mais terrível das misérias. Se o senhor tiver triunfado, terá então realizado o capital intelectual, para o qual o seguro foi uma bagatela, uma verdadeira bagatela, uma pura bagatela.

— Excelente ideia!

— Não acha o senhor? — continuou Gaudissart. — Eu chamo a essa caixa de benfeitoria o seguro mútuo contra a miséria!... Ou, se o senhor quiser, o desconto do talento. Porque o talento, senhor, o talento é uma letra de câmbio que a natureza dá ao homem genial, e que se acha muitas vezes bem longe do vencimento... Eh! Eh!

— Oh! Que bela especulação! — exclamou Margaritis.

— Com os diabos! Ele é esperto, o velho. Enganei-me — pensou Gaudissart. — É preciso que eu domine o meu homem com considerações mais elevadas, com a minha blague número I.

— Absolutamente, meu caro senhor — exclamou Gaudissart em voz alta —, para o senhor que...

— Aceita um copo de vinho? — perguntou Margaritis.

— Com muito gosto — respondeu Gaudissart.

— Ó mulher, dê-nos então uma garrafa do vinho de um dos dois barris restantes. O senhor está aqui no principal ponto de Vouvray — disse o velho mostrando as suas vinhas a Gaudissart. — O vinhedo Margaritis!

A criada trouxe copos e uma garrafa de vinho do ano de 1819. O velho Margaritis encheu gravemente um copo e apresentou-o, com ar solene, a Gaudissart, que o bebeu.

— Mas o senhor me confunde — disse o caixeiro-viajante —, isto é vinho Madeira, e do legítimo!

— Bem sei — disse o louco. — O inconveniente do vinho de Vouvray é de não poder ser servido nem como vinho comum nem como vinho de sobremesa; é generoso e forte demais; por isso ele é vendido em Paris como vinho Madeira, com uma mistura de aguardente. O nosso vinho é tão licoroso que muitos negociantes de Paris, quando a colheita não é suficientemente boa para a Holanda e para a Bélgica, compram os nossos vinhos; eles os misturam com os vinhos dos arredores de Paris, e fazem com eles vinhos de Bordeaux. Mas esse que o senhor está bebendo agora, meu caro e amabilíssimo senhor, é um vinho de rei, o cabeça de Vouvray. Desse, tenho dois barris. As pessoas que amam os grandes vinhos, os vinhos superiores, e que querem servir às suas mesas qualidades que estão fora do comércio, como várias casas de Paris que se orgulham dos seus vinhos, abastecem-se diretamente em nossos vinhedos. Será que o senhor conhece algumas pessoas que...

— Mas voltemos ao nosso negócio — disse Gaudissart.

— Nós cá estamos, meu senhor — continuou o louco. — O meu vinho é capitoso, capitoso concorda com capital em etimologia; ora, o senhor fala de capitais... hein? *Caput*, cabeça! Cabeça de Vouvray, tudo se

encadeia...

— Assim, pois — disse Gaudissart —, ou o senhor realizou os seus capitais intelectuais...

— Realizei, sim, senhor. O senhor quererá os meus dois barris? Eu os arranjarei para quando o senhor quiser.

— Não, estou falando — disse o ilustre Gaudissart — do seguro dos capitais intelectuais e das operações sobre a vida. Continuo com o meu raciocínio.

O louco acalmou-se, voltou à sua pose e olhou Gaudissart.

— O que eu digo é que, se o senhor morrer, o capital será pago à sua família sem dificuldades. Sem dificuldades. Sim, contanto que não haja suicídio. Pretexto para chicana. Não, senhor. Como o senhor sabe, o suicídio é um desses atos sempre fáceis de comprovar.

— Na França — disse o louco. — Mas...

— Mas no estrangeiro — disse Gaudissart. — Pois bem! senhor, para acabar com esse ponto, eu lhe direi que a simples morte no estrangeiro e a morte nos campos de batalha estão fora de...

— O que é que o senhor assegura então?... Coisa nenhuma! — exclamou Margaritis. — Eu, o meu Banco Territorial repousava sobre...

— Coisa nenhuma, senhor? — bradou Gaudissart interrompendo o velho. — Coisa nenhuma?... E a enfermidade, e os desgostos, e a miséria, e as paixões? Mas não nos lancemos nos casos excepcionais.

— Não, não vamos àqueles casos — disse o louco.

— Que resulta desse negócio? — exclamou Gaudissart. — Ao senhor, banqueiro, vou calcular exatamente o produto. Um homem existe, tem um futuro, apresenta-se bem, vive da sua arte, tem necessidade de dinheiro, pede-o; nada. Toda a civilização recusa o numerário a esse homem que domina pelo pensamento a civilização, e há de dominá-la um dia pelo pincel, pelo cinzel, pela palavra, por uma ideia, por um sistema. Atroz civilização! Ela não tem pão para os seus grandes homens que lhe dão o luxo; ela não os nutre senão com injúrias e com zombarias, essa prostituta coberta de ouro!... A expressão é forte, mas não me retrato. Esse grande homem incompreendido vem agora a nós, que o reputamos grande homem, saudamo-lo respeitosamente, escutamo-lo e ele nos diz: “Senhores do Seguro dos capitais, a minha

vida vale tanto; sobre a minha produção eu vos darei tantos por cento!...”. Pois bem! que fazemos nós?... Imediatamente, sem despeito, nós o admitimos ao esplêndido festim da civilização como um poderoso conviva...

— Então é preciso vinho... — disse o louco.

— Como um poderoso conviva. Ele assina o seu contrato de seguro, pega os nossos papeluchos, nossos miseráveis papeluchos, que, vis papeluchos, têm entretanto mais força do que tinha o seu gênio. Com efeito, se ele tem necessidade de dinheiro, toda a gente, à vista do seu contrato, lhe emprestará dinheiro. Na Bolsa, entre os banqueiros, por toda parte, e até entre os agiotas, ele encontra dinheiro porque oferece garantias. Pois bem! Senhor, não é uma lacuna a preencher no sistema social? Mas, meu caro senhor, isso é apenas uma parte das operações empreendidas pela Sociedade de Seguros de Vida. Nós asseguramos os devedores mediante um outro sistema de quotas. Nós oferecemos interesses vitalícios a uma tabela graduada de acordo com a idade, sobre uma escala infinitamente mais vantajosa do que até agora o foram as tontinas baseadas sobre tabelas de mortalidade já agora reconhecidas como falsas. Como nossa sociedade opera sobre as massas, os que usufruem de renda vitalícia não precisam temer as preocupações que entristecem os dias da sua velhice, já por si tão triste; preocupações que os esperam fatalmente quando um particular lhes tomou dinheiro emprestado a juros vitalícios. Como o senhor vê, conosco a vida foi tabelada em todos os sentidos...

— Sugada por todos os poros — disse o velho —, mas tome um copo de vinho, o senhor bem o merece. É preciso forrar o estômago com veludo, se o senhor quer entreter convenientemente o seu bico. Senhor, o vinho de Vouvray, bem conservado, é um verdadeiro veludo.

— O que é que o senhor pensa disso? — disse Gaudissart esvaziando o copo.

— Isso é muito bonito, muito novo, muito útil; mas prefiro os descontos de valores territoriais que se faziam no meu banco da Rue des Fossés-Montmartre.

— O senhor tem toda a razão — respondeu Gaudissart —, mas isso está usado, abusado, feito e refeito. Nós temos agora a caixa

hipotecária, que empresta sobre as propriedades e faz o resgate em grande escala. Mas não é uma ideia insignificante em comparação àquela de solidificar as esperanças? Solidificar as esperanças, coagular, financeiramente falando, os anseios de fortuna de cada um, assegurando-lhes a realização! Foi preciso a nossa época, meu senhor, época de transição, de transição e de progresso a um tempo!

— Sim, de progresso — disse o louco. — Eu gosto do progresso, principalmente daquele que proporciona à vinha um bom tempo...

— O tempo — continuou Gaudissart sem ouvir a frase de Margaritis. — *O Tempo*, senhor, mau jornal. Se o senhor o lê, eu o lastimo...

— O jornal! — disse Margaritis. — De acordo, tenho a paixão dos jornais. — Ó mulher! Ó mulher! Onde está o jornal? — gritou ele voltando-se para o quarto.

— Muito bem! Se o senhor se interessa pelos jornais, estamos feitos para nos entendermos.

— Sim; mas, antes de entender de jornais, confesse que acha esse vinho...

— Delicioso — disse Gaudissart.

— Vamos, acabemos juntos a garrafa.

O louco despejou dois dedos de vinho no seu copo e encheu o de Gaudissart.

— Muito bem! Tenho dois barris desse vinho. Se o senhor o acha bom e se quer ficar com eles...

— A propósito — disse Gaudissart — os Doutores da Fé saint-simoniana pediram-me que lhes enviasse as mercadorias que eu... Mas falemos do seu grande e belo jornal. O senhor que compreende tão bem o negócio dos capitais, e que me dará a sua ajuda para fazê-lo triunfar neste cantão...

— Com muito prazer — disse Margaritis —, se...

— Compreendo, se eu ficar com o seu vinho. Mas ele é muito bom, o seu vinho, senhor, é incisivo.

— Faz-se com ele champanhe; há um senhor, um parisiense, que vem fazer vinhos aqui em Tours.

— Acredito, senhor. *O Globo*, de que o senhor já deve ter ouvido falar...

— Percorri-o muitas vezes — disse Margaritis.

— Tinha a certeza — disse Gaudissart. — O senhor tem um espírito poderoso, um crânio que esses senhores chamam a cabeça cavalariça: há algo do cavalo na cabeça de todos os grandes homens. Ora, pode-se ser um gênio e viver ignorado. É uma farsa que acontece muito frequentemente aos que, apesar dos seus meios, permanecem obscuros, o que quase foi o caso do grande Saint-Simon, e o do sr. Vico, [227] homem forte que começa a lançar-se. Vai bem, o Vico! Alegro-me com isso. Aqui entramos na teoria e na fórmula nova da Humanidade. Meu caro senhor, atenção!...

— Atenção — disse o louco.

— A exploração do homem pelo homem devia ter cessado, senhor, no dia em que Cristo, eu não digo Jesus Cristo, eu digo Cristo, veio proclamar a igualdade dos homens diante de Deus. Mas essa igualdade não tem sido até agora a mais deplorável das quimeras? Ora, Saint-Simon é o complemento de Cristo. Cristo já acabou o seu tempo.

— Então ele já está livre? — disse Margaritis.

— Acabou o seu tempo como o liberalismo. Agora, há algo de mais forte ante nosso olhar, é a nova fé, é a produção livre, individual, uma coordenação social que fará com que cada qual receba equitativamente o seu salário social de acordo com a sua obra, e não mais seja explorado por indivíduos que, sem capacidade, fazem trabalhar *todos* em proveito de *um* só; daí a doutrina...

— Que fazem os senhores dos empregados? — perguntou Margaritis.

— Continuarão empregados, se só tiverem capacidade para ser empregados.

— Pois bem! Para que serve a doutrina?

— Oh! Para julgá-la, o senhor precisa colocar-se num ponto de vista muito elevado, de onde o senhor possa abranger claramente um aspecto geral da humanidade. Aqui, entramos em pleno Ballanche! Conhece o sr. Ballanche?[228]

— Lidamos muito com isso! — disse o louco que ouvira *balança*.

— Bom — continuou Gaudissart. — Está bem! Se o espetáculo palingenésico das transformações sucessivas do globo espiritualizado o comove, o transporta, o emociona; pois bem! Meu caro senhor, o jornal

O *Globo*, nome adequado que exprime claramente a sua missão, O *Globo* é o *cicerone* que lhe explicará todas as manhãs as novas condições em que se operará, dentro de pouco tempo, a transformação política e moral do mundo.

— *Ques coisa!* — disse o velho.

— Quero fazer-lhe compreender o raciocínio por meio de uma imagem — continuou Gaudissart. — Se, quando éramos crianças, as nossas pajens nos conduziam ao teatro do Séraphin,[229] não precisaremos, quando formos velhos, dos quadros do porvir? Esses senhores...

— Bebem vinho?

— Como não! Sua casa é muito bem montada, posso dizer mesmo que com grande pompa, uma pompa profética: belos salões, todas as sumidades, grandes recepções.

— Muito bem! — disse o louco — os operários que estão demolindo precisam tanto de vinho como os que constroem.

— Com maior razão, quando se está demolindo com uma mão e construindo com a outra, como o fazem os apóstolos do *Globo*.

— Então eles precisam de vinho, do vinho de Vouvray, os dois barris que me restam, trezentas garrafas, por cem francos, uma bagatela.

— A quanto sai a garrafa? — disse Gaudissart calculando. — Vejamos! Há o transporte, a alfândega municipal, não chega a sete soldos; mas... seria um bom negócio. Eles pagam mais caro por todos os outros vinhos. (Bom, cá o tenho, o meu homem, disse consigo Gaudissart; queres vender-me o vinho de que preciso, vou pegar-te.) — Muito bem! senhor — continuou ele —, homens que discutem estão prestes a concordar. Falemos francamente, o senhor tem uma grande influência neste cantão?

— Acredito — disse o louco. — Somos *a cabeça* de Vouvray.

— Muito bem! o senhor compreendeu perfeitamente a empresa dos capitais intelectuais?

— Perfeitamente.

— O senhor mediu toda a extensão do *Globo*?

— Duas vezes... a pé.

Gaudissart não ouviu, porque se encerrava nos seus pensamentos e

se escutava a si próprio, como um homem certo de vencer.

— Ora, considerando a situação em que o senhor está, compreendo que o senhor nada precise assegurar, na idade a que chegou. Mas o senhor pode fazer com que se assegurem às pessoas do cantão que, seja pelo seu valor pessoal, seja pela posição precária das suas famílias, queiram forjar o seu porvir. Portanto, tomando uma assinatura de *O Globo*, e apoiando-me com a sua autoridade no cantão para a colocação dos capitais com renda vitalícia, pois no interior tem-se apego ao sistema vitalício, muito bem! Poderemos entender-nos com relação aos dois barris de vinho. O senhor fica com *O Globo*?

— Vou para *O Globo*.

— Apoia-me junto das pessoas influentes do cantão?

— Apoio...

— E...

— E...

— E eu... Mas o senhor toma uma assinatura de *O Globo*.

— *O Globo*, bom jornal — disse o louco —, jornal vitalício.

— Vitalício, senhor?... Ah! sim, o senhor tem razão, é cheio de vida, de força, de ciência, recheado de ciência, bem apresentado, bem impresso, boa tinta, discreto. Ah! Não é *mambembe*, não se ocupa de *frioleiras*, não *faz farol*, não é seda que se rasga só de ser olhada; é sólido, traz reflexões que a gente pode meditar à vontade e que fazem passar o tempo de maneira muito agradável no recesso da roça.

— Isso é comigo — respondeu o louco.

— *O Globo* custa uma bagatela, oitenta francos.

— Isso já não é comigo — disse o velho.

— O senhor — disse Gaudissart — há de ter bebês em casa?

— Muito — respondeu Margaritis, que entendeu *há de beber* em vez de *há de ter bebês*.

— Aí está! O jornal das crianças, a sete francos por ano.

— Fique com os meus dois barris de vinho, que eu fico com uma assinatura de crianças, isso é comigo, bela ideia. Exploração intelectual, a criança?... Não é o homem pelo homem, hein?

— O senhor compreendeu — disse Gaudissart.

— Compreendi.

— Consente então em conduzir-me pelo cantão?
— Pelo cantão.
— Conto com a sua aprovação?
— Conta, sim, senhor.
— Muito bem, senhor, fico com seus dois barris de vinho por cem francos.

— Não, não, cento e dez.
— Meu caro senhor, sejam cento e dez francos, mas cento e dez para os maiores da doutrina, e cem francos para mim. Vou operar uma venda, o senhor deve-me uma comissão.

— Cobre-lhes uns centavinhos. (*Um cento a vinhos.*)
— Belo trocadilho. Não somente muito fino, mas ainda muito espirituoso.

— Cheio de espírito.
— Cada vez mais forte, como com Nicolet.[\[230\]](#)
— Eu cá sou assim — disse o louco. — Venha ver o meu vinhedo.
— Com muito prazer — disse Gaudissart —, esse vinho sobe formidavelmente à cabeça.

E o ilustre Gaudissart saiu com o sr. Margaritis, que o conduziu de vide em vide, de cepa em cepa, nas suas vinhas. As três senhoras e o sr. Vernier puderam então rir à vontade, vendo de longe o viajante e o louco discutindo, gesticulando, parando, recomeçando a caminhada, falando com entusiasmo.

— Ora, por que foi que o velho o tirou daqui? — disse Vernier.
Finalmente Margaritis voltou com o caixeiro-viajante, andando ambos com um passo acelerado como gente que está com pressa de fechar um negócio.

— Com a breca, o velho embromou bem o parisiense! — disse o sr. Vernier.

E, de fato, o ilustre Gaudissart escreveu na extremidade de uma mesa de jogo, para grande alegria do velho, um pedido de entrega dos dois barris de vinho. Em seguida, depois de ler o compromisso do viajante, o sr. Margaritis deu-lhe sete francos para uma assinatura do jornal *Os Filhos*.

— Então, até amanhã, senhor — disse o ilustre Gaudissart, fazendo

gitar a chave do seu relógio —, terei a honra de vir buscá-lo amanhã. Pode expedir diretamente o vinho a Paris, para o endereço indicado, e receberá pelo reembolso postal.

Gaudissart era normando, e para ele não havia compromisso que não tivesse de ser bilateral: quis um compromisso do sr. Margaritis, que, contente como fica um louco ao satisfazer um desejo favorito, assinou, não sem ler, um vale de entrega de dois barris de vinho do vinhedo Margaritis. E o ilustre Gaudissart foi-se embora, saltitando, cantarolando *Le Roi des mers, prends plus bas!* para a hospedaria do Soleil-d'Or, onde, naturalmente, enquanto esperava o jantar, conversou com o hoteleiro. Mitouflet era um velho soldado, candidamente astuto como o são os roceiros, que nunca ria de uma pilhéria, acostumado como estava a ouvir o canhão e a pilheriar sob o fogo.

— Vocês têm aqui gente muito preparada — disse-lhe Gaudissart apoiando-se no batente da porta e acendendo o seu charuto no cachimbo de Mitouflet.

— Que quer dizer com isso? — perguntou Mitouflet.

— Quero dizer gente muito competente em ideias políticas e financeiras.

— Da casa de quem o senhor está chegando, se não é indiscrição? — perguntou ingenuamente o hospedeiro, fazendo com perícia jorrar por entre os dentes a salivagem periódica expectorada pelos fumantes.

— Da casa de um finório chamado Margaritis.

Mitouflet lançou sucessivamente ao seu freguês dois olhares cheios de uma ironia seca.

— É mesmo, o velho é sabido! Sabe demais para os outros, que nem sempre o podem compreender...

— Assim o creio, ele entende a fundo das altas questões financeiras.

— É — disse o hospedeiro. — Por isso, cá por mim, sempre lastimeei que ele seja louco.

— Como louco?

— Louco, como se é louco, quando se é louco — repetiu Mitouflet —, mas não é perigoso, e sua mulher o vigia. Os senhores então se entenderam? — disse com o maior sangue-frio o implacável Mitouflet.

— Engraçado.

— Engraçado? — exclamou Gaudissart — engraçado, mas então o tal sr. Vernier esteve zombando de mim?

— Ele o mandou lá? — perguntou Mitouflet.

— Mandou.

— Ó mulher — gritou o hoteleiro —, escute só! Pois o sr. Vernier não teve a ideia de mandar aqui o senhor à casa do velho Margaritis?...

— E sobre o que é que os senhores puderam então conversar, meu rico patrãozinho — perguntou a mulher —, pois se ele é louco?

— Ele vendeu-me dois barris de vinho.

— E o senhor os comprou?

— Comprei.

— Mas é a sua mania querer vender vinho, ele não o tem.

— Bom — disse o viajante. — Vou, em primeiro lugar, agradecer ao sr. Vernier.

E Gaudissart dirigiu-se, tinindo de cólera, à casa do antigo tintureiro, que encontrou na sala, rindo com os vizinhos aos quais já estava contando a história.

— Senhor — disse o príncipe dos viajantes lançando-lhe um olhar chamejante —, o senhor é um palhaço, um moleque, que, sob pena de ser o último dos esbirros, gente que eu coloco abaixo dos forçados, deve dar-me uma desforra pelas armas do insulto que acaba de me fazer, pondo-me em contato com um homem que o senhor sabia que é louco. O senhor está me ouvindo, sr. Vernier, *seu* tintureiro?

Tal foi o discurso que Gaudissart preparara como um ator trágico prepara sua entrada em cena.

— Como! — respondeu o sr. Vernier, a quem a presença dos vizinhos animava — O senhor pensa que não temos o direito de mofar de um cavalheiro que chega de malas e bagagens em Vouvray para nos pedir os capitais, sob pretexto de que somos grandes homens, pintores, poetastros; e que, por aí, nos assimila gratuitamente a gente sem eira nem beira, aos joões-ninguém! Que fizemos nós para isso, nós, pais de família? Um bufão que nos vem propor assinaturas para *O Globo*, um jornal que prega uma religião cujo primeiro mandamento sagrado, vejam só, é o de não suceder aos pais! Por minha santa palavra de

honra, o velho Margaritis diz coisas mais sensatas. Aliás, de que é que o senhor se queixa? Os senhores se entenderam às mil maravilhas, meu senhor. Esses senhores podem atestar-lhe que, ainda que o senhor tivesse falado com todas as pessoas do cantão, não teria sido tão bem compreendido.

— Tudo isso lhe pode parecer muito bem para dizer, mas eu me considero insultado, e o senhor há de me dar uma satisfação razoável.

— Está bem! Meu senhor, eu o considero insultado, se isso lhe agrada, mas não lhe dou uma satisfação razoável, porque nesse negócio a razão não está em jogo. Vejam que farsante!

A essas palavras, Gaudissart investiu contra o tintureiro para aplicar-lhe uma bofetada; mas os vovraianos vigilantes lançaram-se entre eles, e o ilustre Gaudissart só esbofeteou a peruca do tintureiro, que foi cair na cabeça da srta. Clara Vernier.

— Se o senhor não está contente — disse —, saiba que fico até amanhã de manhã no hotel do Soleil-d'Or, onde o senhor me encontrará, pronto a explicar-lhe o que quer dizer dar satisfação de uma ofensa. Bati-me em julho, meu senhor.

— Muito bem! O senhor se baterá em Vouvray — respondeu o tintureiro — e aqui ficará mais tempo do que está pensando.

Gaudissart foi-se embora, meditando essa resposta que lhe pareceu cheia de maus agouros. Pela primeira vez na vida, o viajante não jantou alegremente. A vila de Vouvray ficou em polvorosa com a aventura de Gaudissart e do sr. Vernier. Jamais se tratara de duelo nessa terra pacata.

— Sr. Mitouflet, devo bater-me amanhã com o sr. Vernier, não conheço ninguém aqui, o senhor quer servir-me de testemunha? — disse Gaudissart ao seu hospedeiro.

— De bom grado — respondeu o hoteleiro.

Gaudissart mal tinha acabado de jantar, quando a sra. Fontanieu e o vice-*maire* de Vouvray vieram ao Soleil-d'Or, chamaram à parte Mitouflet e fizeram-lhe ver o quanto seria penoso para o cantão que ali se desse uma morte violenta; pintaram-lhe a angustiosa situação da boa sra. Vernier, conjurando-o a acomodar esse negócio, de modo a salvar a honra da terra.

— Eu me encarrego disso — disse o astucioso hoteleiro.

A noite, Mitouflet levou para cima, ao quarto do viajante, penas, tinta e papel.

— Que me traz o senhor aí? — perguntou Gaudissart.

— Não vê que o senhor se bate amanhã — disse Mitouflet —, pensei que o senhor gostaria de tomar algumas pequenas disposições; enfim, que o senhor poderia ter de escrever, porque a gente tem pessoas que nos são caras. Oh! Isso não mata. O senhor é hábil nas armas? Quer exercitar a mão? Tenho aí uns floretes.

— Pois não!

Mitouflet voltou com floretes e duas máscaras.

— Vejamos!

O hoteleiro e o viajante puseram-se todos dois em posição de guarda. Mitouflet, na qualidade de antigo preboste dos granadeiros, deu-lhe sessenta e oito botes empurrando-o e encostando-o à parede.

— Que diabo, o senhor é hábil — disse Gaudissart ofegante.

— O sr. Vernier é mais hábil do que eu.

— Com os diabos! Então vou bater-me a pistola.

— Eu o aconselho, porque, o senhor compreende, com grandes pistolas de arção e carregando-as até a boca, nunca se arrisca nada, as pistolas *desviam* e cada qual se retira como homem honrado. Deixe-me arranjar isso, hein! Cáspite! Duas pessoas decentes seriam bem tolas de se matar por um gesto.

— O senhor tem certeza que as pistolas *desviarão* suficientemente? Afinal de contas sentiria se matasse esse homem — disse Gaudissart.

— Durma em paz.

No dia seguinte de manhã, os dois adversários encontraram-se um pouco pálidos embaixo da Pont de la Cise. O bom do Vernier quase matou uma vaca que passava a dez passos de distância, à beira da estrada.

— Ah! O senhor atirou para o ar — exclamou Gaudissart.

A essas palavras os dois inimigos abraçaram-se.

— Senhor — disse o viajante —, a sua brincadeira estava um pouco forte, mas estava engraçada. Lamento tê-lo ofendido, eu estava fora de mim; considero-o um homem honrado.

— Meu senhor, nós lhe daremos vinte assinaturas para o jornal *Os Filhos* — replicou o tintureiro ainda pálido.

— Assim sendo — disse Gaudissart —, por que não haveríamos de almoçar juntos? Os homens que se batem não estão prestes a chegar a um acordo?

— Sr. Mitouflet — disse Gaudissart ao voltar para a hospedaria —, deve haver um oficial de justiça aqui...

— Por quê?

— Ora! Vou enviar uma intimação ao meu rico sr. Margaritis, para que ele seja obrigado a fornecer-me dois barris do seu vinho...

— Mas ele não os tem — disse Vernier.

— Pois bem! Senhor, o negócio pode arranjar-se, mediante vinte francos de indenização. Não quero que se diga que a sua vila pregou uma peça no ilustre Gaudissart.

A sra. Margaritis, alarmada por um processo no qual a parte demandante teria razão, trouxe os vinte francos ao indulgente viajante, ao qual, além disso, se evitou o trabalho de se embrenhar num dos mais alegres cantões da França, mas um dos mais recalcitrantes às ideias novas.

Na volta da sua viagem pelas regiões meridionais, o ilustre Gaudissart ocupava o primeiro lugar no compartimento da diligência de Laffitte-Caillard, onde tinha como vizinho um jovem ao qual se dignava, desde Angoulême, explicar os mistérios da vida, tomando-o provavelmente por uma criança. Ao chegar a Vouvray, o jovem exclamou:

— Eis uma linda paragem!

— É verdade — disse Gaudissart —, mas a terra é insuportável por causa dos seus habitantes. O senhor teria aí um duelo por dia. Veja só, há três meses, bati-me lá a pistola — disse, mostrando a Pont de la Cise — com um maldito tintureiro; mas... eu o *engazopei!*...

**OS PARISIENSES NA PROVÍNCIA:
A MUSA DO
DEPARTAMENTO**

TRADUÇÃO DE **GOMES DA SILVEIRA**

INTRODUÇÃO

A musa do departamento (em francês: *La Muse du département*) foi publicado pela primeira vez no jornal *Le Messager*, em março e abril de 1843, sob o título *Dinah Piédefer*; editado em volume no mesmo ano, tomou o título atual. A data de 1844, que se lê no fim, explica-se pelo fato de um breve fragmento ter sido acrescentado ainda à história na edição definitiva.

Essa narrativa esplêndida, relativamente pouco conhecida e quase nunca lembrada, é, no entanto, característica de toda a arte de Balzac. Até a história acidentada do texto é característica das vicissitudes por que a maioria dos assuntos passava entre as mãos desse criador sempre perseguido pelos editores e pelos jornais, forçado a utilizar as menores aparas de sua oficina, reduzido, pelas dissipações do homem, a uma estranha economia de escritor.

Uma coletânea intitulada *Contes bruns* (*Contos marrons*), publicada sem nome de autor em 1832 e constituída pelas narrativas de três jovens autores, Philarète Chasles, Charles Rabou e Balzac, continha dois trabalhos deste último: *Uma conversação entre onze horas e meia-noite* e *O Grande de Espanha*. *Uma conversação* compunha-se de uma sucessão de doze historietas, que Balzac utilizaria mais tarde em diversas obras; uma delas, a do cavaleiro de Beauvoir, foi incluída em 1837 em *La Grande Bretèche* (*A grande ameia*), que acolheu também a história do Grande de Espanha. Mais tarde, Balzac transformaria ainda a *La Grande Bretèche* dando-lhe o título *Autre étude de femme* (*Outro estudo de mulher*) e retirando dela as historietas do cavaleiro de Beauvoir e do Grande de Espanha. Essas duas narrativas, que se referem ambas aos terríveis castigos infligidos

por um marido ciumento ao amante de sua mulher, encontrariam seu lugar definitivo em *A musa do departamento*: lá, como veremos, são contadas, numa reunião, por pessoas desejosas de observar as reações de uma mulher suspeita de adultério e do suposto amante.

Outro episódio preexistente ao romance é o de *Olímpia, ou as vinganças romanas*. Em 1853, na coletânea *Causeries du monde*, Balzac publicou um artigo intitulado “Fragmentos de um romance publicado sob o Império por autor desconhecido”, em que conta ter recebido uma encomenda envolta em papel impresso. Ao desdobrar o papel, vê que o mesmo contém algumas páginas de provas tipográficas de um romance intitulado *Olímpia, ou as vinganças romanas*. Começa a lê-las e verifica tratar-se de um desses romances terríficos, cheios de disfarces, raptos, reconhecimentos, subterrâneos, vinganças e assassinios, em voga no tempo do Império (e cujo número ele mesmo aumentou consideravelmente durante a sua fase clandestina), e põe-se a fazer um comentário pilhérico das páginas desconexas que o acaso lhe pôs sob os olhos.

A ideia era pouco original. O próprio Balzac lembra uma história que Sterne diz ter encontrado no papel em que seu quitandeiro lhe mandou as frutas, e outra, semelhante, incluída nas *Memórias do Gato Murr*, de Hoffmann. Entretanto, o romancista não quis deixar enterrado numa página de jornal o que lhe parecia uma sátira espirituosa da escola pré-romântica e que era, inclusive, uma condenação mordaz de sua primeira maneira. Inseriu-o, pois, na história de Diná Piédefer, fazendo-o servir de pretexto a uma mistificação pregada por dois literatos parisienses, numa excursão de província, a seus ouvintes basbaques.

Além desses episódios, todo o assunto central, o amor de Diná e Lousteau, aparece em germe num artigo intitulado “A mulher provinciana”, incluído no vol. 1 de *Les Français peints par eux-mêmes*, publicado em 1842,

Apesar de todos esses avatares, o romance, sob sua forma atual, é uma obra deliciosa. As narrativas nele incluídas talvez lhe estorvem o ritmo; mas num romance de costumes literários não aparecem fora de lugar, sobretudo pela maneira engenhosa por que Balzac as insere no

conjunto.

No belo “Prefácio” que escreveu para uma das reedições de *A musa do departamento*, “que é, como a menor obra do mestre, Balzac inteiro”, Julien Benda assinala a riqueza de aspectos sob os quais ele se nos depara neste romance: pintor da cidadezinha provinciana; jovial criador dos imbróglis mais endiabrados, das fantasias mais impetuosas, das farsas mais robustas; analista de uma paixão humana; filósofo, observador de visão ampla, denunciador da mentira necessária de que vive a sociedade; moralista; mestre do estilo. Poderíamos acrescentar: o satírico do jornalismo; o espectador agudo da luta das correntes literárias; o grande conhecedor de Paris, o renovador do romance.

A musa do departamento levanta a questão das relações de Balzac com o romantismo. Paul Barrière, o autor de uma tese notável em que arrola tudo o que Balzac deve à tradição clássica, vê neste romance um julgamento do romantismo. De qualquer maneira, será um julgamento imparcial, pois Balzac não ridiculariza completamente a poesia romântica representada por *Paquita, a sevilhana*, o poema anônimo da sra. de La Baudraye, e reconhece méritos até a *Olímpia, ou as vinganças romanas*, romance de cordel ao qual pelo menos não falta movimento. Quanto ao estilo de vida romântica adotado por Diná, que comporta um rompimento integral com as convenções sociais, a alguns críticos parece que Balzac o desaprova. Marcel Barrière, autor do comentário mais volumoso e menos penetrante de *A comédia humana* (*L’Œuvre de Honoré de Balzac*), chega a comparar Diná Piédefer à sra. Bovary, “para mostrar a superioridade da obra de Balzac sobre a de Flaubert. A moralidade do romance de Balzac não é duvidosa... Na mulher de Balzac, o coração, a imaginação, o que enfim faz na mulher o ser poético, o anjo, vence os sentidos”. Para fazer tal afirmação, Barrière deve ter esquecido a parte final do romance, em que “os sentidos vencem o anjo”. A sra. de La Baudraye, que abandona o marido velho e a asfixiante sociedade provinciana, não encontrará uma felicidade completa ao lado do amante, e o ambiente literário de Paris reserva-lhe muitas decepções amargas: mas teria sido mais feliz em Sancerre? Assim pelo menos viveu.

Uma das grandezas de Balzac consiste precisamente nessa incerteza que é provocada pela imparcialidade do autor. Talvez o romancista quisesse mesmo demonstrar que “o amor não consegue conquistar a felicidade sem se dobrar às leis sociais” (Alain, *Avec Balzac*); entretanto, nada faz para tornar mais atraente a felicidade legítima. Deixa que as situações e os caracteres iniciais sigam seu curso natural sem alterar-lhes o desenvolvimento para apoiar qualquer tese.

O crescimento progressivo de uma paixão e seu lento decompor-se, a influência corrosiva do ambiente provinciano, a personalidade complexa do “inseto” La Baudraye, o admirável retrato do cabotino em Lousteau, a renovação completa do tipo tradicional do amante infeliz na personagem do sr. de Clagny são outras tantas perfeições de *A musa do departamento*.

Neste romance tem-se curioso exemplo da maneira por que Balzac costumava incorporar em suas obras as reminiscências livrescas. Servia-se das citações como de pontos de apoio; pondo-as na boca de suas personagens, reforçava ainda mais a extraordinária fusão de realidade e ficção que é *A comédia humana*. Toda a parte final do romance é, por assim dizer, uma paráfrase do Adolphe, de Benjamin Constant, o qual, revivido pela sra. de La Baudraye e por Estêvão Lousteau, vem a enriquecer-se para sempre de um novo matiz.

A heroína do nosso romance, a sra. de La Baudraye, em solteira Diná Piédefer, terá tido algum modelo na realidade? Anne Marie Meininger, a douta comentadora da presente obra na nova edição da Pléiade, relaciona nada menos de cinco mulheres da época apontadas por diversos pesquisadores como originais possíveis dessa figura de extraordinário relevo, cinco sombras a disputar um pouco de sobrevida à criatura de ficção saída do cérebro do escritor. Todas elas acusam semelhanças inegáveis com a personagem na fisionomia, no espírito, no trajar, no talento, no ambiente, na paixão, no destino, mas, ao mesmo tempo, ostentam diferenças essenciais. São elas: Zulma Carraud, a fiel amiga e correspondente em cuja casa de Frapesle o escritor ia refugiar-se amiúde para descansar ou trabalhar; a aventureira Caroline Marbouty, dando matéria à fofoca internacional, acompanhou-o numa de suas viagens à Itália, disfarçada de homem;

Louise Breugniot, que lhe serviu de governanta e algo mais, despertando ciúme da condessa Hanska enquanto noiva do nosso romancista; a sua primeira amante, a maternal sra. de Berny, que tanto o animara em sua estreia difícil; e mesmo uma que parece não ter representado papel em sua vida: Rose de Saint-Surin, literata que recebia em seu salão a elite de Angoulême. Examinando minuciosamente todas essas identificações, a exegeta chega à pertinente conclusão de que, para criar suas personagens principais, Balzac evitava inspirar-se num modelo único, mas pedia a vários deles traços marcantes capazes de reforçar a ilusão de realidade.

PAULO RÓNAI

A MUSA DO DEPARTAMENTO

AO SR. CONDE FERDINAND DE GRAMONTI[232]

Meu caro Ferdinand, se as vicissitudes (habent sua fata libelli[233]) do mundo literário fazem destas linhas uma longa recordação, isto será certamente pouca coisa em comparação com o trabalho que teve você, o D'Hozier,[234] o Chérin,[235] o rei de armas dos ESTUDOS DE COSTUMES; você a quem os Navarreins, os Cadignan, os Langeais, os Blamont-Chauvry, os Chaulieu, os D'Arthez, os D'Esgrignon, os Mortsauf, os Valois, as cem casas nobres que constituem a aristocracia de A COMÉDIA HUMANA devem suas belas divisas e seus brasões tão espirituais. Assim, o ARMORIAL DOS ESTUDOS DE COSTUMES CRIADO POR FERDINAND DE GRAMONT, GENTIL-HOMEM, é uma história completa da heráldica francesa, onde você nada esqueceu, nem mesmo as armas do Império, e que conservarei como um monumento de paciência beneditina e de amizade. Que conhecimento da antiga linguagem feudal no Pulchre sedens, melius agens![236] dos Beauséant, no Des partem leonis![237] dos D'Espard, no Ne se vend![238] dos Vandenesse! Quanta elegância, enfim, nos mil detalhes dessa erudita iconografia que mostrará a que extremos será levada a fidelidade do meu entendimento, no qual você, poeta, terá auxiliado.

Seu velho amigo

DE BALZAC

PRIMEIRA PARTE

O PROSCÊNIO DAS GRANDES RESOLUÇÕES

I — SANCERRE

Há nos confins do Berry, às margens do Loire, uma cidade que por sua posição atrai infalivelmente o olhar do viajante. Sancerre ocupa o ponto culminante duma cadeia de pequenas montanhas, última ondulação das irregularidades de terreno do Nivernais. O Loire inunda as terras ao pé dessas colinas, deixando nelas um lodo amarelo que as fertiliza, quando não as cobre de areia para sempre por uma dessas terríveis enchentes igualmente familiares ao Vístula, esse Loire do Norte. A montanha no cimo da qual se agrupam as casas de Sancerre ergue-se a uma distância bastante grande do rio para que o pequeno porto de Saint-Thibault possa viver da vida de Sancerre. Lá se embarcam os vinhos e se desembarcam as aduelas, todos os artigos, enfim, provenientes do alto e do baixo Loire.

Na época em que ocorreu esta história, a ponte de Cosne e a de Saint-Thibault, duas pontes suspensas, já estavam construídas. Os viajantes que vinham de Paris a Sancerre pela estrada da Itália não mais atravessavam o Loire, de Cosne a Saint-Thibault, em balsa; não basta isso para dizer-vos que já se havia realizado o *chassé-croisé* de 1830?[239] A casa de Orléans lisonjeou em toda a parte os interesses materiais, mas o fez mais ou menos como esses maridos que dão presentes às esposas com o dinheiro do dote.

Excetuada a parte de Sancerre que ocupa o planalto, as ruas são mais ou menos em declive e a cidade é contornada de rampas chamadas as Grandes Muralhas, nome que vos dá uma ideia precisa das grandes ruas da cidade. Além dessas muralhas estende-se um cinturão de parreirais. O vinho constitui a principal indústria e o mais

importante comércio da região, que possui várias herdades produtoras de vinhos generosos, ricos de aroma e suficientemente semelhantes aos produtos da Bourgogne para que em Paris os paladares vulgares se enganem com eles. Sancerre encontra, assim, nas tabernas parisienses, um rápido consumo, bastante necessário, aliás, a vinhos que não podem ser guardados por mais de sete ou oito anos. Abaixo da cidade estão situadas algumas aldeias, Fontenay, Saint-Satur, que parecem arrabaldes e cuja situação recorda os alegres vinhedos de Neuchâtel, na Suíça. A cidade conservou alguns traços de sua antiga fisionomia, suas ruas são estreitas e pavimentadas com cascalho retirado do leito do Loire. Veem-se ainda ali velhas casas. A torre, esse vestígio da força militar e da época feudal, lembra um dos mais terríveis teatros de nossas guerras de religião, durante as quais nossos calvinistas ultrapassaram os bárbaros cameronianos de Walter Scott.[240] A cidade de Sancerre, possuidora dum ilustre passado, viúva de seu poderio militar, está, de certo modo, destinada a um futuro estéril, pois o movimento comercial pertence à margem direita do Loire.

A rápida descrição que acabais de ler demonstra que o isolamento de Sancerre continuará crescendo, apesar das duas pontes que a ligam a Cosne. Sancerre, o orgulho da margem esquerda, tem no máximo três mil e quinhentas almas, ao passo que já se contam atualmente mais de seis mil em Cosne. Neste último meio século, o papel dessas duas cidades situadas uma em face da outra tem mudado completamente. A vantagem da situação, entretanto, pertence à cidade histórica, onde, de todos os lados, se desfruta uma vista encantadora, onde o ar é duma admirável pureza, a vegetação magnífica, e onde os habitantes, em harmonia com essa ridente natureza, são afáveis, bons companheiros e despidos de puritanismo, embora os dois terços da população se tenham conservado calvinistas.

II — O SANDISMO

Em tais circunstâncias, se, por um lado, todos sofrem lá os inconvenientes da vida das pequenas cidades, quando se precisa viver debaixo dessa vigilância officiosa que faz da vida privada uma vida

quase pública, em compensação, o patriotismo da localidade, que nunca substituirá o espírito de família, se desenvolve em alto grau. Assim, a cidade de Sancerre muito se orgulha de ter visto nascer uma das glórias da medicina moderna, Horácio Bianchon, e um autor de segunda categoria, Estêvão Lousteau,[241] um dos folhetinistas mais distintos.

A circunscrição de Sancerre, chocada por se ver dominada por sete ou oito grandes proprietários, os altos barões de eleição, tentou sacudir o jugo eleitoral da Doutrina,[242] que comprara todos os votos do lugar. Essa conjuração de alguns amores-próprios feridos fracassou devido à inveja que despertava nos coligados a futura ascensão dum dos conspiradores. Quando o resultado revelou o vício radical do empreendimento, quis-se remediá-lo tomando como defensor da região nas próximas eleições um dos dois homens que representam gloriosamente Sancerre em Paris. Essa ideia era extremamente avançada para a província, onde, a partir de 1830, a nomeação das notabilidades de campanário fez tais progressos que os homens de Estado se tornam cada vez mais raros na Câmara eletiva. Esse projeto, de realização bastante hipotética, foi concebido pela mulher superior do distrito, *dux femina facti*,[243] inspirada pelo interesse pessoal. Essa inspiração tinha tantas raízes no passado dessa mulher e envolvia de tal modo seu futuro que, sem uma viva e sucinta narração de sua vida anterior, dificilmente seria compreendida.

Sancerre orgulhava-se, então, duma mulher superior, durante muito tempo incompreendida, mas que, em 1836, desfrutava um belo renome departamental. Essa foi, também, a época em que os nomes dos dois sancerrenses atingiram, em Paris, cada um em sua esfera, no mais alto grau, um a glória e o outro a popularidade. Estêvão Lousteau, um dos colaboradores das revistas, redigia o folhetim dum jornal de oito mil assinantes; e Bianchon, já primeiro médico dum hospital, oficial da Legião de Honra e membro da Academia das Ciências, acabava de obter sua cátedra. Se esta expressão não comportasse, para muita gente, uma espécie de censura, poder-se-ia dizer que George Sand[244] criou o *sandismo*, tanto é certo que, moralmente falando, o bem é quase sempre acompanhado dum mal. Essa lepra sentimental

estragou muitas mulheres que, sem suas pretensões à genialidade, teriam sido encantadoras. O sandismo tem, entretanto, isto de bom que a mulher por ele atingida, dirigindo suas pretensas superioridades para sentimentos desconhecidos, torna-se, de certo modo, a *literata* do amor: disso resulta, então, menos tédio, pois o amor neutraliza um pouco a literatura. Ora, o exemplo de George Sand teve, como principal efeito, o de demonstrar que a França possui um número exorbitante de mulheres superiores, suficientemente generosas para deixar, até agora, o campo livre à neta do marechal de Saxe.[245] A mulher superior de Sancerre morava em La Baudraye, casa de cidade e de campo ao mesmo tempo, situada a dez minutos da cidade, na aldeia, ou, se quisesdes, no arrabalde de Saint-Satur. Os atuais La Baudraye, como aconteceu com muitas casas nobres, substituíram os La Baudraye cujo nome brilha nas cruzadas e se confunde com os grandes acontecimentos da história do Berry. Isto exige uma explicação.

III — OS MILAUD

No reinado de Luís XIV, um certo almotacé chamado Milaud, cujos antepassados foram furiosos calvinistas, converteu-se por ocasião da revogação do Édito de Nantes.[246] Para encorajar esse movimento num dos santuários do calvinismo, o rei nomeou o referido Milaud para um elevado cargo na Administração das Águas e Florestas, conferiu-lhe armas e o título de *sir* de La Baudraye, presenteando-o com o feudo dos verdadeiros e antigos La Baudraye. Os herdeiros do famoso capitão La Baudraye caíram numa das ciladas armadas aos heréticos pelos soldados e foram enforcados, tratamento indigno do grande rei. No reinado de Luís XV, Milaud de La Baudraye passou de simples escudeiro a cavaleiro e adquiriu prestígio suficiente para colocar o filho como porta-estandarte dos mosqueteiros. O porta-estandarte morreu em Fontenoi[247] deixando um filho a quem o rei Luís XVI concedeu, mais tarde, um alvará de feitor-geral, em memória do porta-estandarte morto no campo de batalha. Esse financista, belo espírito que se ocupava de charadas, glosas e poesias galantes, viveu na alta sociedade, frequentou o círculo de relações do duque de

Nivernois[248] e julgou-se obrigado a acompanhar a nobreza no exílio; teve, entretanto, o cuidado de levar seu dinheiro. Assim, o rico emigrado sustentou, então, mais de uma casa nobre. Cansado de esperar e talvez, também, de emprestar, voltou a Sancerre em 1800 e readquiriu La Baudraye por um sentimento de amor-próprio e de vaidade nobiliária explicável num neto de almotacé que, durante o Consulado, tinha tanto menos futuro porque o ex-feitor-geral pouco contava com o herdeiro para continuar os novos La Baudraye.

João Atanásio Polidoro Milaud de La Baudraye, filho único do financista, nascido mais do que definhado, era bem o fruto dum sangue cedo esgotado pelos prazeres exagerados a que se entregam todas as pessoas ricas que se casam na aurora duma velhice prematura e acabam, assim, por abastardar as sumidades sociais. Durante a emigração, a sra. de La Baudraye, moça pobre que foi desposada em virtude de sua nobreza, tivera a paciência de educar esse filho pálido e enfermiço, a quem dedicava o amor exaltado que as mães encerram no coração pelos filhos monstruosos. A morte dessa mulher, que era uma srta. de Castéran la Tour,[249] muito contribuiu para a volta do sr. de La Baudraye à França. Esse Lúculo[250] dos Milaud morreu legando ao filho o feudo, sem laudêmios, mas ornado de flâmulas com suas armas, mil luíses de ouro, soma bastante considerável em 1802, e seus créditos sobre os mais ilustres emigrados, contidos na sua carteira de poesias, com esta inscrição: *Vanitas vanitatum et omnia vanitas!*[251] Se o jovem La Baudraye conseguiu sobreviver, foi devido a hábitos duma regularidade monástica, a essa economia de movimentos que Fontenelle[252] pregava como a religião dos valetudinários e, principalmente, ao clima de Sancerre, à influência desse sítio admirável de onde se descortina um panorama de quarenta léguas no vale do Loire. De 1802 a 1815, o pequeno La Baudraye aumentou seu ex-feudo de várias terras e dedicou-se intensamente à cultura das parreiras. No início, a Restauração pareceu-lhe tão vacilante que ele não ousou ir a Paris para fazer suas reclamações; mas, após a morte de Napoleão, tentou amoedar a poesia do pai, pois não compreendeu a profunda filosofia revelada por essa mistura de notas promissórias e charadas. O vinhateiro perdeu tanto tempo em se fazer reconhecer

pelos duques de Navarreins e outros (tal era sua expressão) que voltou a Sancerre, chamado por suas queridas vindimas, sem ter obtido nada além de oferecimentos de préstimos. A Restauração deu suficiente brilho à nobreza para que La Baudraye desejasse dar um sentido à sua ambição conseguindo um herdeiro. Esse benefício conjugal parecia-lhe bastante problemático; de outro modo, não teria tardado tanto; mas, no fim de 1823, vendo-se ainda forte aos quarenta e três anos, idade que nenhum médico, astrólogo nem parteira teria tido a coragem de predizer-lhe, esperou encontrar a recompensa de sua virtude forçada. Sua escolha, porém, revelou, relativamente à sua constituição débil, tamanha falta de prudência que a malícia provinciana não pôde deixar de ver nela um profundo cálculo.

IV — DINÁ

Nessa época, sua eminência o senhor arcebispo de Bourges acabava de converter ao catolicismo uma jovem pessoa pertencente a uma dessas famílias burguesas que foram os primeiros apoios do calvinismo e que, graças à sua posição obscura ou a acomodações com o céu, escaparam às perseguições de Luís XIV. Artesãos do século XVI, os Piédefer,^[253] cujo nome revela um desses estranhos epítetos que se deram os soldados da Reforma, haviam-se tornado honestos fabricantes de fazenda. No reinado de Luís XVI, Abraão Piédefer fez tão maus negócios que em 1786, quando morreu, deixou os dois filhos numa situação vizinha da miséria. Um deles, Silas Piédefer, partiu para as Índias, deixando a modesta herança para o irmão mais velho. Durante a Revolução, Moisés Piédefer comprou bens nacionais, demoliu abadias e igrejas a exemplo de seus antepassados e casou-se, coisa estranha, com uma católica, filha única dum convencional^[254] morto no cadafalso. O ambicioso Piédefer morreu em 1819, deixando à esposa uma fortuna comprometida por especulações agrícolas e uma filhinha de doze anos de surpreendente beleza. Educada na religião calvinista, a menina chamava-se Diná, segundo o costume em virtude do qual os reformistas tomavam seus prenomes da Bíblia para não terem nada em comum com os santos da Igreja romana. A srta. Diná Piédefer,

mandada pela mãe para um dos melhores pensionatos de Bourges, o das senhoritas Chamarolles, tornou-se lá tão famosa por suas qualidades de espírito como por sua beleza; ela, porém, sentiu-se ali sobrepujada por moças nobres, ricas e que deviam mais tarde representar na sociedade um papel muito mais belo que o duma plebeia cuja mãe estava à espera dos resultados da liquidação Piédefer. Após ter conseguido elevar-se momentaneamente acima de suas companheiras, Diná quis também alçar-se ao mesmo nível delas na vida. Teve, pois, a ideia de abjurar o calvinismo, esperando que o cardeal protegesse sua conquista espiritual e se ocupasse de seu futuro. Já podeis, assim, julgar a superioridade da srta. Diná, que, com apenas dezessete anos de idade, se convertia por ambição. O arcebispo, penetrado da ideia de que Diná Piédefer constituiria um ornamento da sociedade, tentou casá-la. Todas as famílias às quais se dirigiu o prelado encheram-se de receios por uma moça dotada dum porte de princesa, que era considerada a mais inteligente das jovens educadas na casa das Chamarolles e que, nas solenidades um pouco teatrais da distribuição de prêmios, representava sempre os principais papéis. Realmente, os mil escudos de renda, que podia produzir o domínio de La Hautoy indiviso entre a mãe e a filha, eram pouca coisa comparados às despesas a que as superioridades pessoais duma criatura tão inteligente obrigariam o marido.

Logo que o pequeno Polidoro de La Baudraye soube desses detalhes, de que falavam todas as sociedades do departamento do Cher, dirigiu-se a Bourges, no momento em que a sra. Piédefer, devota das grandes horas canônicas, estava mais ou menos determinada, assim como sua filha, a segurar, segundo a expressão do Berry, o primeiro pé-rapado que aparecesse. Se o cardeal se sentiu muito feliz por encontrar o sr. de La Baudraye, o sr. de La Baudraye foi ainda mais feliz por aceitar uma esposa das mãos do cardeal. O homenzinho exigiu de sua eminência a promessa formal de sua proteção junto ao presidente do conselho, a fim de receber o que lhe deviam os duques de Navarreins e outros, embargando suas indenizações. Esse meio pareceu um pouco violento ao hábil ministro do pavilhão Marsan,^[255] que mandou dizer ao vinhateiro que se ocupariam dele no devido tempo. Todos podem

imaginar o falatório produzido entre os sancerrenses pelo insensato casamento do sr. de La Baudraye.

— Isso é explicável — disse o presidente Boirouge. — Disseram-me que o homenzinho ficara muito chocado de ter ouvido no passeio público o belo sr. Milaud, substituto de Nevers, dizer ao sr. de Clagny, mostrando-lhe as torrinhas de La Baudraye: “Isso virá às minhas mãos!”. “Mas”, respondeu nosso procurador do rei, “ele pode casar-se e ter filhos.” “Ele não é capaz disso!” Podeis imaginar o ódio que um monstro como o pequeno La Baudraye deve ter sentido por esse colosso de Milaud. Havia em Nevers um ramo plebeu dos Milaud que se enriquecera suficientemente no comércio de cutelaria para que o representante desse ramo abordasse a carreira do ministério público, na qual foi protegido pelo falecido Marchangy.[256]

V — UM MODO DE PAGAR SUAS DÍVIDAS

Talvez convenha eslagartar esta história, na qual a moral desempenha um grande papel, dos vis interesses materiais de que se preocupava exclusivamente o sr. de La Baudraye, narrando sucintamente os resultados de suas negociações em Paris. Isto, aliás, explicará muitas partes misteriosas da história contemporânea e as dificuldades subjacentes que os ministros encontravam no terreno político durante a Restauração. As promessas ministeriais foram tão mal cumpridas que o sr. de La Baudraye se dirigiu a Paris no momento em que o cardeal foi chamado lá para a sessão das Câmaras. Eis como o duque de Navarreins, o primeiro devedor ameaçado pelo sr. de La Baudraye, se livrou da questão. O sancerrense viu chegar, uma manhã, ao Hôtel de Mayence, à Rue Saint-Honoré, próximo à Place Vendôme, onde se hospedara, um confidente dos ministros, perito em liquidações. O distinto personagem, que saiu dum elegante cabriolé vestido da maneira mais elegante, foi obrigado a subir ao número 37, isto é, ao terceiro andar, a um quatinho onde surpreendeu o provinciano aquecendo ao fogo do aquecedor uma taça de café.

— É ao sr. Milaud de La Baudraye que tenho a honra...

— Sim — respondeu o homenzinho, envolvendo-se no roupão.

Após ter examinado de alto a baixo esse produto incestuoso dum velho sobretudo da sra. Piédefer e dum vestido da falecida sra. de La Baudraye, o negociador achou o homem, o roupão e o forninho de barro, onde fervia o leite numa caçarola de ferro, tão característicos que julgou inúteis todos os subterfúgios.

— Aposto que o senhor janta por dois francos no Hurbain, no Palais-Royal[257] — disse, audaciosamente.

— E por quê?

— Oh! Reconheço-o por tê-lo visto lá — replicou o parisiense, conservando a austeridade. — Todos os credores dos príncipes jantam lá. O senhor sabe que não se recebe mais de dez por cento das dívidas dos fidalgos mais ilustres... Eu não lhe daria cinco por cento dum crédito sobre o falecido duque de Orléans... nem mesmo sobre... — baixou a voz — sobre Monsieur...[258]

— O senhor veio comprar meus títulos? — perguntou o vinhateiro, que se considerou finório.

— Comprar!... — exclamou o negociador. — Por quem me toma o senhor?... Sou o sr. des Lupeaulx,[259] juiz relator dos processos de petição, secretário-geral do ministério, e venho propor-lhe um acordo.

— Qual?

— O senhor não ignora a situação de seu devedor...

— Dos meus devedores.

— Pois bem. O senhor conhece a situação de seus devedores. Eles gozam as boas graças do rei, mas não têm dinheiro e são obrigados a uma grande representação... O senhor não ignora as dificuldades da política: a aristocracia precisa ser reconstruída, em presença dum Terceiro Estado[260] formidável. A intenção do rei, que a França julga muito mal, é criar no pariato uma instituição nacional, análoga à da Inglaterra. Para realizar esse grande projeto, precisamos de anos e milhões... A nobreza obriga! O duque de Navarreins, que, como o senhor sabe, é primeiro gentil-homem da Câmara, não nega sua dívida, mas não pode... (Seja razoável! Julgue a política! Estamos saindo do abismo das revoluções. O senhor também é nobre!) Assim, ele não pode pagar-lhe...

— Senhor...

— O senhor é inteligente — disse des Lupeaulx —, escute... Ele não pode pagar-lhe em dinheiro. Pois bem, como homem inteligente que é, cobre-se em favores... reais ou ministeriais.

— O quê? Então meu pai teria dado, em 1793, cem mil...

— Meu caro senhor, não recrimine! Ouça uma proposta de aritmética política: a recebedoria de Sancerre está vaga, um antigo pagador geral do Exército tem direito a ela, mas não tem possibilidades; o senhor tem possibilidades, mas não tem nenhum direito ao cargo; pois o senhor conseguirá a recebedoria. O senhor a exercerá durante um semestre, pedirá sua demissão e o sr. Gravier lhe dará vinte mil francos. Além disso, o senhor será condecorado com a ordem real da Legião de Honra.

— Já é alguma coisa — disse o vinhateiro, muito mais seduzido pela soma do que pela condecoração.

— Mas — continuou des Lupeaulx — o senhor retribuirá as gentilezas de sua excelência restituindo à sua senhoria o duque de Navarreins todos os seus títulos...

O vinhateiro voltou a Sancerre na qualidade de recebedor das contribuições. Seis meses mais tarde, foi substituído pelo sr. Gravier, que era considerado um dos homens mais amáveis dos círculos financeiros durante o Império e que naturalmente foi apresentado pelo sr. de La Baudraye à sua mulher. Logo que deixou de ser recebedor, o sr. de La Baudraye voltou a Paris a fim de entender-se com outros devedores. Dessa vez, foi nomeado referendário do selo, barão e oficial da Legião de Honra. Após ter vendido o cargo de referendário do selo, o barão de La Baudraye fez algumas visitas a seus últimos devedores e reapareceu em Sancerre com o título de juiz relator dos processos de petição, com um cargo de comissário do rei junto a uma sociedade anônima estabelecida em Nivernais, com os vencimentos de seis mil francos, uma verdadeira sinecura. O bom La Baudraye, que passou por ter feito uma loucura, financeiramente falando, fez, pois, um excelente negócio ao desposar sua mulher. Graças à sua sórdida economia, à indenização que recebeu pelos bens de seu pai, nacionalmente vendidos em 1793, o homenzinho realizou, em 1827, o sonho de toda sua vida! Pagando quatrocentos mil francos em moeda corrente e

assumindo compromissos que o condenavam a viver de brisa, segundo sua expressão, durante seis anos, pôde comprar às margens do Loire, a duas léguas acima de Sancerre, a propriedade de Anzy, cujo magnífico castelo, construído por Philibert Delorme,[261] é objeto da justa admiração dos conhecedores e que, há quinhentos anos, pertencia à casa D'Uxelles.[262] Foi, enfim, incluído entre os grandes proprietários da região! Não é certo que a alegria causada pela constituição dum morgadio composto da propriedade de Anzy, do feudo de La Baudraye e do domínio de La Hautoy tenha compensado os pesares de Diná, que se viu assim reduzida a uma secreta indigência até 1835. O prudente La Baudraye não permitiu à esposa morar em Anzy nem fazer lá a mínima reforma até o pagamento da última prestação. Esse rápido olhar sobre a política do primeiro barão de La Baudraye explica inteiramente o homem. As pessoas familiarizadas com as manias da gente de província reconhecerão nele *a paixão da terra*, paixão devoradora, paixão exclusiva, espécie de avareza ostensiva que muitas vezes leva à ruína por uma falta de equilíbrio entre os juros hipotecários e os produtos territoriais. Os que, de 1802 a 1827, zombaram do pequeno La Baudraye ao vê-lo andar dum lado para outro em Saint-Thibault com a rudeza dum burguês que vivesse de suas vinhas, os que não compreendiam seu desdém pelo prestígio a que devera seus cargos, abandonados logo depois de conseguidos, tiveram, finalmente, a chave do enigma quando esse *formicaleo*[263] se lançou sobre sua presa, após ter esperado o momento em que as prodigalidades da duquesa de Maufrigneuse a obrigaram a vender essas terras magníficas.

A sra. Piédefer foi morar com a filha. As fortunas reunidas do sr. de La Baudraye e da sogra, que se contentara com uma renda vitalícia de mil e duzentos francos deixando ao genro o domínio de La Hautoy, formaram um rendimento manifesto de cerca de quinze mil francos.

VI — COMO UMA DAMA FACILMENTE SE TORNA FAMOSA

Durante os primeiros dias de seu casamento, Diná realizou melhoramentos que fizeram de La Baudraye uma casa muito

agradável. Transformou em jardim inglês o pátio imenso, deitando abaixo os celeiros, os lagares e as ignóbeis moradias dos criados. Organizou atrás da habitação pequena construção de torrinhas e pontas a que não faltava estilo, um segundo jardim com arvoredos, flores e relva, e separou dele o vinhedo por meio dum muro oculto sob plantas trepadeiras. Introduziu, por fim, na vida doméstica, tanto conforto quanto permitia a exiguidade dos rendimentos. Para não se deixar devorar por uma jovem tão superior como Diná parecia ser, o sr. de La Baudraye teve a habilidade de calar sobre as cobranças que estava fazendo em Paris. Tal majestade possui o silêncio, que esse profundo segredo sobre seus interesses conferiu algo de misterioso a seu caráter e engrandeceu-o aos olhos da esposa durante os primeiros anos da vida conjugal! As reformas operadas em La Baudraye inspiraram um desejo tanto mais vivo de conhecer a recém-casada porque Diná não se quis mostrar nem receber visitas, antes de se ter familiarizado com o lugar e conhecido a região e, principalmente, o silencioso La Baudraye.

Quando, numa manhã de primavera, em 1825, apareceram no passeio público a bela sra. de La Baudraye com um vestido de veludo azul e sua mãe em vestido de veludo preto, um grande clamor se elevou em Sancerre. O vestuário confirmou a superioridade da jovem senhora, educada na capital do Berry. Todos tiveram receio de não pronunciar frases suficientemente brilhantes ao visitar essa fênix berriense e, naturalmente, afetaram uma atitude grave diante da sra. de La Baudraye, que causou uma espécie de terror entre a gente do sexo feminino. Quando admiraram na sala de visitas de La Baudraye um tapete tecido como uma casimira, um móvel Pompadour de madeira dourada, cortinas de brocatel nas janelas e, sobre uma mesa redonda, um vaso japonês cheio de flores no meio de livros novos; quando ouviram a bela Diná tocar corretamente, não fazendo a menor cerimônia para sentar-se diante do piano, a ideia que se fazia de sua superioridade assumiu grandes proporções. Para não se deixar vencer pelo desleixo e pela deselegância, Diná resolvera manter-se a par das modas e das mínimas revoluções do luxo, entretendo uma ativa correspondência com Ana Grossetête, sua amiga íntima no pensionato

Chamarolles. Filha única do recebedor-geral de Bourges, Ana, graças à sua fortuna, desposara o terceiro filho do conde de Fontaine.[264] As mulheres, quando visitavam La Baudraye, sentiam-se constantemente ofendidas pela prioridade que Diná se soube atribuir com relação às modas; e, por mais que fizessem, sempre ficavam atrás dela, ou, como dizem os amantes de corridas, na *bagagem*. Se todas essas pequenas coisas causaram uma perversa inveja entre as mulheres de Sancerre, a conversação e o espírito de Diná geraram uma verdadeira aversão. Desejosa de manter sua inteligência no nível de cultura parisiense, a sra. de La Baudraye não tolerava em ninguém palestras vazias nem galanteios fora de moda nem frases sem valor; recusou-se terminantemente ao alarido das novidades insignificantes, a essa maledicência de baixa classe que constitui o assunto permanente das conversas na província. Gostando de falar em descobertas no domínio da ciência ou das artes, das obras recentemente surgidas no teatro e na poesia, ela parecia divulgar ideias enquanto divulgava as expressões da moda.

O padre Duret, vigário de Sancerre, ancião pertencente ao antigo clero da França, pessoa de boa sociedade que não desgostava do jogo, não ousava entregar-se à sua inclinação num lugar tão liberal como Sancerre. Ficou, pois, muito contente com a chegada da sra. de La Baudraye, com quem se entendeu admiravelmente. O subprefeito, um visconde de Chargebœuf, ficou encantado de encontrar na sala de visitas da sra. de La Baudraye uma espécie de oásis onde se fazia uma trégua na vida provinciana. Quanto ao sr. de Clagny, procurador do rei, sua admiração pela bela Diná o fixou em Sancerre. Esse apaixonado magistrado recusou todas as promoções e dedicou-se a amar devotamente esse anjo de graça e de beleza. Era um homem alto, magro, de rosto patibular ornado de dois olhos terríveis, de órbitas enegrecidas, encimadas por supercílios enormes, e cuja eloquência, muito diversamente de seu amor, não era destituída de mordacidade.

O sr. Gravier era um homenzinho atarracado e gordo, que, durante o Império, cantava admiravelmente as romanças e conquistou com esse dom o eminente cargo de pagador-geral do Exército. Metido em grandes negócios, na Espanha, com certos generais então pertencentes

à oposição, soube empregar em seu benefício essas ligações parlamentares junto ao ministro, que, em atenção à sua posição perdida, lhe prometeu a recebedoria de Sancerre e acabou por deixar que ele a comprasse. O espírito ágil, o estilo do tempo do Império tornara-se pesado em Gravier, que não compreendeu ou não quis compreender a diferença enorme que separou os costumes da Restauração dos do Império; ele, porém, considerava-se muito superior ao sr. de Clagny, sua apresentação era mais elegante, ele acompanhava as modas, usava colete amarelo, calças cinzentas e uma sobrecasaca curta e justa no corpo. Usava no pescoço gravatas modernas de seda, ornadas de diamantes, ao passo que o procurador do rei não ia além da casaca, calças e colete pretos, muitas vezes puídos.

Esses quatro personagens extasiaram-se, antes que os outros, com a cultura, a elegância e a delicadeza de Diná e proclamaram-na mulher de elevada inteligência. As mulheres disseram, então, entre si:

— A sra. de La Baudraye deve fazer muita troça de nós...

Essa opinião, mais ou menos justa, teve como resultado impedir que as mulheres fossem a La Baudraye. Acusada de pedantismo porque falava corretamente, Diná foi cognominada a Safo[265] de Saint-Satur. Todos acabaram por zombar abertamente das pretensas grandes qualidades daquela que se tornou, assim, a inimiga das sancerrenses. Chegou-se, por fim, até a negar uma superioridade, puramente relativa, aliás, que fazia ressaltar as ignorâncias e não lhes concedia perdão. Onde todos são corcundas, o corpo esbelto constitui uma monstruosidade; Diná foi, pois, considerada como monstruosa e perigosa e se fez um deserto em torno de si. Admirada de não ver as mulheres, apesar de seus progressos, senão com longos intervalos e durante visitas de poucos minutos, Diná indagou a razão desse fenômeno ao sr. de Clagny.

— A senhora é uma mulher demasiado superior para que as outras a estimem — respondeu o procurador do rei.

O sr. Gravier, interrogado pela pobre abandonada, fez-se rogar demoradamente para depois dizer-lhe:

— Ora, bela senhora, não lhe basta ser encantadora, a senhora ainda

é inteligente, culta, está a par de tudo o que se escreve, gosta da poesia, é musicista e tem uma palestra arrebatadora: as mulheres não perdoam tantas superioridades!...

Os homens disseram ao sr. de La Baudraye:

— O senhor, que tem uma esposa superior, é muito feliz...

E ele acabou por dizer:

— Eu, que tenho uma esposa superior, sou muito... etc.

A sra. Piédefer, lisonjeada na filha, tomou também a liberdade de dizer coisas deste gênero:

— Minha filha, que é uma mulher muito superior, estava escrevendo, ontem, à sra. de Fontaine, tais e tais coisas.

Para quem conhece o mundo, a França, Paris, não é exato que muitas celebridades são feitas assim?

VII — ONDE O CARÁTER DO SR. DE LA BAUDRAYE COMEÇA A DESENHAR-SE

Ao cabo de dois anos, no fim de 1825, Diná de La Baudraye foi acusada de não querer receber senão homens; depois, fizeram de seu afastamento das mulheres um crime. Nenhum de seus atos, mesmo o mais indiferente, passava sem ser criticado ou adulterado. Após ter feito todos os sacrifícios que uma mulher bem-educada podia fazer e ter empregado todos os métodos que lhe competia usar, a sra. de La Baudraye cometeu o erro de responder a uma falsa amiga que foi deplorar seu isolamento.

— Antes só que mal acompanhada!

Essa frase produziu efeitos terríveis em Sancerre e foi, mais tarde, cruelmente aplicada à Safo de Saint-Satur quando, ao vê-la sem filhos após cinco anos de casada, passaram a fazer troça do pequeno La Baudraye. Para fazer compreender esse gracejo provinciano, é necessário recorrer à lembrança dos que conheceram o Bailio de Ferrette,[266] de quem se dizia ser o homem mais corajoso da Europa porque tinha a coragem de andar a pé e a quem se acusava também de pôr chumbo nos sapatos para não ser levado pelo vento. O sr. de La Baudraye, homenzinho amarelo e quase diáfano, teria sido convidado

pelo duque d'Hérouville[267] para primeiro gentil-homem de sua câmara, se o grande escudeiro da França tivesse sido um pouco grão-duque de Bade. O sr. de La Baudraye, cujas pernas eram tão finas que ele usava, por decência, panturrilhas postiças, cujas coxas se assemelhavam ao braço dum homem bem constituído, cujo tronco imitava muito bem o corpo dum besouro, teria sido para o duque d'Hérouville um constante elogio. Ao andar, o pequeno vinhateiro mudava muitas vezes as panturrilhas para diante da tíbia, pois fazia pouco mistério disso e agradecia aos que o advertiam desse ligeiro transtorno. Conservou os calções curtos, as meias pretas de seda e o colete branco até 1824.

Após o casamento, passou a usar calças azuis e sapatos com salto alto, o que fez com que toda Sancerre dissesse que ele crescera duas polegadas para alcançar o queixo da esposa. Viram-no, durante dez anos, com a mesma pequena sobrecasaca verde-garrafa com grandes botões de metal branco e uma gravata preta que realçava seu rosto frio e magro, iluminado por olhos dum cinza-azulado, penetrantes e calmos como os olhos de gato. Amável como todas as pessoas que seguem um plano de conduta, parecia tornar muito feliz a mulher, dando a impressão de nunca contrariá-la, deixando-lhe a palavra e contentando-se em agir com a lentidão, mas com a tenacidade dum inseto.

Adorada por sua beleza sem rival, admirada por seu espírito pelos homens *mais distintos* de Sancerre, Diná alimentou essa admiração por meio de palestras para as quais, disseram mais tarde, ela se preparava. Sentindo-se escutada com êxtase, habituou-se gradativamente a escutar a si mesma, passou a sentir prazer em perorar e acabou por considerar os amigos como confidentes de tragédia destinados a dar-lhe a réplica. Organizou, aliás, uma belíssima coleção de frases e de ideias, seja por meio de leituras, seja assimilando os pensamentos dos visitantes, e tornou-se, assim, uma espécie de realejo cujos acordes partiam logo que um acidente da palestra acionava seu maquinismo. Sedenta de saber — rendamos-lhe essa justiça —, Diná leu tudo, até livros de medicina, de estatística, de ciência, de jurisprudência, pois não sabia em que empregar suas

manhãs, após ter passado em revista suas flores e ter dado ordens ao jardineiro. Dotada de uma bela memória e desse talento que possuem certas mulheres para servir-se da expressão exata, ela podia falar sobre todos os assuntos com a clareza dum estilo estudado. Assim, de Cosne, da Charité, de Nevers, à margem direita, e de Léré, de Vailly, de Argent, de Blancafort e de Aubigny, à margem esquerda, acorriam pessoas desejosas de ser apresentadas à Madame de La Baudraye, como na Suíça a gente procurava ser apresentada à Madame de Staël. [268] Os que ouviam uma vez apenas as palavras dessa tabaqueira suíça voltavam deslumbrados e diziam de Diná coisas maravilhosas que tornaram invejosas as mulheres a dez léguas de distância.

Existe na admiração que se inspira ou na ação dum papel representado uma certa embriaguez moral que não permite à crítica atingir o ídolo. Uma atmosfera, produzida talvez por uma constante dilatação nervosa, compõe uma espécie de nimbo através do qual se vê o mundo num plano inferior. Como explicar de outro modo a constante seriedade que preside a tantas novas representações dos mesmos efeitos e a constante ingratidão pelos conselhos por parte dos filhos, tão terríveis para os pais, ou por parte dos maridos, tão familiarizados com as inocentes manobras das esposas? O sr. de La Baudraye tinha a candidez dum homem que abre o guarda-chuva ao caírem as primeiras gotas. Quando sua mulher abordava a questão do tráfico dos negros ou o melhoramento da sorte dos condenados, ele punha o gorrinho azul e fugia sem ruído, com a certeza de poder ir a Saint-Thibault cuidar duma entrega de tonéis e voltar uma hora mais tarde encontrando a discussão mais ou menos amadurecida. Se não tinha nada a fazer, ia passear pelo passeio público, de onde se descortina um admirável panorama do vale do Loire, e tomava um banho de ar enquanto a esposa executava uma sonata de palavras e duetos de dialética.

VIII — CONDUTA EXEMPLAR DOS AMANTES DE DINÁ

Uma vez erigida em mulher superior, Diná quis dar provas visíveis de seu amor pelas criações mais notáveis da arte e associou-se entusiasticamente às ideias da escola romântica, incluindo na arte a

poesia e a pintura, o livro e a estátua, os móveis e a ópera. Tornou-se, além disso, medievalista. Instruiu-se, também, nas curiosidades que podiam datar da Renascença e fez de seus amigos outros tantos agentes dedicados. Adquiriu, assim, nos primeiros dias após o casamento, o mobiliário dos Rouget, em Issoudun, por ocasião da venda que se realizou no início de 1824.[269] Comprou coisas muito belas no Nivernais e no alto Loire. Na entrada do Ano-Novo ou no dia de sua festa, os amigos nunca deixavam de oferecer-lhe algumas raridades. Essas fantasias muito agradaram o sr. de La Baudraye, que deu a impressão de sacrificar alguns escudos aos caprichos da esposa, mas, na verdade, o comprador de terras pensava em seu castelo de Anzy. Essas *antiguidades* custavam, então, muito menos que os móveis modernos. Ao cabo de cinco ou seis anos, a sala de espera, a sala de refeições, as duas salas de visitas e o gabinete que Diná instalara no pavimento térreo de La Baudraye, tudo, até o vão da escada, regurgitava de obras-primas escolhidas cuidadosamente nos quatro departamentos vizinhos. Esse ambiente, qualificado de estranho na região, estava em harmonia com Diná. Essas maravilhas, em vésperas de voltar à moda, surpreendiam a imaginação das pessoas que lhe eram apresentadas, que esperavam concepções originais e tinham sua expectativa ultrapassada ao verem através dum mundo de flores essas catacumbas de velharias dispostas como na casa do falecido Sommerard,[270] esse *Old Mortality* dos móveis! Esses achados eram, por outro lado, outros tantos pretextos para, em determinadas questões, provocar frases sobre Jean Goujon,[271] Michel Colomb,[272] Germain Pilon,[273] Boulle,[274] Van Huysum,[275] Boucher,[276] o grande pintor berriense; sobre Clodion,[277] o escultor em madeira, sobre as marchetarias venezianas, sobre Brustolone,[278] tenor italiano, o Michelangelo do carvalho verde; sobre os séculos XIII, XIV, XV, XVI e XVII, sobre os esmaltes de Bernard Palissy,[279] sobre os de Petitot,[280] sobre as gravuras de Albrecht Dürer (ela pronunciava *Dur*),[281] sobre os velinos com iluminuras, sobre o gótico florido, em forma de chama, ornado e puro, de transtornar os velhos e entusiasmar os moços.

Animada do desejo de vivificar Sancerre, a sra. de La Baudraye

tentou formar lá uma sociedade dita literária. O presidente do tribunal, sr. Boirouge, que então se achava de posse duma casa com jardim proveniente da herança Popinot-Chandier, facilitou a criação da sociedade. O astuto magistrado foi entender-se sobre os estatutos com a sra. de La Baudraye, quis ser um dos fundadores e alugou sua casa por quinze anos à sociedade literária. A partir do segundo ano, lá se jogava dominó, bilhar, cartas, bebendo vinho quente adoçado, ponche e licores. Realizaram-se algumas ceias finas e bailes de máscaras no Carnaval. Quanto à literatura, liam jornais, discutiam política e falavam em negócios. O sr. de La Baudraye ia lá com assiduidade, por causa da mulher, dizia espirituosamente.

Esses resultados afligiram a mulher superior, que desesperou de Sancerre e concentrou desde então em sua sala de visitas toda a inteligência da região. Não obstante, apesar da boa vontade dos srs. de Chargebœuf, Gravier, de Clagny, do padre Duret, do primeiro e segundo substitutos, dum jovem médico, dum jovem juiz substituto, cegos admiradores de Diná, houve momentos de tédio em que se permitiram excursões pelos domínios das agradáveis futilidades que constituem o assunto comum das palestras da sociedade. O sr. Gravier chamava isso *passar do sério ao suave*. O uíste do padre Duret constituía uma útil diversão aos quase monólogos da divindade. Os três rivais, cansados de manter o espírito atento às *discussões de ordem mais elevada*, pois assim classificavam suas palestras, mas não ousando testemunhar a mínima saciedade, voltavam-se, às vezes, com uma atitude carinhosa para o velho padre.

— O senhor cura está morrendo de vontade de jogar sua partidazinha — diziam.

O espirituoso padre prestava-se admiravelmente bem à hipocrisia de seus cúmplices, resistia, exclamava:

— Perderíamos muito não escutando nossa bela inspirada!

E estimulava a generosidade de Diná, que acabava por ter compaixão de seu bom cura. Essa manobra atrevida, inventada pelo subprefeito, foi praticada com tamanha astúcia que Diná nunca suspeitou da evasão de seus forçados para o pátio livre da mesa de jogo: deixavam-lhe, então, o jovem substituto ou o médico a

martirizar-se. Um jovem proprietário, o elegante de Sancerre, perdeu as boas graças de Diná por algumas demonstrações imprudentes. Após ter solicitado a honra de ser admitido no cenáculo, gabando-se de arrebatado de lá a flor às autoridades constituídas que a cultivavam, teve o infortúnio de bocejar durante uma explicação que Diná tinha a bondade de dar-lhe, pela quarta vez, é verdade, da filosofia de Kant. [282] O sr. de La Thaumassière, neto do historiador do Berry, foi considerado um homem completamente destituído de inteligência e de espírito.

Os três apaixonados oficiais submetiam-se a esses exorbitantes dispêndios de inteligência e de atenção na esperança do mais doce dos triunfos no momento em que Diná se humanizasse, pois nenhum deles teve a audácia de pensar que ela perderia sua inocência conjugal antes de ter perdido suas ilusões. Em 1826, época em que Diná se viu cercada de homenagens, ela completou vinte anos e o padre Duret a mantinha numa espécie de fervor católico; os adoradores de Diná contentavam-se, pois, em cumulá-la de pequenos cuidados, em enchê-la de obséquios e de atenções, felizes por serem tomados pelos cavalheiros de honra dessa rainha pelos recém-apresentados que assistiam a um ou dois serões em La Baudraye.

— A sra. de La Baudraye é um fruto que se precisa deixar amadurecer — tal era a opinião do sr. Gravier, que esperava.

Quanto ao magistrado, escrevia cartas de quatro páginas, às quais Diná respondia por palavras sedativas ao dar uma volta, após o jantar, pelo seu relvado, apoiada ao braço de seu adorador. Protegida por essas três paixões, a sra. de La Baudraye, que além disso vivia acompanhada de sua devota mãe, evitou todas as desgraças da maledicência. Foi tão notado em Sancerre que nenhum dos três homens deixava que um deles ficasse a sós com a sra. de La Baudraye, que seu ciúme passou a constituir uma verdadeira comédia.

Para ir da Porte César à Saint-Thibault, há um caminho muito mais curto que o das Grandes Muralhas e que, nas regiões montanhosas, se chama *uma vereda*, mas que em Sancerre se denomina o *precipício*. Esse nome indica claramente uma estrada traçada sobre a inclinação mais íngreme da montanha, atravancada de pedras e aberta entre as

escarpas dos vinhedos. Seguindo-se pelo precipício, encurta-se a estrada de Sancerre a La Baudraye. As mulheres, invejosas da Safo de Saint-Satur, passeavam pelo passeio público para contemplar esse Longchamp das autoridades, que muitas vezes detinham, interessando-se em alguma palestra ora o subprefeito, ora o procurador do rei, que davam, então, mostras duma evidente impaciência ou duma impertinente distração. Como do passeio público se avistam as torrinhas de La Baudraye, mais de um rapaz ia contemplar de lá a morada de Diná, invejando o privilégio dos dez ou doze amigos que passavam os serões junto da rainha dos sancerrenses. O sr. de La Baudraye logo percebeu o prestígio que sua qualidade de marido lhe conferia junto aos namorados da esposa e serviu-se deles com a maior candura, obtendo assim reduções de impostos e ganho de causa em dois pequenos processos. Em todos os seus litígios, fez sentir a autoridade do procurador do rei, de maneira a não mais receber contestação. Era dificultoso e demandista em negócios, como todos os anões, mas sempre com brandura.

Não obstante, quanto mais brilhava a inocência da sra. de La Baudraye, menos sustentável parecia sua situação aos olhos curiosos das mulheres. Muitas vezes, na casa da presidenta Boirouge, as senhoras duma certa idade discutiam durante serões inteiros, na intimidade, bem entendido, sobre a vida em La Baudraye. Todas pressentiam um desses mistérios cujo segredo interessa vivamente as mulheres que conhecem a vida. Desenrolava-se, efetivamente, em La Baudraye uma dessas longas e monótonas tragédias conjugais que permaneceriam eternamente ignoradas se o ávido escalpelo do século XIX não tivesse ido investigar, levado pela necessidade de encontrar novidades, os recantos mais obscuros do coração ou, se preferirdes, os que o pudor dos séculos precedentes havia respeitado. E esse drama doméstico explica suficientemente bem a virtude de Diná durante os primeiros anos de sua vida conjugal.

IX — A VIDA ÍNTIMA DE MUITOS CASAIS

Uma moça cujos triunfos no pensionato Chamarolles haviam tido

como ponto de partida o orgulho, cujo primeiro projeto fora recompensado por uma primeira vitória, não podia deter-se em tão belo caminho. Por mais enfermiço que parecesse o sr. de La Baudraye, ele constituiu, para a srta. Diná Piédefer, um partido verdadeiramente inesperado. Qual poderia ser a intenção oculta desse vinhateiro ao casar-se aos quarenta e quatro anos com uma mocinha de dezessete e que partido sua esposa poderia tirar dele? Tal foi o primeiro assunto das meditações de Diná. O homenzinho iludiu constantemente a observação da esposa. Assim, já de início, deixou que ela empregasse num jardim de recreio os dois preciosos hectares em torno de La Baudraye, que assim ficaram perdidos, e deu-lhe quase generosamente os sete ou oito mil francos necessários aos arranjos interiores dirigidos por Diná, que pôde comprar em Issoudun o mobiliário Rouget e realizar em seus aposentos decorações nos estilos Idade Média, Luís XIV e Pompadour. A recém-casada pôde, assim, pensar que o sr. de La Baudraye não fosse tão avarento como lhe haviam dito ou que conquistara um pouco de ascendência sobre ele. Esse engano durou dezoito meses. Após a segunda viagem do sr. de La Baudraye a Paris, Diná descobriu nele a frieza polar dos avarentos provincianos no que se refere ao dinheiro. Ao fazer o primeiro pedido, ela representou a mais graciosa dessas comédias cujo segredo vem de Eva; mas o homenzinho explicou claramente à mulher que lhe dava duzentos francos por mês para suas despesas pessoais e pagava mil e duzentos francos de renda vitalícia à sra. Piédefer pelo domínio de Hautoy, e que assim os mil escudos do dote estavam ultrapassados em duzentos francos por ano.

— Não falo nas despesas de nossa casa — disse, ao terminar. — Deixo-te oferecer bolinhos e chá a teus amigos, à noite, pois é necessário que te divirtas. Mas eu, que não gastava nem mil e quinhentos francos por ano antes de meu casamento, gasto atualmente seis mil francos, incluídos nisso os impostos e as reparações, o que é um pouco demais tendo em vista a natureza de nossas posses. Um vinhateiro nunca tem certeza senão da despesa, da mão de obra, dos impostos, dos tonéis, ao passo que a receita depende dum raio de sol ou duma geada. Os pequenos proprietários, como nós, cujos rendimentos estão longe de ser fixos, devem fazer seus cálculos

baseados no mínimo, pois não têm nenhum meio de reparar um excedente de despesa ou uma perda. Que seria de nós se um comprador de vinho falisse? Assim, para mim, as contas a receber não representam nada. Para viver como vivemos, precisamos ter sempre um ano de rendimentos adiantadamente e contar apenas com dois terços de nossas rendas.

Basta uma resistência qualquer para que uma mulher deseje vencê-la, e Diná esbarrou contra uma alma de bronze acolchoada com as maneiras mais suaves. Tentou inspirar receios e ciúme ao homenzinho, mas encontrou-o acantonado na mais insolente tranquilidade. Deixava Diná para ir a Paris com a mesma certeza que Medoro teria da fidelidade de Angélica.^[283] Quando ela se fez fria e desdenhosa para ferir o monstrengo com o desprezo que as cortesãs empregavam com seus protetores e que age sobre eles com a precisão dum parafuso de lagar, o sr. de La Baudraye cravou na esposa seus olhos fixos como os dum gato que, diante dum distúrbio doméstico, espera a ameaça dum golpe antes de deixar o lugar. A espécie de inexplicável inquietação que transparecia nessa muda indiferença quase aterrorizou a jovem mulher de vinte anos; ela não compreendeu a princípio a egoísta serenidade desse homem, comparado a um vaso rachado, que, para viver, regulara os movimentos de sua existência com a precisão fatal que os relojoeiros dão a seus pêndulos. Assim, o homenzinho livrava-se sempre da esposa; ela o combatia sempre a dez pés acima da cabeça. É mais fácil compreender que descrever as crises de cólera a que Diná se entregou quando se viu condenada a não mais sair de La Baudraye nem de Sancerre, ela que sonhava com a gerência da fortuna e a direção daquele anão a quem ela, gigante, no início, obedecera para depois governar. Na esperança de estreiar um dia no grande teatro de Paris, ela aceitava o incenso vulgar de seus cavalheiros de honra, queria fazer sair o nome de La Baudraye da urna eleitoral, pois julgou-o ambicioso ao vê-lo voltar por três vezes de Paris após ter galgado, de cada vez, um novo degrau da escada social. Mas, quando interrogou o coração daquele homem, foi como se batesse contra o mármore!... O ex-recebedor, o ex-referendário, o juiz relator dos processos de petição, o oficial da Legião de Honra, o comissário real era uma toupeira ocupada

em cavar seus subterrâneos em torno dum pé de parreira! Algumas elegias foram então derramadas no coração do procurador do rei, do subprefeito e até do sr. Gravier, e todos eles ficaram ainda mais afeiçoados à sublime vítima, pois ela evitou muito bem, como, aliás, todas as mulheres, de falar de seus projetos e, também como todas as mulheres, não estando em condições de especular, odiou a especulação. Batida por essas tempestades íntimas, Diná atingiu, indecisa, o ano de 1827, quando, no fim do outono, ressoou a notícia da aquisição das terras de Anzy pelo barão de La Baudraye. O velhote teve, então, um gesto de alegria orgulhosa que modificou, por alguns meses, as ideias da esposa; ela acreditou em algo de grandioso nele ao vê-lo solicitar a criação dum morgadio. Em seu triunfo, o barãozinho exclamou:

— Diná, um dia serás condessa!

Fez-se, então, entre os esposos, uma dessas reconciliações superficiais que não duram e que deviam tanto fatigar como humilhar uma mulher cujas superioridades aparentes eram falsas e as superioridades ocultas eram reais. Esse absurdo é mais frequente do que se supõe. Diná, que se fazia ridícula pelos caprichos de seu espírito, era grande pelas qualidades de sua alma; as circunstâncias, porém, não punham em destaque esses raros predicados, ao passo que a vida provinciana adulterava dia a dia a pequenez de seu espírito. Por um fenômeno oposto, o sr. de La Baudraye, sem forças, sem alma e sem inteligência, havia de revelar um dia um grande caráter, seguindo tranquilamente um plano de conduta do qual sua fraqueza não lhe permitia desviar-se.

X — COMO DINÁ SE TORNOU MULHER PROVINCIANA

Isso constituiu, em sua existência, uma primeira fase, que durou seis anos e durante a qual Diná se tornou uma mulher provinciana. Em Paris, há várias espécies de mulheres: há a duquesa e a mulher do financista, a embaixatriz e a esposa do cônsul, a esposa do ministro que é ministro e a do que não o é mais; há a mulher distinta da margem direita e a da margem esquerda do Sena; na província, porém, há

apenas uma mulher, e essa pobre mulher é a mulher provinciana. Essa observação mostra uma das grandes chagas da nossa sociedade moderna. Estejamos certos duma coisa: a França, no século XIX, está dividida em duas grandes zonas, Paris e a província. A província invejosa de Paris, Paris não pensando na província senão para pedir-lhe dinheiro. Antigamente, Paris era a primeira cidade da província, a Corte sobrepunha a cidade; atualmente, Paris é a própria Corte e qualquer outra cidade é província. Por grande, bela e forte que seja no começo uma moça nascida num departamento qualquer, se, como Diná Piédefer, ela se casa na província e lá permanece, logo se torna uma mulher provinciana. Apesar dos projetos feitos, os lugares-comuns, a mediocridade das ideias, a negligência do vestuário e a horticultura das vulgaridades invadem a criatura sublime oculta nessa alma nova e tudo está consumado, a bela planta se estiola. E como poderia ser de outra forma?

Nos seus verdes anos, as moças da província veem em torno de si somente pessoas da província, não imaginam coisa melhor e não têm a escolher senão entre mediocridades; os pais da província casam suas filhas somente com rapazes da província; ninguém tem a ideia de cruzar as raças e o espírito fatalmente se abastarda; assim, em muitas cidades, a inteligência se tornou tão rara como o tipo racial se tornou feio.

Lá o homem define sob as duas formas, pois a sinistra ideia das conveniências de fortuna domina todas as convenções matrimoniais. As pessoas de talento, os artistas, os homens superiores, todas as criaturas brilhantes vão para Paris. Inferior como mulher, a mulher da província torna-se ainda mais inferior devido ao marido. Como viver contente com esses dois esmagadores pensamentos? A inferioridade conjugal e a inferioridade radical da mulher provinciana são, além disso, agravadas por uma terceira e terrível inferioridade, que contribui para torná-la seca e sombria, para encolhê-la, a pequená-la, desfigurá-la fatalmente. Uma das mais agradáveis lisonjas que as mulheres se dirigem a si mesmas não é a convicção de representar alguma coisa na vida dum homem superior escolhido por elas com conhecimento de causa, como uma réplica a seu casamento, em que seus caprichos

foram pouco consultados?

Ora, na província, se não há superioridade entre os maridos, muito menos entre os celibatários. Assim, quando a mulher provinciana comete sua faltazinha, imagina estar apaixonada por um suposto homem belo ou um elegante indígena, um rapaz que usa luvas e que passa por saber montar a cavalo, mas, no fundo de seu coração, sabe muito bem que seus anseios perseguem um lugar-comum mais ou menos bem-vestido.

Diná foi preservada desse perigo pela noção que lhe deram de sua superioridade. Se não tivesse sido tão bem guardada no primeiro período de sua vida conjugal pela mãe, cuja presença não lhe foi importuna senão no momento em que ela teve interesse em afastá-la, teria sido preservada por seu orgulho e pela altura em que colocava seu destino. Bastante lisonjeada por se ver cercada de admiradores, não encontrou um amante entre eles. Homem algum realizou o ideal poético que ela um dia esboçara em companhia de Ana Grossetête. Quando, vencida pelas tentações involuntárias que as homenagens despertavam nela, pensou: “Quem escolheria, se fosse absolutamente necessário entregar-me?”, sentiu preferência pelo sr. de Chargebœuf, fidalgo de boa casa, cuja pessoa e maneiras lhe agradavam, mas cujo espírito árido, egoísmo e ambição limitada a uma prefeitura e a um bom casamento a revoltavam. À primeira alusão da família, que teve receios de que ele compromettesse a existência com um namoro, o visconde já deixara, sem remorsos, em sua primeira subprefeitura, uma mulher adorada. Ao contrário, a pessoa do sr. de Clagny, o único cujo espírito falava ao de Diná, cuja ambição tinha o amor por princípio e que sabia amar, desgostava-a soberanamente. Quando se viu condenada a ficar ainda seis anos em La Baudraye, ia aceitar as atenções do sr. Visconde de Chargebœuf; ele, porém, foi nomeado prefeito e deixou a região. Com grande contentamento do procurador do rei, o novo subprefeito era um homem casado, cuja esposa se tornou íntima de Diná. O sr. de Clagny não teve outra rivalidade a combater além da do sr. Gravier. Ora, o sr. Gravier era o tipo do quadragenário de que as mulheres se servem e zombam, cujas esperanças são entretidas prudentemente e sem remorsos por elas como se cuida dum

animal de carga. Em seis anos, entre todas as pessoas que lhe foram apresentadas, de vinte léguas em derredor, não houve uma só cuja presença causasse a Diná essa comoção causada pela beleza, pela crença na felicidade, pelo contato duma alma superior ou o pressentimento dum amor qualquer, mesmo infeliz.

Nenhuma das preciosas faculdades de Diná pôde, pois, desenvolver-se. Suportou as ofensas feitas a seu orgulho constantemente oprimido pelo marido, que passeava tranquilamente, como figurante, no teatro de sua existência.

Obrigada a enterrar os tesouros de seu amor, não deu mais que aparências à sua sociedade. As vezes, agitava-se, tinha desejos de tomar uma resolução viril; era, porém, impedida pela questão financeira. Assim, lentamente e a despeito dos protestos ambiciosos, apesar das recriminações elegíacas de seu espírito, ela sofria as transformações provinciais que acabam de ser descritas. Cada dia levava um fragmento de suas primeiras resoluções. Traçara-se um programa de cuidados de vestuário que, aos poucos, abandonou. Se, no começo, acompanhou as modas, se se conservou a par das pequenas inovações do luxo, foi, contudo, forçada a restringir suas compras à importância de sua pensão. Em vez de quatro chapéus, seis toucas e seis vestidos, contentou-se com um vestido por estação. Acharam Diná tão bela com certo chapéu que ela o usou no ano seguinte. E assim aconteceu com tudo. Muitas vezes a artista imolou as exigências do vestuário ao desejo de possuir um móvel gótico. No sétimo ano, chegou a achar mais cômodo mandar fazer em casa seus vestidos matinais pela mais hábil costureira do lugar, e a mãe, o marido e os amigos a acharam encantadora nesses trajes econômicos, nos quais, segundo seus hábitos, se manifestava seu bom gosto. Copiavam suas ideias!...

Como não tinha sob os olhos nenhum termo de comparação, Diná caiu nas ciladas armadas às mulheres provincianas. Se uma parisiense não tem as cadeiras muito bem-feitas, sua faculdade inventiva e o desejo de agradar fazem com que encontre algum remédio heroico; se tem algum defeito, um pouco de fealdade, uma tara qualquer, ela é capaz de transformá-lo num motivo de agrado, isso se vê frequentemente; mas a mulher provinciana, nunca! Se sua estatura é

muito baixa, se sua gordura se distribui mal, pois bem, ela se conforma, e seus adoradores, sob pena de não amá-la, devem aceitá-la tal como é, ao passo que a parisiense sempre quer ser tomada pelo que não é. Daí esses corpos grotescos, essas magrezas extremas, essas amplitudes ridículas, essas linhas deselegantes ostentadas com ingenuidade, a que toda uma cidade se habituou e que causam espanto quando uma mulher provinciana aparece em Paris ou diante das parisienses. Diná, cujo corpo era esbelto, valorizou-o o quanto pôde e não percebeu o momento em que se tornou ridícula, em que o tédio, tendo-a emagrecido, fez com que ela parecesse um esqueleto vestido; os amigos, vendo-a todos os dias, também não notaram as lentas transformações por que passava sua pessoa.

Esse fenômeno é um dos resultados naturais da vida provinciana. Apesar do casamento, a moça continua bela durante algum tempo ainda e a cidade orgulha-se dela; é que todos a veem diariamente e quando se vê todos os dias a observação se enfraquece. Se, como a sra. de La Baudraye, ela perde um pouco de seu brilho, a gente mal o percebe. Ainda há mais: se aparece um ligeiro rubor na pele, todos o compreendem e interessam-se por ele. Uma pequena negligência é adorada. Além disso, a fisionomia é tão bem estudada, tão bem compreendida que as leves alterações são apenas notadas e muitas vezes termina-se considerando-as como elementos de beleza. Quando Diná deixou de renovar seu guarda-roupa em cada estação, deu a impressão de fazer uma concessão à filosofia do lugar.

Dá-se com a maneira de falar e de pensar o mesmo que com o sentimento: o espírito se embota, do mesmo modo que o corpo, se não se renova no meio parisiense; mas, no que a vida provinciana mais se caracteriza, é no gesto, na marcha, nos movimentos que perdem essa agilidade que Paris comunica incessantemente. A mulher provinciana habitua-se a andar, a movimentar-se numa esfera sem acidentes, sem transições; nada precisa evitar, anda como os recrutas em Paris, certa de que não há obstáculos, pois não há obstáculos para ela em sua província, onde é conhecida, onde está sempre em seu lugar e onde todos lhe dão lugar. A mulher perde, então, o encanto do imprevisto.

E, por fim, já notaram o singular fenômeno da reação que produz

sobre o homem a vida em comum? As criaturas tendem, pela faculdade indelével da imitação simiesca, a modelar-se umas pelas outras. Uns tomam aos outros, sem percebê-lo, os gestos, o modo de falar, as atitudes, as expressões, o rosto. Em seis anos, Diná ajustou-se ao diapasão da sociedade. Ao adotar as ideias do sr. de Clagny, adotou o som de sua voz. Vendo apenas homens, passou a imitar, sem o sentir, as maneiras masculinas: acreditou defender-se de todos os seus ridículos zombando deles; mas, como acontece a certos zombeteiros, um pouco dessa zombaria permaneceu no seu temperamento. A parisiense tem suficientes exemplos de bom gosto para que o fenômeno contrário não suceda. Assim, as mulheres de Paris esperam a hora e o dia de impor seu prestígio; ao passo que a sra. de La Baudraye, habituada a exibir-se, contraiu uma certa atitude teatral e dominadora, uma expressão de prima-dona ao entrar em cena, que em Paris os sorrisos escarnecedores logo teriam reformado.

Quando formou seu cabedal de ridículos e, iludida por seus admiradores encantados, julgou ter adquirido graças novas, teve um terrível despertar que foi como uma avalanche que cai da montanha. Diná foi assolada num dia por uma horrível comparação.

Em 1828, após a partida do sr. de Chargeboeuf, ela foi agitada pela expectativa duma pequena felicidade: ia rever a Baronesa de Fontaine. Ao morrer seu pai, o marido de Ana, tornado diretor-geral do Ministério das Finanças, aproveitou uma licença para levar a esposa à Itália durante o luto. Ana quis passar um dia em Sancerre com sua amiga de infância. Essa entrevista teve algo de funesto. Ana, no pensionato Chamarolles, muito menos bela que Diná, apareceu, como baronesa de Fontaine, mil vezes mais bela que a baronesa de La Baudraye, apesar da fadiga e do costume de viagem. Ana desceu dum encantador cupê de viagem cercada de todos os característicos da parisiense: trazia consigo uma criada cuja elegância causou espanto a Diná. Todas as diferenças que distinguem a parisiense da provinciana saltaram aos olhos inteligentes de Diná, que se viu então tal como parecia à amiga, que a achou irreconhecível. Ana gastava consigo seis mil francos por ano, o total das despesas da casa do sr. de La Baudraye. Em vinte e quatro horas, as duas amigas trocaram muitas confidências;

e a parisiense, sentindo-se superior à fênix do pensionato Chamarolles, teve para a amiga provinciana gentilezas e atenções, ao explicar-lhe cenas, coisas, que constituíram outras tantas ofensas a Diná, pois a provinciana reconheceu que as superioridades da parisiense brilhavam na superfície, ao passo que as suas estavam sepultadas para sempre.

Após a partida de Ana, a sra. de La Baudraye, que então contava vinte e dois anos, caiu num desespero sem limites.

— Que tem a senhora? — perguntou-lhe o sr. de Clagny, ao vê-la tão abatida.

— Ana — respondeu ela — aprendeu a viver, enquanto eu aprendi a sofrer...

Desenrolava-se, com efeito, no lar da sra. de La Baudraye, uma tragicomédia em harmonia com suas lutas relativamente à fortuna, com suas transformações sucessivas, e da qual, além do padre Duret, o sr. de Clagny foi o único a ter conhecimento, quando Diná, por falta de outro assunto e talvez por vaidade, lhe confiou o segredo de sua glória anônima.

XI — HISTÓRIA DE MUITAS POESIAS E POESIA DA HISTÓRIA

Embora a aliança dos versos e da prosa seja verdadeiramente monstruosa na literatura francesa, há, contudo, exceções a essa regra. Esta história oferecerá, assim, uma das duas violações que, nestes estudos, serão cometidas contra as leis do conto, pois, para fazer entrever as lutas íntimas que podem desculpar Diná sem absolvê-la, é necessário analisar um poema, o fruto de seu profundo desespero.

Levada ao extremo de sua paciência e de sua resignação pela partida do visconde de Chargebœuf, Diná seguiu o conselho do bom padre Duret, que lhe sugeriu transformar seus maus pensamentos em poesia, o que talvez explique certos poetas.

— Acontecerá à senhora o que acontece aos que rimam epítáfios ou elegias sobre as criaturas que perderam: a dor se acalma no coração à medida que os alexandrinos fervilham na cabeça.

Esse poema estranho revolucionou os departamentos de Allier, Nièvre e Cher, contentes de possuir um poeta capaz de enfrentar as

ilustrações parisienses. *Paquita, a sevilhana*, por Jan Diaz, foi publicado no *Écho du Morvan*, espécie de revista que lutou durante dezoito meses contra a indiferença provinciana. Algumas pessoas de espírito pretenderam, em Nevers, que Jan Diaz quisera zombar da jovem escola que produzia então poesias excêntricas, cheias de estro e de imagens, em que obteve grandes efeitos violando a musa sob o pretexto de fantasias alemãs, inglesas e romanas.

O poema começava com este canto:

Se conhecêsseis a Espanha,
Sua fragrante campanha
Com seus dias de calor,
Suas noites de luar,
Deixaríeis de falar
Em céu, em pátria, em amor.

É porque os homens de lá
São diversos dos de cá.
E na relva do jardim
Dança a andaluza faceira
Durante uma noite inteira
Com sapatos de cetim.
Ficaríeis acanhadas
Das danças desajeitadas
E do vosso Carnaval
Cujo frio o rosto inflama
E que chapinha na lama
Numa triste bacanal.

É num recanto escuro, a pálidas meninas,
Que diz Paquita versos tais;
Nessa negra Rouen cujas agulhas finas
Enfrentam rudes temporais;
Nessa Rouen bravia, rumorosa e feia...

Uma descrição magnífica de Rouen, onde Diná jamais fora, feita com essa brutalidade artificial que ditou mais tarde tantas poesias

juvenalescas,[284] opunha a vida das cidades industriais à vida despreocupada da Espanha, o amor do céu e das belezas humanas ao culto das máquinas, enfim, a poesia à especulação. E Jan Diaz descrevia o horror de Paquita pela Normandia, dizendo:

Paquita, como vedes, nasceu na Sevilha
De céu azul e noites perfumadas;
Aos treze anos apenas, essa maravilha
Despertava paixões alucinadas.
Três toureiros deixaram-se matar por ela;
Pois o alto galardão que os esperava
Era um beijo a colher dos lábios dessa bela
A quem Sevilha inteira cobiçava.

.....

A descrição minuciosa do retrato da jovem espanhola serviu, depois disso, a tantas cortesãs em tantos pretensos poemas que seria fastidioso reproduzir os cem versos de que se compõe. Mas, para avaliar as ousadias a que Diná se entregara, basta transcrever sua conclusão. Segundo a ardente sra. de La Baudraye, Paquita foi tão bem-criada para o amor que dificilmente podia encontrar cavalheiros dignos dela; pois

em seu voluptuoso ardor
Todos teriam sucumbido
Antes que ela, acercando-se ao festim do amor,
Tivesse ao menos se servido.

.....

Mas um dia surgiu um soldado normando
E ela ficou apaixonada
E com ele partiu, assim abandonando
Sua Sevilha bem-amada.

Ela não lamentou deixar a Andaluzia
Para seguir o seu amor.

.....

Ele, porém, partiu para a Rússia, um dia,
Atrás do grande imperador.

Nada mais delicado que a descrição das despedidas da espanhola e do capitão normando de artilharia, que, no delírio duma paixão correspondida com um sentimento digno de Byron, exigiu de Paquita uma promessa de fidelidade absoluta, na catedral de Rouen, no altar da Virgem,

Que, embora virgem, é mulher e não perdoa
A quem não cumpre suas juras.

Uma grande parte do poema era consagrada à descrição dos sofrimentos de Paquita, sozinha em Rouen, esperando o fim da campanha; contorcia-se junto às janelas ao ver passarem casais alegres, sufocava o amor em seu coração com uma energia que a devorava, vivia de narcóticos, consumia-se em sonhos!

Ela quase morreu, porém fiel ficou.
E ao fim de um ano de terror
Seu soldado, ao voltar da Rússia, a encontrou
Digna de todo o seu amor.
Mas ele, enregelado, pálido e doente,
Sem mais calor no coração
Acolheu a querida amiga tristemente.

.....

O poema fora concebido para essa situação, explorada com um espírito e uma audácia que davam razão um pouco demais ao padre Duret. Paquita, reconhecendo os limites em que terminava o amor, não se lançava, como Heloísa e Júlia,[\[285\]](#) ao infinito, ao ideal; não, ela ia, o que talvez seja atrozmente natural, para o caminho do vício, mas sem nenhuma grandiosidade, por falta de meios, pois é difícil encontrar em Rouen pessoas suficientemente apaixonadas para introduzir Paquita no seu meio de luxo e de elegância. Essa terrível realidade, revelada por uma poesia triste, ditara algumas dessas páginas de que abusa a

poesia moderna e um pouco semelhantes demais a isso que os pintores chamam de *escorchados*. Num rodeio cheio de filosofia, o poeta, após ter descrito a infame casa onde a andaluza acabava seus dias, voltava ao canto inicial:

Paquita agora está velhinha e encarquilhada,
E era ela mesma que cantava:
Se conhecesseis a Espanha,
Sua fragrante campanha... etc.

A lúgubre energia contida nesse poema de cerca de seiscentos versos e que, se permitem pedir emprestada a expressão à pintura, fazia vigoroso o contraste a duas seguidilhas, semelhantes à que começa e termina a obra, essa expressão varonil duma dor indizível atemorizou a mulher que três departamentos admiravam sob o fraque negro do anonimato. Enquanto saboreava as inebriantes delícias do êxito, Diná teve receio das maledicências da província, onde mais de uma mulher aproveitaria uma indiscrição para descobrir relações entre o autor e Paquita. Depois, veio a reflexão. Diná estremeceu de vergonha à ideia de ter explorado algumas de suas dores.

— Não faça mais nada — disse-lhe o padre Duret —, pois assim a senhora não seria uma mulher, e sim um poeta.

Procurou-se Jan Diaz em Moulins, em Nevers, em Bourges; Diná, porém, conservou-se impenetrável. Para não deixar má impressão, no caso de que um acontecimento fortuito revelasse seu nome, ela compôs um encantador poema em dois cantos sobre *O carvalho da missa*, uma tradição de Nevers que diz o seguinte: um dia, os habitantes de Nevers e os de Saint-Saulge, que estavam em guerra, puseram-se a caminho ao alvorecer para travar uma batalha mortal e encontraram-se na floresta de Faye. Entre os dois partidos ergueu-se de sob um carvalho um padre, cuja atitude, ao nascer do sol, teve qualquer coisa de tão impressionante que os dois partidos, atendendo suas ordens, ouviram a missa, que foi celebrada sob o carvalho; e, à voz do Evangelho, reconciliaram-se. Ainda hoje mostram um carvalho na floresta de Faye. Esse poema, infinitamente superior a *Paquita, a sevilhana*, teve muito menor êxito. Depois desse duplo ensaio, a sra. de La Baudraye,

sabendo-se poeta, passou a ter súbitos clarões na frente e nos olhos, que a tornaram mais bela do que antes. Ela alongava o olhar para Paris, aspirava à glória e voltava a cair no seu buraco de La Baudraye, nas discussões cotidianas com o marido, no seu círculo de amigos, onde os temperamentos, as intenções e as palestras eram demasiado conhecidos para que, com o correr do tempo, não se tornassem tediosos. Se ela encontrou, em suas atividades literárias, uma distração para seus dissabores; se, no vácuo de sua existência, a poesia teve grande repercussão; se ofereceu campo às suas energias, a literatura, também, inspirou-lhe ódio pela obscura e pesada atmosfera da província.

XII — COMO A REVOLUÇÃO DE JULHO PRODUZIU OUTRA REVOLUÇÃO EM DINÁ

Quando, após a Revolução de 1830, a glória de George Sand se irradiou sobre o Berry, muitas cidades invejaram a La Châtre o privilégio de ter visto nascer uma rival da Madame de Staël, de Camille Maupin,^[286] e mostraram-se muito dispostos a honrar os menores talentos femininos. Apareceram, então, muitas décimas musas na França, mocinhas ou senhoras jovens, desviadas duma vida tranquila por uma aparência de glória! Estranhas doutrinas divulgavam-se, então, sobre o papel que as mulheres deviam desempenhar na sociedade. Sem que o bom senso, que constitui a base da inteligência na França, fosse pervertido, passou-se a admitir que as mulheres exprimissem ideias, professassem sentimentos que elas não teriam confessado alguns anos antes. O sr. de Clagny aproveitou essa fase de liberdade para reunir num pequeno volume in-18, que foi impresso por Desrosiers, em Moulins, as obras de Jan Diaz. Ele compôs, sobre o jovem escritor tão prematuramente arrebatado às letras, um artigo espirituoso para os que conheciam a chave do enigma, mas que não tinha, então, na literatura, o mérito da novidade. Esses gracejos, excelentes quando se guarda o incógnito, tornam-se um pouco sem graça, mais tarde, quando o autor se revela. A esse respeito, porém, o artigo sobre Jan Diaz, filho dum prisioneiro espanhol e nascido em 1807, em Bourges, é

capaz de enganar, mais tarde, os autores de *Biografias universais*. Nada falta ali: nem os nomes dos professores do colégio de Bourges nem os dos condiscípulos do poeta morto, tais como Lousteau, Bianchon e outros célebres berrienses, que o teriam conhecido sonhador, melancólico, revelando precoces disposições para a poesia. Uma elegia intitulada *Tristeza*, feita no colégio, os dois poemas *Paqueta*, *a sevilhana* e *O carvalho da missa*, três sonetos, uma descrição da catedral de Bourges e do palácio de Jacques Coeur e, finalmente, uma novela intitulada *Carola*, dada como a obra durante a qual ele fora surpreendido pela morte, formavam a bagagem literária do defunto, cujos últimos momentos, cheios de miséria e de desespero, eram de natureza a confranger o coração das criaturas sensíveis de Nièvre, do Bourbonnais, do Cher e do Morvan, onde ele expirara, perto de Château-Chinon, ignorado de todos, mesmo daquela a quem amava!...

Do pequeno volume amarelo foram impressos duzentos exemplares, cento e cinquenta dos quais foram vendidos, cerca de cinquenta em cada departamento. Essa proporção de almas sensíveis e poéticas em três departamentos da França é de natureza a resfriar o entusiasmo dos autores sobre a *fúria francesa*, que, atualmente, se volta muito mais para os interesses que para os livros. Depois que o sr. de Clagny fez as devidas ofertas de livros, pois ele assinara o artigo, Diná guardou sete ou oito exemplares envoltos nos jornais de outros lugares que haviam noticiado a publicação. Vinte exemplares enviados aos jornais de Paris perderam-se no abismo das salas de redação. Nathan, [287] escolhido para vítima, como vários berrienses, escreveu sobre o grande homem um artigo conferindo-lhe todas as qualidades que se concedem às pessoas enterradas. Lousteau, cheio de prudência porque nenhum camarada seu do colégio se chamava Jan Diaz, esperou informações de Sancerre e soube que Jan Diaz era o pseudônimo duma mulher. Apaixonaram-se, no distrito de Sancerre, pela sra. de La Baudraye, em quem quiseram ver a futura rival de George Sand. De Sancerre a Bourges, exaltaram, louvaram o poema de que, em outra época, certamente haveriam troçado. O público da província, como, talvez, todos os públicos franceses, pouco adota a paixão do rei dos franceses,

o meio-termo: [288] erguem-vos às nuvens ou mergulham-vos no lodo.

Nessa época, o bom padre Duret, conselheiro da sra. de La Baudraye, morrerá; se não fosse isso, ele teria impedido que ela se entregasse à publicidade. Mas três anos de trabalho e de incógnito pesavam no coração de Diná, que substituiu pelo rumor da glória todas as suas ambições malogradas. A poesia e os anseios de celebridade, que desde seu encontro com Ana Grossetête haviam acalentado suas dores, não bastavam mais, após 1830, à atividade desse coração enfermo. O padre Duret, que falava como homem de sociedade quando a voz da religião se mostrava impotente, o padre Duret, que compreendia Diná, que lhe acenava com um belo futuro dizendo-lhe que Deus recompensaria todos os sofrimentos nobremente suportados, esse amável ancião não mais se podia interpor entre uma falta a cometer e sua bela penitente, a quem chamava de filha. O hábil e sábio padre tentara mais de uma vez esclarecer Diná sobre o caráter do marido, dizendo-lhe que esse homem sabia odiar; as mulheres, porém, não estão dispostas a reconhecer uma força em seres fracos, e o ódio é uma ação demasiado constante para que não seja uma força viva. Vendo o marido profundamente indiferente ao amor, Diná recusava-lhe a faculdade de odiar.

— Não confunda ódio com vingança — dizia-lhe o padre. — São dois sentimentos completamente diferentes: um é próprio dos espíritos mesquinhos, o outro é resultante duma lei a que as almas grandes obedecem. Deus vinga-se e não odeia. O ódio é o defeito das almas estreitas, que o alimentam com todas as suas baixeiras e fazem dele o pretexto de suas infames tiranias. Assim, evite ofender o sr. de La Baudraye; ele lhe perdoaria uma falta, pois tiraria partido disso, mas não o fira no ponto em que o atingiu tão cruelmente o sr. Milaud, de Nevers, ou a vida não seria mais possível para a senhora.

Enquanto o Nivernais, o Sancerrois, o Morvan e o Berry se orgulhavam da sra. de La Baudraye e a celebravam sob o nome de Jan Diaz, o pequeno La Baudraye recebia dessa glória um golpe mortal. Somente ele conhecia os segredos do poema *Paqueta, a sevilhana*. Quando se falava dessa obra terrível, todos diziam de Diná: “Pobre mulher! Pobre mulher!”. As mulheres sentiam-se felizes de poder

lamentar aquela que tanto as humilhara, e nunca Diná pareceu maior que então aos olhos de todos. O pequeno ancião, que se tornara mais amarelo, mais enrugado, mais débil que nunca, não manifestou nada; mas Diná surpreendeu, algumas vezes, dirigidos para ela, olhares cheios duma venenosa frieza, que desmentiam seus redobramentos de polidez e de amabilidade. Ela acabou por perceber o que imaginou ser apenas um arrufo conjugal; mas, ao entender-se com seu inseto, como o denominava o sr. Gravier, ela sentiu o frio, a dureza, a impassibilidade do aço; ela enfureceu-se, censurou-lhe sua vida há onze anos; fez, deliberadamente, o que as mulheres chamam uma cena; o pequeno La Baudraye, porém, conservou-se numa poltrona, com os olhos fechados, escutando tudo sem perder a calma. E o anão teve, como sempre, razão sobre a mulher. Diná compreendeu que fizera mal em escrever: prometeu-se nunca mais fazer um verso e manteve a palavra. Isso constituiu uma desolação em todo o Sancerrois.

— Por que a sra. de La Baudraye não compõe mais versos? — perguntavam todos.

XIII — O AMOR PREMEDITADO

Nessa época, a sra. de La Baudraye não tinha mais inimigos. Acorriam à sua casa e não se passava uma semana sem que houvesse lá novas apresentações. A esposa do presidente do Tribunal, uma augusta burguesa nascida Popinot-Chandier,[\[289\]](#) disse ao filho, rapaz de vinte e dois anos, que fosse a La Baudraye fazer-lhe a corte e envaidecia-se de ver seu Gatien nas boas graças daquela mulher superior. A expressão *mulher superior* substituíra o grotesco epíteto de Safo de Saint-Satur. A presidenta, que durante nove anos dirigiu a oposição contra Diná, ficou tão contente ao ver o filho feito advogado que passou a falar imensamente bem a propósito da Musa de Sancerre.

— Além de tudo — exclamou, ao responder a uma frase da sra. de Clagny, que odiava mortalmente a pretensa amante de seu marido —, é a mulher mais bela e mais inteligente de todo o Berry!

Após ter rolando por tantos espinheiros, ter-se lançado em mil caminhos diferentes, ter sonhado com o amor em seu esplendor, ter

aspirado as aflições dos dramas mais negros encontrando neles os tristes prazeres baratos, tão fatigante era a monotonia de sua vida, Diná caiu um dia no abismo que jurara evitar. Ao ver o sr. de Clagny sacrificar-se a ponto de recusar-se a ser advogado-geral em Paris, para onde o chamava a família, ela pensou: “Ele me ama!”. Venceu sua repugnância e demonstrou querer recompensar tanta constância. Foi a esse impulso de generosidade em Diná que Sancerre ficou devendo a coalizão feita nas eleições em favor do sr. de Clagny. A sra. de La Baudraye sonhara acompanhar a Paris o deputado de Sancerre. A despeito, porém, de solenes promessas, os cento e cinquenta votos dados ao adorador da bela Diná, que queria fazer o defensor das viúvas e dos órfãos vestir a samarra do ministro da Justiça, transformaram-se numa *respeitável minoria* de cinquenta votos. A inveja do presidente Boirouge, o ódio do sr. de Gravier, que acreditou na preponderância do candidato no coração de Diná, foram explorados por um jovem subprefeito, que, devido a esse fato, os doutrinários fizeram nomear prefeito.

— Nunca me consolarei — disse ele a um amigo, ao deixar Sancerre — de não ter conseguido agradar à sra. de La Baudraye, pois assim meu triunfo seria completo...

Essa vida intimamente tão atormentada aparentava uma vida conjugal calma entre duas criaturas mal adaptadas, mas resignadas, algo de ordenado, de decente, essa mentira que a sociedade exige, mas que constituía para Diná um jugo insuportável. Por que queria ela tirar a máscara após tê-la usado durante doze anos? De onde provinha aquele desânimo, uma vez que cada dia que passava aumentava sua esperança de ficar viúva? Quem acompanhou todas as fases dessa existência compreenderá perfeitamente as diferentes decepções de que Diná, como muitas mulheres, foi vítima. Do desejo de dominar o sr. de La Baudraye, ela passara à esperança de ser mãe. Entre as discussões conjugais e a triste verificação de sua sorte decorreu todo um período. Depois, quando se quisera consolar, o consolador, sr. de Chargebœuf partira. A tentação, que produz as faltas da maioria das mulheres, faltara-lhe até então. Se há mulheres que marcham diretamente à falta, não há muitas que se apegam a inúmeras esperanças e que a ela não

chegam senão após terem errado num dédalo de infortúnios secretos? Assim aconteceu a Diná. Estava tão pouco inclinada a faltar a seus deveres que não amou suficientemente o sr. de Clagny para perdoar-lhe o insucesso. Sua instalação no castelo de Anzy, o arranjo de suas coleções, de suas curiosidades, que adquiriram um novo valor na moldura magnífica e grandiosa que Philibert Delorme parecia ter construído para aquele museu, ocuparam-na durante alguns meses e permitiram-lhe meditar uma dessas resoluções que surpreendem o público, que desconhece seus motivos, mas que, muitas vezes, os encontra à custa de comentários e de suposições.

A reputação de Lousteau, que tinha fama de conquistador em virtude de suas ligações com atrizes, impressionou a sra. de La Baudraye: ela quis conhecê-lo, leu suas obras e apaixonou-se por ele, menos, talvez, devido a seu talento do que por causa de seu êxito junto às mulheres; para fazer com que ele viesse a Sancerre, lançou a ideia de que a cidade tinha a obrigação de eleger, nas próximas eleições, uma de suas duas celebridades. Fez com que Gatien Boirouge, que se dizia primo de Bianchon pelos Popinot, escrevesse ao ilustre médico; depois, conseguiu que um velho amigo da falecida sra. Lousteau despertasse a ambição do folhetinista, informando-o das intenções de certas pessoas de Sancerre de eleger seus deputados entre as pessoas famosas de Paris. Cansada de seu medíocre círculo de relações, a sra. de La Baudraye ia, finalmente, encontrar homens verdadeiramente superiores e poderia, assim, enobrecer sua falta com o brilho da glória. Lousteau e Bianchon não responderam; talvez esperassem as férias. Bianchon, que no ano precedente obtivera sua cátedra após um brilhante concurso, não podia abandonar as aulas.

SEGUNDA PARTE

A FALTA

XIV — AS DUAS PAIXÕES

No mês de setembro, em plena vindima, os dois parisienses chegaram à terra natal e encontraram-na mergulhada nas tirânicas ocupações da safra de 1836; não houve, assim, nenhuma manifestação da opinião pública em seu favor.

— *Estamos pesados* — disse Lousteau, falando a seu compatriota na linguagem da gíria.

Em 1836, Lousteau, fatigado por dezesseis anos de lutas em Paris, gasto tanto pelo prazer como pela miséria, pelos trabalhos e pelos fracassos, parecia ter quarenta e oito anos embora não tivesse mais de trinta e sete. Já calvo, adquirira uma expressão byroniana em harmonia com seu envelhecimento precoce, com os estragos traçados no seu rosto pelo abuso do vinho de Champagne. Atribuía os estigmas da libertinagem à vida literária, acusando a imprensa de ser assassina, dizendo que ela devorava os grandes talentos para valorizar sua indolência. Achou necessário exagerar na sua terra natal seu falso desprezo pela vida e sua fingida misantropia. Às vezes, não obstante isso, seus olhos ainda lançavam chamas, como esses vulcões que se julgam extintos, e tentou substituir pela elegância do vestuário tudo quanto lhe podia faltar de mocidade aos olhos duma mulher.

Horácio Bianchon, condecorado com a Legião de Honra, alto e gordo como um médico da moda, tinha uma expressão patriarcal, longos cabelos louros, testa arqueada, as espáduas do trabalhador e a calma do pensador. Essa aparência muito pouco poética fazia ressaltar admiravelmente seu esbelto compatriota.

As duas notabilidades ficaram despercebidas durante uma manhã

inteira na hospedaria onde haviam descido, e o sr. de Clagny só soube de sua chegada por acaso. A sra. de La Baudraye, desesperada, mandou Gatien Boirouge, que não tinha vinhedos, convidar os dois parisienses a passar alguns dias no castelo de Anzy. Diná vivia há um ano como castelã e só passava os invernos em La Baudraye. O sr. Gravier, procurador do rei, o presidente e Gatien Boirouge ofereceram aos dois homens célebres um banquete, a que compareceram as maiores figuras literárias da cidade.

Ao serem informados de que a bela sra. de La Baudraye era Jan Diaz, os dois parisienses deixaram-se levar por três dias ao castelo de Anzy, num churrião conduzido pelo próprio Gatien. Esse rapaz, cheio de ilusões, apresentou a sra. de La Baudraye aos dois parisienses não somente como a mais bela mulher do Sancerrois e como uma mulher superior capaz de inspirar inquietação a George Sand, mas, ainda, como uma mulher que causaria em Paris a mais profunda sensação. Também o dr. Bianchon e o folgazão folhetinista tiveram um singular espanto, que souberam dominar, ao ver na escadaria de Anzy a castelã com um vestido singelo de leve casimira preta, semelhante a uma amazona sem cauda, pois verificaram que havia exageradas pretensões naquela excessiva simplicidade. Diná tinha uma touca de veludo preto à Rafael, sob a qual caíam os cabelos em grossos cachos. O vestido realçava um corpo muito bonito, com belos olhos e belas pálpebras quase murchas devido ao tédio da existência que acaba de ser descrita. No Berry a singularidade dessa aparência *artística* disfarçava as românticas presunções da mulher superior. Diante das afetações de sua amabilíssima hospedeira, que eram, de certo modo, afetações de alma e de pensamento, os dois amigos trocaram um olhar e assumiram uma atitude profundamente séria para escutar a sra. de La Baudraye, que lhes dirigiu uma alocução estudada, agradecendo-lhes por terem vindo quebrar a monotonia de sua vida.

XV — MANOBRAS HÁBEIS DE DINÁ

Diná levou os hóspedes a passear em torno do relvado ornado de flores que se estendia diante da fachada de Anzy.

— Como é que uma mulher bela como a senhora e que parece tão superior pôde ficar na província? — perguntou Lousteau, o mistificador. — Como faz para resistir a esta vida?

— Ah! Aí está — disse a castelã. — Não se resiste. Um profundo desespero ou uma estúpida resignação, uma coisa ou outra, não há escolha, tal é o tufo sobre o qual repousa nossa existência e onde se detêm mil pensamentos estagnantes que, sem fecundar o terreno, nutrem nele as flores estioladas de nossas almas desertas. Não creiam na apatia! A apatia resulta do desespero ou da resignação. Cada mulher se entrega àquilo que, segundo seu temperamento, lhe parece um prazer. Umas dedicam-se à confecção de doces e à lavagem da roupa, aos trabalhos domésticos, às alegrias rurais da vindima ou da ceifa, à conservação dos frutos, ao bordado, aos cuidados da maternidade, às intrigas de cidadezinha. Outras martelam um piano inamovível que ao fim de sete anos soa como um caldeirão e que termina seus dias, asmático, no castelo de Anzy. Algumas devotas preocupam-se com os diversos portadores da palavra de Deus: compara-se o padre Fritaud ao padre Guinard. Jogam-se cartas à noite, dança-se durante doze anos com as mesmas pessoas, nos mesmos salões, nas mesmas épocas. Esta bela vida é entremeada de passeios solenes pelo passeio público, de visitas de cerimônia entre mulheres que nos perguntam onde compramos nossas fazendas. A palestra é limitada, ao sul da inteligência, pelas observações sobre as intrigas ocultas no fundo da água parada da vida provinciana; ao norte, pelos casamentos em projeto; ao oeste, pelas invejas; e, ao leste, pelos ditinhos picantes. Assim, como veem — disse ela, empertigando-se —, a mulher tem rugas aos vinte e nove anos, dez anos antes da época fixada pelas leis do dr. Bianchon; fica com a pele áspera muito cedo e amarelece como um marmelo, quando fica amarela, pois sabemos de algumas que ficam verdes. Quando chegamos a esse ponto, queremos justificar nosso estado normal. Atacamos, então, com os dentes agudos como os dos ratos silvestres, as terríveis paixões de Paris. Temos aqui puritanas a contragosto, que rasgam as rendas da elegância e roem a poesia das belezas parisienses, que criticam a felicidade alheia louvando suas nozes e seu toucinho rançosos, exaltando sua toca de coelhas

econômicas, as cores sombrias e os perfumes monásticos de nossa bela vida sancerreense.

— Gosto dessa coragem, minha senhora — disse Bianchon. — Quando se passa por tais desgraças, é preciso ter espírito para transformá-las em virtudes.

Espantado com a brilhante manobra pela qual Diná apresentava a província a seus hóspedes, cujos sarcasmos ficavam assim prevenidos, Gatien Boirouge tocou Lousteau com o cotovelo, dirigindo-lhe um sorriso que dizia: “Hein! Acaso os enganei?”.

— Mas, minha senhora — disse Lousteau —, a senhora nos dá a impressão de que ainda estamos em Paris. Vou furtar-lhe esse trecho de palestra. Conseguirei com ele dez francos no meu folhetim...

— Oh, senhor — replicou ela —, desconfie das mulheres provincianas!

— E por quê? — perguntou Lousteau.

A sra. de La Baudraye teve a leviandade, inocente, aliás, de mostrar aos dois parisienses, entre os quais ela queria escolher um vencedor, a cilada amorosa em que ele cairia, pensando que, no momento em que ele não visse mais a armadilha, ela seria a mais forte.

— Zomba-se delas ao chegar; depois, quando se perdeu a lembrança do esplendor parisiense, faz-se-lhes a corte, nem que seja por passatempo. O senhor, cujas paixões o tornaram famoso, será alvo duma atenção que o lisonjeará... Tome cuidado! — exclamou Diná, fazendo um gesto gracioso e elevando-se, por essas reflexões sarcásticas, acima dos ridículos da província e de Lousteau. — Quando uma pobre provincianazinha sente uma paixão excêntrica por uma notabilidade, por um parisiense perdido na província, ela a transforma em alguma coisa maior que um sentimento, faz dela uma ocupação e a estende por toda sua existência. Não há nada mais perigoso que a afeição duma mulher provinciana: ela compara, estuda, reflete, sonha, não abandona mais seu sonho e pensa naquele que ama quando este não pensa mais nela. Ora, uma das fatalidades que pesam sobre a mulher provinciana é esse brusco desfecho de suas paixões, que se observa frequentemente na Inglaterra. Na província, a vida confinada ao estado de contemplação indiana força a mulher a marchar em linha

reta sobre os trilhos ou a saltar violentamente deles como uma máquina a vapor que encontra um obstáculo. Os combates estratégicos da paixão, as faceirices, que constituem a metade da parisiense, nada disso existe aqui.

— É verdade — disse Lousteau. — Há, no coração da mulher provinciana, *surpresas*, como em certos brinquedos.

— Oh! Meu Deus — replicou Diná —, quando uma mulher lhe fala três vezes durante um inverno, já o prende no coração sem o querer; vem uma excursão pelo campo, um passeio, e tudo está dito, ou, se quiser, está feito. Essa conduta, estranha para os que não observam, tem algo de muito natural. Em vez de caluniar a mulher provinciana julgando-a depravada, um poeta como o senhor, um filósofo ou um observador como o dr. Bianchon saberão descobrir suas maravilhosas poesias inéditas, todas as páginas, enfim, desse belo romance cujo desfecho aproveita a algum feliz tenente, a algum grande homem da província.

— As mulheres provincianas que vi em Paris — disse Lousteau — eram, realmente, muito arrebatadoras...

— Ora! Elas são curiosas — disse a castelã, comentando sua frase com um leve movimento de ombros.

— Elas parecem esses amadores que vão à segunda representação, certos de que a peça não sairá de cartaz — replicou o jornalista.

— Qual é, então, a causa de suas desgraças? — perguntou Bianchon.

— Paris é o monstro que causa nossos pesares — respondeu a mulher superior. — O mal tem sete léguas de circunferência e atinge o país inteiro. A província não existe por si mesma. Somente lá, onde a nação é dividida em cinquenta pequenos Estados, cada um pode ter uma fisionomia e a mulher reflete então o brilho da esfera onde impera. Esse fenômeno social encontra-se também, segundo me disseram, na Itália, na Suíça e na Alemanha; mas, na França, como em todos os países de capital única, o aplainamento dos costumes será a consequência forçada da centralização.

— Segundo a senhora, os costumes só adquiririam realce e originalidade por uma federação de Estados franceses formando um mesmo Império? — disse Lousteau.

— Isso não é desejável, pois a França teria ainda de conquistar muitos países — disse Bianchon.

— A Inglaterra não conhece essa desgraça! — exclamou Diná. — Londres não exerce a tirania que Paris faz pesar sobre a França e que o gênio francês acabará remediando; ela possui, porém, uma coisa mais horrível em sua atroz hipocrisia, que é realmente um outro mal!

— A aristocracia inglesa — replicou o jornalista, que previu uma dissertação byroniana e se apressou a tomar a palavra — tem sobre a nossa a vantagem de assimilar todas as superioridades, vive em seus magníficos parques, vai a Londres apenas *por dois meses*, nem mais nem menos; vive na província, lá floresce e a faz florescer.

— Sim — disse a sra. de La Baudraye —, Londres é a capital das lojas e das especulações, lá se exerce o governo. A aristocracia lembra-se dela apenas durante sessenta dias, lá recebe as palavras de ordem, dá uma olhadela pela cozinha governamental, põe em exposição as filhas a casar e as equipagens a vender, troca um bom-dia e vai embora rapidamente; ela é tão pouco divertida que não se suporta mais que durante os poucos dias chamados de *saison*.

— Assim, na pérfida Albion do *Constitutionnel*[\[290\]](#) — exclamou Lousteau, para reprimir com um epigrama aquela facilidade de falar —, há possibilidade de encontrar mulheres encantadoras em todos os pontos do reino.

— Mas encantadoras mulheres inglesas! — replicou a sra. de La Baudraye, sorrindo. — Aqui está minha mãe, a quem vou apresentá-los — disse ao ver chegar a sra. Piédefer.

Feita a apresentação dos dois leões àquele esqueleto ambicioso do nome de mulher que se chamava sra. Piédefer, de grande corpo seco, de rosto avermelhado, dentes suspeitos e cabelos tingidos, Diná deixou os dois parisienses livres durante uns momentos.

— Então — disse Gatien a Lousteau —, que acha?

— Acho que a mulher mais inteligente de Sancerre é, também, a mais tagarela — replicou o folhetinista.

— Uma mulher que quer fazer com que o elejam deputado! — exclamou Gatien. — Um anjo!

— Perdão. Esquecia-me de que você a ama — replicou Lousteau. —

Desculpe o cinismo dum velho idiota como eu. Pergunte a Bianchon, eu não tenho mais ilusões, digo as coisas como elas são. Essa mulher certamente secou a mãe como uma perdiz exposta a um fogo muito forte...

XVI — DIABO LEVE OS ÁLBUNS

Gatien Boirouge conseguiu transmitir a frase do folhetinista à sra. de La Baudraye durante o jantar, que foi copioso, se não esplêndido, e durante o qual a castelã teve o cuidado de falar pouco. Essa languidez na linguagem denunciou a indiscrição de Gatien. Estêvão tentou recuperar a preferência, mas todas as amabilidades de Diná dirigiram-se a Bianchon. No meio do serão, entretanto, a baronesa voltou a ser gentil com Lousteau. Já notastes quantas grandes fraquezas são cometidas por pequenas coisas? Assim, essa nobre Diná, que não queria cair nas mãos dos tolos, que levava, no fundo de sua província, uma existência pavorosa de lutas, de revoltas sufocadas, de poesias inéditas e que acabara de galgar, para afastar-se de Lousteau, a rocha mais alta e mais escarpada de seu desdém, e de lá não teria descido se visse aquele falso Byron a seus pés pedindo-lhe perdão, rolou subitamente dessa altura ao pensar em seu álbum. A sra. de La Baudraye contraíra a mania dos autógrafos; possuía um volume oblongo que merecia com tanta maior razão seu nome porque os dois terços das folhas estavam em branco. A baronesa de Fontaine, em cujas mãos ela o deixara durante três meses, obtivera, com grande dificuldade, uma linha de Rossini,^[291] seis compassos de Meyerber, os quatro versos que Victor Hugo escreve em todos os álbuns, uma estrofe de Lamartine, uma frase de Béranger, *Calipso não podia consolar-se da partida de Ulisses*, escrita por George Sand, os famosos versos sobre o guarda-chuva por Scribe, uma frase de Charles Nodier, uma linha de horizonte de Jules Dupré, a assinatura de David (D'Angers), três notas de Hector Berlioz. O sr. de Clagny recolhera, durante uma permanência em Paris, uma canção de Lacenaire, autógrafo muito procurado, duas linhas de Fieschi^[292] e uma carta excessivamente curta de Napoleão, que foram, as três, coladas ao

velino do álbum. O sr. Gravier, durante uma viagem, fizera escrever nesse álbum as srtas. Mars, Georges, Taglioni e Grisi,[293] os primeiros artistas, como Frédéric Lemaître, Monrose, Bouffé, Rubini, Lablache, Nourrit e Arnal,[294] pois conhecia uma sociedade de rapazes, *criados*, segundo sua expressão, *no serralho*, que lhe facilitaram essa tarefa. Esse começo de coleção foi tanto mais precioso para Diná porque ela era a única pessoa, num círculo de duas léguas, que possuía um álbum. Nos últimos dois anos, muitas jovens possuíam álbuns nos quais faziam os amigos e conhecidos escrever frases mais ou menos grotescas. Oh! Vós que passais a vida a recolher autógrafos, criaturas felizes e primitivas, holandeses com tulipas, desculpareis certamente Diná, que, receando não conservar seus hóspedes mais de dois dias, pediu a Bianchon que enriquecesse seu tesouro com algumas linhas.

O médico fez Lousteau sorrir mostrando-lhe esse pensamento, na primeira página:

“O que torna o povo tão perigoso é que ele tem no bolso uma absolvição para seus crimes.” — J.-B. de Clagny.

— Apoieemos esse homem suficientemente corajoso para advogar a causa da monarquia — disse ao ouvido de Lousteau o erudito aluno de Desplein. E Bianchon escreveu abaixo daquela frase:

“O que distingue Napoleão dum aguadeiro só tem importância para a sociedade, não significa nada para a natureza. Também, a democracia, que não admite a desigualdade de condições, queixa-se dela a todo instante à natureza.” — H. Bianchon.

— Vejam como são os ricos — exclamou Diná, estupefata. — Tiram da bolsa uma moeda de ouro como os pobres tiram uma de cobre... — Não sei — disse, voltando-se para Lousteau — se seria abusar da hospitalidade pedir-lhe alguns versos...

— Ah! A senhora me lisonjeia! Bianchon é um grande homem; mas eu sou muito obscuro!... Daqui a vinte anos, meu nome será mais difícil de explicar que o do procurador do rei, cujo pensamento, inscrito em seu álbum, certamente indicará um Montesquieu ignorado. Além disso, precisarei de vinte e quatro horas no mínimo para improvisar alguma meditação amarga, pois só sei descrever o que sinto...

— Gostaria que o senhor me pedisse quinze dias — disse, amavelmente, a sra. de La Baudraye, entregando-lhe o álbum —, pois assim o teria mais tempo conosco.

XVII — UMA CONSPIRAÇÃO INOCENTE

No dia seguinte, às cinco da manhã, os hóspedes do castelo de Anzy estavam de pé. O pequeno La Baudraye organizara para os parisienses uma caçada; menos para agradar-lhes que por vaidade de proprietário, sentia-se satisfeito por fazê-los percorrer seus bosques e fazê-los atravessar os mil e duzentos hectares de terra que ele sonhava cultivar, empresa que exigiria alguns cem mil francos, mas que podia elevar de trinta a sessenta mil francos os rendimentos da propriedade de Anzy.

— Sabe por que o procurador do rei não veio caçar conosco? — disse Gatien Boirouge ao sr. Gravier.

— Sim, ele nos disse. Deve presidir a audiência hoje, pois o tribunal julga correcionalmente — respondeu o recebedor das contribuições.

— E você acredita nisso? — exclamou Gatien. — Pois bem, papai me disse: “Vocês não terão o sr. Lebas cedo, pois o sr. de Clagny pediu a seu substituto que presidisse a audiência”.

— Ah! Ah! — exclamou Gravier, cuja fisionomia se alterou. — E o sr. de La Baudraye, que vai partir para a Charité!

— Mas por que é que vocês se intrometem nesses assuntos? — disse Horácio Bianchon a Gatien.

— Horácio tem razão — disse Lousteau. — Não compreendo por que é que vocês se preocupam tanto uns com os outros. Perdem um tempo enorme com ninharias.

Horácio Bianchon olhou para Estêvão Lousteau como para dizer-lhe que as malícias de folhetim, os ditos espirituosos de jornaleco eram incompreendidos em Sancerre. Ao chegarem à parte mais densa do bosque, o sr. Gravier deixou os dois homens famosos e Gatien embrenharem-se por ali, guiados pelo guarda.

— Esperemos o financista — disse Bianchon, quando os caçadores chegaram a uma clareira.

— Ora — replicou Gatien —, o senhor é um grande homem em

medicina, mas é um ignorante no que se refere à vida de província. Espera o sr. Gravier?... Ele deve andar correndo como uma lebre, apesar de seu ventrezinho rechonchudo; e já está a uns vinte minutos de Anzy... — Gatien tirou o relógio. — Bem, chegará a tempo.

— Aonde?

— Ao castelo, para o almoço — respondeu Gatien. — Pensa que eu ficaria descansado se a sra. de La Baudraye ficasse a sós com o sr. de Clagny? Lá estão os dois, um vigiará o outro e Diná ficará bem guardada.

— Ah! É assim? Então a sra. de La Baudraye ainda não escolheu? — perguntou Lousteau.

— Mamãe acha que não, mas tenho medo de que o sr. de Clagny tenha acabado por fascinar a sra. de La Baudraye. Se ele pôde mostrar-lhe na deputação algumas possibilidades de envergar a samarra do Ministério da Justiça, pôde, também, transformar em atrativos de Adônis sua pele de toupeira, seus olhos terríveis, sua cabeleira desgrenhada, sua voz rouca de hussardo, sua magreza de poeta de segunda ordem. Se Diná vir o sr. de Clagny procurador-geral, pode achá-lo um belo rapaz. A eloquência tem grandes privilégios. Além disso, a sra. de La Baudraye tem muita ambição, não gosta de Sancerre e sonha com os esplendores parisienses.

— Mas que interesse tem você nisso? — perguntou Lousteau. — Uma vez que ela gosta do procurador do rei... Ah! Você acha que ela não o amará por muito tempo e espera suceder-lhe.

— Os senhores — disse Gatien — encontram em Paris tantas mulheres diferentes quantos são os dias do ano. Mas em Sancerre, onde não há nem seis, cinco das quais têm pretensões desordenadas à virtude, quando a mais bela nos mantém a uma distância enorme por olhares desdenhosos como se fosse uma princesa de sangue real, é lícito a um rapaz de vinte e dois anos procurar descobrir os segredos dessa mulher, pois assim ela será obrigada a ter atenções para ele.

— Isto se chama aqui atenções? — disse o jornalista, sorrindo.

— Acho que a sra. de La Baudraye tem muito bom gosto para que se vá preocupar com aquele macaco — disse Horácio Bianchon.

— Horácio, sábio intérprete da natureza humana — disse o

jornalista —, vamos armar uma cilada ao procurador do rei. Assim, prestaremos um serviço ao nosso amigo Gatien e nos divertiremos. Não gosto dos procuradores do rei.

— Tens um justo pressentimento do teu destino — disse Horácio. — Mas que vamos fazer?

— Bem, contaremos, após o jantar, algumas histórias de mulheres surpreendidas pelos maridos e que tenham sido mortas, assassinadas em circunstâncias pavorosas. Veremos a cara que farão a sra. de La Baudraye e o sr. de Clagny.

— Não é mau — disse Bianchon. — Será difícil que um ou outro não se denuncie por um gesto ou uma reflexão.

— Conheço um diretor de jornal — continuou o jornalista, dirigindo-se a Gatien — que, a fim de evitar que seja enganado pela mulher, só aceita histórias em que os amantes são queimados, esquartejados, moídos, retalhados; em que as mulheres são escaldadas, fritas, cozidas; leva, então, essas medonhas histórias à esposa, esperando que ela lhe seja fiel por medo. O modesto marido contenta-se com esses exemplos. “Vês, querida, aonde leva a mínima falta!”, diz ele, traduzindo o discurso de Arnolfo a Inês.[295]

— A sra. de La Baudraye é completamente inocente, esse rapaz está enganado — disse Bianchon. — A sra. Piédefer parece-me muito devota para que fosse convidar ao castelo de Anzy o amante da filha. A sra. de La Baudraye teria de enganar a mãe, o marido, sua criada e a da mãe. Seria muito trabalhoso. Considero-a inocente.

— Tanto mais que o marido não a deixa um momento — disse Gatien.

— Nós nos recordaremos de uma ou duas histórias capazes de fazer Diná tremer — disse Lousteau. — Peço que você, rapaz, e Bianchon mantenham uma atitude grave, mostrem-se diplomatas, ostentem uma indiferença sem afetação e observem, sem dar mostras disso, o rosto dos criminosos, sabem?... Por baixo, ou pelo espelho, de soslaio. Esta manhã estamos caçando lebre; à noite, caçaremos o procurador do rei.

O serão começou triunfalmente para Lousteau, que entregou à castelã seu álbum, onde ela encontrou esta elegia:

TÉDIO

Pobres versos de quem, torturado e tristonho,
Rola entre a multidão sem o calor dum sonho,

Sem nenhuma afeição;

De quem nunca alcançou um desejo na vida
E cujo olhar que busca uma imagem querida

Só vê a solidão!

Este álbum, destinado às mãos duma mulher,
Não deve receber um reflexo sequer

Dos desenganos meus.

À mulher só se fala em venturas e amor,
Em dias de alegria e noites de esplendor

E mesmo um pouco em Deus.

Seria uma cruel e amarga zombaria
Pedir-me que escrevesse alguma poesia

Sobre a felicidade.

Louva-se acaso a luz a quem cego nasceu?
Fala-se acaso em mãe a quem a mãe perdeu

E chora na orfandade?

Se desde a mocidade um desespero imenso
Transforma em aflição tudo o que sinto e penso,

Que mais esperarei?

Se, a quem chora sem ter um anjo que o conforte
Ao perder seu amor, resta apenas a morte,

Em breve morrerei.

Tende pena de mim! Pois, às vezes, blasfemo
Contra o nome de Deus, cujo poder supremo

Amaldiçoo assim:

“Que lhe devo, afinal? Por que hei de bendizê-lo,

“Se, podendo criar-me nobre, rico e belo,

Não fez nada por mim?”

— O senhor compôs estes versos de ontem para cá? — exclamou o procurador do rei, num tom desconfiado.

— Oh! Meu Deus. Sim, enquanto caçava. Vê-se claramente! Eu desejaria ter feito coisa melhor, para a senhora.

— Esses versos são arrebatadores — disse Diná, erguendo os olhos para o céu.

— São a expressão dum sentimento desgraçadamente muito sincero — respondeu Lousteau, com uma expressão profundamente triste.

Todos percebiam que o jornalista conservava esses versos na memória há dez anos, pelo menos, pois eles lhe haviam sido inspirados durante a Restauração, pela dificuldade de triunfar. A sra. de La Baudraye contemplou o jornalista com a compaixão que os infortúnios do gênio inspiram e o sr. de Clagny, que surpreendeu esse olhar, encheu-se de rancor contra esse falso Jovem Enfermo e foi jogar gamão com o cura de Sancerre. O filho do presidente teve a exagerada bondade de levar um lampião para perto dos dois jogadores, de maneira que a luz caísse em cheio sobre a sra. de La Baudraye, que tomou seu trabalho; ela estava revestindo de lã o vime duma cesta de papéis. Os três conspiradores agruparam-se perto desses personagens.

— Para quem é essa bela cesta, senhora? — perguntou o jornalista.
— Para alguma loteria de caridade?

— Não — disse ela. — Acho muita afetação na caridade feita a som de trombeta.

— O senhor é muito indiscreto — disse o sr. Gravier.

— Há indiscrição — disse Lousteau — em perguntar qual é o feliz mortal que vai possuir a cesta da senhora?

— Não há nenhum feliz mortal — replicou Diná. — Ela é para o sr. de La Baudraye.

O procurador do rei olhou sorrateiramente para a sra. de La Baudraye e para a cesta, como se se dissesse intimamente: “Perdi minha cesta de papéis!”.

— Como, senhora, então não quer que o consideremos feliz, tendo uma esposa tão bonita, que lhe faz tão belas coisas em cestas de papéis? O desenho é encarnado e preto, à Robin das florestas.[296] Se eu me casar um dia, desejo que, após doze anos de vida conjugal, as cestas que minha mulher bordar sejam para mim.

— E por que não seriam para o senhor? — disse a sra. de La Baudraye, erguendo para Estêvão seu belo olhar cinzento cheio de sedução.

— Os parisienses não acreditam em nada — disse o procurador do rei, num tom amargo. — A virtude das mulheres, principalmente, é posta em dúvida com uma audácia assustadora. Sim, há algum tempo, os livros que os senhores escritores escrevem, suas revistas, peças de teatro, toda sua infame literatura repousa sobre o adultério...

— Com licença, senhor procurador do rei — interveio Estêvão, sorrindo. — Eu estava deixando que o senhor jogasse tranquilamente, não o atacava, e eis que o senhor faz um libelo contra mim. Palavra de jornalista, já publiquei mais de cem artigos contra os autores de quem o senhor fala; confesso-lhe, porém, que se os ataquei foi para dizer alguma coisa que parecesse uma crítica. Sejam os justos, se o senhor os condena, deve condenar Homero e sua *Iliada*, que versa sobre a bela Helena; deve condenar o *Paraíso perdido* de Milton, pois Eva e a serpente parecem-me um gentil adulteriozinho simbólico. Deve suprimir também os salmos de Davi, inspirados nos amores imensamente adúlteros desse Luís XIV hebreu. Deve lançar ao fogo *Mitrídates*, o *Tartufo*, *A escola de mulheres*, *Fedra*, *Andrômaca*, *O casamento de Fígaro*, [297] o *Inferno*, de Dante, os *Sonetos*, de Petrarca, todo o Jean-Jacques Rousseau, os romances da Idade Média, a *História da França*, a *História romana* etc. etc. Não creio que, exceto a *História das variações*, [298] de Bossuet, e as *Provinciais*, [299] de Pascal, haja muitos livros a ler, se o senhor quer interditar aqueles em que se fala em mulheres amadas em oposição às leis.

— Que grande desgraça! — disse o sr. de Clagny.

Estêvão, picado pela atitude magistral que assumia o sr. de Clagny, quis enfurecê-lo por uma dessas frias mistificações que consistem em defender opiniões que não cultivamos, com o objetivo de encolerizar

um pobre homem de boa-fé, verdadeira brincadeira de jornalista.

— Colocando-nos no ponto de vista político que o senhor é forçado a adotar — disse, continuando, sem dar importância à exclamação do magistrado —, envergando a toga do procurador-geral de todas as épocas, pois todos os governos têm seu ministério público, pois bem, a religião católica se encontra infectada em suas origens por uma violenta ilegalidade conjugal. Aos olhos do rei Herodes, e aos de Pilatos, que defendia o governo romano, a esposa de José podia parecer adúltera, pois, segundo sua própria declaração, José não era o pai de Cristo. O juiz pagão não admitia a imaculada concepção como o senhor não admitiria um milagre semelhante se alguma religião se fundasse hoje apoiada num mistério desse gênero. Acredita que um tribunal de polícia correcional reconheceria uma nova operação do Espírito Santo? Ora, quem pode ousar dizer que Deus não virá redimir novamente a humanidade? Acaso ela é hoje melhor do que na época de Tibério?

— Seu argumento é um sacrilégio — respondeu o procurador do rei.

— Estou de acordo — disse o jornalista. — Mas não o faço com má intenção. O senhor não pode suprimir os fatos históricos. Segundo penso, Pilatos, ao condenar Jesus Cristo, e Ânito, do partido aristocrático de Atenas, ao pedir a morte de Sócrates, representavam sociedades estabelecidas, que se julgavam legítimas, revestidas de poderes reconhecidos, e obrigadas a defender-se. Pilatos e Ânito foram, pois, tão lógicos como os procuradores-gerais que pediram a cabeça dos sargentos de la Rochelle e que hoje em dia fazem cair as cabeças dos republicanos armados contra o trono de Julho e as dos inovadores cujo objetivo consiste em transformar as sociedades em seu benefício sob o pretexto de melhor organizá-las. Diante das grandes famílias de Atenas e do império romano, Sócrates e Jesus eram criminosos; para essas antigas aristocracias, suas opiniões assemelhavam-se às da Montanha.[300] Imagine que seus sectários tivessem triunfado: teriam promovido um breve 93 no Império Romano ou na Ática.

— Aonde quer chegar com isso? — disse o procurador do rei.

— Ao adultério! Assim, meu senhor, um budista, enquanto fuma seu cachimbo, pode perfeitamente dizer que a religião dos cristãos é

fundada sobre o adultério, do mesmo modo como julgamos que Maomé é um impostor, que seu Corão é uma reimpressão da Bíblia e do Evangelho e que Deus nunca teve a intenção de fazer desse condutor de camelos seu profeta.

— Se houvesse na França muitos homens como o senhor, e desgraçadamente os há demais, qualquer governo seria impossível aqui.

— E não haveria religião — disse a sra. Piédefer, cujo rosto se contraía em estranhas caretas durante a discussão.

— Assim tu os estás desgostando imensamente — disse Bianchon ao ouvido de Estêvão. — Não fales em religião, estás dizendo coisas que os confundem.

— Se eu fosse escritor ou romancista — disse o sr. Gravier —, tomaria o partido dos maridos infelizes. Eu, que vi muitas coisas, e coisas estranhas, sei que, entre os maridos enganados, muitos há cuja atitude não é destituída de energia e que, na crise, são muito dramáticos, para empregar uma expressão sua — disse, olhando para Lousteau.

— Tem razão, meu caro sr. Gravier — disse Lousteau —, nunca achei ridículos os maridos enganados; pelo contrário, gosto deles...

— Não acham que a confiança dum marido é sublime? — disse, então, Bianchon. — Ele acredita na mulher, não desconfia dela, tem uma fé inabalável. Se ele tem a fraqueza de confiar na mulher, os senhores zombam dele; se é desconfiado e ciumento, os senhores o odeiam; digam-me, qual é o meio-termo para um homem inteligente?

— Se o procurador do rei não se tivesse pronunciado, há pouco, tão abertamente contra a imoralidade das narrativas em que a lei conjugal é violada, eu lhe contaria uma vingança de marido — disse Lousteau.

O sr. de Clagny jogou os dados com um gesto convulso e não olhou para o jornalista.

— Mas, como uma narrativa sua! — exclamou a sra. de La Baudraye. — Mal me atreveria a pedi-lo...

— Ela não é minha, senhora, não tenho talento para tanto. Foi-me contada, e com que graça!, por um dos nossos mais famosos escritores, o maior musicista literário que temos, Charles Nodier.[301]

— Muito bem — disse Diná —, nunca ouvi o sr. Nodier. Assim o senhor não precisa recriar nenhuma comparação.

XIX — HISTÓRIA DO CAVALEIRO DE BEAUVOIR[302]

— Pouco depois do 18 de Brumário[303] — disse Lousteau — houve uma imprudente sublevação na Bretanha e na Vendéia. O primeiro cônsul, empenhado em pacificar a França, entabulou negociações com os principais chefes e empregou as mais vigorosas medidas militares; combinando, entretanto, os planos de campanha com as seduções de sua diplomacia italiana, ele pôs em jogo os mecanismos maquiavélicos da polícia, então confiada a Fouché.[304] Nada disso foi inútil para sufocar a guerra deflagrada no oeste. Nessa época, um jovem pertencente à família de Maillé foi enviado pelos *chouans*,[305] da Bretanha a Saumur, a fim de estabelecer um entendimento entre certas pessoas da cidade e das redondezas e os chefes da insurreição realista. Informada dessa viagem, a polícia de Paris despachou agentes encarregados de apanhar o jovem emissário à sua chegada em Saumur. Efetivamente, o embaixador foi detido no mesmo dia do desembarque, pois ele fora de barco, disfarçado em marinheiro. Como homem de iniciativa que era, porém, ele havia calculado todas as possibilidades de seu empreendimento: seu passaporte, seus documentos estavam de tal forma em regra que os agentes enviados para prendê-lo temeram enganar-se. O cavaleiro de Beauvoir, lembro-me agora de seu nome, meditara bastante sobre seu papel: declarou-se parente de sua família emprestada, alegou seu falso domicílio e sustentou tão ousadamente o interrogatório que teria sido posto em liberdade se não fosse a crença cega que os espões tiveram em suas instruções, infelizmente muito precisas. Na dúvida, os esbirros preferiram cometer um ato arbitrário a deixar escapar um homem a cuja captura o ministro parecia dar grande importância. Naqueles tempos de liberdade, os agentes do poder nacional se importavam muito pouco com o que atualmente chamamos de *legalidade*. O cavaleiro foi, assim, provisoriamente preso, até que as autoridades superiores tivessem tomado uma decisão a seu respeito. Essa sentença burocrática não se fez esperar. A polícia ordenou que

guardassem rigorosamente o prisioneiro, apesar de suas negativas. O cavaleiro de Beauvoir foi, então, transferido, de acordo com novas ordens, para o castelo da Escarpa, cujo nome indica suficientemente sua situação. Essa fortaleza, assentada sobre rochedos muito altos, é cercada de precipícios. De todos os lados o acesso a ela se faz por declives rápidos e perigosos; como em todos os antigos castelos, a porta principal é servida por uma ponte levadiça e protegida por um largo fosso. O comandante da prisão, encantado de ter de guardar um homem distinto, cujas maneiras eram muito amáveis, que falava maravilhosamente e parecia instruído, qualidades raras naquela época, recebeu o cavaleiro como um benefício da Providência. Propôs-lhe ficar no castelo da Escarpa sob palavra e aliar-se a ele contra o tédio. O prisioneiro não queria outra coisa. Beauvoir era um fidalgo leal, mas era também, por desgraça, um rapaz muito bonito. Tinha um rosto atraente, uma expressão decidida, a palavra insinuante, uma força prodigiosa. Ágil, desembaraçado, empreendedor, gostando do perigo, teria dado um excelente chefe de guerrilheiros; é de gente assim que eles precisam. O comandante deu ao prisioneiro o mais cômodo dos seus apartamentos, admitiu-o em sua mesa e, no começo, só teve motivos para se felicitar pelo vendeano. O comandante era corso e casado; sua esposa, bela e amável, talvez lhe parecesse difícil de guardar; numa palavra, era ciumento, como corso e, como militar, muito deselegante. Beauvoir agradou à senhora e achou-a muito a seu gosto; talvez se tenham amado! Na prisão, o amor anda tão depressa! Terão cometido alguma imprudência? O sentimento que tiveram um pelo outro terá ultrapassado os limites dessa galanteria superficial que é quase um dos nossos deveres para com as mulheres? Beauvoir nunca se explicou francamente sobre esse ponto bastante obscuro de sua história; o que é certo, porém, é que o comandante se julgou no dever de exercer rigores extraordinários contra seu prisioneiro. Beauvoir, encarcerado numa pequena torre, foi alimentado com pão preto e servido de água clara e acorrentado segundo o eterno programa dos divertimentos prodigalizados aos prisioneiros. A cela, situada sob a plataforma, era abobadada de pedra dura, as paredes tinham uma espessura desesperadora, a torre dava para o precipício. Quando o

pobre Beauvoir reconheceu a impossibilidade duma evasão, caiu nessas meditações que são, ao mesmo tempo, o desespero e o consolo dos prisioneiros. Ocupou-se desses nada que se tornam grandes problemas: contou as horas e os dias, fez o aprendizado do triste *ofício de prisioneiro*, concentrou-se e apreciou o valor do ar e do sol. Quinze dias mais tarde, foi acometido dessa doença terrível, dessa febre de liberdade que impele os prisioneiros a esses sublimes empreendimentos cujos prodigiosos resultados nos parecem inexplicáveis, embora reais, e que aqui o meu amigo doutor — voltou-se para Bianchon — atribuiria, sem dúvida, a forças desconhecidas, desespero de sua análise fisiológica, mistérios da vontade humana cuja profundidade surpreende a ciência. — Bianchon fez um gesto negativo. — Beauvoir sentia o coração roído, pois somente a morte podia libertá-lo. Uma manhã, o carcereiro encarregado de levar o alimento do preso, em vez de retirar-se após ter-lhe entregado sua magra ração, ficou diante dele com os braços cruzados, contemplando-o de maneira estranha. A conversa entre eles ordinariamente se restringia a pouca coisa e nunca era o guarda que a começava. Assim, o cavaleiro ficou muito admirado quando o homem lhe disse: “O senhor certamente sabe o que faz, quando insiste em passar por sr. Lebrun ou cidadão Lebrun. Não tenho nada com isso, minha ocupação não é verificar seu nome. Que o senhor se chame Pedro ou Paulo, isso me é completamente indiferente. Cada um que faça sua obrigação, assim as vacas ficarão bem guardadas. Sei, entretanto”, disse, piscando um olho, “que o senhor é Carlos Félix Teodoro, cavaleiro de Beauvoir e primo da duquesa de Maillé... Hein?”, acrescentou com uma expressão de triunfo, após um momento de silêncio, fitando o prisioneiro. Beauvoir, vendo-se seguramente encarcerado, achou que sua posição não poderia piorar com a confissão de seu verdadeiro nome. “Muito bem, e se eu fosse o cavaleiro de Beauvoir, que ganharias com isso?”, disse-lhe. “Oh! Já ganhei”, replicou o carcereiro, em voz baixa. “Recebi dinheiro para facilitar sua fuga; mas um momento! Se suspeitassem a menor coisa de mim, eu seria fuzilado. Eu disse, pois, que me meteria neste negócio unicamente para ganhar dinheiro. Olhe, senhor, aqui tem um meio de sair”, disse, tirando do bolso uma pequena lima; “com isto, o senhor

cortará uma barra. Garanto que não será fácil!”, acrescentou, mostrando a estreita abertura pela qual a luz entrava no cárcere. Era uma abertura feita acima da linha que circundava externamente a torre, entre as grossas pedras salientes destinadas a representar os suportes das seteiras. “O senhor precisa cortar o ferro muito rente para poder passar”, disse o carcereiro. “Oh! Podes ficar tranquilo, que eu passarei”, disse o prisioneiro. “É suficientemente alto para que possa prender a corda”, acrescentou o carcereiro. “Onde está ela?”, perguntou Beauvoir. “Aqui”, respondeu o guarda-chaves atirando-lhe uma corda de nós. “Foi feita de fazenda, para fazer supor que o senhor mesmo a confeccionou, e tem comprimento suficiente. Quando estiver no último nó, deixe-se escorregar vagarosamente. O resto é consigo. Provavelmente encontrará nas cercanias um carro atrelado e amigos que o esperam. Mas eu não sei de nada! Não preciso dizer-lhe que há uma sentinela na torre. O senhor saberá escolher uma noite escura e aproveitar o momento que o soldado de sentinela estiver dormindo. Talvez se arrisque a levar um tiro de fuzil, mas...” “Ótimo! Ótimo! Assim eu não apodrecerei aqui!”, exclamou o cavaleiro. “Ora! Apodrecerá de qualquer maneira”, replicou o carcereiro, com uma expressão estúpida. Beauvoir tomou essa frase por uma dessas reflexões tolas que essa gente costuma fazer. A esperança de logo ser livre tornava-o tão alegre que ele quase não podia perder tempo com o falatório daquele homem, um tipo de camponês reforçado. Pôs-se logo a trabalhar e o dia foi suficiente para que ele serrasse as grades. Temendo uma visita do comandante, ele ocultou seu trabalho tapando as fendas com miolo de pão passado pela ferrugem para tomar a cor do ferro. Amarrou a corda e ficou à espera duma noite favorável, com essa impaciência concentrada e essa profunda agitação de alma que dramatizam a vida dos prisioneiros. Finalmente, numa noite escura, de outono, ele acabou de serrar as grades, amarrou firmemente a corda, agachou-se no lado de fora, sobre o suporte de pedra, agarrando-se fortemente a uma ponta de ferro que deixara ao serrar a grade; e assim esperou o momento mais escuro da noite e a hora em que as sentinelas deviam estar dormindo, que era perto da madrugada. Ele conhecia a duração dos plantões, o momento das rondas, todas essas coisas de que

os prisioneiros, mesmo involuntariamente, se ocupam. Aproveitou o momento em que uma das sentinelas devia estar no fim dos dois terços de seu plantão e metida em sua guarita por causa da neblina. Certo de ter reunido todas as possibilidades favoráveis à fuga, começou a descer, nó por nó, suspenso entre o céu e a terra, segurando a corda com uma força de gigante. Tudo ia bem. No penúltimo nó, quando ia deixar-se escorregar para a terra, ele teve a prudente ideia de procurar o solo com os pés; mas não o encontrou. O caso era extremamente embaraçoso para um homem coberto de suor, fatigado, perplexo e numa situação em que estava jogando sua vida. Ia lançar-se ao solo quando uma razão frívola o impediu de fazê-lo: seu chapéu caíra e ele, que felizmente ficara à escuta do ruído do chapéu no chão, não ouviu nada! O prisioneiro concebeu vagas suspeitas sobre sua posição; indagou-se se o comandante não lhe teria armado alguma cilada; mas em que interesse? No meio dessas incertezas, ele mais ou menos resolveu transferir a fuga para outra noite. Provisoriamente, resolveu esperar a claridade indecisa da madrugada, hora que talvez não fosse completamente desfavorável à fuga. Sua força prodigiosa permitiu-lhe subir à torre; foi, porém, quase esgotado que alcançou o suporte externo, espreguiçando tudo como um gato no beiral dum telhado. Logo depois, à débil claridade da aurora, ele percebeu, fazendo flutuar a corda, uma pequena distância de cem pés entre o último nó e os picos agudos do precipício. “Muito obrigado, comandante!”, disse, com o sangue-frio que o caracterizava. Após ter refletido um pouco sobre essa hábil vingança, achou necessário voltar para seu cárcere. Estendeu a roupa ostensivamente sobre o leito e deixou a corda do lado de fora para fazer acreditar que tivesse caído. Agachou-se tranquilamente atrás da porta e esperou a chegada do pérfido carcereiro, segurando na mão uma das barras de ferro que limara. O carcereiro, que não deixou de ir mais cedo naquele dia para recolher a herança do morto, abriu a porta assobiando; mas, quando chegou a uma distância conveniente, Beauvoir vibrou-lhe um golpe tão violento com a barra de ferro na cabeça que o traidor caiu pesadamente por terra, sem dar um grito: a barra quebrara-lhe a cabeça. O cavaleiro despiu rapidamente o morto, vestiu suas roupas, saiu imitando seu modo de andar e, graças à hora

matinal e à falta de suspeita das sentinelas da porta principal, fugiu.

Nem o procurador do rei nem a sra. de La Baudraye puderam acreditar que houvesse nessa narrativa a mínima profecia que lhes dissesse respeito. Os interessados trocaram olhares interrogativos, surpresos com a perfeita indiferença dos dois supostos amantes.

— Ora! Tenho coisa melhor para contar — disse Bianchon.

— Vejamos — disseram os ouvintes, a um sinal que fez Lousteau para dizer que Bianchon tinha reputação como narrador.

XX — A GRANDE AMEIA

Entre as histórias que compunham seu repertório de palestra, pois todas as pessoas inteligentes têm uma certa quantidade de anedotas, como a sra. de La Baudraye tinha sua coleção de frases, o ilustre doutor escolheu aquela conhecida sob o título de “A grande ameia”, que se tornou tão famosa que fizeram dela uma comédia musicada, no Gymnase-Dramatique, intitulada *Valentina*.[\[306\]](#)

Assim, é inteiramente inútil repetir aqui essa aventura, embora constituísse uma novidade para os moradores do castelo de Anzy. Ela foi narrada com a mesma perfeição de gestos, de entonações, que valeu tantos elogios ao doutor quando ele a narrou pela primeira vez na casa da srta. des Touches. A cena final do grande de Espanha a morrer de fome, de pé, no armário onde o marido da sra. de Merret o murou, e a última frase do marido, respondendo à derradeira súplica da esposa: “Juraste sobre este crucifixo que não havia ninguém ali!”, alcançaram todo seu efeito. Houve um momento de silêncio, muito lisonjeiro para Bianchon.

— Sabem os senhores — disse, então, a sra. de La Baudraye — que o amor deve ser uma coisa imensa para animar uma mulher a colocar-se em situações semelhantes?

— Eu, que, realmente, tenho visto coisas estranhas na vida — disse o sr. Gravier —, quase fui testemunha, na Espanha, duma aventura desse gênero.

— O senhor chega depois de grandes atores — disse-lhe a sra. de La Baudraye, felicitando os dois parisienses com um olhar expressivo. —

Mas não faz mal, conte sua história.

XXI — HISTÓRIA DE UM APERTO DE QUE O SR. GRAVIER SE SAI BASTANTE BEM

— Pouco depois de entrar em Madri — disse o recebedor das contribuições — o grão-duque de Berg[307] convidou os principais elementos da cidade para uma festa oferecida pelo Exército francês à capital recentemente conquistada. Apesar do esplendor da festa, os espanhóis não se mostraram muito alegres, suas mulheres dançaram pouco e a maioria dos convidados ficou jogando. Os jardins do palácio estavam iluminados tão esplendidamente que as damas podiam passear por eles com a mesma segurança com que o fariam à luz do dia. A festa estava imperialmente bela. Nada foi poupado no objetivo de dar aos espanhóis uma elevada ideia do imperador se eles quisessem julgá-lo segundo seus oficiais. Num bosque próximo ao palácio, vários militares franceses, entre uma e duas horas da madrugada, entretenham-se comentando as possibilidades da guerra e o futuro pouco tranquilizador prognosticado pela atitude dos espanhóis presentes à pomposa festa. “Pois eu lhes digo que ontem mesmo”, disse o cirurgião-chefe do batalhão de que eu era pagador-geral, “pedi formalmente minha transferência ao príncipe Murat.[308] Sem ter, precisamente, medo de deixar meus ossos na península, prefiro ir tratar dos ferimentos feitos pelos nossos bons vizinhos alemães; suas armas não penetram tão profundamente no corpo como os punhais castelhanos. Além disso, o temor da Espanha é, em mim, como uma superstição. Desde minha infância, tenho lido livros espanhóis, uma imensidade de aventuras e mil histórias deste país, que me preveniram vivamente contra seus costumes. Pois bem, depois de nossa entrada em Madri, já me aconteceu ser, se não o herói, pelo menos o cúmplice duma perigosa intriga, tão negra, tão obscura como um romance de Lady Radcliffe.[309] Gosto de obedecer aos meus pressentimentos e amanhã mesmo vou embora. Murat certamente não recusará minha licença, pois, graças aos serviços que prestamos, temos proteções sempre eficazes.” “Já que vais dar o fora, conta-nos tua história”, disse

um coronel, velho republicano que não se preocupava muito com a boa linguagem nem com o servilismo imperiais. O cirurgião-chefe correu cuidadosamente o olhar em torno de si, como para verificar os rostos dos que o cercavam, e, seguro de que não havia nenhum espanhol na vizinhança, disse: “Com muito prazer, coronel Hulot,^[310] já que aqui todos somos franceses. Há seis dias, voltava eu tranquilamente para minha moradia, pelas onze horas da noite, após ter deixado o general Montcornet^[311] em seu hotel, que fica a poucos passos do meu. Saíamos ambos da casa do ordenador-chefe, onde havíamos organizado um jogo de cartas muito animado. Subitamente, à esquina duma ruazinha, dois desconhecidos, ou melhor, dois diabos lançaram-se sobre mim e enrolaram-me a cabeça e os braços numa capa. Como podem imaginar, gritei como um cão açoitado; mas a fazenda abafava minha voz e fui metido num carro com a mais rápida destreza. Quando meus dois companheiros me desembaraçaram da capa, ouvi essas desoladoras palavras pronunciadas por uma voz de mulher, em mau francês: ‘Se gritar ou fizer a menor tentativa de escapar, se fizer o menor gesto equívoco, o cavalheiro que está diante do senhor é capaz de apunhalá-lo sem escrúpulo. Fique, portanto, tranquilo. Agora, vou informar-lhe a causa de seu rapto. Se quiser dar-se ao trabalho de estender sua mão para mim, encontrará entre nós dois seus instrumentos de cirurgia, que mandamos buscar em sua casa, de sua parte; o senhor vai precisar deles; vamos levá-lo a uma casa para salvar a honra duma dama que está para ter um menino que ela quer dar a esse cavalheiro sem que seu marido o saiba. Embora aquele senhor deixe raramente a esposa, por quem continua loucamente apaixonado, e a vigie com toda a atenção do ciúme espanhol, ela pôde ocultar-lhe sua gravidez e ele a julga enferma. Assim, o senhor vai fazer o parto. Os perigos do empreendimento não lhe dizem respeito: obedeça-nos, apenas. Se não o fizer, o amante, que está diante do senhor no carro e que não sabe uma palavra de francês, o apunhalará à menor imprudência’. ‘E quem é a senhora?’, perguntei-lhe, procurando a mão de minha interlocutora, cujo braço estava envolto na manga duma túnica de uniforme. ‘Sou a camareira da senhora, sua confidente, e estou pronta a recompensá-lo por minha própria conta se o senhor se

prestar gentilmente às exigências da nossa situação.’ ‘Com muito prazer’, disse eu, ao ver-me metido à força numa aventura perigosa. Protegido pela sombra, pus-me a verificar se o rosto e as formas daquela moça estavam em harmonia com as ideias que o timbre de sua voz me inspirara. A boa criatura submetera-se, sem dúvida, antecipadamente, a todos os azares daquele rapto singular, pois conservou o mais complacente silêncio e o carro não tinha rodado mais de dez minutos pelas ruas de Madri quando ela recebeu e me retribuiu um beijo satisfatório. O amante que eu tinha à minha frente também não se ofendeu com alguns pontapés com que o gratifiquei involuntariamente; mas, como ele não entendia o francês, suponho que não prestasse atenção. ‘Só poderei ser sua amante sob uma condição’, disse-me a camareira em resposta às tolices que eu lhe dizia, arrebatado pelo calor duma paixão improvisada e cheia de obstáculos. ‘E qual é?’ ‘O senhor nunca procurará saber a quem sirvo. Se eu for à sua casa, será à noite e o senhor me receberá no escuro.’ ‘Está bem’, disse-lhe eu. Nossa palestra estava nesse ponto quando o carro estacou próximo a um muro de jardim. ‘Deixe-me vender-lhe os olhos’, disse-me a camareira. ‘O senhor se apoiará a meu braço e eu mesma o conduzirei.’ Ela colocou sobre meus olhos um lenço, que apertou fortemente na parte posterior da minha cabeça. Ouvi o ruído duma chave metida cautelosamente na fechadura duma porta pelo silencioso amante que estivera à minha frente no carro. Logo depois, a camareira, que tinha um corpo ondulado e certo *meneho*[\[312\]](#) no andar...” Essa é uma expressão da língua espanhola — disse o recebedor, assumindo um tom de superioridade —, um idiotismo que traduz as torções que as mulheres sabem imprimir a uma certa parte do vestido que os senhores bem adivinham... “A camareira”, retomo a narrativa do cirurgião-chefe, “conduziu-me através das aleias cobertas de areia dum grande jardim, até um certo ponto onde parou. Pelo ruído que nossos passos fizeram, presumi que estívéssemos diante da casa. ‘Silêncio agora’, disse-me ela ao ouvido, ‘e preste atenção! Não perca de vista um só dos meus sinais, pois não poderei mais falar sem perigo para nós ambos e neste momento trata-se de salvar sua vida.’ Depois, acrescentou, em voz alta: ‘A senhora está num quarto do rés do chão.

Para chegar lá, teremos de passar pelo quarto do marido, diante de seu próprio leito. Não tussa, caminhe suavemente e acompanhe-me, para não esbarrar em algum móvel nem pôr os pés fora do tapete que arranjei'. Nesse ponto, o amante resmungou surdamente, como se manifestasse impaciência por tamanha demora. A camareira calou-se, ouvi abrir uma porta, senti a atmosfera quente dum quarto e entramos pé ante pé, como ladrões. Finalmente, a doce mão da moça tirou-me a venda dos olhos. Encontrei-me num grande quarto, muito alto e mal iluminado por uma candeia fumegante. A janela estava aberta, mas fora guarnecida de grossas barras de ferro pelo ciumento marido. Senti-me lá como no fundo dum saco. No chão, estendida sobre uma esteira, uma mulher cuja cabeça estava coberta com um véu de musselina, através do qual seus olhos cheios de lágrimas brilhavam com o resplendor das estrelas, apertava com força um lenço entre os dentes e o mordida tão vigorosamente que seus dentes penetravam nele; eu nunca vira um corpo tão belo, mas esse corpo contorcia-se de dor como uma corda de harpa lançada ao fogo. A infeliz colocara as pernas em arco, apoiando-as sobre uma espécie de cômoda, e com as mãos segurava-se a uma cadeira, com os braços tensos, nos quais se viam as veias horrivelmente intumescidas. Parecia um criminoso nas angústias da tortura. Não se ouvia um só grito, nenhum outro ruído além dos surdos estalidos dos seus ossos. Estávamos lá, os três, mudos e imóveis. O ressonar do marido fazia-se ouvir com uma consoladora regularidade. Quis examinar a camareira; ela, porém, tornara a pôr a máscara de que certamente se desembaraçara durante o trajeto e não pude ver mais que dois olhos negros e formas agradavelmente pronunciadas. Imediatamente o amante cobriu as pernas da dama com umas toalhas e dobrou-lhe o véu de musselina sobre o rosto. Ao observar minuciosamente a senhora, reconheci, por certos sintomas que já uma vez notara numa circunstância muito triste de minha vida, que a criança estava morta. Inclinei-me para a moça para comunicar-lhe o fato. Nesse momento, o desconfiado desconhecido sacou o punhal; tive, porém, tempo de contar tudo à camareira, que lhe disse duas palavras em voz baixa. Ao ouvir minha afirmação, o amante teve um ligeiro calafrio, que o atravessou como um raio; tive a impressão de

que seu rosto empalideceu sob a máscara de veludo preto. A camareira aproveitou um momento em que o homem desesperado contemplava a moribunda, que se tornava violácea, e mostrou-me, sobre uma mesa, copos de limonada já preparada, fazendo-me um sinal negativo. Compreendi que devia abster-me de beber, apesar do horrível calor que me queimava a garganta. O amante sentiu sede, tomou um copo vazio, encheu-o de limonada e bebeu-o. Nesse momento, a dama teve uma convulsão violenta que me anunciou a ocasião favorável para a operação. Armei-me de coragem e pude, após uma hora de trabalho, extrair a criança em pedaços. O espanhol não pensou mais em envenenar-me ao compreender que eu acabava de salvar-lhe a amante. Grossas lágrimas rolaram pela sua capa. A mulher não deu um só grito, mas estremeceu como uma fera surpresa e suave abundantemente. Num instante horripelantemente crítico, fez um gesto para mostrar o quarto do marido, que acabava de voltar-se na cama; de nós quatro, somente ela ouvira o ruído dos lençóis, do leito ou do cortinado. Ficamos suspensos e, através dos orifícios de suas máscaras, a camareira e o amante trocaram olhares de fogo, como se interrogassem: ‘Matá-lo-emos, se despertar?’. Estendi então a mão para apanhar o copo de limonada que o desconhecido havia começado a beber. O espanhol pensou que eu fosse beber um dos copos cheios, saltou como um gato, colocou o punhal sobre os dois copos envenenados e deixou-me o seu, fazendo-me sinal para que bebesse o resto. Havia tantas ideias, tanta gratidão naquele movimento e no seu gesto brusco que eu lhe perdoei os terríveis projetos que fizera para matar-me e assim enterrar qualquer recordação daquele fato. Após duas horas de cuidados e temores, a camareira e eu tornamos a deitar sua amante no leito. Aquele homem, metido numa empresa tão aventureira, enrolara uns diamantes num pedaço de papel, para a eventualidade duma fuga; meteu-os no meu bolso. Entre parênteses, como eu ignorava o suntuoso presente do espanhol, meu criado furtou-me esse tesouro no dia seguinte e fugiu levando uma verdadeira fortuna. Disse ao ouvido da camareira as precauções que era necessário ter e quis retirar-me. A camareira ficou ao lado da patroa, circunstância que não me tranquilizou muito, e, assim, resolvi ficar

atento. O amante fez um embrulho com a criança morta e as roupas em que a criada recolhera o sangue da patroa; amarrou-o fortemente, escondeu-o sob a capa, passou-me a mão sobre os olhos como para dizer-me que os fechasse e saiu na frente, convidando-me por um gesto a segurar a aba de seu casaco. Obedeci, não sem lançar um último olhar à minha amante fortuita. A camareira retirou a máscara ao ver o espanhol fora da casa e mostrou-me o rosto mais delicioso do mundo. Quando me vi no jardim, ao ar livre, confesso que respirei como se me tivessem tirado um peso enorme de cima do tórax. Eu caminhava a uma distância respeitosa do meu guia, vigiando seus menores movimentos com a máxima atenção. Ao chegarmos à porta, ele me tomou pela mão, encostou em meus lábios um sinete montado num anel que eu vira em sua mão esquerda e eu dei-lhe a entender que compreendia aquele gesto eloquente. Chegamos à rua, onde dois cavalos nos esperavam; cada um montou num animal, meu espanhol apoderou-se das minhas rédeas, segurou-as com a mão esquerda, tomou entre os dentes as rédeas da sua montaria, pois tinha a mão direita ocupada com o embrulho sanguinolento, e partimos com a rapidez do raio. Foi-me impossível notar o menor objeto que me pudesse servir para reconhecer a estrada que percorremos. Pela madrugada, encontrei-me perto da porta da minha casa e o espanhol fugiu dirigindo-se para a porta de Atocha.” “E não percebeu nada que lhe permita suspeitar quem fosse a mulher a que você atendeu?”, perguntou o coronel ao cirurgião. “Somente uma coisa”, respondeu. “Quando estava atendendo a desconhecida, notei no seu braço, mais ou menos no meio, um sinalzinho, do tamanho duma lentilha e cercado de pelos escuros.” Nesse momento, o indiscreto cirurgião empalideceu; todos os olhares, que estavam fixados no seu, seguiram a mesma direção: vimos, então, um espanhol cujo olhar brilhava num maciço de laranjeiras. Vendo-se objeto de nossa atenção, o homem desapareceu com uma rapidez de silfo. Um capitão lançou-se rapidamente à sua procura. “Estou desgraçado, meus amigos!”, exclamou o cirurgião. “Esse olhar de basilisco me enregelou. Já estou ouvindo os sinos dobrando a finados! Recebam minhas despedidas, pois vocês me enterrarão aqui!” “És idiota?”, disse o coronel Hulot. “Falcon está na

pista do espanhol que nos escutava e saberá dar conta dele.” “E então?”, perguntaram os oficiais ao ver o capitão voltar esbaforido. “Foi o diabo!”, respondeu Falcon. “Acho que ele passou através das paredes. Como não creio que ele seja um bruxo, penso que certamente ele é da casa! Conhece todas as entradas e todas as voltas e escapou-me facilmente.” “Estou perdido!”, disse o cirurgião, com uma voz desalentada. “Vamos, tenha calma, Bega (ele se chamava Bega)”, respondi-lhe. “Nós nos quartearemos em tua casa até a tua partida. Esta noite, nós te acompanharemos.” Efetivamente, três jovens oficiais que haviam perdido o dinheiro no jogo acompanharam o cirurgião à sua habitação e um de nós ofereceu-se para ficar com ele. Dois dias depois, Bega obtivera sua transferência para a França e estava fazendo todos os preparativos para partir com uma dama a quem Murat dera uma poderosa escolta; ele acabava de jantar em companhia dos amigos quando o criado o avisou de que uma jovem senhora queria falar-lhe. O cirurgião e os três oficiais desceram imediatamente temendo alguma cilada. A desconhecida pôde apenas dizer ao amante: “Tome cuidado!”, e caiu morta. Essa mulher era a camareira, que, sentindo-se envenenada, esperava chegar a tempo para salvar o cirurgião. “Diabo! Diabo!”, exclamou o capitão Falcon. “Isso é que se chama amar! A espanhola é a única mulher no mundo capaz de correr com uma enorme quantidade de veneno no corpo.” Bega ficou singularmente pensativo. Para afogar os sinistros pressentimentos que o atormentavam, voltou à mesa e bebeu imoderadamente, assim como os companheiros. Todos, mais ou menos embriagados, deitaram-se cedo. No meio da noite, o pobre Bega foi despertado pelo ruído agudo das cortinas violentamente puxadas nos varões. Recostou-se no leito, entregue à trepidação mecânica que nos assalta no momento de semelhante despertar. Viu então, diante de si, um espanhol envolto numa capa e que lhe lançou o mesmo olhar candente que surpreendera na moita durante a festa. Bega gritou: “Socorro! Acudam-me, amigos!”. A esse grito de desespero, o espanhol respondeu com um sorriso amargo. “O ópio nasce para todos”, murmurou. Pronunciada essa sentença, o desconhecido mostrou os três amigos profundamente adormecidos, tirou de sob a capa um braço de mulher recentemente

decepado e apresentou-o energicamente a Bega, mostrando-lhe um sinal igual ao que ele tão imprudentemente descrevera. “É este mesmo?”, perguntou-lhe. Ao clarão duma lanterna colocada sobre o leito, Bega respondeu com um gesto de estupor. Sem mais amplas informações, o marido da desconhecida enterrou-lhe o punhal no coração...

XXII — O JORNALISTA REVOLTA-SE

— Precisa contar isso aos carvoeiros[313] — disse o jornalista —, pois só mesmo com sua fé robusta se pode acreditar. Poderia explicar-me se foi o morto ou o espanhol que falou?

— Meu senhor — respondeu o recebedor das contribuições —, eu cuidei desse pobre Bega, que morreu cinco dias mais tarde no meio de terríveis sofrimentos. Isso não é tudo. Por ocasião da expedição realizada para repor Fernando VII,[314] fui nomeado para um posto na Espanha e, por felicidade, não fui além de Tours, pois então me fizeram esperar a recebedoria de Sancerre. Na véspera da partida, eu estava num baile na casa da sra. de Listomère,[315] ao qual deviam comparecer vários espanhóis ilustres. Ao deixar a mesa de jogo, percebi um nobre espanhol, um *afrancesado*[316] exilado, que chegara à Touraine há quinze dias. Ele entrara muito tarde no baile, que era sua primeira aparição na sociedade, e percorria os salões acompanhado da esposa, cujo braço direito era absolutamente imóvel. Separamo-nos em silêncio, para deixar passar esse par, que não contemplamos sem emoção. Imaginem um quadro vivo de Murilo! Sob as órbitas fundas e escuras, o homem mostrava olhos de fogo que se conservavam fixos; sua face era descarnada, seu crânio sem cabelos oferecia tons ardentes e seu corpo era tão magro que causava medo. A mulher... imaginem-na!... Não, os senhores não poderiam fazê-lo com exatidão. Tinha esse corpo admirável que fez criar a palavra *meneho* na língua espanhola; embora pálida, ainda era bela; sua cutis, por um privilégio excepcional para uma espanhola, resplandecia de alvura; seu olhar, porém, cheio do sol da Espanha, caía sobre nós como um jato de chumbo derretido. “Minha senhora”, perguntei-lhe, no fim do serão, “como perdeu o

braço?” “Na guerra da Independência”, respondeu-me ela.

— A Espanha é um país estranho — disse a sra. de La Braudraye. — Lá ainda persiste alguma coisa dos costumes árabes.

— Oh! — disse o jornalista, rindo. — Essa mania de decepar o braço é muito antiga. Ela reaparece em certas épocas, como alguns de nossos boatos nos jornais, pois esse assunto já fornecera peças ao teatro espanhol, desde 1570...

— Julga-me então capaz de inventar uma história? — disse o sr. Gravier, ferido pela atitude impertinente de Lousteau.

— O senhor é incapaz disso — respondeu ironicamente o jornalista.

— Ora! — disse Bianchon. — É tão comum ver as invenções dos romancistas e dos dramaturgos transpostas de seus livros e de suas peças para a vida real como ver os fatos da vida real subirem à cena e serem reproduzidos nos livros. Vi desenrolar-se diante de meus olhos a comédia de *Tartufo*,^[317] com exceção do desfecho: nunca puderam abrir os olhos a Orgon.

— E a tragicomédia de Adolfo, por Benjamin Constant,^[318] está sendo representada agora mesmo! — exclamou Lousteau.

— Acreditam que ainda possam ocorrer na França aventuras como a que o sr. Gravier acaba de contar-nos? — perguntou a sra. de La Baudraye.

XXIII — ONDE O SR. DE CLAGNY MOSTRA A SUA INOCÊNCIA

— Meu Deus! — exclamou o procurador do rei. — De cada *dez ou doze crimes brilhantes que se cometem* por ano na França, a metade se reveste de circunstâncias tão extraordinárias como as de suas narrativas e muitas vezes as ultrapassa em romanesco. Essa verdade, aliás, é comprovada pela publicação de *La Gazette des Tribunaux*,^[319] que é, a meu ver, um dos maiores abusos da imprensa. Esse jornal, que data apenas de 1826 ou 1827, não existia, portanto, por ocasião do meu início na carreira do ministério público, e os detalhes do crime de que lhes vou falar não foram conhecidos além do departamento onde foi perpetrado. No arrabalde de Saint-Pierre-des-Corps, em Tours, uma mulher, cujo marido desaparecera por ocasião do licenciamento do

Exército do Loire,[320] em 1816, e que naturalmente foi muito chorado, fez-se notar por uma excessiva devoção. Quando os missionários percorreram as cidades da província para lá replantar as cruzes abatidas e apagar os vestígios das impiedades revolucionárias, essa viúva foi um dos mais ardorosos prosélitos, carregou a cruz, nela cravou seu coração de prata atravessado por uma flecha e, muito tempo após a missão, continuou a ir todas as tardes fazer suas preces ao pé da cruz que foi levantada atrás da catedral. Finalmente, vencida pelos remorsos, confessou um crime pavoroso. Degolara o marido como fora degolado Fualdès,[321] sangrando-o, e o salgara, guardando-o em dois velhos barris, em pedaços, exatamente como se se tratasse dum porco. E, durante muito tempo, todas as manhãs ela cortava um pedaço e ia atirá-lo ao Loire. O confessor consultou seus superiores e advertiu a penitente de que ela devia comunicar o fato ao procurador do rei. A mulher esperou a ação da justiça. O procurador do rei e o juiz de instrução, percorrendo a adega, encontraram ainda a cabeça do marido envolta em sal, num dos barris. “Mas, desgraçada”, disse o juiz de instrução à acusada, “já que cometeste a atrocidade de jogar ao rio o corpo do teu marido, por que não fizeste desaparecer também a cabeça? Assim, não haveria mais provas...” “Muitas vezes o tentei”, disse ela. “Mas sempre a achei muito pesada.”

— E, então, que fizeram da mulher?! — exclamaram os dois parisienses.

— Foi condenada e executada em Tours — respondeu o magistrado.
— Mas seu arrependimento e sua devoção haviam acabado por atrair o interesse geral para ela, apesar da enormidade do crime.

XXIV — UMA BRINCADEIRA SOB O IMPÉRIO

— Eh! Nunca se sabem — disse Bianchon — todas as tragédias que se desenrolam nos bastidores do lar e que o público nunca desvenda... Acho a justiça humana incompetente para julgar os crimes entre esposos; ela tem direito a isso, como polícia, mas não entende nada do assunto em suas pretensões a equidade.

— Muitas vezes a vítima foi durante tanto tempo o carrasco —

respondeu ingenuamente a sra. de La Baudraye — que o crime, em alguns casos, pareceria perdoável se os acusados ousassem dizer tudo.

Essa resposta, provocada por Bianchon, e a história narrada pelo procurador do rei deixaram os dois parisienses muito perplexos sobre a situação de Diná. Assim, quando chegou a hora de irem deitar-se, houve um desses conciliábulos que se realizam nos corredores desses velhos castelos, onde os rapazes ficam todos, com o castiçal na mão, a conversar misteriosamente. O sr. Gravier ficou conhecendo, então, o objetivo daquele divertido serão, onde a inocência da sra. de La Baudraye foi posta em destaque.

— A impassibilidade da nossa castelã, entretanto — disse Lousteau —, pode significar tanto uma profunda depravação como uma candidez infantil... O procurador do rei deu-me a impressão de sugerir que transformasse o pequeno La Baudraye em salada...

— Ele só voltará amanhã. Quem sabe o que se passará esta noite? — disse Gatien.

— Nós o saberemos! — exclamou o sr. Gravier.

A vida de castelo comporta uma infinidade de brincadeiras de mau gosto, algumas das quais são duma terrível perfídia. O sr. Gravier, que vira tantas coisas, propôs colocar selos às portas dos quartos da sra. de La Baudraye e do procurador do rei. Os patos acusa-dores do poeta Íbico[322] nada são em comparação com o fio de cabelo que os espões da vida de castelo fixam à abertura duma porta por meio de duas bolinhas de cera achatadas e colocadas tão alto ou tão baixo que é impossível desconfiar da armadilha. O galanteador sai e abre a outra porta suspeita e a coincidência dos fios de cabelo arrancados diz tudo. Quando acharam que todos estivessem dormindo, o médico, o jornalista, o recebedor das contribuições e Gatien foram, com os pés descalços, como verdadeiros ladrões, condenar misteriosamente as duas portas e combinaram voltar às cinco da manhã para verificar o estado dos selos. Imaginem seu espanto e a satisfação de Gatien quando os quatro, cada um com um castiçal na mão, pouco vestidos, foram examinar os fios de cabelo e encontraram o do procurador do rei e o da sra. de La Baudraye em satisfatório estado de conservação.

— É a mesma cera? — perguntou o sr. Gravier.

— São os mesmos fios de cabelo? — perguntou Lousteau.

— Sim — disse Gatien.

— Isso altera tudo! — exclamou Lousteau. — Vocês perderam seu tempo.

O recebedor das contribuições e o filho do presidente interrogaram-se por um olhar que queria dizer: “Não haverá nessa frase algo de ofensivo para nós? Devemos rir ou ficar zangados?”.

— Se Diná é virtuosa — disse o jornalista ao ouvido de Bianchon —, merece que eu colha o fruto de seu primeiro amor.

XXV — DECLARAÇÃO INDISCRETA

A ideia de tomar de assalto, em poucos instantes, uma cidadela que há nove anos resistia aos sancerrenses sorriu então a Lousteau. Com essa intenção, ele desceu antes dos outros ao jardim, esperando encontrar lá a castelã. Esse encontro por acaso foi facilitado pelo fato de a sra. de La Baudraye ter também desejo de conversar com seu crítico. A maioria dos acasos é provocada.

— Ontem o senhor caçou — disse a sra. de La Baudraye. — Esta manhã, estou muito embaraçada para oferecer-lhe outro divertimento, a não ser que o senhor queira ir a La Baudraye, onde poderá observar a província um pouco melhor do que aqui, pois num instante descobriu o que tenho de ridículo. O provérbio sobre a moça mais linda do mundo, [323] porém, diz respeito também à pobre mulher provinciana.

— Esse tolinho de Gatien — respondeu Lousteau — certamente lhe repetiu uma frase pronunciada por mim para a senhora arrancar-lhe a confissão de que a adora. Seu silêncio, anteontem, durante o jantar e durante todo o serão, revelou-me suficientemente uma dessas indiscrições que nunca se cometem em Paris. Que quer! Não me gabo de ser inteligível. Assim, combinei narrarmos todas essas histórias, ontem, unicamente para saber se causaríamos, à senhora e ao sr. de Clagny, alguns remorsos... Oh! Fique tranquila, temos certeza de sua inocência. Se a senhora tivesse a menor inclinação por esse virtuoso magistrado, teria perdido todo seu mérito a meus olhos... Gosto do que é completo. A senhora não ama, a senhora não pode amar esse frio,

esse pequeno, esse seco, esse mudo usurário de barris e terras que a mantém encarcerada aqui para conseguir vinte e cinco cêntimos de lucros em sua colheita! Oh! Percebi muito bem a identidade do sr. de La Baudraye com os nossos agiotas de Paris: é a mesma natureza. Vinte e oito anos, bela, culta, sem filhos... Escute, minha senhora, nunca encontrei o problema da virtude tão bem formulado... A autora de *Paquita, a sevilhana* deve ter sonhado muitos sonhos!... Posso falar-lhe nessas coisas todas sem a hipocrisia de palavras que os moços usam nesses assuntos, pois sou velho antes do tempo. Não tenho mais ilusões: não se as conserva na minha profissão...

Começando assim, Lousteau suprimia todo o código do país da Ternura,[324] no qual as paixões fazem longos rodeios, e ia diretamente ao assunto, colocando-se em posição de fazer-se oferecer aquilo que as mulheres se fazem suplicar durante anos, como acontecia com o pobre procurador do rei, para quem o mais alto favor consistia em apertar um pouco mais que de costume o braço de Diná contra seu coração, ao andar, o felizardo! Assim, para não mentir ao seu renome de mulher superior, a sra. de La Baudraye tentou consolar o Manfredo[325] do folhetim, profetizando-lhe um futuro de amor que ele não havia imaginado.

— O senhor procurou o prazer, mas ainda não amou — disse ela. — Acredite-me, o verdadeiro amor chega muitas vezes de maneira absurda. Veja o sr. de Gentz, apaixonando-se, na velhice, por Fanny Elssler[326] e abandonando as revoluções de julho pelos revoluteios dessa bailarina!

— Isso me parece difícil — respondeu Lousteau. — Acredito no amor, mas não creio nas mulheres... Há em mim, sem dúvida, defeitos que me impedem de ser amado, pois muitas vezes tenho sido abandonado. É possível que eu tenha num grau excessivo o sentimento do ideal... como todos os que sondaram a realidade...

A sra. de La Baudraye ouviu, finalmente, falar um homem que, lançado no mais espiritual meio parisiense, trazia de lá os axiomas ousados, as depravações quase inocentes, as convicções avançadas e que, se não era superior, pelo menos imitava muito bem a superioridade. Estêvão teve, perante Diná, todo o êxito duma primeira

representação. Paqueta, a sancerreense, aspirou as tempestades de Paris, o ar de Paris. Passou um dos dias mais agradáveis de sua vida entre Estêvão e Bianchon, que lhe narraram as anedotas curiosas sobre os grandes homens do momento, os ditos espirituosos que constituirão um dia o *ana*[327] de nosso século, frases e fatos vulgares em Paris, mas inteiramente novos para ela. Lousteau, naturalmente, falou muito mal da grande celebridade feminina do Berry,[328] mas isso com a evidente intenção de lisonjear a sra. de La Baudraye e de levá-la para o terreno das confidências literárias, fazendo-a considerar aquela escritora como sua rival. Esse louvor inebriou a sra. de La Baudraye, que pareceu ao sr. de Clagny, ao recebedor das contribuições e a Gatien mais afetuosa com Estêvão que na véspera. Os apaixonados de Diná lamentaram muito terem ido a Sancerre, onde exaltaram o serão de Anzy. Segundo eles, nunca se dissera nada tão espirituoso. As horas haviam voado sem que se lhes pudessem ver os pés ágeis. Os dois parisienses foram celebrados por eles como dois prodígios. Esses exageros trombeteados pelo passeio público tiveram como resultado fazer chegar dezesseis pessoas à noite ao castelo de Anzy, uns em cabriolé, outros em churrião e alguns celibatários em cavalos de aluguel. Pelas sete horas, os provincianos fizeram, mais ou menos bem, sua entrada no imenso salão de Anzy, que Diná, prevenida da invasão, iluminara fartamente e deixara em todo seu esplendor, retirando as cobertas escuras dos móveis, pois ela considerou esse serão como um de seus grandes dias. Lousteau, Bianchon e Diná trocaram olhares perspicazes ao examinar as atitudes, ao ouvir as frases desses visitantes atraídos pela curiosidade. Quantas fitas em desuso, rendas hereditárias, velhas flores, mais artificiosas que artificiais apareceram audaciosamente sobre toucados bisanuais! A presidenta Boirouge, prima de Bianchon, trocou algumas frases com o doutor, conseguindo dele uma consulta gratuita descrevendo-lhe supostas dores nervosas no estômago, nas quais ele reconheceu indigestões periódicas.

— Tome chá todos os dias, uma hora após o jantar, como os ingleses, e ficará curada, pois o que a senhora sente é uma doença inglesa — respondeu gravemente Bianchon.

— Decididamente, é um grande médico — disse a presidenta, ao

voltar para junto da sra. de Clagny, da sra. Popinot-Chandier e da sra. Gorju, a esposa do prefeito.

— Dizem — comentou por detrás do leque a sra. de Clagny — que Diná fez com que ele viesse cá menos para as eleições que para saber de onde provém sua esterilidade...

No primeiro momento de triunfo, Lousteau apresentou o sábio médico como o único candidato possível às próximas eleições. Bianchon, porém, com grande alegria para o novo subprefeito, disse que lhe parecia quase impossível abandonar a ciência pela política.

— Somente os médicos sem clientela — disse ele — podem fazer-se deputados. Elejam, portanto, homens de Estado, pensadores, pessoas cujos conhecimentos sejam universais e que saibam colocar-se à altura em que deve estar um legislador: eis o que falta em nossas câmaras e o que é necessário à nossa terra!

XXVI — UMA MISTIFICAÇÃO DE POUCO ÊXITO

Duas ou três moças, alguns rapazes e as senhoras examinaram Lousteau como se ele fosse um prestidigitador.

— O sr. Gatien Boirouge assegura que o sr. Lousteau ganha vinte mil francos por ano, escrevendo — disse a senhora do prefeito à sra. de Clagny. — Acredita nisso?

— Será possível? Se pagam só mil escudos a um procurador do rei...

— Sr. Gatien — disse a sra. Chandier —, faça o sr. Lousteau falar alto, ainda não o ouvi...

— Que belos sapatos tem ele — disse a srta. Chandier ao irmão —, e como reluzem!

— Ora, são de verniz.

— Por que não tens uns iguais?

Lousteau acabou percebendo que estava *posando* um pouco demais e reconheceu na atitude dos sancerreenses os indícios do desejo que os havia levado até lá.

— Que trote poderíamos pregar-lhes? — pensou.

Nesse momento, o falso criado grave do sr. de La Baudraye, um empregado da granja envergando uma libré, trouxe as cartas, os jornais

e entregou um pacote de provas que o jornalista deixou Bianchon apanhar, pois a sra. de La Baudraye lhe disse, ao ver o embrulho, cuja forma e cujos cordões eram bastante tipográficos:

— Como! A literatura o persegue até aqui?

— Não a literatura — respondeu ele —, mas a revista na qual estou terminando uma novela e que sairá dentro de dez dias. Vim para cá sob o aviso de *O fim no próximo fascículo* e tive de dar meu endereço ao impressor. Ah! Comemos um pão vendido muito caro pelos especuladores de papel impresso! Vou descrever-lhe essa espécie curiosa dos diretores de revistas.

— Quando começará a palestra? — perguntou então a Diná a sra. de Clagny, como se pergunta: “A que horas é o fogo de artifício?”.

— Eu pensava — disse a sra. Popinot-Chandier à sua prima, a presidenta Boirouge — que iríamos ouvir histórias.

Enquanto os sancerrenses, como uma plateia impaciente, faziam ouvir murmúrios, Lousteau viu Bianchon perdido numa meditação inspirada pelo invólucro das provas.

— Que tens? — perguntou-lhe Estêvão.

— Eis aqui o mais belo romance do mundo, contido numa folha de papel que veio cobrindo tuas provas. Olha, lê: *Olímpia, ou as vinganças romanas*.[\[329\]](#)

— Vejamos — disse Lousteau, tomando o pedaço de papel impresso que lhe alcançou o doutor e leu em voz alta o seguinte:

[204] OLÍMPIA,

caverna. Rinaldo, indignado com a covardia de seus companheiros, que só tinham coragem em campo aberto e não se animavam a aventurar-se em Roma, dirigiu-lhes um olhar de desprezo.

— Então estou só?... — disse-lhes.

Pareceu meditar e depois continuou:

— Vocês são uns miseráveis! Irei só e terei sozinho essa rica presa... Estão ouvindo!... Adeus.

— Meu capitão!... — disse Lamberti. — E se for preso sem ter conseguido êxito?...

— Deus me protege — replicou Rinaldo, apontando para o céu.

Dito isto, saiu e encontrou na estrada o intendente de Bracciano.

— A página acabou — disse Lousteau, a quem todos haviam escutado religiosamente. — Ele nos está lendo sua obra — disse Gatien ao filho da sra. Popinot-Chandier.

— Pelas primeiras palavras, é evidente, minhas senhoras — continuou o jornalista, aproveitando a oportunidade para mistificar os sancerrenses —, que os salteadores estão numa caverna. Com que negligência os romancistas então tratavam dos detalhes, hoje tão minuciosamente, tão demoradamente observados, sob o pretexto de cor local! Se os bandidos estão numa caverna, em vez de *apontando para o céu* devia ser *apontando para o teto*. Apesar dessa incorreção, Rinaldo me parece um homem de ação e sua apóstrofe a Deus lembra a Itália. Havia nesse romance um pouquinho de cor local. Peste! Salteadores, uma caverna, um Lamberti que sabe calcular... Vejo toda uma comédia musicada nessa página. Acrescentem-se a esses primeiros elementos uma pontinha de intriga, uma jovem camponesa de cabeleira erguida, saia curta e uma centena de canções detestáveis... Oh, meu Deus, o público virá! E depois, Rinaldo... como esse nome convém a Lafont![\[330\]](#) Imaginando-o de costeletas pretas, calças colantes, uma capa, bigodes, uma pistola e um chapéu pontudo; se o diretor do teatro tiver a coragem de pagar alguns artigos de jornal, serão cinquenta representações garantidas à comédia e seis mil francos de direitos autorais, se eu quiser falar bem da peça no meu folhetim. Continuemos:

OU AS VINGANÇAS ROMANAS [197]

A duquesa de Bracciano encontrou a luva. Adolfo, que a levava ao bosque de laranjeiras, pôde supor com razão que havia coqueteria nesse esquecimento, pois então o bosque estava deserto. O rumor da festa ressoava vagamente ao longe. Os *fantoccini*[\[331\]](#) anunciados haviam levado todos para a galeria. Olímpia nunca pareceu mais bela ao amante. Seus olhares, animados do mesmo ardor, entenderam-se. Houve um momento de silêncio delicioso para suas almas e impossível de descrever. Sentaram-se no mesmo banco onde se haviam encontrado em presença do cavaleiro de Paluzzi e de alegres

— Que diabo! Não vejo mais nosso Rinaldo! — exclamou Lousteau. —

Mas que progresso na compreensão da intriga não fará um literato montado sobre esta página? A duquesa Olímpia é uma mulher *que podia esquecer de propósito suas luvas num bosque deserto!*

— A menos que se esteja situado entre a ostra e o subchefe da repartição, as duas criações mais vizinhas do mármore no reino zoológico, é impossível deixar de reconhecer em Olímpia... — disse Bianchon.

— *Uma mulher de trinta anos*[332] — disse animadamente a sra. de La Baudraye, que ficou com receio dum apelido demasiado médico.

— Então Adolfo deve ter vinte e dois — replicou o doutor —, pois uma italiana de trinta anos é como uma parisiense de quarenta.

— Com essas duas suposições, pode-se reconstruir o romance — disse Lousteau. — E esse cavaleiro de Paluzzi, hein?... Que homem! Nessas duas páginas, o estilo é fraco, o autor talvez fosse funcionário dos impostos reunidos e tivesse escrito o romance para pagar o alfaiate...

— Naquela época — disse Bianchon — havia censura e é preciso ser tão indulgente para o homem que passava pelas tesouras de 1805 como para os que iam ao cadafalso em 1793.

— Está compreendendo alguma coisa? — perguntou timidamente a sra. Gorju, esposa do prefeito, à sra. de Clagniy.

A esposa do procurador do rei, que, segundo a expressão do sr. Gravier, seria capaz de pôr em fuga um jovem cossaco de 1814,[333] firmou-se sobre as cadeiras como um cavaleiro sobre os estribos e fez uma careta à vizinha, que significava: “Estão nos olhando! Vamos sorrir como se entendêssemos”.

— É encantador! — disse a prefeita a Gatien. — Por favor, sr. Lousteau, continue!

XXVII — O ROMANCE PROGRIDE

Lousteau olhou para as duas mulheres, dois verdadeiros pagodes indianos, e conseguiu conservar-se sério. Achou necessário gritar: “Atenção!” ao continuar:

vestido farfalhou no silêncio. Subitamente, o cardeal Borborigano apareceu aos olhos da duquesa. Tinha uma fisionomia sombria, a fronte carregada de nuvens e um sorriso amargo se desenhava em suas rugas.

— A senhora — disse — está sob suspeita. Se é culpada, fuja! Se não o é, fuja do mesmo modo, porque, virtuosa ou pecadora, a senhora, longe, terá melhores meios de se defender...

— Agradeço a Vossa Eminência por essa solicitude — disse ela. — O duque de Bracciano reaparecerá quando eu julgar necessário mostrar que ele existe.

— O cardeal Borborigano! — exclamou Bianchon. — Pelas chaves do papa! Se não concordam comigo que há uma criação magnífica já apenas no nome, se não veem nessas palavras *vestido farfalhou no silêncio* toda a poesia do papel de Schedoni encarnado por Lady Radcliffe no *Confessionário dos penitentes negros*, [334] são indignos de ler romances...

— Para mim — replicou Diná, que ficou com pena dos dezoito rostos que contemplavam os dois parisienses — a história continua. Sei tudo: estou em Roma, vejo o cadáver dum marido assassinado cuja esposa, audaciosa e perversa, colocou o leito sobre uma cratera. Todas as noites, a cada sensação de prazer, ela diz: “Tudo vai ser descoberto!...”.

— A senhora a vê — exclamou Lousteau — estreitando nos braços esse sr. Adolfo?! Abraça-o, procura pôr toda sua vida num beijo!... Adolfo me dá a impressão de ser um rapaz muito elegante, mas sem espírito, um desses rapazes que brilham nos Italianos. [335] Rinaldo paira sobre a intriga, que não conhecemos, mas que deve ser picante como a de um melodrama de Pixérécourt. [336] Podemos imaginar, aliás, Rinaldo passando pelo fundo do palco, como um personagem dos dramas de Victor Hugo.

— E talvez seja o marido! — exclamou a sra. de La Baudraye.

— Entende alguma coisa disso tudo? — perguntou a sra. Piédefer à presidenta.

— É encantador — disse a sra. de La Baudraye à mãe.

Todas as pessoas de Sancerre arregalaram olhos do tamanho de moedas de cinco francos.

— Continue, por favor — pediu a sra. de La Baudraye.

Lousteau continuou:

{216} OLÍMPIA,

— Vossa chave!... — Tereis perdido? — Está no bosque... — Corramos... — O cardeal a terá apanhado? — Não... Aqui está... — De que perigo nos livramos! Olímpia olhou para a chave, julgou reconhecer a sua; mas Rinaldo a trocara. Seus ardis haviam sido bem-sucedidos, ele possuía a verdadeira chave. Moderno Cartouche,[337] tinha tanta habilidade quanto coragem, e, suspeitando que somente consideráveis tesouros podiam obrigar uma duquesa a trazer sempre à cintura

— Que pena!... — exclamou Lousteau. — A página que devia estar no verso dessa não existe. Para tirar-nos da inquietação só temos a página 212:

{212} OLÍMPIA,

— Se a chave se perdesse?

— Ele seria morto...

— Morto! Não deverias atender a última súplica que ele te fez e dar-lhe a liberdade sob a condição de...

— Não o conheces...

— Mas...

— Cala-te. Tomei-te como amante, e não como confessor.

Adolfo ficou em silêncio.

— Aqui há um Amor sobre uma cabra a galope, uma vinheta desenhada por *Normand*, gravada por *Duplant*... Oh! Os nomes aí estão — disse Lousteau.

— Bem, e a continuação? — disseram aqueles dentre os ouvintes que estavam compreendendo.

— O capítulo terminou — respondeu Lousteau. — A circunstância da vinheta altera completamente minha opinião sobre o autor. Para ter conseguido, durante o Império, vinhetas gravadas em madeira, o autor devia ser conselheiro de Estado, ou a sra. Barthélemy-Hadot,[338] o falecido Desforges[339] ou Sewrin.[340]

— *Adolfo ficou em silêncio*... Ah! — disse Bianchon. — A duquesa tem menos de trinta anos.

— Se não há mais nada, invente um desfecho! — disse a sra. de La Baudraye.

— Mas — disse Lousteau — a maculatura só foi tirada dum lado. Em estilo tipográfico, o lado da *segunda*, ou, para que compreendam melhor, o verso, que deveria ter sido impresso, recebeu um número incomensurável de impressões diversas, pertence à classe das folhas ditas de *prensa*. Como seria horivelmente longo ensinar-vos em que consiste a confusão duma folha de *prensa*, basta que saibais que ela não pode guardar um vestígio sequer das doze primeiras páginas que nela foram impressas, do mesmo modo que não poderíeis guardar a mínima lembrança da primeira bordoadada se algum paxá vos tivesse condenado a receber cento e cinquenta na planta dos pés.

— Estou como louca — disse a sra. Popinot-Chandier ao sr. Gravier. — Esforço-me por entender o conselheiro de Estado, o cardeal, a chave e essa maculatura...

— A senhora não tem a chave dessa brincadeira — disse o sr. Gravier. — Pois pode estar certa de que nem eu, bela senhora.

— Mas ainda há outra folha — disse Bianchon, olhando para a mesa onde estavam as provas.

XXVIII — O ROMANCE É DOS BONS TEMPOS DE ANN RADCLIFFE[341]

— Bom — disse Lousteau —, ela está sã e inteira! Está assinalada iv; *J*, 2ª edição. Minhas senhoras, o IV indica o quarto volume. O J, décima letra do alfabeto, a décima folha. Parece-me provado, por isso, que este romance em quatro volumes in-12, salvo as astúcias do editor, obteve êxito, pois teve duas edições. Leiamos e decifremos o enigma:

OU AS VINGANÇAS ROMANAS [217]

corredor. Mas sentindo-se perseguido pelos criados da duquesa, Rinaldo

— Ora bolas!

— Oh! — disse a sra. de La Baudraye. — Houve acontecimentos importantes entre o fragmento da maculatura e essa página.

— Justo, senhora, essa preciosa *folha boa*! Mas a maculatura onde a

duquesa esqueceu suas luvas no bosque pertence ao quarto volume?
Para o diabo! Continuemos:

não encontra asilo mais seguro que dirigir-se imediatamente para o subterrâneo, onde deviam estar os tesouros da casa de Bracciano. Lépidio como a Camila do poeta latino,[342] correu para a entrada misteriosa dos banhos de Vespasiano. As tochas já iluminavam as muralhas quando o ágil Rinaldo, tendo descoberto, com a perspicácia de que o dotara a natureza, a porta oculta na parede, desapareceu imediatamente. Uma horrível reflexão atravessou-lhe o cérebro como o raio quando rasga as nuvens. Ele estava aprisionado... Tateou a

— Oh! Esta *folha boa* e o fragmento da maculatura se seguem! A última página do fragmento é a 212 e temos aqui a 217! Com efeito, se Rinaldo, na maculatura, roubou a chave dos tesouros da duquesa Olímpia, substituindo-a por uma quase igual, e nesta *folha boa* está no palácio dos duques de Bracciano, o romance me parece encaminhar-se para alguma conclusão. Faço votos para que isto seja tão claro para vós como se está tornando para mim... Para mim, a festa acabou, os dois amantes voltaram ao palácio Bracciano, é noite, é uma hora da madrugada. Rinaldo vai dar um bom golpe!

— E Adolfo?... — disse o presidente Boirouge, que era considerado um pouco lesto em palavras.

— E que estilo! — disse Bianchon. — *Rinaldo não encontra asilo mais seguro que dirigir-se...*

— Evidentemente, não foi Maradan, nem os Treuttel e Wurtz, nem Doguereau quem imprimiu esse romance — disse Lousteau —, pois eles tinham a seu soldo revisores que liam suas provas, um luxo que os editores atuais bem se deveriam dar, pois os autores atuais ficariam à maravilha... Deve ser algum vendedor do cais...

— Que cais? — perguntou uma senhora à vizinha. — Falavam em banhos...

— Continue — disse a sra. de La Baudraye.

— Em todo caso, não é dum conselheiro de Estado — disse Bianchon.

— Talvez seja de madame Hadot — disse Lousteau.

— Por que estão metendo nisso madame Hadot de La Charité? —

perguntou a presidenta a seu filho.

— Essa madame Hadot, minha cara presidenta — respondeu a castelã —, era uma autora que viveu na época do consulado...

— Então as mulheres escreviam no tempo do imperador? — perguntou a sra. Popinot-Chandier.

— E a sra. de Genlis? E a Madame de Staël?[343] — interveio o procurador do rei, picado por Diná com a observação.

— Ah!

— Continue, por favor — disse a sra. de La Baudraye a Lousteau.

Lousteau retomou a leitura, dizendo: — Página 218!

[218] OLÍMPIA,

parede com uma inquieta precipitação e lançou um grito de desespero quando procurou em vão a fechadura de segredo. Foi-lhe impossível recusar-se a reconhecer a horrível verdade. A porta, habilmente construída para servir às vinganças da duquesa, não se podia abrir por dentro. Rinaldo colou a face a vários lugares e em nenhum deles sentiu o ar quente da galeria. Esperava encontrar uma fenda que lhe indicasse o ponto onde terminava a parede, mas nada, nada!... A parede parecia um só bloco de mármore...

Escapou-lhe, então, um surdo rugido de hiena...

— Muito bem, julgávamos ter inventado recentemente os gritos de hiena!? — disse Lousteau. — A literatura do Império já os conhecia, punha-os mesmo em cena com um certo talento de história natural, como o prova a palavra *surdo*.

— Não faça reflexões, senhor — disse a sra. de La Baudraye.

— Aí está! — exclamou Bianchon. — O *enredo*, esse monstro romântico, segurou-a pela gola, como a mim, agora mesmo.

— Leia! — gritou o procurador do rei. — Eu compreendo!

— Que pretensioso! — disse o presidente ao ouvido de seu vizinho, o subprefeito.

— Ele quer lisonjear a sra. de La Baudraye — respondeu o novo subprefeito.

— Pois bem, vou ler em seguida — disse solenemente Lousteau.

Escutaram o jornalista no mais profundo silêncio:

OU AS VINGANÇAS ROMANAS [219]

Um gemido profundo respondeu ao grito de Rinaldo; mas, na sua angústia, ele o tomou por um eco, tão débil e cavernoso era esse gemido! Não podia ter saído dum peito humano...

— Santa Maria! — disse o desconhecido.

— Se eu não sair deste lugar, não saberei mais encontrá-lo — pensou Rinaldo, quando recobrou seu habitual sangue-frio. — Se bater, serei descoberto. Que fazer?

— Quem está aí? — perguntou a voz.

— Hein? — disse o bandido. — Será que aqui os sapos falam?

— Sou o duque de Bracciano! Quem

[220] OLÍMPIA,

quer que sejais, se não pertenceis à duquesa, em nome de todos os santos, vinde a mim!...

— Eu precisaria saber onde estás, senhor duque — respondeu Rinaldo, com a impertinência dum homem que se sabe necessário.

— Eu te vejo, meu amigo, pois meus olhos estão acostumados à obscuridade. Escuta, segue para a frente... Bem... Volta à esquerda... Vem... aqui... Estamos juntos.

Rinaldo estendeu as mãos para a frente por prudência e encontrou barras de ferro.

— Estão me enganando! — gritou o bandido.

— Não, tocaste na minha cela...

OU AS VINGANÇAS ROMANAS [221]

Senta-te num fuste de mármore que existe aí.

— Como pode o duque de Bracciano estar numa prisão? — perguntou o bandido.

— Meu amigo, estou aqui há trinta meses, de pé, sem poder sentar-me... Mas quem és?

— Sou Rinaldo, o príncipe do campo, o chefe de oitenta bravos que a lei denomina erroneamente celerados, que todas as damas admiram e os juízes enforcam por um hábito antigo.

— Deus seja louvado!... Estou salvo... Um homem de bem ficaria com medo, ao passo que contigo tenho certeza de entender-me

[222] OLÍMPIA,

— exclamou o duque. Oh! Meu caro libertador, deves estar armado até os dentes...

— *Ê veríssimo!*

— Terás... ?

— Sim, limas, alicates... *Corpo di Bacco!* Eu vinha tomar emprestados indefinidamente os tesouros dos Bracciani.

— Terás legitimamente uma boa parte deles, meu caro Rinaldo, e talvez eu vá fazer caça aos homens em tua companhia...

— Espantais-me, excelência!...

— Escuta-me, Rinaldo! Não preciso falar-te do desejo de vingança que me rói o coração: estou aqui há trinta meses... és italiano?... tu me compreen-

OU AS VINGANÇAS ROMANAS [223]

derás! Ah, meu amigo, minha fadiga e meu pavoroso cativo nada são comparados ao mal que me rói o coração! A duquesa de Bracciano ainda é uma das mais lindas mulheres de Roma, eu a amava bastante para ter ciúme...

— Vós, seu marido!...

— Sim, talvez estivesse errado!

— Realmente, isso não se faz — disse Rinaldo.

— Meu ciúme foi excitado pela conduta da duquesa — acrescentou o duque.

— O fato provou que eu tinha razão. Um jovem francês amava Olímpia, era amado por ela, tive provas de sua mútua afeição...

— Mil perdões, minhas senhoras — disse Lousteau. — Mas, como estão vendo, é-me impossível deixar de observar-lhes o quanto a literatura do Império ia diretamente aos fatos sem nenhum detalhe, o que me parece característico dos tempos primitivos. A literatura dessa época guardava o meio-termo entre o resumo dos capítulos do *Telêmaco*[344] e as exposições de motivos do ministério público. Tinha ideias, mas não as exprimia, a desdenhosa! Observava, mas não participava suas observações a ninguém, a avarenta! Fouché era o único que comunicava suas obsevações a qualquer um. *A literatura se contentava, então, segundo a expressão dum dos mais ingênuos críticos da Revue des Deux Mondes*,[345] *com uma rigorosa simplicidade de enredo e uma descrição bem nítida de todas as imagens à antiga; não dançava sobre períodos!* Estou inteiramente de

acordo com isso, ela não tinha períodos, não tinha expressões que lhe dessem brilho. Ela dizia apenas: “Lubin amava Toinette, Toinette não amava Lubin; Lubin matou Toinette e os guardas prenderam Lubin, que foi encarcerado, levado a julgamento e guilhotinado”. Vigoroso enredo, descrição nítida! Que belo drama! Pois bem, atualmente os bárbaros dão brilho ao estilo.

— E às vezes ao estrilo — disse o sr. de Clagny.

— Ah! — replicou Lousteau. — O senhor se dedica a isso?

— Que é que ele quer dizer? — perguntou a sra. de Clagny, preocupada com o trocadilho.

— Tenho a impressão de estar andando dentro dum forno — respondeu a prefeita.

— Seu gracejo perderia a graça ao ser explicado — observou Gatien.

— Atualmente — continuou Lousteau — os romancistas descrevem os caracteres; e, em lugar de restringir-se à narrativa, desvendam o coração humano, interessam-nos em Toinette ou em Lubin.

— Quanto a mim, estou receoso da educação do público no que se refere à literatura — disse Bianchon. — Assim como os russos derrotados por Carlos XII^[346] que acabaram aprendendo a técnica da guerra, o leitor acabou aprendendo a arte. Antigamente não se exigia do romance mais que enredo; quanto ao estilo, ninguém se importava com ele, nem mesmo o autor; quanto às ideias, zero; quanto à cor local, nada. Insensivelmente, o leitor passou a reclamar estilo, enredo, emoção, conhecimentos positivos; passou a exigir os *cinco sentidos* literários: imaginação, estilo, ideia, erudição e sentimento. Depois, veio a crítica com novas exigências. O crítico, incapaz de criar outra coisa além de calúnias,^[347] pretendeu que toda a obra que não emanava dum cérebro completo era aleijada. Alguns charlatães, como Walter Scott, que podiam reunir os cinco sentidos literários, haviam aparecido; os que não tinham mais que espírito, erudição, estilo ou sentimento, esses coxos, esses acéfalos, esses manetas, esses caolhos literários puseram-se a gritar que tudo estava perdido, pregaram cruzadas contra as pessoas que estragavam o ofício ou negaram suas obras.

— É a história de suas últimas discussões literárias, senhores —

observou Diná.

— Por favor! — exclamou o sr. de Clagny. — Voltemos ao duque de Bracciano.

Com grande desespero da assembleia, Lousteau continuou a leitura da *folha boa*:

[224] OLÍMPIA,

Quis, então, assegurar-me de meu infortúnio para poder vingar-me sob a proteção da Providência e da lei. A duquesa descobrira meus projetos. Já nos combatíamos em pensamento antes de nos combatermos com o veneno na mão. Queríamos impor-nos mutuamente uma confiança que não tínhamos: eu, para fazer-lhe ingerir uma beberagem; ela, para arrebatá-la de mim. Ela era uma mulher e venceu; pois as mulheres têm uma cilada a mais do que nós para armar, e caí nela: fui feliz, mas, na manhã seguinte, despertei nesta jaula de ferro. Rugi durante todo o dia na obscuridade

OU AS VINGANÇAS ROMANAS [225]

deste subterrâneo, situado sob o quarto de dormir da duquesa. À noite, erguido por uma maromba habilmente manejada, atravessei o teto e vi, nos braços do amante, a duquesa, que me jogou um pedaço de pão, minha ração de todas as noites. E essa tem sido minha vida, nesses últimos trinta meses. Nesta prisão de mármore, meus gritos não podem chegar a ouvido algum. Nenhum acaso podia valer-me. Eu não tinha mais esperança! Realmente, o quarto da duquesa fica no fundo do palácio, e minha voz, quando subo até ele, não pode ser ouvida por ninguém. Cada vez que vou ver minha mulher, ela me mostra o veneno que eu preparara

[226] OLÍMPIA,

para ela e seu amante; peço-o para mim. Mas ela me recusa a morte, dá-me pão e eu como! Fiz bem em comer, em viver, não contava com os bandidos!...

— Sim, excelência, enquanto os imbecis dos homens de bem dormem, nós vigiamos...

— Ah! Rinaldo, todos os meus tesouros serão teus, nós os partilharemos como irmãos, e eu gostaria de dar-te tudo... até meu ducado...

— Excelência, consiga-me do papa uma absolvição *in articulo mortis*, isso me será mais útil para exercer minha profissão...

— Tudo o que quiseses; mas lima

OU AS VINGANÇAS ROMANAS [227]

as barras da minha prisão e empresta-me teu punhal... Não temos muito tempo a perder, anda depressa... Ah! Se meus dentes fossem limas... Tentei mastigar esse ferro...

— Excelência — disse Rinaldo, ao ouvir as últimas palavras do duque —, já cortei uma barra.

— És um deus!

— Sua esposa estava na festa da princesa Villaviciosa; voltou com seu francesinho, está ébria de amor. Assim, temos tempo.

— Terminaste?

— Sim...

[228] OLÍMPIA,

— Teu punhal! — pediu energicamente o duque ao bandido.

— Ei-lo.

— Muito bem. Estou ouvindo o ruído da alavanca.

— Não se esqueça de mim! — disse o bandido, que tinha bastante experiência de gratidão.

— Lembrar-me-ei de ti como de meu pai — disse o duque.

— Adeus! — disse-lhe Rinaldo. — Como voa! — acrescentou o bandido, ao ver o duque desaparecer. — Como de seu pai — pensou. — Se é assim que ele espera lembrar-se de mim!... Ah! E eu que jurara nunca fazer mal às mulheres!... Mas deixemos por um momento o

OU AS VINGANÇAS ROMANAS [229]

salteador entregue às suas reflexões e subamos, com o duque, às dependências do palácio.

— Ainda uma vinheta, um Cupido sobre um caracol! A página seguinte, a 230, está em branco — disse o jornalista. — E eis duas páginas em branco ocupadas por este título tão delicioso de redigir quando se tem a venturosa desgraça de escrever romances: *Conclusão!*

CONCLUSÃO

A duquesa nunca estivera tão bela. Saiu do banho vestida como uma deusa, e, ao ver Adolfo voluptuo-

[234] OLÍMPIA,

samente deitado sobre pilhas de almofadas:

— Como és belo! — disse-lhe.

— E tu, Olímpia!...

— Ainda me amas?

— Cada vez mais — disse ele.

— Ah! Só os franceses sabem amar! — exclamou a duquesa.

— Esta noite me amarás muito?

— Sim...

— Então vem!

E, com um gesto de ódio e de amor, ou porque o cardeal de Borborigano lhe tivesse feito recordar-se mais intensamente do marido, ou porque sentisse mais amor a demonstrar-lhe, ela puxou a alavanca e estendeu os braços a

— Acabou-se! — exclamou Lousteau — pois o impressor rasgou o resto ao embrulhar minhas provas; mas isso basta para demonstrar-nos que o autor prometia muito.

XXIX — ONDE O SR. DE LA BAUDRAYE SE REVELA PLENAMENTE

— Não compreendo nada disso — comentou Gatién Boirouge, que foi o primeiro a romper o silêncio em que se mantinham os sancerrenses.

— Nem eu — respondeu o sr. Gravier, exasperado.

— É, entretanto, um romance escrito durante o Império — disse-lhe Lousteau.

— Ah! — disse o sr. Gravier. — Pela maneira de falar que atribui ao salteador, vê-se que o autor não conhecia a Itália. Os bandidos não se permitem tais *concetti*.^[348]

A sra. Gorju aproximou-se de Bianchon, ao vê-lo pensativo, e disse-lhe, mostrando-lhe Eufêmia Gorju, sua filha, dotada dum belíssimo dote:

— Que lengalenga! As receitas que o senhor escreve valem mais que essas coisas.

A prefeita meditara profundamente essa frase, que, na sua opinião, denunciava um espírito vigoroso.

— Ah! Minha senhora, precisamos ser indulgentes, pois temos

apenas vinte páginas, em mil — respondeu Bianchon, observando a srta. Gorju, cujo corpo ameaçava deformar-se à primeira gravidez.

— E então, sr. de Clagny? — disse Lousteau. — Ontem falávamos das vinganças inventadas pelos maridos. Que diz das que as mulheres inventam?

— Penso — respondeu o procurador do rei — que esse romance não é dum conselheiro de Estado, e sim duma mulher. Em concepções bizarras, a imaginação das mulheres vai mais longe que a dos homens, como o provam o *Frankenstein*, de Mistress Shelley, *Leone Leoni*, as obras de Ann Radcliffe e *O moderno prometeu*, de Camille Maupin. [349] Diná olhou fixamente para o sr. de Clagny, dando-lhe a entender, por uma expressão que o enregelou, que, apesar de tantos ilustres exemplos, ela tomava essa reflexão para *Paquita, a sevilhana*.

— Ora! — disse o pequeno La Baudraye. — O duque de Bracciano, a quem a mulher prendeu numa cela e a quem ela se mostra todas as noites nos braços do amante, vai matá-la... Chamais a isso uma vingança?... Nossos tribunais e a sociedade são muito mais cruéis...

— Como? — perguntou Lousteau.

— Repara, o pequeno La Baudraye está falando — disse o presidente Boirouge à esposa.

— Pois deixam a mulher viver com uma miserável pensão e a sociedade volta-lhe as costas. Fica privada do luxo e da consideração, duas coisas que, no meu entender, são tudo para a mulher.

— Mas ela tem a felicidade — replicou pomposamente a sra. de La Baudraye.

— Não — contestou o monstrengo, acendendo sua vela para ir deitar-se —, pois tem um amante...

— Para um homem que só pensa nos seus sarmentos e nos seus tocos de árvores, ele tem espírito — disse Lousteau.

— Bem que ele precisa ter alguma coisa — comentou Bianchon.

A sra. de La Baudraye, a única que pôde ouvir a frase de Bianchon, pôs-se a rir tão sutilmente e tão amargamente ao mesmo tempo que o médico descobriu o segredo da vida íntima da castelã, cujas rugas prematuras o preocupavam desde a manhã. Diná, porém, não percebeu as sinistras profecias que seu marido acabava de fazer-lhe numa frase e

que o falecido bom padre Duret não teria deixado de explicar-lhe. O pequeno La Baudraye notara nos olhos de Diná, quando ela fitava o jornalista ao retribuir-lhe um gracejo, essa súbita e luminosa ternura que doura o olhar duma mulher no instante em que a prudência se acaba e começa o arrebatamento. Diná não se importou com o aviso que assim lhe dava o marido de guardar as conveniências, do mesmo modo que Lousteau não tomou para si os maliciosos conselhos de Diná no dia de sua chegada.

Outro que não fosse Bianchon se teria admirado do rápido êxito de Lousteau; mas tão médico era ele que nem mesmo se sentiu ofendido com a preferência que Diná manifestava pelo folhetim sobre a faculdade! Com efeito, Diná, por ser ela própria grande, devia ser mais acessível à inteligência que à grandeza. O amor prefere ordinariamente os contrastes às semelhanças. A franqueza e a bonomia do doutor, sua profissão, tudo o diminuía a seus olhos. Eis por quê: as mulheres que querem amar, e Diná tanto queria amar como ser amada, têm um horror instintivo pelos homens que se dedicam a ocupações tirânicas; apesar de suas superioridades, elas sempre são mulheres no que se refere a usurpações. Poeta e folhetinista, o libertino Lousteau, armado de sua misantropia, oferecia essa alma ornada de ouropéis e essa vida meio ociosa que agrada às mulheres. O sólido bom senso, os olhares de homem verdadeiramente superior aborreciam Diná, que não confessava a si mesma sua pequenez e se dizia:

— Talvez o doutor valha mais que o folhetinista, mas me agrada menos.

Depois, punha-se a pensar nos afazeres de sua profissão e se indagava se uma mulher podia ser mais que um *caso* aos olhos dum médico, que vê tantos *casos* durante o dia! A primeira proposição do pensamento inscrito por Bianchon no álbum era o resultado duma observação clínica que caía muito pesadamente sobre a mulher para que Diná não fosse atingida por ela. Enfim, Bianchon, a quem a clientela impedia uma permanência mais longa, ia partir no dia seguinte. Que mulher, a menos que receba no coração a seta mitológica de Cupido, pode se decidir em tão pouco tempo? Logo que Bianchon viu em conjunto essas pequenas coisas, que causam as grandes

catástrofes, comunicou em quatro palavras a Lousteau a singular opinião que formou sobre a sra. de La Baudraye e que causou a mais viva surpresa ao jornalista.

XXX — UMA CONVERSA AUTORIZADA PELO CÓDIGO DOS HOMENS

Enquanto os dois parisienses cochichavam, erguia-se contra a castelã um temporal entre os sancerrenses, que não compreendiam nada da paráfrase nem dos comentários de Lousteau. Longe de ver nisso o romance que o procurador do rei, o subprefeito, o primeiro substituto Lebas, o sr. de La Baudraye e Diná haviam reconstituído, todas as mulheres reunidas em torno da mesa de chá não viam ali mais que uma mistificação e acusavam a Musa de Sancerre de participar dela. Todas haviam esperado passar uma noite encantadora, todas haviam aivado inutilmente as faculdades de seu espírito. Nada revolta mais a gente da província do que servir de joguete à gente de Paris.

A sra. Piédefer deixou a mesa de chá para ir dizer à filha:

— Vai falar com as senhoras, elas estão muito chocadas com tua conduta.

Lousteau não pôde evitar de notar, então, a evidente superioridade de Diná sobre o escol das mulheres de Sancerre. Ela era a que melhor se vestia, seus movimentos eram cheios de graça, sua cútis adquiria à luz artificial uma deliciosa brancura, ela se destacava, enfim, sobre essa tapeçaria de rostos velhos, de moças malvestidas, de maneiras tímidas, como uma rainha no meio de sua corte. As imagens parisienses apagavam-se. Lousteau adaptava-se à vida da província. E, se tinha suficiente imaginação para não se impressionar com as magnificências reais desse castelo, por suas delicadas esculturas, pelas belezas antigas do interior, era, por outro lado, suficientemente instruído para saber o valor do mobiliário que enriquecia essa joia da Renascença. Assim, logo que os sancerrenses, um a um, se retiraram, acompanhados por Diná, pois todos eles tinham de andar cerca de uma hora, e quando se encontravam no salão apenas o procurador do rei, o sr. Lebas, Gatien e o sr. Gravier, que iam dormir em Anzy, o jornalista já modificara sua

opinião sobre Diná. Seu pensamento descrevera essa evolução de que a sra. de La Baudraye tivera a audácia de falar-lhe em seu primeiro encontro.

— Ah! Como vão falar mal de nós pelo caminho! — exclamou a castelã, entrando no salão após ter acompanhado à carruagem o presidente, a presidenta, a sra. e a srta. Popinot-Chandier.

O resto do serão teve seu lado agradável. Em pequeno grupo, cada um derramou na palestra seu contingente de epigramas sobre as diferentes caras que os sancerrenses haviam feito durante os comentários de Lousteau sobre o invólucro das provas.

— Meu caro — disse, ao deitar-se, Bianchon a Lousteau (haviam-nos acomodado juntos num enorme quarto com duas camas) —, serás o feliz mortal eleito por essa mulher, nascida Piédefer!

— Achas?

— Ora, isso se explica: passas aqui por teres tido muitas aventuras em Paris e, para as mulheres, os homens que têm sorte no amor possuem algo de excitante que os torna atraentes e agradáveis. Será a vaidade de fazer triunfar suas recordações entre todas as outras? Recorrem elas à sua experiência, como um doente recorre por qualquer preço a um médico famoso? Ou sentem-se lisonjeadas em despertar um coração enfastiado?

— Os sentidos e a vaidade exercem papéis tão importantes no amor que todas essas suposições podem ser exatas — respondeu Lousteau. — Mas, se fico, é por causa do certificado de inocência que dás a Diná! Ela é linda, não é?

— Tornar-se-á encantadora, amando — disse o médico. — E depois, o que é mais, será, um dia ou outro, uma rica viúva! E um filho lhe asseguraria a posse da fortuna do sr. de La Baudraye...

— Mas então é uma boa ação amar a essa mulher! — exclamou Lousteau.

— Uma vez mãe, ela tornará a engordar, as rugas se apagarão, ela parecerá não ter mais de vinte anos...

— Bem — disse Lousteau, enrolando-se nos lençóis —, se quiseres ajudar-me, amanhã, sim, amanhã, eu... Basta, boa noite.

No dia seguinte a sra. de La Baudraye, a quem o marido dera, há seis meses, cavalos de que se servia nos trabalhos do campo e uma caleça que ringia como ferros velhos, teve a ideia de acompanhar Bianchon até Cosne, onde ele ia tomar a diligência de Lyon na passagem. Ela levou juntos sua mãe e Lousteau; decidiu, porém, deixar a mãe em La Baudraye, dirigir-se a Cosne com os dois parisienses e voltar de lá a sós com Estêvão. Vestiu-se de maneira encantadora, que chamou a atenção do jornalista: borzeguins bronzeados, meias de seda cinza, um vestido de organdi, um xale verde de longas franjas matizadas e um gracioso chapéu de seda preta, enfeitado de flores. Quanto a Lousteau, o patife pusera-se em pé de guerra: sapatos lustrados, calças de tecido inglês pregueadas na parte dianteira, um colete muito decotado que deixava ver uma camisa extrafina e as catadupas de cetim preto em relevo de sua mais bela gravata, uma sobrecasaca preta, muito curta e muito leve. O procurador do rei e o sr. Gravier entreolharam-se de maneira muito singular ao verem os dois parisienses na caleça enquanto eles ficavam como dois idiotas ao pé da escadaria. O sr. de La Baudraye, que, do alto do último degrau, dirigia ao doutor uma pequena saudação com sua mãozinha, não pôde evitar de sorrir ao ouvir o sr. de Clagny dizer ao sr. Gravier:

— O senhor devia acompanhá-los a cavalo.

Nesse momento, Gatien, montado na tranquila mula do sr. de La Baudraye, surgiu pela alameda que levava às cavalariaças e juntou-se à caleça.

— Ótimo! — disse o recebedor das contribuições. — O menino ficou de plantão.

— Que aborrecimento! — exclamou Diná ao ver Gatien. — Em treze anos, pois logo fará treze anos que estou casada, ainda não tive três horas de liberdade...

— Casada, senhora? — disse o jornalista, sorrindo. — A senhora faz-me lembrar uma frase do falecido Michaud,^[350] das muitas frases sutis que ele pronunciou. Ele ia partir para a Palestina e seus amigos lhe faziam considerações sobre sua idade e sobre os perigos de

semelhante excursão. “Além disso”, comentou um deles, “o senhor é casado!” “Oh!”, respondeu ele. “Eu o sou tão pouco!”

A severa sra. Piédefer não pôde impedir-se de sorrir.

— Eu não me admiraria de ver o sr. de Clagny vir completar a escolta montado em meu pônei — disse Diná.

— Oh! Se o procurador do rei não se vier juntar a nós — disse Lousteau —, a senhora poderá desembaraçar-se desse rapazinho ao chegar a Sancerre. Bianchon terá necessariamente esquecido alguma coisa sobre a mesa, como o manuscrito da primeira lição de seu curso, e a senhora pedirá a Gatien que vá a Anzy buscá-lo.

Essa astúcia, embora simples, deixou a sra. de La Baudraye bem-humorada. O caminho de Anzy a Sancerre, no qual se descobrem, por momentos, magníficas paisagens e onde muitas vezes o lençol do Loire produz o efeito dum lago, foi percorrido alegremente, pois Diná sentia-se feliz por se ver tão bem compreendida. Falou-se de amor, em teoria, o que permite aos amigos *in petto* [351] tomar, de certo modo, a medida de seus corações. O jornalista adotou um tom de elegante corrupção para provar que o amor não obedece a lei alguma, que o caráter dos amantes varia seus acidentes ao infinito, que os acontecimentos da vida social aumentam ainda mais a variedade dos fenômenos, que tudo é possível e acenado nesse sentimento; que uma mulher, após ter resistido durante muito tempo a todas as seduições e a paixões verdadeiras, pode sucumbir em algumas horas a um pensamento, a um furacão interior cujo segredo só é conhecido de Deus!

— E então! Não é esse o sentido de todas as histórias que nos temos contado nestes três dias? — disse ele.

Há três dias a ardente imaginação de Diná estava ocupada com os romances mais insidiosos, e a palestra dos dois parisienses agira sobre ela como os livros mais perigosos. Lousteau seguia com o olhar os efeitos dessa hábil manobra, para aproveitar o momento em que sua presa, cuja boa vontade se ocultava sob o devaneio que produz a irresolução, estivesse inteiramente aturdida. Diná quis mostrar La Baudraye aos dois parisienses e lá se representou a comédia convencionada do manuscrito esquecido por Bianchon em seu quarto de Anzy. Por ordem de sua soberana, Gatien partiu a galope, a sra.

Piédefer foi fazer compras em Sancerre e Diná, a sós com os dois amigos, tomou a estrada de Cosne.

XXXII — SERVIÇOS QUE PRESTAM ENTRE SI OS AMIGOS DE COLÉGIO

Lousteau sentou-se junto da castelã e Bianchon colocou-se na parte dianteira da carruagem. A conversa dos dois amigos foi afetuosa e cheia de compaixão pela sorte dessa alma de escol tão pouco compreendida e, principalmente, tão mal cercada. Bianchon ajudou admiravelmente o jornalista, zombando do procurador do rei, do recebedor das contribuições e de Gatien; suas observações revestiram-se dum sentido tão deprimente que a sra. de La Baudraye não teve coragem de defender seus adoradores.

— Explico-me perfeitamente — disse o médico, ao atravessar o Loire — a situação em que a senhora tem vivido. A senhora só podia ser acessível ao amor cerebral, que muitas vezes leva ao amor do coração, e certamente nenhum desses homens é capaz de dissimular o que os sentidos têm de odioso nos primeiros dias da vida duma mulher delicada. Atualmente, para a senhora, amar constitui uma necessidade...

— Uma necessidade! — exclamou Diná, fitando o médico com curiosidade. — Quer dizer que devo amar por prescrição médica?

— Se continuar a viver como está vivendo, dentro de três anos ficará pavorosa — respondeu Bianchon, num tom magistral.

— Senhor! — disse a sra. de La Baudraye, quase aterrorizada.

— Desculpe meu amigo — disse Lousteau com um ar brincalhão à baronesa. — Ele é médico em tudo e o amor não representa para ele mais que uma questão de higiene. Mas não é egoísta e evidentemente é apenas com a senhora que se preocupa, pois vai partir daqui a uma hora...

Em Cosne, muita gente se aglomerou em torno da velha caleça reformada, sobre cujas almofadas se viam as armas dadas por Luís XIV aos neo-La Baudraye: *de goles, com uma balança de ouro e um chefe cosido de blau, carregado de três cruzetas recruzetadas de prata;*

como suportes, dois lebréus de prata coleirados de blau e acorrentados de ouro. A irônica divisa *Deo sic patet fides et hominibus*[352] fora infligida ao calvinista convertido pelo satírico D'Hozier.[353]— Vamos sair, virão avisar-nos quando chegar a hora — disse a baronesa, deixando o cocheiro de sentinela.

Diná tomou o braço de Bianchon e o médico pôs-se a passear pela margem do Loire com um passo tão rápido que o jornalista teve de ficar atrás. Uma simples piscadela bastara ao doutor para dar a entender a Lousteau que queria ajudá-lo.

— Estêvão agradeceu-lhe — disse Bianchon a Diná —, falou vivamente à sua imaginação. Ontem à noite nós nos ocupamos de si, e ele a ama... Mas é um homem leviano, difícil de fixar-se e sua pobreza o obriga a viver em Paris, ao passo que tudo exige que a senhora viva em Sancerre... Veja a vida um pouco de cima... Faça de Lousteau seu amigo, não seja exigente, ele virá três vezes por ano passar alguns belos dias junto de si e a senhora ficará devendo-lhe a beleza, a felicidade e a fortuna. O sr. de La Baudraye pode viver cem anos, mas também pode morrer em nove dias, bastando para isso deixar de usar o pano de flanela em que vive enrolado; portanto, não comprometam nada. Sejam ambos prudentes. Não me diga nem uma palavra... Li em seu coração.

A sra. de La Baudraye estava sem defesa diante das afirmações tão precisas e diante dum homem que se colocava ao mesmo tempo na posição de médico, de confessor e de confidente.

— Como pode o senhor imaginar — disse ela — que uma mulher se possa lançar em concorrência com as amantes dum jornalista? O sr. Lousteau parece-me agradável, espiritual; mas está enfasiado... etc. etc.

Diná recuou, e foi obrigada a interromper o fluxo de palavras sob o qual pretendia ocultar suas intenções, pois Estêvão, que parecia interessado nos progressos de Cosne, vinha ao encontro deles.

— Acredite-me — disse-lhe Bianchon —, ele tem necessidade de ser amado seriamente. E, se mudar de vida, seu talento lucrará muito.

O cocheiro de Diná aproximou-se deles esbaforido para anunciar-lhes a chegada da diligência e todos estugaram o passo. A sra. de La

Baudraye seguia entre os dois parisienses.

— Adeus, meus filhos — disse Bianchon, antes de entrar em Cosne —, eu os abençoo...

Soltou o braço da sra. de La Baudraye, fazendo com que Lousteau o tomasse após estreitá-lo de encontro ao coração com uma expressão de afeto. Que diferença para Diná! O braço de Estêvão causou-lhe a mais viva emoção, ao passo que o de Bianchon não lhe dera sensação alguma. Trocou-se, então, entre ela e o jornalista, um desses olhares candentes que são mais que consentimentos.

— Só mesmo as mulheres da província para usar vestidos de organdi, a única fazenda que uma vez amarrotada não pode ser alisada — disse consigo Lousteau. — Essa mulher, que me escolheu para amante, vai fazer fita por causa do vestido. Se tivesse posto um vestido de seda, eu seria feliz... Aí está do que dependem as resistências!...

Enquanto Lousteau conjecturava se a sra. de La Baudraye tivera a intenção de se impor uma barreira intransponível ao escolher um vestido de organdi, Bianchon, auxiliado pelo cocheiro, acomodava sua bagagem na diligência. Quando terminou, foi despedir-se de Diná, que se mostrou imensamente afetuosa para ele.

— Volte, senhora baronesa, deixe-me... Gatien estará de regresso em seguida — disse-lhe ao ouvido. — Já é tarde... — acrescentou, em voz alta. — Adeus!

— Adeus, grande homem! — exclamou Lousteau, apertando a mão de Bianchon.

XXXIII — EM QUE AS MULHERES VIRTUOSAS APRENDERÃO A DESCONFIAR DO ORGANDI

Quando o jornalista e a sra. de La Baudraye, sentados um junto do outro ao fundo da velha caleça, tornaram a atravessar o Loire, hesitaram ambos em falar. Em tal situação, a palavra pela qual se rompe o silêncio possui uma importância extraordinária.

— Sabe quanto a amo? — disse então o jornalista à queima-roupa.

A vitória podia lisonjear Lousteau, mas a derrota não lhe causava o menor desgosto. Essa indiferença constituiu o segredo de sua audácia.

Tomou a mão da sra. de La Baudraye ao dizer-lhe essas palavras tão claras e apertou-a entre as suas; Diná, porém, retirou docemente a mão.

— Sim, valho tanto como uma corista ou uma atriz — disse ela, com a voz comovida, embora em tom de gracejo. — Mas acredita que uma mulher que, apesar de seus ridículos, tem alguma inteligência tenha reservado os mais belos tesouros do coração para um homem que não pode ver nela mais que um prazer passageiro?... Não me surpreendo de ouvir de sua boca uma frase que tantas pessoas já me disseram... mas...

O cocheiro voltou-se.

— Aí está o sr. Gatien — disse.

— Amo-a, quero-a e você será minha, pois nunca senti por mulher alguma o que você me inspira! — gritou Lousteau ao ouvido de Diná.

— Mesmo contra a minha vontade? — replicou ela, sorrindo.

— É preciso ao menos, para salvar minha dignidade, que você pareça ter sido violentamente atacada — disse o parisiense, a quem a funesta propriedade do organdi sugeriu uma ideia cômica.

Antes que Gatien tivesse atingido a extremidade da ponte, o audacioso jornalista amassou tão levemente o vestido de organdi[354] que a sra. de La Baudraye se viu num estado de não poder mostrar-se.

— Ah! Senhor! — exclamou majestosamente Diná.

— A senhora me desafiou — respondeu o parisiense.

Gatien, porém, chegava com a celeridade dum apaixonado logrado. Para reconquistar um pouco da estima da sra. de La Baudraye, Lousteau esforçou-se por ocultar de Gatien o vestido amarrotado e saltou da carruagem para falar com ele fora dela e no lado oposto ao em que estava Diná.

— Corra ao nosso hotel — disse-lhe. — Ainda há tempo, a diligência só parte daqui a uma hora. O manuscrito está em cima da mesa do quarto que Bianchon ocupou e ele precisa disso, pois de outro modo não poderia dar sua aula.

— Vá logo, Gatien! — disse a sra. de La Baudraye, olhando para seu jovem adorador com uma expressão de despotismo.

O rapaz, diante dessa insistência, voltou à rédea solta.

— Depressa, para La Baudraye! — gritou Lousteau ao cocheiro. — A

senhora baronesa está indisposta... Sua mãe será a única pessoa a saber do meu ardil — disse ele, voltando a sentar-se junto de Diná.

— O senhor chama essa infâmia de ardil? — disse a sra. de La Baudraye, reprimindo algumas lágrimas que secaram ao fogo do orgulho ferido.

Recostou-se ao canto da caleça, cruzou os braços sobre o peito e ficou a olhar para o Loire, o campo, tudo, exceto para Lousteau. O jornalista assumiu então um tom carinhoso e pôs-se a falar até chegarem a La Baudraye, onde Diná correu da caleça para dentro de casa esforçando-se para não ser vista por ninguém. Em sua perturbação, atirou-se a um sofá para chorar.

— Se sou para a senhora um objeto de horror, de ódio ou de desprezo, está bem, vou-me embora — disse então Lousteau, que a seguia.

E o velhaco lançou-se aos pés de Diná. Foi nessa crise que a sra. Piédefer apareceu, dizendo à filha:

— Então, que tens? Que é que está acontecendo?

— Dê, imediatamente, outro vestido à sua filha — disse o audacioso parisiense ao ouvido da devota.

Ao ouvir o galope do cavalo de Gatien, a sra. de La Baudraye correu para o quarto, seguida da mãe.

— Não há nada no hotel! — disse Gatien a Lousteau, que foi a seu encontro.

— E no castelo de Anzy também não! — acrescentou Lousteau.

— Os senhores me fizeram de bobo — replicou Gatien num tom seco.

— Exatamente — respondeu Lousteau. — A sra. de La Baudraye achou muito inconveniente que você a seguisse sem que ela pedisse. Acredite-me, aborrecer as mulheres não é um meio de seduzi-las. Diná o mistificou, você a fez rir e isso constitui um êxito que nenhum de vocês conseguira junto dela durante treze anos. E é a Bianchon que você deve isso, pois seu primo é o *autor da farsa do manuscrito!*... O cavalo terá ficado desgostoso por isso? — observou Lousteau com uma expressão divertida, enquanto Gatien se indagava se devia zangar-se ou não.

— O cavalo! — repetiu Gatien.

Nesse momento, apareceu a sra. de La Baudraye, com um vestido de veludo e acompanhada da mãe, que dirigiu a Lousteau olhares irritados. Diante de Gatien, era imprudente a Diná mostrar-se fria ou severa com Lousteau, que, aproveitando-se dessa circunstância, ofereceu o braço à falsa Lucrécia;[355] porém ela o recusou.

— Quer então mandar embora um homem que lhe consagrou a vida? — disse ele, andando junto dela. — Vou ficar em Sancerre e partir amanhã.

— Vens junto, mamãe? — disse a sra. de La Baudraye à sra. Piédefer, evitando, assim, de responder ao argumento direto pelo qual Lousteau a forçava a tomar um partido.

O parisiense ajudou a mãe a subir à carruagem, ajudou também a sra. de La Baudraye segurando-a docemente pelo braço e sentou-se no banco da frente com Gatien, que deixou o cavalo em La Baudraye.

— A senhora mudou de vestido — disse inabilmente Gatien a Diná.

— A senhora baronesa apanhou um golpe de ar frio do Loire — respondeu Lousteau. — Bianchon aconselhou-a a agasalhar-se.

Diná ficou vermelha como uma papoula e a sra. Piédefer assumiu uma expressão severa.

XXXIV — COMO O ORGANDI SE ESTIRA

— Pobre Bianchon, está a caminho de Paris! Que coração nobre! — disse Lousteau.

— Sim, sim — respondeu a sra. de La Baudraye —, ele, sim, é grande e delicado...

— Estávamos tão alegres ao partir — disse Lousteau — e ei-la indisposta, falando-me com amargura, e por quê?... Não está acostumada a ouvir dizerem-lhe que é bela e inteligente? Pois eu declaro diante de Gatien que renuncio a Paris, vou ficar em Sancerre e incorporar-me entre seus vassalos. Senti-me tão jovem em minha terra natal que já esqueci Paris e suas corrupções, seus aborrecimentos e seus prazeres fatigantes... Sim, minha vida me parece purificada...

Diná deixou Lousteau falar sem fitá-lo; houve, porém, um momento

em que o improvisado do sedutor se tornou tão espirituoso devido ao esforço que ele fez para fingir-se apaixonado através de frases e ideias cujo sentido, obscuro para Gatien, era perfeitamente claro ao coração de Diná que ela levantou os olhos para ele. Esse olhar pareceu encher de alegria a Lousteau, que redobrou de graça e acabou por fazer a sra. de La Baudraye rir. Sempre que, numa situação em que seu orgulho foi cruelmente ofendido, a mulher ri, tudo fica comprometido. Quando entraram no imenso pátio coberto de areão e ornado de um tabuleiro de relva com tufos de flores que tanto realça a fachada de Anzy, o jornalista estava dizendo:

— Quando as mulheres nos amam, perdoam-nos tudo, mesmo nossos crimes; quando não nos amam, não nos perdoam nada, nem mesmo nossas virtudes. Perdoa-me? — acrescentou ao ouvido da sra. de La Baudraye, apertando-lhe o braço sobre seu coração num gesto cheio de ternura.

Diná não pôde evitar de sorrir.

Durante o jantar e o resto do serão, Lousteau manifestou uma alegria e uma animação encantadoras; mesmo, porém, no meio dessas demonstrações de sua embriaguez, entregava-se, por momentos, à meditação, como quem se sente absorvido pela felicidade. Após o café, a sra. de La Baudraye e a mãe deixaram os homens ir passear no jardim. O sr. Gravier disse, então, ao procurador do rei:

— Notou que a sra. de La Baudraye, que saíra com vestido de organdi, voltou com vestido de veludo?

— Ao subir à carruagem, em Cosne, o vestido ficou preso a um botão de cobre da caleça e rasgou-se de alto a baixo — respondeu Lousteau.

— Oh! — exclamou Gatien, sentindo o coração trespassado pela cruel diferença das duas explicações do jornalista.

Lousteau, que contava com essa surpresa de Gatien, segurou-lhe o braço e apertou-o, para pedir-lhe silêncio. Alguns momentos mais tarde, Lousteau deixou os três adoradores de Diná e apoderou-se do pequeno La Baudraye. Gatien foi então interrogado sobre os acontecimentos da viagem. O sr. Gravier e o sr. de Clagny ficaram estupefatos ao saber que Diná voltara de Cosne a sós com Lousteau, mas ainda mais estupefatos ficaram com as duas versões do parisiense

sobre a troca do vestido. Assim, os três homens derrotados mantiveram uma atitude muito embaraçada durante o serão. Na manhã seguinte, todos tiveram negócios que os obrigaram a deixar Anzy, onde Diná ficou a sós com a mãe, o marido e Lousteau. O despeito dos três sancerrenses ergueu um grande clamor na cidade. A queda da Musa do Berry, do Nivernais e do Morvan foi acompanhada dum verdadeiro dilúvio de maledicências, calúnias e conjecturas diversas, entre as quais figurava, na primeira linha, a história do vestido de organdi. Nunca o vestuário de Diná alcançou tamanho êxito nem despertou maior atenção entre as moças, que não compreendiam as relações entre o amor e o organdi, de que tanto riam as mulheres casadas. A presidenta Boirouge, furiosa com o infortúnio de seu Gatien, esqueceu os elogios que havia prodigalizado ao poema *Paquita, a sevilhana*; fulminou censuras terríveis contra uma mulher capaz de publicar semelhante infâmia.

— A desgraçada pratica tudo o que escreveu! — dizia ela. — Talvez termine como sua heroína!...

Aconteceu com Diná entre os sancerrenses o mesmo que com o marechal Soult[356] entre os jornais da oposição; enquanto foi ministro, diziam que perdeu a batalha de Toulouse; logo que se retirou da atividade, passaram a dizer que a ganhou! Virtuosa, Diná era considerada rival das Camille Maupin, das mulheres mais ilustres; mas, feliz, passou a ser *uma infeliz*.

O sr. de Clagny defendeu corajosamente Diná, foi repetidas vezes ao castelo de Anzy para ter o direito de desmentir o boato que corria sobre ela, a quem continuava a adorar, mesmo caída, e sustentou que ela e Lousteau estavam apenas trabalhando em colaboração numa grande obra. Riram-se do procurador do rei.

XXXV — ONDE O SR. DE LA BAUDRAYE SE SENTE VINGADO DO BELO MILAUD DE NEVERS

O mês de outubro foi encantador. O outono é a mais bela estação do vale do Loire; mas, em 1836, ele foi particularmente magnífico. A natureza parecia fazer-se cúmplice da felicidade de Diná, que, de

acordo com as previsões de Bianchon, chegou gradativamente a uma violenta paixão. Em um mês, a castelã mudou completamente. Admirou-se de encontrar em si tantas faculdades inertes, adormecidas, inúteis até então. Lousteau foi para ela um anjo, pois a paixão, essa necessidade real das almas grandes, fazia dela uma mulher inteiramente nova. Diná vivia! Achava em que empregar suas forças, descobria perspectivas inesperadas em seu futuro, era feliz, enfim, feliz sem preocupações, sem obstáculos. O imenso castelo, os jardins, o parque e a floresta eram tão favoráveis ao amor! Lousteau encontrou na sra. de La Baudraye uma ingenuidade de sensações, uma inocência, se quisesdes, que a tornou original: o que ela ofereceu de excitante, de imprevisto, excedeu ao que se poderia esperar duma donzela. Lousteau foi sensível a uma lisonja que em quase todas as mulheres é uma comédia, mas que, em Diná, era sincera: ela aprendia com ele o amor, pois ele era realmente o primeiro em seu coração. Além disso, ele se esforçou por ser imensamente amável. Os homens, como também as mulheres, têm um repertório de recitativos, de cantilenas, de noturnos, de motivos, de reentradas (deve-se dizer de fórmulas, embora se trate de amor?) que eles acreditam ser de sua exclusiva propriedade. Os que chegam à idade de Lousteau procuram distribuir habilmente as peças desse tesouro na ópera duma paixão; vendo, porém, em sua aventura com Diná, apenas a conquista duma bela mulher, o parisiense quis gravar sua recordação em traços indeléveis no coração da baronesa e durante esse belo mês de outubro prodigalizou suas mais sedutoras melodias e suas mais sábias barcarolas. Esgotou, enfim, os recursos da encenação do amor, para nos servirmos duma dessas expressões deturpadoras da gíria teatral e que traduz admiravelmente bem essa manobra.

— Se essa mulher me esquecer — dizia às vezes para si mesmo, ao voltar com ela para o castelo após um longo passeio pelo bosque —, não lhe querei mal por isso, pois ela terá achado algo melhor!...

Quando duas criaturas, após terem gasto os duetos dessa deliciosa partitura, continuam a gostar uma da outra, pode-se dizer que se amam de verdade. Além disso, Lousteau não teria tempo para repetir-se, pois esperava deixar Anzy nos primeiros dias de novembro, visto

que seu folhetim o chamava a Paris. Antes do almoço, na véspera da projetada partida, o jornalista e Diná viram chegar o pequeno La Baudraye acompanhado dum artista de Nevers, um restaurador de esculturas.

— Que é que há? — perguntou Lousteau. — Que pensa fazer em seu castelo?

— Eis o que quero — respondeu o velhote, levando o jornalista, a esposa e o artista provinciano ao terraço.

Mostrou na fachada, acima da porta de entrada, um precioso cartucho sustido por duas sereias, muito semelhante ao que decora a arcada, atualmente condenada, pela qual se passava antigamente do Quai des Tuileries ao pátio de entrada do antigo Louvre e acima do qual se lia: BIBLIOTECA DO GABINETE DO REI. Esse cartucho apresentava o antigo escudo dos D'Uxelles que trazem *partido de ouro e de goles, com uma faixa entrecambada; como suportes, dois leões, o da destra de goles e o da sinistra de ouro; por timbre o elmo de cavaleiro com paquife dos esmaltes do escudo, encimado pela coroa ducal*. E como divisa *Cy paroist!*,^[357] frase altiva e sonora.

— Quero substituir as armas da casa D'Uxelles pelas minhas; e, como elas figuram seis vezes nas duas fachadas e nas duas alas, vamos ter muito que fazer.

— Suas armas tão recentes! — exclamou Diná. — E depois de 1830!...

— Não constitui um morgadio?

— Eu compreenderia esse projeto se o senhor tivesse filhos — disse-lhe o jornalista.

— Oh! — respondeu o velhote. — A sra. de La Baudraye é jovem, ainda há tempo.

Essa fatuidade fez sorrir Lousteau, que não compreendeu o sr. de La Baudraye.

— Então, *Didine* — disse ele ao ouvido da sra. de La Baudraye —, por que hás de ter remorsos?

Diná pediu e obteve um dia a mais e os dois amantes despediram-se à maneira desses teatros que levam duas vezes seguidas a última representação duma peça de sucesso. E quantas promessas trocadas!

Quantos pactos solenes exigidos por Diná e firmados sem dificuldade pelo impudente jornalista! Com a superioridade duma mulher superior, Diná acompanhou, à vista de todos, Lousteau até Cosne, em companhia da mãe e do pequeno La Baudraye. Quando, dez dias mais tarde, a sra. de La Baudraye recebeu em seu salão em La Baudraye os srs. de Clagny, Gatien e Gravier, aproveitou a oportunidade para dizer audaciosamente a cada um deles:

— Devo ao sr. Lousteau ter ficado sabendo que não era por mim mesma que me amavam.

E que cortes deu na pele dos homens, a propósito da natureza de seus sentimentos, do objetivo de seu vil amor etc.! Dos três apaixonados de Diná, o sr. de Clagny foi o único a dizer-lhe: “Amo-a apesar de tudo!...”. Assim, Diná tomou-o como confidente e prodigalizou-lhe todas as doçuras que as mulheres preparam para os Gurth[358] que assim carregam a cadeia duma adorada escravidão.

TERCEIRA PARTE

UMA DUPLA CORRENTE

XXXVI — O JORNALISTA VISTO DE PERTO

De volta a Paris, Lousteau perdeu em algumas semanas a lembrança dos belos dias passados no castelo de Anzy. Eis por quê: Lousteau vivia da pena. Neste século, e principalmente após a vitória duma burguesia que se resguarda de imitar Francisco I ou Luís XIV, viver da pena é um trabalho a que os forçados se negariam, pois prefeririam a morte. Viver da pena não é criar, criar hoje, amanhã, sempre... ou dar a impressão de criar? Ora, a aparência custa tão caro como a realidade! Além do seu folhetim num jornal diário, que parecia o rochedo de Sísifo e que desabava todas as segundas-feiras sobre a barba de sua pena, Estêvão trabalhava para três ou quatro jornais literários. Mas, podeis crer!, ele não punha nenhuma consciência artística em suas produções. O sancerrense pertencia, por sua leviandade, por sua negligência, se quisedes, a esse grupo de escritores conhecidos pelo nome de *professionais*. Na literatura, atualmente, em Paris, o *professional* é o homem que renunciou a todas as aspirações a uma posição qualquer. Quando não pode ou não consegue ser nada, o escritor se faz *professional*. Leva então uma vida bastante agradável. Os estreantes, as literatas, as atrizes que iniciam ou encerram sua carreira, os autores, os editores, todos lisonjeiam ou amimam essas penas que fazem tudo. Lousteau, tornado desfrutador, quase não tinha outra despesa além do aluguel da casa. Tinha camarotes em todos os teatros. A venda dos livros de que ele dava ou não dava notícia proporcionava-lhe uma verba suficiente para pagar a conta do luveiro; assim, dizia ele aos autores que se imprimiam por conta própria:

— Estou sempre com seus livros nas mãos.

Arrecadava taxas sobre o amor-próprio, representadas em desenhos e quadros. Todas suas tardes estavam tomadas por jantares, a noite pelo teatro, a manhã pelos amigos, por visitas ou passeios. Seu folhetim, seus artigos e as duas novelas que ele escrevia por ano para os semanários constituíam o imposto pago por essa existência venturosa. Estêvão lutara, entretanto, durante dez anos, para chegar a essa posição. Conhecido, enfim, em todos os meios literários, estimado pelo bem como pelo mal que praticava com uma irrepreensível bonomia, ele deixava o barco correr, despreocupado do futuro. Reinava no meio dum círculo de novatos, tinha amizades, isto é, hábitos que duravam há quinze anos, pessoas com as quais ceava, jantava e se divertia. Ganhava setecentos a oitocentos francos por mês, soma que a prodigalidade peculiar aos pobres tornava insuficiente. Assim, Lousteau ainda se sentia tão pobre como ao iniciar-se em Paris, quando pensava: “Como eu seria rico se ganhasse quinhentos francos por mês!”.

Eis a razão desse fenômeno. Lousteau morava à Rue des Martyrs, num belo rés do chão com jardim, magnificamente mobiliado. Quando se instalou ali, em 1833, fez uma compra a um estofador que restringiu seu bem-estar durante muito tempo. O apartamento custava duzentos francos de aluguel. Ora, os meses de janeiro, abril, julho e outubro eram, segundo sua expressão, meses miseráveis. O aluguel e as contas do porteiro levavam tudo. Nem por isso Lousteau saía menos de carro nem gastava uma centena de francos a menos em almoços; gastava trinta francos em charutos e não sabia recusar um jantar ou um vestido a suas amantes ocasionais. E, assim, avançava tanto sobre o produto sempre incerto dos meses seguintes que não era mais fácil ver cem francos sobre o aquecedor quando ganhava setecentos a oitocentos francos por mês do que quando ganhava apenas duzentos, em 1822. Cansado, às vezes, dessas vicissitudes da vida literária, farto de prazeres como uma cortesã, Lousteau se aborrecia com essa vida fácil, sentava-se à ribanceira e dizia a alguns íntimos, a Nathan, a Bixiou, [359] enquanto fumava um charuto ao fundo de seu jardimzinho, diante dum relvado sempre verde do tamanho duma mesa de refeições:

— Como acabaremos? Os cabelos brancos já nos estão fazendo suas

respeitosas intimações!...

— Ora, nós nos casaremos, quando quisermos ocupar-nos de nosso casamento como nos ocupamos dum drama ou dum livro — dizia Nathan.

— E Florina? — intervinha Bixiou.

— Todos nós temos uma Florina — dizia Estêvão, jogando o toco do charuto à relva e pensando na sra. Schontz.[360]A sra. Schontz era uma mulher bastante bonita para poder vender caro o usufruto de sua beleza e reservar sua nua propriedade a Lousteau, seu amigo íntimo. Como todas essas mulheres de vida equívoca conhecidas pelo nome de *lorettes*, tirado da igreja em torno da qual se agrupavam,[361] ela morava à Rue Fléchier, a dois passos de Lousteau. A sra. Schontz regalava seu amor-próprio afrontando as amigas com a declaração de ser amada por um homem inteligente. Esses detalhes sobre a vida e as finanças de Lousteau são necessários, pois essa penúria e essa existência de boêmio a quem o luxo parisiense era indispensável deviam influir cruelmente sobre o futuro de Diná.

XXXVII — COMO SE TROÇA DO VERDADEIRO AMOR

Os que conhecem a vida boêmia de Paris compreenderão como, ao fim de quinze dias, o jornalista, novamente mergulhado em seu meio literário, podia rir de sua baronesa, entre amigos e mesmo com a sra. Schontz. Quanto aos que acham infames tais processos, é mais ou menos inútil apresentar-lhes escusas inadmissíveis.

— Que fizeste em Sancerre? — perguntou Bixiou a Lousteau, quando se encontraram.

— Fiz um favor a três bravos provincianos, um recebedor de contribuições, um primo e um procurador do rei, que há dez anos — respondeu ele — andavam rondando uma dessas cento e uma décimas musas que adornam os departamentos, sem lhe tocar, como se fosse um desses bolos de sobremesa em que não se toca até que um espírito mais decidido o corte...

— Pobre rapaz! — exclamou Bixiou. — Bem eu dizia que ias a Sancerre para tratar de assuntos di... versos.

— Teu trocadilho é tão detestável quanto minha musa é bela, meu caro — respondeu ele. — Pergunta a Bianchon.

— Uma musa e um poeta — replicou Bixiou. — Tua aventura é um verdadeiro tratamento homeopático.

No décimo dia, Lousteau recebeu uma carta com o carimbo de Sancerre.

— Bem! Bem! — murmurou Lousteau. “Amigo querido, ídolo de meu coração e de minha alma...” — Vinte páginas de escrita! Uma folha por dia e datada à meia-noite! Escreve-me quando está só... Pobre mulher! Ah! Ah! *Post-scriptum*. “Não ousou pedir-te que me escrevas, como faço, todos os dias; espero, porém, receber de meu bem-amado duas linhas por semana, para tranquilizar-me...”. — Que pena queimar isto! Está muito bem escrito — disse Lousteau consigo, jogando as dez folhas ao fogo após tê-las lido. — Essa mulher nasceu para *fazer literatura*.

Lousteau pouco temia a sra. Schontz, de quem era amado *por si mesmo*; mas ele suplantara um amigo no coração duma marquesa. A marquesa, mulher muito independente, vinha às vezes de surpresa à sua casa, à noite, em fiacre, com o rosto coberto por um véu e se permitia, em sua qualidade de mulher de letras, remexer as gavetas. Oito dias mais tarde, Lousteau, que mal se recordava de Diná, foi abalado por outro maço de papéis de Sancerre: oito folhas! dezesseis páginas! Ouviu os passos duma mulher, pensou que fosse alguma visita domiciliar da marquesa e jogou as encantadoras e deliciosas provas de amor ao fogo... sem as ler.

— Uma carta de mulher! — exclamou a sra. Schontz ao entrar. — O papel e o lacre são perfumados...

— Para o senhor — disse um carregador da companhia de transportes, deixando na sala de espera duas enormes cestas. — Tudo está pago. Faça o favor de assinar o recibo.

— Tudo está pago! — exclamou a sra. Schontz. — Só pode ter vindo de Sancerre.

— Sim, senhora — disse o carregador.

— Tua décima musa é uma senhora de elevada inteligência — disse a mulher, abrindo uma cesta enquanto Lousteau assinava o recibo. —

Gosto duma musa que conhece a lida de casa, que faz ao mesmo tempo pastéis de tinta e pastéis de carne... Oh! Que lindas flores! — exclamou, ao abrir a segunda cesta. — Não há nada mais belo que isto em Paris... O quê! O quê! Uma lebre, perdizes, a metade dum cabrito! Convidaremos teus amigos e faremos um jantar formidável, pois Atália tem um jeito especial para preparar cabritos.

Lousteau respondeu a Diná; mas, em vez de responder com o coração, ele o fez com a inteligência. Assim, a carta foi ainda mais perigosa, parecia uma carta de Mirabeau a Sophie.[362] O estilo dos verdadeiros apaixonados é límpido. É uma água pura que deixa ver o fundo do coração entre duas margens ataviadas das nadas da vida, ornadas dessas flores que nascem cada dia e cujo encanto é inebriante, mas apenas para duas criaturas. Assim, sempre que a leitura duma carta de amor pode dar prazer a um terceiro, é porque saiu, seguramente, do cérebro, e não do coração. As mulheres, porém, sempre hão de se deixar iludir com tais cartas, pois julgam-se a fonte exclusiva desse brilho de estilo.

XXXVIII — UM CASAMENTO COMO SE DESFAZEM MUITOS

No fim de dezembro, Lousteau já não lia mais as cartas de Diná, que se foram acumulando numa gaveta sempre aberta da cômoda, sob as camisas, às quais perfumavam. Sucdera a Lousteau uma dessas aventuras a que os boêmios se devem agarrar com todas as forças. Em meados desse mês, a sra. Schontz, que se interessava muito por Lousteau, pediu-lhe que passasse por sua casa pela manhã para tratar de negócios.

— Querido, podes casar-te — disse-lhe ela.

— Todos os dias, querida, felizmente.

— Quando digo casar-te, falo em arranjar casamento vantajoso. Não tens preconceitos, não se precisa fingir comigo; eis o negócio: uma moça cometeu uma falta e a mãe não sabe nem do primeiro beijo. O pai é um honesto tabelião cheio de dignidade e teve a sensatez de calar-se. Quer casar a filha dentro de quinze dias, dá um dote de cento e cinquenta mil francos, pois tem outros filhos; além disso... nada mau!...

dá um suplemento de cem mil francos de mão beijada para indenizar a quebra. Trata-se duma antiga família da burguesia parisiense, do Quartier des Lombards...

— Ora, por que o amante não se casa?

— Morreu.

— Que romance! Só mesmo na Rue des Lombards acontecem essas coisas...

— Mas não vás pensar que um irmão zeloso tenha matado o sedutor!... O rapaz morreu estupidamente duma pleurisia que apanhou ao sair do teatro. Primeiro escrevente, e completamente pronto, o rapaz seduziu a moça para ficar com o cartório. Aí está uma vingança do céu!

— Por quem soubeste isso?

— Por Málaga.[363] O tabelião é o seu coronel.

— O quê! Então é Cardot,[364] filho daquele velhote de cabeleira empoadada e rabicho, o primeiro amigo de Florentina?[365]

— Precisamente. Málaga, cujo amante é um fedelho de dezoito anos, músico, não pode, em consciência, casá-lo nessa idade; ela ainda não tem nenhuma razão para querer-lhe mal. Além disso, o sr. Cardot quer um homem de trinta anos, pelo menos. Acho que o tabelião se sentirá muito honrado em ter por genro uma celebridade. Assim, pensa bem, meu caro! Pagas tuas dívidas, ficas com doze mil francos de renda e não precisas ter o aborrecimento de te tornares pai: vê quantas vantagens! E, além disso, desposas uma viúva consolável. A família tem cinquenta mil francos de renda, além do cargo; assim, não poderás deixar de ter um dia mais quinze mil francos de renda e ficarás pertencendo a uma família que, politicamente, está numa bela posição. Cardot é cunhado do velho Camusot,[366] o deputado, que esteve durante tanto tempo com Fanny Beaupré.[367]

— Sim — disse Lousteau —, o velho Camusot casou-se com a filha mais velha do finado tio Cardot e faziam suas farras juntos.

— A sra. Cardot, a tabeliã — acrescentou a sra. Schontz —, é uma Chiffreville, fabricante de produtos químicos, a aristocracia atual, imagina! Esse é o lado mau: terás uma sogra terrível... Oh! Uma mulher capaz de matar a filha se soubesse *em que estado*... Essa Cardot

é devota, seus lábios são duas garantias dum passado puro... Um gozador como tu nunca seria aceito por aquela mulher, que, com boa intenção, espionaria tua vida de rapaz e descobriria todo teu passado; dizem, porém, que Cardot empregará sua autoridade paterna. O pobre homem será obrigado a mostrar-se amável, durante alguns dias, com sua mulher, uma mulher de pau, meu caro; Málaga, que a viu, denominou-a instrumento de suplício. Cardot tem quarenta anos, será administrador de seu distrito e talvez chegue a deputado. Ele oferece, em vez dos cem mil francos, uma linda casa à Rue Saint-Lazare, com jardim e quintal, que lhe custou apenas sessenta mil francos na crise de julho. Ele simulará uma venda e isso te dará a oportunidade de ir à sua casa, ver a moça, agradar a mãe... A casa te dará prestígio aos olhos da sra. Cardot. Serás, enfim, um príncipe nesse pequeno palácio. Com a influência de Camusot, farás com que te nomeiem bibliotecário dum ministério que não tenha livros. Ou então, se colocares esse dinheiro em caução de jornal, ficarás com dez mil francos de renda, pois isso te dará seis mil e a biblioteca quatro mil... Pode haver coisa melhor? Se te casasses com um cordeiro sem mancha, ele se poderia transformar numa mulher leviana no fim de dois anos... Que é isso para ti, então? Apenas um dividendo antecipado. É a moda! Se quiseses, iremos jantar amanhã na casa de Málaga. Lá verás teu sogro, ele pensará que a indiscrição foi cometida por Málaga, contra quem não se pode zangar, e então o dominarás. Quanto à tua esposa... Ora!... Sua falta te permite continuar solteiro...

— Ah! Tua linguagem não é nada hipócrita.

— Amo-te por ti mesmo, eis tudo, e raciocino. Então, que é que te faz ficares aí como um Abd-el-Kader de cera?[368] Não há o que pensar. O casamento é cara ou coroa. Então, tiraste coroa?

— Terás minha resposta amanhã — disse Lousteau.

— Eu preferiria que fosse agora. Málaga preparará tudo esta tarde. Pois bem, sim...

Lousteau passou a tarde a escrever à marquesa uma longa carta, na qual lhe expunha as razões que o obrigavam a casar-se: sua constante pobreza, a indolência de sua imaginação, os cabelos brancos, sua fadiga moral e física, enfim, quatro páginas de motivos.

— Quanto a Diná, mandarei uma participação — disse consigo. — Como diz Bixiou, não há ninguém como eu para acabar com uma paixão...

XXXIX — UMA PÉROLA

Lousteau, que no primeiro momento se enchera de escrúpulos, chegara, no dia seguinte, a temer que o casamento falhasse. Assim, mostrou-se encantador com o tabelião.

— Conheci seu pai — disse-lhe — na casa de Florentina e devia ter conhecido o senhor na casa da srta. Turquet. Filho de peixe sabe nadar. Era muito bom rapaz, e filósofo, o tio Cardot, pois, permita-me, era assim que o chamávamos. Naquele tempo, Florina, Florentina, Túlia, [369] Corália[370] e Marieta[371] eram como os cinco dedos da mão... E já lá vão quinze anos... Compreende o senhor que a época das minhas loucuras já passou... Naquele tempo, o prazer arrebatava-me e hoje tenho ambições; estamos numa época em que, para vencer, precisamos ser livres de dívidas, ter uma fortuna, esposa e filhos. Se eu pagar impostos e for proprietário de meu jornal, em vez de ser apenas redator, chegarei a deputado, como tantos outros!

O tabelião Cardot gostou dessa profissão de fé. Lousteau fizera esforços para agradar ao tabelião e conseguiu-o, pois este, como é fácil conceber, teve mais franqueza com um homem que conhecera os segredos da vida de seu pai do que teria tido com qualquer outro. No dia seguinte, Lousteau foi apresentado como comprador da casa da Rue Saint-Lazare, no seio da família Cardot, e jantou com ela três dias mais tarde.

Cardot morava numa velha casa próxima à Place Châtelet. Tudo lá era ordinário. A economia cobrira as menores douraduras com gazes verdes. Os móveis estavam encapados. Se, por um lado, a abundância da casa não dava lugar à mínima preocupação, por outro, dava desejo de bocejar desde a primeira meia hora. O tédio espalhava-se por todos os móveis. Os cortinados caíam tristemente. A sala de refeições parecia a do *Avarento*. Mesmo que Lousteau já não conhecesse Málaga, à simples inspeção da casa teria descoberto que a existência do tabelião

decorria em outro teatro. O jornalista viu uma moça alta e loura, de olhos azuis, tímida e lânguida ao mesmo tempo. Lousteau agradou ao irmão mais velho, quarto escrevente do cartório, a quem a glória literária atraía em suas armadilhas e que devia ser o sucessor de Cardot. A caçula tinha doze anos. Lousteau, enfeitado com um arzinho jesuítico, fingiu-se de religioso e monarquista com a mãe, mostrou-se sóbrio, amável, sério, lisonjeador.

Vinte dias após a apresentação, no quarto jantar, Felícia Cardot, que estudava Lousteau com o canto dos olhos, levou-lhe o café a um vão da janela e disse-lhe em voz baixa, com lágrimas nos olhos:

— Toda minha vida, senhor, será empregada em agradecer sua dedicação por uma pobre moça...

Lousteau comoveu-se, tantas coisas havia no olhar, na inflexão da voz, na atitude.

— Ela faria a felicidade dum homem de bem — disse ele consigo, apertando-lhe a mão como resposta.

A sra. Cardot via no genro um homem cheio de futuro; entre todas as belas qualidades que lhe atribuíra, a que mais a encantava era a moralidade. Instigado pelo velhaco tabelião, Estêvão dera sua palavra de honra de que não tinha filho natural nem ligação alguma que pudesse comprometer o futuro da querida Felícia.

— O senhor pode achar-me um pouco exagerada — dizia a beata ao jornalista. — Mas, quando se dá uma pérola como minha Felícia a um homem, deve-se zelar por seu futuro. Não sou dessas mães que ficam encantadas por livrar-se dos filhos. O sr. Cardot precipita-se, apressa o casamento da filha, quereria vê-lo realizado. É a única coisa em que discordamos... É verdade que com um homem como o senhor, um literato cuja mocidade foi preservada da desmoralização atual pelo trabalho, a gente pode ficar descansada; apesar disso, o senhor zombaria de mim se eu casasse minha filha de olhos vendados. Sei muito bem que o senhor não é inocente, e eu me aborreceria se o fosse, por causa de Felícia. — Disse-lhe ao ouvido: — Mas, se o senhor tem alguma ligação... Repare, o senhor já deve ter ouvido falar da sra. Roguin,^[372] esposa dum tabelião, que, desgraçadamente para nossa classe, teve uma celebridade tão cruel. Ela está ligada, desde 1820, com

um banqueiro...

— Sim, Du Tillet[373] — respondeu Estêvão, que mordeu a língua ao perceber a imprudência com que confessara conhecer Du Tillet.

— Pois bem, se o senhor fosse mãe, não estremeceria ao pensar que sua filha podia ter a sorte da sra. Du Tillet? Na sua idade, e nascida Granville, ter como rival uma mulher de mais de cinquenta anos!... Eu preferiria ver minha filha morta a dá-la a um homem que tivesse relações com uma mulher casada... Uma rapariga, uma mulher de teatro, pega-se hoje e deixa-se amanhã! Segundo penso, essas mulheres não são perigosas, o amor é um meio de vida para elas, não pertencem a ninguém; se perdem um, logo encontram dois!... Mas uma mulher que faltou a seus deveres tem de se apegar à sua falta, só é desculpável por sua constância, se é que semelhante crime pode ser desculpável! E assim, pelo menos, que entendo a falta duma mulher honesta, e é isso que a torna tão temível...

Em vez de investigar o sentido dessas palavras, Estêvão pôs-se a gracejar na casa de Málaga, para onde se dirigiu com o futuro sogro, pois o tabelião e o jornalista deram-se muito bem um com o outro.

XL — SANCTA SIMPLICITAS

Lousteau já se arvorava em homem importante diante dos amigos; sua vida ia, finalmente, ter um sentido, a sorte o bafejava, dentro de poucos dias ia tornar-se proprietário de um encantador palacete à Rue Saint-Lazare, ia casar-se, desposar uma mulher encantadora e passaria a ter cerca de vinte mil francos de renda; poderia dar asas a sua ambição; era amado pela moça, ia pertencer a várias famílias importantes. Navegava, enfim, com as velas soltas, no lago azul da esperança. A sra. Cardot mostrara desejos de ver as gravuras de *Gil Blas*,[374] um desses livros *ilustrados* que os editores franceses então estavam começando a publicar, e Lousteau, na véspera, enviara os primeiros fascículos à sra. Cardot. A tabelião tinha um plano, pedira o livro unicamente para devolvê-lo, queria um pretexto para ir de surpresa à casa do futuro genro. Vendo seu apartamento de solteiro, que o marido lhe descrevia como encantador, ela ficaria sabendo mais, dizia, do que tudo quanto

lhe contassem sobre os costumes de Lousteau. Sua cunhada, sra. Camusot, que ignorava o fatal segredo, via com temor esse casamento. O sr. Camusot, conselheiro da Corte real, filho dum primeiro matrimônio, dissera à sogra, irmã do tabelião Cardot, coisas pouco lisonjeiras a respeito do jornalista. Lousteau, homem tão inteligente, não achou nada extraordinário que a esposa de um rico tabelião quisesse ver um volume de quinze francos antes de comprá-lo. Um homem de espírito nunca se rebaixa a examinar os burgueses, que lhe escapam justamente graças a essa falta de atenção; e, enquanto ele ri à sua custa, eles têm tempo de enredá-lo.

Num dos primeiros dias de janeiro de 1837, a sra. Cardot e a filha tomaram, pois, um carro de aluguel e dirigiram-se à Rue des Martyrs a fim de devolver os fascículos de *Gil Blas*, ao noivo de Felícia, encantadas ambas de ir conhecer o apartamento de Lousteau. Essas visitas domiciliares são habituais nas antigas famílias burguesas. O porteiro de Estêvão não estava; mas sua filha, ao saber da digna burguesa que estava falando com a sogra e a noiva do sr. Lousteau, entregou-lhes a chave do apartamento com satisfação tanto maior porque a sra. Cardot lhe pusera uma moeda de ouro na mão. Era cerca de meio-dia, hora em que o jornalista voltava do almoço no Café Anglais. Ao transpor o espaço que existe entre Notre Dame de Lorette e a Rue des Martyrs, Lousteau viu por acaso um carro que subia pela Rue du Faubourg Montmartre e julgou ter tido uma visão ao perceber dentro dele o rosto de Diná! Ficou enregelado de pasmo ao encontrar efetivamente sua Didine à portinhola.

— Que vens fazer aqui?! — exclamou ele.

Não podia usar *senhora* para uma mulher a quem queria mandar de volta.

— Meu amor! — exclamou ela. — Então não leste minhas cartas?...

— Sim — respondeu Lousteau.

— E então?

— E então?

— És pai — respondeu a provinciana.

— Bah! — exclamou ele, sem se importar com a crueldade da exclamação. “Enfim”, pensou, “é preciso prepará-la para a catástrofe.”

Fez um sinal ao cocheiro para parar, deu a mão à sra. de La Baudraye e deixou o cocheiro com o carro cheio de malas, decidido a mandar de volta a mulher com toda a bagagem.

— Senhor! Senhor! — gritou a pequena Pamela.

A menina era inteligente e sabia que três mulheres não se devem encontrar num apartamento de rapaz.

— Bem! Bem! — disse o jornalista, conduzindo Diná.

Pamela julgou então que aquela mulher desconhecida fosse uma parenta. Acrescentou, contudo:

— A chave está na porta, sua noiva e a mãe estão lá.

Em sua perturbação e com os ouvidos cheios de miríades de frases que a sra. de La Baudraye lhe dizia, Estêvão entendeu: *Minha mãe está lá*, única coisa que lhe pareceu possível, e entrou. A noiva e a sogra, que estavam no quarto de dormir, agacharam-se a um canto ao ver Estêvão com uma mulher.

— Enfim, meu Estêvão, meu anjo, sou tua para sempre! — exclamou Diná, saltando-lhe ao pescoço e abraçando-o, enquanto ele passava a chave pelo lado de dentro. — A vida era uma perpétua agonia para mim, no castelo de Anzy. Eu não suportava mais e, no dia em que foi preciso declarar o que hoje constitui minha felicidade, não tive mais forças para resistir. Trago-te tua mulher e teu filho! Oh! Não me escreveste! Deixaste-me dois meses sem notícias!...

— Mas, Diná, tu me metes num embaraço...

— Tu me amas?...

— Como não te amaria!... Mas não seria melhor teres ficado em Sancerre?... Vivo aqui na mais profunda miséria e tenho medo de que venhas a sofrê-la também...

— Tua miséria será o paraíso para mim. Quero viver aqui, sem nunca sair...

— Meu Deus, isso é bonito de dizer, mas...

Diná sentou-se e pôs-se a chorar ao ouvir essa frase rudemente pronunciada. Lousteau não pôde resistir a essa explosão, estreitou a baronesa nos braços e beijou-a.

— Não chores, Didine! — exclamou.

Ao soltar essa frase, o folhetinista viu no espelho o vulto da sra.

Cardot, que, do fundo do quarto, o observava.

— Está bem, Didine, vai com Pamela mandar descarregar tuas malas — disse-lhe ao ouvido. — Vai, não chores mais, seremos felizes. Acompanhou-a até a porta e aproximou-se da tabeliã para conjurar a tempestade.

— Meu senhor — disse-lhe a sra. Cardot —, felicito-me por ter tido a ideia de examinar o apartamento daquele que ia ser meu genro. Mesmo que minha Felícia tenha de morrer, não será esposa dum homem como o senhor. O senhor tem de cuidar da felicidade de sua Didine.

E a beata saiu levando Felícia, que chorava, pois já se afeiçoara a Lousteau. A terrível sra. Cardot subiu ao carro fitando com insolência a pobre Diná, que ainda sentia no coração a punhalada do “Isso é bonito de dizer”, mas que, como todas as mulheres apaixonadas, acreditava, apesar de tudo, no “Não chores, Didine!”. Lousteau, a quem não faltava essa decisão especial conferida pelas vicissitudes duma vida agitada, disse consigo:

— Didine tem nobreza; uma vez inteirada de meu casamento, se imolará ao meu futuro e sei como fazer para que ela seja informada.

XLI — O SR. BIXIOU DESEMPENHANDO O PAPEL DE GÉRONTE

Contente por encontrar um ardil cujo êxito lhe pareceu certo, pôs-se a dançar ao som duma ária muito conhecida: *Larifla fla fla!*

— Depois, quando Didine for despachada — continuou, sempre falando sozinho —, irei fazer uma visita e um romance à sra. Cardot: direi que seduzi sua filha em Sanint-Eustache... Felícia, culpada por amor, guarda no coração o penhor da nossa felicidade... e... larifla fla fla!... O pai não pode desmentir-me, fla fla... nem a filha... larifla! *Ergo*, o tabelião, a esposa e a filha estão no papo, larifla fla fla!

Com grande espanto, Diná surpreendeu Estêvão dançando uma dança extravagante.

— Tua chegada e nossa felicidade deixaram-me ébrio de alegria — disse-lhe, explicando, assim, seu gesto de desatino.

— E eu que já não me julgava amada! — exclamou a pobre mulher, soltando o saco de viagem que trazia e chorando de alegria na poltrona onde se deixou cair.

— Fica à vontade, meu anjo — disse Estêvão, rindo sozinho —, tenho que escrever um bilhete para desobrigar-me dum compromisso com amigos, pois quero ser todo teu. Ordena, estás em tua casa.

Estêvão escreveu a Bixiou:

Meu caro, minha baronesa chegou de surpresa e vai fazer-me perder o casamento se não pusermos em cena um dos ardis mais conhecidos das mil e uma comédias musicadas do Gymnase.[375] Conto contigo, portanto, para vires, como o ancião de Molière, censurar teu sobrinho Leandro por sua tolice,[376] enquanto a décima musa estiver escondida no meu quarto. É preciso prendê-la pelos sentimentos, bate com força, sê mau, ofende-a. Quanto a mim, compreendes, expresso uma dedicação cega e serei surdo para te dar o direito de gritar. Vem, se puderes, às sete horas.

Teu

ESTÊVÃO LOUSTEAU

Logo que mandou a carta, por um mensageiro, ao parisiense que gostava, mais que tudo, dessas brincadeiras que os artistas denominam *mistificações*, Lousteau mostrou-se interessado em instalar em casa a Musa de Sancerre; ocupou-se da arrumação da bagagem que ela trouxera, falou-lhe das pessoas e das coisas da casa com tão perfeita boa-fé, com um prazer que transbordava tão claramente em palavras e carícias que Diná pôde considerar-se a mulher mais amada do mundo. O apartamento, onde as menores coisas tinham o cunho da última moda, agradava-lhe muito mais que seu castelo de Anzy. Pamela Migeon, a inteligente menina de catorze anos, foi interrogada pelo jornalista sobre se queria ser a criada de quarto da imponente baronesa. Pamela, encantada, entrou imediatamente em serviço, indo encomendar o jantar a um restaurante da avenida. Diná percebeu, então, a pobreza oculta sob o luxo puramente exterior daquela moradia de rapaz, pois não via ali nenhum dos utensílios necessários à vida. Enquanto tomava posse dos armários, das cômodas, concebeu os mais doces projetos, mudaria os hábitos de Lousteau, torná-lo-ia caseiro,

completaria seu bem-estar em casa. A novidade de sua situação ocultava a Diná o infortúnio que representava, pois ela via num mútuo amor a absolvição de sua falta e ainda não alongava o olhar para além do apartamento. Pamela, inteligente como uma cortesã, foi imediatamente à casa da sra. Schontz pedir-lhe a prataria, contando-lhe o que acabara de suceder a Lousteau. Após ter posto tudo quanto tinha em casa à disposição de Pamela, a sra. Schontz correu à casa de Málaga, sua amiga íntima, a fim de prevenir Cardot da desgraça que acontecera a seu futuro genro. Sem se preocupar com a crise que ameaçava seu casamento, o jornalista mostrou-se cada vez mais amável com a mulher provinciana. O jantar deu lugar a uma dessas deliciosas infantilidades dos amantes que se veem livres e felizes por poderem ser inteiramente um do outro. Depois de tomarem o café, Lousteau tinha sua Diná sobre os joelhos, diante do aquecedor, quando Pamela apareceu muito assustada.

— Aí está o sr. Bixiou! Que é que devo dizer-lhe? — perguntou ela.

— Entra no quarto — disse o jornalista à amante. — Logo o mandarei de volta. É um dos meus mais íntimos amigos, a quem, aliás, preciso confessar meu novo gênero de vida.

— Olá! Dois talheres e um chapéu de veludo azul! — exclamou o camarada. — Bem, vou andando... Aí está o que é a gente casar-se. Faz as despedidas. Como a gente se sente rica quando muda de casa, hein?

— Então vou me casar? — disse Lousteau.

— Como! Não vais mais te casar?! — exclamou Bixiou.

— Não!

— Não? Ora essa! Que te aconteceu? Acaso vais fazer alguma asneira? Quê!... Tu que, por uma bênção do céu, encontraste vinte mil francos de renda, um palácio, uma mulher que pertence às principais famílias da alta burguesia, uma mulher, enfim, da Rue des Lombards...

— Basta, basta, Bixiou. Tudo está acabado. Vai-te embora!

— Ir embora, eu? Tenho direitos, como amigo, e abusarei deles. Que te aconteceu?

— Aquela senhora de Sancerre chegou, vai ser mãe e vamos viver juntos o resto da vida... Amanhã saberias de tudo, é melhor que te conte hoje mesmo.

— Quantas telhas me caem na cabeça!, como diz Arnal![377] Mas, se essa mulher te ama de verdade, meu caro, ela voltará para o lugar de onde veio. Já viste uma provinciana dar-se bem em Paris? Ela te fará sofrer de todos os modos em teu amor-próprio. Esqueces o que é uma mulher provinciana? Ela tornará tua felicidade tão aborrecida como a desgraça e empregará mais talento em tornar-se desagradável do que o de que necessita uma parisiense para fazer-se encantadora. Escuta, Lousteau! Que a paixão te faça esquecer a época em que vivemos eu compreendo; mas eu, teu amigo, não tenho a venda mitológica sobre os olhos... Pois bem, examina tua situação! Rolas, há quinze anos, pela vida literária, já não és moço e tens caminhado tanto que já estás com as solas gastas!... Sim, meu caro, fazes como os garotos de Paris, que, para esconder os buracos das meias, os entopem. E já estás com os sapatos cambaios! Sim, teus gracejos estão velhos. Tua frase está mais conhecida do que um remédio secreto...

— Digo-te como o regente ao cardeal Dubois:[378] *Chega de pontapés assim!* — disse Lousteau em voz baixa.

— Oh, velho rapaz — replicou Bixiou —, estás sentindo o ferro do operador na tua ferida! Estás esgotado, não é? Pois bem, no ardor da mocidade, sob a pressão da miséria, que ganhaste? Não estás na primeira linha nem tens mil francos que te pertençam. Tal é tua situação, em algarismos. Poderás, acaso, no declínio de tuas forças, manter pela pena uma casa, sabendo que tua mulher, se for honesta, não terá os recursos duma cortesã para arrancar *uma nota de mil* das profundidades onde os homens as guardam? Estás mergulhando no *terceiro porão* do teatro social... E esse é apenas o lado financeiro. Vejamos o lado político. Estamos navegando numa época essencialmente burguesa, em que a honra, a virtude, a delicadeza, o talento, a sabedoria, o gênio, numa palavra, consiste em pagar as contas, não dever nada a ninguém e saber fazer pequenos negócios. Sê metódico, sê decente, constitui família, paga alugueis e impostos, cumpre teu dever, sê igual a todos os fuzileiros de tua companhia e poderás aspirar a tudo, tornar-te ministro, e tens possibilidades disso, pois não és um Montmorency![379] Ias preencher todas as condições necessárias para ser um político, poderias cometer todas as baixezas

exigidas pelo cargo, mesmo fingir a mediocridade, pois parecerias quase natural. E, por uma mulher que te abandonará, ao termo de todas as paixões eternas, em três, cinco ou sete anos, após teres consumido tuas últimas forças intelectuais e físicas, dás as costas à santa família, à Rue dos Lombards, a todo um futuro político, a trinta mil francos de renda, à consideração... É assim que devia acabar um homem que não tinha mais ilusões?... Farias um arranjo com uma atriz que te tornaria feliz, eis o que se chama uma questão de gabinete; mas viver com uma mulher casada!... É sacar a descoberto sobre a desgraça! É aguentar todos os aborrecimentos do vício sem desfrutar seus prazeres...

— Basta, estou te dizendo, tudo isso acaba por uma simples frase: amo a sra. de La Baudraye e prefiro-a a todas as fortunas do mundo, a todas as posições... Deixei-me arrastar por uma rajada de ambição... mas tudo cede à ventura de ser pai.

— Ah! Agora deste para te fazeres pai? Mas, desgraçado, nós somente somos pais dos filhos de nossas esposas legítimas! Que é que significa um menino que não leva nosso nome? É o último capítulo dum romance! Arrebatarão teu filho! Já vimos isso em vinte comédias, nos últimos dez anos... A sociedade, meu caro, cairá em cima de vós, cedo ou tarde. Relê *Adolfo*. Oh! Meu Deus! Já vos estou vendo quando vos conhecerdes bem, vejo-vos, infelizes pés-rapados, sem consideração, sem fortuna, debatendo-vos como os acionistas duma comandita logrados pelo gerente! Vosso gerente é a felicidade!

— Nem mais uma palavra, Bixiou.

— Mas estou apenas começando. Escuta, meu caro. Tem-se atacado muito o casamento nos últimos tempos; como, porém, além da vantagem de ser a única maneira de estabelecer as heranças, ele oferece aos belos rapazes sem dinheiro o único meio de fazer fortuna em dois meses, ele resiste a todos os seus inconvenientes! Não há nenhum rapaz que cedo ou tarde não se arrependa de ter perdido por culpa própria um casamento de trinta mil francos de renda...

— Não queres compreender-me! — exclamou Lousteau, com uma voz exasperada. — Vai-te... Ela está aqui...

— Perdão! Por que não mo disseste antes?... És maior... e ela

também — acrescentou, num tom mais baixo, mas suficientemente alto para ser ouvido por Diná. — Vais ver como ela fará com que te arrependas de sua felicidade...

— Se isto é uma loucura, quero cometê-la... Adeus!

— Homem ao mar! — gritou Bixiou.

— Que o diabo leve esses amigos que se julgam com direito de censurar-nos — disse Lousteau, abrindo a porta do quarto, onde viu, sobre uma poltrona, a sra. de La Baudraye acabrunhada, enxugando os olhos com um lençinho bordado.

— Que vim fazer aqui? — disse ela. — Oh! Meu Deus! Por quê?... Estêvão, não sou tão provinciana como pensas... Estás zombando de mim.

— Anjo querido — respondeu Lousteau, tomando Diná nos braços, levantando-a da poltrona e levando-a quase morta para a sala de visitas —, alteramos ambos nosso futuro, é um sacrifício em troca de outro sacrifício. Enquanto eu amava em Sancerre, casavam-me aqui; mas eu resistia... sentia-me muito infeliz.

— Oh! Vou-me embora! — exclamou Diná, levantando-se como uma louca e dando dois passos em direção da porta.

— Ficarás, minha Didine, tudo acabou. Ora! Essa fortuna será um negócio tão bom assim? Teria que casar-me com uma loura gorda de nariz vermelho, filha dum tabelião, e aturar uma sogra que bateria a sra. Piédefer em matéria de devoção!...

Pamela entrou correndo na sala e disse ao ouvido de Lousteau:

— A sra. Schontz!...

Lousteau levantou-se, deixou Diná no divã e saiu.

— Tudo está acabado, meu totozinho — disse-lhe a cortesã. — Cardot não quer brigar com a mulher por causa dum genro. A beata fez uma cena... uma cena *sterling*! [\[380\]](#) E, por fim, o atual primeiro escrevente, que há dois anos era ajudante do primeiro, aceita a filha e o cartório.

— Que canalha! — exclamou Lousteau. — Como! Decidiu-se em duas horas apenas?...

— Meu Deus, isso é muito simples. O rapaz, que conhecia o segredo do falecido primeiro escrevente, descobriu a situação do patrão através

de algumas palavras da discussão com a sra. Cardot. O tabelião conta com tua dignidade e tua discrição, pois tudo já está combinado. O escrevente, cuja conduta é excelente (ele se dava ao luxo de ir à missa, um hipocritazinho completo!), agrada à tabeliã. Cardot e tu ficareis amigos. Ele vai ser diretor duma companhia financeira colossal e poderá prestar-te serviços. Ah! Despertas dum belo sonho!

— Perco uma fortuna, uma esposa e...

— Uma amante — disse a sra. Schontz, sorrindo —, pois estás agora mais do que casado, ficarás entediante, estarás sempre querendo voltar para casa, não terás mais nada desalinhado, nem nas roupas nem na conduta; além disso, meu Artur comporta-se muito bem, preciso ser-lhe fiel e romper com Málaga. Deixa-me vê-la pelo buraco da fechadura! — pediu a mulher. — Não há mais belo animal no deserto! — exclamou ela. — Foste roubado! É imponente, é seca, é choramingas, falta-lhe o turbante de Lady Dudley.[381]

Dito isso, saiu.

— Que é que há ainda? — perguntou a sra. de La Baudraye, a cujo ouvido haviam chegado o frufu do vestido de seda e os murmúrios duma voz de mulher.

— O que há, meu anjo — exclamou Lousteau —, é que estamos indissoluvelmente unidos! Vieram trazer-me uma resposta verbal à carta que me viste escrever e pela qual eu rompia meu noivado...

— Era esse então o compromisso de que te querias desobrigar?

— Sim!

— Oh! Serei mais que tua esposa, dou-te minha vida, quero ser tua escrava! — disse a pobre criatura iludida. — Não pensava que me fosse possível amar-te ainda mais!... Não serei, assim, um simples acidente em tua vida, serei toda tua vida!

— Sim, minha bela, minha nobre Didine...

— Jura-me — acrescentou ela — que só nos separaremos pela morte!...

Lousteau quis embelezar seu juramento com as mais sedutoras carícias. Eis por quê:

Enquanto ia da porta de seu apartamento, onde recebera o beijo de despedida da amante, à da sala, onde jazia a musa abalada por tantos choques sucessivos, Lousteau se recordara do precário estado de saúde do pequeno La Baudraye, de sua grande fortuna e dessa frase de Bianchon a respeito de Diná: “Será uma viúva rica!”. E disse consigo:

— Prefiro cem vezes a sra. de La Baudraye a Felícia para esposa!

Assim, tomou partido imediatamente. Resolveu tornar a fingir amor com uma admirável perfeição. Seu infame plano e sua falsa violenta paixão tiveram desastrosos resultados. Realmente, durante sua viagem de Sancerre a Paris, a sra. de La Baudraye projetara morar num apartamento próprio, a dois passos de Lousteau; mas as provas de amor que o amante acabava de dar-lhe renunciando àquele belo futuro e, principalmente, a completa ventura daquele casamento ilegal impediram-na de falar nessa separação. O dia seguinte devia ser, como foi, uma festa, no meio da qual fazer uma proposta dessas a *seu anjo* causaria a mais horrível discordância. De seu lado, Lousteau, que queria manter Diná sob sua dependência, conservou-a numa contínua embriaguez, por meio de festas. Esses acontecimentos impediram essas duas criaturas tão delicadas de evitar o lamaçal em que caíram numa insensata coabitação, de que, infelizmente, há tantos exemplos, em Paris, no mundo literário.

Cumpriu-se, assim, nos mínimos detalhes, o programa do amor provinciano, tão escarnecedoramente traçado pela sra. de La Baudraye a Lousteau e de que nenhum dos dois se lembrou. A paixão é surda-muda de nascença.

Esse inverno foi, assim, em Paris, para a sra. de La Baudraye, o que o mês de outubro fora para ela em Sancerre. Estêvão, para iniciar *sua mulher* na vida parisiense, entremeou essa nova lua de mel de espetáculos de teatro, a que Diná só quis assistir de frisa. No começo, a sra. de La Baudraye manteve alguns vestígios de seu recato provinciano, teve receio de ser vista, ocultou sua felicidade. Dizia: “O sr. de Clagny e o sr. Gravier são capazes de seguir-me!”. Temia Sancerre em Paris. Lousteau, cujo amor-próprio era imenso, fez a educação de Diná, levou-a às melhores modistas e mostrou-lhe as jovens senhoras que então estavam na moda, recomendando-lhe que

as tomasse por modelo. Assim, a aparência provinciana da sra. de La Baudraye se modificou rapidamente. Lousteau recebeu dos amigos cumprimentos por sua conquista. Durante essa temporada, Lousteau pouco produziu na literatura e se endividou enormemente, embora a ativa Diná tivesse empregado todas as suas economias no vestuário e estivesse certa de não ter causado a mínima despesa a seu amado. No fim de três meses, Diná aclimatara-se, embriagara-se de música nos Italiens, conhecia os repertórios de todos os teatros, seus atores, os jornais e todos os gracejos da época; acostumara-se a essa vida de contínuas emoções, a essa corrente vertiginosa em que tudo se esquece. Já não alongava o pescoço nem arrebitava o nariz, como uma estátua do Espanto, a propósito das constantes surpresas que Paris oferece aos estranhos. Sabia respirar o ar dessa atmosfera espiritual, animada, fecunda, onde as pessoas de espírito se sentem no seu elemento e não podem deixá-la. Uma manhã, ao ler os jornais, pois Lousteau recebia todos, duas linhas recordaram-lhe Sancerre e seu passado, duas linhas a que ela não era estranha e que diziam o seguinte:

O sr. barão de Clagny, procurador do rei junto ao Tribunal de Sancerre, foi nomeado substituto do procurador-geral junto à Corte Real de Paris.

— Como te ama esse virtuoso magistrado! — disse, sorrindo, o jornalista.

— Pobre homem! — respondeu ela. — Que é que eu te dizia? Ele me segue.

Estêvão e Diná encontravam-se, então, na fase mais brilhante e mais completa da paixão, nesse período em que os amantes já se habituaram perfeitamente um ao outro e, não obstante, o amor conserva seu sabor. Conhecem-se, mas ainda não se compreenderam, não penetraram muitas vezes nos mesmos recantos da alma, não se estudaram o suficiente para prever, como mais tarde, a ideia, as palavras e o gesto a propósito tanto dos maiores como dos menores fatos. Vivem num encantamento, ainda não houve nenhum choque nem divergências de opinião nem olhares indiferentes. As almas marcham constantemente

do mesmo lado. Além disso, Diná dizia a Lousteau estas mágicas palavras acompanhadas de expressão, desses olhares mais mágicos ainda que todas as mulheres encontram nesses momentos:

— Mata-me quando não me amares mais. Se não me amasses mais, creio que poderia matar-te e matar-me em seguida.

A esses deliciosos exageros, Lousteau respondia:

— Tudo o que peço a Deus é que te dê a mesma constância que tenho. Serás tu que me abandonarás!

— Meu amor é absoluto...

— Absoluto — repetiu Lousteau. — Vejamos! Sou arrastado a uma festa de rapazes, lá encontro uma de minhas antigas amantes, que zomba de mim; por vaidade, banco o homem livre e só volto para casa no outro dia pela manhã... Continuarias a amar-me?

— Uma mulher só pode ter certeza de ser amada quando é preferida e, uma vez que voltasses... Oh! Fazes-me compreender a felicidade de perdoar uma falta a quem se adora...

— Pois bem, então estou sendo amado pela primeira vez na vida! — exclamava Lousteau.

— Até que enfim o notaste! — respondia ela.

Lousteau propôs que escrevessem uma carta em que cada um deles exporia as razões que o teriam levado a suicidar-se; e, de posse dessa carta, cada um poderia matar sem risco o infiel. Apesar do combinado, nenhum deles escreveu sua carta. Momentaneamente feliz, o jornalista prometia-se enganar Diná quando estivesse cansado dela e de tudo sacrificar às exigências desse engano. Para ele, a sra. de La Baudraye representava uma fortuna. Contudo, ele teve de suportar um jugo. Casando-se, assim, a sra. de La Baudraye demonstrou a nobreza de suas ideias e essa força conferida pelo respeito de si mesmo. Nessa completa intimidade, em que cada um tira sua máscara, a jovem senhora conservou o pudor, mostrou sua corajosa probidade e essa força particular aos ambiciosos, que constituía a base de seu caráter. Também Lousteau passou a sentir por ela uma involuntária estima. Tornando-se parisiense, Diná mostrou-se, além disso, superior à mais encantadora cortesã: podia ser divertida, dizer frases como Málaga, mas sua instrução, os hábitos de seu espírito, suas imensas leituras

permitiam-lhe generalizar seu espírito, ao passo que as Schontz e as Florinas só podem exercer o seu num terreno muito restrito.

— Há em Diná — dizia Estêvão a Bixiou — as qualidades duma Ninon[382] e duma Staël.

— Uma mulher em que se encontra uma biblioteca e um serralho é muito perigosa — respondia o brincalhão.

XLIII — A PRIMEIRA RUGA DA ROSA

Logo que sua gravidez se tornou visível, a sra. de La Baudraye resolveu não mais sair do apartamento; mas, antes de encerrar-se nele, de deixar de passear pelo campo, quis assistir à primeira representação dum drama de Nathan. Essa espécie de solenidade literária ocupava a atenção dessas duas mil pessoas que se julgam ser toda Paris. Diná, que nunca assistira a uma primeira representação, experimentava uma curiosidade muito natural. Atingira, além disso, um tal grau de afeição por Lousteau que se glorificava de sua falta, empregava uma força selvagem em enfrentar a sociedade, queria encará-la sem virar o rosto. Fez um vestido deslumbrante, apropriado à sua expressão doentia, à mórbida languidez de sua fisionomia. Sua tez pálida emprestava-lhe uma expressão distinta e seus cabelos pretos em bandós realçavam ainda mais sua palidez. Seus olhos castanhos brilhantes pareciam mais belos ainda contornados pelos sinais de fadiga. Esperava-a, porém, um horrível desgosto. Por um acaso muito comum, o camarote dado ao jornalista, para as primeiras representações, ficava ao lado do alugado por Ana Grossetête. As duas amigas íntimas não se cumprimentaram nem se quiseram reconhecer. Após o primeiro ato, Lousteau saiu de seu camarote e deixou Diná sozinha, exposta ao ataque de todos os olhares, ao exame de todas as lunetas, enquanto a baronesa de Fontaine e a condessa Maria de Vandenesse, que estavam com Ana, receberam alguns dos homens mais distintos da alta sociedade. A solidão em que ficou Diná foi um suplício tanto maior porque ela não soube servir-se de sua luneta para examinar os camarotes; preferiu assumir uma atitude nobre e pensativa, deixar o olhar vago e assim sentia-se intensamente o alvo de todos os olhos; não pôde ocultar sua

preocupação, esteve um pouco provinciana, desdobrou o lenço, fez convulsivamente gestos que se havia interdito. Finalmente, no intervalo do segundo para o terceiro ato, um homem abriu a porta do camarote de Diná! O sr. de Clagny mostrou-se respeitoso, mas triste.

— Sinto-me feliz em vê-lo para exprimir-lhe o prazer que me causou sua promoção — disse ela.

— Mas, senhora, por que vim eu para Paris?...

— Como! — disse ela. — Terei acaso alguma coisa a ver com sua nomeação?

— Tudo. Depois que a senhora deixou de viver em Sancerre, Sancerre se me tornou insuportável, senti que morria lá...

— Sua amizade sincera me faz bem — disse ela, estendendo a mão ao substituto. — Estou numa situação em que devo cumular de atenções os meus verdadeiros amigos; agora, sei qual é seu preço... Julgava ter perdido sua estima, mas o testemunho que me dá com sua visita me comove mais que seus dez anos de dedicação.

— A senhora está sendo alvo da curiosidade de toda a sala — replicou o substituto. — Ah, querida, é esse seu papel? Não podia ser feliz e continuar honrada? Acabo de ouvir dizer que a senhora é amante do sr. Estêvão Lousteau e que vivem maritalmente!... A senhora rompeu definitivamente com a sociedade, mesmo para a época em que, se se casar com seu amante, terá necessidade dessa consideração que hoje despreza... Não deveria a senhora estar em sua casa, com sua mãe, que a ama o bastante para cobri-la com sua proteção? Pelo menos as aparências ficariam salvas...

— Meu erro é estar aqui — respondeu ela —, eis tudo. Despedi-me de maneira irrevogável de todas as regalias que a sociedade concede às mulheres que sabem acomodar sua felicidade às conveniências. Minha abnegação é tão completa que eu gostaria de abater tudo quanto me cerca para fazer de meu amor um vasto deserto ocupado somente por Deus, *ele* e eu... Fizemos um ao outro tantos sacrifícios que não podemos deixar de estar unidos; unidos pela vergonha, se quiser, mas indissoluvelmente unidos... Sinto-me feliz, e tão feliz que posso estimá-lo quanto quiser, como amigo, ter mais intimidade consigo que no passado, pois agora preciso dum amigo...

O magistrado mostrou-se verdadeiramente grandioso e mesmo sublime. A essa declaração em que vibrava a alma de Diná, ele respondeu, num tom de voz pungente:

— Eu gostaria de ir visitá-la, para verificar se a senhora é amada... Assim, eu ficaria tranquilo, seu futuro não me preocuparia mais... Seu amigo compreenderá a grandiosidade de seus sacrifícios, e é agradecido em seu amor?...

— Vá visitar-me à Rue des Martyrs e verá!

— Sim, irei — disse ele. — Já passei pela porta de sua casa, sem animar-me a perguntar pela senhora. A senhora ainda não conhece os meios literários — acrescentou. — É verdade que há neles gloriosas exceções; mas esses homens de letras arrastam consigo males incríveis, entre os quais conto, em primeiro plano, a publicidade, que desonra tudo! Uma mulher comete uma falta com...

— Um procurador do rei — disse a baronesa, sorrindo.

— Pois bem; após uma ruptura, restam alguns recursos, a sociedade não soube de nada; mas, com um homem mais ou menos famoso, o público tomou conhecimento de tudo. Olhe, aí tem um belo exemplo. A senhora está de costas para a condessa Maria de Vandenesse, [\[383\]](#) que esteve a ponto de cometer as piores loucuras por um homem mais célebre que Lousteau, por Nathan, e hoje estão separados a ponto de não mais se reconhecerem... Após ter ido até a beira do abismo, a condessa salvou-se não se sabe como, não deixou o marido nem o lar; mas, como se tratava dum homem famoso, falaram dela durante todo um inverno. Se não fossem a grande fortuna, o grande nome e a posição de seu marido, se não fosse a habilidade da conduta desse homem de Estado, que se mostrou, dizem, excelente para a mulher, ela estaria perdida; em seu lugar, qualquer outra mulher não poderia ter-se conservado honrada como ela...

— Como estava Sancerre, quando o senhor saiu de lá? — perguntou a sra. de La Baudraye, para mudar de assunto.

— O sr. de La Baudraye disse que sua tardia gravidez exigia que o parto se desse em Paris e que ele mesmo desejara que a senhora viesse para cá para ser atendida pelos príncipes da medicina — respondeu o substituto, percebendo muito bem o que Diná queria saber. — Assim,

apesar do rumor que fizeram a propósito de sua viagem, até este momento a senhora está dentro da *legalidade*.

— Ah! — exclamou ela. — Então o sr. de La Baudraye ainda conserva esperanças?

— Seu marido, minha senhora, fez como tem feito sempre: calculou.

O magistrado deixou o camarote ao ver o jornalista entrar e cumprimentou-o altivamente.

— Alcançaste mais sucesso que a peça — disse Estêvão a Diná.

Esse breve momento de triunfo causou mais alegria àquela mulher do que a que tivera durante toda a vida; mas, ao sair do teatro, ia pensativa.

— Que tens, minha Didine? — perguntou Lousteau.

— Indago-me como é que uma mulher pode dominar a sociedade.

— Há duas maneiras para isso: ser Madame de Staël ou ter duzentos mil francos de renda!

— A sociedade — disse ela — mantém-nos presos pela vaidade, pelo desejo de parecer... Ora, seremos filósofos!

XLIV — ENSAIO SOBRE A FECUNDIDADE LITERÁRIA

Essa noite foi o derradeiro clarão da enganadora despreocupação em que a sra. de La Baudraye vivia desde sua chegada a Paris. Três dias mais tarde, ela percebeu algumas preocupações na fronte de Lousteau, que dava uma volta pelo jardim, fumando um charuto. A mulher, a quem os costumes do pequeno La Baudraye haviam comunicado o hábito e o prazer de nunca dever nada, teve conhecimento de que sua casa estava sem dinheiro, diante de dois aluguéis vencidos e às vésperas, enfim, duma ordem de despejo! Essa realidade da vida parisiense penetrou no coração de Diná como um espinho, arrependeu-se de ter arrastado Lousteau às dissipações do amor. É tão difícil passar do prazer ao trabalho que a felicidade tem devorado mais poesias do que as que a desgraça tem feito brotar em jactos luminosos. Feliz por ver Lousteau descuidado, fumando um charuto após o almoço, estendido ao sol como um lagarto, nunca Diná sentira coragem de falar-lhe como se fosse agente duma revista literária. Teve a ideia de

empenhar, por intermédio do sr. Migeon, pai de Pamela, as poucas joias que possuía, e pelas quais *o prego*, pois ela passava a falar a linguagem do quarteirão, lhe emprestou novecentos francos. Guardou trezentos francos para o enxoval da criança e as despesas do parto e entregou alegremente o restante a Lousteau, que trabalhava palmo a palmo, ou melhor, linha a linha, numa novela para uma revista.

— Meu querido — disse-lhe ela —, termina tua novela sem nada sacrificar à necessidade, burila teu estilo, aprofunda teu assunto. Já fui fidalga bastante tempo, agora vou ser burguesa e sustentar a casa.

Há quatro meses, Estêvão jantava com Diná no Café Riche[384] num gabinete reservado para eles. A provinciana espantou-se muito ao saber que Estêvão devia lá quinhentos francos pelos últimos quinze dias.

— Como! Então bebemos vinho de seis francos a garrafa! Um linguado custa cem soldos!... Um pãozinho vinte cêntimos!... — exclamou ela, ao ler a nota que o jornalista lhe mostrou.

— Ora, para nós, há pouca diferença entre ser roubado por um dono de restaurante ou por uma cozinheira — disse Lousteau.

— De hoje em diante, pelo preço do teu jantar, viverás como um príncipe.

Após ter obtido do proprietário uma cozinha e dois quartos de criados, a sra. de La Baudraye escreveu um bilhete à mãe pedindo-lhe roupa branca e um empréstimo de mil francos; recebeu duas malas com roupas, prataria e dois mil francos, por uma cozinheira honesta e devota que a mãe lhe enviava. Dez dias após a representação em que se haviam encontrado, o sr. de Clagny foi visitar a sra. de La Baudraye, às quatro horas, ao sair do palácio e encontrou-a bordando uma touquinha. O aspecto daquela mulher tão altiva, tão ambiciosa, cujo espírito era tão culto, que imperava tão imponentemente no castelo de Anzy, e que agora era obrigada a cuidar da casa e a costurar para o filho que esperava, comoveu o pobre magistrado que acabava de sair do Tribunal da Justiça. Ao ver umas picadas de agulha num daqueles dedos tão bem torneados que ele beijara, ele compreendeu que a sra. de La Baudraye não fazia dessa ocupação uma manifestação de amor materno. Durante essa primeira entrevista, o magistrado leu na alma

de Diná. Essa perspicácia num homem apaixonado constituía um esforço sobre-humano. Descobriu que Diná queria fazer-se o gênio bom do jornalista, encaminhá-lo para um caminho nobre: interpretava essas dificuldades da vida material como o fruto de alguma desordem moral. Entre duas criaturas unidas por um amor tão sincero dum lado e tão bem fingido do outro, mais de uma confiança fora trocada nesses quatro meses. Apesar da cautela com que Estêvão se encobria, mais de uma palavra sua esclarecera Diná sobre os antecedentes desse rapaz cujo talento foi tão estrangulado pela miséria, tão pervertido pelo mau exemplo, tão contrariado por dificuldades superiores à sua coragem. “Ele se tornará grande na abastança”, dissera-se ela. E queria dar-lhe a felicidade, a segurança do lar, pela economia e pela ordem peculiares às pessoas nascidas na província. Diná tornou-se dona de casa como se fizera poetisa, pela inclinação de sua alma para as coisas mais elevadas.

— Sua felicidade será minha absolvição.

Essa frase, arrancada pelo magistrado à sra. de La Baudraye, explicava o estado atual das coisas. A publicidade dada por Estêvão a seu triunfo no dia daquela primeira representação pusera suficientemente a nu, aos olhos do magistrado, as intenções do jornalista. Para Estêvão, a sra. de La Baudraye era, segundo uma expressão inglesa, uma pluma muito bonita para seu chapéu. Longe de desfrutar os encantos de um amor misterioso e tímido, de ocultar a todos tamanha felicidade, ele experimentava uma alegria de plebeu enriquecido em pavonear-se com a primeira mulher distinta que ele honrava com seu amor. Não obstante, o substituto iludiu-se, durante algum tempo, com os cuidados que qualquer homem dá a uma mulher na situação em que se encontrava a sra. de La Baudraye e que Lousteau tornava encantadores pelos mimos peculiares aos homens cujas maneiras são naturalmente agradáveis. Há, com efeito, homens que nascem um pouco macacos, em quem a imitação das mais belas coisas do sentimento é tão natural que nem deixam perceber quando estão fingindo, e as disposições naturais do sancerrense se haviam desenvolvido muito no teatro em que até então vivera. Entre os meses de abril e julho, quando Diná devia ter a criança, ela descobriu por que

Lousteau não conseguira vencer a pobreza: era preguiçoso e fraco de vontade. É verdade que o cérebro não obedece senão a suas próprias leis, não reconhece as necessidades da vida nem as imposições da dignidade; não se produz uma bela obra porque uma mulher está morrendo, ou para pagar dívidas infamantes, ou para dar de comer aos filhos; não há, entretanto, grandes talentos sem uma grande vontade. Essas duas forças gêmeas são indispensáveis à construção do imenso edifício duma glória. Os homens de escol mantêm o cérebro sempre em atividade. Como no passado os valores deixavam suas armas de prontidão. Dominam a preguiça, repelem os prazeres enervantes ou não cedem a eles senão numa medida indicada pela extensão de suas faculdades. Assim se explicam Scribe, Rossini, Walter Scott, Cuvier, Voltaire, Newton, Buffon, Bayle, Bossuet, Leibnitz, Lope de Vega, Calderon, Boccaccio, Aretino, Aristóteles, todos os homens, enfim, que divertiram, governaram ou orientaram sua época. A vontade pode e deve ser um motivo de orgulho muito maior do que o talento. Se o talento tem sua origem numa predisposição cultivada, a vontade é uma conquista feita a todo momento sobre os instintos, sobre as tendências dominadas, repelidas, sobre as fantasias e os obstáculos vencidos, sobre as dificuldades de toda natureza transpostas. O abuso do cigarro alimentava a preguiça de Lousteau. Se o fumo adormece a tristeza, também entorpece infalivelmente a energia. Tudo quanto o cigarro abatia no físico de Lousteau, o exercício da crítica anulava no moral desse rapaz tão inclinado aos prazeres. A crítica é funesta ao crítico como o pró e o contra o são ao advogado. Nesse ofício, o espírito se adúltera, a inteligência perde sua lucidez retilínea. O escritor não existe senão pelas ideias preconcebidas. Assim, devem-se distinguir duas críticas, do mesmo modo que na pintura se reconhecem a arte e o ofício. Criticar à maneira da maior parte dos folhetinistas atuais é proferir certos julgamentos duma maneira mais ou menos sutil, como um advogado defende no tribunal as causas mais contraditórias. Os críticos encontram sempre um tema a desenvolver na obra que analisam. Concebido dessa forma, esse ofício convém aos espíritos indolentes, às pessoas desprovidas da faculdade sublime de imaginar, ou que, possuindo-a, não têm coragem de cultivá-la. Qualquer peça de

teatro, qualquer livro, transforma-se, sob sua pena, num assunto que não custa nenhum esforço à imaginação e cuja análise se faz de modo galhofeiro ou sério, ao sabor das paixões do momento. Quanto ao julgamento, qualquer que seja, é sempre justificável pelo espírito francês, que se presta admiravelmente ao pró e ao contra. A consciência é tão pouco consultada, esses *bravi*[385] ligam tão pouco à própria opinião que elogiam num corredor de teatro a obra que estraçalham em seus artigos. Passam, quando necessário, dum jornal para outro, sem se importar que as opiniões do novo folhetim tenham de ser opostas às do antigo. Além disso, a sra. de La Baudraye sorria ao ver Lousteau redigir um artigo no sentido legitimista e outro no sentido dinástico, sobre um mesmo fato. Ela aplaudia essa máxima dita por ele: “Somos os advogados da opinião pública!...”. A outra crítica é uma verdadeira ciência, exige uma compreensão completa das obras, uma visão lúcida sobre as tendências duma época, a adoção dum sistema, uma fé em certos princípios; constitui uma jurisprudência, um libelo, uma sentença. Este crítico torna-se, então, o magistrado das ideias, o censor de seu tempo, exerce um sacerdócio; ao passo que o outro é um acrobata que faz piruetas para ganhar a vida enquanto as pernas o ajudam. Entre Cláudio Vignon e Lousteau havia a distância que separa o ofício da arte. Diná, cujo espírito rapidamente se apurara e cuja inteligência era bastante ampla, logo julgou literariamente seu ídolo. Viu Lousteau trabalhando à última hora, sob as mais indignas exigências, e *matando o trabalho*, como dizem os pintores duma obra a que falta *técnica*; ela, porém, o justificava, dizendo-se: “É um poeta!”, tamanha era a necessidade que sentia de se justificar a seus próprios olhos. Ao descobrir esse segredo da vida literária de muita gente, ela percebeu que a pena de Lousteau nunca seria um meio de vida. O amor levou-a, então, a empreender manobras a que ela jamais desceria em seu próprio favor. Por intermédio da mãe, entrou em negociações com o marido para obter dele uma pensão, tudo isso, porém, sem que Lousteau o soubesse, pois não queria ferir seus escrúpulos.

Alguns dias antes do fim de julho, Diná amassou encolerizada a resposta definitiva do pequeno La Baudraye:

A sra. de La Baudraye não precisa de pensão em Paris quando tem a melhor vida do mundo em seu castelo de Anzy: ela que volte para lá.

Lousteau juntou a carta e a leu.

— Eu te vingarei — disse à sra. de La Baudraye, nesse tom sinistro que tanto agrada as mulheres quando se lisonjeiam suas antipatias.

XLV — UM BILHETE DE PARTICIPAÇÃO

Cinco dias mais tarde, Bianchon e Duriau, o famoso obstetra, estavam instalados na casa de Lousteau, que, desde a resposta do pequeno La Baudraye, se vangloriava de sua felicidade e se mostrava envaidecido com o parto de Diná. O sr. de Clagny e a sra. Piédefer eram os padrinhos do filho esperado, pois o prudente magistrado temia que Lousteau cometesse alguma falta grave. A sra. de La Baudraye teve um filho capaz de causar inveja às rainhas que esperam um herdeiro presuntivo. Bianchon, acompanhado do sr. de Clagny, foi registrar o menino no cartório como filho do sr. e sra. de La Baudraye, sem nada dizer a Lousteau, que, por sua vez, correu a uma tipografia para mandar imprimir a seguinte participação:

O sr. Estêvão Lousteau tem o prazer de participar que a sra. baronesa de La Baudraye deu à luz um menino. A mãe e o filho passam bem.

Uma primeira remessa de sessenta participações já fora feita por Lousteau quando o sr. de Clagny, que fora saber notícias da mãe, viu a lista das pessoas de Sancerre a quem Lousteau resolvera enviar essa curiosa participação, abaixo da dos sessenta parisienses que já iam recebê-la. O substituto apanhou a lista e o resto das participações, mostrou-as primeiro à sra. Piédefer recomendando-lhe que não deixasse Lousteau repetir essa infame brincadeira e meteu-se num carro. O dedicado magistrado encomendou ao mesmo impressor uma outra participação assim redigida:

O sr. barão de La Baudraye tem a honra de participar que a sra. baronesa de La

Após ter feito destruir as provas, a composição, tudo quanto pudesse atestar a existência da primeira participação, o sr. de Clagny pôs-se em campo para interceptar as participações enviadas; substituiu muitas delas quando já estavam com os porteiros das casas, conseguiu a restituição dumas trinta; três dias mais tarde, finalmente, só havia uma dessas participações, que era a de Nathan. O substituto fora cinco vezes à casa desse homem famoso sem poder encontrá-lo. Quando, após ter pedido um encontro, o sr. de Clagny foi recebido, a anedota da participação já circulara em Paris. Uns viam nisso uma dessas espirituosas calúnias a que estão sujeitas todas as reputações, mesmo as efêmeras. Outros afirmavam ter lido a participação e tê-la devolvido a um amigo da família La Baudraye. Muitos deblateravam contra a imoralidade dos jornalistas, de sorte que a última participação existente tornara-se uma curiosidade. Florina, com quem Nathan vivia, a mostrara com o selo do correio, o carimbo do correio e o endereço escrito por Estêvão. Assim, quando o substituto falou na participação, Nathan pôs-se a sorrir.

— Devolver-lhe esse monumento de leviandade e de criancice? — exclamou. — Este autógrafo é uma dessas armas de que não nos devemos privar no meio em que vivemos. Esta participação prova que Lousteau não tem coração, nem bom gosto, nem dignidade, que não conhece a sociedade nem a moral pública, que se insulta a si mesmo quando não sabe mais a quem insultar... Só mesmo o filho dum burguês vindo de Sancerre para ser poeta e que se faz o *bravo* da primeira revista que encontra para enviar uma participação dessas. Concorde comigo: isto, meu senhor, é uma peça necessária aos arquivos da nossa época... Atualmente, Lousteau me elogia; amanhã, porém, pode vir a reclamar minha cabeça... Ah! perdoe-me esta brincadeira, não me lembrava de que o senhor é substituto. Tenho no coração uma paixão por uma ilustre dama, tão superior à sra. de La Baudraye como sua nobreza de sentimentos é superior à gaiatice de Lousteau; mas eu preferiria morrer a pronunciar seu nome... Alguns meses de suas gentilezas e de suas carícias custaram-me cem mil

francos e meu futuro; mas não acho que os tenha pago muito caro!... E nunca me queixei!... Que as mulheres revelem o segredo de sua paixão, ainda vá, é a sua derradeira oferta ao amor; mas que sejamos nós a fazê-lo... É preciso ser Lousteau para isso! Não, nem por mil escudos eu daria este papel.

— Senhor — disse, finalmente, o magistrado, após uma luta oratória de meia hora —, visitei, com este objetivo, quinze ou dezesseis literatos e o senhor seria o único inacessível a sentimentos de dignidade!... Não se trata aqui de Estêvão Lousteau e sim duma mulher e dum filho que ignoram o mal que estão fazendo à sua fortuna, ao seu futuro, à sua honra. Quem sabe se um dia o senhor não se verá obrigado a pedir à justiça alguma benevolência para um amigo, para uma pessoa cuja honra o senhor preze mais que a sua própria? A justiça poderá então lembrar-se de que o senhor foi implacável... Um homem como o senhor pode hesitar? — perguntou o magistrado.

— Quis apenas fazer-lhe sentir o preço do meu sacrifício — respondeu então Nathan, que entregou a participação pensando na posição do magistrado e aceitando essa espécie de preço.

Após ter reparado a tolice do jornalista, o sr. de Clagny foi pregar-lhe um sermão em presença da sra. Piédefer; encontrou, porém, Lousteau muito irritado com suas providências.

— O que eu estava fazendo, senhor — respondeu Estêvão —, tinha uma finalidade. O sr. de La Baudraye tem sessenta mil francos de renda e recusa uma pensão à sua esposa. Eu queria fazer-lhe sentir que sou o dono deste menino.

— Eu bem o percebera — respondeu o magistrado. — E foi por isso que me apressei em fazer-me padrinho do pequeno Polidoro; ele está inscrito no cartório do registro civil como filho do barão e da baronesa de La Baudraye e, se o senhor tem entranhas de pai, deve alegrar-se por saber que a criança é herdeira dum dos mais belos morgadios da França.

— Mas a mãe deve morrer de fome?

— Fique descansado, senhor — disse amargamente o magistrado, que arrancara do coração de Lousteau a expressão do sentimento cuja prova esperava há muito tempo. — Encarrego-me deste assunto com o

sr. de La Baudraye.

E o sr. de Clagny saiu com a morte no coração. Diná, seu ídolo, era amada por interesse! Não abriria os olhos demasiado tarde?

“Pobre mulher!”, pensava o magistrado, ao sair.

Façamos-lhe aqui esta justiça — pois a quem a faríamos senão a um substituto? — ele amava Diná muito sinceramente para que visse no aviltamento dessa mulher um meio de triunfar um dia, ele era todo compaixão, todo devotamento: amava-a.

XLVI — ONDE O SR. DE LA BAUDRAYE SE MOSTRA SUPERIOR AOS OLHOS DA ESPOSA FANTASIADA

Os trabalhos exigidos pela criação do menino, os gritos do menino, o repouso necessário à mãe durante os primeiros dias, a presença da sra. Piédefer, tudo conspirava tanto contra os trabalhos literários que Lousteau se instalou nos três quartos alugados no primeiro andar para a velha devota. O jornalista, obrigado a comparecer às primeiras representações sem Diná e separado dela na maior parte do tempo, encontrou um certo atrativo no exercício de sua liberdade. Mais duma vez deixou-se pegar pelo braço e arrastar-se a uma reunião alegre. Mais duma vez viu-se na casa da amante dum amigo nas rodas boêmias. Revia as mulheres de brilhante mocidade, esplendidamente vestidas, e às quais a economia parecia uma negação de sua juventude e de seu poder. Diná, apesar da maravilhosa beleza que adquirira a partir do terceiro mês de amamentação, não podia sustentar uma comparação com essas flores cedo fanadas, mas tão belas enquanto vivem com os pés na opulência. A vida do lar teve, contudo, grandes atrativos para Estêvão. Em três meses, a mãe e a filha, auxiliadas pela cozinheira vinda de Sancerre e pela pequena Pamela, deram ao apartamento um aspecto inteiramente novo. O jornalista passou a encontrar seu almoço e seu jantar servidos com uma espécie de luxo. Diná, bela e bem-vestida, preocupava-se em adivinhar as preferências de seu querido Estêvão, que se sentiu o rei da casa, onde tudo, até o menino, ficou, por assim dizer, subordinado a seu egoísmo. A ternura de Diná mostrava-se nas menores coisas, e, assim, foi impossível a Lousteau não

continuar os encantadores fingimentos de sua paixão extinta. Diná percebeu, contudo, na vida superficial a que Lousteau se deixava arrastar, uma causa de ruína para seu amor e para seu lar. Após dez meses de aleitamento, ela desmamou o filho, instalou novamente a mãe no apartamento de Estêvão e restabeleceu essa intimidade que liga indissolivelmente um homem a uma mulher, quando uma mulher é amorosa e espiritual. Um dos traços mais nítidos da novela devida a Benjamin Constant e uma das explicações do abandono de Elenora é a falta de intimidade diária, ou noturna, se quisesdes, entre ela e Adolfo. Cada um dos dois amantes tem seu próprio quarto, um e outro obedeceram à sociedade, guardaram as aparências. Elenora, periodicamente abandonada, é obrigada a enormes esforços de ternura para afastar as ideias de liberdade que assaltavam Adolfo. A contínua permuta de olhares e pensamentos na vida em comum dá tais armas às mulheres que, para abandoná-las, um homem deve apresentar razões maiores do que as que elas fornecem enquanto amam.

Esse foi um período inteiramente novo para Estêvão e para Diná. Diná quis ser necessária, quis restituir a energia a esse homem cuja fraqueza lhe sorria, e na qual ela via grandes garantias; descobriu-lhe assuntos, fez-lhe os esboços de alguns trabalhos; quando foi preciso, escreveu mesmo capítulos inteiros; rejuvenesceu as veias desse talento que agonizava injetando-lhe um sangue fresco, deu-lhe suas ideias e seus julgamentos. Escreveu, por fim, dois livros que alcançaram êxito. Mais duma vez salvou o amor-próprio de Estêvão do desespero de se sentir sem ideias, ditando-lhe, corrigindo-lhe ou terminando-lhe os folhetins. O segredo dessa colaboração foi inviolavelmente guardado; a sra. Piédefer não soube de nada. Esse galvanismo moral foi recompensado por um acréscimo de rendimentos que permitiu ao casal viver desafogadamente até o fim do ano de 1838. Lousteau habituava-se a ver sua tarefa feita por Diná e a pagava, como diz o povo em sua linguagem expressiva, *com conversa fiada*. Esse dispêndio de dedicação representa um tesouro a que se apegam as almas generosas e, quanto mais deu, mais a sra. de La Baudraye amou Lousteau: logo chegou, pois, um momento em que ele custava demasiado a Diná para que ela pudesse renunciar a ele. Ela teve, porém, uma segunda

gravidez. O ano foi terrível.

Apesar dos esforços das duas mulheres, Lousteau contraiu dívidas; ultrapassou suas forças para pagá-las com seu trabalho durante a época do parto de Diná, que o achou heroico, tão bem o conhecia! Após esse esforço, apavorado com o encargo de duas mulheres, dois filhos e duas criadas, sentiu-se incapaz de lutar com sua pena para sustentar uma família, quando não pudera sustentar-se sozinho. Deixou, pois, que as coisas corressem ao sabor do acaso. O feroz calculador exagerou a comédia do amor em casa para ter maior liberdade na rua. A altiva Diná sustentou sozinha o fardo dessa existência. Este pensamento: “Ele me ama!” deu-lhe forças sobre-humanas. Trabalhou como trabalham os mais vigorosos talentos desta época. Com risco de perder seu frescor e sua saúde, Didine foi para Lousteau o que a srta. Delachaux foi para Gardano no excelente conto real de Diderot.[\[386\]](#) Além de sacrificar a si mesma, cometeu a falta sublime de sacrificar seu vestuário. Mandou tingir os vestidos, passou a usar unicamente o preto.

— Ela está vendo as coisas pretas — como dizia Málaga, que escarnecia muito de Lousteau. No fim do ano de 1839, Estêvão, a exemplo de Luís XV,[\[387\]](#) chegara, através de insensíveis capitulações de consciência, a estabelecer uma distinção entre sua bolsa e a da casa, como Luís XV distinguia entre seu tesouro secreto e sua caixa de despesas. Passou a enganar Diná sobre o montante dos rendimentos. Ao descobrir essas faltas, a sra. de La Baudraye teve atrozes sofrimentos de ciúme. Ela quis dirigir a vida de sociedade e a vida literária, acompanhou o jornalista a todas as primeiras representações e surpreendeu nele gestos de amor-próprio ofendido, pois o preto do vestuário repercutia desfavoravelmente nele, escurecia sua fisionomia e a tornava às vezes brutal. Desempenhando, na vida do casal, o papel de mulher, Lousteau passou a ter as ferozes exigências femininas: censurava a Diná o desalinho de seu modo de vestir, ao mesmo tempo que se aproveitava desse sacrifício que custa tanto a uma amante; exatamente como uma mulher que, tendo-vos ordenado que passeis por um esgoto para salvar-lhe a honra, vos diz, ao sairdes dele: “Não gosto de lodo!”. Diná viu-se, assim, obrigada a tomar as rédeas até

então frouxas do domínio que todas as mulheres inteligentes exercem sobre as pessoas sem vontade. Nessa manobra, porém, perdeu muito de seu brilho moral. As suspeitas que ela deixou perceber atraem sobre as mulheres discussões em que começa a desaparecer o respeito, porque desse modo elas próprias descem da altura em que primitivamente se colocaram. Depois, fez concessões. Assim, Lousteau pôde receber vários amigos, Nathan, Bixiou, Blondet,[388] Finot,[389] cujas maneiras, palavras e o simples contato eram depravantes. Tentaram persuadir a sra. de La Baudraye de que seus princípios e suas aversões eram um resto de preconceito provinciano. Pregaram-lhe, enfim, o código da superioridade feminina. Logo seu próprio ciúme forneceu armas contra ela. No carnaval de 1840, ela se fantasiava, ia ao baile da Ópera, comparecia a algumas ceias onde se encontravam cortesãs, a fim de acompanhar Estêvão em todas as diversões. No dia de *micarême*,[390] ou melhor, no dia seguinte, às oito horas da manhã, Diná, fantasiada, estava chegando em casa para deitar-se. Fora espiar Lousteau, que, julgando-a adoentada, dispusera de sua *micarême* em favor de Fanny Beaupré. O jornalista, prevenido por um amigo, comportara-se de maneira a iludir a pobre mulher, que não queria outra coisa. Ao descer do carro, Diná encontrou o sr. de La Baudraye, a quem o porteiro a designou. O velhote disse friamente à mulher, tomando-a pelo braço:

— É a senhora?...

Essa aparição da autoridade conjugal, diante da qual ela se sentia tão pequena, e sobretudo essa frase quase enregelaram o coração da pobre criatura surpreendida em trajes carnavalescos. Para melhor escapar à atenção de Estêvão, Diná usara uma fantasia sob a qual ele não poderia descobri-la. Aproveitou-se ainda do fato de estar mascarada para fugir sem responder, trocou de roupa e subiu ao quarto de sua mãe, onde a esperava o sr. de La Baudraye. Apesar de sua atitude altiva, corou na presença do velhote.

— Que quer de mim, senhor? — disse ela. — Não nos separamos para sempre?

— De fato, sim — respondeu o sr. de La Baudraye. — Mas, legalmente, não.

A sra. Piédefer fazia à filha sinais que Diná acabou por perceber e compreender.

— Só mesmo seus interesses poderiam tê-lo trazido aqui — disse ela num tom áspero.

— Nossos interesses — corrigiu friamente o homenzinho —, pois temos filhos... Seu tio Silas Piédefer morreu em Nova York, onde, após ter feito e perdido várias fortunas em diversos países, deixou alguma coisa como setecentos a oitocentos mil francos, dizem mesmo que um milhão e duzentos mil francos; mas é preciso transformar mercadorias em capital... Sou o chefe da comunidade, exerço seus direitos.

— Oh! — exclamou Diná. — Em tudo quanto se refere a negócios, só tenho confiança no sr. de Clagny; ele conhece as leis, entenda-se com ele; o que ele fizer estará bem-feito.

— Não preciso do sr. de Clagny — disse o sr. de La Baudraye — para retirar-lhe meus filhos.

— Seus filhos! — exclamou Diná. — Seus filhos, a quem o senhor nunca mandou um óbolo! Seus filhos!...

E acrescentou à frase uma imensa gargalhada; a impassibilidade do pequeno La Baudraye, porém, lançou gelo sobre essa explosão.

— A senhora sua mãe acaba de mostrar-me as crianças, são encantadoras, não quero separar-me delas e vou levá-las para nosso castelo de Anzy — disse o sr. de La Baudraye —, quando mais não fosse, ao menos para poupar-lhes de ver a mãe fantasiada como se fantasiam as...

— Basta! — disse imperiosamente a sra. de La Baudraye. — Que queria de mim, ao vir aqui?

— Uma procuração para receber a herança de nosso tio Silas...

Diná tomou uma pena, escreveu um bilhete ao sr. de Clagny e disse ao marido que voltasse à tarde. Às cinco horas, o advogado-geral, pois o sr. de Clagny fora promovido, esclareceu a sra. de La Baudraye sobre sua situação. Encarregou-se de regularizar tudo, exigindo um compromisso do velhote, que fora levado unicamente pela avareza. O sr. de La Baudraye, que precisava da procuração da esposa para agir livremente, comprou-a pelas seguintes concessões: comprometeu-se, preliminarmente, a dar à esposa uma pensão de dez mil francos,

enquanto lhe conviesse, foi declarado no documento, morar em Paris; mas, à medida que os filhos atingissem a idade de seis anos, seriam entregues ao sr. de La Baudraye. E, por fim, o magistrado conseguiu o pagamento antecipado dum ano de pensão. O pequeno La Baudraye, que foi despedir-se gentilmente da esposa e dos filhos, apareceu vestido com um pequeno paletó branco de cacho. Estava tão teso e tão igual ao La Baudraye de 1836 que Diná desesperou de poder enterrar o terrível anão.

XLVII — AS FORÇAS CAUDINAS[391] DAS MULHERES QUE AMAM

Do jardim onde fumava um charuto, o jornalista viu o sr. de La Baudraye durante o tempo que esse inseto gastou em atravessar o pátio; mas isso bastou a Lousteau, pareceu-lhe evidente que o homenzinho queria destruir todas as esperanças que sua morte podia inspirar à esposa. Essa cena tão rápida alterou muito as secretas disposições do jornalista. Fumando um segundo charuto, Estêvão pôs-se a refletir sobre sua situação; a vida em comum que levava com a baronesa de La Baudraye custara-lhe até aquele momento tanto dinheiro quanto a ela. Para empregar uma expressão comercial, as contas se balançavam rigorosamente. Tendo em vista suas poucas posses e o esforço com que ganhara seu dinheiro, Lousteau considerava-se moralmente como credor. O momento era, seguramente, favorável para deixar aquela mulher. Cansado de fingir há cerca de três anos uma comédia que nunca se transforma em hábito, ele disfarçava constantemente seu tédio. Esse rapaz, habituado a nada dissimular, impunha-se em casa um sorriso semelhante ao do devedor diante do credor. Essa obrigação se lhe tornava cada dia mais penosa. Até então, o imenso interesse que o futuro representava dera-lhe forças; mas, quando viu o pequeno La Baudraye prestes a partir tão levemente para os Estados Unidos como se se tratasse de ir a Rouen, pelo barco a vapor, deixou de acreditar no futuro. Saindo do jardim, entrou na elegante sala onde Diná acabara de receber as despedidas do marido.

— Estêvão — disse a sra. de La Baudraye —, sabes o que meu dono e

senhor veio propor-me? Deu ordens aos criados, para o caso de eu querer morar em Anzy durante sua ausência, e espera que os bons conselhos de minha mãe me decidam a voltar para lá com meus filhos...

— O conselho é excelente — respondeu secamente Lousteau, que conhecia bastante Diná para saber a resposta apaixonada que ela desejava e mesmo lhe mendigava com o olhar.

Esse tom, a inflexão de voz, o olhar indiferente, tudo feriu tão rudemente aquela mulher que vivia unicamente por seu amor que ela deixou correr dos olhos ao longo das faces duas grossas lágrimas sem responder, e Lousteau não se apercebeu disso senão no momento em que ela tomou o lenço para enxugar essas duas pérolas de dor.

— Que tens, Didine? — perguntou ele, tocado no coração por essa vivacidade sensitiva.

— No momento em que eu me felicitava por ter conquistado para sempre nossa liberdade — disse ela — ao preço de minha fortuna, vendendo o que uma mãe tem de mais precioso, seus filhos!... Pois ele mos tomará à idade de seis anos... e, para vê-los, precisaria voltar a Sancerre! Um suplício! Ah! Meu Deus! Que fiz?

Lousteau caiu ajoelhado diante de Diná e beijou-lhe as mãos, prodigalizando-lhe suas mais ardentes carícias.

— Não me compreendes — disse ele. — Examino-me e verifico que não valho todos esses sacrifícios, meu anjo querido. Sou, literariamente falando, um homem muito secundário. No dia em que eu não puder aparecer no rodapé dum jornal, os diretores me deixarão a um canto, como uma chinela velha que se joga à sarjeta. Pensa nisto! Nós, os bailarinos de corda, não temos aposentadoria! Haveria muita gente de talento a aposentar, se o Estado empreendesse essa obra de beneficência! Tenho quarenta e dois anos, tornei-me preguiçoso como uma marmota. Sinto-o: meu amor — beijou-lhe ternamente a mão — só pode ser funesto para ti. Vivi, como sabes, aos vinte e dois anos, com Florina; mas o que se desculpa na mocidade e então parece bonito, encantador, é infamante aos quarenta anos. Até agora, temos repartido o fardo de nossa existência, e, nos últimos dezoito meses, ela não tem sido muito bela. Por dedicação a mim, andas vestida inteiramente de

preto, o que não me lisonjeia muito...

Diná fez um desses magníficos gestos de ombros que valem todas as frases do mundo...

— Sim — disse Estêvão, continuando —, bem o sei, sacrificas tudo a meus gostos, mesmo tua beleza. E eu, com o coração gasto em lutas, a alma cheia de maus pressentimentos sobre meu futuro, não recompenso teu suave amor com um amor igual. Temos sido muito felizes, vivemos sem tristezas durante muito tempo... Pois bem, não quero ver terminar mal um poema tão belo. Não tenho razão?

A sra. de La Baudraye amava tanto Estêvão que essa sabedoria, digna do sr. de Clagny, lhe deu prazer e secou suas lágrimas.

“Então ele me ama de verdade!”, pensou ela, fitando-o com um sorriso nos olhos.

Após quatro anos de intimidade, o amor dessa mulher terminara reunindo todas as gradações descobertas por nosso espírito de análise e que a sociedade moderna criou; um dos homens mais notáveis deste tempo, cuja perda recente aflige ainda as letras, Beyle (Stendhal)[\[392\]](#) foi o primeiro a caracterizá-las perfeitamente. Lousteau causava a Diná essa viva comoção, explicável pelo magnetismo, que põe em desordem as forças da alma e do corpo, que destrói todo o princípio de resistência nas mulheres. Um olhar de Lousteau, sua mão colocada sobre a de Diná tornavam-na inteiramente obediente. Uma palavra meiga, um sorriso desse homem faziam florir a alma da pobre mulher, comovida ou entristecida pela carícia ou pela indiferença de seus olhares; quando ela lhe dava o braço ao andar a seu lado na rua ou na avenida, ela se fundia de tal modo nele que perdia a consciência de seu *eu*. Encantada pelo espírito, magnetizada pelas maneiras do rapaz, ela não via em seus vícios mais que leves defeitos. Amava as baforadas de charuto que o vento lhe trazia do jardim para o quarto, ia aspirá-las sem fazer a menor careta, ocultava-se para gozá-las. Odiava o editor ou o diretor de jornal que recusava dinheiro a Lousteau objetando-lhe a enormidade dos adiantamentos já feitos. Chegava ao ponto de admitir que esse boêmio escrevesse uma novela e recebesse seu preço, em vez de entregá-la em pagamento do dinheiro recebido há muito tempo. Tal é, sem dúvida, o verdadeiro amor, que compreende todas as maneiras de

amar: amor de coração, amor de cérebro, amor-paixão, amor-capricho, amor-prazer, segundo as definições de Beyle. Didine amava tanto que, em certos momentos em que seu senso crítico, tão justo, tão continuamente exercido desde que fora para Paris, lhe fazia ver claro na alma de Lousteau, o sentimento se sobrepunha à razão e lhe sugeria desculpas.

— E eu — respondeu ela —, que sou? Uma mulher que se colocou fora da sociedade! Já que falto à honra das mulheres, por que não me sacrificarias um pouco da honra dos homens? Acaso não vivemos fora das convenções sociais? Por que não aceitar de mim o que Nathan aceita de Florina? Faremos as contas quando nos separarmos e... tu sabes!... só a morte nos separará. Tua honra, Estêvão, é a minha felicidade; como a minha é a minha constância e a tua ventura. Se não te faço feliz, tudo está acabado. Se te causo um desgosto, condena-me. Nossas dívidas estão pagas, temos dez mil francos de renda e ganharemos muito bem, ambos, oito mil francos por ano... *Farei teatro!* Com mil e quinhentos francos por mês, não seremos tão ricos como os Rotschild? Fica descansado. Terei, agora, vestidos deliciosos, todos os dias te darei satisfações de vaidade como no dia da primeira representação de Nathan...

— E tua mãe, que vai todos os dias à missa, que quer trazer-te um padre e fazer-te renunciar a teu gênero de vida?

— Cada um com seu vício. Tu fumas, ela me catequiza, a pobre mulher! Mas ela toma conta das crianças, leva-as a passear, é duma dedicação absoluta, idolatra-me; queres impedi-la de chorar?

— Que dirão de mim?

— Ora, nós não vivemos para a sociedade! — exclamou ela, levantando Estêvão e fazendo-o sentar-se junto dela. — Além disso, um dia nos casaremos... temos por nós os azares do mar...

— Não tinha pensado nisso! — exclamou ingenuamente Lousteau, que disse para si mesmo: “Sempre haverá tempo para romper, quando voltar o pequeno La Baudraye”.

A partir desse dia, Lousteau viveu luxuosamente; Diná podia competir, nas primeiras representações, com as mulheres mais bem-vestidas de Paris. Lisonjeado por essa felicidade íntima, Lousteau

representava diante dos amigos, por fatuidade, o personagem dum homem fatigado, entediado, arruinado pela sra. de La Baudraye.

— Oh! Como eu estimaria o amigo que me livrasse de Diná! Mas ninguém o conseguiria — dizia ele —, ela me ama a ponto de atirar-se pela janela se eu lho pedisse.

O jornalista procurava inspirar compaixão, tomava precauções contra o ciúme de Diná quando aceitava um convite para festa. Cometia, enfim, infidelidades com o maior despudor. Quando o sr. de Clagny, verdadeiramente desesperado de ver Diná numa situação tão aviltante, quando podia ser tão rica, tão altamente colocada e no momento em que suas primitivas ambições iam ser realizadas, animou-se a dizer-lhe: “A senhora está sendo enganada!”, ela respondeu:

— Eu o sei.

O magistrado ficou pasmo. Quando recuperou a palavra, tentou fazer uma observação.

— Ama-me ainda? — perguntou-lhe a sra. de La Baudraye, interrompendo-o na primeira palavra.

— A ponto de morrer pela senhora!... — exclamou ele, levantando-se.

Os olhos do pobre homem ficaram acesos como tochas, ele tremeu como uma folha, sentiu a laringe paralisada, os cabelos estremeceram nas raízes, ele pensou na ventura de ser tomado por seu ídolo como vingador, o que o tornou quase louco de alegria.

— De que se espanta? — perguntou-lhe ela, fazendo-o sentar-se de novo. — Pois é assim que amo Estêvão.

O magistrado compreendeu então esse argumento *ad hominem!* [393] Sentiu lágrimas nos olhos, ele que acabara de condenar um homem à morte!

A saciedade de Lousteau, esse horrível desfecho do concubinato, denunciava-se em mil pequenas coisas que são como grãos de areia lançados às vidraças do pavilhão encantado em que se sonha quando se ama. Esses grãos de areia que se tornam seixos, Diná só os vira quando já tinham o tamanho duma pedra. A sra. de La Baudraye acabara por julgar acertadamente Lousteau.

— Ele é um poeta — dizia ela à mãe — indefeso contra a desgraça, covarde por preguiça e não por falta de coragem, um pouco condescendente demais com a voluptuosidade; é um gatinho que não se pode odiar. Que seria dele sem mim? Impedi seu casamento, ele não tem mais futuro. Seu talento pereceria na miséria.

— Oh! Minha Diná! — exclamara a sra. Piédefer. — Em que inferno vives?... Qual é o sentimento que te dará forças para persistir?...

— Serei sua mãe! — dissera ela.

Há situações horríveis em que não se toma um partido senão quando nossos amigos se apercebem de nossa desonra. Transige-se consigo mesmo, enquanto se escapa a um censor que vem fazer as vezes de procurador do rei. O sr. de Clagny, inábil como um *patito*, [394] acabava de tornar-se o carrasco de Diná!

— Serei, para conservar meu amor, o que a Madame Pompadour[395] foi para manter o poder — disse ela para si mesma, quando o sr. de Clagny saiu.

Essa frase mostra claramente que seu amor se tornava pesado de carregar e que ia constituir um trabalho em vez de constituir um prazer.

QUARTA PARTE

COMENTÁRIOS SOBRE O ADOLFO DE BENJAMIN CONSTANT

XLVIII — UMA LUTA SECRETA

O novo papel adotado por Diná era horrivelmente penoso e Lousteau não o tornou mais fácil de desempenhar. Quando queria sair após o jantar, ele representava pequenas cenas de amizade arrebatadoras, dizia a Diná palavras verdadeiramente cheias de ternura, prendia sua companheira pela corrente e, quando a havia ferido bastante nos pontos sensíveis, o magnífico ingrato perguntava: “Magoei-te?”. Essas mentirosas carícias, esses fingimentos tiveram, algumas vezes, consequências desonrosas para Diná, que acreditava num renascimento da afeição. Ah! A mãe cedia, com uma vergonhosa facilidade, o lugar a Didine. Sentiu-se como um brinquedo nas mãos desse homem e acabou por dizer para si mesma: “Pois bem, quero ser seu brinquedo!”, encontrando nisso vivas delícias, alegrias de desesperada.

Quando essa mulher de espírito tão viril se lançou pelo pensamento na solidão, sentiu desfalecer a coragem. Preferiu os inevitáveis suplícios previstos dessa feroz intimidade à privação de prazeres tanto mais deliciosos porque nasciam no meio de remorsos, de pavorosas lutas íntimas, de *não* que se transformava em *sim*! Isso foi, a todo o momento, a gota d’água salobra achada no deserto, bebida com mais delícia do que as que o viajante experimentaria ao saborear os melhores vinhos na mesa dum príncipe. Quando Diná se interrogava, à meia-noite: “Voltará? Não voltará?”, ela só recuperava as forças ao ruído conhecido dos sapatos de Estêvão, reconhecia sua maneira de bater à porta. Muitas vezes tentava empregar a voluptuosidade como um freio, comprazia-se em lutar com as rivais, a não deixar-lhes nada

naquele coração saciado. Quantas vezes representou ela a tragédia do *Último dia de um condenado*,[396] pensando: “Amanhã nos deixaremos!”. E quantas vezes uma palavra, um olhar, uma carícia cheia de naturalidade fizeram com que ela voltasse a cair no amor! Isso foi muitas vezes terrível! Mais de uma vez ela pensou no suicídio enquanto caminhava em torno desse relvado parisiense onde se ostentavam algumas flores murchas!... Não esgotara ainda, enfim, o imenso tesouro de dedicação e de amor que as mulheres apaixonadas guardam no coração.

O romance *Adolfo* era sua Bíblia, estudava-o; pois, acima de tudo, ela não queria ser Elenora. Evitava as lágrimas, preservou-se de todas as amarguras tão sabiamente descritas pelo crítico a que se deve a análise dessa obra pungente e cuja interpretação Diná considerava quase superior ao livro. Assim, muitas vezes relia o artigo do único crítico que já teve a *Revue des Deux Mondes*[397] e que figura nas primeiras páginas da nova edição de *Adolfo*.

— “Não” — dizia consigo, repetindo as fatais palavras —, “não, não darei às minhas preces a fórmula duma ordem, não me servirei das lágrimas como duma vingança, não julgarei as ações que outrora aprovava sem controle, não esperei seus passos; se ele fugir, não encontrará ao voltar uma boca imperiosa cujo beijo seja uma ordem sem réplica. Não! Meu silêncio não será uma queixa e minha palavra não será uma censura!...” Não serei vulgar — dizia-se, colocando sobre a mesa o pequeno volume amarelo que já lhe valera essa frase de Lousteau: “Imagina, estás lendo *Adolfo*!” — Mesmo que eu tivesse apenas um dia para que ele reconhecesse meu valor e pensasse: “A vítima nunca se queixou”, isto me bastaria! Além disso, as outras não terão mais que alguns momentos, ao passo que eu terei toda sua vida.

Considerando-se autorizado pela conduta da esposa a puni-la no tribunal doméstico, o sr. de La Baudraye teve a amabilidade de furtá-la para completar seu grande empreendimento de cultivar duzentos hectares de tojo, a que desde 1836 consagrava seus rendimentos vivendo como um rato. Manobrou tão bem os valores deixados pelo sr. Silas Piédefer que pôde reduzir a liquidação autêntica a oitocentos mil francos, levando consigo, entretanto, um milhão e duzentos mil... Não

anunciou o regresso à esposa; mais ainda, enquanto ela sofria males terríveis, ele construía herdades, cavava fossos, plantava árvores, entregava-se a trabalhos de desmoita que fizeram com que ele fosse considerado um dos agrônomos mais distintos do Berry. Os quatrocentos mil francos furtados à esposa passaram, em três anos, para essa operação, e a propriedade de Anzy ficou em condições de dar, dentro de certo tempo, setenta e dois mil francos de renda, livres de impostos. Quanto aos oitocentos mil francos, ele os empregou a quatro e meio por cento, em títulos a oitenta francos, graças à crise financeira devida ao ministério chamado do primeiro de março.[398] Proporcionando, assim, quarenta e oito mil francos de renda à esposa, ele se considerou quite com ela. Isso não viria a representar os mesmos um milhão e duzentos mil francos no dia em que os títulos a quatro e meio passassem dos cem francos? Sua importância não foi sobrepujada em Sancerre senão pela do mais rico proprietário de imóveis da França, de quem se fazia rival. Via-se com cento e quarenta mil francos de renda, noventa dos quais representavam as terras que constituíam seu morgadio. Após ter calculado que, com seus rendimentos, pagava dez mil francos de impostos, três mil francos de despesas, dez mil francos à esposa e mil e duzentos à sogra, ele dizia em plena Sociedade Literária:

— Dizem que sou avarento, que não gasto nada, e minha despesa, no entanto, sobe a vinte e seis mil e quinhentos francos por ano. E vou ter de pagar a educação de meus dois filhos! Isso talvez não agrade muito aos Milaud de Nevers, mas a segunda casa de La Baudraye talvez venha a ter uma carreira tão bela quanto a primeira. Irei a Paris solicitar ao rei dos franceses o título de conde. (O sr. Roy é conde.)[399] Minha mulher ficará muito contente de chamar-se “senhora condessa”.

Isso foi dito com tão perfeito sangue-frio que ninguém se atreveu a zombar do homenzinho. Apenas o presidente Boirouge lhe replicou:

— Em seu lugar, eu só me julgaria feliz se tivesse uma filha...

— Ora — disse o barão —, irei logo a Paris...

No começo do ano de 1842 a sra. de La Baudraye, que sempre se sentia requestada em falta de coisa melhor, voltara a imolar-se ao bem-estar de Lousteau: retomara os vestidos pretos; dessa vez, porém, ela vestia luto, pois seus prazeres se transformavam em remorsos. Sentia frequentemente demasiada vergonha de si mesma para que não sentisse às vezes o peso de seu cativoiro, e sua mãe a surpreendeu em momentos de reflexão profunda em que a visão do futuro mergulha os infortunados numa espécie de torpor. A sra. Piédefer, aconselhada por seu confessor, espreitava o momento de desânimo que o sacerdote anunciava e nessas ocasiões advogava em favor dos filhos. Contentava-se em pedir uma separação de domicílio, sem exigir uma separação de coração.

Na vida real, as situações violentas como essa não terminam, como nos livros, pela morte ou por catástrofes habilmente arranjadas; acabam muito menos poeticamente pelo tédio, pelo emurchecimento de todas as flores da alma, pela vulgaridade dos hábitos e, mais frequentemente ainda, por uma outra paixão, que despoja a mulher desse interesse de que tradicionalmente se cercam as mulheres. Ora, quando o bom senso, a lei das conveniências sociais, o interesse de família, todos os elementos do que se chamava moral pública, durante a Restauração, por horror à expressão “religião católica”, foram amparados pelo sentimento de ofensas demasiado fortes; quando a fadiga da abnegação já chegou quase ao desfalecimento e, em tal situação, um golpe demasiado violento, uma dessas infâmias que os homens só deixam ver às mulheres de quem ainda se consideram senhores leva ao máximo o desgosto, o desencanto, então chega a hora oportuna para o amigo obter a cura. A sra. Piédefer teve, assim, pouco trabalho para retirar a venda dos olhos da filha. Mandou chamar o advogado-geral. O sr. de Clagny completou a obra afirmando à sra. de La Baudraye que, se ela renunciasse a viver com Estêvão, seu marido deixaria os filhos com ela, lhe permitiria morar em Paris e lhe restituiria o direito de dispor de *seus bens*.

— Que vida! — disse ele. — Usando precauções, com o auxílio de pessoas piedosas e caridosas, a senhora poderia ter um salão e reconquistar uma posição. Paris não é Sancerre!

Diná confiou ao sr. de Clagny a tarefa de negociar uma reconciliação com o velhote. O sr. de La Baudraye vendera bem seus vinhos, vendera lãs, cortara as árvores e chegara, sem nada dizer à esposa, a Paris, para colocar lá duzentos mil francos na aquisição dum encantador palácio na Rue de l'Arcade, proveniente da liquidação duma grande fortuna aristocrática arruinada. Membro do conselho geral de seu departamento desde 1826 e pagando dez mil francos de contribuições, achava-se duplamente nas condições exigidas pela nova lei sobre o pariato. Pouco antes da eleição geral de 1842, declarou-se candidato para o caso de não ser feito par de França. Pediu, igualmente, para ser investido do título de conde e promovido a comendador da Legião de Honra. Em matéria de eleições, tudo quanto pudesse consolidar as nomeações dinásticas era justo aos olhos dos ministros; ora, no caso de o sr. de La Baudraye ser admitido no governo, Sancerre se tornaria mais do que nunca um baluarte da Doutrina. O sr. de Clagny, cujo talento e cuja modéstia eram cada vez mais apreciados, apoiou o sr. de La Baudraye; mostrou na elevação desse corajoso agrônomo ao pariato uma garantia dada aos interesses materiais.

O sr. de La Baudraye, uma vez nomeado conde, par de França e comendador da Legião de Honra, teve a vaidade de fazer-se representar por uma mulher e uma casa bem instalada: queria, dizia, gozar a vida. Pediu, assim, à esposa, por meio duma carta que lhe foi ditada pelo advogado-geral, para ir morar no seu palácio, mobiliá-lo com aquele bom gosto de que, dizia, tantas provas o encantavam no seu castelo de Anzy. O novo conde observou à esposa que seus interesses territoriais o impediam de deixar Sancerre, ao mesmo tempo que a educação dos filhos exigia que ela permanecesse em Paris. O complacente marido encarregava, assim, o sr. de Clagny de entregar à senhora condessa sessenta mil francos para o arranjo interior do palácio de La Baudraye, recomendando-lhe que mandasse incrustar uma placa de mármore acima do portão principal com esta inscrição: *Palácio de La Baudraye*. A seguir, prestando contas à esposa dos resultados da liquidação Silas Piédefer, o sr. de La Baudraye comunicava-lhe a colocação a quatro e meio por cento dos oitocentos mil francos recebidos em Nova York e concedia-lhe essa inscrição para

suas despesas, ficando compreendidas nestas as da educação dos filhos. Como era obrigado a estar em Paris durante uma parte da sessão da Câmara dos Pares, pedia à esposa que lhe reservasse um pequeno apartamento num sótão por cima dos seus aposentos.

— Sim, senhor! Ele torna-se jovem, fidalgo, magnífico! Que será mais que vai acontecer? É de fazer a gente tremer — disse a sra. de La Baudraye.

— Ele está satisfazendo todos os desejos que a senhora concebeu na idade de vinte anos — respondeu o magistrado.

A comparação de seu destino futuro com seu destino atual não era sustentável para Diná. Ainda na véspera, Ana de Fontaine voltara o rosto para não ver sua amiga íntima do pensionato Chamarolles. Diná pensou:

— Sou condessa, terei na minha carruagem o manto azul do pariato e no meu salão as sumidades da política e da literatura... então eu olharei para ela!...

Essa pequena satisfação exerceu toda sua influência no momento da conversão, como o desprezo da sociedade influíra quando ela resolveu ir para Paris.

Um belo dia, em maio de 1842, a sra. de La Baudraye pagou todas as dívidas da casa e deixou mil escudos sobre o maço de todas as notas pagas. Após ter enviado a mãe e os filhos para o palácio de La Baudraye, esperou Lousteau já vestida para sair. Quando o ex-rei de seu coração entrou em casa para jantar, ela disse-lhe:

— Entornei a panela, meu amigo. A sra. de La Baudraye convida-o para jantar no Rocher de Cancale.[\[400\]](#) Venha!

Arrastou Lousteau, estupefato com a expressão desembaraçada que assumia aquela mulher, que ainda pela manhã estava submissa a seus menores caprichos, pois há dois meses ela também vinha fingindo!

— A sra. de La Baudraye está *alinhada* como para uma *première* — disse ele, servindo-se da abreviação pela qual se designa em gíria de jornal uma primeira representação.

— Não se esqueça do respeito que deve à sra. de La Baudraye — disse gravemente Diná. — Não quero mais saber o que significa essa palavra *alinhada*...

— A Didine está se revoltando? — disse ele, prendendo-a pela cintura.

— Não há mais Didine, você a matou, meu amigo — respondeu ela, desprendendo-se. — E aproveito para dar-lhe a primeira representação da sra. condessa de La Baudraye...

— Então é verdade, nosso inseto é par de França?

— A nomeação figurará esta noite no *Moniteur*,^[401] segundo me disse o sr. de Clagny, que, por sua vez, passará à corte de cassação.

— Com efeito — disse o jornalista —, a entomologia social precisa estar representada na Câmara...

— Meu amigo, vamos separar-nos para sempre — disse a sra. de La Baudraye, reprimindo o tremor da voz. — Despedi as duas criadas. Quando voltar para casa, você a encontrará em ordem e sem dívidas. Sempre terei para você, mas secretamente, o coração duma mãe. Deixemo-nos tranquilamente, sem ruído, como gente decente. Tem alguma censura a fazer-me sobre minha conduta durante esses seis anos?

— Nenhuma, a não ser a de ter despedaçado minha vida e estragado meu futuro — disse ele, num tom seco. — Você leu demasiadamente o livro de Benjamin Constant e estudou mesmo o último artigo escrito sobre ele; mas você o leu apenas com olhos de mulher. Embora você tenha uma dessas belas inteligências que fariam a fortuna dum poeta, você não teve coragem de colocar-se no ponto de vista dos homens. Esse livro, querida, tem os dois sexos. Sabe? Estabelecemos que há livros machos ou fêmeas, louros ou morenos... Em *Adolfo*, as mulheres veem apenas Elenora, os rapazes veem Adolfo, os políticos veem a vida social! Você se dispensou de entrar na alma de Adolfo, como, aliás, seu crítico, que só viu Elenora. O que mata o pobre rapaz, querida, é ter perdido seu futuro por uma mulher, é não poder ser nada do que teria sido, nem embaixador, nem ministro, nem camarista, nem poeta, nem rico. Deu seis anos de sua energia, da época da vida em que o homem pode aceitar as agruras dum aprendizado qualquer, a uma saia que ele mesmo estimula na carreira da ingratidão, pois uma mulher que pôde deixar seu primeiro amante devia, cedo ou tarde, deixar o segundo. Adolfo é, além disso, um alemão melado que não se sente capaz de

enganar Elenora. Há Adolfos que perdoam às suas Elenoras discussões infamantes, queixas, e que se dizem: “Não falarei do que perdi! Não irei mostrar sempre ao Egoísmo que coroei meu punho amputado, como faz o Ramorny da *Linda moça de Perth*”;^[402] mas a esses, minha cara, a gente deixa... Adolfo é um moço de boa família, um coração aristocrata que quer reingressar no caminho da dignidade e recuperar seu dote social, sua reputação comprometida. Você está representando, no momento, os dois personagens. Está sentindo a dor que causa uma posição perdida e julga-se no direito de abandonar um pobre amigo que teve a desventura de julgá-la suficientemente superior para admitir que, se no homem o coração deve ser constante, o sexo pode-se deixar levar por caprichos...

— E acha que não me esforçarei para restituir-lhe o que lhe fiz perder? Fique descansado — respondeu a sra. de La Baudraye, fulminada por essas expressões —, sua Elenora não morre e, se Deus lhe conceder a vida, se você mudar de conduta, se renunciar às cortesãs e às atrizes, encontraremos para você coisa melhor do que uma Felícia Cardot.

Os dois amantes tornaram-se insípidos: Lousteau fingia tristeza, queria parecer seco e frio; ao passo que Diná, verdadeiramente triste, escutava as censuras de seu coração.

— Por que — disse Lousteau — não terminar como deveríamos ter começado, ocultando a todos nosso amor e vendo-nos secretamente?

— Nunca — disse a nova condessa, assumindo uma atitude glacial. — Não percebe que somos, acima de tudo, criaturas acabadas? Nossos sentimentos parecem-nos infinitos devido ao pressentimento que temos do céu; mas, aqui na terra, eles têm por limites as forças de nossa constituição. Há naturezas moles e frouxas que podem receber um número infinito de ofensas e subsistir; mas outras há, de têmpera mais firme, que acabam por quebrar-se sob os golpes. Você me...

— Oh! Basta — disse ele —, *deixemos de fazer literatura!*... Seu discurso me parece inútil, pois você se podia justificar com uma única frase: *Não amo mais!*...

— É? Sou eu que não amo mais?! — exclamou ela, admirada.

— Certamente. Você calculou que eu lhe estava causando mais

pesares, mais aborrecimentos que prazeres e, por isso, abandona seu sócio...

— Abandono?! — exclamou ela, erguendo os braços.

— Pois não acaba de dizer *para sempre*?

— Pois bem, sim, *para sempre!* — exclamou ela, com energia.

Esse último *para sempre*, ditado pelo receio de tornar a cair sob o domínio de Lousteau, foi interpretado por ele como o fim de seu poder, uma vez que Diná permanecia insensível a seus desdenhosos sarcasmos. O jornalista não pôde conter uma lágrima: perdia uma afeição sincera, ilimitada. Encontrara em Diná a mais meiga La Vallière,[403] a mais amável Pompadour que um egoísta que não é rei poderia desejar; e, como a criança que percebe que, à força de maltratar seu besouro, o matou, Lousteau chorava. A sra. de La Baudraye precipitou-se para fora da saleta onde estava jantando, pagou o jantar e saiu rapidamente pela Rue de l'Arcade, resmungando e achando-se feroz.

L — A CONDESSA DE LA BAUDRAYE TORNA-SE UMA MULHER HONESTA

Diná, que acabava de fazer de seu palácio um modelo de conforto, transformou-se pessoalmente também; essa dupla metamorfose, porém, custou trinta mil francos mais caro que as previsões do novo par de França. Como o fatal acontecimento que fez a família de Orléans perder seu herdeiro presuntivo[404] exigisse a reunião das câmaras em agosto de 1842, o pequeno La Baudraye foi apresentar suas credenciais à nova Câmara muito antes do que esperava e viu, então, os trabalhos da esposa; ficou tão encantado com eles que lhe deu os trinta mil francos sem a mínima observação, como outrora dera oito mil para arranjar La Baudraye. Ao voltar do Luxembourg, onde, segundo a praxe, foi apresentado por dois pares, o barão de Nucingen[405] e o marquês de Montriveau,[406] o novo conde encontrou o velho duque de Chaulieu,[407] um de seus antigos credores, a pé, com um guarda-chuva na mão, enquanto ele se encontrava repimpado numa carruagemzinha baixa sobre cujas almofadas se via seu escudo, no qual

se lia: *Deo sic patet fides et hominibus*. Essa comparação derramou em seu coração uma dose desse bálsamo com que se embriaga a burguesia desde 1830. A sra. de La Baudraye assustou-se ao ver então o marido mais lépido do que no dia do casamento. Assaltado por uma alegria superlativa, o mostrengo triunfava aos sessenta e quatro anos da vida que lhe haviam negado, da família que o belo Milaud de Nevers o declarara incapaz de constituir, da esposa que recebia em casa para jantar o sr. e a sra. de Clagny, o vigário da Assomption e seus dois introdutores na Câmara. Afagou os filhos com uma fatuidade encantadora. A beleza do serviço de mesa teve sua aprovação.

— Eis os tosões do Berry — disse ele, mostrando ao sr. de Nucingen as campainhas encimadas por sua nova coroa —, são de prata.

Embora devorada por uma profunda melancolia, reprimida com a energia duma mulher que se tornara verdadeiramente superior, Diná esteve encantadora, espiritual e, sobretudo, pareceu rejuvenescida em seu luto.

— Podia-se dizer — exclamou o pequeno La Baudraye, mostrando sua esposa ao sr. de Nucingen — que a condessa tem menos de trinta anos!

— Ah! *A zeniorra é uma mulier de trinta anos?* — replicou o barão, que se servia dos ditados consagrados, nos quais via uma espécie de moeda corrente da palestra.

— Em toda a expressão do termo — respondeu a condessa —, pois tenho trinta e cinco e ainda creio ter uma paixão no coração...

— Sim, minha mulher arruinou-me com porcelanas, objetos de arte...

— A senhora adquiriu esse gosto muito cedo — disse o marquês de Montriveau, sorrindo.

— Sim — replicou o pequeno La Baudraye, fitando friamente o marquês de Montriveau, a quem conhecera em Bourges —, o senhor sabe que ela gastou em 25, 26 e 27 mais de um milhão em curiosidades, que fazem de Anzy um museu...

— Que garbo! — pensou o sr. de Clagny, ao ver o avarozinho da província à altura de sua nova posição.

Os avarentos têm sempre economias a fazer. No dia seguinte ao do

voto da lei de regência pela Câmara, o pequeno par de França foi tratar de sua vindima em Sancerre e retomou seus hábitos.

Durante o inverno de 1842, a condessa de La Baudraye, auxiliada pelo advogado-geral da corte de cassação, tentou constituir uma sociedade. Naturalmente, ela escolheu um dia; escolheu entre as celebridades, não quis encontrar-se senão com pessoas sérias e de idade madura. Experimentou distrair-se indo aos Italiens e à Ópera. Duas vezes por semana, levava lá a mãe e a sra. de Clagny, que o magistrado obrigou a visitar a sra. de La Baudraye. Mas, apesar de sua inteligência, de suas maneiras amáveis e de suas atitudes de mulher moderna, só se sentia feliz pelos filhos, para os quais encaminhou todas suas afeições iludidas. O admirável sr. de Clagny recrutava mulheres para a sociedade da condessa e alcançava êxito nessa tarefa! Tinha, porém, muito mais sucesso junto às mulheres devotas que junto às mulheres da sociedade.

— Elas a aborrecem! — dizia-se ele com terror, contemplando seu ídolo amadurecido pelo infortúnio, empalidecido pelos remorsos e que estava então em todo o esplendor duma beleza reconquistada pela vida luxuosa e pela maternidade.

O dedicado magistrado, amparado em sua obra pela mãe e pelo vigário da paróquia, era admirável em expedientes. Todas as quartas-feiras servia alguma celebridade da Alemanha, da Inglaterra, da Itália ou da Prússia à sua querida condessa. Apresentava-a como uma mulher *excepcional* a pessoas às quais ela não dizia duas palavras, mas às quais escutava com tão profunda atenção que elas saíam convencidas de sua superioridade. Diná vencia em Paris pelo silêncio, como em Sancerre pela loquacidade. De vez em quando, um epigrama sobre as coisas ou alguma observação sobre os ridículos revelavam uma mulher habituada a manejar as ideias e que, quatro anos antes, havia rejuvenescido o folhetim de Lousteau. Essa época foi, para a paixão do pobre magistrado, como essa estação denominada verão de São Martinho[408] nos anos sem sol. Fez-se mais velho do que era para ter o direito de ser amigo de Diná sem causar-lhe dano; mas, como se fosse jovem, belo, comprometedor, ficava a distância como se devesse ocultar sua felicidade. Tentava cobrir do mais profundo

segredo seus pequenos cuidados, seus modestos presentes, que Diná exibira a todos. Procurava dar significações perigosas a suas menores obediências.

— Ele está fingendo-se apaixonado — dizia a condessa, sorrindo.

Ela escarnecia do sr. de Clagny em sua presença e o magistrado pensava: “Ela se ocupa de mim!”.

— Causo tamanha impressão a esse pobre homem — dizia ela, rindo, à mãe — que, se eu lhe dissesse sim, acho que ele diria não.

LI — UMA LEMBRANÇA

Uma noite, o sr. de Clagny trazia de volta para casa, em companhia da esposa, a sua querida condessa, que vinha profundamente preocupada. Os três acabavam de assistir à primeira representação de *A mão direita e a mão esquerda*, o primeiro drama de Léon Gozlan.[409] — Em que está pensando? — perguntou o magistrado, assustado com a tristeza de seu ídolo.

A persistência da tristeza secreta, mas profunda, que devorava a condessa era um mal perigoso que o advogado-geral não sabia combater, pois o verdadeiro amor é muitas vezes inábil, sobretudo quando não é correspondido. O verdadeiro amor amolda-se ao temperamento. Ora, o digno magistrado amava à maneira de Alceste, [410] ao passo que a sra. de La Baudraye queria ser amada à maneira de Filinto.[411] As infâmias do amor acomodam-se muito mal à lealdade do Misanthropo. Assim, Diná evitava cuidadosamente abrir o coração a seu *patito*. Como ousar confessar que ela às vezes sentia saudade de seu lodo antigo? Sentia um vácuo enorme na vida de sociedade, não sabia a quem dedicar seus êxitos, seus triunfos, seus vestidos. As recordações de suas misérias surgiam às vezes misturadas à lembrança de voluptuosidades devoradoras. Odiava Lousteau, algumas vezes, por não se importar com ela, gostaria de receber dele cartas ternas ou furiosas. Como Diná não respondesse, o magistrado repetiu a pergunta, tomando a mão da condessa e apertando-a entre as suas numa atitude religiosa.

— Quer a mão direita ou a mão esquerda? — respondeu ela,

sorrindo.

— A mão esquerda — disse ele —, pois presumo que a senhora quer referir-se à mentira e à verdade.

— Pois bem, eu o vi — replicou ela, falando de maneira a somente ser ouvida pelo magistrado. — E, ao vê-lo triste, profundamente desanimado, pensei: “Terá charutos? Terá dinheiro?”.

— Bem, se quer saber a verdade, eu lhe direi — exclamou o sr. de Clagny — que ele está vivendo maritalmente com Fanny Beaupré. A senhora arranca-me esta confidência; eu não a teria feito nunca, porque a senhora poderia pensar que eu tivesse algum sentimento pouco generoso.

A sra. de La Baudraye apertou a mão do advogado-geral.

— A senhora tem por marido — disse ela à sra. de Clagny — um dos homens mais raros. Ah! Por quê...

E recolheu-se a um canto do carro, olhando pelas vidraças; suprimiu o resto da frase, que o advogado-geral adivinhou: “Por que Lousteau não tem um pouco da nobreza de coração de seu marido?...”.

Essa notícia, contudo, dissipou a tristeza da sra. de La Baudraye, que se lançou à vida das mulheres da moda; quis alcançar êxito e alcançou-o; fazia, porém, poucos progressos na sociedade das mulheres, sentia dificuldades em tornar-se conhecida em seu meio. No mês de março, os padres amigos da sra. Piédefer e o advogado-geral deram um golpe de mestre, fazendo nomear a sra. de La Baudraye pedinte para a obra de beneficência fundada pela sra. de Carcado.^[412] Foi, por fim, designada para recolher na corte os donativos em favor das vítimas do tremor de terra de Guadalupe. A marquesa D’Espard,^[413] a quem o sr. de Canalis^[414] estava lendo os nomes dessas damas na Ópera, disse, ao ouvir o da condessa:

— Vivo há muito tempo na sociedade e não me recordo de nada mais belo que as manobras feitas para a salvação da honra da sra. de La Baudraye.

LII — UMA IDEIA

Durante os dias de primavera, que um capricho do nosso planeta fez

brilhar sobre Paris desde a primeira semana do mês de março de 1843 e que permitiu ver os Champs-Elisées cobertos de folhas e verdes em Longchamp, várias vezes já o amante de Fanny Beaupré, em seus passeios, avistara a sra. de La Baudraye sem ser visto por ela. Foi, então, mais de uma vez, picado no coração por um desses impulsos de ciúme e de inveja, muito familiares às pessoas nascidas e criadas na província, quando revia a antiga amante, bem instalada ao fundo duma bela carruagem, bem-vestida, com uma expressão sonhadora e com os filhos junto às portinholas do carro. Amaldiçoava-se intimamente com tanto maior razão porque se achava, então, às voltas com a mais aguda de todas as pobreza, uma pobreza oculta. Como todos os temperamentos essencialmente vaidosos e levianos, ele vivia sob o jugo desse singular conceito de honra que consiste em não se rebaixar aos olhos do público, que leva os homens da Bolsa a cometer crimes legais para não serem expulsos do templo da agiotagem, que dá a certos criminosos a coragem de praticar atos de virtude. Lousteau jantava, almoçava e fumava como se fosse rico. Ao entrar numa tabacaria, nunca deixava de comprar, para si como para o dramaturgo ou prosador que o acompanhasse, os charutos mais caros. O jornalista passeava com os sapatos lustrosos, mas temia as penhoras que, segundo a expressão dos oficiais de justiça, já haviam recebido todos os sacramentos. Fanny Beaupré não possuía mais nada que pudesse ser empenhado e seus ordenados estavam sequestrados! Após ter esgotado a soma possível dos adiantamentos às revistas, aos jornais e aos editores, Estêvão já não sabia com que tinta fazer dinheiro. Os jogos, que desastrosamente haviam sido suprimidos, não podiam mais saldar, como outrora, as letras de câmbio lançadas ao pano verde pelas misérias em desespero. O jornalista chegara, por fim, a tal indignação que acabava de pedir emprestados cem francos a Bixiou, o mais pobre de seus amigos, a quem nunca pedira nada! O que mais afligia Lousteau não era dever cinco mil francos, mas ver-se despojado de sua elegância, de seu mobiliário adquirido à custa de tantas privações e enriquecido pela sra. de La Baudraye. Ora, a 3 de abril, um cartaz amarelo, arrancado pelo porteiro depois de ter brilhado durante algum tempo na parede, anunciava a venda duma bela mobília para o sábado

próximo, dia das vendas autorizadas pela justiça.

Lousteau saiu a passear, fumando um charuto e procurando ideias, pois as ideias, em Paris, andam pelo ar, sorriem-nos às esquinas, saltam das rodas dum cabriolé com um jacto de lama! O *flâneur* já estivera procurando durante um mês ideias para artigos e assuntos para novelas, mas só encontrara amigos que o arrastavam a jantares e teatros e embriagavam sua aflição dizendo-lhe que o vinho de Champanha o inspiraria.

— Toma cuidado — disse-lhe uma noite o atroz Bixiou, que podia ao mesmo tempo dar cem francos a um camarada e trespassar-lhe o coração com uma frase. — Se continuares a dormir de barriga cheia, um dia acordarás louco.

Na véspera do dia da venda dos móveis, na sexta-feira, o desgraçado, apesar de estar habituado à pobreza, achava-se abatido como um condenado à morte. Em outros tempos, ele se teria dito: “Ora, a mobília está velha, comprarei uma nova”. Sentia-se, porém, incapaz de recomeçar seus esforços literários. Os editores, arruinados com as falsificações,^[415] pagavam pouco. Os jornais mostravam-se mesquinhos com os talentos fatigados, como fazem os teatros com os tenores que baixam uma nota. Assim, deixou-se andar sem rumo, com o olhar na multidão sem nada ver, o charuto à boca e as mãos nos bolsos, a fisionomia crispada por dentro e com um falso sorriso nos lábios. Viu, então, a sra. de La Baudraye passar numa carruagem, tomando a avenida pela Rue de la Chaussée-d’Antin para dirigir-se ao Bois.

— É o único recurso — pensou.

Voltou para casa para enfeitar-se. À noite, às sete horas, desceu dum carro à porta da casa da sra. de La Baudraye e pediu ao porteiro que fizesse chegar às mãos da condessa um bilhete assim redigido:

A senhora condessa quer ter a bondade de receber por um momento o sr. Lousteau, agora mesmo?

O bilhete estava timbrado com um sinete que antigamente servia aos dois amantes. A sra. de La Baudraye mandara gravar sobre uma cornalina legítima: *Porque sim!* Uma grande frase, a frase das mulheres, a frase capaz de explicar tudo, mesmo a criação. A condessa acabava de vestir-se para ir à Ópera, pois tinha um camarote para as sextas-feiras. Empalideceu ao ver o sinete.

— Diga que espere! — disse ela, metendo o bilhete no corpete.

Teve forças para ocultar sua perturbação e pedir à mãe que fosse deitar as crianças. Mandou, então, dizer a Lousteau que entrasse e recebeu-o num elegante gabinete junto ao salão, com as portas abertas. Como pretendia ir ao baile depois do espetáculo, pusera um delicioso vestido de seda com riscas em relevo, alternadamente foscas e cheias de flores, dum amarelo-palha. As luvas, guarnecidas de borlas, deixavam ver seus belos braços brancos. Resplandecia de rendas e usava todas essas encantadoras futilidades exigidas pela moda. Seu penteado à Sévigné dava-lhe uma aparência distinta. Um colar de pérolas sobre o peito parecia uma cadeia de gotas d'água sobre a neve.

— Que tem, senhor? — perguntou-lhe a condessa, avançando o pé sob o vestido para puxar uma almofada de veludo. — Eu esperava ser completamente esquecida...

— Mesmo que eu lhe dissesse *para sempre*, a senhora não me acreditaria — disse Lousteau, que permaneceu de pé e se pôs a andar dum lado para outro, mastigando flores que em cada volta tirava das jardineiras, cujos ramos perfumavam o gabinete.

Reinou um momento de silêncio. A sra. de La Baudraye, examinando Lousteau, achou-o vestido como o mais escrupuloso almofadinha.

— A senhora é a única pessoa no mundo que me pode socorrer e estender-me uma vara, pois estou-me afogando e já bebi mais de um gole d'água!... — disse ele, detendo-se diante de Diná e dando a impressão de ceder a um esforço supremo. — Se a senhora me vê aqui, é porque meus negócios vão terrivelmente mal.

— Basta! — disse ela. — Eu o compreendo.

Fez-se entre ambos uma nova pausa, durante a qual Lousteau se voltou, tomou o lenço e deu a impressão de enxugar uma lágrima.

— Que precisa, Estêvão? — continuou ela, com uma voz maternal. — Somos, neste momento, velhos camaradas; fale-me como falaria... a... a Bixiou...

— Para impedir que minha mobília vá parar amanhã no leiloeiro judicial, mil e oitocentos francos! Para pagar meus amigos, outro tanto; três aluguéis vencidos ao proprietário que a senhora conhece. O prego exige quinhentos francos...

— E para você, para viver?

— Oh! Tenho minha pena!

— Ela anda numa indolência tão grande que já não se o reconhece pelo que escreve — disse ela, sorrindo com finura. — Não tenho a soma que você me pede... Venha amanhã às oito horas, o oficial de justiça poderá esperar até as nove, principalmente se você o trouxer em sua companhia para pagá-lo.

Ela sentiu necessidade de despedir Lousteau, que fingia não ter coragem para fitá-la; experimentava ao mesmo tempo, porém, uma compaixão capaz de desatar todos os nós górdios feitos pela sociedade.

— Obrigada! — disse ela, levantando-se e estendendo a mão a Lousteau. — Sua confiança me faz tanto bem!... Oh! Há muito tempo que eu não sentia tanta alegria no coração...

Lousteau tomou-lhe a mão, encostou-a sobre seu coração e apertou-a ternamente.

— Uma gota d'água no deserto... e pela mão dum anjo!... Deus sempre faz bem as coisas!

Isso foi dito num tom meio de brincadeira, meio de ternura; mas, podeis acreditar, foi tão belo, como lance teatral, como o de Talma[416] em seu famoso papel de Leicester, onde tudo era representado por ele em cambiantes desse gênero. Diná sentiu o coração dele bater através da espessura da fazenda: ele batia de prazer, pois o jornalista assim escapava ao abutre judiciário, mas também batia por um desejo natural ao ver Diná rejuvenescida e renovada pela opulência. A sra. de La Baudraye, examinando Lousteau de soslaio, viu-lhe a fisionomia em harmonia com todas as flores de amor que, para ela, renasciam naquele coração palpitante; tentou mergulhar o olhar, uma vez, nos olhos daquele a quem tanto amara, mas um sangue

tumultuoso precipitou-se em suas veias e perturbou-lhe o cérebro. Os dois trocaram então o mesmo olhar ardente que, no Quai de Cosne, dera a Lousteau a audácia de amassar o vestido de organdi. O boêmio atraíu Diná pela cintura e as duas faces se tocaram.

— Esconde-te, mamãe vem vindo! — exclamou Diná, assustada.

E correu ao encontro da sra. Piédefer.

— Mamãe — disse ela (essa expressão era, para a severa sra. Piédefer, um carinho que nunca fracassava) —, faça-me um grande favor, tome o carro, vá pessoalmente ao nosso banqueiro, sr. Mongenod,^[417] com o bilhete que vou lhe dar para retirar lá seis mil francos. Venha, venha, trata-se duma obra de caridade, venha a meu quarto.

E arrastou consigo a mãe, que procurava ver a pessoa que estivera com a filha no gabinete.

LIV — ESTA HISTÓRIA DEVE ENSINAR-LHES QUE...

Dois dias mais tarde, a sra. Piédefer estava em conferência com o cura da paróquia. Após ter escutado as lamentações da velha mãe desesperada, o vigário lhe disse gravemente:

— Toda a regeneração moral que não se apoia num grande sentimento religioso e não se continua no seio da Igreja repousa sobre alicerces de areia... Todas as práticas, tão minuciosas e tão pouco compreendidas, que o catolicismo ordena são verdadeiros diques necessários a conter as tempestades do mau espírito. Consiga, pois, que a senhora sua filha cumpra todos seus deveres religiosos e nós a salvaremos...

Dez dias depois dessa conferência, o palácio de La Baudraye estava fechado. A condessa, os filhos e a mãe, toda a casa, enfim, que ela aumentara dum preceptor, partira para Sancerre, onde Diná passaria o verão. Dizem que ela se mostrou encantadora com o conde. Assim, a Musa de Sancerre voltava tranquilamente ao seio da família e à vida conjugal; mas, segundo alguns falatórios, ela voltara obrigada, pois os desejos do pequeno par de França seriam certamente satisfeitos, ele esperava uma filha!... Gatien e o sr. Gravier cercavam a bela condessa

de cuidados e de obsequiosas atenções. O filho do presidente, que, durante a longa ausência da sra. de La Baudraye, fora tomar lições de *elegância* em Paris, tinha, segundo se dizia na sociedade literária, possibilidades de agradar aquela mulher superior desiludida. Outros apostavam no preceptor e a sra. Piédefer a disputava para a religião.

Em 1844, em meados de junho, o conde de La Baudraye estava passeando pelo bosque de Sancerre acompanhado de seus dois lindos filhos; encontrou o sr. Milaud, procurador-geral, que fora a Sancerre a serviço, e disse-lhe:

— Meu primo, olha os meus filhos...

— Ah! Os *nossos* filhos — repetiu o malicioso procurador-geral.

Paris, junho de 1843 — agosto de 1844

**AS RIVALIDADES:
A SOLTEIRONA**

TRADUÇÃO DE **LIA CORBÊA DUTRA**

INTRODUÇÃO

A solteirona (em francês: *La Vieille Fille*) é um dos livros esquecidos de Balzac, que teve a imprudência de escrever *O pai Goriot*, *Ilusões perdidas*, *A prima Bete*, *O primo Pons*, relegando assim a segundo plano obras que bastariam para lhe assegurar na história literária um lugar de destaque.

Entretanto, *A solteirona* se assinala por uma profundidade de análise raramente atingida. Balzac, que teve a coragem de todos os assuntos, ventila aqui alguns que parecem destinados a pôr à prova qualquer romancista: os efeitos psíquicos da castidade numa solteirona; a paixão de um moço genial por mulher muito mais velha, mais feia que bonita e de uma ingenuidade que raia o ridículo; e a rivalidade cruel, resultante numa surda guerra de intrigas e mexericos, de dois homens de meia-idade, já usados, que no casamento procuram tudo, menos os estremecimentos da carne. Tudo isso enquadrado numa pintura perfeita do ambiente provinciano, onde a vida pessoal de cada um, de tão observada e dissecada, deixa de ser particular e entra a fazer parte dos acontecimentos coletivos. “Poder-se-ia resumir numa palavra a oposição entre as cenas da vida provinciana e as da vida parisiense: aquelas são antes de tudo estudos de grupos sociais; estas, estudos de indivíduos.” (Paul Flat, *Essais sur Balzac*.)

O leitor atento, que notou a existência de subgrupos dentro das divisões de *A comédia humana*, poderia perguntar por que Balzac não incluiu *A solteirona* na subdivisão dos *Celibatários*, a cujas três obras — *Pierrette*, *O cura de Tours* e *Um conchego de solteirão* — se aproxima devido ao tema central (os efeitos fisiológicos e psicológicos da castidade). Responderemos que provavelmente quis marcar a

estreita ligação deste romance com *O gabinete das antiguidades*, para formar com os dois outro subgrupo, *As rivalidades*. Cabe observar, aliás, que as divisões e subdivisões da *Comédia* nada têm de rigoroso: muitas vezes uma narrativa passava de um grupo a outro por meras conveniências editoriais.

Como em *A musa do departamento*, Balzac realiza aqui o milagre de, em toda a narrativa, movimentar a protagonista à margem do ridículo sem lhe fazer perder a grandeza nem afastá-la das simpatias do leitor. Existem, aliás, entre Diná Piédefer e a srta. Cormon, semelhanças que os leitores descobrirão decerto com interesse: sendo de temperamento e constituição parecidos, igualmente colocadas no centro de um pequeno mundo provinciano, portam-se diferentemente, conforme os ditames da educação e da inteligência de cada uma.

O destino mais comovedor em meio à multidão de destinos falhos convergentes neste romance é sem dúvida o de Atanásio Granson, o incompreendido jovem cujo gênio se extingue despercebido. Talvez o próprio público ficasse sem percebê-lo, pois Atanásio em todo o romance não diz duas palavras e mantém, do começo ao fim, uma atitude de palerma. Como chegou o autor a adivinhar-lhe o gênio? É bem simples: Atanásio era o próprio Balzac com vinte e três anos, sentindo-se afogar no pantanoso ambiente provinciano, cujo horror o leva a conceber uma paixão quase inexplicável e na qual a fortuna da adorada não desempenha papel menor que seus encantos pessoais. “Amor tão desproporcionado nos parece mais esquisito do que a Balzac” — escreve Paul Souday —, “o qual certamente se lembrara da sua Dilecta: ele porém não a desposara” (*Les Livres du temps*, vol. 3).

No mesmo estudo, Souday assinala a contradição, fácil de se perceber, entre as “duas verdades eternas” de Balzac, a Religião e a Monarquia, e suas observações voltairianas acerca das devotas, cuja estreiteza de espírito pinta aqui; como em vários outros romances. Contradições como esta já assinalai em outras obras de Balzac, por exemplo em *O baile de Sceaux*. A quem dar crédito? A Balzac moralista ou a Balzac observador? Se alguém ainda pode conservar dúvidas a respeito, leia as desastradas conclusões do autor no fim do romance. Balzac, a despeito de sua própria opinião, não tinha o estofo de um

reformador social; mas, com seus dotes prodigiosos de observador, conseguiu realizar um gigantesco levantamento da sociedade de seu tempo, que poderia servir de ponto de partida aos futuros reformadores.

“A intriga dessa narrativa” — observa Félix Longaud, em *Dictionnaire de Balzac* — é acessória. O romance vale por uma observação minuciosa dos ambientes da sociedade provincial. Ela é também dominada pela rivalidade de dois homens que encarnam duas concepções políticas. O Antigo Regime, com todo o seu *charme*, é vencido pelo liberal, menos galante, mas mais realista.”

Aqueles que gostariam de ter em cada romance de Balzac um novo argumento a favor das teorias expostas no “Prefácio” e em inúmeros outros trechos da *Comédia* ficaram desapontados com *A solteirona*, onde em vão procuravam “a luz misteriosa que surgirá nos últimos refolhos desta história para lhes dar todo o relevo, e que, decerto, os engrandecerá aos olhos daqueles que ainda têm a Fé”, luz prometida pelo escritor no decorrer da narrativa.

Expressão curiosa desse desapontamento encontra-se numa carta da própria irmã do romancista, a sra. Laure Surville, a uma amiga de província: “A senhora leu *A solteirona*?... Ela não lhe deve ter agradado, há nela expressões de mau gosto; o mérito literário é incontestável mesmo nesta obra, mas qual é o seu objetivo? Acho que, para ser arrolada na boa e sã literatura, uma obra, ainda que destinada a agradar e a divertir, deve ser agradável ao espírito ou ao coração. Que é que esta novela pinta? Que reflexão inspira? Que observação contém? Que experiência comunica?”.

Semelhante incompreensão por parte da própria irmã pode tirar a qualquer um a vontade de ser o maior observador dos costumes de seu tempo e de “levar um universo na cabeça”.

Até hoje *A solteirona* mereceu pouca atenção da crítica. Por isso julgo oportuno publicar a seguir a esplêndida nota que sua leitura sugeriu à tradutora brasileira.

PAULO RÓNAI

“Trata-se, talvez, de uma das novelas menos conhecidas e comentadas de Balzac, mas que constitui, entretanto, uma de suas mais completas, vivas e bem cuidadas galerias de tipos humanos. A figura do cavaleiro de Valois, representativa de uma época decadente, símbolo da galanteria, da graça, da frivolidade de um tempo morto, foi traçada em riscos finos, com uma arte acabada de miniaturista. É minuciosa e delicada como uma pintura em esmalte, feita de cores suaves como uma tapeçaria bordada durante longos anos por mãos pacientes de mulher — mãos ociosas de castelã que borda para encher as horas vazias, junto à lareira, e não mãos diligentes de operária que se apressam para ganhar o pão —, um pouco desbotada, parecendo saída de uma arca antiga, mas conservando ainda sua beleza primitiva, que consta da combinação de tons meditadamente escolhidos, de cercaduras rebuscadas, de caprichos do desenho. Em contraposição a essa imagem, ergue-se o retrato de Du Bousquier, homem brutal e maciço, também símbolo de uma era, e de uma era de força, de violência e de renovação. Empastado em pinceladas largas, grossas, com uma profusão de tintas e de cores: mãos de tinta sobre mãos de tinta, cores sobre cores, o ex-fornecedor dos exércitos de Napoleão é a outra personagem central da novela. Ambos, roídos de egoísmo e ambição; o primeiro encaminhando-se para seus fins em passos miúdos e leves, contemplando o retrato da princesa Goritza — única emoção pura e durável de sua vida de solteirão — na tampa de sua caixa de rapé, agitando-se em gestos cortesões, em medidas palacianas, em ditos espirituosos de velho cortesão, mas animado pela mesma vontade impiedosa de vencer que impele para a frente seu rival Du Bousquier, que segue em passadas bruscas, batendo os tacões de suas botas, sacudindo as mãos peludas, esmagando resistências, ignorando preconceitos e escrúpulos. Ambos intrigantes e sagazes, muito superiores ao meio mesquinho onde foram cair, e dispostos a tirar desse meio tudo o que lhes possa dar em conforto, triunfos e satisfações. Entre ambos, a desafiar-lhes a cobiça, a gorda e plácida figura da solteirona simplória, ardente de desejos sufocados sob virtudes cristãs e quase monásticas, inconsciente do enredo armado à sua volta e que tem, como prêmio, alma boa e cândida, inteligência

embotada, coração infantil num corpo disforme, velha donzela feita para a maternidade, e que, no decorrer desta história, se livra do ridículo pela sua humilde tragédia de destino falhado, de vocação perdida, de vida gasta inutilmente em mãos que não saberão fazê-la desabrochar. Há, na srta. Cormon, um acúmulo de forças benéficas desperdiçadas que a transformam em vítima de mal-entendidos dolorosos e um pouco grotescos. Outras figuras menos importantes, mas tão nítidas quanto essas três: a do padre Sponde, distraído e bondoso, sábio e incapaz, bem-intencionado e estéril, e a do moço Atanásio, gênio desconhecido, amante ignorado, rico de pensamentos e pobre de dinheiro; a dos dois padres, um plantado na terra firme de suas intransigências católicas, e o outro, o juramentado, com as velhas virtudes cristãs que já ninguém entende, apóstolo que ninguém ouve, espécie de santo a quem as convicções políticas de seus paroquianos hão de sempre recusar a merecida auréola; a da vivaz Susana, que troca a honra pela sedução da cidade grande e do luxo; a da sra. Granson, transbordante de um inútil amor maternal que não bastará nem sequer para salvar-lhe a vida do filho; as dos criados familiares e intrometidos; e, como fundo comum a todos esses quadros, a tonalidade cinzenta e lisa da vida da província.

Nesta história, na realidade mais cruel do que pode parecer ao leitor desatento, nem um só destino se completa, nem uma só possibilidade consegue florescer. A cidade pequena devora todas as existências, apara as asas de todos os sonhos, acaba reduzindo personagens e situações ao molde comum das coisas mesquinhas, ou, quando não, oferece a solução desesperada da fuga ou da morte. Susana vai para Paris, Atanásio afoga-se no rio, a castidade forçada murcha o instinto maternal da solteirona, o padre morre, depois de ter visto a sobrinha infeliz e as árvores de seu jardim derrubadas, Du Bousquier nunca será deputado e o próprio cavaleiro acaba perdendo suas graças palacianas. Confesso que a decadência do cavaleiro, com seu colete manchado de espirros de rapé, suas barrigas de perna postiças colocadas ao contrário, suas roupas esgarçadas, seus brinquinhos de brilhantes embaçados de pó, me deu um aperto no coração. E confesso que sofri ao ver posta em leilão a sagrada caixinha de rapé com o retrato da

princesa Goritza na tampa. O leitor também sofrerá ao ser arrematada essa relíquia de amor, porque, como eu própria, não saberá resistir à sedução desse devasso e encantador cavaleiro.

Esse não será, por certo, o maior romance de Balzac, não será mesmo um dos maiores, mas a humanidade que nele se move é a humanidade autêntica de *A comédia humana*; humanidade imperfeita como a humanidade de carne e sangue, cheia de vícios e de virtudes, de possibilidades e de recuos, de promessas e de decepções, produto do meio em que se agita; humanidade feita de falhas e de defeitos, mas, apesar disso, ou talvez por isso mesmo, humanidade cheia de verdade e de vida.

E para que dizer mais? É um romance de Balzac, isto é, o levantamento de uma época, a reprodução de uma sociedade; um pouco da história de todos nós, das nossas ambições, das nossas renúncias e das nossas esperanças.”

LIA CORRÊA DUTRA

A SOLTEIRONA

AO SR. EUGÈNE-AUGUSTE-GEORGES-LOUIS
MIDY DE LA GRENERAYE SURVILLE,
engenheiro do Corpo Real das Pontes e Calçadas,[418]
como testemunho do afeto de seu cunhado,

DE BALZAC

I — A CASTA SUSANA E OS DOIS ANCIÃES

Muitas pessoas devem ter encontrado em certas províncias da França um número maior ou menor de cavaleiros de Valois, pois existia um na Normandia, outro em Bourges, um terceiro florescia em 1816 na cidade de Alençon, e talvez o Midi possuísse também o seu. Mas o recenseamento dessa tribo valoisiana não tem aqui nenhuma importância. Todos esses cavaleiros, entre os quais havia alguns que eram tão Valois quanto Luís XIV era Bourbon, se conheciam tão pouco, mutuamente, que não se podia falar de uns com os outros. Todos eles, aliás, deixavam em perfeita tranquilidade os Bourbon no trono da França, pois é fato sobejamente demonstrado que Henrique IV se tornou rei por falta de um herdeiro varão no primeiro ramo de Orléans, dito de Valois. Se existem Valois, são descendentes de Carlos de Valois, duque de Angoulême, filho de Carlos IX e de Maria Touchet, cuja posteridade masculina se extinguiu, até prova em contrário, na pessoa do abade de Rothelin; e os Valois-Saint-Rémy, que procedem de Henrique II, acabaram igualmente com a famosa La Motte-Valois, implicada no Caso do Colar.[419]

Cada um desses cavaleiros foi, se as informações não mentem, um velho fidalgo comprido, seco e sem fortuna, como o da cidade de Alençon. O de Bourges tinha emigrado, o de Turenne se escondera, o de Alençon guerreara durante a Vendaia e tomara parte, até certo

ponto, no movimento dos *chouans*.^[420] A maior parte da mocidade deste último passara-se em Paris, onde a Revolução o surpreendeu aos trinta anos, no meio de suas conquistas amorosas. Aceito pela alta aristocracia da província como um verdadeiro Valois, o cavaleiro de Valois de Alençon distinguia-se, como os seus homônimos, por suas maneiras excelentes, e parecia um homem de boa companhia. Jantava fora diariamente, e jogava todas as noites. Graças a um de seus defeitos, que consistia em contar uma multidão de anedotas sobre o reinado de Luís XV e os começos da Revolução, passava por um homem muito espirituoso. Quem ouvisse suas historietas pela primeira vez, sempre as achava muito bem narradas. O cavaleiro de Valois tinha, aliás, a virtude de não repetir seus chistes pessoais e de nunca falar de seus amores; mas suas graças e seus sorrisos cometiam deliciosas indiscrições. Usava do privilégio que têm os velhos fidalgos voltairianos de nunca ir à missa, porém todos sentiam uma indulgência excessiva pela sua falta de religião, em favor de seu devotamento à causa da realeza. Um de seus encantos mais notáveis era o modo, sem dúvida imitado de Molé,^[421] de tirar o tabaco de uma velha caixa de ouro, ornada com o retrato de uma certa princesa Goritza, húngara sedutora, célebre pela sua beleza no fim do reinado de Luís XV... Ligado durante a mocidade a essa ilustre estrangeira, falava sempre dela com emoção, e batera-se em duelo, por sua causa, com o sr. de Lauzun.^[422] Contando, então, aproximadamente cinquenta e oito anos, só confessava cinquenta, e tinha direito a essa fraude inocente, porque, entre as vantagens concedidas às pessoas secas e louras, conservava esse corpo ainda juvenil, que resguarda tanto os homens como as mulheres das aparências da velhice. Sim; deveis ficar bem certos de que toda a vida, ou toda a elegância, que é a expressão da vida, reside principalmente no corpo, na silhueta.

Entre as propriedades do cavaleiro assinalava-se o nariz prodigioso com que a Natureza o dotara. Esse nariz dividia vigorosamente um rosto pálido em duas seções, que pareciam não se conhecer, e das quais apenas uma corava durante o trabalho da digestão. E, nestes tempos em que a fisiologia se ocupa tanto com o coração do homem, esse é um fato digno de nota. Tal incandescência colocava-se à esquerda. Embora

as pernas altas e finas, o corpo magricela e a tez lívida do sr. de Valois não anunciassem muita saúde, ele comia, no entanto, como um lobo, e pretendia ter uma doença designada na província sob o nome de “fígado quente”, sem dúvida para desculpar seu apetite excessivo. A circunstância de seu rubor apoiava tal pretensão; mas, num país em que as refeições se desenvolvem numa linha de trinta ou quarenta pratos e durante quatro horas, o estômago do cavaleiro parecia um benefício concedido pela Natureza a essa boa cidade. Segundo alguns médicos, essa vermelhidão na face esquerda denota um coração pródigo. A vida galante do cavaleiro confirmava essas asserções científicas, cuja responsabilidade, felizmente, não pesa sobre o historiador. Apesar desses sintomas, o sr. de Valois tinha uma organização nervosa e, por conseguinte, vivaz. Se seu fígado ardia, para empregar uma velha expressão, seu coração não queimava menos. Se seu rosto oferecia algumas rugas, se seus cabelos eram prateados, um observador instruído teria visto nessas coisas os estigmas da paixão e os sulcos do prazer. Com efeito, os “pés de galinha” característicos mostravam essas rugas elegantes, tão apreciadas na Corte de Citera.

[423] No faceiro sr. de Valois tudo revelava os costumes de um homem dado às mulheres (*ladie's man*); era tão minucioso em suas abluções que a vista de suas faces causava prazer, pois pareciam escovadas com alguma água maravilhosa. A parte do crânio que os cabelos já ralos recusavam cobrir brilhava como marfim. Suas sobranceiras, como seus cabelos, fingiam juventude pela regularidade que o pente lhes imprimia.

Sua pele, já tão branca, parecia mais branca ainda pelo uso de algum preparado secreto. Sem usar perfumes, o cavaleiro exalava como que um aroma de mocidade que refrescava o ambiente. Suas mãos de fidalgo, cuidadas como as de uma dama, atraíam o olhar pelas unhas cor-de-rosa e bem aparadas. Enfim, sem seu nariz magistral e superlativo, chegaria a parecer embonecado. É preciso, porém, resolver-me a estragar finalmente esse retrato pela confissão de uma mesquinha: o cavaleiro botava algodão nos ouvidos e conservava ainda nas orelhas dois brinquinhos representando cabeças de negro em diamantes, admiravelmente trabalhadas; mas justificava esse apêndice

singular dizendo que, desde que tinha furado as orelhas, suas enxaquecas haviam desaparecido: ele tivera enxaquecas!... Não queremos fazer o cavaleiro passar por um homem perfeito; mas não devem ser perdoados aos velhos celibatários, cujo coração envia tanto sangue até a face, esses ridículos adoráveis, fundados talvez em segredos sublimes? Aliás, o cavaleiro de Valois compensava suas cabeças de negro com tantas outras graças que a sociedade podia considerar-se suficientemente indenizada. Despendia, realmente, muitos esforços para esconder a idade e agradar às suas relações. Cumpre assinalar, primeiramente, o cuidado extremo que dava à sua roupa branca, única distinção que as pessoas de bom-tom podem ter hoje na indumentária; a roupa de baixo do cavaleiro era sempre aristocraticamente fina e alva. Quanto ao seu traje, embora de um asseio notável, era usado, mas sem manchas nem dobras. A conservação da roupa parecia um prodígio às pessoas que reparavam na afetada indiferença do cavaleiro sobre esse assunto; não chegava ao ponto de raspar a fazenda com um pedaço de vidro, apuro inventado pelo príncipe de Gales; o sr. de Valois, porém, seguia os rudimentos da alta elegância inglesa com uma fatuidade pessoal que não saberia ser apreciada pela gente de Alençon. Não deve a sociedade ter consideração pelas pessoas que tanto se esforçam por ela? Não há, nisso, o cumprimento do mais difícil preceito do Evangelho, que é o de pagar o mal com o bem?

Essa frescura de traje, esse apuro permanente condizia com os olhos azuis, com os dentes de marfim e com a figura loura do cavaleiro. Somente esse Adônis aposentado não tinha nada de másculo em seu aspecto, e parecia empregar o disfarce da indumentária para esconder as ruínas causadas pelo serviço militar da galanteria. Para falar com franqueza, a voz produzia como que uma antítese da loura delicadeza do cavaleiro. A menos que se adotasse a opinião de alguns observadores do coração humano, e se chegasse à conclusão de que o cavaleiro tinha a voz de acordo com o nariz, seu órgão vocal surpreenderia por sons amplos e redundantes. Sem possuir o volume dos baixos colossais, o timbre dessa voz agradava por um médio estofado, semelhante aos acentos da trompa inglesa, resistentes e

doces, fortes e aveludados.

Repudiando a roupa ridícula ainda conservada por alguns monarquistas, o cavaleiro modernizara-se francamente; mostrava-se sempre vestido por uma casaca marrom de botões dourados, calças justas em seda com fivelas de ouro, um colete branco sem bordados e uma gravata apertada sem colarinho de camisa — último vestígio da antiga indumentária francesa, ao qual não tinha sabido renunciar porque essa moda lhe proporcionava a oportunidade de mostrar o pescoço de abade comendatário. Seus sapatos recomendavam-se por fivelas de ouro, quadradas, de que a geração atual já não guarda lembranças, e que se aplicavam no couro negro envernizado. O cavaleiro deixava ver duas correntes de relógio que pendiam paralelamente de cada bolso de seu colete, outro vestígio das modas do século XVIII, que os *Incroyables*[424] não tinham desdenhado sob o Diretório. Essa roupa de transição, que unia dois séculos, o cavaleiro a trazia com uma graça de marquês, cujo segredo se perdeu no palco francês desde o dia em que desapareceu Fleury,[425] último aluno de Molé. A vida privada desse solteirão, aparentemente aberta a todos os olhares, era, na realidade, misteriosa. Ocupava um apartamento modesto, para não dizer pior, situado na Rue du Cours, no segundo andar de uma casa pertencente à sra. Lardot, lavadeira de roupa fina mais afreguesada da cidade. Essa circunstância explicava o apuro excessivo de sua roupa branca. Quis a desgraça que um dia Alençon pudesse acreditar que o cavaleiro nem sempre se tivesse comportado como fidalgo, e que se tivesse casado secretamente, em seus velhos dias, com uma certa Cesarina, mãe de uma criança que cometera a imprudência de vir sem ser chamada.

— Ele tinha — disse então um certo sr. du Bousquier — dado a mão àquela que durante tanto tempo lhe emprestara o ferro de engomar.

Essa horrível calúnia entristeceu os velhos dias do delicado fidalgo, pois o atingiu justamente no momento em que cultivava uma esperança (que constitui a cena atual) longamente acariciada, e à qual havia feito muitos sacrifícios. A sra. Lardot alugava ao cavaleiro de Valois dois quartos no segundo andar de sua casa pela módica importância de cem francos anuais. Jantando fora todos os dias, o

digno fidalgo só voltava em casa para dormir. Sua única despesa, portanto, era o almoço, invariavelmente composto de uma xícara de chocolate, acompanhada de manteiga e frutas, conforme a estação. Só acendia a lareira nos invernos mais inclementes, e apenas à hora de levantar. Entre onze e quatro horas, passeava, lia os jornais e fazia visitas. Assim que se instalara em Alençon, tinha confessado nobremente sua situação de miséria, dizendo que toda a sua fortuna consistia em seiscentas libras de rendas em usufruto, única sobra da opulência antiga — soma que lhe mandava pagar, em quatro prestações, seu antigo homem de negócios, em cujas mãos se achava o título de outorga. Realmente, um banqueiro da cidade pagava-lhe, trimestralmente, cento e cinquenta libras mandadas por um certo sr. Bordin, de Paris, derradeiro procurador do Chlet (Châtelet).[426]

Todos souberam desses pormenores por causa do absoluto segredo pedido pelo cavaleiro à primeira pessoa que lhe recebeu as confidências. O sr. de Valois colheu os frutos de seus infortúnios: passou a ter seu talher sempre posto nas casas mais distintas de Alençon e foi convidado para todas as festas. Seus talentos de jogador, de narrador, de pessoa amável e de boa companhia foram tão apreciados que perdia toda graça a reunião a que não comparecesse o “conhecedor” da cidade. Os donos de casa, as damas, todos precisavam de sua caretinha de aprovação. Quando, num baile, uma mulher ouvia o velho cavaleiro dizer: “Está encantadora! Seu vestido é muito elegante!”, sentia-se mais feliz com esse elogio do que com o desespero da rival. O sr. de Valois era o único homem capaz de pronunciar com graça certas frases do tempo antigo. As expressões *meu coração*, *minha joia*, *meu tesouro*, *minha princesa*, todos os diminutivos amorosos do ano de 1770 tomavam uma sedução irresistível em sua boca; e tinha, enfim, o privilégio dos superlativos. Suas lisonjas, de que era, aliás, avaro, conquistavam-lhe as simpatias das velhas e envaideciam todo mundo, até mesmo os funcionários administrativos, de que o cavaleiro não tinha a menor necessidade. No jogo, portava-se com uma distinção que o distinguiria em qualquer roda: nunca se queixava, elogiava os adversários quando perdiam; jamais tentava empreender a educação dos parceiros demonstrando-lhes a maneira

correta de efetuar a jogada. Quando, no momento de dar as cartas, se estabelecia uma dessas nauseabundas dissertações habituais, o cavaleiro puxava a caixa de rapé, com um gesto digno de Molé, olhava para a princesa Goritza, levantava a tampa com dignidade, amassava a pitada, pulverizava-a, enrolava-a, moldava-a num montinho; e, quando as cartas estavam dadas, já ele havia entupido os antros do nariz e tornado a colocar a princesa no bolso do colete, sempre do lado esquerdo! Só um fidalgo do *bom século*^[427] (por oposição ao *grande século*) poderia ter inventado essa transição entre um silêncio desprezível e um epigrama que ninguém teria compreendido. Aceitava de bom grado os pexotes, dos quais sabia tirar partido. A admirável igualdade de seu humor fazia com que muita gente dissesse a seu respeito: “Admiro o cavaleiro de Valois!”.

Suas conversas, seus modos, tudo nele parecia tão louro quanto sua pessoa. Aplicava-se em nunca ferir nem desagradar a homens ou mulheres. Indulgente para com os vícios de conformação, assim como para com os defeitos do espírito, ouvia pacientemente, com o auxílio da princesa Goritza, as pessoas que lhe contavam as pequenas misérias cotidianas da vida de província: o ovo mal cozido do almoço, o leite que azedara à hora do café, as minúcias grotescas sobre a saúde, o acordar em sobressalto, os sonhos, as visitas. O cavaleiro possuía um olhar lânguido, uma atitude clássica para fingir compaixão capazes de torná-lo um ouvinte delicioso; exclamava um *ah!*, um *ora!*, um *E que fez então?* com uma oportunidade encantadora. Morreu sem que jamais alguém suspeitasse que ficava relembrando os capítulos mais ardentes de seu romance com a princesa Goritza, durante todo o tempo em que durava essa avalanche de tolices. Alguém já terá pensado no serviço que um sentimento extinto pode prestar à sociedade? Alguém já terá notado quanto o amor é sociável e útil? Isso explica por que motivo o cavaleiro continuava a ser o predileto da cidade, apesar de seus lucros constantes no jogo e embora nunca saísse de um salão sem levar aproximadamente seis libras ganhas na partida. Seus prejuízos, que, aliás, alardeava em altas vozes, eram muito raros.

Todos aqueles que o conheceram confessam jamais haver encontrado, em lugar algum, nem mesmo no Museu Egípcio de Turim,

outra múmia tão gentil. Em nenhum país do mundo o parasitismo assumiu formas assim graciosas. Nunca o mais concentrado egoísmo se mostrou tão prestativo nem menos ofensivo do que o desse fidalgo; chegava a equivaler a uma amizade dedicada. Quem pedisse ao cavaleiro um favorzinho qualquer, capaz de incomodá-lo, acabaria plenamente convencido de que ele nada poderia fazer no caso ou que o estragaria se se intrometesse; e ainda acabaria saindo de sua casa apaixonado por ele.

Para explicar a existência problemática do cavaleiro, o historiador, premido pela Verdade — essa cruel libertina —, deve contar que, ultimamente, depois dos tristes dias gloriosos de julho,[428] Alençon veio a saber que a soma ganha no jogo pelo sr. de Valois atingia por semestre a quantia aproximada de cento e cinquenta escudos, e o espirituoso cavaleiro tivera a coragem de mandar para si mesmo sua renda vitalícia, a fim de não parecer sem recursos num país onde se gosta do positivo. Muitos de seus amigos (já estava morto nessa ocasião, note-se esse ponto!) contestaram tenazmente tal circunstância, tratando-a de fábula e considerando o cavaleiro de Valois um fidalgo respeitável e digno, caluniado pelos Liberais. Felizmente para os jogadores espertos, haverá sempre nas galerias quem os defenda. Envergonhados de terem de justificar um erro, esses admiradores negam-no intrepidamente; que ninguém os acuse de obstinação, pois esses homens têm o sentimento de sua dignidade: os governos lhes dão o exemplo dessa virtude que consiste em enterrar secretamente os seus mortos, sem cantar o *Te Deum* de suas derrotas. Se, na realidade, o cavaleiro tivera esse gesto de esperteza, que, por certo, lhe teria valido a estima do cavaleiro de Gramont,[429] um sorriso do barão de Foeneste,[430] um aperto de mão do marquês de Moncada,[431] isso impediria, por acaso, que ele tivesse sido o conviva amável, o homem espirituoso, o jogador inalterável, o maravilhoso narrador que fazia as delícias de Alençon? Quando tantas pessoas são obrigadas a pagar rendas vitalícias a outras, que haverá de mais natural do que se pagar uma, voluntariamente, ao nosso melhor amigo? Mas Laio está morto...[432] Ao fim de quinze anos desse padrão de vida, o cavaleiro economizara dez mil e tantos francos. Quando da volta dos

Bourbon, um de seus amigos, o senhor marquês de Pombretton, antigo tenente dos mosqueteiros negros, lhe tinha, ao que diziam, restituído mil e duzentas pistolas que o cavaleiro lhe emprestara para emigrar. Esse acontecimento causou sensação e foi oposto, mais tarde, às pillérias inventadas pelo *Constitutionnel*[433] quanto à maneira de pagar dívidas usada por alguns emigrados. Ouvindo qualquer referência a esse gesto nobre do marquês de Pombretton, o pobre cavaleiro corava até mesmo na face direita. Todos, então, se alegraram pelo sr. de Valois, que deu para consultar as pessoas de dinheiro sobre o emprego que deveria dar a essa migalha de fortuna. Confiante nos destinos da Restauração, colocou o dinheiro na Dívida Pública, no momento em que as rendas valiam 56 francos e 25 cêntimos. Os srs. de Lenoncourt, de Navarreins, de Fontaine e de La Billardiére,[434] que o conheciam, lhe tinham, segundo o que ele próprio afirmava, conseguido uma pensão de cem escudos, pagas pela bolsa particular do rei, e lhe enviaram a Cruz de São Luís. Nunca se soube por que meios o velho cavaleiro obteve essas duas solenes consagrações de seu título e de sua qualidade, mas o que é certo é que o diploma da Cruz de São Luís o autorizava a usar a patente de coronel reformado, em razão de seus serviços nos exércitos católicos do Oeste. Além de sua ficção de rendas em usufruto, o cavaleiro teve, portanto, autenticamente, mil francos de rendimentos. Apesar dessa melhoria, não modificou em nada nem o modo de viver nem os hábitos; apenas, a fita vermelha acertava maravilhosamente em sua casaca marrom e pareceu completar a fisionomia do fidalgo. Desde 1802, costumava lacrar suas cartas com um sinete de ouro, muito velho e mal gravado, mas onde os Castéran, os D'Esgrignon, os Troisville podiam ver que ele trazia *partido, de França, com uma gêmea de goles posta em barra e de goles com cinco macles de ouro, unidos e apontados em cruz. O escudo com um chefe de sable carregado de uma cruz pátea de prata. Por timbre, o elmo de cavaleiro. Por divisa, Valeo.*[435] Com essas armas nobres, o suposto bastardo dos Valois devia e podia subir em todas as carruagens reais deste mundo.

Muitas pessoas invejaram a doce existência desse solteirão, cheia de partidas de bóston, de gamão, de perde-ganha, de uíste e de *piquet*

bem jogadas, de jantares bem digeridos, de pitadas de tabaco aspiradas com graça, de passeios tranquilos. Quase toda a gente de Alençon julgava essa vida isenta de ambições e de interesses graves; mas nenhum homem tem a vida tão simples quanto a imaginam aqueles que o invejam. Nas aldeias mais esquecidas iremos encontrar moluscos humanos, rotíferos mortos na aparência, mas que têm a paixão dos lepidópteros ou da conquiliologia, e que se infligem a si mesmos sacrifícios infinitos por não sei que espécie de borboletas ou pela *concha Veneris*.^[436] E o cavaleiro não somente tinha as suas conchas como, ainda, alimentava um desejo ambicioso, perseguido com uma profundidade digna de Sixto V:^[437] queria casar-se com uma solteirona rica, sem dúvida na intenção de utilizá-la como estribo para galgar as altas esferas da Corte. Nisso estava o segredo de seu porte real e de sua estada em Alençon.

Uma quarta-feira, muito cedinho, nos meados da primavera do ano 16^[438] (de acordo com sua maneira de falar), no momento em que vestia o velho roupão de damasco verde e florido, o cavaleiro ouviu, apesar do algodão nos ouvidos, os passos leves de uma pessoa que subia as escadas. Dentro em pouco, bateram três pancadas discretas em sua porta. Sem esperar resposta, uma bonita rapariga esgueirou-se como uma enguia no apartamento do solteirão.

— Ah, és tu, Susana? — perguntou o cavaleiro, sem interromper a operação iniciada, que consistia em afiar a lâmina da navalha numa tira de couro. — Que vens fazer aqui, diabinho do meu coração?

— Venho contar-lhe uma coisa que talvez lhe cause tanta pena quanto prazer.

— Trata-se de Cesarina?

— Pouco estou me importando com a sua Cesarina! — disse ela com uma expressão ao mesmo tempo travessa, grave e descuidada.

Essa encantadora Susana, cuja aventura cômica ia exercer tão grande influência no destino das principais personagens desta história, era uma das operárias da sra. Lardot.

Agora uma palavra sobre a topografia da casa.

As oficinas ocupavam o andar térreo. O pequeno pátio servia para estender nas cordas de crina os lenços bordados, os cabeções, os

corpetes, os punhos, as camisas de refolhos, as gravatas, as rendas, os vestidos bordados, toda a fina roupa branca das melhores casas da cidade. O cavaleiro pretendia saber, pelo número de corpetes da mulher do recebedor geral os pormenores de suas intrigas, porque havia camisas de refolhos e gravatas em correlação com os corpetes e os cabeções. Embora podendo, por essa escrituração em partes dobradas, adivinhar tudo a respeito dos encontros amorosos da cidade, o cavaleiro jamais cometeu uma indiscrição, nunca disse um epigrama suscetível de fazer com que uma casa lhe fechasse as portas (e, no entanto, tinha espírito!). Assim, o cavaleiro de Valois pôde ser julgado um homem de atitudes superiores, e cujos talentos, como os de tantos outros, perderam-se num círculo estreito. Somente — e porque era um homem, afinal! — o cavaleiro não se privava de certas olhadelas incisivas que faziam com que as mulheres estremecessem. Todas, entretanto, passaram a gostar dele, desde o instante em que reconheceram quanto era profunda a sua discrição e verdadeira a sua simpatia pelas fraquezas bonitas.

A primeira operária, factótum da sra. Lardot, solteirona de quarenta e cinco anos, feia de meter medo, morava no cômodo contíguo ao do cavaleiro. No andar superior, não havia senão as mansardas onde punham a roupa para secar durante o inverno. Cada apartamento, como o do cavaleiro, constava de dois quartos arejados, dando um para a rua e outro para o pátio. No primeiro andar, abaixo do cavaleiro, residia um velho paralítico e surdo, avô da sra. Lardot, antigo corsário chamado Grévin, que servira sob as ordens do almirante Simeuse,^[439] nas Índias.

A sra. Lardot, que ocupava a outra habitação do primeiro andar, tinha tanta indulgência pela gente de alta condição que podia passar por cega em tudo quanto dissesse respeito ao cavaleiro. Para ela, o sr. de Valois era um monarca absoluto e tudo quanto ele fizesse lhe parecia bem-feito. Se uma de suas operárias se tornasse culpada de uma felicidade atribuída ao cavaleiro, a sra. Lardot teria dito: — *Ele é tão amável!*

Assim, embora essa casa fosse de vidro como todas as casas da província, tornava-se secreta como uma caverna de bandidos, em se

tratando do sr. de Valois.

Confidente nato de intriguinhas de oficina, o cavaleiro nunca passava diante da porta, que estava geralmente aberta, sem dar alguma coisa às suas gatinhas: chocolate, doces, fitas, rendas, uma cruz de ouro, toda a espécie de quinquilharias que tanto agradam às *grisettes*. [440] Por isso, o bom cavaleiro era adorado por essas meninas. As mulheres possuem um instinto que lhes permite adivinharem os homens que as amam pelo simples fato de usarem saias, que se sentem felizes junto delas e que nunca pensam em lhes pedir tolamente os juro de suas amabilidades. Têm, a esse respeito, o faro do cão que, num grupo, vai diretamente ao homem para quem os animais são sagrados. De sua vida de outrora o cavaleiro empobrecido conservava a necessidade de proteção galante que distinguia antigamente o grão-senhor. Sempre fiel ao sistema das *petites maisons*, [441] gostava de enriquecer as mulheres, únicos seres que sabem receber, porque são os únicos que sempre podem pagar.

Não é extraordinário que, num tempo em que os escolares, mal saídos dos colégios, procuram desencavar um símbolo ou selecionar mitos, ninguém tenha ainda explicado as mulheres galantes do século XVIII? Não corresponderão elas ao torneio do século XV? Em 1550, os cavalheiros batiam-se pelas suas damas; em 1750, exibiam as amantes em Longchamps; hoje, fazem correr os seus cavalos; em todas as épocas, o fidalgo sempre tentou criar um modo de vida que lhe fosse próprio e exclusivo. Os sapatos de ponta virada do século XIV transformaram-se nos saltos vermelhos do século XVIII, e o luxo das amantes constituía, em 1750, uma ostentação semelhante à dos sentimentos da Cavalaria Errante.

Mas o cavaleiro já não podia arruinar-se por amante alguma! Em vez dos bombons envoltos em notas de banco, oferecia galantemente um saco de rebuçados. Digamo-lo, porém, para a glória de Alençon: esses rebuçados eram aceitos mais alegremente do que a Duthé [442] recebia outrora um vestido bordado a ouro ou alguma equipagem do conde de Artois. [443] Todas essas *grisettes* tinham compreendido a majestade decaída do cavaleiro de Valois e guardavam um segredo profundo sobre as suas familiaridades domésticas. Quando, em

algumas casas, as interrogavam a respeito do cavaleiro de Valois, elas falavam gravemente do fidalgo, envelhecendo-o de propósito; no que contavam, ele aparecia como um senhor respeitável, cuja vida era uma flor de santidade; em casa, porém, todas lhe teriam pousado sobre os ombros, como papagaios. Sabendo que ele gostava de conhecer os segredos que as lavadeiras surpreendem no seio das famílias, iam, de manhã, contar-lhe os mexericos de Alençon, e, por isso, o cavaleiro chamava-as suas “gazetas de saias”, seus “folhetins vivos”. Nunca o sr. de Sartines[444] teve espões tão inteligentes nem tão baratos, nem que soubessem conservar tanta dignidade no meio de tanta velhacaria de espírito. Note-se que, enquanto almoçava, o cavaleiro, ao ouvi-las, divertia-se como um bem-aventurado.

Susana, uma de suas favoritas, espirituosa, ambiciosa, tinha a envergadura de uma Sophie Arnould,[445] sendo, aliás, tão bela quanto a mais bela cortesã jamais convidada por Ticiano para posar, sobre veludos negros, ajudando-lhe o pincel a fazer uma Vênus. Seu rosto, porém, embora fino no traçado dos olhos e da fronte, pecava, embaixo, por contornos comuns. Era a beleza normanda, fresca, brilhante, nédia, a carne de Rubens que se deveria casar com os músculos de Hércules-Farnese, e não a Vênus de Médicis, essa graciosa mulher de Apolo.

— Vamos lá, minha filha, conta-me a tua historiazinha ou a tua grande aventura.

O que, de Paris a Pequim, teria chamado a atenção sobre o cavaleiro era a doce paternidade de seus modos com essas *grisettes*; elas lhes lembravam as raparigas galantes de outrora, as ilustres rainhas da Ópera, cuja celebridade foi europeia durante um bom terço do século XVIII. Todo fidalgo que conviveu em tempos idos com essa nação feminina, esquecida agora como todas as grandes coisas, como os jesuítas e os Flibusteiros, como os Abades e os Traficantes, conquistou uma indulgência irresistível, uma facilidade graciosa, uma despreocupação desprovida de egoísmo, todo o incógnito de Júpiter em visita a Alcmena,[446] do rei que finge deixar-se enganar, por todos e por tudo, que manda para o diabo a superioridade de seus raios, e quer comer seu Olimpo em loucuras, em ceias finas, em

profusões femininas, e, principalmente, longe de Juno. Apesar de seu velho roupão de damasco verde, apesar da nudez do quarto em que recebia, e onde havia, no chão, uma tapeçaria ordinária em vez de tapete, antiquadas poltronas sebatas, cujas paredes eram forradas de papel de estalagem e ofereciam aqui os perfis de Luís XVI e dos membros de sua família traçados num salgueiro, ali o sublime testamento impresso em forma de urna, enfim todos os sentimentalismos inventados pelos monarquistas sob o Terror; apesar de suas ruínas, o cavaleiro, barbeando-se diante de uma velha penteadeira enfeitada de rendas ordinárias, simbolizava o século XVIII!... Todas as graças libertinas de sua juventude vinham à tona, e ele parecia rico de trezentas mil libras de dívidas, com sua carruagem à espera em frente à porta. Era tão grande quanto Berthier,^[447] durante a derrota de Moscou, comunicando ordens aos batalhões de um exército que já não existia.

— Senhor cavaleiro — disse-lhe Susana com um jeito engraçado —, parece-me que não tenho nada para lhe contar; basta-lhe olhar para mim.

E Susana postou-se de perfil, de maneira a apresentar às palavras que acabara de proferir um comentário de advogado. O cavaleiro, que era — e não haverá quem o ponha em dúvida — um sujeito finório, abaixou o olho direito sobre a rapariga, segurando sempre a navalha oblíqua ao pescoço, e fingiu compreender.

— Bem, bem, minha joia, conversaremos daqui a pouco. Mas estás te adiantando muito, pelo que vejo.

— Mas, senhor cavaleiro, então devo esperar até que minha mãe me espanque, que a sra. Lardot me ponha na rua? Se eu não partir quanto antes para Paris, nunca poderei casar-me aqui, onde os homens são tão ridículos.

— Que queres, minha filha? A sociedade está se transformando. As mulheres, tanto quanto a nobreza, são vítimas da pavorosa desordem que se prepara. Depois da confusão política, vem a confusão nos costumes. Ai de nós! Em breve a mulher terá deixado de existir (tirou o algodão para limpar os ouvidos); vai perder muito lançando-se no sentimento; vai ficar com os nervos retorcidos, e nunca mais terá

aquele bom prazer do nosso tempo, desejado sem constrangimento, aceito sem afetação, e no qual não se usavam os desmaios senão como um meio para se atingir os fins; (limpou as cabecinhas de negro). Vão arranjar doenças que só se curam com infusões de flores de laranjeira. (desatou a rir). Enfim, o casamento se tornará uma coisa (tomou as pinças de depilar) muito aborrecida, e era tão alegre no meu tempo! Os reinados de Luís XIV e de Luís XV, toma nota disto, minha filha, foram as despedidas dos costumes mais belos deste mundo.

— Mas, senhor cavaleiro — disse a rapariga —, trata-se dos costumes e da honra da sua Susaninha, e espero que o senhor não a abandone!

— Nem diga isso! — exclamou o cavaleiro, terminando de pentear-se. — Preferia perder meu nome!

— Ah! — murmurou Susana.

— Escuta aqui, minha sonsinha — chamou o cavaleiro, refestelando-se numa grande poltrona, dessas que tinham outrora o nome de *duchesse* e que a sra. Lardot lhe havia finalmente conseguido.

Puxou a magnífica Susana, prendendo-lhe as pernas entre os joelhos. E ela, tão ativa na rua, ela, que tantas vezes recusara a fortuna oferecida por alguns homens de Alençon, tanto por dignidade quanto porque lhes desprezava a mesquinhez, não resistia ao gesto do cavaleiro. Susana estendeu seu suposto pecado ao cavaleiro, tão audaciosamente que esse velho pecador, que já sondara muitos outros mistérios em existências bem mais ardilosas, de um único olhar desvendou todo o embuste. Estava convencido de que nunca uma rapariga seria capaz de se valer de uma desonra verdadeira, mas desdenhou derrubar a armação dessa bonita mentira, e não lhe tocou.

— Estamos nos caluniando — disse-lhe o cavaleiro, sorrindo com inimitável finura —, somos tão casta quanto a bela criatura de que usamos o nome; podemos casar sem temor, mas não queremos vegetar aqui, temos sede de Paris, onde as mulheres encantadoras enriquecem quando são inteligentes, e nós não somos nenhuma tola. Portanto, queremos ir ver se a capital dos prazeres nos reservou alguns jovens cavaleiros de Valois, carruagens, diamantes, um camarote na Ópera. Os russos, os ingleses, os austríacos trouxeram milhões, mamãe, ao fazer-nos tão bela, destinou-nos um dote talhado nessas fortunas... E,

afinal, somos patriotas, e queremos ajudar a França a retomar seu dinheiro no bolso desses senhores. Hum, hum, meu carneirinho do diabo, isso tudo foi muito bem imaginado. A sociedade em que vives vai esperar um pouco, mas o sucesso justifica tudo. O que é muito mau é não se ter dinheiro, e essa é a doença de que sofremos ambos. Como temos muito espírito, pensamos em tirar partido de nossa bonita honrazinha, logrando um velho solteirão; mas esse velhote, meu coraçãozinho, conhece o alfa e o ômega das astúcias femininas, o que significa que seria mais fácil fazeres um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que me obrigares a acreditar que tenho qualquer culpa no teu caso. Vai para Paris, minha menina, vai para lá à custa da vaidade de um celibatário; não te impedirei de agir assim, posso até mesmo ajudar-te, porque o solteirão, Susana, é o cofre-forte natural das moças. Mas não me metas nessa história. Escuta aqui, minha princesa, tu, que conheces a vida, podes me causar muito prejuízo e muitas dificuldades; prejuízo? Poderias impedir meu casamento numa região em que se dá tanta importância aos costumes de cada um; muitas dificuldades? Com efeito, mesmo que estivesse em apuro, o que eu nego, sua espertalhona, bem sabes, meu bem, que eu não possuo mais nada, que sou tão pobre quanto Job. Ah! Se eu me casasse com a srta. Cormon, se eu ficasse rico, certamente haveria de te preferir a Cesarina. Sempre me pareceste fina como o ouro de dourar chumbo, e és feita para o amor de um homem importante. Acho-te tão inteligente que a peça que pretendes pregar-me não me espanta nem um pouco, eu a esperava. Isso equivale, para uma moça, a se desfazer da bainha da sua espada. Para agir assim, meu anjo, precisa-se ter ideias superiores. Por isso, mereces a minha estima!

E confirmou-a nas faces, à maneira dos bispos...

— Mas, senhor cavaleiro, juro-lhe que está enganado e que...

Corou sem ousar prosseguir, pois o cavaleiro, num único olhar, tinha adivinhado, penetrado todo o seu plano.

— Sim, eu te entendo; queres que te acredite. Pois bem, eu te acredito. Mas segue o meu conselho e vai à casa do sr. du Bousquier. Não levas a roupa lavada à casa dele há cinco ou seis meses? Pois eu te pergunto o que se passa entre os dois; conheço-o, porém sei que ele

tem amor-próprio, que é solteirão, muito rico, com duas mil e quinhentas libras de rendas, de que não gasta nem oitocentas. Se és tão inteligente quanto suponho, hás de ver Paris à custa dele. Vai, minha gazela, vai enredá-lo nas tuas malhas, mas trata de ser macia como o fio de seda, e, a cada palavra, dá uma laçada dupla e um nó; ele é homem que teme o escândalo, e se te deu qualquer motivo para que o ponhas na berlinda... enfim, compreendes, não é? Ameaça-o de fazer queixa às Damas da Junta de Caridade. Aliás, ele é ambicioso. Pois bem: um homem pode atingir qualquer posição por intermédio da mulher. Não tens bastante beleza e inteligência para fazeres a fortuna de teu marido? Olha, pestinha: podes rivalizar sem susto com qualquer dama da Corte.

Susana, iluminada pelas últimas palavras do cavaleiro, ardia de desejo de correr à casa de Du Bousquier. Para não sair bruscamente demais, começou a interrogar o cavaleiro, enquanto o ajudava a vestir-se. Adivinhando o efeito de suas instruções, o cavaleiro, para favorecer a saída de Susana, pediu-lhe que mandasse Cesarina levar-lhe o chocolate feito todas as manhãs pela sra. Lardot. Susana esquivou-se para ir ao encontro de sua vítima, de que, a seguir, damos a biografia.

Procedente de uma velha família de Alençon, Du Bousquier ficava a meio caminho entre o burguês e o fidalgo de província. Seu pai exercera as funções judiciais de presidente de tribunal. Achando-se sem recursos após a morte do pai, Du Bousquier, como todos os provincianos arruinados, foi procurar fortuna em Paris. Metera-se nos negócios ao começar a Revolução. A despeito do que dizem os republicanos, que vivem montados na probidade revolucionária, nem todos os negócios dessa época eram muito claros. Um espião político, um agiota, um municionário, um homem que fazia confiscar os bens dos emigrados, para, agindo de acordo com o Síndico da Comuna, comprá-los e revendê-los, um ministro e um general, estavam também todos eles metidos nos negócios. De 1793 a 1799, Du Bousquier foi empreiteiro de víveres para o Exército francês. Possuía então um magnífico palacete, era um dos figurões das finanças, fazia negócios de sociedade com Ouvrard,[448] recebia e levava a vida escandalosa do tempo, uma vida de Cincinato,[449] de sacos de trigo colhido sem

esforço, de rações roubadas, de *petites maisons* cheias de amantes, onde oferecia lindas festas aos Diretores da República. O cidadão Du Bousquier foi um dos familiares de Barras,[450] vivia em ótimos termos com Fouché,[451] dava-se muito bem com Bernadotte[452] e julgou tornar-se ministro jogando-se de olhos fechados no partido que agiu secretamente contra Bonaparte até Marengo.[453] Se não fosse a carga de Kellermann[454] e a morte de Desaix,[455] Du Bousquier teria sido um grande homem de Estado; pouco faltara para isso. Era um dos funcionários superiores do governo inédito que Napoleão obrigou a retirar-se aos bastidores em 1793.[456] A vitória pertinazmente obtida em Marengo foi a derrota desse partido, que já tinha mandado imprimir proclamações para voltar ao sistema da Montanha, caso o primeiro cônsul sucumbisse. Convencido da impossibilidade de um triunfo, Du Bousquier jogou a maior parte de sua fortuna na baixa e conservou dois mensageiros no campo de batalha; o primeiro partiu no momento em que Melas[457] estava vitorioso; mas, na mesma noite, após um intervalo de quatro horas, o segundo veio proclamar a derrota dos austríacos. Du Bousquier amaldiçoou Kellermann e Desaix, mas não ousou amaldiçoar o primeiro cônsul, que lhe devia milhões. Essa alternativa entre os milhões a receber e a ruína total privou o fornecedor do uso de suas faculdades; ficou imbecilizado durante vários dias; abusara da vida por tantos excessos que a queda desse raio o encontrou sem forças. A liquidação das dívidas do Estado[458] permitia-lhe conservar algumas esperanças; mas, apesar de seus presentes corruptores, encontrou o ódio de Napoleão contra os fornecedores que haviam jogado na derrota. O sr. de Fermon, com tanta graça apelidado *Fermons la caisse*,[459] deixou Du Bousquier sem um vintém. Mais ainda do que suas manobras na Bolsa, desagradaram ao primeiro cônsul a imoralidade da vida privada, as relações desse fornecedor com Barras e Bernadotte, e, por isso, riscou seu nome da lista dos recebedores gerais, na qual, usando um resto de crédito, Du Bousquier conseguira fazer com que Alençon o inscrevesse. De sua opulência, Du Bousquier conservou apenas mil e duzentos francos de rendas em usufruto, inscritas na Dívida Pública, emprego de capital devido ao simples

acaso, e que o salvou da miséria. Ignorando o resultado da liquidação, seus credores não lhe deixaram senão mil francos de rendas consolidadas, mas que lhe foram todos pagos pelas recuperações e pela venda de seu palacete de Beauséant. Assim, depois de ter passado rente à falência, o especulador conservou todo o seu nome. Homem arruinado pelo primeiro cônsul, e precedido pela reputação colossal devida às relações que mantivera com os chefes dos governos passados e à sua vida faustosa, seu reinado passageiro interessou a cidade de Alençon, onde dominava secretamente o sentimento monarquista. Furioso com Bonaparte, Du Bousquier, contando as misérias do primeiro cônsul, os excessos de Josefina e as anedotas secretas de dez anos de revolução, se viu muito bem acolhido. Nesse tempo, embora fosse já quadragenário, fez-se passar como homem de trinta e seis anos. De estatura média, gordo como um fornecedor, exibindo vaidosamente suas pernas de procurador libertino, tinha a fisionomia fortemente marcada, o nariz chato com as narinas cheias de pelos e olhos negros sob as sobrancelhas cerradas, de olhar tão fino quanto o do sr. de Talleyrand, mas um pouco apagado; conservava as barbatanas[460] republicanas. Seus cabelos castanhos eram muito compridos; enriquecidas de pequenos tufo de pelos em cada falange, suas mãos ofereciam a prova de uma forte musculatura, impressa nas grossas veias azuladas e salientes. Tinha, enfim, o peito de Hércules-Farnese e ombros capazes de sustentar os fundos públicos. Só se veem ombros semelhantes, hoje, no Tortoni.[461] Essa prodigalidade de vida máscula era admiravelmente descrita por uma expressão em uso durante o último século, e que hoje mal se compreende: no estilo galante da outra época, Du Bousquier teria passado por um verdadeiro *pagador de atrasados*. Mas, como acontecia com o cavaleiro de Valois, havia em Du Bousquier certos sintomas que destoavam do aspecto geral de sua pessoa. Assim, o antigo fornecedor não tinha a voz de acordo com seus músculos, o que não significa que possuísse esse filete magro de voz que sai às vezes da boca dessas focas de dois pés: tinha, ao contrário, uma voz forte mas sufocada, da qual só se pode dar uma ideia comparando-a ao barulho que faz um serrote cortando um pedaço de madeira tenra e molhada; era, em suma, a voz de um

especulador exausto.

Durante muito tempo Du Bousquier manteve o uso da roupa que estava em moda no momento de sua glória: as botas de canhões, as meias de seda branca, a calça curta em lã de nervuras cor de canela, o colete à Robespierre e a casaca azul. Apesar dos títulos que o ódio do primeiro cônsul lhe conferia junto às sumidades monarquistas da província, o sr. Du Bousquier nunca foi recebido nas sete ou oito famílias que compunham o Faubourg Saint-Germain de Alençon, e cujas casas eram frequentadas pelo cavaleiro de Valois. Tentou a princípio casar-se com a srta. Armanda, irmã de um dos nobres mais considerados da cidade e do qual Du Bousquier contava tirar grande partido para seus projetos ulteriores, pois sonhava com uma desforra brilhante. Foi rejeitado. Consolou-se com a compensação que lhe ofereceu uma dezena de famílias ricas, que haviam, outrora, fabricado o célebre *point d'Alençon*,^[462] possuidoras de pastagens e de gado, negociantes de linho por atacado, e junto às quais o acaso podia proporcionar-lhe um bom partido. O solteirão acabou por concentrar suas esperanças na perspectiva de um feliz casamento, que suas capacidades, aliás, pareciam prometer, pois não lhe faltava uma certa habilidade financeira que muitas pessoas faziam frutificar. Semelhante ao jogador arruinado que dirige os neófitos, indicava especulações, pesando cuidadosamente os meios, as oportunidades e o modo de agir. Passava por ser um bom administrador, e por várias vezes surgiu a ideia de nomeá-lo prefeito de Alençon; porém a recordação de suas negociatas nos governos republicanos prejudicou-o e jamais conseguiu atingir esse posto. Todos os governos que se seguiram, mesmo o dos Cem Dias,^[463] recusaram nomeá-lo prefeito de Alençon, cargo que ambicionava e que, se o houvesse obtido, lhe permitiria ajustar casamento com uma solteirona sobre quem recaíra sua escolha definitiva. A aversão do governo imperial lançara-o primitivamente no partido monarquista, onde se manteve apesar das injúrias que ali recebia; mas, quando, no primeiro regresso dos Bourbon,^[464] viu mantida a recusa, sentiu pelos Bourbon um ódio tão profundo quanto secreto, pois continuou, na aparência, fiel às suas opiniões. Tornou-se chefe do Partido Liberal de Alençon, o diretor invisível das eleições, e

causou à Restauração todo o mal possível, pela habilidade de suas manobras sonsas e pela perfídia de seus ardis. Du Bousquier, como todos aqueles que não podem mais viver senão pela cabeça, tinha nos seus sentimentos de aversão a tranquilidade de um regato aparentemente fraco, mas inesgotável. Seu ódio era como o do negro, tão calmo, tão paciente, que enganava o inimigo. Sua vingança, incubada durante quinze anos, não se fartou com vitória alguma, nem mesmo com o triunfo dos dias de Julho de 1830.

Não era sem segunda intenção que o cavaleiro de Valois mandava Susana à casa de Du Bousquier. O Liberal e o Monarquista se haviam adivinhado mutuamente, apesar da sábia dissimulação com que escondiam de toda a cidade sua esperança comum. Os dois solteirões eram rivais. Ambos tinham formado o plano de desposar essa srta. Cormon, de quem o sr. de Valois acabara de falar com Susana. Ambos aninhados dentro dessa ideia, encouraçados de indiferença, esperavam o momento em que um acaso qualquer lhes entregasse a solteirona. Assim, mesmo que não os separasse toda a distância alargada entre eles pelos sistemas de que ambos ofereciam uma expressão tão viva, os dois celibatários teriam sido inimigos por causa dessa rivalidade. As épocas desbotam nos homens que as atravessam. Essas duas personagens provavam tal axioma pela oposição das cores e tonalidades impressas em suas fisionomias respectivas, em seus discursos, em suas ideias e em seus hábitos. Um, abrupto, enérgico, gestos largos e bruscos, de palavra breve e rude, escuro de tom, de cabeleira, de olhar, terrível na aparência, impotente na realidade como uma insurreição, representava bem a República. O outro, doce e polido, elegante, cuidado, chegando aos seus fins pelos meios lentos, mas infalíveis, da diplomacia, fiel ao gosto, era uma imagem da era palaciana. Os dois inimigos se encontravam quase diariamente, no mesmo campo. A guerra era cortês e benigna por parte do cavaleiro, mas Du Bousquier não usava de tantas formalidades, embora conservando as conveniências exigidas pela sociedade, pois não queria ser expulso da arena. Eles dois, entretanto, e eles somente, entendiam-se bem. Apesar da finura de observação que a gente da província tem para com os interesses miúdos do meio em que vive, ninguém

desconfiava da rivalidade dos dois homens. O cavaleiro de Valois ocupava um plano superior, nunca tendo pedido a mão da srta. Cormon, enquanto Du Bousquier, tendo entrado em ação após haver falhado junto à casa mais nobre da região, já fora recusado. Mas o cavaleiro atribuía ainda possibilidades ao rival, e, por isso, pensou em feri-lo com um golpe de Jarnac,[465] profundamente enterrado com uma lâmina temperada e afiada como era Susana. Já lançara a sonda nas águas de Du Bousquier; e veremos que não se enganara em nenhuma de suas suposições.

Susana partiu num passo ligeiro da Rue du Cours, passou pela Rue de la Porte de Sééz e pela Rue du Bercaïl e entrou na Rue du Cygne, onde, há cinco anos, Du Bousquier comprara uma casinha de província, construída em pedras cinzentas, semelhantes aos blocos de granito normando ou de ardósia bretã. Ali, o antigo fornecedor se estabelecera com mais conforto do que qualquer outra pessoa na cidade, pois tinha conservado alguns móveis dos seus tempos de esplendor; mas, insensivelmente, os hábitos da província acabaram por obscurecer os clarões do Sardanapalo[466] decaído. Os vestígios de seu antigo luxo faziam naquela casa o efeito de um lustre num celeiro. Tanto nas grandes coisas como nas pequenas, faltava harmonia, esse liame de toda obra humana ou divina. Sobre uma cômoda de linhas bonitas encontrava-se um jarro de água com tampa, como só se veem iguais na Bretanha. No assoalho de seu quarto estendia-se um lindo tapete, mas, em desacordo, havia, nas janelas, cortinas de uma ignóbil chita estampada. A lareira de pedra mal pintada contrastava com um formoso relógio, desonrado pela vizinhança de um par de castiçais ordinários. A escada, por onde todos subiam sem limpar os sapatos, nunca tinha levado uma só mão de tinta. As portas, finalmente, mal pintadas por um operário da região, espantavam o olhar com suas tonalidades berrantes. Essa casa era igual à época simbolizada por Du Bousquier e oferecia um amontoado confuso de porcarias e de coisas magníficas. Considerado como um homem de recursos, Du Bousquier levava, entretanto, a vida parasita do cavaleiro; e há de ser sempre rico aquele que não gasta seus rendimentos. Só tinha um criado, que era uma espécie de João Bocó, rapaz da terra, muito tolo, moldado

lentamente às exigências de Du Bousquier, que lhe ensinara, como a um orangotango, a limpar as salas, espanar os móveis, encerrar as botas, escovar as roupas e ir buscá-lo à noite com uma lanterna quando o tempo estava encoberto, de tamancos, quando chovia. Como certas criaturas, o rapaz só vivia para um vício: a gulodice. Frequentemente, quando alguém oferecia banquetes de gala, Du Bousquier lhe fazia trocar o casaco de algodãozinho azul, com grandes bolsos balouçantes sempre cheios de coisas — um lenço, um facão, uma fruta ou um bolo duro —, por uma libré, e levava-o para ajudar a servir. Renato, então, se fartava em companhia dos outros criados. Essa obrigação, que Du Bousquier transformara em recompensa, lhe valia a mais absoluta discrição do criado.

— Por aqui, senhorita? — perguntou Renato a Susana, vendo-a entrar. — Não é seu dia, não temos roupa, hoje, para mandar à sra. Lardot.

— Toleirão — disse-lhe Susana, rindo.

A linda moça subiu, deixando Renato acabar de comer uma tigelada de papa de trigo cozido no leite. Du Bousquier, ainda na cama, ruminava seus planos de fortuna, porque já não podia ser senão ambicioso, como todos os homens que espremeram demais a laranja do prazer. Assim, num homem bem organizado, as paixões que procedem do cérebro hão de sempre sobreviver às paixões emanadas do coração.

— Eis-me aqui — disse Susana, sentando-se na cama e fazendo ranger os cortinados nos varões de ferro, por um movimento bruscamente despótico.

— Que é isso, meu encanto? — perguntou o solteirão, sentando-se.

— Senhor — disse gravemente Susana —, deve estar espantado de me ver chegar dessa maneira, mas o fato é que me acho em circunstâncias que me obrigam a não me importar com os mexericos e os comentários.

— Mas a que vem tudo isso? — exclamou Du Bousquier, cruzando os braços.

— Então não compreende? — insistiu Susana. — Eu sei — continuou ela, fazendo um gracioso muxoxo — como é ridículo uma pobre

rapariga vir aborrecer um homem por uma coisa que em geral se considera uma ninharia. Mas, se o senhor me conhecesse bem, se soubesse de tudo quanto eu sou capaz pelo homem que tivesse por mim uma dedicação igual à que tenho pelo senhor, estou certa de que nunca se arrependeria de ter casado comigo. Não é aqui, naturalmente, que eu lhe posso ser útil em alguma coisa, mas, se fôssemos para Paris, logo haveria de ver a que altura eu poderia levar um homem de espírito e de recursos como o senhor, num momento como este, em que estão reformando a administração de alto a baixo e em que os estrangeiros são os donos de tudo. Enfim, seja dito entre nós, o caso em questão é alguma desgraça? Não será, ao contrário, uma felicidade, que o senhor compraria caro um dia? Em que se interessa, para quem trabalha o senhor?

— Para mim mesmo, ora essa! — bradou brutalmente Du Bousquier.

— Velho monstro! Pois nunca há de ser pai! — disse Susana, dando à frase um tom de maldição profética.

— Vamos, nada de tolices, Susana! Parece que ainda estou sonhando!

— Mas que evidências exige, então? — exclamou Susana, levantando-se.

Du Bousquier esfregou o gorro de algodão na cabeça, imprimindo-lhe um movimento rotativo, num gesto de energia brigona que indicava a prodigiosa fermentação de suas ideias.

— Mas é que ele está mesmo acreditando — disse Susana consigo mesma — e sente-se envaidecido. Meu Deus, como é fácil lograr os homens!

— Susana, que diabo quer você que eu faça? É uma coisa tão extraordinária... Eu que pensava... O fato é que... Mas não, não, isso não pode ser...

— Que está dizendo? Não pode casar comigo?

— Ah! Quanto a isso, é claro que não. Eu tenho compromissos.

— E com quem? Com a srta. Armanda ou com a srta. Cormon, que já o recusaram ambas? Escute, sr. Du Bousquier, minha honra não precisa de guardas para arrastá-lo à Pretoria. Não me faltarão maridos, e eu não quero um homem incapaz de apreciar o quanto valho. Um dia

poderá arrepende-se da maneira como está me tratando agora, porque coisa alguma neste mundo, nem ouro nem prata, me fará restituir-lhe o que lhe pertence, se recusar aceitá-lo hoje.

— Mas, Susana, estás mesmo certa?

— Ah, meu senhor! — proferiu a *grisette*, envolvendo-se em sua virtude. — Por quem está me tomando? Não lhe recordo as palavras que me deu, e que levaram à perdição uma pobre rapariga, cujo único defeito é o de ter tanta ambição quanto amor.

Du Bousquier estava entregue a mil sentimentos contraditórios, à alegria, à desconfiança, ao cálculo. Resolvera há muito tempo casar-se com a srta. Cormon, porque a Carta Constitucional,^[467] a respeito da qual acabara de ruminar, oferecia à sua ambição a magnífica estrada política da Deputação. Ora, o casamento com a solteirona deveria colocá-lo tão alto na cidade que conseguiria adquirir grande influência. Assim, a tempestade provocada pela maliciosa Susana mergulhou-o num violento embaraço. Sem essa esperança secreta, ter-se-ia casado com Susana sem refletir e colocar-se-ia à frente do Partido Liberal de Alençon. Semelhante casamento o faria renunciar à melhor sociedade, para recair na classe burguesa dos negociantes, dos ricos fabricantes, dos criadores que, decerto, o carregariam em triunfo como seu candidato. Du Bousquier já previa o partido da Esquerda. Não escondia essa deliberação solene, e passava a mão pela cabeça, cuja nudez estava à mostra, pois o gorro tinha caído. Como todas as pessoas que ultrapassam a meta prevista e vão além do que esperavam, Susana ficou estupefata. Para esconder seu espanto, tomou a atitude melancólica de uma rapariga enganada diante do sedutor; mas, intimamente, ria como se estivesse numa festa, em alegre companhia.

— Minha cara menina, eu não caio em semelhantes embustes; eu é que não!

Tal foi a frase breve pela qual o antigo fornecedor finalizou as deliberações secretas. Du Bousquier vangloriava-se de pertencer a essa escola de filósofos cínicos que não querem ser *logrados* pelas mulheres e as incluem todas na mesma classe *suspeita*. Esses espíritos fortes, que são geralmente homens fracos, têm um catecismo para uso das mulheres. Para eles, desde a rainha até a modista, são todas

essencialmente libertinas, levianas, tratantes, assassinas, até mesmo um pouco velhacas, congenitamente mentirosas e incapazes de pensar senão em ninharias. Para eles, as mulheres são bailarinas malfazejas, que se deve deixar dançar, cantar e rir; nelas, não veem nada de santo nem de grandioso; para eles não existe a poesia dos sentidos, mas apenas a sensualidade grosseira. Assemelham-se a comilões que tomam a cozinha pela sala de jantar. Nessa jurisprudência, a mulher, quando não é constantemente tiranizada, acaba reduzindo o homem à condição de escravo. Ainda sob esse aspecto, Du Bousquier era o oposto do cavaleiro de Valois.

Proferindo essa frase, jogou o gorro aos pés da cama, como o papa Gregório teria feito com o círio que derrubava ao fulminar uma excomunhão, e Susana ficou sabendo, dessa forma, que o solteirão usava chinó.

— Lembre-se, sr. Du Bousquier, de que, ao vir procurá-lo aqui, cumpri o meu dever — disse-lhe ela, majestosamente. — Lembre-se de que fui obrigada a lhe oferecer minha mão e a lhe pedir a sua; mas lembre-se, também, de que pus na minha atitude a dignidade da mulher que se respeita; não me rebaixei a ponto de chorar como uma tola, não insisti, não o atormenti. Agora conhece minha situação. Já sabe que eu não posso continuar aqui em Alençon; minha mãe me espancaria, e a sra. Lardot, que vive a cavalo sobre os princípios, agarrada a eles como se os passasse a ferro, me mandaria para o olho da rua. Pobre operária que eu sou, que me resta fazer? Ir para o hospital? Mendigar meu pão? Nunca! Prefiro atirar-me no Briante ou no Sarthe. Mas não é mais simples ir para Paris? Minha mãe poderá descobrir um pretexto para me mandar para lá: um tio que me chama, uma tia moribunda, uma senhora que deseja proteger-me. Basta ter o dinheiro necessário para a viagem e para tudo o que o senhor sabe...

Essa notícia tinha mil vezes mais importância para Du Bousquier do que para o cavaleiro de Valois; mas só os dois estavam de posse desse segredo, que só será desvendado pelo desfecho desta história. Por enquanto, basta dizer que a mentira de Susana causava uma tal confusão nas ideias do solteirão que ele se achava incapaz de refletir seriamente. Sem essa perturbação e sem sua alegria interior, porque o

amor-próprio é um velhaco que nunca deixa escapar sua vítima, teria pensado que uma rapariga honesta como Susana, cujo coração não estava ainda estragado, teria morrido cem vezes antes de entabular semelhante discussão e de lhe pedir dinheiro. Reconheceria no olhar da *grisette* a cruel covardia do jogador, capaz de assassinar para conseguir a importância de uma aposta.

— Então irias a Paris?

Ouvindo essa frase, Susana teve um lampejo de alegria que lhe dourou os olhos cinzentos, mas o feliz Du Bousquier não viu nada.

— Iria, sim, senhor!

Du Bousquier expandiu-se em queixas estranhas: acabava de fazer o último pagamento de sua casa, tinha de pagar o pintor, o pedreiro, o marceneiro; mas Susana deixava-o falar, à espera de que estipulasse a quantia. Du Bousquier ofereceu cem escudos. Susana fez o que, em estilo de bastidor, se chama uma falsa retirada, e dirigiu-se para a porta.

— E então, aonde vais? — perguntou Du Bousquier, inquieto. — Eis a bela vida de solteiro — pensou ele. — Quero que o diabo me carregue se me lembro de lhe ter amarrotado outra coisa além do corpete! E, paf, ela se baseia numa brincadeira para arrancar à gente um cheque à queima-roupa!

— Mas, senhor — disse Susana chorando —, vou à casa da sra. Granson, tesoureira da Sociedade Maternal, que, conforme me disseram, tirou quase de dentro do rio uma pobre rapariga nas minhas condições.

— A sra. Granson!

— Sim — disse Susana —, a prima da srta. Cormon, que é presidente da Sociedade Maternal. Sem lhe faltar com o respeito, as senhoras da cidade criaram uma instituição que impedirá muitas pobres criaturas de destruírem seus próprios filhos; olhe, por ter feito isso, condenaram à morte uma em Mortagne, a linda Faustina d'Argentan; vai fazer três anos que isso aconteceu.

— Toma, Susana — disse Du Bousquier estendendo-lhe uma chave —, abre tu mesma a secretária, tira o saco que já está aberto; contém ainda seiscentos francos; é tudo quanto eu possuo.

O ar abatido do velho solteirão mostrava que estava agindo de má vontade.

— Velho avarento! — pensou Susana. — Hei de contar a todos que usas chinó.

Comparava Du Bousquier ao delicioso cavaleiro de Valois, que não lhe dera nada, mas que a compreendera, aconselhara e trazia no coração as raparigas de sua classe.

— Se estás me enganando, Susana — proferiu ele, vendo-a com a mão na gaveta —, eu te...

— Mas, meu senhor — disse ela, interrompendo-o com a insolência de uma princesa —, o senhor não me daria esse dinheiro, se eu o pedisse?

Reconduzido ao terreno da galanteria, o fornecedor recordou-se de seus bons tempos, e resmungou um grunhido de adesão. Susana tomou a sacola e saiu, deixando-se beijar na testa pelo solteirão, que parecia dizer: “Eis um direito que me custou caro. Mas isso é preferível a ser arrastado aos tribunais por um advogado como sedutor de uma rapariga acusada de infanticídio”.

Susana escondeu a sacola numa espécie de bolsa de vime fino que tinha no braço e amaldiçoou a avareza de Du Bousquier, porque contava com mil francos.

Quando lhe entra no corpo o demônio de um desejo e desde que botou o pé no caminho do engodo e da velhacaria, uma rapariga pode ir muito longe.

Caminhando pela Rue du Bercail, a bela engomadeira ia pensando que a Sociedade Maternal presidida pela srta. Cormon talvez lhe completasse a quantia em que avaliara suas despesas e que, para uma *grisette* de Alençon, representava uma importância considerável. Além disso, odiava Du Bouquier. O solteirão parecera temer a confidência de seu suposto crime à sra. Granson; ora, Susana, mesmo se arriscando a não conseguir um só vintém da Sociedade Maternal, quis, ao abandonar Alençon, enlear o antigo fornecedor nas peias indeslindáveis de uma intriga de província. Há sempre na *grisette* um pouco do espírito malfazejo do macaco. Assim, Susana entrou em casa da sra. Granson compondo um rosto desesperado.

A sra. Granson, viúva de um tenente-coronel de artilharia, morto em Iena, possuía por toda fortuna o magro montepio de novecentos francos, cem escudos de rendimentos próprios e mais um filho cuja educação e manutenção lhe haviam devorado as economias. Ocupava, na Rue du Bercail, um desses tristes andares térreos que, ao passar pela rua principal das cidadezinhas do interior, o forasteiro abrange num único olhar. Era uma porta bastarda, encabeçando três degraus em pirâmide; um corredor de entrada conduzia a um pátio interior, em cuja extremidade se achava uma escada coberta por uma galeria de madeira. De um lado do corredor, a sala de jantar e a cozinha; do outro, um salão que servia para todas as finalidades, e o quarto da viúva. Atanásio Granson, rapaz de vinte e três anos, alojado numa mansarda acima do primeiro andar desse prédio, concorria para as despesas da casa com os seiscentos francos de um empreguinho que a influência de sua parenta, srta. Cormon, lhe conseguira na Prefeitura da cidade, onde trabalhava no cartório do Registro Civil.

Por essas indicações, todos podem imaginar a sra. Granson no seu frio salão de cortinas amarelas e móveis forrados de veludo de Utrecht amarelo, apanhando, depois da saída de suas visitas, os capachos que colocava diante de cada cadeira, para que não se sujasse o ladrilho vermelho envernizado; depois, voltando à sua poltrona e retomando o seu trabalho na mesinha de costura colocada debaixo do retrato do tenente-coronel de artilharia, entre as duas janelas, lugar de onde os seus olhos se enfiavam pela Rue du Bercail inteira e viam passar toda a gente. Era uma mulher simplória, vestida com uma singeleza aburguesada que harmonizava com seu rosto pálido e como que laminado pelo desgosto. Em todos os acessórios desse lar, onde, aliás, se respiravam os costumes íntegros e severos da província, notava-se a mais rigorosa modéstia da pobreza.

Nesse momento, mãe e filho estavam na sala de jantar, tomando uma refeição composta de café, manteiga e rabanetes. Para que se compreenda o prazer que a visita de Susana iria causar à sra. Granson, é preciso explicar os segredos íntimos da mãe e do filho.

Atanásio Granson era um rapaz magro e pálido, de estatura mediana, com um rosto encovado onde seus olhos negros, crepitantes

de pensamento, pareciam duas manchas de carvão. As linhas um pouco torturadas de sua face, o traço sinuoso de sua boca, seu queixo bruscamente arrebitado, o corte regular de uma fronte de mármore, uma expressão de melancolia causada pelo sentimento da miséria, em contradição com o poder que sabia possuir, tudo, nele, indicava um homem de talento aprisionado. Em qualquer outro lugar que não fosse a cidade de Alençon, o aspecto de sua pessoa lhe teria valido a proteção dos homens superiores ou das mulheres que reconhecem o gênio incógnito. Se não era o gênio, era, ao menos, a forma que o gênio costuma assumir; se não era a força de um grande coração, era o brilho que ela imprime ao olhar. Embora pudesse exprimir a mais elevada sensibilidade, o envelope da timidez destruía nesse moço até mesmo as graças da juventude, assim como os gelos da miséria impediam sua audácia de se revelar. A vida de província, sem finalidade, sem aprovações, sem estímulo, descrevia um círculo, dentro do qual agonizava esse pensamento que não tinha ainda sequer chegado à alvorada de seu dia. Aliás, Atanásio tinha essa altivez selvagem que a pobreza exalta nos homens de escol, que os engrandece durante a luta com os seres e as coisas, mas que, desde o início da vida, opõe obstáculos à sua elevação, ao seu triunfo. O gênio procede de duas maneiras: ou toma o que lhe serve onde o encontra, como fizeram Napoleão e Molière, assim que lhe aparece a oportunidade, ou espera que ela lhe vá ao encontro, depois de se ter pacientemente revelado. O jovem Granson pertencia à classe de homens de talento que se ignoram e se desencorajam facilmente. Sua alma era contemplativa. Vivía mais pelo pensamento do que pela ação. Talvez parecesse incompleto àqueles que não compreendem o gênio sem as cintilações apaixonadas do francês; mas era poderoso no mundo do espírito, e devia chegar, por uma sequência de emoções furtadas ao vulgar, a essas determinações súbitas que o revelam e que fazem com que os tolos digam: “É um louco”.

O desprezo que a sociedade extravasa sobre a pobreza ia matando Atanásio; o calor enervante de uma solidão que nada arejava ia afrouxando o arco sempre retesado, e a alma se fatigava nesse horrível jogo sem resultados. Atanásio era um homem que se poderia colocar

entre as mais belas ilustrações da França; mas essa águia, fechada numa gaiola, sem alimento, deveria morrer de fome, depois de ter contemplado com olhos ardentes as campinas do espaço e os Alpes onde paira o gênio.

Embora seus trabalhos na Biblioteca da Cidade não despertassem atenção, ele escondia no fundo da alma seus pensamentos de glória, porque podiam prejudicá-lo; mas enterrava ainda mais profundamente o segredo de seu coração, uma paixão que lhe encovava as faces e amarelecia a fronte. Amava sua parente afastada, essa srta. Cormon que o cavaleiro de Valois e Du Bousquier, esses dois rivais desconhecidos, cercavam e espreitavam. Esse amor fora gerado pelo cálculo. A srta. Cormon passava por ser uma das pessoas mais ricas da cidade; o pobre menino tinha sido, portanto, levado a amá-la pelo desejo de felicidade material, pelo anelo mil vezes formado de dourar os velhos dias de sua mãe, pela vontade do bem-estar necessário aos homens que vivem pelo pensamento; mas esse ponto de partida tão inocente agora desonrava sua paixão aos seus próprios olhos. Temia, além disso, o ridículo que a sociedade lançaria sobre o amor de um moço de vinte e três anos por uma mulher de quarenta. No entanto, era uma paixão verdadeira, pois tudo o que, nesse gênero, possa parecer falso em outros lugares torna-se realidade na província. Efetivamente, os hábitos provincianos, sendo sem acasos, sem movimento nem mistério, forçam a necessidade do casamento. Nenhuma família aceita um rapaz de costumes dissolutos. Embora possa parecer natural, nas capitais, a ligação de um jovem como Atanásio com uma bonita moça como Susana, na província causará susto e dissolverá previamente o casamento de um rapaz pobre, enquanto a fortuna de um bom partido faz perdoar qualquer antecedente desagradável. Entre a depravação de certas ligações e o amor sincero, um homem de caráter, sem fortuna, não tem o direito de hesitar: prefere as desgraças da virtude às desgraças do vício. Mas, na província, são raras as mulheres que um moço pode amar: não conseguiria obter uma rapariga formosa e rica, numa região em que tudo é cálculo, e não lhe permitiriam escolher uma rapariga formosa e pobre, porque isso seria, como dizem os provincianos, juntar-se a fome com a vontade de comer; e, finalmente,

a solidão monástica é perigosa para a mocidade. Essas reflexões explicam o motivo por que a vida de província se baseia tão fortemente no casamento. Por isso é que os temperamentos fortes e vivazes, forçados a se apoiar sobre a independência da miséria, acabam abandonando essas frias regiões onde o pensamento é perseguido por uma indiferença brutal, onde nem uma só mulher pode ou quer transformar-se em irmã de caridade junto a um homem de ciência ou de arte. Quem compreenderia a paixão de Atanásio pela srta. Cormon? Não seriam as pessoas ricas, esses sultões da sociedade que se cercam de haréns, nem os burgueses que seguem a estrada larga batida pelos preconceitos, nem as mulheres que, não desejando entender a paixão dos artistas, lhes impõem a pena de talião de suas próprias virtudes, supondo que os dois sexos se governam pelas mesmas leis. Aqui, talvez, seria conveniente apelar para os jovens que sofrem de seus desejos reprimidos no momento em que todas as forças se retesam, para os artistas doentes de seu gênio abafado pelo abraço sufocante da miséria, para os talentos que, a princípio perseguidos e sem amparo, tantas vezes sem amigos, acabaram por triunfar da dupla angústia da alma e do corpo igualmente doloridos. Esses conhecem bem os lancinantes ataques do câncer que devorava Atanásio; eles também agitaram essas longas e cruéis deliberações feitas em presença de fins tão grandiosos, para os quais não descobrem os meios; eles também sofreram esses abortos desconhecidos, em que a desova do gênio atravanca um areal estéril. Esses sabem que a grandeza dos desejos está em proporções com a força da imaginação. Quanto mais alto se lançam, mais baixo eles caem; e quantos laços se despedaçam nessas quedas! Sua visão aguda descobriu, como a de Atanásio, o futuro brilhante que os esperava e do qual só se julgavam separados por uma gaze esticada; essa gaze, que não lhes detinha o olhar, a sociedade transforma-a num muro de bronze. Impelidos por uma vocação, pelo sentimento da arte, eles também tentaram muitas vezes transformar em meios para alcançar um fim os sentimentos que a sociedade materializa incessantemente.

Então a província calcula e combina o casamento no intuito de conseguir para si mesma o bem-estar,^[468] e é proibido a um pobre

artista, ao homem de ciência, de lhe dar um duplo destino, de fazê-lo servir à salvação de seu pensamento, assegurando-lhe a existência?

Aagitado por esses pensamentos, Atanásio Granson apenas considerou, a princípio, seu casamento com a srta. Cormon como um modo de resolver sua vida, que ficaria fixada; poderia, então, lançar-se até a glória, tornar a mãe feliz, e sabia-se capaz de amar fielmente a srta. Cormon. Em breve sua própria vontade criou, sem que ele o percebesse, uma paixão verdadeira: pôs-se a estudar a solteirona, e, em consequência do prestígio que o hábito exerce, acabou por só ver suas belezas e por esquecer seus defeitos. Num rapaz de vinte e três anos, os sentidos têm uma importância tão grande no amor! Eles têm um fogo que produz uma espécie de prisma entre seus olhos e a mulher. A esse respeito, o abraço com que Querubim prende Marcelina no palco[469] é um rasgo de gênio de Beaumarchais. Mas, se viermos a pensar que, na profunda solidão em que a miséria deixava Atanásio, a srta. Cormon era a única figura submetida à sua atenção, a única que atraía incessantemente o seu olhar, a única sobre a qual a luz caía em cheio, não acabaremos achando essa paixão natural? Esse sentimento tão profundamente oculto cresceu dia a dia. Os desejos, os sofrimentos, a esperança, as meditações avolumavam na calma e no silêncio o lago em que cada hora pingava a sua gota d'água, e que se estendia na alma de Atanásio. E, quanto mais se alargava o círculo interior que a imaginação, auxiliada pelos sentidos, descrevia, mais a srta. Cormon se tornava imponente e mais crescia a timidez de Atanásio. A mãe adivinhara tudo. E, como mulher da província, calculava ingenuamente, consigo mesma, as vantagens do negócio. Pensava que a srta. Cormon se julgaria muito feliz de ter para marido um jovem de vinte e três anos, cheio de talento, capaz de honrar a família e o país, mas os obstáculos que a pouca fortuna de Atanásio e a idade da srta. Cormon opunham a esse casamento lhe pareciam intransponíveis: só contava com a paciência para vencê-los. Da mesma forma que Du Bousquier e que o cavaleiro de Valois, tinha sua política, e mantinha-se à espreita das circunstâncias, esperando a hora propícia com essa finura que dão o interesse e a maternidade. A sra. Granson não desconfiava do cavaleiro de Valois, mas supunha que Du Bousquier,

embora recusado, conservasse pretensões. Inimiga hábil e secreta do velho fornecedor, a sra. Granson lhe fazia um mal incrível para servir o filho, a quem, aliás, nada dissera de seus ardis dissimulados. Agora, quem não compreenderá a importância que ia adquirir a confiança da mentira de Susana, feita à sra. Granson? Que arma entre as mãos da dama de caridade, tesoureira da Sociedade Maternal! Como ela ia espalhar maciamente a notícia, esmolando para a casta Susana!

Nesse momento, Atanásio, pensativamente apoiado na mesa, remexia a colher na tigela vazia, contemplando com os olhos preocupados essa pobre sala de ladrilhos vermelhos, de cadeiras de palhinha, de aparador de madeira pintada, de cortinas cor-de-rosa e brancas que pareciam um tabuleiro de xadrez, forrada por um papel de cabaré, e que comunicava com a cozinha por uma porta envidraçada. Como estava encostado no aquecedor, em frente da mãe, e como o aquecedor ficava quase diante da porta, seu rosto pálido, bem iluminado pela claridade da rua, emoldurado por belos cabelos negros, seus olhos animados pelo desespero e acesos pelos pensamentos da manhã ofereceram-se de repente ao olhar de Susana. A *grisette*, que possuía certamente o instinto da miséria e dos sofrimentos do coração, ressentiu essa fásca elétrica, partida não se sabe de onde, que não se explica, que negam certos espíritos fortes, mas cujo choque simpático foi sentido por muitas mulheres e homens. É ao mesmo tempo uma luz que clareia as trevas do futuro, um pressentimento dos gozos puros do amor compartilhado, a certeza da compreensão mútua. E, principalmente, como que um toque de mão de mestre no teclado dos sentidos. O olhar fica fascinado por uma atração irresistível, o coração se emociona, as melodias da felicidade ressoam na alma e nos ouvidos, uma voz grita: — É ele. Depois, muitas vezes a reflexão joga uma ducha de água fria sobre essa ardente emoção, e tudo passa. Num momento, tão rápido quanto o rascar de um corisco, Susana recebeu uma rajada de pensamentos no coração. Um raio de amor verdadeiro tisonou as ervas daninhas desabrochadas ao sopro da libertinagem e da dissipação. Compreendeu quanto perdia em santidade e grandeza levantando contra si mesma um falso que a desonrava. O que na véspera não era a seus olhos senão uma brincadeira tornou-se uma

sentença grave proferida contra sua pessoa. Recuou diante do sucesso. Mas a impossibilidade do resultado, a pobreza de Atanásio, a vaga esperança de enriquecer e de voltar de Paris com as mãos cheias para lhe dizer: “Eu te amava!”, a fatalidade, em suma, secou essa chuva benfazeja. A ambiciosa *grisette* pediu, com modos tímidos, um momento de atenção à sra. Granson, que a levou para o quarto. Ao sair, Susana olhou para Atanásio uma segunda vez, e, ao vê-lo na mesma atitude, reprimiu as lágrimas. Quanto à sra. Granson, essa estava radiante de alegria. Tinha afinal uma arma terrível contra Du Bousquier, e podia feri-lo de morte. Prometeu, portanto, à pobre rapariga seduzida o apoio de todas as damas de caridade, de todas as comanditárias da Sociedade Maternal. Já entrevia uma dúzia de visitas para fazer, que iriam ocupar todo o seu dia e durante as quais acumularia sobre a cabeça de Du Bousquier uma tempestade pavorosa. O cavaleiro de Valois, embora prevendo o desenvolvimento que o caso tomaria, não contava, entretanto, com todo o escândalo que seria provocado.

— Meu querido filho — disse a sra. Granson a Atanásio —, sabes que vamos jantar em casa da srta. Cormon. Trata um pouco mais de tua roupa. Fazes mal em descuidar assim tua aparência; andas vestido como um salteador. Põe tua camisa bonita, de refolhos, tua casaca de casimira verde de Elbeuf. Tenho minhas razões — acrescentou ela com uma expressão finória. — Aliás, a srta. Cormon está de partida para o Prébaudet, e irá muita gente à sua casa, hoje. Quando um rapaz está em idade de casar, deve servir-se de todos os meios para agradar. Meu Deus, se as moças quisessem dizer a verdade, ficarias muito espantado, meu filho, de saber o que é que as apaixona. Às vezes, basta que um homem tenha passado a cavalo à frente de um batalhão de artilheiros, ou que tenha aparecido no baile com roupas um pouco apertadas. Às vezes, um certo porte da cabeça, uma atitude melancólica fazem supor uma vida inteira; inventamos um romance de acordo com o herói; acontece que ele não é senão um tolo, mas o casamento está feito. Observa o cavaleiro de Valois, examina-o, imita suas maneiras; vê como ele se apresenta com desembaraço; não tem nada do teu modo desajeitado. Fala um pouco, dir-se-ia que não sabes nada, tu que

conheces o hebraico de cor!

Atanásio escutou-a, espantado mas submisso, depois levantou-se, tomou o boné e dirigiu-se para a Prefeitura, conjecturando: “Teria minha mãe adivinhado meu segredo?”. Passou pela Rue du Val-Noble, onde morava a srta. Cormon, pequeno prazer que gozava todas as manhãs, imaginando mil coisas extravagantes: “Ela nem desconfia, certamente, que está passando neste momento, diante de sua casa, um moço que saberia amá-la, que lhe seria fiel, que nunca lhe daria um só desgosto, que lhe deixaria dispor de sua fortuna como entendesse, sem se meter. Meu Deus! Que fatalidade! Na mesma cidade, a dois passos uma da outra, duas pessoas se acham nas circunstâncias em que nós estamos, e nada pode aproximá-las. E se eu lhe falasse esta noite?”.

Enquanto isso, Susana voltava para casa pensando no pobre Atanásio; e, como muitas outras mulheres que desejaram sacrificar-se por homens adorados além das forças humanas, sentia-se capaz de lhe fazer, com seu belo corpo, um estribo para que ele atingisse prontamente a coroa que lhe cabia.

Agora é necessário entrar na casa da solteirona para a qual convergiam tantos interesses, e onde os atores desta cena, excetuando-se Susana, deveriam encontrar-se todos na mesma noite. Essa grande e linda criatura, bastante audaciosa para queimar os seus navios, como Alexandre,[470] no início da vida, e para começar a luta por uma falta suposta, desapareceu do teatro depois de ter introduzido na peça um violento motivo de interesse. Seus votos, aliás, foram realizados. Deixou a cidade natal alguns dias depois, munida de dinheiro e de roupas bonitas, entre as quais se achava um magnífico vestido de veludo verde e um delicioso chapéu verde forrado de cor-de-rosa, dado pelo sr. de Valois, presente que ela preferia a todas as outras coisas, mesmo ao dinheiro das senhoras da Sociedade Maternal. Se o cavaleiro tivesse ido a Paris no momento em que ela brilhava nessa capital, Susana teria certamente abandonado tudo por ele. Semelhante à casta Susana da Bíblia,[471] que os velhos mal haviam entrevisto, ela se estabeleceu em Paris, feliz e cheia de esperanças, enquanto toda a cidade de Alençon chorava suas desgraças, pelas quais as senhoras das duas Sociedades de Caridade e de Maternidade tinham revelado tanta

simpatia.

Podendo, talvez, oferecer a imagem de uma dessas belas normandas que um médico sábio declarou constituírem um terço da consumação que a monstruosa Paris faz nesse gênero, Susana manteve-se, entretanto, nas regiões mais elevadas e decentes da vida galante. Numa época em que, conforme dizia o sr. de Valois, a Mulher não existia mais, ela foi simplesmente *Madame du Valnoble*; teria sido, em outros tempos, a rival das Ródope, das Impéria, das Ninon.[472] Um dos mais distintos escritores da Restauração[473] tomou-a sob sua proteção. Talvez se case com ela? É jornalista, e está, portanto, acima da opinião, pois fabrica uma opinião nova de seis em seis anos.

II — A SRTA. CORMON

Na França, em quase todas as prefeituras de segunda ordem, existe um salão onde se reúnem pessoas consideráveis e consideradas, que não são ainda, entretanto, a nata da sociedade. O dono e a dona de casa figuram entre as sumidades do lugar e são recebidos em todos os lugares aonde queiram ir; não se realiza na cidade uma festa, um jantar diplomático, sem que eles sejam convidados; mas a gente dos castelos, os pares que possuem boas terras, a alta sociedade do departamento não lhes frequentam a casa e se mantêm junto a eles nos termos de uma visita feita e retribuída, de um jantar ou de uma recepção aceita e paga. Esse salão misto, onde se encontram a pequena nobreza de cargos fixos, o clero, a magistratura, exerce grande influência. A razão e o espírito do país residem nessa sociedade sólida e sem fausto, onde todos conhecem os rendimentos do vizinho, onde se professa uma perfeita indiferença pelo luxo e pelo vestuário, julgados verdadeiras criancices comparados com as pastagens de dez ou doze jeiras, cuja aquisição foi chocada durante anos e motivou imensas combinações diplomáticas. Inabalável nos seus preconceitos bons ou maus, esse cenáculo segue o mesmo caminho, sem olhar para a frente nem para trás. Não admite coisa alguma vinda de Paris sem um longo exame, recusa as casimiras assim como as inscrições no Grande Livro da dívida pública, caçoa das novidades, não lê nada e quer ignorar tudo:

ciência, literatura, invenções industriais. Obtém a transferência de um prefeito que não lhe convém, e, caso o administrador resista, isola-o à moda das abelhas que cobrem de cera o caracol que lhes invade a colmeia. É aí, finalmente, que as tagarelices muitas vezes se tornam sentenças solenes. Por isso, embora nesses salões só se realizem partidas de jogo, as mulheres ali surgem de longe em longe, para buscar uma aprovação de sua conduta, uma consagração de sua importância. Essa supremacia concedida a uma casa fere frequentemente o amor-próprio de alguns naturais do lugar, que se consolam avaliando as despesas que ela acarreta e de que eles se aproveitam. Quando não se encontra uma fortuna bastante considerável para manter a casa aberta, os figurões escolhem para lugar de reunião, como fazia a gente de Alençon, a residência de uma pessoa inofensiva, cuja vida determinada, cujo temperamento ou posição deixam todos perfeitamente à vontade, sem fazer sombra nem às vaidades nem aos interesses de cada qual. Há muito tempo, assim, que a alta sociedade de Alençon se reunia em casa da solteirona, cuja fortuna, sem que o soubesse, estava sob a mira da sra. Granson, sua prima em terceiro grau, e dos dois solteirões de que acabamos de revelar as manobras secretas.

A srta. Cormon vivia em companhia do tio materno, antigo vigário-geral do Bispado de Sééz, outrora seu tutor, e de quem devia herdar. A família, nessa época constando apenas de Rosa-Maria-Vitória Cormon, já tinha figurado, em tempos idos, entre as mais consideráveis da província. Embora plebeia, emparelhava-se com a nobreza, com a qual se tinha muitas vezes ligado por casamentos, e fornecera outrora intendentes aos duques de Alençon, inúmeros juizes à Magistratura e vários bispos ao Clero. O sr. Sponde, avô materno da srta. Cormon, foi eleito pela Nobreza para os Estados Gerais, e o sr. Cormon, seu pai, pelo Terceiro-Estado, mas nenhum dos dois aceitou a missão. Durante cem anos, aproximadamente, as filhas se tinham casado com fidalgos da província, de forma que essa família espalhara tantos rebentos pelo Ducado que abrangia todas as árvores genealógicas. Nenhuma outra burguesia podia se parecer mais com a nobreza.

Construída durante o reinado de Henrique IV por Pedro Cormon,

intendente do último duque de Alençon, a casa onde habitava a srta. Cormon sempre pertencera à sua família. Entre todos os seus bens visíveis, esse era o que mais estimulava a cobiça de seus dois velhos namorados. No entanto, em vez de produzir rendimentos, esse prédio era um motivo de despesas. Mas é tão raro se encontrar numa cidade de província uma habitação situada no centro, sem má vizinhança, bela por fora, cômoda por dentro, que Alençon inteira compartilhava dessa inveja. O velho palacete era construído precisamente no meio da Rue du Val-Noble, chamada por corrupção o Val-Nobre, sem dúvida por causa da depressão que faz no terreno o Briante, riachinho que atravessa Alençon. A forte arquitetura produzida pela época de Maria de Médicis[474] tornava essa casa notável. Embora construída em granito, pedra difícil de ser trabalhada, seus ângulos, as esquadrias de suas janelas e portas eram decorados por saliências talhadas à ponta de diamante. Compunha-se de um pavimento acima do andar térreo; seu telhado, extremamente elevado, apresentava janelas salientes, com tímpanos esculpidos, muito elegantemente encaixadas na calha forrada de chumbo, ornada exteriormente por balaústres. Entre cada janela projetava-se uma gárgula, figurando uma goela fantástica de animal sem corpo, que vomita água sobre grandes pedras furadas por cinco buracos. Os dois torrões eram terminados pelos ramos de flores em chumbo, símbolos da burguesia, pois só aos nobres era outrora permitido o direito de terem galo-dos-ventos. Do lado do pátio, à direita, ficam as cocheiras e as estrebarias; à esquerda, a cozinha, o depósito de lenha e a lavanderia. Um dos batentes da larga porta por onde entravam os carros ficava aberto e era guarnecido por uma portinhola baixa, com claraboia e campainha, que permitia aos transeuntes avistar, no meio do vasto pátio, um canteiro de flores cuja terra amontoada era retida por uma cercazinha de alfeneiros. Algumas roseiras das quatro estações, goivos, escabiosas, lírios e giestas de Espanha compunham o canteiro, em volta do qual costumavam colocar, durante a boa estação, caixotes de loureiros, romanzeiros e murtas. Impressionado pelo asseio minucioso que distinguia esse pátio e suas dependências, um estrangeiro poderia adivinhar a solteirona. O olhar que presidia essas coisas devia ser um olhar desocupado,

investigador, conservador menos por temperamento do que por necessidade de ação. Só uma solteirona, preocupada em empregar seus dias sempre vazios, poderia mandar arrancar a erva entre os lajedos, limpar o alto dos muros, exigir que o chão fosse continuamente varrido, nunca deixar abertas as cortinas de couro da cocheira. Só ela seria capaz de introduzir, por falta do que fazer, uma espécie de asseio holandês numa provinciazinha isolada entre a Bretanha e a Normandia, terra em que se professa com orgulho uma indiferença crassa pelo conforto. Nunca o cavaleiro de Valois nem Du Bousquier subiam os degraus da escada de dois lances, que envolvia o patamar em forma de tribuna, sem pensar um que aquele palacete convinha a um par de França e outro que o prefeito da cidade deveria residir ali. Uma porta-janela comunicava esse saguão com uma antecâmara, onde havia uma segunda porta semelhante, saindo para outro patamar, do lado do jardim. Essa espécie de galeria ladrilhada de vermelho, apainelada até a altura de um homem, era o hospital dos retratos da família doentes: alguns tinham um olho estragado, outros sofriam de um ombro avariado; este segurava o chapéu em mão que já não existia, aquele tinha uma perna amputada. Ali se depositavam os casacos, os tamancos, as galochas, os guarda-chuvas, os toucados e as peliças. Era o arsenal em que cada visitante deixava a bagagem, à entrada, e a retomava à saída. Para isso, ao longo das paredes, havia uma banquetta, onde se sentavam os criados que chegavam armados de lanternas, e um grande aquecedor a fim de combater o vento frio que vinha ao mesmo tempo do pátio e do jardim. A casa, portanto, era dividida em duas partes iguais. De um lado, dando para o pátio, ficava o socavão da escada, e, dando para o jardim, uma espaçosa sala de jantar, seguida de uma copa que comunicava com a cozinha; do outro, ficava um salão de quatro janelas, depois duas peças pequenas, uma com vista para o jardim e formando a saleta de estar, outra abrindo para o pátio e servindo de gabinete. O primeiro andar continha um apartamento completo para uma família e os aposentos onde residia o velho padre Sponde. As mansardas deviam, sem dúvida, oferecer muitos alojamentos há longo tempo habitados pelos ratos e camundongos, cujos altos feitos noturnos eram contados ao cavaleiro de Valois pela

srta. Cormon, espantadíssima da inutilidade dos meios empregados contra eles.

O jardim, que media aproximadamente cinquenta varas quadradas, era margeado pelo rio Briante, ou Brillante, assim chamado por causa das parcelas de mica que palhetam seu leito em todo o resto de seu percurso que não seja a Rue du Val-Noble, por onde suas águas magras passam carregadas das tintas e sujeiras lançadas pelas indústrias da cidade. A margem oposta ao jardim da srta. Cormon era atravancada, como em todas as cidades de província por onde passa um rio, de casas onde se exercem profissões diversas; mas, por felicidade, em frente do palacete só vivia gente sossegada, burgueses, um padeiro, um limpador de nódoas, marceneiros. Esse jardim, cheio de flores comuns, era naturalmente terminado por um terraço formando cais, tendo uma escadinha que descia até o Brillante. Na balaustrada do terraço, imaginem-se grandes jarros de porcelana azul e branca, plantados de goivos; à direita e à esquerda, ao longo dos muros vizinhos, suponham-se dois parapeitos de tílias talhados em quadrado; assim se terá uma ideia da paisagem cheia de singeleza pudica, de castidade tranquila, de vistas modestas e burguesas oferecidas pela beira oposta e suas casas ingênuas, as águas raras do Brillante, o jardim, seus dois parapeitos colados de encontro aos muros vizinhos, e o venerável edifício dos Cormon. Que paz! Que calma! Nada de pomposo, como nada de transitório; tudo, aí, parecia eterno.

O andar térreo pertencia, portanto, à recepção. Tudo indicava a velha, inalterável província. O grande salão quadrado de quatro portas e quatro janelas era modestamente revestido de painéis em madeira trabalhada, pintados de cinzento. Um único espelho, oblongo, achava-se sobre o aquecedor, e o alto do tremó representava o Dia conduzido pelas Horas, pintado em aquarela. Esse gênero de pintura infestava todas as bandeiras de porta, onde o artista inventara essas “estações” que, numa grande parte das casas do centro da França, fazem com que se acabe por detestar os intoleráveis Amores ocupados em ceifar, patinar, semear ou atirar flores uns nos outros. Cada janela era ornada por cortinas de seda adamascada verde, arrepanhadas por cordões de grossas borlas, desenhando enormes baldaquins. A mobília forrada de

tapeçaria, feita de madeira pintada e envernizada, distinguia-se pelas formas contornadas, tão em moda no último século, e oferecia em seus medalhões as fábulas de La Fontaine; mas algumas beiradas das cadeiras e das poltronas já tinham sido serzidas. Dividindo o teto pelo meio, uma trave grossa sustentava um velho candelabro de cristal de rocha, embrulhado num forro verde. No aquecedor havia dois vasos de Sèvres, azuis, velhas girândolas presas no tremó e uma pêndula cujo assunto, tomado da última cena de *O desertor*,^[475] atestava a voga prodigiosa da obra de Sedaine. Essa pêndula de cobre dourado se compunha de onze personagens, medindo cada um quatro polegadas de altura: no fundo, o desertor saía da prisão entre seus soldados; no primeiro plano, uma jovem desmaiada lhe mostrava o indulto. A lareira, as pás e as tenazes eram de um estilo análogo ao do relógio. Os painéis das paredes tinham como ornamento os mais recentes retratos da família, um ou dois Rigaud e três quadros a pastel de Latour.^[476] Quatro mesas de jogo, um tabuleiro de gamão, uma mesa de *piquet* atravancavam essa peça imensa, que era, aliás, a única assoalhada. O gabinete de trabalho, inteiramente apainelado de velho charão vermelho, preto e dourado, devia valer, alguns anos mais tarde, um preço exorbitante, de que a srta. Cormon não tinha a menor ideia; mas, mesmo que lhe tivessem oferecido mil escudos por painel, ela não os venderia, pois tinha o costume de não se desfazer de coisa alguma. A província acredita sempre nos tesouros escolhidos pelos antepassados. A inútil saleta era forrada por essa velha estamparia de seda, hoje tão procurada por todos os amadores de gênero chamado Pompadour. A sala de jantar, lajeada de pedras pretas e brancas, sem teto, mas de traves pintadas, era mobiliada por esses enormes aparadores com tampos de mármore, exigidos, na província, pelas batalhas travadas com os estômagos. As paredes, pintadas a fresco, representavam uma latada de flores. Os assentos eram de cana envernizada, e as portas, em nogueira natural. Tudo completava o ar patriarcal que se respirava no exterior como no interior dessa casa. O gênio da província conservara tudo: nada era novo nem antigo, jovem nem decrepito. Em tudo se fazia sentir uma fria exatidão.

Todos os turistas da Bretanha e da Normandia, do Maine e do Anjou

devem ter visto, nas capitais dessas províncias, certas casas que se pareciam mais ou menos com o palacete dos Cormon, pois ele era, no seu gênero, o arquétipo das casas burguesas de uma grande parte da França, e merece, portanto, seu lugar nesta obra que explica costumes e representa ideias. Quem já não sabe quanto era calma e rotineira a vida nesse velho edifício?

A casa dos Cormon tinha também a sua biblioteca, que se achava situada um pouco abaixo do nível do Brillante, bem encadernada e resguardada. A poeira, ao invés de prejudicá-la, fazia-a valer. As obras eram ali conservadas com o cuidado que se dispensa, nessas províncias privadas de vinhedos, aos produtos mais naturais, primorosos, recomendáveis por seus perfumes antigos e produzidos pelos prelos da Borgogne, da Touraine, da Gascogne e do Midi. O preço dos transportes era muito alto para que se mandasse buscar vinho ordinário.

O fundo da sociedade que frequentava a casa da srta. Cormon compunha-se de cento e cinquenta pessoas, aproximadamente. Algumas iam para o campo; estas estavam doentes; aquelas, viajando pelo departamento, para tratar de negócios; mas existiam certos fiéis que, exceto nas recepções a convite, compareciam todos os dias, tais como as pessoas forçadas, por hábito ou dever, a permanecer na cidade. Eram todos, geralmente, de idade madura; entre eles, poucos tinham viajado; a maioria ficara na província, e alguns, até, se tinham metido no levante dos *chouans*. Já se começava a falar sem temor nessa guerra, desde que haviam chegado recompensas para os defensores da boa causa. O sr. de Valois, um dos promotores da última escaramuça, em que pereceu o marquês de Montauran, traído pela própria amante, e na qual se ilustrou o famoso *Marche-à-Terre*, que fazia, então, tranquilamente, o comércio de gado nos arredores de Mayenne, dava, havia seis meses, a chave de algumas boas peças pregadas a um velho republicano chamado Hulot, comandante de uma meia brigada aquartelada em Alençon de 1798 a 1800, e que deixara recordações no lugar.^[477]

As mulheres compareciam vestidas com simplicidade, exceto às quartas-feiras, dia em que a srta. Cormon dava jantar e em que os

convidados da última quarta-feira pagavam sua vista de digestão. As quartas-feiras tinham grande concorrência; a assembleia era numerosa, e convidados e visitantes vestiam-se *in fiocchi*,^[478] algumas mulheres levavam costuras, tricôs, tapeçarias à mão; certas jovens trabalhavam sem acanhamento em desenhos para o ponto de Alençon, de cujo produto se mantinham. Vários maridos levavam as mulheres por política, porque sabiam que iriam encontrar poucos rapazes; não se podia balbuciar nenhuma palavrinha ao ouvido sem chamar a atenção; assim, não havia perigo, para as donzelas nem as mulheres, de se ouvir qualquer dito de amor.

Todas as tardes, às seis horas, a longa antecâmara se enchia de seu mobiliário; cada visitante trazia quer uma bengala, quer um capote, quer uma lanterna. Todas essas pessoas se conheciam tão bem, os hábitos eram tão patriarcais que, se por acaso o velho padre Sponde ou a srta. Cormon estivesse ainda no quarto, nem a arrumadeira Pérotte nem o criado Jacquelin nem a cozinheira ia avisá-los. O que chegasse primeiro esperava pelo segundo; depois, quando havia número para um *piquet* ou uíste ou um bóston, os frequentadores costumeiros começavam o jogo, sem esperar pelo padre Sponde ou pela senhorita.

Quando escurecia, Jacquelin ou Pérotte atendia ao toque da campainha e acendia as luzes. Vendo o salão iluminado, o padre Sponde para lá se dirigia lentamente.

Todas as noites, o gamão, a mesa de *piquet*, as três mesas de bóston e a de uíste ficavam completas, o que dava uma média de vinte e cinco a trinta pessoas, contando com as que ficavam conversando; mas às vezes compareciam mais de quarenta. Jacquelin, então, acendia o gabinete e a saleta. Entre oito e nove horas começavam a chegar na antecâmara os criados que iam buscar os patrões; e, a menos que houvesse uma revolução, às dez horas não havia mais ninguém nas salas. A essa hora, as visitas saíam em grupos pelas ruas, dissertando sobre os lances do jogo ou continuando algumas observações sobre as pastagens que tinham em vista, sobre as partilhas das sucessões, sobre as desavenças que separavam os herdeiros, sobre as pretensões da sociedade aristocrática. Parecia a saída de um teatro, em Paris.

Certas pessoas, falando muito de poesia, de que não entendem

nada, investem contra os hábitos da província. Mas ponhamos a fronte na mão esquerda, apoiemos o pé na barra da lareira, encostemos o cotovelo no joelho; depois, se já estivermos iniciados no conjunto doce e liso que apresentam essa paisagem, essa casa e seu interior, a companhia e seus interesses aumentados pela pequenez dos espíritos, como o ouro batido entre as folhas de pergaminho, perguntaremos ainda o que é a vida humana? Procuremos decidir entre aquele que gravou patos nos obeliscos egípcios e aquele que jogou bóston durante vinte anos com Du Bousquier, o sr. de Valois, a srta. Cormon, o presidente do Tribunal, o procurador do rei, o padre Sponde, a sra. Granson, e *tutti quanti*? [479] Se a repetição certa e cotidiana dos mesmos passos no mesmo caminho não é a felicidade, ela a imita tão bem que as pessoas, levadas pelas tempestades de uma vida agitada a refletir sobre os benefícios da tranquilidade, dirão que essa é que é felicidade. Para avaliar a importância do salão da srta. Cormon, bastará dizer que Du Bousquier, estatístico nato da sociedade, tinha calculado que as pessoas que o frequentavam possuíam cento e trinta e uma vozes no Colégio Eleitoral e reuniam um milhão e oitocentas mil libras de rendimentos em latifúndios na província. A cidade de Alençon não estava, entretanto, inteiramente representada por esse salão; a alta sociedade aristocrática tinha o seu, e havia ainda o salão do recebedor-geral, que era como um albergue administrativo mantido pelo governo, onde se dançava, intrigava, borboleteava, amava e ceava. Esses dois outros salões comunicavam com o da srta. Cormon por meio de algumas pessoas mistas, e vice-versa; mas o salão Cormon julgava com severidade as coisas que se passavam nos dois outros campos: criticava o luxo dos jantares, ruminava os sorvetes dos bailes, discutia a conduta das mulheres, os vestidos, as invenções novas que ali surgiam.

A srta. Cormon, espécie de razão social sob a qual se compreendia uma companhia imponente, devia necessariamente ser o ponto de mira de dois ambiciosos tão profundos quanto o cavaleiro de Valois e Du Bousquier. Para um e para outro, ali estava a Deputação e, por conseguinte, o pariatto para o nobre, e uma Recebedoria Geral para o fornecedor. Tão dificilmente se cria um salão dominador na província como em Paris; e aquele já estava criado. Casar com a srta. Cormon

seria reinar em Alençon. Atanásio, único dos três pretendentes que não calculava mais nada, amava tanto a pessoa quanto a fortuna. Para empregar a linguagem da época, não havia um drama singular na situação dessas quatro personagens? Não se nota qualquer coisa de estranho nessas três rivalidades silenciosamente comprimidas em torno de uma solteirona que não as adivinhava, apesar de seu desmesurado e legítimo desejo de se casar? Mas, embora todas essas circunstâncias tornem o celibato dessa solteirona um caso extraordinário, não é difícil explicar como e por que, apesar de sua fortuna e de seus três pretendentes, ela ainda estava solteira. Primeiro, segundo a jurisprudência da casa, a srta. Cormon sempre tivera o desejo de desposar um fidalgo; mas, de 1789 a 1799, as circunstâncias foram muito desfavoráveis à sua pretensão. Mesmo desejando ser mulher de condição, tinha um medo terrível do tribunal revolucionário. Esses dois sentimentos, de força igual, tornaram-na estacionária, por uma lei tão verdadeira em estética quanto em estática. Esse estado de incerteza, aliás, agrada às donzelas, enquanto se julgam jovens e com direito a escolher um marido.

A França bem sabe que o sistema político adotado por Napoleão produziu muitas viúvas. Sob esse governo, as herdeiras ficaram em número desproporcionado com o dos rapazes casadouros. Quando o Consulado restabeleceu a ordem interior, as dificuldades exteriores tornaram o casamento da srta. Cormon tão difícil quanto no passado. Se, por um lado, Rosa-Maria-Vitória recusava desposar um velho, por outro, o temor do ridículo e as circunstâncias impediam-na de casar com um rapazinho novo. Ora, as famílias casavam cedo os seus rapazes, a fim de livrá-los do alcance da conscrição. Enfim, por uma teimosia de proprietária, também não se casaria com um soldado, pois não tomava um homem para devolvê-lo ao imperador; queria conservá-lo só para si. De 1804 até 1815, foi-lhe, portanto, impossível lutar com as moças que disputavam os partidos decentes, escasseados pelo canhão. Além de sua predileção pela nobreza, a srta. Cormon teve a mania muito desculpável de querer ser amada desinteressadamente. Não se pode avaliar até onde a levava esse desejo. Empregara todo o espírito em armar mil ciladas a seus adoradores a fim de lhes descobrir

o verdadeiro sentimento. Seus laços foram tão bem armados que os infelizes se deixaram enlear e sucumbiram nas provas extravagantes que ela lhes impunha sem que o percebessem. A srta. Cormon não os estudava; espionava-os. Uma palavra dita sem pensar, um gracejo que ela às vezes compreendia mal era quanto bastava para fazê-la rejeitar esses postulantes como indignos; este não tinha coração nem delicadeza, aquele mentia e não era cristão; um queria tosquiá-los seus bosques e cunhar moedas sob o véu do casamento, o outro não tinha um gênio que combinasse com o seu e não a faria feliz; aqui, adivinhava uma gota hereditária; lá, antecedentes imorais assustavam-na. Como a Igreja, exigia um belo padre para seus altares; depois, queria ser desposada por sua falsa fealdade e seus supostos defeitos, como as mulheres o querem por qualidades que não possuem e por belezas hipotéticas. A ambição da srta. Cormon tinha sua fonte nos mais delicados sentimentos da mulher; contava brindar o amante desvendando-lhe mil virtudes depois do casamento, como outras mulheres descobrem as mil imperfeições que disfarçaram cuidadosamente; mas foi mal compreendida: a nobre criatura não encontrou senão almas vulgares em que reinava o cálculo dos interesses positivos e que nada entendiam dos belos cálculos do sentimento. Quanto mais se encaminhava para essa época fatal, tão engenhosamente chamada de *segunda mocidade*, mais sua desconfiança aumentava. Aplicava-se em se apresentar sob a luz mais desfavorável e representava tão bem seu papel que os últimos aliciados hesitaram em ligar sua sorte à de uma pessoa cujo virtuoso jogo de cabra-cega exigia um estudo de que poucos homens são capazes, pois todos preferem uma virtude já feita. O temor constante de ser procurada só pela sua fortuna tornava-a inquieta, suspeitosa demais; escorraçou a gente rica: e a gente rica podia contrair grandes casamentos; temia a gente pobre, recusando-lhes o desinteresse de que fazia tanta questão em caso semelhante; dessa forma, suas exclusões e as circunstâncias limitaram estranhamente o número dos homens assim selecionados, como grãos de ervilha num tabuleiro.

À custa de tantos projetos de casamento desmanchados, a pobre criatura, levada a desprezar os homens, acabou por considerá-los sob

uma luz falsa. Seu gênio contraiu, necessariamente, uma misantropia íntima, lançando certa tonalidade de amargura em suas conversas e alguma severidade em seu olhar. Seu celibato determinou uma rigidez crescente em seus costumes, pois ela tentava aperfeiçoar-se em desespero de causa. Nobre vingança! Lapidou para Deus o diamante bruto rejeitado pelo homem. Em breve a opinião pública lhe foi contrária, pois o público aceita a sentença que uma pessoa livre pronuncia contra si mesma não se casando, por falta de partidos ou porque os recusou. Todos julgam que essa recusa é baseada em razões secretas, sempre mal interpretadas. Este dizia que ela era malconformada, aquele lhe atribuía mil defeitos secretos; mas a pobre criatura era pura como um anjo e cheia de boa vontade, pois a natureza a destinara a todos os prazeres, a todas as felicidades, a todas as fadigas da maternidade.

No entanto, a srta. Cormon não encontrava em sua própria pessoa a auxiliar obrigada de seus desejos. Não tinha outra beleza senão a que se chama tão impropriamente “beleza do diabo”, e que consiste numa grande frescura de mocidade, beleza que, teologicamente falando, o diabo não saberia ter, a menos que se queira explicar essa expressão pela constante vontade que ele tem de se refrescar. Os pés da herdeira eram largos e chatos; suas pernas, que mostrava muitas vezes pela maneira com que, sem a menor malícia, arrepanhava o vestido quando saía de casa ou da igreja de Saint-Léonard nos dias de chuva, não podiam ser tomadas pelas pernas de uma mulher. Eram pernas nervosas, de panturrilhas pequenas, salientes e cabeludas, como as de um marinheiro. A cintura largona, uma gordura de ama de leite, braços fortes e carnudos, mãos vermelhas, tudo nela se harmonizava com as formas convexas e com a rechonchuda brancura das belezas normandas. Olhos de cor indecisa, e à flor do rosto, davam à sua face, cujos contornos arredondados não tinham a menor nobreza, um ar de espanto, uma expressão simplória de carneiro, que ficavam bem numa solteirona: se Rosa não fosse inocente, teria aparentado inocência. Seu nariz aquilino contrastava com a fronte pequena, pois é raro que esse formato de nariz não acompanhe uma fronte larga e bela. Apesar de seus grossos lábios vermelhos, indício de grande bondade, essa testa

anunciava pobreza de ideias, o que fazia supor que o coração não fosse dirigido pela inteligência; ela devia ser benfeitoria sem graça. Ora, costuma-se censurar severamente os defeitos da Virtude, e aceitar com indulgência as qualidades do Vício. Cabelos castanhos, de um comprimento extraordinário, emprestavam à figura de Rosa Cormon essa beleza que é o resultado da força e da abundância — principais características de sua pessoa. Nos tempos de suas pretensões, Rosa fazia questão de se colocar sempre de três quartos, a fim de mostrar a orelha muito bonita, bem destacada no meio do branco azulado de seu pescoço e de suas têmporas, realçada por sua enorme cabeleira. Vista assim, em roupa de baile, podia parecer bela. Suas formas protuberantes, sua estatura, sua saúde vigorosa arrancavam aos oficiais do Império essa exclamação: “Que belo pedaço de mulher!”. Mas, com o correr dos anos, a gordura elaborada por uma vida tranquila e casta se tinha insensivelmente espalhado tão mal por esse corpo que acabara destruindo as proporções primitivas. Nesse momento, colete algum podia modelar quadris na pobre rapariga, que parecia talhada numa só peça. Já não existia a harmonia jovem de seu busto, e sua excessiva amplidão fazia temer que, ao se abaixar, ela fosse arrastada por essas massas superiores; mas a natureza a dotara de um contrapeso natural que tornava inútil a mentirosa precaução das anquinhas. Tudo nela era natural. Triplicando-se, o queixo diminuía o comprimento do pescoço e embaraçava o porte da cabeça. Rosa não tinha rugas, mas pregas, e os engraçados diziam que, para não se cortar, ela usava pó de arroz nas articulações, como se faz com as crianças de colo. Essa criatura nutrida oferecia a um rapaz desvairado de desejos, como Atanásio, o gênero de atrações que deveria seduzi-lo. As imaginações jovens, essencialmente ávidas e corajosas, gostam de se estender sobre esses belos lençóis vivos. Era a perdiz roliça, apetitosa para a faca de um guloso. Muitos parisienses elegantes e endividados se teriam resignado a fazer com muita exatidão a felicidade da srta. Cormon. Mas a coitada já tinha mais de quarenta anos! Nessa época, depois de ter combatido muito tempo para introduzir em sua vida os interesses que formam a mulher, e forçada, entretanto, a continuar solteira, fortificava-se na virtude pelas mais severas práticas religiosas.

Recorrera à religião, essa grande consoladora das virgindades bem guardadas! Seu confessor dirigia-a nesciamente, nos últimos três anos, pela estrada das macerações, e recomendava-lhe o uso da disciplina, que, segundo afirma a medicina moderna, produz o efeito oposto ao que dela esperava um pobre sacerdote de limitados conhecimentos de higiene. Essas práticas absurdas começavam a espalhar uma lividez monástica no rosto de Rosa Cormon, que às vezes se desesperava ao ver sua tez branca contrair os tons amarelados que anunciam a maturidade. A ligeira penugem que ornava os cantos de seu lábio superior começava a espalhar-se, desenhando como que uma fumaça. As têmporas tomavam uns tons reluzentes. Enfim, a decadência começava.

Toda Alençon sabia de modo autêntico que o sangue atormentava a srta. Cormon. Ela fazia suas confidências ao cavaleiro de Valois, dizendo-lhe o número de escalda-pés que tomava e combinando com ele refrigerantes. O finório compadre tirava então a caixa de rapé, e, em forma de conclusão, contemplava a princesa Goritza.

— O verdadeiro calmante — dizia então — seria um belo e bom marido, minha querida senhorita.

— Mas em quem confiar? — respondia ela.

O cavaleiro caçava então os grãos de tabaco que se metiam nas dobras das calças e do colete. Para todo mundo, esse gesto seria muito natural, mas causava sempre inquietações à pobre donzela. A violência dessa paixão sem objeto era tão grande que Rosa não ousava mais olhar para um homem face a face, tanto temia demonstrar nos olhos o sentimento que a pungia. Por um capricho, que talvez não fosse senão a continuação de seus antigos processos, tinha tanto medo de ser acusada de loucura parecendo fazer a corte aos homens que podiam ainda lhe convir, e pelos quais se sentia atraída, que chegava a tratá-los com pouca delicadeza. A maioria das pessoas de sua roda, incapazes de lhe apreciar os motivos, sempre tão nobres, explicavam sua maneira de proceder para com seus cocelibatários como a vingança de uma recusa recebida ou prevista.

Ao começar o ano de 1815, Rosa atingia quarenta e dois anos — idade fatal que não confessava. Seus desejos adquiriram então uma

intensidade que se aproximava da monomania, pois compreendeu que toda possibilidade de progeneração acabaria por se perder; e o que ela desejava acima de tudo, na sua celeste ignorância, era ter filhos.

Não havia em toda a cidade de Alençon uma pessoa só que atribuisse a essa virtuosa criatura um único anseio das licenças amorosas: ela amava em bloco, sem nada imaginar do amor. Era uma Agnès católica, incapaz de inventar uma única das astúcias da Agnès de Molière.[480]

Havia alguns meses que punha suas esperanças num acaso. O licenciamento das tropas imperiais e a reconstituição do Exército real operavam certos movimentos no destino de muitos homens, que voltavam, uns com meio-soldo, outros com ou sem montepio, para sua cidade natal, todos tendo o desejo de corrigir a má sorte e de chegar a um fim — que, para a srta. Cormon, podia ser um delicioso começo. Seria difícil não encontrar, entre aqueles que voltariam para os arredores, algum bravo militar respeitável, válido principalmente, de idade proporcional à sua, cujo caráter serviria de passaporte às opiniões bonapartistas. Talvez mesmo descobrisse algum que, para reaver uma posição perdida, se fizesse monarquista. Esse cálculo sustentou ainda durante os primeiros meses do ano a srta. Cormon na severidade de sua atitude. Mas os militares que foram residir na cidade eram todos velhos ou jovens demais, bonapartistas extremados ou pessoas de maus costumes, em situações incompatíveis com os hábitos, a posição e a fortuna da srta. Cormon. E assim, dia a dia, ela ia desesperando. Os oficiais superiores tinham todos aproveitado a vantagem de sua posição, durante o domínio napoleônico, para casar, e agora se tornavam monarquistas no interesse da família.

Por mais que a srta. Cormon implorasse a Deus a graça de lhe enviar um marido para que pudesse ser cristãmente feliz, estava sem dúvida escrito que ela morreria virgem e mártir, porque não se apresentava nenhum homem que tivesse o jeito de um marido.

As conversas travadas todas as noites em sua casa faziam tão bem o policiamento do Estado Civil que não chegava um só estrangeiro em Alençon sem que ela fosse informada de seus costumes, de sua fortuna e de sua condição. Mas Alençon não é uma cidade que atraia o

estrangeiro; não fica no caminho de nenhuma capital; não tem acasos. Os marinheiros que se dirigem de Brest a Paris nem sequer param em Alençon.

A pobre Rosa acabou por compreender que estava reduzida aos indígenas; por isso, seus olhos tomavam às vezes uma expressão feroz, a que o malicioso cavaleiro correspondia com um olhar fino, tomando a tabaqueira e contemplando a princesa Goritzza. O sr. de Valois sabia que na jurisprudência feminina a primeira fidelidade é uma garantia de futuro. Mas devemos confessar que a srta. Cormon tinha pouco espírito: não entendia nada do manejo da caixa de rapé. E redobrava de vigilância, para combater o espírito do mal. Uma rígida devoção e princípios severos continham seus cruéis sofrimentos nos mistérios da vida privada. Todas as noites, quando ficava sozinha, pensava em sua mocidade perdida, em sua frescura fanada, nos anseios da natureza insatisfeita; e, enquanto ia imolando suas paixões ao pé da cruz, comprometia-se, se por acaso surgisse um homem de boa vontade, a aceitá-lo com todos os defeitos que tivesse, sem o submeter a nenhuma prova. Sondando essas boas disposições, em certas noites mais árduas do que as outras, ia até o ponto de desposar, em pensamento, um segundo-tenente, um fumante que se propunha, à custa de cuidados, indulgência e doçura, em transformar no sujeito melhor deste mundo; chegava mesmo a aceitá-lo crivado de dívidas. Mas era necessário o silêncio da noite para esses matrimônios fantásticos, em que lhe aprazia representar o papel sublime de anjo da guarda. No dia seguinte, embora Pérotte encontrasse o leito de sua patroa numa terrível desordem, já a senhorita tinha retomado toda a sua dignidade; no dia seguinte, depois do café, só queria um homem de quarenta anos, bom proprietário, bem conservado — quase um rapaz...

O padre Sponde era incapaz de auxiliar a sobrinha, por pouco que fosse, nessas manobras matrimoniais. Era um sujeito simplório, de setenta anos de idade, aproximadamente, que atribuía os desastres da Revolução Francesa a algum desígnio da Providência, empenhada em ferir uma Igreja dissoluta. Embrenhara-se no caminho, há muito tempo abandonado, trilhado outrora pelos solitários que iam para o céu — levava uma vida ascética, sem ênfase, sem triunfo exterior.

Escondia do mundo as obras de caridade, as orações contínuas e as mortificações que praticava. Pensava que todos os padres deviam agir assim durante a tormenta, e pregava pelo exemplo. Embora oferecendo ao mundo um rosto risonho e calmo, acabara por se desapegar inteiramente dos interesses mundanos: pensava unicamente nos infelizes, nas necessidades da Igreja e em sua própria salvação. Deixara à sobrinha a administração de seus bens. Rosa entregava-lhe os rendimentos, e ele lhe pagava uma pensão módica, a fim de poder gastar o resto em esmolas secretas e em donativos à Igreja. Todas as suas afeições se concentravam na sobrinha, que o considerava como um pai; mas era um pai distraído, não concebendo as agitações da carne e agradecendo a Deus ter mantido sua querida filha no celibato, pois ele próprio havia, desde a mocidade, adotado o sistema de São João Crisóstomo, que escreveu: “O estado de virgindade estava tão acima do estado de casamento quanto o Anjo estava acima do Homem”. Habituada a respeitar o tio, a srta. Cormon não ousava iniciá-lo nos desejos que lhe inspirava uma mudança de estado. O padre, por sua vez, habituado aos costumes da casa, não teria apreciado a introdução de um novo dono. Preocupado com as misérias que aliviava, perdido nos abismos da oração, o padre Sponde tinha distrações frequentes, interpretadas pela gente de seu grupo como caduquice; de poucas palavras, mantinha um silêncio afável e indulgente. Era um homem alto, seco, de modos graves, solenes, cujo rosto exprimia sentimentos suaves, uma grande calma interior, e que, por sua presença, imprimia a essa casa uma santa autoridade. Gostava muito do voltairiano cavaleiro de Valois. Esses dois majestosos destroços da Nobreza e do Clero, embora de costumes diferentes, reconheciam-se pelos seus traços gerais. Aliás, o cavaleiro, no seu trato com o padre Sponde, se mostrava tão untuoso quanto se mostrava paternal com as suas *grisettes*.

Algumas pessoas poderão acreditar que a srta. Cormon se servia de todos os meios para atingir seus fins; que, entre os artifícios legítimos permitidos às mulheres, valia-se do enfeite, decotando-se, desdobrando as garridices negativas de um magnífico porte de armas. Puro engano! Era heroica e imóvel nas suas roupagens, como um

soldado na sua guarita. Seus vestidos, seus chapéus, seus adornos, tudo era confeccionado por modistas de Alençon, duas irmãs corcundas que tinham certo bom gosto. Apesar das insistências dessas duas artistas, a srta. Cormon negava-se aos embustes da elegância; queria parecer abastada em tudo: carnes e plumas; mas talvez os pesados feitiços de seus vestidos combinassem com sua fisionomia. Caçoe quem quiser da pobre criatura. Hão de achá-la sublime as almas generosas que nunca se importam com a forma que toma o sentimento e que o admiram sempre que o encontram — seja lá onde for. Aqui, algumas mulheres levianas tentarão, talvez, sofismar quanto à verossimilhança desta narrativa, afirmando que não existe na França mulher tão tola que desconheça a arte de pescar um homem, e que a srta. Cormon é uma dessas exceções monstruosas, que o bom senso impede de apresentar como tipo; que, por mais virtuosa e tola que seja uma rapariga, sempre descobre uma isca para armar o anzol com que deseja apanhar o peixe. Essas críticas, porém, não ficarão de pé se nos lembrarmos de que a sublime religião católica, apostólica e romana domina ainda na Bretanha e no antigo ducado de Alençon. A piedade e a fé não admitem essas sutilezas. A srta. Cormon seguia pelo caminho da salvação, preferindo as desgraças de sua virgindade infinitamente prolongada às desgraças de uma mentira, ao pecado de um ardil. Numa rapariga armada da disciplina, a virtude não podia transigir; assim, o amor ou o cálculo deviam ir ao seu encontro resolutamente. E depois — tenhamos a coragem de fazer uma observação cruel nestes tempos em que a religião não é mais considerada senão como um meio por alguns, como uma poesia por outros — a devoção causa uma oftalmia moral. Por uma graça providencial, veda às almas em caminho para a eternidade a visão de muitas pequenas coisas terrestres. Numa palavra: as devotas são estúpidas em muitos sentidos. Essa estupidez, aliás, prova a força com que elas trasladam o espírito para as regiões celestes. Embora o voltairiano sr. de Valois pretendesse ser extremamente difícil decidir se as pessoas estúpidas se tornam naturalmente devotas, ou se a devoção tem por efeito tornar estúpidas as raparigas de espírito. Pensemos bem nisso: a mais pura virtude católica, com suas amorosas aceitações de todos os cálices, com sua piedosa submissão às ordens de Deus, com

sua crença na marca do dedo divino em todas as argilas da vida, é a luz misteriosa que escoará nos últimos refolhos desta história para lhes dar todo o relevo, e que, decerto, os engrandecerá aos olhos daqueles que ainda têm Fé. E, afinal, se há tolice, por que não se trataria das desgraças da tolice, como se trata das desgraças do gênio? A primeira é um elemento social infinitamente mais abundante do que o segundo.

Assim, a srta. Cormon pecava aos olhos do mundo pela divina ignorância das virgens. Ela não era observadora — fato demonstrado pelo seu comportamento para com os pretendentes. Neste momento exato, qualquer moça de dezesseis anos que ainda não leu um único romance já teria lido cem capítulos de amor nos olhares de Atanásio. No entanto, a srta. Cormon neles não via nada, nem pressentia, no tremor de sua palavra, a força de um sentimento que não ousava revelar-se. Tímida, não adivinhava a timidez alheia. Capaz de inventar os requintes de grandeza sentimental que a haviam, primitivamente, perdido, não os reconhecia, porém, em Atanásio. Esse fenômeno moral não parecerá extraordinário às pessoas que sabem que as qualidades do coração podem ser tão independentes das qualidades do espírito quanto as faculdades do gênio são independentes das nobrezas da alma. São tão raros os homens completos que Sócrates — uma das pérolas mais belas da humanidade — convinha, com um frenólogo de seu tempo,^[481] que tinha nascido para ser um sujeito ordinário. Um grande general pode salvar seu país em Zurique^[482] e entrar em entendimentos com os fornecedores. Um banqueiro de probidade duvidosa pode ser homem de Estado. Um grande músico pode conceber cantos sublimes e tornar-se um falsário. Uma mulher de sentimento pode ser uma grande tola. Finalmente, uma devota pode ter uma alma sublime, sem ouvir os sons partidos de uma bela alma, a seu lado. Também na ordem moral se encontram os mesmos caprichos produzidos pelas enfermidades físicas.

Essa boa criatura, que se desesperava de fazer suas compotas e geleias só para si e para o velho tio, estava quase se tornando ridícula. Aqueles que simpatizavam com ela pelas suas qualidades e alguns, também, pelos seus defeitos zombavam de seus casamentos falhados. Em várias conversas perguntavam o que seria feito de tantos bens, das

economias da srta. Cormon e da sucessão do tio. Há muito tempo suspeitavam-na de ser, no fundo, apesar das aparências, uma *mulher original*. Na província não se pode ser original: é ter ideias incompreendidas pelos outros, e lá se exige a igualdade dos espíritos assim como a igualdade dos costumes. Desde 1804, o casamento da srta. Cormon se tinha tornado uma coisa tão problemática que a frase *casar-se com a srta. Cormon* ficou proverbial em Alençon e equivalia à mais irônica das negações.

É preciso, realmente, que o espírito motejador constitua uma das mais imperiosas necessidades da França, para que essa criatura excelente provocasse o escárnio em Alençon. Não só recebia em sua casa toda a cidade, era piedosa, caritativa e incapaz de dizer uma maldade, mas ainda concordava com o caráter geral e as práticas dos habitantes, que a amavam como ao símbolo mais puro de suas vidas; porque ela se tinha incrustado nos usos da província, nunca a abandonara, compartilhava-lhe dos preconceitos, desposava-lhe os interesses, adorava-a. Apesar de suas dezoito mil libras de rendimentos em latifúndios, fortuna considerável na província, vivia no mesmo pé de igualdade de outras casas menos ricas.

Quando se dirigia para suas terras do Prébaudet, ia numa velha caleça de vime, suspensa em dois correões de couro branco, puxada por uma gorda égua asmática, e fechada apenas por duas cortinas de couro avermelhadas pelo tempo. Essa caleça, conhecida em toda a cidade, recebia de Jacquelin tantos cuidados quanto a mais bela carruagem de Paris. A senhorita tinha-lhe apego; servia-se dela há doze anos, fato que realçava com a alegria triunfante da avareza feliz. A maior parte dos habitantes era grata à srta. Cormon por não exibir um luxo que humilharia os demais. É de supor que, se tivesse mandado buscar em Paris uma carruagem nova, esse fato provocaria mais críticas irônicas do que os seus casamentos desmanchados. Aliás, o carro mais brilhante deste mundo a teria levado ao Prébaudet da mesma forma que a velha caleça. Ora, a província, que vê somente os fins, pouco se importa com a beleza dos meios, desde que sejam eficientes.

Para completar a pintura dos costumes íntimos dessa casa, é necessário agrupar, em torno da srta. Cormon e do padre Sponde,

Jacquelin, Josette^[483] e Marieta, a cozinheira, que se empregavam em fazer a felicidade do tio e da sobrinha. Jacquelin: homem de quarenta anos, grosso e curto, avermelhado, moreno, com um tipo de marinheiro bretão, estava a serviço da casa há vinte e dois anos. Servia à mesa, cuidava da égua, tratava do jardim, encerava os sapatos do padre, dava recados, cortava lenha, guiava a caleça, ia buscar a aveia, a palha e o feno no Prébaudet, e ficava na antecâmara, à noite, tão dorminhoco quanto uma marmota.

Dizia-se que estava apaixonado por Josette, rapariga de trinta e seis anos, que teria sido despedida pela srta. Cormon se viesse a casar. Por isso, esses dois pobres-diabos iam acumulando os ordenados e se amavam em silêncio, esperando e desejando o casamento da senhorita como os judeus esperam o Messias. Josette, nascida entre Alençon e Mortagne, era pequena e gorducha; seu rosto, que se assemelhava a um damasco enlameado, não deixava de ter certo caráter e espírito. Passava por governar a patroa. Josette e Jacquelin, confiantes num desenlace feliz, escondiam uma satisfação que fazia presumir que esses dois namorados sacavam por conta do futuro. Marieta, a cozinheira, igualmente na casa há quinze anos, sabia temperar todos os pratos apreciados no lugar.

Talvez fosse preciso contar ainda com a velha égua normanda, baia-castanha, que puxava a caleça da srta. Cormon até os seus campos do Prébaudet, porque os cinco habitantes da casa tinham por esse bicho uma afeição maníaca. Chamava-se Penélope, e servia há oito anos; era tão bem tratada, atendida com tanta regularidade que Jacquelin e a senhorita esperavam aproveitá-la durante dez anos mais. Esse animal constituía um motivo perpétuo de conversa e de preocupação. Parecia que a pobre srta. Cormon, não tendo nenhuma criança a que pudesse dedicar sua maternidade insatisfeita, transferisse seus sentimentos para esse bem-aventurado animal. Penélope impedira-a de ter canários, gatos e cachorros, família fictícia de que se cercam todos os entes solitários no meio da sociedade.

Esses quatro servidores fiéis — pois a inteligência de Penélope se elevara até a desses bons empregados, enquanto a deles se abaixara até a regularidade muda e submissa do bicho — iam e vinham pela casa,

dia após dia, executando as mesmas tarefas com a infalibilidade da mecânica. Mas, como eles diziam em sua linguagem, tinham “comido a sobremesa antes da sopa”. A srta. Cormon, como todas as pessoas nervosamente agitadas por um pensamento fixo, ia ficando difícil, rabugenta, menos por temperamento do que pela necessidade de gastar suas energias.

Não podendo se ocupar de um marido, de filhos e dos cuidados que eles exigem, empenhava-se em minúcias. Falava durante horas inteiras sobre ninharias, sobre uma dúzia de toalhas marcadas com a letra Z, que descobria empilhadas antes das de letra O.

— Onde estava Josette com a cabeça?! — exclamava. — Josette não toma conta de mais nada?

Durante oito dias seguidos ficava perguntando se Penélope comera aveia às duas horas, porque uma única vez Jacquelin se atrasara. Sua imaginação miúda alimentava-se de insignificâncias. Uma camada de poeira esquecida pelo espanador, fatias de pão mal torradas por Marieta, o atraso de Jacquelin em fechar as janelas para proteger a cor dos móveis contra os raios do sol, todas essas grandes pequenas coisas geravam pendências graves, nas quais a senhorita se encolerizava. E afirmava que tudo estava mudando, que já não reconhecia os seus criados de outrora; estavam se estragando porque ela era boa demais! Um dia Josette lhe entregou o “Dia do Cristão” em vez da “Quinzena de Páscoa”. A noite, toda a cidade foi informada dessa desgraça. A senhorita tinha sido forçada a voltar de Saint-Léonard até em casa, e sua partida súbita da igreja, onde tinha forçado todas as cadeiras a se arredarem, fez supor enormidades. Por isso, foi obrigada a contar aos amigos a causa do incidente.

— Josette — disse ela com doçura —, que semelhante coisa nunca se repita!

Sem que o suspeitasse, a srta. Cormon sentia-se muito feliz por essas briguinhas, que serviam de emunctório a seus azedumes. O espírito tem suas exigências: como o corpo, precisa de sua ginástica. Marieta, Josette e Jacquelin aceitavam essas desigualdades de gênio como os lavradores aceitam as intempéries da atmosfera. As três boas criaturas diziam: “O tempo está bom” ou “Está chovendo”. Às vezes, de

manhã cedinho, na cozinha, conjecturavam qual seria o humor da senhorita ao levantar-se.

Enfim, necessariamente, a srta. Cormon tinha acabado por contemplar a si mesma no infinitamente pequeno de sua vida. Ela e Deus, seu confessor e sua roupa lavada, as compotas que tinha para fazer e os ofícios que tinha para ouvir, seu tio para cuidar tinham absorvido sua inteligência fraca. Para ela, os átomos da vida se avolumavam em virtude de uma ótica própria das pessoas egoístas por natureza ou por acaso. Sua saúde perfeita dava uma importância assustadora ao menor embaraço surgido em seus tubos digestivos. Vivía, aliás, sob a férula da medicina de nossos antepassados, e tomava por ano quatro purgativos de precaução, capazes de fazer Penélope estourar, mas que a revigoravam.

Se, ao vesti-la, Josette descobrisse uma espinha nas omoplatas ainda acetinadas da senhorita, isso era motivo para minuciosas perquirições nos diferentes pratos das refeições de toda a semana. Que triunfo, quando Josette lembrava à patroa certa lebre apimentada demais que devia ter provocado aquela espinha! Com que alegria ambas exclamavam: “Não há dúvida, foi mesmo a lebre”!

— Marieta a temperou demais — reclamava a senhorita. — Eu sempre recomendo que ela a faça quase sem temperos para meu tio e para mim, mas Marieta não tem mais memória do que...

— Do que a lebre — atalhava Josette.

— É verdade — respondia a senhorita —, ela não tem mais memória do que a lebre. Você disse muito bem, Josette.

Quatro vezes por ano, no começo de cada estação, a srta. Cormon ia passar alguns dias em suas terras do Prébaudet.

Estava-se, então, em meados de maio, época em que a senhorita queria ver se suas macieiras tinham *nevado* bem, expressão do lugar que exprime o efeito produzido sob essas árvores pela queda das flores. Quando o amontoado circular das pétalas caídas assemelha-se a uma camada de neve, o proprietário pode esperar uma colheita abundante de cidra. Ao mesmo tempo que media assim os seus tonéis, vigiava também as reparações que o inverno tornava necessárias; determinava, ainda, as modificações em seu jardim, seu pomar e sua horta, de onde

tirava numerosas provisões. Cada estação exigia seus cuidados especiais.

A senhorita costumava oferecer, antes da partida, um jantar de despedida aos seus fiéis, embora devesse estar de volta três semanas mais tarde. Sua partida era sempre uma notícia que alvoroçava Alençon. Os habituais frequentadores de sua casa, que lhe deviam uma visita atrasada, iam todos vê-la nesse dia. Suas salas de recepção ficavam repletas; todos lhe desejavam boa viagem, como se ela estivesse a caminho de Calcutá. Depois, no dia seguinte, de manhã, os negociantes postavam-se à porta de suas lojas. Pequenos e grandes ficavam vendo a passagem da caleça, e pareciam dizer uma novidade, repetindo uns para os outros:

— Então a srta. Cormon vai para o Prébaudet!

Aqui, dizia um:

— A esta, nada lhe falta!

— Pois olha, meu caro — respondia o vizinho —, é uma criatura muito boa. Se o dinheiro caísse sempre em mãos semelhantes, não se veria um só mendigo por estes lados...

Mais adiante, outro:

— Sim, senhor! Não me admiro se os nossos vinhedos das terras altas estiverem em flor; eis a srta. Cormon que vai para o Prébaudet! Por que será que ela não se casou até agora?

— Eu bem que me casaria com ela — garantia um engraçado —, o casamento é feito pela metade: uma das partes consente, mas a outra não quer! Qual! É para o sr. du Bousquier que o forno está esquentando!

— O sr. du Bousquier?... Ela não o aceitou!

A noite, em todas as reuniões, dizia-se gravemente: “A srta. Cormon partiu” ou “Como é que vocês foram deixar a srta. Cormon partir?”.

A quarta-feira escolhida por Susana para o seu escândalo era, por acaso, essa quarta-feira de adeus, em que a srta. Cormon deixava Josette quase louca com os embrulhos que tinham para levar.

Portanto, durante o dia, tinham-se dito e feito na cidade coisas que emprestavam o mais vivo interesse a essa assembleia de despedida. A sra. Granson tocara a campainha de dez casas, enquanto a srta.

Cormon cuidava dos preparativos da viagem e o esperto cavaleiro de Valois jogava *piquet* em casa da srta. Armanda, irmã do velho marquês d'Esgrignon[484] e rainha do salão aristocrático. A ninguém era indiferente a atitude que tomaria durante a reunião o sedutor, mas parecia importantíssimo ao cavaleiro e à sra. Granson verificar a maneira como a srta. Cormon receberia a notícia, em sua dupla qualidade de rapariga núbil e de presidenta da Sociedade Maternal. Quanto ao inocente Du Bousquier, este passeava na avenida, começando a crer que Susana o enganara; e essa suspeita confirmava-o em seus princípios com relação às mulheres.

Nesses dias de gala, a mesa ficava posta, em casa da srta. Cormon, desde três e meia da tarde. Nesse tempo, o mundo elegante de Alençon jantava, em casos especiais, às quatro horas. Durante o Império, aí se jantava ainda, como outrora, às duas horas da tarde; mas ceava-se depois.

Um dos prazeres que a srta. Cormon mais apreciava, sem usar de malícia, mas que se baseava certamente no egoísmo, consistia na indizível satisfação de se ver vestida como uma dona de casa que vai receber seus hóspedes. Quando se punha, assim, em grande aparato, insinuava-se um raio de esperança nas trevas de seu coração. Uma voz lhe dizia que a natureza não podia ter sido tão pródiga em vão e que surgiria um homem audacioso. Seu desejo se refrescava como refrescara o corpo. Contemplava-se nas suas roupas de aparato com uma espécie de embriaguez, e essa satisfação continuava quando descia para lançar seus olhares tímidos no salão, no gabinete e na saleta. Passeava por tudo com o contentamento ingênuo do rico que pensa a todo instante que é rico e que nada lhe faltará. Olhava os móveis eternos, as antiguidades, os charões, e pensava que essas coisas tão belas exigiam um dono. Depois de ter admirado a sala de jantar, a mesa oblonga onde se estendia uma toalha cor de neve, ornada de cerca de vinte talheres colocados a igual distância; depois de ter verificado o batalhão de garrafas que indicara e que exibiam etiquetas honrosas; depois de haver meticulosamente verificado os nomes escritos em pedacinhos de papel pela mão trêmula do padre — única tarefa que lhe cabia em casa e que motivava graves discussões sobre o

lugar de cada conviva —; então, a senhorita ia, com todos os seus adornos, ao encontro do tio. Nesse momento — o mais bonito do dia — o padre passeava no terraço, ao longo do Brillante, ouvindo o canto dos pássaros aninhados na ramaria, longe da ameaça dos caçadores e das crianças. Durante essas horas de espera, nunca a senhorita chegava perto do padre Sponde sem lhe fazer algumas perguntas disparatadas, a fim de arrastar o bom velhote numa discussão que pudesse diverti-lo. Segue a explicação desse seu hábito, pois essa particularidade completará a pintura do caráter dessa excelente pessoa.

A srta. Cormon considerava que um de seus deveres era conversar: não porque fosse tagarela; tinha, infelizmente, muito poucas ideias e conhecia muito poucas frases para discorrer; mas julgava cumprir, assim, uma das obrigações sociais prescritas pela religião, que nos manda ser agradáveis ao próximo. Esse preceito custava-lhe tanto que já consultara seu diretor, o padre Couturier, sobre esse ponto de civilidade pueril e honesta. Apesar da humilde observação de sua penitente, que lhe narrou o árduo trabalho interior ao qual sujeitava o espírito para encontrar o que dizer, o velho padre, tão firme quanto a disciplina, lhe havia lido todo um trecho de São Francisco de Sales[485] sobre os deveres da mulher de sociedade, sobre a alegria decente da cristã piedosa que deve reservar toda sua severidade para si mesma, mostrando-se, porém, amável e fazendo com que, em sua casa, nunca o próximo se aborreça. Assim penetrada de seus deveres, e querendo, a qualquer preço, obedecer ao seu diretor, que lhe mandara conversar com amenidade, a pobre criatura, quando via a palestra cair, suava em seu colete, de tanto que sofria tentando emitir ideias para reanimar as discussões extintas. Soltava, então, ditos estranhos, como, por exemplo: *ninguém pode estar em dois lugares ao mesmo tempo, a menos que seja um passarinho*, com o qual, um dia, provocara, não sem sucesso, uma discussão sobre a ubiquidade dos apóstolos — discussão de que não entendera uma só palavra.

Saídas como essa lhe valiam, no seu círculo, o apelido de *boa srta. Cormon*. Na boca dos intelectuais do grupo, tal expressão significava que ela era ignorante como uma toupeira e um pouco *abobalhada*; mas muitas pessoas, tão ingênuas quanto ela mesma, tomavam o epíteto no

seu verdadeiro sentido e respondiam: — É mesmo! A srta. Cormon é excelente!

Fazia, às vezes, perguntas tão absurdas, sempre no intuito de ser agradável aos hóspedes e de cumprir seus deveres sociais, que toda a roda estourava na risada. Perguntava, por exemplo, o que fazia o governo com os impostos que vinha recebendo há tanto tempo; por que a Bíblia não tinha sido impressa no tempo de Jesus Cristo, já que era da autoria de Moisés.

Era da mesma força que aquele *country gentleman* que, ouvindo constantemente falar da Posteridade, na Câmara dos Comuns, se levantou para fazer esse *speech* que ficou célebre: “Meus senhores, estou sempre ouvindo falar aqui na Posteridade, e gostaria muito de saber: o que essa potência já fez pela Inglaterra?”.

Em circunstâncias semelhantes, o cavaleiro de Valois levava em socorro da solteirona todas as forças de sua diplomacia inteligente, assim que descobria um sorriso nos lábios dos semiletrados impiedosos. O velho fidalgo, que gostava de enriquecer as mulheres, emprestava espírito à srta. Cormon, sustentando-a paradoxalmente. Cobria-lhe tão bem a retirada que às vezes nem parecia ter a solteirona proferido uma tolice.

Um dia, ela confessou com toda a seriedade que não sabia qual a diferença existente entre os bois e os touros. O encantador cavaleiro impediu as risadas, respondendo que os bois só podiam ser os tios das bezerras. Uma outra vez, ouvindo falar muito em criação de animais e na dificuldade que representa essa atividade, conversa frequente numa região em que se acha o soberbo Haras du Pin, compreendeu que os cavalos provinham das coberturas, e perguntou *por que é que não faziam duas coberturas por ano?* O cavaleiro atraiu os risos sobre sua própria pessoa. — É muito possível — disse ele. Os assistentes prestaram atenção. — A culpa — continuou ele — vem dos naturalistas que ainda não souberam constranger as éguas a uma gestação que dure menos de onze meses.

A pobre criatura sabia tão pouco o que era um cruzamento como sabia distinguir um boi de um touro.

O sr. de Valois servia uma ingrata, porque nunca a srta. Cormon

compreendeu uma única de suas cavalheirescas intervenções. Vendo a conversa reanimada, achava que não era tão tola quanto o imaginava. Um dia, afinal, acabou por se estabelecer na sua ignorância, como o duque de Brancas,[486] herói dos distraídos, se instalou na vala onde tinha caído, e de tal maneira se acomodou confortavelmente que, quando foram levantá-lo, perguntou o que lhe queriam. Desde essa época, bastante recente, a srta. Cormon perdeu todo o receio e passou a ter uma segurança que dava às suas saídas qualquer coisa da solenidade com que os ingleses realizam suas tolices patrióticas e que é como que a ênfase da estupidez.

Chegando perto do tio com um passo magistral, ia ruminando a pergunta que lhe faria para arrancá-lo desse silêncio que a magoava sempre, porque o julgava entediado.

— Meu tio — disse-lhe ela, pendurando-se em seu braço e colando-se alegremente a seu lado (era ainda uma de suas ficções; pensava: “Assim é que eu faria, se tivesse um marido!”) —, se tudo acontece aqui embaixo pela vontade de Deus, então há uma razão para todas as coisas?

— Certamente — assegurou gravemente o padre Sponde, que queria bem à sobrinha e sempre se deixava arrancar de suas meditações com uma paciência angélica.

— Então, se eu fico solteira (é uma suposição), é porque Deus quer?

— Sim, minha filha — respondeu o padre.

— Mas, no entanto, como nada me impede de me casar amanhã, a vontade de Deus pode ser destruída pela minha?

— Isso seria verdade, se nós conhecêssemos a verdadeira vontade de Deus — declarou o antigo prior da Sorbonne. — Nota, minha filha, que sempre dizes *se*?

A pobre rapariga, que esperara arrastar o tio numa discussão matrimonial por um argumento *ad omnipotentem*,[487] ficou estupefata; mas as pessoas de espírito obtuso seguem a terrível lógica das crianças, que consiste em ir de resposta em pergunta, lógica muitas vezes embaraçosa.

— Mas, meu tio, Deus não fez as mulheres para que fiquem solteiras; senão, elas deveriam ser todas solteiras ou todas casadas. Há

injustiça na distribuição dos papéis.

— Minha filha — disse o bom padre —, estás contra a Igreja que prescreve o celibato como o melhor caminho para se chegar a Deus.

— Mas se a Igreja tem razão, e caso todo mundo fosse bom católico, o gênero humano se extinguiria então, meu tio?

— Tens inteligência demais, Rosa; não se precisa de tanta para se ser feliz.

Semelhante afirmação suscitou um sorriso satisfeito nos lábios da pobre criatura, confirmando-a na boa opinião que começava a ter de si mesma. E eis como todo mundo, nossos amigos e nossos inimigos são os cúmplices de nossos defeitos!

Nesse momento, a conversa foi interrompida pela chegada sucessiva dos convidados. Nesses dias de aparato, essas cenas locais provocavam pequenas familiaridades entre os empregados da casa e as visitas. Marieta dizia ao presidente do Tribunal, guloso de alto bordo, ao vê-lo passar:

— Ah! sr. du Ronceret, eu fiz couve-flor gratinada em sua intenção, porque a senhorita sabe como o senhor gosta desse prato, e me disse: “Faça-o bem gostoso, Marieta, que vamos ter o senhor presidente”.

— Essa boa srta. Cormon! — respondia o justiceiro da região. — Marieta, você as cozinhou no molho, em vez de cozinhá-las no caldo? Ficam mais untuosas!...

O presidente não desdenhava entrar na câmara do conselho em que Marieta proferia suas sentenças; lançava nas panelas o olhar de gastrônomo e dava opinião.

— Boa tarde, minha senhora — dizia Josette à sra. Granson, que cortejava a arrumadeira —, a senhorita não a esqueceu e mandou preparar um prato de peixe.

O cavaleiro de Valois dizia a Marieta, com o tom ligeiro de um grão-senhor que se familiariza:

— E então, querida artista, a quem eu concederia a Cruz da Legião de Honra, há hoje algum pratinho especial?

— Se há! Uma lebre que veio do Prébaudet, sr. de Valois, e que pesava quatorze libras!

— Boa rapariga! — exclamava o cavaleiro, crismando Josette com

um beijo na face. — Ah! Então pesava quatorze libras!

Du Bousquier não fora convidado. A srta. Cormon, fiel ao sistema acima exposto, tratava mal esse quinquagenário, por quem experimentava sentimentos inexplicáveis, presos nos mais profundos refolhos de seu coração; embora o tivesse recusado, às vezes se arrependia. Tinha ao mesmo tempo o pressentimento de que acabaria por desposá-lo e um terror que a impedia de desejar esse casamento. Sua alma, estimulada por essas ideias, preocupava-se com Du Bousquier. Sem o confessar, sentia-se influenciada pelas formas hercúleas do republicano. Embora não entendendo as contradições da srta. Cormon, a sra. Granson e o cavaleiro de Valois tinham surpreendido os olhares ingênuos, coados de esguelha, cuja significação era bastante clara para que ambos tentassem arruinar as esperanças do antigo fornecedor, já desmentidas, mas na certa ainda conservadas.

Dois convidados, desculpados previamente por suas funções, faziam-se esperar: um era o sr. du Coudrai, conservador das hipotecas; o outro, o sr. Choissel, antigo intendente da casa D'Esgrignon, tabelião da alta aristocracia que o recebia com uma distinção merecida por suas virtudes, e que possuía, aliás, considerável fortuna.

Chegando os dois retardatários, Jacquelin lhes disse, impedindo-os de se dirigirem ao salão:

— *Eles* todos estão no jardim.

Os estômagos estavam sem dúvida impacientes, porque, à vista do conservador das hipotecas — um dos homens mais amáveis da cidade e que só tinha o defeito de haver desposado, por dinheiro, uma velhota insuportável e de cometer pavorosos trocadilhos de que era o primeiro a achar graça —, se ergueu o leve ruído confuso com que se acolhem os últimos a chegar, em semelhantes circunstâncias. Esperando o anúncio oficial do jantar, a companhia passeava pelo terraço, ao longo do Brillante, olhando a vegetação fluvial, o mosaico do leito do rio e o traçado tão bonito das casas acoradas na outra margem, as velhas galerias de madeira, as janelas com peitoris em ruína, as escoras oblíquas de algum quarto avançado sobre o rio, os jardinzinhos onde secavam trapos, a oficina do marceneiro, enfim todas essas misérias de

cidade pequena a que a proximidade da água, um salgueiro chorão debruçado, flores, uma roseira comunicam não sei que graça, digna do pincel de um paisagista.

O cavaleiro estudava todas as fisionomias, porque tinha sabido que o seu boato se espalhara sem dificuldades nas melhores rodas da cidade; mas ninguém falava ainda em voz alta dessa grande notícia, em Susana e em Du Bousquier. A gente da província possui no mais alto grau a arte de destilar mexericos: o momento para comentar essa estranha aventura ainda não tinha chegado; era preciso que primeiro todos a tivessem meditado. Portanto, dizia-se ao ouvido:

— Você sabe?

— Sei.

— Du Bousquier?

— E a bela Susana.

— A srta. Cormon ainda não sabe de nada?

— Não.

Era o *piano* da bisbilhotice, cujo *rinforzando* ia estourar quando estivessem saboreando o segundo prato. De repente, o cavaleiro de Valois reparou na sra. Granson, que tinha arvorado um chapéu verde com raminhos de primaveras, e viu que sua fisionomia cintilava. Seria vontade de começar o concerto? Embora semelhante notícia equivalesse a uma mina de ouro para ser explorada na vida monótona dessas personagens, o observador e desconfiado cavaleiro julgou reconhecer na boa mulher a expressão de um sentimento mais intenso: a alegria causada pelo triunfo de um interesse pessoal!... Virou-se logo para observar Atanásio, e surpreendeu-o no silêncio significativo de uma concentração profunda. Pouco depois, um olhar lançado pelo rapaz ao busto da senhorita, que se assemelhava bastante a dois timbales de regimento, acendeu na alma do cavaleiro uma luz súbita. Esse clarão lhe permitiu entrever todo o passado.

— Ai, diacho! — pensou ele. — A que golpe de cabresto estou exposto!

Aproximou-se da srta. Cormon a fim de poder oferecer-lhe o braço e conduzi-la à sala de jantar. A solteirona tinha pelo cavaleiro uma consideração respeitosa, pois certamente seu nome e o lugar que

ocupava entre as constelações aristocráticas do departamento faziam dele o ornamento mais brilhante de seu salão. Intimamente, a srta. Cormon desejava, há doze anos, transformar-se em sra. de Valois. Esse nome era um galho a que se prendiam as ideias que enxameavam de seu cérebro a respeito da nobreza, da posição e das qualidades exteriores de um partido; mas, se o cavaleiro era o homem escolhido pelo coração, pelo espírito, pela ambição, essa velha ruína, embora penteada como um São João Batista de procissão, assustava a srta. Cormon. Se via nele um fidalgo, a mulher não via um marido. A indiferença afetada pelo cavaleiro quanto ao casamento e, sobretudo, a suposta pureza de seus costumes numa casa cheia de *grisettes* prejudicavam muito o sr. de Valois, ao contrário de suas previsões. Esse fidalgo, que agira tão acertadamente no caso das rendas vitalícias, enganava-se agora.

Sem que ela própria o desconfiasse, a opinião da srta. Cormon sobre o cavaleiro podia traduzir-se da seguinte forma: “Que pena que ele não seja um pouco libertino!”.

Os observadores do coração humano verificaram a simpatia das devotas pelos patifes, espantando-se desse gosto, que julgam pouco cristão. Mas, afinal, que mais belo destino para uma mulher virtuosa, senão o de purificar, à maneira do carvão, as águas turvas do vício? Como não compreenderam que essas nobres criaturas, reduzidas, pela rigidez de seus princípios, a nunca transgredir a fidelidade conjugal, devem naturalmente desejar um marido de alta experiência prática! Os patifes, em geral, são grandes homens no amor. Assim, a pobre rapariga gemia por encontrar seu vaso de eleição partido em dois pedaços. Só Deus poderia soldar, numa única peça, o cavaleiro de Valois e Du Bousquier.

Para que se possa entender bem a importância das poucas palavras que o cavaleiro e a srta. Cormon iam trocar, é necessário expor dois casos graves que agitavam a cidade e dividiam as opiniões. Du Bousquier, aliás, estava misteriosamente metido em ambos. Um dizia respeito ao cura de Alençon, que havia, outrora, prestado juramento constitucional,^[488] e que vencia, nesse momento, as repugnâncias católicas ostentando as mais altas virtudes. Esse cura foi um

Cheverus[489] em ponto menor, e tão estimado que a cidade inteira chorou-lhe a morte. A srta. Cormon e o padre Sponde pertenciam a essa Pequena Igreja sublime em sua ortodoxia, que foi, para a Corte de Roma, o mesmo que os ultras seriam para Luís XVIII. O padre, principalmente, não reconhecia uma Igreja que transigira à força com os constitucionais. Esse cura não era recebido na casa Cormon, cujas simpatias iam todas para o vigário de Saint-Léonard, paróquia aristocrática de Alençon. Du Bousquier, liberal fervoroso que se ocultava sob a pele de um monarquista, sabia quantos pontos de contato se tornam necessários aos descontentes, que formam o fundo de todas as oposições. Já tinha, portanto, agrupado em torno do cura as simpatias da classe média.

Eis o segundo caso. Sob a inspiração desse diplomata grosseiro, brotara em Alençon a ideia de construir um teatro. Os Seíds[490] de Du Bousquier não conheciam o seu Maomé, mas isso não lhes diminuía o ardor na defesa do que julgavam ser sua própria concepção. Atanásio era um dos mais exaltados partidários da construção da sala de espetáculos, e vinha pleiteando, nas seções da Prefeitura, a vitória de uma causa que todos os jovens tinham abraçado.

O fidalgo ofereceu o braço à solteirona para passear; ela o aceitou, agradecendo-lhe a atenção por um olhar feliz. O cavaleiro mostrou-lhe Atanásio com um ar fino.

— A senhorita, que é tão sensata no julgamento das convenções sociais, e a quem esse rapaz é ligado por alguns laços...

— Muito afastados — interrompeu ela.

— Não deveria a senhorita — continuou o cavaleiro — usar de sua ascendência sobre a mãe e sobre ele próprio, para impedi-lo de se perder? Ele já não é muito religioso, e tomou o partido do juramentado; mas isso ainda não é nada. O que é muito mais grave é que ele está se lançando estouvadamente no caminho da oposição, sem procurar saber que influência seu comportamento atual exercerá no seu futuro! Está intrigando para conseguir a construção do teatro; e nem percebe que serve os interesses de Du Bousquier, esse republicano disfarçado....

— Meu Deus, sr. de Valois — respondeu ela —, a mãe dele vive

dizendo que é um rapaz de muito espírito, e ele nem sabe dizer *dois*; está sempre plantado diante dos outros, como um *terno*...

— Que não pensa em nada! — completou o conservador das hipotecas. — Peguei essa no ar.[491] Apresento meus deveres ao cavaleiro de Valois — acrescentou, cumprimentando o fidalgo com a ênfase atribuída por Henri Monnier a Joseph Prud'homme,[492] símbolo da classe a que pertencia o conservador das hipotecas.

O sr. de Valois correspondeu com a saudação seca e protetora do nobre que mantém distância; depois rebocou a srta. Cormon até alguns jarros de flores mais adiante, a fim de que o intrometido compreendesse que ele não desejava ser espionado.

— Como quer a senhorita — disse o cavaleiro em voz baixa, debruçando-se ao ouvido da srta. Cormon — que os rapazes educados nesses detestáveis liceus imperiais tenham ideias? São os bons costumes e os hábitos nobres que produzem as grandes ideias e os belos amores. Vendo-o, não é difícil adivinhar que esse pobre moço vai se tornar completamente imbecil e morrerá de morte triste. Não vê como ele está lívido, macilento?

— A mãe alega que ele trabalha muito — respondeu inocentemente a solteirona —, passa as noites em claro, mas fazendo o quê? Lendo, escrevendo. Que futuro pode isso proporcionar a um rapaz: escrever durante a noite?

— Mas isso o consome — retomou o cavaleiro, tentando reconduzir o pensamento da solteirona para o terreno onde esperava fazer com que tomasse Atanásio em horror. — Os costumes desses liceus imperiais eram realmente horríveis.

— Oh! Sim — disse a ingênua srta. Cormon. — Não é que eles saíam a passeio com tambores abrindo a marcha? Os professores tinham menos religião do que os pagãos. E botavam essas pobres crianças de uniforme, exatamente como as tropas! Que ideia!

— E eis o produto! — disse o cavaleiro, mostrando Atanásio. — No meu tempo, nunca um rapaz teria vergonha de olhar para uma mulher bonita; e ele abaixa os olhos quando vê a senhorita! Esse jovem me assusta, porque me interessa. Diga-lhe que pare de intrigar com os bonapartistas por causa dessa sala de espetáculos, como vem fazendo.

Quando esses mocinhos não o pedirem mais insurrecionalmente, porque essa palavra, para mim, é sinônimo de constitucionalmente, a autoridade construirá o teatro. Depois, diga também à mãe dele que vele sobre o filho.

— Oh! Ela o impedirá de se dar com essa gente de meio-soldo e de sociedade baixa, estou certa. Vou falar com ela, porque ele poderia perder o emprego na Prefeitura. E de que viveriam ambos, depois? Isso até faz tremer...

Assim como o sr. de Talleyrand dizia da esposa,[\[493\]](#) o cavaleiro disse para si mesmo, olhando a srta. Cormon: “Que me descubram outra mais tola! Palavra de fidalgo! A virtude que anula a inteligência não será um vício? Mas que mulher adorável para um homem de minha idade! Que princípios! Que ignorância!”.

Percebe-se que esse monólogo, dirigido à princesa Goritza, travou-se enquanto o cavaleiro tomava uma pitada de rapé.

A sra. Granson adivinhou que o cavaleiro estava falando de Atanásio. Apressada em conhecer o resultado dessa conversa, seguiu a srta. Cormon, que se encaminhava para o rapaz, pondo diante de si seis pés de dignidade. Mas, nesse momento, Jacquelin apareceu para anunciar à senhorita que a mesa estava servida. A solteirona lançou um olhar de apelo ao cavaleiro. O galante conservador das hipotecas, que começava a ver nas maneiras do fidalgo a barreira que por essa época os nobres de província erguiam entre eles e a burguesia, ficou encantado de suplantá-lo; estando perto da srta. Cormon, arredondou o braço, oferecendo-lhe, e ela foi forçada a aceitá-lo. Por política, o cavaleiro precipitou-se para a sra. Granson.

— A srta. Cormon — disse-lhe ele, andando com lentidão atrás de todos os convivas —, minha cara senhora, tem o maior interesse pelo seu querido Atanásio, mas esse interesse está se dissipando por culpa de seu filho: é irreligioso e liberal, agita-se por causa desse teatro, frequenta bonapartistas, simpatiza com o cura constitucional. Essa atitude pode fazer com que perca o cargo na Prefeitura. A senhora sabe o cuidado com que o governo do rei está se depurando. E onde é que seu caro Atanásio, uma vez demitido, encontrará novo emprego? Deve esforçar-se em não ser malvisto pela Administração.

— Senhor cavaleiro — disse a pobre mãe amedrontada —, quanta gratidão eu lhe devo! O senhor tem razão, meu filho é vítima de más companhias, e eu vou esclarecê-lo.

Num único olhar, o cavaleiro já tinha há muito tempo penetrado a natureza de Atanásio. Reconhecera o elemento pouco maleável das convicções republicanas, às quais, nessa idade, um moço sacrifica tudo, apaixonado por essa palavra *liberdade*, tão mal definida, tão pouco compreendida, mas que, para as pessoas desdenhadas, é uma bandeira de revolta; e, para eles, a revolta é a vingança. Atanásio persistiria em sua fé, porque suas opiniões eram tecidas com suas dores de artista, com suas amargas contemplações do Estado social. Ignorava ainda que aos trinta e seis anos, na época em que o homem julgou os homens, [494] as relações e os interesses sociais, as opiniões às quais primeiro sacrificou todo o futuro deveriam modificar-se nele, como em todos os homens verdadeiramente superiores.

Ficar fiel ao partido de esquerda de Alençon equivalia a ganhar a aversão da senhorita. Quanto a isso, o cavaleiro vira certo. Assim, essa sociedade, tão calma na aparência, tinha as mesmas agitações intestinas que os círculos diplomáticos, onde a astúcia, a habilidade, as paixões, os interesses se agrupam em torno das questões mais graves de Império a Império.

Os convivas cercavam finalmente a mesa carregada pelo primeiro serviço, e todos comiam como se come na província, sem nenhuma vergonha de ter bom apetite, e não como em Paris, onde parece que os maxilares se movem por leis suntuárias que se empenham em desmentir as leis da anatomia. Come-se, em Paris, beliscando, escamoteando todo o prazer, enquanto na província as coisas se passam naturalmente, e a existência se concentra, talvez em demasia, sobre esse grande e universal meio de existência a que Deus condenou suas criaturas. Foi no fim desse primeiro serviço que a srta. Cormon teve a mais célebre de suas *saídas*, de que se falou durante mais de dois anos e que ainda hoje se comenta nas reuniões da pequena burguesia de Alençon, cada vez que se trata de seu casamento. A conversa, tornada muito verbosa e animada no momento em que atacavam a última entrada, girava naturalmente em torno do caso do teatro e do

cura juramentado. Cheios do fervor que agitava o monarquismo em 1816, aqueles que, mais tarde, seriam chamados de jesuítas da região queriam expulsar o padre Francisco de sua cúria. Du Bousquier, que o sr. de Valois suspeitava ser o sustentáculo desse padre, o promotor dessas intrigas, e nas costas de quem o fidalgo teria, aliás, lançado todas as culpas com sua habilidade habitual, estava na berlinda sem advogado para defendê-lo. Atanásio, que era o único conviva bastante franco para sustentar Du Bousquier, não estava à altura de expor suas ideias diante dos potentados de Alençon, que ele, por sinal, achava estúpidos. Os rapazes da província são os únicos que ainda conservam uma atitude respeitosa diante das pessoas de certa idade, não ousando enfrentá-las nem contradizê-las. A conversa, atenuada pelo efeito de deliciosos patos com azeitonas, repentinamente caiu por completo. A srta. Cormon, com ciúmes de seus próprios patos, tentou lutar, defendendo Du Bousquier, representado ali como um pernicioso artesão de intrigas, capaz de *arredar montanhas*.

— Pois eu — disse ela — acreditava que o sr. Du Bousquier só se ocupasse com *criancices*.

Nas presentes circunstâncias, esse dito alcançou um sucesso prodigioso. A srta. Cormon obteve um belo sucesso e fez a princesa Goritzka cair, batendo com o nariz na mesa. O cavaleiro, que não esperava um gracejo tão oportuno de sua dulcineia, ficou tão maravilhado que não encontrou, a princípio, palavras bastante elogiosas. Aplaudiu sem ruído, como se aplaude nos Italiens,[495] simulando um aplauso com as pontas dos dedos.

— Ela é adoravelmente espirituosa — disse ele à sra. Granson. — Sempre afirmei que ela, um dia, acabaria por descobrir as baterias.

— Mas na intimidade ela é encantadora — respondeu a viúva.

— Na intimidade, minha senhora, todas as mulheres têm espírito.

Assim que se acalmou o riso homérico, a srta. Cormon perguntou qual era a razão de seu sucesso. Começou, então, o *fortíssimo* do mexerico. Du Bousquier foi pintado sob os traços de um pai Gigogne[496] celibatário, de um monstro que, nos últimos quinze anos, povoava sozinho o Asilo dos Expostos; a imoralidade de seus costumes revelava-se afinal! E era digna de suas saturnais parisienses

etc. etc. Conduzida pelo cavaleiro de Valois, mais hábil dos diretores de orquestra nesse gênero, a *ouverture* desse disse me disse foi magnífica.

— Não sei — disse ele com uma expressão cheia de bonomia — o que poderia impedir um Du Bousquier de se casar com uma srta. Susana *Não Sei de Quê*; como é mesmo que a chamam? Suzette! Embora hospedado em casa da sra. Lardot, eu só conheço essas meninas de vista. Mas se essa Suzon é uma rapariga alta e bonita, impertinente, de olhos cinzentos, cintura fina, pés pequenos, a que eu mal prestei atenção mas cuja atitude me pareceu bastante insolente, ela é muito superior, como maneiras, a Du Bousquier. Aliás, Susana tem a fidalguia da beleza; sob esse aspecto, tal casamento seria, para ela, muito desigual. Todos aqui sabem que o imperador José teve a curiosidade de ver, em Luciennes, a Du Barry,[\[497\]](#) oferecendo-lhe o braço para levá-la a passeio; a pobre mulher, surpreendida com tanta honra, hesitava em aceitá-lo. “A beleza será sempre rainha”, disse-lhe o imperador. E notem que era um alemão da Áustria — acrescentou o cavaleiro. — Mas, acreditem, a Alemanha, que passa por ser, aqui, muito rústica, é um país de nobre cavalheirismo e de belas maneiras, sobretudo nas regiões próximas da Polônia e da Hungria, onde se acham as...

Aí, o cavaleiro estacou, temendo cair numa alusão à sua felicidade pessoal; apenas retomou a caixa de rapé e confiou o resto da anedota à princesa que há trinta e seis anos lhe sorria.

— Essa expressão foi muito delicada para Luís XV — disse Du Ronceret.

— Mas creio que se trata do imperador José — corrigiu a srta. Cormon com um arzinho entendido.

— Senhorita — disse o cavaleiro, vendo os olhares maliciosos trocados pelo presidente, o tabelião e o conservador —, a Madame du Barry era a Susana de Luís XV, circunstância bastante conhecida de todos os libertinos que nós somos, mas que as moças não devem saber. Sua ignorância prova que a senhorita é um diamante sem jaça; as corrupções históricas não a atingem.

O padre Sponde olhou graciosamente para o cavaleiro de Valois, inclinando a cabeça em sinal de aprovação laudatória.

— A senhorita não conhece história?

— Se estão misturando Luís XV com Susana, como querem que eu saiba a sua história? — respondeu angelicamente a srta. Cormon, contente de ver a travessa dos patos vazia e a conversa tão reanimada que, ouvindo-lhe a resposta, todos os convivas riram de boca cheia.

— Coitadinha! — disse o padre Sponde. — Quando uma desgraça acontece, a Caridade, que é um amor divino, tão cego quanto o amor pagão, não deve mais procurar as causas. Minha sobrinha, você é presidenta da Associação de Maternidade; é preciso socorrer essa menina, que dificilmente conseguirá encontrar casamento.

— Pobre menina! — exclamou a srta. Cormon.

— Acham que Du Bousquier se casará com ela? — perguntou o presidente do Tribunal.

— Se fosse um homem de bem, deveria casar-se — disse a sra. Granson. — Mas, realmente, meu cachorro Azor tem costumes mais honestos...

— E, no entanto, Azor é um grande fornecedor — observou com finura o Conservador das hipotecas, tentando passar do trocadilho à frase de espírito.

Na sobremesa, ainda se falava em Du Bousquier, que sugeria mil gracejos, tornados fulminantes pelo vinho. Cada conviva, arrastado pelo Conservador, respondia a um trocadilho por outro trocadilho. Assim, Du Bousquier era um *pai-de-todos*, um *pai-da-vida*, um *pai-de-manada*, um *pai-dos-burros*, um *pai-velho*, e até mesmo um *pai... ciente*. Fora um caso de *pai... chão*. A questão era de *pais contra a paz*. Não se mostrara um pai *perfeito* e nunca seria *prefeito*; não era um *santo-padre* nem um *padre-cura* nem um *padre-mestre* nem um *padrinho*; e também não era um *padrão*.

— Em todo caso, não é um *pai-de-família* — disse o padre Sponde com uma gravidade que pôs fim aos risos.

— Nem um *pai-nobre* — acrescentou o cavaleiro.

O Clero e a Nobreza tinham descido à arena do trocadilho, conservando toda a dignidade.

— Silêncio! — recomendou o conservador das hipotecas. — Ouço o rangido das botas de Du Bousquier, e agora, mais do que nunca, ele

está metido em *botas difíceis de descalçar...*

É frequente um homem ignorar os boatos que correm a seu respeito: uma cidade inteira se ocupa de sua pessoa, calunia-o, exalta-o. Se não tiver amigos, não saberá de nada. Ora, o inocente Du Bousquier, Du Bousquier que almejava ser culpado e fazia votos para que Susana não houvesse mentido, Du Bousquier exibiu uma soberba ignorância: ninguém lhe falara das revelações de Susana, e todos, aliás, julgavam inconveniente interrogá-lo num caso em que o interessado às vezes possui segredos que o obrigam a calar-se. Assim, Du Bousquier pareceu provocador e um tanto fátuo, quando os convidados saíram da sala de jantar para tomar café no salão, onde já se encontravam algumas pessoas vindas para passar a noite. A srta. Cormon, aconselhada pelo seu pudor, não ousava olhar para o sedutor perigoso; apoderou-se de Atanásio e passou a pregar-lhe moral, expondo-lhe os mais estranhos lugares-comuns de política monarquista e moral religiosa.

Não possuindo, como o cavaleiro de Valois, uma caixa de rapé ornada de princesas para ajudá-lo a suportar esse chuveiro de bobagens, o pobre poeta ouvia com ar estúpido aquela a quem adorava, olhando para seu monstruoso busto que conservava esse repouso total, atributo das grandes massas. Seus desejos produziam nele uma espécie de embriaguez que transformava a vizinha clara da solteirona num doce murmúrio, e suas ideias sem relevo em motivos cheios de espírito. O amor é um moedeiro falso que muda continuamente os vinténs em moedas de ouro, e que muitas vezes, também, torna as moedas de ouro vinténs de cobre.

— E então, Atanásio, promete?

Essa frase final veio golpear o ouvido do feliz moço como um ruído que nos acorda de sobressalto.

— Prometer o quê, senhorita? — perguntou ele.

A srta. Cormon levantou-se bruscamente, olhando para Du Bousquier, que se parecia, naquele momento, com o deus gordo e lendário que a República emprega nos seus escudos. Encaminhou-se para a sra. Granson, e disse-lhe ao ouvido:

— Minha pobre amiga, seu filho é idiota! O liceu perdeu-o —

acrescentou, lembrando-se da insistência com que o cavaleiro de Valois falara da má educação ministrada nos liceus.

Que choque! Sem o saber, Atanásio tivera ocasião de lançar seus tições no sarmento amontoado no coração da solteirona. Se a tivesse ouvido, poderia ter-lhe feito entender sua paixão: porque, na agitação em que se achava a srta. Cormon, uma única palavra bastaria. Mas essa estúpida avidez que caracteriza o amor verdadeiro e jovem o perdera, como às vezes uma criança cheia de vida se mata por ignorância.

— Afinal, que disseste à srta. Cormon? — perguntou a sra. Granson ao filho.

— Nada.

— Nada?! Então explicarei isso! — pensou ela, transferindo para o dia seguinte os negócios importantes, pois não dava bastante valor ao caso ocorrido, julgando Du Bousquier perdido no espírito da solteirona.

Em breve as quatro mesas se guarneceram de dezesseis jogadores. Quatro pessoas preferiram um *piquet*, jogo mais caro e no qual se perdia muito dinheiro. O sr. Choissel, o procurador do rei e duas senhoras foram jogar um gamão no gabinete de charão vermelho. Acenderam-se as luzes; depois, a flor da sociedade da srta. Cormon agrupou-se em frente à lareira, nas poltronas de encosto alto, em torno das mesas, e cada casal recém-chegado perguntava à senhorita:

— Então vai mesmo amanhã para o Prébaudet?

— Mas é preciso — respondia ela.

A dona da casa parecia preocupada. A sra. Granson foi a primeira a reparar no estado pouco natural em que se encontrava a solteirona: a srta. Cormon estava pensando.

— Em que está pensando, prima? — perguntou finalmente, descobrindo-a sentada na saleta.

— Estou pensando nessa pobre rapariga. Não sou a presidenta da Sociedade Maternal? Vou lhe entregar dez escudos para a coitada.

— Dez escudos! — exclamou a outra. — Mas você nunca deu tanto assim!

— Mas, minha cara, é tão natural ter filhos!

Essa frase imoral, vinda do coração, deixou estupefata a tesoureira

da Sociedade Maternal. Evidentemente, Du Bousquier crescera no conceito da srta. Cormon.

— Na verdade — disse a sra. Granson —, Du Bousquier não é só um monstro, é também um infame. Quando se causa um prejuízo a alguém, não se deve indenizá-lo? Não compete a ele, mais do que a nós, socorrer essa pequena, que, no fim das contas, me parece uma criatura muito à toa, porque havia em Alençon gente melhor do que esse cínico Du Bousquier? É preciso ser muito libertina para se haver com ele!

— Cínico! Seu filho está lhe ensinando, minha cara, palavras latinas completamente incompreensíveis. Não quero, decerto, desculpar o sr. Du Bousquier; mas explique-me por que uma mulher é libertina, preferindo um homem a outro.

— Cara prima, se você se casasse com meu filho Atanásio, nada seria mais natural; ele é jovem, é belo, cheio de futuro, e será, um dia, a glória de Alençon; só que todo mundo pensaria que você escolheu um rapaz muito moço para ser muito feliz; as más-línguas diriam que você fez sua provisão de felicidade, para que ela nunca lhe venha a faltar; haveria mulheres invejosas que a acusariam de depravação; mas de que adiantaria isso? Você seria amada sincera e imensamente. Se Atanásio lhe parece idiota, minha cara, é porque ele tem ideias demais; os extremos se tocam. Vive, decerto, como uma menina de quinze anos; nunca rolou nas impurezas de Paris, ele!... Pois bem, mude os termos, como dizia meu pobre marido: foi o mesmo que aconteceu com Du Bousquier em relação a Susana. Você seria caluniada pelas más-línguas; mas, no caso de Du Bousquier, tudo é verdade. Está compreendendo?

— Tão pouco como se me falasse grego — disse a srta. Cormon, que arregalava os olhos, concentrando todas as forças da inteligência.

— Pois bem, prima, já que é preciso botar os pingos nos *ii*, Susana não pode amar Du Bousquier. E se o coração não entra nesse caso...

— Mas, prima, com que é, então, que se ama, se não for com o coração?

Nesse ponto, a sra. Granson disse consigo mesma o que o cavaleiro já tinha pensado: “Essa pobre prima é inocente demais; chega a ir além do que é permitido”.

— Cara menina — continuou em voz alta —, parece-me que as crianças não se concebem unicamente pelo espírito.

— Sim, senhora, minha cara, pois a Santa Virgem...

— Mas, meu bem, Du Bousquier não é o Espírito Santo!

— É verdade — respondeu a solteirona —, é um homem, um homem cuja atitude o torna bastante perigoso para que os amigos o aconselhem à se casar.

— A prima pode conseguir esse resultado...

— Sim?! E como? — interrogou a solteirona, com o entusiasmo da caridade cristã.

— Não o recebendo em sua casa até que ele a tenha tornado esposa. A prima, em sinal de respeito pelos bons costumes e pela religião, deve manifestar, nesta circunstância, uma reprovação exemplar.

— Quando eu voltar do Prébaudet tornaremos a falar nisso, minha cara prima. Vou consultar meu tio e o padre Couturier — disse a srta. Cormon, tornando ao salão, que se achava, nesse momento, em plena animação.

As luzes, os grupos de mulheres bem-vestidas, o tom solene, o ar magistral dessa assembleia tornavam a srta. Cormon e toda a companhia muito orgulhosas dessa aparência aristocrática. Para muitas pessoas, não havia nada melhor em Paris, na mais alta sociedade. Du Bousquier, que jogava uíste com o sr. de Valois e duas senhoras idosas, a sra. du Coudrai e a sra. du Ronceret, era o objeto de uma curiosidade sonsa. Sob o pretexto de apreciar o jogo, algumas moças se aproximavam da mesa e olhavam para ele de modo tão singular, embora disfarçadamente, que o solteirão acabou por acreditar que havia algum esquecimento na sua indumentária.

— Minha cabeleira postiça estará torta? — pensou ele, acometido de uma dessas inquietações capitais, que acometeu os solteirões.

Aproveitou-se de uma jogada má, que terminava um sétimo *rubber*, para sair da mesa.

— Não posso tocar numa carta sem perder — disse ele. — Sou decididamente muito infeliz no jogo.

— E feliz em outras coisas — disse o cavaleiro, lançando-lhe um olhar cheio de finura.

Esse dito fez, naturalmente, a volta do salão, onde todos se deliciaram com o gracejo encantador do cavaleiro, que era o Príncipe de Talleyrand da região.

— Não há como o sr. de Valois para descobrir essa espécie de coisas — disse a sobrinha do cura de Saint-Léonard.

Du Bousquier foi mirar-se no espelhinho oblongo, acima do Desertor, e não viu nada de extraordinário em sua pessoa.

Depois de inúmeras repetições do mesmo texto, variado em todos os tons, por volta das dez horas começou a partida, ao longo do cais da comprida antecâmara. A srta. Cormon acompanhou até a porta algumas de suas favoritas, de quem se despedia, com um beijo, no patamar da escada. Uns grupos se dirigiam para a estrada de Bretanha e o Castelo, outros para o bairro voltado para o Sarthe. Começaram, então, os comentários que, há vinte anos, ressoavam àquelas horas nessa rua. Era inevitavelmente:

— A srta. Cormon estava bem esta noite.

— A srta. Cormon? Pois eu a achei esquisita.

— Como o pobre padre está caindo! Repararam como ele cochila? Não sabe mais onde estão as cartas; está ficando muito distraído.

— Em breve passaremos pelo desgosto de perdê-lo.

— Que noite bonita! Teremos bom tempo amanhã!

— As macieiras vão se encher de flores.

— Você ganhou o jogo, mas, quando fica de parceria com o sr. de Valois, é sempre assim.

— Quanto ganhou o cavaleiro?

— Mas, esta noite, ganhou três ou quatro francos. Ele não perde nunca.

— É mesmo. E vocês já pensaram que o ano tem trezentos e sessenta e cinco dias, e que, por esse preço, o jogo dele vale uma granja?

— Ah! Mas que jogadas esta noite!

— Os senhores têm muita sorte, já estão em casa; mas nós ainda temos que atravessar quase toda a cidade.

— Não os lamento, pois bem podiam possuir um carro, deixando de andar a pé.

— Ah! Meu amigo, nós temos uma filha para casar, que nos tira uma

roda, e a manutenção de nosso filho em Paris nos leva a outra.

— Então pretendem mesmo fazer dele um magistrado?

— Que se pode fazer dos rapazes? E depois, não é vergonha servir o rei.

Às vezes, uma discussão sobre a cidra ou o linho, sempre exposta nos mesmos termos, e que voltava nas mesmas épocas, ia se desenrolando pelo caminho. Um observador do coração humano que morasse naquela rua acabaria por saber em que mês estava, ouvindo aquela conversa. Mas, nesse momento, ela foi exclusivamente engraçada, porque Du Bousquier, que caminhava sozinho à frente dos grupos, cantarolava, sem desconfiar de quanto era oportuna a conhecida canção: “Mulher sensível, ouves o canto dos passarinhos?” etc. Para uns, Du Bousquier era um homem muito hábil e que vinha sendo mal compreendido. Desde que fora confirmado no seu posto por uma nova instituição real, o presidente Ronceret se inclinava para Bousquier. Para outros, o fornecedor era um homem perigoso, de maus costumes, capaz de tudo. Na província, como em Paris, os homens em foco se assemelham a essa estátua do belo conto alegórico de Addison, [498] pela qual se batiam dois cavalheiros, chegando cada um por seu lado à encruzilhada onde a tinham erguido: um dizia que era branca, outro afirmava que era preta; depois, quando estavam ambos por terra, viram que era branca na face direita e negra na esquerda. E um terceiro cavalheiro, vindo em socorro de ambos, achou-a vermelha.

Voltando para casa, o cavaleiro de Valois pensava:

— É tempo de espalhar o boato de meu casamento com a srta. Cormon. A notícia sairá do salão dos D’Esgrignon, irá direto até Sééz, em casa do Bispo, voltará pelos Vigários Gerais até o cura de Saint-Léonard, que não deixará de dizer ao padre Couturier; assim, a srta. Cormon encontrará essa bomba de mecha acesa nas suas obras vivas. O velho marquês d’Esgrignon convidará o padre Sponde para jantar, a fim de terminar um mexerico que poderia prejudicar a srta. Cormon se eu o desmentisse, e a mim se ela me recusar. O padre há de ser bem empulhado, e a srta. Cormon não resistirá a uma visita da srta. de Gordes, que saberá convencê-la da grandeza e do futuro desse enlace. A herança do padre representa mais de cem mil escudos, as economias

da moça devem representar mais de duzentas mil libras; tem o palacete, o Prébaudet e quinze mil libras de rendimentos. Uma palavra a meu amigo, o conde de Fontaine, e eis-me prefeito de Alençon, deputado: depois, quando me vir sentado na bancada de direita, hei de chegar até o pariato, gritando as senhas do rei.

De volta para casa, a sra. Granson teve uma conversa veemente com o filho, que não quis compreender a ligação existente entre suas opiniões e seus amores. Foi a primeira contenda que perturbou a harmonia desse pobre lar.

No dia seguinte, às nove horas, a srta. Cormon, empacotada na caleça com Josette, desenhando-se como uma pirâmide sobre o oceano de suas bagagens, subia a Rue de Saint-Blaise, em direção ao Prébaudet, onde deveria surpreendê-la o acontecimento que precipitou seu casamento, e que não podia ser previsto nem pela sra. Granson nem por Du Bousquier nem pelo sr. de Valois nem pela própria srta. Cormon. O acaso é o maior de todos os artistas.

III — AS DECEPÇÕES

No dia seguinte ao da sua chegada ao Prébaudet, a srta. Cormon estava ocupada muito inocentemente, às oito horas da manhã, em escutar, durante o café, os diversos relatórios do guarda e do jardineiro, quando Jacquelin fez vigorosa irrupção na sala de jantar.

— Senhorita — disse ele todo despenteado —, o senhor seu tio lhe mandou um mensageiro, o filho da velha Grosmort, com uma carta. O rapaz saiu de Alençon antes do amanhecer, e não é que já chegou? Correu quase tão depressa quanto Penélope. Não acha que se deve dar um copo de vinho ao moço?

— Que poderá ter acontecido, Josette? Meu tio estaria...

— Se estivesse, não escreveria — atalhou a arrumadeira, adivinhando os temores da patroa.

— Depressa! Depressa! — ordenou a srta. Cormon, depois de ter lido as primeiras linhas. — Jacquelin que atrele Penélope. Dá um jeito, minha filha, de ter toda a bagagem pronta dentro de meia hora — disse ela a Josette. — Vamos voltar para a cidade...

— Jacquelin! — gritou Josette, excitada pelo sentimento que o rosto da srta. Cormon exprimia.

Jacquelin, instruído por Josette, apareceu, dizendo:

— Mas, senhorita, Penélope está comendo a ração de aveia.

— Eh! Que tenho eu com isso! Quero partir imediatamente.

— Mas, senhorita, vai chover.

— Pois bem, ficaremos molhados.

— A casa está caindo — resmungou Josette, ofendida pelo silêncio da patroa, que lia e relia a carta. — Acabe ao menos de tomar o café. Não se aqueça assim; veja só como está vermelha.

— Estou vermelha, Josette?! — e foi mirar-se num espelho cujo estanho estava caindo e que lhe ofereceu a imagem de seus traços duplamente alterados.

“Meu Deus!”, pensou a srta. Cormon. “Se eu fosse ficar feia!”

— Vamos, Josette, vamos, minha filha, veste-me. Quero ficar pronta antes de Jacquelin ter atrelado Penélope. Se não puderes meter meus embrulhos no carro, prefiro deixá-los aqui a perder um só minuto.

Se os leitores compreenderam o excesso de monomania a que o desejo de casar tinha levado a srta. Cormon, na certa compartilharão de suas emoções. O digno tio anunciava à sobrinha que o sr. de Troisville, antigo militar a serviço da Rússia, neto de um de seus melhores amigos, desejava retirar-se para Alençon e lhe pedia hospitalidade, valendo-se da amizade que unira o padre a seu avô, o visconde de Troisville, chefe de esquadrão sob Luís XV. O antigo vigário-geral, apavorado, suplicava com insistência à sobrinha que voltasse a fim de ajudá-lo a receber o hóspede e lhe fazer as honras da casa, porque a carta sofrera algum atraso e o sr. de Troisville podia lhe cair nos braços àquela mesma tarde. Depois da leitura dessa carta, podia-se pensar nos cuidados que pedia o Prébaudet? Nesse momento, o guarda e o granjeiro, testemunhas da agitação da patroa, esperavam calados que ela desse as suas ordens. Quando a detiveram na passagem, a fim de obter instruções, pela primeira vez em sua vida a srta. Cormon, solteirona despótica que decidia de tudo no Prébaudet, sem ouvir a opinião de ninguém, respondeu-lhes: *Façam como quiserem!*, ferindo-os de espanto, porque a patroa levava o cuidado

administrativo até o extremo de contar as frutas e registrá-las por qualidade, a fim de dirigir o consumo segundo o número de cada espécie.

— Pareço estar sonhando! — pensou Josette, vendo a patroa voar pelas escadas como um elefante a que Deus tivesse dado asas.

Em breve, apesar de uma chuva cerrada, a senhorita saiu do Prébaudet, deixando o pessoal de rédeas soltas. Jacquelin não ousou assumir a responsabilidade de apressar o trotezinho habitual da pacífica Penélope,^[499] que, semelhante à bela rainha de que usava o nome, parecia dar tantos passos para trás quantos dava para a frente. Reparando nessa lentidão, a senhorita ordenou a Jacquelin, com voz azeda, que obrigasse a galopar, nem que fosse à custa do chicote, a pobre égua espantada — tão grande era seu medo de não ter tempo de arrumar convenientemente a casa para receber o sr. de Troisville. Calculava que o neto de um amigo de seu tio não podia ter mais de quarenta anos; como militar, seria solteiro na certa, e, portanto, fazia a si mesma a promessa de, com auxílio do tio, não deixar sair de casa o sr. de Troisville no mesmo estado civil em que lá entraria. Embora Penélope estivesse galopando, a srta. Cormon, preocupada com suas *toilettes* e sonhando com uma primeira noite de núpcias, disse várias vezes a Jacquelin que iam muito devagar. Remexia-se no carro sem responder às perguntas de Josette, e falava sozinha como uma pessoa que forma grandes projetos. Finalmente, a caleça atingiu a rua principal de Alençon, que se chama Rue de Saint-Blaise, entrando pelo lado de Mortagne, mas que, nas proximidades do Hôtel du More, toma o nome de Rue de la Porte de Sééz, e se torna Rue du Bercaill ao desembocar na estrada da Bretanha.

Todos podem imaginar que, se a partida da srta. Cormon costumava fazer tanto ruído, maior barulho fez a sua volta, no dia seguinte ao da instalação no Prébaudet, por uma chuva torrencial que lhe fustigava o rosto sem que ela parecesse dar por isso. Todos notaram o galope louco de Penélope, o ar velhaco de Jacquelin, a hora matinal, os embrulhos empilhados, a conversa animada da srta. Cormon com Josette e, sobretudo, a impaciência de ambas. Os bens da casa de Troisville achavam-se situados entre Alençon e Mortagne. Josette conhecia os

diversos ramos da família de Troisville. Uma palavra pronunciada pela senhorita quando atingiam o calçamento de Alençon informara Josette a respeito da aventura; logo se estabelecera uma discussão entre as duas, e acabaram por decidir que o Troisville esperado devia ser um fidalgo entre os quarenta e os quarenta e dois anos, solteiro, nem rico nem pobre. A senhorita já se via viscondessa de Troisville.

— É meu tio que não me diz nada, que não sabe de nada, que não se informa de nada! Oh! Como isso é bem do meu tio! Seria capaz de esquecer o nariz, se não o tivesse preso na cara!

Nunca notaram que, em circunstâncias como essa, as solteironas se tornam como Ricardo III, espirituosas, ferozes, ousadas, prometedoras, e, como amanuenses embriagados, não respeitam mais coisa alguma?

Dentro em pouco, a cidade de Alençon, instruída num minuto, desde o alto da Rue de Saint-Blaise até a Porte de Sééz, desse regresso precipitado, acompanhado de ocorrências graves, ficou perturbada em todas as suas vísceras públicas e domésticas. As cozinheiras, os negociantes, os transeuntes espalharam a novidade de porta em porta; depois, a notícia subiu até as esferas superiores. Em breve as palavras: “A srta. Cormon já voltou!”, estouravam como uma bomba em todos os lares.

Nesse momento, Jacquelin saltou do banco, polido por um processo que os marceneiros ignoram, onde se sentava na parte dianteira da caleça; abriu a grande porta verde, redonda em cima, fechada em sinal de luto, porque, durante a ausência da srta. Cormon, não se realizava a assembleia. Os fiéis é que costumavam receber e festejar, uns após outros, o padre Sponde. O cavaleiro de Valois pagava a dívida convidando-o para jantar em casa do marquês d’Esgrignon.

Jacquelin chamou familiarmente Penélope, que tinha deixado no meio da rua; a égua, habituada a essa manobra, deu a volta sozinha, atravessou a porta e virou no pátio de modo a não estragar o canteiro de flores. Jacquelin pegou as rédeas e conduziu o carro até em frente ao patamar.

— Marieta! — gritou a srta. Cormon.

Mas Marieta estava ocupada em fechar a porta.

— Senhora?

— O moço ainda não chegou?

— Ainda não, senhora.

— E meu tio?

— Seu tio está na igreja.

Jacquelin e Josette estavam nesse momento no primeiro degrau da escada, e estendiam as mãos para içar a patroa, em pé no carro, equilibrada sobre o varal e agarrando-se nas cortinas. A senhorita atirou-se-lhes nos braços, porque há já dois anos não ousava utilizar o estribo de ferro, em malhas duplas, fixado ao varal por um horrível mecanismo de grossas cavilhas de aço. Quando se viu no patamar, a srta. Cormon contemplou sua corte com satisfação.

— Vamos, vamos, Marieta, deixe a porta da rua e venha cá.

— A casa está caindo — avisou Jacquelin a Marieta, quando a cozinheira passou perto do carro.

— Vamos ver, minha filha, que provisões você tem? — perguntou a srta. Cormon, sentando-se na banquetta da comprida antecâmara, como uma pessoa aniquilada de cansaço.

— Ora! Não tenho nada — respondeu Marieta, com as mãos nas cadeiras. — A senhorita sabe muito bem que, durante sua ausência, o senhor padre sempre janta fora; ainda ontem eu fui buscá-lo em casa da srta. Armanda.

— Mas onde está ele?

— O senhor padre está na igreja e só volta às três horas.

— Meu tio não pensa em nada. Então ele não deveria ter dito a você para ir ao mercado! Marieta, vá agora; sem jogar dinheiro fora, não poupe nada, compre tudo o que houver de bom, de apetitoso, de delicado. Pergunte nas diligências como se podem conseguir patês. Quero também caranguejos dos canais do Brillante. Que horas são?

— Falta um quarto para as nove.

— Meu Deus, Marieta, não perca tempo em conversas, a pessoa esperada por meu tio pode chegar de um momento para outro; se fosse preciso lhe dar almoço, estaríamos em maus lençóis.

Marieta virou-se para a suada Penélope, e olhou Jacquelin com uma expressão que significava: “A senhorita, desta vez, vai físgar um marido”.

— Agora, nós, Josette — continuou a solteirona —, temos que ver onde faremos dormir o sr. de Troisville.

Com que felicidade foi pronunciada essa frase: *ver onde faremos dormir o sr. de Troisville* (pronuncie-se Tréville); quantas ideias nessas palavras! A solteirona estava inundada de esperança.

— Não quer acomodá-lo no quarto verde?

— O do senhor Bispo? Não, não; fica muito perto do meu — disse a srta. Cormon. — Isso é bom para o monsenhor, que é um santo homem.

— Dê-lhe o apartamento de seu tio.

— É tão nu que seria indecente.

— Pois então, senhorita, mande arrumar uma cama em sua saleta, que tem uma lareira. Moreau há de encontrar na loja uma cama pouco mais ou menos igual à fazenda das tapeçarias.

— Você tem razão, Josette. Está muito bem; corra à loja de Moreau e combine com ele tudo o que é preciso fazer, você está autorizada por mim. Se a cama (a cama do sr. de Troisville!) puder ser trazida esta tarde sem que o sr. de Troisville o perceba, no caso de chegar quando Moreau estiver aqui, fica tudo resolvido. Se Moreau não se comprometer a isso, instalarei o sr. de Troisville no quarto verde, embora ali o sr. de Troisville fique realmente muito perto de mim.

Josette já estava a caminho; a patroa chamou-a.

— Explique tudo direito a Jacquelin — exclamou com uma voz formidável e cheia de pavor —, que ele mesmo vá à loja de Moreau. É minha roupa, que tenho de mudar! Se eu fosse surpreendida assim pelo sr. de Troisville, sem meu tio para recebê-lo! Oh! Meu tio, meu tio! Venha, Josette, venha vestir-me.

— Mas Penélope... — disse imprudentemente Josette.

Os olhos da srta. Cormon faiscaram pela primeira e única vez em sua vida.

— Sempre Penélope! Penélope para cá, Penélope para lá! Será por acaso Penélope a patroa?

— Mas ela está alagada de suor, e ainda não comeu a aveia!

— Pois que estoure! — explodiu a srta. Cormon; “mas que eu me case”, pensou ela.

Ouvindo essa expressão que lhe pareceu um homicídio, Josette ficou estupefata durante uns segundos; depois desceu a escada aos pulos, obedecendo a um gesto da patroa.

— A senhorita está com o diabo no corpo, Jacquelin! — foi a primeira coisa que Josette disse.

Assim tudo ficou assentado nesse dia, para produzir o grande choque que iria decidir a vida da srta. Cormon. A cidade já estava de pernas para o ar em consequência das cinco circunstâncias agravantes que acompanharam a volta da srta. Cormon, a saber: a chuva torrencial; o galope de Penélope esbaforida, suada e de barriga vazia; a hora matinal; os embrulhos em desordem; e o ar esquisito da solteirona assombrada. Mas quando Marieta invadiu o mercado para comprar tudo o que lá havia, quando Jacquelin foi à principal loja de móveis de Alençon, na Rue de la Porte de Sééz, a dois passos da igreja, para procurar uma cama, houve motivos de sobra para as mais graves conjecturas. Discutiram essa estranha aventura na alameda, no passeio público; preocupou toda gente, até mesmo a srta. Armanda, em casa de quem se encontrava o cavaleiro. Com dois dias de intervalo a cidade de Alençon era agitada por acontecimentos tão capitais que algumas boas mulheres diziam:

— Mas é o fim do mundo!

A última novidade era resumida, em todas as casas, por essa frase:

— Que estará acontecendo aos Cormon?

O padre Sponde, interrogado com grande habilidade quando saiu de Saint-Léonard para passear na alameda com o padre Couturier, respondeu sem mistérios que estava esperando o visconde de Troisville, fidalgo a serviço da Rússia durante a emigração, e que voltava para morar em Alençon. Das duas horas às cinco, uma espécie de telégrafo labial funcionou na cidade, informando todos os habitantes de que a srta. Cormon tinha finalmente arranjado marido por correspondência, e que ia casar-se com o visconde de Troisville. Aqui se dizia:

— Moreau já está fazendo a cama.

Ali, a cama tinha seis pés. O leito era de quatro pés em casa da sra. Granson, na Rue du Bercaill. Era só um leito de repouso em casa de

Ronceret, onde Bousquier fora jantar. A pequena burguesia afirmava que a cama ia custar mil e cem francos. Em geral comentavam que isso era *vender a pele do lobo, antes de caçá-lo*. Mais adiante, contavam que as carpas tinham subido de preço. Marieta correria mercado para fazer uma devastação total. No alto da Rue de Saint-Blaise, Penélope já esticara as canelas. Esse falecimento era posto em dúvida no palacete do Recebedor-Geral. Entretanto, parecia autêntico, na Prefeitura, que o animal expirara ao transpor a porta do palacete Cormon, de tal forma a solteirona se precipitara com rapidez sobre sua presa. O seleiro que morava no canto da Rue Séez foi bastante ousado para ir perguntar se acontecera alguma coisa ao carro da senhorita, só na intenção de descobrir se Penélope estava morta. Do alto da Rue de Saint-Blaise até a ponta da Rue du Bercail, todos souberam que, graças aos cuidados de Jacquelin, Penélope, essa silenciosa vítima da intemperança da dona, ainda estava viva, mas parecia muito doente. Em toda a estrada da Bretanha, o visconde de Troisville era um cadete sem vintém, porque os bens de Perche pertenciam ao marquês de Troisville, par de França que tinha dois filhos. Esse casamento era uma felicidade para o pobre emigrado, e o visconde era o que servia para a srta. Cormon. A aristocracia da estrada da Bretanha aprovava o casamento; a solteirona não poderia fazer um melhor emprego de sua fortuna. Mas, na burguesia, o sr. de Troisville era um general russo que combatera contra a França e voltava com uma enorme fortuna ganha na corte de São Petersburgo; era um *estrangeiro*, um dos *aliados* que os Liberais odiavam. Sorrateiramente, o padre Sponde negociara tal casamento. Todas as pessoas que tinham direito de entrar em casa da srta. Cormon como em suas próprias casas planejaram ir visitá-la à noite.

Durante essa agitação transurbana, que quase fez esquecer Susana, a srta. Cormon estava também agitadíssima. Conhecia sentimentos completamente novos. Olhando para o salão, a saleta, o gabinete, a sala de jantar, experimentou uma apreensão cruel. Uma espécie de demônio apontou-lhe esse velho luxo, motejando; as belas coisas que admirava desde menina ficaram sob suspeita, acusadas de velhice. Sentiu, finalmente, esse temor que se apodera de quase todos os autores, quando leem uma obra que julgavam perfeita para algum

crítico exigente ou enfastiado: as situações novas parecem usadas; as frases mais corretas, mais trabalhadas mostram-se capengas ou caolhas; as imagens careteiam e se contrariam; o que é falso salta aos olhos. Da mesma maneira a infeliz solteirona tremia imaginando nos lábios do sr. de Troisville um sorriso de desprezo por esse salão de bispo; temia vê-lo lançar um olhar frio na antiquada sala de jantar; tinha medo, afinal, de que a moldura envelhecesse o quadro. Se essas antiguidades fossem lançar sobre sua pessoa os reflexos da velhice? Essa interrogação arrepiou-lhe os cabelos. Nesse momento, teria dado a quarta parte de suas economias para restaurar a casa num minuto, por um prodígio de varinha de condão. Qual o general mais fátuo que não tenha estremecido na véspera de uma batalha? A pobre criatura achava-se entre um Austerlitz e um Waterloo.[500]

— Sra. viscondessa de Troisville! — pensava ela. — Que belo nome! Nossos bens iriam, ao menos, para uma boa família.

Estava sobressaltada por uma irritação que mexia com os seus mais sutis centros nervosos e suas papilas há tanto tempo afogadas em gordura. Todo seu sangue, fustigado pela esperança, estava em movimento. Sentia-se com forças até mesmo para conversar com o sr. de Troisville, se fosse possível. É inútil falar da atividade com que funcionaram Josette, Jacquelin e Marieta, Moreau e seus empregados. Foi uma correria diligente de formigas ocupadas com os ovos. Tudo o que um cuidado cotidiano já tornava tão limpo foi de novo passado, esfregado, escovado, lavado. As porcelanas dos grandes dias viram a luz do sol. As roupas de mesa adamascadas, numeradas A, B, C, D, foram extraídas das profundezas onde jaziam sob a guarda tríplice de envelopes defendidos por formidáveis linhas de alfinetes. Interrogaram as mais preciosas fileiras da biblioteca. Enfim, a srta. Cormon sacrificou três garrafas dos famosos licores da sra. d'Amphoux,[501] a mais ilustre das destiladoras de além-mar, nome caro aos amadores. Graças à dedicação de seus lugares-tenentes, a senhorita pôde aprontar-se para o combate. As diversas armas, os móveis, a bateria da cozinha, a artilharia da copa, os víveres, as munições, os corpos da reserva, tudo ficou preparado em toda a linha. Jacquelin, Marieta e Josette receberam ordem de trajar roupas de gala. A grama do jardim

foi aparada.

A solteirona lamentou não poder entender-se com os rouxinóis alojados nas árvores a fim de obter que dessem uma audição de suas árias mais maviosas.

Pelas quatro horas, no momento em que o padre Sponde acabava de chegar, e quando a senhorita julgava ter, em vão, arrumado a mesa com a máxima faceirice e encomendado um jantar excepcionalmente delicado, ouviu-se no Val-Noble o estalo de um chicote de cocheiro.

— *É ele!* — pensou a solteirona, recebendo as chicotadas no coração.

Com efeito, anunciado por tanto barulho, um certo cabriolé da posta, no qual se achava um homem sozinho, causara tal sensação ao descer a Rue de Saint-Blaise e ao virar a Rue du Cours que alguns garotinhos e pessoas adultas o haviam seguido, e ficavam, agora, agrupados diante da porta da casa Cormon para vê-lo entrar. Jacquelin, que também farejava seu próprio casamento, ouvira o estalo na Rue de Saint-Blaise e abrira largamente a porta do pátio. O postilhão, que era seu conhecido, considerou ponto de honra fazer a volta com habilidade, e parou bem em frente ao patamar. Quanto a esse cocheiro, todos compreendem que partiu lindamente embriagado por Jacquelin. O padre adiantou-se para receber o hóspede, cujo carro foi despojado com a presteza que poderiam empregar ladrões profissionais. O cabriolé foi metido na cocheira, a porta de entrada bem fechada, e não houve mais traços da chegada do sr. de Troisville, em poucos minutos. Nunca duas substâncias químicas se misturaram com mais prontidão do que a casa Cormon absorveu o visconde de Troisville. A senhorita, com o coração batendo como um lagarto agarrado por um pastor, ficou heroicamente em sua poltrona, ao canto da lareira. Josette abriu a porta, e o visconde de Troisville, seguido pelo padre Sponde, surgiu aos olhos da solteirona.

— Minha sobrinha, eis aqui o visconde de Troisville, neto de um de meus companheiros de colégio. Senhor de Troisville, eis minha sobrinha, srta. Cormon.

— Ah! Que bom tio! Como ele colocou bem a questão! — pensou Rosa-Maria-Vitória.

Para pintá-lo em duas palavras: o visconde de Troisville era um

Bousquier aristocrata. Havia entre ambos toda a diferença que separa o gênero vulgar do gênero nobre. Se os dois estivessem lado a lado, seria impossível ao mais exaltado liberal negar a aristocracia. A força do visconde tinha toda a distinção da elegância; suas formas conservavam uma dignidade magnífica; tinha olhos azuis, cabelos negros, tez azeitonada, e não devia contar mais de quarenta e seis anos. Parecia um belo espanhol conservado nos gelos da Rússia. Os modos, o andar, a atitude, tudo denunciava o diplomata que corraera toda a Europa. A indumentária era a de um homem de fino trato em viagem. Como parecesse cansado, o padre Sponde convidou-o a passar para o quarto que lhe fora destinado, e ficou boquiaberto quando a sobrinha abriu a saleta transformada em quarto de dormir. A sra. Cormon e o tio deixaram, então, o nobre estrangeiro cuidando de suas coisas com o auxílio de Jacquelin, que lhe trouxera toda a bagagem de que necessitava. Tio e sobrinha foram passear ao longo do rio, esperando que o sr. de Troisville se aprontasse. Embora o padre Sponde estivesse, por um acaso singular, mais distraído do que de costume, a srta. Cormon não se mostrava menos preocupada do que ele. Caminhavam em silêncio. Nunca a solteirona encontrara um homem tão sedutor quanto o olímpico visconde. Não podia dizer, à moda alemã: “Eis meu ideal”, mas sentia-se tomada da cabeça aos pés, e pensava: “Eis o que me serve!”.

Voou, de repente, até a cozinha, para saber se o jantar podia sofrer atraso, sem perder nada de suas qualidades.

— O sr. de Troisville é muito amável, meu tio — disse ao voltar.

— Mas, minha filha, ele ainda não disse nada! — exclamou o padre, rindo.

— Vê-se logo pelas suas maneiras, pela fisionomia. Será solteiro?

— Não sei de nada — respondeu o padre, pensando numa discussão sobre a graça divina, travada aquela tarde com o padre Couturier. — O sr. de Troisville me escreveu que desejava comprar uma casa. Se fosse casado, não teria vindo sozinho — continuou, com ar despreocupado, porque não podia admitir que a sobrinha pensasse em se casar.

— É rico?

— É o caçula de um ramo cadete. O avô dele comandou esquadras;

mas o pai desse moço fez um mau casamento.

— Moço! — repetiu a solteirona. — Mas parece-me, meu tio, que ele tem bem seus quarenta e cinco anos — disse ela, porque sentia um desejo excessivo de comparar a idade de ambos.

— Sim — concordou o padre. — Mas um quadragenário parece jovem a um pobre padre de setenta anos, Rosa.

Nesse momento, Alençon inteira sabia que o sr. visconde de Troisville tinha chegado em casa da srta. Cormon. Em breve, o estrangeiro reuniu-se aos donos da casa, e começou a admirar a vista do Brillante, o jardim e o palacete.

— Senhor padre — disse ele —, toda minha ambição seria a de encontrar uma habitação semelhante a esta.

A solteirona quis ver uma declaração nessa frase, e abaixou os olhos.

— A senhorita deve gostar de viver aqui, pois não? — continuou o visconde.

— Como não gostar! A casa é de nossa família desde o ano de 1574, época em que um dos nossos antepassados, intendente do duque de Alençon, comprou este terreno e mandou construí-la — disse a srta. Cormon. — Foi feita sobre estacas.

Jacquelin tendo anunciado o jantar, o sr. de Troisville ofereceu o braço à feliz rapariga, que se esforçou por não se apoiar demasiadamente, pois tinha muito medo de parecer oferecer-se!

— Tudo é muito harmonioso aqui — disse o visconde sentando-se à mesa.

— Nossas árvores estão cheias de pássaros que nos dão harmonias baratas; ninguém lhes faz mal, e todas as noites cantam rouxinóis.

— Estou me referindo ao interior da casa — observou o cavaleiro, que não se deu o trabalho de estudar a srta. Cormon e não reconheceu a nulidade de sua inteligência. — Sim, tudo está de acordo, tudo tem seu valor exato: os tons das cores, os móveis, a fisionomia.

— No entanto, ela nos custa muito, os impostos são enormes — respondeu a excelente criatura, impressionada pela palavra *valor*.

— Ah! Os impostos são altos, aqui? — perguntou o cavaleiro, que, preocupado com suas ideias, não percebeu o jogo de disparates.

— Não sei — disse o padre. — Minha sobrinha se encarregou da

administração de nossas duas fortunas.

— Os impostos são uma miséria para as pessoas ricas — continuou a srta. Cormon, que não quis parecer avarenta. — Quanto aos móveis, pretendo deixá-los como estão, a não ser que eu me case; porque então será preciso que tudo aqui seja ao gosto do dono.

— A senhora tem grandes princípios, senhorita — disse o visconde sorrindo —, e fará um homem feliz.

— Nunca ninguém me disse uma coisa tão bonita — pensou a solteirona.

O visconde cumprimentou a srta. Cormon sobre o serviço, a mesa, a arrumação da casa, confessando que julgara fosse a província atrasada, e a estava achando *muito confortável*.

“Que palavra será essa, meu Deus do céu?”, pensou ela. “Onde está o cavaleiro de Valois para responder por mim. Confortável? Haverá várias palavras dentro disso? Vamos, coragem, é talvez uma palavra russa, eu não sou obrigada a entender.”

— Mas — continuou em voz alta, sentindo a língua solta pela eloquência que quase todas as criaturas humanas adquirem nas circunstâncias capitais — saiba o senhor que temos aqui a mais brilhante sociedade. A cidade se reúne justamente em minha casa. O senhor poderá julgar daqui a pouco, porque alguns de nossos fiéis terão sido, certamente, informados de minha volta, e virão visitar-me. Temos o cavaleiro de Valois, fidalgo da antiga Corte, homem de espírito e de fino gosto; e temos ainda o sr. marquês d’Esgrignon e a irmã, srta. Armanda — mordeu a língua e reconsiderou: —, moça notável no seu gênero — acrescentou então. — Quis ficar solteira a fim de deixar toda a fortuna para o irmão e o sobrinho.

— Ah! — fez o visconde. — Sim, dos D’Esgrignon eu me lembro.

— Alençon é muito alegre — continuou a solteirona, lançada a todo pano. — Há muitos divertimentos; o recebedor-geral dá bailes, o prefeito é uma pessoa amável, o senhor bispo nos honra às vezes com uma visita...

— Então — disse o cavaleiro sorrindo —, fiz muito bem de querer voltar, como as feras, para morrer na toca.

— Eu também — disse a solteirona — sou como a fera: morro onde

me prendo.

O visconde tomou o provérbio da hera,[502] assim transformado, como uma brincadeira, e sorriu.

— Ah! Tudo vai bem — supôs a solteirona. — Eis enfim um que me compreende!

A conversa girou em torno de generalidades. Por um desses misteriosos poderes desconhecidos, indefiníveis, a srta. Cormon desencavava do cérebro, sob a pressão de seu desejo de ser amável, todos os torneios verbais do cavaleiro de Valois. As coisas se passavam como num duelo em que o diabo em pessoa parece ajustar o cano da pistola. Nunca adversário foi visado com tanta mira e exatidão. O visconde era por demais educado e habituado aos hábitos de boa sociedade para fazer o elogio do excelente jantar; mas seu silêncio era um louvor. Bebendo os vinhos deliciosos, servidos profusamente por Jacquelin, parecia reconhecer amigos e encontrá-los com prazer muito vivo, porque o verdadeiro amador não aplaude; goza. Informou-se com curiosidade sobre os preços dos terrenos, das casas, dos sítios. Fez a srta. Cormon descrever longamente o lugar do conflúente do Brillante e do Sarthe. Espantou-se por ser a cidade construída tão longe do rio; a topografia de Alençon despertava seu interesse. O silencioso padre deixava a sobrinha sustentar a palestra. Realmente, a senhorita julgou ter ganho a simpatia do visconde, que lhe sorria com graça, e que se comprometeu durante esse jantar muito mais do que seus desvelados pretendentes se haviam comprometido em quinze dias. Assim, todos podem ficar certos de que nunca outro conviva foi agasalhado de mais cuidadinhos, envolto de mais gentis atenções. Dir-se-ia um amante querido, de volta ao lar feliz. A senhorita previa o momento em que o visconde queria mais pão; chocava-o com os olhos; assim que ele virava a cabeça, servia-lhe jeitosamente um suplemento da iguaria que parecera apreciar; seria capaz de fazê-lo estourar, se fosse um homem guloso; mas que deliciosa amostra não estava dando do que seria capaz de fazer em amor! Não cometeu a tolice de se depreciar; abriu valorosamente todas as velas ao vento, arvorou todos os seus pavilhões, fez-se passar pela rainha de Alençon e gabou as compotas que sabia fazer. Finalmente, pescou elogios, falando em si mesma,

como se todos os seus arautos estivessem mortos. Percebeu que agradava ao visconde, porque seu desejo a transformara tanto que se tinha quase tornado mulher. Não foi sem um deslumbramento interior que ouviu, à sobremesa, idas e vindas na antecâmara e barulhos no salão, anunciando a chegada de suas visitas habituais. Chamou a atenção do tio e do sr. de Troisville para essa solicitude, apontando-a como a prova da afeição que lhe tinham, quando era, na realidade, efeito da curiosidade lancinante que se apoderara de Alençon inteira. Impaciente de se mostrar em toda a sua glória, a srta. Cormon disse a Jacquelin que tomariam o café e o licor no salão, onde o criado foi exhibir, diante da elite da sociedade, as magnificências de um licoreiro de Saxe que só saía do armário duas vezes por ano. Todas essas circunstâncias foram observadas pela companhia, entretida em criticar na surdina.

— Diacho! — exclamou Du Bousquier. — Só licores da sra. d'Amphoux, que nunca servem senão nos grandes dias santificados!

— Não há dúvidas. O casamento foi tratado, há já um ano, por correspondência — disse o sr. du Ronceret. — O diretor dos Correios recebe aqui, há já um ano, cartas com o selo de Odessa.

A sra. Granson estremeceu. O cavaleiro de Valois, embora tivesse jantado por quatro, pálido até no lado esquerdo do rosto, sentiu que ia trair seu segredo, e disse:

— Não acham que está fazendo frio hoje? Eu estou gelado.

— É a vizinhança da Rússia — disse Du Bousquier.

O cavaleiro olhou para ele com um ar que significava: “Bem lançado”. A srta. Cormon apareceu tão radiosa, tão triunfante que a acharam bela. Esse brilho extraordinário não era devido somente ao sentimento; toda a massa de seu sangue turbilhonava dentro dela desde a manhã, e seus nervos estavam agitados pelo pressentimento de uma grande crise: todas essas circunstâncias tinham sido necessárias para torná-la tão diferente de si mesma. Foi com felicidade que ela fez a apresentação solene do visconde ao cavaleiro, do cavaleiro ao visconde, de Alençon em peso ao sr. de Troisville, do sr. de Troisville à gente de Alençon. Por um acaso fácil de explicar, o visconde e o cavaleiro, duas naturezas aristocráticas, uniram-se imediatamente no

mesmo diapasão; reconheceram-se; e ambos se olharam como homens da mesma esfera. Começaram a conversar, em pé, diante da lareira. Formou-se um círculo em volta deles, e, embora travada *sotto voce*, [503] a conversa dos dois foi ouvida num religioso silêncio. Para apreender bem o sentido desta cena, é preciso imaginar a srta. Cormon ocupada em servir o café de seu suposto pretendente, com as costas viradas para a chaminé.

SR. DE VALOIS — O senhor visconde, ao que dizem, vem instalar-se aqui?

SR. DE TROISVILLE — Sim, senhor, venho para procurar uma casa... (A srta. Cormon vira-se, com a xícara na mão.) E é preciso que seja espaçosa, para alojar... (a srta. Cormon estende a xícara) minha família. (Os olhos da solteirona se perturbam.)

SR. DE VALOIS — O senhor é casado?

SR. DE TROISVILLE — Há dezesseis anos, com a filha da princesa Scherbelloff.

A srta. Cormon caiu fulminada: Du Bousquier, que a viu cambalear, precipitou-se, recebendo-a nos braços, e abriram a porta a fim de que ele pudesse passar sem obstáculos, com aquele fardo enorme. Aconselhado por Josette, o fogoso republicano encontrou forças para carregar a solteirona até o quarto e deitá-la na cama. Josette, armada de tesouras, cortou o colete exageradamente apertado. Du Bousquier jogou com brutalidade gotas d'água no rosto da srta. Cormon e no busto, que se esparramou como uma inundação do rio Loire. A doente abriu os olhos, viu Du Bousquier, e o pudor arrancou-lhe um grito quando reconheceu aquele homem. Deixando entrar seis mulheres, à frente das quais se achava a sra. Granson radiante de alegria, Du Bousquier retirou-se. Que fizera o cavaleiro enquanto isso? Fiel a seu sistema, tinha coberto a retirada.

— Esta pobre srta. Cormon — disse ele ao sr. de Troisville, olhando para a assembleia, cujos risos foram reprimidos por esse olhar aristocrático — vive horivelmente atormentada pelo sangue. Não quis fazer uma sangria antes de ir para o Prébaudet (suas terras), e eis o resultado dos movimentos do sangue na primavera.

— Ela veio debaixo de chuva esta manhã — disse o padre Sponde —,

pode ter apanhado um resfriado que motivou essa pequena revolução a que é sujeita. Mas não será nada.

— Ainda anteontem ela me dizia que não a tinha há já três meses, acrescentando que isso seria capaz de lhe pregar uma peça — continuou o cavaleiro.

— Ah! Tu és casado? — pensou Jacquelin, olhando para o sr. de Troisville, que bebia o café aos golinhos.

O fiel empregado aderiu ao desapontamento da patroa, adivinhou-o, e levou de volta os licores da sra. d'Amphoux, oferecidos ao celibatário e não ao marido de uma russa. Todas essas pequenas minúcias foram registradas, e deram motivo a caçadas. O padre Sponde conhecia a razão da viagem do fidalgo; mas, por um efeito de sua distração, nada dissera, não imaginando que a sobrinha pudesse ter o menor interesse no sr. de Troisville. Quanto ao visconde, preocupado com o objetivo de sua viagem, e, como muitos maridos, com pouca pressa de falar na mulher, não tivera ocasião de se dizer casado; julgava, aliás, que a senhorita já o soubesse. Du Bousquier reapareceu e foi exaustivamente interrogado. Uma das seis senhoras desceu, anunciando que a srta. Cormon estava passando muito melhor e que seu médico já havia chegado; mas devia ficar na cama, pois havia a necessidade urgente de uma sangria. Em breve o salão ficou cheio. A ausência da srta. Cormon permitiu que as senhoras conversassem sobre a cena tragicômica, aumentada, comentada, embelezada, historiada, enfeitada, bordada, colorida, ornamentada, que acabara de se passar e que iria, no dia seguinte, fazer Alençon em peso ocupar-se da srta. Cormon.

— Aquele bom Du Bousquier! Como ele a carregava! Que punhos! Que força! — disse Josette à patroa. — Estava pálido por sua causa; continua apaixonado pela senhora.

Essa frase fechou esse dia terrível e solene. Durante a manhã seguinte, as menores circunstâncias dessa comédia corriam em todas as casas de Alençon, e — confessemos para a vergonha dessa cidade — provocavam um riso universal.

No entanto, a srta. Cormon, a quem a sangria fizera muito bem, teria parecido sublime aos mais intrépidos motejadores, se fossem testemunhas da nobre dignidade, da magnífica resignação cristã que a

animou, quando, no dia seguinte, deu o braço a seu mistificador involuntário para ir almoçar. Cruéis farsistas, que zombastes dela, porque não a vistes, enquanto dizia ao visconde:

— A sra. de Troisville dificilmente encontrará aqui um apartamento que lhe convenha; favoreça-me, senhor, aceitando minha casa durante todo o tempo em que estiverem procurando outra, na cidade.

— Mas, senhorita, tenho duas meninas e dois meninos; iríamos incomodá-la muito.

— Não me recuse o favor — disse ela, com um olhar cheio de tristeza.

— Eu lhe fiz esse convite na carta que lhe mandei — disse o padre —, mas que o senhor não recebeu.

— Então, meu tio, o senhor sabia...

A pobre criatura interrompeu-se. Josette soltou um suspiro. Nem o visconde de Troisville nem o tio perceberam nada. Depois do almoço, o padre Sponde levou o sr. de Troisville para, conforme tinham combinado na véspera, mostrar-lhe em Alençon as casas que poderia comprar ou os terrenos convenientes para a construção.

Ficando sozinha no salão, a srta. Cormon disse a Josette, com um ar desolado:

— Minha filha, a estas horas estou sendo a fábula da cidade inteira.

— Pois bem, senhorita, case-se!

— Mas, minha filha, não estou preparada para fazer uma escolha.

— Ora! Se eu estivesse em seu lugar, ficaria com Du Bousquier.

— Josette, o sr. de Valois diz que ele é tão republicano!

— Esses senhores nem sabem o que dizem: pretendem que ele roubava a República; ora, isso é prova de que ele não gostava dela.

— Essa rapariga é extraordinariamente inteligente — pensou a srta. Cormon, que ficou sozinha, entregue às suas perplexidades.

Compreendia que um casamento rápido era o único meio de impor silêncio à cidade. Aquele último revés, evidentemente tão vergonhoso, era de natureza a fazê-la tomar uma resolução extrema, porque as pessoas desprovidas de espírito só com dificuldade conseguem sair dos caminhos bons ou maus por onde enveredaram.

Os dois solteirões tinham compreendido a situação em que se

encontraria a solteirona. Assim, ambos decidiram visitá-la durante o dia, para saber notícias, e, em estilo de rapaz, *dar o bote*. O sr. de Valois julgou que a circunstância exigia um preparo meticuloso; tomou um banho, cuidou-se de maneira extraordinária. Pela primeira e última vez, Cesarina viu-o usar, com uma incrível habilidade, um toque de carmim. Quanto a Du Bousquier, esse, republicano grosseiro, animado por sua vontade rude, não prestou a menor atenção a suas roupas, e foi o primeiro a chegar. Essas pequeninas coisas decidem a sorte dos homens, assim como a dos impérios. A carga de Kellermann[504] em Marengo, a chegada de Blücher[505] em Waterloo, o desdém de Luís XIV pelo príncipe Eugênio,[506] o cura de Denain,[507] todas essas grandes causas de triunfo ou de catástrofes são registradas pela História; mas ninguém as aproveita para aprender a não descuidar coisa alguma nos pequenos fatos da vida. Em consequência, vejam o que acontece: a duquesa de Langeais[508] torna-se freira por não ter tido dez minutos de paciência, o juiz Popinot transfere para o dia seguinte o interrogatório do marquês D’Espard,[509] Carlos Grandet vem por Bordeaux em vez de voltar pelo caminho de Nantes,[510] e chamam-se esses acontecimentos acasos, fatalidades! Uma camada quase invisível de carmim a ser aplicada matou as esperanças do cavaleiro de Valois; esse fidalgo não poderia morrer senão dessa maneira: vivera pelas Graças, morreria por suas mãos. Enquanto o cavaleiro lançava um último olhar a sua aparência, o gordo Du Bousquier entrava no salão da solteirona pesarosa. Essa entrada coincidiu com um pensamento favorável ao republicano, através de uma série de reflexões, nas quais, entretanto, o cavaleiro tinha todas as vantagens.

“Deus o quer”, pensou a solteirona, vendo Du Bousquier.

— Senhorita, espero que não ache nenhum mal na minha pressa em me apresentar. Não quis confiar no toleirão do Renato para saber notícias suas, e vim em pessoa.

— Vou perfeitamente bem — respondeu ela com voz emocionada. — Agradeço-lhe, sr. Du Bousquier — continuou, depois de uma pausa, e com voz muito acentuada —, o trabalho que tomou e o que eu lhe dei ontem...

Lembrava-se de que estivera nos braços de Du Bousquier, e semelhante acaso lhe pareceu, mais do que tudo, uma ordem do céu. Tinha sido vista pela primeira vez por um homem com o espartilho aberto, o corpete desatado, e seus tesouros violentamente lançados fora de seu escrínio.

— Carregava-a com tanto gosto que a achei leve.

Aqui, a srta. Cormon olhou para Du Bousquier como nunca tinha olhado para nenhum homem no mundo. Encorajado, o fornecedor lançou-lhe um olhar terno, que a atingiu no coração.

— É pena — acrescentou ele — que isso não me tenha dado o direito de guardá-la eternamente para mim. — Ela ouvia com um ar encantado. — Desmaiada, ali, naquela cama, seja dito entre nós, a senhorita estava deslumbrante; nunca vi na minha vida criatura mais bela, e olhe que eu já vi muitas mulheres!... As mulheres gordas têm isso de bom: são soberbas de se ver, basta que se mostrem para que logo triunfem!

— O senhor quer caçoar de mim — disse a solteirona —, e isso não está direito, num momento em que a cidade inteira talvez interprete mal o que me aconteceu ontem.

— Tão certo como eu me chamar Du Bousquier, senhorita, nunca mudei de sentimento a seu respeito, e sua primeira recusa não me desencorajou.

A solteirona tinha os olhos baixos. Houve um momento de silêncio cruel para Du Bousquier. Mas a srta. Cormon tomou sua resolução. Levantou as pálpebras. Rolavam lágrimas de seus olhos. Olhou para Du Bousquier ternamente.

— Pois se é assim — disse ela com voz trêmula —, prometa-me somente, senhor, viver como cristão, nunca contrariar meus hábitos religiosos, deixar-me senhora de escolher meus diretores, e eu lhe concedo minha mão — disse ela, estendendo-lhe a mão.

Du Bousquier segurou essa boa mão gorducha, cheia de escudos, e beijou-a santamente.

— Mas — disse ela, permitindo o beijo — peço ainda uma coisa.

— Está concedida, e, se for impossível, ela se fará (reminiscência de Beaujon).[\[511\]](#)

— Ai! — continuou a solteirona. — Por meu amor, é preciso que o senhor se encarregue de um pecado que é enorme, bem sei, pois a mentira é um dos sete pecados capitais; mas o senhor se confessará depois, não é? Nós dois faremos penitência... — Entreolharam-se ternamente. — Aliás, talvez possa ser considerada como uma dessas mentiras que a Igreja chama de oficiosas.

“Será ela como Susana?”, dizia consigo mesmo Du Bousquier.

— Que felicidade! E então, senhorita? — disse em voz alta.

— É preciso que possa fazer o sacrifício...

— Sim?

— De dizer que esse casamento estava combinado, entre nós dois, há seis meses.

— Mulher encantadora — disse o fornecedor com o ar de um homem que faz um ato de abnegação —, sacrifícios como esse só se fazem por uma criatura adorada durante dez anos.

— Apesar dos meus rigores, então? — perguntou ela.

— Sim, apesar dos seus rigores.

— Senhor Du Bousquier, eu o julgava mal.

Tornou a estender-lhe a grossa mão vermelha, que Du Bousquier tornou a beijar. Nesse momento, a porta se abriu, os dois noivos olharam para ver quem entrava, e avistaram o delicioso mas tardio cavaleiro de Valois.

— Ah! — disse ele ao entrar. — Ei-la de pé, bela rainha.

Ela sorriu ao cavaleiro e sentiu um aperto no coração. O sr. de Valois, notavelmente jovem e sedutor, tinha o aspecto de Lauzun entrando no Palais-Royal, nos aposentos de Mademoiselle.[\[512\]](#) — Eh! Caro Du Bousquier — disse com ironia, de tal forma se sentia seguro do sucesso. — O sr. de Troisville e o padre Sponde estão examinando sua casa como dois avaliadores.

— Por mim — disse Du Bousquier —, se o visconde de Troisville a quiser, ela será dele por quarenta mil francos. Tornou-se completamente inútil para mim. Se a senhorita me permite... É preciso mesmo que isso se saiba. Senhorita, posso contar?

— Pode.

— Pois bem, seja o primeiro, *meu caro cavaleiro*, a quem eu

comunique... — (a srta. Cormon baixou os olhos), a honra, disse o antigo fornecedor, o favor que a senhorita me faz, e que eu guardei em segredo durante alguns meses. Vamos nos casar dentro de alguns dias, o contrato já está redigido, e o assinaremos amanhã. O senhor compreende que, nestas circunstâncias, minha casa da Rue du Cygne me será inútil. Estava procurando comprador, em sigilo, e o padre Sponde, *que o sabia*, conduziu, naturalmente, à minha casa, o sr. de Troisville...

Essa enorme mentira aparentava de tal forma as cores da verdade que o cavaleiro acreditou. *Meu caro cavaleiro* era como a desforra de todas as derrotas anteriores, tomada por Pedro, o Grande, sobre Carlos XII em Pultava.^[513] Com isso, Du Bousquier se vingava deliciosamente de mil indiretas ferinas que recebera em silêncio; mas, no seu triunfo, fez um gesto de rapaz, passou a mão pelo topete postiço e... arrancou-o.

— Felicito a ambos — disse o cavaleiro com expressão agradável — e desejo que terminem como nos contos de fadas: *Foram muito felizes e tiveram muitos filhos!* — E amassava uma pitada de rapé. — Mas o senhor se esqueceu de que... usa um chinó — acrescentou com voz sarcástica.

Du Bousquier corou; segurava o topete postiço a dez polegadas do crânio. A srta. Cormon ergueu os olhos, viu a nudez do crânio, e baixou-os por pudor. Nunca um sapo fixou sobre a presa olhar mais venenoso do que o olhar lançado por Du Bousquier sobre o cavaleiro.

— Canhas de aristocratas que sempre me desdenhastes, algum dia eu vos esmagarei! — pensou ele.

O cavaleiro de Valois julgou ter reconquistado todas as vantagens. Mas a srta. Cormon não era mulher que entendesse a conexão posta pelo cavaleiro entre seus desejos e um topete postiço; aliás, mesmo que a tivesse compreendido, sua mão já não lhe pertencia. Em breve, o sr. de Valois verificou que tudo estava perdido. Com efeito, a inocente criatura, vendo aqueles dois homens silenciosos, quis ocupá-los.

— Por que não jogam uma partida de *piquet*? — sugeriu ela, sem malícia.

Du Bousquier sorriu, e, como futuro dono da casa, foi buscar a mesa

de *piquet*. E, quer tivesse perdido a cabeça, quer desejasse ficar ali para estudar as causas do desastre, e remediar, o cavaleiro deixou-se constranger, como um carneiro levado ao matadouro. Tinha recebido o golpe mais violento que podia atingir um homem, e, por menos do que isso, um fidalgo se sentiria atordoado. Em breve, o digno padre Sponde e o visconde de Troisville regressaram. Imediatamente a srta. Cormon se levantou, correu para a antecâmara, tomou o tio à parte e lhe contou sua resolução ao ouvido. Informada de que a casa da Rue du Cygne convinha ao sr. de Troisville, pediu ao noivo que lhe fizesse o favor de dizer que o tio sabia que estava para vender. Não ousou confiar essa mentira ao padre, com medo de uma distração. Com mais vigor do que uma ação virtuosa, a mentira prosperou. À noite, Alençon inteira sabia da grande novidade. Há já quatro dias, a cidade estava animada como nos dias nefastos de 1814 e de 1815. Uns riam, outros admitiam o casamento; estes criticavam, aqueles aprovavam. A classe média de Alençon alegrou-se com a notícia, em que via uma conquista. No dia seguinte, em casa de amigos, o cavaleiro de Valois disse uma frase cruel:

— Os Cormon acabam por onde começaram: de intendente a fornecedor, foi um pulo!

A escolha feita pela srta. Cormon atingiu Atanásio no coração, mas ele não deixou transpirar as horríveis agitações de que foi presa. Ao ser informado do casamento, estava em casa do presidente Du Ronceret, onde sua mãe jogava uma partida de bóston. A sra. Granson olhou o filho pelo espelho, e o achou pálido; mas ele o estava desde pela manhã, pois já ouvira falar vagamente nesse casamento. A srta. Cormon era uma carta na qual Atanásio jogara a vida, e o frio pressentimento de uma catástrofe já o envolvia. Quando a alma e a imaginação aumentaram a significação da desgraça, quando a transformaram num fardo pesado demais para os ombros e para a frente, quando vem a faltar uma esperança longamente acariciada, cujas realizações aplacariam o abutre ardente que rói o coração, quando não tem mais fé em si próprio, apesar de suas forças, nem no futuro, apesar do poder divino, então o homem se destrói. Atanásio era um fruto da educação imperial. A fatalidade, essa religião do

imperador, desceu do trono até as últimas fileiras do Exército, até os bancos do colégio. Atanásio fixou os olhos no jogo da sra. du Ronceret com um estupor que podia tão bem passar por indiferença que a sra. Granson julgou haver-se enganado quanto aos sentimentos do filho. A aparente despreocupação de Atanásio explicava sua recusa em fazer a esse casamento o sacrifício de suas opiniões *liberais*, palavra que acabava de ser criada para o imperador Alexandre, e que procedia, creio, da Madame de Staël por intermédio de Benjamin Constant. A partir dessa noite fatal, o infeliz jovem habituou-se a passear pelo sítio mais pitoresco do Sarthe, num lugar da margem que os desenhistas que se ocuparam com Alençon escolhiam para tirar pontos de vista. Há moinhos nesse local, e o rio alegra os prados. As margens do Sarthe são guarnecidas por árvores de formas elegantes e bem lançadas. Embora plana, essa paisagem não é desprovida das graças decentes que distinguem a França, onde os olhos nunca se cansam com um dia oriental e nunca se entristecem com brumas constantes. É um local solitário. Na província, ninguém presta atenção a uma vista bonita, ou porque estejam todos enfasiados desses aspectos, ou porque se trate de uma falha de poesia na alma. Se existe na província um passeio público, uma planície, uma aleia de onde se descobre uma rica perspectiva — esse é um lugar aonde não irá ninguém. Atanásio amava essa solidão animada pela água, onde os prados reverdecem sob os primeiros sorrisos do sol primaveril. Aqueles que ali o avistavam, sentado à sombra de um olmeiro, e que recebiam seu olhar profundo diziam às vezes à sra. Granson:

— Seu filho tem qualquer coisa.

— Eu sei o que ele está fazendo! — respondia a mãe com ares satisfeitos, dando a entender que ele meditava uma grande obra.

Atanásio não se meteu mais em política, nunca mais deu uma opinião; mas pareceu, em diversas circunstâncias, bastante alegre, alegre de ironia, como aqueles que, sozinhos, insultam o mundo inteiro. Esse rapaz, alheio a todas as ideias, a todos os prazeres da província, interessava a bem pouca gente, nem era, sequer, motivo de curiosidade. Se falavam dele à sra. Granson, era por causa dela. Não houve uma alma que simpatizasse com a de Atanásio; nem uma

mulher nem um amigo chegou-se a ele para secar-lhe as lágrimas, e ele as lançou no Sarthe. Se a magnífica Susana tivesse passado por ali, quantas desgraças não teria gerado esse encontro, porque esses dois seres se teriam amado! Um dia, no entanto, ela passou por lá. A ambição de Susana teve início na narrativa de uma aventura bastante extraordinária que, em 1799, aproximadamente, começara no Auberge du More. Essa história[514] devastara seu cérebro de criança. Uma rapariga de Paris, bela como os anjos, tinha sido encarregada pela polícia de despertar o amor do marquês de Montauran, que era um dos chefes enviados pelos Bourbon para comandar os *chouans*. Encontrara-o precisamente no Auberge du More, de volta de sua expedição de Mortagne; seduziu-o e entregou-o. Essa fantástica pessoa, esse poder da beleza sobre o homem, tudo, no caso de Maria de Verneuil e do marquês de Montauran, deslumbrou Susana; e sentiu, desde a idade da razão, o desejo de escarnecer dos homens. Assim, alguns meses após sua fuga, não se recusou a atravessar a cidade natal para ir à Bretanha com um artista. Quis ver Fougères, onde se dera o desenlace da aventura do marquês de Montauran, e percorrer o teatro dessa guerra pitoresca, cujas tragédias, ainda pouco conhecidas, haviam embalado sua infância. E, depois, desejava atravessar Alençon em tão brilhante companhia e tão bem metamorfoseada que ninguém a reconheceu. Contava deixar, num só momento, sua mãe protegida, para sempre, contra a miséria, e enviar delicadamente ao pobre Atanásio a quantia que, na nossa época, representa para o gênio o mesmo que representavam, na Idade Média, o cavalo de combate e a armadura que Rebeca conseguiu para Ivanhoé.[515]

Passou-se um mês nas mais estranhas alternativas quanto ao casamento da srta. Cormon. Houve um partido de Incrédulos que negou o casamento e um partido de Crentes que o afirmou. Ao fim de quinze dias, o partido dos Incrédulos sofreu um vigoroso revés: a casa de Du Bousquier foi vendida por quarenta e três mil francos ao sr. de Troisville, que não queria senão uma casa simples em Alençon, porque contava ir para Paris mais tarde, depois do falecimento da princesa Scherbelloff; desejava esperar pacificamente essa herança, ocupando-se em reconstituir suas terras. Isso parecia positivo. Os Incrédulos não

se deixaram abater. Pretenderam que, casado ou não, Du Bousquier fazia um excelente negócio: sua casa lhe custara apenas vinte e sete mil francos. Os Crentes foram derrotados por essa peremptória afirmação dos Incrédulos. Choissel, tabelião da srta. Cormon, não ouvira ainda uma só palavra a respeito do contrato, disseram ainda os Incrédulos. Os Crentes, firmes em sua fé, alcançaram, no vigésimo dia, assinalada vitória sobre os Incrédulos. O sr. Lepressoir, tabelião dos Liberais, foi à casa da srta. Cormon, onde lavrou o contrato. Foi o primeiro dos numerosos sacrifícios que a srta. Cormon devia fazer ao marido. Du Bousquier tinha um ódio profundo por Choissel: atribuía-lhe a primeira recusa sofrida por parte da srta. Armanda, e a recusa da srta. Armanda ditara, a seu ver, a da srta. Cormon. O velho atleta do Diretório agiu tão bem junto à nobre criatura que, pensando ter julgado mal a bela alma do fornecedor, pretendeu expiar seus erros: sacrificou o tabelião ao amor! Comunicou-lhe, entretanto, o contrato, e Choissel, que era um homem digno de Plutarco, defendeu por escrito os interesses da srta. Cormon. Era apenas essa circunstância que atrasava o casamento. A srta. Cormon recebeu várias cartas anônimas. Soube, para seu grande espanto, que Susana era uma rapariga tão virgem quanto ela mesma o seria, e que o sedutor de topete postiço não podia ter tomado a menor parte em semelhantes aventuras. A srta. Cormon desdenhou as cartas anônimas, mas escreveu a Susana, na finalidade de esclarecer a religião da Sociedade Maternal. Susana, que sem dúvida fora informada do futuro casamento de Du Bousquier, confessou a astúcia, mandou mil francos para a Associação e falou muito mal do velho fornecedor...

A srta. Cormon convocou a Associação de Maternidade, que se reuniu em sessão extraordinária, na qual foi tomada a firme decisão de nunca mais socorrer as desgraças em perspectiva, mas somente as que já houvessem acontecido. Não obstante essas ocorrências, que agitavam a cidade em mexericos destilados com gulodice, publicavam-se os banhos na Igreja e na Pretoria. Atanásio se viu obrigado a preparar os atos. Por medida de pudor público e de segurança geral, a noiva foi para o Prébaudet, onde Du Bousquier, armado de suntuosos e atrozes ramalhetes, aparecia pela manhã e voltava à noite para jantar. Afinal,

num triste e chuvoso dia de junho, ao meio-dia, realizou-se na paróquia de Alençon, à vista da cidade em peso, o casamento da srta. Cormon com Du Bousquier. Os noivos se dirigiram de casa à Prefeitura e da Prefeitura à igreja numa caleça, magnífica para Alençon, que Du Bousquier mandara vir, em segredo, de Paris. A perda do carro velho foi uma espécie de calamidade aos olhos da cidade inteira. O seleiro da Porte de Sééz lançou altos brados, porque perdia cinquenta francos de rendimentos que lhe proporcionavam os consertos. Alençon viu com pavor o luxo se intrometer na cidade pela casa Cormon. Temiam o encarecimento dos gêneros, a alta no preço dos aluguéis e a invasão do mobiliário parisiense. Houve pessoas tão mordidas pela curiosidade que chegaram a dar alguns níqueis a Jacquelin para ver de perto a caleça atentatória à economia da região. Os dois cavalos comprados na Normandia também assustaram muito.

— Se começamos a comprar, nós mesmos, os nossos cavalos — disse o grupo que frequentava a casa de Ronceret —, não mais os poderemos vender à gente que vem procurá-los.

Apesar de tolo, o raciocínio pareceu profundo, pois dizia respeito ao impedimento que teria o país de açambarcar o dinheiro estrangeiro. Para as províncias, a riqueza das nações consiste menos na ativa rotação do dinheiro do que numa estéril acumulação. Enfim, a mortífera profecia da solteirona se realizou. Penélope sucumbiu à pleurisia que a atacara quarenta dias antes do casamento; nada pôde salvá-la. A sra. Granson, Marieta, a sra. de Coudrai, a sra. Ronceret, toda a cidade, em suma, reparou que a sra. Du Bousquier entrara na igreja *com o pé esquerdo!*, presságio tanto mais terrível pois que já a expressão *A Esquerda* tomava um sentido político. O padre encarregado de ler a fórmula abriu, por acaso, o livro no *De profundis*. Assim, esse casamento foi acompanhado de circunstâncias tão fatais, tão tempestuosas, tão fulminantes que ninguém augurou nada de bom. E tudo foi de mal a pior. Não houve festa de núpcias, porque os recém-casados partiram para o Prébaudet. Os costumes parisienses iam, portanto, vencer os costumes provincianos, diziam. À noite, Alençon comentou todas essas tolices. Houve uma explosão quase geral de irritação nas pessoas que contavam com um desses casamentos de

Gamache,[516] que se fazem sempre na província, e que a sociedade considera como lhe sendo devidos. O casamento de Marieta[517] e de Jacquelin realizou-se alegremente: foram as duas únicas pessoas que desmentiram as profecias sinistras.

Du Bousquier quis empregar o lucro conseguido na venda de sua casa em restaurar e modernizar o palacete Cormon. Decidiu passar duas estações no Prébaudet, e para lá levou seu tio Sponde. Na cidade, onde todos pressentiram que Du Bousquier iria arrastar a região na via funesta do conforto, a notícia espalhou o pavor. Esse medo ainda aumentou quando a gente da cidade avistou certa manhã Du Bousquier voltando do Prébaudet para o Val-Noble a fim de vigiar os trabalhos, num tálburi arrastado por um novo cavalo, tendo ao lado Renato em libré.

O primeiro ato de sua administração tinha sido o de colocar todas as economias da mulher *em rendas* sobre o Grande Livro da Dívida Pública, que estavam cotadas a 67 francos e 50 centavos. No espaço de um ano, durante o qual jogou constantemente na alta, construiu uma fortuna pessoal quase tão considerável quanto a da esposa. Mas os presságios fulminantes, as inovações perturbadoras foram ultrapassados por um acontecimento que se prendia a esse matrimônio e o fez parecer ainda mais funesto. Na própria noite da cerimônia, Atanásio e a mãe se encontravam, após o jantar, diante de um foguinho de lenha miúda, que a criada lhes acendia, à sobremesa, no salão.

— Pois é, iremos esta noite à casa do presidente Ronceret, já que estamos sem a srta. Cormon — disse a sra. Granson. — Meu Deus! Nunca me habituarei a chamá-la sra. Du Bousquier; esse nome me dilacera os lábios.

Atanásio olhou para a mãe com um ar melancólico e constrangido; não podia mais sorrir, e queria de qualquer modo saudar esse ingênuo pensamento que suavizava sua ferida, sem curá-la.

— Mamãe — disse ele, retomando a voz de sua infância, de tal maneira foi doce a sua voz, e retomando, ao mesmo tempo, essa apelação abandonada há tantos anos. — Minha querida mamãe, não vamos sair ainda; está tão bom aqui, diante desse fogo!

A mãe ouviu, sem compreender, essa súplica suprema de uma dor

mortal.

— Fiquemos, meu filho — disse ela. — Certamente prefiro ficar contigo, ouvir os teus projetos a ir jogar um bóston em que posso perder meu dinheiro.

— Estás tão bonita esta noite, gosto de te olhar. Depois, eu estou numa corrente de ideias que se harmonizam com este salãozinho onde já sofremos tanto.

— E onde sofreremos ainda, meu pobre Atanásio, até o dia em que teus trabalhos triunfem. Estou acostumada à miséria; mas tu, meu tesouro, ver tua bela mocidade passada sem prazer! A tua vida é só de trabalho! Esse pensamento é uma doença para tua mãe; ele me tortura de noite, e, de manhã, ele me acorda. Meu Deus! Meu Deus! Que vos fiz eu? Por que crime me punis assim?

Deixou a poltrona, tomou uma cadeirinha e colou-se de encontro a Atanásio, de modo a poder encostar a cabeça no peito do filho. Há sempre a graça do amor numa maternidade sincera. Atanásio beijou a mãe nos olhos, nos cabelos grisalhos, na fronte, com a vontade santa de apoiar a alma em todos os pontos onde apoiava os lábios.

— Nunca triunfarei — disse ele, tentando iludir a mãe quanto à funesta resolução que lhe rolava pela cabeça.

— Ora! Não vais perder a coragem! Como tu mesmo dizes, o pensamento pode tudo. Com dez frascos de tinta, dez resmas de papel e sua vontade forte, Lutero não transtornou a Europa inteira? Pois bem! Serás ilustre, e farás o bem com os mesmos meios que lhe serviram para fazer o mal. Não disseste isso? Estás vendo? Eu te escuto falar. Compreendo-te mais do que o imaginas, porque eu te trago ainda no meu seio, e o menor dos teus pensamentos ecoa dentro de mim, como, outrora, o mais leve de teus movimentos.

— Nunca triunfarei aqui, entendes, mamãe? E eu não te quero dar o espetáculo de minhas aflições, de minhas lutas, de minhas angústias. Oh! minha mãe, deixa-me partir de Alençon; quero ir sofrer longe de ti.

— Quero estar sempre a teu lado — respondeu orgulhosamente a mãe. — Sofrer sem tua mãe, tua pobre mãe, que seria tua criada, se fosse preciso, que se esconderá, para não te prejudicar, se o desejares; tua mãe, que nem assim te acusaria de orgulho! Não, não, Atanásio,

nunca nos separaremos.

Atanásio abraçou-se à mãe com o ardor de um agonizante que se agarra à vida.

— Eu o quero, entretanto. Sem isso, tu me perderás. Esse sofrimento duplo, o teu e o meu, me mataria. É preferível que eu viva, não é?

A sra. Granson olhou para o filho com uma expressão alucinada.

— É isso então o que andas planejando! Bem me disseram. Assim, vais partir!

— Sim.

— Não partirás sem me dizer tudo, sem me prevenir. Precisas de um enxoval, de dinheiro. Tenho moedas de ouro cosidas na minha saia de baixo; quero te dar todas elas.

Atanásio chorou.

— É só o que eu queria te dizer — concluiu ele. — Agora, vou levar-te à casa do Presidente. Vamos...

Saíram. Atanásio deixou a mãe no limiar de entrada da casa onde ia passar o serão. Olhou muito tempo a luz que se escoava pelos intervalos das venezianas; colou-se a elas e sentiu a mais frenética das alegrias quando, ao fim de um quarto de hora, escutou a mãe dizer:

— *Grande independência de coração!*

— Pobre mãe! Eu te enganei! — exclamou então, encaminhando-se para as margens do Sarthe.

Chegou diante do belo olmeiro sob o qual meditara tanto durante quarenta dias, e até onde levara duas pedras para se sentar. Contemplou essa formosa natureza então iluminada pela lua; reviu em algumas horas todo o seu futuro de glória: passou pelas cidades emocionadas ao seu nome; ouviu os aplausos da multidão; respirou o incenso das festas; adorou toda a sua vida sonhada; lançou-se radioso em radiosos triunfos; ergueu sua própria estátua; evocou todas as suas ilusões para lhes dizer adeus num último banquete olímpico. Essa magia fora possível durante um momento, mas, agora, para sempre se dissipara. Nesse momento supremo, enlaçou sua bela árvore, a que se prendera como a um amigo; depois colocou as duas pedras, uma em cada bolso da sobrecasaca, que abotoou. Saíra propositalmente sem chapéu. Reconheceu o lugar profundo que escolhera há muito tempo;

deixou-se escorregar resolutamente, evitando fazer barulho; e fez muito pouco. Quando, às nove e meia, aproximadamente, a sra. Granson voltou para casa, a criada não lhe falou em Atanásio, entregou-lhe uma carta; a sra. Granson abriu-a e leu essas poucas palavras: *“Minha boa mãe, vou partir, não me queira mal!”*.

— Bonita coisa fez ele, aí! — exclamou a sra. Granson. — E a roupa, e o dinheiro! Ele me escreverá, e irei ter com ele. Esses pobres filhos sempre se julgam mais espertos do que o pai e a mãe.

E foi se deitar tranquila.

O Sarthe tivera no dia anterior uma cheia prevista pelos pescadores. Essas cheias de águas turvas trazem enguias arrastadas dos rios. Ora, um pescador tinha estendido suas redes no lugar em que o pobre Atanásio se jogara, acreditando que nunca o encontrariam. Pelas seis horas da manhã, o pescador puxou esse jovem corpo. As duas ou três amigas que a pobre viúva possuía empregaram mil precauções, preparando-a para receber esse horrível despojo. Como facilmente se imagina, a notícia desse suicídio teve grande repercussão em Alençon. Na véspera, o pobre homem de gênio não contava com um único protetor; no dia seguinte ao da sua morte, mil vozes exclamavam:

— Eu o teria ajudado!

É tão cômodo a gente se fazer passar por caridosa, grátis! Esse suicídio foi explicado pelo cavaleiro de Valois. Com espírito de vingança, o fidalgo contou o ingênuo, sincero, belo amor de Atanásio pela srta. Cormon. Esclarecida pelo cavaleiro, a sra. Granson recordou mil pequenas circunstâncias, e confirmou-lhe as palavras. A história se tornou tocante; algumas mulheres choraram. A dor concentrada e muda da sra. Granson foi pouco compreendida. Há, para as mães de luto, duas espécies de dor. Muitas vezes, o mundo conhece o segredo da perda que sofreram; o filho, apreciado, admirado, jovem ou belo, na estrada larga e a caminho da fortuna, ou já glorioso, provoca o pesar universal: o mundo se associa ao luto, e o atenua engrandecendo-o. Mas há a dor das mães, que são as únicas a saber que homem era o seu filho; as únicas que receberam os sorrisos; as únicas que observaram os tesouros dessa vida tão cedo cortada; essa dor esconde os seus crepes fúnebres, cuja cor faz empalidecer a dos outros lutos, mas não se pode

descrever, e, felizmente, são poucas as mulheres que sabem qual a corda do coração que foi, para sempre, arrancada. Antes de a sra. Du Bousquier voltar à cidade, a presidenta Ronceret, uma de suas melhores amigas, já tinha ido lançar esse cadáver sobre as rosas de sua alegria, contar-lhe a que amor se tinha recusado; derramou-lhe devagarinho algumas gotas de absinto no mel de seu primeiro mês de casamento. De volta a Alençon, a sra. Du Bousquier encontrou por acaso a sra. Granson na esquina do Val-Noble. O olhar da mãe morrendo de desgosto atingiu a outra no coração. Esse olhar continha, ao mesmo tempo, mil maldições numa só, mil chispas num único raio. A sra. Du Bousquier sentiu-se apavorada; esse olhar lhe pressagiara, lhe desejara a desgraça.

Na própria noite da catástrofe, a sra. Granson, uma das pessoas mais contrárias ao cura da cidade, e que apoiava o vigário de Saint-Léonard, estremeceu pensando na inflexibilidade das doutrinas católicas professadas pelo seu partido. Após ter posto, ela em pessoa, o filho numa mortalha, como o fizera a mãe do Salvador, a sra. Granson dirigiu-se, com a alma agitada por uma terrível angústia, à casa do juramentado. Encontrou o modesto sacerdote ocupado em armazenar o cânhamo e o linho que dava para fiar a todas as mulheres, a todas as moças pobres da cidade, a fim de que o trabalho nunca faltasse às operárias, caridade bem compreendida que salvou mais de um casal, incapaz de mendigar. O padre deixou o cânhamo e apressou-se em levar a sra. Granson para a sala onde a mãe dolorosa reconheceu, na ceia posta, a frugalidade de seu próprio lar.

— Senhor padre, venho suplicar-lhe...

Desfez-se em lágrimas, sem poder terminar.

— Já sei o que a traz aqui — respondeu o santo homem —, mas eu confio na senhora, e em sua parenta, a sra. Du Bousquier, para acalmar o monsenhor em Sééz. Sim, rezarei pelo seu desgraçado filho; sim, direi missas por ele; mas evitemos o escândalo e não permitamos que os maus desta cidade se reúnam na igreja... Eu sozinho, sem clero durante a noite...

— Sim, sim, como o senhor quiser, contanto que ele fique em terra santa — disse a pobre mãe, pegando a mão do padre e beijando-a.

Aproximadamente à meia-noite, um caixão foi clandestinamente levado à paróquia por quatro rapazes, camaradas prediletos de Atanásio. Ali estavam algumas amigas da sra. Granson, grupo de mulheres enlutadas e veladas; e mais, ainda, os sete ou oito moços que tinham recebido algumas confidências desse talento que se extinguiu. Quatro tochas iluminavam o caixão coberto de crepe. O cura, servido por um sacristão discreto, rezou a missa fúnebre. Depois, o suicida foi conduzido sem barulho para um canto do cemitério, onde uma cruz de madeira enegrecida, sem inscrição, serviu para indicar à mãe o seu lugar. Atanásio viveu e morreu nas trevas. Nenhuma voz acusou o cura; o bispo guardou silêncio. A piedade da mãe redimiu a impiedade do filho.

Alguns meses mais tarde, uma noite, a pobre mulher, insensata de dor, por uma dessas sedes inexplicáveis que os infelizes têm de mergulhar os lábios no seu cálice amargo, quis ver o lugar onde o filho se afogara. Seu instinto talvez lhe dissesse que havia pensamentos para recolher debaixo do olmeiro; talvez, também, desejasse ver as coisas que o filho tinha visto pela última vez. Há mães que morreriam desse espetáculo; outras que a ele se entregam com uma santa adoração. Os pacientes anatomistas da natureza humana nunca repetiriam demais as verdades contra as quais devem esboroar-se as educações, as leis e os sistemas filosóficos. Digamos isso muitas vezes: é absurdo querer encaixar os sentimentos em fórmulas idênticas; produzindo-se em cada homem, eles combinam com os elementos que lhe são próprios e tomam sua fisionomia particular.

A sra. Granson viu de longe aproximar-se uma mulher, que exclamou:

— Foi, então, aqui!

Uma única pessoa chorou naquele lugar, como ali chorava a mãe. Essa criatura era Susana. Chegando de manhã ao Auberge du More, tinha sabido da catástrofe.

Se o pobre Atanásio estivesse vivo, ela poderia ter feito aquilo que as pessoas nobres, sem dinheiro, sonham fazer, e que nunca ocorreria a um rico; teria enviado alguns mil francos, escrevendo no envelope: *Dinheiro devido a seu pai por um companheiro que o restitui*. Essa

astúcia angelical tinha sido inventada por Susana durante a viagem.

A cortesã avistou a sra. Granson, e afastou-se precipitadamente, depois de lhe dizer:

— *Eu o amava!*

Fiel à sua natureza, Susana não deixou Alençon sem transformar em flores de nenúfar as flores de laranjeira que coroavam a recém-casada. Foi a primeira a declarar que a sra. Du Bousquier nunca seria senão a srta. Cormon. De um só golpe de língua vingou ao mesmo tempo Atanásio e o querido cavaleiro de Valois.

Alençon foi testemunha de um suicídio contínuo muito mais entristecedor que o de Atanásio. Este foi prontamente esquecido pela sociedade, que quer e deve olvidar prontamente os seus mortos. O pobre cavaleiro de Valois morreu em vida, suicidou-se cada manhã durante catorze anos. Três meses depois do casamento de Du Bousquier, a sociedade notou, não sem espanto, que as camisas do cavaleiro estavam ficando ruças e que seus cabelos não eram penteados com regularidade. Desgrenhado, o cavaleiro de Valois não existia mais! Alguns dentes de marfim desertaram, sem que os observadores do coração humano pudessem descobrir o corpo a que tinham pertencido, se eram da legião estrangeira ou indígenas, vegetais ou animais, se fora a idade que os arrancara ao cavaleiro ou se tinham sido esquecidos dentro de alguma gaveta. A gravata enrolou, torceu-se, indiferente à elegância. As cabeças de negro empalideceram sob a sujeira. As rugas do rosto preguearam, enegreceram e a pele ficou parecendo um pergaminho. As unhas incultas orlavam-se às vezes de uma beirada de veludo preto. O colete mostrava-se sulcado por espirros de rapé, esquecidos, que se espalharam como folhas do outono. Só raramente eram renovados os algodões dos ouvidos. A tristeza instalou-se em sua fronte e escorreu seus tons amarelados no fundo das rugas. Enfim, as ruínas tão sabiamente reprimidas fenderam esse belo edifício e provaram quanto é grande o poder da alma sobre o corpo: pois que o homem louro, o cavaleiro, o jovem herói morreu quando a esperança falhou. Até então, o nariz do cavaleiro sempre se produzira sob formas graciosas; nunca havia deixado cair nem úmidas pastilhas negras nem gotas de âmbar; mas o nariz do cavaleiro, besuntado de rapé que

desbordava das narinas, e desonrado pelos espirros que se aproveitavam da goteira situada no meio do lábio superior; esse nariz, que já não se preocupava em parecer amável, revelou os enormes cuidados que o cavaleiro tomava outrora com sua pessoa, e fez compreender, por sua extensão, a grandeza, a persistência dos planos desse homem relativos à srta. Cormon. O cavaleiro se viu esmagado por um trocadilho de Du Coudrai, a quem, aliás, fez destituir. Foi essa a primeira vingança executada pelo benigno cavaleiro; mas o trocadilho era assassino e ultrapassava todos os que já cometera o conservador das hipotecas. O sr. du Coudrai, observando essa revolução nasal, deu ao cavaleiro o nome de *Nérestan*.^[518]

Dentro em pouco, as anedotas imitaram os dentes; depois as frases de espírito se tornaram raras; o apetite, porém, sustentou-se; o fidalgo salvou somente o estômago nesse naufrágio de todas as suas esperanças; preparava com descaso as pitadas de rapé, mas era com entusiasmo que ainda comia. O leitor adivinhará o desastre que esse acontecimento provocou nas ideias do cavaleiro, quando souber que já não tinha conversas tão frequentes com a princesa Goritza. Um dia, chegou a aparecer em casa da srta. Armanda levando na parte dianteira da tibia o enchimento postiço com que costumava engrossar a barriga da perna. Essa bancarrota de graças foi horrível, juro; e impressionou Alençon inteira. O quase rapaz transformado em velho de repente, essa personagem que, sob o acabrunhamento da alma, passara dos cinquenta aos noventa anos, amedrontou a sociedade. Mais tarde, ele confessou o segredo: esperara, espreitara a srta. Cormon; caçador paciente, preparara o tiro durante dez anos, e deixara escapar a presa! Enfim, a República impotente derrotara a valente Aristocracia, e em plena Restauração. A forma triunfara do fundo, o espírito fora vencido pela matéria, a diplomacia, pela insurreição. Última desgraça! Uma *grisette* despeitada revelou o segredo das manhãs do cavaleiro, que, desde então, passou por um libertino. Os Liberais lhe atribuíram as crianças enjeitadas de Du Bousquier, e o Faubourg Saint-Germain de Alençon aceitou-as com muito orgulho; riu e perguntou: “Esse bom cavaleiro! Que queriam vocês que ele fizesse?”. Lamentou o cavaleiro, acolheu-o no seio, reanimou seus sorrisos, e um ódio terrível se

acumulou sobre a cabeça de Du Bousquier. Onze pessoas passaram para o partido dos D'Esgrignon e abandonaram o salão Cormon.

O principal efeito desse casamento foi o de desenhar os partidos em Alençon. A casa D'Esgrignon representou a alta aristocracia, porque os Troisville, de regresso, dela fizeram parte. A casa Cormon, sob a hábil influência de Du Bousquier, constituía essa opinião fatal que, sem ser verdadeiramente liberal nem resolutamente monarquista, gerou os 221[519] no dia em que se definiu a luta entre o mais augusto, o maior, o único poder verdadeiro, a *Realeza*, e o mais falso, o mais inconstante, o mais opressivo dos poderes, o poder chamado *parlamentar*, exercido pelas assembleias eletivas. O salão Du Ronceret, secretamente aliado ao salão Cormon, foi ousadamente liberal.

Na sua volta do Prébaudet, o padre Sponde passou por sofrimentos cruéis, que recalcou no fundo da alma e silenciou diante da sobrinha. Mas com a srta. Armanda ele se abriu, confessando-lhe que, loucura por loucura, teria preferido o cavaleiro de Valois ao sr. Du Bousquier. Nunca o estimado cavaleiro teria o mau gosto de contrariar um pobre velho que já não contava senão com alguns dias de vida. Du Bousquier destruíra tudo dentro de casa. Com lágrimas rolando de seus olhos apagados, o padre contou à srta. Armanda:

— Senhorita, não tenho mais a coberta sob a qual passei durante cinquenta anos! Minhas tília bem-amadas foram postas abaixo! No momento de minha morte, a República ainda me aparece sob a forma de uma horrível confusão a domicílio!

— É preciso perdoar a sua sobrinha — disse o cavaleiro de Valois. — As ideias republicanas são o primeiro erro da juventude que busca a liberdade, mas que encontra o mais horrível dos despotismos, o da canalha impotente. Sua pobre sobrinha não foi castigada por onde pecou.

— Que vai ser de mim numa casa onde dançam mulheres nuas pintadas nas paredes? Onde encontrarei novamente as tília a cuja sombra eu lia meu breviário?!

Como Kant, que não soube coordenar seus pensamentos quando derrubaram o pinheiro que costumava contemplar durante suas meditações, assim também o bom padre não pôde alcançar o mesmo

impulso em suas orações ao caminhar através das aleias sem sombra. Du Bousquier tinha mandado plantar um jardim inglês!

— Ficou melhor — dizia a sra. Du Bousquier sem o pensar, mas o padre Couturier autorizara-a a cometer muitas coisas para agradar ao marido.

Essa restauração tirou todo o brilho, a singeleza, o ar patriarcal da velha casa. Semelhante ao cavaleiro de Valois, cujo descuido podia passar por uma abdicação, da mesma forma a majestade burguesa do salão dos Cormon deixou de existir quando ele se tornou branco e dourado, mobiliado de otomanas de acaju e forrado de seda azul. A sala de jantar, com decorações modernas, fez com que os pratos não parecessem tão quentes e com que não se comesse tão bem como outrora. O sr. du Coudrai disse que sentia os trocadilhos presos na garganta pelas figuras pintadas nas paredes, que o fitavam em cheio nos olhos. No exterior, a província ainda se revelava; mas o interior da casa acusava o fornecedor do Diretório. Era todo o mau gosto de um agente de câmbio: colunas de estuque, portas de espelho, perfis gregos, molduras secas, todos os estilos misturados, uma ostentação fora de propósito. A cidade de Alençon criticou durante oito dias esse luxo que parecia incrível; porém, alguns meses depois, orgulhou-se dele, e vários fabricantes ricos renovaram o mobiliário e arrumaram belos salões. Os móveis modernos começaram a aparecer na cidade. Até lâmpadas astrais[520] foram vistas!

O padre Sponde foi um dos primeiros a penetrar nas infelicidades secretas que esse casamento devia trazer para a vida íntima de sua bem-amada sobrinha. O caráter de simplicidade nobre que governava a existência de ambos desde o primeiro inverno se perdeu, pois Du Bousquier, durante toda essa estação, deu dois bailes por mês. Ouvir os violinos e a música profana das festas mundanas nessa casa tão santa! O padre rezava, de joelhos, enquanto durava essa alegria! Depois, o sistema político desse grave salão foi aos poucos se pervertendo. O vigário-geral adivinhou Du Bousquier; estremeceu ao som de sua voz imperiosa; percebeu algumas lágrimas nos olhos da sobrinha quando ela perdeu o governo de sua fortuna e que o marido lhe deixou somente a administração da rouparia, da mesa e das coisas que formam o lote

comum das mulheres. Rosa não teve mais ordens para dar. A vontade do patrão era a única a que obedeciam Jacquelin, tornado exclusivamente cocheiro, Renato, o criado, e um cozinheiro-chefe vindo de Paris, porque Marieta não foi mais do que ajudante de cozinha. A sra. Du Bousquier só tinha agora Josette em quem mandar. Quem não sabe o quanto custa renunciar aos hábitos deliciosos do poder? Se o triunfo da vontade é um dos prazeres embriagadores da vida dos grandes homens, ele constitui a vida toda para os entes limitados. É preciso ter sido ministro e caído em desgraça para conhecer a dor amarga que torturou a sra. Du Bousquier, quando se viu reduzida ao mais completo hilotismo. Subia muitas vezes no carro contra a vontade, visitava pessoas que não lhe convinham, não tinha mais o manejo de seu querido dinheiro, ela que já tivera a liberdade de gastar o que quisesse e que, então, não gastava nada. Todo limite imposto não inspira o desejo de passar além? Os mais vivos sofrimentos não vêm sempre do livre-arbítrio contrariado? Esses começos foram rosas. Cada concessão feita à autoridade marital fora então aconselhada pelo amor que a pobre criatura sentia pelo esposo. Du Bousquier, a princípio, portou-se admiravelmente com a mulher; foi excelente, apresentou-lhe razões aceitáveis para cada nova usurpação. Aquele quarto, há tanto tempo deserto, ouviu à noite a voz do casal sentado ao canto da lareira. Assim, durante os dois primeiros anos de seu casamento, a sra. Du Bousquier se mostrou muito satisfeita. Tinha esse arzinho deliberado, esperto, que distingue as esposas recentes, depois de um casamento por amor. O sangue não a atormentava mais. Essa atitude derrotou os zombeteiros, desmentiu os boatos que circulavam a respeito de Du Bousquier e desconcertou os observadores do coração humano. Rosa-Maria-Vitória temia tanto, desagradando ao esposo, desafiando-o, perder-lhe o afeto e ser privada de sua companhia que lhe teria sacrificado tudo, mesmo o tio. As pequenas alegrias tolas da sra. Du Bousquier enganaram o pobre padre Sponde, que suportou melhor seus sofrimentos pessoais, imaginando que a sobrinha fosse feliz. A princípio, Alençon também pensou assim. Mas havia um homem mais difícil de enganar do que a cidade inteira! O cavaleiro de Valois, refugiado no monte sagrado da alta aristocracia,

passava a vida em casa dos D'Esgrignon; escutava as maledicências e as tagarelices, e pensava noite e dia na maneira de não morrer sem vingança. Já tinha derrubado o homem dos trocadilhos; queria, agora, atingir Du Bousquier no coração. O pobre padre compreendeu as covardias do primeiro e último amor de sua sobrinha; apavorou-se ao adivinhar a natureza hipócrita do sobrinho, e suas pérfidas manobras. Embora Du Bousquier se dominasse, pensando na herança do tio, e não quisesse causar-lhe nenhum desgosto, armou-lhe um último golpe, que o levou ao túmulo. Se o leitor quiser explicar a palavra *intolerância* pela expressão *firmeza de princípios*, se não quiser condenar na alma católica do antigo vigário-geral o estoicismo que Walter Scott nos faz admirar na alma puritana do pai de Jeanie Deans,[\[521\]](#) se quiser reconhecer na Igreja romana o *potius mori quam foedari*[\[522\]](#) que louvamos na opinião republicana, compreenderá, então, a dor que se apoderou do grande padre Sponde quando viu, no salão do sobrinho, o padre apóstata, renegado, relapso, herético, o inimigo da Igreja, o cura culpado de juramento constitucional. Du Bousquier, cuja ambição secreta era dominar o país, quis, para primeiro penhor de seu poder, reconciliar o vigário de Saint-Léonard com o cura da paróquia, e conseguiu seus fins. Sua mulher julgou realizar obra de paz, onde, para o incomutável abade, havia apenas traição. O sr. Sponde se viu sozinho em sua fé. O bispo foi à casa de Du Bousquier e pareceu satisfeito com a cessação das hostilidades. As virtudes do padre Francisco tinham vencido tudo, exceto o católico romano capaz de exclamar com Corneille:

“Quanta virtude, ó Deus, vós me fazeis odiar!”[\[523\]](#)

O padre morreu quando expirou a Ortodoxia na diocese.

Em 1819, a sucessão do padre Sponde aumentou as rendas territoriais da sra. Du Bousquier para vinte e cinco mil libras, sem contar nem o Prébaudet nem a casa do Val-Noble. Foi por esse tempo que Du Bousquier restituiu à mulher o capital das economias que ela lhe entregara, e fez com que o empregasse na compra das terras contíguas ao Prébaudet, tornando esse domínio, assim, um dos mais consideráveis do departamento, pois as terras pertencentes ao padre Sponde limitavam com as do Prébaudet. Ninguém conhecia a fortuna

peçoal de Du Bousquier, pois ele empregara os capitais no banco dos Keller,[524] em Paris, cidade aonde ia quatro vezes por ano. Mas, nessa época, era considerado o homem mais rico do departamento do Orne. Esse homem hábil, eterno candidato dos Liberais, ao qual sempre faltaram sete ou oito votos em todas as batalhas eleitorais travadas sob a Restauração, repudiava ostensivamente os Liberais, desejando eleger-se como monarquista ministerial, sem jamais conseguir vencer as repugnâncias da administração, apesar dos socorros da Congregaço[525] e da Magistratura, esse republicano odiento, devorado de ambição, resolveu lutar ao lado da monarquia e da aristocracia, no momento em que ambas triunfavam. Apoiou-se no sacerdócio pelas enganadoras aparências de uma piedade bem simulada: acompanhou a mulher à missa, deu dinheiro para os conventos da cidade, sustentou a Congregaço do Sagrado Coração, pronunciou-se a favor do clero em todas as ocasiões em que o clero combateu a cidade, o departamento ou o Estado. Sustentado secretamente pelos Liberais, protegido pela Igreja, permanecendo monarquista constitucional, costeu sem cessar a aristocracia do departamento a fim de arruiná-la, e arruinou-a. Atento aos erros cometidos pelas sumidades nobiliárias e pelo governo, realizou, com o auxílio da burguesia, todos os melhoramentos que a Nobreza, o Pariato e o Ministério deveriam inspirar, dirigir, e que no entanto entravavam, em consequência das ciuadas tolas dos poderes na França. A opinião constitucional foi vitoriosa no caso do cura, na construção do teatro, em todas as questões de engrandecimento pressentidas por Du Bousquier, que as fazia propor pelo partido liberal, ao qual aderiu no mais aceso dos debates, invocando o bem do país. Du Bousquier industrializou o departamento. Acelerou a prosperidade da província, para ódio das famílias localizadas na estrada da Bretanha. Preparava, assim, sua vingança contra a gente dos castelos, e sobretudo contra os D'Esgrignon, no seio dos quais, um dia, esteve na iminência de enfiar um punhal envenenado. Forneceu capitais para o alevantamento das manufaturas de rendas de Alençon; reavivou o comércio dos linhos; a cidade teve a sua fiação. Inscrevendo-se, assim, em todos os interesses e no coração da massa, fazendo o que a Realeza não fazia, Du

Bousquier não arriscava um vintém. Sustentado por sua fortuna, podia esperar as realizações que muitas vezes as pessoas empreendedoras, mas de poucos meios, são forçadas a abandonar em mãos de sucessores mais felizes. Tomou atitudes de banqueiro. Esse Laffitte[526] em ponto menor comanditava todas as invenções novas, tomando suas precauções. Fazia bons negócios fazendo o bem do povo; era o motor dos Seguros, o protetor das novas empresas de carros públicos; sugeria requerimentos para pedir à administração as estradas e as pontes necessárias.

Assim prevenido, o governo via uma usurpação de sua autoridade. Inabilmente as lutas se travavam, porque o bem da região exigia que a Prefeitura cedesse. Du Bousquier irritava a nobreza da província contra a nobreza da Corte e o pariato. Enfim, foi ele quem preparou a pavorosa adesão de uma grande parte do monarquismo constitucional à luta sustentada pelo *Journal des Débats* e o sr. de Chateaubriand contra o trono, oposição ingrata baseada em interesses indignos, e que foi uma das causas do triunfo da burguesia e do jornalismo em 1830. Portanto, Du Bousquier, como as pessoas que representava, teve a felicidade de ver passar o enterro da Realeza, sem o acompanhamento de nenhuma simpatia da província, desafeiçoada pelos milhares de causas que ainda não foram completamente enumeradas aqui. O velho republicano, carregado de missas, tendo representado durante quinze anos uma comédia a fim de satisfazer sua *vendeta*, foi quem derrubou, em pessoa, a bandeira branca[527] da Prefeitura, sob os aplausos do povo. Nenhum outro homem, em França, lançou sobre o novo trono erguido em agosto de 1830 um olhar mais embriagado de alegre vingança. Para ele, a ascensão ao trono do ramo mais moço era o triunfo da Revolução. Para ele, o triunfo da bandeira tricolor era a ressurreição da Montanha,[528] que, dessa vez, iria abater os fidalgos por processos mais seguros que o da guilhotina, por isso que sua ação seria menos violenta. O pariato sem hereditariedade, a Guarda Nacional que junta no mesmo campo o merceeiro da esquina e o marquês, a abolição dos morgadios, solicitada por um burguês-advogado, a Igreja católica privada de sua supremacia, todas as invenções legislativas de agosto de 1830 foram, para Du Bousquier, a

mais sábia aplicação dos princípios de 1793. Desde 1830, esse homem é recebedor-geral. Para chegar ao cargo, apoiou-se em suas relações com o duque de Orléans,[529] pai do rei Luís Felipe, e com o sr. de Folmon, antigo intendente da velha duquesa viúva de Orléans. Deram-lhe oitenta mil libras de rendas. Aos olhos de sua cidade, o sr. Du Bousquier é um homem de bem, um homem respeitável, invariável em seus princípios, íntegro, serviçal. Alençon lhe deve sua associação ao movimento industrial que a torna o primeiro elo pelo qual a Bretanha se prenderá talvez, um dia, a isso que se chama civilização moderna.

Alençon, que não possuía, em 1816, dois carros particulares, viu, em dez anos, rolar em suas ruas caleças, cupês, landôs, cabriolés e tîlburis, sem nenhum espanto. A princípio amedrontados de ver os preços das coisas aumentando, os proprietários e burgueses reconheceram, mais tarde, que esse aumento tinha influência financeira sobre seus rendimentos. As palavras proféticas do presidente Ronceret: “Du Bousquier é um homem muito forte!” foram adotadas pela região.

Mas, infelizmente, para a mulher de Du Bousquier essa definição foi um horrível contrassenso. O marido em nada se parecia com o homem público e político. Esse grande cidadão, tão liberal fora de casa, tão indulgente, animado de tanto amor pelo país, no lar era despótico e perfeitamente desprovido de amor conjugal. Esse homem, tão profundamente astuto, hipócrita, ardiloso, esse Cromwell[530] do Val-Noble, comportava-se, em família, como se comportava junto à aristocracia, a quem acariciava para degolar. Como seu amigo Bernadotte, calçou com luva de veludo a mão de ferro. A mulher não lhe deu filhos. Acharam-se, assim, justificadas a acusação de Susana e as insinuações do cavaleiro de Valois. Mas a burguesia liberal, a burguesia monarquista-constitucional, os fidalgotes de província, a magistratura e o partido-padre, como dizia o *Constitutionnel*, puseram a culpa na sra. Du Bousquier. Quando Du Bousquier a desposara, já era tão velha!, alegavam. Aliás, que felicidade para a pobre mulher, pois em sua idade era muito perigoso dar à luz! Se a sra. Du Bousquier confiava, chorando, seus desesperos periódicos à sra. du Coudrai, à sra. du Ronceret, ambas lhe diziam:

— Mas você é louca, minha cara, você nem sabe o que está

querendo, um filho seria a sua morte!

Além disso, vários homens que punham as esperanças no triunfo de Du Bousquier faziam cantar seus louvores pelas esposas. A velhota era assassinada por essas frases cruéis.

— Você teve muita sorte, minha cara, de casar com um homem capaz; você evitará as desgraças das mulheres que se casaram com pessoas sem energia, incapazes de dirigir suas fortunas, de guiar seus filhos.

— Seu marido fez de você a rainha do lugar, minha beleza. Ah! Esse nunca há de deixá-la em situação difícil! É ele quem manda em Alençon.

— Mas eu gostaria — dizia a pobre mulher — que ele não se importasse tanto com o público e que...

— A senhora é muito exigente, minha cara sra. Du Bousquier, todas as mulheres invejam seu marido.

Mal julgada pela sociedade, que começara por não lhe dar razão, a cristã encontrou em seu interior um vasto campo onde desdobrar suas virtudes. Viveu em lágrimas sem cessar de oferecer ao mundo um rosto plácido. Para uma alma piedosa, não era um crime esse pensamento que lhe bicava sempre o coração? “Eu amava o cavaleiro de Valois, e sou a mulher de Du Bousquier!” Também o amor de Atanásio se erguia diante dela sob a forma de um remorso que a perseguia nos sonhos. A morte do tio, consumido pelos desgostos, tornou seu futuro ainda mais doloroso, porque ela pensou sempre nos sofrimentos que o velho deveria ter sentido ao verificar a mudança das doutrinas políticas e religiosas na casa Cormon. Às vezes a infelicidade cai com a rapidez do raio, como acontecera à sra. Granson; mas, quanto à solteirona, ela se espalhou como uma gota de óleo que não deixa o pano senão depois de o haver lentamente embebido.

O cavaleiro de Valois foi o malicioso artesão do infortúnio da sra. Du Bousquier. Tomou a peito enganar sua religião iludida; pois o cavaleiro, tão entendido em amor, adivinhou Du Bousquier casado como já adivinhara Du Bousquier solteiro. Mas era difícil surpreender o profundo republicano: seu salão estava naturalmente fechado ao cavaleiro de Valois, assim como a todos os que, nos primeiros dias de

seu casamento, haviam renegado a casa Cormon. Era, além disso, superior ao ridículo, possuía uma fortuna imensa, reinava em Alençon, e importava-se tanto com a mulher quanto Ricardo III se teria importado de ver estourar o cavalo com o auxílio do qual tivesse ganho uma batalha. Para agradar ao marido, a sra. Du Bousquier tinha rompido com a casa D'Esgrignon, aonde não ia mais; quando, porém, o marido a deixava sozinha durante suas estadas em Paris, ela fazia, então, uma visita à srta. Armanda. Ora, dois anos após seu casamento, precisamente por ocasião da morte do padre Sponde, a srta. Armanda chegou-se à sra. Du Bousquier, à saída de Saint-Léonard, onde ambas tinham assistido a uma missa negra rezada por alma do padre. A generosa criatura julgou que nessas circunstâncias devia consolações à herdeira em lágrimas. Foram juntas, conversando sobre o querido morto, de Saint-Léonard ao Passeio, e, do Passeio, atingiram o palacete proibido, para onde a srta. Armanda arrastou a sra. Du Bousquier pelo encanto de sua conversa. A pobre mulher desesperada talvez estivesse gostando de falar sobre o tio com uma pessoa de quem seu tio gostava tanto. E queria, também, receber os cumprimentos do velho marquês, que há três anos não via. Era uma e meia da tarde; encontrou lá o cavaleiro de Valois, vindo para jantar, e que, cumprimentando-a, lhe tomou as mãos.

— E então, querida, virtuosa e muito prezada senhora — disse-lhe com voz comovida —, *nós* perdemos nosso santo amigo; compartilhamos a sua dor; sim, sua perda é também nossa, e tão sentida aqui quanto em sua casa... mais ainda — acrescentou, fazendo alusão a Du Bousquier.

Depois de algumas palavras de oração fúnebre, em que cada um apresentou sua frase, o cavaleiro tomou galantemente o braço da sra. Du Bousquier e passou-o debaixo do seu, apertando-o com adoração. Levou-a, assim, para o vão de uma janela.

— É feliz, ao menos? — perguntou com expressão paternal.

— Sim — disse ela, baixando os olhos.

Ouvindo esse *sim*, a sra. de Troisville, filha da princesa Scherbellof, e a velha marquesa de Castéran foram juntar-se ao cavaleiro, acompanhadas pela srta. Armanda. Todos foram passear no jardim

esperando a hora do jantar, sem que a sra. Du Bousquier, imbecilizada pelo sofrimento, percebesse que as senhoras e o cavaleiro armavam uma pequena conspiração de curiosidade. “Já que a temos entre as mãos, procuremos descobrir a solução da charada”, era a frase escrita nos olhares que essas pessoas trocavam.

— Para que sua felicidade fosse completa — disse a srta. Armanda — a senhora deveria ter filhos, um menino bonito como meu sobrinho...

Uma lágrima rolou dos olhos da sra. Du Bousquier.

— Ouvi dizer que a senhora era a única culpada nesse caso, que tem medo de uma gravidez — declarou o cavaleiro.

— Eu?! — espantou-se ela, ingenuamente. — Eu compraria um filho por cem anos de inferno!

A questão assim colocada, estabeleceu-se uma discussão, conduzida com excessiva delicadeza pela sra. viscondessa de Troisville e a velha marquesa de Castéran. Ambas enrodilharam tão bem a pobre criatura que ela lhes livrou, sem desconfiar, os segredos de sua intimidade conjugal. A srta. Armanda tomara o braço do cavaleiro, afastando-se com ele, a fim de deixar as três mulheres conversando sobre o casamento. A sra. Du Bousquier foi então informada a respeito de mil decepções de seu casamento; e, como continuava *tolinha*, divertiu suas confidentes por deliciosas ingenuidades. Embora no primeiro momento o falso matrimônio da srta. Cormon fizesse rir a cidade inteira, em breve iniciada quanto às manobras de Du Bousquier, a sra. Du Bousquier, entretanto, ganhou a estima e a simpatia de todas as mulheres. Enquanto a srta. Cormon perseguira o casamento sem conseguir casar-se, todos caçoavam dela; mas, quando souberam da situação excepcional em que a colocava a severidade de seus princípios religiosos, todos a admiraram. *Essa pobre sra. Du Bousquier substituiu Essa boa srta. Cormon.* Assim, durante algum tempo, o cavaleiro de Valois conseguiu tornar Du Bousquier ridículo e odioso, mas o ridículo acabou por esmorecer; e, quando cada qual acabou de fazer seu comentário a respeito, a maledicência cessou. Afinal, muita gente era de opinião que, aos cinquenta e sete anos, o mundo republicano tinha direito à aposentadoria. Essa circunstância envenenou o ódio que Du Bousquier sentia pela casa D’Esgrignon a um

tal ponto que ela o tornou impiedoso no dia da vingança. A sra. Du Bousquier recebeu a ordem de nunca pôr os pés naquela casa. Em represália à peça que lhe pregara o cavaleiro de Valois, Du Bousquier, que acabava de criar o “Correio do Orne”, fez inserir o seguinte anúncio:

“Será concedida uma inscrição de mil francos de rendimentos à pessoa que puder demonstrar a existência de um certo sr. de Pombreton, antes, durante ou depois da Emigração”.

Embora seu casamento fosse essencialmente negativo, a sra. Du Bousquier sempre lhe descobriu algumas vantagens: não era, em todo caso, preferível interessar-se pelo homem mais notável da cidade a viver sozinha? Du Bousquier era certamente melhor do que os cachorros, os gatos, os canários que os celibatários adoram, porque ele, ao menos, sempre tinha pela mulher um sentimento mais real e desinteressado do que o das criadas, dos confessores e dos captadores de heranças. Mais tarde, ela viu no marido o instrumento da cólera celeste, pois reconheceu pecados inúmeros em todos os seus desejos de casamento; considerou-se justamente castigada pelas desgraças que causara à sra. Granson e pela morte antecipada do tio. Obediente a essa religião que ordena sejam beijadas as varas da flagelação, ela gabava o marido, aprovando-o publicamente; mas, no confessionário ou à noite, em suas orações, ela chorava frequentemente, pedindo perdão a Deus pelas apostasias do marido, que pensava o contrário do que dizia, que desejava a morte da aristocracia e da Igreja, essas duas religiões da casa Cormon. Achando em si mesma todos os seus sentimentos melindrados e imolados, mas forçada pelo dever a fazer a felicidade do esposo, a não prejudicá-lo em nada, e presa a ele por uma indefinível afeição, oriunda, talvez, do hábito, sua vida era um perpétuo contrassenso. Casara-se com um homem cuja conduta e opiniões odiava, mas de que devia ocupar-se com uma ternura obrigatória. Sentia-se muitas vezes no céu, quando Du Bousquier comia suas compotas, quando ele achava o jantar gostoso; velava para que seus menores desejos fossem satisfeitos. Se ele esquecia o envoltório do jornal em cima da mesa, em vez de jogá-lo fora, a sra. Du

Bousquier dizia:

— Renato, deixe isso, não foi à toa que o patrão o deixou aí.

Quando Du Bousquier partia para uma viagem, ela cuidava do capote, da roupa branca; tomava as mais minuciosas precauções para atender à sua felicidade material. Quando ele ia para o Prébaudet, ficava consultando o barômetro desde a véspera para saber se o tempo estaria bom. Espreitava suas vontades em seu olhar, à maneira de um cachorro que, mesmo dormindo, vê e ouve seu dono. Se o gordo Du Bousquier, vencido por esse amor tão ordeiro, segurava-lhe a cintura, beijava-lhe a fronte e lhe dizia: — És uma boa mulher! —, lágrimas de prazer vinham aos olhos da pobre criatura. É provável que Du Bousquier se julgasse obrigado a certas compensações que lhe conciliavam o respeito de Rosa-Maria-Vitória, porque a virtude católica não ordena uma dissimulação tão perfeita quanto o foi a da sra. Du Bousquier. Mas muitas vezes a santa mulher ficava muda, ouvindo as conversas travadas em sua casa por pessoas cheias de ódio que se escondiam sob as opiniões monárquico-constitucionais. Estremecia de medo prevendo a perda da Igreja; de vez em quando arriscava uma observação estúpida, um argumento que Du Bousquier, com um olhar, cortava pelo meio. As contrariedades dessa existência, assim passada aos repelões, acabaram por imbecilizar a sra. Du Bousquier, que achou mais simples e mais digno concentrar a inteligência sem produzi-la exteriormente, resignando-se a levar uma vida puramente animal. Passou então a ter uma submissão de escrava, e considerou obra meritória aceitar o rebaixamento a que o marido a constrangeu. A obediência às vontades maritais nunca lhe provocara o menor murmúrio. A ovelha tímida caminhou, desde essa época, na direção que o pastor lhe apontou; não deixou mais o seio da Igreja e entregou-se às mais severas práticas religiosas, sem pensar em Satanás nem em suas pompas nem em suas obras. Ofereceu, assim, a mais pura reunião das virtudes cristãs, e Du Bousquier tornou-se, certamente, um dos homens felizes do reino de França e de Navarra.

— Ela será tola até o último suspiro — disse o cruel Conservador destituído, que, entretanto, jantava em sua casa duas vezes por semana.

Essa história seria estranhamente incompleta se não mencionasse a coincidência da morte do cavaleiro de Valois com a morte da mãe de Susana. O cavaleiro morreu com a monarquia, em agosto de 1830. Foi juntar-se ao cortejo do rei Carlos X em Nonancourt, e acompanhou-o piedosamente até Cherbourg,[531] com todos os Troisville, os Castéran, os Verneuil[532] etc. O velho fidalgo levava consigo cinquenta mil francos, soma a que montavam suas economias e o preço de seus rendimentos; ofereceu-a a um dos fiéis amigos de seu senhor para transmiti-la ao rei, objetando sua morte próxima e dizendo que essa quantia vinha das bondades de sua majestade e que, finalmente, o dinheiro do último dos Valois pertencia à Coroa. Não se sabe se o fervor de seu zelo venceu as repugnâncias do Bourbon que abandonava seu belo reino de França sem levar um só vintém, e que se sentiu certamente enternecido pela dedicação do cavaleiro; o que é certo é que Cesarina, legatária universal do sr. de Valois, recolheu apenas seiscentas libras de rendas. O cavaleiro voltou a Alençon, atingido cruelmente tanto pela dor quanto pela fadiga, e expirou quando Carlos X tocou em terra estrangeira.

A sra. de Valnoble e seu protetor, que temia então as vinganças do partido liberal, acharam-se felizes de encontrar um pretexto para ir, incógnitos, à aldeia onde morrera a mãe de Susana. Na venda que se efetuou em consequência do falecimento do cavaleiro de Valois, Susana, desejando possuir uma lembrança de seu primeiro e bom amigo, fez com que, no leilão, a caixa de rapé atingisse o preço excessivo de mil francos, e arrematou-a. Só o retrato da princesa Goritzza valia essa importância. Dois anos depois, um rapaz elegante, que fazia coleção de belas caixas de rapé do século anterior, obteve de Susana a do cavaleiro, recomendada pelo seu maravilhoso acabamento. A joia confidente dos mais belos amores do mundo, e o prazer de toda uma velhice, acabou sendo exposta numa espécie de museu particular. Se os mortos têm conhecimento das coisas que acontecem neste mundo, o rosto do cavaleiro, nesse momento, deve ter corado na face esquerda.

Mesmo que esta história não tivesse outro efeito senão o de inspirar um santo medo aos possuidores de algumas relíquias adoradas e fazê-

los recorrer a um codicilo para estatuir imediatamente sobre a sorte dessas lembranças preciosas de uma felicidade desaparecida, legando-as a mãos fraternais, mesmo assim ela teria prestado imenso serviço à parte cavalheiresca e amorosa do público; mas ela contém moralidade bem mais elevada!... Pois não está ela demonstrando a necessidade de um novo ensino? Não está reclamando da solicitude tão esclarecida dos ministros da instrução pública a criação de cadeiras de antropologia, ciência em que a Alemanha nos leva a dianteira? Os mitos modernos são ainda menos compreendidos do que os antigos, embora estejamos sendo devorados por eles. Os mitos nos cercam de todos os lados, servem para tudo, explicam tudo. Se, como quer a Escola Humanitária, eles são os fachos da História, salvarão os impérios de todas as revoluções, desde que os professores de história façam penetrar até as massas departamentais as explicações necessárias. Se a srta. Cormon fosse letrada, se houvesse existido no departamento do Orne um professor de antropologia, se ela, enfim, tivesse lido Ariosto,[533] poderiam jamais acontecer as terríveis desgraças de sua vida conjugal? Teria talvez procurado entender por que o poeta italiano nos mostra Angélica preferindo Medoro, que era um louro cavaleiro de Valois, a Orlando, cuja égua morrera, e que só sabia ficar furioso. Não seria Medoro a figura mítica dos cortesãos da realeza feminina e Orlando o mito das revoluções desordenadas, enraivecidas, impotentes, que destroem tudo sem nada produzir? Publicamos aqui, declinando toda responsabilidade, essa opinião de um aluno do sr. Ballanche.[534] Não nos chegou nenhuma informação relativa às cabecinhas de negro em diamantes. Todos podem ver hoje a sra. de Valnoble na Ópera. Graças à educação inicial que lhe deu o cavaleiro de Valois, ela tem quase o ar de uma mulher sem nenhuma falta, sendo, no entanto, uma dessas mulheres de que há tanta falta.[535]

A sra. Du Bousquier vive ainda, o que equivale dizer que sofre ainda.

Ao atingir a idade de sessenta anos, época em que as mulheres fazem certas confissões, ela disse em segredo à sra. Coudrai, cujo marido reassumiu o cargo em agosto de 1830, que não suportava a ideia de morrer donzela.

Paris, outubro de 1836

**AS RIVALIDADES:
O GABINETE DAS
ANTIGUIDADES**

TRADUÇÃO DE **LIA CORRÊA DUTRA**

INTRODUÇÃO

O gabinete das antiguidades (em francês: *Le Cabinet des antiques*) está estreitamente ligado a *A solteirona*. A conexão entre essas duas obras é bem mais forte do que entre outras partes de *A comédia humana*, a ponto de *O gabinete das antiguidades* constituir a continuação direta de *A solteirona*; aliás, em 1844 os dois romances saíram no mesmo volume, subordinados a um título como *As rivalidades*.

O romancista — sabemo-lo — desde que se lembrou de ligar entre si as suas diversas obras, fazendo figurar nelas as mesmas personagens, esforçou-se para tornar a rede de ligações cada vez mais perfeita, substituindo as personagens de uma edição para outra, modificando-lhes o caráter e os costumes, fazendo conversar os protagonistas de um livro sobre acontecimentos que formavam assunto de outro. O desejo de unidade levou-o, até, a certos absurdos, como de fundir, por exemplo, cinco contos num romance sem operar todas as modificações que essa fusão reclamava, de forma que suas personagens apresentam, de um capítulo para outro, traços de caráter incompreensivelmente diversos (em *A mulher de trinta anos*).

Por isso é difícil adivinhar por que Balzac fez aparecer nesses dois romances irmãos as mesmas personagens sob dois nomes diferentes. Contradição tanto mais estranha quanto nem todos os nomes estão mudados: há personagens, como por exemplo os D'Esgrignon, que conservam o mesmo nome nas duas narrativas. Decerto, numa edição definitiva, teria o romancista acentuado a identidade das personagens, conforme sua praxe geral, e posto fim à duplicidade dos nomes. Seja como for, existe aqui um pequeno problema balzaquiano cuja

explicação não encontrei até hoje. Os autores do *Repertório das personagens de A comédia humana*, Cerfber e Christophe, contentam-se com uma simples remissão em cada caso de nome duplo: Du Croisier, ver Du Bousquier, e assim por diante.

O gabinete completa A solteirona não somente como narrativa, mas também como quadro. Depois da pintura do salão burguês, aqui encontramos a do salão aristocrático. A excelência do desenho e das cores não precisa ser assinalada, pois qualquer leitor acabará vendo “O gabinete das antiguidades” com suas ruínas humanas que sobreviveram, por erro, à grande transformação da sociedade e teimam em ignorar que o mundo inteiro está mudado em seu redor; “uma dessas curiosidades raras que se acham mais tarde, quando se pensa nelas, nos limites do real e do fantástico, sem que se possa saber se elas estão mais de um lado que do outro”.

Os dois romances em conjunto dão-nos uma imagem esplêndida do que era a Restauração, essa tentativa malograda de tornar nulos os resultados da Revolução Francesa. Pelo breve período de quinze anos, a Monarquia experimenta dois métodos: o da brandura constitucional, que é suplantado, o do rigor absolutista, que é varrido. A aristocracia, a despeito dos esforços de Luís XVIII e Carlos X, perde cada vez mais a influência antiga. A burguesia, ávida, impaciente e forte, sobe de maneira irresistível.

A Balzac, publicista da direita, noivo secreto da condessa Hanska, defensor da Religião e da Monarquia, doía-lhe que assim fosse. Mas ele tinha tão alto conceito de sua função de “historiador” que não dissimularia um fato. Sustentava os privilégios da nobreza e, no entanto, não deixava de apresentar personagens nobres cuja conduta era o argumento mais forte contra a conservação de tais privilégios. O homem Balzac era um ambicioso, cujo esnobismo irrita e excita compaixão, pois tudo fez para ser aceito por uma sociedade que ele bem sabia irremediavelmente decadente, vetusta e artificial. O escritor Balzac, pelo contrário, era extraordinário exemplo de consciência e dignidade: nenhuma ambição conseguiu levá-lo a mostrar o que não viu e a dissimular o que lhe saltava aos olhos.

Um dos grandes prazeres do leitor de Balzac consiste em descobrir

as analogias de construção e de sentido entre as diversas partes da *Comédia*, os efeitos da semelhança e da oposição por que elas se realçam reciprocamente. Concluída a leitura de *O gabinete das antiguidades*, os leitores perceberão, decerto, quantas similitudes há entre essa história e *Beatriz*: a atmosfera anacrônica das casas de Du Guénic e D’Esgrignon, os dois velhos chefes de família igualmente veneráveis e fossilizados; a santidade das mulheres que os assistem: a sra. du Guénic e a srta. d’Esgrignon; o fato de ambos terem um filho único, fruto de um casamento tardio entre pai velho e mãe moça, e de este filho, mimado e viciado, ser belo, encantador e sem nenhuma força moral; a conspiração que se forma em ambos os ambientes para salvar esse filho predileto — e até a decepção do leitor depois do êxito dos conspiradores, cujos esforços e engenhosidade se gastaram em favor de duas pessoas igualmente indignas. Tantas analogias não podem ser fortuitas: para Balzac, Calisto e Viturniano eram, evidentemente, duas encarnações do mesmo tipo social.

As divergências entre os dois romances mostrarão, entretanto, toda a riqueza de recursos de Balzac: em *Beatriz*, a conspiração é mundana, aqui, jurídica; a decadência de Calisto é efeito de uma paixão, a de Viturniano, de uma vingança, o solar dos Du Guénic está em luta com um salão literário, *Gabinete das antiguidades*, com um salão burguês etc. Ao único protagonista comum dos dois livros, Fabiano du Ronceret, que em ambos desempenha papel igualmente desprezível, os mesmos apetites baixos levam a promover, no primeiro, a reabilitação de Calisto, e no segundo, a degradação de Viturniano.

No “Prefácio” à edição de 1839, o autor assinala mais um caso de paralelismo entre *O gabinete das antiguidades* e outras obras da *Comédia*. “O conde d’Esgrignon é o oposto de Rastignac, outro tipo de jovem provinciano, mas esperto e audaz, que vence lá onde ele sucumbe.”

Este romance acrescenta poucos traços aos retratos, já admiráveis de tão completos desde *A solteirona*, do sr. e da sra. Du Bousquier, quero dizer, Du Croisier. Mas é em suas páginas que conhecemos a complexa personagem dessa angelical e infernal duquesa de Maufrigneuse, a quem, quando de agora em diante a encontrarmos em

qualquer volta da *Comédia*, contemplaremos com deslumbramento e medo, afastando-nos de seu caminho. Existe aí também uma galeria de juízes cujos perfis são desenhados com perfeição, embora a demorada descrição de suas respectivas moradias, num dos pontos mais palpitantes do enredo, ponha à prova a paciência do balzaquista mais convicto. O papel dos magistrados, aliás, neste romance e em *A comédia humana* em geral, é julgado de maneira diferente pelos comentadores. Bellessort, que gostaria que o romance fosse uma ilustração das ideias políticas do romancista, parecidas com as suas, acha (em *Balzac et son œuvre*) que “Balzac, apesar de sua tendência satírica, mas por causa de seu vivo espírito social, rodeia de deferência esse supremo baluarte da sociedade”. Fernand Roux, cujo livro sobre o nosso autor, *Balzac Jurisconsulte et Criminaliste*, é mais um simples repertório do que um estudo, tira conclusão diametralmente oposta: “A complacência dos magistrados faz parte integrante do sistema político de *A comédia humana*”. O leitor que decida essa contenda.

Resta um protagonista do romance, Chesnel. Apesar de todo o amor de Balzac a essa personagem, a quem João Gaspar Simões (em *Caderno de um romancista*) também acha extraordinária — devo confessar que sua fidelidade canina por pouco não me exaspera. Em muitos romances de Balzac há uma personagem que encarna, pelo menos parcialmente, o romancista, e que ele rodeia, mais ou menos veladamente, de suas simpatias e de uma auréola patética. Em *A solteirona* era Atanásio Granson; em *O gabinete das antiguidades* é Chesnel. Ele se assemelha ao autor na adoração comovida e embaçada com que contempla a alta aristocracia, e na gratidão desarrazoada com que aceita os afagos de seus antigos donos. Observe-se que a sua probidade não o impede de acumular mentiras, falsificações e chantagens quando se trata de salvar Viturniano, cuja nulidade conhece por inteiro. Sem querer talvez, Balzac atira-o entre seus grandes apaixonados a quem a paixão imbeciliza: o pai Goriot, João-Jaques Rouget, o coronel Chabert.

No “Prefácio” já mencionado, Balzac assinala ter tomado como ponto de partida um fato verdadeiro e, a esse propósito, faz-nos uma preciosa revelação sobre seu método de romancista: “[...] o fato que

serviu ao autor na composição de *O gabinete das antiguidades* teve algo de horrível. O jovem compareceu diante do júri, foi condenado, ficou marcado; por outro lado, em outra ocorrência mais ou menos parecida, houve pormenores talvez menos dramáticos, mas que caracterizavam melhor a vida de província. Assim o começo de um fato e o fim de outro compuseram este todo. Esta deve ser a maneira de proceder de um historiador de costumes: sua tarefa consiste em fundir os fatos análogos num único quadro; não é seu dever dar antes o espírito do que a letra dos fatos que sintetiza?”.

O gabinete das antiguidades, se não é dos maiores romances de Balzac, será sempre um dos mais característicos. Reflete-se nele o profundo pessimismo ou, antes, o niilismo do escritor. Cada romance de Balzac é a história de uma luta. Mas, por um paradoxo de matemática, neles o número de vitórias não é igual ao das derrotas. Quando se chega ao fim, verifica-se que houve uma vitória de Pirro: os vencedores não sentem alegria, pois o triunfo revela, de súbito, a frivolidade do combate; os vencidos não despertam compaixão, pois mancharam-se na peleja como os vencedores; a maldade às vezes não alcança a sua meta, mas a bondade é infalivelmente ludibriada, enganada. Quem vence aqui, por exemplo? Viturniano? Mas se perde o amor de Diana e leva anos no desterro da casa paterna! Du Croisier? Mas quantas humilhações, que espera cheia de fel tiram o sabor de sua vitória! Chesnel? Mas se morre espoliado e convencido de que o rapaz por quem vivia é um simples tratante, a classe a que servia está condenada à morte! A srta. Armanda? Mas se chega à conclusão de se ter sacrificado por um ídolo!

Se há um vencedor em tudo isso, é a burguesia. Nós já sabemos o que Balzac não sabia, e como ela aproveitaria as suas vitórias. A história, muitas vezes, é tão pouco risonha como um romance de Balzac.

PAULO RÓNAI

O GABINETE DAS ANTIGUIDADES

AO SR. BARÃO DE HAMMER-PURGSTALL,[536] *conselheiro áulico, autor da História do Império Otomano*

Caro barão,

Tendes demonstrado tanto interesse por minha longa e vasta história dos costumes franceses no século XIX, e concedestes tais encorajamentos à minha obra, que me destes, assim, o direito de ligar vosso nome a um dos fragmentos que dela farão parte. Não sois um dos mais graves representantes da conscienciosa e estudiosa Alemanha? Não deve vossa aprovação determinar outras e proteger meu empreendimento? Sinto-me tão orgulhoso de a haver obtido que tentei merecê-la, continuando meus trabalhos com essa intrepidez que caracterizou vossos estudos e a pesquisa de todos os documentos sem os quais o mundo literário não poderia ter o monumento por vós erigido. Vossa simpatia por labores que conhecestes e aplicastes nos interesses da mais brilhante sociedade oriental muitas vezes sustentou o ardor de minhas vigílias ocupadas pelas minúcias de nossa sociedade moderna: não sereis feliz de saber disso, vós, cuja bondade ingênua pode ser comparada à do nosso La Fontaine?

Faço votos, caro barão, de que este testemunho de minha veneração por vós e por vossa obra vá encontrar-vos em Döbling. Recomenda-se a vós, assim como a todos os vossos, um de vossos mais sinceros admiradores e amigos,

DE BALZAC

I — OS DOIS SALÕES

Numa das menos importantes Prefeituras da França, no centro da cidade, na esquina de uma rua, fica uma casa. Mas o nome dessa rua e o dessa cidade devem ficar em segredo.[537] Todos apreciarão os motivos desta sábia reserva exigida pelas conveniências. Um escritor toca em tantas chagas ao fazer a análise de seu tempo!

A casa chamava-se palacete D'Esgrignon;[538] mas façamos de conta que D'Esgrignon é um nome de convenção, sem mais realidade que os Belval, os Floricour, os Derville da comédia, os Adalbert ou os

Monbreuse do romance. Enfim, os nomes das principais personagens foram igualmente trocados. Aqui, o autor gostaria de acumular contradições, empilhar anacronismos, para enterrar a verdade sob um montão de inverossimilhanças e absurdos; mas, faça ele o que fizer, ela repontará sempre, assim como uma vinha mal arrancada rebenta em jactos vigorosos através de um vinhedo lavrado.

O palacete D'Esgrignon era muito simplesmente a casa em que morava um velho fidalgo chamado Carlos-Maria-Vitor-Angelo Carol, marquês d'Esgrignon ou dos Grignon, como rezavam os títulos antigos. A classe negociante e burguesa da cidade tinha epigramaticamente apelidado sua residência de palacete, e, há já uns vinte anos, a maioria dos habitantes acabara por dizer a sério o *palacete D'Esgrignon*, designando a habitação do marquês.

O nome de Carol (os irmãos Thierry[539] teriam ortografado Karawl) era o nome glorioso de um dos mais poderosos chefes vindos outrora do Norte para conquistar e feudalizar os Gauleses. Nunca os Carol tinham dobrado a cabeça, nem perante as Comunas, nem perante a Realeza, nem perante a Igreja, nem perante as Finanças. Encarregados outrora de defender uma província militar francesa das fronteiras, seu título de marquês era ao mesmo tempo um dever e uma honra, e não o simulacro de um cargo suposto; o feudo D'Esgrignon sempre lhes pertencera. Verdadeira nobreza de província, há duzentos anos ignorada pela Corte, mas pura de qualquer aliagem, mas soberana nos Estados, mas respeitada como uma superstição pela gente da região, da mesma forma por que se respeita uma boa virgem santa que cura dores de dentes, essa casa conservara-se no fundo de sua província, como as estacas carbonizadas de alguma ponte de César se conservam no fundo de um rio. Durante mil e trezentos anos, as filhas tinham, com regularidade, casado sem dote ou entrado para o convento; os filhos mais novos aceitaram, constantemente, a legítima materna, foram soldados ou bispos ou casaram na Corte. Um filho segundo da casa D'Esgrignon foi almirante, fez-se duque e par de França, e morreu sem posteridade. Nunca o marquês d'Esgrignon, chefe do ramo primogênito, quis aceitar o título de duque.

— Mantenho o marquesado D'Esgrignon nas mesmas condições em

que o rei mantém o Estado da França — disse ele ao condestável de Luynes,[540] que não era, então, a seus olhos, senão uma personagem de pouca importância.

Durante os tumultos houve vários d'Esgrignon decapitados. O sangue fraco conservou-se nobre e altivo, até o ano de 1789. O atual marquês d'Esgrignon não emigrou: tinha a sua província para defender. O respeito que inspirara à gente do campo preservou sua cabeça do cadafalso; mas o ódio dos verdadeiros *sans-culottes*[541] teve bastante poder para fazer com que o considerassem como um emigrado, durante todo o tempo em que se viu forçado a esconder-se. Em nome do povo soberano, o Distrito desonrou as terras D'Esgrignon, os bosques foram nacionalmente vendidos, apesar das reclamações pessoais do marquês, que contava então quarenta anos. A srta. d'Esgrignon, sua irmã, sendo menor, salvou algumas porções do feudo por intermédio de um jovem intendente da família, que pediu a partilha de pré-sucessão em nome de sua cliente: o castelo e algumas fazendas lhe foram atribuídos na liquidação efetuada pela República. O fiel Chesnel foi obrigado a comprar em seu próprio nome, com o dinheiro que o marquês lhe forneceu, certas partes do domínio de que seu patrão fazia questão mais fechada, tais como a igreja, o presbitério e os jardins do castelo.

Passados os anos rápidos e lentos do Terror, o marquês d'Esgrignon, cujo caráter impusera à região sentimentos respeitosos, quis novamente residir em seu castelo, com sua irmã, srta. d'Esgrignon, a fim de desenvolver os bens salvos por mestre Chesnel, seu antigo intendente, agora tabelião. Mas, ai!, o castelo saqueado, sem móveis, não era vasto demais, custoso demais para um proprietário cujos direitos úteis haviam sido suprimidos, cujas florestas haviam sido derrubadas e que, no momento, não poderia tirar mais de nove mil francos das terras que lhe restavam de seu antigo domínio?

Quando o tabelião reconduziu seu ex-patrão, no mês de outubro de 1800, ao velho castelo feudal, ele não se pôde furtar a uma profunda emoção, vendo o marquês imóvel, no meio do pátio, diante de seus fossos entulhados, olhando suas torres arrasadas ao nível dos telhados. O franco contemplava em silêncio ora o céu, ora o lugar onde outrora

rodavam as bonitas ventoinhas dos torreões góticos, como para pedir a Deus o motivo dessa mudança social. Chesnel era o único que podia compreender a dor profunda do marquês, então chamado cidadão Carol. Esse grande D'Esgrignon ficou muito tempo em silêncio; aspirou o aroma patrimonial do ar, e lançou a mais melancólica das interjeições.

— Chesnel[542] — disse —, mais tarde voltaremos, quando os tumultos estiverem terminados; mas até o édito de pacificação eu não saberia habitar aqui, já que *eles* me proíbem de restabelecer as minhas armas nessa fachada.

Apontou o castelo, voltou-se, tornou a montar a cavalo, e acompanhou a irmã, que tinha vindo no velho carro do tabelião. Na cidade, não havia mais o palacete D'Esgrignon. A casa nobre fora demolida, e, no local onde outrora se erguia, foram construídas duas manufaturas. Mestre Chesnel empregou o último saco de luíses do marquês comprando, na esquina da praça, uma velha casa de torreão, ventoinha, pombal, onde se estabelecera primitivamente o Bailiado Senhorial, depois o Presidial, e que pertencia ao marquês d'Esgrignon. Por quinhentos luíses, o comprador nacional retrocedeu esse velho edifício ao legítimo proprietário. Foi então que, meio por ironia, meio a sério, a casa foi chamada *palacete d'Esgrignon*.

Em 1800 alguns emigrados voltaram à França, pois se obtinha com facilidade a supressão dos nomes inscritos nas listas fatais. Entre as pessoas nobres que foram as primeiras a chegar na cidade, achavam-se o barão de Nouastre e a filha: estavam arruinados. O sr. d'Esgrignon lhes ofereceu generosamente um asilo, onde o barão morreu dois meses mais tarde, consumido pelos desgostos. A srta. de Nouastre contava vinte e dois anos. Os de Nouastre sendo do mais puro sangue nobre, o marquês d'Esgrignon desposou-a para continuar sua linhagem; mas ela morreu de parto, vítima da inabilidade do médico, deixando, felizmente, um filho aos D'Esgrignon. O pobre ancião (embora tendo então apenas cinquenta e três anos, a adversidade e as dores acerbadas de sua vida lhe haviam constantemente dado mais de doze meses aos anos) perdeu a alegria de seus velhos dias, vendo expirar a mais linda das criaturas humanas, uma nobre mulher em

quem reviviam as graças agora imaginárias das figuras femininas do século XVI. Recebeu uma dessas dores terríveis, cujos ecos se repetem em todos os momentos da existência. Ficou alguns instantes em pé diante da cama, depois beijou a fronte da mulher, estendida como uma santa, com as mãos juntas sobre o peito; puxou o relógio, quebrou-lhe a mola, e foi suspendê-lo na lareira. Eram onze horas da manhã.

— Srta. d'Esgrignon, imploremos a Deus para que nunca mais essa hora torne a ser fatal à nossa casa. Meu tio, o senhor arcebispo, foi massacrado a essa hora; foi a essa hora também que morreu meu pai...

Ajoelhou-se perto da cama, onde apoiou a cabeça; a irmã imitou-o. Então, após um momento, ambos se levantaram; a srta. d'Esgrignon desfazia-se em lágrimas; o velho marquês olhava para a criança, o quarto e a morta com olhos enxutos. À sua obstinação de franco esse homem reunia uma intrepidez cristã.

Isso se passava no segundo ano de nosso século. A srta. d'Esgrignon tinha vinte e sete anos e era bela. Um fornecedor dos exércitos da República, nascido na região, e chegado repentinamente a uma condição social inesperada, rico então de mil escudos de rendimentos, obteve de mestre Chesnel, depois de lhe ter vencido as resistências, que falasse de casamento, em seu favor, com a srta. d'Esgrignon. Os dois irmãos encolerizaram-se, tanto um quanto o outro, com semelhante ousadia. Chesnel arrependeu-se amargamente por se haver deixado seduzir pelo sr. du Croisier.^[543] Desde esse dia, nunca mais tornou a encontrar nas palavras do marquês d'Esgrignon aquela carinhosa benevolência que podia passar por amizade. Doravante, o marquês teve por ele gratidão. Essa gratidão nobre e verdadeira causava perpétuos sofrimentos ao tabelião. Há corações sublimes aos quais a gratidão parece um pagamento enorme, e que lhe preferem a doce igualdade de sentimentos que produzem a harmonia de pensamentos e a fusão voluntária das almas. Mestre Chesnel tinha provado o prazer dessa honrosa amizade; o marquês o elevara até seu próprio nível. Para o velho fidalgo, aquele bom homem era menos que um filho e mais que um servidor, ele era o homem-lígio voluntário, o servo preso a seu suserano por todos os laços do coração. Não se faziam mais contas com o tabelião, tudo se balançava pelas trocas contínuas de uma afeição

verdadeira. Aos olhos do marquês, o caráter oficial que o tabelionato conferia a Chesnel nada significava; seu servidor lhe parecia fantasiado de tabelião. Aos olhos de Chesnel, o marquês era um ser que pertencia ainda a uma raça divina; acreditava na Nobreza, lembrava-se, sem se envergonhar, de que seu pai abria as portas do salão e anunciava: o senhor marquês está servido. Sua dedicação à nobre casa arruinada não provinha de uma fé, mas de um egoísmo, pois se considerava como fazendo parte da família. Foi profundo o seu desgosto. Quando ousou falar de seu erro ao marquês, apesar da proibição desse último:

— Chesnel — lhe respondeu o velho fidalgo num tom grave —, nunca te terias permitido tão injuriosas suposições antes dos Tumultos. Que novas teorias são essas, então, se chegaram a te estragar?

Mestre Chesnel possuía a confiança da cidade inteira, e era muito considerado; sua alta probidade, sua grande fortuna contribuía para lhe dar importância. Desde essa época, o tabelião manteve decidida aversão pelo sr. du Croisier. Embora não fosse geralmente rancoroso, fez com que várias famílias compartilhassem de suas repugnâncias. Du Croisier, homem odioso e capaz de alimentar uma vingança durante vinte anos, concebeu pelo tabelião e pela família D'Esgrignon um desses ódios surdos e capitais, como os há na província. Essa recusa aniquilava-o aos olhos dos maliciosos provincianos, entre os quais viera terminar seus dias, e que desejava dominar. Foi uma catástrofe tão real que os efeitos não tardaram a se manifestar. Du Croisier foi igualmente recusado por uma solteirona a quem se dirigira em desespero de causa. Assim, os planos ambiciosos que a princípio formara falharam da primeira vez pela recusa da srta. d'Esgrignon cuja aliança lhe daria acesso ao Faubourg Saint-Germain da província; mais tarde, a segunda recusa lhe trouxe tanta desconsideração que ele custou a manter-se na segunda sociedade do lugar.

Em 1805, o sr. de La Roche-Guyon, primogênito de uma das mais antigas famílias da região, que outrora se aliara aos D'Esgrignon, mandou pedir, por intermédio de mestre Chesnel, a mão da srta. d'Esgrignon. Maria-Armanda-Clara d'Esgrignon recusou-se a ouvir o tabelião.

— O senhor deveria ter adivinhado que eu sou mãe, meu caro

Chesnel — disse-lhe ela, acabando de deitar o sobrinho, linda criança de cinco anos.

O velho marquês levantou-se, encaminhando-se para a irmã, que se afastava do berço; beijou-lhe a mão respeitosamente; depois, tornando a sentar-se, recobrou a palavra para dizer:

— Você é uma D’Esgrignon, minha irmã!

A nobre rapariga estremeceu e corou. Nos seus velhos dias, o sr. d’Esgrignon, pai do marquês, desposara a neta de um arrematador de impostos, que Luís XIV tornara nobre. Esse casamento era considerado pela família como terrivelmente desigual, mas sem importância, pois que dele só nascera uma filha. Armanda sabia disso. Embora o irmão fosse excelente para ela, julgava-a sempre uma estrangeira, e essa frase legitimava-a. Mas, também, sua resposta não coroa admiravelmente a nobre conduta que mantivera durante onze anos, quando, a partir de sua maioridade, cada um dos seus atos foi marcado pelo sinete da mais pura dedicação? Ela manifestava uma espécie de culto pelo irmão.

— Morrerei como srta. d’Esgrignon — disse com simplicidade ao tabelião.

— Não poderíeis ter mais belo título — respondeu Chesnel, julgando fazer-lhe um elogio.

A pobre moça corou.

— Você disse uma tolice, Chesnel — replicou o velho marquês, ao mesmo tempo lisonjeado com a referência de seu antigo servidor e entristecido pelo desgosto que essa frase causara à irmã. — Uma D’Esgrignon pode casar-se com um Montmorency;[\[544\]](#) nosso sangue não está tão misturado quanto o deles. Os D’Esgrignon *trazem de ouro com duas bandas de goles*, e nada, há novecentos anos, foi modificado em seu escudo; ele continua tal qual era no primeiro dia; daí nossa divisa: *cil est nostre*,[\[545\]](#) que foi adotada no torneio de Felipe Augusto, assim como o cavaleiro armado de ouro como tenente à destra e o leão *de goles* à sinistra.

“Não me lembro de ter encontrado mulher alguma que tanto me impressionasse a imaginação quanto a srta. d’Esgrignon”, diz Blondet, [\[546\]](#) a quem a literatura contemporânea, entre outras contribuições, deve esta história. “Na verdade, eu era muito jovem, era ainda uma

criança, e as imagens que ela me gravou na memória devem, talvez, a vivacidade de suas cores à disposição que nos arrasta, nessa idade, para as coisas maravilhosas. Quando eu a via, de longe, aproximar-se do passeio público, onde eu brincava com outras crianças, e aonde ela levava Viturniano, seu sobrinho, eu sentia uma emoção que se assemelhava bastante com as sensações produzidas pelo galvanismo sobre os seres mortos. Embora tão novo ainda, eu me sentia como que dotado de uma vida nova. A srta. Armanda tinha os cabelos de um louro fulvo; suas faces eram cobertas de uma penugem muito fina, com reflexos prateados, que eu gostava de ver, colocando-me de modo a que o talhe de seu rosto ficasse iluminado pela claridade do dia, e entregava-me à fascinação de seus olhos de esmeralda, tão sonhadores, que me lançavam fogo quando caíam sobre mim. Fingia rolar-me na grama, brincando em frente a ela, mas arranjava um meio de chegar até seus pés delicados, para admirá-los mais de perto. A mole brancura de sua tez, a finura de seus traços, a pureza das linhas de sua fronte, a elegância de seu corpo delgado me surpreendiam sem que eu tivesse consciência nem da elegância de seu corpo nem da beleza de sua fronte nem do oval perfeito de seu rosto. Admirava como se reza na minha idade, sem saber ao certo por quê. Quando, finalmente, meus olhares agudos conseguiam atrair os seus, e que ela me dizia com sua voz melodiosa, que, para mim, parecia desenvolver mais volume do que todas as outras vozes: ‘Que estás fazendo aí, menininho? Por que estás me olhando?’, eu vinha, me retorcia, mordida os dedos, corava e dizia: ‘Não sei’. Se, por acaso, ela passava a branca mão nos meus cabelos, perguntando-me a idade, eu saía correndo, e respondia-lhe de longe: ‘Onze anos!’. Ao ler as *Mil e uma noites*, cada vez que via aparecer uma rainha ou uma fada, logo lhes atribuía os traços e as atitudes da srta. d’Esgrignon. Quando meu professor de desenho me fez copiar cabeças da antiguidade clássica, notei que elas tinham o mesmo penteado da srta. d’Esgrignon. Mais tarde, depois de terem partido, uma a uma, as ideias loucas, a srta. Armanda, por quem os homens se levantavam no passeio público, abrindo respeitosamente caminho para deixá-la passar, e ficavam contemplando as ondulações de seu longo vestido castanho até perdê-la de vista, a srta. Armanda ficou vagamente na

minha memória como um tipo. Suas formas primorosas, cujas curvas eram às vezes reveladas por um pé de vento, e que eu sabia descobrir apesar da amplidão de suas roupas, suas formas voltaram nos meus sonhos de rapaz. Depois, mais tarde ainda, quando eu meditava gravemente em alguns mistérios do pensamento humano, julguei recordar-me de que meu respeito me era inspirado pelos sentimentos impressos na face e nos modos da srta. d'Esgrignon. A calma admirável dessa cabeça interiormente ardente, a dignidade de seus movimentos, a santidade dos deveres cumpridos comoviam-me e se impunham à minha admiração. As crianças, mais do que se imagina, são penetráveis pelos invisíveis efeitos das ideias; elas jamais caçoam de uma pessoa realmente imponente, a graça verdadeira as seduz, a beleza as atrai porque elas próprias são belas e existem laços misteriosos entre as coisas da mesma natureza. A srta. d'Esgrignon foi uma das minhas religiões. Hoje, nunca minha louca imaginação sobe a escada de caracol de uma antiga mansão sem pintar a srta. Armanda como o gênio do Feudalismo. Quando leio velhas crônicas, ela surge aos meus olhos sob os traços das mulheres célebres, e é sucessivamente Agnès, [547] Marie Touchet, [548] Gabrielle, [549] atribuo-lhe todo o amor perdido em seu coração e que ela jamais exprimiu. Essa figura celestial, entrevista através das nevoentas ilusões da infância, vem agora no meio das brumas dos meus sonhos.”

Lembraí-vos desse retrato, fiel no físico e no moral! A srta. d'Esgrignon é uma das figuras mais instrutivas desta história; ela vos ensinará o que, por falta da inteligência, as virtudes mais puras podem ter de nocivo.

Durante os anos de 1804 e 1805, os dois terços das famílias emigradas voltaram à França, e quase todas as da província onde residia o marquês d'Esgrignon criaram novas raízes no solo paterno. Mas houve então defecções. Alguns fidalgos entraram para o serviço, quer nos exércitos de Napoleão, quer na Corte; outros fizeram aliança com certas pessoas saídas do nada, que as novas circunstâncias de vida haviam posto em evidência. Todos aqueles que entraram no movimento imperial reconstituíram suas fortunas e recuperaram seus bosques pela magnificência do imperador; muitos deles ficaram em

Paris; mas houve oito ou nove famílias nobres que permaneceram fiéis à Nobreza proscrita e a suas ideias sobre a Monarquia desmoronada: os Roche-Guyon, os Nouastre, os Verneuil, os Castéran, os Troisville etc., estes pobres, aqueles ricos; mas o ouro, de mais ou menos, não contava; a antiguidade, a conservação da raça eram tudo para eles, absolutamente como para um antiquário a medalha pouco representa em comparação com a pureza das letras e da cabeça e com a antiguidade do cunho. Essas famílias tomaram o marquês d'Esgrignon para chefe; sua casa se tornou o cenáculo. Ali, o imperador e rei nunca foi mais do que o sr. de Bonaparte; ali, o soberano era Luís XVIII, então em Mittau;[550] ali, o departamento sempre foi a província e a Prefeitura uma intendência. A conduta admirável, a lealdade de fidalgo, a intrepidez do marquês d'Esgrignon lhe valiam homenagens sinceras; da mesma forma, suas desgraças, sua constância, sua inalterável dedicação a suas opiniões mereciam-lhe na cidade um respeito universal. Essa ruína admirável tinha toda a majestade das grandes coisas destruídas. Sua cavalheiresca delicadeza era tão bem conhecida que, em várias circunstâncias, foi tomado como único árbitro por dois litigantes. Todas as pessoas bem-educadas que pertenciam ao sistema imperial, e até mesmo as autoridades, tinham por seus preconceitos tanta indulgência quanto demonstravam consideração pela sua pessoa. Mas uma grande parte da nova sociedade, as pessoas que, sob a Restauração, deveriam chamar-se *Liberais*, e à testa das quais se achava secretamente Du Croisier, essas caçoavam do oásis aristocrático onde não podia entrar ninguém que não fosse bom fidalgo e irrepreensível. A animosidade que manifestavam foi tanto maior quanto muitas pessoas de bem, dignos fidalgotes de província, algumas pessoas da alta administração se obstinavam em considerar o salão do marquês d'Esgrignon como o único frequentado pela boa companhia. O prefeito, camareiro do imperador, fazia todas as diligências para ser admitido nesse cenáculo: enviava em seu lugar, humildemente, a mulher, que era uma Grandlieu. Os excluídos, odiando esse pequeno Faubourg Saint-Germain da província, deram a alcunha de Gabinete das Antiguidades ao salão do marquês d'Esgrignon, a quem chamavam de sr. Carol e a

quem o cobrador de impostos endereçava sempre seu aviso com esse parêntese (ex-dos Grignon). Essa antiga maneira de escrever o nome constituía uma provocação, porquanto a ortografia de D'Esgrignon prevalecera.

“Quanto a mim”, dizia Emílio Blondet, “ao reunir minhas recordações de infância, confesso que a expressão ‘Gabinete das Antiguidades’ me fazia sempre rir, apesar de meu respeito, devo dizer de meu amor pela srta. Armanda. O palacete D'Esgrignon dava para duas ruas, em cuja esquina estava situado, de maneira que o salão tinha duas janelas para cada. Eram justamente as ruas mais movimentadas da cidade. A Place du Marché ficava a quinhentos passos do palacete. Esse salão era assim como uma gaiola de vidro, e ninguém andava pela cidade sem lhe lançar uma olhadela. Essa peça sempre pareceu a mim, garoto de doze anos, uma dessas curiosidades raras que se acham mais tarde, quando se pensa nelas, nos limites do real e do fantástico, sem que se possa saber se elas estão mais de um lado que do outro. Esse salão, outrora sala de audiências, era construído sobre um andar de adegas com respiradouros de grades, onde outrora jaziam os criminosos da província, mas onde se instalara, então, a cozinha do marquês. Não sei se a magnífica e alta lareira do Louvre, tão maravilhosamente esculpida, me causou mais espanto do que senti, vendo pela primeira vez a imensa lareira desse salão, bordada como um melão e acima da qual havia um grande retrato equestre de Henrique III[551] (em cujo reinado essa província, antigo ducado de apanágio, foi reunida à Coroa), executado em relevo redondo e com moldura dourada. O teto era formado de vigas de castanheiro, que compunham painéis ornados interiormente de arabescos. Esse teto magnífico havia sido dourado nas arestas, mas a douração mal se via. As paredes, forradas de tapeçarias flamengas, representavam o julgamento de Salomão em seis quadros emoldurados de tirso dourados, onde brincavam cupidos e sátiros. O marquês tinha feito assoalhar o salão. Entre os destroços dos castelos que se venderam de 1793 a 1795, o tabelião tinha conseguido adquirir consolos ao gosto do século de Luís XIV, um móvel em tapeçaria, mesas, relógios de parede, castiçais, girândolas que completavam

maravilhosamente esse enorme salão em desproporção com o resto da casa, mas que, felizmente, possuía uma antecâmara da mesma altura de andar, que era a antiga sala dos Pas-Perdus du Présidial. Com essa peça comunicava a sala das deliberações, convertida em sala de jantar. Sob os velhos painéis, adornos de um tempo passado, agitavam-se na primeira linha oito ou dez senhoras idosas, umas de cabeças já trêmulas, outras ressequidas e escuras como múmias; estas rígidas, aquelas inclinadas, todas encouraçadas em roupas mais ou menos fantásticas, em oposição à moda; cabeças empoadas e cheias de cachos, toucas de laçarotes, rendas ruivas. A pintura mais cômica ou a mais séria nunca atingiu a poesia divagadora dessas mulheres, que voltam nos meus sonhos e careteiam nas minhas recordações, assim que encontro qualquer velha cuja figura ou roupa me lembram alguns de seu traços. Mas, ou porque a desgraça me tenha iniciado no segredo dos infortúnios, ou porque eu tenha compreendido todos os sentimentos humanos, principalmente as saudades e a velhice, nunca mais encontrei, em parte alguma, nem nos moribundos nem nos vivos, a palidez de certos olhos cinzentos, a terrível vivacidade de certos olhos negros. Enfim, nem Maturin[552] nem Hoffmann,[553] que foram as duas mais sinistras imaginações daquele tempo, jamais me causaram pavor igual ao que eu sentia diante dos movimentos automáticos desses corpos espartilhados. O carmim dos atores não me surpreendeu nada, pois eu tinha visto, lá, o carmim inveterado, o carmim congênito, conforme dizia um dos meus companheiros, tão irreverente quanto eu próprio. Ali se agitavam rostos achatados, mas sulcados de rugas, semelhantes às cabeças dos quebra-nozes esculpidos na Alemanha. Através das vidraças, eu via corpos corcovados, membros mal articulados cuja economia e contextura eu nunca tentei explicar; maxilares quadrados e muito aparentes, ossos exorbitantes, ancas salientes.

“Quando essas mulheres iam de um lado para outro, não me pareciam menos extraordinárias do que quando se conservavam numa imobilidade mortuária, jogando cartas. Os homens desse salão ofereciam as cores cinzentas e desbotadas das velhas tapeçarias; suas vidas eram marcadas pela indecisão; mas suas roupas aproximavam-se

bastante das roupas em uso naquele tempo; no entanto, seus cabelos brancos, seus rostos murchos, sua tez de cera, suas frentes arruinadas, a palidez dos olhos lhes davam, a todos eles, uma semelhança com as mulheres, que destruía a realidade de sua indumentária. A certeza de encontrar essas personagens invariavelmente sentadas em volta das mesas ou no salão, às mesmas horas, acabava de lhes dar, aos meus olhos, um não sei quê de teatral, de pomposo, de sobrenatural. Desde essa época, nunca entrei nesses guarda-móveis célebres, em Paris, em Londres, em Viena, em Munique, onde velhos zeladores nos apontam os esplendores dos tempos passados, sem povoá-los com as figuras do Gabinete das Antiguidades. E nós, escolares de oito a dez anos, propúnhamos muitas vezes uns aos outros, como se se tratasse de uma festa ou de uma brincadeira, ir espiar essas raridades em sua gaiola de vidro. Mas, assim que eu avistava a suave srta. Armanda, estremecia, depois admirava com um sentimento de inveja aquela deliciosa criança, Viturniano, em quem todos nós pressentíamos uma natureza superior à nossa. Essa criatura fresca e jovem, no meio desse cemitério acordado antes do tempo, nos parecia uma coisa muito estranha. Sem compreendermos perfeitamente nossas ideias, nós nos sentíamos burgueses e pequeninos diante dessa Corte orgulhosa.”

As catástrofes de 1813 e de 1814, que derrotaram Napoleão, restituíram aos frequentadores do Gabinete das Antiguidades não somente a vida como, principalmente, a esperança de recuperar a importância de outrora; mas os acontecimentos de 1815, as desgraças da ocupação estrangeira, depois as oscilações do governo adiaram até a queda do sr. Decazes[554] as esperanças dessas personagens tão bem pintadas por Blondet. Assim, só em 1822 é que nossa história tomou consistência.

Em 1822, apesar dos benefícios trazidos aos emigrados pela Restauração, a fortuna do marquês não aumentara. De todos os nobres atingidos pelas leis revolucionárias, nenhum outro foi tão maltratado. A maior parte de seus rendimentos consistia, antes de 1789, em direitos sobre os domínios públicos, resultantes, como acontecia também a outras grandes famílias, da dependência de seus feudos, que os senhores se empenhavam em retalhar a fim de desenvolver os

produtos de seus *lotes e vendas*. Todas as famílias que se encontravam nesse caso ficaram arruinadas sem nenhuma probabilidade de salvação, porque o decreto pelo qual Luís XVIII restituiu aos Emigrados os bens que não haviam sido vendidos nada podia restituir-lhes; e, mais tarde, a lei referente à indenização não iria indenizá-los. Não há quem ignore que os direitos suprimidos foram restabelecidos, em benefício do Estado, sob o próprio nome de *Domínios*. O marquês pertencia necessariamente a essa fração do partido monarquista que não quis nenhuma transação com aqueles a quem chamava não revolucionários, porém revoltosos, mais parlamentarmente designados como Liberais ou Constitucionais. Esses monarquistas, alcunhados *Ultras* pela Oposição, tiveram por chefes e heróis os corajosos oradores da Direita, que, desde a primeira assembleia real, tentaram, como fez o sr. de Polignac,^[555] protestar contra a Carta^[556] de Luís XVIII, considerando-a um péssimo édito arrancado pela necessidade do momento, e que a Realeza devia revogar. Assim, longe de se associar à renovação de costumes a que Luís XVIII quis proceder, o marquês ficou tranquilo, no porte de armas dos puros da Direita, esperando a restituição de sua imensa fortuna e não admitindo sequer a ideia dessa indenização que preocupou o ministério do sr. de Villèle e que devia consolidar o trono, extinguindo a fatal distinção entre as propriedades, mantida até aquele momento, apesar das leis. Os milagres da Restauração de 1814, os milagres ainda maiores da volta de Napoleão em 1815, os prodígios da nova fuga da casa de Bourbon e de sua segunda volta, essa fase quase fabulosa da história contemporânea surpreendeu o marquês com sessenta e sete anos. Nessa idade, os mais ativos caracteres do tempo, menos abatidos do que gastos pelos acontecimentos da Revolução e do Império, tinham convertido, no fundo das províncias, sua atividade em ideias apaixonadas, inabaláveis; quase todos se tinham entrincheirado no doce e enervante hábito da vida que se leva na província. Poderá haver, para um partido, desgraça pior do que a de ser representado por velhos, quando suas ideias já são taxadas de velhice? Aliás, quando, em 1818, o trono legítimo pareceu solidamente assentado, o marquês perguntou a si próprio o que iria fazer na Corte um septuagenário, que cargo, que

emprego poderia ali exercer? O nobre e ativo D'Esgrignon contentou-se, então, e foi forçado a contentar-se, com o triunfo da Monarquia e da Religião, esperando pelos resultados dessa vitória inesperada, disputada, que foi apenas um armistício. Continuou, assim, a reinar em seu salão, tão bem alcunhado Gabinete das Antiguidades. Sob a Restauração, essa alcunha de doce ironia envenenou-se quando os vencidos de 1793 se transformaram em vencedores.

Como a maioria das outras cidades de província, essa cidade não se viu preservada dos ódios e das rivalidades geradas pelo espírito de partido. Contra a expectativa geral, Du Croisier desposara a solteirona rica que a princípio o havia recusado, embora tivesse como rival, junto a ela, o mais querido de todos os membros da aristocracia da cidade, um certo cavaleiro cujo nome ilustre será suficientemente escondido, [557] já que o designaremos, segundo um velho costume de outrora, seguido pela cidade, apenas pelo seu título; porque ele era, ali, o CAVALEIRO, como, na Corte, o conde de Artois[558] era MONSIEUR. Esse casamento gerou uma dessas guerras em que todas as armas são usadas, guerras tão habituais na província, e, mais ainda, acelerou essa separação entre a alta e a pequena aristocracia, entre os elementos burgueses e os elementos nobres, reunidos durante um certo tempo sob a pressão da grande autoridade napoleônica, divisão súbita que tanto prejudicou a França.

Neste país, o que há de mais nacional é a vaidade. A massa das vaidades feridas produziu aí sede de igualdade. No entanto, mais tarde, os inovadores mais ardentes reconheceram que a igualdade era impossível. Os Monarquistas espetaram o coração dos Liberais nos lugares mais sensíveis. Principalmente na província, os dois partidos se atribuíram mutuamente várias culpas horríveis e levantaram vergonhosas calúnias recíprocas. Cometeram-se, nessa época, em política, ações degradantes para atrair a opinião pública e captar as vozes dessa plateia imbecil que se lança nos braços das pessoas hábeis o bastante para armá-la. Essas lutas se formularam em alguns indivíduos que se odiavam uns aos outros como inimigos políticos e se tornaram, em breve, inimigos pessoais. É difícil evitar, na província, o corpo a corpo a respeito de interesses ou de questões que, na capital,

aparecem sob formas teóricas mais gerais e que engrandecem os seus campeões, a ponto de permitir que o sr. Laffitte, por exemplo, ou Casimir Périer respeitem a personalidade do sr. de Villèle ou do sr. de Peyronnet.[559] O sr. Laffitte, que mandou atirar nos ministros, os teria, sem dúvida, escondido em sua própria casa, se eles fossem ali procurar refúgio em 29 de julho de 1830.[560] Benjamin Constant[561] enviou seu livro sobre a religião ao visconde de Chateaubriand,[562] acompanhando-o de uma carta elogiosa, na qual confessava ter recebido algum bem do ministro de Luís XVIII. Em Paris, os homens são sistemas, na província os sistemas se transformam em homens, e em homens de paixões incessantes, sempre presentes, espionando-se em seus interiores, epilogando seus discursos, observando-se uns aos outros como dois duelistas prontos para enfiar dez polegadas de lâmina no peito à menor distração do adversário e tentando provocar essas distrações, ocupados, finalmente, com seus ódios, como jogadores sem piedade. Os epigramas e as calúnias atingem o homem sob o pretexto de atingir o partido. Nessa guerra, travada cortesmente e sem fel no Gabinete das Antiguidades, mas levada no grupo de Du Croisier até o emprego das armas envenenadas dos Selvagens, a fina ironia, as vantagens do espírito estavam do lado dos nobres. Que todos o saibam: de todas as feridas, causadas pela língua e pelo olhar, a zombaria e o desdém são as incuráveis. O cavaleiro, desde o momento em que se entrincheirou no Monte Sagrado da Aristocracia, abandonando os salões mistos, dirigiu seus sarcasmos para o salão de Du Croisier; atçou o fogo da guerra, sem saber até que ponto o sentimento da vingança poderia arrastar o salão de Du Croisier contra o Gabinete das Antiguidades. No palacete D'Esgrignon só entravam os puros, leais gentis-homens e mulheres que confiavam umas nas outras; ali não se cometiam indiscrições. Os discursos, as ideias boas ou más, justas ou falsas, belas ou ridículas não davam motivo à caçada. Os Liberais se viam limitados a atacar as ações políticas para ridicularizar os nobres, enquanto os intermediários, os funcionários administrativos, todos aqueles que cortejavam essas altas potências lhes levavam, a respeito do campo liberal, fatos e gestos que se prestavam a comentários engraçados que

faziam rir. Essa inferioridade, vivamente sentida, redobrava ainda, nos aderentes de Du Croisier, a sede de vingança. Em 1822, Du Croisier colocou-se à frente da Indústria do departamento, como o marquês d'Esgrignon se pôs à frente da Nobreza. Assim, cada um deles passou a representar um partido. Em vez de se declarar, sem fingimento, homem da Esquerda pura, du Croisier adotara ostensivamente as opiniões um dia formuladas pelos 221.^[563] Podia, assim, reunir em sua casa os magistrados, a administração e as finanças do departamento. O salão de Du Croisier, potência pelo menos igual à do Gabinete das Antiguidades, mais numeroso, mais jovem, mais ativo, movia todo o departamento, enquanto o outro permanecia tranquilo e como que anexo ao poder, que esse partido muitas vezes entrou, favorecendo-lhe os erros e até mesmo exigindo alguns que foram fatais à Monarquia. Os Liberais, que nunca haviam podido eleger nenhum de seus candidatos nesse departamento rebelde a seus planos, sabiam que Du Croisier, depois de nomeado, se sentaria no Centro Esquerdo, tão perto quanto possível da Esquerda pura. Os correspondentes de Du Croisier eram os irmãos Keller,^[564] três banqueiros; o mais velho brilhava entre os dezenove da Esquerda, falange ilustrada por todos os jornais liberais. Eram aparentados por aliança com o conde de Gondreville,^[565] um par de França, constitucionalista, que continuava a gozar os favores de Luís XVIII. Assim, a Oposição constitucionalista estava sempre pronta a transferir, no último momento, seus votos, aparentemente dirigidos a um candidato postiço, para Du Croisier, desde que este último conseguisse angariar votos monarquistas que bastassem para obter a maioria. Cada eleição, em que os Monarquistas rejeitavam Du Croisier, candidato cuja conduta era admiravelmente adivinhada, analisada, julgada pelas sumidades monarquistas que dependiam do marquês d'Esgrignon, aumentava ainda o ódio desse homem e de seu partido. Nada é mais capaz de atizar as facções, lançando-as umas contra as outras, do que a inutilidade de uma cilada penosamente armada.

Em 1822, as hostilidades, muito vivas durante os quatro primeiros anos da Restauração, pareciam adormecidas. Depois de haverem reconhecido mutuamente seus pontos fortes e seus pontos fracos, o

salão de Du Croisier e o Gabinete das Antiguidades esperavam, sem dúvida, os efeitos do acaso, essa Providência dos partidos. Os espíritos vulgares contentavam-se com essa calma aparente que enganava o próprio trono; mas aqueles que conviviam mais intimamente com Du Croisier sabiam que nele, como em todos os homens cuja vida reside apenas na cabeça, a vingança era uma paixão implacável, sobretudo quando apoiada na ambição política. Nesse momento, Du Croisier, que estremecia ao pronunciar ou ao ouvir pronunciar a expressão Gabinete das Antiguidades, ostentava a gravidade de um selvagem. Sorria aos inimigos, que, no entanto, odiava, observando-os a cada instante, cada vez mais profundamente. Parecia ter tomado o partido de viver com tranquilidade, como se tivesse desesperado da vitória. Uma das pessoas que ajudavam os cálculos dessa raiva fria era o presidente do Tribunal, sr. du Ronceret, um fidalgo de província que se candidatara às honras do Gabinete das Antiguidades, sem conseguir obtê-las.

A pequena fortuna dos D'Esgrignon, cuidadosamente administrada pelo tabelião Chesnel, mal bastava para a manutenção desse digno fidalgo, que vivia nobremente, mas sem o menor fausto. Embora o preceptor do conde Viturniano d'Esgrignon, esperança da família, fosse um antigo Oratoriano cedido pelo senhor bispo, que morava em casa dos D'Esgrignon, era necessário pagar-lhe alguns vencimentos. O ordenado de uma cozinheira, o de uma arrumadeira para a srta. Armanda, o do velho criado de quarto do senhor marquês e os de dois outros empregados, a alimentação da família, as despesas de uma educação esmerada, em que nada era poupado, todos esses gastos absorviam inteiramente as rendas, apesar da economia da srta. Armanda, apesar da sábia administração de Chesnel e da afeição dos criados. O velho tabelião não pudera ainda fazer nenhuma reparação no castelo devastado. Esperava o fim dos arrendamentos para conseguir um aumento de juro, seja devido aos novos métodos de agricultura, seja pela baixa dos valores monetários, que iria dar seus frutos quando expirassem os contratos assinados em 1809. O marquês não estava iniciado nem nas dificuldades da manutenção da casa nem nas da administração de seus bens. A revelação das precauções excessivas empregadas para *esticar os cordões da bolsa*, como dizem

as donas de casa, teria sido para ele a queda de um raio. Vendo-o chegado ao fim de sua carreira, ninguém tinha a coragem de lhe dissipar as ilusões. Aos olhos do marquês e de seus partidários, revivia em todo o seu brilho a grandeza da casa D'Esgrignon, na qual ninguém pensava na Corte nem no Estado e que era completamente desconhecida, passadas as portas da cidade e algumas localidades do departamento. A família D'Esgrignon iria adquirir um novo grau de esplendor na pessoa de Viturniano, assim que os nobres espoliados entrassem na posse de seus bens, ou mesmo quando esse belo herdeiro pudesse aparecer na Corte para ingressar no serviço do rei, e, por conseguinte, casar, como os D'Esgrignon faziam outrora, com uma Navarreins, uma Cadignan, uma D'Uxelles, uma Beauséant, uma Blamont-Chauvry,[566] com uma rapariga, enfim, que reunisse todas as distinções da nobreza, da riqueza, da beleza, do espírito e do caráter. As pessoas que iam à noite à sua casa para jogar uma partida, o cavaleiro, os Troisville (pronuncie-se Tréville), os La Roche-Guyon, os Castéran (pronuncie-se Catéran), o duque de Verneuil,[567] há muito tempo habituados a considerar o grande marquês como uma personagem de imensa importância, mantinham-no nessas ideias. Nada havia de mentiroso nessa fé, que teria sido justa, se se pudessem apagar os últimos quarenta anos da história da França. Mas as mais respeitáveis consagrações, as mais verdadeiras do direito, como Luís XVIII tentara inscrevê-las, datando a Carta do vigésimo primeiro ano de seu reinado,[568] não podem existir senão quando ratificadas por um consentimento universal: faltava aos D'Esgrignon o fundo da linguagem política atual, o dinheiro, esse grande relevo da aristocracia moderna; faltava-lhes, também, a continuação do *histórico*, essa fama que se consegue tanto na Corte quanto nos campos de batalha, nos salões da diplomacia como na Tribuna, com o auxílio de um livro ou a respeito de uma aventura, e que é como uma Santa Ampola[569] espargida sobre a cabeça de cada geração. Uma família nobre, inativa, esquecida assemelha-se a uma donzela tola, feia, pobre e casta, os quatro pontos cardeais da infelicidade. O casamento de uma filha da casa de Troisville com o general Montcornet,[570] em vez de esclarecer o Gabinete das Antiguidades, por pouco não causou uma ruptura entre

os Troisville e o salão D'Esgrignon, que declarou que os Troisville se *aviltavam*.

Entre toda essa gente, só uma pessoa não compartilhava dessas ilusões. Será preciso dizer que era o velho tabelião Chesnel? Embora sua dedicação, assaz comprovada por esta história, fosse absoluta para com essa grande família, então reduzida a três membros, embora ele aceitasse todas as suas ideias e as achasse de bom quilate, possuía bastante bom senso e fazia tão bem os negócios da maioria das famílias do departamento que não podia deixar de seguir o imenso movimento dos espíritos e de reconhecer a grande modificação produzida pela Indústria e pelos costumes modernos. O antigo intendente vira a Revolução passar da ação devoradora de 1793, que armara homens, mulheres e crianças, erguera cadafalsos, cortara cabeças e ganhara batalhas europeias, para a ação tranquila das ideias que consagram os movimentos. Depois da limpeza do terreno e da sementeira, vinha a colheita. Para ele, a Revolução compusera o espírito da nova geração. Tocava-lhe os efeitos no fundo de mil chagas, e achava-os irrevogavelmente rematados. Essa cabeça de rei decepada, essa rainha supliciada, essa partilha dos bens nobres constituíam a seus olhos compromissos que ligavam demasiados interesses para que os interessados permitissem que se atacassem os resultados. Chesnel via os fatos com clareza. Seu fanatismo pelos D'Esgrignon era inteiro sem ser cego, e isso o tornava ainda mais belo. A fé que permite a um jovem monge ver os anjos do paraíso é, certamente, bem inferior ao poder do velho monge que os aponta. O antigo intendente se parecia com o velho monge; teria dado a vida para defender um altar carcomido. Cada vez que, com mil cuidados, tentava explicar a seu antigo patrão as *novidades*, ora empregando um tom irônico, ora fingindo surpresa ou dor, encontrava, nos lábios do marquês, o sorriso do profeta e, na sua alma, a convicção de que essas loucuras passariam como todas as outras. Ninguém observou ainda quanto os acontecimentos ajudaram esses nobres campeões das ruínas a persistirem nas suas crenças. Que podia Chesnel responder, quando o velho marquês fazia um gesto imponente, dizendo: “Deus varreu Bonaparte, seus exércitos e seus novos grandes vassalos, seus tronos e suas vastas concepções! Deus

nos livrará do resto!”? Chesnel baixava a cabeça, sem ousar responder: “Deus não há de querer varrer a França!”. Eram belos todos os dois, um se levantando contra a torrente dos fatos, como um antigo bloco de granito musgoso, rígido num abismo alpestre; o outro, observando o curso das águas e pensando em utilizá-las. O bom e venerável tabelião gemia ao verificar a devastação irreparável que essas crenças produziam no espírito, nos hábitos e nas futuras ideias do conde Viturniano d’Esgignon.

Idolatrado pela tia, idolatrado pelo pai, o jovem herdeiro, estragado de mimos, parecia, entretanto, justificar as ilusões paternas e as maternas, porque a tia era uma verdadeira mãe para ele; por mais terna e previdente, porém, que seja uma donzela, sempre lhe faltará qualquer coisa da maternidade. A acuidade de visão das mães não se pode adquirir. Uma tia, tão castamente unida à sua cria quanto a srta. Armanda com Viturniano, chegará a amá-lo com a mesma intensidade de uma mãe, com a mesma bondade, com os mesmos cuidados, com a mesma delicadeza, com a mesma indulgência dessa mãe; mas não saberá mostrar-se severa com a circunspeção e a oportunidade das mães, nas quais, embora rompidos, vibram ainda os laços nervosos ou morais que as prendiam à criança e que, sempre em comunicação com o filho, recebem os choques de todos os sofrimentos, estremecem a todas as felicidades como se se tratasse de um acontecimento de sua própria vida. Se a Natureza considerou a mulher como um terreno neutro, fisicamente falando, ela não lhe proibiu de, em certos casos, se identificar completamente com sua obra: quando a maternidade moral se une à maternidade natural, observam-se então esses admiráveis fenômenos, inexplicados mais do que inexplicáveis, que constituem as predileções maternas. A catástrofe desta história prova, portanto, mais uma vez, esta verdade conhecida: não se substituem as mães. Uma verdadeira mãe prevê o mal, enquanto uma rapariga solteira, como a srta. Armanda, só o admite muito tempo depois, mesmo quando está feito. Uma previne o desastre, a outra remedeia. Aliás, a maternidade fictícia de uma mulher solteira compreende adorações cegas demais para que possa repreender um rapaz bonito.

A prática da vida, a experiência dos negócios tinham dado ao velho

tabelião uma desconfiança observadora e perspicaz, que se aproximava bastante do pressentimento materno. Mas ele representava tão pouca coisa nessa casa, principalmente depois da espécie de desgraça em que incorrera quando do casamento projetado por ele entre uma D'Esgrignon e Du Croisier, que, desde então, tomara o partido de seguir cegamente as doutrinas da família. Simples soldado, fiel a seu posto e pronto para morrer, sua opinião nunca podia ser ouvida, nem no mais forte da tempestade, a menos que, como ao mendigo do rei, em *O antiquário*,^[571] o acaso o colocasse à beira-mar, quando o lorde e a filha são surpreendidos pela maré.

Du Croisier avistara a possibilidade de uma horrível vingança, no contrassenso da educação ministrada a esse jovem fidalgo. Esperava, segundo a bela expressão do autor que acabamos de citar, “afogar o cordeiro no leite da mãe”. Era essa esperança que lhe inspirara sua resignação taciturna e lhe pusera nos lábios seu sorriso de selvagem.

II — UMA EDUCAÇÃO ERRADA

Assim que uma ideia pôde entrar na cabeça do conde Viturniano, inculcaram-lhe o dogma de sua supremacia. Exceto o rei, todos os grãos-senhores do reinado eram seus iguais. Abaixo da nobreza, só havia, para ele, inferiores, pessoas com as quais nada tinha em comum, que nada lhe mereciam, inimigos vencidos, conquistados, que não devia levar em conta, cujas opiniões eram completamente indiferentes a um fidalgo e que, todos eles, lhe deviam respeito. Infelizmente, Viturniano levou essas opiniões ao extremo, excitado pela lógica rigorosa que conduz as crianças e os jovens às últimas consequências do bem ou do mal. Foi, aliás, confirmado nas suas crenças por suas vantagens exteriores. Criança de uma beleza maravilhosa, tornou-se o rapaz mais perfeito que um pai possa desejar ter como filho. De estatura média, mas bem-feito, era delgado, delicado na aparência, porém musculoso. Tinha, dos D'Esgrignon, os olhos azuis faiscantes, o nariz curvo, finamente modelado, o oval perfeito do rosto, os cabelos louros acinzentados, a alvura da tez, o andar elegante, as extremidades graciosas, dedos finos e arrebitados, a distinção das articulações dos

pés e dos punhos, linhas felizes e suaves, que indicam a raça tanto nos homens como nos cavalos. Habilidoso, ágil em todos os exercícios do corpo, atirava admiravelmente com pistola, esgrimia como um Saint-Georges,[572] montava a cavalo como um paladino. Lisonjeava, em suma, todas as vaidades que os pais concentram no exterior de seus filhos, fundadas, aliás, numa ideia justa: a da influência excessiva da beleza. Privilégio semelhante ao da nobreza, a beleza não se pode adquirir, ela é universalmente reconhecida, e muitas vezes vale mais do que a fortuna e o talento; basta que se mostre para triunfar; pedem-lhe somente que exista. Além desses dois grandes privilégios, fidalguia e beleza, o acaso dotara ainda Viturniano de um espírito ardente, de uma aptidão maravilhosa para compreender tudo e de uma bela memória. Assim, sua instrução fora perfeita. Era muito mais culto do que o são, geralmente, os jovens nobres da província, que se tornam caçadores, fumantes e proprietários muito distintos, mas que tratam desdenhosamente as ciências e as letras, as artes e a poesia, todos os talentos cuja superioridade os ofusca. Esses dons da natureza e essa educação deviam bastar para que um dia se realizassem as ambições do marquês d'Esgrignon; se Viturniano desejava ser militar, ele já o via marechal de França; embaixador, se a diplomacia o tentava; ministro, se a administração lhe sorria; tudo, no Estado, pertencia a seu filho. Enfim, pensamento lisonjeiro para um pai, mesmo que o conde não fosse D'Esgrignon, ele teria triunfado por seus próprios méritos. Nunca essa infância feliz, essa adolescência dourada encontrara obstáculos a seus desejos. Viturniano era o rei da casa, ninguém freava as vontades desse príncipezinho, que se tornou, naturalmente, egoísta como um príncipe, intransigente como o mais fioso cardeal da Idade Média, impertinente e audacioso, vícios esses que todos endeusavam, vendo neles as qualidades essenciais a um fidalgo.

O cavaleiro era um homem desse bom tempo em que os mosqueteiros cinzentos desolavam os teatros de Paris, espancavam a ronda e os meirinhos, faziam mil molecagens e encontravam um sorriso nos lábios do rei, contanto que as traquinagens fossem engraçadas. O agradável sedutor, antigo herói das *ruelles*,[573] contribuiu fortemente para o infeliz desenlace desta história. O velho

encantador, que não achava ninguém que o compreendesse, ficou muito contente ao descobrir essa adorável figura de Faublas[574] em potencial, que lhe lembrava sua mocidade. Sem atentar na diferença dos tempos, lançou nessa jovem alma os princípios dos enciclopedistas libertinos, narrando as anedotas do reinado de Luís XV, glorificando os costumes de 1750, contando as orgias das casas alegres, as loucuras cometidas por causa das cortesãs e as farsas excelentes pregadas aos credores, enfim, toda a moral que excitou a comicidade de Dancourt e os epigramas de Beaumarchais.[575] Infelizmente, essa corrupção oculta sob uma elegância excessiva paramentava-se de espírito voltairiano. Se acontecia ao cavaleiro ir longe demais, logo punha como corretivo às suas palavras as leis de boa companhia a que um fidalgo deve sempre obedecer. Mas, de todos esses discursos, Viturniano só compreendia o que pudesse servir às suas paixões. Via, aliás, seu velho pai rindo em companhia do cavaleiro. Os dois velhos consideravam o orgulho inato de D'Esgrignon como uma barreira forte o bastante para deter todas as coisas inconvenientes, e ninguém imaginava, naquela casa, que um D'Esgrignon pudesse se permitir qualquer ação contrária à honra. A HONRA, esse grande princípio monárquico, plantado em todos os corações dessa família como um farol, iluminava os menores gestos, animava os menores pensamentos dos D'Esgrignon. O belo ensinamento que deveria ser o único a fazer subsistir a nobreza — “Um D'Esgrignon não deve cometer tal ou tal coisa, ele tem um nome que torna o futuro solidário com o passado” — era como um estribilho com que o velho marquês, a srta. Armanda, Chesnel e os frequentadores da casa haviam embalado a infância de Viturniano. Assim, o bem e o mal se achavam em presença, como forças iguais, nessa jovem alma.

Quando aos dezoito anos Viturniano se apresentou na cidade, observou no mundo exterior leves contradições com o mundo interior do palacete D'Esgrignon, mas não procurou descobrir-lhes as causas. As causas estavam em Paris. Ele ainda não sabia que as pessoas, tão audaciosas em pensamento e em palavras à noite, em casa de seu pai, eram muito circunspectas na presença dos inimigos, com os quais seus interesses as obrigavam a conviver. Seu pai conquistara o direito de dizer o que bem entendesse, com toda a franqueza. Ninguém pensava

em contradizer um velho de setenta anos, e, aliás, toda a gente desculpava a um homem violentamente despojado de sua fidelidade à antiga ordem das coisas. Enganado pelas aparências, Viturniano se conduziu de modo a conseguir a antipatia de todos os burgueses da cidade. Na caça, teve dificuldades levadas muito longe por sua impetuosidade, que terminaram em processos graves, sufocados a peso de dinheiro por Chesnel e a respeito dos quais não ousaram dizer uma só palavra ao marquês. Imagine-se seu espanto, se o marquês d'Esgrignon tivesse sabido que seu filho era processado por ter caçado em suas terras, nos seus domínios, nas suas florestas, sob o reinado de um filho de São Luís! Todos temiam o que pudesse acontecer e, assim, não ousavam iniciá-lo “nessas misérias”, como dizia Chesnel. O jovem conde cometeu na cidade algumas outras estripulias, tratadas de namoricos pelo cavaleiro, mas que acabaram por custar a Chesnel alguns dotes concedidos às moças seduzidas por imprudentes promessas de casamento: outros processos, designados no Código como *desvios de menores*, os quais, em consequência da brutalidade da nova justiça, teriam conduzido não se sabe aonde o jovem conde, sem a intervenção prudente de Chesnel. Essas vitórias sobre a justiça burguesa tornavam Viturniano mais afoito. Habituação a sair-se bem de todas as complicações, o jovem conde não recuava diante de qualquer brincadeira. Considerava os tribunais como espantalhos para o povo, impotentes a seu respeito. O que acharia reprovável nos plebeus era um divertimento sem importância para ele. Essa conduta, esse caráter, essa tendência para desprezar as leis novas e obedecer apenas às máximas do código da nobreza foram estudados, analisados, postos à prova por algumas pessoas astutas, pertencentes ao partido de Du Croisier. Foi nelas que essa gente se apoiou para fazer com que o povo acreditasse que as calúnias do liberalismo eram revelações e que a volta à antiga ordem de coisas em toda a sua pureza se achava no fundo da política ministerial. Que felicidade, para eles, a de poder contar com essa meia prova de suas afirmações! O presidente Du Ronceret prestava-se admiravelmente, assim como o procurador do rei, a todas as condições compatíveis com os deveres da magistratura; prestava-se mesmo a isso, por cálculo, além dos limites, feliz de provocar a

excitação do partido liberal a respeito de uma concessão larga demais. Açulava, assim, as paixões contra a casa D'Esgrignon, embora parecesse servi-la. Esse traidor alimentava o pensamento secreto de se mostrar incorruptível a tempo, quando se visse apoiado por um fato grave e sustentado pela opinião pública. As más disposições do conde foram perfidamente encorajadas por dois ou três rapazes entre aqueles que compunham o seu cortejo, captando-lhe as boas graças, lisonjeando-o, bajulando-o e obedecendo às suas ideias, tentando confirmar sua crença na supremacia do nobre, numa época em que o nobre só poderia conservar seu poder se o usasse, durante um meio século, com a mais extrema prudência. Du Croisier esperava reduzir os D'Esgrignon à mais completa miséria, ver seu castelo arrasado, suas terras postas em leilão e vendidas em lotes, tudo isso em consequência de sua fraqueza por esse moço estouvado, cujas loucuras acabariam por comprometê-los. Não ia mais longe porque não acreditava, como o presidente Du Ronceret, que Viturniano pudesse de outra maneira cair nas malhas da Justiça. A vingança dos dois homens era, aliás, fortemente auxiliada pelo excessivo amor-próprio de Viturniano e por seu gosto pelo prazer. Um dos companheiros e o cortesão mais perverso do conde era o filho do presidente Du Ronceret, rapaz de dezessete anos, a quem ficava às mil maravilhas o papel de agente provocador. Du Croisier pagava esse espião de um novo gênero, adestrava-o admiravelmente na caça às virtudes dessa nobre e bela criança: dirigia-o com ironia na arte de estimular as más disposições de sua presa. Fabiano du Ronceret[576] era precisamente uma natureza invejosa e inteligente, um jovem sofista a quem sorria semelhante mistificação e que nela encontrava esse alto divertimento que falta, na província, à gente de espírito.

Dos dezoito aos vinte e um anos, Viturniano custou perto de oitenta mil francos ao pobre tabelião, sem que a srta. Armanda nem o marquês o soubessem. Os processos abafados entravam em mais da metade dessa quantia, e as prodigalidades do rapaz tinham empregado o resto. Das dez mil libras de rendimentos do marquês, cinco mil eram necessárias à manutenção da casa; as despesas pessoais da srta. Armanda, apesar de sua parcimônia, e as do marquês atingiam mais de

dois mil francos; a pensão do belo herdeiro não chegava, portanto, a cem luíses. Que eram dois mil francos, para quem quer aparecer com elegância?[577] Só a indumentária custava esse rendimento. Viturniano encomendava em Paris sua roupa branca, suas casacas, suas luvas, seus perfumes. Viturniano tinha querido um bonito cavalo inglês para montar, um cavalo de tílburí e um tílburí. O sr. du Croisier tinha um cavalo inglês e um tílburí. Então a Nobreza devia deixar-se esmagar pela Burguesia? Depois o jovem conde exigira um *groom* com a libré da sua casa. Encantado de dar o tom à cidade, ao departamento, à mocidade, ele entrara no mundo das fantasias e do luxo que vão tão bem aos rapazes belos e espirituosos. Chesnel fornecia tudo, não sem usar, como os antigos parlamentos do direito de repreensão, mas com uma angélica doçura.

— Que pena que um homem tão bom seja tão enfadonho! — pensava Viturniano cada vez que o tabelião aplicava uma quantia sobre qualquer chaga sangrenta.

Viúvo e sem filhos, Chesnel adotara o filho de seu antigo senhor no fundo de seu coração. Gozava ao vê-lo atravessar a rua principal da cidade, debruçado na almofada dupla de seu tílburí, chicote na mão, uma rosa na lapela, bonito, bem-vestido, invejado por todos. Quando, numa necessidade urgente, uma perda de jogo em casa dos Troisville, do duque de Verneuil, do recebedor-geral ou na Prefeitura, Viturniano ia, com a voz calma, o olhar inquieto, o gesto manhoso, procurar sua Providência, o velho tabelião, numa casa modesta da Rue du Bercail, já tinha ganho a partida só pelo fato de se mostrar.

— E então, que tem, senhor conde, que foi que lhe aconteceu? — perguntava o velho com a voz alterada.

Nas grandes ocasiões, Viturniano se sentava, tomava um ar melancólico e sonhador, e, cheio de afetação, deixava que o velho o interrogasse. Depois de ter causado as maiores inquietações ao velhote, que começava a temer as consequências de uma dissipação tão constante, acabava confessando uma falta leve, liquidada por uma nota de mil francos. Além de seu Cartório, Chesnel possuía aproximadamente doze mil francos de rendimentos. Esses fundos não eram inesgotáveis. Os oitenta mil francos devorados constituíam suas

economias, reservadas para quando o marquês mandasse o filho a Paris ou para facilitar um bom casamento. Clarividente quando Viturniano não estava perto, Chesnel ia perdendo, uma após outra, as ilusões ainda acariciadas pelo marquês e pela irmã. Reconhecendo nesse moço uma falta total de firmeza no comportamento, ele desejava casá-lo com alguma rapariga nobre, ajuizada e prudente. Não conseguia entender como é que um rapaz que pensava tão bem podia comportar-se tão mal, ao vê-lo fazer, num dia, o contrário do que prometera na véspera. Mas não se deve esperar nada de bom dos moços que confessam suas culpas, arrependem-se e tornam a cometê-las. Os homens de grande caráter somente a si próprios fazem a confissão de seus erros e aplicam a si próprios o castigo merecido. Os fracos, entretanto, recaem no abismo, achando muito difícil percorrer-lhe as margens. Viturniano, em quem semelhantes tutores, de combinação com seus companheiros e seus hábitos, tinham afrouxado a mola do orgulho secreto dos grandes homens, chegara repentinamente à fraqueza dos voluptuosos, no momento exato de sua vida em que sua força, para se exercer, precisaria do regime de contrariedades e misérias que formou os príncipes Eugênio,[578] os Frederico II e os Napoleão.[579] Em Viturniano, Chesnel descobria esse indomável furor pelos prazeres, que deve ser o apanágio dos homens dotados de grandes faculdades e que sentem a necessidade de lhes contrabalançar o fadigoso exercício por compensações correspondentes em prazeres, mas que leva ao despenhadeiro as pessoas hábeis apenas para as volúpias. Havia momentos em que o pobre homem se apavorava; no entanto, em outros momentos, a extraordinária agudeza e a vasta inteligência, que tornavam esse rapaz tão notável, o tranquilizavam. Dizia consigo mesmo o que o próprio marquês dizia, quando o rumor de alguma traquinada lhe chegava aos ouvidos: “São coisas da mocidade!”. Quando Chesnel se queixava ao cavaleiro da propensão que tinha o jovem conde para contrair dívidas, o cavaleiro escutava-o, enrolando uma pitada de rapé com ares irônicos.

— Explique-me, pois, o que é a Dívida Pública, meu caro Chesnel — respondia-lhe então. — Mas que diacho! Se a França tem dívidas, por

que Viturniano não as teria? Hoje, como sempre, os príncipes têm dívidas, todos os fidalgos têm dívidas. Queria o senhor, por acaso, que Viturniano lhe trouxesse economias? Sabe o que fez o nosso grande Richelieu, não o cardeal, esse era um miserável que matava a nobreza, mas o marechal,[580] quando o neto, príncipe de Chinon, que foi o último dos Richelieu, lhe mostrou que não tinha gasto, na Universidade, o dinheiro para seus prazeres miúdos?

— Não sei, sr. cavaleiro.

— Pois bem, ele atirou a bolsa pela janela, para um varredor do pátio, dizendo ao neto: “Então aqui não te ensinam a ser príncipe?”.

Chesnel abaixava a cabeça, sem dizer nada. Depois, à noite, antes de adormecer, o honrado velhote pensava que essas doutrinas eram funestas numa época em que a polícia correcional existia para toda a gente; ele via, em germe, a ruína da grande casa D’Esgrignon.

Sem essas explicações, que pintam todo um lado da história da vida provinciana sob o Império e a Restauração, teria sido difícil compreender a cena pela qual esta aventura começa e que ocorreu nos últimos dias do mês de outubro do ano de 1822, no Gabinete das Antiguidades, uma noite, depois do jogo, quando os nobres frequentadores, as velhas condessas, as jovens marquesas, as simples baronesas tinham liquidado as contas. O velho fidalgo passeava de um lado para outro, no salão, enquanto a srta. d’Esgrignon ia, em pessoa, apagando as velas nas mesas de jogo. Em companhia do marquês estava o cavaleiro, acompanhando-o no passeio. Esses dois destroços do século precedente conversavam a respeito de Viturniano, que encarregara o cavaleiro de falar em seu favor.

— Sim, marquês — dizia o cavaleiro —, seu filho perde aqui o tempo e a mocidade; creio que deveria, afinal, ser enviado à Corte.

— Eu sempre pensei que, se minha idade avançada me impedisse de ir à Corte, onde, seja dito entre nós dois, eu não sei o que faria vendo o que se passa com essa gente nova que o rei recebe, mandaria, ao menos, meu filho apresentar nossas homenagens a sua majestade. O rei deve dar qualquer coisa ao conde, por exemplo: um regimento, um emprego em seu palácio, uma coisa, enfim, que o habilite a ganhar suas esporas. Meu tio, o arcebispo, sofreu um martírio cruel, eu combati

sem desertar, ao contrário daqueles que julgaram de seu dever acompanhar os príncipes; na minha opinião, o rei estava em França, sua nobreza devia rodeá-lo. Pois bem! Ninguém se lembra de nós, enquanto Henrique IV[581] já teria escrito aos D'Esgrignon: *Vinde, meus amigos! Ganhamos a partida!* Afinal, nós somos qualquer coisa de melhor que os Troisville, e, no entanto, eis dois Troisville nomeados pares de França, um outro é deputado da Nobreza. — O marquês confundia os Grandes Colégios eleitorais com assembleias de sua Ordem. — Realmente, tratam-nos como se não existíssemos! Eu esperava a viagem que os príncipes fariam por estes lados, mas os príncipes não vêm até nós; nós é que devemos, portanto, ir a eles.

— Estou encantado por saber que está pensando em apresentar nosso querido Viturniano na sociedade — disse habilmente o cavaleiro. — Esta cidade é um buraco onde ele não deve enterrar seus talentos. O mais que pode encontrar aqui é uma normanda bem tola, mal-educada e rica. E ele iria transformá-la em quê? Em sua esposa. Ah! Deus nos livre!

— Espero que ele só se case depois de ter conseguido um bom cargo no Reinado ou na Coroa — disse o velho marquês. — Mas há dificuldades graves.

Eis as únicas dificuldades que o marquês via no começo da carreira do filho:

— Meu filho — continuou, depois de uma pausa marcada por um suspiro —, o conde d'Esgrignon, não pode apresentar-se como um João-ninguém; é preciso equipá-lo. Ai de nós! Já não temos, como há dois séculos, a nossa comitiva de fidalgos. Ah! Cavaleiro, essa demolição do alicerce ao telhado sempre me surpreende como no dia seguinte ao primeiro golpe de martelo desferido pelo sr. de Mirabeau. Hoje, o essencial é ter dinheiro; e é a única coisa que eu vejo claramente nos benefícios da Restauração. O rei não quer mais saber se uma pessoa descende dos Valois ou de um dos conquistadores das Gálias, mas apenas se paga mil francos de impostos. Assim, eu não poderia mandar o conde para a Corte sem uns vinte mil escudos...

— Sim, com essa bagatela ele poderia aparecer garbosamente — disse o cavaleiro.

— Pois bem — disse a srta. Armanda —, eu pedi a Chesnel que viesse aqui esta noite. Acredita o cavaleiro que, desde o dia em que Chesnel me propôs casar com esse miserável Du Croisier...

— Ah! Foi uma coisa indigna, senhorita! — exclamou o cavaleiro.

— Imperdoável — acrescentou o marquês.

— Pois bem — continuou a srta. Armanda —, meu irmão nunca pôde decidir-se a pedir seja o que for a Chesnel.

— A seu antigo criado? — espantou-se o cavaleiro. — Ah, marquês, mas seria uma honra para Chesnel, uma honra de que ele se sentiria grato até seu derradeiro suspiro!

— Não — respondeu o fidalgo —, eu não acho que seja uma coisa digna...

— Mas não se trata de saber se é digna; a coisa é necessária — continuou o cavaleiro, com um leve estremecimento.

— Nunca! — exclamou o marquês, respondendo com um gesto decisivo, que forçou o cavaleiro a arriscar um golpe que o esclarecesse.

— Pois bem! — disse o cavaleiro. — Se ainda não sabe, eu lhe direi que Chesnel já deu qualquer coisa a seu filho, uma quantia como...

— Meu filho seria incapaz de aceitar fosse o que fosse de Chesnel — assegurou o velho, empertigando-se e interrompendo o cavaleiro. — Ao cavaleiro, sim, acredito que ele tivesse podido pedir uns vinte e cinco luíses...

— Uma quantia aproximadamente de cem mil libras — continuou o cavaleiro, sem notar a interrupção.

— O conde d'Esgrignon deve cem mil libras a um Chesnel! — exclamou o velho, dando provas de uma dor profunda. — Ah! Se ele não fosse filho único, partiria esta noite mesmo para as ilhas, com uma patente de capitão. Dever a usurários que se pagam com juros enormes, está certo! Mas Chesnel, um homem que nos é dedicado!....

— Sim! Nosso adorável Viturniano devorou cem mil libras, meu caro marquês — continuou o cavaleiro, sacudindo os grãos de rapé caídos no colete. — É pouco, bem sei. Na idade dele, eu!... Enfim, deixemos de lado nossas recordações, marquês. O conde vive na província e, guardadas as proporções, não está mal: ele irá longe; descubro nele as desordens dos homens que, mais tarde, realizam grandes coisas...

— E ele está dormindo, lá em cima, sem ter contado nada a seu pai! — queixou-se o marquês.

— Está dormindo com a inocência de uma criança que, até agora, só fez a desgraça de cinco ou seis burguesinhas e que precisa, agora, de duquesas — respondeu o cavaleiro.

— Mas ele está merecendo uma carta régia!

— *Eles* suprimiram as cartas régias — disse o cavaleiro. — Quando experimentaram criar uma justiça excepcional, bem sabe como protestaram. Nós não pudemos manter nossos tribunais de prebostes, que o senhor de Bonaparte chamava de *Comissões Militares*.

— E então o que será de nós, quando tivermos filhos loucos ou patifes? Não poderemos encarcerá-los? — perguntou o marquês.

O cavaleiro contemplou o pai desesperado, e não ousou responder-lhe: — Seremos forçados a educá-los direito...

— E a senhora não me disse nada a esse respeito, srta. d'Esgrignon — acrescentou o marquês, interpelando a irmã.

Essas palavras denotavam sempre irritação, porque ele a chamava, geralmente, de *minha irmã*.

— Mas, senhor, quando um rapaz vivo e ardente fica ocioso numa cidade como esta, que quer o senhor que ele faça? — disse a srta. d'Esgrignon, que não compreendia a cólera do irmão.

— Eh! Diacho! Que importância têm as dívidas? — continuou o cavaleiro. — Ele joga, ele tem suas aventurazinhas, ele caça; tudo isso custa muito caro hoje.

— Vamos — decidiu o marquês. — É tempo de mandá-lo ao rei. Amanhã, passarei o dia escrevendo aos nossos parentes.

— Eu conheço um pouco os duques de Navarreins, de Lenoncourt, de Maufrigneuse, de Chaulieu — disse o cavaleiro, que, no entanto, sabia estar completamente esquecido.

— Meu caro cavaleiro, não são necessárias tantas precauções para apresentar um D'Esgrignon à Corte — disse o marquês, interrompendo-o. — Cem mil libras! — murmurou ele. — Esse Chesnel é muito ousado. Eis os efeitos desses malditos Motins. Chesnel protege meu filho! E é preciso que eu lhe peça... Não; minha irmã resolverá esse caso. Chesnel pode hipotecar nossos bens para tudo. E, minha

irmã, passe uma boa repreensão nesse jovem estouvado, porque ele acabará se arruinando.

O cavaleiro e a srta. d'Esgrignon achavam simples e naturais essas palavras, tão cômicas para qualquer outra pessoa que as tivesse ouvido. Longe disso, essas duas personagens sentiram-se comovidas pela expressão quase dolorosa que se imprimira nos traços do ancião. Nesse momento, o sr. d'Esgrignon estava sob o peso de alguma sinistra previsão e quase adivinhava sua época. Foi sentar-se numa poltrona, num canto da lareira, esquecendo Chesnel, que não devia tardar e a quem não queria pedir nada.

O marquês d'Esgrignon tinha então a fisionomia que as imaginações poéticas lhe desejariam... Sua cabeça quase calva conservava ainda cabelos brancos sedosos, nascidos na parte de trás da cabeça e recaindo em mechas lisas, mas encacheadas nas pontas. Sua bela fronte, cheia de nobreza, essa fronte que se admira na cabeça de Luís XV, na de Beaumarchais e na do marechal de Richelieu, não oferecia ao olhar nem a amplidão quadrada do marechal de Saxe nem o círculo pequeno, duro, apertado, cheio demais de Voltaire, mas uma graciosa forma convexa, finamente modelada, de têmporas moles e douradas. Seus olhos brilhantes lançavam essa coragem e esse fogo que a idade não abate. Tinha o nariz dos Condés, a boca amável dos Bourbon, da qual só escapam palavras espirituosas ou boas, como as que dizia sempre o conde de Artois. Suas faces, mais em escarpa do que tolamente redondas, estavam em harmonia com seu corpo seco, suas pernas finas e suas mãos torneadas. Tinha o pescoço apertado por uma gravata posta como as dos marqueses representados nas gravuras que ilustram as obras do último século e que tanto se veem em Saint-Preux[582] como em Lovelace,[583] nos heróis do burguês Diderot como nos do elegante Montesquieu (vejam-se as primeiras edições de suas obras). O marquês usava sempre um grande colete branco bordado a ouro, onde brilhava a fita de comendador de São Luís, uma casaca azul de grandes abas, com as bordas reviradas, lavrada de flores de lis, roupa singular que o rei adotara; mas não tinha abandonado nem os calções franceses, nem as meias compridas de seda branca, nem as fivelas, e, desde seis horas da tarde, mostrava-se nessa indumentária de cerimônia. Só lia o

La Quotidienne[584] e a *Gazette de France*,[585] dois jornais que as folhas constitucionais acusavam de obscurantismo, de mil enormidades monárquicas e religiosas, e que o marquês, entretanto, achava cheios de heresias e de ideias revolucionárias. Por mais exagerados que sejam os órgãos de uma opinião, ficarão sempre abaixo dos puros de seu partido; da mesma forma, o pintor dessa magnífica personagem será, sem dúvida, acusado de ter ultrapassado a verdade, quando, na realidade, suaviza alguns tons demasiadamente crus e amortece as cores ardentes demais de seu modelo. O marquês d'Esgrignon encostara os cotovelos nos joelhos e apoiara a cabeça nas mãos. Durante todo o tempo em que ele meditou, a srta. Armanda e o cavaleiro se olharam, sem comunicar um ao outro suas ideias. Estaria o marquês sofrendo por dever o futuro do filho ao seu antigo intendente? Duvidaria do acolhimento que fariam ao jovem conde? Lamentava não ter nada preparado para a entrada de seu herdeiro na sociedade brilhante da Corte, enquanto ele continuaria no fundo de sua província, onde o retinha sua pobreza? Como poderia ele aparecer na Corte? Suspirou fortemente, erguendo a cabeça. Era um desses suspiros como os exalava então a verdadeira e leal aristocracia, a dos gentis-homens da província, tão esquecidos naqueles dias, como a maioria daqueles que tinham tomado uma espada e resistido durante a tempestade.

— Que fizeram pelos Du Guénic, pelos Ferdinand, pelos Fontaine e pelo irmão de Montauran,[586] que nunca se submeteram? — murmurou ele baixinho. — Àqueles que lutaram mais corajosamente, lançaram pensões miseráveis, alguma patente de tenente do rei, em qualquer fortaleza, nas fronteiras, uma agência lotérica à condessa de Bauvan,[587] cuja energia sustentou a de Charette e de Montauran.

Evidentemente, o marquês duvidava da Realeza. A srta. d'Esgrignon tentava tranquilizar o irmão sobre as consequências dessa viagem, quando se ouviram sobre as pequenas lajes secas da rua, ao longo das janelas do salão, passos que anunciavam Chesnel. Dentro em pouco, o tabelião surgiu no limiar da porta que Josefino, o velho criado de quarto do conde, abriu sem o anunciar.

— Chesnel, meu rapaz...

O tabelião tinha sessenta e nove anos, a cabeça encanecida, o rosto quadrado, venerável, calções de uma amplidão que teria merecido uma descrição épica de Sterne,[588] meias enrugadas, sapatos com presilhas de prata, uma casaca do feitio de um casulo e um grande colete de tutor.

— Foste muito presunçoso, emprestando dinheiro ao conde d'Esgrignon! Merecias que eu to devolvesse neste instante mesmo e que nunca mais te tornássemos a ver, porque deste asas aos seus vícios. — Houve um momento de silêncio, igual ao que se faz na Corte, quando o rei repreende publicamente um cortesão. O velho tabelião estava numa atitude humilde e contrita. — Chesnel, essa criança me inquieta — retomou o marquês com bondade —, quero mandá-la a Paris, para servir o rei. Entende-te com minha irmã para que ele possa apresentar-se decentemente. Depois ajustaremos nossas contas...

O marquês retirou-se gravemente, saudando Chesnel com um gesto familiar.

— Agradeço ao senhor marquês todas as suas bondades — disse o velho, que ficou em pé.

A srta. Armanda levantou-se para acompanhar o irmão; tinha tocado a campainha, e o criado de quarto estava à porta, com uma vela na mão para ir deitar o fidalgo.

— Sente-se, Chesnel — disse a solteirona, voltando.

Por suas delicadezas de mulher, a srta. Armanda tirava toda a rudeza ao comércio do marquês com seu antigo intendente; no entanto, sob essa rudeza, Chesnel adivinhava uma afeição magnífica. Esse afeto do marquês por seu antigo empregado constituía uma paixão semelhante à que o dono sente pelo seu cão, e que o levaria a brigar com quem desse um pontapé no seu animal, pois o considera como uma parte integrante de sua existência, como uma coisa que, sem ser ele próprio, completamente, representa-o no que tem de mais caro, os sentimentos.

— Já é tempo, decerto, de fazer com que o senhor conde deixe esta cidade, senhorita — disse o tabelião sentenciosamente.

— Sim — respondeu ela. — Terá ele cometido alguma nova estripulia?

— Não, senhorita.

— E então? Por que o está acusando?

— Senhorita, eu não o estou acusando. Não, eu não o estou acusando. Estou muito longe de acusá-lo. Aliás, eu não o acusarei nunca, faça ele o que fizer!

A conversa caiu. O cavaleiro, criatura eminentemente compreensiva, começou a bocejar como um homem dominado pelo sono. Desculpou-se graciosamente por deixar o salão e saiu tendo tanta vontade de dormir quanto de se afogar: o demônio da curiosidade lhe esbugalhava os olhos, e sua mão delicada tirava o algodão que o cavaleiro tinha nos ouvidos.

— Diga, Chesnel, há alguma novidade? — perguntou a srta. Armanda, inquieta.

— Sim — explicou Chesnel —, trata-se de coisas que seria impossível contar ao senhor marquês; ele cairia fulminado por uma apoplexia.

— Diga-me, então, o que aconteceu — pediu ela, curvando a bela cabeça no encosto da poltrona e deixando cair os braços ao longo do corpo, como uma pessoa que espera o golpe da morte sem se defender.

— Senhorita, o senhor conde, que é tão inteligente, é o joguete de certa gentinha que está preparando uma grande vingança: querem ver-nos arruinados, humilhados! O presidente do Tribunal, o sr. du Ronceret, como a senhorita sabe, tem as mais altas pretensões nobiliárias...

— O avô dele era procurador — disse a srta. Armanda.

— Sei disso — falou o tabelião. — Por isso ele não foi recebido aqui; também não frequenta a casa dos srs. de Troisville nem do duque de Verneuil, nem do marquês de Castéran; mas é um dos pilares do salão de Du Croisier. O sr. Fabiano du Ronceret, com quem seu sobrinho pode conviver sem se comprometer demasiadamente (afinal, ele precisa de companheiros), pois bem, esse moço é o conselheiro de todas as suas loucuras, ele e mais dois ou três que são do partido do inimigo desta casa, do inimigo do senhor cavaleiro, daquele que respira vingança por todos os poros, contra a nobreza inteira. Todos esperam arruiná-lo pelo seu sobrinho, vê-lo caído na lama. Essa conspiração é dirigida pelo sicofanta de Du Croisier, que se finge de monarquista; sua

pobre mulher ignora tudo, a senhorita a conhece; eu teria sabido de tudo há mais tempo se ela tivesse os ouvidos mais aguçados para escutar o mal. Durante algum tempo, esses jovens loucos não estavam no segredo, pois eles não o contavam a ninguém; mas, de tanto rir, os cabeças se comprometeram, e os tolos acabaram por compreender; e, depois das últimas leviandades do conde, eles deixaram escapar algumas palavras, quando embriagados. Essas palavras me foram repetidas por pessoas entristecidas de ver um moço tão belo, tão nobre e tão encantador perdendo-se inutilmente. Por enquanto, condoem-se dele, mas, dentro de alguns dias, ele será... eu nem ousar...

— Desprezado, diga, diga, Chesnel! — exclamou dolorosamente a srta. Armanda.

— Meu Deus! Como se pode impedir que a melhor gente desta cidade, que não sabe o que fazer da manhã à noite, fiscalize as ações do próximo? Assim, os prejuízos do senhor conde no jogo já foram calculados. Em dois meses, eis trinta mil francos perdidos! E todos procuram saber onde foi que ele os arranjou. Quando se fala nisso na minha frente, eu os chamo à ordem! Ah! Mas... Vocês acreditam, dizia-lhes eu ainda esta manhã, que, quando tomaram os direitos úteis e as terras da família D'Esgrignon, tenham se apoderado dos tesouros? O jovem conde tem o direito de se comportar como bem entender; e, enquanto ele não lhes dever nem um vintém, vocês não podem dizer uma só palavra.

A srta. Armanda estendeu a mão, que o velho tabelião beijou respeitosamente.

— Bom Chesnel! Meu amigo, como poderá o senhor descobrir fundos para essa viagem? Viturniano não pode apresentar-se na Corte sem que esteja à altura de sua posição.

— Oh! Senhorita, eu hipotequei minhas terras do Jard.

— Como, então o senhor não possuía mais nada? Meu Deus, como faremos para recompensá-lo?!

— Aceitando os cem mil francos que ponho à sua disposição. A senhorita compreende que a hipoteca foi feita com toda discrição, para não desconsiderar a família. Aos olhos da cidade inteira, eu pertenço à casa D'Esgrignon.

Algumas lágrimas vieram aos olhos da srta. Armanda; vendo-as, Chesnel tomou uma dobra do vestido dessa nobre criatura e beijou-a.

— Não há de ser nada — continuou ele —, é preciso que os moços deem as suas cabeçadas. O trato dos belos salões de Paris transformará o curso das ideias do rapaz. E aqui, na verdade, seus velhos amigos são os corações mais nobres, as pessoas mais dignas deste mundo, mas não são divertidos. Para sacudir o tédio, o senhor conde tem sido obrigado a descer, e acabaria por se envilecer.

No dia seguinte, o velho carro de viagem da casa D'Esgrignon tornou a ver a luz e foi mandado ao seleiro para alguns consertos. O jovem conde foi solenemente informado pelo pai, depois do almoço, quanto às intenções formadas a seu respeito: iria à Corte pedir serviço ao rei; viajando, deveria escolher uma carreira qualquer. A Marinha ou o Exército, os ministérios ou as embaixadas, a Casa do Rei; bastava-lhe escolher, tudo lhe seria concedido. O rei estaria certamente grato aos D'Esgrignon, que nunca lhe haviam pedido nada, a fim de reservar os favores do trono para o herdeiro da família.

Desde que cometera suas loucuras, o jovem D'Esgrignon farejara a sociedade parisiense e julgara a vida real. Como se tratava, para ele, de deixar a província e a casa paterna, ele ouviu gravemente a alocação de seu respeitável pai, sem responder que já não se entrava na Marinha nem no Exército como outrora; que, para se ser tenente de cavalaria sem ter passado pelas escolas especiais, seria necessário servir no corpo de pajens; que os filhos das mais ilustres famílias iam para Saint-Cyr ou para a Escola Politécnica, exatamente como os filhos dos plebeus, depois de terem prestado concursos públicos, nos quais os gentis-homens corriam o perigo de perder para os vilões. Se esclarecesse o pai, poderia não receber o dinheiro necessário para uma estada em Paris, e, portanto, deixou que o marquês e a tia Armanda acreditassem que ele passearia nas carruagens do rei, ocuparia a posição que os D'Esgrignon se atribuíam nos tempos atuais e seria tratado como um igual pelos grandes senhores. Pesaroso de só poder dar ao filho um único criado para acompanhá-lo, o marquês lhe ofereceu seu velho empregado Josefino, homem de confiança que cuidaria dele, que velaria fielmente sobre suas posses e de quem o

pobre pai se desfazia, esperando substituí-lo depois por um criado ainda jovem.

— Lembre-se, meu filho, de que você é um Carol, que seu sangue é um sangue puro de qualquer mistura, que seu escudo tem como divisa: “Ele é nosso!” que lhe permite andar sempre de cabeça erguida e pretender até rainhas. Agradeça isso a seu pai, como eu agradei ao meu. À honra de nossos antepassados, santamente conservada, devemos o favor de poder olhar tudo de frente e de só ter de dobrar os joelhos diante de uma amante, diante do rei e diante de Deus. Eis o maior de seus privilégios.

O bom Chesnel assistira ao almoço. Não tomou parte das recomendações heráldicas nem das cartas aos potentados do dia; mas tinha passado a noite escrevendo a um de seus velhos amigos, um dos mais antigos tabeliães de Paris. Seria impossível compreender a paternidade fictícia e real de Chesnel por Viturniano, se se omitisse a transcrição dessa carta, comparável, talvez, ao discurso de Dédalo a Ícaro.^[589] É necessário remontar até a mitologia, para achar comparações dignas desse homem antigo.

Meu caro e respeitável Sorbier,

Lembro-me, com delícia, de ter dado os primeiros passos da nossa honrosa carreira no cartório de teu pai, onde me quiseste bem, a mim, pobre escreventezinho que eu era então. É a essas recordações de nossos tempos de praticantes, tão doces a nossos corações, que eu me dirijo para reclamar de ti o único favor que eu te terei pedido durante todo o curso de nossa longa vida, atravessada por essas catástrofes políticas, às quais eu talvez tenha devido a honra de me tornar teu colega. Esse favor, eu o peço, meu amigo, à beira do túmulo, em nome de meus cabelos brancos que caíam de dor, se não quisesse atender as minhas súplicas. Sorbier, não se trata de mim nem dos meus. Perdi minha pobre esposa e não tenho filhos. Mas, ai!, trata-se de mais ainda do que de minha família, se eu tivesse uma; trata-se do filho único do sr. marquês d’Esgrignon, de quem tive a honra de ser o intendente ao sair do Cartório, para onde o pai dele me tinha enviado, à sua custa, na intenção de me ajudar a enriquecer. Essa casa, onde eu fui criado, sofreu todas as desgraças da Revolução. Pude salvar-lhe alguns bens, mas que são eles em comparação com a opulência extinta? Sorbier, eu não te saberia exprimir a que ponto sou dedicado a essa grande casa que vi prestes a desabar no abismo dos tempos: a proscrição,

o confisco, a velhice e nenhum descendente! Quantas desventuras! Depois, o senhor marquês se casou; a mulher morreu de parto, deixando o jovem conde, e, hoje, tudo o que resta de bem vivo é apenas essa nobre, querida e preciosa criança. Os destinos dessa casa se resumem nesse moço. Ora, ele contraiu algumas dívidas, divertindo-se, aqui. Que fazer, na província, com cem miseráveis luíses? Sim, meu amigo, cem luíses, eis a que está reduzida a grande casa D'Esgrignon. Nessa extremidade, o pai compreendeu a urgência de mandá-lo a Paris, a fim de reclamar, na Corte, os favores do rei. Paris é um lugar muito perigoso para a juventude. É preciso possuir a dose de razão que nos torna tabeliães, a fim de viver, aí, ajuizadamente. Eu me sentiria, aliás, desesperado de saber essa pobre criança vivendo nas privações por que nós dois já passamos. Lembra-te do prazer com que compartilhaste meu pãozinho, na plateia do Théâtre-Français, onde ficamos um dia inteiro e uma noite para ver a representação de *O casamento de Figaro*, cegos que nós éramos? Éramos felizes e pobres, mas um fidalgo não saberia ser feliz na indigência. A indigência de um fidalgo é uma coisa contra a natureza. Ah, Sorbier! Quando se teve a felicidade de, com a própria mão, deter na queda uma das mais belas árvores genealógicas do reinado, é tão natural a gente dedicar-se a ela, amá-la, regá-la, querer vê-la florescer que não estranharás as precauções que eu tomo nem este pedido de socorro às tuas luzes, para dirigir no caminho do bem e do triunfo o nosso jovem. A casa D'Esgrignon destinou a soma de cem mil francos às despesas da viagem empreendida pelo senhor conde. Tu o verás, não há em Paris nenhum rapaz que lhe possa ser comparado! Interessa-te por ele como por um filho único. Enfim, estou certo de que a sra. Sorbier não hesitará em te auxiliar na tutela moral de que te estou investindo. A pensão do conde Viturniano está fixada em dois mil francos por mês; mas começarás por lhe entregar dez mil para seus primeiros gastos. Assim, a família assegurou dois anos de estada, fora o caso de uma viagem ao estrangeiro, para a qual, então, assentáramos outras medidas. Associa-te a esta obra, meu velho amigo, e conserva os cordões da bolsa um pouco apertados. Sem admoestar o senhor conde, expõe-lhe considerações, contendo-o tanto quanto puderes, e age de maneira a que ele não tome adiantamentos de um mês sobre os outros, sem motivos aceitáveis, porque não deverás desesperá-lo em circunstâncias em que sua honra esteja empenhada. Informa-te de seu procedimento, de seus gestos, das pessoas que ele frequentar; vigia suas ligações. O senhor cavaleiro me disse que uma dançarina da Ópera às vezes não custa tão caro quanto uma mulher da Corte. Informa-te a esse respeito e manda-me uma resposta. A sra. Sorbier poderia, caso estejas muito ocupado, saber o que faz e aonde vai o rapaz. Talvez lhe sorria a ideia de ser o anjo da guarda de uma criança tão encantadora e tão nobre. Deus saberá recompensá-la

por aceitar tão santa missão. Seu coração certamente estremecerá, sabendo quantos perigos o conde Viturniano corre em Paris; vós o vereis, ambos: ele é tão belo quanto jovem, tão inteligente quanto confiante. Se ele se ligasse com alguma mulher má, a sra. Sorbier poderia, melhor do que tu mesmo, preveni-lo de todos os perigos que o ameaçariam. Acompanha-o um velho criado, que poderá te contar muitas coisas. Deves sondar Josefino, a quem já informei que lhe cabe consultar-te nas situações delicadas. Mas que outras coisas te poderia dizer? Fomos aprendizes e traquinas; lembra-te de nossas estripulias, e, para este caso, volta aos dias da mocidade, meu velho amigo. Os sessenta mil francos te serão entregues num vale sobre o Tesouro, por um senhor de nossa cidade, que vai a Paris etc.

O velho casal, se tivesse seguido à risca as instruções de Chesnel, ver-se-ia obrigado a pagar três espiões para vigiar o conde d'Esgrignon. Entretanto, na escolha do depositário, havia uma ampla sabedoria. Um banqueiro vai fornecendo toda a quantia que tem em caixa àquele que tem crédito em sua casa, enquanto, a cada necessidade de dinheiro, o jovem conde devia dirigir-se ao tabelião, que, certamente, usaria do seu direito de advertência.

Viturniano pensou trair sua alegria, quando soube que teria dois mil francos por mês. Ignorava tudo a respeito de Paris. Com essa quantia, julgava poder levar uma vida de príncipe.

Dois dias mais tarde, o jovem conde partiu, acompanhado pelas bênçãos de todos os frequentadores do Gabinete das Antiguidades, beijado pelas velhas aristocratas, cumulado de votos, seguido até fora da cidade pelo velho pai, pela tia e por Chesnel, que, todos os três, tinham lágrimas nos olhos. Essa partida súbita alimentou, durante várias noites, as conversas da cidade e remordeu, principalmente, os corações odientos do salão de Du Croisier. Após ter jurado a perda dos D'Esgrignon, o antigo fornecedor, o presidente e seus partidários viam a presa fugir-lhes. A vingança que planejavam era baseada sobre os vícios daquele estouvado, doravante longe de seu alcance.

III — A ESTREIA DE VITURNIANO

Uma tendência natural ao espírito humano, que faz uma libertina da

filha de uma mulher devota, uma devota da filha de uma mulher leviana, a lei dos Contrastes, que é, sem dúvida, *a resultante* da lei dos Similares, arrastava Viturniano para Paris, insuflando-lhe um desejo ao qual acabaria, cedo ou tarde, por sucumbir. Educado numa velha mansão de província, rodeado por figuras doces e tranquilas que lhe sorriam, por uma criadagem grave, afeiçoada aos patrões e em harmonia com as cores antigas daquela morada, essa criança nunca tinha conhecido senão amigos respeitáveis. Exceto o cavaleiro secular, todos aqueles que o cercaram tinham maneiras pausadas, palavras decentes e sentenciosas. Tinha sido acariciado por aquelas mulheres de saias cinzentas e manguitos bordados, que Blondet nos descreveu. O interior da casa paterna era decorado com um velho luxo que não podia inspirar pensamentos loucos. Finalmente, instruído por um padre sem falsa religião, cheio dessa amenidade dos anciãos sentados sobre dois séculos, que trazem para o nosso as rosas secas de suas experiências e as flores murchas dos costumes de sua mocidade, Viturniano, que deveria sujeitar todos os seus gestos a hábitos sérios, a quem tudo aconselhava continuar a glória de uma casa histórica, considerando a vida como uma coisa grande e bela, Viturniano dava ouvidos às ideias mais perigosas. Em sua nobreza, ele via um estribo que lhe serviria para elevar-se acima dos outros homens. Batendo nesse ídolo incensado no lar paterno, tinha percebido que era oco. Tornara-se o mais terrível dos entes sociais e o mais comum de se encontrar, um egoísta consequente. Levado, pela religião aristocrática do *eu*, a seguir suas fantasias, adoradas pelas primeiras pessoas que lhe cuidaram da infância e pelos primeiros companheiros de suas loucuras de mocidade, habituara-se a só estimar todas as coisas pelo prazer que lhe pudessem proporcionar e a ver boas almas consertando-lhe as tolices: indulgência perniciosa que devia perdê-lo. Sua educação, embora boa e piedosa, tivera o defeito de o haver isolado demais, de lhe ter escondido a maneira de viver de sua época, que, certamente, não era a maneira de viver de uma cidade de província: seu verdadeiro destino levava-o mais alto. Contraíra o costume de não avaliar os fatos por seu valor social, mas relativo; considerava boas ou más suas ações, em razão de sua utilidade. Como os déspotas, faria a lei para a

circunstância, sistema que representa para as atividades do vício o mesmo que a fantasia para as obras de arte, uma causa perpétua de irregularidade. Dotado de um golpe de vista agudo e rápido, via bem, e certo; mas agia depressa, e mal. Qualquer coisa de incompleto, que não se explica e que se verifica em muitos rapazes, alterava-lhe o comportamento. Apesar da atividade de seu pensamento, tão repentino em suas manifestações, assim que a sensação falava, o cérebro obscurecido parecia não mais existir. Ele teria feito o espanto dos sábios, e era capaz de surpreender os loucos. Seu desejo, como uma nuvem de tempestade, cobria de repente os espaços claros e lúcidos de seu cérebro; depois, passadas as dissipações contra as quais se achava sem força, caía em abatimentos da cabeça, do coração e do corpo, em prostrações completas, e parecia meio imbecilizado; caráter capaz de arrastar um homem na lama quando se vê entregue a si mesmo, e de conduzi-lo até as culminâncias do Estado, quando o sustenta a mão de um amigo sem piedade. Nem Chesnel, nem o pai, nem a tia, nenhum deles conseguira jamais penetrar nessa alma, que se ligava, por tantos lados, à poesia, mas cujo centro era ferido por uma pavorosa fraqueza.

Quando se viu a algumas léguas de sua cidade natal, Viturniano não sentiu a menor tristeza; não pensou mais no velho pai, que o amava como dez gerações, nem na tia de dedicação quase insensata. Ansiava por Paris com uma violência fatal. Era para lá que se transportara sempre, em pensamento, como para um mundo de fadas; era lá que pusera em cena os seus mais belos sonhos. Julgava que seria o primeiro, em Paris, da mesma forma que na cidade e no departamento onde reinava o nome de seu pai. Cheio, não de orgulho, mas de vaidade, seus gozos cresciam de toda a extensão de Paris. Galgou a distância com rapidez. Imitando seu pensamento, sua carruagem não fez nenhuma transição entre o horizonte limitado de sua província e o mundo enorme da capital. Viturniano hospedou-se num bom hotel da Rue de Richelieu, perto do Bulevar, e apressou-se em tomar posse de Paris, feito um cavalo esfomeado que se atira sobre uma pastagem. Em pouco tempo, percebeu a diferença das duas regiões. Mais surpreendido do que intimidado por essa mudança, reconheceu, com a presteza de seu espírito, quanto ele próprio era insignificante no meio

dessa enciclopédia babilônica, quanto seria louco de se opor à caudaliosidade das ideias e dos costumes novos. Um único fato lhe bastou. Entregara, na véspera, uma carta de seu pai ao duque de Lenoncourt, um dos fidalgos franceses mais favorecidos pelo rei; encontrara-o no seu magnífico palácio, no meio de aristocráticos esplendores; no dia seguinte, tornou a vê-lo, no Bulevar, a pé, com um guarda-chuva na mão, passeando, sem nenhuma distinção exterior, sem seu cordão azul de que um cavaleiro das Ordens, outrora, jamais se separava. Esse duque e par, primeiro gentil-homem camareiro do rei, não tinha podido, apesar de sua alta polidez, reter um sorriso, enquanto lia a carta do marquês, seu parente. Esse sorriso explicara a Viturniano que havia mais de sessenta léguas entre o Gabinete das Antiguidades e as Tuileries: havia uma distância de vários séculos.

Em cada época, o Trono e a Corte se cercaram de famílias favoritas, sem nenhuma semelhança de nome ou caracteres com as dos outros reinados. Parece que, nessa esfera, é o Fato, e não o Indivíduo, que se perpetua. Essa observação seria incrível, se a História não estivesse aí para comprová-la. A Corte de Luís XVIII punha em evidência nomes quase estranhos aos que ornavam a de Luís XV: os Rivière, os Blacas, os D'Avaray, os Dambray, os Vaublanc, Vitrolles, D'Autichamp, Larochejaquelein, Pasquier, Decazes, Lainé, de Villèle, la Bourdonnaye etc. Se compararmos a Corte de Henrique IV à de Luís XIV, não encontraremos cinco grandes casas que tenham subsistido: Villeroy, favorito de Luís XIV, era neto de um secretário, enobrecido sob Carlos IX. O sobrinho de Richelieu já não representava quase nada. Os D'Esgrignon, quase principescos sob os Valois, todo-poderosos sob Henrique IV, não tinham a menor probabilidade de sucesso na Corte de Luís XVIII, que nem sequer pensava neles. Hoje, alguns nomes tão ilustres quanto o das casas soberanas, tais como os de Foix-Grailly, [590] D'Hérouville, [591] por falta de dinheiro, única potência desta época, jazem na obscuridade, que equivale à extinção.

Tendo julgado aquela sociedade — e só a julgou quanto a esse aspecto, sentindo-se ferido pela igualdade parisiense, monstro que acabou de devorar, sob a Restauração, o último bocado do Estado social —, Viturniano quis reconquistar sua posição com as armas

perigosas, apesar de embotadas, que o século deixara à nobreza: imitou as atitudes daqueles a quem Paris concedia sua custosa atenção, sentiu a necessidade de possuir cavalos, belas carruagens, todos os acessórios do luxo moderno. Era preciso *ficar à altura de sua época*, conforme lhe disse De Marsay, primeiro dândi que encontrou no primeiro salão onde foi introduzido. Para sua desgraça, caiu na sociedade dos parisienses astutos, dos De Marsay, dos Ronquerolles, dos Máximo de Trailles, dos Des Lupeaulx, dos Rastignac, dos Vandenesse, dos Ajuda-Pinto, dos Beaudenord, dos Roche-Hugon e dos Manerville, gente que ele encontrou em casa da marquesa d'Espard, das duquesas de Grandlieu, de Carigliano, de Chaulieu, das marquesas d'Aiglemont e de Listomère, da sra. Firmiani, da condessa de Sérisy,[592] na Ópera, nas embaixadas, em todos os lugares onde o introduziram seu grande nome e sua aparente fortuna. Em Paris, um nome de alta nobreza, reconhecido e adotado pelo Faubourg Saint-Germain, que conhece a nobreza da província na ponta da língua, é um salvo-conduto que abre todas as portas, mesmo as que só com dificuldade giram nos gonzos para os desconhecidos e para os heróis da sociedade secundária. Contanto que não se apresentasse como solicitador, Viturniano encontrou todos os seus parentes amáveis e acolhedores; compreendeu imediatamente que o meio de nada se obter era pedir qualquer coisa. Se, em Paris, o primeiro movimento é o de se mostrar protetor, o segundo, muito mais duradouro, é o de desprezar o protegido. O amor-próprio, a vaidade, o orgulho, todos os bons e os maus sentimentos do jovem conde levaram-no, ao contrário, a assumir uma atitude agressiva. Então, os duques de Verneuil, D'Hérouville, de Lenoncourt, de Chaulieu, de Navarreins, de Grandlieu, de Maufrigneuse, os príncipes de Cadignan e de Blamont-Chauvry[593] passaram a considerar um prazer apresentar ao rei esse encantador destroço de uma velha família. Viturniano apareceu nas Tuileries em magnífica equipagem, com as armas de sua casa; mas sua apresentação lhe demonstrou que o Povo preocupava demasiadamente o rei para que pudesse pensar na Nobreza. O rapaz adivinhou, instantaneamente, o hilotismo a que a Restauração, encouraçada de seus anciãos elegíveis e de seus velhos cortesãos, condenara a juventude nobre. Compreendeu

que, para ele, não havia lugar conveniente nem na Corte, nem no Estado, nem no Exército, em parte alguma, afinal. Lançou-se, então, ao mundo dos prazeres. Introduzido no Elysée-Bourbon, em casa da duquesa d'Angoulême, no pavilhão Marsan,^[594] de todo lado encontrou os testemunhos da polidez artificial devida ao herdeiro de uma velha família, de que se lembraram quando o viram. Uma lembrança ainda era muito. A distinção com que honravam Viturniano continha a promessa de um pariato e de um casamento brilhante; mas a vaidade impediu-o de declarar sua verdadeira situação, e ele se manteve sob as armas daquela falsa opulência. Tanto lhe elogiaram a aparência, aliás, e tão feliz o tornou o seu primeiro sucesso que uma vergonha, conhecida por muitos jovens — a vergonha de abdicar —, aconselhou-o a conservar tal atitude. Alugou um apartamento pequeno, na Rue du Bac, com uma estrebaria, uma cocheira e todos os acompanhamentos da vida elegante a que, desde o início, se viu condenado.

Essa encenação exigiu cinquenta mil francos, e o jovem conde obteve-os, contra todas as previsões do sensato Chesnel, por um concurso de circunstâncias imprevistas. A carta de Chesnel chegou bem ao cartório do amigo, mas o amigo estava morto. Vendo uma carta de negócios, a sra. Sorbier, viúva muito pouco poética, entregou-a ao sucessor do defunto. O novo tabelião, mestre Cardot, disse ao jovem conde que, passada em nome de seu predecessor, a ordem de pagamento para o Tesouro seria nula. Em resposta à epístola tão longamente meditada pelo velho tabelião de província, mestre Cardot escreveu uma carta de quatro linhas, não para conquistar Chesnel, mas para conquistar a quantia. Chesnel passou a procuração em nome do jovem tabelião, que, pouco suscetível de compartilhar do sentimentalismo de seu correspondente e encantado de se colocar à disposição do conde d'Esgrignon, deu tudo o que Viturniano lhe pediu. Aqueles que conhecem a vida de Paris sabem que não se precisa de muitos móveis, carros, cavalos e elegância para empregar cinquenta mil francos; devem, entretanto, considerar que Viturniano fez imediatamente cerca de vinte mil francos de dívidas nos fornecedores, que, a princípio, não lhe quiseram receber o dinheiro, pois sua fortuna

fora exagerada pela opinião pública e por Josefino, espécie de Chesnel em libré.

Um mês após sua chegada, Viturniano se viu obrigado a ir buscar mais dez mil francos no cartório do tabelião. Jogara, simplesmente, uíste em casa dos duques de Navarreins, de Chaulieu, de Lenoncourt e no clube. Depois de ter ganho alguns milhares de francos, perdeu em breve cinco ou seis mil, e sentiu necessidade de constituir uma reserva para o jogo. Tinha o gênero de espírito que agrada à sociedade e que permite a um jovem de boa família colocar-se ao nível de qualquer elevação. Não somente foi logo admitido como personagem importante no grupo da alegre mocidade como ainda o invejaram. Sentindo-se objeto de inveja, Viturniano experimentou uma satisfação embriagadora, pouco feita para lhe inspirar reformas. Sob esse aspecto, agiu como um insensato. Não quis pensar nos meios; metia as mãos nos bolsos e tirava o dinheiro, como se eles devessem novamente encher-se, e tomou a decisão de não refletir no que pudesse advir desse sistema. Nessa sociedade de dissipações, nesse turbilhão de festas, os atores são admitidos em cena por suas roupas vistosas, sem que ninguém se importe de conhecer seus meios: não pode haver mau gosto maior do que discuti-los. Cada qual deve perpetuar suas riquezas, como a natureza perpetua as suas: em segredo. Comentam as misérias verificadas, investigam ironicamente a fortuna dos desconhecidos, mas não vão além. Um rapaz como Viturniano, apoiado pelas potências do Faubourg Saint-Germain, um rapaz a quem os próprios protetores atribuíam uma fortuna superior à que possuía, coisa que talvez só fizessem no intuito de livrar-se dele, tudo isso muito gentilmente, muito elegantemente, por uma palavra, por uma frase; enfim, um conde casadouro, bonito, bem pensante, espirituoso, filho de um homem que possuía ainda as terras de seu velho marquesado e o castelo hereditário, um rapaz assim é admiravelmente acolhido em todas as casas onde existiam jovens senhoras entediadas, mães acompanhadas de filhas na idade de casar ou belas dançarinas sem dote. Assim, o mundo, sorrindo, atraiu-o para as primeiras banquetas de seu teatro. As banquetas que os marqueses de outrora ocupavam no palco existem ainda em Paris, onde mudam os nomes, mas não as

coisas.

Na sociedade do Faubourg Saint-Germain, onde todos agiam com mais reserva, Viturniano encontrou a réplica do cavaleiro na pessoa do vidama de Pamiers.[595] O vidama era um cavaleiro de Valois elevado à décima potência, rodeado de todos os prestígios da fortuna e gozando as vantagens de uma alta posição. O caro vidama era o depósito de todas as confidências, a gazeta do bairro; discreto, entretanto, e, como todas as gazetas, só dizendo o que se pode publicar. Novamente, Viturniano ouviu professar as doutrinas transcendentais do cavaleiro. Sem o menor rodeio, o vidama aconselhou a D'Esgrignon que tivesse mulheres apresentáveis, contando-lhe o que ele próprio fazia quando tinha a sua idade. O que o vidama de Pamiers cometia na mocidade estava tão longe dos costumes modernos, em que a alma e a paixão assumem tal importância, que é inútil contá-lo a pessoas que não o acreditariam. Mas esse excelente vidama fez mais ainda. Disse a Viturniano, em forma de conclusão:

— Ofereço-lhe um jantar, amanhã, no cabaré. Depois da Ópera, aonde iremos digerir, hei de levá-lo a uma casa frequentada por pessoas que têm o maior desejo de conhecê-lo.

Deu-lhe um jantar delicioso no Rocher de Cancale. Os outros convidados eram apenas três: De Marsay, Rastignac e Blondet. Emílio Blondet era compatriota do jovem conde. Tratava-se de um escritor ligado à alta sociedade por suas relações amorosas com uma encantadora moça, chegada da província de Viturniano, justamente aquela srta. de Troisville que se casara com o conde de Montcornet, um dos generais de Napoleão que passara para os Bourbon. O vidama professava um desprezo profundo pelos jantares em que os convivas ultrapassavam o número seis. Na sua opinião, não podia haver, nesse caso, nem conversa, nem boa cozinha, nem vinhos saboreados em conhecimento de causa.

— Ainda não lhe contei aonde vou levá-lo esta noite, caro menino — disse ele, tomando Viturniano pelas mãos e afagando-as. — Iremos à casa da srta. des Touches,[596] e lá estarão, num pequeno grupo seletivo, todas as mulheres novas e bonitas que têm pretensões à inteligência. A literatura, a arte, a poesia, todos os talentos, enfim, são

cultivados ali. É um dos antigos salões literários, mas envernizado de moral monárquica, que é a libré desta época.

— É às vezes aborrecido e fatigante como um par de botas novas, mas frequentado por mulheres que só lá podem ser encontradas — disse De Marsay.

— Se todos os poetas que vão lá para desenferrujar as musas se parecessem com o nosso companheiro — disse Rastignac, batendo familiarmente no ombro de Blondet —, a gente sempre se divertiria. Mas a ode, a balada, as meditaçãoezinhas sentimentais, os romances de grandes margens infestam demasiadamente os espíritos e os sofás.

— Contanto que essas coisas não estraguem as mulheres e que corrompam as donzelas — disse De Marsay —, eu não as odeio.

— Senhores — disse Blondet, sorrindo —, não invadam meu campo literário.

— Cala-te, tu nos roubaste a mulher mais encantadora do mundo! — exclamou Rastignac. — Por isso, patife de sorte, bem podemos furtar tuas ideias menos brilhantes.

— Sim, o maroto tem sorte — disse o vidama, puxando a orelha de Blondet e torcendo-a —, mas Viturniano será talvez ainda mais feliz esta noite...

— Já?! — protestou De Marsay. — Ei-lo aqui há um mês apenas, mal teve tempo de sacudir a poeira de sua velha mansão, de enxugar a salmoura em que a tia o conservou; mal teve um cavalo inglês um pouco decente, um *groom*...

— Não, não, ele não tem *um groom* — disse Rastignac, interrompendo De Marsay —, só tem uma espécie de camponiozinho que ele trouxe de *sua terra* e que Buisson,[597] o alfaiate que melhor compreende as roupas de libré, declarou incapaz de usar um casaco de criado...

— Realmente, você deveria — disse o vidama gravemente — tomar Beaudenord por modelo, pois ele tem, sobre vocês todos, meus amiguinhos, a vantagem de possuir o verdadeiro tigre inglês...[598]

— Eis, senhores, a que ponto chegaram os gentis-homens em França! — exclamou Viturniano. — Para eles, a questão mais importante é ter um tigre, um cavalo inglês e ninharias...

— Ué! — e Blondet apontou para Viturniano: *Seu bom senso, senhor, às vezes me apavora.*[599]

Pois bem, é isso mesmo, jovem moralista. Vocês chegaram a esse ponto. Vocês nem sequer têm mais, como o caro vidama, a glória das profusões que o tornaram célebre cinquenta anos passados! Nossas libertinagens são feitas num segundo andar da Rue de Montorgueil. Não há mais guerra contra o cardeal,[600] nem há mais o campo do Drap d'Or.[601] Enfim, você, conde d'Esgrignon, está ceando com um sr. Blondet, filho segundo de um miserável juiz de província, a quem você, lá, não estendia a mão e que, dentro de dez anos, poderá sentar-se a seu lado, entre os pares do reino. Depois de tudo isso, que os nobres creiam em si mesmos, se puderem!

— Em suma — disse Rastignac —, passamos do Fato à Ideia, da força bruta à força intelectual, e falamos...

— E falamos de nossos desastres — disse o vidama. — Ora, eu resolvi morrer alegremente. Nosso amigo ainda não tem tigre, mas, como ele próprio é da raça dos leões, pode muito bem dispensá-lo.

— Não, não pode dispensá-lo, porque é um recém-chegado — afirmou Blondet.

— Mas, embora sua elegância seja ainda nova, nós o adotamos — continuou De Marsay. — É digno de nós, compreende a época em que vivemos, tem espírito, é nobre, é gentil, nós o amaremos, o serviremos, o encaminharemos...

— Para onde? — perguntou Blondet.

— Curioso! — replicou Rastignac.

— Com quem se casa ele esta noite? — perguntou De Marsay.

— Com um harém inteiro — respondeu o vidama.

— Puxa! Quem poderá ser — conjecturou De Marsay — para que o caro vidama nos trate tão severamente, cumprindo a palavra que deu à infanta? Seria muito pouca sorte minha, se eu não a conhecesse...

— E dizer que eu já fui tão fátuo quanto ele! — exclamou o vidama, apontando para De Marsay.

Depois do jantar, que foi muito agradável e correu todo num tom de encantadora maledicência e de bonita corrupção, Rastignac e De Marsay acompanharam o vidama e Viturniano à Ópera, para poder

seguí-los à casa da srta. des Touches. Esses dois velhacos só entraram lá à hora calculada em que deveria estar finda a leitura de uma tragédia, coisa que eles consideravam muito nociva para se tomar entre onze horas e meia-noite. Compareceram para espionar Viturniano e embaraçá-lo com sua presença: verdadeira travessura de colegiais, envenenada, porém, pelo fel do dândi invejoso. Viturniano possuía essa insolência de pajem, que auxilia muito o desembaraço; por isso, ao observar a entrada daquele novato no salão, Rastignac espantou-se da facilidade com que ele logo se iniciou nas maneiras elegantes do momento.

— Esse pequeno D’Esgrignon irá longe, não é? — Observou ao companheiro.

— Isso depende — respondeu De Marsay. — Em todo caso, vai indo bem.

O vidama apresentou o jovem conde a uma duquesa que figurava entre as mais amáveis e mais levianas da época, cujas aventuras só explodiram cinco anos mais tarde. No auge de sua glória, já acusada de algumas leviandades, que ninguém conseguia provar, ela obtinha, então, o relevo que dá a uma mulher ou a um homem a calúnia parisiense: a calúnia jamais atinge as mediocridades que se desesperam de viver em paz. Essa mulher era a duquesa de Maufrigneuse; seu nome de solteira era D’Uxelles. Como o sogro ainda estava vivo, só mais tarde é que teve o título de princesa de Cadignan. Amiga da duquesa de Langeais,[602] amiga da viscondessa de Beauséant,[603] dois esplendores desaparecidos, era íntima da marquesa d’Espard, a quem, naquele momento, disputava a frágil realeza da Moda. Uma considerável parentela protegia-a; mas ela pertencia a esse gênero de mulheres que, sem que saiba em que, onde e como, devorariam as rendas da Terra e as da Lua, se pudessem recebê-las. Seu caráter começava apenas a esboçar-se. De Marsay era o único que o aprofundara. Vendo o vidama conduzir Viturniano a essa deliciosa criatura, o dândi temível debruçou-se sobre Rastignac, soprando-lhe ao ouvido:

— Meu caro, ele está tão perdido quanto um polichinelo vaiado por um cocheiro de carro de aluguel.

Essa frase horripelantemente vulgar profetizava admiravelmente os acontecimentos dessa paixão. A duquesa de Maufrigneuse apaixonara-se loucamente por Viturniano, após o haver estudado bastante. Um namorado que tivesse visto o olhar angélico com que a duquesa agradeceu ao vidama teria sentido ciúme de semelhante expressão de amizade. As mulheres são como cavalos lançados numa estepe quando se acham num terreno sem perigo; era o que acontecia à duquesa em presença do vidama: são naturais, então, e gostam talvez de dar, assim, amostras de suas ternuras secretas. Foi um olhar discreto, de olho a olho, sem ensaio possível diante de nenhum espelho, e que ninguém surpreendeu.

— Como ela se preparou! — disse Rastignac a De Marsay. — Que roupagens de virgem, que graça de cisne em seu colo de neve, que olhares de madona inviolada, que vestido branco, que cintura de menina! Quem diria que você já passou por ali?

— Mas por isso mesmo é que ela é assim! — respondeu De Marsay, com ares triunfantes.

Os dois rapazes trocaram um sorriso. A sra. de Maufrigneuse interceptou o sorriso e adivinhou o discurso. Lançou aos dois velhacos uma dessas olhadelas que os franceses não conheciam antes da paz e que foram importadas pelos ingleses, como a forma de suas pratarias, como seus arreios, seus cavalos e suas pilhas de gelo britânico que refrescam um salão onde haja uma certa quantidade de *ladies*. Os dois rapazes ficaram sérios como caixeiros que esperam uma gratificação no fim da advertência que lhes faz um gerente. Ao apaixonar-se por Viturniano, a duquesa resolvera representar esse papel de Inês romântica,[604] que várias mulheres imitaram, para desgraça da mocidade de hoje. A sra. de Maufrigneuse acabava de se transformar, de repente, num anjo, assim como planejava voltar-se para a literatura e a ciência nas proximidades dos quarenta anos, em vez de se voltar para a devoção. Fazia questão de não se parecer com mais ninguém. Criava para seu próprio uso atitudes e vestidos, chapéus e opiniões, roupas e maneiras de agir cheias de originalidade. Logo após o casamento, quando era ainda pouco mais que uma menina, desempenhara o papel de mulher instruída e quase perversa; deixara

escapar comentários que a gente superficial julgara comprometedores, mas que provavam sua ignorância aos conhecedores verdadeiros. Como a época desse casamento lhe proibía de ocultar um único ano de sua idade ao conhecimento dos tempos, e que acabava de atingir vinte e seis anos, inventara fingir-se imaculada. Mal parecia prender-se à terra e agitava as mangas largas, como se fossem asas. Seu olhar tomava a direção do céu à menor palavra, à menor ideia, ao menor olhar um pouco mais vivo. A madona de Piola,[605] o grande pintor genovês, assassinado por inveja no momento em que estava começando a dar uma segunda edição de Rafael, essa madona, que é a mais casta de todas e que mal se vê sob sua vidraça, numa ruazinha de Gênova, essa madona era uma Messalina, em comparação com a duquesa de Maufrigneuse. As mulheres estavam interessadas em saber como a jovem estouvada se transformara, numa só roupagem, na seráfica beleza velada que parecia, segundo uma expressão então em moda, ter na alma a brancura da última queda de neve sobre o mais alto píncaro dos Alpes; como resolvera tão prontamente o problema jesuítico de mostrar tão bem um colo mais branco do que essa alma, ao mesmo tempo que o escondia sob gazes; como podia ser tão imaterial, filtrando olhares tão assassinos. Parecia prometer mil volúpias por esse olhar quase lascivo, enquanto, num suspiro ascético, cheio de esperança numa vida mais pura, sua boca desmentia todas elas. Rapazes ingênuos (havia ainda alguns, naquela época, que faziam parte da Guarda Real) gostariam de saber se, mesmo nas últimas intimidades, teria alguém coragem de chamar de “tu” essa espécie de Dama Branca, vapor sidereal caído da Via Láctea . Esse sistema, que triunfou durante alguns anos, foi muito proveitoso para as mulheres que tinham um busto elegante forrado de filosofia forte e que cobriam grandes exigências com essas momices de sacristia. Nenhuma dessas criaturas celestiais ignorava o que podia render, em bom amor, a vontade, que vinha a todo homem de boa têmpera, de reconduzi-las para a terra. Semelhante moda lhes permitia ficar em seu empíreo meio católico e meio ossiânico;[606] podiam e queriam ignorar todas as pequenas questões vulgares da vida, o que resolvia muitos casos. A aplicação desse sistema, adivinhado por De Marsay, inspirou-lhe essa

observação a Rastignac, que viu quase ciumento de Viturniano:

— Meu pequeno — disse-lhe ele —, fica onde estás: nossa Nucingen[607] fará tua fortuna, enquanto a duquesa te arruinaria. É uma mulher muito cara; cara demais.

Rastignac deixou De Marsay retirar-se, sem lhe perguntar mais nada: conhecia bem Paris. Sabia que a mais preciosa, a mais nobre, a mais desinteressada das mulheres deste mundo, que não se poderia obrigar a aceitar um ramo de flores, torna-se tão perigosa para um rapaz quanto as artistas da Ópera de outrora. Realmente, as artistas da Ópera passaram ao estado mitológico. Os atuais costumes do teatro tornaram as dançarinas e as atrizes uma coisa tão divertida quanto os Direitos da Mulher: bonecas que passeiam de manhã como mães de família respeitáveis, antes de mostrar as pernas, à noite, em calças colantes, num papel de homem. Do fundo de seu cartório de província, o bom Chesnel soubera adivinhar um dos escolhos contra os quais o jovem conde podia despedaçar-se. A poética auréola inventada pela sra. de Maufrigneuse deslumbrou Viturniano, que ficou preso desde o primeiro instante, amarrado a essa cintura de menina, enleado nesses cachos enrolados pelas mãos das fadas. O menino já tão corrompido acreditou nesse amontoado de virgindades em musselina, nessa expressão suave, tão deliberada quanto uma lei nas duas câmaras. Não basta que acredite nas mentiras de uma mulher aquele que deve acreditar nelas? O resto do mundo tem o mesmo valor que o das personagens de tapeçaria para dois amantes. Sem favor algum, a duquesa era uma das dez mulheres mais belas de Paris; todos o confessavam e o reconheciam. Os leitores sabem que há, no mundo amoroso, tantas *mulheres mais bonitas de Paris* quanto há, na literatura, *livros mais belos da época*. Na idade de Viturniano, a conversa que teve com a duquesa pode ser sustentada sem grande fadiga. Jovem e pouco experiente quanto à vida de Paris, Viturniano não precisou manter-se de alcateia nem velar sobre as menores palavras e olhares. O sentimentalismo religioso, que se traduz nos interlocutores em segundas intenções muito engraçadas, exclui a doce familiaridade, o abandono espirituoso das antigas conversações francesas: esse sentimentalismo faz com que as pessoas se amem entre

duas nuvens. Viturniano possuía precisamente bastante inocência roceira para se conservar num êxtase muito conveniente e sem fingimento, que agradou à duquesa, porque as mulheres não se deixam lograr nem pelas próprias comédias nem pelas que os homens representam. Não foi sem medo que a sra. de Maufrigneuse avaliou em seis bons meses de amor puro o engano do jovem conde. Estava tão adorável com seus ares de pomba, toldando o brilho do olhar sob as franjas douradas dos cílios, que a marquesa d'Espard, despedindo-se dela, soprou-lhe ao ouvido: “Bem! Muito bem, minha querida!” Depois a bela marquesa deixou a rival navegando no mapa moderno do país da Ternura,[608] concepção que não é tão ridícula quanto muita gente o supõe. Esse mapa se reimprime de século em século, com outras palavras, e leva sempre à mesma capital. Em uma hora de conversa, isolados ambos a um canto, num sofá, a duquesa levou D'Esgrignon às generosidades cipionescas,[609] às dedicações amadisianas,[610] às abnegações da Idade Média, que começava, por aquela época, a mostrar suas adagas, suas torres, suas cotas de malhas, suas couraças, seus sapatos de pontas viradas e todos os seus românticos atavios de papelão pintado. A duquesa foi admirável de ideias que não exprimiu, mas que enfiou no coração de Viturniano uma a uma, de modo distraído e discreto, como se estivesse enterrando agulhas num novelo de lã. Foi maravilhosa de reticências, encantadora de hipocrisia, pródiga de promessas sutis, que derretiam ao exame como neve ao sol, após haverem refrescado a esperança; foi, finalmente, muito pérfida de desejos concebidos e inspirados. Esse belo encontro terminou no nó corredio de um convite para visitá-la, sugerido com essas maneiras sonsas que a palavra escrita nunca poderá pintar.

— O senhor me esquecerá! -dizia ela. — Há de ver tantas mulheres empenhadas em lhe fazer a corte, em vez de esclarecê-lo. — Mas voltará para mim, depois, desiludido. — Virá ver-me, antes? Não. Como queira. — Quanto a mim, digo-lhe muito ingenuamente que suas visitas me agradariam muito. As pessoas que têm alma são tão raras, e creio que o senhor tem uma. — Vamos, adeus, acabariam por falar de nós, se continuássemos conversando mais tempo.

Retirou-se, rápida, leve, como que voando. Viturniano não ficou

muito tempo depois da partida da duquesa; mas permaneceu o bastante para deixar que adivinhassem seu encantamento, revelado por essa atitude das pessoas felizes, que se aproxima simultaneamente da discrição calma dos inquisidores e da beatitude concentrada das devotas que saem absolvidas do confessionário.

— A sra. de Maufrigneuse atingiu o alvo muito depressa, esta noite — disse a duquesa de Grandlieu, quando, no salão da srta. des Touches, não havia senão seis pessoas: des Lupeaulx, referendário muito considerado, Vandenesse, a viscondessa de Grandlieu, Canalis e a sra. de Sérisy.

— D’Esgrignon e Maufrigneuse são dois nomes que deviam ligar-se — respondeu a sra. de Sérisy, que tinha pretensões a ser espirituosa.

Há já alguns dias que ela mergulhou no platonismo — disse des Lupeaulx.

— Ela vai arruinar esse pobre inocente — disse Carlos de Vandenesse.

— De que modo entende isso? -perguntou srta. des Touches.

— Oh! Moral e financeiramente, nem há dúvida — disse a viscondessa, levantando-se.

Essa profecia cruel transformou-se em cruel realidade para o jovem conde d’Esgrignon. No dia seguinte de manhã, ele escreveu à tia uma carta em que lhe pintava sua estreia na alta sociedade do Faubourg Saint-Germain, empregando as cores vivas que lança o prisma do amor. Explicou o acolhimento que recebia em todos os lugares, de modo a satisfazer o orgulho do pai. O marquês pediu que lhe lessem duas vezes essa longa carta, e esfregou as mãos ouvindo a descrição do jantar oferecido pelo vidama de Pamiers, seu velho conhecido, e da apresentação do filho à duquesa; mas perdeu-se em conjecturas, sem conseguir compreender a presença do filho caçula de um juiz, do sr. Blondet, que tinha sido Acusador Público durante a Revolução. Houve festa aquela noite no Gabinete das Antiguidades: só se falou no sucesso do jovem conde. Guardou-se tanta discrição a respeito da sra. de Maufrigneuse que o Cavaleiro foi o único a quem se confiou a história. Essa carta era sem *post-scriptum* financeiro, sem a conclusão desagradável relativa ao nervo da guerra, que todo rapaz acrescenta em

casos semelhantes. A srta. Armanda comunicou a carta a Chesnel, que se sentiu feliz, sem levantar a mínima objeção. Conforme diziam o Cavaleiro e o marquês, era evidente que um rapaz amado pela duquesa de Maufrigneuse viria a ser um dos heróis da Corte, onde, como outrora, os homens alcançavam todas as posições por intermédio das mulheres. O jovem conde não escolhera mal. As velhas contaram todas as histórias galantes das Maufrigneuse, desde Luis XIII até Luís XVI, dispensando a crônica dos reinados anteriores; enfim, sentiram-se encantadas. Louvaram muito a sra. de Maufrigneuse pelo fato de se interessar por Viturniano. O cenáculo do Gabinete das Antiguidades era digno de ser ouvido por um autor dramático que desejasse fazer comédia verdadeira. Viturniano recebeu cartas encantadoras, do pai, da tia, do Cavaleiro, que mandava lembranças para o vidama, com quem tinha ido a Spa, quando da viagem que fez, em 1778, uma célebre princesa húngara.^[611] Chesnel também escreveu. Em todas as páginas dessas cartas transparecia a adulação à qual haviam habituado o infeliz menino. A srta. Armanda parecia compartilhar dos prazeres da sra. de Maufrigneuse.

IV — A LINDA MAUFRIGNEUSE

Feliz com a aprovação da família, o jovem conde entrou vigorosamente no caminho perigoso e dispendioso do dandismo. Mas foi moderado: teve só cinco cavalos; De Marsay tinha catorze. Retribuiu ao vidama, a De Marsay, a Rastignac e até mesmo a Blondet o jantar que lhe fora oferecido. O jantar custou-lhe quinhentos francos. Na mesma escala foi o provinciano festejado brilhantemente por esses companheiros. Jogou muito, e com pouca sorte, no uíste, que era o jogo da moda. Organizou sua ociosidade de modo a estar sempre ocupado. Do meio-dia às três, passava em casa da duquesa; dali iam encontrar-se no bosque de Bolonha, ele a cavalo, ela de carro. As vezes, os dois encantadores parceiros davam um passeio a cavalo, nas manhãs bonitas. À noite, a sociedade, os bailes, as festas, os teatros dividiam as horas do jovem conde. Em todo lugar Viturniano brilhava, porque, em todo lugar, ele lançava as pérolas de seu espírito, julgando, por palavras profundas, os

homens, as coisas, os acontecimentos: parecia uma árvore frutífera que só desse flores. Levava essa vida exaustiva em que se gasta mais alma ainda, talvez, do que dinheiro, em que se enterram os mais belos talentos, em que morrem as mais incorruptíveis proibições, em que se amolecem as vontades de melhor tempera. A duquesa, criatura tão branca, tão frágil, tão angelical, aprazia-se na vida dissipada dos rapazes: gostava de assistir às primeiras representações, amava o engraçado, o imprevisto. Não conhecia os cabarés: D'Esgrignon preparou-lhe uma noite encantadora no rochedo de Cancalle, em companhia dos amáveis velhacos que ela frequentava, moralizando-os; noite que foi de uma alegria, de uma graça, de um divertimento em proporção ao preço da ceia. Após dessa noite vieram outras. E, no entanto, a paixão de Viturniano era angelical. Sim, a sra. de Maufrigneuse continuava um anjo que as corrupções da terra não podiam atingir: um anjo, no teatro de Variedades,[612] assistindo a farsas meio obscenas e grosseiras que a faziam rir, um anjo ao meio do fogo cruzado das pilhérias e chistes, e das crônicas escandalosas narradas nas reuniões elegantes, um anjo em delíquio ao camarote de grades do Vaudeville,[613] um anjo, ao observar as atitudes das dançarinas da Ópera e ao criticá-las com a ciência de um velho frequentador das primeiras filas, um anjo na Porte Saint-Martin, [614]um anjo aos teatrinhos dos boulevares, um anjo aos bailes de máscaras, em que se divertia como um colegial; um anjo que queria que o amor vivesse de privações, de heroísmo, de sacrifícios, mas que obrigava D'Esgrignon a trocar um cavalo cuja cor do pelo lhe desagradasse, e que o forçava a trajar-se como um lord inglês riquíssimo, com um milhão de rendimentos. Era um anjo no jogo. Nenhuma burguesa, certamente, saberia, como a sra. de Maufrigneuse, dizer com voz celestial a D'Esgrignon: — Aposte por mim! Quando fazia uma loucura, era tão divinamente louca que valia a pena vender-se a alma ao diabo para sustentar esse anjo no gosto das alegrias terrestres.

Após o primeiro inverno em Paris, o jovem conde pediu ao sr. Cardot, que não quis usar do seu direito de admoestação, a ninharia de trinta mil francos além da soma enviada por Chesnel. A recusa

extremamente polida do tabelião a uma nova solicitação informou Viturniano desse débito. O rapaz aborreceu-se com a recusa, tanto mais que acabara de perder seis mil francos no clube, onde não poderia voltar sem satisfazer a dívida. Após se ter formalizado com a negativa de mestre Cardot, que tivera trinta mil francos de confiança nele (embora escrevendo a Chesnel), mas que agora alardeava essa confiança diante do favorito da bela duquesa de Maufrigneuse, D'Esgrignon viu-se forçado a lhe perguntar o que devia fazer, pois se tratava de uma dívida de honra.

— Assine algumas letras para o banco de seu pai, leve-as ao seu correspondente, que as descontará, com certeza, e escreva à sua família, pedindo-lhe que deposite os fundos no banco.

No desamparo em que se achava, o jovem conde ouviu uma voz interior, que lhe soprou o nome de Du Croisier, de quem ignorava as más disposições para com a aristocracia, a cujos pés sempre o vira. Escreveu, portanto, a esse banqueiro, uma carta muito desembaraçada, informando-o de haver assinado uma letra, a ser descontada em seu banco, no valor de dez mil francos, quantia essa que lhe seria paga pelo sr. Chesnel ou pela srta. Armanda d'Esgrignon, quando a carta lhe chegasse às mãos. Escreveu, depois, duas cartas enternecedoras a Chesnel e à tia. Quando se trata de se precipitarem no abismo, os moços dão provas de uma habilidade, de um jeito singular, e têm sempre sorte. No mesmo dia, Viturniano descobriu o nome e o endereço dos banqueiros parisienses correspondentes de Du Croisier, os Keller,^[615] que De Marsay lhe indicou. De Marsay conhecia tudo em Paris. Os Keller, sem uma só palavra, descontaram a letra e pagaram a quantia a D'Esgrignon: eles deviam a Du Croisier. Essa dívida de jogo não era nada em comparação com o estado de coisas em casa. As contas choviam no apartamento de Viturniano.

— Ora essa! Você se ocupa com essas coisas — disse rindo, certa manhã, Rastignac a D'Esgrignon. — Botando-as em ordem, meu caro? Não o julgava tão burguês.

— Meu filho, sou forçado a pensar nisso. Tenho aqui vinte mil e tantos francos de dívidas.

De Marsay, que vinha buscar D'Esgrignon para uma corrida de

obstáculos a cavalo, tirou do bolso uma elegante carteirinha, tirou vime mil francos e apresentou-os ao conde:

— Eis — disse ele, — a melhor maneira de não perder esse dinheiro; sinto-me hoje duplamente encantado de os ter ganho, ontem, de meu respeitável pai, Milord Dudley.[616]

Essa graça francesa seduziu extraordinariamente D'Esgrignon, que acreditou na amizade, não pagou as contas e se serviu desse dinheiro para seus prazeres. Segundo uma expressão da linguagem dos dândis, De Marsay via com indescritível prazer d' Esgrignon enterrar-se; divertia-se em apoiar o braço sobre o ombro do outro, com todos os carinhos de amizade, para fazer peso e obrigá-lo a sumir mais depressa, pois tinha inveja da ruidosa franqueza com que a sra. de Maufrigneuse revelava sua ligação com D'Esgrignon, quando guardara tanto mistério nas relações com ele. Era, aliás, um ente duro e sarcástico, que só no mal se sentia bem, como as mulheres turcas no banho. Por isso, depois de ter vencido a corrida, quando os concorrentes estavam todos reunidos numa estalagem, onde alcançaram e descobriram bons vinhos, De Marsay disse, rindo, a D'Esgrignon:

— Aquelas contas que tanto o inquietam não são certamente suas.

— Se fossem dele, não estaria inquieto — replicou Rastignac. E de quem poderiam ser? — perguntou D'Esgrignon.

— Você então não conhece a situação da duquesa? — perguntou De Marsay, montando a cavalo.

— Não — respondeu D'Esgrignon intrigado.

— Pois bem, meu caro — contou De Marsay —, é a seguinte: trinta mil francos à loja de Vitorina, dezoito mil à de Houbigant, uma conta em Herbault, outra em Nattier, outra em Nourtier, fora o que deve às pequenas Latour; cem mil francos ao todo.

— Um anjo — disse D'Esgrignon, levantando os olhos ao céu.

— Eis o preço de suas asas! — exclamou comicamente Rastignac.

— Ela deve tudo isso, meu caro, justamente por ser um anjo — explicou De Marsay —, mas todos nós já encontramos anjos nessa situação — acrescentou, olhando para Rastignac. As mulheres são sublimes porque não entendem nada das questões de dinheiro; não se

metem nisso, que não é de sua conta. São convidadas ao “banquete da vida”,^[617] como disse não sei que poeta, que acabou morrendo num hospital.

— Como é que você sabe disso, quando eu não sei de nada? — perguntou ingenuamente D’Esgrignon.

— Você será o último a saber, da mesma maneira que ela será a última informada de que você também tem dívidas.

— Julguei que ela tivesse cem mil libras de rendimentos — disse D’Esgrignon.

— O marido — continuou De Marsay — está separado dela, e vive no regimento, onde faz economias, porque também o nosso caro duque tem as suas dividazinhas! De onde saiu você? Aprenda a fazer, como nós, as contas de seus amigos. A srta. Diana... amei-a por causa desse nome!... Diana d’Uxelles casou-se com sessenta mil libras de rendas próprias; sua casa, há oito anos, está montada de forma a custar-lhe duzentas mil libras de rendas; assim, é claro que, neste momento, todas as suas terras estão hipotecadas acima do valor real; qualquer dia destes, o sino se derrete, e o anjo será afugentado por... deverei dizer? por oficiais de justiça, que terão o impudor de penhorar um anjo e de mandar prendê-lo, como o fariam a qualquer um de nós.

— Pobre anjo!

— Ora, meu caro, custa muito caro permanecer no paraíso parisiense; é preciso alvejar a tez e as asas todas as manhãs — disse Rastignac.

Já havia passado pela cabeça de D’Esgrignon a ideia de confessar suas dificuldades à sua querida Diana. Assim, sentiu-se estremecer, pensando que já devia sessenta mil francos e que tinha ainda cerca de dez mil francos de contas para pagar, que ainda não lhe tinham chegado às mãos. Voltou para casa muito triste. Sua preocupação mal disfarçada chamou a atenção dos amigos, que comentaram ao jantar:

— Esse pequeno D’Esgrignon está se enterrando! Não tem a resistência parisiense, e vai acabar estourando os miolos. É um tolinho etc.

Rapidamente o jovem conde se consolou. Seu criado lhe entregou duas cartas. A primeira era de Chesnel, e tinha o cheiro rançoso da

fidelidade resmungona e das frases rubricadas pela probidade; respeitou-a, guardando-a para ler à noite. Na outra, leu com prazer infinito as frases cicerônicas pelas quais Du Croisier, ajoelhado em sua frente como Sganarelle perante Gêronte,[618] suplicava-o de, no futuro, poupá-lo ao insulto de fazer depositar adiantadamente o dinheiro das letras promissórias que dignasse emitir sobre sua casa bancária. Essa carta terminava por uma frase que se assemelhava tanto a um cofre aberto e cheio de escudos, a serviço da nobre casa D'Esgrignon, que Viturniano fez o gesto de Sganarelle, de Mascarille[619] e de todos aqueles que sentem comichões da consciência na ponta dos dedos. Certo de ter crédito ilimitado no banco Keller, abriu alegremente a carta de Chesnel; esperava quatro páginas cheias de conselhos, com repreensões transbordando, já via as palavras habituais de prudência, honra, modo de proceder etc. etc. Sentiu uma espécie de vertigem ao ler essas palavras:

Senhor conde,

De toda a minha fortuna só me restam duzentos mil francos; suplico-lhe não ultrapassar essa quantia, se quiser fazer a honra de aceitá-la do mais dedicado dos servidores de sua família, que lhe apresenta os protestos de seu respeito.

CHESNEL

— É um homem de Plutarco[620] — pensou Viturniano, jogando a carta em cima da mesa. Cheio de despeito, sentia-se pequeno diante de tanta grandeza. — Vamos — disse ele para consigo —, devo regenerar-me.

Em vez de jantar no Restaurante, onde gastava em cada refeição cinquenta a sessenta francos, fez a economia de ir jantar em casa da duquesa de Maufrigneuse, a quem contou a anedota da carta.

— Gostaria de ver esse homem — disse ela, com os olhos brilhando como duas estrelas fixas.

— E que faria você?

— Eu o encarregaria de todos os meus negócios.

Diana estava divinamente vestida; quis fazer a Viturniano as honras de sua elegância. O rapaz ficou fascinado pela leviandade com que ela tratava dos negócios, ou, mais exatamente, das dívidas. O lindo casal

foi ao Théâtre des Italiens. Nunca essa bela e sedutora mulher pareceu mais seráfica nem mais etérea. Na plateia, ninguém poderia acreditar nas dívidas cujo total De Marsay declarara a D'Esgrignon na manhã daquele mesmo dia. Nenhuma das preocupações da Terra atingia aquela fronte sublime, cheia da mais justificada altivez feminina. Seu ar sonhador parecia o reflexo do amor terrestre nobremente sufocado. A maioria dos homens apostava que o belo Viturniano nada conseguira ainda, e as mulheres apostavam na derrota da rival, a quem admiravam como Michelangelo admirava Rafael, *in petto!* [621] Na opinião de uma, Viturniano amava Diana por causa de seus cabelos, pois ela possuía a mais formosa cabeleira loura da França; na opinião de outra, o principal mérito da duquesa era sua alvura, porque ela não era bem-feita, apenas bem-vestida; havia quem dissesse que D'Esgrignon amava-a pelos seus pezinhos, única coisa perfeita que ela possuía, pois seu rosto era chato. Mas o que pinta admiravelmente os costumes atuais de Paris: de um lado, os homens insinuavam que a duquesa fornecia o luxo de Viturniano; do outro, as mulheres davam a entender que Viturniano era quem pagava, como dizia Rastignac, as asas daquele anjo. Na volta, Viturniano, que estava mais preocupado pelas dívidas da duquesa do que pelas suas próprias, teve vinte vezes nos lábios uma interrogação para entrar no assunto; mas vinte vezes a interrogação expirou, perante a atitude dessa criatura divina, à luz das lanternas de seu carro, sedutora dessas volúpias que pareciam sempre arrancadas à força da sua pureza de madona. A duquesa não cometia o engano de falar em sua virtude nem do seu estado de anjo, como as mulheres da província que a imitaram; era muito mais hábil, obrigava a pensar nisso aquele por quem fazia tão grandes sacrifícios. Depois de seis meses, dava ainda a aparência de pecado capital ao mais inocente beijo na mão, e se prestava à extorsão dos últimos favores com uma arte tão consumada que era impossível não julgá-la tão anjo antes quanto depois. Ninguém é tão capaz quanto a parisiense de dar sempre uma nova atração à lua e de romantizar as estrelas, de se rolar sempre no mesmo saco de carvão, e sair dele cada vez mais branca. Nisso reside o grau máximo da civilização intelectual e parisiense. As mulheres de além-Reno e de além-Mancha acreditam nessas

baboseiras quando as praticam, enquanto as parisienses obrigam os amantes a aceitá-las como verdadeiras, a fim de torná-los mais felizes, lisonjeando-lhes todas as vaidades temporais e espirituais. Algumas pessoas tentaram diminuir o mérito da duquesa, pretendendo que ela própria era a primeira a crer nesses sortilégios. Infame calúnia! A duquesa acreditava somente em si mesma.

No começo do inverno, entre os anos de 1823 e 1824, Viturniano atingira no banco Keller um débito de duzentos mil francos de que nem Chesnel nem a srta. Armanda tinham a menor desconfiança. Para melhor esconder a fonte onde se abastecia, pedia de vez em quando dois mil escudos a Chesnel; escrevia cartas mentirosas ao pobre pai e à tia, que viviam felizes, iludidos como a maioria das pessoas felizes. Uma só criatura estava no segredo da horrível catástrofe que a sedução da vida parisiense ia preparando para essa grande e nobre família. Du Croisier, passando à noite diante do Gabinete das Antiguidades, esfregava as mãos de alegria; esperava chegar aos seus fins, que não eram mais a ruína, porém a desonra da casa D'Esgrignon. Tinha o instinto da vingança, farejava-a! Sentiu-se finalmente certo quando soube que o jovem conde fizera dívidas sob cujo peso aquela jovem alma deveria sucumbir. Começou por assassinar o inimigo que lhe era mais antipático, o venerável Chesnel. O bom velho residia na Rue du Bercail, numa casa de teto muito alto, no centro de um pátio de pedras largas. As roseiras subiam pelas paredes da casa, até o primeiro andar. Atrás, ficava um jardimzinho de província, rodeado de muros úmidos e sombrios, dividido em canteiros margeados de buxo. A porta, cinzenta e limpinha, tinha uma claraboia ornada de sinetas, que exprime, tanto quanto as chapas do cartório: aqui mora um tabelião. Eram cinco e meia da tarde, momento em que o velho digerira o jantar. Chesnel estava em sua velha poltrona de couro negro, diante da lareira acesa; calçara a armação de papelão pintado, figurando uma bota, com que preservava as pernas da vizinhança do fogo. O bom velhote tinha a mania de encostar os pés na barra da chaminé e de atizar as brasas enquanto digerira; comia sempre demais; gostava da mesa farta. Ai! Sem esse defeitozinho, não teria ele sido mais perfeito do que é permitido a um homem? Acabara de tomar uma xícara de café; a velha

governanta retirara-se, levando a bandeja que servia para esse uso há vinte anos. Esperava os escreventes, antes de sair para jogar sua partida. Estava pensando; não se pergunte em quem, nem em quê. Raro era o dia que se passava sem que ele tivesse imaginado: “Onde estará ele? Que estará fazendo?”. Julgava-o na Itália com a bela Maufrigneuse. Um dos prazeres mais doces para os homens que possuem uma fortuna adquirida e não transmitida é a recordação dos esforços que ela custou e o futuro que terão seus escudos: gozam em todos os tempos do verbo. Por isso esse homem, cujos sentimentos se resumiam numa dedicação única, tinha o gozo duplo de pensar que suas terras, tão bem escolhidas, tão bem cultivadas, tão penosamente adquiridas, iriam aumentar os domínios da casa D’Esgrignon. Bem à vontade em sua velha poltrona, apoiava-se largamente em suas esperanças: via ora o edifício erguido por suas tenazes com as brasas, ora o edifício da casa D’Esgrignon, reconstituído pelos seus cuidados. Aplaudia o sentido que dera à própria vida, supondo o jovem conde feliz. Não faltava espírito a Chesnel; sua alma não agia sozinha nessa grande dedicação; ele tinha o seu orgulho. Assemelhava-se àqueles nobres que reconstruíam os pilares das catedrais, gravando nelas o nome; ele também gravava o seu na memória da casa D’Esgrignon. Lá se falaria no velho Chesnel. Nesse momento, a velha governanta entrou na sala, demonstrando um susto excessivo.

— Algum incêndio, Brígida?

— É coisa parecida — respondeu ela. — Está aí o sr. du Croisier, que lhe quer falar.

— O sr. du Croisier! — repetiu o velho, tão cruelmente atingido até o coração pela lâmina fria da suspeita que até deixou cair as tenazes. — O sr. du Croisier aqui! — pensou ele. — Nosso inimigo capital!

Du Croisier entrou com a atitude macia de um gato que sente cheiro de leite numa copa. Cumprimentou, tomou a poltrona que o tabelião lhe indicava, sentou-se bem devagarinho e apresentou uma conta de duzentos e vinte e sete mil francos, juros incluídos, formando o total do dinheiro emprestado ao sr. Viturniano em letras promissórias, descontadas, e cujo pagamento reclamava, sob pena de perseguir em justiça, com o maior rigor, o herdeiro presuntivo da casa D’Esgrignon.

Chesnel pegou uma a uma as letras fatais, pedindo segredo ao inimigo da família. O inimigo prometeu calar-se, se fosse pago em quarenta e oito horas: estava em embarços, dera vantagens aos manufatureiros. Du Croisier desenrolou essa série de mentiras pecuniárias que não enganam nem os credores, nem os tabeliães. O pobre velho tinha os olhos turvados, retendo as lágrimas a custo; só poderia pagar hipotecando seus bens pelo resto de seu valor. Informado da dificuldade que teriam para saldar o empréstimo, Du Croisier cessou de estar embaraçado, não teve mais necessidade de dinheiro, e propôs repentinamente ao velho tabelião comprar-lhe as propriedades. Em dois dias, essa venda foi consumada e assinada. O pobre Chesnel não pôde suportar a ideia de ver o filho da casa detido por dívidas durante cinco anos. Alguns dias depois, já não restavam ao tabelião senão seu cartório, suas cobranças e a casa. Despojado de seus bens, Chesnel passeava sob os apainelamentos de carvalho negro de seu gabinete, olhando para as vigas de castanheiro com filetes entalhados de seu teto, olhando sua latada pela janela, e não pensando mais nem nas suas granjas, nem na sua querida casa de campo do Jard; não.

— Que será feito dele? É preciso chamá-lo, arranjar seu casamento com uma herdeira rica — remoía ele, com os olhos turvos e a cabeça pesada.

Não sabia como se aproximar da srta. Armanda, nem em que termos lhe contaria a notícia. Ele, que acabava de saldar a conta das dívidas da família, tremia por ter de falar nessas coisas. Indo da Rue du Bercail ao palacete D'Esgrignon, o bom velho tabelião estava palpitante como uma mocinha que foge da casa paterna, para só voltar, depois, mãe e arrependida. A srta. Armanda acabava de receber uma carta de encantadora hipocrisia, que mostrava o sobrinho como o homem mais feliz do mundo. Depois de ter ido às águas e à Itália com a sra. de Maufrigneuse, Viturniano enviava o seu diário da viagem à tia. O amor respirava em todas as suas frases. Ora uma encantadora descrição de Veneza e graciosos comentários das obras-primas da arte italiana; ora páginas divinas sobre o Domo de Milão, sobre Florença; aqui, a pintura dos Apeninos oposta à dos Alpes, lá aldeias, como a de Chiavari, onde se encontrava a felicidade já preparada e pronta; tudo isso fascinava a

pobre tia, que via um anjo planando através de todas essas regiões do amor, e transmitindo, por sua ternura, um ar inflamado a todas essas coisas formosas. A srta. Armanda saboreava essa carta em goles largos, como devia fazer uma solteirona casta, amadurecida ao fogo das paixões constrangidas, comprimidas, vítima dos desejos oferecidos em holocausto no altar doméstico, com uma alegria constante. Ela não parecia um anjo, como a duquesa; parecia uma daquelas estatuetas rígidas, esbeltas, delgadas e altas, de cor amarelada, que os maravilhosos artistas das catedrais ergueram em alguns ângulos, e aos pés das quais a umidade permite que a campânula cresça, coroando-as um dia com uma bela redoma azulada. Nesse momento, as campânulas floresciam aos olhos daquela santa: a srta. Armanda amava fantasticamente o formoso casal, e não achava condenável o amor de uma mulher casada por Viturniano, embora o tivesse censurado se se tratasse de qualquer outra pessoa; mas, para ela, o crime seria não amarem seu sobrinho. As tias, as mães, as irmãs têm uma jurisprudência particular para os sobrinhos, os filhos e os irmãos. Assim, ela se via no meio dos palácios construídos pelas fadas em cada margem do grande canal, em Veneza. Estava na gôndola de Viturniano, que lhe contava quanto se sentira feliz ao apertar na mão as belas mãos da duquesa, e ao ser amado, viajando com a cabeça no regaço dessa apaixonada rainha dos mares italianos. Nesse momento de angélica bem-aventurança, Chesnel apareceu no alto da alameda. Ai! A areia estalava sob seus pés, como a areia que cai da ampulheta da Morte, e que ela esmaga sob os pés descalços. Esse ruído e o aspecto de Chesnel, num terrível estado de prostração, deram à solteirona a comoção cruel que causa a volta dos sentidos enviados pela alma em países imaginários.

— Que aconteceu? — indagou ela, como que ferida por um golpe no coração.

— Está tudo perdido! — disse Chesnel. — O senhor conde desonrará a família, se não agirmos o quanto antes.

Mostrou as letras promissórias, e, em poucas palavras muito simples, mas enérgicas e tocantes, pintou as torturas que sofrera naqueles quatro dias.

— O desgraçado está nos enganando — exclamou a srta. Armanda. E seu coração se dilatou sob a afluência do sangue que chegava abundante, em ondas largas e densas.

— Digamos o nosso *mea culpa*, senhorita — continuou o velho com voz forte. — Nós o habituamos a fazer todas as vontades. Faltou-lhe um guia severo, que não podia ser a senhorita, que é solteira, nem eu, a quem ele não obedecia: e ele não teve mãe.

— Há fatalidades terríveis para as raças nobres que caem — disse a srta. Armanda, com os olhos cheios de lágrimas.

Nesse momento, o marquês apareceu. Voltava do passeio, relendo a carta que o filho lhe escrevera, de volta, narrando-lhe a viagem sob o ponto de vista aristocrático. Viturniano fora bem recebido pelas melhores famílias italianas, em Gênova, em Turim, em Milão, em Florença, em Veneza, em Roma, em Nápoles: devera o acolhimento envaidecedor ao nome que usava, e também, talvez, à duquesa. Enfim, mostrara-se com toda a magnificência, como convém a um D'Esgrignon.

— Deves ter feito das tuas, Chesnel — disse o marquês ao velho tabelião.

A senhorita fez um gesto a Chesnel, sinal ardente e terrível, igualmente compreendido por ambos. Aquele pobre pai, aquela flor da honra feudal, devia morrer com todas as suas ilusões. Por um simples mover de cabeça foi concluído um pacto de silêncio e dedicação entre o nobre tabelião e a nobre mulher.

— Ah! Chesnel, não foi exatamente assim que os D'Esgrignon entraram na Itália no século XV, quando o marechal Trivúlcio,[622] a serviço da França, servia sob um D'Esgrignon, que tinha também sob suas ordens o próprio Bayard:[623] outros tempos, outros prazeres. Aliás, a duquesa de Maufrigneuse bem que equivale à marquesa de Spinola.[624]

Aprumado sobre sua árvore genealógica, o velho balançava-se com um ar fátuo, como se tivesse possuído a marquesa de Spinola e possuísse agora a duquesa moderna. Quando os dois aflitos ficaram sós, sentados no mesmo banco, reunidos pelo mesmo pensamento, trocaram muito tempo palavras vagas, insignificantes, olhando aquele

pai feliz que se afastava gesticulando, como se estivesse falando sozinho.

— Que vai ser dele? — perguntou a srta. Armanda.

— Du Croisier deu ordem aos banqueiros Keller para que não lhe entreguem dinheiro sem títulos — respondeu Chesnel.

— Ele tem dívidas — continuou a srta. Armanda.

— Eu o temo.

— Quando não tiver mais recursos, que fará ele?

— Nem ousou responder.

— Mas é preciso arrancá-lo a essa vida, trazê-lo para cá, porque em breve tudo lhe faltará.

— E ele faltará a tudo — repetiu lugubrememente Chesnel.

A srta. Armanda não compreendeu ainda; não podia compreender o significado dessas palavras.

— Como arrancá-lo a essa mulher, a essa duquesa, que talvez o esteja arrastando? — perguntou.

— Ele cometerá crimes para ficar junto dela — disse Chesnel, tentando chegar, por transições suportáveis, a uma ideia insuportável.

— Crimes! — repetiu a srta. Armanda. — Ah! Chesnel, essa ideia não viria a mais ninguém — acrescentou, lançando-lhe um olhar de desprezo, o olhar pelo qual uma mulher pode fulminar os deuses. — Os fidalgos não cometem outro crime, além desses que chamam de alta traição, e, nesse caso, cortam-lhes a cabeça sobre um pano negro, como aos reis.

— Os tempos mudaram muito — disse Chesnel, sacudindo a cabeça, de onde Viturniano fizera cair os últimos cabelos. — Nosso rei mártir não morreu da mesma forma que Carlos da Inglaterra.[625]

Essa reflexão acalmou o magnífico furor da aristocrata. Teve um arrepio, sem acreditar ainda na ideia de Chesnel.

— Amanhã tomaremos uma resolução — disse ela. — É preciso pensar muito em tudo isso. Em caso de desgraça, temos os nossos bens.

— Sim — retomou Chesnel —, seus bens são indivisos com os do senhor marquês. A maior parte lhe pertence, pode hipotecá-la sem que ele saiba de nada.

À noite, os jogadores e as jogadoras de uíste, de perde-ganha, de bóston, de gamão observaram, dentro em pouco, alguma agitação nos traços geralmente tão serenos e tão puros da srta. Armanda.

— Pobre menina sublime! — disse a velha marquesa de Castéran. — Deve sofrer ainda. Uma mulher não sabe nunca as responsabilidades que aceita, quando faz os sacrifícios que esta fez à sua casa.

No dia seguinte, ficou decidido com Chesnel que a srta. Armanda iria a Paris, arrancar o sobrinho à perdição. Se alguém pudesse realizar o rapto de Viturniano, seria, certamente, a mulher que tinha para ele entranhas de mãe. Decidida a procurar a duquesa de Maufrigneuse, a srta. Armanda queria contar-lhe tudo. Mas foi necessário um pretexto para justificar a viagem aos olhos do marquês e da cidade. A srta. Armanda arriscou todos os seus pudores de donzela virtuosa, deixando crer em alguma doença que exigia diagnóstico de médicos hábeis e afamados. Deus sabe como se comentou o caso! Mas a srta. Armanda só via a outra honra que, além da sua, estava em jogo. Partiu. Chesnel levou-lhe seu último saco de luíses, que ela tomou, sem nem sequer prestar atenção, como tomava a touca branca e as luvas de filé.

— Generosa criatura! Que graça! — disse Chesnel, ajudando-a a subir para o carro, em companhia da arrumadeira, parecida com uma freira cinzenta.

Du Croisier calculara toda a sua vingança como a gente da província calcula tudo. Não há como os selvagens, os camponeses e a gente da província para estudar a fundo cada negócio em todos os sentidos; por isso, quando passam do Pensamento ao Fato, as coisas que realizam são completas. Os diplomatas são verdadeiras crianças perto dessas três classes de mamíferos, que têm tempo diante de si, elemento que falta às pessoas obrigadas a pensar em várias coisas, forçadas a tudo dirigir, a tudo preparar nos grandes negócios humanos. Teria Du Croisier tão bem sondado o coração do pobre Viturniano que pôde prever a facilidade com que o moço se prestaria à sua vingança, ou se teria apenas aproveitado de um acaso espreitado durante vários anos? Há certamente uma particularidade que prova certa habilidade na maneira como ele preparou o golpe. Quem avisava Du Croisier? Seriam os Keller? Seria o filho do presidente Du Ronceret, que terminava o

curso de direito em Paris? Du Croisier escreveu a Viturniano uma carta, prevenindo-o haver proibido os Keller de lhe adiantarem, doravante, qualquer soma — isso no momento em que sabia a duquesa de Maufrigneuse nos mais ferozes embaraços e o conde d'Esgrignon devorado por uma miséria tão terrível quanto sabiamente disfarçada. O infeliz rapaz gastava os recursos de seu espírito em fingir opulência!

Essa carta, informando a vítima de que os Keller não lhe entregariam mais nada senão à troca de valores, deixava entre as fórmulas de um respeito exagerado e a assinatura um espaço considerável. Cortando esse fragmento de carta, era fácil transformá-lo em uma ordem de pagamento para uma quantia importante. Essa carta infernal ia até o verso da segunda folha, estava dentro de um envelope e o reverso ficara em branco. Quando a carta chegou, Viturniano rolava nos abismos do desespero. Depois de dois anos passados na mais feliz, na mais sensual, na mais luxuosa, na menos preocupada de todas as vidas, encontrava-se face a face com a miséria inexorável, com a absoluta impossibilidade de arranjar dinheiro. A viagem não terminara sem alguns aborrecimentos pecuniários. Com o auxílio da duquesa, extorquira penosamente algumas quantias a banqueiros. Essas quantias, representadas por letras promissórias, iriam erguer-se diante dele em todo seu rigor, com todas as citações implacáveis do Banco e da Jurisprudência comercial. Através de seus últimos prazeres, o infeliz rapaz sentiu a ponta da espada do comendador.^[626] No meio de suas ceias, ouvia, como Don Juan, o ruído surdo da Estátua que subia as escadas. Sentia esses arrepios indescritíveis que produz o siroco das dívidas. Confiava apenas no acaso. Nos últimos cinco anos, viera ganhando na loteria; sua bolsa estivera sempre cheia. Lembrava-se de que, depois de Chesnel, viera Du Croisier, e esperava que após Du Croisier brotasse outra mina de ouro.

Aliás, ganhava somas importantes no jogo. O jogo o tinha salvado de vários maus passos. De repente, levado por uma esperança louca, ia perder no salão dos Estrangeiros o lucro que tivera jogando uíste no clube ou na sociedade. Há dois meses, sua vida se parecia com o imorredouro final do *Don Juan* de Mozart! Essa música fará certamente estremecer de angústia certos rapazes chegados à situação

em que Viturniano se debatia. Não será essa sublime tradução da desordem, dos embaraços que nascem de uma vida exclusivamente voluptuosa, essa pintura assustadora do desejo preconcebido de se atordoar nas dívidas, nos duelos, nas mentiras, na má sorte, o que melhor poderá provar o poder imenso da Música? Nesse trecho, Mozart mostrou-se o rival feliz de Molière. Esse terrível final ardente, vigoroso, desesperado, alegre, cheio de fantasmas horríveis e de mulheres endiabradas, marcado pela última tentativa insuflada pelos vinhos da ceia e por uma defesa desvairada; todo esse poema infernal, Viturniano tocava-o sozinho! Via-se só, abandonado, sem amigos, diante de uma pedra onde estava escrita, como na derradeira página de um livro encantador, a palavra FIM. Sim! Tudo ia acabar para ele. Já via, antecipadamente, o olhar frio e sarcástico, o sorriso pelo qual seus companheiros acolheriam a história de seu desastre. Sabia que, de todos eles, que arriscavam quantias altas nos panos verdes que Paris arma na Bolsa, nos salões, nos clubes, em todo canto, nem um único estenderia uma nota de banco para salvar um amigo. Chesnel devia estar arruinado. Viturniano devorara Chesnel. Todas as fúrias estavam soltas em seu coração, compartilhando-o entre si, enquanto ele sorria à duquesa, no Théâtre des Italiens, naquele camarote em que a felicidade dos dois causava inveja à sala inteira. Enfim, para explicar as profundidades em que rolava no abismo da dúvida, do desespero e da incredulidade, ele, que amava a vida a ponto de se transformar num covarde para conservá-la (aquele anjo a tornava tão bela!), pois bem, ele chegava a contemplar suas pistolas, a conceber o suicídio, ele, o patife voluptuoso, indigno do nome que trazia. Ele, que não teria suportado nem sequer a aparência de uma injúria, dirigia a si próprio essas horríveis repreensões que só podemos admitir quando vindas de nós mesmos. Deixou a carta de Du Croisier aberta em cima da cama. Eram nove horas quando Josefino a entregou. Dormira ao voltar da Ópera, embora seus móveis estivessem penhorados. Mas tinha passado pelo voluptuoso reduto onde a duquesa e ele se encontravam por algumas horas, depois das festas da Corte, depois dos mais brilhantes bailes, das mais esplêndidas festas. Com muita habilidade salvavam as aparências. Esse reduto era uma água-furtada, vulgar na aparência,

mas decorada pelos peris da Índia, e onde, à entrada, a sra. de Maufrigneuse era obrigada a curvar a cabeça carregada de plumas ou de flores. Na véspera de morrer, o conde quisera dizer adeus a esse ninho elegante, construído por ele com uma poesia digna de seu anjo, e onde, a partir daquele dia, os ovos encantados, partidos pela desgraça, não mais se abriam em pombas brancas, em beija-flores brilhantes, em flamingos rosados, em mil pássaros fantásticos que esvoaçam ainda sobre nossas cabeças durante os últimos instantes da vida. Ai! Dentro de três dias seria necessário fugir, pois o prazo para as letras, já protestadas, passadas aos usurários, devia vencer-se, tendo chegado ao último termo. Passou-lhe pelo cérebro uma ideia atroz: fugir com a duquesa, ir viver num lugar ignorado, no fundo da América do Norte ou do Sul; mas fugir com uma fortuna, deixando os credores lesados com seus títulos. Para realizar esse plano, bastava cortar aquele pedaço de carta, com a assinatura de Du Croisier, transformá-la em ordem de pagamento e levá-la ao banco dos Keller. Foi um combate atroz, regado de lágrimas, em que a honra da raça triunfou, mas sob condição. Viturniano quis ficar seguro quanto à sua bela Diana, e subordinou a execução do plano ao assentimento que ela desse ao projeto de fuga. Foi à casa da duquesa, na Rue du Faubourg Saint-Honoré, e encontrou-a num de seus penteadores faceiros, que lhe custavam tantos cuidados quanto dinheiro e lhe permitiam começar seu papel de anjo desde as onze horas da manhã.

A sra. de Maufrigneuse estava meio pensativa: inquietações semelhantes devoravam-na, mas ela as suportava com coragem. Entre as diversas organizações que os fisiólogos observaram nas mulheres, uma existe que tem um não sei quê de terrível, que representa um vigor de alma, uma lucidez de pontos de vista, uma presteza de decisão, uma despreocupação, ou antes, uma atitude preconcebida a respeito de certas coisas que assustariam um homem. Essas faculdades se ocultam sob as aparências da mais graciosa fraqueza. Só essas mulheres, entre todas as mulheres, oferecem a reunião, ou antes, o combate de dois seres que Buffon reconheceu como existindo unicamente no homem. As outras mulheres são inteiramente mulheres, inteiramente ternas, inteiramente mães, inteiramente dedicadas, inteiramente nulas ou

enfadonhas; seus nervos estão de acordo com seu sangue, e o sangue, com a cabeça; mas as mulheres como a duquesa podem chegar a tudo o que a sensibilidade representa de mais elevado e dar prova da mais egoísta insensibilidade. Uma das glórias de Molière é ter pintado admiravelmente, numa única de suas faces, essas naturezas femininas, na maior figura que talhou em pleno mármore: Célimene![\[627\]](#) Célimene, que representa a mulher aristocrática, assim como Fígaro, [\[628\]](#) essa segunda edição de Panurge,[\[629\]](#) representa o povo. Abatida sob o peso de dívidas enormes, a duquesa tomara a decisão de não pensar nessa avalanche de preocupações senão em determinado momento, quando tivesse de tomar uma resolução definitiva, agindo, dessa forma, como Napoleão, que esquecia ou retomava, à vontade, o fardo de seus pensamentos. Tinha a faculdade de se separar de si mesma e de contemplar o desastre à distância de alguns passos, em vez de se deixar soterrar por ele. Isso era grande, certamente, porém horrível, numa mulher. Entre a hora de acordar, em que tinha encontrado à espera todas as suas ideias, e a hora em que começara a vestir-se, examinara o perigo em toda a sua extensão e a possibilidade de uma queda pavorosa. Meditava: a fuga para um país estrangeiro, ou dirigir-se ao rei e confessar-lhe suas dívidas, ou seduzir um Du Tillet, um Nucingen, e pagar, jogando na Bolsa com o ouro que ele lhe desse; o banqueiro burguês seria certamente bastante polido para só lhe apresentar lucros, sem nunca falar nos prejuízos, delicadeza que salvaria tudo. Esses diversos meios, essa catástrofe, tudo tinha sido deliberado friamente, com calma, sem trepidação. Da mesma forma com que um naturalista toma o mais maravilhoso dos lepidópteros, e fixa-o no algodão com um alfinete, a sra. de Maufrigneuse arrancara o amor do coração, para pensar na necessidade do momento, pronto a retomar a bela paixão sobre o algodão imaculado, assim que tivesse salvado sua coroa de duquesa. Nenhuma dessas hesitações que Richelieu só confiava ao padre Joseph,[\[630\]](#) que Napoleão a princípio escondeu de todos. Resolvera: ou isto, ou aquilo. Estava sentada a um canto da lareira acesa, determinando que vestido usaria para ir ao Bosque, se o tempo permitisse, quando Viturniano entrou.

Apesar de suas capacidades sufocadas e de seu espírito tão vivo, o

conde estava como aquela mulher deveria estar: tinha palpitações, suave nos seus arreios de dândi, e não ousava ainda tocar com a mão numa pedra angular que, retirada, iria fazer desabar a pirâmide de suas mútuas existências. Custava-lhe tanto ter uma certeza! Os homens, mesmo os mais fortes, gostam de se enganar a si próprios a respeito de certas coisas, em que a verdade, conhecida, poderia humilhá-los, ofendê-los. Viturniano forçou sua própria incerteza a vir para o terreno, lançando uma frase comprometedora.

— Que tem você? — foi a primeira frase de Diana de Maufrigneuse, ao aspecto do caro Viturniano.

— Mas, minha querida Diana, estou numa aflição tão grande que um homem no fundo d'água, e no seu último gole, é feliz comparado comigo.

— Ora, misérias! Você é uma criança. Vamos, conte.

— Estou perdido de dívidas, e não tenho mais escapatória.

— É só isso? — perguntou ela, sorrindo. — Todos os negócios de dinheiro se resolvem de um modo ou de outro, só os desastres do coração é que são irreparáveis.

Posto à vontade por essa compreensão súbita de sua situação, Viturniano desenrolou a tapeçaria brilhante de sua vida durante aqueles trinta meses, mas do avesso e com talento, aliás; com espírito, principalmente. Empregou na sua narrativa essa poesia do momento que não falta a ninguém nas grandes crises, e soube envernizá-la com um desprezo elegante pelas coisas e pelos homens. Foi tudo muito aristocrático. A duquesa ouvia-o como sabia ouvir, e apoiara o cotovelo no joelho erguido muito alto. Pousara o pé num tamborete. Seus dedos estavam mimosamente agrupados em volta de seu lindo queixo. Tinha os olhos presos nos olhos do conde; mas miríades de sentimentos passavam-lhes pelo azul, como clarões de tempestade entre duas nuvens. Sua fronte estava serena, a boca séria de atenção, séria de amor, os lábios amarrados aos lábios de Viturniano. Ser ouvido assim dava a impressão de que o amor divino emanava desse coração. Portanto, quando o conde propôs a fuga a essa alma ligada à sua alma, foi obrigado a exclamar: você é um anjo! A bela Maufrigneuse respondia sem ter ainda falado.

— Bem, bem — disse a duquesa, que, em vez de estar entregue ao amor que exprimia, entregara-se a profundas combinações que guardava em segredo —, não se trata disso, meu amigo... — O *anjo*, agora, era apenas isso... — Pensemos em você. Sim, partiremos. Quanto mais cedo, melhor. Prepare tudo. Eu o seguirei! É belo deixar Paris e o mundo. Vou fazer meus preparativos de maneira a que ninguém suspeite de nada.

Essa promessa: *Eu o seguirei!* foi dita como, naquela época, a artista Mars[631] diria para fazer com que dois mil espectadores estremecessem. Uma duquesa de Maufrigneuse paga sua dívida, quando oferece, em frase semelhante, semelhante sacrifício ao amor. É possível falar-lhe de minúcias ignóbeis? Viturniano pôde, com facilidade, esconder-lhe os meios que contava empregar, pois Diana absteve-se de interrogá-lo: ela continuou convidada, como dizia De Marsay, ao banquete coroadado de rosas que todo homem devia preparar-lhe. Viturniano não quis partir sem que essa promessa fosse selada: precisava prover-se de coragem na sua felicidade, para se resolver a praticar uma ação que, pensava ele, seria mal interpretada; mas contou — e foi essa a sua razão determinante — com a tia e com o pai para sufocar a questão, e contou ainda com Chesnel para inventar qualquer transação. Aliás, *esse negócio* era o único meio de fazer um empréstimo sobre as terras da família. Com trezentos mil francos, o conde e a duquesa iriam viver felizes, escondidos, num palácio em Veneza, e lá esqueceriam o resto do Universo! Contaram um ao outro o seu romance, por antecipação.

No dia seguinte, Viturniano fez uma ordem de pagamento de trezentos mil francos e levou-a ao banco dos Keller. Os Keller pagaram, porque tinham, naquele momento, fundos de Du Croisier; mas, por carta, preveniram-no de que não mais deveria sacar sem aviso prévio. Du Croisier, muito espantado, pediu que lhe mandassem a conta. E essa conta explicou-lhe tudo: sua vingança estava pronta.

Assim que teve o seu dinheiro, Viturniano levou-o para a sra. de Maufrigneuse, que guardou as notas de banco na secretária e quis dizer adeus ao mundo vendo a Ópera pela última vez. Sonhador, distraído, inquieto, Viturniano começava a refletir. Pensava que seu lugar no

camarote da duquesa podia custar-lhe muito caro e que seria melhor, depois de botar em segurança os trezentos mil francos, correr para sua terra e cair aos pés de Chesnel, confessando-lhe tudo. Antes de sair, a duquesa não pôde impedir-se de lançar a Viturniano um olhar adorável, no qual brilhava ainda o desejo de dizer novamente adeus àquele ninho que tanto amava. O jovem conde perdeu ainda essa noite. No dia seguinte, às três horas, estava no palacete de Maufrigneuse e vinha pedir as ordens da duquesa para partir durante a noite.

— Por que partiríamos? — perguntou ela. — Pensei muito nesse projeto. A viscondessa de Beauséant e a duquesa de Langeais desapareceram. Minha fuga seria uma coisa muito vulgar. Faremos frente à tempestade. Será muito mais belo. Estou certa do triunfo.

Viturniano teve uma tonteira, pareceu-lhe que sua pele se dissolvia e que seu sangue escorria de todos os lados.

— Que tem você?! — exclamou a bela Diana surpreendendo uma hesitação, coisa que as mulheres nunca perdoam.

A todas as fantasias das mulheres as pessoas hábeis devem primeiro dizer que sim, sugerindo-lhes, depois, os motivos do não e deixando-lhes o exercício de seu direito de mudar, ao infinito, de ideias, resoluções e sentimentos. Pela primeira vez, Viturniano teve um acesso de cólera, a cólera dos entes fracos e poéticos, tempestade misturada com chuva e raios, mas sem trovão. Tratou muito mal aquele anjo, por quem tinha posto em jogo, mais do que a vida, a honra de sua casa.

— Eis aí o que encontramos depois de dezoito meses de ternura — disse ela. — Você me magoou, me magoou muito. Vá-se embora! Não quero mais vê-lo. Julguei que você me amasse, e você não me ama.

— Eu não a amo? — perguntou o moço, fulminado por essa queixa.

— Não, senhor.

— Como diz isso? Ah! Se soubesse o que acabei de fazer por sua causa!

— E que coisa foi essa? — perguntou ela.

— Como se não fosse obrigação fazer tudo por uma mulher que fez tanto por você!

— Você não é digna de sabê-lo! — exclamou Viturniano, enfurecido.

— Ah!

Após esse sublime *ah!* Diana debruçou a cabeça, apoiou-a na mão e permaneceu fria, imóvel, implacável, como devem ser os anjos que não partilham de nenhum dos sentimentos humanos. Vendo-a naquela atitude terrível, Viturniano esqueceu-se do perigo. Pois não tinha maltratado a criatura mais angélica do mundo? Queria o perdão; ajoelhou-se aos pés de Diana de Maufrigneuse, e beijou-os; implorou, chorou. Durante duas horas o infeliz ficou ali, fazendo mil loucuras, e encontrou sempre um rosto frio e olhos onde, por momentos, rolavam grossas lágrimas silenciosas, logo enxugadas, a fim de impedir que o amante indigno as recolhesse. A duquesa simulava uma dessas dores que tornam as mulheres augustas e sagradas. Mais duas horas sucederam a essas primeiras duas horas. Então o conde obteve a mão de Diana, e achou-a fria e sem alma. Essa bela mão, cheia de tesouros, parecia de madeira flexível; nada exprimia. Apossara-se dela, não lhe tinha sido dada. Não mais vivia, não mais pensava. Ele nem sequer teria visto o sol. Que fazer? Que resolver? Que decisão tomar? Em ocasiões como essa, um homem, para conservar o sangue-frio, deve ser constituído como aquele forçado que, após ter roubado durante a noite inteira as medalhas de ouro da Biblioteca real, foi, de manhã, pedir ao irmão, homem de bem, que as fundisse, e, ao ouvir perguntar: “Que devo fazer agora?”, respondeu: “Um café para mim!”. Mas Viturniano caiu num estupor imbecilizado, cujas trevas lhe envolveram o espírito. Sobre essas brumas cinzentas passavam, semelhantes às figuras que Rafael pintou em fundo negro, as imagens das volúpias às quais devia dizer adeus. Inexorável e despreziva, a duquesa brincava com uma ponta de mantilha, lançando olhares irritados a Viturniano, e, jogando com suas reminiscências mundanas, falava ao amante nos rivais, como se a cólera a decidisse a substituir por um deles aquele homem capaz de desmentir num momento dezoito meses de amor.

— Ah! — dizia. — Nunca o querido e encantador Félix de Vandenesse, tão fiel à sra. de Mortsauf,^[632] seria capaz de fazer semelhante cena: ele sabe o que é amar! De Marsay, esse terrível De Marsay, que todo mundo considera um tigre, é um desses homens fortes, brutais com os outros homens, mas que guardam todas as delicadezas para as mulheres. Montriveau destruiu sob os pés a

duquesa de Langeais, como Otelo matou Desdêmona, num acesso de cólera que, ao menos, atestou o excesso de seu amor: não foi uma coisa mesquinha como uma discussão... vale a pena ser destruída assim! Os homens louros, pequenos, esguios e franzinos gostam de atormentar as mulheres, porque só podem reinar sobre essas pobres criaturas fracas; só amam para ter um motivo de julgar que são homens. A tirania do amor é sua única forma de poder. E ela não sabia por que se tinha colocado sob o domínio de um homem louro. De Marsay, Montriveau, Vandenesse, aqueles belos morenos, tinham um raio de sol nos olhos.

Foi um dilúvio de epigramas, que passaram assobiando como balas. Diana lançava três flechas em cada palavra: humilhava, espetava, feria, ela sozinha, como dez Selvagens sabem ferir, quando querem fazer sofrer o inimigo amarrado a um poste.

Num acesso de impaciência, o conde gritou:

— Você está louca!

E saiu, sabe Deus em que estado! Guiou o cavalo como se nunca tivesse guiado. Esbarrou em carros, foi de encontro a um marco na Place Louis XV, andou sem saber para onde ia. Não se sentindo dominado, o cavalo fugiu pelo Quai d'Orsay, rumo à cocheira. Virando a Rue de l'Université, o cabriolé foi detido por Josefino.

Com ar atarantado, o velhote disse:

— O senhor não pode entrar em casa, a Justiça está lá, para prendê-lo.

Viturniano atribuiu essa detenção à ordem de pagamento, que não podia ter ainda chegado às mãos do procurador do rei, e não às verdadeiras letras promissórias, que se remexiam, há alguns dias, sob a forma de julgamentos em regra e que os guardas do comércio punham em cena, com acompanhamento de espíões, beaguins, juízes de paz, comissários de polícia, guardas e outros representantes da Ordem social. Como a maioria dos criminosos, Viturniano só pensava em seu crime. Exclamou:

— Estou perdido!

— Não, senhor conde. Continue seu caminho, vá ao Hôtel du BonLafontaine, na Rue de Grenelle. Lá encontrará a srta. Armanda, que chegou. Seu carro já está atrelado, e ela só o espera para levá-lo.

Na sua perturbação, Viturniano agarrou-se a esse galho oferecido, ao alcance de sua mão, no seio do naufrágio; correu ao hotel, onde abraçou a tia, que chorava como uma Madalena: parecia a cúmplice das faltas do sobrinho. Ambos subiram para o carro, e, alguns momentos depois, achavam-se fora de Paris, na estrada de Brest. Aniquilado, Viturniano permanecia em profundo silêncio. Quando, finalmente, tia e sobrinho se falaram, continuaram ambos vítimas do fatal mal-entendido que lançara sem reflexão Viturniano nos braços da srta. Armanda: o sobrinho pensava na falsificação, a tia pensava nas dívidas e nas letras promissórias.

— A senhora sabe de tudo, minha tia? — perguntou-lhe o rapaz.

— Sim, meu pobre menino, mas nós estamos aqui. Neste momento, não ralharei contigo. Toma coragem.

— Preciso esconder-me.

— Talvez. Sim, é uma ideia excelente.

— E se eu pudesse entrar em casa de Chesnel sem ser visto, calculando nossa chegada no meio da noite?

— Seria melhor, porque teríamos mais facilidade de esconder tudo a meu irmão. Pobre anjo! Como ele está sofrendo! — disse ela, acariciando o indigno rapaz.

— Oh! Agora eu compreendo a desonra! Ela esfriou o meu amor.

— Infeliz menino! Tanta felicidade, e tanta miséria!

A srta. Armanda mantinha a cabeça ardente do sobrinho apoiada no peito, beijava-lhe a fronte, suada apesar do frio, como as santas mulheres devem ter beijado a fronte de Cristo, quando o puseram no sudário. De acordo com seu cálculo excelente, o filho pródigo foi introduzido, durante a noite, na casa pacífica da Rue du Bercaill; mas fez o acaso que, ao entrar ali, ele se houvesse lançado, segundo uma expressão proverbial, na goela do lobo. Na véspera, Chesnel tratara de ceder o seu cartório ao primeiro escrevente do sr. Lepressoir, que era tabelião dos Liberais, como ele próprio era o tabelião da aristocracia. Esse jovem escrevente pertencia a uma família rica e podia dar a Chesnel, pela cessão, a importante quantia de cem mil francos, como sinal.

— Com cem mil francos — pensava naquele momento o velho

tabelião, esfregando as mãos — apagam-se muitas dívidas. Os credores do rapaz são usurários; nós o trancaremos aqui, e eu irei até lá, para obrigar esses cães a capitular.

Chesnel, o honesto Chesnel, o virtuoso Chesnel, o digno Chesnel, chamava de *cães* os credores de seu filho de amor, o conde Viturniano. O futuro tabelião deixava a Rue du Bercail, no momento em que o carro da srta. Armanda ia chegando. A curiosidade natural a todo jovem que visse, naquela cidade, àquela hora, um carro parando à porta do velho tabelião estava suficientemente despertada para que o primeiro escrevente parasse na reentrância de uma porta, de onde avistou a srta. Armanda.

— A srta. Armanda D'Esgrignon a esta hora? Que estará acontecendo em casa dos D'Esgrignon? — imaginou o rapaz.

Ao aspecto da senhorita, Chesnel recebeu-a misteriosamente, apagando a luz que levava na mão. Vendo Viturniano, à primeira palavra que lhe soprou ao ouvido a srta. Armanda, o bom homem compreendeu tudo; espiou para a rua, achou-a silenciosa e tranquila; fez um sinal, e o jovem conde precipitou-se do carro para o pátio. Tudo estava perdido porque o esconderijo de Viturniano era conhecido pelo sucessor de Chesnel.

— Ah, senhor conde! — exclamou o ex-tabelião, quando viu Viturniano instalado no quarto que dava para o gabinete de Chesnel e onde só se poderia entrar depois de passar pelo corpo do bom velho.

— Sim, o senhor tem razão — respondeu o jovem, compreendendo a exclamação do seu velho amigo —, não quis ouvi-lo, e estou agora no fundo do abismo, onde devo morrer.

— Não, não — disse o bom homem, olhando triunfalmente para a srta. Armanda e para o conde. — Vendi meu cartório. Trabalho há muito tempo, e vinha pensando em me aposentar. Terei amanhã, ao meio-dia, cem mil francos, e com esse dinheiro pode-se consertar muita coisa. A senhorita está cansada, volte para o carro, e vá para casa, deitar-se. Os negócios ficam para amanhã.

— Ele está seguro aqui? — perguntou a tia, apontando para Viturniano.

— Sim — afirmou o ancião.

A srta. Armanda beijou o sobrinho, deixou-lhe algumas lágrimas na fronte e partiu.

— Meu bom Chesnel, que adiantarão seus cem mil francos, na situação em que me encontro? — perguntou o conde ao velho amigo, quando começaram a conversar. — Creio que o senhor não conhece a extensão de minha desgraça.

Explicou-lhe todo o caso. Chesnel ficou fulminado. Sem a força de sua dedicação, teria sucumbido sob esse golpe. De seus olhos, que pareciam estancados, correram dois rios de lágrimas. Durante alguns instantes, voltou a ser criança. Durante alguns instantes, foi tão insensato quanto um homem que visse a casa queimar e, através de uma janela, chamejar o berço de seus filhos, e os cabelos de seus filhos sibilarem, consumindo-se. *Aprumou-se de pé*, como diria Amyot,^[633] pareceu crescer, levantou as velhas mãos, agitando-as em gestos desesperados e loucos.

— Que seu pai morra sem saber de nada, rapaz! Basta-lhe ser falsário, não queira também ser parricida! Fugir? Não, eles o condenariam por contumácia. Infeliz menino, por que não falsificou a minha assinatura, a minha? Eu teria pago, eu não teria levado o título ao procurador do rei. Nada mais posso fazer! O senhor me levou ao último buraco do Inferno. Du Croisier! Que será de nós? Que podemos fazer? Se tivesse matado alguém, ainda teria uma desculpa; mas uma falsificação! Uma falsificação! E o tempo que está voando! — disse, apontando a velha pêndula num gesto ameaçador. — É preciso um passaporte falso, agora; o crime atrai o crime. É preciso... — disse, fazendo uma pausa. — É preciso, antes de mais nada, salvar a casa D'Esgrignon.

— Mas — exclamou Viturniano — o dinheiro ainda está em casa da srta. de Maufrigneuse!

— Ah! Então há uma esperança, embora fraca: podemos enternecer Du Croisier, comprá-lo? Ele terá, se quiser, todos os bens da família. Vou à casa dele, vou acordá-lo, oferecer-lhe tudo. Aliás, não terá sido o senhor quem fez a falsificação. Direi que fui eu. Irei para as galés; não, passei a idade das galés, só poderão mandar-me para a prisão.

— Mas eu preenchi, com minha letra, a ordem de pagamento — disse Viturniano, sem se espantar com aquela dedicação insensata.

— Imbecil! Perdão, senhor conde. Devia ter mandado Josefino escrever; é um bom sujeito, tomaria a culpa de tudo. Está acabado, o mundo desabou — continuou o velho, acabrunhado, sentando-se. — Du Croisier é um tigre; livremo-nos de despertá-lo. Que horas são? Onde está a ordem de pagamento? Em Paris, poderíamos resgatá-la no banco dos Keller, eles estariam de acordo. Ah! Neste caso, tudo é perigoso, um único passo em falso poderá perder-nos. De qualquer modo, temos de reaver o dinheiro. Vamos, ninguém o sabe aqui; se for necessário, viva enterrado na adega. Quanto a mim, vou a Paris, o mais depressa possível, embarco na diligência de Brest, que não tarda a passar.

Num instante o ancião recobrou as faculdades da juventude, a agilidade e o vigor: fez um embrulho para a viagem, tomou dinheiro, pôs um pão de seis libras no quarto e trancou o filho de adoção.

— Não faça barulho — disse-lhe. — Fique aí até a minha volta, sem

luz à noite, ou irá para a prisão! Está ouvindo, senhor conde? Sim, para a prisão, se, numa cidade como a nossa, alguém souber que está aqui.

E Chesnel saiu de casa, depois de ter ordenado à governanta que o fizesse passar por doente, não recebesse ninguém, despedisse todo mundo e marcasse qualquer negócio para dali a três dias. Foi seduzir o diretor do correio, contou-lhe um romance com todo o gênio de um romancista hábil e obteve a certeza de que o deixariam embarcar sem passaporte, caso houvesse um lugar vazio; conseguiu também que lhe promettesse guardar segredo sobre essa partida precipitada. Felizmente, a diligência chegou vazia.

V — CHESNEL SOCORRENDO OS D'ESGRIGNON

Desembarcando na noite seguinte em Paris, às nove horas da manhã já o tabelião se achava no banco Keller, onde foi informado de que a fatal ordem de pagamento fora remetida a Du Croisier três dias antes; mas, ao pedir informações, não disse nada de comprometedor. Antes de deixar os banqueiros, perguntou-lhes se, restabelecendo os fundos, podiam devolver o documento. Francisco Keller respondeu-lhe que o documento pertencia a Du Croisier, que era senhor de conservá-lo ou restituí-lo. Desesperado, o velho foi à casa da duquesa. Àquela hora, a sra. de Maufrigneuse não recebia ninguém. Conhecendo o valor do tempo, Chesnel sentou-se na antecâmara, escreveu algumas linhas e as fez chegar às mãos da sra. de Maufrigneuse, seduzindo, fascinando, interessando, ordenando aos criados mais insolentes, mais inacessíveis do mundo. Embora estivesse ainda na cama, a duquesa, para grande espanto da criadagem, recebeu no quarto o velhote de calções pretos, meias de lã, sapatos de presilhas.

— Que aconteceu, senhor? — perguntou ela, recostando-se no meio de sua desordem. — Que me quer aquele ingrato?

— O que há, senhora condessa, é que a senhora tem cem mil escudos que nos pertencem — exclamou o velhote.

— Sim — disse ela. — Que significa...

— Essa quantia é o resultado de uma falsificação que nos levará às galés, e que nós fizemos por amor da senhora — disse Chesnel com

vivacidade. — Como não ter adivinhado isso, a senhora que é tão inteligente? Em vez de repreender o rapaz, deveria interrogá-lo, e salvá-lo, detendo-o enquanto era tempo. Agora, queira Deus que a desgraça não seja irreparável! Vamos precisar de todo o seu crédito junto ao rei.

Às primeiras palavras que lhe explicaram o caso, a duquesa, envergonhada de seu procedimento para com um amante tão apaixonado, temeu que a suspeitassem de cumplicidade. No seu desejo de provar que conservara o dinheiro sem lhe tocar, esqueceu-se de toda a decência, e não considerou, aliás, aquele tabelião como um homem; jogou as cobertas num gesto violento, precipitou-se para a secretária, passando diante do tabelião como um desses anjos que atravessam as vinhetas de Lamartine, e voltou confusa para o leito, após ter estendido os cem mil escudos a Chesnel.

— A senhora é um anjo. — Ela tinha de ser um anjo para todo mundo. — Mas isto não basta — continuou o tabelião —, conto com seu apoio para nos salvar.

— Salvá-los! Hei de triunfar ou morrer. E preciso que haja muito amor, para não se recuar diante de um crime. Por que outra mulher já se fez coisa semelhante? Pobrezinho! Vá, não perca tempo, caro sr. Chesnel. Conte comigo. Confie em mim como em si mesmo.

— Senhora duquesa, senhora duquesa!

De tão comovido, o velho tabelião não podia dizer senão essas palavras. Chorava, tinha vontade de dançar, mas sentiu medo de enlouquecer, e conteve-se.

— Nós dois o salvaremos! — disse, retirando-se.

Foi imediatamente à procura de Josefino, que lhe abriu a secretária e a mesa onde estavam os papéis do jovem conde, e entre os quais Chesnel teve a felicidade de encontrar algumas cartas de Du Croisier e dos Keller, que podiam tornar-se úteis. Depois, tomou lugar numa diligência que partia imediatamente. Pagou aos postilhões para que o carro fosse tão depressa quanto o do correio, pois encontrou dois viajantes tão apressados quanto ele próprio, e que concordaram em fazer as refeições na diligência. A estrada foi como que devorada. Após três dias de ausência, o tabelião voltou à Rue du Bercaill. Embora fosse

apenas uma hora da madrugada, já era tarde demais. Chesnel viu guardas diante de sua porta, e, quando atingiu o limiar, avistou, no pátio, o jovem conde detido. Certamente, se o pudesse, teria matado todos os oficiais de justiça e os soldados, mas pôde apenas lançar-se ao pescoço de Viturniano.

— Se eu não conseguir sufocar o caso, o senhor deverá matar-se antes que o ato de acusação seja redigido — disse-lhe Chesnel ao ouvido.

Viturniano se achava em tamanho estado de torpor que olhou para o tabelião sem entender.

— Matar-me — repetiu.

— Sim! E se não tiver coragem para isso, meu filho, conte comigo — disse-lhe Chesnel. Apesar da dor que lhe causava esse espetáculo, ficou plantado nas pernas trêmulas, olhando o filho de seu coração, o conde d'Esgrignon, o herdeiro daquela grande casa, caminhando entre dois guardas, entre o comissário de polícia da cidade, o juiz de paz e o meirinho do Tribunal. O velho só recobrou a coragem e a presença de espírito quando esse grupo desapareceu, e, cessado o ruído dos passos, o silêncio caiu novamente sobre a rua.

— Patrão, o senhor vai se resfriar — disse-lhe Brígida.

— O diabo que te carregue! — proferiu o tabelião exasperado.

Brígida, que, durante os vinte e oito anos a serviço de Chesnel, nunca ouvira coisa parecida, deixou cair a vela que tinha nas mãos; mas, sem prestar atenção ao susto de Brígida, o patrão, que nem sequer ouviu as exclamações da governanta, começou a correr em direção ao Val-Noble.

— Está doido — pensou a criada. — E, no final das contas, tem razão para isso. Mas aonde irá assim? Não posso ir atrás dele. Que lhe acontecerá? Estará pensando em se afogar?

Brígida foi acordar o primeiro escrevente, e mandou-o vigiar as margens do rio, tornadas célebres de um modo fatal, desde o suicídio de um rapaz de muito futuro,^[634] e da morte recente de uma moça que tinha sido desonrada. Chesnel dirigia-se à casa de Du Croisier. A única esperança estava lá. Os crimes de falsificação só podiam ser processados havendo queixa privada. Se Du Croisier quisesse

consentir, era ainda possível retirar a queixa, fazendo-a passar por um mal-entendido. Chesnel esperava ainda comprar aquele homem.

Àquela noite, tinha comparecido muito mais gente do que de costume em casa do sr. e da sra. du Croisier. Embora o caso fosse conservado secreto entre o presidente do Tribunal, sr. du Ronceret, o sr. Sauvager, primeiro substituto do procurador do rei, e o sr. du Coudrai, antigo conservador das hipotecas, destituído por ter votado mal,[635] as sras. du Ronceret e Du Coudrai o haviam contado confidencialmente a uma ou duas amigas íntimas. Assim, a notícia corra na sociedade, composta em parte da nobreza e da burguesia que costumava encontrar-se no salão de Du Croisier. Não havia quem não percebesse a gravidade do assunto, e ninguém ousava comentá-lo abertamente. A dedicação da sra. du Croisier pela alta nobreza era, aliás, tão conhecida que mal se arriscavam a cochichar alguma coisa sobre a desgraça que acontecera aos D'Esgrignon, solicitando esclarecimentos. Para conversar a esse respeito, os interessados esperaram pela hora em que a boa sra. du Croisier habitualmente se retirava para o quarto, onde cumpria seus deveres religiosos longe dos olhos do marido. No momento em que a dona de casa desapareceu, os aderentes de Du Croisier, que conheciam o segredo e os planos do grande industrial, contaram-se uns aos outros, e, vendo que no salão ainda havia algumas pessoas suspeitas, quer pelos interesses, quer pelas opiniões, continuaram a jogar. Às onze e meia, só restavam os íntimos, o sr. Sauvager, o sr. Camusot, juiz de instrução, e a mulher, o sr. e a sra. du Ronceret, com o filho, Fabiano, o sr. e a sra. du Coudrai, e José Blondet, filho primogênito do velho juiz, dez pessoas ao todo.

Conta-se que Talleyrand, numa noite fatal, às três horas da madrugada, jogando em casa da duquesa de Luynes, interrompeu o jogo, colocou o relógio na mesa e perguntou aos parceiros se o príncipe de Condé tinha outro filho além do duque d'Enghien.[636] “Por que está perguntando uma coisa que sabe tão bem?”, respondeu a sra. de Luynes. “Porque, se o Príncipe não tem outro filho, acabou-se a casa de Condé.” Depois de um momento de silêncio, o jogo prosseguiu. O presidente Du Ronceret agiu da mesma maneira, quer conhecesse esse trecho da história contemporânea, quer porque os espíritos

mesquinhos se pareçam com os grandes nas expressões da vida política. Olhou para o relógio, e disse, interrompendo a partida de bóston:

— Neste momento, estão prendendo o sr. conde d'Esgrignon, e essa família tão altiva está desonrada para sempre.

— Conseguiram, então, agarrar o menino! — exclamou Du Coudrai alegremente. Todos os presentes, exceto o presidente, o substituto e Du Croisier, manifestaram um espanto súbito.

— Ele acaba de ser preso na casa de Chesnel, onde estava escondido — disse o substituto, tomando o ar de um homem capaz e mal compreendido, que deveria ser chefe de Polícia.

Esse sr. Sauvager, primeiro substituto, era um rapaz de vinte e cinco anos, magro e alto, de rosto comprido e azeitonado, de cabelos negros e crespos, olhos fundos e cercados, embaixo, por um largo círculo castanho, repetido, em cima, pelas pálpebras franzidas e pisadas. Tinha um nariz de pássaro de rapina, a boca apertada, as faces laminadas pelo estudo e cavadas pela ambição. Oferecia esse tipo dos seres secundários, à espreita das circunstâncias, prontos a fazer tudo para subir, mas sempre se mantendo nos limites do possível e no decoro da legalidade. Seus ares importantes anunciavam admiravelmente sua facúndia servil. O segredo do esconderijo do jovem conde lhe fora contado pelo sucessor de Chesnel, a quem felicitou pela perspicácia. A notícia pareceu impressionar vivamente o juiz de Instrução, sr. Camusot, que, por solicitação de Sauvager, expedira a ordem de prisão tão depressa executada. Camusot era homem de trinta anos, aproximadamente, já gordo, louro, de carnes moles, de tez lívida, como a de quase todos os magistrados, que vivem encerrados em seus gabinetes ou nas salas de audiência. Tinha olhinhos miúdos, de pálida cor amarela, cheios dessa desconfiança que pode passar por astúcia.

A sra. Camusot olhou para o marido, como se lhe dissesse:

— Viu como eu tinha razão?

— Então haverá mesmo processo? — perguntou o juiz de instrução.

— E tinha dúvidas a esse respeito? — indagou Du Coudrai. — Tudo está terminado, já que o conde foi preso.

— Há ainda o júri — declarou o sr. Camusot. — Para este caso, o

senhor prefeito saberá organizá-lo de modo a que, com as recusas opostas pelo Tribunal e as apresentadas pelo acusado, só restem pessoas favoráveis à absolvição. Minha opinião seria transigir — disse, dirigindo-se a Du Croisier.

— Transigir? — exclamou o presidente. — Mas como, se a Justiça já está agindo?

— Absolvido ou condenado, a desonra do conde d’Esgrignon não será menor — disse o substituto.

— Eu sou parte civil — disse Du Croisier — e tomarei como advogado Dupin,[637] o velho. Veremos como a casa D’Esgrignon conseguirá livrar-se de suas garras.

— Ela saberá defender-se e escolher um advogado em Paris; vai opor-lhe Berryer[638] — disse a sra. Camusot. — “Para os grandes males, os grandes remédios.”[639]

Du Croisier, Sauvager e o presidente Du Ronceret olharam para o juiz de instrução, presos do mesmo pensamento. O tom e a maneira como a moça lançara o provérbio ao rosto de oito pessoas que tramavam a perda da casa D’Esgrignon causaram-lhe sensações que todos dissimularam, como a gente da província sabe dissimular, habituada pela coerência contínua às astúcias da vida monástica. A pequena sra. Camusot observou a transformação dos rostos, que se compuseram assim que farejaram a provável oposição do juiz aos planos de Du Croisier. Vendo o marido revelar o fundo de seu pensamento, ela tinha querido sondar a profundidade daqueles ódios, e adivinhar com que interesse Du Croisier conquistara o primeiro substituto, a ponto de fazê-lo agir de maneira tão precipitada e contrária às intenções do Poder.

— De qualquer forma — disse ela — se essa questão forçar a vinda de advogados célebres, de Paris, teremos sessões muito interessantes no Tribunal do Júri; mas o caso acabará ficando entre o Tribunal e a Corte real. Logo se vê que o Governo fará secretamente tudo quanto for possível para salvar um rapaz que pertence a grandes famílias e que é amigo da duquesa de Maufrigneuse. Assim, não creio que tenhamos escândalo em Landerneau.[640]

— Que está a senhora dizendo! — observou o presidente com

severidade. — Então acredita que o Tribunal que vai instruir o processo e que será o primeiro a julgá-lo se deixe influir por considerações alheias à justiça?

— O acontecimento está provando o contrário — disse a moça, maliciosamente, olhando para o substituto e o presidente, que lhe lançavam um olhar frio.

— Queira explicar-se, minha senhora — pediu o substituto. — A senhora fala como se não tivéssemos cumprido o nosso dever.

— As palavras de minha senhora não têm nenhum valor — disse Camusot.

— Mas as do senhor presidente não prejudicaram uma questão que depende ainda da Instrução? — perguntou ela. — E, entretanto, a Instrução ainda está por se fazer, e o Tribunal ainda não se pronunciou a respeito.

— Não estamos no Palácio — respondeu-lhe o substituto com azedume — e, aliás, nós sabemos de tudo isso.

— O senhor procurador do rei ignora tudo ainda — replicou a moça, olhando-o com ironia. — Ele voltará da Câmara dos Deputados a toda a pressa. Os senhores já lhe prepararam a tarefa; agora, sem dúvida, ele próprio dará a decisão.

O substituto franziu as grossas sobrancelhas fornidas, e os interessados viram inscritos em sua fronte escrúpulos tardios. Houve, então, um silêncio prolongado, durante o qual só se ouviu o ruído das cartas manuseadas. O sr. e a sra. Camusot, vendo-se tratados com frieza, saíram para deixar os conspiradores falar à vontade.

— Camusot — disse-lhe, já na rua, a mulher — foste imprudente. Por que deixaste que essa gente suspeitasse que não te prestas aos seus planos? Eles te armarão qualquer cilada.

— Que podem eles contra mim? Sou o único juiz de Instrução.

— Podem caluniar-te e provocar tua destituição.

Nesse momento, o casal esbarrou com Chesnel. O velho tabelião reconheceu o juiz de Instrução e, com a lucidez das pessoas habituadas aos negócios, compreendeu que o destino da casa D'Esgrignon estava entre as mãos daquele rapaz.

— Ah! Senhor juiz! — exclamou o velhote. — Vamos precisar do

senhor. Só quero dizer-lhe uma palavrinha. Queira perdoar-me, minha senhora — disse à mulher do juiz, puxando-lhe o marido para um lado.

Como boa conspiradora, a sra. Camusot olhou para o lado da casa de Du Croisier, a fim de romper a conversa confidencial se visse alguém sair de lá; mas julgava, com razão, os inimigos ocupados em discutir o incidente que ela fizera nascer entre seus planos. Chesnel arrastou o juiz para um canto escuro, encostado a uma parede, e aproximou-se de seu ouvido.

— O crédito da duquesa de Maufrigneuse, o do príncipe de Cadignan, o dos duques de Navarreins, o de Lenoncourt, o do chanceler-mor, o guarda-selos, o rei, tudo estará de seu lado, se o senhor proteger a casa D'Esgrignon. Acabo de chegar de Paris; sabia de tudo, e corri para dar todas as explicações à Corte. Contamos com o senhor juiz, e eu lhe prometo segredo. Se o senhor é nosso inimigo, parto novamente amanhã para Paris, e entrego às mãos de Sua Grandeza uma queixa de legítima suspeição contra o Tribunal, de que havia, sem dúvida, esta noite, vários membros em casa de Du Croisier, onde beberam e comeram, contra todas as leis, e que são, aliás, amigos desse homem.

Chesnel teria feito intervir o Padre Eterno, se o pudesse. Sem esperar resposta, deixou o juiz, e precipitou-se como um cabrito montês em direção à casa de Du Croisier. Forçado pela mulher a lhe contar as confidências de Chesnel, o juiz obedeceu, e foi assaltado por esse:

— Viu como eu tinha razão, meu amigo? — que as mulheres também dizem quando não têm razão nenhuma... mas não com a mesma doçura. Chegando em casa, Camusot já tinha confessado a superioridade da mulher e reconhecido a felicidade que lhe coubera, confissão que, sem dúvida, preparou uma noite feliz para os dois esposos. Chesnel encontrou o grupo de seus inimigos que se retiravam da casa de Du Croisier, e teve medo de já o encontrar deitado, o que teria considerado como uma desgraça, porque se encontrava numa dessas circunstâncias que exigem presteza.

— Abram em nome do rei! — gritou ao criado que fechava o vestibulo.

Acabava de fazer com que o rei chegasse perto de um jovem juiz ambicioso, e conservara esse nome nos lábios. Embrulhava tudo, delirava. Abriram. O tabelião precipitou-se na antecâmara como um raio.

— Meu rapaz — disse ao criado — terás cem escudos se conseguires acordar a sra. du Croisier e mandá-la imediatamente ao meu encontro. Dize-lhe o que quiseses.

Ao abrir a porta do luxuoso salão em que Du Croisier caminhava sozinho, a passos largos, Chesnel tornou-se calmo e frio. Os dois homens mediram-se então, durante um momento, com um olhar que tinha a profundidade de vinte anos de ódio e inimizade. Um deles apoiava o pé no coração da casa D'Esgrignon, o outro avançava como um leão para lhe arrancar a presa.

— Senhor — disse Chesnel —, cumprimento-o humildemente. O senhor já apresentou sua queixa?

— Sim, senhor.

— Desde quando?

— Desde ontem.

— O único ato lançado até agora foi a ordem de prisão?

— Presumo que sim — replicou Du Croisier.

— Venho negociar.

— A Justiça está em curso, a vingança pública não tardará, nada pode detê-la.

— Não nos preocupemos com isso, estou às suas ordens, aos seus pés.

O velho Chesnel caiu de joelhos, e estendeu a Du Croisier as mãos suplicantes.

— Que quer o senhor? Diga! Quer os nossos bens, o nosso castelo? Fique com tudo, retire a queixa, deixe-nos apenas a vida e a honra. Além de tudo o que lhe ofereço, serei ainda seu criado, disponha de mim como entender.

Du Croisier deixou o velho de joelhos, e sentou-se numa poltrona.

— O senhor não é vingativo, o senhor é bom, e não nos quer mal a ponto de recusar qualquer entendimento — disse o ancião. — Antes do amanhecer, o rapaz estaria livre.

— A cidade inteira sabe que ele foi detido — disse Du Croisier, saboreando a vingança.

— É uma grande desgraça, mas, se não houver julgamento nem provas, poderemos resolver tudo a contento.

Du Croisier refletia. Chesnel julgou-o influenciado pelo interesse, e teve a esperança de vencer o inimigo por esse grande fator, responsável pela maioria das ações humanas. Nesse momento supremo, apareceu a sra. du Croisier.

— Venha, minha senhora, venha ajudar-me a enternecer seu marido — implorou Chesnel, sempre ajoelhado.

Demonstrando a mais profunda surpresa, a sra. du Croisier forçou o velho a levantar-se. Chesnel narrou-lhe o caso. Quando a nobre filha dos servidores do duque d'Alençon soube do que se tratava, virou-se para Du Croisier, com os olhos cheios de lágrimas.

— Ah! Senhor! Como pode hesitar? Os D'Esgrignon, a honra da província! — exclamou.

— Não se trata disso! — corrigiu Du Croisier, levantando-se e continuando seu agitado passeio.

— Hein? De que se trata, então? — perguntou Chesnel, espantado.

— Sr. Chesnel, trata-se da França! Trata-se da nação, trata-se do povo, trata-se de ensinar aos senhores seus aristocratas que há uma justiça, leis, uma burguesia, uma pequena nobreza que vale mais do que eles e os dominam! Não se espezinham dez campos de trigo por causa de uma lebre, não se leva a desonra ao seio das famílias seduzindo pobres moças, não se deve desprezar gente que nos equivale, não se caça dos outros durante dez anos sem que esses fatos se avolumem, produzindo avalanches, sem que essas avalanches desabem, esmaguem, enterrem os senhores nobres. O que os senhores querem é a volta ao antigo estado de coisas, o que os senhores querem é rasgar o pacto social, essa carta em que nossos direitos estão escritos...

— E daí? — disse Chesnel.

— Não é uma santa missão esclarecer o povo? — perguntou Du Croisier. — Ele abrirá os olhos sobre a moralidade de seu partido, quando vir os nobres comparecendo, como Pedro ou João, perante os

tribunais. Não faltará quem diga que a gatinha, que os pequenos, que têm honra, valem mais do que os grandes, que não a têm. A Justiça brilha para todos. Sou, aqui, o defensor do povo, o amigo das leis. Foram os senhores mesmos que me lançaram do lado do povo, por duas vezes, primeiro, quando recusaram minha aliança, depois, quando não me admitiram em sua sociedade. Estão, agora, colhendo o que semearam.

Essas palavras assustaram tanto Chesnel quanto a sra. du Croisier. A mulher adquiria um terrível conhecimento do caráter do marido; foi um clarão que iluminou não somente o passado como também o futuro. Parecia impossível fazer com que aquele colosso capitulasse; Chesnel, porém, não recuou diante do impossível.

— Como, senhor? Não quer mesmo perdoar, não quer agir como um cristão? — perguntou a sra. du Croisier.

— Perdoo como Deus perdoa, minha senhora: sob condições.

— Que condições? — indagou Chesnel, julgando avistar um raio de esperança.

— As Eleições não tardam; quero os votos de que os senhores dispõem.

— Serão seus — prometeu Chesnel.

— Quero — continuou Du Croisier — ser recebido, com minha mulher, familiarmente, todas as noites, com amizade aparente, ao menos, pelo sr. marquês d'Esgrignon e os seus.

— Não sei como o convenceremos, mas os senhores serão recebidos.

— Quero uma hipoteca de quatrocentos mil francos, fundada sobre uma transação escrita, relativa a esse caso, a fim de ter sempre uma arma apontada para seu coração.

— Consentimos — concordou Chesnel, sem confessar ainda que tinha os cem mil escudos no bolso — mas ela ficará em poder de terceiros, e será devolvida à família depois de sua eleição e do pagamento.

— Não, só depois do casamento de minha sobrinha-neta, srta. Duval, que reunirá talvez um dia quatro milhões. No contrato, essa moça será instituída minha herdeira e de minha mulher; o senhor a casará com o seu jovem conde.

— Nunca! — disse Chesnel.

— Nunca — repetiu Du Croisier, embriagado com o triunfo. — Boa noite.

— Imbecil que eu sou — pensou Chesnel — porque recuei diante de uma mentira com um homem desses!

Du Croisier retirou-se, contente de anular tudo a pretexto de seu orgulho ofendido, após ter gozado a humilhação de Chesnel, ter balançado o destino da soberba casa em que se concentrava a aristocracia da província e estampado a marca de seu pé nas entranhas da família D'Esgrignon. Subiu para o quarto, deixando a mulher com Chesnel. Em sua embriaguez, não via nada que pudesse impedir sua vitória; acreditava firmemente que os cem mil escudos tinham sido dissipados; para obtê-los, a casa D'Esgrignon precisava vender ou hipotecar seus bens; a seus olhos, o processo criminal contra o jovem conde era, portanto, inevitável. Os casos de falsificação podem sempre ser resolvidos quando a quantia desviada é restituída. Em geral, as vítimas desses crimes são pessoas ricas, que não fazem questão de desonrar um homem imprudente. Mas Du Croisier só desejava renunciar a seus direitos em troca de determinadas concessões. Deitou-se, portanto, pensando na magnífica realização de suas esperanças, seja pelos tribunais, seja por esse casamento, e alegrava-se de ouvir a voz de Chesnel, lamentando-se junto à sra. du Croisier.

Profundamente religiosa e católica, monarquista e dedicada à Nobreza, a sra. du Croisier compartilhava das ideias de Chesnel a respeito dos D'Esgrignon. Assim, todos os seus sentimentos acabavam de ser cruelmente feridos. Essa boa monarquista tinha ouvido os uivos do liberalismo, que, na opinião de seu diretor espiritual, desejava a ruína do catolicismo. Para ela, a Esquerda era 1793, com a revolução e o cadafalso.

— Que diria seu tio, esse santo[641] que nos ouve? — exclamou Chesnel. Duas lágrimas que lhe correram pelas faces foram a única resposta da sra. du Croisier.

— A senhora já foi a causa da morte de um pobre rapaz[642] e do luto eterno de uma mãe — continuou Chesnel, vendo a certeza dos golpes que desferia, e capaz de golpear até partir aquele coração para

salvar Viturniano — quer agora assassinar a srta. Armanda, que não haveria de sobreviver oito dias à infâmia de sua casa? Quer assassinar o pobre Chesnel, seu antigo tabelião, que matará o jovem conde em sua prisão, antes que o acusem, e que acabará suicidando-se para não ser arrastado, ele próprio, perante o júri, como culpado de um crime de morte?

— Meu amigo, basta! Basta! Sou capaz de tudo para sufocar um caso desses, mas só fiquei conhecendo inteiramente o sr. du Croisier neste momento... ao senhor, posso confessá-lo! Não há nenhum recurso.

— E se houvesse? — perguntou Chesnel.

— Daria a metade de meu sangue para que houvesse algum! — respondeu ela, terminando o pensamento por um sacudir de cabeça em que se revelava um grande desejo de vencer.

Igual ao primeiro cônsul que, vencido nos campos de Marengo até cinco horas da tarde, obteve às seis horas a vitória pelo ataque desesperado de Desaix e pela carga terrível de Kellerman, Chesnel percebeu elementos de triunfo no meio das ruínas. Era preciso ser Chesnel, era preciso ser velho tabelião, velho intendente, ter sido pequeno escrevente de mestre Sorbier, era preciso haver as iluminações repentinas do desespero para se ser tão grande quanto Napoleão, maior até: essa batalha não era Marengo, mas Waterloo, e Chesnel queria vencer os Prussianos ao vê-los chegar.

— Minha senhora! a senhora, de cujos negócios tratei durante vinte anos, a senhora, que é a honra da Burguesia, como os D'Esgrignon são a honra da Nobreza desta província, saiba que só da senhora depende agora a salvação da casa D'Esgrignon. Responda, por favor. Deixará desonrar a memória de seu tio, os D'Esgrignon, o pobre Chesnel? Quer matar a srta. Armanda, que está chorando? Ou quer redimir suas culpas, alegrando seus antepassados, intendentes dos duques d'Alençon, consolando a alma de nosso caro padre que, se pudesse sair de seu caixão, lhe ordenaria fazer o que eu lhe peço de joelhos?

— Que é? — exclamou a sra. du Croisier.

— Pois bem, eis aqui os cem mil escudos — disse ele, tirando do bolso os maços de notas. — Aceite-os, e tudo estará acabado.

— Se só se trata disso, e se daí não puder resultar nenhum mal para

meu marido...

— Só poderá resultar o bem — afirmou Chesnel. — A senhora lhe evitará as vinganças eternas do Inferno à custa de um ligeiro desapontamento aqui embaixo.

— Ele não ficará comprometido? — perguntou, olhando para Chesnel.

Chesnel leu, então, até o fundo da alma daquela pobre mulher. A sra. du Croisier hesitava entre duas religiões, entre os mandamentos que a Igreja traçou para as esposas e seus deveres para com o Trono e o Altar: achava censurável a atitude do marido, e não ousava censurá-la; queria salvar os D'Esgrignon, e não desejava fazer nada que pudesse prejudicar os interesses do marido.

— Em nada — disse Chesnel. — Seu velho tabelião lhe jura sobre os Santos Evangelhos...

Chesnel não tinha mais nada, senão sua salvação eterna, para oferecer à casa D'Esgrignon, e arriscou-a cometendo uma horrível mentira; mas não tinha alternativa: ou enganar a sra. du Croisier, ou morrer. Imediatamente redigiu e ditou à sra. du Croisier um recibo de cem mil escudos, datado de cinco dias antes da fatal letra promissória, numa época em que, conforme se lembrou, Du Croisier estivera ausente, por ter ido às terras da mulher determinar algumas melhorias.

— A senhora jura — disse Chesnel, quando a sra. du Croisier teve os cem mil escudos e lhe entregou o documento — declarar diante do juiz de instrução que recebeu essa quantia na data aqui marcada?

— Não é mentira?

— Oficiosa — afirmou Chesnel.

— Não poderia agir assim sem a opinião de meu diretor, o padre Couturier.

— Pois bem! — concordou Chesnel. — Conduza-se nessa questão de acordo com os conselhos que ele lhe der.

— Eu o prometo.

— Não entregue a quantia ao sr. du Croisier senão depois de ter comparecido diante do juiz de instrução.

— Sim — disse ela. — Ai! Que Deus me dê forças para comparecer diante da justiça humana para sustentar uma mentira!

Após ter beijado a mão da sra. du Croisier, Chesnel empertigou-se majestosamente, como um dos profetas que Rafael pintou no Vaticano.

— A alma de seu tio palpita de alegria, e a senhora apagou para sempre o erro de se ter casado com o inimigo do Trono e do Altar.

Essas palavras impressionaram vivamente a alma timorata da sra. du Croisier. Chesnel pensou logo em ganhar para sua causa o padre Couturier, diretor de consciência da sra. du Croisier. Conhecia a obstinação que as pessoas devotas consagram ao triunfo de suas ideias, a partir do momento em que tomam a defesa de seu partido; quis, por isso, empenhar tanto quanto possível a Igreja nessa luta, colocando-a de seu lado. Foi, portanto, ao palacete D'Esgrignon, acordou a srta. Armanda, informou-a dos acontecimentos da noite e lançou-a a caminho do Palácio Episcopal, para puxar o próprio prelado para o campo de batalha.

— Meu Deus! Deves salvar a casa D'Esgrignon — exclamou Chesnel, voltando para sua residência a passos lentos. — O caso transformou-se agora em luta judiciária. Estamos na presença de homens que têm paixões e interesses; podemos obter tudo deles. Esse Du Croisier aproveitou-se da ausência do procurador do rei, que nos é dedicado, mas que, desde a abertura das câmaras, está em Paris. Que terão eles feito para empalmar o primeiro substituto, que tomou em consideração a queixa sem ter consultado seu chefe? Amanhã de manhã, será necessário descobrir esse mistério, estudar o terreno, e, depois de ter desembaraçado os fios dessa trama, eu talvez volte a Paris, a fim de movimentar os altos poderes, pela mão da sra. de Maufrigneuse.

Assim raciocinava o pobre velho atleta, que via as coisas como elas eram, e que se deitou semimorto, sob o peso de tantas emoções e tantas fadigas.

Entretanto, antes de adormecer, lançou ainda, sobre os magistrados que compunham o Tribunal, um olhar perscrutador, que abrangia os pensamentos secretos das ambições de cada um, a fim de verificar as possibilidades com que poderia contar naquela luta e o modo como deveria influenciá-los. Se dermos uma forma sucinta ao longo exame das consciências feito por Chesnel, ele fornecerá, talvez, um quadro da magistratura na província.

Forçados a começar a carreira na província, onde se agitam as ambições judiciárias, os juízes e os serventuários do rei sonham com Paris, e todos aspiram por brilhar nesse vasto teatro, onde se tratam as grandes causas políticas, onde a Magistratura está ligada aos interesses palpitantes da Sociedade. Mas esse paraíso dos funcionários da justiça admite poucos eleitos, e os nove décimos dos magistrados devem, cedo ou tarde, acomodar-se para sempre na província. Assim, todo tribunal, toda Corte real da província oferecem dois partidos bem delimitados: o das ambições cansadas de esperar, contentes com a excessiva consideração concedida na província à situação ocupada pelos magistrados, ou adormecidas por uma vida tranquila; e o dos rapazes novos, dos verdadeiros talentos, aos quais a vontade de vencer que nenhuma decepção ainda amorteceu, ou que a sede de subir aguilhoa sem cessar, dando-lhes uma espécie de fanatismo pelo seu sacerdócio. Nessa época, a Monarquia animava os jovens magistrados contra os inimigos dos Bourbon. O mais insignificante substituto sonhava com requisitórios, ansiava com todas as forças por um desses processos políticos que fazem realçar o zelo, atraem a atenção do ministério e favorecem as promoções dos serventuários do rei. Que magistrado não invejava a Corte, em cuja instância estourava uma conspiração bonapartista? Quem não desejava encontrar um Caron, um Berton, [643] um ensarilhar de armas, uma oposição, um ataque violento ao governo? Essas ambições ardentes, estimuladas pela grande luta dos partidos, baseadas nas razões de Estado e na necessidade de monarquizar a França, eram lúcidas, previdentes, perspicazes; exerciam rigorosamente funções policiais, espionavam as populações e as impeliam no caminho da obediência, de onde não devem sair. Fanatizada, então, pela fé monarquista, a justiça reparava os erros dos antigos Parlamentos, e caminhava de acordo com a religião, de maneira, talvez, por demais ostensiva. Mostrou-se, porém, mais zelosa do que hábil, pecou menos por maquiavelismo do que pela sinceridade de suas intenções, que pareceram hostis aos interesses gerais do país, embora pretendessem resguardá-lo de revoluções. Mas, considerada

em conjunto, a justiça continha ainda um excesso de elementos burgueses, era ainda demasiadamente sujeita às paixões mesquinhas do liberalismo. Cedo ou tarde, deveria tornar-se constitucional, e se alinhar ao lado da burguesia por ocasião de uma luta... Nesse grande corpo, como na administração, houve hipocrisia, ou, para falar com mais acerto, um espírito de imitação que leva a França a se guiar sempre pelo modelo da Corte, enganando-a, assim, muito inocentemente.

No tribunal em que se ia resolver a sorte do jovem D'Esgrignon, existiam essas duas espécies de fisionomias judiciárias. O presidente Du Ronceret e um velho juiz chamado Blondet representavam os magistrados resignados com a própria situação e instalados para sempre na cidade natal. O partido jovem e ambicioso contava com o sr. Camusot, juiz de instrução, e o sr. Michu, nomeado juiz suplente pela proteção da casa de Cinq-Cygne,^[644] e que devia, na primeira oportunidade, entrar na engrenagem da Corte real, em Paris.

Abrigado de qualquer destituição pela inamovibilidade judiciária, e não se vendo acolhido pela aristocracia à altura da importância que ele próprio se atribuía, o presidente Du Ronceret tomara o partido da Burguesia, dando a seu desapontamento o verniz da independência, sem saber que suas opiniões o condenavam a ficar presidente a vida inteira. Embrenhado naquele caminho, deixou-se conduzir pela lógica das coisas até concentrar todas as suas esperanças de promoção no triunfo de Du Croisier e do partido da Esquerda. Não era querido nem na Prefeitura nem na Corte real. Forçado a manter certas considerações pelo poder, tornara-se suspeito aos Liberais. Não tinha, assim, lugar em nenhum partido. Obrigado a deixar a candidatura eleitoral para Du Croisier, via-se sem influência, e representava papel secundário. A falsidade de sua posição tendo reagido sobre seu caráter, era uma criatura amarga e descontente. Cansando-se de sua ambiguidade política, resolvera secretamente colocar-se à frente do partido liberal, e, assim, dominar Du Croisier. Seu comportamento no caso do conde d'Esgrignon representou o primeiro passo nessa carreira. Já simbolizava admiravelmente essa Burguesia que ofusca, com suas paixões mesquinhas, os grandes interesses do país,

inconstante na política, hoje pró e amanhã contra o poder, comprometendo tudo e não salvando nada, desesperada do mal que cometeu e continuando a procriá-lo, sem querer reconhecer a própria mesquinhez, molestando o poder de que, ao mesmo tempo, se declara a serva, simultaneamente humilde e arrogante, pedindo ao povo uma obediência que, de sua parte, nega à Realeza, inquieta das superioridades que deseja reduzir ao seu nível, como se a grandeza pudesse ser pequena, como se o poder conseguisse existir sem a força.

Esse presidente era um homem alto, seco e esguio, de fronte fugidia, de cabelos ralos e castanhos, de olhos gázeos, de tez avermelhada, de lábios apertados. Sua voz rouca sibilava no gorgulho pastoso da asma. Era casado com uma criatura grandalhona e solene, desengonçada, coberta de vestidos ridículos e excessivamente enfeitada. A presidenta tomava ares de rainha, usava cores vivas, e nunca ia a um baile sem ornar a cabeça com um desses turbantes tão apreciados pelas inglesas, e cultivados com amor na província. Ambos ricos, tinham quatro ou cinco mil libras de rendas, que formavam, com os vencimentos da presidência, um total de doze mil francos, aproximadamente. Apesar de sua tendência à avareza, recebiam uma vez por semana, a fim de satisfazer a vaidade. Fiéis aos velhos costumes da cidade, onde Du Croisier introduzia o luxo moderno, o presidente e a mulher não tinham feito, desde o dia de seu casamento, a menor modificação na casa em que moravam, e que pertencia à sra. du Ronceret. Essa casa, que tinha uma fachada dando para o pátio e outra para um jardimzinho, apresentava, do lado da rua, um velho torreão acinzentado e triangular, com uma janela em cada pavimento. O pátio e o jardim eram cercados por altas muralhas, ao longo das quais se estendia uma aleia de castanheiros, no jardim, e as dependências dos criados, no pátio. Na frente, separando o jardim da rua, alongava-se uma velha grade de ferro, roída de ferrugem; e, no pátio, entre dois painéis de muro, havia uma grande porta traseira, terminada por uma saliência em forma de imensa concha. Concha semelhante se achava sobre a porta de entrada. Tudo, ali, era sombrio, sufocado, sem ar. A muralha divisória tinha frestas engradadas, como as janelas de uma prisão. As flores pareciam sentir-se pouco à vontade nos canteiros do jardimzinho,

que os transeuntes podiam avistar através das grades. No andar térreo, depois de uma grande antecâmara, clareada por janelas dando para o jardim, entrava-se no salão, de que uma janela dava para a rua, e que tinha um saguão de portas envidraçadas comunicando com o jardim. A sala de jantar, das mesmas dimensões que o salão, ficava do outro lado da antecâmara. Essas três peças harmonizavam com aquele conjunto melancólico. Os tetos, todos cortados por pesadas traves pintadas, ornadas, no meio, de alguns magros losangos de rosáceas esculpidas, feriam o olhar. As pinturas, de cores espantadas, estavam velhas e enfumaçadas. Decorado com grandes cortinas em seda vermelha comida pelo sol, o salão tinha um móvel de madeira pintada de branco, forrado de velha tapeçaria de Beauvais em tons apagados. Sobre a chaminé, uma pêndula Luís XV erguia-se entre girândolas extravagantes, cujas velas amareladas só se acendiam nos dias em que a presidenta despojava de seu envoltório de pano verde um velho lustre de penduricalhos de cristal de rocha. Três mesas de jogo, cobertas de sarja verde esgarçada, e um gamão bastavam às alegrias da sociedade, a que a sra. du Ronceret concedia cidra, biscoitos, castanhas, copos d'água com açúcar e orchata feita em casa. Há já algum tempo que ela vinha adotando um chá quinzenal, acompanhado de bolos mesquinhos. Os Du Ronceret ofereciam, cada trimestre, um jantar de três serviços, apregoado na cidade, servido em louça detestável, mas preparado com a ciência que distingue as cozinheiras da província. Essa refeição gargantuesca durava seis horas. O presidente tentava, nessas ocasiões, lutar, com uma abundância de avarento, com a elegância de Du Croisier. Assim, a vida e seus acessórios concordavam com o caráter e a falsa posição do presidente. Sentia-se mal em sua própria casa sem saber por quê; mas não ousava fazer a menor despesa para alterar o estado de coisas, contente de botar todos os anos sete ou oito mil francos de lado, para poder estabelecer ricamente o filho, Fabiano, que não tinha querido ser nem magistrado, nem advogado, nem administrador, e cuja ociosidade o desesperava. Nesse ponto, o presidente mantinha rivalidade com seu vice-presidente, sr. Blondet, velho juiz que ligara, há já muito tempo, o filho com a família Blandureau. Esses ricos negociantes de linho tinham uma filha única,

com quem o presidente desejava casar Fabiano. Como o casamento de José Blondet dependia de sua nomeação para as funções de juiz suplente, que o velho Blondet esperava obter, dando em troca sua demissão, o presidente Du Ronceret contrariava surdamente as diligências do juiz nesse sentido, e procurava influir secretamente sobre os Blandureau. Assim, sem o caso do jovem conde d'Esgrignon, talvez os Blondet se vissem suplantados pelo astucioso presidente, cuja fortuna era muito superior à de seu concorrente.

O sr. Blondet, vítima das manobras desse presidente maquiavélico, era uma dessas curiosas figuras enterradas na província como uma velha medalha numa cripta. Tinha então aproximadamente sessenta e sete anos. Era forte para a idade, de alta estatura, e sua envergadura lembrava a dos cônegos dos bons tempos. Furado pelos mil buraquinhos da varíola, que lhe deformara o nariz, contornando-o como uma verruma, o rosto do juiz tinha certa originalidade; era colorido, por igual, de um tom vermelho, e animado por dois olhinhos vivos, habitualmente sardônicos, e por um certo movimento satírico dos lábios violáceos. Advogado antes da Revolução, fora nomeado acusador público; mas foi o mais manso desses terríveis funcionários. O bom Blondet, como o chamavam, amortecera a ação revolucionária aquiescendo a tudo, e nada executando. Forçado a prender alguns nobres, conduzia-lhes os processos com tanta lentidão que lhes permitiu atingissem o Nove de Termidor,[645] empregando uma habilidade que lhe granjeou a estima geral. Certamente, o bom Blondet deveria ser o presidente do Tribunal; mas, quando da reorganização dos tribunais, foi afastado por Napoleão, cuja antipatia pelos republicanos se revelava nos menores pontos de seu governo. A qualificação de antigo acusador público, inscrita à margem do nome de Blondet, fez com que o imperador perguntasse a Cambacérès[646] se não havia na região algum descendente de uma velha família parlamentar que pudesse ser nomeado para o cargo. Assim, foi nomeado Du Ronceret, cujo pai tinha sido conselheiro no Parlamento. Apesar da repugnância do imperador, o arquichanceler, no interesse da justiça, manteve Blondet como juiz, dizendo que o velho advogado era um dos mais fortes jurisconsultos da França. O talento do juiz, seus

conhecimentos do antigo Direito, e, mais tarde, da nova legislação, deveriam conduzi-lo muito longe; mas, semelhante, nesse ponto, a alguns grandes espíritos, ele desprezava prodigiosamente sua cultura política, e se ocupava quase com exclusividade de uma ciência estranha à sua profissão, e a que reservava suas pretensões, seu tempo e sua capacidade. O bom velhote amava apaixonadamente a horticultura; mantinha correspondência com os mais célebres amadores, tinha a ambição de criar novas espécies, interessava-se pelas descobertas da botânica e vivia, em resumo, no mundo das flores. Como todos os floristas, tinha predileção por uma planta, escolhida entre todas, e sua favorita era o *Pelargonium*. O tribunal e seus processos, a vida real nada representavam em comparação com a vida fantástica e cheia de emoções que levava o velhote, cada vez mais apaixonado por suas inocentes sultanas. Os cuidados do seu jardim, os doces hábitos do horticultor prenderam o bom Blondet na sua estufa. Sem essa paixão, teria sido nomeado, sem dúvida, deputado sob o Império, e teria provavelmente brilhado no Corpo Legislativo. Seu casamento constituiu outro motivo para a obscuridade de sua vida. Aos quarenta anos cometeu a loucura de se casar com uma rapariga de dezoito, de quem teve, no primeiro ano de casamento, um filho, que recebeu o nome de José. Três anos mais tarde, a sra. Blondet, que era, naquela época, a mulher mais bonita da cidade, inspirou ao prefeito do departamento uma paixão que só terminou por ocasião de sua morte. Teve do prefeito, de ciência de toda a cidade e do próprio Blondet, um segundo filho, que se chamou Emílio. A sra. Blondet, que poderia ter estimulado a ambição do marido e tornar-se mais importante para ele do que as flores de sua estufa, favoreceu o gosto do juiz pela botânica, e não quis afastar-se da cidade, enquanto o prefeito, por sua vez, jamais consentiu em ser transferido da Prefeitura, durante todo tempo em que a amante viveu. Incapaz de sustentar, em sua idade, uma luta com uma mulher nova, o magistrado se consolou com suas plantas, e tomou uma criada muito bonita para cuidar de seu serralho de belezas incessantemente variadas. Enquanto o juiz transplantava de um vaso para outro, regava, podava, enxertava, casava, plantava e matizava suas flores, a sra. Blondet gastava dinheiro em vestidos e modas para

brilhar nos salões da Prefeitura; um único interesse, a educação de Emílio, que pertencia, certamente, ainda, à sua paixão, podia arrancá-la aos cuidados daquele belo afeto, que a cidade acabou admirando. Esse filho do amor era tão bonito, tão espirituoso quanto José era feio e pesado. Cego pelo seu amor paterno, o velho juiz gostava tanto de José como a mulher queria a Emílio. Durante doze anos, o sr. Blondet foi de uma resignação perfeita; fechou os olhos aos amores da mulher conservando uma atitude nobre e digna, à maneira dos grãos-senhores do século XVIII; mas, como todas as pessoas de gostos tranquilos, alimentava um ódio profundo pelo filho mais novo. Em 1818, quando da morte da mulher, expulsou o intruso, mandando-o estudar direito em Paris, sem outro socorro além de uma pensão de mil e duzentos francos, a que nenhuma súplica desesperada lhe fez acrescentar o menor óbolo. Sem a proteção de seu verdadeiro pai, Emílio Blondet estaria perdido.

A casa do juiz era uma das mais bonitas da cidade. Situada quase em frente da Prefeitura, lançava para a rua principal um pátio limpinho, separado da calçada por uma velha grade de ferro, contida por duas pilastras de tijolos. Entre cada uma dessas pilastras e a casa vizinha, achavam-se mais duas grades, erguidas em muros baixinhos, também construídos em tijolo. Esse pátio, que tinha a largura de dez e o comprimento de vinte toesas, era dividido em dois canteiros de flores pela aleia lajeada que levava do portão à porta da casa. Esses dois canteiros, renovados cuidadosamente, ofereciam à admiração pública seus ramalhetes triunfantes em todas as estações. Debaixo desses tufo de flores lançava-se pelas paredes das duas casas vizinhas um manto magnífico de trepadeiras. As pilastras eram envolvidas por madressilvas e ornadas por dois vasos de terracota, onde cactos aclimatados apresentavam aos olhares espantados dos ignorantes suas folhas monstruosas, arrepiadas de espinhos, que parecem devidos a uma doença botânica. Construída em tijolos, a casa, cujas janelas eram cercadas por um encaixe arqueado, também feito de tijolos, mostrava a fachada simples, alegrada por venezianas de um verde violento. A porta envidraçada permitia avistar, ao fim de um corredor terminado por outra porta envidraçada, a aleia principal de um jardim que devia

medir aproximadamente duzentas varas quadradas. Pelas janelas do salão e da sala de jantar, que correspondiam, avistavam-se as moitas desse quintal fechado. Do lado da rua, o tijolo tomou, há dois séculos, uma cor de ferrugem e de musgo, entremeada de tons esverdeados, em harmonia com a frescura das moitas e dos arbustos. É impossível ao viajante que atravessa a cidade não amar essa casa tão graciosamente encaixada, florida, coberta de musgo até no telhado, que enfeitam dois pombos de barro vidrado.

Além dessa velha casa, onde nada fora mudado em dois séculos, o juiz possuía ainda cerca de quatro mil libras de rendimentos em terras. Sua vingança, assaz legítima, consistia em fazer passar essa casa, as terras e seu cargo para o filho José; e a cidade inteira conhecia suas intenções. Tinha feito um testamento em favor desse filho, beneficiando-o com tudo quanto o Código permite que um pai dê a um filho em prejuízo de outro. Ainda mais, o velho economizava há quinze anos para deixar àquele tolo a quantia necessária para reembolsar o irmão pela parte que não lhe podia tirar. Expulso da casa paterna, Emílio soubera conquistar uma posição distinta em Paris; mais moral, entretanto, do que positiva. Sua preguiça, sua indolência, seu descaso tinham desesperado seu verdadeiro pai, que, destituído numa dessas reações ministeriais tão frequentes sob a Restauração, morrera quase arruinado, duvidando do futuro de um rapaz dotado pela natureza das mais brilhantes qualidades. Emílio Blondet era apoiado pela amizade de uma filha dos Troisville, casada com o conde de Montcornet, e a quem conhecera em solteira. Sua mãe ainda estava viva quando os Troisville voltaram da imigração. A sra. Blondet era ligada a essa família por um parentesco afastado, mas suficiente para permitir que Emílio lhes frequentasse a casa. A pobre mulher pressentia o futuro do filho, e já o via órfão, pensamento que lhe tornava a morte duplamente amarga; tratou, portanto, de lhe conseguir protetores. Soube aproximar Emílio da mais velha das moças Troisville, a quem o rapaz agradou imensamente, mas com quem não podia casar-se. Essa ligação foi semelhante à de Paulo e Virgínia.^[647] A sra. Blondet esforçou-se por emprestar duração a esse afeto mútuo, que devia passar como passam geralmente tais criancices, que são como que o “aperitivo” do

amor, e mostrou ao filho um apoio na família Troisville. Quando, já moribunda, soube do noivado da srta. de Troisville com o general Montcornet, foi solenemente implorar-lhe que nunca abandonasse Emílio e que o apadrinhasse na sociedade parisiense, onde a fortuna do general lhe daria lugar de destaque. Felizmente, Emílio se protegeu a si próprio. Aos vinte anos, estreou como um mestre no mundo literário. Seu sucesso não foi menor na sociedade seleta onde o lançou o pai, que pôde, a princípio, custear suas profusões de rapaz. Essa celebridade precoce, assim como as belas maneiras de Emílio, estreitaram, talvez, os laços de amizade que o uniam à condessa. A sra. de Montcornet, que tinha sangue russo nas veias, pois sua mãe era filha da princesa Scherbellof, teria talvez renegado o amigo de infância se o visse pobre e lutando com toda a inteligência contra os obstáculos da vida parisiense e literária; mas, quando surgiram as adversidades na vida de Emílio, já a amizade entre os dois era inalterável de um lado e do outro. Nesse momento Emílio Blondet, que D'Esgrignon encontrara em Paris e ao lado de quem tivera a sua primeira ceia, era considerado um dos luminares do jornalismo. Concediam-lhe grande superioridade no mundo político, e ele estava à altura da reputação. O bom Blondet ignorava completamente o poder que o governo constitucional atribuíra aos jornais; ninguém se lembrava de lhe falar a respeito de um filho de quem não queria saber; ignorava, assim, tudo o que se relacionava a esse filho amaldiçoado e ao seu poder.

A integridade do juiz igualava sua paixão pelas flores; só conhecia o direito e a botânica. Recebia os litigantes, escutava-os, conversava com eles e mostrava-lhes suas flores; aceitava as sementes preciosas que lhe ofereciam; mas, na cátedra, transformava-se no juiz mais imparcial deste mundo. Seu modo de proceder era tão conhecido que os litigantes já não iam vê-lo senão para lhe entregar documentos que pudessem esclarecer sua religião; ninguém procurava enganá-lo. Seu saber, suas luzes e sua despreocupação pelos seus reais talentos tornavam-no de tal forma indispensável a Du Ronceret que, sem seus motivos matrimoniais, o presidente teria ainda contrariado secretamente, por todos os meios possíveis, o pedido que o velho juiz fizera a favor do filho; porque, se o velho sábio deixasse o tribunal, o

presidente se veria impossibilitado de formular um julgamento. O bom Blondet não sabia que, em poucas horas, seu filho Emílio poderia satisfazer os seus desejos. Vivia com uma simplicidade digna dos heróis de Plutarco. À noite, examinava os processos, de manhã cuidava das flores, e, durante o dia, julgava. A linda criada, que se tornara madura e enrugada como a casca de uma fruta passada, tratava da casa, mantida de acordo com os usos e costumes de rigorosa avareza. A srta. Cadot trazia sempre consigo as chaves dos armários e da despensa; era infatigável: ia em pessoa ao mercado, arrumava a casa, cozinhava, e nunca faltava à missa matinal. Para dar uma ideia do que era a vida nesse interior, bastará dizer que pai e filho só comiam frutas estragadas, em consequência do hábito que tinha a srta. Cadot de só servir, na sobremesa, as que estivessem mais passadas; que ali se ignoravam os prazeres do pão fresco, e que se observavam todos os jejuns determinados pela Igreja. O jardineiro recebia rações, como um soldado, e era constantemente repreendido por essa velha Validé,[648] tratada com tanta consideração, que jantava à mesa com os patrões. Por isso, durante as refeições, ela ia e vinha continuamente da sala para a cozinha.

O casamento de José Blondet com a srta. Blandureau fora condicionado, pelos pais da herdeira, à nomeação desse pobre advogado sem causas para o cargo de juiz suplente. No desejo de tornar o filho capaz de exercer essas funções o pai se esfalfava em lhe martelar o cérebro com lições cuja finalidade era ensinar-lhe a rotina indispensável. O moço Blondet passava quase todas as tardes em casa de sua prometida, onde, desde que voltara de Paris, Fabiano du Ronceret era recebido, sem que esse fato provocasse o menor temor nem no velho nem no jovem Blondet.

Os princípios econômicos que presidiam essa existência medida com uma exatidão digna do pesador de ouro de Gérard Dow,[649] na qual não entrava um grão de sal a mais, onde não se esquecia o menor proveito, cediam, entretanto, diante das exigências da estufa e do jardim. O jardim era a loucura do patrão, dizia a srta. Cadot, que não considerava como loucura o amor cego do velho por José, pois ela própria compartilhava da preferência do pai por aquele filho: mimava-

o, cerzia-lhe as meias, e teria querido que se gastasse com ele o dinheiro empregado na horticultura. Esse jardim, maravilhosamente cuidado por um único jardineiro, tinha aleias cobertas da areia fina do rio, sem cessar varrida e renovada. Essas aleias eram ladeadas por canteiros onde ondulavam as mais raras flores. Reuniam-se ali todos os perfumes, todas as cores, miríades de jarrinhos expostos ao sol, lagartos nos muros, enxadas, sacholas enfileiradas, enfim, todo o apetrecho de coisas inocentes e o conjunto das produções graciosas que justificam essa paixão encantadora. No canto da estufa, o juiz estabelecera um vasto anfiteatro onde, em palanques, arrumavam-se cinco ou seis mil vasos de *Pelargonium*, célebre e magnífica assembleia que a cidade e várias pessoas dos departamentos vizinhos vinham apreciar na época da floração. Quando de passagem pela cidade, a imperatriz Maria Luísa honrara essa curiosa estufa com sua visita, ficando tão impressionada com o espetáculo que o referiu a Napoleão, e o imperador concedeu a cruz ao velho juiz. Não frequentando nenhuma sociedade, exceto a casa de Blandureau, o sábio horticultor ignorava as diligências feitas em surdina pelo presidente. As pessoas que tinham podido adivinhar as intenções de Du Ronceret temiam-no demais para ousar prevenir os inofensivos Blondet.

Quanto a Michu, rapaz poderosamente protegido, preocupava-se muito mais em agradar às mulheres da sociedade mais seleta, em que o haviam introduzido as recomendações da família de Cinq-Cygne, do que em tratar dos casos muito simples de um Tribunal de Província. Possuindo aproximadamente doze mil libras de rendas, era cortejado pelas mãos, e levava uma vida de prazeres. Comparecia ao tribunal para satisfazer a consciência, como se fazem os deveres no Colégio; concordava sempre, sacudindo o barrete: “Sim, senhor, caro presidente”. Mas, sob essa despreocupação aparente, escondia-se o espírito superior de um homem que tinha estudado em Paris e que já se distinguira como substituto. Habitado a tratar com largueza todos os assuntos, fazia rapidamente coisas que ocupavam durante muito tempo o velho Blondet e o presidente, aos quais resumia, muitas vezes, as questões de solução difícil. Nas questões delicadas, o presidente e o vice-presidente consultavam o juiz suplente, confiavam-lhe as

deliberações espinhosas e maravilhavam-se sempre com a presteza com que ele lhes trazia um trabalho em que o velho Blondet não descobria a menor falha. Protegido pela aristocracia mais rabugenta, jovem e rico, o juiz suplente vivia fora das intrigas e das mesquinhas do departamento. Indispensável em todas as festas campestres, pulava com as moças, cortejava as mães, dançava nos bailes e jogava como um capitalista. Desempenhava às mil maravilhas, em suma, seu papel de magistrado elegante, sem comprometer, entretanto, sua dignidade, que sabia fazer intervir oportunamente, agindo como homem de espírito. Soubera agradecer pela maneira franca com que adotara os costumes da província, sem criticá-los. Assim, todos se esforçavam por lhe tornar suportável seu tempo de exílio.

O procurador do rei, magistrado de extraordinário talento, mas lançado na alta política, era respeitado pelo presidente. Sem sua ausência, o caso de Viturniano não teria prosseguido. Sua destreza, seu hábito dos negócios teriam evitado tudo. O presidente e Du Croisier aproveitaram-se de sua presença na Câmara dos Deputados, de que era um dos mais notáveis oradores ministeriais, para tecer suas tramas, estimando, com uma certa habilidade, que, uma vez a justiça em curso e o caso divulgado, não haveria mais remédio algum. Efetivamente, nenhum tribunal, naquela época, teria acolhido sem longo exame e sem, talvez, consultar o procurador-geral uma queixa-crime contra uma falsificação cometida pelo filho primogênito de uma das mais nobres famílias do reinado.

Em circunstância semelhante, os serventuários da justiça, de acordo com o poder, teriam tentado mil transações para sufocar uma queixa que podia enviar um moço imprudente para as galés. Teriam talvez agido da mesma forma para com uma família liberal considerada, a menos que ela se mostrasse acintosamente inimiga do trono e do altar. O recebimento da queixa de Du Croisier e a detenção do jovem conde não se tinham, portanto, processado facilmente. Eis como o presidente e Du Croisier haviam agido para alcançar seus fins:

O sr. Sauvager, jovem advogado monarquista, chegado ao grau judiciário de primeiro substituto à custa de servilismo ministerial, reinava no Foro durante a ausência de seu chefe. Dependia de sua

vontade lançar um requisitoário admitindo a queixa-crime de Du Croisier. Sauvager, homem de origem humilde e sem a menor fortuna, vivia dos vencimentos de seu cargo. Assim, o poder contava inteiramente com um homem que dele dependia para tudo. O presidente explorou a situação. Assim que o documento apresentado como falsificação caiu nas mãos de Du Croisier, na mesma noite, a sra. presidenta Du Ronceret, insuflada pelo marido, teve uma longa conversa com o sr. Sauvager, a quem observou quanto era incerta a carreira da “magistratura em pé”;[650] qualquer capricho ministerial, uma única falta destruíam o futuro de um homem.

— Quem só quiser atender a consciência, quem apresentar conclusões contra o poder, quando erra, esse estará perdido. O senhor pode — disse-lhe ela — aproveitar este momento de sua posição para conseguir um bom casamento que o deixe para sempre a salvo das circunstâncias contrárias, dando-lhe uma fortuna que lhe permita atingir uma situação da “magistratura sentada”. A ocasião não poderia ser melhor. O sr. du Croisier nunca terá filhos, toda gente sabe por quê; toda a fortuna do casal ficará para a sobrinha, srta. Duval. O sr. Duval é um industrial que já possui uma bolsa volumosa, e o pai dele, que ainda está vivo, é homem de posses; os dois, juntos, devem possuir um milhão, e poderão duplicá-lo com o auxílio de Du Croisier, agora ligado com a alta finança e os grandes industriais de Paris. Os pais da moça não hesitarão, certamente, em dar a filha em casamento ao rapaz que lhes seja apresentado pelo tio Du Croisier, em consideração às duas heranças que ele dará à menina, pois em dúvida, já na assinatura do contrato, lhe há de assegurar toda a fortuna da mulher, que não tem herdeiros. Bem conhece o ódio de Du Croisier pelo D’Esgrignon; preste-lhe serviço, ligue-se a ele, receba uma queixa-crime por falsificação, que ele apresentará contra o jovem D’Esgrignon, mande detê-lo imediatamente, sem consultar o procurador do rei. Depois, peça a Deus que, por ter sido magistrado imparcial contra a vontade do poder, o ministro o destitua, e sua fortuna estará feita! Terá uma esposa encantadora e trinta mil libras de rendimentos em dote, sem contar quatro milhões de esperanças dentro de uns dez anos.

Em duas noites, o primeiro substituto se deixara convencer. O

presidente e Sauvager guardaram o caso em segredo, escondendo-o tanto do velho juiz quanto do juiz suplente e do segundo substituto. Certo da imparcialidade de Blondet diante do caso consumado, o presidente tinha a maioria, sem contar com Camusot. Mas tudo viria a falhar com a defecção imprevista do juiz de Instrução. O presidente queria que se lavrasse o ato de acusação antes que o procurador do rei fosse avisado. Camusot ou o segundo substituto não o iriam avisar?

VII — O JUIZ DE INSTRUÇÃO

Agora, explicada a vida íntima do juiz de instrução Camusot, talvez se compreendam as razões que permitiam a Chesnel considerar esse jovem magistrado como favorável aos D'Esgrignon, e que lhe tinham dado a ousadia de suborná-lo em plena rua. Camusot, filho do primeiro casamento de um ilustre negociante de sedas[651] da Rue des Bourdonnais, objeto da ambição do pai, fora destinado à magistratura.

Ao casar-se, casara-se ao mesmo tempo com a proteção de um porteiro do Gabinete do Rei, proteção silenciosa, mas eficaz, que já lhe valera a nomeação de juiz, e, mais tarde, a de juiz de instrução. O pai só lhe dera, por ocasião do casamento, seis mil francos de rendas, que representavam a fortuna de sua falecida mãe, deduzida a parte do viúvo; e, como a srta. Thirion não levava senão vinte mil francos de dote, o casal conhecia as torturas da pobreza disfarçada, pois os vencimentos de um juiz provinciano não vão a mais de mil e quinhentos francos. Entretanto, os juízes de instrução recebem um suplemento de mil francos, aproximadamente, para as despesas e os trabalhos extraordinários. Apesar de muito trabalhosos, tais cargos são bastante cobiçados, mas são revogáveis; por isso, a sra. Camusot acabava de repreender o marido por haver revelado seus pensamentos diante do presidente.

Maria Cecília Amélia Thirion, em três anos de casamento, tinha comprovado a bênção de Deus pela regularidade de dois partos felizes, uma menina e um menino; mas pedia a Deus que não mais a abençoasse tanto. Mais algumas bênçãos, e as dificuldades de sua vida se transformariam em miséria. A fortuna do sogro ainda se faria

esperar muito, e, aliás, essa herança não poderia dar senão oito ou dez mil francos de rendas aos filhos do negociante, que eram em número de quatro, de dois leitos diferentes. Quando se realizasse aquilo que todos os casamenteiros chamam de “esperanças”, já não teria o juiz filhos em idade de se estabelecerem? Todos concebem a situação de uma mulherzinha cheia de bom senso e de resolução, como era a sra. Camusot;[652] ela compreendera perfeitamente o que podia significar, para a carreira do marido, um passo em falso, e resolvera meter-se nos negócios judiciários.

Filha única de um antigo servidor do rei Luís XVIII — um dos lacaios que o seguiram à Itália, à Curlândia, à Inglaterra[653] —, recompensado pelo rei com o único cargo que estivesse em condições de ocupar, o de porteiro, por quartéis, de seu Gabinete, Amélia recebera, em casa, os reflexos da Corte. Thirion descrevia-lhe os grãos-senhores, os ministros, os personagens que introduzia, anunciava e via passar e repassar. Educada às portas das Tuileries, a moça adquirira umas tinturas das máximas que ali se praticavam e adotara o dogma de obediência absoluta ao poder. Portanto, julgara sabiamente que, colocando-se ao lado dos D’Esgrignon, o marido agradaria à duquesa de Maufrigneuse, a duas poderosas famílias sobre o prestígio das quais o pai se apoiaria, no momento oportuno, junto ao rei. Assim, na primeira oportunidade, Camusot poderia ser nomeado juiz na circunscrição de Paris, e, finalmente, em Paris. Essa promoção, sonhada, desejada a cada instante, deveria render seis mil francos de vencimentos, as doçuras da hospedagem em casa do pai ou da família Camusot, e todas as vantagens das fortunas do pai e do sogro, acumuladas. O provérbio: “Longe dos olhos, longe do coração”, se é verdadeiro para a maior parte das mulheres, é verdadeiro, principalmente, quanto aos sentimentos familiares e à proteção ministerial ou real. Em todos os tempos, as pessoas que servem pessoalmente aos reis resolvem muito bem os negócios; a gente se interessa sempre por um homem, seja ele um laiaio, se o vê todos os dias.

Considerando-se de passagem, a sra. Camusot alugara uma casa pequena na Rue du Cygne. A cidade não conta com número bastante de

forasteiros em trânsito, para que se exerça a indústria dos apartamentos mobiliados. O casal não estava em condições financeiras de viver num hotel, como o sr. Michu. Assim, a parisiense se vira obrigada a aceitar os móveis da região. A modicidade de suas posses obrigara-a a tomar essa casa, acentuadamente feia, mas a que não faltava certa ingenuidade de pormenores. Encostada na casa vizinha, de forma a apresentar a fachada para o pátio, ela tinha, em cada andar, apenas uma janela dando para a rua. O pátio, cercado em toda a largura de grossos muros enfeitados de roseiras e de adernos, tinha, nos fundos, fronteiro à casa, um alpendre construído sobre dois arcos em tijolos. Uma portinha bastarda dava entrada a essa casa sombria, tornada mais escura ainda por uma grande nogueira plantada no meio do pátio. Um patamar e uma escada de corrimão duplo e de balaustrada de ferro muito trabalhado, mas roído de ferrugem, permitiam o acesso ao andar térreo, onde ficava a sala de jantar, dando para a rua, e a cozinha, situada do outro lado. O fundo do corredor que separava a sala da cozinha era ocupado por uma escada em madeira. O primeiro andar compunha-se apenas de duas peças; a primeira servia de gabinete ao magistrado, e a outra, de dormitório do casal. O segundo andar, em mansarda, compunha-se igualmente de dois quartos, um para a cozinheira e o outro para a arrumadeira, que dormia com as crianças. Nenhum aposento tinha teto; todos apresentavam vigas caiadas, cujos intervalos eram forrados de estuque branco. Os dois aposentos do primeiro andar e a sala de baixo tinham apainelamentos de formas contornadas, nos quais se exercitara a paciência dos marceneiros do último século. Esses painéis, pintados em tons cinzentos, eram de aspecto tristonho. O gabinete do juiz, como o de todos os advogados da província, continha uma grande secretária e uma poltrona de acaju, a biblioteca de estudante de direito e os móveis mesquinhos levados de Paris. O quarto do casal era típico: tinha ornamentos azuis e brancos, um tapete, uma dessas mobílias heterogêneas que parecem estar na moda e são simplesmente móveis que já saíram de uso em Paris. Quanto à sala do andar térreo, essa era simplesmente uma sala de província, nua, fria, de paredes forradas de papel úmido e desbotado.

Nesse aposento mesquinho, sem outra paisagem além da nogueira, dos muros de folhagens negras e da rua quase deserta, é que passava a maior parte de seus dias a moça cheia de vivacidade, fútil, acostumada aos prazeres, ao movimento de Paris, sozinha quase todo o tempo, ou recebendo visitas aborrecidas e tolas, que lhe faziam preferir a solidão a essas tagarelices ocas. O menor dito de espírito que deixasse escapar dava motivo a intermináveis comentários e envenenava a situação. Ocupada com os filhos, menos por gosto do que para dar um interesse à sua vida solitária, só podia exercitar o pensamento em torno das intrigas que se formavam no seu círculo social, das atividades miúdas da gente da província, das ambições sufocadas nos ambientes estreitos. Por conseguinte, descobria mistérios que o marido não adivinhava. Seu alpendre, cheio de lenha, onde a arrumadeira ensaboava a roupa, não era o que lhe atraía os olhares quando, sentada em frente à janela do quarto, tinha em mão algum bordado interrompido: o que estava contemplando era Paris, onde tudo é prazer, onde tudo é vida; sonhava com festas, e chorava por se achar trancada naquela triste prisão de província. Lamentava-se por estar naquela região pacífica, aonde nunca chegaria nem conspiração nem nenhum fato importante. Via-se por muito tempo sob a sombra daquela nogueira.

A sra. Camusot era pequenina, gorda, fresca, loura, de frente muito arqueada, de boca funda, de queixo arrebitado, traços que a mocidade torna suportáveis, mas que deveriam dar-lhe, muito cedo, um aspecto envelhecido. Seus olhos vivos e inteligentes, mas que exprimiam claramente o inocente desejo de subir, e o despeito que lhe causava sua situação atual, acendiam duas luzes no rosto vulgar, e o enobreciam por uma certa força de sentimento que o sucesso iria apagar mais tarde. Empregava, então, muita indústria em sua indumentária, inventava enfeites, bordava-os; meditava adornos com a arrumadeira, que trouxera de Paris, e mantinha assim a reputação de que gozam na província as parisienses. Temida pela sua causticidade, quase ninguém gostava dela. Com esse espírito fino e investigador que distingue as mulheres ociosas, obrigadas a descobrir um emprego para seus dias, acabara por descobrir as opiniões secretas do presidente; e, portanto, vinha, há já algum tempo, aconselhando ao marido que lhe fizesse

oposição. O caso do jovem conde era uma ocasião excelente para que Camusot começasse a combatê-lo. Antes de partir para a reunião em casa de Du Croisier, pouco lhe custara demonstrar ao marido que, naquela questão, o primeiro substituto seria contra as intenções dos chefes. Não era obrigação de Camusot servir-se desse processo como de um degrau para subir, favorecendo a casa D'Esgrignon, muito mais poderosa que o partido de Du Croisier?

— Sauvager nunca se casará com a srta. Duval, que lhe prometeram em perspectiva. Vai ser enganado pelos Maquiavéis do Val-Noble, aos quais sacrificará completamente a situação que desfruta. Camusot, esse caso, tão desgraçado para os D'Esgrignon e tão perfidamente encaminhado pelo presidente em proveito de Du Croisier, será favorável apenas a você — disse-lhe a moça, quando voltavam para casa.

A parisiense astuciosa adivinhara ainda as manobras secretas do presidente junto de Blandureau e os motivos que ele tinha para desfazer os esforços do velho Blondet; mas não via nenhuma vantagem em informar o filho ou o pai sobre o perigo da situação; gozava a comédia iniciada, sem desconfiar da importância que podia ter o segredo descoberto por ela, relativamente ao pedido feito aos Blandureau, em favor de Fabiano du Ronceret, pelo sucessor de Chesnel. No caso em que a posição do marido fosse ameaçada pelo presidente, a sra. Camusot sabia que poderia ameaçar, por sua vez, o presidente, despertando a atenção do horticultor sobre o projetado rapto da flor que ele pretendia transplantar para sua casa.

Chesnel, sem ter penetrado, como a sra. Camusot, os meios pelos quais Du Croisier e o presidente tinham convencido o primeiro substituto, contou com o procurador do rei, Camusot e o sr. Michu, quando examinou essas diversas existências e esses interesses reunidos em volta das flores de lis do tribunal. Dois juízes favoráveis aos D'Esgrignon conseguiriam paralisar o caso. E, finalmente, o tabelião conhecia bastante os desejos de Blondet, para saber que a imparcialidade do velho só poderia ceder para a defesa da obra de sua vida inteira, para a nomeação do filho ao cargo de juiz suplente. Chesnel, portanto, adormeceu cheio de esperança, planejando

entrevistar-se com o sr. Blondet e oferecer-lhe os meios de realizar as esperanças há tanto tempo acariciadas, esclarecendo-o a respeito das perfídias do presidente Du Ronceret. Após ter dobrado o velho juiz, iria parlamentar com o juiz de Instrução, a quem esperava provar, se não a inocência, pelo menos a imprudência de Viturniano e reduzir o caso a uma simples leviandade de rapaz.

VIII — BATALHA JUDICIÁRIA

Chesnel não pôde dormir nem serenamente nem durante muito tempo, porque, antes do amanhecer, a governanta acordou-o para lhe apresentar a personagem mais sedutora desta história, o mais adorável mancebo deste mundo, a duquesa de Maufrigneuse, que viera sozinha, de caleça, vestida de homem.

— Chego para salvá-lo ou para morrer com ele — disse a moça ao tabelião, que julgava estar sonhando. — Tenho cem mil francos que o rei me deu, de sua bolsa particular, para comprar a inocência de Viturniano, se seu adversário se deixar corromper. Se falharmos, tenho veneno para livrá-lo de tudo, mesmo da acusação. Mas não havemos de falhar. Segue-me o procurador do rei, que mandei avisar de tudo quanto se passou; não pôde vir comigo, pois quis primeiro receber ordens do chanceler.

Chesnel retribuiu à duquesa cena por cena; embrulhou-se no roupão, e caiu-lhe aos pés, que beijou, pedindo-lhe perdão do esquecimento que a alegria lhe fizera cometer.

— Estamos salvos — gritou o velho, dando ordens a Brígida para que fosse facilitado à duquesa tudo aquilo de que precisasse, depois de uma noite inteira de viagem pela posta.

Apelou para a coragem da bela Diana, demonstrando-lhe a necessidade de ir à casa do juiz de instrução ao amanhecer, a fim de que ninguém descobrisse o segredo dessa visita e não pudesse nem sequer presumir que a duquesa de Maufrigneuse estivesse na cidade.

— Pois não tenho um passaporte em regra? — perguntou ela, mostrando um documento em que figurava como o visconde Félix de Vandenesse, relator dos processos e secretário particular do rei. —

Então eu não sei representar muito bem meu papel de homem? — e, enquanto falava, ia tufando as pastinhas de sua cabeleira postiça à Tito[654] e agitando o chicote.

— Ah! A senhora duquesa é um anjo! — exclamou Chesnel, com lágrimas nos olhos. (Seu destino era o de ser sempre um anjo, mesmo vestida de homem!) — Senhora duquesa, abotoe bem o casaco, embrulhe-se até os olhos na capa, e vamos depressa à casa de Camusot, antes que alguém possa encontrá-la.

— Verei, então, um homem chamado Camusot? — perguntou ela.

— E que tem o nariz de seu nome[655] — respondeu Chesnel. Embora levasse a morte no coração, o velho tabelião julgou necessário obedecer a todos os caprichos da duquesa, rir quando ela risse, chorar com ela; mas gemeu por causa dessa leviandade de uma mulher que, ao realizar coisa tão imponente, descobria, entretanto, motivo para pilheriar. De que não seria capaz o tabelião para salvar o rapaz? Enquanto Chesnel vestia-se, a sra. de Maufrigneuse saboreou a xícara de café com creme que Brígida lhe serviu e comprovou a superioridade das cozinheiras da roça sobre os chefes de cozinha de Paris, que desdenham esses pormenores tão importantes para os apreciadores. Graças aos seus cuidados previdentes para sempre contentar o gosto de seu patrão pela boa mesa, Brígida pôde oferecer à duquesa uma excelente refeição. Chesnel e o seu gentil companheiro dirigiram-se para a residência do casal Camusot.

— Ah! Então temos também uma sra. Camusot? — perguntou a duquesa. — O caso poderá resolver-se melhor.

— Tanto mais — respondeu-lhe Chesnel — que a sra. Camusot se entedia visivelmente por viver entre provincianos; é moça de Paris.

— Assim, não deveremos guardar segredos para ela.

— A senhora duquesa decidirá a respeito do que se deve esconder ou revelar — disse humildemente Chesnel. — Creio que ela se sentirá extremamente lisonjeada de hospedar a duquesa de Maufrigneuse. Para não comprometermos nossos planos, julgo que a senhora duquesa deverá ficar em casa dela até o anoitecer, a menos que veja nisso algum inconveniente.

— Simpática a sra. Camusot?

— É um pouco rainha em sua própria casa — respondeu o tabelião.

— Deve então preocupar-se com as questões do Palácio — continuou a duquesa. — Só em França, caro sr. Chesnel, é que as mulheres, quando se casam, se interessam tanto pelos maridos que compartilham de suas funções, de seus negócios e de seus trabalhos. Na Itália, na Espanha, na Inglaterra, as mulheres fazem questão de deixar que os maridos se arranjem sozinhos, como puderem, com suas preocupações; ignoram-nas com a mesma perseverança com que nossas burguesas francesas se desdobram para intervir nos problemas da comunidade. Não é assim que se diz judicialmente? De um incrível ciúme, em questões de política conjugal, as francesas querem saber de tudo. Assim, na menor dificuldade de vida na França, sente-se a mão da mulher, que aconselha, guia, esclarece o marido. A maioria dos homens só tem vantagens nisso. Na Inglaterra, um homem casado, metido na prisão durante vinte e quatro horas, por dívida, ao voltar para casa é recebido pela mulher com uma cena de ciúme.

— Já chegamos, e não encontramos ninguém — disse Chesnel. — Senhora duquesa, sua influência aqui deve ser muito grande, pois o pai da sra. Camusot é um dos porteiros do Gabinete do Rei. Chama-se Thirion.

— E o rei nem se lembrou disso! Ele não pensa em nada! — exclamou a duquesa. — Foi Thirion quem nos introduziu, ao príncipe de Cadignan, ao sr. de Vandenesse e a mim! Mas, se é assim, nós mandamos nesta casa! Combine tudo direito com o marido, que eu me encarrego da mulher.

A arrumadeira, que estava lavando, penteando e vestindo as duas crianças, introduziu-os na salinha sem fogo.

— Entregue este cartão à sua patroa — disse a duquesa ao ouvido da arrumadeira — e não deixe que mais ninguém o leia. Se você for discreta, será recompensada, menina.

A arrumadeira parecia fulminada por um raio, quando ouviu aquela voz de mulher e avistou a encantadora figura de rapaz.

— Acorde o sr. Camusot e diga-lhe que eu o espero para tratar de um caso importante — ordenou-lhe Chesnel.

Alguns instantes depois de a arrumadeira ter subido, a sra. Camusot

precipitou-se, embrulhada num penteador, escadas abaixo, e introduziu o belo estrangeiro, após ter empurrado Camusot, de camisolão, com todas as roupas, no gabinete, ordenando-lhe que se vestisse e a esperasse. Tudo isso fora motivado pelo cartão onde estava gravado: *duquesa de Maufrigneuse*. A filha do porteiro do Gabinete do Rei compreendera tudo.

— Que vem a ser isso, sr. Chesnel? Não parece que um raio caiu nesta casa? — indagou a arrumadeira em voz baixa. — O patrão está se vestindo no gabinete. O senhor pode subir.

— Silêncio sobre o que está se passando — recomendou o tabelião.

Sentindo-se apoiado pela grande dama, que tinha o assentimento do rei quanto às medidas a serem tomadas para salvar o conde d'Esgrignon, Chesnel tomou um ar de autoridade que lhe valeu junto de Camusot muito mais do que lhe teria valido o ar humilde com que lhe falaria, se se sentisse sozinho e sem amparo.

— Senhor — disse-lhe Chesnel —, minhas palavras de ontem à noite podem lhe ter parecido estranhas, mas são muito sérias. A casa D'Esgrignon conta com seu auxílio para a instrução de um caso de onde ela deverá sair sem a menor mancha.

— Senhor — respondeu o juiz —, não reagirei contra o que há de ofensivo para mim e de atentatório à justiça nas suas palavras, porque, até um certo ponto, sua posição na casa D'Esgrignon as justifica. Mas...

— Senhor, perdoe-me interrompê-lo — disse Chesnel. — Venho dizer-lhe coisas que seus superiores pensam e não ousam confessar, mas que as pessoas de espírito adivinham, e o senhor é homem de espírito. Mesmo que o rapaz tenha agido com imprudência, acredita que o rei, que a Corte, que o Ministério se sintam lisonjeados de ver um nome, como o D'Esgrignon, enlameado no Tribunal? Será do interesse, não já do reinado, mas da própria nação, a queda das casas históricas? A Igualdade, que é, hoje, a grande palavra da Oposição, não encontra uma garantia na existência de uma alta aristocracia consagrada pelo tempo? Pois bem: saiba que não só não houve imprudência alguma como, ainda, somos inocentes, colhidos numa cilada.

— Estou curioso de saber como pode ser isso — disse o juiz.

— Senhor — prosseguiu Chesnel —, o sr. du Croisier, durante dois

anos, deixou constantemente que o sr. conde d'Esgrignon sacasse, por sua conta, quantias consideráveis. Apresentaremos letras no valor de mais de cem mil escudos, todas resgatadas por ele, e cujas quantias foram entregues por mim, ora antes... preste bem atenção; está entendendo o que quero dizer?... ora antes, ora depois de vencidas. O sr. conde d'Esgrignon sendo capaz de apresentar um recibo da quantia sacada por ele, com data anterior ao documento arguido de falso, não reconhecerá então o senhor que a queixa foi motivada pelo ódio, pelo espírito de partido? Não é uma odiosa calúnia essa acusação lançada pelos mais perigosos adversários do trono e do altar, contra o herdeiro de uma família tradicional? Em todo esse caso não houve mais falsificação do que poderá haver no meu cartório. Mande citar a sra. du Croisier, que ignora ainda a queixa-crime, e ela lhe afirmará que eu lhe entreguei a quantia, e que a guardou para entregá-la ao marido ausente, que não a reclamou. Interrogue Du Croisier a esse respeito. Ele lhe dirá que desconhece a entrega do dinheiro, feita por mim a sua esposa.

— O senhor poderá emitir semelhantes afirmações no salão dos D'Esgrignon ou diante de pessoas que não entendam do assunto; e será acreditado. Mas um juiz de Instrução, a não ser que se trate de um imbecil, não poderá crer que uma mulher tão submissa ao marido quanto a sra. du Croisier conserve, neste momento, dentro da secretária, cem mil escudos sem dizer nada ao marido nem que um velho tabelião tenha deixado de avisar o sr. du Croisier a respeito dessa entrega, quando de sua volta à cidade.

— O tabelião, nessa ocasião, estava em Paris, onde tinha ido para deter o curso das dissipações do rapaz.

— Ainda não interroguei o conde d'Esgrignon — continuou o juiz —, suas respostas me esclarecerão.

— Ele está incomunicável? — perguntou o tabelião.

— Está — respondeu o juiz.

— Senhor — disse o tabelião, que percebeu o perigo —, a instrução pode ser conduzida a nosso favor ou contra nós; mas depende de sua escolha verificar, pelo depoimento da sra. du Croisier, a entrega dos valores anteriormente ao título, ou interrogar um pobre moço

inculpado, que, na sua perturbação, pode não se lembrar de nada e tudo comprometer. O senhor decidirá sobre o que é mais provável: o esquecimento de uma mulher que nada sabe a respeito de negócios ou uma falsificação cometida por um D'Esgrignon.

— Não se trata disso, trata-se de saber se o conde d'Esgrignon converteu um pedaço em branco de uma carta que o sr. du Croisier lhe dirigiu em letra promissória.

— Ah! Mas ele podia fazê-lo! — exclamou de repente a sra. Camusot, que entrou apressadamente, seguida pelo belo desconhecido. — O sr. Chesnel já tinha depositado a quantia. — Debruçou-se para o marido. — Serás juiz suplente em Paris na primeira vaga que se verifique; estás servindo o próprio rei neste caso; estou certa disso. Não te esquecerão — disse-lhe ela ao ouvido. — Vês neste moço a duquesa de Maufrigneuse; nunca deverás dizer que a viste. Faz corajosamente tudo quanto puderes em favor do jovem conde.

— Senhores, mesmo que a instrução seja conduzida num sentido favorável à inocência do jovem conde — disse o juiz —, como posso responder pelo curso do julgamento? Tanto o sr. Chesnel como tu, minha cara, ambos sabeis das disposições do senhor presidente.

A sra. Camusot fez um muxoxo, e declarou:

— Não te preocupes com isso. Vai, em pessoa, hoje mesmo, de manhã, procurar o sr. Michu e comunica-lhe a detenção do jovem conde. Já serão dois contra dois, garanto. Michu é de Paris, e conheces sua dedicação pela nobreza. Bom sangue não pode mentir.

Nesse momento, a srta. Cadot fez-se ouvir à porta, contando que trazia uma carta urgente. O juiz saiu, e logo voltou, lendo as seguintes palavras:

O senhor vice-presidente do tribunal solicita ao sr. Camusot que presida a audiência de hoje e dos próximos dias, para que o tribunal fique completo durante a ausência do senhor presidente, e apresenta-lhe seus cumprimentos.

— Não haverá mais instrução do caso D'Esgrignon — exclamou a sra. Camusot. — Bem eu te havia dito, meu amigo, que eles te pregariam alguma peça. O presidente foi te caluniar junto do procurador-geral e do presidente da Corte. Antes que possas instruir o caso, estarás

transferido.

— O senhor ficará — afirmou a duquesa. — Esperemos que o procurador do rei chegue a tempo.

— Ao chegar, o procurador do rei deverá encontrar tudo pronto — disse com vivacidade a sra. Camusot. — Sim, meu caro amigo, sim — repetiu, olhando para o marido estupefato. — Ah! Velho hipócrita de presidente, queres ser mais esperto do que nós? Hás de ver! Nunca te esquecerás! Queres nos servir um pratinho a teu gosto, pois terás dois, preparados pela mão de tua criada, Cecília Amélia Thirion. Pobre velhote Blondet! Que felicidade para ele a viagem do presidente com o fim de nos exonerar; por causa disso, aquele bobalhão que é o filho dele vai casar com a srta. Blandureau. Vou já revolver a sementeira do velho Blondet. Camusot, vai depressa à procura do sr. Michu enquanto a senhora duquesa e eu iremos visitar o velhote. E não te espantes se andarem espalhando por toda a cidade que saí a passeio, esta manhã, com um amante.

A sra. Camusot deu o braço à duquesa e guiou-a pelos lugares mais desertos da cidade, a fim de que pudessem chegar sem maus encontros à casa do velho juiz. Enquanto isso, Chesnel foi conferenciar com o jovem conde na prisão, onde Camusot o fez introduzir no maior segredo. As cozinheiras, os criados e outras pessoas madrugadoras da província, que viram a sra. Camusot e a duquesa em caminhos desviados, tomaram o falso rapaz por um amante chegado de Paris. Como Cecília Amélia tinha previsto, à tarde, a notícia de seus desregramentos circulava pela cidade e dava motivos à maledicência. A sra. Camusot e seu suposto amante encontraram o velho Blondet na estufa. Cumprimentando a mulher do colega e o companheiro, lançou sobre aquele rapaz encantador um olhar inquieto e investigador.

— Tenho a honra de lhe apresentar um dos primos de meu marido — disse a sra. Camusot, mostrando a duquesa —, um dos horticultores mais distintos de Paris, que acaba de chegar da Bretanha e só pode passar este dia conosco. Ouviu falar de suas flores e de seus arbustos, e tomei a liberdade de trazê-lo aqui, apesar da hora tão matinal.

— Ah! O senhor é horticultor? — perguntou o velho juiz.

A duquesa inclinou-se sem responder.

— Eis meu pé de café e minha árvore de chá.

— Por que terá partido o senhor presidente? — interrogou a sra. Camusot. — Aposto que essa ausência diz respeito a meu marido.

— Exatamente. Eis aqui, senhor, o cacto mais original que existe — disse, mostrando um vaso com uma planta que parecia um rotim coberto de lepra —; veio da Nova Holanda. O senhor me parece muito moço para ser horticultor.

— Deixe de lado suas flores, caro sr. Blondet — disse a sra. Camusot —, trata-se do senhor, de suas esperanças, do casamento de seu filho com a srta. Blandureau. O senhor tem sido enganado pelo presidente.

— Qual! — exclamou, incrédulo, o juiz.

— Pois é verdade. Se cultivasse a sociedade um pouco mais, e as flores um pouco menos, haveria de saber que o dote e as esperanças que plantou, regou, amanhrou, soubou estão prestes a ser colhidos por mãos ardilosas.

— Minha senhora!

— Ah! Ninguém, na cidade, terá a coragem de abrir luta com o presidente para avisá-lo do que se está tramando. Mas eu, que não sou da cidade, e que, graças a este rapaz, irei em breve para Paris, declaro-lhe que o sucessor de Chesnel pediu oficialmente a mão de Clara Blandureau para o pequeno dos Du Ronceret, a quem os pais dão cinquenta mil escudos. Quanto a Fabiano, este promete formar-se em Direito para ser nomeado juiz.

O velho juiz deixou cair o vaso que tinha nas mãos e que ia mostrar à duquesa.

— Ah! Meu cacto! Ah! Meu filho! Srta. Blandureau!... Que pena! A flor do cacto partiu-se!

— Não, tudo se pode consertar ainda — disse-lhe rindo a sra. Camusot. — Se quiser ver seu filho juiz dentro de um mês, nós lhe diremos o que deverá fazer.

— Meu senhor, passe para lá; verá meus pelargônios, espetáculo magnífico na hora da floração. Por que — perguntou à sra. Camusot — fala dessas coisas diante de seu primo?

— Porque tudo depende dele. A nomeação de seu filho estará perdida para sempre, se disser alguma palavra a respeito deste rapaz.

— Ora essa!

— Este rapaz é uma flor.

— Quê?

— É a duquesa de Maufrigneuse, enviada pelo rei para salvar o jovem D'Esgrignon, detido ontem em consequência de uma queixa-crime por falsificação apresentada por Du Croisier. A senhora duquesa tem a palavra do Chanceler, que ratificará as promessas que ela nos fizer...

— Meu cacto está salvo! — disse o juiz, examinando a planta preciosa. — Continue, estou ouvindo.

— Combine com Camusot e Michu para sufocar o caso o quanto antes, e seu filho será nomeado. A nomeação chegará a tempo de lhe permitir desfazer as intrigas dos Du Ronceret junto aos Blandureau. Seu filho será mais do que juiz suplente, pois ocupará a vaga de Camusot ainda este ano. O procurador do rei chega hoje e o sr. Sauvager será certamente obrigado a apresentar um pedido de demissão, por causa de sua atitude neste caso. Meu marido lhe mostrará documentos que estabelecem a inocência do conde e que provam que a falsificação é uma cilada preparada por Du Croisier.

O juiz entrou no circo olímpico de seus seis mil pelargônios, e cumprimentou a duquesa.

— Senhor — disse ele —, se é legal o que pretende, pode considerar-se atendido.

A duquesa respondeu:

— O senhor entregará amanhã seu pedido de demissão a Chesnel, e eu lhe prometo mandar-lhe ainda esta semana o título de nomeação de seu filho; mas só faça isso depois de ter ouvido o procurador do rei confirmar minhas palavras. Os homens da justiça se entendem melhor uns com os outros. Deve, entretanto, informá-lo de que a duquesa de Maufrigneuse lhe empenhou a palavra. E todo segredo sobre minha vinda.

O velho juiz beijou-lhe a mão e começou a colher sem piedade as flores mais bonitas, que lhe ofereceu.

— Em que está pensando? Ofereça-as à sra. Camusot — disse-lhe a duquesa —; não seria natural ver flores com um homem que vai de

braço dado com uma mulher bonita.

— Antes de ir ao Palácio — aconselhou a sra. Camusot — vá informar-se junto ao sucessor de Chesnel a respeito das propostas que ele fez, em nome do casal Du Ronceret.

Estupefato com a duplicidade do presidente, o velho juiz ficou estatelado, diante da grade, olhando para as duas mulheres que fugiam pelos caminhos desviados. Via ruir o edifício tão trabalhosamente construído durante seis anos para o filho amado. Seria possível? Suspeitou de alguma astúcia, e correu à casa do sucessor de Chesnel. Às nove e meia, antes da audiência, o vice-presidente Blondet, o juiz Camusot e Michu encontraram-se, com uma pontualidade exemplar, na Câmara do Conselho, cuja porta foi cuidadosamente fechada pelo velho juiz, assim que entraram Camusot e Michu, chegados juntos.

— E então, senhor vice-presidente — disse Michu —, o sr. Sauvager requereu um mandato de prisão contra um conde d'Esgrignon, sem consultar o procurador do rei, para servir a paixão de um Du Croisier, inimigo do governo do rei. É um verdadeiro contrassenso. O presidente, por sua vez, afasta-se e impede, assim, a instrução! E nós não sabemos nada a respeito desse processo? Desejariam, por acaso, nos forçar a mão?

— Eis a primeira referência que estou ouvindo sobre esse caso — disse o velho juiz, furioso com o procedimento do presidente na questão dos Blandureau.

O sucessor de Chesnel, homem de confiança dos Du Ronceret, acabava de ser vítima de um ardil inventado pelo juiz a fim de saber a verdade, e tinha confessado o segredo.

— Felizmente nós o avisamos, meu caro mestre — disse Camusot a Blondet —, porque, do contrário, seria forçado a desistir para sempre de sentar seu filho nas flores-de-lis, e de casá-lo com a srta. Blandureau.

— Mas não se trata de meu filho nem de seu casamento; trata-se de saber se o jovem conde d'Esgrignon é ou não culpado.

— Parece — disse o sr. Michu — que os fundos foram entregues à sra. du Croisier por Chesnel; quizeram transformar em crime uma simples irregularidade. De acordo com a queixa, o rapaz teria tomado

uma ponta de carta onde estava a assinatura de Du Croisier para convertê-la em ordem de pagamento sobre o banco Keller.

— Uma imprudência! — afirmou Camusot.

— Mas, se Du Croisier tivesse recebido a importância — alegou Blondet —, por que apresentaria a queixa?

— Ele ainda não sabe que a importância foi entregue à mulher, ou finge não saber — informou Camusot.

Michu deu a opinião:

— Vingança de gente da província.

— Entretanto, isso me parece uma falsificação — disse o velho Blondet, em quem nenhuma paixão podia obscurecer a clareza da consciência jurídica.

— Pensa assim? — perguntou Camusot. — Mas vejamos: mesmo supondo que o jovem conde não tivesse o direito de sacar por conta de Du Croisier, não haveria falsificação de assinatura. Ele imaginou ter esse direito por causa do aviso de Chesnel, quanto ao depósito feito por ele.

— Bem; nesse caso, onde está a falsificação? — perguntou o velho juiz. — O que caracteriza a falsificação, em matéria civil, é o prejuízo causado a outrem.

— Ah! É claro, tomando-se por base a acusação de Du Croisier, que a assinatura foi desviada de seu destino a fim de ser paga a importância, a despeito de uma proibição feita por Du Croisier aos banqueiros — disse Camusot.

— Meus senhores — concluiu Blondet —, isso tudo me parece uma mesquinhez, uma ninharia. Tínheis a soma, e eu talvez devesse esperar o vosso título, mas eu, conde d'Esgrignon, estava numa necessidade urgente, e então... Ora, vamos! Vossa acusação é apaixonada, é uma vingança! Para que haja falsificação, o legislador presumiu a intenção de desviar dinheiro, de conseguir qualquer proveito a que não se tem direito algum. Não houve falsificação, nem nos termos da lei romana nem no espírito da jurisdição atual, sempre de acordo com o que reza o Código Civil, porque não se trata aqui de falsificação de escritura pública ou autêntica. Em matéria privada, a falsificação encobre a intenção de roubar, mas, aqui, onde está o roubo? Em que tempo

vivemos, senhores? O presidente afasta-se para impedir uma instrução que deveria estar terminada! Foi hoje, somente, que fiquei conhecendo o senhor presidente, mas lhe pagarei os atrasados de meu engano; hei de lhe fazer minutar em pessoa, doravante, os seus próprios julgamentos. O sr. Camusot deve empregar toda celeridade nesse serviço.

— Sim. Minha opinião — disse Michu — é que, em vez de se pôr o rapaz em liberdade condicional, nós o tiremos quanto antes desta situação. Tudo depende do interrogatório a que serão submetidos Du Croisier e a mulher. O sr. Camusot poderia citá-los durante a audiência, receber-lhes o depoimento antes de quatro horas, fazer o relatório esta noite, e, assim, julgaremos o caso amanhã, antes da audiência.

— Enquanto os advogados estiverem arrazoando, nós combinaremos a marcha do processo — disse Blondet a Camusot.

Após terem revestido a toga, os três juízes entraram em sessão.

Ao meio-dia, monsenhor e a srta. Armanda tinham chegado ao palacete D'Esgrignon, onde já se achavam Chesnel e o padre Couturier. Depois de uma conferência rápida entre o diretor da sra. du Croisier e o prelado, o padre foi imediatamente à casa da sua penitente.

Às onze da manhã, Du Croisier recebeu uma ordem de comparecimento que o citava, entre uma e duas horas, no gabinete do juiz de instrução. Apresentou-se, tomado de explicáveis suspeitas. O presidente, incapaz de prever a chegada da duquesa de Maufrigneuse, a do procurador do rei, assim como a súbita confederação dos três juízes, esquecera-se de traçar um plano de ação para Du Croisier, no caso de ser iniciada a instrução. Nem um nem outro imaginou tal celeridade. A fim de conhecer as intenções do sr. Camusot, Du Croisier apressou-se em obedecer ao mandato. Foi, assim, obrigado a responder. Sumariamente, o juiz lhe dirigiu as seis perguntas seguintes:

— O título incriminado de falso não trazia uma assinatura verdadeira? — Antes desse caso, já tivera negócios com o sr. conde d'Esgrignon? — O sr. conde d'Esgrignon já não havia descontado letras promissórias à sua ordem, com ou sem aviso? — Não tinha ele escrito

uma carta autorizando o sr. d'Esgrignon a sempre sacar por sua conta? — Já por várias vezes Chesnel não saldara as dívidas? — Não estava ele ausente em tal época?

Essas perguntas receberam respostas afirmativas de Du Croisier. Apesar de suas explicações verbosas, o juiz reconduzia o banqueiro à alternativa de um sim ou um não. Quando as perguntas e as respostas foram consignadas no processo verbal, o juiz terminou por essa fulminante interrogação: “Du Croisier sabia que o dinheiro do título apresentado como falso fora depositado em sua casa, segundo uma declaração de Chesnel e uma carta de aviso de Chesnel ao conde d'Esgrignon, cinco dias antes da data do título em questão?”.

Essa última pergunta apavorou Du Croisier. Perguntou o que significava semelhante interrogatório. Era ele o acusado ou o queixoso? E fez observar que, se os fundos estivessem em seu poder, não teria apresentado a queixa.

— A justiça procura esclarecer-se — disse o juiz, despedindo-o, não sem que antes tivesse anotado essa última observação de Du Croisier.

— Mas, senhor, os fundos...

— Os fundos estão em sua casa — disse o juiz.

Chesnel, igualmente citado, compareceu para explicar o caso. A veracidade de suas afirmações foi corroborada pelo depoimento da sra. du Croisier. O juiz já havia interrogado o conde d'Esgrignon, que, soprado por Chesnel, produziu a primeira carta pela qual Du Croisier autorizava-o a sacar por sua conta sem lhe fazer a injúria de depositar os fundos previamente. Depois apresentou uma carta escrita por Chesnel, que o avisava ter depositado cem mil escudos em casa do sr. du Croisier. Com semelhantes elementos, a inocência do jovem conde deveria triunfar no tribunal. Ao voltar do Palácio para casa, Du Croisier tinha o rosto branco de cólera, e em seus lábios borbulhava a leve espuma de um ódio concentrado. Encontrou a mulher sentada no salão, fazendo chinelos de tapeçaria para ele, ao canto da lareira; levantando os olhos para o marido, ela estremeceu, mas esperou, cheia de decisão.

— Senhora — exclamou Du Croisier, balbuciando —, que depoimento foi fazer perante o juiz? A senhora me desonrou, me

perdeu, me traiu.

— Salvei-o, senhor — respondeu ela. — Se algum dia tiver a honra de se aliar aos D'Esgrignon, pelo casamento de sua sobrinha com o jovem conde, deverá isso apenas à minha atitude de hoje.

— Milagre! A burra de Balaão[656] falou, já não me espantarei de mais nada. E onde estão os cem mil escudos que o sr. Camusot afirma terem sido entregues em minha casa?

— Ei-los — respondeu a mulher, tirando o maço de notas de baixo da almofada da poltrona. — Não cometi pecado mortal ao declarar que o sr. Chesnel mos havia entregue.

— Na minha ausência?

— O senhor estava fora naquela ocasião.

— Jura-o pela sua salvação eterna?

— Juro-o — disse ela com voz serena.

— Por que não me contou nada? — perguntou o marido.

— Nesse ponto agi mal — respondeu a mulher —, mas meu erro o favorecerá. Algum dia sua sobrinha será marquesa d'Esgrignon, e talvez o senhor seja deputado, se se comportar bem neste lamentável caso. O senhor adiantou-se demais; saiba retroceder.

Du Croisier passeou de um lado para outro, no salão, tomado de uma agitação terrível, e a mulher esperou, numa agitação igual, o resultado dessa caminhada. Finalmente, Du Croisier tocou a campainha, chamando o criado de quarto, a quem disse:

— Não receberei ninguém esta noite; feche a porta de entrada. A todas as pessoas que aparecerem, diga que a patroa e eu fomos para o campo. Partiremos logo depois do jantar, que será servido meia hora mais cedo.

À noite, todos os salões, os pequenos negociantes, os pobres, os mendigos, a nobreza, o comércio, toda a cidade, enfim, comentava a grande notícia: a detenção do conde d'Esgrignon, suspeito de falsificação. O conde d'Esgrignon compareceria perante o tribunal, e seria condenado, marcado. A maioria das pessoas à qual a honra D'Esgrignon era cara negava o fato. Ao anoitecer, Chesnel foi buscar, em casa dos Camusot, o jovem desconhecido, e conduziu-o ao palacete D'Esgrignon, onde a srta. Armanda o esperava. A pobre tia levou a bela

Maufrigneuse para seus aposentados, que lhe cedeu. O bispo ocupava o quarto de Viturniano. Ao se achar sozinha com a duquesa, a nobre Armanda lançou-lhe um olhar tocante.

— A senhora deve mesmo o seu auxílio à pobre criança que se perdeu por sua causa — disse ela —, uma criança por quem todo mundo, aqui, se sacrifica.

A duquesa já lançara seu olhar de mulher no quarto da srta. d'Esgrignon, e ali tinha visto a imagem da vida dessa criatura sublime; julgar-se-ia que aquele aposento era a célula de uma religiosa, vendo-se a peça nua, fria e sem luxo. Emocionada, contemplando o passado, o presente e o futuro dessa existência, reconhecendo o incrível contraste que representava sua presença naquele quarto, a duquesa não pôde reter as lágrimas, que lhe rolaram pelas faces e serviram de resposta.

— Ah! Eu fiz mal. Perdoe-me, senhora duquesa — pediu a cristã, que se revelou mais forte, nela, do que a tia de Viturniano. — A senhora ignorava a nossa miséria, que meu sobrinho era incapaz de lhe revelar. Aliás, vendo-a, tudo se concebe, até mesmo o crime!

Seca e magra, pálida, mas bela como uma dessas figuras finas e severas que só os pintores alemães souberam fazer, a srta. Armanda tinha também os olhos molhados.

— Tranquelize-se, meu anjo — disse afinal a duquesa —, ele está salvo.

— Sim, mas a honra! O seu futuro! Chesnel contou-me: o rei sabe de tudo.

— Faremos o que for possível para reparar o mal — disse a duquesa.

A srta. Armanda desceu ao salão, e encontrou o Gabinete das Antiguidades completo. Todos os frequentadores habituais haviam comparecido, em parte para festejar o monsenhor, e em parte para reconfortar o marquês d'Esgrignon. A postos na antecâmara, Chesnel recomendava a cada recém-chegado que guardasse o maior silêncio sobre o caso, a fim de que o venerável marquês nunca viesse a saber de nada, pois o Franco leal seria capaz de matar o filho ou de matar Du Croisier; nessas circunstâncias, teria descoberto um criminoso de um ou de outro lado. Por um acaso singular, o marquês, feliz com a volta do filho para Paris, falou em Viturniano mais do que de costume.

Viturniano seria em breve colocado pelo rei, o rei se interessava finalmente pelos D'Esgrignon. Cada um dos presentes, com a morte na alma, exaltava o bom comportamento de Viturniano. Preparando o caminho para o aparecimento repentino do sobrinho, a srta. Armanda dizia ao irmão que Viturniano viria certamente visitá-los e que já devia estar a caminho.

— Qual! — exclamou o marquês, em pé diante da lareira. — Se ele está se dando bem por lá e resolvendo sua situação, deve ficar, sem pensar na alegria que o velho pai sentiria em tornar a vê-lo. O serviço do rei em primeiro lugar.

A maioria daqueles que ouviram essa frase estremeceu. O processo poderia entregar ao ferro do carrasco o ombro de um D'Esgrignon! Houve um momento de terrível silêncio. A velha marquesa de Castéran virou a cabeça, sem conter uma lágrima, que lhe rolou pelo carmim das faces.

IX — UMA ALIANÇA DESIGUAL

No dia seguinte, ao meio-dia, por um tempo admirável, toda a população estava dispersada em grupos numerosos, na rua central, e só se falava no grande acontecimento. O jovem conde estava ou não estava preso? Nesse momento, avistaram o tálburi bem conhecido do conde d'Esgrignon, descendo pelo alto da Rue Saint-Blaise, e vindo da Prefeitura. O tálburi era guiado pelo conde, que vinha em companhia de um encantador rapaz desconhecido, ambos alegres, rindo, conversando e levando rosas de Bengala na lapela. Foi uma dessas cenas impossíveis de descrever. Às dez horas, a causa tinha sido julgada improcedente, e o jovem conde fora posto em liberdade. No processo, Du Croisier foi fulminado por uma cláusula que reservava ao conde d'Esgrignon o direito de processá-lo por crime de calúnia. O velho Chesnel vinha subindo, como por acaso, a Grand-Rue, e dizia a quem quisesse ouvir que Du Croisier armara a mais infame cilada contra a honra da casa D'Esgrignon, e que só não seria processado por calúnia graças à condescendência oriunda da nobreza de sentimentos da família D'Esgrignon. Na noite dessa data famosa, depois que o

marquês d'Esgrignon subira para deitar-se, o jovem conde, a srta. Armanda, o bonito pajenzinho, que estava de partida, acharam-se sós com o cavaleiro, a quem não puderam ocultar o sexo desse encantador fidalgo, e que foi, assim, o único na cidade, além dos três juízes e da sra. Camusot, que conheceu a presença da duquesa.

— A casa D'Esgrignon está salva — disse Chesnel —, mas não tornará a erguer-se nem se refará desse choque nestes próximos cem anos. Agora é preciso pagar as dívidas, e o senhor conde não pode fazer outra coisa senão casar-se com uma herdeira rica.

— E tomá-la onde a encontrar — disse a duquesa.

— Pela segunda vez, um casamento desigual! — suspirou a srta. Armanda.

A duquesa começou a rir.

— Sempre é melhor casar do que morrer — disse, tirando do bolso do colete um frasquinho que lhe dera a botica do castelo das Tuileries.

A srta. Armanda teve um gesto de pavor, e o velho Chesnel tomou a mão da bela Maufrigneuse, e beijou-a sem permissão.

— Estão todos loucos aqui? — perguntou a duquesa. — Querem então ficar no século XV, quando já estamos no século XIX? Meus caros filhos, não há mais nobreza; o que há agora é apenas aristocracia. O código civil de Napoleão matou os pergaminhos como o canhão já matara o feudalismo. Fica-se muito mais nobre do que se é, quando se tem dinheiro. Case-se com quem quiser, Viturniano; enobrecerá sua mulher, e eis o mais sólido dos privilégios que ainda restam à nobreza da França. O sr. de Talleyrand não desposou a sra. Grandt[657] sem se comprometer? Lembrem-se de Luís XIV, casado com a viúva Scarron! [658]

— Ele não a desposara por dinheiro — objetou a srta. Armanda. — Se a condessa d'Esgrignon fosse a sobrinha de um Du Croisier, a senhora duquesa a receberia?

— Talvez — respondeu a duquesa —, mas o rei, sem dúvida alguma, a veria com prazer. Não sabem então do que se passa em Paris? — interrogou, vendo o espanto pintado em todos os rostos. — Viturniano chegou de lá, ele sabe como estão as coisas. Nós éramos mais poderosos sob Napoleão. Viturniano, case-se com a srta. Duval, case-se

com quem quisesse; sua mulher será marquesa d'Esgrignon, da mesma maneira que eu sou duquesa de Maufrigneuse.

— Tudo está perdido, até a honra — disse o cavaleiro, fazendo um gesto.

— Adeus, Viturniano — disse a duquesa, beijando-o na testa —, nunca mais nos veremos. O que deve fazer é viver nas suas terras, o ar de Paris não lhe convém.

— Diana? — gritou o jovem conde, desesperado.

— Senhor, contenha-se. Essa sua atitude é muito estranha — proferiu a duquesa friamente, abandonando seu papel de homem e de amante, e voltando a ser não somente anjo, mas ainda duquesa, não somente duquesa, mas a Célimene de Molière.

A duquesa de Maufrigneuse cumprimentou com dignidade essas quatro personagens, e obteve do cavaleiro a última lágrima de admiração disponível para o serviço do belo sexo.

— Como ela se parece com a princesa Goritza! — murmurou baixinho.

Diana partira. O chicote do cocheiro afirmava a Viturniano que o belo romance de sua primeira paixão estava terminado. Em perigo, Diana pudera ainda ver no jovem conde o seu amante; mas, salvo, a duquesa desprezava-o por ser o que era: um homem fraco.

Seis meses depois, Camusot foi nomeado juiz suplente em Paris, e, mais tarde, juiz de instrução. Michu tornou-se procurador do rei. O bom velhote Blondet passou a conselheiro na corte real e ali ficou o tempo necessário para se aposentar, voltando, então, para sua casa tão bonita. José Blondet ocupou no Tribunal a vaga deixada pelo pai, até o resto de seus dias, mas sem nenhuma probabilidade de promoção, e tornou-se o marido da srta. Blandureau, que se aborrece, hoje, naquela casa de tijolos e flores, tanto quanto uma carpa num chafariz de mármore. Michu e Camusot receberam a cruz da Legião de Honra, e o velho Blondet, a de oficial. Para grande contentamento de Du Croisier, que, certamente, não desejava conceder-lhe a sobrinha, Sauvager, primeiro substituto do procurador do rei, foi transferido para a Córsega.

Estimulado pelo presidente Du Ronceret, Du Croisier apelou do

juízo de improcedência na Corte real e perdeu. Em todo o departamento, os Liberais continuavam a sustentar que o pequeno D'Esgrignon cometera uma falsificação. Por outro lado, os Monarquistas contavam as horríveis ciladas que, por desejo de vingança, tramara o “infame Du Croisier”. Houve um duelo entre Du Croisier e Viturniano. O acaso das armas favoreceu o antigo fornecedor, que feriu perigosamente o jovem conde e manteve suas asseverações. A luta entre os dois partidos foi mais envenenada ainda por esse caso, que os Liberais viviam alegando a todo momento. Sempre rejeitado nas Eleições, Du Croisier não via a menor oportunidade de fazer com que a sobrinha se casasse com o conde, sobretudo depois do duelo.

Decorrido um mês do julgamento na Corte real, Chesnel, exausto, esgotado por essa luta terrível que abalara suas forças físicas e morais, morreu no seu triunfo, como um velho cão fiel que recebeu no ventre a chifrada de um javali. Morreu tão feliz quanto lhe permitia a situação em que deixava a casa D'Esgrignon, quase arruinada, com o rapaz na miséria, perdido de tédio, sem nenhuma oportunidade de estabelecimento. Esse pensamento cruel, sem dúvida, foi o que derrubou o velho, já tão abatido. No meio de tantas ruínas, acabrunhado por tantos desgostos, ele recebeu uma grande consolação: o velho marquês, atendendo às solicitações da irmã, restituiu-lhe toda a amizade. Essa grande personagem entrou na casa modesta da Rue du Bercail, sentou-se à cabeceira da cama de seu velho servidor, de que ignorava todos os sacrifícios. Chesnel sentou-se na cama, e recitou o cântico de Simeão. O marquês permitiu que ele fosse enterrado na capela do castelo, com o corpo atravessado, e aos pés da cova em que esse D'Esgrignon, um dos últimos do nome, iria por sua vez repousar.

Assim morreu um dos derradeiros representantes dessa bela e grande domesticidade, palavra que se interpreta muitas vezes mal, mas a que damos aqui sua significação autêntica, fazendo-a exprimir a dedicação feudal do servo ao seu senhor. Esse sentimento, que só existe no fundo da província, e entre alguns velhos servidores da Realeza, honrava igualmente a Nobreza, capaz de inspirar semelhantes afeições, e a Burguesia, capaz de concebê-las. Hoje não é mais possível

essa alta e magnífica dedicação. As casas nobres já não têm servidores, do mesmo modo que não há mais reis de França, nem pares hereditários, nem bens imutavelmente fixados nas casas históricas, para lhes perpetuar os esplendores nacionais. Assim, Chesnel não era apenas um desses grandes homens desconhecidos da vida particular; ele era também uma grande coisa. Não lhe dava a continuidade de seus sacrifícios um aspecto grave e sublime? Não ultrapassava ela o heroísmo da beneficência, que é sempre um esforço momentâneo? A virtude de Chesnel pertence essencialmente às classes colocadas entre as misérias do povo e as grandezas da aristocracia, e que podem, dessa maneira, unir as modestas virtudes do Burguês aos pensamentos sublimes do Nobre, iluminando-os com o archote de uma sólida instrução.

Viturniano, julgado desfavoravelmente na Corte, não podia encontrar ali nem noiva rica, nem emprego. O rei negou-se constantemente a conceder o pariato aos D'Esgrignon, único favor que poderia salvar Viturniano da miséria. Enquanto o pai viveu, foi impossível casar o jovem conde com uma herdeira burguesa. Viu-se, portanto, obrigado a viver mesquinamente na casa paterna, com as recordações de seus dois anos de esplendores parisienses e de amor aristocrático. Triste e murcho, vegetava entre o pai desesperado, que atribuía a uma doença de languidez o estado em que via o filho, e a tia devorada de desgosto. Chesnel já não estava ali.

O marquês morreu em 1830, após ter visto o rei Carlos X passar em Nonancourt,^[659] onde esse grande D'Esgrignon foi, seguido da nobreza válida do Gabinete das Antiguidades, prestar-lhe suas homenagens e juntar-se ao magro cortejo da Monarquia vencida. Ato de coragem que hoje poderá parecer muito simples, mas que o entusiasmo da revolta tornava então sublime.

— Os gauleses triunfam! — foi a última frase do marquês.

A vitória de Du Croisier tornou-se então completa, pois, decorridos oito dias da morte de seu velho pai, o novo marquês d'Esgrignon aceitou a srta. Duval por esposa. A moça tinha três milhões de dote, Du Croisier e a mulher assegurando-lhe, no contrato, a posse de toda a sua fortuna.

Durante a cerimônia do casamento, Du Croisier disse que a casa D'Esgrignon era a mais honrada de todas as casas nobres da França.

O marquês d'Esgrignon, que deverá um dia reunir mais de cem mil escudos de rendas, pode ser visto todos os invernos em Paris, onde leva a existência despreocupada e alegre dos solteiros, tendo com os grandes senhores de outrora apenas um traço em comum: sua indiferença pela esposa, por quem não demonstra a menor consideração.

— Quanto à srta. d'Esgrignon — dizia Emílio Blondet, a quem se devem os pormenores desta aventura —, se já não se parece mais com a celeste figura vislumbrada durante minha infância, ela é, certamente, aos sessenta e sete anos, a figura mais dolorosa e mais interessante do Gabinete das Antiguidades, onde continua a reinar. Encontrei-a na última viagem que fiz à minha terra, para buscar os papéis necessários ao meu casamento. Meu pai ficou estupefato ao saber com quem eu ia casar, e só recobrou o uso da palavra quando lhe anunciei que era prefeito. “Nasceste prefeito!”, disse-me ele sorrindo. Dando uma volta pela cidade, avistei a srta. Armanda, que me pareceu maior do que nunca! Ela me lembrou Mário nas ruínas de Cartago.[660] Pois ela também não sobrevivia às ruínas? Ruínas de suas religiões, de suas crenças destruídas? É só em Deus que ela acredita agora. Habitualmente triste e silenciosa, de sua antiga beleza conserva apenas os olhos de um brilho sobrenatural. Quando eu a vi, passando para ir à missa, com o livro na mão, não pude impedir-me de pensar que ela ia pedir a Deus que a tirasse deste mundo.

No Jardies, julho de [1837]

[1] *Charles Nodier* (1780-1844): escritor francês, amigo de Balzac. Um dos patronos do romantismo; seu salão literário no Arsenal, de que era bibliotecário, era um dos lugares de reunião preferidos dos maiores escritores da época. Hoje em dia ainda se leem com agrado os contos fantásticos de Nodier, que teve uma imensa produção literária, filológica e bibliográfica; quanto às suas *Recordações da Revolução e do Império*, elas são consideradas pelos historiadores modernos como obras de pura fantasia. Nodier era filho do procurador-geral do Governo Revolucionário em Besançon e, na sua mocidade, jacobino ardente. Mais tarde virou casaca, se tornou monarquista convicto e procurou arrogar a si, em suas memórias, o papel de conspirador legitimista. Balzac, que, como sabemos, era favorável à Restauração — embora não tenha sabido tirar dessa atitude vantagens tão grandes como Nodier —, teve a respeito das capacidades de pensador político deste último uma boa opinião pelo menos exagerada, se não totalmente injustificável.

[2] *Bens nacionais*: dava-se este nome aos bens confiscados à Igreja, aos emigrados e à Casa Real e vendidos a particulares após os decretos da Assembleia Constitucional Revolucionária.

[3] *Maximilien de Robespierre* (1758-1794): um dos chefes da Revolução Francesa; apoderou-se do Comitê da Salvação Pública, desfez-se de seus rivais Hébert e Danton, estabeleceu o culto do Ser Supremo. Derrubado em 27 de julho de 1794, pereceu no cadafalso. — *Fouquier-Tinville* (1746-1795): o temível acusador do Tribunal Revolucionário; chegou a pedir a morte de Camille Desmoulins, seu parente; também morreu no cadafalso.

[4] *Maximiliano* i: alusão irônica a Robespierre.

[5] *Roland*: Jean-Marie Roland de la Platière (1734-1793), ministro dos girondinos, ministro do Interior em 1792. Suicidou-se ao saber da execução da esposa.

[6] *André Chénier* (1762-1794): grande poeta francês, executado por haver protestado contra os excessos do Terror.

[7] *César Birotteau*: protagonista de outro romance de Balzac, *História da grandeza e decadência de César Birotteau*, no volume 8 desta edição.

[8] *O tabelião Roguin*: personagem de *A comédia humana*. Foi ele que, em *A vendeta* (volume 2), assistiu Ginevra di Piombo contra os pais. Sua filha, a bela sra. Tiphaine, dominava a boa sociedade de Provins (ver *Pierrette*, no volume 5 desta edição).

[9] *O tonel das Danaides*: segundo a lenda antiga, as filhas do rei Dânao, na noite de núpcias, mataram os maridos. Para castigá-las deste crime, Júpiter condenou-as a encherem continuamente, no Inferno, um tonel sem fundo.

[10] *Conquistou, mais tarde, grande reputação como desenhista e como homem inteligente [...]*: Trata-se de João-Jaques Bixiou, personagem de primeiro plano de *A comédia humana*, já encontrada em *A bolsa*, *Modesta Mignon* etc.

[11] *Jacob Desmalter*: personagem real, marceneiro conhecido da época (1770-1841).

[12] *Justum et tenacem*: palavras latinas, as primeiras de uma ode de Horácio, que exaltam a firmeza de ânimo. “Ao homem justo e de caráter firme” — escreve o poeta latino — “não o abala em sua firme determinação nem o ardor dos cidadãos que lhe dão ordens iníquas...”

[13] *Vernet*: nome de uma família de pintores, entre os quais Carle (1758-1835) se tornou conhecido por quadros em que representava as batalhas de Napoleão.

[14] *O padre Loraux* já foi encontrado em *Honorina*. Tio de Maurício de l’Hostal, recomendou seu sobrinho ao conde Otávio de Bauvan e fez tudo para que este se reconciliasse com a esposa.

[15] *O grande estatutário Chaudet*: Antoine Denis Chaudet (1763-1810), autor da estátua de Napoleão colocada na coluna de Vendôme. Os aliados, depois de ocuparem Paris em 1815, retiraram a estátua, mandando-lhe fundir o bronze.

[16] *Lemire, professor do liceu imperial*: pessoa real.

[17] *Regnault* ou *Regnault*: Jean-Baptiste Regnault (1754-1829), pintor da escola clássica, autor de quadros mitológicos e históricos.

[18] A educação severa que Desroches deu ao filho não deixou de produzir bons resultados. Graças ao auxílio de Gobseck, comprou mais tarde um cartório e tornou-se famoso pela sua probidade. Foi tabelião do infeliz coronel Chabert, entre outras aparições n'*A comédia*.

[19] *Em coração e independência*: são lances do jogo que os três funcionários estão jogando com as duas damas.

[20] *Claparon filho* tornar-se-á, com efeito, um tratante. Suas especulações desonestas serão contadas em *Melmoth reconciliado*, *A casa Nucingen*, *Um homem de negócios*.

[21] Essa revista de tropas é descrita no começo de *A mulher de trinta anos*.

[22] *Gros*: barão Antoine-Jean Gros (1771-1835), autor de quadros históricos, um dos chefes da escola romântica.

[23] *Schinner*: personagem de *A comédia humana*, protagonista de *A bolsa*. Ilustrou as obras de Canalis (em *Modesta Mignon*), pintou o teto do palacete Laginski (em *A falsa amante*).

[24] *No 20 de março de 1815*, Napoleão, que conseguira fugir da ilha de Elba e desembarcar em Cannes, no sul da França, entrou em Paris, abandonada por Luís XVIII na véspera.

[25] *Marechal Davoust*: Louis-Nicolas Davoust (1770-1823), um dos melhores capitães de Napoleão, que lhe ficou fiel até perceber que o Império chegara ao fim; então assinou, com os aliados, em 3 de julho de 1815, o tratado de Saint-Cloud, para salvar a França de desgraças maiores. Poucos dias depois negociou a capitulação do Exército do Loire, cujos oficiais, divergindo dele, queriam tentar a resistência. Durante a Restauração, aceitou um lugar na Câmara dos Pares.

[26] *Beócia*: região da antiga Grécia cujos habitantes eram tidos, pelos demais gregos, como incultos e de espírito obtuso.

[27] *Campo de Maio*: cerimônia realizada no dia 1º de junho de 1815 em Paris, após a volta de Napoleão da ilha de Elba. Nessa ocasião o imperador promulgou um Ato Adicional à Constituição e assistiu a um desfile de tropas.

[28] *Le Moniteur Universel*: jornal oficial do governo francês, do ano VIII a 1869.

[29] *O duque de Navarreins*: membro da alta aristocracia inventada por Balzac; encontrá-lo-emos ainda em vários romances e novelas de *A comédia humana*.

[30] *Charles Dominique Lallemand* e seu irmão Henri, generais de Napoleão, foram condenados à morte por terem conspirado a favor deste depois de seu exílio. O primeiro dos dois emigrou para a América do Norte e, no Texas, fundou o chamado *Champ d'Asile*, com soldados licenciados e exilados políticos. Essa tentativa de colonização malogrou e a colônia foi abandonada definitivamente em 1818.

[31] *Roguín desapareceu...* A fuga do tabelião desonesto arruinou várias outras famílias de *A comédia humana*. Uma de suas vítimas, como vimos em *Eugênia Grandet*, foi Guilherme Grandet, que não quis sobreviver à falência; outra, como veremos, foi o comerciante César Birotteau, irmão do padre Birotteau (que conhecemos em *O cura de Tours*).

[32] *Gérard*: barão François Gérard (1770-1837), pintor de famosos quadros históricos.

[33] *Mestre Gonin*: famoso prestidigitador do século XVI, cujas proezas constituíam assunto de um anedotário bastante popular.

[34] *Léon Giraud* etc.: todos personagens de *A comédia humana*, artistas e escritores que formam um cenáculo presidido por Daniel D'Arthez; conhecê-los-emos mais de perto em *Ilusões perdidas*. Um deles, entretanto, o médico Bianchon, já é muito nosso conhecido, pois é protagonista de *O pai Goriot* e de *A missa do ateu*.

[35] *Palais-Royal*: nesse famoso edifício de Paris, ainda hoje existente, cujas galerias

eram então o passeio do mundo elegante, havia vários cafés além de uma casa de jogo muito conhecida, e que Balzac descreve amiúde no início de *A pele de onagro*.

[36] *Café Minerva*: café célebre na época; ficava à esquina das ruas Richelieu e Montpensier, em frente ao Théâtre-Français, e era lugar de encontro dos autores teatrais da escola romântica.

[37] *Botequim Holandês*: Estaminet Hollandais, bar existente no Palais-Royal, e cujo nome talvez derive de um quadro do mesmo título de Van Ostade.

* *Veillons au salut de l'Empire*: canção revolucionária de 1791. [N.E.]

[38] *Gaité*: teatro que existiu no boulevard du Temple de 1760 a 1862; depois foi reconstruído em outro local, onde ainda existe. No tempo deste romance, especializava-se na exibição de melodramas.

[39] *Finot*: protagonista de *A comédia humana*; tomou parte no famoso jantar oferecido por Jorge Marest aos escreventes do cartório Derville e na orgia subsequente em casa de Florina (*Uma estreia na vida*).

[40] *Florentina*: personagem de *A comédia humana* encontrada na mesma cena.

[41] *Abaixando com o dedo a pálpebra inferior esquerda*: gesto correspondente à expressão popular *à l'oeil* (de graça).

[42] *Um velho comerciante de sedas*: o tio Cardot, como vimos em *Uma estreia na vida*.

[43] *Vestris*: Marie-Auguste Vestris (1760-1842), descendente de uma ilustre família de bailarinos, ele mesmo primeiro bailarino da Ópera e professor de bailado.

[44] *Panorama-Dramatique*: teatro que existiu de 1821 a 1823.

[45] *Maria Godeschal e o irmão* já foram encontrados em *Uma estreia na vida*.

[46] Ver *O coronel Chabert*, no volume 4 desta edição.

[47] *Na batalha de Montmirail*, em 11 e 12 de fevereiro de 1814, Napoleão venceu os russos e os prussianos.

[48] *Foy*: Maximilien-Sébastien Foy (1775-1825), general de Napoleão; distinguiu-se nas campanhas de Portugal e de Espanha; eleito deputado em 1819, tornou-se um dos chefes mais populares do partido liberal. — *Manuel*: Jacques-Antoine Manuel (1775-1827), deputado liberal, um dos chefes da oposição, expulso da Câmara em 1823 por ter, no debate sobre a guerra de Espanha, ofendido o rei Ferdinando. — *Laffitte*: Jacques Laffitte (1767-1844), banqueiro e deputado liberal, mais tarde um dos artífices da Monarquia de Julho, de Luís Felipe.

[49] Um escudo equivalia a três francos.

[50] *O duque de Berry*, segundo filho do conde de Artois (o futuro rei Carlos X), foi assassinado em 1820 por um operário seleiro. O acontecimento, explorado pelos ultrarrealistas, suscitou a queda do gabinete Decazes, de tendências liberais.

[51] *Léon Gozlan* (1803-1866): escritor francês, amigo de Balzac; depois da morte deste, consagrou-lhe dois curiosos volumes de reminiscências, intitulados *Balzac em pantufas* e *Balzac em casa*.

[52] *Vernou*: personagem de *A comédia humana*, jornalista; já apareceu em *Uma filha de Eva* como colaborador do jornal de Raul Nathan.

[53] *Porte Saint-Martin*: teatro do boulevard Saint-Martin, onde mais tarde se representaria o *Vautrin*, de Balzac.

[54] *Bégrand*: personagem real, bela atriz do teatro Porte Saint-Martin, a qual obteve seu maior êxito na pantomima *Susana e os anciães* ou *A inocência reconhecida*.

[55] *Matifat*: personagem de *A comédia humana*; rico fabricante de drogas que, por volta de 1820, mantinha a atriz Florina.

[56] *Corália*: personagem balzaquiana, linda atriz mantida, à mesma época, por Camusot.

[57] *Camusot*: personagem balzaquiana, opulento comerciante de sedas, mais tarde deputado e barão, genro e sucessor de Cardot. Frequentava o casal Guillaume (*Ao "Chat-qui-pelote"*).

[58] A história desta viagem é contada em *Uma estreia na vida* (volume 2 desta edição).

[59] *Benjamin*: a palavra está empregada aqui na antiga acepção de “preferido”, e não na de “caçula”.

[60] *Duque de Maufrigneuse*: personagem de *A comédia humana*, já conhecido por um trecho de *Uma estreia na vida*; foi no regimento de cavalaria comandado por ele que Oscar Husson entrou como subtenente.

[61] *Cenáculo*: grupo de intelectuais e artistas idealistas que desempenhará papel em *Ilusões perdidas*.

[62] *Théâtre des Italiens*: ou Bouffons, companhia de atores e cantores italianos organizada no século XVII em Paris e que funcionou em vários locais até se instalar na sala Ventadour, onde permaneceu até seu desaparecimento, em 1878.

[63] *Luciano de Rubempré*: protagonista de *Ilusões perdidas* e de *Esplendores e misérias das cortesãs*.

[64] *Roberto Macário*: personagem do medíocre melodrama *O albergue dos Adrets*, de Antier, Saint-Amand e Paulyanthe, que se tornou, graças à atuação extraordinária do grande ator Frédéric Lemaître, o tipo do criminoso de grande envergadura, predecessor de Vautrin.

[65] *Sardanapalo*: monarca lendário da Assíria, tipo do príncipe devasso.

[66] *Cavaleiro Bayard*: Pierre Terrail de Bayard (1473-1524), célebre capitão francês, modelo de bravura e de virtudes cavaleirescas.

[67] *Rocher de Cancale*: restaurante que existiu realmente na Rue Montorgueil e teve grande fama na época de Balzac; entre seus convivas contava Brillat-Savarin, o autor da *Fisiologia do paladar*. Em *Uma estreia na vida*, Jorge Marest organiza ali um banquete, para o qual convida Oscar Husson e seus colegas de cartório.

[68] *O Café de la Rotonde* não era o mesmo que existe hoje no bairro de Montparnasse: era localizado no Palais-Royal.

[69] *O Filho banido*: *Le Fils banni*, melodrama em três atos de Frédéric Dupetit Méré, representado em 1815 no teatro de Ambigu Comique.

[70] *Condessa de Bauvan*: viúva de um conspirador monarquista, capitão de revoltosos bretões (*chouans*), personagem de *A Bretanha em 1799* (ver volume 12 desta edição).

[71] *Pedro Grassou*: personagem de *A comédia humana*, pintor, protagonista da história que lhe ostenta o nome (no volume 9 desta edição).

[72] *Leão de Lora* ou *Mistigris* desempenhou papel importante durante a viagem de Paris a Presles, na diligência de Pierrotin (*Uma estreia na vida* no volume 2 desta edição).

[73] *Ponchard*: Jean-Frédéric-Auguste Ponchard (1789-1866), famoso tenor que na peça *A Dama Branca* desempenhava o papel de um pobre oficial, o qual, sem ter um tostão, compra num leilão um castelo por quinhentos mil francos graças ao auxílio da misteriosa Dama Branca.

[74] *Cirque Olympique*: o atual Cirque d’hiver.

[75] *O sobrinho da velha sra. Hochon*: o jornalista Estêvão Lousteau; já foi encontrado em *Uma filha de Eva*, como um dos amantes de Florina (no volume 2 desta edição).

[76] *Capucins*: trata-se do hospital dos Capuchinhos, assim chamado por ficar situado num antigo convento dessa ordem; destinava-se ao tratamento das doenças venéreas.

[77] *Saint-Périne*: asilo municipal de velhos.

[78] Todos esses grandes pintores fizeram quadros famosos com cenas da miséria: Jacques Callot (1592-1635), Nicolas Charlet (1792-1845), Denis Raffet (1804-1860), Gavarni (1804-1866), de seu verdadeiro nome Sulpice Guillaume Chevalier, e Ernest Meissonier (1815-1891), na França; William Hogarth (1697-1764), na Inglaterra;

Bartholomé Estéban Murillo (1617-1682), na Espanha.

[79] *Des Lupeaulx*: protagonista de *A comédia humana*; já encontrado em *Úrsula Mirouët* (no volume 5 desta edição).

[80] O *imperador Probo* (de 276 a 282): teria introduzido a vinicultura na Gália, na Espanha e na Panônia.

[81] *Engano de Balzac*: Júlio César não fala no vinho de Issoudun.

[82] *Armand Pérémet* ou, melhor, *Péréme*: publicou alguns anos depois do aparecimento de *Um conchego de solteirão* um livro sobre suas *Pesquisas históricas e arqueológicas acerca da cidade de Issoudun*.

[83] *Chaumeau*: Jean Chaumeau, autor de uma *História do Berry*.

[84] *Ricardo Coração de Leão*: rei da Inglaterra (1157-1199).

[85] *Henrique ii*: reinou de 1547 a 1559.

[86] *Aquitânia*: região da Gália antiga, no sul da França.

[87] O *Baron* de que fala Balzac era ator e pai de outro ator, de maior fama, do mesmo nome, membro da companhia de Molière. *Bourdoulou*, orador sagrado, não nasceu em Issoudun, mas em Bourges.

[88] *Guilherme, o Bretão* ou Brito Armoricus: poeta e historiador que escreveu em latim um poema de louvores a Felipe II, de quem foi conselheiro.

[89] Balzac conhecia a Sardenha por ter feito ali em 1838 uma viagem aventureira em busca dos restos das antigas minas de prata dos romanos (ver a *Vida de Balzac*, no volume 1 desta edição).

[90] *Jacquerie*: levante de camponeses, em 1358, contra a nobreza, que o reprimiu com extrema crueldade.

[91] Alusão a um fato real que fez sensação na época. O filho do marquês, acusado de adultério, foi morto em duelo pelo marido ofendido.

[92] *Fronça*: nome dado à guerra civil que se travou na França durante a menoridade de Luís XIV, entre o partido da Corte e o Parlamento (1648-1653).

[93] *Meia-de-Couro* (Leatherstocking): sobrenome de Natty Bumppo, o índio, personagem popularíssima de vários romances do romancista norte-americano Fenimore Cooper (1789-1851).

[94] *Cabrera*: pequena ilha das Baleares, famosa pelos sofrimentos que lá suportaram os soldados franceses feitos prisioneiros após a capitulação de Bailen em 1808.

[95] *Napoleão*, depois de escapar da ilha de Elba, desembarcou em Cannes em fevereiro de 1815.

[96] *Fleurus*: localidade na Bélgica, cenário da última batalha vitoriosa de Napoleão, em 16 de junho de 1815, na qual ele derrotou os prussianos comandados por Blücher; seguida a dois dias de distância pela batalha de Waterloo, onde o imperador foi derrotado pelos exércitos aliados.

[97] *A batalha de Waterloo*, em que Napoleão foi derrotado pelo Exército anglo-prussiano, realizou-se em 18 de junho de 1815.

[98] *Duque de Peltre*: Henri-Jacques-Guillaume Clarke (1765-1818), ministro da Guerra do Império, que durante o período dos Cem Dias (o segundo reinado de Napoleão) aderiu a Luís XVIII. Assim obteve a mesma pasta ministerial durante a Restauração. Apesar de seu passado bonapartista (ou talvez por causa dele), mostrou-se muito duro com seus antigos camaradas de Exército.

[99] *O Exército do Loire* foi formado em 1815 por oficiais fanáticos fiéis a Napoleão, que quiseram tentar desesperada resistência aos aliados.

[100] *A linda moça de Perth* (no original *The Fair Maid of Perth*): romance de Walter Scott, em que se narram os amores da linda Catarina Glover e do corajoso e jovem ferreiro Smith, campeão das causas justas e que ousa enfrentar o duque de Rothsay, aristocrata tirânico, que pretende lhe arrebatá-la noiva.

[101] *Casa Vermelha*: dava-se o nome de Maison Rouge ao corpo de guarda

composto de gentis-homens de Luís XVIII.

[102] Os jornais *La Quotidienne* e *Le Drapeau Blanc* eram católicos e realistas, favoráveis ao governo da Restauração; *Le Constitutionnel* era da oposição, com tendências bonapartistas.

[103] *Amoros*: Francisco Amoros y Ondeano (1790-1848), político liberal espanhol refugiado na França depois da Restauração de Fernando VII. No exílio, organizou cursos de ginástica, que se tornaram famosos.

[104] *Panurge*: personagem de Rabelais; licencioso, cínico, bebedor, covarde, desonesto, encarna todos os maus instintos da natureza humana, mas tem tanta graça que seduz o leitor.

[105] *À ordem da noite*: expressão jocosa, formada por analogia de “à ordem do dia”.

[106] *Cour des Miracles*: em português, Pátio dos Milagres. Praça da antiga Paris que era um centro de malandros, mendigos e ladrões, organizados em verdadeira hierarquia. O nome deste lugar proviria do fato de ter fornecido o “material humano” necessário para se operar um milagre: leprosos, paralíticos, epiléticos etc. Há uma descrição famosa do Pátio dos Milagres em *Nossa Senhora de Paris*, de Victor Hugo.

[107] *Delacroix*: Eugène Delacroix (1799-1863), pintor francês, chefe da escola romântica.

[108] *Roxelane*: escrava, depois sultana, de Solimão II (1505-1561).

[109] *Léonarde*: personagem do *Gil Blas* de Lesage; velha que serve de cozinheira a um bando de ladrões instalados num subterrâneo.

[110] O Exército de Bonaparte atravessou o desfiladeiro do monte Sainte-Bernard (entre a Suíça e a Itália) em 1800.

[111] *Sganarelle*, *Mascarille*, *Scapino*: personagens de Molière, criados astutos e intrigantes.

[112] O trocadilho só existe em francês: *les cinq Hochon* (os cinco Hochon) pronuncia-se, com pequena alteração, intencional, da mesma forma que *les cinq cochons* (os cinco porcos).

[113] *Albani*: Francesco Albani (1578-1660), pintor gracioso de paisagens mitológicas e da beleza feminina.

[114] *Dominichino*: nome de guerra de Domenico Zampieri (1581-1641), pintor bolonhês, o melhor aluno dos Carracci.

[115] *Giovanni Bellini*: famoso pintor veneziano (1429-1516), discípulo do pai Jacopo; autor de Madonas e outros quadros de assuntos religiosos que ornaram as igrejas e os palácios de sua cidade natal.

[116] *Veronese*: sobrenome de Paolo Caliari (1528-1588), famoso pintor italiano, nascido em Verona, autor de quadros suntuosos, entre os quais *As bodas de Canaã* e *O rapto de Europa*.

[117] *Padre Genovês*: sobrenome que se costuma dar ao pintor Bernardo Strozzi (1581-1644), o qual, capuchinho contra a sua vontade, fugiu da ordem e em Veneza se fez pintor e arquiteto da República.

[118] *Perugino*: sobrenome de Pietro Vannucci (1446-1524), nascido em Perugia, mestre de Rafael e cuja arte forma a transição entre os mestres primitivos e os grandes pintores da Renascença; autor de famosas Virgens.

[119] *Correggio*: sobrenome do pintor Antonio Allegri (1489-1534), nascido em Correggio, autor, entre outros quadros famosos, de uma *Assunção da Virgem*, que orna a cúpula da catedral de Parma. Foi ele que, ainda moço, à vista de umas grandes telas de Mantegna, descobriu a própria vocação, exclamando: “*Ed anch’io sono pittore!*”.

[120] *Andrea del Sarto* (1486-1530): pintor italiano, famoso membro da escola Florentina, decorador do palácio Pitti; sua vida, trágica devido às infidelidades da mulher, forneceu assunto para um pequeno drama de Alfred de Musset.

[121] *Boulle*, ou melhor, *Boule*: André-Charles Boulle (1642-1732), famoso marceneiro

que se especializou na combinação, em seus móveis, de madeiras de várias espécies e de incrustações de metais preciosos.

[122] *Srta. de Romans*: uma das inúmeras amantes de Luís xv, a qual lhe teria sido vendida por seus pais quando mal tinha doze ou treze anos e dele teve um filho (que seria mais tarde o abade Bourbon).

[123] *Petite Provence*: parte do jardim das Tuileries, passeio preferido dos políticos durante a Restauração.

[124] *Sophie Dawes* (1795-1841): filha bonita de um pobre pescador, que se tornou atriz. Já tivera muitos amantes, quando o duque de Bourbon, último príncipe de Condé, se apaixonou por ela e a fez desposar por seu ajudante de ordens para encontrá-la com mais facilidade. Em 1830 o duque foi encontrado enforcado em seu quarto depois de ter feito um testamento em favor de Sophie. O testamento foi impugnado pelos parentes, que contestaram o suicídio. O processo intentado por eles fez enorme escândalo na época.

[125] *Carême*: Marie-Antoine Carême (1784-1833), famoso cozinheiro que serviu a Talleyrand, a Rothschild e ao imperador da Rússia; autor de várias obras sobre gastronomia.

[126] *Rouelle*: Guillaume-François Rouelle (1703-1770) ou Hilaire-Marin Rouelle (1718-1779), ambos químicos e professores de química nos cursos do Jardin des Plantes.

[127] *Veneza salva*: tragédia de Thomas Otway (1652-1685), escrita em 1682. Numa das cenas mais famosas aparece o velho senador Antônio com a amante, a cortesã Aquilina. O ancião depravado, ao mesmo tempo ridículo e repelente, espécime da decadente aristocracia veneziana, procura divertir a amante com os gracejos mais estranhos e chega a fazer-se de cão, dando pulos, latindo e mordendo-lhe as pernas.

[128] *Srta. Georges*: Marguerite Georges Weimer (1787-1867), famosa atriz da época, apontada como a ex-amante de Napoleão.

[129] *Gulnare e Medora*: as duas amantes de Conrado no *Corsário*, de Byron, a primeira impetuosa e ardente, a segunda elegíaca e tenra.

[130] *Teriaki*: comedor e fumador de ópio, no Oriente.

[131] *Sra. Eurard* (e não Everard): personagem da comédia *Le Vieux Célibataire*, de Collin d'Harleville; governanta ambiciosa e astuta que tece intrigas para se fazer desposar pelo seu patrão, o velho celibatário.

[132] *Le Constitutionnel*: ver a nota 102.

[133] *La Pandore*: jornal teatral que existiu de 1823 a 1828.

[134] A intervenção francesa na Espanha verificou-se em 1823.

[135] Após a derrota na Rússia, Napoleão ordenou um novo recrutamento para levantar novos exércitos.

[136] *Berton*: barão Jean-Baptiste Berton (1769-1822), general do Império; demitido durante a Restauração, procurou organizar, em 1822, um levante armado e atacou a cidade de Saumur. Preso e julgado, foi executado em Poitiers.

[137] Alusão a uma fábula de Fedro, “As rãs pedem um rei a Júpiter”.

[138] *Sr. de Rivière*: marquês Charles-François de Riffardin (1763-1828), embaixador da França em Constantinopla de 1816 a 1820.

[139] *Cada vez mais forte*: divisa de Nicolet, fundador do Théâtre de la Gaîté.

[140] *Telêmaco*: filho de Ulisses e de Penélope, que partiu à procura do pai. Fénelon publicou *As aventuras de Telêmaco* (1699), um romance escrito à maneira das epopeias antigas e que teve êxito enorme.

[141] *Mascarille e Scapino*: ver a nota 111.

[142] *Marechal Bertrand*: conde Henri-Gatien Benrand (1773-1844), general de Napoleão que acompanhou a este em seu exílio, primeiro a Elba e depois a Santa Helena, de onde lhe reconduziu as cinzas à França em 1840.

[143] *Viver é como bater*: corruptela de provérbio (“viver é combater”) como as feitas

por Mistigris em *Uma estreia na vida*; mais um expediente do romancista para ligar suas narrativas.

[144] *Poussin*: Nicolas Poussin (1594-1665), um dos pintores mais ilustres da França, autor de quadros de assuntos bíblicos e mitológicos. *Poussin* é também nome comum e significa “pinto”; por isso a ignorante Gapuiadora o confunde com *poulet* (frango).

[145] *Em 1830*: há aqui um cochilo de Balzac, assinalado por Francisque Sarcey (*apud* Allem, *op. cit.*, p. 406). Toda a ação do romance se desenvolve durante a Restauração; é pois anacrônica a alusão a fatos ulteriores a essa época.

[146] *Trente Ans, ou La Vie d'un joueur*: melodrama de Ducange e Dinaux, representado pela primeira vez em junho de 1827.

[147] *Os quatro sargentos de La Rochelle*: Bories, Goubin, Pommier e Raoulx. Moços de menos de trinta anos, associados ao movimento carbonário, conspiraram contra os Bourbon; arrestados em La Rochelle, onde seu regimento estacionava, foram trazidos a Paris, condenados à morte e executados em 1822.

[148] A respeito do caso *Berton*, ver a nota 136.

[149] *Augustin-Joseph Caron*, tenente-coronel de Napoleão, tomou parte em duas conspirações. Na de 19 de agosto de 1820, foi absolvido pela Câmara dos Pares; na de 1822, condenado por um Conselho de Guerra e executado.

[150] *Mongenod*: personagem de *A comédia humana*; banqueiro de muitos heróis de Balzac, entre eles Mignon de la Bastie (em *Modesta Mignon*, no volume 1 desta edição) e o marquês D'Espard (em *A interdição*, no volume 4 desta edição).

[151] *Fugit ad salices!*: “foge aos salgueiros”. Palavras do pastor Dametas, na 3ª Écloga de Virgílio. Refere-se ele a sua amante brincalhona, Galateia, a qual, atirando-lhe uma maçã, foge e se esconde atrás dos salgueiros, mas de maneira a ser vista.

[152] *Bene sît* (em latim no original): “assim seja”.

[153] *Pequeno Tosquiado: le Petit Tondou*, apelido dado a Napoleão por seus soldados.

[154] *Hudson Lowe* (1769-1844): general inglês, carcereiro de Napoleão em Santa Helena.

[155] O trocadilho francês, baseado na frase feita *avoir une dent contre quelqu'un* (estar zangado contra alguém), perdeu-se na tradução.

[156] *César Borgia* (1475-1507): príncipe e cardeal italiano, político hábil mas inescrupuloso, que se manchou com muitos crimes; serviu de modelo ao *Príncipe*, de Maquiavel.

[157] *A Constituição* (em francês *Charte*) outorgada em 4 de junho de 1814 por Luís XVIII era desaprovada pelos reacionários, entre eles Fouché, o qual, nomeado ministro da Polícia por Napoleão, conservou esse lugar sob o novo regime.

[158] Ato I, cena 2, de *Ricardo iii*, de Shakespeare.

[159] *Nathan*: personagem de *A comédia humana*, já encontrado em *Uma filha de Eva*, de que é um dos protagonistas (no volume 2 desta edição).

[160] *Srta. Ester*: trata-se de Ester van Gobseck, protagonista de *Esplendores e misérias das cortesãs*.

[161] *Lord Dudley*: personagem de *A comédia humana*, já encontrada acessoriamente em *Outro estudo de mulher*.

[162] *De Marsay*: protagonista de *A comédia humana*; foi ele que, em *O contrato de casamento*, procurou aconselhar Paulo de Manerville contra a esposa.

[163] Foi o *duque de Rhétoré*, irmão de Luísa de Chaulieu (*Memórias de duas jovens esposas*), quem desposou a duquesa de Argaiolo (*Alberto Savarus*).

[164] *Duque de Maufrigneuse*: ver a nota 60.

[165] *Luís xii* ficou viúvo de Ana de Bretanha em 1514, quando tinha cinquenta e um anos. Morreu em 1º de janeiro de 1515, três meses depois de seu segundo casamento com a jovem Maria de Inglaterra, irmã de Henrique VIII.

[166] *Napoleão ii*: filho de Napoleão Bonaparte; reconhecido imperador pelas Câmaras depois da segunda abdicação de seu pai, quando tinha apenas quatro anos.

Passou toda a vida como duque de Reichstadt, no castelo de Schoenbrunn, junto ao avô, o imperador Francisco II da Áustria, e morreu aos vinte e um anos.

[167] *O conde Jean Rapp* (1772-1821): general de Napoleão. Aprisionado após a defesa heróica de Dantzig, voltou à França depois da queda do Império e submeteu-se a Luís XVIII, que, durante os Cem Dias, lhe confiou o comando de um exército mandado contra Napoleão. Passou-se então Rapp para o seu antigo chefe, mas depois rendeu-se aos aliados. Apesar dessas oscilações, o rei o nomeou par de França e, mais tarde, seu camareiro.

[168] *Laurent Gouvion-Saint-Cyr* (1764-1830): marechal de Napoleão, aderiu à Restauração em 1815; ministro, sucessivamente, da Guerra, da Marinha e novamente da Guerra, até 1819.

[169] *O conde de Soulanges* já foi encontrado em *A paz conjugal* (no volume 2 desta edição), onde o vimos fazer as pazes com a esposa temporariamente abandonada.

[170] *Élysée-Bourbon*, ou simplesmente *Élysée*, atualmente residência do presidente da República, era durante a Restauração residência do duque e da duquesa de Berry.

[171] *Srta. des Touches* ou *Camille Maupin*: personagem balzaquiana, protagonista de *Beatriz* (no volume 3 desta edição).

[172] *Gros*: ver a nota 22.

[173] *Gérard*: ver a nota 32.

[174] *Père-Lachaise*: famoso cemitério de Paris, cenário do capítulo final de *O pai Goriot* (no volume 4 desta edição).

[175] *Chauvelin*: marquês Bernard-François de Chauvelin (1766-1832), diplomata da Revolução, governador-geral da Catalunha durante o Império, deputado oposicionista durante a Restauração, orador espirituoso e mordaz.

[176] *Charlet*: Nicolas-Toussaint Charlet (1792-1845), desenhista de renome. Conhecido sobretudo pelas suas cenas populares.

[177] A história de Ida Gruget será contada em *Ferragus* (no volume 8 desta edição).

[178] Este verso — *Elle aimait trop le bal, c'est ce qui l'a tuée* — encontra-se no poema *Fantômes*, do volume *Les Orientales*.

[179] *Bonneau*: personagem não identificada com segurança. Parece tratar-se de um dos tipos da *Donzela*, de Voltaire, o conselheiro Bonneaud, que serviu de alcoviteiro entre Carlos VII e Agnès Sorel.

[180] *Du Tillet*: protagonista de *A comédia humana*; banqueiro pouco escrupuloso, inimigo de Raul Nathan em *Uma filha de Eva*.

[181] *Nucingen*: protagonista de *A comédia humana*; banqueiro riquíssimo, um dos genros do Pai Goriot. Também apareceu em *Uma filha de Eva*.

[182] *Máximo de Trailles*: personagem balzaquiana; amante da condessa de Restaud, que por causa dele vendeu os diamantes do marido (*Gobseck*); urdiu a intriga para reconciliar Calisto du Guénic com a mulher (*Beatriz*).

[183] *O duque Fernando de Grandlieu* tinha várias filhas: uma delas, Sabina, casou com Calisto du Guénic (*Beatriz*); outras aparecerão nos volumes seguintes.

[184] *Srta. de Langeais*: esta personagem de *A comédia humana* não chegou a casar-se e acabou por entrar num convento (*Um episódio do Terror*).

[185] Carlos X residiu em Saint-Cloud durante a Revolução de Julho.

[186] Já em *Uma estreia na vida* vimos o discípulo de José Bridau, Leão de Lora ou Mistigris, divertir-se a deformar provérbios. Aqui, do ditado *Les bons comptes font les bons amis* (As boas contas fazem os bons amigos), fez este: *Les bons comtes ont les bons habits* (Os bons condes têm boas vestes). Ver também a nota 143.

[187] *La pépie vient en mangeant* (A pevide vem enquanto se come) em vez de *L'appétit vient en mangeant* (O apetite vem enquanto se come).

[188] *De actu et visu* (em latim no texto): “por experiência e de vista”.

[189] *Iroqueses*: tribo de índios da América do Norte, a sudeste dos lagos Erie e Ontário, que estiveram em guerra com os franceses até 1700.

[190] *O Artigo-de-Paris*: nome que se dá aos objetos de moda e aos produtos industriais fabricados especialmente em Paris.

[191] *Nunca nome algum esteve mais em harmonia...* segundo uma teoria de Balzac, meio pilhérica, meio séria, herdada aliás de Sterne, na vida real existe uma relação misteriosa entre as pessoas e seus nomes. São frequentes em seus romances observações como esta: “Suas maneiras, sua fisionomia, seu modo de falar, sua atitude, tudo concorda com a brevidade de seu nome, Dumay” (*Modesta Mignon*). O nome de Gaudissart, aliás, evoca o antigo verbo francês *gaudir* (“regozijar-se”).

[192] *Similia similibus*: “semelhantes por semelhantes”. Divisa da homeopatia; como se sabe, consiste esse método terapêutico em administrar remédios capazes de produzir no organismo efeitos parecidos aos da doença que se pretende curar.

[193] *Invólucro rabelaisiano*: provavelmente não de Rabelais, mas sim de suas personagens, Gargântua e Pantagruel, dois gigantes joviais, amigos da boa mesa.

[194] *O rebulição de 1830...* A Revolução de Julho pôs fim ao reinado de Carlos X, do ramo primogênito dos Bourbon, de tendências reacionárias, e levou ao poder Luís Felipe, que iniciou um sistema de governo mais liberal.

[195] *Urbi et orbi*: “à cidade (de Roma) e ao Universo”. Palavras que fazem parte da bênção papal para indicar que ela se estende ao mundo inteiro; empregam-se também no sentido geral de “a todos”.

[196] O paxá *Shahabaham* é protagonista do *vaudeville O urso e o paxá*, de Scribe e Xavier.

[197] *O Globo: Le Globe*, jornal fundado em 1824 por Pierre Leroux e M. Dubois, que foi primeiramente órgão dos Doutrinários até 1830; depois, passou a propagar o movimento saint-simonista, sucedendo ao *Organisateur* (fundado em 1827) e ao *Producteur* (1825), porta-vozes anteriores do movimento. — *O Movimento: Le Mouvement*, “jornal político das necessidades novas”, fundado em 1831; deve o seu nome à facção mais avançada do partido realista constitucional. Essa facção, que teve um instante o poder com Laffitte, fez, depois da queda deste, oposição à facção “da resistência”.

[198] *A doutrina de Saint-Simon*: essencialmente romântica, exerceu influência enorme sobre a literatura do século XIX. O conde Claude-Henri de Saint-Simon (1760-1825), espírito generoso e fecundo, teve uma vida cheia de vicissitudes. Voluntário, foi combater ao lado de La Fayette pela independência dos Estados Unidos: preso pelos Revolucionários, salva-se por milagre; enriquece por meio de grandes especulações e leva uma vida luxuosa; depois, de repente, retira-se da sociedade, consagrando-se aos estudos e à elaboração de seu Novo-Cristianismo, em que — segundo expressão de Roger Picard — “procura fundir o misticismo e o racionalismo, envolvendo-os de cientismo”. Passa a fase final de sua vida na miséria, o que, porém, não consegue vencê-lo nem impedi-lo de continuar o seu apostolado em novas obras. Um pormenor de sua biografia caracteriza bem essa estranha figura de romance. Quando era rico, seu criado tinha a obrigação de vir despertá-lo diariamente com estas palavras: “Acorde, sr. conde, o senhor tem grandes coisas para fazer”. Saint-Simon queria reorganizar a humanidade conforme o princípio: “A cada um segundo sua capacidade, a cada capacidade segundo suas obras”; previa o fim do antagonismo por meio da “associação universal”, preconizava a supressão da propriedade hereditária; atribuía ao Estado a propriedade de todas as riquezas e o direito de distribuir os instrumentos de produção. Depois de sua morte, os discípulos transformaram-lhe a doutrina numa espécie de religião. O escândalo da colônia coletivista que fundaram em Mênilmontant, suas dissensões internas, o malogro de uma expedição ao Egito à procura da Mulher-Messias acabaram com o saint-simonismo por volta de 1848. A doutrina deixou marcas profundas na obra de quase todos os escritores românticos: Hugo, Lamartine, Vigny, Eugène Sue, Béranger.

[199] *A sociedade secreta dos carbonários* foi organizada primitivamente na Itália

por patriotas hostis à ocupação francesa; o nome deriva do fato de seus adeptos terem-se encontrado nas florestas como *carvoeiros*. Após a derrota de Napoleão, os carbonários passaram a combater os soberanos restaurados em 1814. Na França, o carbonismo assumiu caráter republicano e provocou as tentativas revolucionárias do general Berton, do coronel Caron e dos quatro sargentos da Rochelle. (Ver as notas 136, 147 e 149 de *Um conchego de solteirão*.)

[200] *Ginásio*: Gymnase ou Gymnase Dramatique, teatro inaugurado em 1820, no qual durante muito tempo se representaram quase exclusivamente *vaudevilles*, comédias leves e algo brejeiras.

[201] *Os Filhos*: é o *Journal des Enfants*, fundado por Latour-Mezeray e Émile de Girardin, e que teve grande êxito na época. Na tradução modificou-se o título para tornar possível conservar o trocadilho.

[202] *Sainte-Pélagie*: antiga prisão de Paris, a qual, na época de Balzac, tinha uma seção para devedores insolventes.

[203] *Mayeux*: um dos tipos da caricatura do século XIX, representado como uma pessoa gorda, corcunda, de nariz grande e lábios tímidos; encarnava o burguês sensual, cínico, vicioso, irreligioso, mas ao mesmo tempo muito moralista em política, partidário da Carta Constitucional. Os caricaturistas atribuíram-lhe todas as profissões, faziam-no aparecer em todos os lugares.

[204] *Finot*: personagem de *A comédia humana*, que acabamos de encontrar em *Um conchego de solteirão*. Sobrinho do capitão Giroudeau, conseguiu colocar seu tio e o amigo deste, Felipe Bridau, como caixas de dois jornais, um dos quais dirigia.

[205] *Popinot*: personagem balzaquiana, sobrinho do íntegro juiz, João-Júlio Popinot, a quem vimos opor-se às injustas pretensões da sra. D'Espard (em *A interdição*). A história da mocidade de Anselmo Popinot será contada em *César Bروتteau*.

[206] *Os Debates...* O *Journal des Débats* era primitivamente simples registro das assembleias revolucionárias; durante a Restauração, tornou-se órgão do Centro-Esquerda, de tendências semiliberais; continuou a sair até 1944.

[207] *Bigodes à Julho*: alusão aos partidários do movimento liberal de 27 e 28 de julho de 1830, provocado pelas ordenanças reacionárias de Carlos X, que pôs fim ao reino do ramo primogênito dos Bourbon, e levou ao trono Luís Felipe.

[208] *Palerma*: em francês *ganache*, pessoa desprovida de inteligência e de talento, ou atrasada em relação à sua época; termo aplicado pelos liberais aos conservadores.

[209] *Apesar dos pesares*: em francês *quand même*. Essa expressão que, sob Luís Felipe, era a divisa dos legitimistas derrotados para significar que não se conformavam com a situação, era uma espécie de *slogan* na época e ocorre frequentemente sob a pena de Balzac.

[210] Cita-se frequentemente este famoso trecho sobre a Touraine para explicar traços próprios de Balzac, que nasceu em Tours, capital dessa província da França. Em nossa *Vida de Balzac* (volume 1 desta edição) indicamos o que podia haver de apressado em tais aproximações, pois nem o pai nem a mãe de Balzac eram da Touraine; além disso, o escritor passou ali parte muito pequena de sua infância.

[211] *Rabelais*: François Rabelais (1494-1553), uma das figuras mais completas e atraentes do Renascimento francês; beneditino, médico, professor de anatomia, cura de Meudon e, sobretudo, autor da *Vida inestimável de Gargântua* e dos *Feitos e ditos heroicos do grande Pantagruel*.

[212] *Semblançay*: Jacques de Semblançay (1445-1527), financista francês, ministro de Luís XII e de Francisco I. Acusado por seus inimigos, ao que parece injustamente, de dilapidação do Tesouro, foi enforcado.

[213] *Plantin*: Cristophe Plantin (1520-1589), impressor de Tours; montou em Antuérpia uma tipografia mundialmente conhecida pela perfeição de seus serviços.

[214] *Descartes*: René Descartes (1596-1650), fundador da filosofia moderna, autor

do *Discurso do método*.

[215] *Boucicaut*: Jean le Maingre, senhor de Boucicault (1366-1421), nascido em Tours, marechal de França, capitão célebre por sua coragem e seu espírito cavalheiresco. Feito prisioneiro pelos ingleses na batalha de Azincourt (1415), morreu na Inglaterra.

[216] *Pinaigrier*: Robert Pinaigrier (1490?-1550?), renomado pintor de vitrais.

[217] *Verville*: Béroalde de Verville (1558-1612), escritor francês, autor de *O meio de chegar a uma situação*, diálogo cheio de espírito, às vezes licencioso.

[218] *Courier*: Paul-Louis Courier (1772-1825), escritor francês, considerado mestre do estilo, autor de famosos panfletos contra a Restauração. Nasceu em Paris, mas passou grande parte da vida na Touraine.

[219] *A abadia de Thélème*: comunidade ideal de epicuristas, onde se goza uma vida feliz, imaginada por Rabelais em seu *Gargântua*. À porta desta espécie de Pasárgada lê-se a convidativa divisa *Fais ce que voudras* ("Faze o que quiseres").

[220] *O "cant" inglês*: mistura de carolice, pedantismo e solenidade, considerada parte do caráter inglês e satirizada por muitos escritores.

[221] *Charenton*: cidadezinha do departamento do Sena, conhecida por seu grande hospício de alienados.

[222] *Dr. Dubuisson*: não conseguimos encontrar nenhum alienista deste nome entre os contemporâneos de Balzac.

[223] *Dr. Esquirol*: Jean-Étienne-Dominique Esquirol (1772-1840), médico francês, um dos fundadores da psiquiatria moderna; diretor do hospício de Charenton. Em suas obras apontou os abusos do regime bárbaro infligido naquela época aos alienados, ensinando que eles também são doentes que precisam de tratamento adequado e não de coersão.

[224] *Blanche*: dr. Esprit Blanche (1796-1852), médico alienista; abriu em Paris, em 1821, uma casa de saúde para doentes mentais, que em pouco tempo se tornou famosa.

[225] Trata-se de um dos "gabinetes de cera" fundados em Paris pelo alemão Curtius por volta de 1770. O do Palais-Royal era consagrado às figuras de cera dos grandes homens, o do Boulevard du Temple às efígies dos assassinos e outros criminosos. Os "gregos e turcos" a quem se refere o autor deviam representar soldados da guerra entre esses dois povos, guerra terminada em 1830 com o tratado de Londres, que reconheceu a independência da Grécia.

[226] *Murat*, o cunhado de Napoleão, foi rei de Nápoles de 1806 a 1815.

[227] *Vico*: Giambattista Vico (1668-1744), ilustre filósofo e historiador italiano, professor da Universidade de Nápoles, autor, entre outras obras, de *Princípios de uma ciência nova relativa à natureza das nações* e de *Princípio da filosofia da história*. Antecipou as dúvidas de Wolf sobre a existência de Homero e as de Niebuhr sobre os primeiros séculos da história romana. Esse grande espírito teve uma vida difícil e morreu na miséria.

[228] *Ballanche*: Pierre-Simon Ballanche (1776-1847), pensador francês que de simples tipógrafo se tornou escritor. Sua primeira obra, *Do sentimento considerado em suas relações com a literatura*, talvez tenha inspirado *O gênio do cristianismo*, de Chateaubriand. Entre seus outros livros, cheios de forte sentimento religioso, escritos num estilo poético, e muitas vezes obscuros, lembrem-se de *Ensaio sobre as instituições sociais* e *Ensaio de palingenesia social*.

[229] *Séraphin*: nome do diretor de um pequeno teatro de sombras chinesas, inaugurado em 1784 no Palais-Royal, onde permaneceu até 1858.

[230] *Nicolet*: ver a nota 139 de *Um conchego de solteirão*.

[231] A data de novembro de 1837 está inexata; segundo o Visconde Spoelberch de Lovenjou (*Histoire des œuvres de Balzac*, p. 82), deve ser substituída por novembro de 1833.

[232] *Conde Ferdinand de Gramont*: escritor francês (1815-1897), tradutor de Petrarca e do livro de Job; em seu volume de poema *Sextilhas* reviveu esse gênero de poesia; amigo de Balzac. Secretário de Balzac durante algum tempo, foi ele quem elaborou o armorial das personagens de *A comédia humana*.

[233] *Habent sua fata libelli*: frase latina, tornada proverbial, do gramático Terenciano Mauro; significa: “Os livros têm o seu destino”.

[234] *D’Hozier*: Pierre D’Hozier (1592-1660), genealogista francês, autor de uma *Genealogia das principais famílias da França*, em 150 volumes.

[235] *Chérin*: Louis-Nicolas-Henri Chérin (1762-1799), genealogista e militar francês, autor de uma coletânea de legislação nobiliária.

[236] *Pulchre sedens, melius agens*: “Sentando-se bem, agindo melhor”. As divisas dos escudos, muitas vezes, dão uma explicação do nome de quem os usa. A primeira parte desta divisa é a tradução latina do nome Beauséant (*beau séant*).

[237] *Des partem leonis*: “Dá a parte do leão”. Aqui também — como diversas vezes acontece em heráldica — a divisa é baseada num trocadilho e sugere que o nome de D’Espard deriva das duas primeiras palavras dessa frase latina.

[238] *Ne se vend*: “Não se vende”. Divisa que constitui um anagrama tirado do nome Vandenesse.

[239] *Chassé-croisé*: certo passo de dança; em sentido figurado, “série de evoluções que se sucedem sem dar resultado”. Neste trecho, refere-se à Revolução de Julho de 1830, que fez suceder a casa de Orléans à de Bourbon e à qual Balzac, favorável aos Bourbon, sempre se referia com sarcasmos.

[240] *Os cameronianos*: denominação dos adeptos de uma seita presbiteriana escocesa, inimiga da Monarquia; vem do nome de seu chefe, Archibald Cameron. Sob a direção deste, seus partidários organizaram, no fim do século XVII, uma revolta republicana, no decorrer da qual praticaram atos de crueldade fanática, descritos no romance de Walter Scott, *Os puritanos da Escócia*. Só em 1709 foram vencidos definitivamente.

[241] *Horácio Bianchon*, uma das glórias da medicina moderna, é personagem inventada por Balzac, por sinal uma das mais vivas de toda a sua grande galeria. Já encontramos Horácio mais de uma vez: como estudante, à cabeceira do moribundo Goriot (em *O pai Goriot*); como auxiliar do famoso Desplein, curioso de resolver a aparente contradição entre as palavras e os atos de seu ilustre mestre (em *A missa do ateu*); como médico de grande número de doentes de *A comédia humana*: a sra. Bridau (em *Um conchego de solteirão*), Luísa de Chaulieu (em *Memórias de duas jovens esposas*, *Pierrette*) etc. — *Estêvão Lousteau*: personagem balzaquiana. Jornalista de talento, mas sem moral nem compostura, foi quem se encarregou, por dinheiro, de arruinar a condessa Felipe Bridau, a antiga Gapuiadora (*Um conchego de solteirão*).

[242] O partido da *Doutrina* abrangia os realistas constitucionais que representavam, durante a Restauração, o “justo meio”. O reinado de Luís Felipe marcou, sob a chefia de Guizot, a ascensão deles ao poder.

[243] *Dux femina facti*: “O chefe da empresa é uma mulher”. Verso de *Eneida*, de Virgílio (livro I, verso 364), em que o poeta se refere a Dido, que foge da tirania do irmão para fundar nas margens do Mediterrâneo um novo reino, Cartago.

[244] *George Sand*: pseudônimo de Aurore Dupin (1803-1876), célebre autora de romances sentimentais, sociais e campestres. Era amiga de Balzac, que a retratou na figura de Camille Maupin em *Beatriz* (volume 3 desta edição).

[245] *Marechal de Saxe*: conde Maurice de Saxe (1696-1750), marechal da França, um dos maiores capitães de seu tempo. A avó de George Sand era sua filha ilegítima.

[246] *O Édito de Nantes*, promulgado por Henrique IV, em 1598, outorgava diversos direitos aos calvinistas da França; sua revogação, em 1685, por Luís XIV, motivou a emigração de grande número de protestantes.

- [247] *Fontenoi*: cenário de famosa batalha em que, no dia 11 de maio de 1745, o marechal de Saxe venceu os ingleses. Quando a cabeça da coluna inglesa chegou perto dos franceses, um oficial inglês teria gritado ao conde d'Anterroche: “Mande seus soldados atirarem”; “Não, senhor, a honra é vossa”, teria respondido este. Essa cortesia custou aos franceses muitas baixas.
- [248] *Duque de Nivernois*: Louis Jules Mancini-Mazarini (1716-1798), diplomata e escritor francês, ministro de Necker; autor de poesias originais e de traduções e imitações de poetas latinos, gregos, italianos, ingleses. É considerado tipo do perfeito gentil-homem. Em 1791 recusou-se a emigrar e permaneceu na França como “cidadão Mancini”.
- [249] *De Castéran la Tour*: família da alta aristocracia, inventada por Balzac. A protagonista do romance *Beatriz*, casada com o marquês de Rochefide, era também uma Castéran.
- [250] *Lúculo*: general romano que dirigiu, antes de Pompeu, a guerra contra Mitridates, e se tornou famoso por seu luxo e seu excessivo amor pelos prazeres da mesa.
- [251] *Vanitas vanitatum et omnia vanitas*: “Vaidade das vaidades e tudo é vaidade”. Palavras do Eclesiastes — na tradução latina da Vulgata — com as quais se deplora a inanidade das coisas do mundo.
- [252] *Fontenelle*: Bernard le Bovier de Fontenelle (1657-1757), sábio francês, famoso por seu espírito; autor, entre outras obras, de *Conversações sobre a pluralidade dos mundos*. De compleição pouco robusta, conseguiu, graças a um regime de vida cuidadosamente estudado, chegar à idade de cem anos, conservando até o fim a lucidez e rindo de alguns contemporâneos que lhe atribuíam a longevidade a um egoísmo excessivo.
- [253] *Piédefer*: “pé de ferro”.
- [254] *Convencional*: membro da Convenção Nacional, assembleia revolucionária que governou a França de 21 de setembro de 1792 a 26 de outubro de 1795.
- [255] *Pavilhão Marsan*: residência do conde de Artois, futuro Carlos X. O hábil ministro era Villèle, presidente do Conselho e ministro da Fazenda.
- [256] *Marchangy*: Louis-Antoine de Marchangy (1782-1826), nascido em Clamecy, no Nièvre. Autor de *A Gália poética* e de *Tristão, o Viajante, ou a França do século xiv*, epopeias em prosa, respectivamente de oito e seis volumes. Como magistrado, exerceu o cargo de procurador do rei e celebrizou-se pela ferocidade de seus requisitórios nos processos políticos de maior repercussão, como o dos quatro sargentos da Rochelle.
- [257] *Palais-Royal*: famoso bloco de edifícios no centro de Paris, construído em 1629 por Lemercier e que, durante parte do século XVII, serviu de residência real. Na época do romance, suas galerias cobertas constituíam o passeio preferido do mundo elegante, mas abrangiam também casas de jogo, como veremos no capítulo I de *A pele de onagro*.
- [258] *Monsieur*: nome que se dava na França ao irmão mais velho do rei; no caso, o conde de Artois, futuro Carlos X.
- [259] *Des Lupeaulx*: personagem de *A comédia humana*, político ambicioso e inteligente que serviu ao governo em muitas missões delicadas.
- [260] *Terceiro Estado*: em francês, *Tiers État*, a parte da nação francesa que não pertencia nem à nobreza nem ao clero; burguesia.
- [261] *Philibert Delorme* (1515-1570): famoso arquiteto francês, construtor das Tuileries e de vários castelos de província, entre os quais o de Anet.
- [262] *Casa D'Uxelles*: família da alta aristocracia inventada por Balzac, à qual pertence a duquesa de Maufrigneuse, em solteira Diana d'Uxelles, amante, entre outros, de Viturniano D'Esgrignon.
- [263] *Formicaleo*: nome latino da formiga-leão, inseto da família dos

mirmelionídeos, cujas larvas se alimentam de formigas.

[264] *Conde de Fontaine*: já nosso conhecido na novela *O baile de Sceaux*, onde expunha suas ideias políticas de caráter conservador; pai da orgulhosa Emília de Fontaine, que, depois de recusar todos os partidos, acabou por casar com seu velho tio, o conde de Kergarouët.

[265] *Safo*: poetisa grega, nascida em Lesbos, que viveu entre os séculos VII e VI antes de Cristo. Contemporânea e rival de Alceu, alcançou a celebridade por suas poesias líricas, pela escola de música e poesia que mantinha em Mitilene e por sua vida amorosa. Uma paixão infeliz a teria levado a suicidar-se jogando-se no mar do alto de um rochedo.

[266] *Bailio de Ferrette* (1745-18?): embaixador do grão-ducado de Bade, protetor das artes, notável pela magreza e pela estatura pequena.

[267] *O duque d'Hérerville*: personagem balzaquiana, cuja linhagem brilhante e belos dotes intelectuais contrastavam com sua infeliz aparência física, pois era um verdadeiro anão. Já o encontramos em *Modesta Mignon*, onde namorava a heroína, mas foi vencido por Ernesto de La Bastie.

[268] *Madame de Staël* (1766-1817): filha do ministro Necker, autora de livros muito lidos em seu tempo (*Corina*, *Delfina*, *Da Alemanha*). De tendências liberais, era inimiga de Napoleão e viveu exilada na Suíça.

[269] Essa venda se realizou depois da morte de João-Jaques Rouget, protagonista de *Um conchego de solteirão*.

[270] *Sommerard*: Alexandre du Sommerard (1779-1842), arqueólogo e colecionador francês, cuja coleção foi comprada pelo Estado depois de sua morte e transformada em museu sob o nome de Museu Cluny (assim chamado por estar no palácio de Cluny). — *Old Mortality*: romance histórico de Walter Scott publicado em 1816, ambientado entre 1679 e 1689.

[271] *Jean Goujon*: arquiteto francês (1510-1568?) que tomou parte na decoração do Louvre e da igreja de Saint-Germain l'Auxerrois.

[272] *Michel Colomb*: escultor francês (1430-1512), autor do túmulo de Francisco II de Bretanha, em Nantes.

[273] *Germain Pilon*: escultor francês, autor dos mausoléus de Francisco II e Henrique II, em Saint-Denis.

[274] *Boulle*: ver a nota 121 de *Um conchego de solteirão*.

[275] *Van Huysum*: na realidade Van Huysum, nome de uma família de pintores holandeses, entre os quais Jan (1682-1749), que se especializou em naturezas-mortas, e Justus (1659-1716), em quadros de batalhas.

[276] *Boucher*: Jean Boucher (1575-1632), nascido em Bourges, mestre de Pierre Mignard; seus quadros mais notáveis ornam diversas igrejas do Berry.

[277] *Clodion*: Claude Michel (1738-1814), dito Clodion, escultor especializado em trabalhos de madeira, graciosos e leves.

[278] *Brustolone*: Andrea Brustolon (1662-1732), escultor nascido em Belluno, em cujas igrejas executou a maioria de seus afamados trabalhos esculpidos em madeira.

[279] *Bernard Palissy*: escritor, sábio e artista francês (1510?-1590?), um dos fundadores da cerâmica francesa, autor de vasos de terracota ornados de figuras esculpidas.

[280] *Petitot*: Jean Petitot (1607-1691), célebre pintor de esmaltes.

[281] *Albrecht Dürer*: pintor e gravador alemão (1471-1528), um dos maiores artistas de todos os tempos; aperfeiçoador das artes da xilogravura e da água-forte.

[282] *Immanuel Kant* (1724-1804): filósofo alemão, autor, entre outras obras, da *Crítica da razão pura* e da *Crítica da razão prática*.

[283] *Medoro e Angélica*: personagens de *Orlando furioso*, de Ariosto. A linda Angélica, apaixonada pelo nobre Medoro, desdenha o amor dos paladinos mais ilustres, inclusive de Orlando.

[284] *Poesias juvenalescas*: isto é, pertencentes ao gênero do poeta latino Juvenal, a sátira.

[285] *Heloísa*: religiosa francesa (1101-1164), famosa por seu amor a Abelardo. — *Júlia*: personagem imaginária, heroína da *Nova Heloísa*, de Rousseau.

[286] *Camille Maupin*: pseudônimo literário de *Felicidade des Touches*, uma das protagonistas de *Beatriz*. Ver também a nota 13.

[287] *Nathan*: personagem balzaquiana; já o encontramos num episódio em que esteve a ponto de conquistar a condessa Maria de Vandenesse e em que só por um triz escapou de morte vergonhosa, tentando contra a própria vida, num momento de desespero (*Uma filha de Eva*).

[288] *O meio-termo*: alusão à política de Luís Felipe, que procurava manter-se a igual distância da direita (os Bourbon) e da esquerda (os liberais fiéis às ideias da Revolução Francesa).

[289] *Popinot-Chandier*: provavelmente ligado à família do juiz João-Júlio Popinot, protagonista de *A interdição*.

[290] *Le Constitutionnel*: jornal liberal, fundado durante os Cem Dias, em 1815, de tendências bonapartistas e cujas campanhas contra os Bourbon preparavam a Revolução de Julho de 1830. Sua antipatia pela Inglaterra, carcereira de Napoleão, levou-o a servir-se frequentemente da locução “pérfida Albion”, usada para caracterizar a má-fé tradicional dos governos ingleses.

[291] *Rossini, Meyerber* etc. Todos os escritores e artistas aqui enumerados eram amigos de Balzac, e este, evidentemente, quis ser atencioso com eles, incluindo-lhes os nomes neste romance. Entre eles, exigem explicação apenas os nomes de *Jules Dupré* (1811-1889), pintor francês, um dos fundadores da escola paisagística moderna, e de *David d’Angers* (1783-1856), ilustre escultor francês que fez um busto de Balzac; o escritor dedicou-lhe *O cura de Tours*.

[292] *Lacenaire*: Pierre-François Lacenaire (1800-1836), criminoso responsável por vários assassinios que perante o tribunal se fez passar por um revoltado contra a organização social, e, antes de ser executado, redigiu na prisão suas memórias. — *Fieschi*: autor de um atentado malogrado contra Luís Felipe, em 1836, por meio de uma máquina infernal; preso e executado com seus cúmplices.

[293] *Srtas. Mars* etc.: *Anne Boutet*, dita srta. Mars (1779-1847), célebre atriz cômica; acerca da srta. *Georges*, ver a nota 128 de *Um concheiro de solteirão*; *Maria Taglioni* (1804-1884), bailarina; *Giuditta Grisi*, condessa Barni (1805-1840), cantora italiana.

[294] *Frédéric Lemaître* etc. Todos personagens reais: *Frédéric Lemaître* (1800-1876), famoso ator, de estatura atlética, que representava magistralmente as grandes paixões em quase todas as cenas de Paris; *Monrose* (1811-1883), ator da Comédie Française; *Hugues Désiré Bouffé* (1800-1884), ator cômico que representou nas principais cenas de Paris; *Giovanni-Battista Rubini*, tenor italiano que cantou durante muitos anos no Théâtre des Italiens de Paris; *Louis Lablache* (1794-1858), cantor italiano, contratado sucessivamente pelo Teatro San Carlo, de Nápoles, pelo Italiens, de Paris, e a Ópera de São Petersburgo; *Adolphe Nourrit* (1802-1872), cantor francês, professor do Conservatório; *Étienne Arnal* (1794-1872), ator cômico, cujo papel mais notável foi o de Jocrisse, cujo tipo rejuvenesceu.

[295] *O discurso de Arnolfo a Inês* encontra-se na segunda cena do III ato da *Escola de mulheres*, de Molière. Arnolfo, que mantém Inês na maior ingenuidade para depois ter nela uma esposa modelo, faz-lhe uma preleção a respeito de suas obrigações, pintando-lhe em cores sombrias as consequências da infidelidade conjugal e mandando-a ler um folheto sobre *As máximas do casamento ou os deveres da mulher casada*.

[296] *O Robin das florestas*: em inglês Robin Hood, herói popular de lendas inglesas. Saxão revoltado pela conquista normanda, Robin fez-se chefe de um bando de

foragidos do fim do século XII, e viveu metido nas florestas, em guerra perpétua com o rei e os nobres, organizando assaltos e saques, mas protegendo os pobres. Teria morrido por obra de uma freira curandeira a quem pediu, acometido por uma doença, que o sangrasse. A freira, tendo-o reconhecido, em vez de curá-lo, matou-o.

[297] Das obras enumeradas aqui, *Mitrídates*, *Fedra* e *Andrômaca* são dramas de Racine; *O tartufo* e *A escola de mulheres*, comédias de Molière; *O casamento de Fígaro*, de Beaumarchais.

[298] *História das variações das igrejas protestantes* (1688): uma das obras principais de Jacques-Bénigne Bossuet (1627-1704). O autor demonstra, nesse livro de polémica, que o vício fundamental das religiões protestantes é o individualismo, fonte de variações múltiplas.

[299] *Provinciais* ou *Cartas provinciais*: obra contra os jesuítas, publicada anonimamente por Pascal em 1657, posta depois no *Índex* e considerada obra-prima da literatura francesa.

[300] *Montanha*: nome que se dava ao grupo mais avançado da Convenção; os membros desse grupo ocupavam as filas mais elevadas da Assembleia Revolucionária; dirigido, no começo, por Danton, Robespierre e Marat, esse grupo, cada vez mais numeroso, depois de esmagar os Girondinos, tomou conta do poder e iniciou o Terror.

[301] *Nodier*: ver a nota 1 de *Um conchego de solteirão*.

[302] Acerca desta história, ver a “Introdução”.

[303] *O [18 de Brumário* (do ano VIII): 9 de novembro de 1799, data do golpe de Estado que fez de Napoleão Bonaparte primeiro cônsul.

[304] *Fouché*: Joseph Fouché (1759-1820), ministro da Polícia de Napoleão, a quem traiu depois dos Cem Dias; conhecido como intrigante dos mais hábeis e dos menos escrupulosos.

[305] *Chouans*: camponeses monarquistas da Bretanha que se sublevaram em 1799 contra a República; o nome lhes provém de seu grito, parecido com o do mocho (*chouette*). Balzac lhes consagrou um romance de *A comédia humana*, *Les Chouans*, incluído nesta edição sob o título de *A Bretanha em 1799*.

[306] Ver *Outro estudo de mulher*. (Nota de Balzac.)

[307] *Grão-duque de Berg*: um dos títulos de Murat.

[308] *Príncipe Murat*: Joaquim Murat (1767-1815), cunhado de Napoleão e marechal da França; rei de Nápoles de 1808 a 1815. Chefe da Expedição da Espanha, tomou Madri em março de 1808; pouco tempo depois sufocou em sangue uma poderosa conspiração de patriotas espanhóis.

[309] *Lady Radcliffe*: Ann Radcliffe (1768-1823), romancista inglesa, autora de romances terrificantes, entre os quais *O italiano*, ou *o confessor dos penitentes negros*. Em sua cena mais patética, o herói, Schedoni, um sacerdote depravado, está querendo matar a inocente Helena, quando, à luz de sua lâmpada, que de repente ilumina o rosto da moça, descobre que esta não é senão a sua própria filha, perdida havia muitos anos.

[310] *Coronel Hulot*: personagem de *A comédia humana*; aparecerá em *A Bretanha em 1799* e *A prima Bete*.

[311] *General Montcornet*: personagem balzaquiana, já encontrada em *A paz conjugal*.

[312] *Meneho*: no *Diccionario general de la lengua española*, Roque Barcia define assim a palavra *meneo*: “Movimento do corpo ou de alguma parte do mesmo. Diz-se especialmente do que é afetado”. O sentido que Balzac atribui à palavra assemelha-se ao do nosso *requebro*.

[313] *Precisa contar isso aos carvoeiros*, que o povo, na França, considera protótipos de credulidade; daí a expressão *foi du charbonnier*, “fé do carvoeiro”, com que se designa uma fé sincera, ingênua e cega.

[314] *Fernando* vii, de Espanha, com seu despotismo provocou a revolução liberal de 1820, que o forçou a outorgar a Constituição; ao cabo de três anos, porém, com o auxílio de um exército francês comandado pelo duque de Angoulême, conseguiu derrubar as cortes e inaugurar outro período de reação absolutista.

[315] *Sra. de Listomère*: há três personagens com este nome em *A comédia humana*. Aqui se trata da protetora do padre Francisco Birotteau, a qual não conseguiu defender o seu protegido contra as intrigas do padre Trouben (ver *O cura de Tours*).

[316] *Afrancesado*: nome que se dava na Espanha aos partidários dos franceses durante as guerras napoleônicas e durante a invasão de 1823.

[317] *Na comédia de Tartufo*, o protagonista, um hipócrita devasso que finge devoção, insinua-se na simpatia de Orgon, instala-se-lhe em casa, mete-se em todos os seus negócios e torna-o alheio aos verdadeiros interesses de sua família. Em vão amigos e parentes de Orgon procuram mostrar-lhe a verdade; ele só vem a abrir os olhos quando Tartufo lhe quer seduzir a mulher.

[318] *A tragicomédia de Adolfo...* Para melhor compreensão das alusões constantes que Balzac faz neste romance à narrativa de Benjamin Constant, parece-me interessante dar um resumo das situações principais desta última, extraído da introdução de Gustave Planche, a que Balzac se refere com elogios (ver nota 166). “Há, na posse dessa mulher, um alimento magnífico para a sua vaidade; será invejado por todos aqueles que falam mal dela e que se vingam de seus desdêns, aumentando-lhe o isolamento; será apontado a dedo pela cidade como um lutador hábil, como um justador manhoso; cada vez que entrar num salão, ouvirá em redor de si o cochicho glorioso de seus rivais...

“Após o último abandono, porém, o despertar será terrível. Mal instalado na fortaleza que tão vivamente assediara, não saberá o que fazer da vitória. Depois de ter obtido pela posse um amor tão ardentemente desejado, tremerá ante a duração de seu compromisso. À vista dos anos que seguirão, sentirá desfalecer a coragem e arrepende-se-á do êxtase que mal esperara...

“Aos poucos, entre essas duas almas enganadas, mas ambas excessivamente orgulhosas para confessá-lo, estabelecer-se-á uma intimidade dolorosa e resignada, intimidade de mentira e hipocrisia, fértil em subterfúgios e em lisonjas, pródiga de carícias e beijos, procurando distrair-se e afirmando sem interrupção o que não crê...

“Por piedade da sua vítima, Adolfo disfarçará o seu tédio e forçará o seu olhar a sorrir. Estudará as menores palavras, para poupar à sua amante a vergonha de um arrependimento. Impor-se-ão a jovialidade e a serenidade por delicadeza. Por sua vez Elenora, se surpreender no rosto do amante o vestígio do tédio, terá receio de se queixar e se resignará silenciosamente. Cada dia a confirmará nessa reserva dolorosa, e ela arremedará o entusiasmo, até o dia em que os dois, cansados enfim dessa lastimável comédia, tirarão a máscara e se examinarão face a face.”

O romance de Benjamin Constant tem um fim trágico: Adolfo não tem a coragem de romper uma ligação que detesta e acaba por causar a morte de Elenora.

[319] *La Gazette des Tribunaux*: jornal que reproduzia as sessões dos tribunais, forneceu mais de um assunto aos romancistas. O mais famoso de todos esses casos é o de *O vermelho e o negro*, de Stendhal, cujos dados essenciais são os de um crime que fez sensação na época.

[320] *O Exército do Loire*: ver a nota 25 de *Um conchego de solteirão*.

[321] *Fualdès*: nome de um magistrado assassinado por seus dois amigos num prostíbulo de Rodez em 1817; o processo teve repercussão excepcional e originou uma canção famosa.

[322] *Os patos acusadores do poeta Íbico...* Segundo a tradição, o poeta grego Íbico (do século VI a.C.) morreu assassinado por ladrões no meio de uma floresta. Moribundo, invocou um bando de grou (e não de patos, como diz Balzac), que o sobrevoaram como testemunhas do crime. Algum tempo depois, um dos assassinos,

enquanto assistia aos jogos olímpicos, viu passar um bando de grous e exclamou imprudentemente: “Eis as testemunhas de Íbico!”, e assim descobriu o crime.

[323] *O provérbio sobre a moça mais linda do mundo* é este: *La plus belle fille du monde ne peut donner que ce qu'elle a* [(Mesmo) a moça mais linda do mundo só pode dar o que tem].

[324] *Todo o código do país da Ternura...* A expressão *Pays du Tendre* provém do romance heroico-precioso *Clélia*, de Madeleine de Scudéry, que se deu ao trabalho de ilustrar a edição deste seu livro com um mapa daquele país, figurando as fases do amor por acidentes geográficos (como lago da Indiferença, mar da Amizade etc.).

[325] *Manfredo*: herói romântico de um drama de Byron, o qual vive torturado pelo remorso de um misterioso crime.

[326] *Sr. de Gentz*: Friedrich von Gentz, diplomata e publicista alemão (1764-1832), íntimo de Metternich; jornalista oficioso da Corte de Áustria, apaixonou-se fortemente pela famosa bailarina Fanny Elssler, quarenta e seis anos mais moça do que ele.

[327] *Ana*: coletânea de ditos espirituosos.

[328] *A grande celebridade feminina do Berry*: George Sand, que morava no castelo de Nohant, no Berry.

[329] *Olímpia, ou as vinganças romanas*: os extratos que serão lidos desse romance poderiam constituir uma amostra do que eram os romances pseudônimos publicados por Balzac na sua primeira fase, até a idade de vinte e nove anos. Será que o escritor está zombando de si mesmo? O leitor atento poderia pensar que ele está se divertindo à custa do seu público, assim como Lousteau se diverte mistificando o seu auditório provinciano. Senão como explicar o tamanho reduzido das páginas do romance de cordel *Olímpia*? Mas esse pormenor é apenas um reflexo dos hábitos editoriais da época. Os editores de ficção porfiavam em incluir cada vez menos texto numa página, para satisfazer as exigências dos “gabinetes de leitura”, que formavam parte importante de sua freguesia. Como os assinantes tinham direito a um determinado número de volumes por mês, essas locadoras de livros tinham interesse em que cada romance fosse publicado na maior quantidade possível de volumes.

[330] *Lafont*: Pierre-Chéri Lafont (1801-1873), ator que desempenhava com muito êxito papéis de amoroso.

[331] *Fantoccini* (em italiano no original): títeres.

[332] *Uma mulher de trinta anos*: a expressão alude evidentemente ao famoso romance de Balzac publicado em 1842 (ver o volume 3 desta edição). Em seus últimos anos, o escritor recorria de vez em quando a esse tipo de autopublicidade.

[333] Nos exércitos aliados que em 1814, após a derrota de Napoleão, invadiram a França, havia também cossacos.

[334] *Confessionário dos penitentes negros*: ver a nota 78.

[335] *Os Italianos*, ou *Théâtre des Italiens*, instalado em 1801, sob a direção de Montausier, para representar óperas italianas; funcionou em várias salas até seu desaparecimento.

[336] *Pixerécourt*: René-Charles Guilbert de Pixerécourt (1773-1844), dramaturgo francês, “o pai do melodrama”.

[337] *Cartouche*: alcunha de Louis-Dominique Bourguignon (1693-1721), chefe de um bando de salteadores, de audácia e habilidade lendárias; condenado à morte na roda na Place de Grève.

[338] *Sra. Barthélemy-Hadot*: ver mais adiante (p. 522) a explicação da sra. de La Baudraye.

[339] *Desforges*: nome do teatro de Pierre-Jean-Baptiste Choudard (1746-1806), ator e escritor francês, autor de grande número de óperas, comédias e romances bastante licenciosos.

[340] *Sewrin*: Charles-Augustin Sewrin (1771-1853), escritor francês, autor de grande

número de óperas, comédias, *vaudevilles* e romances.

[341] *Ann Radcliffe*: ver a nota 78.

[342] *A Camila do poeta latino*: Camila, rainha dos volscos, uma das heroínas de *Eneida*, de Virgílio, morta por Arno; célebre pela sua velocidade.

[343] *Sra. de Genlis*: Stéphanie-Félicité de Genlis (1746-1830), preceptora dos filhos do duque de Orléans, autora de várias obras sobre educação. A respeito da sra. de Staël, ver a nota 37.

[344] *Telêmaco*: ver a nota 140 de *Um conchego de solteiro*. A famosa edição de Versalhes desta obra, feita em 1820-1824 — e muitas outras feitas depois —, continha breves sumários de todos os capítulos e que os precediam.

[345] *Revue des Deux Mondes*: a revista literária mais importante da França, fundada em 1828 e, a partir de 1831, dirigida por Buloz.

[346] *Carlos xii* venceu Pedro, o Grande, em Narva, em 1700, mas nove anos depois veio a sofrer dele em Pultava uma fragorosa derrota, que o forçou a refugiar-se na Turquia.

[347] Esse requisito contra a crítica reflete a opinião do próprio Balzac, que, na época, muito sofreu nas mãos de seus resenhadores.

[348] *Concetti* (em italiano): pensamentos brilhantes e afetados.

[349] *Mistress Shelley*: em solteira Mary Wollstonecraft (1798-1815), esposa do poeta Percy Bysshe Shelley. Romancista muito popular na época, seu livro mais renomado era *Frankenstein*. Nesse romance fantástico, a autora narra a história de um alquimista que consegue fabricar um ser quase humano e do monstro assim produzido, que acaba por tomar conta de seu criador. — *Leone Leoni*: romance de George Sand (1834) em que a autora refez, de certa maneira, a conhecida história de Manon Lescaut, com a diferença de que aqui é um homem completamente pervertido que arrasta após ele, pela força da paixão, uma mulher que, se não o houvesse encontrado, teria levado vida pura e honesta. (No romance do abade Prévost é a cortesã Manon que arrasta o amante Des Grieux às piores infâmias.) Segundo seu hábito, o escritor inclui na mesma enumeração três pessoas reais (Mary Shelley, George Sand e Ann Radcliffe) e uma (Camille Maupin) nascida em sua imaginação.

[350] *Michaud*: Joseph-François Michaud (1767-1839), autor de uma *História das Cruzadas*; organizador de uma *Biografia universal*.

[351] *In petto* (em italiano): intimamente, em segredo.

[352] *Deo sic patet fides et hominibus* (em latim): “A fé se torna manifesta, assim, aos olhos de Deus e dos homens”.

[353] *D’Hozier*: ver a nota 3.

[354] *Amassou tão lestemante o vestido de organdi...* A respeito deste episódio, lê-se nas *Cartas à Estrangeira*, de Balzac, na data de 9 de abril de 1843, um trecho que nos parece interessante reproduzir:

“Você quer ter uma ideia a respeito da Câmara dos Deputados? Pois ela estava amotinada e assaltara o ministro do Interior pelo seguinte motivo: Diná Piédefer usa um vestido de organdi, a única fazenda que, uma vez amarrotada, não se pode alisar. Estêvão Lousteau, que, em companhia dela, reconduz Bianchon, encontra-se a sós com ela durante o tempo em que a caleça atravessa a ponte de Cosne. O jornalista declara sua paixão a Diná e, como esta cria dificuldades, ele, vendo chegar um jovem a cavalo, que vem para acompanhá-los e fiscalizá-los, lembra-se de amarrotar o vestido de Diná para fazer crer que Diná se rendeu. Você lerá isto: é bastante divertido. Os deputados pensaram na sujeira mais atroz e acharam *a ação impossível* em face da brevidade do tempo. Quando, no *Messenger*, soube disso, fiquei pasmado. No entanto, há entre eles fabricantes que devem saber que o que eles supunham poderia fazer-se em qualquer espécie de vestido e que só o organdi se prestava para essa brincadeira. E atribuíram isso ao autor, que, posso dizê-lo, é considerado o mais elegante em matéria de forma. E eles pretendem ser a elite da França! Vá a gente

escrever! Fico espantado com tudo isso, pois não há nada mais claro do que esse trecho do meu romance”.

[355] *Lucrécia*: dama romana que se matou por ter sido violada por um filho do rei Tarquínio, o Soberbo, fato que provocou o estabelecimento da república romana. Seu nome costuma ser aplicado às mulheres orgulhosas e virtuosas que preferem a morte à desonra.

[356] *Marechal Soult*: Nicolas Soult (1769-1851), marechal da França, mandado por Napoleão para conter a invasão inglesa no Béarn, parte do atual departamento dos Baixos Pireneus; derrotado em Pampeluna e em Baiona, conseguiu infligir uma derrota aos invasores em Tolosa, em 1814. Depois da queda de Napoleão, aderiu aos Bourbon, que lhe concederam um lugar na Câmara dos Pares; isto não o impediu, porém, de, em 1830, se tornar o partidário entusiástico de Luís Felipe, que o nomearia duas vezes primeiro-ministro.

[357] *Cy paroist* (em francês antigo): “Vê-se logo”.

[358] *Gurth*: personagem de *Ivanhoé*, de Walter Scott.

[359] *Nathan*: ver a nota 56. — *Bixiou*: outra personagem balzaquiana de primeiro plano, neto da velha Descoings, cuja história é contada em *Um conchego de solteirão*.

[360] *Florina*: amante e mais tarde esposa de Nathan; já apareceu em *Uma filha de Eva*. — *Sra. Schontz*: desempenha papel importante no desfecho de *Beatriz*.

[361] A igreja em torno da qual as mulheres de vida equívoca se agrupavam chama-se Notre-Dame de Lorette.

[362] *Mirabeau*: Honoré-Gabriel Mirabeau (1749-1791), o orador mais eminente da Revolução. Teve uma mocidade escandalosa, que levou o pai a fazê-lo encarcerar várias vezes, a última na fortaleza de Joux, onde conheceu e conquistou Sophie, a jovem esposa do velho marquês de Monnier, fugindo com ela para Amsterdã. As cartas que mais tarde lhe escreveria da prisão de Vincennes, onde passou quarenta e quatro meses, foram publicadas em 1792; são documentos curiosos, cheios de paixão e eloquência.

[363] *Málaga*: alcunha de Margarida Turquet, já encontrada em *A falsa amante*, Tadeu Paz fê-la passar por sua amante para dissimular a sua paixão pela condessa Laginski.

[364] *Cardot* pai era o tio e protetor de Oscar Husson (em *Uma estreia na vida*), que se zangou com ele quando o encontrou dormindo, bêbado, em casa de Florentina.

[365] *Florentina*: amante do velho Cardot (ver *Uma estreia na vida*).

[366] Acerca do velho Camusot ver a nota 57 de *Um conchego de solteirão*.

[367] *Fanny Beaupré*: cortesã amiga primeiramente de Camusot (*Uma estreia na vida*) e, depois, do duque de Hérouville (*Modesta Mignon*).

[368] *Abd-el-Kader*: o famoso emir árabe (1807-1883), que fez guerra à França de 1832 a 1847, estava na ordem do dia no momento do romance.

[369] *Túlia*: bailarina da Ópera, amante do duque de Rhétoré e depois de De Bruel, que casou com ela; protagonista de *Um príncipe da Boêmia*.

[370] *Corália*: cortesã, cuja grande paixão por Luciano de Rubempré é contada em *Ilusões perdidas*.

[371] *Marieta*: nome galante de Maria Godeschal, bailarina da Ópera, já encontrada em *Uma estreia na vida*; durante algum tempo, amante de Felipe Bridau (*Um conchego de solteirão*).

[372] *Sra. Roguin*: parenta dos Guillaume, a tabeliã protegia os amores de Augustina Guillaume e Teodoro de Sommervieux (*Ao “Chat-qui-pelote”*); sua ligação com Du Tillet já nos é conhecida de *Uma filha de Eva*.

[373] *Du Tillet*: protagonista de *A comédia humana*, já conhecido nosso de *Uma filha de Eva*. Em *Um conchego de solteirão*, ele e Nucingen foram os instrumentos da ruína de Felipe Bridau.

[374] *Gil Blas* ou *História de Gil Blas de Santillane*: famoso romance de costumes de

Lesage (1668-1747).

[375] *Gymnase ou Gymnase Dramatique*: ver a nota 13 de *O ilustre Gaudissart*.

[376] *Como o ancião de Molière*: alusão à segunda cena do IV ato do *Estouvado*, em que Anselmo, pai de uma moça casadoura, censura o jovem Leandro por querer casar com uma aventureira. Papel semelhante já foi, aliás, executado por Bixiou em *Um conchego de solteirão*; esse desempenho contribuiu para a ruína de Felipe Bridau.

[377] *Arnal*: ver a nota 63.

[378] *Cardeal Dubois*: Guillaume Dubois (1656-1723), político e prelado francês, educador do duque de Orléans, o qual, quando nomeado regente, o fez seu primeiro-ministro. Homem de espírito, vivo e de costumes pouco recomendáveis, Dubois, herói de vasto anedotário, notabilizou-se pelos esforços com que conseguiu o chapéu de cardeal.

[379] *Montmorency*: família francesa da nobreza mais antiga, cujos membros desempenharam papéis importantes na história da França.

[380] *Sterling*: “autêntico” ou “legítimo” (em inglês no original).

[381] *Lady Dudley*: personagem de *A comédia humana*, apaixonada e intrigante; foi ela que fez morrer de dor Lady Brandon (em *O romeiral*); ela que tentou atirar a condessa Maria de Vandenesse nos braços de Raul Nathan (em *Uma filha de Eva*).

[382] *Ninon*: Ninon de Lenclos (1620-1705), dama galante, de beleza e espírito igualmente notáveis, cujo salão era frequentado pelas personagens mais ilustres da época.

[383] A história do namoro entre a condessa Maria de Vandenesse e Nathan é contada em *Uma filha de Eva* (volume 2 desta edição).

[384] *Café Riche*: famoso café do boulevard durante Luís Felipe.

[385] *Bravi* (em italiano): espadachins, capangas. Este desabafo visa inconfundivelmente ao famoso crítico Sainte-Beuve, excessivamente severo com o nosso romancista, sua “caça preferida”, conforme ele mesmo confessou. Em troca, Balzac “refez” em *O lírio do vale* o romance *Volúpia*, de Sainte-Beuve, e desancou num artigo o primeiro tomo de sua monografia *Port-Royal*.

[386] *O excelente conto real de Diderot...* A obra de Diderot a que Balzac se refere é *Isto não é um conto*; nela o autor apresenta dois casos de amantes mal-avindos: um homem fiel e decente apaixonado por uma cortesã, e uma moça educada e boa devotada a um perverso que a arruína. Este último é Gardeil (e não Gardano), jovem estudante sem interesse e que não se sabe por que meios conquista a linda srta. de La Chaux (e não Delachaux), a qual abandona a família para ir viver com ele. Para ajudá-lo em seus trabalhos, ela aprende várias línguas, inclusive o hebraico e o grego; passa noites em claro fazendo traduções para ele e estraga a saúde pelo excesso de trabalho. Depois, um belo dia, Gardeil a põe no olho da rua, simplesmente porque, perdidos os seus encantos, ela já não lhe inspira amor. Toda essa história é autêntica; aliás, o título mostra-o.

[387] *Luís xv* guardava a sua fortuna particular como um avaro e procurava aumentá-la entregando-se a toda espécie de especulações. Segundo Madame Pompadour, sua favorita, com quem esbanjava importâncias enormes, ele gastava um milhão dos cofres públicos em futilidades, mas hesitava em despendar cem luíses de seu pecúlio.

[388] *Blondet*: personagem de primeiro plano de *A comédia humana*, jornalista espirituoso e inescrupuloso; foi ele que, em *Outro estudo de mulher*, deu a definição da mulher *comme il faut*.

[389] *Finot*: personagem balzaquiana, homem de imprensa, ambicioso e brutal; conhecemo-lo em *Um conchego de solteirão*.

[390] *Micarême*: quinta-feira da terceira semana da Quaresma, dia de festejos e divertimentos na França. Em Portugal, esse dia é assinalado pela cerimônia popular da “Serração da Velha”.

[391] *Forcas Caudinas*: desfileiro perto de Caudium, no antigo país dos samnitas, onde um exército romano foi forçado a render-se à discricão em 321 a.C.; em sentido figurado: concessão humilhante arrancada aos vencidos.

[392] O grande romancista Henri Beyle, conhecido por seu pseudônimo Stendhal, morreu em 1842. De todos os seus contemporâneos ilustres, Balzac foi o único que lhe reconheceu o valor e que consagrou um estudo entusiástico à *Cartuxa de Parma*. As gradações do amor são analisadas por Stendhal no seu livro *Do amor*.

[393] *Argumento ad hominem*: argumento pelo qual se confunde um adversário opondo-lhe suas próprias palavras ou seus próprios atos.

[394] *Patito*: palavra italiana que significa “cavalheiro servente” ou “chichisbéu”, namorado que suporta com paciência os caprichos de sua dama.

[395] *Sra. de Pompadour*: em solteira Antoinette Poisson (1721-1764), célebre favorita de Luís XV, sobre cuja política exerceu influência decisiva, chegando a aliar a França à Áustria e a implicá-la assim na Guerra de Sete Anos. Para manter seu poder sobre o rei inventou mil distrações, espetáculos, caças, construções suntuosas, viagens etc.

[396] *Último dia de um condenado*: título de um romance de Victor Hugo (1829), em que o autor, com o intuito de combater a pena capital, analisa os sentimentos de um condenado à morte com um patético e uma força que fizeram qualificar seu livro de “uma agonia de trezentas páginas”.

[397] O único crítico que já teve a *Revue des Deux Mondes*: alusão a Gustave Planche (1808-1857), crítico famoso da época, que teve a sua seção de crítica na *Revue des Deux Mondes* desde 1831. Balzac, ao comprar em 1836 a *Chronique de Paris*, confiou-lhe a mesma seção. Era conhecida a amizade que ligava George Sand a Planche, a quem Balzac faz, aliás, figurar em seu romance *Beatriz* sob os traços de Cláudio Vignon. O elogio que Balzac lhe dispensa é, ao mesmo tempo, uma indireta a Sainte-Beuve, que também foi crítico da *Revue des Deux Mondes* e submeteu a uma crítica severa várias obras de Balzac.

[398] O ministério chamado do primeiro de março, isto é, o segundo gabinete de Thiers, empossado em 1º de março de 1840, que por pouco não provocou um conflito internacional com sua política de apoio a Mehemet Ali, paxá do Egito, que exasperava a Inglaterra. Mas Luís Felipe recuou diante da perspectiva de uma guerra e Thiers demitiu-se em outubro do mesmo ano.

[399] *Sr. Roy*: Antoine Roy (1764-1847), homem de negócios e político francês, ministro da Fazenda de Luís XVIII de 1819 a 1821. Depois da sua renúncia, obteve o título de conde e um lugar na Câmara dos Pares.

[400] *Rocher de Cancale*: ver a nota 67 de *Um conchego de solteirão*.

[401] *Moniteur*: ver a nota 28 de *Um conchego de solteirão*.

[402] *A linda moça de Perth*: romance de Walter Scott (ver a nota 100 de *Um conchego de solteirão*).

[403] *La Vallière*: a srta. La Vallière foi favorita de Luís XIV a partir de 1661, durante dez anos. Depois de ter tido quatro filhos dele, ao ver-se eclipsada pela sra. de Montespan, retirou-se ao convento das Carmelitas.

[404] *O herdeiro presuntivo da casa de Orléans*: Ferdinando Felipe, duque de Orléans, filho de Luís Felipe. Morreu em 13 de julho de 1842, na idade de 32 anos, das consequências de um acidente: num passeio, seus cavalos tomaram o freio nos dentes, o duque saltou da caleça e quebrou a coluna vertebral sobre a calçada.

[405] *O barão de Nucingen*: ver a nota 181 de *Um conchego de solteirão*. O barão é de origem alsaciana; Balzac transcreve-lhe constantemente a má pronúncia alemã do francês.

[406] *O marquês de Montriveau*: personagem balzaquiana, protagonista de *A duquesa de Langeais*.

[407] *O velho duque de Chaulieu*: provavelmente o pai de Luísa de Chaulieu, heroína

de *Memórias de duas jovens esposas*.

[408] *São Martinho*: a festa deste santo é no dia 12 de novembro.

[409] *Léon Gozlan*: amigo e, depois da morte do romancista, biógrafo de Balzac, estreou no teatro com *A mão direita e a mão esquerda*, em 2 de dezembro de 1842, no Odéon. A intriga dessa peça meio histórica é baseada nas complicações do casamento de Ulrica-Eleonora, rainha da Suécia, com Hermann, Landgrave de Hesse, complicações fáceis de imaginar quando se sabe que ambos os cônjuges já estavam morganaticamente casados.

[410] *Alceste*: personagem do *Misantropo* de Molière; franco e intransigente, inflexível com as fraquezas de seus semelhantes.

[411] *Filinto*: outra personagem da mesma peça, homem de caráter indulgente, que desculpa as fraquezas alheias e procura sempre o apaziguamento.

[412] *Sra. de Carcado*: personagem balzaquiana, de quem este é o único aparecimento em *A comédia humana*.

[413] *A marquesa D'Espard*: heroína de *A interdição*. Essa observação benévola é bem pouco característica dessa terrível intrigante.

[414] *Canalis*: personagem balzaquiana, poeta chefe da Escola Angélica; protagonista de *Modesta Mignon*.

[415] *Os editores, arruinados com as falsificações*: alusão à chamada *contrefaçon belge*, edições clandestinas de obras francesas que saíram na Bélgica logo após as edições francesas, sem que os editores pagassem um tostão de direitos nem ao autor nem ao editor francês. Causaram prejuízos grandes ao próprio Balzac.

[416] *Talma*: François Joseph Talma (1763-1826), ator trágico francês, comediante preferido de Napoleão. Um de seus papéis mais famosos era o de Leicester em *Marie Stuart*, tragédia de Lebrun.

[417] *Mongenod*: ver a nota 150 de *Um conchego de solteirão*.

[418] O engenheiro Surville, cunhado de Balzac, era marido de Laure, a irmã querida e confidente do romancista durante seus anos de estreia.

[419] *O Caso do Colar* deu-se pouco antes da Revolução Francesa, em 1784. Ávido de conciliar a benevolência da rainha Maria Antonieta, que lhe testemunhava antipatia, o cardeal de Rohan, esmoleiro-mor da França, deixou-se iludir por uma intrigante, a condessa La Motte-Valois, que lhe fez crer que a soberana desejava ardentemente um colar, recusado pelo rei. O cardeal comprou o colar, de mais de quinhentos diamantes, por um milhão e seiscentos mil francos, a crédito, e entregou-o a um pretenso emissário da rainha. Decorrido o prazo, não pôde pagar a primeira prestação e aconselhou os joalheiros a procurarem a rainha, por cuja ordem agira. O rei mandou prender o prelado e encarcerá-lo na Bastilha; mas o caso tomou rumo político e o parlamento absolveu o cardeal para humilhar a soberana, já muito impopular. A condessa La Motte-Valois foi fustigada publicamente, marcada com ferro em brasa e encarcerada, mas pouco tempo depois conseguiu fugir e juntar-se ao marido, o qual, condenado *in contumaciam* às galés, levava uma vida alegre em Londres com o lucro da venda de alguns brilhantes do famoso colar.

[420] *Chouans*: ver a nota 74 de *A musa do departamento*.

[421] *Molé*: François-René Molé (1743-1802), ator francês que se especializou nos papéis de elegantes do Antigo Regime.

[422] *Sr. de Lauzun*: Armand-Louis de Gomant (1747-1793), duque de Lauzun, ou, depois da morte do tio, duque de Biron; general francês célebre pelas suas aventuras galantes e sua mocidade tempestuosa. Tomou parte na guerra da Independência americana; embora aderisse à Revolução e comandasse as tropas da República contra os revoltosos da Vendeia, foi executado durante o Terror.

[423] *Citera*, hoje Cérgo: ilha grega em que Vênus tinha um templo magnífico; na linguagem poética, o reino da galanteria.

[424] *Incroyables*: nome dado, durante o Diretório, aos moços da oposição

monarquista, que se distinguiam por grande afetação no traje, nos costumes e na linguagem.

[425] *Fleury*: Abraham-Joseph Bénard, dito Fleury (1750-1822), comediante francês que desempenhava sobretudo papéis de petimetres.

[426] *Châtelet*: havia duas fortalezas da antiga Paris com este nome: o grande Châtelet, à margem direita do Sena, que era a sede da jurisdição criminal de Paris, e foi demolido em 1802; o pequeno Châtelet, na margem esquerda, que servia de prisão.

[427] *Bom século*: o século XVIII; *grande século*: o século XVII.

[428] *Os tristes dias gloriosos de julho...* Dera-se o nome de “os três dias gloriosos” (*les trois journées glorieuses*) aos dias 27, 28 e 29 de julho de 1830, quando uma revolução desencadeada pelas retrógradas Ordenações de 25 de julho do autoritário Carlos X o destronou e pôs em seu lugar o liberal Luís Felipe. Balzac chama-os tristes por ser partidário de Carlos X.

[429] *Cavaleiro de Gramont*: famoso folgazão do século XVII. Suas *Memórias*, recolhidas por Hamilton, constituem divertida crônica da vida frívola das Cortes da França e da Inglaterra, naquela época.

[430] *Barão de Foeneste*: personagem principal do romance satírico *Aventuras do barão de Foeneste* (1617-1630), de Agrippa d’Aubigné, redigido em forma de diálogo, e em que o barão, católico mentiroso, dado a fanfarronadas, conta suas aventuras a seu amigo Enay, protestante de tendências pacatas e que se contenta com uma vida simples e retirada.

[431] *Marquês de Moncada*: talvez se trate de D. Francisco de Moncade, conde de Ossuna (1586-1635), general espanhol, pacificador dos Países Baixos, gentil-homem culto e espiritoso.

[432] *Mas Laio está morto...* Laio era pai de Édipo, rei de Tebas. A expressão equivale, em francês, à nossa “Inês é morta”, isto é, “o caso está liquidado”, “não adianta falar nisso” ou “não se pode dar remédio”.

[433] *Le Constitutionnel*: ver a nota 59 de *A musa do departamento*.

[434] *Srs. de Lenoncourt, de Navarreins, de Fontaine e de La Billardiére*: todas personagens inventadas da alta aristocracia de *A comédia humana*.

[435] *Valeo*: verbo latino cujo sentido é “valho” ou “estou forte”.

[436] *Concha Veneris*: concha de Vênus; nome latino de uma espécie de conchas bivalves.

[437] *Sixto v*: papa de 1585 a 1590, eleito sucessor de Gregório XIII, porque os cardeais o acreditavam moribundo; mal se viu eleito, porém, jogou fora as muletas e pôs-se a desenvolver atividade febril, reformando as ordens eclesiásticas, intervindo nas dissensões religiosas da França etc.

[438] *Ano 16* (do calendário Revolucionário): 1807.

[439] *Almirante Simeuse*: ilustre marinheiro do século XVIII, inventado por Balzac para dar um pai distinto ao marquês João de Simeuse, personagem de *Um caso tenebroso* (volume 12 desta edição).

[440] *Grisette*: esta palavra, que primitivamente designava uma espécie de fazenda leve e barata, passou a designar as pessoas que a usavam, e em particular as costureirinhas de costumes fáceis.

[441] *Petite maison*: nome que se dava, no fim do século XVII e no século XVIII, a residências luxuosas em que os grão-senhores da época abrigavam seus amores ilegítimos; chamavam-se também *folies*.

[442] *Duthé*: Rosalie Duthé, famosa cortesã.

[443] *Conde de Artois*: nome que usava Carlos X (1757-1834) antes de ser coroado rei da França, em 1824. Durante sua mocidade, o futuro rei distinguiu-se por extraordinária devassidão.

[444] *Sr. de Sartines*: Gabriel de Sartines ou Sartine (1729-1801), político francês,

chefe de polícia, depois ministro da Marinha.

[445] *Sophie Arould* (1744-1802): cantora da Ópera de Paris, famosa por sua beleza e seu espírito.

[446] *Alcmena*: personagem mitológica, esposa de Anfitrião, à qual Júpiter seduziu tomando, para esse fim, a aparência do marido.

[447] *Berthier*: Louis Alexandre Berthier (1753-1815), marechal da França, major-general do Grande Exército.

[448] *Ouvard*: Gabriel-Julien Ouvrard (1770-1846), homem de negócios pouco escrupuloso, fornecedor de munições durante a República e o Império.

[449] *Uma vida de Cincinato*: evidentemente só na aparência, pois Cincinato (séc. V a.C.) é célebre exatamente pela sua integridade.

[450] *Barras*: visconde Paul de Barras (1755-1829), político, membro da Convenção e do Diretório. Foi ele quem confiou ao jovem Bonaparte a missão de reduzir Toulon à obediência (1793) e que mais tarde o fez nomear chefe do Exército da Itália; depois, porém, ficou hostil a Napoleão e se opôs ao seu golpe de Estado de 18 de Brumário.

[451] *Fouché*: ver a nota 73 de *A musa do departamento*.

[452] *Bernadotte*: Charles Bernadotte (1763-1829), marechal da França que se distinguiu nas Guerras da Revolução e do Império. Adotado por Carlos XIII, tornou-se rei da Suécia em 1818, sob o nome de Carlos XIV. Contrário ao golpe de Estado de 18 de Brumário, sempre conservou certa hostilidade a Napoleão, a cujos inimigos se ligaria em 1813, quando os exércitos imperiais iam invadir a Suécia, sua pátria adotiva.

[453] *Marengo*: aldeia da Itália, famosa pela vitória de Napoleão, ainda primeiro cônsul, sobre os austríacos, em 14 de junho de 1800. Na realidade, trata-se de três batalhas distintas, as duas primeiras das quais foram desfavoráveis aos franceses, a ponto de o general Melas, chefe do Exército austríaco, ter mandado anunciar a vitória em Viena; a terceira foi ganha graças à chegada de Desaix (ver nota 38). A inesperada vitória de Napoleão fez abandonar aos adversários do primeiro cônsul a conspiração que preparavam contra ele.

[454] *Kellermann*: François-Christophe Kellermann (1735-1820), duque de Valmy, general francês, vencedor da batalha de Valmy.

[455] *Desaix*: Louis Charles Antoine Desaix (1768-1800), general francês que seguiu Bonaparte no Oriente e conquistou o Alto Egito. Foi morto durante a carga de cavalaria decidida por ele e que, vinda no último instante, transformou a derrota de Marengo em vitória.

[456] Vide *Um caso tenebroso*. (Nota de Balzac.)

[457] *Melas*: barão Michel Melas (1729-1806), general austríaco, derrotado por Napoleão em Marengo.

[458] *A liquidação das dívidas do Estado* operou-se em março de 1801, atribuindo-se aos credores títulos de renda de 5% na proporção do quarto das importâncias devidas.

[459] *Fermons la caisse*: “Fechemos a caixa”. Em francês, *fermon* e *fermons* pronunciavam-se da mesma forma (“*fermô*”).

[460] *Barbatanas* (em francês, *nageoires*): nome que se dava durante a Revolução às suíças (em francês, *favoris*).

[461] *Hércules-Farnese*: estátua antiga de Glicão de Atenas, personificação da força viril. — *Tortoni*: trata-se do célebre café de literatos que existiu à esquina da Rue Taitbout e do Boulevard des Italiens, frequentado pela *jeunesse dorée* da época.

[462] *Point d'Alençon*: espécie de renda famosa na França.

[463] *Cem Dias*: o tempo decorrido entre 20 de março de 1815, volta de Napoleão em Paris, e 22 de junho, data de sua segunda abdicação.

[464] *O primeiro regresso dos Bourbon* ocorreu em junho de 1814; o segundo, um ano depois, após os Cem Dias.

[465] *Golpe de Jarnac*: golpe inesperado e decisivo, por alusão a um famoso duelo em que o conde Guy Chabot de Jarnac, em 1547, matou La Châteigneraie.

[466] *Sardanapalo*: personagem lendária, último descendente de Nino, fundador de Nínive, e da famosa Semíramis; tipo de príncipe devasso, efeminado e covarde.

[467] A *Carta Constitucional* foi promulgada por Luís XVIII em 1814.

[468] Este trecho, como o anterior, refere-se ao próprio Balzac, que via a solução de todos os seus problemas de artista pobre e “doente de seu gênio” num casamento rico. (Ver a introdução ao romance.)

[469] *O abraço com que Querubim prende Marcelina no palco...* Alusão a um episódio de *O casamento de Fígaro*, de Beaumarchais; alusão, aliás, um tanto errada, pois em nenhuma cena da peça Querubim abraça Marcelina no palco. Balzac, que está citando de memória, deve ter pensado na cena em que o jovem Querubim, adolescente cujo coração desperta à aproximação do amor, conta a Susana como a presença de qualquer mulher o perturba. A todas gostaria de fazer uma confissão de amor; até Marcelina, a governanta de meia-idade, que encontrou no quintal, dá-lhe essa tentação.

[470] *Queimar os seus navios como Alexandre...* Na realidade é de Agátocles, tirano de Siracusa (séc. IV a.C.), e não de Alexandre, que se conta que, desejoso de vencer sua inimiga tradicional, Cartago, desembarcou na costa africana e queimou seus navios para assim não deixar a seus soldados outra alternativa além da vitória.

[471] Segundo a Bíblia (Apêndice do Livro de Davi), dois juízes idosos, que se apaixonaram pela bela Susana, sua vizinha, não podendo obter-lhe os favores, acusaram-na falsamente de adultério e a condenaram à morte. A inocente beldade foi salva pelo jovem Daniel, que fez os acusadores caírem em contradição.

[472] *Ródope*: célebre cortesã grega do século VI a.C., contemporânea de Safo. Adquiriu riquezas consideráveis, e, segundo uma lenda, teria mandado construir a terceira pirâmide. Certo dia, quando se banhava num rio, uma águia carregou uma de suas sandálias e deixou-a cair sobre os joelhos do rei do Egito. Este, encantado com a forma do pé que a sandália deixava adivinhar, não descansou até descobrir a proprietária e casar com ela. — *Impéria*: cortesã italiana (1455-1511), famosa por sua beleza e seu espírito, muito celebrada em Roma durante os pontificados de Júlio II e de Leão X. — *Ninon*: ver a nota 151 de *A musa do departamento*.

[473] Este escritor distinto é Teodoro Gaillard, como veremos em *Os comediantes sem o saberem* (volume 11 desta edição).

[474] *Maria de Médicis* (1573-1642): rainha da França a partir de 1599, regente após a morte do marido Henrique IV, em 1610, durante a menoridade de seu filho, Luís XIII.

[475] *O desertor*: ópera cômica de Sedaine com música de Monsigny (1769).

[476] *Rigaud*: Hyacinthe Rigaud (1659-1743), pintor francês, retratista, autor de famosos retratos de Luís XIV, Bossuet etc. — *Latour*: Maurice Quentin de La Tour (1704-1785), pastelista francês, célebre por seus retratos.

[477] Ver *A Bretanha em 1799*. (Nota de Balzac.)

[478] *In fiocchi* (em italiano): em traje de gala.

[479] *Tutti quanti*: todos quantos são. Expressão italiana que se emprega para encerrar uma enumeração.

[480] *Agnès*: personagem da *Escola de mulheres*, de Molière, pupila de Arnolfo, homem de certa idade que a educa mantendo-a na maior ingenuidade para depois casar com ela; ela, porém, engana-o antes mesmo do casamento.

[481] *Um frenólogo do tempo de Sócrates*: alusão ao fisiognomista Zopiro, que, segundo a tradição, encontrou um dia Sócrates no meio de seus discípulos e, depois de tê-lo examinado cuidadosamente, declarou que ele nascera com pendores viciosos. Como os discípulos se pusessem a rir, Sócrates confessou-lhes que tinha realmente péssimas inclinações, mas que as vencera com a força de sua vontade.

[482] *Um grande general* etc. Balzac está evidentemente aludindo a casos concretos. O grande general de que se trata é, sem a menor dúvida, Masséna, que em 1799, perto de Zurique, infligiu derrota decisiva ao Exército de Korsakof, salvando a França da invasão; sabe-se que o caráter desse grande capitão não estava à altura de seus talentos militares, pois era de uma cupidez e de uma avareza que se tornaram proverbiais. As outras alusões são menos claras, talvez por se referirem a personagens vivas, ao passo que Masséna estava morto desde 1817.

[483] *Josette*: evidente lapso de Balzac. A mesma personagem apareceu, antes, sob o nome de Pérotte.

[484] *A nobre família D'Esgrignon*, inventada pelo romancista, desempenha papel importante no segundo romance do díptico *As rivalidades: O gabinete das antiguidades*.

[485] *Um trecho de São Francisco de Sales*: isto é, um trecho de sua *Introdução à vida devota*, que abrange uma série de cartas de orientação espiritual para as pessoas da sociedade.

[486] *Duque de Brancas*: Charles de Villars, duque de Brancas (1618-1681), cortesão de uma distração lendária, que alguns inimigos dizem ter sido propositadamente exagerada por ele mesmo. Sua distração forneceu anedotas à sra. de Sévigné, a La Bruyère e a Tallemant des Réaux.

[487] *Argumento ad omnipotentem*: argumento ao todo-poderoso, expressão forjada sobre a de *argumento* “ad hominem”, isto é, argumento com que se confunde um adversário opondo-se-lhe suas próprias palavras ou ações.

[488] *Havia prestado juramento constitucional...* Parte do clero francês aderiu à constituição civil do clero votada em 1790. Na época da Restauração essa adesão passou a ser considerada crime pelos monarquistas.

[489] *Cheverus*: Jean-Louis-Anne Lefèvre de Cheverus (1768-1836), eclesiástico francês que recusou o juramento à Constituição revolucionária e emigrou; chamado à América do Norte, chegou a ser bispo de Boston; depois, de volta à França, foi nomeado bispo de Mountauban e, no fim de sua vida, cardeal. Famoso pelo altruísmo, pela tolerância e pelo espírito conciliador.

[490] *Seíd*: escravo e primeiro adepto de Maomé; a palavra, afrancesada por Voltaire, é hoje um nome comum da língua francesa (*séide*) e significa “satélite”, “agente de crimes”.

[491] *Peguei essa no ar*: o trocadilho, aliás péssimo, do conservador das hipotecas, só existe no texto francês. A srta. Cormon, que desconhece a palavra *terme* (antigamente, baliza cuja parte superior ostentava um busto de Termo, deus dos limites), substituiu-a por *terne* (“terno”) na expressão feita: “Está plantado como um termo”. Ao ouvir *terne*, o trocadilhista apressa-se em lançar *Qui ne pense à rien*, frase cujos dois vocábulos iniciais, pronunciados juntos *quine* (“quina”), formam outra palavra de loteria.

[492] *Joseph Prud'homme*: tipo moderno da nulidade satisfeita e da banalidade magistral, encontráveis na pequena burguesia, criado por Henri Monnier em suas *Cenas populares*. Suas frases ocas e sonoras (como: “Esta é a minha opinião e compartilho-a” ou “O carro do Estado navega sobre um vulcão”) talvez tenham servido de modelo às do conselheiro Acácio, de Eça de Queirós.

[493] *A sra. de Talleyrand* era mulher de grande beleza e pouco espírito. As gafes que frequentemente cometia davam lugar a divertidos comentários na alta sociedade.

[494] *Aos trinta e seis anos, na época em que o homem julgou os homens...* No momento de escrever *A solteirona*, Balzac tinha trinta e seis anos feitos e já modificara suas primeiras opiniões e concepções.

[495] *Nos Italianos...* Ver a nota 104 de *A musa do departamento*.

[496] *Pai Gigogne*: alusão a mãe Gigogne, personagem cômica do antigo teatrinho de bonecos, que representava a fecundidade e aparecia em cena com uma multidão de

criancinhas que lhe saem de baixo das saias. Mais tarde apareceu também no cenário dos grandes teatros em companhia de Arlequim e de Polichinelo.

[497] *Madame du Barry*: Jeanne Bécu, condessa Du Barry (1743-1793), favorita de Luís XV, decapitada no período do Terror; teve em Luciennes ou Louveciennes, perto de Versalhes, um esplêndido castelo, onde viveu e ofereceu magníficas recepções até ser detida.

[498] *Addison*: Joseph Addison (1672-1719), escritor inglês, autor de deliciosos *sketches*.

[499] *Penélope*: personagem da *Odisseia*, de Homero, esposa de Ulisses, rei lendário de Ítaca, que, envolvido em aventuras, levou dez anos a voltar ao seu reino após o fim da Guerra de Troia. Requestada por vários pretendentes, ela iludiu-os prometendo que esposaria um deles no dia em que acabasse um bordado iniciado na ausência do marido. Desfazia, porém, de noite o que bordava de dia, e conseguiu, graças a esse estratégia, adiar a decisão e esperar a volta de Ulisses, que acabou com seus rivais.

[500] Em *Austerlitz*, na Morávia, Napoleão obteve uma de suas maiores vitórias sobre os exércitos reunidos da Áustria e da Rússia em 2 de dezembro de 1805; em *Waterloo*, na Bélgica, foi vencido pelos ingleses e os prussianos em 18 de junho de 1815.

[501] *Sra. d'Amphoux*: personagem real, dona de uma famosa destilaria de Bordeaux.

[502] O provérbio francês, involuntariamente transformado pela srta. Cormon, é este: *Je suis comme le lierre, je meurs où je m'attache*. (Sou como a hera, morro onde me prendo). Por ignorância, a senhorita substitui *lierre* por *lièvre* (lebre).

[503] *Sotto voce* (em italiano): baixinho.

[504] *Kellermann*: ver a nota 37.

[505] *Blücher*: Gebhard Leberecht von Blücher (1742-1819), general prussiano, derrotado por Napoleão em Ligny, mas que em Waterloo chegou a tempo de salvar Wellington e vencer assim a batalha.

[506] *Príncipe Eugênio*: Eugênio de Savoia (1663-1736), de origem francesa, um dos maiores generais dos tempos modernos, vencedor dos turcos em muitas batalhas; combateu pela Áustria contra a França, ganhando a batalha de Malplaquet em 1709, mas perdendo a de Denain em 1712. O príncipe destinou-se primeiro à carreira eclesiástica, e foi pedir a Luís XIV um emprego na sua Corte. A recusa do rei fê-lo abandonar a profissão e a pátria, e em 1683 entrou ao serviço da Áustria.

[507] *O cura de Denain*: segundo a tradição, Villars teria ganho a batalha de Denain por haver atendido a uma observação do cura desse lugar, que, passeando ao longo das fortificações de Eugênio e admirando-lhes a perfeição, assinalou nelas um único ponto fraco.

[508] Ver *História dos Treze*. (Nota de Balzac.)

[509] Ver *A interdição*. (Nota de Balzac.)

[510] Ver *Eugênia Grandet*, no volume 5 desta edição.

[511] *Beaujon*: Nicolas Beaujon (1718-1786), banqueiro francês conhecido por sua libertinagem, seu espírito e suas larguezas.

[512] *Lauzun*: Antoine Nonpar de Caumont, conde e depois duque de Lauzun (1633-1723), cortesão famoso pela paixão que soube inspirar a Mademoiselle, nome com que se costuma designar a srta. de Montpensier, prima de Luís XIV.

[513] Ver a nota 115 de *A musa do departamento*.

[514] Essa história é contada em *A Bretanha em [1799]* (volume 12 desta edição).

[515] *Ivanhoé*: romance histórico de Walter Scott (1827). Uma das suas personagens é Rebeca, moça judia que inspira violenta paixão ao protagonista, um templário.

[516] *Gamache*: abastado camponês, em cuja casa Dom Quixote e Sancho Pança, no romance de Cervantes, tomam parte num suntuoso banquete de núpcias.

[517] *Marieta*... Lapso evidente do autor; deveria ler-se "Josette".

[518] Há aqui um jogo de palavras intraduzível em português. O trocadilhista alude

ao mesmo tempo a Nérestan, personagem de *Zaira* (tragédia de Voltaire, em que o sultão Orosmane suspeita Nérestan de ser o amante de sua favorita Zaira, quando na realidade é irmão dela) e ao fato de o infeliz cavaleiro ficar apenas com o seu enorme nariz (*nez restant* = “o nariz ficando”), tendo perdido a partida definitivamente.

[519] Os [221... Trata-se dos 221 deputados que, em resposta à fala do trono de Carlos X, assinaram o memorial de 2 de março de 1830, o qual motivou a dissolução das Câmaras e a publicação das famosas ordenanças, causa da Revolução de Julho e da queda de Carlos X.

[520] *Lâmpada astral*: denominação de uma lâmpada de azeite inventada por Argand e que, na época, representava a última palavra em matéria de iluminação.

[521] *Jeanie Deans*: protagonista de *A prisão de Edimburgo*, de Walter Scott.

[522] *Potius mori quam foedari*: “Antes morrer do que perder a honra”. Frase atribuída ao cardeal Jaime de Portugal (século XV).

[523] Último verso do ato III de *Pompeu*, de Corneille; em francês: *Ô ciel, que de vertus vous me faites haïr!*

[524] Os *Keller*: família de banqueiros de *A comédia humana*. Francisco Keller, que assistiu ao baile descrito em *A paz conjugal*, foi mais tarde síndico da falência de Guilherme Grandet (ver *Eugênia Grandet*).

[525] *Congregação*: fundada em 1801 pelo ex-jesuíta Delpuits, com o objeto declarado de defender a fé e os bons costumes; fechada por Napoleão, reorganizada em 1814, cada vez mais forte pela adesão de personalidades influentes, a Congregação teve fim com a queda de Carlos X.

[526] *Laffitte*: Jacques Laffitte (1767-1844), famoso homem de Estado, que mudou de partido muitas vezes. Homem de confiança e banqueiro de Napoleão, sob a Restauração foi nomeado governador do Banco de França, de 1814 a 1819. Em 1817 defendeu a liberdade de imprensa; em 1824 sustentou o ministério Villèle, ultrarrealista; em 1830, depois de hesitar um pouco tomou partido pela insurreição, e foi quem mais contribuiu para que o trono fosse oferecido a Luís Felipe, que depois o nomeou chefe do Governo.

[527] *A bandeira branca* era a dos Bourbon; depois da Revolução de 1830, Luís Felipe adotou a bandeira tricolor, que continua em uso hoje.

[528] *Montanha*: ver a nota 69 de *A musa do departamento*.

[529] *O duque de Orléans*, pai de Luís Felipe, era o príncipe conhecido sob o nome de Felipe Igualdade, que desempenhou grande papel durante a Revolução, à qual aderiu em boa hora, chegando a votar, na Convenção, a morte de seu primo Luís XVI. Nem por isso deixou de perecer no cadafalso em 1793.

[530] *Cromwell*: Oliver Cromwell (1599-1658), grande estadista britânico, protetor da república inglesa, de que foi o criador.

[531] *Carlos X*, depois da luta de três dias (27 a 29 de julho de 1830), em que suas tropas foram derrotadas pelos revolucionários, partiu de Rambouillet para Cherbourg, onde embarcou para a Inglaterra. Nunca mais voltou à França.

[532] Os *Troisville*, os *Castéran*, os *Verneuil*: famílias de alta aristocracia inventadas por Balzac.

[533] *O poeta italiano, Ludovico Ariosto* (1474-1533), autor da epopeia *Orlando furioso*.

[534] *Ballanche*: ver a nota 41 de *O ilustre Gaudissart*.

[535] A respeito dessas duas espécies de mulheres, as mulheres *comme il faut* e as *comme il en faut*, há uma verdadeira dissertação em *Outro estudo de mulher*, no volume 4 da presente edição.

[536] *Barão de Hammer-Purgstall*: barão Joseph von Hammer-Purgstall (1774-1856), orientalista austríaco de grande renome, presidente da Academia de Ciências de Viena. Autor de *História do Império Otomano* (1827-1833), *História da poesia otomana* (1836-1838) etc.

[537] *O nome dessa cidade deve ficar em segredo...* O segredo é quebrado pelo próprio Balzac, o qual faz figurar nessa narrativa as mesmas personagens de *A solteirona*. Trata-se, pois, evidentemente, de Alençon.

[538] *Os D'Esgrignon*, embora sobretudo em alusões acessórias, já aparecem em *A solteirona*.

[539] *Os irmãos Thierry*: Augustin Thierry (1795-1856) e Amédée Thierry (1797-1873), historiadores franceses. Augustin é considerado o fundador, na França, da historiografia baseada no estudo das crônicas e dos documentos originais.

[540] *De Luynes*: família da alta nobreza francesa que já no século XVI tinha entre seus membros um condestável da França, Charles de Luynes (1576-1621), favorito de Luís XIII.

[541] *Sans-culottes*: nome dado pelos aristocratas em 1792 aos revolucionários que substituíram os calções (*culotte*) pelas calças (*pantalon*).

[542] *Chesnel*: figura sob o nome de Choissnel em *A solteirona*, onde é tabelião da srta. Cormon.

[543] *Du Croisier*: evidentemente o Du Bousquier de *A solteirona*.

[544] *Montmorency*: ver a nota 148 de *A musa do departamento*.

[545] *Cil est nostre* (em francês antigo): “ele é nosso”.

[546] *Emílio Blondet...* Este protagonista de *A comédia humana*, de quem Balzac faz aqui um seu colaborador, já foi encontrado em *Modesta Mignon*, onde troçava de Canalis; em *Outro estudo de mulher*, onde o ouvimos fazer uma dissertação sobre a mulher *comme il faut*; em *Uma filha de Eva*, onde introduzia Nathan em casa da sra. Montcornet. Era um crítico de grande talento e um trocista espirituoso, mas ao mesmo tempo homem de costumes irregulares e de moralidade muito elástica.

[547] *Agnès Sorel* (1422-1450): chamada também *la Dame de Beauté* (por sua herdade de Beauté-sur-Marne e por sua grande beleza), favorita de Carlos VII, sobre quem exerceu grande e feliz influência.

[548] *Marie Touchet* (1549-1638): cortesã famosa por sua beleza, favorita de Carlos IX.

[549] *Gabrielle*: marquesa Gabrielle d'Estrée (1573-1599), amante de Henrique IV, o qual ia desposá-la, quando morreu em circunstâncias misteriosas, que fizeram supor um envenenamento.

[550] *Mittau*: hoje Jelgava, cidade da Letônia; Luís XVIII passou lá parte de seu exílio, de 1798 a 1807.

[551] *Henrique iii* reinou de 1574 a 1589.

[552] *Maturin*: Charles Robert Maturin (1782-1824), romancista e dramaturgo irlandês, autor de obras fantásticas e horríficas, a mais famosa das quais, *Melmoth, o homem errante*, inspirou *O Melmoth reconciliado*, de Balzac.

[553] *Hoffmann*: Ernst Theodor Amadeus Hoffmann (1766-1822), um dos mestres do romantismo alemão, cujos contos fantásticos e lúgubres exerceram manifesta influência sobre os *Estudos filosóficos* de Balzac.

[554] *Sr. Decazes*: duque Élie Decazes (1780-1860), ministro de Luís XVIII. Assinalou-se pelas tendências liberais do seu governo, tendo abolido a censura e as leis de exceção. Caiu em consequência dos ataques dos ultrarrealistas, que o responsabilizavam pelo assassinio do duque de Berry (fevereiro de 1820).

[555] *Sr. de Polignac*: conde de Polignac (1780-1847), político reacionário que acompanhou Luís XVIII a Gand durante o reinado de Cem Dias de Napoleão; chefe da Extrema Direita, foi ele quem, nomeado primeiro-ministro por Carlos X, assinou as famosas “ordenanças de julho” que causaram a queda deste último.

[556] *A Carta*: nome que se dá ao documento constitucional outorgado por Luís XVIII em 4 de junho de 1814. Embora baseado na soberania real, esse documento não pôde anular certas conquistas da Revolução, quais sejam: a igualdade dos cultos, a igualdade de todos os franceses perante a lei e sua elegibilidade para todos os

empregos, a venda dos bens nacionais, a reorganização do sistema jurídico.

[557] Apesar dessa discrição anunciada, no Capítulo III Balzac deixará escapar o nome dessa personagem; é o cavaleiro de Valois, um dos protagonistas de *A solteirona*.

[558] *O conde de Artois* (1757-1836): irmão de Luís XVI e de Luís XIII, seria rei da França sob o nome de Carlos X (1824-1830).

[559] *Laffitte*: ver a nota 109 de *A solteirona*. — *Casimir Périer*: banqueiro e homem político (1777-1832), chefe do partido liberal, presidente da Câmara em 1830 e do Conselho em 1831 e 1832, quando morreu de cólera. — *Sr. de Villèle*: conde Joseph de Villèle (1773-1853), primeiro-ministro de 1821 a 1828, ultrarrealista, autor de medidas reacionárias. — *Sr. de Peyronnet*: conde Charles-Ignace Peyronnet (1778-1854), outro político ultrarrealista, também ministro de Carlos X.

[560] [29 de julho de 1830]: dia da vitória da revolução liberal que depôs Carlos X e colocou no trono Luís Felipe.

[561] *Benjamin Constant* (1767-1830): autor do romance *Adolfo*, era também político. Defensor das ideias liberais, foi um dos oradores mais espirituosos e brilhantes da Câmara de 1819 a 1830.

[562] *Visconde de Chateaubriand*: o famoso autor de *Renato* e de *Atala* era também homem político e desempenhou sob a Restauração as funções de ministro do Exterior. Teve de deixá-las em 1824, em consequência de uma desinteligência com o presidente do Conselho Villèle.

[563] Os [221]: ver a nota 102 e *A solteirona*.

[564] Os irmãos *Keller*: ver a nota 107 de *A solteirona*.

[565] *O conde de Gondreville*: personagem de *A comédia humana*, político esperto e de grande influência.

[566] *Navarreïns*, *Cadignan* etc.: todas famílias imaginárias da alta aristocracia balzaquiana.

[567] *Troisville* etc.: ver a observação anterior. Um *Troisville* apareceu em *A solteirona*.

[568] *Datando a Carta do vigésimo primeiro ano de seu reinado*, como se tivesse reinado desde 1793, ano em que seu irmão Luís XVI foi decapitado. Na realidade Luís XVIII passou todos esses anos no exílio.

[569] *Santa Ampola*: frasquinho outrora conservado na abadia de Saint-Remi de Reims. Continha os santos óleos usados na cerimônia da consagração dos reis da França. Foi quebrada pelo convencional Rühl em 1793 na praça pública.

[570] *General Montcornet*: personagem balzaquiana, já encontrada em *A paz conjugal* (volume 2 desta edição).

[571] *O antiquário*: romance de Walter Scott (1816), cujo episódio mais famoso é o da “Maré cheia”, a que Balzac faz alusão aqui; nele, o mendigo Edie Ochiltree salva a vida de sir Arthur Wardour e da filha Isabella.

[572] *O cavaleiro de Saint-Georges* (1745-1799): filho do fiscal-geral Boulogne-Tavernier e de mãe negra, trazido de Guadalupe a Paris pelo pai, lá se tornou um famoso esgrimista.

[573] *Ruelle*: espaço deixado entre os dois lados da cama e a parede; nos séculos XVI e XVII, parte do quarto de dormir onde se encontrava a cama e onde certas personalidades (sobretudo mulheres) recebiam seus convidados antes de se levantar.

[574] *Faublas*: protagonista de um famoso romance de Louvet de Couvray, *Amores do cavaleiro Faublas*; belo rapaz, grande conquistador de mulheres.

[575] *Dancourt*: Florent Dancourt (1661-1725), autor de comédias, um dos melhores sucessores de Molière. Suas peças refletem os costumes da sociedade elegante de seu tempo. — *Beaumarchais*: Pierre-Augustin Caron de Beaumarchais (1732-1799), autor das excelentes comédias *O barbeiro de Sevilha* e *O casamento de Fígaro*, cheias de espirituosos ataques à aristocracia.

[576] *Fabiano du Ronceret*, numa fase ulterior de sua vida, aparece no romance *Beatriz*, onde casa com a srta. Schontz (no volume 3 desta edição).

[577] Para entender este cálculo é preciso saber que, em se falando de rendimentos, o termo *libra* era sinônimo de *franco* e que um *luís* de ouro valia vinte francos.

[578] *Príncipe Eugênio*: ver a nota 89 de *A solteirona*.

[579] *Frederico ii*, da Prússia (1712-1786), foi educado brutalmente por seu pai, que lhe censurava o gosto da literatura. Quando o jovem príncipe, cansado dos maus-tratos, quis fugir em 1730, o pai mandou-o encarcerar; o seu companheiro de fuga foi executado sob as janelas da prisão. O pai forçou-o ainda a permanecer, durante anos, como ouvidor numa pequena corte administrativa e a contratar um casamento que lhe repugnava. — *Napoleão*: são conhecidas as dificuldades do começo da vida do imperador. Filho de pais pouco abastados, só conseguiu estudar graças a uma bolsa no colégio de Autun. Na Escola Militar de Brienne teve de trabalhar duramente. Quando já estava em Paris, na Escola Militar Superior, vivia ainda em condições materiais bem difíceis.

[580] *Marechal de Richelieu*: Armand du Plessis, duque de Richelieu (1696-1788), sobrinho-neto do cardeal, capitão famoso por seu espírito e sua devassidão. Na guerra da Sucessão da Polônia, ocupou e saqueou com suas tropas a cidade de Hanover.

[581] *Henrique iv* (1553-1610): rei da França de 1589 a 1610.

[582] *Saint-Preux*: protagonista da *Nova Heloísa*, de Rousseau.

[583] *Lovelace*: protagonista de *Clarisse Harlowe*, de Richardson.

[584] *La Quotidienne*: jornal ultrarrealista, aristocrático e clerical, da extrema direita.

[585] *Gazette de France*: jornal realista, moderado, que durante a Restauração teve entre seus redatores Joseph de Maistre e Bonald.

[586] Todas essas famílias aristocráticas, cujos membros teriam tomado parte em diferentes motins contra a Revolução, foram inventadas por Balzac. Os Du Guénic são protagonistas do romance *Beatriz*; os Fontaine, da novela *O baile de Sceaux*; um Ferdinand e um Montauran, de *A Bretanha em 1799*.

[587] Foi na agência lotérica da condessa de Bauvan que a sra. Bridau encontrou um emprego modesto em sua velhice (*Um conchego de solteirão*).

[588] *Sterne*: Laurence Sterne (1713-1768), escritor inglês, autor da *Vida e opiniões de Tristram Shandy* e da *Viagem sentimental*. Um dos autores mais estimados por Balzac; descreve de preferência personagens de costumes e trajes excêntricos.

[589] *Dédalo*, que, segundo a mitologia, foi inventor da arte de voar, ao experimentar as asas numa primeira viagem, explicou ao filho Ícaro, que o acompanhava, como devia usá-las. Ícaro, porém, arrebatado pela embriaguez do voo, aproximou-se excessivamente do sol. Este amoleceu a cera que ligava as penas das asas, e o adolescente caiu no mar.

[590] *Foix-Grailly*: família aristocrática, oriunda de Carcassonne, cujos membros desempenharam papéis importantes na história francesa. Henrique IV era descendente dessa família.

[591] *D'Hérouville*: família aristocrática, inventada por Balzac. O duque d'Hérouville namorava Modesta Mignon.

[592] *De Marsay* etc.: enumeração quase completa da *jeunesse dorée* dos salões aristocráticos de *A comédia humana*. Todas as personagens que figuram nesta relação já apareceram em romances e novelas anteriores: Máximo de Trailles (*Gobseck*, *Beatriz*), Rastignac (*O pai Goriot*), Vandenese (*Uma filha de Eva*), Ajuda-Pinto (*Beatriz*), Roche-Hugon (*A paz conjugal*), De Marsay e Manerville (*O contrato de casamento*), marquesa D'Espard (*A interdição*), duquesa de Grandlieu (*Beatriz*), de Carigliano (*Ao "Chat-qui-pelote"*), de Chaulieu (*Memórias de duas jovens esposas*), marquesa d'Aiglemont (*A mulher de trinta anos*), de Listomère (*Estudo de*

mulher), sra. Firmiani (na novela do mesmo nome), condessa de Sérisy (*Uma estreia na vida*). O próprio Godefroid de Beaudenord, que só terá papel importante em *A casa Nucingen*, já apareceu em *O baile de Sceaux*; era um dos partidos recusados e satirizados pela srta. Emília de Fontaine.

[593] *Os duques de Verneuil* etc.: nomes fictícios, todos de representantes da mais alta aristocracia em *A comédia humana*.

[594] *O Elysée-Bourbon* foi, durante a Restauração, a residência da duquesa e do duque de Berry até o assassinio deste último. Na mesma época, o pavilhão Marsan era habitado pelo duque de Artois.

[595] *Vidama de Pamiers*: personagem inventada por Balzac. O título de vidama designa o governador temporal das terras de um bispado ou que as possuía como feudo hereditário.

[596] *Srta. des Touches*: ver a nota 55 de *A musa do departamento*.

[597] *Buisson*, o *alfaiate*: personagem real, alfaiate do mundo elegante e do próprio Balzac. Com esta alusão (e outra em *Eugênia Grandet*) o sempre endividado romancista talvez saldasse alguma dívida.

[598] *Tigre*: na época de Balzac, criadinho de libré.

[599] Adaptação de um verso da *Metromania* (1736) comédia de Alexis Piron: *Le bon sens du maraud quelquefois m'épouvante* ("O bom senso do maroto às vezes apavora-me").

[600] *Guerra contra o cardeal*: trata-se do cardeal de Richelieu (1585-1642), cuja política mirava a limitação da força da aristocracia.

[601] *Campo do Drap d'Or*: nome com que se designa o lugar entre Ardres e Guînes, na Flandres, onde se realizou em 1520 a entrevista de Francisco I, rei da França, com Henrique VIII, rei da Inglaterra. Esse encontro ficou famoso em virtude da suntuosidade ostentada pelos dois príncipes e os respectivos séquitos, suntuosidade que o próprio nome recorda ("Tecido de Ouro").

[602] *Duquesa de Langeais*: protagonista da novela de mesmo nome.

[603] *Viscondessa de Beauséant*: protagonista da novela *A mulher abandonada*.

[604] *Inês romântica*: alusão possível à Inês de Molière, na *Escola de mulheres*, moça ingênua e ignorante que diz sem saber coisas que escandalizam e que é cruel para com seu velho tutor e namorado Arnolfo. Esse caráter que realmente conviria a uma heroína romântica é, em tudo, o oposto da Duquesa de Maufrigneuse.

[605] *Piola*: Pellegro Piola (1617-1640), pintor genovês, assassinado por seu colega Giambattista Carloni.

[606] *Ossiânico*: que lembra a poesia de Ossian, pseudônimo sob o qual o poeta escocês MacPherson (século XVIII) publicou uma coleção de poemas de caráter grandioso sombrio, que foram tomados então como autêntica poesia céltica do século III.

[607] *Nossa Nucingen*: Rastignac, como sabemos, era amante da Baronesa de Nucingen, uma das filhas do Pai Goriot.

[608] País de Ternura: ver a nota 93 de *A musa do departamento*.

[609] *Generosidade cipronesa*: alusão a um episódio da vida de Cipião, o Afriano, frequentemente aproveitado pela pintura. Depois da ocupação de Cartagena, o famoso general romano encontrou entre os reféns uma princesa linda, noiva de um príncipe celtibero e, em vez de conservá-la como escrava, mandou-a de volta a seu futuro esposo.

[610] *Dedicação amadisiana*: Amadis, herói do romance de cavalaria de Montalvo, derivado de um original português do século XIII tornou-se famoso pelo amor constante e respeitoso que votava a sua querida Oriana.

[611] A célebre princesa húngara era, evidentemente, a Princesa Goritza, cujo retrato o Cavaleiro conservava fielmente em sua tabaqueira (ver *A Solteirona*).

[612] *Variedades*: Théâtre des Variétés, inaugurado em 1807, no boulevard

Montmartre, para a representação de *vaudellvilles* (comédias leves entremeadas de canções).

[613] *Vaudeville*: Théâtre du Vaudeville, inaugurado em 1791 na Rue de Chartres; deve seu nome ao gênero a cuja representação se restringia de início.

[614] *Porte Saint-Martin*: Théâtre de la Porte Saint-Martin. Ver nota 53 de *Um conchego de solteirão*.

[615] *Os Keller*: ver nota 107 de *A solteirona*.

[616] *Milord Dudley*: personagem de *A comédia humana*, tão cínica e devassa como seu filho adulterino de Marsay.

[617] *Banquete da vida*: expressão que se encontra no primeiro verso do mais famoso poema de Gilbert (1751-1780), que em francês principia assim:

Au banquet de la vie infortuné convive,

J'apparus un jour et je meurs.

Segundo uma lenda, divulgada pelo *Stello*, de Vigny, teria morrido de miséria num hospital, depois de ter, no seu delírio, devorado uma chave. (Na realidade, o poeta morreu das consequências de uma queda de cavalo.)

[618] *Sganarelle perante Géronte...* Na comédia *O médico à força* (ato II, cena 2), Sganarelle, o falso médico, depois de infligir uma surra a Géronte, trata-o com excessiva polidez.

[619] *Mascarole*: tipo de comédia, do criado impertinente e manhoso, aproveitado por Molière.

[620] *Um homem de Plutarco*: isto é, um grande caráter. Plutarco, historiador grego (45?-125), escreveu as vidas paralelas dos homens ilustres da Grécia e de Roma, em que destacou sobremaneira os exemplos de grandeza moral.

[621] *In petto* (em italiano): secretamente.

[622] *Marchal Trivúlcio*: nobre milanês (1448-1518) que tomou parte nas guerras de Itália, ao lado da França, como general de Luís XII.

[623] *Bayard*: ver a nota 66 de *Um conchego de solteirão*.

[624] *Marquesa de Spinola*: dama genovesa, célebre pela beleza e pelo espírito, que se apaixonou por Luís XII, rei da França, em 1502, quando da visita do monarca a Gênova. Sua paixão continuou após a partida do soberano, a quem frequentemente escreveu até 1505. Nesse ano chegou à Itália a falsa notícia da morte de Luís XII, notícia que fez morrer a marquesa em poucos dias.

[625] *Carlos da Inglaterra*: Carlos I (1600-1649), preso pelos partidários de Cromwell, foi condenado à morte pelo Parlamento e executado em Whitehall.

[626] *Sentiu a ponta da espada do comendador*: alusão a um episódio da lenda de Don Juan, em que o cinismo do famoso sedutor o leva a convidar a jantar a Estátua do Comendador, pai de uma de suas vítimas e assassinado por ele. A estátua atende ao convite e carrega consigo Don Juan para o Inferno.

[627] *Célimene*: personagem de *O misantropo*, de Molière; tipo da mulher faceira, bonita, espirituosa e desembaraçada.

[628] *Fígaro*: personagem criada por Beaumarchais e que desempenha papel importante em *O barbeiro de Sevilha* e em *O casamento de Fígaro*. Criado do conde Almaviva, é um intrigante espíriuroso e um crítico veemente dos abusos do Antigo Regime.

[629] *Panurge*: ver a nota 104 de *Um conchego de solteirão*.

[630] *Padre Joseph*: François le Clerc du Tremblay (1577-1638), capuchinho e diplomata francês, colaborador e confidente do cardeal de Richelieu, e a quem seus inimigos apelidaram de Eminência Parda.

[631] *Mars*: ver a nota 62 de *A musa do departamento*.

[632] *Sra. de Mortsauif*: heroína de *O lírio do vale*.

[633] *Amyot*: Jacques Amyot (1513-1593), tradutor de Plutarco e de Longo, um dos criadores da bela linguagem francesa do século XVI, original e ingênua, flexível e

abundante, colorida e pitoresca.

[634] O suicídio de Atanásio Granson é contado em *A solteirona*.

[635] Se o motivo manifesto da destruição do sr. du Coudrai foi ter votado mal, o motivo secreto foi o trocadilho com que ele glosou a derrota do cavaleiro de Valois em suas pretensões à mão da Solteirona.

[636] *Duque d'Enghien* (1772-1804): Louis-Antoine-Henri, filho de Louis-Henri-Joseph, príncipe de Bourbon-Condé, foi mandado raptar por ordem de Napoleão, contra o direito internacional, em Ettesheim, no Ducado de Baden. O primeiro cônsul, em represália a várias conspirações monarquistas, mandou julgá-lo sumariamente e executá-lo como conspirador.

[637] *Dupin, o velho*: André Dupin (1783-1865), afamado jurisconsulto e político; de 1832 a 1839, presidente da Câmara.

[638] *Berryer*: Antoine Berryer (1790-1868), conhecido advogado, o melhor orador do partido legitimista.

[639] Provérbio francês: *Aux grands maux, les grands remèdes*.

[640] *Landerneau*: lugarejo do Finistère, cujo nome se usa pilhericamente na expressão “Haverá barulho em Landerneau” para caracterizar uma notícia de pequena importância, mas capaz de excitar a curiosidade pública.

[641] *Seu tio, esse santo que nos ouve*: o padre Sponde (ver *A solteirona*).

[642] Alusão ao suicídio de Atanásio Granson.

[643] *Um Caron, um Berton...* Ver as notas 149 e 136 de *Um conchego de solteirão*.

[644] *Cinq-Cygne*: família da alta aristocracia inventada por Balzac, cujos membros figuram em *Um caso tenebroso*.

[645] *Nove de Termidor*: 27 de julho de 1794, dia da queda de Robespierre, que marcou o fim do Terror.

[646] *Cambacérès*: Jean-Jacques de Cambacérès (1753-1824), um dos redatores do Código Civil, arquivanceler do Império.

[647] *Paulo e Virgínia*: título de um célebre romance de Bernardin de Saint-Pierre (1787), em que o autor conta o inocente idílio de duas crianças no meio da linda paisagem da Ilha de França, atual Ilha Maurício.

[648] *Validé*: nome da mãe do sultão reinante entre os turcos.

[649] *Gérard Dow* ou *Gerrit Dou*: pintor holandês (1613-1675), autor de cenas familiares.

[650] *Magistratura em pé*: os membros do ministério público; *magistratura sentada*: os juízes.

[651] Acerca do negociante de sedas Camusot, ver a nota 57 de *Um conchego de solteirão*.

[652] Conhecemos a sra. Camusot em fase anterior de sua vida sob o nome de sra. Thirion, como aluna do curso de pintura de Sevrin, onde rivalizava com Ginevra di Piombo (*A vendeta*).

[653] *Itália, Curlândia, Inglaterra*: etapas do exílio de Luís XVIII.

[654] *Cabeleira à Tito*: cabelos cortados rente à maneira romana.

[655] *Que tem o nariz de seu nome*: Camusot vem do adjetivo *camus*, que significa “chato” (falando-se do nariz).

[656] *A burra de Balaão*: alusão a um trecho da Bíblia (Números, 22) onde é contado que o profeta Balaão, quando ia amaldiçoar os israelitas, de repente ouviu sua burra falar e censurar-lhe a dureza.

[657] A respeito da sra. Grandt, mais tarde sra. de Talleyrand, ver a nota 76 de *A solteirona*.

[658] *Viúva Scarron*: Françoise d'Aubigné, mais tarde sra. Maintenon, que se fez desposar por Luís XIV.

[659] *O rei Carlos x passou em Nonancourt*, em sua viagem para Bolonha, de onde ia embarcar para a Inglaterra. Sabemos, desde *A solteirona*, que o cavaleiro de Valois

também foi apresentar suas despedidas ao soberano exilado.

[660] *Mário nas ruínas de Cartago*: Caio Mário (156-86 a.C.), general romano, chefe do partido popular. Condenado à morte por seu rival vitorioso Sila, conseguiu evadir-se, chegando ao lugar onde outrora se erguia Cartago. Convidado pouco depois pelo pretor da província a abandoná-la, disse ao mensageiro desse magistrado: “Dize ao pretor que viste Mário fugitivo sentado sobre as ruínas de Cartago”.